# PORTUGAL

# ANTIGO E MODERNO

VOLUME PRIMEIRO

# PORTUGAL
# ANTIGO E MODERNO

# DICCIONARIO

**Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico**

**DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL**

**E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS**

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiverem logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

**DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO**

POR

**Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal**

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1873

Ouvi, que não vereis com vans façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As vossas proprias glorias são tamanhas
Que excedem as sonhadas fabulosas.
Excedem Rodamonte e o vão Rogeiro,
E Orlando, ainda que fôra verdadeiro.

(CAMÕES—Lusiadas)

# AOS LEITORES

Acceitam-se, agradecem-se e publicar-se-hão, em supplemento, quaesquer esclarecimentos ou rectificações com respeito ao que por ventura faltar em algumas povoações ou localidades descriptas n'este Diccionario; bem como qualquer advertencia sobre omissões, que possam haver n'esta obra, de si tão complexa.

Correspondencia ao auctor — Praça de D. Pedro, 68, Lisboa.

## DECLARAÇÃO

Um dos editores d'esta obra é **Henrique d'Araujo Godinho Tavares**, subdito brasileiro.

# PORTUGAL ANTIGO E MODERNO



**A**—no antigo portuguez era a conjunção *e*. Empregavam indistinctamente *a*, *ha* e *e*.

**A**—Na antiga conta romana, usada em Portugal nos primeiros tempos da nossa monarchia, e cujo uso datava dos romanos, A valia 500, e Ā 5:000.

**AARÃO**—Vide *Arão*.

**ABAÇÃO**—(S. Christovão) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros de Braga, 360 de Lisboa. 45 fogos [1].

É palavra arabe, composta de *abi* (pae) e *çam* (assignalado) vem a ser—*aldeia do pae do assignalado*. Era appellido de uma familia arabe. É no arcebispado e districto administrativo de Braga. Fertil.

**ABAÇÃO**—(S. Thomé) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 20 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 71 fogos. Esta freguezia e a antecedente constituiam uma só, que foi dividida no meiado do seculo XVII. A mesma etymologia. O mesmo districto e arcebispado. Fertil.

**ABAÇAS**—freguezia, Traz-os-Montes, districto administrativo, comarca e concelho de Villa Real, arcebispado de Braga.

É situada proximo da margem esquerda do pequeno rio *Tanha*, (que nasce ao norte de Valle de Nogueiras, passa na Ponte Pedrinha e entra na esquerda do Córgo, no sitio de Fervide). 90 kilometros de Braga, 340 de Lisboa, 400 fogos. Parece derivar-se da palavra arabe *habaxa*. Sendo assim, significa *aldeia negra*. Orago S. Pedro. D. Sancho I lhe deu foral em 24 de abril de 1200. Livro 2.º das Doações de D. Affonso III, fl. 1 e livro de foraes antigos de leitura nova, fl. 90, v., col. 1.ª

**ABADIM**—Vide *Abbadim*.

**ABAMBRES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Bragança, 420 de Lisboa, 90 fogos. Orago S. Thomé. Bispado e districto administrativo de Bragança. Era vigariaria que o bispo de Miranda (hoje de Bragança) apresentava, por ser do seu padroado. Produz centeio, trigo, milho e algum azeite, vinho e linho; do mais pouco.

**ABAREGADA**—portuguez antigo, propriedade em que o emphyteuta ou colono não habita. Corrompeu-se em *vergada*.

**ABARGA**—logar de pescaria, e tambem certa rede feita de vergas, para pescar saveis e lampreias. É palavra antiga, hoje diz-se *varga*.

**ABARITAM**—(portuguez antigo) contracção de *Abiron* e *Datan*. Vale o mesmo que dizer—*Sepultado sejas tu vivo nos infernos, como foram Coré, Datan e Abiron.*—Esta praga era muito usada antigamente, até em escriptores, e nos emprasamentos dos frades.

**ABARRACAMENTO**—Nome que ainda até ao principio d'este seculo se dava aos quar-

[1] A população dada em toda a obra a cada freguezia, é segundo a estatistica official de 1868.

teis militares. É por isso que ainda hoje, em Lisboa, se dá esse nome ás ruas onde houve quarteis; v. g., *rua do Abarracamento de Peniche* e *rua do Abarracamento de Valle de Pereiro*, etc.

**ABASMAR**—(portuguez antigo) concluir, completar, etc.

**ABBADE DO NEIVA**—(tambem lhe chamam *Condevão*) freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 160 fogos. Esta povoação foi fundada por a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, em 1152 (ou 1190 de Cesar). A rainha D. Mafalda quiz aqui fundar um convento de freiras. Não se concluiu a obra do mosteiro, mas o que se fez era de grande sumptuosidade. Pagava (e não sei se ainda paga) esta freguezia 10 alqueires de azeite, annualmente, ao hospital da misericordia de Santarem. O abbade d'aqui (nomeado pela casa de Bragança) era ouvidor perpetuo de Fragoso. Nomeava juizes, recebia luctuosas, *gados do vento* e coimas, sem que o rei recebesse a terça. Ha n'esta freguezia a *casa de Fayal*, que era da commenda de Christo, que aforou D. Manuel d'Azevedo e Athayde, senhor da honra de Barbeita. É da casa de Bragança. Orago Santa Maria.

*Abbade* vem d'*ab-bat*, que em syriaco quer dizer pae. Os primeiros monges deram este nome aos seus superiores. Outros dizem que vem do hebraico *abba*, que significa *querer bem*. A primeira etymologia é mais seguida e mais verosimil. D'*abbade* vem *abbatina* (batina) habito dos padres.

Districto administrativo e arcebispado de Braga. Esta freguezia é bastante fertil e cria muito gado.

**ABBADE DE VERMUIM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 25 fogos. Orago Santa Maria. Districto administrativo e arcebispado de Braga. Era abbadia da mitra archiepiscopal.

É muito fertil em cereaes, vinho, azeite, fructas e legumes. Cria muito e bom gado bovino, que exporta.

**ABBADIM**—villa, couto extincto, freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, districto administrativo, arcebispado e 40 kilometros de Braga, 395 de Lisboa, 130 fogos. É palavra árabe *(abbadin)* nome verbal do numero plural do verbo *abada* (que significa *adorar, dar culto, ser religioso)* vem pois a ser: povoação dos observantes ou religiosos. Orago S. Jorge.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 12 de outubro de 1514. Francisco Nunes Franklin não menciona este foral, nem na primeira, nem na segunda edição da sua *Memoria;* mas não é essa uma razão para negar a sua existencia (do foral) porque lhe escaparam muitos, dados pelos nossos reis, e muitos mais ainda dos dados por conventos e por senhores das terras, como se verá pelo decurso d'esta obra.

Abundante de cereaes, fructas, vinho, colmeias, gado, caça e pesca.

N'esta freguezia estão as ruinas da *Torre do Bairro* (que foi prisão). No logar da *Lama* ha outra torre ameada, mais moderna, que se diz ser o solar dos *Badins*. Foram seus donatarios os *Camões*, de Guimarães, e em 1811 o era D. Rodrigo d'Alencastre.

É situada no monte da *Ranha*. D'ella se vêem varias freguezias, a serra do Marão e outras. Tem principio n'esta freguezia a serra do Arrochado.

Foi tambem senhor d'este couto e do de Negrellos, o dr. Diogo Lopes de Carvalho, desembargador do paço, que foi o instituidor d'estes dois morgados. (Vide Guimarães).

As armas dos Carvalhos são: em campo azul, uma estrella d'ouro, entre uma quaderna de meias luas de prata (crescentes). Timbre, um cysne de prata, com uma estrella d'ouro (como a das armas) no peito, armado d'ouro.

Teve, até 1834, juiz ordinario, e os respectivos escrivães e mais empregados do couto.

**ABBADIM**—aldeia do Minho, na freguezia de Gontinhães, concelho de Caminha. Situada na margem direita do rio *Ancora*, que aqui é atravessado por uma ponte de cantaria, de um só arco, construida pelos romanos, e em optimo estado de conservação. Chama-se a *ponte de Abbadim*. A mesma etymologia da palavra antecedente. Esta ponte é,

metade da freguezia de Gontinhães e metade da de Ancora; pelo que, vem a ser metade do concelho e comarca de Vianna, e metade do concelho de Caminha, da mesma comarca.

**ABBEDIM** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, arcebispado e 48 kilometros ao noroeste de Braga, 405 de Lisboa, 150 fogos, districto administrativo de Vianna. Uns querem que seja a mesma etymologia d'Abbadim, outros porém sustentam que o nome lhe provém do rei *Abidis*, que pretendem ter aqui sido creado. Foram donatarios os Camaras Coutinhos, de Pico de Regalados. Os Abreus, de Merufe e Regalados, apresentavam o abbade. Depois passou aos seus descendentes, os Magalhães, de Braga. Orago Santa Maria. Tinha um beneficio simples. Ha aqui a capella de S. Martinho, na Forna, que tinha dizimos. Vide adiante.

Nos limites d'esta freguezia, entre Coura e Monção, ha um monte onde dizem que apparecem de tempos immemoriaes, todas as noites duas luzes, que se vêem de muitas leguas, até á madrugada! (Esta é do padre Cardoso). Fronteiro a este sitio ha dois pinaculos, n'um dos quaes esteve uma torre de cantaria lavrada, muito larga, da qual ainda ha vestigios. Um abbade d'aqui a fez demolir no seculo xv. Chamam-lhe ainda «castello de S. Martinho da Penha». Vêem-se escadas abertas a picão nos rochedos proximos, e a fortaleza tinha duas estreitissimas entradas, uma para Este, cujo ingresso é perigosissimo e só um pratico dá com ella: a outra era do lado do Oeste, mas está obstruida pelos entulhos. Nos arredores d'estas ruinas ha bons prados, mas incultos, com vestigios de serem antigamente cultivados e murados. Ha n'este monte muitos arbustos e abundancia de loureiros e outras arvores.

Nos limites d'esta freguezia ha a *betula-alba*, a que aqui dão o nome de *vidueiro*. Da casca d'esta arvore, que é muito lisa e alvissima, se serviram os antigos (principalmente os romanos) para escreverem, em quanto se não inventou o pergaminho.

No principio d'este pinaculo ha uma caverna, que póde conter dez homens, na qual ha uma fonte de boa agua, que nunca secca. Mais acima tem outra caverna, tambem com uma fonte perenne, que póde conter 200 homens, e á qual se seguem outras mais pequenas. No alto estão as ruinas da torre. Junto á torre estão tres *caixões* de tijolo, enterrados no chão, que parecem ser sepulturas. Ha aqui uma pia cavada na rocha, sempre cheia d'agua, que dizem ser muito efficaz para a cura das molestias cutaneas. Pretendem alguns que esta pia era uma sepultura e que n'ella esteve depositado S. Martinho de Dume, e que é d'isso que provém a virtude *therapeutica* d'esta agua. A verdade é que é simplesmente *agua da chuva;* em todo o caso, *a fé é que nos salva.*

Na falda do monte, ao oeste, está a ermida de S. Martinho da Penha, encostada a um grande penedo.

É tradição da gente da terra, que a torre foi mandada fazer por uma tal rainha *Isabel* (?) mulher de um rei gentio, a qual, fugindo á perseguição de seu marido, se escondeu n'esta serra com sete bispos (!!!) e que, vindo seu marido cercal-a, se converteu ao christianismo, por a rainha lhe mandar (durante o cerco) de presente duas trutas!

Outros dizem que esta rainha se chamava *Aragucia* (ou Argucia?) e era mulher de um rei d'Aragão. Vide *Boivão.*

**ABDEGAS** — vide Ourem.

**ABDON** — vide Adon.

**ABELHA** — serra, Traz os Montes, comarca de Miranda, limites de Villariça. Tem 2 kilometros de comprimento e 2 de largo. Só produz lenha e matto e tem muita caça.

**ABELHAS** — (serra das) Beira Alta, proximo do rio Tavora, concelho de Aguiar da Beira, comarca de Linhares. É sécca e esteril e tem alguma caça. No fundo d'esta serra se descobrem vestigios de alicerces de um grande castello, que dizem ter sido de mouros.

**ABELHEIRA** — serra, Algarve, de pequena extensão. Tem minas de carvão.

**ABELHEIRA** — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e proximo do Tojal, termo e 18 kilometros a N. E. de Lisboa. Grande fabrica de optimo papel, fundada pelo falle-

cido conde do Tojal. É movida por vapor e em uma quinta do mesmo conde. É junto do rio da Abelheira, que agora se chama *Trancão.*

Esta quinta era dos frades cruzios de S. Vicente de Fóra (Lisboa) e uma das melhores do termo. Os frades aqui estabeleceram uma fabrica de papellão e papel pardo. Em 1836 foi esta quinta vendida ao negociante *João d'Oliveira* (depois barão e conde do Tojal) por 10 réis de mel coado. (Por 72 contos em titulos desacreditados, que não valiam 15 contos.—Hoje vale mais de 600 contos, com os melhoramentos que se lhe teem feito.)

Oliveira nos primeiros annos conservou a fabrica como estava, fazendo-lhe apenas alguns melhoramentos; até que em 1841 mandou vir machinas do *systema continuo* e augmentou o edificio da fabrica.

Por morte do conde os diversos proprietarios da fabrica lhe foram introduzindo novos e grandes aperfeiçoamentos, a ponto de ser hoje das melhores (senão a melhor) de Portugal. Tem duas machinas a vapor, uma da força de 7 outra de 45 cavallos, servindo-lhe tambem de motor a agua do rio. Tem um grande reservatorio de agua, feito pelos frades e outro maior feito em 1865. Emprega (alem do pessoal de escriptorio) 80 homens e 70 mulheres. Produz annualmente uns 450:000 kilogrammas de papel de todas as qualidades, mas a maior parte de impressão. O trapo é a materia prima. Tem-se feito ensaios de outras substancias, mas sem resultado satisfatorio. Os productos d'esta fabrica foram premiados nas exposições de Londres, de 1851 e 1862; na de Paris; nas do Porto, 1857, 1861 e 1865, e na de Lisboa, de 1863.—É hoje propriedade do inglez mr. *William Smith*, cunhado do fundador.

**ABELHEIRA**—serra, Alemtejo, concelho de Moura, comarca de Beja. É um ramo da serra da Adiça. Produz matto, hervas medicinaes e caça.

Na freguezia de Montalvo, por onde passa esta serra, ha um boqueirão de grande profundidade, junto ao qual houve uma ermida em remotos tempos, habitada por dois ermitas. Ha aqui minas de ouro que se não exploram.

**ABELHEIRA**—serra, Traz os Montes, concelho de Miranda. É quasi toda cultivada. Para o oeste estende um ramal até o sitio chamado *Egrejinha.* Diz-se que lhe vem este nome por aqui ter havido em tempos remotissimos uma egreja, da qual só restam tijolos, caliça, telha e alguns ossos humanos.

Continua esta serra para o sitio chamado *Castellinhos*, em cujo cume ha vestigios de fortificações mouriscas.

**ABELHEIRA**—monte na serra de Ossa, Alemtejo, comarca de Evora.—Nasce aqui um pequeno ribeiro, que morre no Degebe. Produz matto e algumas arvores silvestres. Tem boas pedreiras de marmore de cores e branco. Caça miuda.

**ABÊSSO**—portuguez antigo, sem-razão, injustiça. Tambem absurdo.

**ABETUREIRA**—aldeia, Douro, na margem direita do Douro, freguezia de Sebollido, concelho de Gondomar. Ha aqui uma mina de cobre, no leito de um regato chamado *Ribeiro de Couce.* Não se explora.

Ha em Portugal muitas aldeias d'este nome. Vem de *abéto* e significa *logar plantado de abétos.*

Muitos escrevem—erradissimamente--*Habitueira*, dizendo que é derivado de *habito!* —Outros—*Avetureira*—suppondo esta palavra derivada de *Ave.*

É incontestavel que não tem outra orthographia nem outra etymologia senão a que lhe dou.

**ABETUREIRAS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem. 90 kilometros de Lisboa, 350 fogos. Orago Nossa Senhora da Conceição. Districto administrativo e patriarchado de Lisboa. Foi vigararia, apresentada pelo prior de Mafra, que era sempre um conego da Sé de Lisboa.—A mesma etymologia. Terra muito fertil. Era reguengo da corôa, com juiz ordinario.

**ABISMO**—ou—**ABYSMO**—Algarve, freguezia de Moncarapacho. É uma cova profundissima (que dizem não ter fundo!) no principio do *Monte da Cabêça*, do lado do mar. É entre rochedos e está sempre cheia de agua.

**ABITUREIRA**—vid. *Abetureira.*

**ABIÚL**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Pombal, districto administrativo de Leiria, bispado e 40 kilometros ao sul e da diocese de Coimbra; 160 ao norte de Lisboa, 420 fogos. Orago Nossa Senhora das Neves. Feira no 1.º domingo de agosto.

Está situada em um valle cercado de outeiros, junto ao ribeiro do seu nome. No 1.º domingo de agosto (em que se faz a feira) é a festa da Senhora das Neves. Havia antigamente n'esta occasião muitas festas de touros, *cannas, justas, cavalhadas,* etc. etc. Havia na praça um grande forno que se accendia na sexta feira antecedente, e depois de arder até ao domingo (para o que gastava 12 ou 13 carradas de lenha) lhe mettiam dentro um bôlo *(fogaça)* de 10 ou 12 alqueires de trigo (é grande!...) indo um sujeito, préviamente confessado e sacramentado, dentro do forno virar o bôlo.

Sobre a instituição d'esta qualidade de festas, e sobre *fogaças,* vide Pombal e Fogaça.

Consta que em 1561 e 1562, houve uma grande peste n'esta villa, que matou a maior parte da gente da freguezia. Um figurão d'aqui prometteu então fazer todos os annos a festa do bôlo e a da Senhora das Neves, que fez logo cessar a peste. Por morte do tal figurão se continuou a festa, por muitos annos á custa da camara e depois foi feita por mordomos voluntarios. D. Manoel, os duques de Aveiro e o povo reedificaram e augmentaram a egreja em 1515.

Esta villa foi antigamente dos duques de Aveiro, aos quaes cada morador d'ella pagava 3 réis (está feito não era muito.)

Ainda existem as ruinas de um grande palacio que os mesmos duques aqui tiveram, e ruinas de varias casas nobres que aqui existiram em eras passadas.

Este palacio foi mandado fazer por André da Silva Coutinho, do qual os duques de Aveiro herdaram este senhorio. Existiam aqui muitas familias de fidalgos, que commettiam toda a casta de despotismos e arbitrariedades; e tantas queixas fez o povo, e tantas *alçadas* aqui vieram, que por fim ficou a aldeia limpa de gente tão damninha.

Querem alguns que Abiúl seja derivado da palavra arabe—Abizoude, composta de *abi* (pae) e *zoude* (augmentada)—sendo assim, quer dizer—*Povoação do pae da augmentada.*

Outros suppõem que é nome proprio hebraico—*Abiud—Abiud,* era da geração de David, filho de *Zorobabel* e pae de *Eliacim,* e um dos ascendentes de Jesus Christo, segundo o Evangelho.

Foi primeiramente priorado e depois vigariaria de Lorvão, tendo então 3 beneficiados, que cantavam as missas nos domingos e dias santos, sem obrigação de côro; mas o mosteiro de Lorvão tinha só o padroado da egreja e suas rendas, ou, pelo menos, só ficou com isto, passando o senhorio da villa aos *Silvas Coutinhos,* de quem o herdaram os duques de Aveiro, que o possuiram até 1759, passando então para a corôa, por elles terem perdido tudo (até a vida no supplicio!) por crime de alta traição e tentativa de regicidio. A maior parte do que aqui tinham os duques de Aveiro, foi comprado ao estado pelos fidalgos *Alvins.*

Pela freguezia passa a serra de Sicó e o rio do *Seiçal.*

Tinha capitão com duas companhias de ordenança.

Tinha foral (em latim) feito por o *abbade João,* de Lorvão, em dezembro de 1175. D. Manoel lhe deu novo foral em Lisboa, a 14 de julho de 1515.

O 1.º foral d'esta villa (de que não falla Franklim) foi-lhe dado por *Diogo Peariz* e sua mulher *D. Exemena* (Ismenia) em 1167 *sem outro fôro mais do que* a decima de todo o pão, vinho, linho, alhos, sebolas e legumes. Passando Abiul para o mosteiro de Lorvão (por doação de D. Affonso I, em 1175) o abbade e frades lhe deram outro foral, mesmo em 1175. Não pude averiguar porque *Diogo Peariz* e sua mulher, 8 annos depois de darem o foral, já não eram senhores d'esta villa.

No foral que o mosteiro de Lorvão lhe deu, diz: *Et in servicio unam fugazam de duobus alqueiris tritici, et unum caponem.* (Isto alem do mais.) Os mesmos frades lhe deram outro foral em dezembro de 1176. Livro dos

foraes novos da Extremadura, fl. 213 v. col. 2 e gaveta 14, maço 6, n.º 33. Torre do Tombo.

(Vide Fogaça.) D. Manoel I, os duques de de Aveiro e o povo reedificaram a matriz em 1520.

**ABOADELLA** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao norte de Lisboa, 100 fogos.

**ABOBADA** — Vide S. Marcos da Abobada.

**ABOBOREIRA** — Vide *Alboboreira.*

**ABOIM** — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros a oeste de Braga, 360 ao N. de Lisboa, Orago S. Martinho. Foi vigariaria do convento de Carvoeiro.

**ABOIM** — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 35 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

**ABOIM** — (Santa Maria de) freguezia Minho, districto e arcebispado de Braga, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 35 kilometros a nordeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa. No alto do monte de Aboim está um grande templo, dedicado a Nossa Senhora, cuja imagem foi achada por uns pastores. Fertil.

**ABOIM** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 35 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 60 fogos.

**ABOIM** — (S. Pedro de) freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 38 kilometros ao nordeste de Braga, 366 ao norte de Lisboa, 120 fogos.

Julgo que esta freguezia se chamava antigamente *Abuil,* ou *Santa Cruz de Abuil,* e foi dada em 922 ao mosteiro de Crestuma. Vide esta villa. Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

**ABOIM DAS CHOÇAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, arcebispado e 45 kilometros ao noroeste de Braga, 395 ao norte de Lisboa, 120 fogos. Orago Santo Estevão. Districto administrativo de Vianna. Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade. Na matriz ha reliquias do padroeiro, trazidas de Jerusalem por Paulo Osorio. Diz-se que livram de mordeduras de cães damnados. No logar das *Choças* esteve acampado o exercito de D. Affonso 7.º de Leão, antes de ser derrotado por D. Affonso Henriques, na *Veiga da Matança* (ou de *Valle de Vez*) em 1128. Tambem em 1643, aqui esteve reunindo a sua gente, o bravo D. Diogo de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira, quando foi soccorrer a praça de Monção, sitiada pelos castelhanos. Diz-se que o nome de *Choças* lhe ficou das que os hespanhoes aqui fizeram em 1128. Tem foral dado por D. Manoel, que está incluido no dos Arcos de Valle de Vez. Livro dos foraes novos do Minho, fl. 84, v.

**ABOIM DA NOBREGA** — villa (Couto extincto) Minho, comarca de Villa Verde, (até 1855 era comarca de Pico de Regalados.) Districto administrativo e arcebispado e 24 kilometros ao noroeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa, 300 fogos, no concelho 1:100.

No *Casal de Eixo,* d'esta freguezia, nasceu o célebre capitão mór das náos da India *João Soares Vives,* que, por desgostos com alguns fidalgos portuguezes, se passou para Castella, e Filippe IV o fez conde de Nobrega. Pelo meio da freguezia passa o *ribeiro de Aboim,* que nasce na freguezia de Gondomar e desagua no Lima. Tem aqui duas pontes de pedra, uma no sitio da *Lameira,* chamada de *Portabril* e outra perto da egreja, chamada *Ponte da Ordem.* O rio cria bôas trutas e as suas margens são, na maior parte, cultivadas. Foi couto e commenda da ordem militar de Malta, e depois da corôa. Tinha então juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho, escrivão da camara e do civel, a cuja eleição presidia o corregedor de Vianna. O juiz e escrivão dos orphãos eram os da Barca. O commendador servia de capitão-mór.

Foi senhor d'este couto D. João de Aboim, rico homem no tempo de D. Affonso III e seu mordomo-mór. Depois foi do conselho de el-rei D. Diniz. Viveu na aldeia do *Outeiro,* junto á *Pica,* a qual lhe dera D. Martim Fagundes, commendador de Leça do Bailio e tenente do grão-mestre D. Gonçalo Pires, de Pereira, em 20 de julho de 1270.

D. Affonso Pirès Farinha, prior do Crato, por consentimento do gram-commendador de Hespanha, fr. Faraúdo de Barrioco, lhe tinha dado Villa-Verde, em 1260. Estes Aboins e Nobregas eram grandes fidalgos no seu tempo e alliados com nobilissimas familias de Portugal e Hespanha. Tambem eram muito ricos.

O orago da freguezia é Nossa Senhora da Assumpção, cuja egreja foi em tempos remotos mosteiro de freiras bentas. Ha aqui um *dente santo* que dizem ser de S. Fructuoso, abbade de Constantim (junto a Villa Real) onde está a cabeça d'elle sem um dente, outros querem que seja de Santo Eleuterio, papa, martyrisado em 196, e outros finalmente sustentam que é de Santo Eleuterio, arcebispo de Braga, fallecido em 550. O que é certo é ser o povo d'estes sitios muito devoto d'este dente, que, segundo elle, livra de mordeduras de cães damnados.

**ABOIM E CODEÇOSO**—Couto e concelho extincto (desde 1834) Minho, comarca de Celorico de Basto. Tinha juiz ordinario, camara e respectivos escrivães e meirinhos. Era donataria a collegiada de Guimarães.

**ABORIM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros a oeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa, 80 fogos.

**ABRA**—é a palavra arabe *abra*. Significa enseada ou ancoradouro para pequenas embarcações. Deriva-se do verbo *âbara*, entrar para dentro, passar álem, ou, de um para outro lado.

**ABRAGÃO**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, districto administrativo, bispado e 45 kilometros ao nordeste do Porto, 340 ao norte de Lisboa, 310 fogos.

Foi fundada por a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, em 1170. Pertenceu ao couto de Villa-Bôa-de-Quires, e foi dos marquezes de Fontes, que apresentavam os abbades. É o solar dos *Mourões Guedes*.

A egreja matriz, dedicada a S. Pedro, é templo sumptuoso e foi fundado por a rainha Santa Mafalda (a de Arouca) filha de D. Sancho I de Portugal, em 1:200. Foi reedificada em 1668 pelo abbade d'aqui, o dr. Ambrosio Vaz Golias, natural de Guimarães, á sua custa; o qual fez tambem a residencia. Jaz na capella mór da mesma egreja em tumulo de pedra.

Antes de se fundar esta egreja, havia duas, uma nas *Portellas* e outra em *Santome*. N'este ultimo sitio, chamado actualmente *Campo do Santo*, se descobriram em 1717 varias sepulturas razas e um sumptuoso tumulo de pedra.

É terra muito fertil em tudo.

**ABRALANSE**—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É derivada da palavra arabe *Abrelhanaxi*, composta de *abra* (entrada) e *hanaxe* (cobra) quer pois dizer *entrada da cobra*.

**ABRAN**—freguezia, Extremadura, comarca e districto administrativo de Santarem, concelho de Alcanede, 105 kilometros ao norte de Lisboa, 200 fogos. É palavra arabe, derivada de *abra*, significa *entrada*, *embocadura*, *ábra*. Orago Santa Margarida. É no patriarchado. Foi curato do prior de Alcanede. Tambem se lhe dá o nome de *Abrão*.

**ABRANTES**—villa, Beira Baixa, districto administrativo de Santarem, 135 kilometros a oeste da Guarda, 138 a nordeste de Lisboa, 1:200 fogos, 5:000 almas. Tinha em 1660, 1:000 fogos. Tem duas freguezias, S. João Baptista e S. Vicente Martyr. Concelho 4:800 fogos, comarca 8:400. Feira a 24 de fevereiro, 3 dias. Situada na direita do Tejo, em fertil e deliciosa elevação. É no bispado de Castello Branco.

Foi fundada por os Gallos-Celtas, 308 annos antes de Jesus Christo.

Consta que o pretor romano *Tubo* a reedificou e lhe deu o seu nome. Querem outros que esta povoação foi fundada pelos *turdulos*, 990 annos antes de Jesus Christo.

Chamava-se *Tubuci* no tempo dos romanos. (Outros dizem que *Tubuci* era Tancos.) Ignora-se porém o seu primittivo nome.

Rodrigo Mendes da Silva diz que foi fundada por andaluzes, 590 annos antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Tubulli*.

Foi uma florescentissima cidade do imperio romano, e o consul *Decio Junio Bruto* lhe edificou o castello, 130 annos antes de Jesus Christo.

Os godos a tomaram aos romanos pelos

annos de 409 de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Aurantes*, em razão do muito ouro que ali se extrahia das areias do Tejo.

Outros pretendem que foram os romanos que lhe deram o nome de *Tubuci-Aurantes*.

Os arabes a conquistaram aos godos em 716 e lhe chamaram *Libia*. D. Affonso I a tomou de assalto em 8 de dezembro de 1148.

Em 1179 veiu sobre ella *Aben Jacob*, filho do miramolim de Marrocos, com um grande exercito, e lhe pôz apertado cêrco, dando-lhe muitos e ferocissimos ataques; porém os habitantes da villa taes pruesas obraram e tantos mouros mataram que estes não tiveram remedio senão retirar.

Em 1195 foi novamente cercada por outro exercito árabe commandado pelo feroz *Almançor*, com o mesmo successo.

Tendo ficado muito arruinada com o cêrco de 1179, D. Affonso I a mandou logo reconstruir, dando-lhe foral com muitos privilegios, em premio da bravura dos seus habitantes. Teve novo foral, dado por D. Diniz em dezembro de 1279. D. Manoel lh'o reformou em 1 de julho de 1510, em Santarem, com os mesmos privilegios. Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 52, col. 2.ª Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl, 15 e v. Livro dos foraes antigos, de leitura nova, fl. 14, v. col. 2. Este é o unico foral que não foi subscripto por Fernão de Pina; mas sim por Thomé Lopes, escrivão da camara de el-rei, que para isso teve especial mandado. No maço 1.º dos foraes antigos, n.º 1, n'aquella mesma data, de 1 de junho de 1510, se acha outro exemplar do foral de Abrantes, subscripto por Fernão de Pina, porém chancellado, o qual tambem foi lançado no mesmo livro de foraes novos da Extremadura a fl. 221 v., col. 1.ª Torre do Tombo.

Diz a *Historia dos Godos*, que em todos os combates que tiveram logar durante o cêrco de *Aben-Jacob*, só morreram nove christãos. (Parecem-me muito poucos!...)

Os portuguezes lhe restituiram o nome que os godos lhe haviam dado, trocando sómente o *u* em *v*, pois lhe chamaram *Avrantes*, e, por fim Abrantes.

Querem outros que o nome actual lhe provem de que, em uma reunião de côrtes, havendo disputa de preferencia entre esta villa e a de Torres Novas, o rei dissera aos deputados d'aqui: «Hablad antes.» (O que é certo é que na *Historia dos Godos* vem denominada *Ablantes*). Mas é pêta, porque Torres Novas tinha assento nas antigas côrtes, no banco 60, e Abrantes no 76, e depois da nova organisação dos *Tres Estados*, tinha Torres Novas assento no banco 6.º e Abrantes no 9.º Nem podia haver conflicto de preferencia, e se o houve ficou Abrantes por baixo, e não *hablou antes*..

As muralhas de circumvalação foram feitas por D. Affonso III e por D. Diniz, entre 1250 e 1300. D. Diniz deu esta villa a sua mulher, a 24 de abril de 1282. D. Fernando a deu depois a sua mulher D. Leonor Telles de Menezes, em 5 de janeiro de 1372.

D. João V deu esta villa de *juro e herdade* a D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, alcaide-mór d'aqui e progenitor dos marquezes de Abrantes.

Abrantes decaiu tanto do seu antigo esplendor, que no seculo XVII estava quasi despovoada. D. Pedro II, pelos annos de 1698, a levantou das suas ruinas e reedificou e ampliou as suas muralhas e fortificações e povoando-a de novo.

Era da corôa, e D. João V a doou, com todas as suas jurisdições e titulo de marquezado, em 12 de agosto de 1718, ao 3.º marquez de Fontes, e ficou sendo cabeça de condado d'esta casa, até á morte da duqueza, neta do 1.º marquez e passou depois para a corôa.

Em 1809 o principe regente (depois de D. João 6.º) a mandou fortificar á moderna; e ainda em 1857 foram concertadas as obras de defeza.

Abrantes, que no seu principio constava apenas de duas ruas *(Rua Nova* e *Rua do Castello)* que se arruinaram, foi-se estendendo pelo monte abaixo até a uns grandes salgueiraes. (Em memoria d'elles ainda ali ha a *Fonte dos Salgueiros*.)

Teve quatro freguezias: S. Vicente, S. João Baptista, (é de tres naves e foi priorado; é collegiada, com dois beneficios simples,) Santa Maria do Castello e S. Pedro. É muito antiga esta egreja. Era primeiro fóra da villa,

onde hoje chamam Outeiro de S. Pedro, ou Carrasqueiros. Tem misericordia e um bom hospital. Tem tambem um soffrivel theatro.

O seu principal templo é ó de S. Vicente, cuja primitiva fundação se attribue aos godos. D. Sebastião reedificou o corpo da egreja, ficando só a capella-mór. Concluiu-se esta obra em 1590. Até 1150 se intitulava Nossa Senhora da Conceição, e de então para cá S. Vicente; por o seu primeiro alcaide-mór trazer de Lisboa *um dente* d'este santo. É uma egreja sumptuosissima. É dos melhores templos do reino. É collegiada com seis beneficios simples.

A egreja é de tres naves e toda de abobada.

A egreja de Santa Maria do Castello é tambem muito antiga, e tanto que se não sabe quando nem por quem foi fundada. É pequena, mas encerra muitos objectos d'arte de grande primor, principalmente os mausoleus de Diogo Fernandes d'Almeida e de D. Antonio d'Almeida, da familia dos marquezes d'Abrantes.

Tem quatro conventos, dois de cada sexo.

O de frades dominicos, que fundou D. Lopo d'Almeida, filho do 1.º conde d'Abrantes, em 1472, e por ser o sitio doentio, o mudou D. Manuel para dentro da villa, principiando as obras em 31 de janeiro de 1509 e concluindo-se a 20 de março de 1527, segundo uma inscripção que está sobre a porta da egreja, da qual consta isto. Chamava-se Nossa Senhora da Consolação. Outros dizem que o fundou Diogo Fernandes d'Almeida, pae de D. Lopo, que foi o 1.º conde d'Abrantes. O seu primeiro sitio era onde ainda hoje se chama «Mosteiro Velho» a distancia de 1:500 metros da villa.

O de frades de Santo Antonio (piedosos) foi fundado pelo mesmo D. Lopo d'Almeida (no sitio da *Abrançalha*) em 1526.

O de freiras dominicas, de Nossa Senhora da Graça, foi fundado por D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda, em 1384. Foi primeiro de *conegas* regrantes de Santo Agostinho, e se extinguiu por causa da peste que houve em 1438. Chamava-se então de «Santa Maria das Donas». As primeiras freiras vieram de Chellas, e foi primeira prioreza D. Maria Vasques, irmã do dito bispo. Para não ficar completamente abandonado, residia n'elle uma *commendataria*, que, quando morria, era substituida por outra. Durou isto até ao reinado de D. Manuel, tempo em que se tornou a juntar congregação, sendo commendataria D. Beatriz de S. Paulo. Em 1541 professaram a regra de S. Domingos e no de 1548 se mudaram para o Rocio, onde hoje estão. Foi D. João III que lhe deu o novo convento, com muitos privilegios.

Nossa Senhora da Esperança, freiras de Santa Clara (franciscanas) foi primeiro fóra da villa. Era padroeiro *João de Campos Barreiro*. O rei D. Manuel deu esta villa a seu filho, o infante D. Fernando.

Quando Junot invadiu esta villa (24 de novembro de 1807) com uma horda de francezes e castelhanos, famintos, esfarrapados e descalços, para nos *libertarem* do jugo dos inglezes, alem de outros muitos roubos que aqui praticaram, *libertaram* de botas e sapatos todos os moradores d'esta villa, ficando tudo descalço. (Os sapateiros depois não tinham mãos a medir!)

Buonaparte em premio d'esta grande façanha das botas e sapatos, tão heroicamente conquistados, fez Junot *duque d'Abrantes!!* (Era mais racional fazel-o *duque do chinello.*) Nem o traidor Affonso de Lencastre, nem o salteador Junot ficaram muito ricos com o ducado d'Abrantes. Tambem tanto direito tinha Filippe IV como o neto do carniceiro de Ajacio, de fazerem duques em Portugal.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º Tem marquez. (É hoje dos herdeiros do ex.mo D. José Maria da Piedade Alencastre).

O *ex-usurpador* Filippe IV, fez d'aqui duque (!) em 1641 (ainda veio a tempo!...) a D. Affonso de Lencastre (que tambem fez 1.º marquez de Porto-Seguro, na Hespanha). Era filho do duque d'Aveiro. (Estes duques d'Aveiro, já de longa data eram muito *leaes á patria!*)

É praça d'armas, cercada de fortes muralhas, com suas torres e cubellos, tendo no mais alto da villa o seu soberbo castello e n'elle um bom palacio dos marquezes de Abrantes, que eram os seus *alcaides-mores*

O marquez D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes o reedificou pelos annos de 1740; mas a sua morte foi a causa de se não concluir esta obra magestosa.

**Das quatro antigas freguezias**

*S. Vicente, martyr*—vigariaria apresentada pelo rei; collegiada, com seis beneficiados, coadjutor e thesoureiro.

*S. João Baptista*—vigariaria do real padroado, collegiada, com seis beneficiados, coadjutor e thesoureiro.

*Santa Maria do Castello*—priorado, que o rei apresentava, collegiada, com dois beneficiados e cinco capellães, todos apresentados pelos marquezes de Fontes, que aqui tinham o seu jazigo.

*S. Pedro*—priorado da corôa.

—

O primeiro titulo d'esta villa foi o de condado. Foi seu 1.º conde, D. Lopo d'Almeida, por D. Affonso V, em 1472, (vide adiante).

O titulo de ducado que Filippe IV deu a D. Affonso d'Alencastre, nunca foi confirmado pelos reis de Portugal.

D. João V elevou Abrantes a marquezado, em 1718, a favor de Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 3.º marquez de Fontes e 6.º conde de Penaguião, que falleceu n'esta villa d'Abrantes em 30 de abril de 1733.

A ridicula nomeação do malvado e sacrilego Junot no ducado d'Abrantes, pelo monstro corso, deu em agua de bacalhau; mas Junot teve o desaforo de se continuar a assignar *duque d'Abrantes!* E o que é ainda maior desaforo e escandalo é a gente ver alguns escriptores portuguezes darem seriamente este titulo caricato a Junot!

—

Proximo d'esta villa, em 12 de agosto de 1810, houve uma batalha, dada pelo exercito luso-anglo contra as hordas francezas.

Desde 9 de outubro de 1810 até 7 de março de 1811, a tropa portugueza, o povo da villa e algumas tropas inglezas defendem heroicamente Abrantes, cercada pelos soldados de Massena. N'este ultimo dia levantaram o cerco, fugindo para a Hespanha.

—

Em uma lapide collocada ha poucos annos debaixo da abobada da principal porta do castello, se lê esta inscripção:

FOI ESTE CASTELLO FORTIFICADO
POR DECIO JUNIO BRUTO,
CONSUL ROMANO, NO ANNO
CXXX ANTES DE CHRISTO.
EM 8 DE DEZEMBRO DE 1148
FOI TOMADO DE ASSALTO AOS
MOUROS, POR D. AFFONSO HENRIQUES.
EM 1279 FOI NOVAMENTE
FORTIFICADO PELO MESMO REI,
EM CONSEQUENCIA DE FICAR
ARRUINADO DO CERCO QUE LHE
POZERAM OS MOUROS, CAPITANEADOS POR ABEN JACOB,
FILHO DO MIRAMOLIM, REI
DE MARROCOS—E LHE FOI
DADO FORAL, PELA VALOROSA
RESISTENCIA QUE FIZERAM
SEUS DEFENSORES. EM 1195
FOI DESBARATADO OUTRO EXERCITO DE MOUROS, PELA SUA
GUARNIÇÃO.
FORAM LEVANTADOS SEUS MUROS
POR D. AFFONSO 3.º, E CONTINUADOS
POR D. DINIZ, QUE O DEU, EM
24 D'ABRIL DE 1281, Á RAINHA
SANTA ISABEL.
EM 5 DE JANEIRO DE 1372
CONSTITUIU PARTE DO DOTE
DA RAINHA D. LEONOR TELLES
DE MENEZES.
EM 1809 FOI DE NOVO MANDADO
FORTIFICAR, ASSIM COMO A VILLA,
PELO GOVERNO DO PRINCIPE REGENTE.
EM 11 DE OUTUBRO DE 1857
VEIO GOVERNADOR, O GENERAL
BARÃO DA BATALHA, QUE,
DESEJANDO LEVANTAL'O DAS RUINAS
A QUE SE HIA REDUZINDO,
TRATOU DE LHE MANDAR
FAZER AS REPARAÇÕES QUE
HOJE TEM.

—

Abrantes é o solar dos *Themudos*, appellido nobre em Portugal, e verdadeiramente portuguez. O primeiro que se assignou *Temudo* (por ordem expressa de D. Affonso V) foi *Ruy Fernandes Temudo*, natural d'esta villa. Foi um esforçadissimo capitão, que nas guerras da Africa fez prodigios de valor. Em premio d'elles, o dito rei lhe augmentou as armas, por provisão de 11 de outubro de 1476, ficando assim construidas—em campo azul, uma aguia d'ouro, de duas cabeças, azas abertas e os pés firmados sobre uma cabeça de mouro, com turbante de prata,

cortada em sangue, e por orla um cordão de S. Francisco, d'ouro. Timbre, meia aguia d'ouro. Temudo, no antigo portuguez, significa *temido.*

Actualmente é muito numerosa a familia dos Themudos, e se acha espalhada por varias provincias do continente, ilhas e mais possessões do ultramar. É notavel que esta familia, ha mais de dois seculos, é muito inclinada á jurisprudencia, que muitos dos seus teem exercido com distincção.

É hoje uma grande, bonita e florescente villa, com algumas ruas boas e uma grande praça na qual está a casa da camara, que é grande e regular, construida no seculo passado.

Residiram por vezes n'esta villa os reis D. Manuel e sua segunda mulher (que aqui deu á luz os infantes D. Luiz e D. Fernando). D. Luiz nasceu em 1505 e D. Fernando em 1507. O ultimo aqui viveu, e aqui morreu em 1534, nas casas que depois foram do morgado *Caldeira.* D. Pedro I, o infante D. Pedro, filho de D. João I, e D. João II tambem aqui residiram.

Tem por armas quatro flores de liz em cruz, quatro corvos a cada canto e uma estrella no centro. As flores de liz veem-lhe do seu primeiro alcaide-mór, que era francez; os corvos do tal dente de S. Vicente e a estrella indica que foi terra de mouros.

Tem boas pedreiras de lousas (ardosias).

De Abrantes até ao mar é o Tejo perfeitamente navegavel, sem o minimo obstaculo.

É a 23.ª estação do caminho de ferro de leste. É preciso notar que na numeração das estações do caminho de ferro, não conto a principal, de Lisboa, contando como primeira a do *Poço do Bispo.*

É quartel de infanteria n.º 11.

Ha proximo d'esta villa varias nascentes d'aguas mineraes, sendo a melhor a agua ferruginosa que nasce na quinta do *Ribeirinho.*

A villa está em 30 graus e 24 minutos de latitude e 10º e 22' de longitude.

Do castello se avista Punhete, Sardoal, Mação, Castello de Belver, a Torre do Gavião, Santarem e muitas freguezias.

O 1.º conde d'Abrantes, foi (como já disse) D. Lopo d'Almeida, por D. Affonso V, em 1472, estando em Samora. *Pedro de Mariz,* diz que foi em 1471, estando em Miranda. D. Lopo d'Almeida era do conselho d'el-rei, alcaide-mór de Punhete, tendo as jurisdições do Sardoal, Mação e Amendoa. Casou com D. Brites da Silva, dama da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e camareira-mór da rainha D. Isabel. Teve entre outros filhos, a D. João d'Almeida, 2.º conde de Abrantes, D. Francisco d'Almeida, 1.º vice-rei da India e D. Diogo Fernandes d'Almeida, 6.º prior do Crato, monteiro-mór de D. João II e alcaide-mór de Torres Novas. Morreu em Almeirim a 13 de maio de 1508.

O sr. D. José Maria da Piedade e Lencastre, herdeiro primogenito dos ultimos marquezes de Abrantes, e administrador do marquezado, não quiz receber dos liberaes o titulo de marquez que lhe pertencia. Era um legitimista leal e decidido, e um perfeito cavalheiro, de trato ameno e franco e de não vulgar illustração. Morreu a 28 de fevereiro de 1870, em Lisboa.

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem (ou do estado).

Aqui nasceu, em 8 de janeiro de 1824, *Francisco Alves da Silva Taborda,* o actor mais engraçado e popular dos nossos dias.

D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena, filha de Rodrigo Eannes de Sá Menezes e Almeida, 3.º marquez de Fontes e 1.º marquez d'Abrantes, e de D. Isabel de Lorena, filha do 1.º duque de Cadaval, foi casada (a primeira de que fallei) com seu tio, D. Rodrigo de Mello, filho de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 1.º duque de Cadaval, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal. Tendo D. Anna enviuvado, foi feita camareira-mór da rainha D. Marianna Victoria, mulher de D. José I, e logo depois (em 4 de dezembro de 1753) este soberano a fez *duqueza d'Abrantes.*

Foi 2.ª *duqueza d'Abrantes,* sua filha, D. Maria Margarida de Lorena, que era marqueza d'Abrantes pelo seu casamento com D. Joaquim Sá Menezes e Almeida, 2.º marquez d'Abrantes e 8.º conde de Penaguião. Ficando viuva, foi elevada a *duqueza d'Abrantes,* tambem por D. José I. Casou em segundas nupcias com D. João, filho legitimado do

infante D. Francisco, irmão de D. João V.

A este D. João chamava o povo *o sr. D. João da Bemposta*, por ter estabelecido a sua residencia no real paço d'este nome. Este principe foi conselheiro d'estado, mordomo-mór de D. Maria I, e capitão general das armadas reaes e galeões de alto bordo. Falleceu em 1780.

D'este casamento não houve successão, e acabou o titulo de duque d'Abrantes.

—

Uma senhora chamada *Queixa Perra* (que nome!) doou a Lorvão, em 1176, muitos bens que possuia em Abrantes.

Tinha esta villa até 1834, juiz de fóra, alcaide-mór (com muitas rendas) e capitão-mór, com duas companhias na villa e quatro no termo.

**ABRAVEZES**—freguezia, Beira Alta, districto administrativo, bispado, comarca e concelho de Vizeu, 285 kilometros ao norte de Lisboa, 340 fogos. Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

**ABRECHOEIRA**—villa de que faz menção Duarte Nunes de Leão na *Descripção do reino de Portugal*. É na comarca de Thomar. Não ha mais noticias d'ella em outro auctor antigo ou moderno.

**ABREIRO**—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Lamas d'Orelhão, situada em alto, proximo da margem direita do *Tua* (onde tem uma alta ponte de cantaria feita pelos annos de 1760), 120 kilometros a noroeste de Braga, 18 de Villa Flor, 370 ao norte de Lisboa, 170 fogos. D. Sancho II lhe deu foral em 9 de setembro de 1225. Confirmado por D. Affonso III em 1250. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa em 2 de agosto de 1514. Ruy Mendes da Silva *(Poblacion general d'Hespaña)* diz que D. Sancho II a povoou em 1225, quando lhe deu o foral. Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes, fol. 23, col. 1.ª Torre do Tombo.

Foi dos marquezes de Villa Real, que a perderam, por serem traidores á patria, em 1641. Passou depois a ser commenda e *isento* da ordem de Malta.

Tinha em 1660 120 fogos. Orago Santo Estevão, martyr.

É povoação muito antiga, talvez fundada pelos godos. Os arabes a possuiram e lhe deram o nome, pois Abreiro é derivado de *âbara*. palavra arabe, que significa *entrar*, ou *passar de um para outro lado.*

Era vigariaria da ordem de Malta, apresentada pelo commendador de Poyares.

Ha vestigios de uma fortaleza romana ou arabe, no alto, onde está a capella de Santa Catharina, virgem e martyr.

**ABRILONGO**—pequeno rio no termo da villa d'Ouguella. Mette-se no *Chévora* (ou Xevora) proximo e em frente da dita villa.

**ABRIGADA** (Nossa Senhora da Graça da) —freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, districto administrativo, patriarchado e 60 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos. Orago Nossa Senhora da Graça.

Esta freguezia, que antigamente era pobre e pouco productiva, está hoje soffrivelmente bem cultivada, pelo que é uma das mais ricas e ferteis do concelho.

A aldeia de *Atouguia das Cabras*, foi sempre e até ha poucos annos o logar mais importante da freguezia, e por isso lhe deu o seu nome. Por freguezia de Atouguia das Cabras é designada em todos os diccionarios geographicos, e officialmente. Tambem esta aldeia é a que está mais proxima da egreja matriz.

A aldeia da Abrigada, porém, foi adquirindo tanto desenvolvimento, opulencia e população, que é hoje a principal da freguezia, e como era mais curto e mais bonito o nome de *Abrigada* do que o de *Atouguia das Cabras*, se foi desprezando este e adoptando aquelle, pelo qual é hoje conhecida esta freguezia, que é composta de 5 povoações: *Abrigada, Bairro, Estribeiro, Atouguia* e *Cabanas do Chão.*

As quintas, mattos e optimas vinhas estendem-se a 5 kilometros.

O vinho d'esta freguezia é excellente e com abundancia, exportando-se para differentes partes do reino e para o Brazil, onde é muito estimado.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, que tambem se exporta.

O prior de S. Pedro de Alemquer, apresentava aqui o parocho (cura) por esta fre-

guezia ser annexa á de S. Pedro. Tinha de renda (o cura) um moio de trigo, duas pipas de vinho e o pé d'altar. Desde 1842, tem o parocho (que agora tem o titulo de prior) 190$000 réis de congrua, incluindo o pé d'altar, que rende uns 60$000 réis.

A egreja matriz dista uns 400 metros da Abrigada, e pouco menos de Atouguia. É um templo pequeno e tosco, que parece ser fundado ahi por meiado do seculo XIV. Parece que o terremoto o damnificou, porque foi concertado no anno de 1768, segundo uma data que se vê na parede exterior.

Em frente da egreja ha um espaçoso largo, tendo no centro um simples mas elegante cruzeiro, de pedra polida, alli collocado em 1862. Em redor d'este largo ha algumas casas modernas, que servem para a accommodação dos romeiros da antiquissima festa de Nossa Senhora da Ameixoeira, que tem logar nos mezes de agosto e setembro e são muito concorridas.

Ao pé da sachristia ha uma campa com a inscripção já tão apagada, que se não póde ler. Tem o brazão d'armas dos Araujos, da Abrigada (ou de Alemquer) que são em campo de prata, uma aspa azul, carregada com cinco besantes de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre meio mouro com braços, vestido de azul, com um capello de ouro, como de caça, na cabeça.

Note-se que só este ramo dos Araujos usa das armas descriptas. O ramo principal traz por armas: escudo esquartelado, no primeiro uma meia dama vestida de purpura, com flores de ouro na cabeça, sobre uma torre de prata, em campo verde; no segundo um sol de ouro e uma lua (crescente) de prata e sete estrellas tambem de prata, em campo azul; no terceiro e ultimo, duas aves pardas, em campo branco, elmo de prata aberto e por timbre a mesma dama.

É tradição na freguezia, ser este o jazigo da familia Araujo, da quinta da Abrigada. Effectivamente é a sepultura de Gonçalo Vaz de Araujo, fundador d'este morgado, que morreu pelos annos 1620, e de outras pessoas da sua familia.

No seculo passado enterrou-se n'este jazigo uma menina de 7 annos, filha do então administrador do morgado. No fim das exequias, ouviu o sachristão algum ruido, á que não deu importancia, mas passados alguns dias, souberam os paes da menina que o sachristão tinha fallado no caso. Mandaram elles logo abrir o jazigo e achou-se a desgraçada creança sentada nos degraus, onde tinha ido morrer de fome, de frio e de terror!

Em 1856 se construiu proximo á egreja, um bonito cemiterio, murado, e fechado por um portão de ferro.

Já n'elle ha dois sumptuosos mausoleus, um construido em 1859, é do sr. José Maria Camillo de Mendonça (hoje visconde da Abrigada) para elle e sua familia, o outro pertence ao sr. Domingos José da Silveira e aos seus.

A aldeia do Bairro, que no começo do seculo passado tinha 50 fogos, tem actualmente 89. Ha aqui a *fonte do juiz*, que sendo abundante no verão, sécca no inverno.

A aldeia do Estribeiro, tinha no principio do seculo passado 15 fogos: hoje tem 25. Chamava-se antigamente Destrabeira.

As principaes quintas d'esta freguezia são: da *Abrigada* e do *Casal do Alamo*, do sr. F. Raphael Gorjão; das *Marés*, do sr. D. Joaquim da Silva; de *Vallongo*, da Companhia de Credito Predial; do *Bairro*, e o *Casal do Viegas*, do sr. Ascencio de Sequeira Freire; quinta do *Ex-couto*, (que foi antigamente *coutada*) do sr. visconde da Abrigada; *Casal do Marques*, do sr. A. P. de Araujo; *Casal d'Atouguia*, do sr. conde dos Arcos; *Casal dos Mogos* (dos Marcos) do sr. Antonio Joaquim.

Vide *Abrigada*, aldeia; *Abrigada*, quinta; *Cabanas do Chão*, *Ameixoeira* (Nossa Senhora da), e *Cabanas de Torres*, freguezia; onde se declara o mais que não vae n'este artigo, e que pertence á freguezia. Vide tambem *Atouguia das Cabras*.

**ABRIGADA** — aldeia, Extremadura, freguezia de Atouguia das Cabras (vulgo Abrigada) comarca e concelho de Alemquer, districto administrativo, patriarchado e 60 kilometros ao N. de Lisboa, 115 fogos. (Tinha no principio do seculo passado 50 fogos).

É tradição que antigamente a esta aldeia

se chamava Amieiro; mas já no principio do seculo XVI se lhe dava o nome de *Brigada*, que se corrompeu em *Abrigada*.

Differentes (e, quanto a mim, todas mais ou menos disparatadas) são as origens que se dão ao nome d'esta aldeia, e ás variantes de tal nome.

A respeito de Amieiro estamos nós bem, que toda a gente sabe o que é; mas d'onde lhe vem o nome mais moderno de *Brigada?* Não é provavel que venha de *briga*, palavra celtica, que significa *povoação;* nem de *Brigo*, 4.º rei de Hespanha; porque o nome de *Brigada* é moderno, e, quando muito, tem 300 ou 400 annos.

Tambem não é verosimil que fossem os fugitivos de Torres Vedras e Villa Verde dos Francos (Vide *Cabanas de Torres*) que lhe dessem este nome; porque então lhe chamariam logo *Abrigada* (e não *Brigada*) visto que lhes serviu de abrigo. Nem tambem acho geito nenhum á etymologia dada por outros, isto é, que o segundo nome d'este logar póde vir de *briga, contenda, peleja*, etc. Não ha tradição que houvesse por estes sitios facto algum d'esta natureza cuja importancia fosse tanta que merecesse dar o nome ao logar.

N'estas duvidas, de certo *indeslindaveis*, cada um póde inclinar-se para a hypothese que mais lhe agradar.

Deixando estas questões de uma importancia soffrivelmente problematica, vamos ao actual e positivo.

O logar da Abrigada, apresenta um aspecto de aceio, de prosperidade e de progresso; e, com effeito, ha alguns annos tem tido um desenvolvimento muito notavel, o que, em grande parte, é devido a residirem aqui muitos proprietarios abastados e intelligentes.

Em 27 de janeiro de 1870, foi feito visconde da Abrigada o sr. José Maria Camillo de Mendonça, rico proprietario n'esta freguezia e opulento negociante da praça de Lisboa. A sr.ª viscondessa é da familia dos srs. viscondes da Bahia e irmã da esposa do sr. Gorjão da quinta da *Abrigada*, de que adiante se trata.

**ABRIGADA** (quinta da)—no logar do seu nome, freguezia de Atouguia das Cabras, ou como hoje se diz, da Abrigada.

Esta propriedade é muito antiga, e chamava-se primeiramente quinta do Amieiro; porque, como já disse, era Amieiro o primeiro nome do logar da Abrigada; ou, pelo menos, o mais antigo que se lhe conhece. No principio do seculo XVI, era de Fernão Balones, que a vendeu a Fernando Alves Cabral, que depois a vendeu por 300$000 réis a Gonçalo Vaz, que a augmentou com varias propriedades contiguas, que comprou. Herdou-a seu filho Gonçalo Vaz de Araujo, que por sua morte a instituiu em morgado, com a condição de seus successores fundarem n'este logar uma capella, com uma casa contigua, propria para dar *acolheita* a passageiros pobres: sendo a capella dedicada a S. Roque, cuja imagem deviam ir buscar ao sitio de Monte Santo, nas faldas de Monte Junto. Esta capella foi saqueada e o padroeiro despedaçado pelas hordas francezas em 1811. Foi depois reparada e feito um novo padroeiro.

É actual possuidor d'esta bella quinta, o sr. Francisco Raphael Gorjão, casado com uma filha da sr.ª viscondessa da Bahia. Tanto o sr. Gorjão, como a sua dignissima esposa, são geralmente estimados e amados dos povos d'aqui, pelas optimas e rarissimas qualidades que os adornam.

O sr. Gorjão descende de um nobre cavalleiro francez, chamado *Jean Gorgeon*, que roubando na França uma senhora casada, fugiu com ella para Portugal no reinado de D. Pedro I, que informado da nobreza e intrepidez d'elle, o recebeu com alegria e lhe deu terras no Trucifal, onde *Gorgeon* fundou o seu solar, e em cuja egreja jazem muitos dos seus descendentes.

Passados annos, o marido offendido, soube que elles residiam em Portugal, onde os veio procurar. Encontraram-se os dois rivaes junto a uma ribeira, no logar de Enxara dos Cavalleiros, e pelejando, cairam ambos mortalmente feridos, escrevendo ambos com seu sangue, sobre uma lagem, que queriam ser enterrados na mesma sepultura!

Esta quinta tem quasi uma legua de extensão, podendo ser quasi toda regada.

É admiravel a rapidez com que aqui se desenvolvem quaesquer vegetaes. Arvores

plantadas ha poucos annos, estão tão frondosas como se tivessem seculos!

Ha n'esta quinta um banco de *argilla refractaria*, que, aproveitada, podia ser um manancial de riqueza.

Já por duas vezes se tentou aproveitar este barro para tubos refractarios; mas de ambas falhou a empreza, a primeira vez pela ignorancia do director dos trabalhos, e a segunda por falta de dinheiro.

Hoje, que tanta extracção tem esta materia e que tão varias applicações tem na industria, é de esperar que se tente um novo commettimento, dirigido por pessoa intelligente, e com uma companhia que possa dispor de fundos necessarios para a exploração.

As casas da residencia dos proprietarios d'esta quinta são vastas, construidas com muita magnificencia e formosamente situadas. Tem um bello largo, onde ha um tanque abundante de optima agua, para alli trazida ha menos de um seculo.

**ABRUNHEIRA**—concelho na comarca de Soure, com 1:720 fogos. Vide *Verride*.

**ABRUNHOSA DO LADARIO**—villa, Beira Alta, concelho de Satão, districto administrativo, bispado, comarca e 24 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 150 fogos, 600 almas. Orago Santa Maria. Foi concelho, com camara e juiz ordinario. Era da corôa.

**ABRUNHOSA-A-VELHA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, extincto concelho de Tavares, 212 fogos, 340 kilometros ao norte de Lisboa. Orago Santa Cecilia. Districto administrativo e bispado de Vizeu, d'onde dista 24 kilometros. Tem um lindo e devoto sanctuario de Nossa Senhora; foi villa.

Foi antigamente da comarca de Vizeu. Foi elevada á cathegoria de Villa, quando os senhores Paes, de Mangualde, foram feitos donatarios d'esta povoação e de Villa Mendo, no seculo XVIII, ficando aquellas duas povoações formando um concelho, com juiz ordinario, camara, e necessarios escrivães e officiaes de diligencias d'ella.

No judicial serviam alternativamente os tres do judicial e notas, de Tavares; mas effectivamente o dos orphãos.

A superintendencia das decimas estava no juizo de fóra de Mangualde e Tavares, e estendia-se a mais dois concelhos pequenos, extinctos ha muitos annos.

Um d'estes concelhos extinctos pertencia á ouvidoria de Linhares, outro ao de Penalva do Castello.

Quando Abrunhosa foi elevada á cathegoria de villa, se lhe deu o nome de *Villa Nova d'Abrunhosa Velha;* mas actualmente tornou a perder o titulo de *Villa Nova*, e só lhe chamam Abrunhosa Velha.

—

No concelho de Mangualde ha a aldeia de *Abrunhosa do Matto*, que é na freguezia de *S. Thomé da Cunha Baixa.*

**ABRUTELLA**—palavra antiga. O mesmo que *arroteia*, terra recentemente reduzida á cultura. Vide *Aral*, que vem a ser o mesmo.

**ABYSMO**—Vide *Abismo.*

**ACCARAR**—portuguez antigo, mirar, encarar.

**ACEQUIA**—Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome. É derivado do arabe *assaquiat*, significa regato ou ribeirinho. Vide *Assequins*. Tambem significa açude, lago ou charco, feito na margem do rio.

**ACHA**—Vide *S. Miguel d'Acha.*

**ACHADA**—pequena serra na Extremadura, principia proximo de Cascaes e passando por Monte Redondo continua até á serra de Monte Junto. É aqui a quinta das Lapas dos marquezes de Alegrete.

Achada ou Achaada, no portuguez antigo significava *planicie, descampado, terra baixa e plana.* Tambem significava *plató.*

**ACHANTAR**—portuguez antigo, metter, introduzir, espetar, enterrar, etc.

**ACHAS**—Ha uma herdade d'este nome, no termo de Jalles, (Traz-os-Montes) que era tão importante no seculo XIII, que D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de maio de 1270. Está na Torre do Tombo, Livro 1.º das doações de D. Affonso III, folha 102, columna 1.ª

**ACHETE**—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, 95 kilometros ao nordeste de Lisboa, 296 fogos. É palavra arabe *Axxat* (ovelha) significa *povoação da ovelha.* Orago

Santa Maria. É no patriarchado. Era vigararia de concurso.

**ACISTANO**—portuguez antigo, hoje *mosteiro.* Tambem se dizia *aciterio, acisterio* e *acitano.*

**AÇOR**—(serra do) na Beira Baixa, principia no logar do Sobral e acaba em Arganil, tem 33 kilometros de comprido e 12 de largo. Á beira d'esta serra ficam as villas de Coja e Avô e muitas aldeias. É em grande parte cultivada, e onde o não é, dá bons pastos para o gado. Tem coelhos e perdizes. A sua etymologia é de facil comprehensão, isto é, *açor,* ave de rapina.

**AÇOR**—(serra do) no Algarve, 18 kilometros de comprimento e 15 de largo. Tambem lhe chamam *Serra da Dobra* e serra de *Pero Janeiro* (segundo os sitios por onde passa). Ao oeste d'ella nasce o rio *Delouca* (ou Adelouca) e ao éste o rio Encherim. Tem grandes mattas de azinheiros e muita caça. Tinha antigamente muitos javalis.

**AÇOREIRA**—Vide *Assureira.*

**AÇORES**—pequena serra, Douro, freguezia de Santa Maria das Medas, concelho de Gondomar, a 24 kilometros ao nordeste do Porto. Tem 1:500 metros de comprimento e 1:000 de largo. Ha aqui 12 profundos *fôjos,* que se diz serem minas d'ouro dos romanos ou arabes.

Nasce aqui o ribeiro de *Villa Cova,* que desagua no Douro. Tem algumas arvores silvestres, matto e caça.

Ha n'esta serra a *Lagoa da Fisga,* que tem 1:500 metros de comprimento e 800 de largo. De verão o seu leito está secco e dá optimo milho (e actualmente mesmo de inverno, pouco espaço d'elle é occupado por as aguas).

É tradição que foi uma cidade no tempo dos godos. Dizem alguns que era a antiga Penafiel. Vide esta palavra.

**AÇORES**—villa, Beira Baixa, comarca e concelho e 6 kilometros de Celorico da Beira, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao N. da Guarda, 300 a éste de Lisboa, 120 fogos, 500 almas. A antiga egreja matriz era em *Aldeia Rica,* freguezia hoje unida a esta; mas a primeira egreja ainda existe. A matriz era a antiquissima egreja de *Nossa Senhora dos Açores,* de architectura gothica e de tres naves Esta egreja foi demolida, por estar muito arruinada, e reedificada quasi pelos fundamentos, pelos annos de 1790. O seu orago é Santa Maria, ou Nossa Senhora dos *Açôres.*

Na capella-mór, da parte do Evangelho, está um tumulo com a seguinte inscripção: «Requievit famvla Xpi. in pace. Svintilivba sub mense. Novembres. Era DCCIIII.»

D'esta inscripção semi-barbara se collige que na era de Cesar 704 (666 de Jesus Christo) se sepultou aqui Swintiliuba, serva do Senhor. Houve aqui em tempos remotissimos um convento *duples.* No fim do seculo passado se descobriu nos amplissimos passaes dos priores (que provavelmente foram *cêrca* do convento) as columnas do claustro e as paredes das officinas. A chronica dos eremitas de Santo Agostinho diz que no seculo VII houve aqui um mosteiro da sua ordem; mas não adduz provas que satisfaçam plenamente.

Ha aqui o nobre e antiquissimo *Sanctuario de Nossa Senhora dos Açores,* que hoje é matriz (como já disse). N'ella se conservam quatro primorosos quadros, 1.° apparecimento da Senhora ao *rustico da vacca*; 2.° o do filho do rei ressuscitado; 3.° do açôr e 4.° da victoria que os portuguezes alcançaram dos castelhanos proximo d'aqui. Estas pinturas não têem outro fundamento senão a tradição do povo; pois ninguem sabe quem é o filho do rei que ressuscitou, nem quando nem porque foi dada a batalha.

Desde o principio da monarchia, tiveram os nossos reis este *sanctuario* em grande devoção e lhe fizeram boas doações. D. Manuel no foral que deu a Celorico, em 1512 (1.° de julho) manda que a terça parte dos montados e maninhos, se gastará com os *cavalleiros e escudeiros que forem uma vez por anno em romaria a Nossa Senhora dos Açores.*

A 3 de maio é que se faz esta romaria, pela camara de Celorico e a despeza era feita pelas ditas terças e por um bom legado que para isto deixou uma *devota* (não prevendo que deixava o seu dinheiro para

se gastar em galhofas, glotonerias, desafios, irreligião e borracheiras.) Este parenthesis é de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Eu digo o mesmo.

A villa d'Açores nunca teve foral proprio e hoje é apenas uma aldeia.

Pretendem alguns que o nome d'esta freguezia lhe provém do milagre que fez Nossa Senhora a um caçador do rei de Castella. Provirá.

Era da coroa.

**ADÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, arcebispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 86 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Pertencia ao couto de Villar de Frades e era curato do mosteiro d'este couto, chamado vulgarmente *bons homens de Villar.*

**ADAFROIA**—(proximo á villa de Pombeiro), Beira Baixa. Vide *Aufragia.*

**ADAÍL**—official que, com alguns cavalleiros tinha obrigação de ir á descoberta. O adaíl-mór era o chefe dos adaís. Este posto está extincto desde 1655.

O primeiro adaíl-mór que houve em Portugal, foi Pedro de Barros, no reinado de D. Affonso V, e o ultimo foi Manuel Peixoto da Silva, no tempo de D. João IV. Houve só 11 adaís-móres. Eram todos fidalgos.

Adaíl é a palavra arabe *addalil,* participio do verbo surdo *dalla,* que significa guiar, ensinar o caminho, ir na frente.

**ADÃO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 80 fogos, é no districto administrativo e bispado da Guarda. É provavel que o seu nome lhe provenha de algum individuo chamado Adão que a possuisse ou aqui vivesse. É seu orago S. Bartholomeu.

**ADÃO**—pequeno ribeiro da Beira Baixa. Vide *Ade.*

**ADARVADO**—portuguez antigo, acastellado, fortificado.

**ADARVE**—portuguez antigo, castello, edificio fortificado.

**ADAÚFE**—freguezia, Minho, proximo a Braga, 420 fogos. É palavra arabe *aldafe,* adufe, pandeiro quadrado. Os arabes tomaram esta palavra do hebraico *hadaff,* que quer dizer o mesmo. Tambem póde vir de *Adaulfo* ou *Adulfo,* nome proprio de homem, muito usado antigamente. Vide *Luzim.*

Houve aqui um convento de frades *bentos,* fundado por *Nuno Odoris* e sua mulher *Adozinda Viscoi,* da familia dos Sousas, em 1070. Estiveram n'elle frades mais de 360 annos, até que *D. Fernando da Guerra* o reduziu a abbadia secular, e el-rei D. Manoel o passou a commenda. D. Affonso III lhe deu foral em Coimbra, a 3 de agosto de 1258.

**ADAVAL**—freguezia, Alemtejo, 24 kilometros d'Evora, 120 de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Miguel.

Concelho do Redondo, districto administrativo e arcebispado d'Evora.

**ADDUXER**—portuguez antigo, (corrupto do latim) trazer.

**ADE**—(corrupção de *Adem,* pato), ribeira da Beira Baixa, nasce junto á quinta de Perobullo, freguezia de *Sant'Anna da Serra da Azinha,* em uns pantanos que seccam no verão (como a mesma ribeira). Juntam-se a ella os ribeiros *Adão* e *Luzello.* Desagua no Côa, junto ao logar do *Seixo de Côa;* tem 18 kilometros de curso.

**ADE**—Vide *Adem.*

**ADEGANHA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho da Alfandega da Fé, 150 kilometros ao N. E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 80 fogos. N'esta freguezia ha um monte a que chamam do *Castello-Velho,* arborisado, e no seu cume ha um grande montão de pedras, que se diz serem restos de um antigo castello de mouros.

No sitio chamado *Nossa Senhora do Castello,* é tradição que existiu em tempos remotissimos uma cidade cujo nome se ignora e da qual ainda ha vestigios de muros arruinados.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

D. Affonso III lhe deu foral em Santarem a 16 de fevereiro de 1259.

N'elle se dá a esta freguezia o nome de *Adegama.*

Livro 1.º das doações de D. Affonso III, fl. 37, v., col. 2, *in fine.*

*Adeganha, daganha* e *degana,* no antigo portuguez são terras que se haviam empra-

zado ao concelho, ou tomado dos montes (em todo o caso maninhas) e que se reduziam a cultura.

É do arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era cabeça de uma commenda da ordem de Christo. Foi do padroado real.

O seu reitor era da apresentação do arcebispo de Braga.

**ADEM** ou **ADE**—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros ao S. E. de Vizeu, 330 a E. de Lisboa, 90 fogos. (*Adem*, pato.)

Pertencia ao concelho de Castello Mendo, que foi annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, passou (com as outras freguezias do concelho de Castello Mendo) a fazer parte do concelho de Almeida.

É seu orago S. João Evangelista e no bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

**ADESERMILHO**—vide Sermilho.

**ADIBO** e **ADIBES**—portuguez antigo, derivado da palavra arabe *addib*, significa o *lôbo*. Tambem se dava este nome ao espião e ao mexeriqueiro.

**ADIÇA**—famosa mina de ouro, entre Almada e Cezimbra, na qual desde D. Sancho I até D. Manoel se continuou a extracção do ouro, com grande utilidade publica e era a principal mina de ouro de Portugal; por isso todos os que no reino trabalhavam em minas de ouro, se chamavam *adiceiros*. Vide Almada.

**ADIÇA**—(ou Aldeia-do-Sobral) freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, districto administrativo e bispado de Portalegre, e a 75 kilometros de Evora, 155 de Lisboa, 210 fogos.

**ADIÇA**—serra do Alemtejo; nasce na freguezia de S. Pedro da Adiça e finda na serra do Ficalho, com 9 kilometros de largo e 12 de comprido.

Distante 1:500 metros de Ficalho ha uma cova chamada da *Adiça*, que no principio tem bastante largura, dividindo-se depois em varias galerias, ignorando-se onde vão terminar algumas, indo outras ter a uma fonte abundante.

N'esta cova habitavam antigamente (segundo a tradição) monges solitarios, e diz-se que o ultimo d'elles morreu em 1727. Lança um braço chamado, «Serra da Abelheira.»

Ha aqui minas de ouro.

Vide Abelheira.

**ADIVAL**—portuguez antigo, hoje corda. Era tambem uma medida agraria.
Vide *Aguilhada.*

**ADOAR**—É palavra arabe, significa acampamento, ou colonia provisoriamente estabelecida em qualquer paiz, emquanto n'elle dura o pasto para os gados,

**ADOBE**—portuguez antigo, derivado do arabe *attobi.*

É uma especie de ladrilho, de terra, e sécco ao sol, de que fazem paredes no Algarve, na Bairrada e n'outras terras onde não ha pedra, ou ha pouca.

Deriva-se do verbo arabe *Tába*, que significa, *macio, liso, chato.*

**ADON** ou **ABDON**—nóme proprio de homem.

Ha uma aldeia d'este nome (vulgarmente *Santoadou*) na freguezia de Arnoia, comarca e concelho de Celorico de Basto. (D'esta aldeia parece que era oriundo o célebre dr. *João Pinto Ribeiro*, o heroe de 1640. Vide Arnoia.)

Muita gente persuade-se que *Adon* ou *Abdon* é corrupção de *Adão;* mas é a propria palavra hebraica *Abdon*, sem corrupção nenhuma, senão nas provincias do norte, que pronunciam *Adou.*

Pelos annos 265 de Jesus Christo, no tempo do feroz Décio, eram vice-reis do imperio romano, na Persia, *Santo Abdon* e *S. Sennen*, pois que aquelle implacavel e cruel perseguidor dos christãos tinha tomado Babylonia e outras provincias da Persia, pondo nos paizes conquistados auctoridades que julgava suas dedicadas.

Sabendo o malvado que por aquelles paizes haviam muitos christãos, os manda reunir em *Córdula* (Persia) onde foram todos assassinados.

*Abdon e Sennen* foram acusados de dar sepultura aos corpos d'aquelles martyres, pelo que os mandou prender e fez soffrer

muitos e grandes tormentos; até que, trazendo-os comsigo a Roma, foram lançados ás féras, que se deitaram aos pés dos santos, sem os offender. Décio, no auge do seu furor, os mandou degolar.

Parece que isto teve logar a 30 de julho, pelo menos, é n'este dia que a Egreja celebra a festa dos dois martyres.

**ADORIGO**—freguezia, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de Barcos, 18 kilometros de Lamego, 335 de Lisboa, 150 fogos.

Orago Nossa Senhora de Conduzende.

É no districto administrativo de Vizeu, bispado de Lamego.

**A DOS CUNHADOS**—Vide Cunhados.

**A DOS FRANCOS**—Vide Francos.

**A DOS NEGROS**—Vide Negros.

**ADOUFE**—freguezia, Traz os Montes, comarca, districto administrativo e concelho de Villa Real, 75 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Antigamente *Adaufe.*

Em 26 de novembro de 1238, deu D. Sancho II esta freguezia e outras mais, ao arcebispo de Braga, D. Silvestre, e seus conegos.

Já se vê que é povoação muito antiga. Vide Braga.

Orago Santa Maria.

É no arcebispado de Braga. Era abbadia da mitra primacial.

A mesma derivação de *Adaufe.*

**ADRIÃO**—(Santo) freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar. Bispado e 18 kilometros de Lamego, 335 de Lisboa, 70 fogos.

Passa aqui o rio Tédo.

N'esta freguezia tem uma boa ponte de cantaria. Junto a ella ha vestigios de construcções antiquissimas nas duas margens do rio, e uma galeria obliqua na margem direita para extracção de metaes, ou (como querem outros) uma especie de tunell que atravessa o rio, pondo em communicação subterranea as fortificações das duas margens.

É certo que na margem esquerda ha uma propriedade (actualmente do sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto) em uma elevação, chamada o *Castello*, onde apparecem claros vestigios de antigas construcções.

Esta propriedade é accidentada, no alto se chama *Çastello* (como já disse) e na baixa se chama *Picarnel.*

N'estas immediações tem apparecido sepulturas abertas na rocha. Sobre a referida galeria, no alto do monte, está a capella de *Nossa Senhora do Saboroso.* Vide Barcos.

Foi da comarca de Taboaço, concelho de Barcos.

Desde 1855 é tudo isto de Armamar.

Orago Santo Adrião, districto administrativo de Vizeu.

**ADRIÃO**—(Santo) vide Maceeira de Rates.

**ADUFES**—(ribeiro dos) Minho.

Nasce na serra de Refojos e a 2 kilometros da sua nascença morre no rio Lessa. A mesma derivação de *Adaufe.*

**ADUFA**—portuguez antigo, do arabe *addaffa*, hoje persiana ou rotula (de janella.) Deriva-se do verbo *daffa*, unir, egualar as táboas, juntar umas ás outras.

**AFIFE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna do Castello, da qual dista 8 kilometros ao N. O. e 8 ao S. de Caminha, 390 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Situada na costa do Atlantico, em linda e fertilissima planicie, e abrigada do N. e N. E. por uma serra pittoresca. Tem uma linda egreja de 3 naves. É atravessada pela estrada do Norte, e aqui deve passar o caminho de ferro do Norte (segundo o plano adoptado actualmente.) Tem um pequeno theatro. O rio da Afife tem na estrada uma linda ponte de cantaria, com guardas de ferro fundido, feita em 1857.

A primeira fundação d'esta ponte é de remota antiguidade: tem tido porém diversas reconstrucções, sendo a ultima a que se fez em 1857, para sobre ella passar a estrada de 1.ª classe de Lisboa para o Norte do reino.

Tem bonitas casas.

Ha n'esta freguezia grande numero de trolhas e pedreiros, que se espalham por todo o reino, pela Hespanha e pelo Brasil.

O orago d'esta egreja, e da freguezia, é Santa Cristina. Até 1834 era o abbade apre-

sentado alternativamente pelo papa, pelo arcebispo de Braga e pelos frades dominicos de Vianna do Lima. Proximo á egreja, em um monte, ha vestigios de fortificações.

Mais acima da estrada ha outro e tambem com grandes ruinas, que é tradição serem as de uma antiga cidade.

Querem alguns que em um sitio d'aqui, ainda chamado *Cividade*, era a *Britonia* dos romanos. No monte do *Crasto*, no sitio chamado *Osseira*, ha as ruinas de um castello.

(O sitio da *Cividade* é na serra de *Santa Luzia*, ao N. E. da freguezia.)

Ás ruinas d'este castello ainda o povo d'aqui chama *Crasto dos Mouros*. Tambem lhe dão o nome de *Cividade*. Suppõe-se, com bons fundamentos, que existiu aqui uma povoação romana; mas é muito duvidoso que fosse Britonia.

Diz-se que o nome de *Osseira* lhe provem de uma grande batalha que aqui tiveram os lusitanos contra o exercito de Almançor, rei de Cordova, em 985; pelos muitos *ossos* que aqui ficaram. Está aqui o convento de S. João de Cabanas (vide Bulhente) de frades beneditinos, fundado por S. Martinho de Dume, em 570. Comprehendia, com a cérca, uma extensão de 4:500 metros. Foi destruido pelos arabes em 716, e logo reedificado por Lopo Munhoz (gallego.)

Em 1382 passou a commendatarios; mas depois tornou a ser de frades bentos, com a condição de pagar aos *Cartuxos* de Nossa Senhora do Valle, de Lisbôa, certa pensão que o rei lhe impoz.

Este convento deu o nome de *Cabanas* á serra, e ao rio que nasce no *Chão-de-Covêllos* e desagua no mar, com 10 kilometros de curso.

Este convento foi muito rico, chegando a ter 75 frades. A pedra do edificio é de finissimo granito d'estes sitios.

Chamou-se convento de *Cabanas*, porque os frades viviam primeiro em grutas ou covas e depois em *cabanas*, espalhados pela serra visinha, que das mesmas cabanas tomou o nome.

Diz-se que antes de aqui haver convento, havia uma ermida e em redor d'ella algumas *cabanas* (outros dizem covas) onde viviam certos anacoretas, que S. Martinho congregou e aos quaes deu a regra de S. Bento. É d'isto que lhe veiu o nome de *Cabanas*. É hoje propriedade particular de uma neta do general Luiz do Rêgo.

Este convento só tinha um abbade e dois frades, quando foi supprimido.

Esta freguezia tinha antigamente o privilegio de não dar soldados, mas tinha obrigação de defender as praias contra os ataques dos piratas. Tem á beira-mar um pequeno forte arruinado.

É muito abundante de aguas e muito fertil; mas as terras são quasi todas *prazos* de fidaldos, pelo que os habitantes da freguezia são quasi todos pobres e uns meros caseiros.

Antigamente era do padroado real, porque D. Affonso III deu metade d'esta egreja e da de Sá, em Ponte do Lima, á sé de Tuy a cujo bispado então pertencia (em 1262) em troca do padroado de Santa Maria da Vinha da Ariosa.

Vide Ariosa, Ancora, Cale, Carrêço e Gaia.

**AFIFE** — rio, Minho, na freguezia do seu nome.

Nasce na serra de *Cabanas*, no sitio chamado *Chão-de-Covêllos*, passa pelo antigo mosteiro de S. João de Cabanas e desagua no Atlantico (proximo e ao S. do Forte do Cão) com 10 kilometros de curso. Tem uma ponte de pedra junto ao convento, e quatro *pontões* nas aldeias de *Loureiro*, *Senra*, *Porto do Rio* e *Feal*, além da nova sobre a estrada real (da qual já se tratou na fregnezia d'este nome.) Tambem lhe chamam rio de Cabanas. Recebe o tributo de tres ribeiros.

**AFIFE** — (ou Santa Luzia) serra no Minho, freguezia do mesmo nome. Tambem lhe chamam de *Cabanas*, por causa do convento de que já se tratou na freguezia d'este nome.

Vide Afife, freguezia.

**AFONSIM**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 75 kilometros ao N. E. de Braga, 385 de Lisboa, 60 fogos.

Deriva-se de um individuo assim chamado, que foi senhor d'esta freguezia.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

É no districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

**AGADÃO** — freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Vouga, 35 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena. Districto administrativo e bispado de Aveiro.

**AGADÃO** — rio, Douro, nasce na serra do Caramúllo, no sitio de Almofála. Morre no rio Vouga, na ponte de Almear. A elle se juntam os ribeiros Alfusqueiros e Cértoma.

Vide Agueda.

**AGARES** — aldeia de Traz-os-Montes, freguezia de Villa-Marim. Ha perto d'esta aldeia as ruinas de um castello, com sua cisterna e muralhas exteriores, que parece ser obra dos arabes. Ha tambem aqui perto uma cova d'onde se diz haver-se tirado (ha cousa de 200 annos) um grande caixão cheio de moedas de ouro. Mais acima, na serra, está uma estrada aberta nas penhas de 1m,50 de largo, com saida para a parte de Ermêllo.

*Agares* é corrupção de *algares*, palavra arabe que significa plantador, ou (e talvez seja o mais certo) é corrupção do verbo arabe *gára* (submergir-se, ir ao fundo) que no substantivo faz *algár*, cova, concavidade, sorvedouro.

**AGGRAVO** — (ou Gravo) serra, Douro, na freguezia de S. Pedro de Arcozéllo das Maias, concelho de Vouzella. É toda de alcantilada penedia e com 3 kilometros de comprido e mais de 1 de alto. Ha n'esta serra os logares de Quintella, Póvoa da Ussa e Póvoa do Ladário. É abundantissima de aguas e cria muita caça. Antigamente tinha muitos lôbos e ferocissimos porcos montezes.

**AGILDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Santa Eufemia, arcebispado e districto administrativo de Braga.

**AGOSTEM E PARADELLA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, districto administrativo de Villa Real, 85 kilometros a N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Pedro. Arcebispado de Braga.

**AGRA** — Ha em Portugal serras, ribeiros e aldeias assim chamadas.

Uns querem que venha de *ágro* (campo) outros de *Ágra*, importante cidade da Asia, antiga capital do Indostão. É mais provavel a primeira etymologia. Vide Arga.

**AGRALHEIRA** — Vide *Gralheira.*

**AGRELLA** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 20 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

É palavra derivada do latim *agro*, que significa terreno agreste e tambem campina e campo. No antigo portuguez *agrella* é diminutivo de *agra*, vindo a ser pequena agra.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e bispado do Porto. É terra de mediana fertilidade. Cria bastante gado.

**AGRELLA** — freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 18 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos. As tropas cabralinas, commandadas pelo então barão do Casal, commetteram aqui horriveis assassinatos e toda a casta de atrocidades, em 1846.

Orago Santa Christina.

É no arcebispado e districto administrativo de Braga. A mesma etymologia.

**AGRELLA** — serra, Douro, na freguezia de Agrella, concelho de Santo Thyrso. É mui alta e alcantilada. Tem 3 kilometros de comprimento. A mesma etymologia.

**AGRELLA** — rio, Minho, nasce na freguezia de Santa Leocadia de Bésteiros, atravessa a de S. Thomé de Caldellas e desagua no Ave. A mesma etymologia.

**AGRÊLLO** — aldeia, Beira Baixa, freguezia da Figueira de Lorvão. Perto d'este logar, e no fundo de um valle a que chamam *Valle do Cavallo*, na raiz de um monte, ha uma concavidade, pelo mesmo monte dentro, aberta a picão em rocha viva, que parece obra impossivel a forças humanas. Dentro d'esta concavidade está uma lagôa profunda, cuja agua nem cresce, nem mingua, nem corre.

É tradição que, pelos annos de 1717, um abbade da freguezia, chamado Antonio de Magalhães, para saber o que havia dentro

da lagôa, mandou fazer uma bomba, que alli poz, trabalhando n'ella muitos homens por espaço de 24 horas; e, estando a lagôa enxuta, foram dois homens com lanternas ver o que havia. Acharam umas escadas e descendo-as encontraram uma espaçosa sala onde estavam 4 ou 5 figuras colossaes, apontando-lhe suas armas, pelo que elles largaram a fugir e ninguem mais tornou a querer investigar isto.

Tem foral, dado por D. Affonso III, em Coimbra, a 14 de setembro de 1265. Livro 1.º de doações de D. Affonso III, fol. 79 v., col 2.ª *in fine*. N'este foral se lhe dá o nome de *Agrellos*. A mesma etymologia.

**AGRO-BOM** e **VALLE-DE-PEREIRO**—freguezia, Traz-os-Montes, foi comarca de Alfandega da Fé, concelho de Chacim, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos. É terra de muitos figos e tem-se aqui desenvolvido muito a creação de bixos de seda.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo de Bragança, arcebispado de Braga. Era abbadia do real padroado e sua annexa a freguezia de Valle-de-Pereiro, que hoje está incorporada a ella.

**AGRO-CHÃO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama. 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

D. Diniz lhe deu foral, a 5 de julho de 1288. Livro 1.º de Doações de D. Diniz, fol. 234, col. 1.ª, *in fine*. Torre do Tombo.

Orago S. Mamede. Districto administrativo e bispado do Bragança.

Desde 1855 é da comarca de Vinhaes.

**AGUADA**—rio, Douro, nasce proximo á villa d'Aguada de Cima, de duas fontes (Cadaval e S. Martinho). Entra no *Cértoma*, junto a Aguada de Baixo, no sitio do *Campo do Barro*.

**AGUADA-DE-BAIXO** — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 25 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. N'este foral vem o de Bostello, Cadaval, Forcada, S. Martinho e Valle Grande.

Orago S. Martinho.

Districto administrativo e bispado d'Aveiro.

**AGUADA-DE-CIMA**—villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 25 kilometros ao N. E. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

No sitio da *Arioza*, d'esta freguezia, está o *Sanctuario das almas*, em cuja festividade se vêem carros de lavoura carregados de gente, dando voltas ao templo.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

Orago Santa Eulalia.

Districto administrativo e bispado d'Aveiro.

**AGUADALTE**—rio, Traz-os-Montes, nasce no sitio da *Malla* e desagua no rio de S. Mamede, termo de Villa Real.

**AGUADALTE**—ribeira, Beira Alta. Nasce com o nome de *Rio de Routar*, de uma fonte no logar de Villa Chã, e morre á ponte Fernando.

**AGUA DE BANHOS**—rio pequeno do Alemtejo, nasce nas abas de um pequeno outeiro que fórma a serra de Montargil, e desagua no Caia, perto da Torre do Mouro.

**AGUA DE MOURA**—Vide *Agualva*.

**AGUA DE PEIXES**—villa, Alemtejo, comarca de Beja. Situada em um valle. Era dos duques de Cadaval. Tem proxima uma grande matta, chamada *Cerrado d'Agua de Peixes*, (o povo d'aqui chama-lhe *Cernado)* com muitas azinheiras e sobreiros, enlaçados de grande silvedo, esteval e medronhal, que a fazem impenetravel. Cria javalis, lobos, corças, veados, rapozas, lebres, coelhos, perdizes, etc., etc. Tem 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo. Esta matta chega até aos olivaes de Vianna. É coutada dos mesmos duques, que n'esta terra têem um grande palacio, bom jardim, pomares, etc.

Teve até 1834 juiz ordinario, vereadores, escrivães e officiaes de diligencias, feitos pelos duques, donatarios. *Villa Ruiva* era uma pequena comarca a que este concelho pertencia, e eram donatarios de toda a comarca os duques, que até nomeavam corregedor.

**AGUA FRIA**—rio, Beira Alta. Nasce proximo da villa d'Alva e desagua no rio Sul, junto á villa de S. Pedro do Sul.

**AGUA LONGA**—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho de Coura, 40 kilometros a N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Payo.

Foi abbadia dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, que tinham grande numero de padroados. É sua annexa S. Thiago de Romarigães.

O seu clima é frio mas salutifero. (Carvalho diz que a gente d'aqui vive de 100 a 130 annos).

Cria bastante gado e colmeias, do mais não é muito abundante, por ser montanhosa. Muita caça. Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

**AGUA LONGA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Julião.

Terra fertil. Districto administrativo e bispado do Porto.

**AGUALVA**—aldeia, Extremadura, freguezia de Bellas, no patriarchado. Chamava-se a esta aldeia antigamente *Jardo* ou *Jarda* e n'ella nasceu, de paes humildes, o celebre arcebispo de Lisboa, D. Domingos, que d'ella tomou o appellido de *Jardo*. Foi chanceller-mór de D. Affonso IV, e a este illustre e benemerito varão se deve a fundação da universidade, que por suas diligencias se estabeleceu em Lisboa, no bairro d'Alfama, onde ainda hoje se chama *Escolas Geraes*.

Fundou tambem em Lisboa o hospital de Santo Eloy (hoje congregados) onde se acha sepultado. Morreu em 16 de dezembro de 1293. Querem alguns que seja a *Ceciliana* dos romanos. (Vide *Alcaçovas*).

Supponho que a *Agualva* ou *Agua de Moura* onde Plutarco diz ter existido a *Ceciliana Castra* dos romanos, não é esta, mas a *Agua de Moura* ao sul do Tejo, proximo de Setubal. Brandaud diz que as ruinas de *Ceciliana* estão entre os rios *Agualva* e *Agua de Moura*.

**AGUA REVÉS**—villa extincta, freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Montenegro, 63 kilometros ao N. E. de Braga, 325 ao N. de Lisboa. 100 fogos.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 12 de novembro de 1519.

Orago S. Bartholomeu.

Desde 1855 é do concelho de Valle Paços. Districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga. Eram donatarios d'esta freguezia os condes e senhores de Murça, que aqui punham juiz ordinario, vereadores e mais justiças.

**AGUAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha-a-Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros da Guarda, 270 a E. de Lisboa, 140 fogos. É situada em uma planicie.

Orago S. Marcos, evangelista.

Districto administrativo de Castello Branco, bispado da Guarda.

Tem uma muralha de alvenaria, em ruinas, e um reducto com duas casas dentro. Passa por aqui a ribeira Toulica. Tem aguas mineraes muito adstringentes.

**AGUAS BELLAS**—freguezia, Beira Baixa, era da comarca da Covilhã, concelho de Sortelha, 24 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. Districto administrativo e bispado da Guarda.

Desde 1855 é da comarca do Sabugal.

**AGUAS BELLAS**—villa, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zezere, 12 kilometros ao O. de Thomar, 60 ao S. de Coimbra, 145 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

É povoação muito antiga, pois já em 1394 tinha jurisdicção independente, o que consta da doação de D. Pedro I a Rodrigo Alvares Pereira, senhor d'esta villa, e feita n'esse anno. Situada em uma baixa, cercada de arvoredos fructiferos e silvestres, com muitas fontes, que a fazem fresca e agradavel.

Não ha memoria da sua fundação, só se sabe que foi *couto* e *honra* desde o principio da monarchia. Proximo a esta villa está a serra chamada *Valle do Asno*. Por a freguezia passa o rio Zezere.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 3 de março de 1513.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo de Santarem, bispado de Coimbra.

Tinha juiz ordinario, camara e mais empregados judiciaes. Era da coroa.

**AGUAS BOAS**—freguezia, Beira Alta, concelho de Satão, comarca de Vizeu, 310 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Espirito Santo.

Districto administrativo e bispado de Vizeu.

**AGUAS CELENAS** — Minho, cidade antiquissima dos povos bracharenses, situada ao longo do rio Cávado (que então se chamava *Celeno*). Faz d'ella menção o Itinerario de Antonino e é differente de outra do mesmo nome, na Galliza, perto de Lugo.

Distava 160 estadios de Braga, e parece ser das suas ruinas que se fez a actual villa de Fão.

N'esta cidade aportavam as esquadras romanas e em pequenos barcos transportavam pelo Cávado as suas mercadorias até Braga, e d'aqui levavam pelo rio abaixo o que lhes fazia conta.

Em Aguas Celenas residia um proconsul romano que governava toda a Galliza (como se vê do codice de Theodosio).

Aqui foram martyrisados os Santos Chrispulo e Restituto, pelos annos 63, no tempo de Nero.

**AGUAS FLAVIAS**—Cidade illustre que se diz estar antigamente situada nas margens do Tamega. É mencionada no *Itinerario* de Antonino, por estar sobre a estrada militar de Braga para Astorga. Segundo varios archeologos, das suas ruinas se fez a actual villa de Chaves. Vide esta villa.

**AGUAS FRIAS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre, 90 kilometros de Miranda, 440 de Lisboa, 250 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Villa Real, bispado de Bragança.

**AGUAS LAYAS** ou **AGUAS LUNAS** — Na *Carta geographica* de Abrahão Ortelio, se lhe chama *Aquæ Leæ Turudorum*, quasi em 40 graus de latitude e 11 de longitude.

Querem alguns que estivesse entre as villas de Monção e Valladares, o que não parece provavel.

Contador d'Argote, nas suas *Antiguidades de Braga*, julga ser esta a cidade de *Lais*, capital dos *turolicos*, e que existia onde hoje chamam S. Martinho de Lanhezes, no concelho de Caminha.

**AGUAS LIVRES** — Aqueducto monumental, e uma das maravilhas d'este reino. Vide *Lisboa*.

**AGUAS DE MAIAS** — aldeia do Douro, proximo a Coimbra. Estando em Coimbra D. Garcia (rei de Portugal e Galliza) vieram atacar a cidade os condes castelhanos *D. Nuno de Lara* e *D. Garcia de Cabras*. Saiu-lhes aqui ao encontro o conde *D. Rodrigo Dias* e seus irmãos (o conde *D. Pedro* e *D. Vermuiz*) e derrotam completamente os castelhanos em 1067. Vide *Coimbra*.

Vide *Historia de Portugal*, 1.º vol., e quando este reino deixou o nome de Lusitania para tomar o actual [1].

**AGUAS SANTAS** — freguezia, Minho, comarca de Povoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Districto administrativo e arcebispado de Braga.

**AGUAS SANTAS**—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

Esta freguezia e a sua matriz são antiquissimas. Diz-se que os templarios reedificaram a antiga egreja, que é a que ainda existe.

Já em 1130 havia a egreja de *Santa Maria d'Aguas Santas* (hoje é *Santa Marinha*) com seu prior e collegiada; e o seu prior, *D. Armigiro*, fez a 22 de fevereiro d'esse anno uma composição com o bispo do Porto, *D Hugo II*, dando-lhe um casal em *Parâmos* (Feira) pelo jantar que era obrigado a dar-lhe todos os annos. Isto por escriptura publica d'aquella data.

Havia aqui um antiquissimo mosteiro (ignora-se de que ordem e por quem foi fundado, e diz-se que teve principio no VI seculo do christianismo).

Passou a ser de conegos e conegas (mixto

[1] A «Historia» a que me refiro é a que deve publicar-se em seguida a este «Diccionario».

ou *dobrado)* de Santo Agostinho (cruzios) mas, por causa das immoralidades que n'elle se praticavam, passou em 1130 a ser só de frades da mesma ordem. Foi extincto pelos annos de 1300, que passou a *commendatarios*. Tendo os cavalleiros do *Santo Sepulchro* (hospitaleiros) sido expulsos de Jerusalém, pelos turcos, D. Affonso IV deu este mosteiro aos ditos freires, pelos annos de 1340, os quaes aqui fundaram um famoso hospital. (Mon. Lus. tom. 5.º, fol. 152, col. 3.ª) Parece que, ainda depois de ser de *hospitaleiros*, tornou a ter um collegio de cruzios, cujo prior era de apresentação regia, e foi outra vez mixto (de freiras e frades) e assim se conservou até 1492, em que D. João II o extinguiu, unindo-o á ordem de Malta, do qual foi commenda. Ha n'esta freguezia quatro beneficios *simples*, que eram apresentados *in solidum*, pelo commendador de Malta, vivendo cada *beneficiado* em casas separadas, com 140$000 réis de renda annual.

Junto á fonte da *Maia*, n'esta freguezia, houve um castello em tempos remotos.

A freguezia de S. Payo de Gouveia, era couto do mosteiro de conegos do Santo Sepulchro, d'Aguas Santas, por doação da rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, que a coutaram. N'essa doação se diz que os moradores de S. Payo de Gouveia só pagavam *Medietatem de homicidio, et de Rauso, et de merda in buca, vel de latrone: et vadunt in anuduvam Regis.*

A mesma senhora deu tambem ao mosteiro d'Aguas Santas, a egreja do Ladário. Vide esta palavra.

Este mosteiro e a sua cerca formam hoje uma bella quinta dos bispos do Porto, ainda chamada *quinta de Santa Cruz.*

É no districto administrativo e bispado do Porto.

Foi o unico mosteiro de cavalleiros do Santo Sepulchro que houve no reino.

**AGUAS THERMAES**—Ha em Portugal innumeraveis nascentes de aguas mineraes, muitas d'ellas rivalisando (senão excedendo) em qualidades therapeuticas ás melhores das nações estrangeiras; têem unicamente o defeito de serem portuguezas.

Uma grande parte das nossas aguas medicinaes foram aproveitadas e applicadas com proveito pelos romanos, e as sumptuosas *thermas* por elles construidas na Lusitania, em differentes partes, provam que os romanos olhavam com muito mais attenção para isto do que os governos gothicos e portuguezes.

Mesmo durante a longa dominação arabe tiveram as aguas mineraes lusitanas uma frequente concorrencia e applicação, o que é tambem attestado pelos vestigios de banhos que do seu tempo ainda existem em differentes partes.

Os arabes não só usavam dos banhos como meio hygienico e therapeutico, mas em cumprimento de um preceito da sua religião, que os obriga a varias abluções.

Não me consta que os governos de Portugal prestassem a menor attenção ás nossas aguas mineraes até quasi ao fim do reinado de D. João VI.

Em 1822 ordenou-se que se estudassem, inventariassem e analysassem as diversas aguas mineraes; mas pouco se fez.

Em 1827 deu-se ordem ás camaras municipaes que remettessem ao governo a relação das aguas mineraes existentes nos municipios. Tambem d'aqui nada resultou de utilidade publica.

Renovaram-se estas recommendações em 1860 e em 1866, com pouco melhor resultado.

Em 1866 o sr. João Baptista Schiappa de Azevedo, engenheiro de minas, analysou differentes aguas thermaes portuguezas e remetteu as amostras para a exposição de Paris, onde foram apreciadas.

Em setembro de 1867 nomeou-se uma commissão composta dos srs. Guilherme Klaas (chimico do ducado de Nassau, hoje Prussia, ao serviço do laboratorio da escola polytechnica de Lisboa) e dr. J. J. da S. Pereira Caldas, professor do lyceu de Braga, para proceder (a commissão) aos estudos da hydrologia mineral do reino, por meio do *sulphidometro* de *Dupasquier*, e n'esse mesmo anno publicou os *Estudos preliminares das aguas mineraes do reino.*

Este livro é interessantissimo, não só pelo seu objecto, mas, e principalmente, pela in-

contestavel competencia dos seus auctores.

Deus queira que os trabalhos d'estes tres sabios não sejam inutilisados pela incuria dos nossos governos.

Quem quizer ter noticias especiaes das differentes aguas mineraes de Portugal, veja no diccionario, nas terras onde existem as nascentes.

**AGUAS-VIVAS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

**AGUASIL** ou **ALGUAZIL**—Os arabes chamam *uazir* ao ministro de estado ou conselheiro do rei, a que nós chamamos *(vizir)* e *uasil* ao que adquire posto ou graça do soberano. Entre nós significa meirinho, beleguim, official de diligencias; mas juntamos-lhe o artigo *al.*

É por isto que muitos escrevem *alvazil* (Os arabes tambem diziam *alvazir* e *alvazil.* Na India corresponde a governador de uma cidade.

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, *alvazil* era o mesmo a que hoje chamamos vereador da camara. Tambem se escrevia *Guazil.*

**AGUDA**—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Maçans de D. Maria, 35 kilometros de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Foi antigamente villa e é do infantado.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de novembro de 1514.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Teve até 1834 juiz ordinario, camara e mais empregados judiciaes, tudo posto pelos infantes.

Diz-se que o seu nome lhe provem de *agúdea* (formiga com azas) por aqui haverem muitas.

É no districto administrativo de Leiria, bispado de Coimbra.

Era prestimonio dos infantes, que pagavam ao vigario (que era da sua apresentação) e ao de Avellar, ás fabricas de ambas as egrejas e outras miudezas.

Os dizimos eram para o infantado, que mais recebia de *propinas:* 6 arrobas de prezuntos, 3 milheiros de *verdeaes*, 1 milheiro de passas de pêra e outro milheiro de pecego, 2 alqueires de ameixas passadas e o mesmo de cerejas seccas.

O infantado nomeava as justiças.

Esta freguezia foi até 1640 dos marquezes de Villa Real, que a perderam (e tudo o mais até a vida) por traidores, passando então para o infantado.

Vide Caminha.

**AGÚDA** — serra, Extremadura. Tem 30 kilometros de comprido e 6 de largo. Tem minas de ferro, que se exploravam no fim do seculo passado, sendo a sua fundição perto de Avellar.

É de clima frio e desabrido; porém, assim mesmo, ha n'ella muitos logares, de differentes concelhos. Tomou o nome da freguezia da Aguda, que é proxima.

**AGUEDA** — rio, Beira Baixa, passa ao E. da freguezia de Escalhão, concelho de Castello Rodrigo. Divide Portugal de Castella e mette-se no Douro, no sitio de S. Martinho.

**AGUEDA** — rio, Douro. Tem seu principio em Campia, em duas ribeiras, uma que nasce na serra da Silveirinha, que, descorrendo por Agadão (d'onde toma o nome) se junta com o rio Alfusqueiro, que nasce na serra do Caramullo, e juntando-se ambos em Bolfiar (aldeia da freguezia de Agueda) ahi perde o nome de Agadão e toma o de Agueda.

Suas margens são na maior parte aprasiveis, cultivadas e ferteis.

A ponte que o atravessa na villa de Agueda é de cantaria, com cinco arcos. Tem outra ponte mais acima, feita em 1868, sobre a estrada real nova.

Depois de um curso de 36 kilometros, morre na ponte de Almear, onde se junta com o Vouga.

O padre Carvalho e outros lhe chamam *Sardão* (não sei porque.)

É o *Eminio* dos romanos.

É navegavel até á villa de Agueda; d'ahi para cima, só o póde ser por pequenos barcos.

*Sardão* é palavra arabe *(hardão)* lagarto, reptil.

**AGUEDA** — villa, Douro, districto adminis-

trativo e bispado de Aveiro, d'onde dista 18 kilometros a N. E., 40 ao N. de Coimbra e 245 ao N. de Lisboa.

Tem uma freguezia com 740 fogos e 3:000 almas, concelho 2:100 fogos, comarca 8:200.

Em 1660 tinha a villa 400 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Em alguns livros antigos (e ainda em um *Mappa Alphabetico das Povoações de Portugal*, publicado na Impressão regia, em 1811, anonymo, mas official) se dá a esta villa o nome de *Agueda de Cima*, isto para a differençar de *Agueda de Baixo*, que é o actual *Sardão*.

Situada em planicie, na margem direita do rio do seu nome.

Os campos dos seus arredores são bellos e fertilissimos. A matriz é um amplo templo de 3 naves. Tem bom cemiterio. A casa da camara é o melhor edificio da villa, cujas casas são, pela maior parte, baixas e as ruas estreitas, tortas e mal calçadas.

Em frente (ao S.) lhe fica a povoação do *Sardão*, que é um arrabalde da villa, com a qual communica por uma antiquissima ponte de pedra (vide Agueda rio.)

Agueda foi na antiguidade uma cidade episcopal importantissima, com o nome de *Æminium*, no tempo dos romanos.

Tem dois mercados diarios, muito concorridos. É muito abundante de peixe, que lhe vem do mar, em barcos d'esta villa, com o que faz grande negocio.

A sua fundação se attribue aos celtas, turdulos e gregos, 370 annos antes de Jesus Christo, que então lhe fizeram a ponte (mas não a actual.)

Parece que o seu primeiro nome foi *Anegia* e depois *Agatha*. (O concilio de Toledo, convocado em 609, faz mensão d'esta villa com o nome de *Ágatha*.)

Note-se que no Languedoc (França) ha uma cidade episcopal e porto do mar, sobre o rio *Erool*, chamada *Agda*.

Não longe de Agueda (no antigo concelho de *Eixo*, comarca de *Aveiro*) ha uma freguezia chamada *Eirol*. Isto tem-me feito scismar. Quem me diz a mim que alguns nautas francezes que subiram o Vouga e depois o Agueda (pela barra de Aveiro) pozessem a esta villa, em tempos remotos, o nome de *Agueda*, pela tal ou qual similhança que tivesse com a sua *Agda*, e á freguezia de *Eirol*, o nome do seu rio *Erool?*

Todo o mundo sabe que os nautas francezes percorreram por muitas vezes o nosso litoral.

Querem alguns que S. Pedro de Rates, bispo de Braga, lhe nomeou o primeiro bispo, no anno 44; mas isto é inverosimil.

A opinião mais seguida é que seu primeiro bispo foi *Possidonio*, no anno 589, (vide adiante, n'esta mesma villa) reinando na Luzitania o gôdo *Flavio Ricaredo*, irmão de Santo Hermenegildo, martyr.

Tem misericordia e hospital, fundada pelos duques de Aveiro.

Seguiu a sorte do resto da Luzitania, sujeitando-se aos diversos dominadores d'ella, até que D. Affonso I, rei de Oviedo, e seu irmão *D. Frucia*, a resgataram do poder dos mouros em 739.

Os arabes a deixaram quasi arrasada em 716.

Os godos a acharam quasi despovoada em 739, e D. Affonso I (cognominado o *catholico*, que era rei de Oviedo, Castella e Leão) a tornou a povoar. Já então tinha o nome actual.

A matriz é muito antiga; mas ignora-se quem a fundou.

A E. da egreja matriz está um cruzeiro antiquissimo, chamado *dos mortos*, com uma inscripção hoje illegivel.

Proximo está outro cruzeiro mais moderno (o do *Calvario*) de boa architectura.

*Alboacem-Hiben-Allamar*, regulo de Coimbra, fez conde de Agueda a um christão que governava esta povoação, mediante certo tributo.

Diz R. M. da Silva, na *Pobl. Gen. da Hesp.*, que as mulheres d'aqui eram muito formosas, e eu digo que ainda hoje são formosissimas.

D. Rodrigo da Cunha, fallando de Agueda, (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 1, cap. 2) diz que no anno de Jesus Christo 40, ou 41, veiu á Lusitania o apostolo S. Thiago e pozera por bispo de Braga a S. Pedro de Rates, e que este fizera bispos no Porto, *Eminio* e Tuy.

E no cap. 3.º, pag. 22, diz que no concilio Bracharense (422) se vê assignado *Pontonio*, bispo de *Eminio*. No terceiro concilio toledano (589) se assigna *Possidonio*, bispo de *Eminio;* vindo este portanto a ser o terceiro, e não o primeiro bispo de Eminio.

Se S. Pedro de Rates nomeou bispo para aqui (o que é duvidosissimo) não se sabe o seu nome. O primeiro bispo de que ha noticia em Agueda, é *Elarzo*, que em 412 assistiu ao concilio bracharense. (*Poblacion Ecclesiastica de Hespana*, por fr. Gregorio de Argais, cap. 95, pag. 118.)

No segundo concilio de Lugo (569) o rei godo Theodomiro, supprimiu o bispado de Eminium; porém vemos (como já se disse) 20 annos depois (589) no terceiro concilio de Toledo, figurar *Possidonio*, bispo de Eminium: o que mostra que, ou essa suppressão não chegou a ter effeito, ou o teve só depois da morte de Possidonio; pois é certo que não ha mais noticia alguma de bispo d'aqui, depois d'elle.

O allemão *Hubner*, pretende que Eminio fosse a velha Coimbra, o que é inadmissivel. Em 569 já a velha Coimbra estava destruida; e no segundo concilio de Lugo, convocado n'esse anno (como já disse) sendo supprimido o bispado de Eminium, passou esta cidade a ser uma parochia da nova Coimbra, e d'ahi a 20 annos já era outra vez bispado, o que não podia ser, se fosse a velha Coimbra, visto já não existir.

Foi conde de Agueda D. Arias, casado com D. Aldara (ou Ilduara) que foram paes de S. Rozendo e progenitores da antiquissima familia dos *Souzas*. S. Rozendo foi canonisado em 1195.

Do que está dito se vê que o actual nome de Agueda vem de *Ágatha*, nome proprio (romano) de mulher (em portuguez *Agueda*) ou de uma pedra preciosa assim chamada. A primeira hypothese é mais provavel. Talvez fosse alguma dama romana que désse o seu nome a esta povoação.

Estava tão decadente nos primeiros tempos da monarchia, que nunca teve foral: nem mesmo D. Manoel (que os concedeu a tantas povoações pequenas) chegou a dar foral a esta villa.

Apenas *se dignou* comprehendel-a no foral que deu a Aveiro, a 4 de agosto de 1515.

É pois o seu foral o mesmo de Aveiro.

Tinha juiz ordinario até 1834, e era da Universidade de Coimbra.

Feira no 1.º de maio.

Tem estação telegraphica municipal.

Assequins, villa extincta, pertence a esta villa.

**AGUIAN** — vide *Aguião*.

**AGUIÃO** ou **AGUIAN** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos-de-Valle-de-Vez, 35 kilometros de Braga, 390 de Lisboa 140 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo; districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

Chamava-se antigamente *Guey*.

Era vigariaria do abbade de Santa Eulalia, que apresentava aqui o parocho.

Está aqui a torre do sr. Francisco Lopes Calheiros, que foi solar dos *Aguiares*.

Tem de singular esta torre, estar no meio das casas da quinta de Aguian e os senhores das ditas casas pagam ao da torre um fôro annual, que este não tem querido nunca deixar *remir*.

A *casa da Aguian*, ou Torre de Aguião, tem sacrario na sua capella e d'aqui se ministra o Santissimo Sacramento á freguezia.

É casa antiquissima e das mais nobres da provincia do Minho. Foram modernamente senhores da Torre de Aguião, Jacome de Brito da Rocha, fidalgo da casa real e capitão-mór dos Arcos; João da Rocha e Brito, tambem fidalgo da casa real, capitão-mór dos Arcos; Simão Antonio da Rocha e Brito, fidalgo da casa real, alcaide-mór do castello de Nobrega e caudel-mór de Vianna, e finalmente o sr. Simão da Rocha e Brito, actual senhor (1873) e representante d'esta casa. As armas dos Britos são, em campo de púrpura, 9 lisonjas, em 3 pallas, e em cada uma um leão de purpura. Timbre, um dos leões das armas, com uma lisonja de prata.

As armas dos Rochas, são, em campo de prata, uma aspa de púrpura e sobre ella 5 vieiras de ouro, guarnecidas de azul. Timbre, a aspa das armas, com uma vieira no meio.

Ha outro solar dos Aguiares (com as mesmas armas) em Aguiar de Traz-os-Montes.

Aguião é portuguez antigo, significa *Norte*. Ainda nas provincias do norte se usa esta palavra e *guiárra*, que é vento norte.

**AGUIAR**—pequeno rio da Beira Baixa, que entra na esquerda do Douro acima do Côa,

**AGUIAR**—vide Neiva, Castello de Neiva e S. Romão de Neiva.

**AGUIAR**—vide Villa Pouca de Aguiar.

**AGUIAR**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 110 fogos.

Orago Santa Lucrecia.

No alto da serra existem as ruinas de uma torre (só os alicerces) que se chamou *Torre de Aguiar da Neiva*.

Districto administrativo e arcebispado de Braga.

Tinha foral, que lhe deu D. Affonso III, em 12 de julho de 1258.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

Foi abbadia da casa de Aborim.

**AGUIAR**—villa, Alemtejo, concelho de Vianna do Alemtejo, comarca, districto administrativo e 24 kilometros ao S. O. de Evora, 12 ao N. de Alvito, 100 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Está situada em bonita e fertil planicie. D. Diniz lhe deu foral em 1287, que D. Manoel reformou em Lisboa, a 20 de novembro de 1516.

É abundante em cereaes, fructas, gado e caça.

Bispado de Beja.

Foi dos *condes-barões* de Alvito, que lh'a trouxe em dote D. Maria de Souza Lobo, que casou com João Fernandes da Silveira. (Vide Alvito.)

N'esta villa ninguem se tente a perguntar quantas horas são.

O seu nome primitivo era *Agar* (nome proprio de mulher na lingua arabe) e Agar se lhe chama no foral velho.

D'esta villa se descobrem, para o N. Evora e Evora-Monte, para E. o Outeiro, para o S. Vianna e para o O. Alcáçovas.

Os marquezes do Louriçal apresentavam os parochos. Mas os senhores donatarios da freguezia, eram os marquezes de Alvito, e á villa d'este nome estava judicialmente annexa á de Aguiar.

Foi aqui prior o insigne antiquario *André de Rezende*.

Entre esta villa e a de Vianna está a via militar romana, que ia de Beja para Evora, e da qual ainda ha vestigios.

Em outubro de 1860, esteve aqui o Sr. D. Pedro V, com seu irmão, o infante D. João.

Chegaram inopinadamente, sem serem esperados. Foram para casa do parocho, que não tinha que lhes dar senão pão e queijo (da terra) e isso mesmo foi preciso ir-se comprar fóra, e em toda a villa não appareceu de repente mais nada. Os viajantes comeram o queijo e beberam o vinho por uma *canada* de barro por vidrar!

**AGUIAR**—rio, Beira Baixa. Nasce em S. Pedro do Rio Secco, e conserva o nome de *Rio secco* até ao sitio das Juntas (limites de Vermiosa) e d'aqui até se metter no Douro (na aldeia de *Calábre)* toma o d'Aguiar.

Tem 36 kilometros de curso, e é abundante de varias especies de saboroso peixe.

Junto á sua foz e sobre um alto e penhascoso monte estão as ruinas de uma grande povoação murada. Querem uns que fosse a antiga cidade de *Ravena*, outros (com mais criterio e melhores provas) a cidade episcopal de *Caliabria*. Vide esta palavra, Almendra; Castello Melhor e Urrôs.

**AGUIAR DA BEIRA**—villa, Beira Alta, comarca de Trancoso, situada na alta serra da Lapa, d'onde se descobre a villa de Linhares (a 40 kilometros de distancia) Guarda e Trancoso (a 12 kilometros a O.)

Dista da serra da Estrella 12 kilometros, 30 de Vizeu, 310 de Lisboa. 250 fogos. Concelho 1:600.

Orago Santo Eusebio.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

Esta villa, ainda que pequena, é muito antiga. D. Thereza, mãe de D. Affonso I lhe deu foral em 1120, confirmado por D. Affonso II em Santarem, em 1220, e que D. Affonso III e sua mulher reformaram em 12 de julho de 1258.

Viterbo diz que o seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques; mas é provavel que fosse sua mãe e elle, como era costume.

Aguiar já era concelho e já tinha castello no tempo do nosso primeiro rei; mas parece-me que era o castello romano, e que o mais moderno é obra (e não reedificação) de D. Diniz.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1502 ou 1512.

Tem um castello feito (ou reedificado) por D. Diniz, que foi muito forte. Tem casa de Misericordia, que é antiquissima.

Os nossos primeiros reis concederam grandes privilegios a esta villa. Tem um bom chafariz, feito em 1577. No meio da villa ha um poço antiquissimo, com suas ameias e n'ellas as armas de Portugal, e sobre o mesmo poço tem um passeio que serve de praça á camara e ahi mesmo fica a celebre torre do relogio, muito antiga, muito alta, de boa cantaria e muito bem conservada. Está pegada á casa da camara.

Esta villa foi dos condes de Vimioso, que apresentavam as justiças; mas depois passou para a casa do infantado. Foi tambem cabeça de condado.

Proximo ao logar de *Sismeiro* (onde hoje está a capella da *Senhora do Mosteiro)* esteve um convento de freiras benedictinas, parte das quaes *Almançor* fez martyrisar em 985, levando captivas as restantes, que foram remidas no combate da *Veiga da matança*.

Este convento foi pelos annos de 1600 dado aos jesuitas, e por a sua extincção se deu aos bispos de Vizeu.

Ao pé da capella de *Nossa Senhora do Castello* estão as ruinas de um castello romano, de cantaria. Tambem perto d'esta capella existiu a egreja de S. Pedro (ainda existem as ruinas da antiga matriz e da respectiva residencia n'um pequeno valle, ainda chamado de S. Pedro, ao sul da villa) antiga matriz da freguezia, que por ser distante da villa, e por se partir a commenda de Christo (do real padroado) metade para Santo Eusebio de Aguiar e metade para S. Pedro de Coruche, foi abandonada, erigindo-se em egreja parochial a de Santo Eusebio.

As más linguas, porém, attribuem o abandono da egreja de S. Pedro ao apparecimento da *cabicanca*, celeberrima e medonha passarola, que atterrou os aguiarenses.

Conta-se assim o caso.

Appareceu aqui, ha seculos, uma cegonha que foi fazer o seu ninho na torre da egreja matriz (S. Pedro) como é do costume d'estas aves.

O povo ficou horrorisado á vista de tão monstruoso passaro (a que deu o nome de *cabicanca*) e não só deixou de ir alli á missa, mas até de transitar por aquelles sitios. O mesmo parocho fugiu da residencia com a sua familia, e foi celebrar os officios divinos na capella de Santo Eusebio, ao N. da villa e actual matriz.

Andava o povo assim atterrado, quando aconteceu passar por alli *Martinho Affonso* (de alcunha *Escorrupicha*, e de profissão almocreve) armado de uma espingarda, arma recentemente descoberta.

Vendo elle que a villa estava mergulhada em profunda magua, desamparando o povo d'ella a agricultura, os negocios, os divertimentos etc., etc., e curando sómente de se preparar para o *juizo final*, que julgava proximo, se compadeceu de tanta *desgraça* e prometteu dar-lhe remedio.

Dirige-se á egreja, espera que o passaro saia do ninho, aponta, dispara e... zás! ferra com a *cabicanca* estatelada morta no meio do chão. O povo, ao estrondo do tiro e aos gritos victoriosos do *cabicanquicida*, corre em tropel a ver o enorme bico, o esgalgado pescoço, as longas pernas e o feio corpo do bicho. Todos o queriam ver ao mesmo tempo, pelo que houve pancadaria a valer (e dizem alguns que houve até mortes, mas o *auto da cabicanca* não o diz).

Não se póde descrever a alegria d'esta gente, nem as festas que fizeram a *Martinho Affonso*, que foi levado em triumpho por toda a villa, dando-se os mais freneticos vivas, muitos presentes e grande numero de garrafas de vinho (de que o almocreve pelos modos era grande amador) dizendo-lhe todos «escorrupicha» e elle escorrupichava, e d'isto lhe ficou a alcunha de *Escorrupicha*.

Passados oito dias das mais estrondosas demonstrações de jubilo e agradecimento, se foi o bom do meu amigo Escorrupicha seguindo a sua jornada, coberto de presentes, coroado dos louros da victoria e com um nome immortal que irá de geração em geração até á mais remota posteridade.

O parocho ficou pedindo em todos os domingos um padre nosso por *Martinho Affonso, destruidor da cabicanca.*

Advirto porém aos que forem a Aguiar da Beira e tiverem amor ás costellas, que não fallem alli na *cabicanca* nem no *escorrupicha*, senão, depois não se queixem!

A feira d'esta villa foi instituida por D. Diniz, pelos annos 1300 (quando fez ou reedificou o castello). Era ao principio no primeiro domingo de cada mez e durava tres dias. Tendo-se opposto o bispo (de Vizeu) por se fazer aos domingos, D. João I (em 1408) mandou que ella se fizesse nas segundas, terças e quartas (primeiras de cada mez).

Era vigariaria do real padroado e commenda de Christo.

**AGUIAR DA PENA**—villa (hoje extincta), Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Era uma povoação antiquissima. D. Sancho I lhe deu foral em março de 1206 e D. Affonso II em fevereiro de 1220. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de junho de 1515.

Villa Pouca não era então mais do que uma aldeia, mas foi prosperando e é hoje capital do concelho e comarca, e Aguiar da Pena foi reduzida a aldeia. Os foraes d'esta pertencem áquella.

No foral novo se trata das terras seguintes: Affonsim (ou Fonsim) Alagoa, Balloira, Balugas, Barbadães de Baixo, Barbadães de Cima, Barria, Bom-siso, Bornes, Bragundo, Calvos, Capelludos, Carrazedo do Alvão, Carrazedo da Sabugueira, Castello, Cidadelha, Condado, Coroa, Eyriz, Fontes, Freixeda, Gralheira, Grilhado, Goivães, Lago Bom, Monte Negrello, Monteiros, Nuzedo, Parada, Parada de Monteiros, Paredes, Penduradeiro, Penoasal, Pontido, Povoação, Reverdechão, Saberoso, Santa Martha, Soutellinho, Soutellinho do Monte, Soutello, Souto, Tinhella de Baixo, Tinhella de Cima, Telões, Tourencinho, Trandeiras, Vido, Villa do Conde, Villa Mean, *Villa Pouca* (hoje cabeça), Villarinho, Xudreiros (ou Enxudreiros) e Zimão.

**AGUIAR DE SOUZA**—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 18 kilometros a N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Foi concelho e julgado até 1650, extinguindo-se então, mas ficou sendo cabeça de concelho, que a Constituição de 1820 extinguiu, tirando-lhe o foro de villa. Esta terra era dos marquezes de Abrantes.

O ultimo representante d'esta nobilissima casa, o ex.^mo^ sr. D. José Maria da Piedade Alencastre, morreu de repente no fim de fevereiro de 1870. Era chefe do partido legitimista em Portugal e nunca quiz tomar o titulo de marquez, do governo liberal, morrendo com o nome de baptismo. Esta terra tinha primeiro sido dos marquezes de Fontes. Depois passou para a coroa.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa a 25 de novembro de 1513. Houve antigamente um castello com este mesmo nome, (de que ainda ha vestigios) na confluente do Souza com o Douro. Vide *Penafiel.*

Estava edificado sobre um penhasco, e junto d'elle consta ter havido uma villa de que hoje apenas existe a memoria, que era a capital do concelho, e foi despovoada por uma grande peste que houve em 1569. Vide *Castello de Aguiar do Souza.*

A egreja está na raiz da serra da *Cadella*, em sitio solitario e cercada de montes.

Orago S. Romão.

A um kilometro a S. O. e junto ao rio Souza, em um bosque com penhascos em ambas as margens do rio, está a capella de *Nossa Senhora do Salto*, que appareceu em uma gruta junto ao rio, a qual ainda hoje se vê e junto d'ella ha uma fonte de boa agua.

É no bispado e districto administrativo do Porto.

É povoação muito antiga, pois já em 10 de junho de 1269 lhe deu foral D. Affonso

III, que foi renovado e confirmado por D. João I, em 13 de março de 1411.

No foral novo (de D. Manuel) se trata das terras seguintes: Bairro, Bésteiros, Castellãos, Crastomil, Crestello, Cunha, Figueiró, Gandara, Gondalães, Guidaxe, Magdalena, Moriz, Novegilde, Parada, Pegueiros, Rebordosa, Recarey, São Payo de Casaes, Sanjomil, Santa Martha, S. Martinho do Campo, Sobrado, Souzella, Vandoma, Villa Cova e Vitarães.

Na aldeia de S. Mamede de Vallongo, d'esta freguezia, no topo de um monte, ha um poço muito fundo (diz o padre Carvalho) que secca de inverno e rebenta de verão.

Teve juiz ordinario e camara até 1650.

**AGUIAS** ou **BROTAS** — villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros de Arrayolos. Em 1855 (24 de outubro) passou a ser da comarca de Montemor-o-Novo, concelho de Mora, 35 kilometros ao N. O. de Evora, 90 ao N. E. de Lisboa, 130 fogos.

Está situada proximo do rio *Odivor*, que a banha e fertilisa. D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 20 de novembro de 1519.

Tem uma notavel torre, com suas ameias, guaritas (ou almenaras) e 16 casas, todas de abobada, de muita solidez.

Não ha memoria da sua fundação. É um edificio formoso, de 17 metros de largo e 20 de alto, com quatro andares e em cada um uma formosa sala e quartos, tudo de abobada. A parede tem dois metros de grossura. É hoje palacio dos condes da Atalaia.

Bispado e districto administrativo d'Evora.

A villa é situada em um alto, mas cercada de montes ainda mais elevados. Era dos condes da Atalaia (marquezes de Tancos).

Principiou a ser concelho em 5 de setembro de 1361, desannexando-se da villa de Coruche; mas já muito antes d'isto tinha o titulo de villa. O chafariz foi mandado fazer pelos moradores de Elvas em 1659.

O terreno da freguezia é, na maior parte, coberto de bosques e produz por isso poucos cereaes. A egreja da villa de Aguias deixou de ser matriz, e ficou-o sendo Nossa Senhora das Brotas.

Pelos seus foraes tinham, até 1834, os moradores do concelho o privilegio de não pagarem *portagens* e de não darem soldados para o exercito. Vide *Brotas*.

Teve juiz ordinario e camara. Era da coroa.

**AGUIAS**—freguezia, Beira Alta. Foi couto que se extinguiu em 1834.

Convento de frades bernardos de *S. Pedro das Aguias* e cuja egreja é matriz da freguezia.

Passa por ella o rio Tavora, por entre penedias. Antes de 1834, só os taes frades n'elle podiam pescar, por ser *coutado*. Vide *Paradella* e *Tavora*.

Foi no seu principio, de monges bentos. É mosteiro pequeno, e reedificado no fim do seculo XVIII.

Situada na comarca de Trancoso. Era *isento*, com jurisdicção *quasi episcopal*.

**AGUIAS** (S. Pedro das) — Vide *Tavora*, *Salzêdas* e *Cabriz*.

**AGUIAS** (quinta das)—Extremadura, concelho de Belem, arrabaldes de Lisboa.

Sumptuosissimo palacio, deliciosa quinta e bellissimo jardim dos srs. viscondes da Junqueira, no sitio d'este nome, na margem direita do Tejo, freguezia de Belem. É das mais bellas vivendas da capital e de todo o reino.

Chama-se *quinta das Aguias* por causa de duas enormes aves d'esta especie, feitas de marmore e que rematam as columnas que fecham a entrada principal.

**AGUIEIRA**—pequena villa extincta, Douro. Pertence hoje á freguezia de Vallongo do Vouga.

*Aguieira* significa logar onde ha muitas aguias, ou exposto ao vento norte.

Tinha foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 6 de maio de 1514.

Tinha juiz ordinario, camara e officiaes de justiça, mas este concelho foi supprimido ha mais de 200 annos .Era da coroa.

**AGUIEIRA**—pequena villa extincta, Beira Alta. Pertence hoje á freguezia de Carvalhal-Redondo, comarca de Mangualde.

Foi antigamente concelho, da comarca e provedoria de Vizeu, a cujo districto e bispado ainda pertence. Era da coroa.

Teve camara, juiz ordinario e mais empregados judiciaes. Actualmente não é mais do que uma aldeia.

**AGUIEIRAS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama, 95 kilometros de Miranda, 435 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Catharina.

**AGUILHADA** — (e ainda mais antigo, agilhada) medida agraria antiga, particular do campo de Coimbra. Uma *aguilhada* correspondia a 2 metros da nossa medida actual. Media-se com uma corda a que se chamava *adival*. Ainda hoje em algumas terras do reino se usa esta medida.

**AGUILHÃO** — rio, Traz-os-Montes, limites da freguezia de Louredo, comarca de Villa Real. Nasce na serra do Marão, em tres fontes chamadas do *Corvo*, do *Libio* e dos *Fornos*. Desagua no Corgo, no sitio de *Pero Negro*. Seu curso é arrebatado e seu leito pedregoso. Tem bom peixe e parte das suas margens são cultivadas. Tem uma ponte de pedra em *Concieiro*, além de outras de madeira.

**AGUILHÃO** — rio, Minho, nasce no Marão, limite da freguezia de Canadello. Junta-se com tres regatos chamados *Campanhó*, *Forno* e *Cernado* e todos desaguam no rio *Olo*, no sitio chamado *Foz do Campanhó*; 6 kilometros de curso. Peixe.

**AGUILHÕES** — pequena serra, Douro, concelho de Bayão, nas abas do Marão. Tem 1:500 metros de comprido e o mesmo de largo. Produz matto e caça. N'ella está situada a freguezia de Teixeiro.

**AGUIM** — villa, Beira Alta, couto extincto, 275 kilometros ao N. de Lisboa, 300 fogos, concelho da Mealhada.

É povoação muito antiga, pois já a 24 de setembro de 1258 (1220) lhe foi dado foral, no claustro da sé de Coimbra, pelo deão e cabido da mesma sé. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.º de julho de 1514.

Optimo vinho chamado vulgarmente da *Bairrada*.

Tinha camara e juiz ordinario e vereadores e mais beleguins judiciaes, tudo nomeado pelo cabido de Coimbra, que era o donatario. É terra bastante fertil.

**AIAMONTE** — Vide *Ayamonte*.

**AIÃO** — freguezia, Minho, concelho de Felgueiras, comarca de Lousada, arcebispado e 35 kilometros de Braga, districto administrativo do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. João Baptista.

**AIDO** ou **EIDO** — Vide *Enxido*.

**AIRÃES** — freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 35 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 260 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

*Airães* (no singular *Airão*) Airão significa ramo de flores de pedras finas que as mulheres usavam antigamente nos seus toucados. Tinha o mesmo nome um grande pennacho que os homens traziam nos chapeus ou nos capacetes. Como muitos d'estes penachos eram de pennas de garça, tambem se lhe dava o nome de *garçotas*.

Era commenda de Christo e reitoria da mitra. Foi dada a Lourenço de Amorim Pereira, pelo muito que dilatou a entrega da praça de Monção, que governava, quando os gallegos a sitiaram em 1707.

**AIRÃO** (S. João) ou **AYRÃO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros de Braga, 345 de Lisboa, 75 fogos. Fertil.

Ha aqui o morgado do *Paço*, que foi da marqueza de *Fuente-el-Sol*, mulher do conde de Valencia, em Castella.

Para a etymologia, vide Airães.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

**AIRÃO** (Santa Maria) ou **AYRÃO** — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho e districto; 100 fogos.

Muito abundante de aguas e fertil.

(A mesma etymologia.)

Orago Santa Maria. É no mesmo arcebispado e districto do antecedente.

Ha n'esta freguezia um colosso vegetal, é um pinheiro, que tem 5 metros de circumferencia no tronco e 44 de altura.

Em junho de 1873 caiu sobre elle um raio que lhe fez algum damno. Esta magestosa arvore é do sr. Barthazar Machado da Silva Salazar.

**AIRAS** — vide Souto-Redondo.

*Airas* é corrupção de *Arias*, nome proprio de homem.

Os nossos antigos, e ainda hoje a gente rustica, fazia de Arias, *Airas*, de vigario, *vigairo*, de sudario *sudairo*, de escapulario, *escapulairo*, etc. etc.

**AIRE** — vide Ayre.

**AIRÓ** — serra e freguezia, vide Ayró.

**AIVADOS** — (ponte dos) Ponte natural formada pelo rio *Arcão*, que nasce do grande *olho de agua* chamado *Borbolegão*, 5 kilometros ao N. da villa do Grandola, no Alemtejo.

Esta bella curiosidade natural, feita em um rochedo calcareo (e de um arco) mostra, além do seu merecimento como obra natural, uma linda vista; porque a natureza, querendo aformosear a obra do rio *Arcão*, engrinaldou com heras o arco da ponte e guarneceu as margens do rio de alamos, freixos, carvalhos e amieiros. Por esta ponte póde passar um carro. Vide *Borbolegão*, *Diabroria* e *Grandola*.

**AJUDA** — freguezia, Alemtejo, bispado, comarca e concelho de Elvas, 150 kilometros a E. de Lisboa, 40 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ajuda, districto administrativo de Portalegre.

**AJUDA** — freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Figueiró dos Vinhos, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

**AJUDA** — freguezia, Extremadura, concelho de Belem, comarca e 6 kilometros a O. de Lisboa, da qual, sendo um arrabalde, póde dizer-se que fórma hoje parte.

É no districto administrativo e patriarchado de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Ajuda.

Tem 1:600 fogos, e 6:400 almas.

A egreja da Ajuda foi no seu principio uma capella, fundada por D. Manoel em 1:500.

Alguns escriptores dizem que esta freguezia foi creada por D. Affonso V em 1447, ou por o regente seu tio, o infante D. Pedro (tambem seu sogro) que morreu em Alfarrobeira.

Vide esta palavra.

N'esta freguezia está o magestoso palacio real da Ajuda.

Ainda em 1712 esta freguezia era extensissima, pois comprehendia Belem, Bom-Successo, Alcolena, Pedroiços, Junqueira, Alcantara, etc. etc.

(Vide Lisboa, onde está tudo o mais que pertence a esta freguezia.)

A freguezia da Ajuda era um rendoso curato, apresentado pelo cabido da sé de Lisboa. Como a freguezia era grande tinha trez *fabricas* para administração dos sacramentos, uma na egreja, outra no real mosteiro de Belem (Jeronimos) e outra no convento de freiras flamengas de Alcantara.

(Vide esta palavra.)

Estação telegraphica de 1.ª ordem, ou do Estado.

O real palacio da Ajuda foi principiado por D. João VI, sendo ainda principe regente, e foi elle quem lhe lançou a primeira pedra.

Havia aqui um antigo palacio dos nossos reis, do qual ainda ha restos no recinto do actual.

Posto que ainda nem metade d'este edificio esteja construido (a seguir-se a planta d'elle) póde afoutamente dizer-se que é um dos mais vastos e sumptuosos palacios reaes da Europa. A sua posição é elevada, e d'elle se disfructa um vastissimo, bello e magnifico panorama.

Para descrever tudo quanto n'este paço ha de notavel, seria preciso um volume maior do que toda esta obra e era certamente tarefa superior ás minhas acanhadas forças. Direi sómente, na *sala da acclamação* está um magnifico quadro, devido ao pincel de *José da Cunha Taborda*, de grandes dimensões, representando o acto da acclamação de D. João IV, que tem sido admirado por quantas pessoas da arte o teem visto.

No portico do palacio, estão em nichos de bello marmore 44 figuras, de tamanho quasi natural, muitas d'ellas do mimoso cinzel de *Joaquim Machado de Castro*, que são o enlevo dos olhos, fazendo algumas d'ellas a geral admiração, pela sua elegancia e pela delicadeza a que se poude fazer chegar varios objectos (como flores, cabellos, etc.) de marmore, como se fosse branda cêra.

A fachada que olha para E. (que hade ser a da esquerda, pois que a frente, concluido o risco, é para o Tejo, ao S.) deita para um vasto terreiro, e n'elle se teve por algum tempo a antiga patriarchal.

Nos restos do paço velho, construido por D. José I, está um theatro onde em Portugal se representou pela primeira vez opera lyrica italiana.

Foram primeiros architectos do real palacio da Ajuda, José da Costa, os dois Fabri, Manoel Caetano e Antonio Francisco Rosa.

Durante o reinado do Sr. D. Miguel I, deu este soberano grande impulso ás obras do palacio, com muito dispendio do seu *bolsinho*, unica fonte d'onde saia o dinheiro para ellas. Foi no tempo d'este tão infeliz como patriotico monarcha que se collocaram a maior parte das estatuas do portico e as que estão no timpano.

Consta de um documento official, que, só desde novembro de 1813 até ao fim de 1818, se gastaram nas obras d'este palacio réis 809:106$019, e as obras apenas chegavam ao principio do andar nobre, isto é, estavam feitas só as menos despendiosas. O Sr. D. Miguel I gastou talvez outro tanto.

Havia tambem aqui um collegio com 60 alumnos (orphãos) que o Sr. D. Miguel I vestia e sustentava e mandava instruir em desenho e em todas as artes e officios exercidos para as obras do palacio. Este collegio foi extincto em 1834, quer dizer, mandaram-se os alumnos para o meio da rua.

Desde 1834 esteve este magestoso edificio em total abandono até 1858, em que a nação pagou noventa e tantos contos (!) para remendos e concertos. (As más linguas sustentam que nem a terça parte d'esta quantia se gastou; o resto foi...)

Foi no palacio da Ajuda que teve logar em 26 de fevereiro de 1828, a sessão real em que a Sr.ª infanta regente, D. Isabel Maria entregou a regencia a seu irmão, o Sr. D. Miguel, depois primeiro do nome.

Teve tambem n'este palacio logar a imponente reunião dos Trez Estados do Reino (3 de maio de 1828) os quaes, julgando o Sr. D. Pedro rebelde e traidor a seu pae e rei e á sua patria, e como tal legalmente inhabil para ser rei dos portuguezes, proclamou como rei natural e legitimo, o Sr. D. Miguel I.

(Vide Hist. Chron. de Port. N'esta obra.)

N'este palacio residiu desde março até julho de 1833, o herdeiro legitimo do throno hespanhol, o Sr. D. Carlos V e sua real familia, que era, sua primeira esposa, a infanta D. Maria Francisca de Assis, de Portugal; seus filhos; a Serenissima Sr.ª princeza da Beira, D. Maria Thereza (filha primogenita de D. João VI) então viuva do infante de Hespanha, D. Pedro Carlos, e que depois veiu a casar com seu primo e cunhado, D. Carlos V, e finalmente o infante D. Sebastião, filho da princeza e do seu primeiro marido.

Havia n'este palacio um museu de historia natural, que em 1864 foi incorporado no museu publico agora estabelecido na Escola Polytechnica.

Tem tambem um jardim botanico, e, em um edificio contiguo ao paço, tem um gabinete de physica. Tudo isto feito pelo marquez de Pombal.

O primeiro director do jardim botanico, foi Domingos Vandelli, naturalista italiano e lente jubilado da Universidade de Coimbra; mas tornando-se traidor á sua patria adoptiva, por se bandear com os francezes, em 1807, foi demittido e desterrado, succedendo-lhe Alexandre Rodrigues Ferreira. Em 1811 foi feito director do jardim e do museu, o famoso naturalista portuguez, Felix de Avellar Brotero, tambem lente jubilado da Universidade de Coimbra, auctor da *Flora Lusitana* e de outras varias obras de grande merecimento. Morreu a 5 de agosto de 1828.

(Vide Tojal, Santo Antão do)

Proximo de um dos lagos do jardim estão duas antiquissimas estatuas de guerreiros (collocadas aos lados da porta que dá entrada para o terreiro.) São de granito e cinzeladas toscamente. Alguns attribuem estas estatuas aos phenicios; mas é mais provavel ser obra dos antigos lusitanos.

(Vide Montalegre.)

Proximo ao palacio está a Tapada da Aju-

da, vasta e murada, estendendo-se pela encosta da serra de Monsanto, até quasi á ribeira de Alcantara. Consta de uma bella matta, cortada por espaçosas ruas, e terras lavradias, com as necessarias officinas e as casas do almoxarife, que é administrador da Tapada.

Foi mandada fazer pelo marquez de Pombal, para D. José I alli ir caçar, exercicio de que muito gostava.

É n'esta freguezia e proximo ao palacio real, a egreja de Nossa Senhora do Livramento e S. José, vulgarmente chamada *Egreja da Memoria*, fundada por D. José I, em acção de graças por escapar (apenas gravemente ferido) do attentado de 3 de setembro de 1758 (pelas 11 da noite) indo o rei em carruagem, da quinta do *Meio* (Belem) para o palacio da Ajuda.

Os tiros foram-lhe dados na Calçada do Galvão. Vide Hist. Chron. d'esta obra, e Lisboa. Vide tambem *Chão Salgado.*

Foi posta a primeira pedra no dia 3 de setembro de 1760. Levou esta pedra uma inscripção latina, que por extensa não copío. (Quem quizer ler isto por miudo, veja o n.º 7 do 2.º vol. do *Archivo Pittoresco.*) A esta ceremonia assistiu o rei, toda a côrte e immenso concurso de povo.

Na bocca do throno ha um grande painel allegorico ao attentado de 3 de setembro, pintado por *Pedro Alexandrino.*

Foi concluida esta egreja no reinado de D. Maria I. É pequena e de um só altar; mas obra sumptuosa.

Tinha (e não sei se ainda tem) um capellão, com 300$000 réis de renda e com a obrigação de aqui dizer uma missa todos os dias. Um sachristão com 80$000 réis e um *faquino* com 36$400 réis. Teem todos tres casas de residencia, feitas para isso, proximo da egreja.

Tudo quanto faltar na Ajuda, achar-se-ha em Belem e em Lisboa.

**AJUDE** — freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros a N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Orago Nossa Senhora.

Arcebispado e districto de Braga.

**AL** — Julgo indispensavel fazer aqui uma explicação a respeito d'estas duas lettras.

O artigo *al*, é uma particula inseparavel, isto é, nunca se acha só na oração; mas sempre anteposta a algum nome substantivo ou adjectivo, servindo para todos os generos, numeros e casos.

Elle faz que o nome indeterminavel fique restricto, vg. *Iskander*, o nome de Alexandre, *Al-Iskander*, Alexandre Magno. Rarissimas vezes deixa de ter esta força.

(É preciso não confundir o *al* arabe com o *al* portuguez. Este deriva-se do latim *allud* e significa *outra cousa.* Este era muito usado antigamente no fôro; vg. «*al* não disse» «Ponha-se em liberdade, não estando por *al* preso» etc. etc.)

Na lingua portugueza, a união do artigo *al* com o nome, formou um nome incomplexo ou indeterminado, vg. *o Almocadem*, *a Almofada;* considerando o artigo *al* como parte integrante da voz que compõe.

Assim viemos a juntar ao artigo *al* o artigo portuguez *o* ou *a*.

Nas palavras *Aldail, Alrabil* e outras muitas, os arabes, posto que assim as escrevessem, pronunciavam *Adaíl, Arrabil* etc., e nós, escrevendo-as como elles as pronunciavam, lhe supprimimos o *l*.

É porque taes palavras são das que os arabes chamam *solares*, que teem a particularidade de converter o *l* do artigo, em uma lettra similhante á que se segue, vg. se hão de dizer *Al-dail, Al-rabil, Al-dibo, Al-dufe, Al-sacal* etc., etc., dizem, *Ad-dail, Ar-rabil, Ad-dibo, Ad-dufe, As-sacal* etc. etc.

Do que fica dito se vê a razão porque ainda hoje muitas palavras se pronunciam e escrevem com o artigo ou sem elle, sem que n'isso se commetta êrro, vg. *celga, zarcão, lagôa* etc., ou *acelga, azarcão, alagôa* etc.

O *al* arabe está adoptado na lingua portugueza ha mil annos e o *al* latino ha mil e quatrocentos.

Peço humildemente perdão aos homens da sciencia, por estas divagações e, para elles, inuteis explicações; mas este livro é para o povo, para o nosso bom povo portuguez, a cuja classe me honro de pertencer,

e não lhe serão inuteis estas e outras noticias.

**ALA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 70 kilometros ao N. de Miranda, 410 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santa Engracia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era reitoria do real padroado. O reitor apresenta o cura de Brinço.

**ALA** — serra, Traz-os-Montes, junto ao logar de Viariz, districto da villa de Penas-Royas, comarca de Miranda. É tradição que aqui habitaram mouros e é certo que n'ella se veem ruinas de edificios, no cume da serra, com ruas e praças; e no fundo da serra se vê uma fonte que servia aos moradores, é d'ella se fórma a ribeira de S. Miguel.

Era provavelmente alguma antiga cidade das que hoje se ignora a situação, ou cujo nome e memoria se perdeu.

A serra actualmente só produz matto, caça, lobos, rapozas, teixugos, etc.

**ALAFÕES** — vide Lafões.

**ALAGOA** — vide Lagôa.

**ALAMO** — pequeno rio, Alemtejo, termo de Monsaraz. Nasce na serra do Ramo Alto, no baldio das Caldeiras.

Corre 6 kilometros ao O. de Monsaraz e morre no Guadiana, por cima do *monte dos Cordeiros.*

Passa tambem á freguezia de S. Pedro do Corval.

**ALANDRO** — *eloendro* (arbusto) vulgarmente, *loendro.* D'aqui, *Alandroal, Loendral, Londral, Landroal,* etc.

**ALANDROAL** — villa, Alemtejo, comarca de Estremoz. 34 kilometros ao S. de Elvas, 9 ao S. E. de Borba, 150 ao E. de Lisboa, 380 fogos, concelho 1:200.

Em 1660 tinha a villa 500 fogos.

Orago Nossa Senhora do Castello.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora, d'onde dista 30 kilometros.

Está situada na chapada de um monte, dividida em duas partes pelo castello. Á parte de cima se chama *Matta,* e está entre vinhas e olivaes; e á parte de baixo chamam *Arrabalde.*

Tomou o nome dos muitos *alandros* (eloendros) que havia na fonte chamada do *Mestre* (por ser do de *Aviz.*)

Antigamente escrevia-se *Lendroal.*

O seu castello tem sete torres em redor e a de *menagem* no centro, e trez portas, estando a principal entre duas torres.

Na torre da direita (ao entrar) está uma inscripção que diz: *Deus é, e Deus será; por quem elle fôr, esse vencerá.*

Mais acima está outra que diz: *Era 1332 (1294 de Jesus Christo) a 6 dias de fevereiro, começaram a fazer este castello, por mandado do mestre de Aviz, D. Lourenço Affonso, e elle pôz a primeira pedra, M. e. e. b. 3. e castello.*

Sobre outra porta está a cruz de Aviz, com duas aguias, dos braços da cruz para baixo, e d'elles para cima, dois grilhões (como os da ordem de Calatrava) e ao pé umas letras que dizem: *mouro me fez.*

A torre de menagem tem no meio uma cruz da ordem de Aviz, com esta inscripção: *Era 1336, (1298 de Jesus Christo) a 25 dias andados de fevereiro, fez este castello D. Lourenço Affonso, mestre de Aviz, á honra e serviço de Deus e de Santa Maria, sua madre, e das ordens do muito nobre Sr. D. Diniz, rei de Portugal e do Algarve (reinante em aquelle tempo) e em defendimento de seus reinos. Salvator mundi, salva mé.*

Na porta da torre que está sobre o muro em uma grande pedra branca, está esta inscripção: *Quando quizeres fazer alguma cousa, cata o que te é necessario e depois verás; e a quem de ti se fiar, não o enganes : lealdade em todas as cousas.*

D. João II lhe deu foral em Santarem, em 29 de abril de 1486.

D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de outubro de 1514.

Até 1834 era da comarca de Aviz, provedoria de Elvas, e tinha juiz de fóra. Era da corôa.

Tem misericordia, muito antiga, e hospital.

N'este concelho corre o rio *Lucefeci.* (vide esta palavra.)

Ha tambem n'este concelho, proximo da villa de Terena, uma capella de S. Miguel,

fundada sobre as ruinas d'aquelle célebre e antiquissimo templo feito pelos lusitanos e dedicado a *Endovelico* ou *Cupido.* (Vide Terena.)

D'esta villa se descobre Jurumenha, Olivença, Evora, Redondo, Monsaraz, Estremoz e Mourão.

A egreja matriz é dentro do castello e foi da ordem de Aviz.

Eram donatarios da villa os grãos-mestres de Aviz.

No caminho da fonte, que vae para o *Arrabalde,* ha vestigios de um hospicio, que fundou Diogo Lopes de Sequeira.

É tradição que nunca aqui houve peste. Em 1600 aqui esteve fugida a ella a duqueza de Bragança e sua filha, D. Isabel.

No fundo da praça ha uma formosa fonte com seis bicas de bronze, abundantissima de agua, cujas vertentes fazem moer lagares de azeite, regam hortas, jardins etc.

Ha outra fonte chamada *das freiras,* que rebenta de um rochedo, tambem muito abundante e com cuja agua se regam muitos campos. Entre esta fonte e a villa, ha um sitio a que chamam *Villares,* onde dizem que foi a primitiva villa. Ainda ali se vêem vestigios de construcções; mas hoje está tudo plantado de olival.

Ha n'este olival dois *algares* muito fundos, que hoje estão cobertos de abobada. Parece que n'elles tem principio as fontes da villa e que a agua se reparte por meatos subterraneos.

Na Granja, termo d'esta villa, se vêem alguns outeiros minados, o que mostra que os romanos ou arabes d'ali extrahiram metaes.

Ha ainda no termo d'esta villa minas de cobre, ferro, manganez e outros metaes. Algumas d'estas minas estão registadas e andam em trabalhos de pesquiza, e muitas outras estão apenas manifestadas na camara.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Bento da Contenda.

Passa por aqui a cordilheira de montanhas chamada *Ossa,* que se estende de E. a O. indo-se as suas ramificações perder no Guadiana, depois de percorrer os termos de Estremoz, Villa-Viçosa, Alandroal, Evora-Monte e outros. Esta serra é composta de altos montes e valles ferteis.

Tem 40 kilometros de comprido e 15 na sua maior largura. Foi a Thebaida dos religiosos paulistas. (Vide Ossa e Sernache ou *Cernache* do Bom-Jardim.

**ALANOS** — povos originarios da Asia, das proximidades do Caucaso, cujo chefe era *Gonderico.*

Atravessaram a Hungria e a Allemanha, reuniram-se aos suevos e aos vandalos, atravessaram a Gallia e estabeleceram-se na Hespanha e na Lusitania, sendo afinal vencidos pelos godos.

Segundo Ammiano Marcellino, eram *massagetes,* antigos povos da Scythia, áquem do monte *Imáo.* Segundo outros, vieram da parte septentrional da Scythia, onde estão os montes *Alânos.*

Entraram na Hespanha em 408. Eram crueis e sanguinarios. Em dois annos que durou a sua conquista, fizeram mais damnos á Hespanha do que 200 annos de guerra com os romanos. Assentaram a sua côrte em Merida; mas na batalha que lhes deu (proximo a essa cidade) *Vallia,* rei dos wisigodos, em 410, perderam o seu rei e grande multidão de gente, e os que escaparam se misturaram com os suevos, perdendo juntamente com o rei, o reino e o nome.

**ALARDA** — rio, vide Arda.

**ALARDO** — rio, idem.

**ALBAFOR** — portuguez antigo, do arabe *albachur,* significa incenso

**ALBARDOS** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 290 kilometros a E. de Lisboa, 70 fogos.

*Albardos* é derivado do arabe *albarde* (cousa fria.) Vem do verbo *barada,* ter frio. Orago Espirito Santo.

É no bispado e districto administrativo da Guarda.

**ALBARDOS** ou **ALVADOS** — Alguns escrevem *Alvados* mesmo por quererem escrever errado, para não dizerem *Albardos;* por julgarem que vem de albarda.

Deve só escrever-se *Albardos* que é o seu verdadeiro nome e muito proprio, pois o sitio é frio. (Vide, sobre etymologia, Albardos, freguezia.) Serra, Extremadura, na

comarca de Leiria. Faz parte da notavel cordilheira de Monte-Junto (o *Tagrus* dos romanos.)

É nos confins da villa de Truquel. Nasce junto á villa de Porto de Mós e finda em Rio-Maior, com 30 kilometros de comprido e 6 de largo. É aspera e fragosa.

Do alto d'esta serra (dizem os frades bernardos) fez D. Affonso I doação a S. Bernardo de todas as terras que d'aqui se avistassem até ao mar, em 1147.

No sitio onde o rei fez a doação se erigiu depois, para memoria d'ella, um arco de pedra, que ainda lá está, com uma inscripção commemorativa.

Chama-se ao sitio da serra onde está a memoria, *Arrimal.* (Vide esta palavra.)

(É provavelmente obra dos frades bernardos.)

Este facto (a doação) é contestado e contestavel.

Em 1793, fr. Joaquim de Santo Agostinho *(Mem. sobre os codices de Alcobaça)* prova que este voto é uma invenção dos frades bernardos. Vide *Dicc. Chron. e Crit.* de J. Pedro Ribeiro, tomo 1.º, pag. 54. *Quadros Hist.*, de A. F. de Castilho, nota á tomada de Santarem.

Esta serra lança um braço para o concelho de Truquel, chamado *Cabeço de Truquel.*

N'elle existe uma extensa gruta, formada por grandes rochedos, feita pela natureza e augmentada pela arte, em eras remotissimas, para habitação dos povos d'aquelle tempo, segundo é tradição, o que é provavel, visto que os povos primitivos não tinham outra casta de habitações.

Em 1869, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, distincto architecto da casa real, fundador da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e do Museu Archiologico, que está na egreja gothica do Carmo, em Lisboa, intelligente e zelozo amador das antiguidades patrias, fez aqui uma viagem, de proposito para investigar todas as particularidades da gruta, e se a sua existencia pertencia a épocas pre-historicas, como parece provavel.

Viu que a entrada da gruta está meio escondida pela rama de espessos arbustos e é baixa e estreita. A primeira gruta é uma especie de vestibulo, bastante alta; mas pouco espaçosa; porém, por uma abertura, praticada no rochedo, se passa a outra gruta muito mais vasta, tendo ambas, nas rochas que lhes formam a abobada, uns buracos por onde penetra o ar e a luz. Achou o sr. Silva, a pouca profundidade, uma camada de cinza (com alguns ossos misturados) de bastante espessura e occupando todo o centro da gruta. Por baixo d'esta camada de cinza achou uma de areia e por baixo d'esta outra de cinza e ossos, como a superior.

Em vista d'isto, é de suppôr que esta gruta fosse destinada para *necropoles,* ou jasigo dos restos mortaes d'esses povos primitivos.

Já era muito; mas o sr. Silva tinha fundadas esperanças de vir a descobrir instrumentos e outros vestigios dos tempos prehistoricos.

Como era noite, interromperam-se os trabalhos. No dia seguinte, quando o sr. Silva chegou á gruta com os criados e trabalhadores para continuar as investigações, viu que dos respiradouros da gruta saiam densas espiraes de fumo. Foram os pastores da serra, que julgando lhes iam roubar thesouros, que reputavam seus (apesar de na vespera, o sr. Silva lhes dizer que, se apparecesse algum ouro ou prata, lhe dava tudo a elles) tinham enchido a gruta de matto (para o que tinham trabalhado toda noite) e lhe haviam lançado fogo.

No dia seguinte voltou o sr. Silva, mas o fumo e o calor não deixaram penetrar na gruta; pelo que reservou a continuação dos trabalhos para o dia seguinte; mas recebendo um telegramma para regressar a Lisboa, ficaram, por emquanto, suspensas as suas investigações.

Por essa occasião, mostraram tambem ao sr. Silva na mesma serra, a distancia de coisa de um kilometro da gruta, um *dolmen,* perfeitamente conservado.

Foi um optimo achado, porque não havia conhecimento, nem memoria escripta, d'este monumento celtico n'aquella localidade.

Nascem n'esta serra tres rios, o Alcobaça, o Alcobertas e o de Rio-Maior. Ha n'esta serra uma famosa quinta chamada de *Valle-de-Ventos*, que foi dos frades de Alcobaça.

Esta serra é toda minada por *algares*. Tem muitas e boas pedreiras de bello marmore, produz muito alecrim, rosmaninho e pimenteira. Cria-se aqui bastante gado e tem muita caça e lobos.

No braço que lança para Truquel, ha uma lagôa que nunca secca e cria muitas sanguesugas. Ha n'esta serra uma extensa matta de carvalhos, que tambem foi dos frades bernardos.

Os povos visinhos d'esta serra lhe chamam geralmente Serra de Rio-Maior, por ficar proxima d'esta villa. Ao arco chamam *Rei da Memoria*, e nutrem fabulosas, e até disparatadas opiniões sobre a origem d'este monumento.

**ALBARRADA** — vaso com asas.

Os *Soares* teem por armas, em campo vermelho, duas albarradas de prata, de duas ásas cada uma, cheias de açucenas.

Tambem se chama *albarradas* á parede de *pedra sêcca* (sem cal.)

Ainda se dá este nome a uns montes de terra que os mouros põem entre as suas tropas e as praças que cercam, para as livrar dos projectis dos sitiados.

Os arabes chamam á *albarrada* (vaso) *uarrada (al-uarrada)* de *uardon*, rosa; por n'ella se metterem flores.

**ALBARRAN** — Nome de umas torres que havia no tempo de D. Pedro I, onde se depositava o dinheiro que sobrava das rendas da corôa. Havia uma no castello de S. Jorge em Lisboa, outra no Porto, em Coimbra, em Santarem e outras partes.

É palavra arabe «albarrãa» (cousa do campo). Tambem significa uma *sebôlla* silvestre; mas a esta chamam os arabes mais commummente «baçal-el-far» (sebôlla dos ratos.)

**ALBARRAQUE** — aldeia da Extremadura, a 4 kilometros de Cintra. Estão-se ali construindo (julho de 1873) muitas e formosas casas de habitação.

Esta povoação, uma da mais lindas e pittorescas dos arredores de Cintra, ainda não tem uma estrada que a ponha em communicação com Lisboa, Cintra ou outra qualquer povoação; pelo que, o povo d'aqui, vendo que nem as obras publicas nem o municipio tratam de occorrer a esta necessidade, urgentissima, pelo grande desenvolmento que vae tendo a terra, se cotisaram entre si, voluntariamente, para construirem uma tal ou qual estrada, de que tanto carecem.

Segundo alguns, *Albarraque* é alcunha de homem (arabe,) significa, o *leproso*. É derivado do substantivo *Albarás*, lépra. Frei João de Souza, porém, nos seus *Vestigios da Lingua Arabica, em Portugal*, diz que *Albarraque* é, sem corrupção nenhuma, palavra arabe, e que significa, *cousa resplandecente, lusída, brilhante*, derivada do verbo *baraca*, relusir, brilhar, resplandecer, lusir. O padre Carvalho Costa é d'esta mesma opinião na sua *Chorographia*.

Seja pois *Aldeia Resplandecente*. Nada de *lepra*, que é molestia terrivel (e, pelos modos, contagiosa.)

**ALBERGARIA**—appellido portuguez muito antigo e noblissimo n'este reino. Procede do seguinte:

A caridosa rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, vendo as grandes minguas que em Portugal soffriam os viandantes, pela falta de estalagens, mandou á sua custa edificar e dotar grande numero de albergarias, pelos sitios mais ermos e inhospitos, muitas das quaes ainda existem.

Já tambem sua sogra, a rainha D. Thereza, tinha fundado varias albergarias, nas provincias do norte. Sua neta (de D. Mafalda) a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, não cedendo na virtude da caridade, a sua avó e bisavó, tambem fundou diversas albergarias.

De todas estas senhoras existem ainda alguns d'aquelles simples mas uteis edificios, mais ou menos arruinados; porém testemunhas venerandas da caridade dos nossos antigos monarchas.

É por isto que alguns mosteiros, e varios fidalgos, querendo imitar a rainha na sua virtude da caridade (a principal das virtu-

des christãs) fundaram algumas albergarias, que tambem dotaram com rendas sufficientes para o seu custeamento.

De todas as albergarias fundadas por particulares ou congregações religiosas, a maior e mais ricamente dotada foi a de S. Bartholomeu, em Lisboa.

Foi seu fundador, pelos annos de 1154, D. Payo Delgado, que a erigiu em morgado, que ficou a seus descendentes, com a expressa e rigorosa obrigação de a conservarem no mesmo pé em que o fundador a deixou.

Por esta razão e porque a albergaria era edificada junto ao seu palacio, principiou o povo a denominar esta familia *os da Albergaria.*

D. Soeiro Fernandes, bisneto do fundador, foi o primeiro que se assignou *de Albergaria*, seu filho, D. Fernando, tomando o patronimico de Soares (filho de Soeiro) se ficou chamando D. Fernando Soares de Albergaria.

Eis aqui a origem dos Soares de Albergaria, de que hoje ha differentes ramos, sendo os principaes, os da Rêde, proximo ao Peso da Regoa; os de Travanca, sobre a margem direita do rio Paiva, no concelho de Sinfães; os de Refojos (hoje vivendo no palacio do Buraco, sobre a esquerda do rio Ul, freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis) e os de Areias, no concelho de Cambra. Os de Paradella (na freguezia de S. Miguel do Matto, no concelho de Arouca) desde o fim do seculo passado, em que herdou aquella casa uma senhora dos Azevedos, de Bayão, chamada D. Isabel Soares de Azevedo, principiaram a assignar-se, uns, Soares de Albergaria, e outros Soares de Azevedo. O bisavô do auctor d'esta obra, o dr. Manoel Soares de Albergaria, que era d'esta casa de Paradella, teve varios filhos e filhas, que uns se denominaram de Albergaria e outros de Azevedo. Meu avô materno, tambem nascido n'esta casa, mas filho segundo, chamava-se Francisco Antonio Soares de Azevedo e já o irmão primogenito e immediatos, Manoel, José e Antonio (todos tres doutores em direito) adoptaram o appellido de Albergaria.

Além d'estas familias, ha em Portugal muitas outras de Soares de Albergaria (que, pelo que se vê, é gente prolifica) que já não teem parentesco nenhum umas com outras, apesar de procederem do mesmo tronco. Seria fastidioso nomeal-as todas e limitar-me-hei a indicar o seu brazão de armas e suas modificações.

O ramo principal (Lisboa e Rêde) tem, em campo de prata, cruz vermelha floreada, orla do mesmo, carregada de 8 escudetes, das Quinas Reaes de Portugal. Elmo de aço aberto e por timbre uma serpe vermelha, voante, com uma cruz de prata, floreada, no peito.

Os de Cambra, do Buraco e outros muitos, trazem por armas, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, orlados de prata, e na orla oito escudetes das armas de Portugal e no centro um escudo de púrpura com uma cruz de prata floreada, no 2.º, em campo azul, tres flores de liz, de prata, e no 3.º em campo de púrpura uma arvore verde, tendo de cada lado dois leões rompentes, elmo de aço aberto, e por timbre um dragão vermelho aládo.

Os de Paradella, não sei porque, adoptaram as armas dos Azevedos.

**ALBERGARIA** — aldeia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 16 kilometros de Leiria, 110 de Lisboa. 21.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Albergaria significa casa onde se dá pousada gratuita aos viajantes. Deriva-se do allemão *hebergen* (hospedar), ou do árabe, *berege*, que significa descansar, recolher-se, juntar-se, abrigar-se.

**ALBERGARIA DAS CABRAS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, de onde dista 12 kilometros ao S., bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, 50 a E. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo de Aveiro.

Situada ao N. e proximo á serra da Freitá. Eram donatarias as freiras de Arouca.

É terra fria e esteril, apenas produz algum pouco trigo e senteio, algumas arvores enfezadas e matto. Em annos de chuva ainda dá algum milho. É terra muito pobre.

Nascem aqui tres regatos, que juntando-

se, formam o rio Caima. Tem bastante caça e lobos.

Perto da matriz (ao N.) se vêem umas casas arruinadas, que era uma albergaria, fundada pela rainha Santa Mafalda em 1280, pagando-se uma pensão a quem a certas horas da noite tocava uma buzina, para indicar aos passageiros perdidos que ali havia albergaria, e para que os não comessem os lobos.

Tambem na serra da Freita, nos limites da freguezia de Rôças, mandou a mesma rainha, e pelo mesmo tempo, fundar outra albergaria, para o mesmo fim e com a mesma pensão. A esta se chamava Albergaria de Rôças.

É d'esta casa que a freguezia teve o nome de Albergaria.

**ALBERGARIA DO CANTARO**—vide Cantaro, serra, Carvalho, villa.

**ALBERGARIA DOS FUSOS**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Cuba, 35 kilometros de Evora, 105 a E. de Lisboa, 40 fogos. Orago Nossa Senhora do Outeiro.

Bispado e districto administativo de Beja.

Foi dos duques de Cadaval, por compra que fizeram a D. Violante de Moura, abbadessa das freiras de Santa Clara, de Beja (que eram as suas primeiras donatarias) em 17 de dezembro de 1503.

Quem comprou isto, foi D. Alvaro, tronco da casa de Cadaval e o mesmo que comprou Agua de Peixe.

Foi esta compra feita por 200$000 réis, e confirmada por D. Manoel, em Almeirim, em 14 de março de 1516 e depois por D. João III, em 17 de agosto de 1525.

Cria-se aqui muito gado, grosso e miudo, e ha muita caça. Cereaes e frutas produz pouco.

Correm por o termo tres ribeiros chamados de Nossa Senhora, da Cegonha e de Odivellas.

Tinha juiz ordinario e vereadores, feitos pelos donatarios.

**ALBERGARIA DE PENELLA**—vide Penella, concelho.

**ALBERGARIA NOVA**—aldeia, do concelho e 10 kilometros ao S. de Oliveira de Azemeis, 275 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Passa aqui a estrada real de Lisboa para o N.

**ALBERGARIA VELHA**—(para a distinguir de Albergaria Nova, aldeia que lhe fica 10 kilometros ao N.) villa, Douro, comarca de Estarreja, 18 kilometros ao N. de Agueda, bispado, districto administrativo e 18 kilometros a N. O. de Aveiro, 54 ao S. do Porto e 255 ao N. de Lisboa, 700 fogos, 3:000 almas, concelho 1:600 fogos. O Orago Santa Cruz.

É povoação muito antiga, mas não se sabe por quem nem quando foi fundada. Como por aqui passava a estrada que os arabes fizeram em substituição da *via militar* romana, que ía mais ao O., e pelo que aquella se chamava *estrada mourisca*, é provavel que a fundação d'esta povoação date do seculo IX ou X. Durante a regencia de D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, já era povoação de alguma importancia. (Vide adiante, quando se trata do seu foral, e tambem sobre os assassinos e roubos feitos pelos de Val-Maior).

Não tem edificio ou monumento algum notavel. É fertil e os seus arrabaldes são bonitos. Atravessa-a a estrada real de *macadam* que vae de Lisboa ao Porto, e de Aveiro a Vizeu. Tem só uma rua, mas as casas não teem má apparencia.

Deu-lhe o nome uma *albergaria* (fundada por a rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, pelos annos de 1120) e que ainda existe á entrada da villa. Era para os viajantes pobres, aos quaes, trazendo guia, se lhes dava *um vintem*, e sendo padres *meio tostão*. Se estivessem doentes se curavam, e se não podessem andar, se lhes dava cavalgadura até á Misericordia mais proxima. Sobre a porta da Albergaria está uma inscripção que diz: *Albergaria de pobres e passageiros, da rainha D. Thereza.*

Dizem alguns escriptores que, quando a rainha D. Thereza aqui passou, e mandou fazer a albergaria, era aqui apenas um atalho deserto, onde os moradores de Valle Maior vinham assassinar e roubar os passageiros, e que foi para evitar estas mortes e roubos que a rainha mandou fazer a albergaria, que hoje é propriedade do municipio.

Talvez com effeito este sitio então estives-

se deserto e deshabitado; mas isso seria em razão das continuas guerras d'esse tempo; porém é muito provavel que aqui tivesse existido uma maior ou menor povoação, que tivesse sido abandonada.

Tinha quatro camas, mais dois enxergões, esteiras, lume, agua e sal, para quem aqui quizesse pernoitar, e os que aqui morriam, se lhes dava mortalha e enterramento, com officio de tres lições e missa, e mais tres missas de altar privilegiado. O corregedor (de Esgueira) vinha todos os annos inspeccionar isto.

Tem estação telegraphica municipal.

Franklin não falla em foral algum antigo ou moderno, dado a esta villa, mas é certo que a rainha D. Thereza lhe deu carta de doação, que lhe serve de foral, pelos annos 1124.

Pretendem alguns escriptores que o primeiro documento em que D. Thereza se intitulou rainha, foi n'esta doação, o que é erro. N'aquelles tempos todas as filhas dos reis hispanicos se denominavam rainhas, o que ainda se usou nos primeiros tempos da nossa monarchia. Em mais de um logar d'esta obra o provo, e muitos e muitos documentos antigos o evidenceiam.

Esta povoação tem em nossos dias tomado bastante desenvolvimento, devido á sua optima posição topographica, e ás estradas de Lisboa ao Porto e de Aveiro a Vizeu, que por aqui passam.

No fim do seculo passado ainda toda a freguezia não chegava a ter 400 fogos.

Fica a igual distancia das cidades do Porto, Vizeu e Coimbra, isto é, a 54 kilometros de cada uma d'ellas. Fica a 12 kilometros da estação do caminho de ferro do norte (Estarreja).

Tem os importantissimos estabelecimentos mineiros do Palhal, que emprega na sua lavra mais de 600 pessoas. Tem excellentes machinas de esgoto e a motora é da força de 120 cavallos. Em alguns pontos já chega á profundidade de 950 metros. Produz pyrites de cobre e cobre cinzento argentifero. Produz annualmente mais de 1:350 tonelladas de minerio. Tambem produz anda por 4 tonelladas de galena annualmente, cujo minerio dá em Inglaterra réis 90$000 por tonellada. Vide *Palhal*. Tem mais as minas de Telhadella e Carvalhal; e a 40 kilometros a E. as do Braçal, Malhada e Covão da Mó.

Está muito bem dotada de vias de communicação, o que concorre muito para o seu engrandecimento.

Tem um bom estabelecimento mechanico de serrar madeiras, dos srs. Ferreiras, e uma vasta fabrica de papel de todas as qualidades, cujo motor é a agua do rio Caima (confluente do Vouga) e cuja fabrica está quasi concluida (dezembro de 1872) sendo fundada já estê anno.

Tem tambem uma fabrica de louça ordinaria, dos srs. Henriques, situada em um logar muito ameno e pittoresco, chamado Biscaia.

Está-se tratando do encanamento da agua para abastecimento d'esta villa e os trabalhos já estão muito adiantados. É uma boa obra e de reconhecida utilidade publica.

Tambem anda em construcção o cemiterio publico, que era cousa que aqui não havia, sendo os enterramentos feitos nas egrejas, segundo o antigo, anti-hygienico e absurdo costume.

Ha aqui uma soffrivel philarmonica.

A egreja matriz nada tem de notavel. É seu orago Santa Cruz.

**ALBERNÚA** ou **ALBERNOA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 84 kilometros a O. de Evora, 150 ao S. E. de Lisboa, 140 fogos.

*Albernua* é palavra arabe, derivada de *barrelnaua* (campo do caroço) composto do artigo *al*, e dos substantivos *berr* (campo) e *naua* (caroço),

Orago Nossa Senhora da Luz. Bispado e districto administrativo de Beja.

**ALBIUBEIRA** — Vide *Alviubeira*.

**ALBOBOREIRA** (S. Silvestre de) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 145 kilometros a O. da Guarda, 165 a S. E. de Lisboa, 180 fogos.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem. Era curato do mosteiro de S. Vicente de Fóra. Fertil.

Tambem dão a esta freguezia os nomes de Albobeira e Albiubeira.

**ALBORDO**—aldeia, Beira Baixa, concelho e comarca da Guarda. Aqui nasceu em 1842, Feliciano da Assumpção *(o menino sem braços nem pernas)*. Não tinha os minimos vestigios d'aquelles membros. Escrevia com a penna mettida entre os dentes, e fazia letra muito legivel.

Viajou pela Europa e por muitas cidades de Portugal, ao collo de sua mãe, que vivia de o mostrar. Sabia muito bem ler, tinha excellente memoria e era vivissimo. Mostrava-se muito alegre e memorava com grande prazer as pessoas que mais o tinham obsequiado, principalmente senhoras. Tinha voz fina muito desagradavel.

Morreu na sua terra natal, em março de 1873, com 31 annos de edade.

**ALBORGE**—Vide *Alvorge.*

**ALBORNINHA**—Vide *Alvorinha.*

**ALBUFEIRA**—villa, Algarve, comarca de Loulé, 30 kilometros a S. O. de Faro, 12 a S. E. de Silves, 35 a E. de Lagos, 240 ao S. de Lisboa, 37° 7' lat. N. 11 de long. O.

Orago Santa Maria. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada na costa do Occeano Atlantico, sobre a chapada de um rochedo.

A villa está fundada sobre um pequeno valle, cercado por todos os lados de pequenos outeiros, que fazem com que só se veja quando se está a chegar a ella. A antiga povoação é dentro das muralhas e está collocada sobre um outeiro de pequena elevação, que pelo S. termina em escarpado rochedo, onde o mar vem bater furioso em occasião de tempestades. A povoação moderna é dividida ao meio por um pequeno ribeiro que nasce a 3 kilometros ao N. da villa, e sobre o qual tem uma ponte com dois arcos de alvenaria, que liga a povoação.

O terreno do seu concelho é pela maior parte montuoso e cheio de penedias e poucas arvores, e menos fertil que a maior parte do Algarve. 950 fogos, 2:700 almas, concelho 2:000 fogos. Feira a 3 de fevereiro, tres dias. É mesmo no centro da villa esta feira.

É praça d'armas fechada, sobre uma rocha sobranceira ao mar, com porto bem defendido dos ventos (menos leste) e podendo receber navios de pequena lotação. Tem um castello com casas dentro, onde moram varios habitantes da villa, e tambem lá está a casa da camara, cadeias e quarteis militares.

Soffreu muito com o terremoto do 1.° de novembro de 1755, mas foi depois reparada.

Hoje está outra vez em misero estado, ameaçando cairem as muralhas sobre a villa. Quando foi do terremoto, entrou o mar com tanta violencia pela villa dentro, que chegou a subir 10 metros. Repetiu o fluxo e refluxo por tres vezes e com tanta força, que fez desabar todas as casas á excepção de 27, que mesmo assim ficaram muito arruinadas. O povo tinha fugido para a egreja matriz; mas esta desabou, matando 227 pessoas. O bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar, mandou fazer á sua custa a actual matriz, que, estando concluida, é um dos melhores templos do Algarve.

Julga-se ser fundação romana (pelo menos já existia no tempo do seu dominio) com o nome de *Baltum.*

A muralha tem tres portas, a do *Norte*, a da *Praça* e a de *Sant'Anna.*

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 15.°

Produz alguns cereaes e é abundante em vinho, gado, caça e peixe.

Os arabes occupando-a em 716, lhe deram o nome de *Al-buhera*, diminutivo de *bahrem*, mar, por causa de uma grande lagoa que alli havia, formada pelas aguas que, nos temporaes, o Oceano arremessava para o interior. Outros querem que elles lhe chamassem *Al-Buhar*, (que significa tambem *mar*) mas acho mais provavel que fosse *Al-Buhera.*

Significa pois pequeno mar ou lagoa. Os hespanhoes escrevem e pronunciam esta palavra sem corrupção alguma, *Albuhera.* É preciso advertir que o *h* na lingua arabe é sempre *aspirado* e nós o substituimos ordinariamente por *f*. (Vide amostra de algumas palavras arabes, no respectivo capitulo.)

Foi conquistada aos mouros por D. Affonso III em 1250, dando-a logo á Ordem militar de Aviz, sendo então mestre d'ella Martim Fernandes.

A conquista d'esta villa pelos christãos a reduziu quasi á miseria, por lhe cessar o grande commercio que fazia com os portos

das costas africanas. Depois, foi tirando partido dos seus immensos recursos (sobretudo da sua abundante pescaria) e melhorou consideravelmente.

Eram alcaides-móres do castello, os condes de Valle de Reis, marquezes de Loulé. Já disse que castello e muralhas estão ameaçando eminente ruina e em risco de esmagarem as casas particulares feitas nas suas proximidades.

Tem Misericordia e hospital muito antigos. A egreja da Misericordia foi mesquita de mouros.

O seu porto fórma uma soffrivel enseada por duas linguetas de terra, que entram pelo mar, chamando-se Porchel á de E., e Baleeira á do O., mas não é muito abrigada.

Na preamar, as ondas vão mesmo bater nos rochedos sobre que está edificada a villa, mas na vasante fórma uma vasta praia.

Tem por armas uma vacca de ouro em campo azul. Diz-se que é em razão de se crear por aqui muito gado bovino.

A matriz (Nossa Senhora da Conceição) é construcção moderna e o melhor edificio da villa.

Debaixo das rochas que limitam a villa pelo S., ha uma caverna (chamada *Cova do Xorino*) para onde fugiram os mouros que escaparam ao ferro dos portuguezes, depois da tomada da villa.

Em 1833 poz cerco a esta villa o famoso José Joaquim de Sousa Reis (o *Remechido*) capitulando os liberaes a 27 de julho. Dizem que os guerrilhas do *Remechido* assassinaram então 74 pessoas. Este cerco tambem damnificou muito a villa.

Este *assassinato* das 74 pessoas, é noticia liberal; hade aqui haver cifra de mais, ou (o que é mais provavel) contaram como *assassinados* os liberaes que morreram no combate. Segundo os liberaes, o *Remechido* era um monstro roubando, devastando e assassinando tudo; mas o que é verdade incontestavel é que todo o povo do Algarve o amava, lhe dava *colheita* e nunca descobria ás tropas liberaes que o perseguiam, o seu paradouro (que elles muito bem sabiam) e foi isto que o fez sustentar quatro annos com meia duzia de *gatos*, mal armados e paizanos, contra as tropas regulares do governo, em grande força.

Adiante conto a razão porque os realistas assassinaram aqui varias pessoas.

Alem da matriz e da Misericordia, tem as egrejas de S. Sebastião e Sant'Anna e a capella de Nossa Senhora da Orada, esta a pequena distancia da villa e ornada de uma bonita lameda, um formoso adro gradado de ferro e dois ricos mausoleus mandados fazer por a sr.ª D. Maria Michaella de Brito. Junto a esta ermida se faz todos os annos, a 15 de agosto, a feira chamada da Orada, muito concorrida.

A agua da villa é de poço e salobra; mas na Varzea da Orada ha um de muita e optima agua, e outro ao N. no sitio da Bolota.

No tempo do figo veem aqui carregar bastantes hiates, que levam este genero para Villa Nova de Portimão e outras partes.

O primeiro barão de Albufeira, foi o tenente general José de Vasconcellos e Sá, por D. João VI, em 3 de julho de 1823.

Estação telegraphica municipal.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

O pequeno valle em que assenta a villa, é dominado por encostas pedragosas das alturas que lhe ficam a N., E. e O., terminando ao S. por altos e escarpados rochedos, em que bate o Oceano, no qual vae desaguar um ribeiro que corta a villa, e que aqui tem uma ponte de pedra de um só arco.

Em 21 de julho de 1329, lhe deu D. Affonso IV privilegio de *visinhança*, com o concelho de Loulé, e por carta de 29 de novembro de 1376, mandou D. Fernando I que os concelhos de Silves, Faro, Tavira e Lagos, partissem com Albufeira do pão que lhes viesse de fóra.

Antes de 1834 tinha juiz de fóra, governador militar, com quarteis, onde chamam *Villa a Dentro*, e n'este logar ainda ha restos dos muros do seu antigo castello. Tambem é aqui a *Praça*, casa da camara e cadeia, bateria (que serve de *registo*) etc.

Tem a villa algumas casas boas, feitas depois de 1755, pois o terremoto de então a deixou inhabitavel.

A matriz é priorado e tem tres beneficia-

dos, que até 1834 eram providos pela Mesa da Consciencia e Ordens, por ser da Ordem de Aviz.

Tem Misericordia, com 71$000 réis de foros, 124 alqueires de trigo e 5 arrobas de figos, de renda annual.

Além da feira da Orada, ha aqui a feira de S. Braz, a 3 de fevereiro, que dura tres dias e é muito concorrida, e na qual, entre varios generos, se vende muita carne de porco salgada. Tem tambem um bom mercado aos domingos.

—

Prometti dizer a causa porque os realistas aqui praticaram algumas barbaridades, em 27 de julho de 1833, ei-l'a:

Em 24 de junho de 1833, o conde de Villa Flor e Palmella, com uma brigada de 2:500 homens, desembarcaram em *Cacella* (Algarve). O commandante da 5.ª divisão do exercito realista, *visconde de Molellos*, general do Algarve, com forças muito superiores, abandona *cobardemente* o Algarve, não tendo plena confiança na sua gente (6:000 homens quasi todos de 2.ª linha) e desanimado pela traição do seu chefe de estado maior, *Francisco Cypriano Pinto*, com a maior parte dos officiaes de artilheria 2, que desertaram para os liberaes logo depois do desembarque d'estes, e pouco depois fizeram a mesma infamia o brigadeiro *Nuno Taborda* e *Augusto Xavier Palmeirim*, tenente coronel, e que ia para o Algarve tomar o logar de *chefe do estado maior* da divisão. De modo que os liberaes se assenhoraram do Algarve em 6 dias, sem resistencia!

(Vide Hist. Chron. de Port., no ultimo vol.)

No Algarve ficou *Sá da Bandeira* commandando os liberaes, e desde então até maio de 1834, houveram n'este reino varios combates, reconhecimentos e *charrafuscas*, distinguindo-se sempre os denodados e fidelissimos chefes realistas, *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira* e *Remechido*.

Tendo *Remechido* sitiado esta praça, a sua guarnição resistiu valorosamente, pelo que os realistas metralharam a villa, do que resultou o incendio de varias casas.

Tomada a villa, os liberaes fugiram para o castello, donde continuaram a fazer fogo sobre os realistas; mas accommettidos arrojadamente, tiveram de capitular no referido dia 27 de julho de 1833.

Arvorada a bandeira realista (isto é, a portugueza, que em sete seculos fluctuou ovante por todo o mundo) os liberaes largaram as armas e sairam em paz, sem a minima offensa.

Então um navio liberal entra a metralhar os realistas, que irritados por esta que elles reputavam traição, poderam pilhar 27 dos infelizes liberaes da guarnição do castello, e os assassinaram, escapando os outros porque fugiram a tempo. (Os 47 mais que os liberaes dizem *assassinados*, são provavelmente os que morreram defendendo a praça).

Mas, nem desculpo este acto barbaro dos realistas, nem reputo *traição* o acto praticado pelo navio liberal.

Os defensores do castello nenhuma culpa tinham no que praticavam os do navio, e este *estava no seu direito* fazendo fogo contra os seus inimigos.

—

A pequena enseada de Albufeira era defendida pela bateria da Baleeira, a O. (junto da qual ha uma grande mina de gesso) e a de S. João, a E. São dependentes da praça de Albufeira os fortes de *Pêra*, *Registo*, *Vallongo* e *Quárteira*, e as baterias de *Baleeira* e *S. João*.

No seu porto só entram lanchas. Pesca-se aqui muito peixe, que se exporta em grande quantidade.

Por alvará de D. Manuel, de 19 de fevereiro de 1505, foi doada ao duque de Coimbra, mestre da Ordem de Aviz, a *dizima velha* dos atuns e mais peixe que morresse nas armações do termo da villa.

Entre Albufeira e o forte de *Vallongo*, na praia, mesmo á beira do mar, rebentam umas nascentes de agua doce (a que chamam *Olhos d'Agua*) e já dentro do mar, na mesma direcção, e proximo rebenta outra nascente muito grande. A poucos passos d'ellas, para O., deram á costa, em março de 1780, dois cetaceos (*delphinus orca*) macho e femea. O primeiro tinha 55 palmos de comprido e 10 de alto, na parte mais grossa. Estes cetaceos são rarissimos nos mares da Europa meridional.

O seu termo não é tão fertil como algumas terras do Algarve; mas, ainda assim, produz excellente vinho, muito figo, algum sumagre, resinas, *gran de carapêto*, madeira de azinho, de pinho (do grande pinhal da *Quarteira*) muita hortaliça, fructa e caça.

Fabrica muito bom tijolo e telha, que exporta.

**ALCABEDECHE**—villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Cascaes, 25 kilometros a O. de Lisboa, 560 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

É palavra arabe *Alcaibedeique* composta de *alcai* (encontro) e *daeque* (apertado, estreito)—(Vide Condeixa Velha).

É no patriarchado. Districto administrativo de Lisboa.

Era dos marquezes de Cascaes. Está em logar elevado e d'ali se descobre Palmella, Cezimbra, Cabo do Espichel, monte da Arrabida, a serra de Cintra e os navios que entram e sahem a barra de Lisboa.

Tem valles muito ferteis; mas cercados de altos asperos e fragosos.

Tem duas fontes (entre outras) a que se attribuem virtudes medicinaes: a *da villa* é muito diuretica e cura a dor de pedra; e a de *Fartapão* cura a diarrheia (!)

O rio a divide em duas partes. A que fica para O. se chama *Villa-Velha*, e a de E. *Villa-Nova*. Os moradores de Villa Nova não tinham privilegio algum e pagavam aos marquezes de Cascaes 16 alqueires de pão em cada anno e os ceareiros o oitavo. Os de Villa-Velha tinham um privilegio dado por D. João I e por D. Manuel, pelo qual só pagavam, cada lavrador *meia jugada*, que são 8 alqueires de pão, e os *ceareiros* de 26 um. Nos vinhos tinham o mesmo privilegio, de sorte que os de Villa-Velha, de 125 almudes pagavam 4 e os de Villa Nova 8. A este tributo chamavam *quinau*.

Para os de Villa Velha gosarem este privilegio, eram obrigados a lerem-no todos os annos duas vezes publicamente; no logar das *Marchas*, no primeiro domingo de novembro, e na *Malveira* no domingo seguinte. Além d'isso eram obrigados a irem velar uma noite na praia da villa de Cascaes e duas ao *Castello dos mouros*, em Cintra!

É situada na costa do Atlantico, onde tem varias fortalezas, a saber: Forte de Santo Antonio da Barra, com seu castello, fundado sobre um rochedo que entra pelo mar dentro e fronteiro á fortaleza de Nossa Senhora da Luz. Tem armazens para deposito de munições de guerra e bocca, varios quarteis e agua nativa. Junto a esta fortaleza está o Forte de S. João, etc., etc.

Fica nos limites d'esta freguezia a serra de Cintra, e é cortada de 4 rios, que são—Penha-Longa, Porto-Côvo, Malveira e Manique.

Ainda aqui se faz actualmente a antiquissima e celeberrima *festa do imperador*, que tão popular foi em Portugal em outras eras. É uma mascarada soffrivelmente ridicula, e que custa acreditar fazer-se quasi ás *barbas* da capital e com annuencia e consentimento do parocho, que presta *menagem e preito* ao tal imperador, que é um desengraçado e estupido labrego, vestido carnavalescamente; mas que, apesar d'isso, tem seu throno dentro do templo!

**ALCABIDEQUE**—aldeia, Beira Baixa, proximo a Condeixa Velha (antiga Coimbra)—D'aqui ia a agua para a villa, quando era cidade, por grandiosos canos e aqueductos de pedra, obra dos romanos, dos quaes (aqueductos) ainda alguns estão de pé. Esta agua nasce em uma grande fonte, ao pé da qual ainda existe uma torre que os arabes construiram para a guardarem.

É a mesma etymologia de *Alcabedeche*, ainda que alguns dizem que quer dizer *agua de Deus*, mas é erro, porque então seria *Wad Allah*.

**ALCABRICHEL**—rio, Extremadura, freguezia do Ramalhal.

Nasce em Villa Verde, passa pelos *Olhos d'agua* de *Tremezinho*, recebe o ribeiro de *Villa-Facaia*, junto á *Pontinha*, o rio da *Quinta* (por passar por uma grande quinta, hoje destruida) e o de *Casal-queimado*, proximo ao *Casal das Pontes*. Suas margens são em parte cultivadas e ferteis e tem muito arvoredo.

É cortado por 6 pontes de cantaria, que são—a do *Machial*, a do *Ramalhal*, *Villa Facaia*, *Casal-de-Payo-Corrêa*, *Cunhados* e

*Vimieiro*. Tem uma de madeira em *Casal da Figueira*.

Morre na praia do *Porto-Novo* (Oceano) onde tem uma enseada que pode recolher navios d'alto bordo, pela sua profundidade e abrigo de duas grandes rochas que tem de cada lado.

**ALCAÇARIAS**—palavra arabe, casa feita á maneira de claustro, para alojamento dos mercadores, com uma só porta, que se fecha de noite. É derivada de *Caiçar* (Cesar) porque dizem que este imperador mandou edificar estas casas no Oriente.

*Miguel del Molino* diz que *alcaçarias* eram logares ou ruas onde os judeus só podiam comprar ou vender aquillo de que precisavam ou que pretendiam. Em Lisboa dá-se este nome a um sitio (onde ha casas de banhos) em que antigamente haviam cortumes. Talvez por ter alli havido o tal mercado para os judeus. Esta circumstancia fez errar Viterbo quando disse que *alcaçarias* eram *pellames* ou *atanoarias*.

O manancial d'aguas mineraes das Alcaçarias, em Lisboa, fica do lado oriental d'esta cidade, no *Terreiro do Trigo* a uns 60 metros da margem direita do Tejo. Rebentam de differentes pontos ao fundo da pequena collina sobre que está edificado o castello de S. Jorge. A maior parte d'estas aguas são encanadas para dois estabelecimentos conhecidos sob a denominação geral de *Alcaçarias*, mas que se distinguem entre si pelos nomes de seus proprietarios.—1.º *Alcaçarias do Duque* (de Cadaval). Estas rebentam por dois orificios do pavimento. Como as de *D. Clara*, do *Chafariz d'El-rei*, e outras que nascem proximas, teem a particularidade de expellir uma grande quantidade de azote, sendo em algumas nascentes tão consideravel, que em poucos minutos pode encher os gazometros com 12 a 15 litros. O gaz colhido nos orificios não contem nem oxigenio nem acido carbonico. Esta agua é limpida, sem cheiro nem sabor, e é levemente alcalina. Sua temperatura é de 34° centigrados, contendo por kilogramma de agua 0º,7128 de residuo fixo, composto de chlorureto de sodium, de sulphatos de cal, de soda e de potassa; de carbonato de cal, de magnesia e de silica.—2.º *Alcaçarias de D. Clara*.—A agua existe em grande abundancia, em reservatorios subterraneos, d'onde se extrahe, por bombas, para os banhos. É quasi certo que estas aguas teem a mesma origem das antecedentes, pois que as suas propriedades chimicas e a sua mineralisação são identicas. A temperatura das de D. Clara é de 33° centigrados, e contem por kilogramma, 0ᵇ,7275 de principios salinos com a mesma composição das do *Duque*, segundo a analyse feita na exposição de Paris em 1867.

**ALCACEMA**—é o braço de mar que fica atraz da *Torre-do-Bugio*, na barra de Lisboa.

É palavra arabe Alcacema derivada do verbo *caçama* (dividir)—significa, o que divide ou separa.

**ALCACER-DO-SAL**—villa, Extremadura, 270 kilometros a S. E. de Lisboa, a 40 da foz do Sado e da cidade de Setubal, em linda situação, na margem direita do Sado—780 fogos, 2:950 almas, em duas freguezias (Santa Maria do Castello e S. Thiago).

A egreja de Santa Maria do Castello foi feita por D. Affonso II em 1217, logo depois da restauração—a de S. Thiago foi edificada no reinado de D. João V, que concorreu para as obras.

Concelho 3:950 fogos, comarca 5:000—(Tinha em 1660 400 fogos.)

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

É cercada de muralhas com um castello, tudo desmantellado.

Grande commercio de sal e obras de esparto. Feira no domingo do Bom Pastor e a 10 de outubro, 3 dias.

A feira do Bom Pastor é franca. Ha então tambem uma festa ás Onze Mil Virgens.

Foi fundada pelos lusitanos no anno VIII de Cesar (30 antes de Jesus Christo) pelo modo seguinte:

*Bogud*, rei ou kalifa da Africa, entrando na Luzitania, levou tudo a ferro e fogo.

Havia aqui um templo dedicado á *Diana* ou *Salacia* (nas margens do rio), que os africanos profanaram; mas quando iam no mar para a sua terra soffreram grande naufragio,

no qual a maior parte d'elles pereceram, com as grandes riquezas que nos haviam roubado.

Os luzitanos entenderam que isto era milagre da deusa, e lhe reconstruiram logo o templo, fundando então a villa, a que deram o nome de *Salacia.*

(Uns dizem que se lhe deu este nome porque era um dos de Diana; outros que por haver aqui muito *sal.)*

Tambem ha quem diga que Alcacer foi fundada por *Tubal* (no anno 1801 do mundo ou 2203 antes de Jesus Christo—em 1873 faz 4076 annos!)—Dizem estes que Tubal, entrando a barra de Setubal, subiu pelo Sado e fundou uma povoação de *barro cosido* e troncos e folhas de arvores, á qual deu o nome de *Saldubal.*—Isto não é muito verosimil. Veja-se Setubal.

Conquistada pelos romanos, estes lhe deram o nome de *Urbs-Imperatoria* ou *Salacia-Urbs-Imperatoria,* porque Augusto Cesar lhe deu a cathegoria de *municipio do antigo direito latino.*

Foi cidade episcopal, sendo seu primeiro bispo S. Januario, martyr, no anno 300 de Jesus Christo.

No dia 7 de janeiro de 305 aqui foram martyrisados pelos romanos (sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o cruelissimo *Daciano)* o dito bispo S. Januario e seus companheiros Felix, Septimio e Fortunato, presbyteros.

Os arabes a conquistaram em 715. Construiram uma nova cerca em redor do castello, para abrigar amplamente a nova povoação, a que deram o nome de *Alcaçar de Salaria,* que depois se mudou para o que vae adiante.

D. Fruela I (ou *Froila),* rei de Oviedo lh'a tomou em 753, e *Abd-el-Raman,* califa de Cordova a reconquistou em 760. D. Affonso I a resgatou a 24 de junho de 1158.

Era tão forte o seu castello e tão corajosa a sua guarnição, que sendo investido por muitas vezes pelos christãos portuguezes, ajudados pelos cruzados, não se poude tomar. Ausentes os estrangeiros, não desanimou o rei portuguez, e tornando só com os seus, poz cerco formal, dando-lhe assaltos todos os dias, até que ao cabo de dois mezes tão forte assalto lhe deu, que a tomou, povoando-a logo de christãos.

Em 1165, estando D. Affonso I n'esta villa, sahiu com 60 homens de cavallo e alguns de pé, a descobrir terreno, até ao castello de Palmella (ainda em poder dos mouros). Encontrou-se com o rei mouro de Badajoz, que trazia um exercito de 60:000 infantes e de 4:000 cavallos. Apesar de tamanha desegualdade de numero, D. Affonso lhe deu batalha e os venceu, fazendo-os retirar em desordem.

O *miramolim* de Marrocos a tornou a tomar em 1191, e, finalmente D. Affonso II, com ajuda do aguerrido bispo de Lisboa, *D. Sueiro Viegas* e de *cruzados* inglezes, a recupera em 18 de outubro de 1217, depois de dois mezes de apertado cerco e de repetidos assaltos: e só se renderam os mouros (por capitulação) depois da derrota dos que vinham em seu auxilio, no *Valle-de-Matança,* onde foram completamente destruidos os *walis* de Badajoz, Jaen, Cordova, Sevilha e Xerez; morrendo dois d'elles e 15:000 mouros.

Outros duplicam esta conta, matando trinta mil mouros: outros, achando isto pouco, matam sessenta mil!

Ao sitio onde se deu esta memoravel batalha, se ficou desde então chamando *Valle-de-Matança.* É a 3 kilometros da villa.

A povoação porém ficou muito arruinada por causa da tenaz resistencia que os mouros fizeram, pelo que o rei a mandou reedificar e povoar de novo, dando-a á ordem militar de S. Thiago, da qual era então commendador mór *D. Martim Barregão,* que fez grandes proezas na tal batalha.

Foi depois feito commendador da ordem o grande D. Paio Peres Correia, o qual aqui fundou um convento da mesma ordem, que depois se mudou para Mertola e depois para Palmella.

O seu castello (que D. Diniz reformou em 1289) era fortissimo e muito alto; mas está muito desmantellado. Mesmo assim ainda é respeitavel, não só como monumento historico; mas porque no seu vasto ambito se vêem ruinas de grandes edificios arabes e outras antiguidades.

Está edificado sobre um rochedo sobranceiro ao rio, e d'elle se gosa um delicioso panorama.

O castello d'Alcacer era o mais forte da peninsula, no tempo dos romanos e arabes. Dentro d'elle se vêem alicerces de robustissimos muros. É sobre uma eminencia quasi toda de rocha, e pelo O. e S. cahe sobre o mar. Tem duas portas, uma para o N. chamada *Nova* e outra a E. chamada de *Ferro*. Tinha trinta torres de pedra, de mais de 25 metros d'alto cada uma, e uma no centro, de cantaria, de 27 metros de alto e 22 de largo.

Tem Misericordia, fundada por D. Ruy Sallema, commendador de Christo em 1530. Além do hospital da Misericordia, tem o do Espirito-Santo, administrado pela camara.

Tinha voto em cortes, com assento no banco 6.º

Aqui celebrou o seu segundo casamento o rei D. Manuel com sua cunhada a infanta de Hespanha, D. Maria, em 1501.

É patria do grande mathematico *Pedro-Nunes*, que aqui nasceu em 1492. Foi lente de mathematica em Coimbra e mestre do cardeal rei, de D. Sebastião, de D. João de Castro e do celebre Nicolau Coelho. Deixou importantes obras, em portuguez e latim, e morreu em 1577.

Foi nomeado cosmographo-mór em 1529 —publicou varias obras notaveis sobre mathematica applicada á navegação, que foram traduzidas em varias linguas—foi inventor do instrumento mathematico chamado *nonio*, que o francez *Vernier* depois pouco modificou; mas mesmo assim, deu-lhe o seu nome e por elle é lá fóra conhecido.

Alcacer do Sal tinha dois conventos, um de freiras *franciscanas (d'ara cœli)*, dentro do castello, fundado por D. Sancho I, pelos annos de 1200.

Em 1570 obteve *D. Ruy Sallema*, fidalgo da casa do infante D. Luiz (o mesmo que havia fundado a Misericordia) que D. Sebastião lhe desse os paços reaes, que estavam dentro do castello, ao pé do convento (onde morava o duque de Beja, D. Manuel, quando foi chamado ao throno) e com estes paços ampliou muito o convento. Era padroeiro d'este mosteiro Luiz Henriques de Miranda.

Tinha outro convento de frades franciscanos (proximo do antecedente) fundado por D. Violante Henriques, mulher do capitão D. Fernão Martins Mascarenhas, em 1524.

Outros dizem que foi D. Fernando Martins Mascarenhas e não sua mulher. Os fidalgos d'Alcacer tambem concorreram para esta fundação.—Dava-se a estes frades o titulo de xabreganos.

No tempo do imperio *ommyada* de Cordova era Alcacer cidade florescente e importantissima, e capital da extensa provincia de *Al-Kassr*, e tinha então um vasto arsenal, d'onde sairam grandes esquadras.

Os arabes chamaram a esta povoação *Cacer-ben-Danés* ou *Al-Kassr-ben-abu-Danés* (fortaleza do filho de Danés) e é d'aqui que lhe provém o nome.

*Cacer, al-cacer ou kassr*, significa não só fortaleza, mas tambem *palacio-acastellado;* porque n'aquelles tempos de guerras continuadas, os grandes se viam muitas vezes atacados nas suas proprias casas; pelo que as construiam em fórma de castello.

Affirmam os antigos escriptores que Alcacer, no tempo da sua prosperidade, occupava um ambito de 12 kilometros, e com effeito n'este espaço de terreno se encontram muitos vestigios de grandes edificios e se tem achado antiguidades romanas e arabes.

Tem consideravelmente decahido do seu antigo esplendor, por causa da insalubridade do seu clima, e pelo desmaselo dos governos e das camaras da villa. Tem deixado estragar os seus extensos pinhaes. Seus campos, outr'ora feracissimos, estão hoje tornados pantanos infectos e miasmaticos, e apenas parte d'elles produzem arroz. Já no tempo de Plinio ia em decadencia, pois que elle exaltando a sua passsada grandeza, diz que então se achava muito destruida.

Diz Plinio:—»*Salacia*, muito opulenta no imperio romano, hoje muito destruida, chamada *Alcacer-do-Sal.*»

Tem-se projectado formar uma companhia para enxugar estes pantanos (e por consequencia desinfectar o ar). Se isto se vier a realisar, certamente Alcacer readquirirá a sua antiga importancia, já como praça com-

mercial, já como ponto militar, que é, por ser a *chave* do Alemtejo.

Mesmo assim ainda faz grande commercio com Lisboa, Setubal e Beja, sendo o Sado navegavel até *Porto-do-Rei* (ou *Porto-d'El-rei)* 18 kilometros acima d'Alcacer; e pode dizer-se que apesar da sua decadencia da passada grandeza, ainda é uma das mais ricas villas de Portugal.

Tem por armas uma nau sobre ondas, e por timbre as armas de Portugal. Estas em memoria de ter a villa sido conquistada, a primeira vez, pelo proprio D. Affonso I, em pessoa. A náu, por ser porto commercial.

Outros dizem que em memoria da armada dos cruzados que ajudou á sua conquista, da segunda vez, quando foi tomada pelos portuguezes.

Sob as armas tem a seguinte legenda—«*Salatiæ, urbs imperatoria.*»

(Vide Sado e Setubal.)

O coronel liberal *Florencio* é aqui derrotado completamente pelo general legitimista José Antonio d'Azevedo e Lemos, em 3 de novembro de 1833: apenas Florencio e poucos mais escaparam.

Consta que *S. Mancios*, bispo d'Evora, veio prégar o Evangelho a *Salacia* no anno 300 de Jesus Christo, e n'ella fez bispo a S. Januario, martyr, e parece que muitos seculos continuou a ter bispos.

O Sado (ou *Sadão)* banha a villa pela parte meridional, quando já as suas aguas se confundem com as do Oceano, formando aqui um optimo porto de mar.

Foi muitos annos assento e cabeça da ordem de S. Thiago.

Tem tres *lezirias* chamadas, S. Martinho, Santa Catharina e S. Romão, todas fertilissimas.

*Leziria* é palavra arabe, corrupção de *Jazirát*—ilha ou terra alagadiça, cercada de agua. Duarte Nunes e Faria escrevem *Jezira.*—*Aljezira* (cidade hespanhola sobre o Mediterraneo) significa o mesmo. Os mouros lhe chamavam «*Jazirát-el-chadrá*» (a Ilha-verde).

Tem grandes *montados* de sobro, carvalho e azinho, correndo-lhe pelo meio duas caudalosas ribeiras (a de Santa Catharina e a de S. Martinho).—A outra leziria é regada com as aguas do Sado.

É o termo da villa abundantissimo de aguas (mas dentro da villa não ha fonte nenhuma!) e tem as serras do *Penedo*, do *Frade*, de *Villa-João*, dos *Mendes* e de *Penique*, abundantes de caça.

Gosavam os moradores d'Alcacer privilegio de não pagarem direitos do que compravam e vendiam em todo o reino, e os habitantes do castello eram além d'isso isentos de servirem qualquer cargo contra sua vontade; além de outros muitos privilegios dados por diversos reis e confirmados e ampliados pelo foral novo que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 23 de abril de 1516.

O primeiro foral que achei dado a esta villa, é um foral particular para os mouros forros, dado em Coimbra por D. Affonso I, em março de 1170, o qual foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, em dezembro de 1217.—O foral mais antigo que vejo da villa, com grandes privilegios é dado em Coimbra por D. Affonso II, em agosto de 1218.

O termo d'esta villa foi o maior do reino pois comprehendia as villas de Grandola, S. Thiago de Cassem, Villa Nova de Mil Fontes, Odemira, Alvalade, Torrão, Ferreira e Canha; além de muitas outras povoações menores.

Tem feira em abril, tres dias, e tinha o privilegio de n'ella não poder ninguem ser preso senão em flagrante.

Tem mais de 900 *marinhas*, que produzem uma porção immensa de sal.

Aqui nasceu, pelos annos de 1350, o grande *Mem Rodrigues de Vasconcellos* (filho de Vasco Mendes de Vasconcellos) mestre da ordem de S. Thiago.

Aqui nasceu tambem D. Nuno de Mendonça, um dos governadores de Portugal no tempo da usurpação dos Philippes, e que Philippe IV fez primeiro conde de Val de Reis, em 16 de agosto de 1628.

Produz o seu territorio optimo junco, de que se fazem bellissimas esteiras, que antigamente iam para França, Italia, e outras nações.

O concelho de Alcacer é composto de 18

freguezias, a saber:—na villa—Santa Maria do Castello, com 366 fogos—e S. Thiago, 411;—fóra da villa—Monte Vil, 226—Palma, 152—Sitimos, 108—Santa Suzanna, 102—Valle de Guizo, 180—Valle de Reis, 60—Cabrella, 201—Landeira, 50—S. Martinho, 78—Azinheira dos Bairros, 209—Grandola, 605—Sadão (S. Mamede) 75—Serra (Santa Margarida), 166—Odivellas, 130—Sadão (S. Romão), 310—Torrão, 520.

—

Na capella da egreja de Santo Antonio, pertencente áo convento dos frades franciscanos, existiu uma inscripção em letra gothica, que foi achada em 1844, pelo sr. dr. *Domingos Garcia Peres*, o qual a encontrou coberta de cal e encravada no lado exterior da parede (do sul) da referida egreja. D'alli a tirou e mandou ir para Setubal, onde hoje existe.

É do tempo do rei godo *Suintilla*, e diz assim:

SINTICIO FAMVLVS DII
COGNOMENTO DII DOMVM
PATERNO TRAENS LINEA GETARVM
HVIC RVDI TVMVLO JACENS
QVI HOC SECVLO XII
COMPLEVERAT LVSTROS
DIGNVM DEO IN PACE
COMMENDAVIT SPIRITVM
SVB DII VII KAL. AVGVSTAS
ER. DCLX TIB DETVR PAX A DIO

Quer dizer em portuguez:

«*Sinticio, famulo de Deus, por sobrenome Paterno—Casa de Deus—descendente dos getas, jaz n'este grosseiro tumulo, o qual* (Sinticio) *viveu n'este seculo 12 lustros, e entregou em paz o espirito a Deus, no dia* 7 *das kalendas de agosto, da era de 660*. (622 de Jesus Christo). *A paz te seja dada por Deus.*»

—

A egreja parochial de S. Thiago, com 3 beneficiados curados, quatro simples, thesoureiro, mestre d'orgão, professor de grammatica e mestre de doutrina christã, com partido do rei (até 1834).

A de Santa Maria do Castello tem 2 beneficiados curados, cinco simples, thesoureiro e organista.

Até 1834 tinha juiz de fora e os respectivos empregados subalternos.

A commenda do mestrado rendia 300 moios de pão (!) e d'ella se pagava aos clerigos, curas e beneficiados. A dos lagares de azeite, que rendia 300:000 réis, e pagava ao juiz de fóra.—A dos gados, era dos condes da Atalaya (marquezes de Tancos)) e rendia 600$000 réis.—Os dizimos do sal rendiam dois contos de réis e eram do mesmo conde.—A dos Martyres rendia 600$000 réis, e era dos condes d'Aveiras.

—

Era aqui o solar de um ramo da familia *Reborêdo* (ou Roborêdo).

Segundo alguns auctores, os Reborêdos procedem dos *Rebolêdos*, d'Aragão; parece-me porém que esta familia tomou o appellido da freguezia onde tinha o seu solar, que é S. João de *Roborêda*, concelho e 3 kilometros ao N. E. de Villa Nova da Cerveira, e sobre a margem esquerda do rio Minho—e que d'aqui procedem os outros ramos d'este appellido. Em Roborêda existe a *torre de Penafiel*. (Vide *Roborêda*.)

O primeiro que consta usasse d'este appellido foi Diogo de Roborêdo, que viveu no reinado de D. João II.

Trazem por armas, em campo de ouro, 3 ramos verdes de carvalho, em faxa, elmo de aço aberto, e por timbre, um braço armado de prata, com um ramo do escudo na mão.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo azul, uma palmeira de prata, sobre uma torre da sua côr, elmo de aço aberto, e por timbre a torre das armas.

Ainda outros Roboredos usam as armas seguintes:—em campo azul, um gripho de prata, com as azas abertas, elmo de aço aberto, e por timbre uma torre da sua côr.

Os Roboredos acham-se estabelecidos em diversas povoações de Portugal. As que me lembram, além das declaradas, são—Setubal, Alter do Chão, Torres Novas e Foz-Côa.

Tambem foi o solar dos *Rodovalhos*. A familia d'este appellido veio da Normandia (França). O seu appellido lá era *Rodoval*. Um tal *Rodoval* (não sei quando) veio estabelecer-se n'esta villa e aqui casou. Foi seu filho, Diogo Vaz Rodoval, que foi casar á villa de Vianna do Alemtejo. Rodoval corrompeu-se em Rodovalho.

Era familia nobre, e suas armas são — em campo de púrpura, 3 ferros de lanças, de prata, em roquete. Timbre, uma flor de liz, de purpura, elmo d'aço, aberto.

Outros Rodovalhos trazem por armas — em campo de oiro, um golphinho (ou um *rodovalho?*) da sua côr, sobre um contra-chefe de ondas de prata, ficando á superficie da agua. Elmo de aço aberto, e por timbre o mesmo peixe.

**ALCÁCEVA** — arabe — significa presidio, fortaleza, ou castello arruinado. *Alcáçova* significa o mesmo, mas emquanto se conserva em bom estado. (Vide *Alcaçovas.*)

**ALCÁÇOVA** — freguezia, Beira Baixa, concelho de Monte-Mór-Velho, districto administrativo e bispado de Coimbra, 380 kilometros ao N. de Lisboa, 370 fogos. — Orago Santa Maria. — Fertil.

**ALCÁÇOVA** — freguezia, Beira Baixa, concelho de Monte-Mór-Velho, districto administrativo e bispado de Coimbra, 380 kilometros ao N. de Lisboa, 330 fogos. — Orago S. Martinho. Fertil.

**ALCÁÇOVAS** — monte, Alemtejo, junto á villa do mesmo nome, do qual se descobre uma grande extensão da provincia, pela sua muita elevação (500 metros sobre o nivel do mar.) Do alto do monte se descobre a serra da Arrabida e a de Cintra, a villa de Palmella, o castello d'Alcacer do Sal, a torre de Beja, Evora, Evora-Monte, a serra de Odemira, etc. etc.

De algumas moedas e armas aqui apparecidas e de restos de alicerces, se collige ter n'elle existido algum templo ou edificio nobre no tempo dos romanos.

Ainda se vêem os restos de robustas paredes, fortalecidas por *botareus*. Em differentes épocas tem aqui apparecido moedas de ouro, prata e cobre, romanas e em todo o monte ha vestigios de construcções antigas.

*Alcáçova* é corrupção da palavra arabe *Alcasba*: significa fortaleza ou presidio. O padre Carvalho diz que aqui existiu um castello romano no sitio onde hoje está o convento. (Vide Alcaçovas, villa.)

Esta serra (como vulgarmente se chama) tem apenas uns 1:500 metros de circumferencia. É pedregosa e cheia de estevas e matto.

Aqui se fundou pelos annos de 1500 uma capella dedicada a Nossa Senhora da Graça, no mesmo sitio onde existiu o castello romano. Dizem outros que *D. Henrique Henriques*, pae de D. Fernando Henriques, foi o fundador do convento em 1520.

Pelos annos de 1541 a deu D. Fernando Henriques, senhor d'Alcaçovas, aos frades dominicos, que no sitio fundaram um convento da sua ordem, com a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Por baixo da egreja nasce, em um penhasco, a fonte chamada antigamente da *Rocha* e hoje *Fonte Santa*, pela efficacia que á sua agua attribuem para curar varias molestias, principalmente cutaneas.

N'esta serra se criam lobos, porcos javardos, corças, rapozas, gatos bravos, perdizes, coelhos, etc.

Este monte é na serra d'Ossa, e d'ella faz parte.

**ALCÁÇOVAS** — villa, Alemtejo, concelho de Vianna do Alemtejo, comarca e 24 kilometros ao S. O. d'Evora e 100 ao S. E. de Lisboa, 460 fogos, 1:800 almas. Feira a 13 de outubro.

É situada nas faldas da serra do seu nome, em logar quasi plano, alegre e sadio.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos; mas ha duvida, nos escriptores antigos, sobre o nome que aquelles lhe davam — uns dizem que era *Castraleucas*, outros que era *Ceciliana* (outros dizem que Ceciliana é Agualva). No meio d'esta barafunda de opiniões a mais seguida é que esta villa foi a antiga *Ceciliana.*

Segundo Ptolomeu (escreveu pelos annos 150 de Jesus Christo) era a *Castraleucas* dos romanos. *Castraleucas* quer dizer «*Castellos-Brancos*». Os arabes traduziram a palavra, chamando-lhe *Alcaçovas*, isto é — *Castellos*. (Vide Agualva.)

Quando os arabes invadiram a Luzitania, em 715, os habitantes d'esta villa lhes resistiram tenazmente; porém tiveram de ceder ao numero. Os mouros, em vingança da sua resistencia, a arrazaram até aos fundamen-

tos (716) e só passados annos se foi pouco a pouco edificando uma aldeia sobre as ruinas da antiga povoação.

Parece que os arabes lhe construiram o castello (hoje em ruinas) e que foi elle que deu o nome (incontestavelmente arabe) á actual villa. (Vide a etymologia, na serra d'este nome.)

Despovoou-se com as continuas guerras da edade media, e assim esteve até 1258; e então, D. Martinho, bispo d'Evora, a povoou e lhe deu foral (em 17 de agosto) ficando a pertencer aos bispos d'esta cidade; porém em 1271, D. Affonso III a tirou ao bispo D. Durão, fazendo-a da coroa, elevando-a á cathegoria de villa, e dando-lhe novo foral. Franklin diz que esse foral (o do bispo de Evora) foi confirmado, pelo rei, já se entende, em Evora, a 26 de abril de 1279.

É porém certo que D. Diniz reformou o foral d'esta villa, em Evora, a 28 de fevereiro de 1283 (que foi confirmado por D. Duarte, em Evora, a 25 de abril de 1435.)— Havia ainda um outro *Foral de costumes* dado a esta villa por D. Diniz, em Evora, a 15 de fevereiro de 1299. (Este foral é curiosissimo e digno de ler-se, para se conhecer o viver d'aquelles tempos.)

Pelos annos de 1290 D. Diniz reedificou, ou fundou o actual castello, fazendo dentro d'elle um palacio para si, que é agora dos condes das Alcaçovas. Quiz tambem cercar a villa de muralhas torreadas, para o que chegou a mandar arrancar muita pedra; mas a sua morte fez com que esta obra se não fizesse.

Em 6 de abril de 1457, se receberam n'esta villa as infantas D. Izabel e D. Beatriz, filhas do infante D. João e netas de D. João I —a primeira com D. João II de Castella, e a segunda com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte. Da primeira nasceu a celebre rainha de Hespanha, *Izabel a Catholica*, e da segunda o rei D. Manuel de Portugal.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de setembro de 1512, no qual determina que esta villa seja sempre da corôa. Este privilegio era a confirmação de outro egual que no primeiro foral lhe havia dado D. Affonso III e confirmado D. Diniz. (Vide adiante.)

Proximo d'esta villa, e entre ella e Evora, em um sitio a que chamam *Reguengo de Alcalá*, ha vestigios de uma grande povoação, que alguns suppõem ser a antiga cidade da Luzitania *Arandis*.— *Manuel Severino de Faria* foi o primeiro que descobriu estas ruinas.— Querem outros que *Arandis* é a moderna *Arrayolos*.

É a 13.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

D'esta villa se descobrem Beja, Villa Nova de Baronia, Vianna, Aguiar, Evora, etc.

A matriz foi fundada pelos annos de 1530 É situada fóra da villa, em uma pequena eminencia. É de tres naves e de abobada. A antiga egreja era muito mais pequena, e estava por detraz da actual. Orago S. Salvador.

A Misericordia foi fundada em 10 de setembro de 1551, segundo se collige de uma inscripção que está em um degrau do altar-mór.

D. Diniz aqui residiu por muitas vezes, no seu palacio, vindo passar os verãos a esta villa, e costumava ir ceiar muitas vezes ao pé da fonte do concelho.

Gostava muito d'esta villa e lhe deu muitos privilegios.

Aqui residiu tambem D. João II, e no seu palacio fez testamento em 20 de setembro de 1495, declarando seu successor o duque de Beja, D. Manuel.

Tambem aqui assistiu D. Affonso V, em 1447.

Apesar de tres foraes, que todos davam á villa o privilegio de nunca sair da corôa, D. João I deu esta villa (e outras muitas) ao grande D. Nuno Alvares Pereira, para formar com ella parte do ducado de Bragança; porém, no tempo de D. Affonso V, a deu o duque D. Fernando II, a seu irmão, a quem o rei fez marquez de Montemór. Por morte d'este marquez, tornou a villa á corôa no reinado de D. João II, que a deu a *D. Fernando Henriques*, por ser parente da casa real e por tomar Badajoz aos castelhanos, em tempo de D. Affonso V.

A fonte foi feita pela camara e alguns particulares em 1725.

Os campos do termo, são bellos e fertilissimos, regados por muitas fontes e trez ribeiras (o *Xarrama*, o *Diege* e o *Guadelvira*). Tudo era *dizimo a Deus*, menos o *Reguengo d'Alcalá*, que pagava o dizimo ao rei.

Criam-se aqui muito bons cavallos.

Não longe da villa está o convento dos frades da ordem dos prégadores (dominicos) fundado por Henrique Henriques, no sitio e com os materiaes de uma fortaleza ou castello romano, achando-se então alli medalhas e armas romanas.

O fundador d'este mosteiro descendia, por bastardia, de D. Henrique II de Castella e de D. Brites Fernandes. Em 1707 era senhor d'esta villa outro Henrique Henriques.

**ALCAFACHE**—freguezia (foi villa), Beira Alta, concelho e comarca de Mangualde, proximo da margem esquerda do *Dão*, a 8 kilometros de Vizeu, 280 ao N. E. de Lisboa, 210 fogos, 700 almas, orago S. Vicente, martyr. Bispado e districto de Vizeu.

Tem aguas mineraes. Brotam d'entre fendas de granito *porphiroide*, na margem direita do rio Dão, 100 metros a O. da ponte que está junto á povoação. São conhecidas tres nascentes, que só estão descobertas na época da maior estiagem.

São perfeitamente diaphanas, com sabor nauseabundo, quando colhidas de pouco tempo, e cheiro pronunciado a gaz *sulphydrico*. (Este gaz sahe em *bolhas* da nascente.)

Esta agua contem 0°,00026 de acido sulphydrico, deixando pela evaporação, a secco, 0°,304 de residuo fixo, formado principalmente de sulphatos, de carbonatos de magnesia e de cal e de acido silico.

A sua temperatura é de 49° centigrados, e as tres nascentes produzem 120:000 litros d'agua em cada 24 horas.

Distante alguns metros da nascente, ao O., existe um casarão velho e arruinado, para onde é levada a agua colhida nas tres nascentes. E é a casa de banhos que ha!...

A freguezia é situada em bella, abundante e extensissima planicie. Tem uma albergaria, fundada por um conego da Sé de Vizeu, natural de *Villar-Secco*. É situada no logar dos *Moinhos-da-Ponte*. Seus campos são banhados pelo *Dão*, que os faz fertilissimos em tudo.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 6 de maio de 1514.

**ALCAFAZ**—rio, Beira Baixa, nasce na serra do Caramullo, e no sitio chamado *Almijofa*, se lhe junta outro ribeiro chamado *Rio Fragoso*, e na aldeia de *Bolfar* se junta ao rio Alfusqueiro, e depois ao Agueda, que morre no Vouga.

**ALCAFOZES**—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Idanha Nova, 70 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Sebastião. Districto e bispado de Castello-Branco.

Tem Misericordia, muito antiga.

No dia 1 de agosto de 1810, a cavallaria portugueza derrota uma partida de francezes, n'esta freguezia.

É situada em uma campina; mas só produz trigo, centeio, cevada e algum gado grosso e miudo.

**ALCAIDE**—ribeira, Algarve, nasce na freguezia de S. Braz d'Alportel, corre pela de Estoy e desagua no mar, junto a esta freguezia.

Móe, rega, e traz peixe, sobre tudo bordallos.

**ALCAIDE**—villa, Beira Baixa, concelho e comarca do Fundão, 55 kilometros ao N. O. da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 320 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O nome d'esta freguezia é derivado do arabe *Al-caied* ou *Al-kaid*—do verbo *caidon*—governar, capitanear. Significa pois *freguezia do governador*.

Tambem significava, entre os arabes, o capitão de uma companhia de soldados. Os arabes tambem tinham alcaides fêmeas, a que chamavam *Alcaidas*.

Os portuguezes adoptaram dos arabes a palavra *alcaide*, para designarem certas auctoridades; mas os nossos alcaides não tinham exactamente os mesmos poderes que tinham aquelles.

Em Portugal, *alcaide-mór* tinha a seu cargo a guarda e defesa de um castello ou fortaleza; e este emprego era quasi sempre hereditario em certas familias, o que lhes pro-

duzia boas rendas. Desde o seculo XVIII, o titulo de *alcaide-mór* tornou-se puramente honorifico, isto é, os herdeiros d'esses antigos e denodados *alcaides-mores*, já não tinham de defender os seus castellos; mas sómente de devorarem as rendas das *alcaidarias*, e adornarem-se com o titulo.

Por alvará de 3 de agosto de 1767 foi extincto o officio de alcaide-mór e *alcaide-pequeno* (que era uma especie de substituto do alcaide-mór e por elle nomeado para servir na sua ausencia) em todas as praças da raia. Por alvará de 6 de novembro de 1769 foi extincto este officio no resto do reino. D'ahi por diante foram substituidos por governadores.

Até 1834 tambem havia outra casta de alcaides, que eram officiaes de justiça, que governavam sobre os beleguins e quadrilheiros: e ainda outros que eram uma especie de juizes das terras pequenas.

A constituição acabou com toda a qualidade de *alcaides*.

É situada na serra do mesmo nome. (Vide Alcaide, serra.

É no bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALCAIDE**—serra na Beira Baixa, onde é situada a freguezia antecedente. A mesma etymologia.

É pequena, e apenas cria algum matto e caça. Nasce proximo da Covilhan. Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. É em parte cultivada e tem arvores de fructo e silvestres, gado miudo, graudo e porcos montezes.

Lança dois braços (Cabeço de Vella e Cabeço do Facho.)

Aqui nasce a ribeira dos *Pocinhos*.

Além da caça miuda, tem corças, lobos e rapozas.

**ALCAIDE**—pequeno rio, Extremadura, que passa a Porto de Mós.

Nasce ao L. e proximo a esta villa e a pouca distancia do seu nascimento se mette no rio Lena. Tem uma ponte de pedra perto da sua foz. É orlado de frondoso arvoredo, que o faz fresco e delicioso no verão.

**ALCAIDE**—ribeira, Beira Alta. Nasce em um valle, no sitio chamado *Motoque*, proximo de Trancoso, com o nome de ribeira de S. Miguel, o qual perde na freguezia de S. Thiago, da mesma villa, tomando o de Alcaide, depois de engrossar com varios ribeiros.

Atravessa a estrada de Almeida a Pinhel, onde tem uma ponte de cantaria, de um só arco; e d'aqui continua com o nome de ribeiro do Freixo, até morrer no rio *Maçoeime*.

**ALCAINÇA GRANDE**—freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 30 kilometros ao S. O. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Miguel.

Chama-se *grande*, para a differençar de *Alcainça*, aldeia que fica perto.

É palavra derivada do árabe *Alcaiennneçá*, composta de *alcai* (encontro) e *neça* (mulheres.) Significa pois, «povoação do encontro das mulheres.»

Foi dos marquezes de Ponte de Lima, e o parocho era prior apresentado por elles.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

**ALCAINS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 70 kilometros a N. O. da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 450 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

É nome derivado da palavra árabe *alcaien*, que significa, *existente, permanente*.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

**ALCALÁ**—(ou Reguengo de Alcalá) vide Alcáçovas e Arandis.

**ALCÁLVAS**—pequena ribeira, Alemtejo, nasce de diversas fontes e junta com a ribeira das *Paredes* e outras menores, fórma o rio de Monte Mór ou Canna, entrando n'ella, na quinta de *Menote*, freguezia da Rapoza.

**ALCANEÇA**—aldeia, Extremadura, patriarchado, derivado do árabe *Alcaniçça*, significa *templo de christãos*.

**ALCANEDE**—villa, Extremadura, comarca e 23 kilometros ao N. O. de Santarem, 24 de Thomar, 105 ao N. E. de Lisboa, 1:200 fogos. (Em 1660 tinha apenas 100 fogos.)

É palavra árabe *Alcanet*, (sombrio, temperado.) Vem do verbo *canata*, ser sombrio ou

temperado. Em estylo figurado, a empregavam os arabes para designarem o homem *reflectido, prudente, moderado.*

Esta villa é situada ao pé da serra de *Aire*, ou *Mandinga*, na encosta de um alto monte.

Tem um castello feito pelos romanos, em ruinas, na corôa do monte. Ainda em 1531 estava em muito bom estado; porém o terremoto de 26 de janeiro d'esse anno o damnificou muito, destruindo a torre e barbacan.

Ficaram muitas armas submergidas nas ruinas, e um homem que estava preso, lá morreu. Tambem tinha uma boa cisterna. O castello era todo de pedra e cal, com tres cubéllos.

As torres de menagem e albarran, tambem foram arrasadas até metade da sua altura.

O castello tinha á entrada da porta da Barreira um baluarte com ameias e séteiras, e sobre a porta as armas da ordem de Aviz.

A torre de menagem era de abobada, assim como a albarran. Tinha tres cubéllos da parte do N., cisterna de cantaria e varias casas, tudo cercado de muralhas com ameias e séteiras e com sua barbacan, tudo de pedra e cal.

Em 1710 acharam-se aqui muitas moedas de cobre, romanas. Em differentes epochas (antes e depois de 1710) teem por estes sitios apparecido diversas moedas de cobre e prata, romanas.

Tem pedreiras de optimo marmore. Foi fundada pelos romanos, 150 annos antes de Jesus Christo.

D. Affonso I, achando-a abandonada a mandou povoar em 1163, dando-lhe foral.

D. Gonçalo de Sousa reedificou o castello por ordem do rei, no mesmo anno.

Este D. Gonçalo de Souza, que foi o primeiro alcaide-mór de Alcanéde, era um dos mais nobres e esforçados cavalleiros do seu tempo. D. Affonso primeiro deu a jurisdicção ecclesiastica da villa aos frades de Santa Cruz de Coimbra, que a conservaram até 1300, cedendo-a então á ordem de S. Bento de Aviz. (As suas commendas rendiam no tempo de D. João IV, 2:500 ducados.)

Em 1187, D. Sancho I a deu á ordem de Aviz, cuja doação confirmou D. Diniz, em 1300.

Esta confirmação foi assignada pelo rei, por sua mulher e por seu filho, depois Affonso IV.

Este, depois de rei, tornou a confirmar as doações antecedentes, a 14 de fevereiro de 1389 (1351 de Jesus Christo) e já lhe tinha dado novo foral em 1333 de Jesus Christo.

D. Manoel lhe deu novo foral em 22 de dezembro de 1514.

Foi publicado na villa em 6 de janeiro de 1517.

Não se sabe quem lhe deu o primeiro foral; mas já o tinha no reinado de D. Affonso I. Talvez fosse D. Thereza.

Tem misericordia, que foi principiada pelos officiaes da confraria do Espirito Santo e a concluiu Luiz Serrão, o Velho, official da dita confraria e seus collegas. Pelos annos de 1604 passou a ser misericordia.

Seu termo produz muito azeite, vinho, fructas, gado, hortaliças, mel e pouco pão.

A matriz é muito antiga e suppõe-se fundada por D. Affonso I, quando reedificou a villa. Tem varias sepulturas com inscripções do seculo XVI e anteriores.

A torre tem as armas dos *Souzas*. Julga-se que a mandou fazer Ayres de Souza, commendador e alcaide-mór d'esta villa, em 1516.

N'esta egreja esteve D. João II, depois de morrer em Alvor, e quando ia para a Batalha.

É seu orago Nossa Senhora da Purificação.

Teve assento em côrtes.

Tem casa da camara, cadeia e pelourinho. Eram Alcaides-mores d'aqui, os condes de Villa Nova (de Portimão.)

Pagava annualmente um jantar aos reis, em varias especies, pelo qual dava 90$000 réis, cuja quantia passou depois para a casa do infantado, no tempo de D. João V. Julga-se que este jantar foi ordenado por D. Affonso I, ou por seu filho D. Sancho I.

O *menu* do jantar vinha designado nos foraes.

Quando se reduziu a dinheiro, foi primei-

ro pago por 50 libras e depois passou a réis 90:000.

D'esta villa e arrabaldes foi muita gente soccorrer D. Fuas Roupinho, no cêrco que lhe pozeram os mouros em Porto de Mós.

Querem os de Alcanede que as armas da villa sejam, escudo bi-partido, tendo de um lado tres torres e do outro a cruz de Aviz.

É certo que sobre a porta do castello estão dois escudos, tendo um a cruz de Aviz e o outro tres torres.

É provavel que sendo esta villa tão antiga, como é, tenha armas; mas não me consta se a pretenção dos alcanedenses é fundada em algum *acto official*, ou se apenas se funda nas armas do castello.

Fica-lhe proxima a serra de Alcobertas.

A villa é pequena e pobre e situada em terrenos pouco ferteis, e é falta de estradas que a liguem a outras terras.

A villa e seu termo formavam uma rica commenda da ordem de Aviz, que os condes de Villa Nova desfructaram até 1834.

Philippe IV, já depois da restauração de 1640, fez conde de Alcanede ao traidor D. Francisco de Alencastre, commendador-mór de Aviz; mercê que nunca foi reconhecida n'este reino. (Tambem o dito Philppe IV o fez membro do *conselho de Portugal*, composto só de portuguezes degenerados e traidores á sua patria) e mordomo da rainha de Castella.

É no districto administrativo de Santarem e no patriarchado.

**ALCANENA**—freguezia, Extremadura, comarca e conselho de Torres Novas, 110 kilometros a E. de Lisboa, 390 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O seu nome é derivado do árabe *Alcanina*, que significa *cabaça sêcca*. (Sem miôlo; propria para conter liquidos.)

Districto administrativo e patriarchado de Lisboa. Fertil.

**ALCANFOR**—portuguez antigo, do árabe *alcafúr*, gomma aromatica bem conhecida hoje com o nome de *camphora*.

**ALCANHA**—vide Alvorge.

**ALCANHÕES**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 90 kilometros ao N. E. de Lisboa, 270 fogos.

Junto á *Ponte do Frade*, na estrada de Santarem a Alcanhões, ha um pequeno cabêço, cuja origem, segundo a tradição da gente d'estes sitios, é a seguinte:

Andando uns lavradores a malhar trigo, chegou-se a elles um velho muito formoso e de grandes barbas brancas, e lhes pediu esmola. Elles lh'a negaram com palavras desabridas. Disse-lhes então o *pobre*. «Dae-me ao menos uma mão-cheia d'aquelle trigo» (apontando para um grande monte d'elle que estava junto á eira.) «Aquillo é terra, responderam os lavradores.» «Pois seja terra, disse o *pobre*» e foi andando.

Quando os lavradores foram ao monte do trigo, buscar mais para ajoeirarem, o acharam convertido em terra.

Ainda hoje se chama ao tal cabeço, *Monte do Trigo*, e é terra tão amaldiçoada, que nada produz. A chuva tem esbroado os morros circumvisinhos, mas este não.

É certo que, fazendo-se aqui escavações, ha annos, se acharam pás, encinhos, etc.

Diz-se que o pobre era Jesus Christo, que andava pelo mundo a vêr como os hommens cumpriam o preceito da caridade.

Orago Santa Maria.

Districto administrativo de Santarem e no patriarchado. Foi curato do prior de S. Matheus.

Em 1708, Marcellina Maria Josefa de Sande, solteira, se foi confessar á matriz, e fingindo que commungava, levou para sua casa a sagrada particula e ali proferiu contra ella toda a casta de blasphemias.

A inquisição deitou-lhe as garras e foi queimada em um *auto de fé*, no Rocio de Lisboa, a 30 de junho de 1709.

Parece que isto foi uma calumnia, forjada por um pretendente *(familiar do Santo Officio)* que ella repellira.

**ALCANTARA**—freguezia, Extremadura, concelho de Belem, districto administrativo e patriarchado de Lisboa, e seu arrabalde (ou continuação) 1:000 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

4:000 almas.

—

Na antiga divisão da Lusitania, se comprehendia a, então cidade, e hoje villa de *Al-*

*cantara*, na Castella. (A esta deu o nome, a magestosa e robustissima ponte que aqui mandou construir o imperador Trajano, para atravessar o Tejo, que aqui corre.)

Na Alcantara de Lisboa, foi derrotado o infeliz principe D. Antonio, prior do Crato, em 25 de agosto de 1580, e d'esse dia data a usurpação dos 60 annos. D. Antonio tinha aqui apenas 4:000 homens bisonhos e mal armados e o duque de Alba, general hespanhol, tinha 22:000 homens e uma forte esquadra. Apesar d'isto, os hespanhoes chamaram-lhe uma *grande* batalha e uma *grande* victoria.

Ainda então este sitio era quasi deshabitado, mas o rio de Alcantara era maior do que hoje.

Na ponte de Alcantara houve um combate, a 14 de maio de 1809 e outro a 10 de junho do mesmo anno, ambos dados contra os francezes, e distinguindo-se em ambos a L. L. L. (Leal Legião Lusitana) pelo seu valor e sangue frio.

A uns 800 metros acima d'esta ponte, está outra mais pequena e sem luxo de cantaria. Sobre a guarda do lado de cima tem uma columna e na sua base a inscripção seguinte:

*Foi construida esta ponte no anno de 1821.*

Ha aqui uma ponte (onde estão as barreiras da cidade) e sobre ella, do lado de Lisboa, está a estatua colossal de S. João Nepomucéno, obra do italiano João Antonio de Pádua. Foi feita e collocada alli em 1743, quando se alargou a ponte. (Vide Lisboa.)

É palavra árabe *al-cantara* ou *al-kantara* (a ponte.) De modo que, dizendo nós «A ponte de Alcantara» dizemos «A ponte da ponte.»

O palacio real de Alcantara, vulgarmente chamado do *Calvario*, por estar no largo do mesmo nome, em frente do convento das *flamengas* (de que adiante tratarei) está ás portas de Alcantara, do lado do O., no caminho de Belem, á direita. Posto ser edificio de pouca apparencia, e sem architectura que o recommende, é notavel pelo que vou dizer.

Parece que era propriedade particular de algum verdadeiro portuguez, e que Filippe II lh'a sequestrou. Esteve sem applicação e deshabitada até á regencia da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV.

Vendo esta os desmandos e a completa incapacidade de seu filho primogenito D. Affonso VI, para ser rei dos portuguezes, e secundada pela maior parte dos fidalgos e magistrados da côrte, tentou desthronal-o, collocando em seu logar o infante, depois D. Pedro II.

Residia então a familia real nos paços da Ribeira (engolidos pelo terremoto de 1755) e o conde de Castello Melhor, grande valido do rei, e homem perspicaz e activo, fez sair D. Affonso do paço da Ribeira, no dia 21 de junho de 1662, indo residir para este de Alcantara, d'onde n'esse mesmo dia fez expedir cartas a todos os altos funccionarios, magistrados e fidalgos, para assistirem ao acto da sua posse; mas a regente, para evitar desordens, lhe entregou logo a regencia e os sellos do estado.

Foi o paço de Alcantara a residencia de verão, predilecta de D. Pedro II, em quanto regente e depois de rei, e aqui morreu, em 6 de dezembro de 1706.

Tambem em 1693, serviu este palacio de residencia a sua irmã, a infanta D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II, e que foi regente de Portugal em quanto D. Pedro II, com o archiduque de Austria, D. Carlos, andaram a tomar praças aos hespanhoes, com o fim de conquistarem Castella para o archiduque.

O terremoto de 1755 (1.° de novembro) arruinou muito este palacio, que depois foi reedificado e mais tarde dado a Francisco José Dias, para aqui estabelecer uma fabrica de chitas; mas, como elle não cumpriu esta condição, voltou á coroa em 1808.

Hoje serve de habitação *(gratuita)* a algumas viuvas e alguns criados da casa real.

Tem uma quinta com seu jardim, pomares, horta e um grande tanque.

D. João IV, que tambem n'elle residiu algumas vezes, de verão, aqui deu uma ceia na noite de S. João, de 1656, que importou em 3$453 réis (!) O jantar que o mesmo rei deu no dia seguinte já ficou mais caro, pois custou 49$180 réis.

Da conta d'essa despeza se vê que cada pão custava 10 réis; um arratel de toucinho, 35 réis; um dito de manteiga, 45 réis; um

de lingua, 25 réis, e um quartilho de azeite, 30 réis.

Nas vastas cocheiras d'este palacio se guardam alguns dos mais antigos coches da casa real. São dos que serviam na festividade da prégação da Bulla da Santa Cruzada, que ainda ha poucos annos se fazia na egreja de S. Roque, com grande pompa, e á qual assistia a principal nobreza do reino.

—

Alcantara foi até á restauração um sitio quasi despovoado. Com a residencia de D. João IV, sua viuva e filhos, no paço de Alcantara, se foi isto por aqui povoando, e adornando de boas casas, até que formou um bairro e depois do terremoto de 1755, uma parochia.

—

No pedestal da estatua de S. João Nepomuceno, que está na ponte de Alcantara, mandaram os moradores d'este bairro pôr a inscripção seguinte:

S. JOANNI NEPOMUCENO,
NOVO ORBIS THAUMATURGO, TERRAE,
AQUIS, IGNI, OERIQUE IMPERANTI,
ADQUE CUM ALIAS TUM PROESERTIM
IN ITINERE MARITIMO LUCULENTO
SOSPITATORI SUO GRATI ANIMI
ERGO HANC STATUAM CLIENS
DEVOTISS. AN. REPARAT. SALUT.
MDCCXLIII.
*João Antonio de Padua a fez*

(A S. João Nepomuceno, novo thaumaturgo do mundo, dominador da terra, do fogo, da agua e do ar, e sobretudo aplacador dos mares, um seu devoto, reconhecido para com o seu protector, ergueu esta estatua, no anno de 1743, depois de salvo.)

Muitas obras existem em Portugal d'este esculptor, entre outras a esculptura da capella-mór da egreja de S. Domingos de Lisboa; as imagens da capella mór da sé de Evora e os pulpitos da egreja do collegio de Santo Antão, de Lisboa. Padua todavia não era um perfeito artista; mas tinha um bom ajudante e desbastador, tambem italiano, chamado Pedro Antonio Luques, a quem se deve o tal ou qual merecimento das suas obras.

A esta Alcantara se dá o nome de extra-muros, para a differençar da Alcantara intra-muros, a que se dá vulgarmente o nome de S. Pedro de Alcantara.

—

O *forte do Sacramento* (vulgo *forte de Alcantara*) foi edificado em 1650 (durante as guerras da independencia). Quem dirigiu as obras de defeza que por esse tempo se fizeram em Lisboa, foram os engenheiros *Legarrt*, francez; *João Gilot*, hollandez, e João Cosmander, jesuita belga, natural de Bruxellas. Superintendente d'estes trabalhos, foi D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva.

Ficou muito damnificado com o terremoto do 1.º de novembro de 1755, e acha-se actualmente desartilhado.

Foi edificado em terreno que formava parte de uma quinta do referido marquez de Marialva, e que fôra sua residencia effectiva desde 1635 até á acclamação de D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640.

Em 1638 tramou o marquez, então conde, uma conspiração contra o usurpadór castelhano, e era n'esta quinta que os conjurados se reuniam, sob uma copada arvore ao fundo da quinta, quasi na margem direita do Tejo. A conspiração abortou, mas a historica arvore ainda existe sobre a muralha, como uma recordação gloriosa dos briosos portuguezes de então.

Havia aqui antigamente uma das tres *fabricas* para administrar os sacramentos, pertencentes á freguezia da Ajuda. Era no convento das flamengas.

A fundação d'este convento teve principio do modo seguinte:

Espalhando-se a seita de Martim Luthero pela Allemanha, e, ainda mais geralmente nos Paizes Baixos, foram expulsas ou assassinadas muitas pessoas que pertenciam a ordens religiosas, e milhares d'ellas de ambos os sexos fugiram da sua patria, abandonando os seus conventos á rapina e ao vandalismo.

Em 1582, vieram ter a Lisboa as freiras de um convento de Anvers (Flandres). Estava então em Lisboa o usurpador Filipippe II, que sendo um monstro e commettendo toda a casta de crimes, era, apezar d'isso, beato (verdadeiro ou fingido).

O *diabo do meio dia* (Filippe II) fundou aqui em Alcantara, e dotou um mosteiro para 32 freiras *clarissas* (as taes flamengas) com boas rendas.

Em frente do *palacio de Alcantara*, está tambem o convento do *Calvario*, de freiras franciscanas, fundado em 1600, por D. Violante de Noronha, mulher de Manuel Telles de Menezes, e por sua filha D. Maria Magdalena. Vieram formar esta congregação soror Ignez, do mosteiro da *Esperança*, a madre Maria da Assumpção, do de Alemquer, e Brites da Natividade, do de Trancoso. Havia n'este mosteiro a cabeça de uma das onze mil virgens, uma grande reliquia do Santo Lenho e um espinho da coroa de Jesus Christo. Foi fundado para 33 freiras, mas o geral accrescentou-lhe mais 10. Tinha 25 *irmãs terceiras*, para servirem o convento e 3 na sachristia.

**ALCANTARA** (S. Pedro de)—sitio da freguezia da Encarnação, na cidade de Lisboa, a cuja comarca, districto administrativo e diocese pertence. É no bairro central.

N'esta freguezia está a egreja de S. Roque, que foi dos jesuitas, e n'ella o famoso altar de S. João Baptista, que custou um milhão de cruzados, e pelo benzer outro milhão. (Em que D. João V gastou o nosso dinheiro!...)

É tambem n'esta freguezia a alameda e jardim de S. Pedro de Alcantara, os theatros da Trindade e Gymnasio, etc., etc.

Vide Lisboa, onde tudo vae mais circumstanciadamente.

**ALCANTARILHA**—villa, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 940 fogos, 3:600 almas. Tem um forte chamado de Santo Antonio. Orago Nossa Senhora da Conceição. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

É palavra arabe, diminutivo de *ponte*: significa a *pontinha*. Vide *Alcoentre*.

Bonita e grande aldeia, situada em alto, entre arvoredos. Algumas ruas boas, bella egreja moderna de tres naves. Foi cercada de muros, do que ainda restam bocados. Foram construidos em 1550, por causa das invasões dos piratas barbarescos.

O arco ou porta chamada *da Villa*, junto ao castello, por onde se entrava para a povoação, do lado do SE., foi demolido, para metter a pedra na ponte que está á entrada da villa, ao O., edificada no seculo passado sobre as ruinas da antiga (que deu o nome á povoação). Ha aqui dois bons lagares de azeite.

É terra muito fertil em todos os fructos do Algarve.

Os dizimos rendiam 2:500$000 réis.

Tem egreja da Misericordia, com sua irmandade. Ha aqui uma bonita capella de Nossa Senhora do Carmo, á qual se faz uma esplendida festa. Passa aqui a ribeira da *Enchurrada*, que rega e moe. Bebem de um poço que fica quasi no alveu da ribeira. Dizem que a sua agua é digestiva. De verão é côr de leite.

É patria de *José Diogo Mascarenhas Netto*, filho de Manuel Mascarenhas Netto, capitão-mór de Silves.

Nasceu em 1752. Formou-se em leis, em Coimbra. Foi juiz de fóra de Leiria e corregedor em Guimarães. Em 1788, foi encarregado da direcção da estrada de Lisboa ao Porto e construiu a bella estrada de Lisboa a Coimbra; que, para arruinar-se, foram precisos mais de 40 annos de abandono completo. Ainda existem vestigios (mesmo grandes *lanços*) d'esta estrada.

Foi desembargador da casa da supplicação e superintendente geral das calçadas, correios e papel sellado. Foi conselheiro vereador do senado da camara de Lisboa. Em todos estes logares fez grandes serviços á patria.

Foi desterrado na celebre *setembrisada* de 1810. Regressou a Portugal em 1821, e morreu no seio da sua familia em 1826.

Era homem de muita honra, probidade e desinteresse. Foi socio da academia real das sciencias, de Lisboa, e correspondente da sociedade do museu, de Paris.

**ALCANTIL**—Vide *S. Lourenço dos Mattos*.

**ALCARAVÃO**—ave agreste de todo parda, pescoço comprido e pernas mui delgadas. É uma especie de *grou*. Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome.

**ALCARAVELLA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Abrantes, concelho do Sardoal,

155 kilometros da Guarda, 150 de Lisboa, 198 fogos. Orago Santa Clara. É situada n'uma charneca infructifera, em uma pequena elevação, da qual se avista parte da villa de Abrantes. Apenas produz trigo, vinho e algum azeite.

É no bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

**ALCARAVELLA**—pequena serra da Beira Baixa, na freguezia antecedente. Tem 1:500 metros de comprido e 800 de largo. É cultivada no cume e em partes; mas a maior parte só produz matto. Tem caça.

**ALCARAVIÇA**—ribeira, Alemtejo. Nasce de varias fontes, no termo de Borba. Na freguezia da Orada tem uma ponte de cantaria (que divide os termos de Borba e Estremoz). Passa as freguezias de Santo Antonio e da Barrosa, e desde ahi toma o nome de *Sorraya;* recebe varios ribeiros e desagua no Tejo, abaixo da Barrosa.

**ALCARIA**—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Moz, comarca e 18 kilometros de Leiria, 125 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

É a palavra arabe *caria* (villa, aldeia, povoação, etc.) Os hebreus tambem dizem *quiria.* Os hespanhoes dão ás suas aldeias ou casas de campo o nome de *alqueria.*

É situada em um valle, e finda proximo da serra do Patêllo. Nos confins da freguezia ha uma grande *alcarva,* a que chamam a *Fornea,* onde nascem dois *olhos d'agua,* que se conserva todo o anno. A remanescente vae juntar-se com o rio Alcaide, junto a Porto de Moz. Defronte d'este logar para o O., está um grande penhasco natural, a que chamam o *Castello* (que tem 1:500 metros de comprido) no fim do qual, ao N., ha uma gruta sempre cheia de agua frigidissima. Da parte do O., no fim do mesmo penhasco, ha outra gruta (hoje quasi entupida, por causa de uma grande pedra que se arruinou á entrada). Os moradores d'aqui, julgando achar ouro n'esta concavidade, esgaravataram quanto poderam; mas só encontraram ossos humanos. Foi provavelmente um cemiterio dos tempos pre-historicos. Vide *Albardos.*

É no bispado e districto administrativo de Leiria.

**ALCARIA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 48 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 140 fogos.

Orago, S. João Baptista.

É situada em uma campina, entre o Zêzere e a ribeira da *Meimôa.* D'aqui se descobre a Covilhã, o Fundão, o convento dos capuchos do Seixo, etc.

Produz centeio, azeite, e do mais pouco.

É no bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALCARIA-RUIVA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 105 kilometros ao O. d'Evora, 215 ao Sul de Lisboa, 350 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

É situada n'um alto, nas abas da serra do mesmo nome, ao O.

Perto da matriz houve uma grande casaria (de que hoje não ha vestigios) chamada *o paço,* em que habitava o commendador d'esta commenda, que era da familia dos Mellos e Castros.

Havia aqui uma *albergaria* muito antiga, que se vendeu ha mais de cem annos.

É no bispado e districto administrativo de Beja.

Perto da capella de Nossa Senhora da Conceição, situada sobre um outeiro, ha uma fonte de agua medicinal, nascida em um penhasco.

O rio Terjes passa por esta freguezia, e sobranceiro a elle está a capella de *Nossa Senhora da Cabeça.*

Sobre um penhasco, em um monte bastante elevado, ha a capella de *Nossa Senhora d'Ara-Celi,* que os d'Alcaria dizem que é d'esta freguezia; mas estão de posse d'ella, ha mais de 120 annos, os da freguezia da Tabueira. Diz-se que esta freguezia foi antigamente villa. Produz trigo, cevada, centeio, algum linho, mel e cera.

É natural d'aqui o celebre doutor *Bento Guerreiro Lampreia,* da ordem de S. Thiago, que escreveu em prosa e verso.

No alto de um rochedo, que cahe sobre o rio *Alvacar,* a distancia de 3 kilometros do logar, se vêem os alicerces de um grande edificio, que segundo a tradição foi um castello arabe, e ainda lhe chamam *os castellos.*

Tambem sobre o Terges se vêem as ruinas de construcções que se diz serem castellos ou povoação romana ou arabe.

Passa tambem por esta freguezia o rio *Alvacarejo* e *Alvacar* e o ribeiro do *Seixo.*

**ALCARIA-RUIVA**—serra, Alemtejo, comarca de Mertola. Toma o nome da freguezia antecedente, que lhe fica a O.

É abundante d'aguas e muito saudavel.

Ha aqui os seguintes logares: *Alcaria-Ruiva*, *Córte-da-Velha*, *Córte-do-Gafo-de-Baixo* e *Córte-do-Gafo-de-Cima.*

É cultivada em grande parte; mas só produz trigo, centeio e algum azeite. Dá plantas medicinaes, *gran*, matto, algum gado miudo e grosso e caça. Tem tambem viboras, gatos bravos, raposas e lobos.

D'esta serra se descobre Beja, Serpa, Castro Verde e muitos campos do reino de Castella.

Têem algumas lagoas pequenas, mas só a da *Atabúa* conserva a agua de verão.

Lança dois pequenos braços, um chamado *Serra-da-Olva*, em parte cultivado, e outro chamado *Serra-do-Gato* (pelos muitos gatos bravos que cria, e a que os d'aqui chamam *sarabatos*). Cada braço tem uns 3 kilometros de comprido.

**ALCAROUVISCA**—ribeira, Alemtejo, nasce no outeiro da Pena, termo do Redondo, engrossa com as ribeiras de *Valle-de-Vasco* e outras, e morre no rio Pardiellos, proximo de Wallongo.

**ALCARRACHE**—ribeira, Alemtejo, nasce junto da serra de Santa Maria, no reino de Castella, de uma fonte a que chamam da *Tinaja*, termo de *Barca-Rota:* sahe em Portugal, no termo de Mourão; morre no Guadiana, no sitio das Juntas, com 90 kilometros de curso. Cria grandes barbos e outro peixe.

Têem uma boa ponte de cantaria lavrada, na freguezia de S. Leonardo, com as armas de Portugal em um grande *padrão*, e outra tambem de cantaria lavrada, na freguezia de Nossa Senhora da Luz, termo de Mourão.

É corrupção do arabe *Alcarraqué.* Significa o egual, o moderado.

**ALCARVA**—freguezia, Beira Alta, comarca da Meda, concelho de Penedono, 48 kilometros de Lamego, 340 ao N. E. de Lisboa, 80 fogos.

Chamava-se antigamente *Alcobria.* É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos romanos. Tinha um castello de que falla D. Flamula no seu testamento, feito em 960. (Vide Caría, a segunda descripta e Langroiva.)

**ALCATRUZ**—rio pequeno, Beira Baixa, nasce na fonte dos Meios, e com 2 kilometros de curso morre no rio *Temilobos*, por baixo de Travanca, concelho de Armamar.

**ALCAVALA**—certo tributo que se pagava (em dinheiro) pela venda de carnes *verdes*, na praça ou nos açougues. Era para os meirinhos dos juizes, e para outros beleguins judiciaes.

**ALCHERUBIM**—Vide *Alcorobim.*

**ALCOA**—(antigamente Côa) rio que nasce no sitio chamado Póços de S. João, na serra dos Mulianos, que é um braço da serra d'Albardos (Extremadura).

Sem receber agua de outro qualquer ribeiro corre para O. até á aldeia de Chaquêda, da qual toma o nome, e com este continua até entrar na cerca do convento d'Alcobaça, dividido em dois braços que se juntam, e ambos depois se unem no meio da villa, ao Baça. Correm pelos campos da Maiorca, e formando uma grande lagoa, chamada da Pederneira, se vão metter no mar.

Tem 3 pontes de pedra dentro de Alcobaça e outra fóra, além de outras de madeira, e de outra de pedra, que tem proximo de Chaquêda, pela qual se passa para o convento dos arrabidos.

Entra no mar na Pederneira, com 30 kilometros de curso.

Querem muitos auctores que o nome dá villa lhe provenha do d'estes dois rios (*Alcôa-Baça*) e parece verosimil; mas julgo que não é verdade. (Vide Alcobaça.)

**ALCOBA**—serra do Douro, chamada hoje mais vulgarmente *Bussaco.* (Tambem se chamava antigamente Alcoba á serra de Bésteiros, que é um ramo da do Bussaco.) (Vide Bussaco.)

É a palavra arabe *Alcobba*, significa *a torrinha.* Tambem significa em arabe a casa ou quarto onde está a cama, quarto de dormir,

alcova; que elles escrevem do mesmo modo (alcobba.) Aqui porém quer dizer *Serra da Torrinha*, provavelmente por alguma torre que os mouros alli edificaram.

As serras de *Monte-Muro* (ou *Monte do Mouro*) *Tranqueira*, *Castro*, *S. Macario*, *Parnaval*, *Arouca*, *Freita*, *Caramullo* e outras são ramificações da serra d'*Alcoba*, como lhe chamavam os antigos, ou do Bussaco, como hoje se diz.

(Vide Bussaco.)

**ALCOBAÇA**—aldeia, Alemtejo, freguezia de Villa-Fernando, comarca d'Elvas.

**ALCOBAÇA**—villa, Extremadura, districto administrativo de Leiria, 105 kilometros a N. E. de Lisboa, 320 fogos, 1:000 almas. Concelho, 3:000 fogos. Comarca, 4:530.

A 4°,42' de latitude e 9°,17' de longitude.

Orago, Santissimo Sacramento.

Julga-se que foi fundada pelos arabes no seculo IX.

É situada em uma planicie fertil e amena regada pelos rios Alcôa e Baça, que confluem no meio da villa.

É no patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Tem alguns monumentos antigos, sendo o mais notavel, as ruinas de um castello que os arabes edificaram (no ponto mais alto da villa), dando-lhe o nome de *Al-cacer-ben-el Abbaci*, que é o de uma porta da cidade de Marrocos, a qual tomou o nome de uma mesquita, que está perto, dedicada a *Ben-Abbas*.

(Na doação que d'esta villa e outras muitas terras fez D. Affonso I aos frades bernardos em 1147, se chama a esta fortificação *Castello de Ben-Ab-Cete.*)

Parece que este castello era obra gothica, do VI ou VII seculo, e que os arabes o reedificaram e ampliaram em 716.

D. Affonso I o tomou em 1147. Conquistado pelos africanos (marroquinos) em 1191 (outros dizem que em 1195) o arrazaram; mas foi logo reconstruido por D. Sancho I.

Em 1422 um terremoto lhe destruiu uma das torres, pelo que D. João I, em 24 de novembro de 1424, deu licença ao abbade de Alcobaça (que era o que apresentava os alcaides-mores do castello) para lançar uma siza aos povos dos seus coutos, para reedificar a tal torre. Era abbade D. João d'O'Ornellas. Foi reconstruida então até aos seus fundamentos.

Com o uso da artilheria, perdeu este castello, como quasi todos, a sua importancia militar, pelo que o abandono e os terremotos o foram arruinando; todavia, ainda conserva de pé as suas muralhas e algumas das torres que as flanqueavam.

Adiante se conta o que a tradição narra d'este castello.

O nome d'esta villa, é incontestavelmente arabe — composto do artigo *al* e de *cobaxa* (carneiros)—isto é—*al-cobaxa*—os carneiros. Diz-se que lhe deram este nome, em razão dos muitos oiteiros que a cercam, que por sua pequenez tem uma tal ou qual similhança com carneiros.

Quasi todos os auctores derivam o nome da villa dos dois rios que a regam; porém elle se acha escripto sem corrupção alguma no 1.° tomo da Chronica de Cister, liv. 3.°, pag. 328, nas seguintes palavras:—*Damus itaque vobis locum ipsum, quæ* Alcobaxa *nuncupatur*, etc. etc.—e portanto não significa senão *os carneiros*.

Tambem o *Alcôa* se chama o rio de *Chaquêda*, até entrar na villa, o que concorre para suppormos que o nome da villa é a *ál-cobaxa* dos arabes e não a juncção do nome dos dois rios.

Tinha dois conventos — o de frades *arrabidos*, fundado em 1566 pelo cardeal D. Henrique (depois rei) situado entre esta villa e a de Evora d'Alcobaça, a 3 kilometros de distancia de cada uma,—e o grande convento de monges de Cister (bernardos) cuja primeira pedra lhe lançou D. Affonso I, a 29 de janeiro de 1148, (outros querem que fosse a 2 de fevereiro do mesmo anno) em cumprimento de um voto feito pela tomada de Lisboa. (No alto da serra de Aljubarrota se vê o famoso arco da *memoria*—primeiro marco dos *coutos* d'Alcobaça—em cujo logar D. Affonso I prometteu dar aos *bernardos*:—*toda a terra que d'alli se descobrisse.* (Vide Aljubarrota.)

Muitos escriptores dizem que D. Affonso I deu a S. Bernardo, por alcançar do papa Innocencio III a bulla que o fez rei, uma es-

criptura constituindo-se elle e seus vassallos e os bens d'um e outros feudatarios dos frades de Santa Maria de Claraval da ordem de Cister, no bispado de Langres (França). Esta sonhada escriptura, bem como a carta apocrifa attribuida a S. Bernardo, na qual se excommungava o rei de Portugal que pretendesse annullar ou alterar a tal escriptura, é com bons fundamentos julgada invenção e estrategia dos frades bernardos.

Levou 40 annos a edificar, durante os reinados de D. Affonso I e D. Sancho I, concluindo-se em 1188. O côro, porém, e a sachristia são obra de D. Manuel I.

O refeitorio foi feito pelo infante e cardeal D. Affonso, que aqui foi abbade.

A cosinha era a melhor de Portugal. Era atravessada pelo meio por um braço do Alcôa, que lavava o seu pavimento, todo de lages de pedra, indo depois para grandes reservatorios, onde havia muita qualidade de peixe. A chaminé, de fórma pyramidal, era sustentada por oito columnas de ferro.

A cerca, que era muito grande, e dividida ao meio pelo rio, foi vendida, logo em 1834, e o edificio que não se vendeu (por não haver quem o quizesse), vae cahindo em ruinas.

O convento tem cinco claustros (o de D. Diniz e Santa Izabel—o do cardeal rei—o de D. Affonso VI—e dois feitos pelos frades).

Tem sete dormitorios—o de D. Affonso I—o do cardeal rei—o de D. Affonso VI—e os outros quatro feitos pelos frades.

Tinha uma grande e selecta livraria e ricas pinturas, que tudo foi roubado em 1834 levando até as estantes dos livros, de modo que nem já vestigios ha da livraria!

Tinha tambem primorosas esculpturas, que levaram o mesmo caminho.

Rendia este convento mais de 30:000 cruzados annualmente.

Tinha muitos *coutos*, que comprehendiam 13 villas, tres portos de mar (S. Martinho, Pederneira e Paredes) e o padroado de muitas egrejas.

Mas tambem dava gratuitamente todos os remedios da botica a todos os pobres dos seus *coutos*.

Cosia diariamente 24 alqueires de pão para os pobres que o iam receber á portaria.

Em quinta feira santa, dava de esmola 4:000 pães de *toda a farinha* (trigo a que só se tirava o farello grosso) e 25 moios de trigo, para se repartir pelos pobres de fóra da villa que eram dos *coutos*.

Tinham os frades nos seus coutos jurisdicção civel e criminal (chamada então *mero e mixto imperio*).

Com o decurso do tempo, foram os frades perdendo muitos dos seus privilegios, mas D. João IV (para captar a benevolencia d'estes poderosos frades) lh'os restituiu todos, e se tornou a renovar o ridiculo tributo das *botas*.

Tinha *lausperenne*, no sentido rigoroso da palavra, isto é, estava exposto o Santissimo Sacramento constantemente, de dia e de noite, por bulla pontificia, o que durou até 1834.

Desde a sua fundação, tinha este convento obrigação de dar ao rei, quando o fosse visitar, um par de botas ou sapatos (á escolha do rei!...) D. Affonso III aboliu este costume por carta de lei de 3 de novembro de 1314 (1276 de Jesus Christo).

Aqui floresceram fr. *Bernardo de Brito* (vide *Almeida*), fr. *Antonio Brandão* e outros muitos varões insignes em sciencias e virtudes.

Fr. Antonio Brandão nasceu em Alcobaça: ambos foram frades bernardos, ambos geraes da Ordem e ambos chronistas-móres do reino.

Quando D. Diniz creou a universidade, foram os monges de Alcobaça os que mais o ajudaram n'esta obra, com mestres, livros, dinheiro, etc., etc.

N'este convento dava-se hospedagem gratuita a todos quantos pediam agasalho.

Aqui jazem, D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I, as rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Ignez de Castro, muitos infantes e infantas e D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso I, que depois de ser bravo guerreiro, se fez frade d'este convento.

O seu 1.º abbade foi D. Ramulfo, francez,

e o 1.º commendatario foi o cardeal D. Jorge da Costa.

Chegou a ter mil frades ao mesmo tempo!

No principio teve abbades perpetuos. O primeiro commendatario foi o cardeal D. Jorge da Costa, que renunciou no padre Isidoro de Portalegre e segunda vez em D. frei Jorge de Mello. Seguiu-se o cardeal D. Affonso e a este o cardeal D. Henrique, depois rei. D'ahi em diante principiou a ter abbades triennaes.

A metade occidental d'este magestoso edificio foi queimada pelos francezes durante a guerra peninsular.

Estava alli estabelecida uma grande fabrica de tecidos de algodão.

—

N'este convento existiu 449 annos o celeberrimo *caldeirão* (chamado, por isso, de Alcobaça) tomado em 14 de agosto de 1385 a D. João I, de Castella, na gloriosissima batalha de Aljubarrota, por *Gonçalo Rodrigues*, que por isso se ficou appellidando, desde então, *Caldeira*. (Diz-se que no tal caldeirão, que era de cobre, se podiam cozer quatro bois de cada vez!)

O tal caldeirão, com dois mais pequenos (todos tomados aos castelhanos em Aljubarrota) foram dados ao convento por D. João I.

Um dos mais pequenos foi mandado por os frades para o seu lagar de azeite da Fervença (limites de Alcobaça) e hoje pertence á sr.ª D. Francisca Jacintha Pereira. O outro dos mais pequenos, foi collocado por os frades, no forno. Este foi ha pouco mudado para a casa chamada *dos Reis*, para lhe não acontecer como ao grande.

O maior era de metal muito mais fino e estava no claustro, para poder ser visto facilmente. Batendo-se-lhe com uma pedra o som cobria o repique de todos os sinos. Era de tão extraordinaria grandeza, que, quando servia na cosinha do rei de Castella, faziam n'elle comida (a que chamavam *badulaque*) que chegava para 293 pessoas. Na pedra onde estava assente, em Alcobaça, está a seguinte inscripção:

HIC EST ILLE LEBES, TOTO CANTATUS IN ORBE,
QUEM LUSITANI, DURO, GENS ASPERA, BELLO,
DE CASTELLANIS SPOLIUM MEMORABILE CASTRIS,
ERIPUERE: CIBOS HIC OLIM COXERAT HOSTIS;
AT NUNC EST NOSTRI TERTIS SINE FINE TRIUMPHI.

Lá está ainda a inscripção, e é o que apenas existe do *caldeirão!*

Não sei quem fez então a seguinte quadra, que andou muito em voga.

No anno de trinta e quatro,
Lá se foi o *Caldeirão!*
Só nos ficou por memoria,
Um *visconde*... e a inscripção.

Se Gonçalo Rodrigues ganhou o appellido de *Caldeira*, por tomar aos hespanhoes o caldeirão; tambem um nosso contemporaneo (hoje titular!!!) ganhou o appellido de *Caldeirão de Alcobaça* por conquistar o pobre caldeirão em 1834!

Escapou este testemunho das nossas glorias, aos surripiantes Filippes, aos rapinantes francezes e a outros que taes, e não escapou á ignobil voracidade de um portuguez!... Merecia bem que lhe pozessemos aqui o nome por inteiro, para ser conhecido da posteridade; mas... deixal-o.

—

Quando *Aben-Jacob*, *miramolim* de Marrocos, invadiu Portugal com um grande exercito, em 1195, tomou o castello de Alcobaça de assalto, mandando degolar todos os frades. (Estes, sequer ao menos, mataram-n'os logo, e os frades foram martyres; mas os *marroquinos* de 1834, fizeram-os morrer lentamente á fome e nem sequer foram martyres, porque muitos falleceram no desespero, á força de toda a qualidade de supplicios!)

—

Parte do convento está servindo de paços do concelho, e para diversas repartições publicas; o resto está abandonado a quem lhe quer roubar a telha, pedra etc.

A formosa capella de *Nossa Senhora do Desterro*, de primorosissima architectura da renascença, foi fundada por o monge de S. Bernardo fr. *João Paim*, pelos fins do seculo XVI, ou principios do XVII, segundo se collige da sua architectura. Seu fundador lhe

deu ricos paramentos e alfaias e lhe consignou varias rendas, para o que comprou diversas fazendas, e seu rendimento era applicado a uma missa cantada todos os sabbados e para uma esplendida festa annual. Esta capella é contigua á cerca do convento e proximo da sachristia d'este. A capella tinha em frente um bonito jardim, hoje transformado em cemiterio publico, e a capella serve para deposito dos defuntos e encommendação das almas. O fundador para aqui trouxe de Roma o corpo de Santa Constança, virgem e martyr, que jaz em rico e brincado caixão.

Em Alcobaça, não se deve perguntar pela *argola da carruagem da rainha*, senão!...

N'esta villa nasceu, a 2 de fevereiro de 1821, o sr. dr. Antonio Maria dos Santos Brilhante, distincto medico e patriota benemerito da actualidade.

Quando D. Affonso I tomou o castello, em 1147, era seu alcaide *Al-Mansour*, joven e formoso mouro; mas ferocissimo e lascivo, arrastava para o seu castello e fazia suas amantes, quantas raparigas bonitas podia pilhar. Combateu corajosissimamente contra os christãos, até á morte, e os portuguezes só se apossaram do castello, passando sobre o seu cadaver mutilado.

O povo d'aquelles sitios conserva ainda a respeito d'este mouro a lenda seguinte:

Todas as raparigas bonitas que ainda hoje passarem, depois do sol posto, sem companhia, por junto do castello, ouvem ao longe uma musica harmoniosissima, que se vem aproximando pouco e pouco. Então vêem sentado n'uma pedra ou em um tronco de arvore, um formosissimo mouro, ricamente vestido, que lhes *canta certas cantigas*, com uma voz encantadora.

(Ha muito quem cante ás raparigas bonitas, *d'estas cantigas*, sem ser no vetusto castello de Alcobaça!...)

Ellas ficam de tal modo perdidinhas, que o mouro, assim que as vê fascinadas, se levanta e vae para o seu castello, seguido por ellas, que lá ficam eternamente, em um palacio subterraneo, esplendidamente mobilado e decorado.

Não acontece porém isto, se a pequena leva alguma reliquia de santo, ou se sabe alguma oração bonita a Nossa Senhora, que então, de nada valem os encantos do mouro contra ella.

Já se sabe que o tal mouro é, nem mais nem menos, *Al-Mansour*, que está encantado, *per omnia in sæculo sæculorum*: amen.

O convento estava para ser n'um valle agora chamado *Chaquêda*, que era então um serrado bosque e emmaranhado matagal; mas D. Affonso I mudou de plano e o fundou onde hoje é *Santa Maria Velha* (que depois foi, por mais de 500 annos, matriz da villa).

Esta egreja e as casas que á roda d'ella se fizeram, foi para accommodar os frades provisoriamente, em quanto se não fazia o convento. Concluiu-se isto a 20 de setembro de 1152, o que consta da inscripção que está em uma pedra á entrada da egreja, e de memorias escriptas.

N'esta villa nasceu, a 25 de abril de 1584, o infatigavel investigador e veridico historiador fr. Antonio Brandão. Formou-se em theologia na universidade de Coimbra, tendo professado, n'este convento, em 1599. Exerceu o cargo de abbade do *Desterro*, e foi eleito geral da Ordem em Portugal, no 1.º de maio de 1636. Morreu no convento de Alcobaça, a 27 de novembro de 1637.

A vasta obra da *Monarchia Lusitana*, começada por fr. Bernardo de Brito, foi continuada por fr. Antonio Brandão, escrevendo a 3.ª e 4.ª partes d'ella.

Filippe III o nomeou chronista-mór do reino, em 19 de maio de 1630.

Este eminente historiador é consultado e respeitado por quantos prezam as glorias portuguezas.

—

Tem Misericordia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514. Tem uma sentença dada a 6 de julho de 1556, pela qual foram reformados e declarados alguns capitulos d'aquelle foral.

Tem estação telegraphica municipal.

No convento d'esta villa morreu um frade chamado fr. José, em 1790, com 112 annos de idade.

Nas côrtes de Santarem (1427) art. 48.º D. João I reconhece que *o mosteiro de Alcobaça é seu, e que fará d'elle o que quizer*. (Cod. Aff., l. 2.º, tit. 7). D'isto se vê, que lhe não mettia medo a façanhuda e furibunda carta de S. Bernardo. Ou melhor, que ainda não tinha sido *inventada* a tal carta.

No logar da Vestiaria está a egreja parochial e o convento de frades arrabidos que fundou o cardeal D. Henrique (depois rei) em 1566.

Os primeiros estudos publicos que houve no reino, foi no mosteiro de Alcobaça, instituidos a 11 de janeiro de 1269.

Quando D. Diniz creou a universidade de Lisboa, foram os monges de Alcobaça os que mais o auxiliaram n'este patriotico empenho.

Os abbades vestiam habitos prelaticios e celebravam pontifical, tinham o primeiro logar depois dos bispos e o logar de esmoler-mór e do conselho do rei, e eram capitães-móres de todos os seus coutos. Tambem foram antigamente fronteiros-móres, e como taes fizeram, em muitas epocas criticas, grandes serviços á patria, ajudando o rei contra os inimigos d'ella, com dinheiro e muita gente dos coutos, a quem sustentavam e pagavam, e até pondo-se á frente d'essa gente e commandando-a com pericia e intrepidez.

A vasta e fertilissima cerca do mosteiro, que os primeiros frades cultivavam por suas proprias mãos, foi vendida logo em 1834 (por 10 réis de mel coado) e o convento, como não ha quem o compre, vae-se desmantelando pouco a pouco, e se a Divina Providencia lhe não acode, breve será um montão de ruinas e entulhos, este precioso monumento das nossas glorias, esta memoria palpavel do feliz tempo das nossas prosperidades.

Parte do mosteiro ainda está occupado pela camara e outras repartições publicas, parte foi vendido e a maior parte está abandonado e á disposição de quem quer roubar os seus bellos materiaes!

Em 1558, estando D. Sebastião em Alcobaça, fez abrir os tumulos dos dois Affonsos (II e III) achando-se este em bello estado de conservação.

Querendo tambem ver o de D. Pedro I, lhe observaram que se não podia abrir, sem quebrar os ricos lavores que o adornam. O rei então respondeu:—*Deixem-o, não lhe toquem, porque nem n'elle nem no outro* (o de D. Affonso II) *ha que ver, ou de que tirar exemplo; pois, além de nenhum accrescentar por armas ao reino um palmo de terra, um com amar mulheres e outro com as perseguir, deram assás de trabalho e deixaram pouco que imitar a seus successores.* Alludia aos amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro, e ás perseguições feitas por D. Affonso II a suas irmãs, D. Thereza e D. Sanccha.

Mas um monge, com aquelle desafogo e verdadeira liberdade dos antigos portuguezes, respondeu ao rei:—*Se estes principes vos não deixaram exemplo de conquistar o alheio, ensinaram-vos como havieis de conservar o proprio; e, se tomasseis as doutrinas dos seus governos, não andaria tudo tão alterado, nem vós os virieis inquietar e affrontar á sepultura, onde repousam ha tantos annos. Deus vos dê muitos de vida e vos conceda nome e sepultura como a qualquer d'estes.*

Não gostou o rei d'este monge dizer publicamente o que todos pensavam em particular; muito mais por conhecer, talvez que a censura era merecida.

O cardeal D. Henrique, tio do rei, reprehendeu o frade, apezar de conhecer muito bem que tinha razão; mas, para agradar ao sobrinho.

A livraria do mosteiro era uma das melhores do reino. Como aconteceu a todas as das ordens religiosas em 1834, os melhores livros e manuscriptos foram roubados e o resto, o refugo, foi para a bibliotheca publica de Lisboa. Até a mobilia e as estantes da bibliotheca cisterciense foram roubadas!...

Estes frades bernardos procediam de oito pobres monges, que a pé e descalços vieram de Langres (França) para Portugal. D'ahi a poucos annos, um d'elles se assignava:—*D. frei Paulo de Brito, D. abbade do real mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, da Ordem de Cister, fronteiro-mór d'estes reinos, senhor donatario e capitão-mór das villas de Alcobaça, Aljubarrota, Alfeizirão, Alvorni-*

*nha, Pederneira, Santa Catharina, Paredes, Cós, S. Martinho, Selha do Matto, Maiorga, Evora (de Alcobaça) Cella, Turquel, etc., e dos coutos do dito mosteiro, do conselho de Sua Magestade, e seu esmoler-mór, reformador geral da congregação de S. Bernardo, n'estes reinos e senhorios de Portugal e Algarves, nuncio apostolico, embaixador extraordinario, etc. etc. etc.*

**ALCOBERTAS**—freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho de Alcanede, 110 kilometros a N. E. de Lisboa, 210 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena. É no patriarchado, districto administrativo de Santarem. Era curato apresentado pelos freguezes. Fertil.

Julgo ser palavra corrupta do árabe *alcoba* ou *al-cobbe*, torrinha ou pequena torre.

**ALCOBERTAS**—serra, Extremadura, no patriarchado.

No meio d'ella ha uma gruta que se estende um grande espaço pela terra dentro. Ha n'ella formosas stalactites e stalagmites. É situada proximo de Alcanede.

**ALCOCEIFA**—sitio, bairro ou casa em que vivem as meretrizes. O mesmo que *alcouce* ou *lupanar*. É portuguez antigo, derivado do árabe. D'aqui vem *alcouce*

**ALCOCHETE**—villa, Extremadura, comarca e 6 kilometros de Aldeia Gallega do Riba Tejo, 18 a S. E. de Lisboa, 800 fogos, 2:500 almas, no concelho 900 fogos.

Orago S. João Baptista.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está situada em formosa e fertil planicie, em frente do *Poço do Bispo*, na margem esquerda do Tejo. Tem bons montados e é abundante de lenha, caça e peixe.

Produz toda a qualidade de cereaes, vinho, azeite, fructas, sal, carvão, lenha, etc.

Até 1834 tinha juiz de fóra. Era priorado da Ordem de S. Thiago, e tinha dois beneficiados e um thesoureiro da mesma ordem. O prior apresentava o cura de Sámouco. Era commenda da mesa mestral da mesma ordem.

Alcochete foi solar da familia dos Patos, appellido nobre de Portugal. Vide Torres Vedras, para as suas armas.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 17 de janeiro de 1515, e lhe fez muitos melhoramentos.

O padre Cardoso diz que foi em 1518 (mas engana-se.)

N'este foral eram isentos os moradores de Alcochete, de pagarem tributo pelas suas colheitas; mas este privilegio pouco durou ou nunca se executou.

O seu nome é derivado do árabe *al-cachete*, significa *achado da ovêlha*.

Aqui nasceu, a 31 de maio de 1469, o duque de Beja D. Manoel, depois rei.

Nasceu na rua direita, em umas casas hoje demolidas, nas quaes viveu algum tempo D. João II.

Foi fundada pelos árabes, pelos annos de 850 de Jesus Christo.

Foi da Ordem de Santhiago.

Fazia grande commercio diario com Lisboa, o que a tornava prospera; mas hoje, que já esse commercio não existe, está muito decadente.

D'esta villa se descobre grande parte de Lisboa, Sacavem, Póvoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Póvos, etc.

Tem misericordia, muito antiga, e hospital.

Distante d'esta villa 1:500 metros, era o convento de frades franciscanos de Nossa Senhora do Soccorro.

Foi fundado em 1572, por fr. Gaspar de Cuba. Foi vendido em 1835 ou 1836, e depois demolido.

O Tejo em frente d'esta villa tem 15 kilometros de largura.

Esta villa deve todo o seu desenvolvimento ao infante D. Fernando, duque de Vizeu, rimão de D. Affonso V, 12.º grão mestre da Ordem de S. Thiago e pae do rei D. Manoel.

D. Fernando fixou aqui a sua residencia, e como era riquissimo, muitos fidalgos da sua casa aqui construiram habitações, depois do anno de 1450, e foi desde então que esta povoação mereceu o nome de villa. D. Fernando morreu em Setubal, contando apenas 36 annos de edade.

Entre esta villa e Montalvão, apanharam os pescadores do Tejo, em 1323, um *sôlh* o

que pesou 255 kilogrammas (17 arrobas!)

Foi offerecido a D. Diniz, que o mandou retratar do tamanho natural, e conservar o quadro, para memoria, na *Torre do Tombo*, onde existiu o quadro até ao 1.º de novembro de 1755.

(Desconfio se este será o mesmo *sôlho* que se pescou junto a Mugem. Vide Mugem.

É' n'esta freguezia a bella e riquissima quinta e magnifico palacio da *Barroca de Alva*, fundado por Jacome Ratton, hoje propriedade de seu neto, o sr. barão de Alcochete. Vide *Barroca de Alva*, onde trato d'esta illustre familia.

A egreja matriz, que era antiquissima, foi reedificada por D. Manoel, no principio do seculo XVI.

É seu orago S. João Baptista. É de tres naves e de grande luxo architectonico.

Tem 9 altares (com o maior.)

Em um dos lateraes está a imagem da Virgem, de proporções maiores do que o natural, a qual, segundo a tradição, foi achada na praia da villa.

A egreja está situada em um vasto terreiro, na extremidade da povoação.

**ALCOENTRE**—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, 24 kilometros a O. de Santarem, 65 ao N. de Lisboa, 300 fogos, 1:200 almas; no concelho 900 fogos.

Feira a 29 de setembro, 3 dias.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tem a N. E., junto á villa, um castello, ou casa acastellada, de fórma circular.

É situada em uma pequena elevação e banhada pelo rio do seu nome.

Alcoentre é corrupção da palavra árabe *al-canaitara*, diminutivo de *al-cantara* e quer dizer, *ponte pequena*, ou pontinha.

Como disse em Alcantarilha, que esta palavra era diminutivo de *al-cantara*, e agora digo que é *al-conaitara*, saiba-se que este diminutivo é árabe e o outro portuguez e castelhano.

O seu termo é fertil em cereaes, fructas, vinho, etc. etc.

No dia 4 de julho de 1808, foi esta villa theatro de uma scena de canibalismo, horror e sangue, como tivemos muitas durante a occupação de Portugal pelas inffames hordes de ladrões que o monstro corso para aqui mandou.

Registemos estes factos para vêr se poderemos fazer córar de vergonha os portuguezes degenerados (e tão infames como os jacobinos francezes) que ainda hoje teem o desaforo de dizer que Bonaparte foi um astro que illuminou a Europa derramando por toda a parte *luzes*, *progresso* e liberdade! (!!!)

—

15 estudantes e 1 cabo de esquadra saíram de Coimbra em 28 de junho de 1808, com o nobilissimo (ainda que temerario) intento de desalojar do Pombal e de Leiria os escravos do corso.

Perto de Leiria foram accommettidos por 22 dragões francezes; mas os arrojados mancebos, defendendo-se com a bravura de legitimos luzitanos, os desbarataram e pozeram em fuga, e tamanho medo tiveram os jacobinos que o communicaram ao resto do seu esquadrão, que estava postado ao pé da ponte, que tudo dispersou cheio de terror.

Dias antes, já o brigadeiro Solignac tinha fugido espavorido ante as ordenanças de Thomar.

O impio Junot, desesperado com esta heroica resistencia dos portuguezes (que tinha o cynismo e desaforo de classificar de *rebellião!...*) manda sobre Leiria o general Margeron, que saiu de Lisboa com dois batalhões, quatro companhias escolhidas, e seis bocas de fogo e um esquadrão de cavallaria.

Chegando a Alcoentre a 4 de julho, encontra o innocente *cirio da Ameixoeira*. O cobarde Margeron manda emboscar infanteria e cavallaria atraz de um pinhal, e chegando ali, o cirio é investido *intrepida* e implacavelmente pelos jacobinos commandados pelo *valente* brigadeiro Solignac e pelo bravo chefe de esquadrão, Salm-Salm.

Logo aos primeiros tiros caem por terra, banhados em sangue, o prégador e o tocador da gaita, depois são assassinados indistinctamente velhos, mulheres e creanças, gente pacifica e desarmada, cujo unico cri-

me era serem christãos e portuguezes. Só escaparam os que conseguiram fugir á sanha d'estes tigres.

Os tropheus d'esta *batalha* são duas bandeiras de Nossa Sonhora, que como uma grande façanha foram expostas no quartel general de Junot, e o infame *Boletim* de 7 de julho tem o descaramento de qualificar este acto de inutil e cobarde carnificina como uma gloriosa victoria.

Tambem o *Monitor*, de Pariz, publicou isto como *uma brilhante batalha ganha contra os rebeldes portuguezes!*

Em janeiro de 1833, os liberaes encerrados no Porto, recebem como seu general em chefe, Solignac, que tinham mandado vir de França, e assim, o *heroe de Alcoentre* pôde continuar a assassinar portuguezes!

—

Foi dos marquezes de Villa Real, que a venderam a Martim Affonso de Sousa, que aqui fez um palacio e reedificou a torre, ou a fez de novo.

Passou depois para a casa dos condes de Vimieiro, a quem se pagava de 11—1; mas sómente do pão, vinho e linho.

Fazem-se aqui boas colchas brancas e tapetes.

Nasce aqui o rio *Almoster*, que finda na valla da Azambuja.

Foi fundada pelos mouros, no reinado de D. Ramiro III, pelos annos 970 de Jesus Christo.

A matriz foi fundada em 1340, por Affonso Annes, natural de Alemquer.

No meio da praça d'esta villa, está principiado, ha mais de 230 annos, um grande templo, para matriz, que se não conclue, pela pobreza da villa.

Perto da villa está o palacio dos condes do Vimieiro, que dizem estar feito pela fórma do castello de Dio, na India Oriental. Tem duas capellas dentro da quinta e uma fóra, todas em ruinas, ha mais de 150 annos.

D. Affonso I lhe deu foral em Coimbra, em outubro de 1174.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 26 de setembro de 1513.

Era priorado, apresentada pelas freiras de Villa do Conde. Tem misericordia e hospital, pobres. Na aldeia de Tagarro havia um capellão curado, para administrar os sacramentos.

**ALCÓFRA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 24 kilometros de Vizeu, 285 de Lisboa, 720 fogos.

Districto administrativo e bispado de Vizeu.

Orago Santa Maria.

É palavra árabe, *alcofara*, significa *infiel, incredulo, sem fé nem religião.*

Deriva-se do verbo *cafara;* ser infiel.

É d'esta palavra que se deriva tambem o nome de *cafres*, que damos aos gentios africanos, do paiz a que por isso chamamos *cafraria.*

Os árabes davam o nome de *rumi* (romanos) aos christãos, e *cofora*, *cafara*, ou *cafre* a todos os que não seguiam a sua religião.

Vem pois a ser *povoação dos infieis.*

Os de Alcofra não se devem zangar com o nome da sua terra, antes devem ter muita honra com elle; porque os mouros nos chamavam *infieis*, e, feitas as contas, vem a significar *povoação dos christãos.*

(Estão contentes, senhores de Alcofra?)

É terra summamente saudavel e fertil em cereaes e fructas, por ser muito abundante de aguas.

No logar chamado *Cabo da Villa*, ha uma torre quadrada, muito antiga, com 11 metros de face, de cada lado. É de dois andares, e fundada sobre uma rocha muito alta.

Foi da antiga comarca de Lafões, depois passou a ser do concelho de S. João do Monte, comarca de Tondella. Em 1855, ficou pertencendo ao concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella e, finalmente, em outubro de 1871 passou a ser do concelho e comarca de Vouzella.

**ALCOFRA**—serra, Beira Alta, comarca de Tondella, 9 kilometros de comprido e 6 de largo. Nasce aqui o rio do mesmo nome. É em grande parte cultivada e produz muito senteio, gado grosso e miudo e bastante caça.

**ALCOFRA**—rio, Beira Alta, comarca de Tondella.

Nasce no sitio do *Chão do Pêso*, na serra do mesmo nome e recebe no seu curso as

aguas de varios ribeiros. Suas margens são cultivadas e povoadas de arvoredo fructifero e silvestre e muitas *arvores de vinho.* Cria muito peixe.

Junta-se ao rio Alfusqueiro, em Destriz.

**ALCOITIM**—vide Alcoutim.

**ALCOLÓBRA**—pequena ribeira, Alemtejo; nasce no casal da *Perna-sêcca,* freguezia de Rio Torto, concelho de Abrantes, com o nome Ribeira das Biccas, que depois muda no de Alcolóbra.

Morre no Tejo, na coutada de Santa Margarida, perto de Punhete. Sécca pelo estio.

**ALCONGOSTA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 245 a N. E. de Lisboa, 180 fogos. Significa *costeira.* Vide Congosta.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Districto administrativo de Castello Branco, bispado da Guarda. Fertil.

**ALCOROBIM**—(que muitos, erradamente, escrevem *Alquerubim*) freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Albergaria-Velha, situada proximo da direita do Vouga, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 340 fogos. Foi villa.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Junto á casa dos srs. Roques, e d'elles, ha uma videira que produz uma pipa de vinho.

É palavra árabe, *al-corbin,* que significa, *os parentes,* derivada do verbo *careba,* aproximar-se, chegar-se, ter-se por parente. Vem pois a ser, *freguezia dos parentes.*

É muito fertil, bonita e rica.

Povoação muito antiga. Em 1085, doou *Flamula* (Chama) filha de *Honorigo,* ao convento benedictino de Pedroso, tudo o que tinha na villa de Alquorovim. Vide Pedroso.

Em julho de 1139, Mendo Bernardo e sua mulher Godinha Paes, doaram a Santa Cruz de Coimbra varias propriedades e tres partes da egreja de *Alkarovim.* Vide *Terra dos Pagons.*

**ALCÓRREGO**—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Aviz, 54 kilometros de Evora, 90 de Lisboa, 80 fogos

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado de Evora, districto de Portalegre.

Córrego ou corgo, no antigo portuguez, significa ribeiro ou regato que corre profundo entre penedias, ou pelas quebradas das serras. Aqui se lhe juntou o artigo árabe *al.*

**ALCÓRREGO**—(ou Alcorgo) pequeno rio do Alemtejo, que nasce proximo da villa de Souzel.

No sitio do Rodeio, recebe o ribeiro de valle de Freixo. Tem duas pontes de pedra, uma no Rodeio, de um só arco; outra com dois, chamada Ponte Nova, na aldeia d'este mesmo nome. Morre na ribeira de Aviz no sitio chamado *Penhas do Maranhão.*

É em parte cultivado, e cria bastante peixe, sobre tudo bordallos.

A mesma etymologia. Vide Córgo.

**ALCORUCHEL**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 115 kilometros a N. E. de Lisboa, 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

**ALCOUTIM**—(ou Alcoitim) villa, Algarve, comarca de Tavira, 25 kilometros ao E. de Castro Marim, 85 a E. de Faro, 300 ao S. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

Tinha em 1666, 200 fogos.

Concelho 1:800 fogos.

Orago S. Salvador. Vide Guadiana.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Está situada na encosta de uma montanha, sobre a margem direita do Guadiana. É praça de armas fechada, e foi uma das boas fortalezas de Portugal.

N'esta villa justaram pazes (depois de grandes guerras) D. Fernando de Portugal, com D. Henrique de Castella, em 31 de março de 1369. (R. M. da Silva diz que foi em 31 de março de 1371, é erro.)

Em frente (na margem esquerda do Guadianna) está a villa hespanhola de S. Lucar.

É cercado de muralhas com seu castello.

O castello é quadrado, muito tosco e arruinado. Tem armazens para petrechos de guerra e cisterna entulhada ha mais de 120 annos.

É povoação muito antiga, e, se não é fundação romana, é do principio do dominio serraceno.

É certo que antigamente se chamava *Alcoutinium*, o que induz a crer que já existia no tempo dos romanos.

Parece que os arabes lhe chamavam *Alcatiâ* (d'onde nós fizemos, *alcateia*) que significa manada ou rebanho de gado.

Tambem significa *alcateia de lobos* (e talvez seja isto, por haver então muitos lobos na serra proxima.)

Aqui estamos nós n'um dilêma.

É indubitavel que antigamente se escrevia *Alcoitinium*. Esta palavra (como já disse) leva-nos a crer que é romana. Por outra parte, *Alcatiâ*, é incontestavelmente árabe. Se os nomes fossem muito differentes, diria que os arabes a crismaram; mas nada, a cousa é com toda a provabilidade, a mesma.

E então, ou a palavra era romana *(hum!)* e os arabes a africanisaram, ou ignora-se o nome que teve no tempo dos romanos (se é que então já existia) e o *Alcoitim* é corrupção de *Alcatiâ*. Nada prova (na minha opinião) o *nium*. Todos sabem que desde o tempo dos godos e ainda no dos nossos primeiros reis, tudo o que era official se escrevia em latim *(macarronico)* e já se vê que para se alatinisar *Alcoitim* se dizia *Alcoitinium*.

Os primogenitos dos marquezes de Villa Real, eram condes de Alcoutim, por mercê de D. Manoel, em 1520. Aqui principia a serra de Monchique.

D. Sancho II a tomou aos mouros em 1240. D. Diniz a mandou povoar, fazendo-lhe ou reedificando-lhe o castello e muralhas, e dando-lhe foral, em Beja, a 9 de janeiro de 1304, com todos os privilegios de Evora.

R. M. da Silva, na *Poblacion general de Espana*, diz que D. Diniz a povoou em 1300. Podia mandal-a este rei povoar em 1300 e só lhe dar foral d'ahi a 4 annos. D. Diniz, quando a mandou povoar a deu á Ordem de S. Thiago.

Philippe IV, para premiar a traição dos Noronhas, fez conde de Alcoutim a D. Pedro Portocarreiro de Menezes e Noronha, em 1641. Era filho d'outro D. Pedro Portocarreiro, conde de Medelim e de D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, irmã do duque de Caminha e filha do marquez de Villa Real, que morreram degolados por traidores em 1641 (vide Caminha.) Este titulo *não pegou*.

D. Manoel lhe deu foral novo, com os mesmos privilegios, em Evora, a 20 de março de 1520.

Tem misericordia e uma albergaria.

É muito fertil em cereaes e fructas, tem muito bom vinho e cria bastante gado, grosso e miudo.

A serra é abundante de caça e o Guadiana produz muito e bom peixe.

É tambem farta de peixe do mar, que lhe vem de Villa Real de Santo Antonio e Castro Marim.

É da casa do infantado.

A egreja é de tres naves e soffrivel.

Era *couto* no crime para 30 criminosos, por privilegio de D. Affonso V, e para 40 no civel, por privilegio de D. Diniz.

A muralha tem tres portas (a do Guadiana, a de Tavira e a de Mertola.)

Proximo á porta de Tavira, que fica ao O. em uma pedra tem uma inscripção que diz:

*Alfonsus VI. Rex Portugaliæ, et Algarbiorum, 1661.*

Em um sêrro, ao N. da villa, se vêem vestigios de fortificações muito antigas. Junto a este sêrro (que chamam de Santa Barbara) ha um rochedo que se fortificou no seculo passado e se lhe collocou artilheria, que bastante mal fez a S. Lucar.

Duas ribeiras dividem esta freguezia, que são o *Vascão* e *Foupana*: a primeira morre no Guadiana, na Foz do Vascão; e a segunda morre no mesmo rio, na Foz do Deleite. O Guadiana a banha de E. a O.

D. José I a fez villa e nomeou para aqui Juiz de fóra, em 1758.

Era priorado apresentado pela Ordem de S. Thiago, e depois pelo bispo do Algarve.

**ALCOVA**—pequeno rio, Beira Baixa,

Nasce na freguezia de Sarzedas. Suas margens são arborisadas e em parte cultivadas. Suas areias traziam ouro, que se extrahia no seculo passado. Morre no rio Alvito, no sitio da *Cerejeira*.

Etymologia a mesma de *Alcoba*.

**ALDÃO**—freguezia, Minho, comarca e

concelho de Guimarães, 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Está situada em um alto e dominando um extenso valle que comprehende 8 freguezias.

É muito abundante de cereaes, fructas e vinho verde.

Aqui nasceu o celebre jurisconsulto D. Agostinho Barbosa (e não em Guimarães, como alguns dizem) que depois foi bispo de *Ughento*, na Italia.

Na quinta de *Aldão*, d'esta freguezia, se achou ha cousa de 150 annos, uma lapide com esta inscripção: *Dedicavit Fitus Flavius Claudianus Archelaus Leg. Aug.* Pelos confins da freguezia corre o rio *Cêlho.*

**ALDARES**—monte, Alemtejo, na serra de Ossa, da qual faz parte, e tem as mesmas producções.

Vem do arabe *alduar*, que significa *redondo.*

**ALDEIA**—pequena ribeira, Beira Baixa. Nasce no sitio do *Poio dos Corvos*, no *Cabêço do Picoto*, proximo da *Aldeia do Carvalho* (de que toma o nome) e a pouca distancia perde o nome, mettendo-se na ribeira de Corges, onde tem uma ponte de pedra, no sitio de *Lanhoso.*

*Aldeia* é a palavra arabe *aldaia*, que significa povoação ou logar pequeno. O padre D. Raphael Bluteau diz que é a palavra grega *aldainein*, que significa augmentar, accrescentar; mas é erro; pois é claro que nós herdámos esta palavra dos mouros.

**ALDEIA**—serra pequena na Extremadura, limites da freguezia de Ota. Começa onde chamam *Bunhal do Paul*, e acaba na quinta da *Vidigueira*, freguezia da Graça. Só produz matto e caça. 3 kilometros de comprido.

**ALDEIA DO BISPO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros a SE. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

**ALDEIA DO BISPO**—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Salvador.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

**ALDEIA DO BISPO e ARANHAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha-a-Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros a O. da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Situada em alto, entre montes, pelo que só d'aqui se vê para Hespanha as povoacções de Ergeas, Val-Verde e S. Martinho.

Orago S. Bartholomeu.

O cura era nomeado pelo povo.

Era da commenda de S. Thiago. Terra fertil. Muita caça na serra do Salvador, que fica proxima. Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALDEIA DO CARVALHO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 30 kilometros a NO. da Guarda, 280 a E. de Lisboa, 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALDEIA DA CRUZ**—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ourem, 145 kilometros ao N. de Lisboa, 330 fogos.

É no patriarchado. Orago Santa Cruz.

Districto administrativo de Leiria.

**ALDEIA DAS DEZ**—freguezia, Beira Alta, comarca de Midões, concelho de Avô, 60 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 290 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É desde 1855 do concelho de Oliveira do Hospital.

**ALDEIA DAS DONNAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, bispado da Guarda, districto de Castello Branco, 54 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Maria.

Tambem se lhe dá o nome de *Aldeia Nova das Donnas.*

**ALDEIA GALLEGA DA MERCIANA**—vil-

la, Extremadura, comarca, concelho e 24 kilometros a NE. de Alemquer, 60 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:400 almas.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

Feira franca a 25 de março e no domingo da Trindade. Era concelho, mas foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Situada proximo da ribeira do seu nome. Era primitivamente no sitio onde hoje se chama *os Montes*. E o seu nome era mesmo *Montes de Alemquer*. Com este nome foi elevada á cathegoria de villa por D. Diniz, e lhe deu foral em Santarem a 9 de janeiro de 1305 (Livro 5.º de Doações do sr. rei D. Diniz, fl. 28, v.) Note-se porém que no Livro 2.º dos *proprios* das rainhas, fl. 50, v. vem com a data de 1306.

Está toda cercada de montes e é muito fertil.

A matriz d'esta villa era uma sumptuosa egreja de tres naves, feita por D. Leonor, mulher de D. João II, em 1525, mas pouco já conserva da sua primitiva. Entretanto ainda é um templo decente, posto que de architectura simples e desengraçada.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi priorado das rainhas, com quatro beneficiados. Tinha até 1834 juiz ordinario e duas companhias de ordenanças.

A séde actual da freguezia é na antiga villa da Aldeia Gallega da Merceana, e comprehende as aldeias do *Arneiro*, *Paiol*, *Barbas de Porco*, *Casaes Brancos* e *Valle Bem Feito*.

O parocho tem de rendimento 250$000 réis com o pé d'altar.

Esta povoação é muito antiga, pois com certeza já existia no tempo do conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei. Não pude porém averiguar quando nem por quem foi fundada.

Tambem não pude saber quando deixou o seu antigo nome de *Montes de Alemquer* (que vem a ser o mesmo que dizer *Casaes* ou *Granjas* de Alemquer) para tomar o actual. É porém certo que quando el-rei D. Manuel lhe deu carta de foral, datada de Lisboa, no 1.º de outubro de 1513, já tinha o nome actual.

Franklin, ignorando que Montes de Alemquer e Aldeia Gallega da Merceana eram uma e mesma cousa, relaciona-a com o primeiro nome nas terras que não tiveram foral novo. Já vemos que é erro manifesto.

O foral *novo* d'esta villa (o de D. Manuel) está na Torre do Tombo, *Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 142, col. 1.ª

Chama-se *da Merceana*, não só para a differençar da outra Aldeia Gallega ao S. do Tejo, como porque a aldeia da Merceana é uma das mais importantes da freguezia, e até do concelho.

Na minha opinião o sobrenome de gallega não significa cousa da Galliza; mas terra sáfara, pouco fertil ou mal cultivada.

Os nossos antigos e ainda, hoje os povos das provincias do Norte, que (digam o que disserem os do Meio dia, e chamem-lhe muito embora *gallegos*) são os que ainda conservam menos alterada a antiga lingua portugueza; chamam *gallego* a toda a qualidade de gado de casta pequena, ou ao que é magro, mal tratado, *arripiado* ou *enfezado*. Tanto isto é verdade incontestavel, que ha um antiquissimo rifão portuguez, assim: *A fome e o frio fazem o gado gallego.*

Similhantemente se chamava *gallega* á terra que *ficava* de *pousio*, á que era *mal amanhada* e á de má qualidade.

(Se algum *espertalhão* embirrar com esta obra, por tratar d'estas *definições* com tanta minuciosidade, lembre-se que eu não escrevo sómente para os sabios; mas tambem, *e principalmente*, para o nosso bom povo portuguez, que não teve meios ou *vagar* de frequentar estudos superiores).

—

O nosso bom rei D. Diniz, com muita razão cognominado o *lavrador*, foi o monarcha portuguez que mais tem protegido a agricultura, livrando-a de muitas *pêas* que tolhiam o seu desenvolvimento. Foi elle que *emancipou* os *Montes de Alemquer* da jurisdicção da villa d'este ultimo nome, em 1282, fazendo-os julgado independente.

Mereceram este favor do rei, os povos d'aqui, porque D. Sancho II (tio de D. Diniz) desejando dilatar o reino de Portugal e ex-

pulsar d'elle os ismaelitas, fez varias entradas por terras de mouros alemtejanos e algarvios (1225 a 1240) no que muito o ajudaram os povos dos Montes de Alemquer; o que expressamente declara D. Diniz na carta regia que dá a esta terra os fóros de julgado, com justiça propria.

Estava dado o primeiro passo para a independencia d'esta terra; mas o povo não se contentou com *meia liberdade. Comprou* ao rei o direito de municipio por uma avultada quantia de dinheiro (para aquelles tempos) e desistiu, em favor do mesmo rei, do direito que tinha na leziria chamada *Côrte dos Cavallos.* Remiu um fôro que se pagava a D. João Simão e a Garcia Martins (mordomos de el-rei) e certas terras pertencentes ao *arabi-mór* dos judeus.

(Dizem alguns escriptores que elles deram ao rei 12:000 libras e a cada um dos outros tres, trezentas. Parece-me uma quantia monstruosa, quasi impossivel para aquelle tempo, a não ser que as libras por aqui fossem mais *pequenas* do que nas outras partes do reino, o que era possivel; porque as moedas então variavam muito de pezo e valor, segundo as localidades. Havia tambem libras de ouro, de prata e de cobre. As de ouro valiam 876 reaes).

Em consequencia d'isto, e estando o rei em Santarem, é que, como já disse, lhe deu carta de foral, em 9 de janeiro de 1305, elevando os montes de Alemquer á cathegoria de villa, com camara, juiz ordinario, alcaide, meirinho, escrivães et reliqua. Foi até 1834 da provedoria de Torres Vedras.

Foi desde D. João II apanagio das rainhas de Portugal, até que em 1834 foi extincta a denominada *Casa das Rainhas.* (Vide *Alemquer*).

No reinado de D. Affonso V pertenceu por algum tempo (não sei como, nem porque) a D. Pedro de Eça, mas voltou logo á casa das rainhas.

A rainha D. Leonor, viuva de D. João II, comprou ao rei D. Manuel as *jugadas* d'este termo, e as doou ao hospital das Caldas da Rainha, que as recebeu até 1834.

Ainda aqui existem umas casas foreiras ao dito hospital, que, segundo a tradição, foram os paços das rainhas, quando aqui vinham, e depois casas da tulha, onde se recebiam as *jugadas.* (Vide *Jugadas*).

O antigo termo d'esta villa comprehendia os logares de *Aldeia Gavinha, Merceana, Arneiro, Valle Bem Feito, Barbas de Porco, Palha Canna, Freixiaes de Cima, Freixiaes do Meio, Freixiaes de Baixo, Atalaya* e *Corujeira.*

Já disse que era priorado das rainhas com quatro beneficiados. Ellas apresentavam os priores, que tinham de rendimento annual uns 400$000 réis e estes apresentavam os beneficiados, que tinham 150$000 réis por anno, cada um.

Na egreja havia uma irmandade de S. Miguel, que deixou de existir.

Houve uma capella de Nossa Senhora da Soledade, que tambem já não existe.

Na egreja matriz ha uma capella que foi dos condes da Ericeira. É de abobada e muito antiga: provavelmente construida quando se edificou a primitiva egreja. Chama-se *capella da Cruz Nova.* Teve uma confraria, com dois capellães, que acabou.

Ha n'esta egreja alguns quadros de merito e bons azulejos, representando scenas biblicas.

Debaixo do arco cruzeiro, vê-se em uma campa raza, esta inscripção:

S.ª DE JORGE CABRAL DE TAVORA,
PRIOR QUE FOI D'ESTA EGREJA.

Este parocho viveu durante a usurpação de Filippe II.

Parece que esta egreja foi reedificada entre os annos de 1610 e 1616.

No centro da villa estava a egreja da Misericordia, que era um templo vasto e decente; hoje só d'elle restam as paredes desmanteladas, apezar da irmandade ter um rendimento annual superior a 900$000 réis!

Era padroeiro d'esta egreja, em 1758, João Carlos de Miranda.

Havia na antiga villa duas ermidas, uma na quinta de *Traz da Egreja,* da invocação de Nossa Senhora dos Anjos, ainda

existe. A outra, do Espirito Santo, está em ruinas, teve um hospital de que foram administradores os *Rebellos*.

Fóra da villa ha a capella de S. Sebastião, em outros tempos de muita devoção e muito concorrida de romarias.

Na aldeia da Merceana está o convento que foi de frades capuchos. (Para isto, e para o mais, vide *Merceana*).

Ha n'esta freguezia muitas e boas quintas, sendo as principaes, as seguintes:

Da *Conçeição*, do sr. barão da Portella.

Da *Corujeira*, do sr. conde do Casal Ribeiro.

Do *Falou*, do sr. barão de Alemquer.

Do *Anjo*, do sr. conde de Magalhães.

Dos *Furões*, da sr.ª D. Maria da Conceição de Sousa Rebello Mello Freire d'Alte.

De *S. João*, da sr.ª D. Marianna Brito.

De *S. Christovão*, do sr. J. Gomes Ganches.

Da *Boa Vista*, do sr. J. Baptista Canha.

Da *Choca Palha*, do sr. D. Chapman Duff.

Do *Freixo*, do sr. M. J. Quintella Emauz.

De *João Carneiro*, do sr. M. Moraes Correia.

Do *Valle*, idem.

Das *Olarias*, do sr. A. de Oliveira Neto.

Da *Junqueira*, do sr. J. Isidoro Escarlate.

Da *Lágem*, idem.

Da *Niqueira*, do sr. A. da Cunha Abreu Toar e Frias.

Das *Barbas*, do sr. A. da Costa Senior.

Casal da *Cheira*, do sr. M. da Cunha.

Da *Boa Vista*, do sr. F. A. da Motta.

De *Santo Antonio*, do sr. J. A. de Oliveira.

Dos *Corvos*, do sr. Graciano Franco Monteiro.

Do *Matto*, do sr. J. Isidoro Escarlate.

Da *Jámerca*, do sr. M. F. da Silva Braga.

Do *Ribeiro e Tremonha*, idem.

Do *Rolão*, do sr. J. T. Martins.

*Novo*, do sr. A. B. Moniz da Maia.

Do *Ventoso*, do sr. visconde de Juromenha.

Do *Arrieiro*, idem.

Do *Inferno* (!) da sr.ª D. Maria Dorothea de Lima.

Do *Cassimal*, da sr.ª D. Anna Baptista da Costa.

**ALDEIA-GALLEGA DO RIBA-TEJO**—villa, Extremadura, 18 kilometros ao S. E. de Lisboa, 12 de Alhos-Vedros, 30 de Palmella. Situada em plano, n'uma especie de golpho, na margem esquerda do Tejo, em terreno fertillissimo em cereaes, vinho, fructa e pinhaes. Abundante em peixe, marisco e sal.

É escala entre o Alemtejo e Lisboa; e por isso muito commercial. Não obstante, o caminho de ferro do Sul tirou-lhe uma grande parte da importancia.

Tem optimo caes de cantaria.

Feira no penultimo sabbado de agosto, tres dias.

1:000 fogos, 4:000 almas. No concelho 1:200 fogos, na comarca 3:600.

Orago o Espirito Santo.

Districto administrativo e diocese de Lisboa.

Tomou o nome, de uma mulher chamada *Alda Gallega*, que deu principio á povoação, com uma venda ou estalagem, que edificou junto ao porto, onde hoje é a villa.

Esta etymologia é a que lhe dá a tradição, mas quem sabe se a origem do seu nome seria a mesma de Aldeia Gallega da Merceana?

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de setembro de 1514.

Misericordia fundada em 1553.

A 4 kilometros é o celebre templo de *Nossa Senhora da Atalaya*, fundado em 1623 e reedificado no seculo passado, onde vão todos os annos perto de 30 *cyrios*.

Antigamente iam todos os empregados da alfandega de Lisboa, em romaria á Senhora da *Atalaya*, no domingo da Santissima Trindade, por um compromisso feito em 1507, por causa de uma grande peste, que tinha havido.

Ainda existe esta romaria com o nome de *Cirio*; mas não é dos empregados da alfandega; porém do povo de Lisboa e outras localidades. (Vide Atalaya (Nossa Senhora da).

Esta villa foi priorado da ordem de S. Thiago, com dois beneficiados e thesoureiro.

O seu antigo termo tinha 96 kilometros de circumferencia.

Tinha um convento de frades *recoletos* da provincia do Algarve.

No 1.º de junho de 1834 aqui embarcou,

em um escaler da esquadra britanica, D. Carlos de Bourbon e sua familia para ir para bordo da nau *Donegal*, que devia conduzil-os a Inglaterra.

A camara pagava ao medico do convento, assim como ao cirurgião e ao boticario, por ser o convento pobre. Tambem pagava aos frades os sermões da quaresma e do advento, e 400 réis cada semana para a vacca dos doentes, além d'outras esmolas da camara e do povo.

O seu esteiro é navegavel até ao Tejo.

Teve juiz de fóra até 1834.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 17 de janeiro de 1515.

Tem estação telegraphica municipal.

Ha por aqui bonitas e rendosas quintas.

A villa e termo rendiam para a corôa até 1834, *d'usual* 5:000$000 réis e 280$000 réis de siza, e o real d'agua.

Conta-se que no seculo passado se costumava fazer aqui a procissão dos Passos, na qual um latagão em carne e osso fazia de Senhor dos Passos, levando a cruz ás costas, com grande cabelleira e longas barbas postiças. Quando a procissão parava, queria o pobre do homem descansar, encostando a cruz (que pelos modos era pesada) a qualquer parede ou vallado; mas isso é que os *judeus* lhe não consentiam para fazerem a coisa mais ao natural. Então o *protagonista*, zangado, disse: *Cá não me tornam vossês a pilhar: o diabo que lhes venha servir de Senhor dos Passos.*

É esta villa solar dos *Varellas*. Este appellido é nobre. Segundo o *Livro de Linhagens*, do infante D. Pedro, esta familia é oriunda da Galliza. Veio estabelecer-se em Portugal, no seculo XIV, D. Fernão Paes Varella, tronco d'esta familia. Seu neto, D. Pedro Varella, foi um valente e leal portuguez, e fronteiro-mór do Alemtejo, por D. João I de Portugal. Casou n'esta villa com D. Brites Annes, fazendo aqui o seu solar. Suas armas são—em campo de prata, 5 bastões de coticas verdes, em banda. Timbre meio leão de prata com um bastão do escudo nas mãos. Estas armas foram dadas por Philippe III, a Miguel Varella Mascarenhas, em 1612.

Outros Varellas trazem—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de verde, 5 flores de liz de oiro, em aspa, e no 2.º e 3.º, d'azul, um leão de oiro. O timbre como o dos outros.

Villas Bôas diz que o progenitor dos Varellas veio para Portugal no tempo de D. Sancho I. Pois viria.

**ALDEIA GAVINHA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, (foi do concelho de Aldeia-Gallega da Merceana até 1855) 40 kilometros ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa, e terra bastante fertil.

Esta freguezia tem a séde no logar de Aldeia Gavinha, e comprehende os logares de *Freixial de Cima, Freixial de Baixo, Tojal, Montagil, Matta* e *Sobreiros*.

Era priorado, apresentado pelas rainhas, pois que a freguezia era apanagio da sua casa. Rendia então 400$000 réis; hoje apenas rende 220$000 com o pé d'altar.

Segundo a tradição, foi esta povoação fundada no meiado do seculo XV.

É provavel que de tempos remotos (pelo menos, dos romanos) houvesse uma povoação na encosta, defronte do logar onde hoje está uma vinha do sr. Oliveira, da Merceana; porque tem aqui apparecido, por varias vezes, alicerces de casas e cippos com inscripções romanas. Ainda ha poucos annos se achou uma lagem com a seguinte:

HIRCINIY
S. TEMPO
RANVS
AXXXV. H. S. E.
D. M.

Isto é—*Hircino Temporão, de edade de 35 annos, aqui jaz sepultado. Dedicado aos deuses manes.*

Em 1448, uma terrivel peste assolou este reino. Consta que então morreram d'este flagello quasi todos os habitantes da antiga povoação. Havia no sitio da actual Aldeia Gavinha um casal onde a peste não entrou: pelo que os poucos que escaparam se vieram aqui estabelecer, formando com o tempo uma aldeia florescente.

Suppõe-se que a egreja matriz foi fundade pelos annos de 1550; porque na capella-mór ha uma campa com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ ANTONIO GLZ.
O PRIMEIRO PRIOL QUE
FOI D'ESTA EGREJA. 1561

A par d'esta campa ha outra com esta inscripção:

S.ª DE BALTHAZAR D'OLMEDO
TERCEIRO PRIOL D'ESTA EGREJA
FALLECEU A 13 D'ABRIL DE 1563.

(Succediam-se com rapidez aqui os parochos!)

Além d'estas, ha varias campas com inscripções, mas quasi todas illegiveis.

Segundo o sr. Guilherme João Carlos Henriques (*Alemquer e o seu concelho*) curiosissimo e illustrado escriptor, cuja primorosa obra muito me serviu para a descripção das varias povoações do actual concelho de Alemquer—existiu na capella-mór e hoje está na sachristia da egreja, uma pedra com esta inscripção—*N'esta casa instituiu capella, Estevão Moniz Freire, e lhe applicou as duas partes do rendimento d'ella, a qual hoje é de Sua Magestade. Era 1671.*

Defronte do arco cruzeiro.

S.ª DO CAPITÃO HIERONYMO GLZS, CAVALLEIRO FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, E CIDADÃO DA CIDADE DE LISBOA, E DA SUA MULHER JOANNA JACOME DE FARIA, E DE TODOS OS SEUS HERDEIROS. ERA 1640 ANNOS.

No corpo da egreja ha muitas campas. Uma d'ellas refere-se ao logarsinho da *Musardbia*, e tem a data de 1581.

Outra diz:

S.ª DE AGOSTINHO FRZ. DE SEQUEIRA
E DE SEUS HERDEIROS.

(Estes Sequeiras são os fundadores do vinculo de Aldeia Gavinha, em 1617.)

Em outra:

S.ª DE AYRES ANRRIQUES E DE SUA MULHER FELIPPA AVANCELHA, FILHA DE AYRES PENTEADO

Em outra:

S.ª DE ANTONIO CALDEIRA E DA SUA MULHER IZABEL DA GAMA, E DOS ADMINISTRADORES DA SUA CAPELLA.

A visita mais antiga feita a esta egreja que está registada no respectivo livro, é a do dr. Damião Viegas, em 25 de março de 1598.

No logar d'Aldeia Gavinha ha tambem a capella do Espirito Santo, que tinha administrador e estava sujeita ao provedor. Houve mais as capellas de Nossa Senhora da Conceição, que se arruinou ha mais de 140 annos; e a de S. Sebastião, que o terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu.

No Freixial havia tambem uma ermida de S. Luiz, que era do povo; no Tojal, a de Nossa Senhora da Penha de França, que o mesmo terremoto desmantelou; e em Montagil, a de Nossa Senhora da Nazareth, que antigamente pertenceu ao capitão Manuel Monteiro da Costa.

As quintas *do Castello, da Cidade* e *da Conceição* eram um vinculo, feito por um arcebispo de Braga. São hoje da sr.ª D. Maria da Piedade Telles.

Ha mais as quintas—*de Santa Barbara*, do sr. barão da Portella—*do Tojal*, dos herdeiros do barão de Chancelleiros—*dos Cucos*, do sr. J. M. Franco — *do Aragão*, do sr. A. P. Caldas—*dos Sobreiros*, do sr. F. J. R. Casalleiro—*de S. Martinho*, do sr. J. C. M. d'Aguiar—*da Choroseira*, da sr.ª D. Antonia Candida d'Oliveira Montaury, e os casaes—*da Lage, Baneira, Queimadas, Remolho* e *Beta*.

**ALDEIA DE JOANNE**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALDEIA DE JOÃO PIRES**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 50 kilometros da Guarda 260 a E. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto de Castello Branco. Foi antigamente do concelho de Monsanto.

**ALDEIA DE SANTA MARGARIDA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 55 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Margarida de Crotona.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

**ALDEIA DA MATTA**—freguezia, Alemtejo, comarca de Portalegre, concelho e 6 kilometros do Crato, 135 de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

É no patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

**ALDEIA DO MATTO**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 165 kilometros a E. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era curato da ordem de Malta, apresentado pelo grão prior do Crato.

Ha aqui muitas lentilhas, de que fazem pão. Ás latadas chamam *labruscas*.

**ALDEIA DO MATTO**—freguezia, Beira Baixa, concelho de Valhelhas, comarca e 24 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Orago Sant'Anna.

É no bispado da Guarda, districto de Castello Branco.

**ALDEIA DE NACOMBO** ou **NACOMBA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, bispado e 24 kilometros de Lamego, districto administrativo de Vizeu, 50 fogos.

Orago S. Pedro.

**ALDEIA NOVA**—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros de Vizeu, 335 a E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Pertencia ao concelho de Castello-Mendo, que foi annexado ao do Sabugal, em dezembro de 1870 ficou (com outras freguezias) fazendo parte do concelho de Almeida.

**ALDEIA NOVA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

A freguezia de *Aldeia Velha* está annexa a esta freguezia.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Ha aqui uma copiosa fonte d'agua sulphurea, que sahe tepida. Ainda não foi analysada.

**ALDEIA NOVA**—freguezia, Alemtejo, concelho de Serpa, comarca de Moura, 85 kilometros d'Evora, 155 de Lisboa, 700 fogos.

Orago S. Bento.

Situada em uma vasta campina. Foi formada de duas aldeias, uma chamada *Cabeço dos Vaqueiros*, e outra *Fonte dos Cantos*.

D. João IV fez aqui muitas casas á sua custa, que deu a quem n'ellas quizesse morar, com a obrigação de defenderem a povoação dos castelhanos, o que este povo sempre fez com bravura.

Muita caça. Fertil em cereaes, vinho e fructa. Criam-se aqui muitos e bons porcos.

Passa por aqui a serra de Serpa.

É no bispado e districto administrativo de Beja.

**ALDEIA NOVA** ou **VENDA NOVA** (mas verdadeiramente *Cucujães*)—aldeia, na freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis.

Tem uma grande fabrica de chapeus de lã (talvez a maior de Portugal, n'este genero, pois occupa mais de cem pessoas).

Os productos d'esta optima fabrica, pela sua perfeição, são procurados em todo o reino e na Hespanha, para onde faz grande commercio. Pertence aos srs. Manuel José de Carvalho e seu filho, José Antonio da Silva Carvalho. Foi fundada em 1867. Tem sido premiada em varias exposições.

N'esta aldeia, cujo nome official e verdadeiro é *Cucujães*, no sitio em que hoje é um campo, existiu a primitiva egreja matriz da freguezia, que foi demolida quando se edificou a egreja do mosteiro, que, desde então, ficou sendo matriz. (Sobre isto e sobre a etymologia do nome moderno d'esta aldeia, vide *Cucujães*.)

**ALDEIA NOVA DO AZINHAL**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e a 6 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

**ALDEIA NOVA DO CABO**—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca do Fundão,

55 kilometros da Guarda, 255 ao O. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pé da Cruz.

Districto de Castello-Branco, bispado da Guarda.

**ALDEIA NOVA DAS DONNAS** — Vide *Aldeia das Donnas.*)

**ALDEIA NOVA DA TEIXEIRA** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 60 fogos.

**ALDEIA DO PAYO PIRES** — freguezia, Extremadura, comarca d'Almada, concelho do Seixal, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciada.

Diz-se que foi seu fundador o bravissimo commendador de S. Thiago e fronteiro-mór do Algarve D. Payo Peres Correia, que lhe deu o nome.

Era antigamente da freguezia da Arrentella.

É no patriarchado, e districto administrativo de Lisboa, e pela nova divisão está na Extremadura, apesar de estar ao S. do Tejo.

Esta freguezia e as do Seixal e Arrentella são situadas em um tracto de terra de fórma quasi triangular de uns 30 kilometros quadrados, incluindo os casaes e pinhaes que pertencem a estas freguezias

Passa aqui á *ribeira de Coina,* e tem n'esta freguezia um desembarque chamado *Portinho,* junto á quinta do mesmo nome.

Estas tres freguezias ficam apenas desviadas uns 2:000 metros umas das outras.

É uma situação muito linda e com magnificas vistas. Ha por aqui muitas e boas quintas. (Vide Arrentella e Seixal.)

**ALDEIA DA PONTE** e **FORCALHOS** — freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar-Maior, 120 kilometros ao S. E. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 250 fogos. Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

**ALDEIA DA RIBEIRA** e **ESCABRALHADO** — freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar Maior, 120 kilometros a S. E. de Lamego, 320 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

**ALDEIA RICA** — Vide *Açores,* villa.

**ALDEIA DO SALVADOR** — freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Monsanto, 60 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 110 fogos.

**ALDEIA DA SERRA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 50 fogos.

**ALDEIA DO SOBRAL** — Vide *Adiça.*

**ALDEIA DO SOUTO** — freguezia, Beira Baixa, concelho de Valhêlhas, comarca e 24 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

**ALDEIA VELHA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros a S. E. de Lamego, 300 de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. João Baptista Degolado.

Districto administrativo da Guarda, bispado de Pinhel.

**ALDEIA VELHA** — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 135 kilometros de Lisboa, 70 fogos.

Orago Santa Margarida de Cortona.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

**ALDEIA VELHA** — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Vizeu, 310 ao N. E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

**ALDEIAS** — Vide *Abrote.*

**ALDERIZ** — Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome.

É a palavra arabe *Alderis,* significa — *logar das debulhas* ou *as eiras.*

**ALDERUGE** — freguezia, Beira Alta, termo de Lamego, extincta ha quasi 200 annos.

É a palavra arabe *alderuge,* significa — *os degraus.*

**ALDOAR** ou **ALDUAR** — freguezia, Douro,

concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

É palavra arabe (*Aldoar*), significa — *redonda*. Deriva-se do verbo *daûara* — cercar á roda.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

**ALDREU** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 315 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Era vigariaria de Palme.

**ALEGRETE** — villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros ao S. de Portalegre, 190 ao S. E. de Lisboa, 12 de Assumar, 340 fogos, 1:400 almas (em 1660 tinha 350 fogos e em 1760 só 250!) no concelho 500 fogos. — Vide Arronches.

Orago S. João Baptista. Districto administrativo e bispado de Portalegre.

É praça de armas, fronteira á Hespanha (a 12 kilometros de distancia ao N.) em aprasivel altura, cercada de muralhas com seteiras, com seu castello.

Tem dentro do castello, casas para quarteis, arrecadações, cisterna, etc.

Sobre a porta principal da villa ha uma torre de cantaria, primorosamente lavrada, onde está o relogio. D. Diniz povoou a villa e fundou o castello em 1319, como se verá adiante.

Fertil (sobretudo em castanhas, que exporta em grande quantidade).

Seu nome lhe provém da sua *alegre* situação, em uma altura cercada de varios montes, e banhada ao O. pelo rio *Cima* (que nasce no alto da serra de S. Mamede, e desagua no Guadiana.

D. Diniz lhe fez o castello e muralhas, e a mandou povoar em 1319, dando-lhe então foral. (As muralhas foram feitas pelos seus habitantes, com a condição de os tornar independentes da jurisdição de Portalegre, o que o rei fez.) Foi-lhe dado foral novo, confirmando o antigo, por D. Manuel em Lisboa, a 14 de fevereiro de 1516.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 10.°

O vinho de Alegrete é optimo.

Cria muito gado.

Aqui proximo houve em 1826 um pequeno combate entre as tropas realistas commandadas por o brigadeiro *Magessy* e os liberaes de *Villa-Flor*.

D. João IV fez conde de Alegrete a Mathias d'Albuquerque, em premio da victoria de *Montijo*. Passou depois a marquezado, que D. Pedro II deu a Manuel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, em 1687.

É população muito antiga, e já existia no tempo dos romanos. Ha porém duvida no nome que estes lhe davam.

Querem uns que fosse *Alegretum*, (o que não me parece muito provavel) outros sustentam que se chamava *Ad-septem-aras*; — mas é mais provavel que *Ad-septem-aras* seja *Assumar*.

Barreiros, sobre as *Tabuas de Ptolomeu*, quer que aqui fosse a antiga *Talabriga*. (É escolher.)

A matriz é um bom templo, de tres naves. Tem Misericordia. Esta praça desde que foi tomada aos mouros, por D. Affonso I, em 1160, nunca mais se perdeu.

Tinha o privilegio de não dar soldados (com obrigação de defenderem a praça, dos castelhanos) dado por varios reis e ainda confirmado por D. João V.

A villa é cercada pelas ribeiras *Caia* e *Ninho do Açôr*.

É terra fertil, sobretudo em vinho, azeite e castanhas.

**ALEIDÕES** — monte, Alemtejo, comarca de Evora, faz parte da serra d'Ossa e tem as mesmas producções.

**ALEIXO** (Santo) — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 85 kilometros de Evora, 155 de Lisboa 330 fogos, 1:300 almas.

Orago Santo Aleixo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

É terra do infantado. A egreja está fóra da villa, em uma elevação e dentro de um castello, forte por arte e natureza.

Em 11 de agosto de 1644, os castelhanos a atacaram com grandes forças. Defenderam-se os da villa heroicamente; mas vendo as muralhas arrazadas, se metteram dentro da

egreja, d'onde continuaram a resistir ao inimigo; porém, como este era muito superior em forças, os venceu, fazendo nos portuguezes horrivel matança, mesmo dentro da egreja, que ficou quasi destruida. Foi reedificada em 1683.

Em 1704, foi a fortaleza novamente atacada por os castelhanos, que á força de artilheria destruiram outra vez a egreja, menos a capella mór, que ficou intacta.

Em 1733, o povo desfez a egreja (por se não poder reconstruir) e em 1734 começou a sua reedificação (do corpo da egreja). Era antigamente de tres naves, mas agora é só de uma. Esta egreja era dos cavalleiros da Ordem militar de S. Bento de Aviz, que a administravam.

Ha n'esta villa umas casas muito antigas, que serviam de albergaria; mas não tinham rendas proprias.

É terra muito abundante de todos os generos e tem muitas e boas pastagens.

Aqui nasceu D. *Affonso Mendes*, patriarcha da Ethiopia, no tempo de D. João IV. Tambem se diz que aqui nasceram os paes do grande padre *Antonio Vieira*.

Foi aqui nascido, e d'aqui capitão-mór, o bravissimo *Martinho Carrasco Pimenta* que obrou prodigios de valor, na guerra dos 27 annos.

Tambem são d'aqui naturaes, o benemerito e valente capitão *Lopo Mendes Sancas*, e seu filho, o alferes *João Mendes Sancas*, companheiros do dito capitão-mór, e que tantos e tão relevantes serviços fizeram á patria durante a referida guerra.

Tendo sido prisioneiros dos castelhanos, e estando em Badajoz, seus amigos e parentes trataram do seu resgate, e os castelhanos depois de receberem o dinheiro, os envenenaram na cadeia!

O filho de João Mendes, chamado *Lopo Caeiro Mendes Sancas*, mostrou-se digno descendente de tão bravos progenitores, e na guerra de 1704, a 31 de maio, se viu aqui cercado por um grande exercito castelhano, commandado por o marquez de *Villadarias*, não tendo o chefe portuguez ás suas ordens mais do que *ordenanças* (guerrilhas). Mas, apezar d'isso, por muitos dias resistiu desesperadamente ao inimigo, não capitulando senão quando, no fim de muitos dias, faltos de sustento e munições de guerra, e sem poderem ser soccorridos, lhes era impossivel a resistencia.

Houve então um feito heroico e digno de ser eternisado.

Um paizano d'aqui (cujo nome, infelizmente se ignora) não se querendo render, se fez forte em uma casa, d'onde matou e feriu muitos castelhanos, sendo atacado por portas, janellas e telhados, com balas e granadas de mão, fugiu para o quintal, d'onde, em quanto teve uma gota de sangue nas veias, matou e feriu nos castelhanos, caindo por fim exhausto de forças, se agarrou a umas hervas e disse:—*Estas sejam testemunhas em como morro pelo meu rei e por a minha patria.*

Tinha esta villa muitos privilegios, e entre elles o de não dar soldados.

Diz-se que a fonte publica é obra de D. Diniz. É a melhor agua do Alemtejo. Os arcebispos de Evora a mandavam aqui buscar para seu uso, apezar de ficar a 85 kilometros de distancia!

Foi pois esta villa praça de armas a qual se acha (e o castello de Noudar) em uma estreita ponta que faz o reino, mettida no de Castella, e ambas estas praças serviam de atalaia ás de Serpa, Moura e Mourão.

Está hoje tudo em ruinas.

Era uma boa fortaleza, com cubellos, revelins, cortinas, fossos, etc., e com os competentes armazens para petrechos de guerra.

A 1:200 metros para o O. sobre o rio *Safarêja*, está um castello com sua muralha, sobre uma soberba eminencia. Outros 1:200 metros ao S., em outra eminencia, sobre o rio *Safarejinho*, está outro castello, no qual se tem descoberto vestigios de fortificações antiquissimas. Entre estes dois castellos, a distancia de 5 kilometros, fica outro sobre a ribeira *Fagildos*. A distancia de 3 kilometros d'este, sobre um penhasco, nas margens do rio *Mortigão*, está outro castello, em logar tão eminente, que causa medo a sua altura. No meio tem uma cisterna toda aberta a picão em rocha viva.

Distante da villa 5 kilometros, no sitio da

*Tomina*, fim da serra do Barreiro, é o convento dos *padres agonisantes*, primeira casa que n'estes reinos fundou o padre Manuel de Jesus Maria (natural de Nespereira, bispado do Porto) em 1709 ou 1710.

A sua primeira habitação foi uma cova, onde esteve com alguns companheiros uns poucos de annos e junto á qual mandou fazer uma capella, que ainda existe. Proximo á egreja do convento, ha uns enormes rochedos, alguns mais altos do que ella!

**ALEIXO** (Santo) — freguezia, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Montemór-o-Novo, 35 kilometros de Evora, 85 de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

**ALEIXO** (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Veiros, 18 kilometros de Evora, 155 de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre. Fertil.

**ALEIXO D'ALÉM-TAMEGA** (Santo)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho da Ribeira de Pena, 65 kilometros a NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

**ALEM**—vide *Senhor d'Alem*.

**ALEMQUER** — rio, Extremadura. Nasce em uns regatos, ao pé da serra de S. Marcos ou Monte-Junto, os quaes se unem proximo do logar da *Espisandeira*, e correm distancia de 6 kilometros até á villa de Alemquer, d'onde toma o nome, engrossando muito com os *olhos d'agua* que recebe da *Fonte do Perennal*, e outras aguas que ahi se juntam. Diz-se que as aguas d'este rio curam as molestias cutaneas. Espraia-se pelos campos de Villa Nova da Rainha, Castanheira e Paul de Otta, fertilisando-os. Suas margens são cultivadas, agradaveis e ferteis. Era da casa das rainhas.

É cortado por nove pontes de pedra, sendo cinco na villa, a saber: a da *Panca*, a da *Couraça* (junto a uma alta torre) a de *Triana*, a do *Espirito Santo* (n'esta debaixo das armas de Portugal, está o cão ou *alão* pardo) e a de *Santa Catharina*, que todas dão serventia á villa.

Duas d'ellas são de bella cantaria, sobre tudo a do Espirito Santo, mesmo na villa, que é obra de D. Sebastião e se concluiu em 20 de abril de 1571, como consta da inscripção que está na mesma ponte.

Cria muito peixe.

Com 12 kilometros de curso, morre no Tejo, junto ao logar de Villa Nova da Rainha, levando já encorporado em si o rio Otta.

**ALEMQUER** ou **ALANQUER** — villa, Extremadura, districto administrativo e 45 kilometros ao N. de Lisboa, 5 ao N. da estação do caminho de ferro do norte e leste, e junto á nova estrada real de Lisboa, 820 fogos, 3:200 almas, em tres freguezias (Santo Estevão e S. Thiago, annexas, S. Pedro, e Nossa Senhora da Assumpção, de Triana). No concelho 2:200 fogos e na comarca 7:000. A villa tinha em 1660 400 fogos.

Consta que no tempo da sua prosperidade teve uma grande população, pois só do sexo masculino contava umas 5:000 pessoas. É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está situada em uma planicie, 6 kilometros a NO. do Tejo, sobre o rio do seu nome, e na encosta de um outeiro. O seu terreno é fertil, mas doentio. Produz muito bom vinho.

Tem uma fabrica de papel de optima qualidade, em um edificio vasto e magnifico, e duas de cobertores e outros productos de lã e algodão. O motor é a agua do rio.

A de papel foi fundada por uma companhia de Lisboa, que *quebrou* (como quebram quasi todas em Portugal...) Agora é de uma nova companhia, que prospéra.

A de tecidos foi fundada pelo sr. *Lafourie*, e tem um bom edificio, moderno.

Dão estas duas fabricas emprego a muita gente, são ambas edificadas junto ao rio, cujas aguas lhes servem de motor.

O rio atravessa a villa, formando dois bairros, ao E. o chamado *Triana* (corrupção dos

latim *trans amnem*, além do rio) e ao O. o resto da villa, na encosta do monte, onde estão as ruinas do castello.

Ha divergencia entre os escriptores, sobre quem fundou esta villa, e qual foi o seu primeiro nome. Querem alguns que ella fosse fundada pelos *turdulos*, 500 annos antes de Jesus Christo; porém estes só se fundam no nome de *Jerabriga* ou *Jerabrica* que lhe attribuem. Todos os nomes de povoações peninsulares que terminavam por *briga*, os romanos *alatinisando-os*, diziam e escreviam *brica*. Eis a razão porque vemos nos auctores, ora *Talabriga*, *Lacobriga* etc., ora *Talabrica*, *Lacobrica*, etc., etc.

Tambem ha duvida sobre esta mesma palavra *briga*. É certo que todas (ou quasi todas) as povoações fundadas por *Brigo* (4.º rei de Hespanha, que viveu pelos annos 1950 do mundo) ou no seu tempo, tinham a tal terminação de *briga*, o que nos faz acreditar ser o nome do tal rei. Auctores porém muito respeitaveis, dizem que *briga*, significa *cidade*, na lingua turdula; o que tambem é muito acreditavel. Em vista d'isto, Lagos (Lacobriga) póde ser *Lago de Briga*, ou *Cidade do Lago*. Mas parece mais provavel que Jerabriga seja a actual villa de *Póvos*.

Querem outros que seja fundação dos romanos; e se o não foi, é certo que já existia no seu tempo; pois por diversas vezes, em differentes épocas, e principalmente no seculo passado, se encontraram, em escavações que se fizeram, muitas lapides e *cippos*, com inscripções romanas.

Se é fundação romana, não é provavel que seja *Jerabrica* que é nome turdulo, e os romanos nunca davam ás povoações que fundavam, nomes senão latinos. (Mesmo a muitas povoações que elles reedificavam, e até a outras que achavam feitas e a que nada accrescentavam, costumavam substituir os antigos nomes *barbaros*, como elles diziam, por nomes romanos).

É incontestavel que Alemquer é povoação antiquissima, e de muita importancia durante o imperio romano, o que attesta, além de muitas outras circumstancias, a profusão de lapides, cippos, moedas e inscripções romanas aqui apparecidas por muitas vezes.

No principio do seculo v (anno de Jesus Christo 413) os povos do norte (godos, suevos, wandalos, alanos, etc.) invadindo a peninsula, se assenhoraram da Lusitania, e fazendo partilhas entre si, coube esta parte da Lusitania, a que chamamos Extremadura, aos alanos.

Occupando estes pois Alemquer, fizeram d'ella uma praça forte, e lhe deram o nome germanico de *Alan-kerk* ou *Alano-kerk*; que, segundo a opinião mais seguida, quer dizer *Castello dos alanos*, e segundo outros *Templo dos alanos*. D'esta opinião é o infatigavel investigador *Damião de Goes*, que aqui nasceu, viveu e morreu.

Em uma lapide embebida na parede da capella-mór da egreja de Santa Maria da Varzea, que é da sepultura do mesmo Damião de Góes, se lia, entre outras palavras, o seguinte: *modò Alanokercœ, ubi natus sum, hoc sepulchro condor*, etc. etc., o que confirma a etymologia que muitos dão á villa.

Diz-se que os alanos reedificaram e fortificaram Alemquer, pelos annos 418 de Jesus Christo.

Os suevos, contemporaneos dos alanos, e como elles de raça germanica, lhe chamavam *Alan-kana*, ou *Alen-kerkana*, o que provavelmente vinha a significar o mesmo, sendo esta pequena variação procedente da differença do dialecto.

Dizem outros que Alemquer é derivado da palavra árabe *el-haquem* (o governador) que vem do verbo *hacama* (governar.)

Os lusitanos, por *el-haquem* pronunciavam *el-aquimes*. Não acho geito nenhum a esta etymologia. Entendo que o nome de Alemquer procede incontestavelmente do alano.

O castello, se não foi fundado pelos romanos, foi-o pelos alanos; pois já existia quando em 715 os arabes se apossaram da Luzitania. As muralhas que cingiam a villa foram edificadas pelos mesmos que edificaram o castello. Tinham tres portas, a *da Villa* (na praça) a de *Santo Antonio* (que primeiro se chamou *Carvalho*, por ir para a ponte do *Carvalho*) e a de *S. Thiago*; álem de alguns postigos.

Deixemos esses tempos de duvidas e ob-

scuridades, e tratemos da villa portugueza.

Nos fins de abril de 1148, poz D. Affonso I cêrco a Alemquer, que os mouros defendiam obstinadamente. Durava o cêrco havia dois mezes, quando na manhã de S. João Baptista, pilhando o rei portuguez os arabes intertidos a banharem-se no rio, investe inopinadamente á villa e a *toma de assalto.*

Mas, como n'aquelle tempo tudo eram milagres, inventaram os *patranheiros* o seguinte, que ainda existe como tradição, mas com tres differentes versões:

1.ª versão—Que quando o mouros saíram a banhar-se, *deixaram a villa entregue a um cão pardo (!)*

Que este saíra logo atraz d'elles e fôra direitinho a D. Affonso I, fazendo-lhe muita festa (com o rabo e traquinada com as orelhas) o que o rei tomou por bom agouro, e disse: *Alão quer!* (O tal historico *canzarrão,* que tanto tem dado que fallar, era da raça dos chamados *alões.*) e *zaz! investe a praça e toma-a de assalto!*

Haverá alguem de juizo que acredite similhante disparate? Então os mouros iam *todos* refrescar-se, e tendo a praça cercada por os christãos, deixavam-a entregue a um cão, e, demais a mais, com a porta aberta, para elle poder sair cada vez e hora que quizesse, como effectivamente fez? Mas, se o cão saiu, ficou a praça sem *guarnição* nenhuma, e então D. Affonso I não a *investiu* nem *tomou de assalto.* Achou a porta aberta e entrou muito facilmente por ali dentro, usando do *privilegio de cão!*

2.ª versão—Estando o rei a olhar para as muralhas, o *alão* chegou a cima da porta, com a chave d'ella na boca e a atirou ao rei, que não fez ceremonia e entrou dizendo: *alão quer!* (Devemos confessar que os arabes de Alemquer sempre arranjaram um alcaide-mór!...)

3.ª versão—O cão *saiu da praça* com a chave na boca, e a foi entregar ao rei! Cada vez entendo isto menos! Se a porta estava fechada, por onde saiu o cão? e se estava aberta, que obsequio fazia o cão ao rei em trazer a chave?

Eis aqui a patranha em que se fundam os que dizem que o actual nome d'esta villa são as palavras proferidas por D. Affonso Henriques: *Alão quer.* O que admira é auctores serios tratarem d'isto seriamente.

Deu provavelmente causa a este conto da carochinha o ter a villa por armas um *cão pardo* em campo de prata; mas, se alludisse á tal patranha, devia estar solto e com a chave na boca, quando *elle está preso a uma arvore,* com um grilhão de ouro ao pescoço.

Os alanos tinham nas suas bandeiras a figura de um gato; mas como estavam tão atrazados em *bellas-artes,* póde ser que os seus successores cuidassem que era um *cão* o seu emblema nacional, e o adoptaram.

(Nós não vemos ainda hoje em dia a celebre *porca de Murça*—(que está no meio da praça d'esta villa—e que nem 30 *Buffons* são capazes de dizer que casta de quadrupede é—porque lá quadrupede é ella—mas, tanto póde ser uma *porca* como um elephante, ou hipopótamo, ou rhinoceronte, etc. etc.)

D. Affonso I deixou guarnição no castello (provavelmente não foi o *alão,* visto que costumava virar a casaca) e mandou povoar a villa por christãos.

Em 1185, o imperador de Marrocos a veiu cercar, com grande exercito; mas foi derrotado.

Despovoando-se a villa com as continuas guerras de então, D. Sancho I a mandou reedificar e povoar, dando-a em dote a sua filha D. Sancha, a qual lhe deu foral, com muitos privilegios, em 1240.

O rei mandou então aqui dar o paço real para a dita sua filha, que aqui residiu até professar no convento de Cellas, e o paço foi depois convertido no convento de S. Francisco. A infanta morreu freira, no convento de Cellas (Coimbra) em 13 de março do 1229.

Por sua morte tornou Alemquer para a corôa, ficando até 1834 pertencendo á casa das rainhas.

D. Affonso II, irmão de D. Sancha, queria usurpar a esta, a villa, e como ella lh'a não quizesse entregar, lhe poz um cêrco, que durou 14 mezes; mas, com tal bravura se defenderam os alemquerenses contra as forças do rei, que este teve de levantar o cêrco.

D. Diniz lhe deu novo foral, em 31 de maio de 1302.

Outro foral foi communicado aos moradores dos *Montes* (casaes) de *Alemquer*, por carta dada em Santarem, a 9 de janeiro de 1305. (Este pertence á villa hoje chamada Aldeia Gallega da Merceana. Vide esta palavra.)

D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Por morte de D. Sancha, vagou para a corôa, e D. Affonso III a deu a sua mulher D. Brites (ou Beatriz) ficando desde então até 1834 pertencendo á chamada *casa das rainhas*, que n'este anno foi extincta.

Dizem alguns escriptores, que por isto se chamava á villa, no reinado dos nossos primeiros soberanos, *Chapins da rainha*. Se teve este nome, não foi official.

Em 1383 se acoitou aqui D. Leonor Telles da Menezes, viuva de D. Fernando I. D. João I atacou o castello, mas a guarnição resistiu denodadamente, e o vencedor de Aljubarrota não a poude tomar.

Era alcaide-mór da praça, Vasco Pires de Camões, fidalgo gallego.

Quando no fim da guerra, a villa lhe foi entregue, elle, em castigo da sua resistencia, mandou tirar os cunhaes do castello, que caiu em ruinas. (Adiante se explica mais isto.)

Tem estação telegraphica municipal.

Filippe II deu esta villa a D. Diogo da Silva e Mendonça, conde de Salinas e Rybadeo, em Hespanha, (são hoje os duques de Hijar) ao qual fez marquez de Alemquer e vice-rei de Portugal; mas em 1640 tornou a ser das rainhas.

A esgreja matriz de Santo Estevão, parece ter sido de *templarios* (por uns tumulos que tem debaixo da arcaria, no corredor que vae para o côro; nos quaes estão esculpidas umas espadas como as dos *cavalleiros do Templo.*)

Esta egreja era priorado, apresentado pelas freiras de Odivellas. Tinha 10 beneficiados.

A de Santa Maria da Varzea, diz-se que foi feita por a infanta D. Sancha, pelos annos de 1245.

N'esta egreja foi baptisado e está sepultado o célebre chronista de D. Manoel, Damião de Góes, que nasceu em 1501 e morreu (parece que assassinado pelos inquisidores) em 1573.

Foi destruida por um incendio no meiado do seculo XV, attribuido aos judeus (que então moravam ao postigo de S. Thiago, onde então era a *judiaria.*)

Foram expulsos da villa e obrigados a reedificar a egreja á sua custa.

(N'esses tempos quantas desgraças havia, eram todas attribuidas aos pobres judeus!) Vide adiante.

A de Triana é fundação da rainha Santa Isabel, pelos fins do seculo XIII. Chamava-se antigamente Nossa Senhora da Assumpção *Transamnem*, e hoje Nossa Senhora da Assumpção de Triana.

O convento de frades franciscanos que se vê no mais alto da villa, foi o primeiro d'esta ordem em Portugal. A infanta D. Sancha deu o seu proprio palacio para se fundar este convento, em 1220.

Estes paços eram antiquissimos, nem se sabe quando ou por quem foram edificados. Suppõe-se, com bons fundamentos, que já existiam no tempo dos godos, e que os arabes d'elles fizeram a residencia dos seus *alkaides*.

Os paços do Espirito Santo foram edificados por D. Sancha, para sua residencia, depois de dar os outros aos frades.

Concluiu-se o convento em 1222, vivendo ainda S. Francisco de Assis.

A dita infanta fundou este mosteiro a instancias de frei Zacharias e frei Gualter. A egreja é obra da rainha D. Beatriz e do rei D. Diniz.

Para a egreja de S. Fransisco se mudou ultimamente a matriz de Santo Estevão, e em parte do convento está hoje o hospital da misericordia, e na cêrca o cemiterio publico. Foi bom, porque senão estava tudo por terra.

Por carta de lei, de 18 de agosto de 1853, foi o convento de S. Francisco concedido á camara de Alemquer, com a sua egreja e cêrca, para aqui se estabelecer a egreja parochial de Santo Estevão o hospital da Mi-

sericordia e cemiterio publico; mas só em 1862 é que isto se reedificou inteiramente á custa de uma virtuosa senhora que, para tudo isso, deixou por seu testamento sufficientes meios; senão já tudo a estas horas estava desmantelado. A matriz foi para aqui transferida em 25 de julho de 1863.

Adiante tratarei do hospital.

Os frades que vieram fundar este convento, emquanto elle se não concluiu, viveram no hospicio de Santa Catharina, ao pé do rio. É tradição que n'este hospicio residiram algum tempo os cinco martyres de Marrocos, e que é por isso que a uma nascente de agua que corre junto do oratorio, se chama *Fonte Santa.*

Havia tambem aqui um convento (da invocação de Nossa Senhora da Conceição) de freiras franciscanas (de Santa Clara.) fundado por João Gomes de Carvalho em 1533, por alma do qual se applicavam todas as missas do dia. (Quem lh'as diz desde que o mosteiro foi *consolidado* em 1834?)

Passou depois, por herança, este padroado para os Peixotos. Os padroeiros tinham obrigação de admittir n'este convento, para professarem, duas meninas pobres gratuitamente.

Adiante tornarei a tratar d'este convento.

A Misericordia e o seu hospital foram fundados por D. João III, em 1527.

A capella do Espirito Santo, que deu o nôme á ponte proxima, foi fundada por a rainha Santa Isabel, com um hospital contiguo. Aqui instituiu a mesma santa a festividade singular do Espirito Santo, na qual se fazia a ceremonia da coroação de um imperador; festa que em poucos annos se propagou por todo o reino, tornando-se muito popular. Ainda hoje se faz em algumas terras, com muito apparato.

Tem esta villa muitas fontes, e na rua da Triana ha uma que se diz feita por Santa Isabel. Outra proxima da ermida do Espirito Santo, da qual diz a tradição, que servia á santa rainha para n'ella vir, por suas proprias mãos, lavar os pannos que no hospital serviam ao curativo dos doentes. (Era bom tempo esse!...)

Na calçada está uma cruz que dizem ser em memoria do milagre que fez Santa Isabel, convertendo em dinheiro (para pagar aos pedreiros que faziam a egreja do Espirito Santo) uma porção de rozas.

Alemquer está em communicação diaria com todas as linhas de caminhos de ferro portuguezes pela estação do Carregado; e com as villas de Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Pombal, Redinha e Condeixa, pela mala-posta.

Parece que se lhe vae fazer agora um ramal de caminhos de ferro para o Carregado, pelo systema Larmanjat.

Em 1810 (a 10 de outubro) houve aqui um combate dos alliados contra os francezes.

Das suas armas, já se disse.

Alemquer foi por tres vezes cabeça de marquezado:

1.ª a favor de D. João da Silva, por Filippe II, em 1593. Foi um dos cinco governadores que venderam Portugal aos castelhanos.

2.ª foi D. Diogo da Silva de Menezes, por Filippe III, em 1616. Era sobrinho do primeiro e tão bom como elle.

3.ª foi no fim do seculo XVII, a favor de D. Catharina Barbosa de Noronha, condessa de Alegrete, viuva do célebre Mathias de Albuquerque, e camareira-mór da rainha D. Maria Sophia.

Morreu em 15 de maio de 1603; e como não teve filhos, acabou este titulo.

Em 3 de julho de 1862, foi feito barão de Alemquer, o sr. Manoel Joaquim de Almeida, rico e respeitavel proprietario d'aqui.

No segundo domingo de cada mez faz-se um importante mercado n'esta villa, muito concorrido.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.°

Os arrabaldes da villa, formados de campos, hortas, pomares e arvoredos, que bordam as duas margens do rio, são deliciosos.

A villa tem bellas vistas, sobre tudo para o sul, que é um vasto horisonte. Dizem que, guardadas as proporções, se parece muito com Jerusalem.

Foi por muitas vezes residencia de pes-

soas reaes. Além da infanta D. Sancha, e da rainha Santa Isabel e D. Leonor Telles, foi tambem côrte de D. Manoel, D. Catharina (viuva de D. João III e regente do reino na menoridade de D. Sebastião) e outras pessoas reaes.

Estiveram aqui, D. Brites, mulher de D. Affonso III, em 1279, D. Diniz e Santa Isabel, em 1287; D. Fernando e D. Leonor Telles, em 1374, 1376 e 1379; D. João I, em 1384; D. Duarte, em 1435; D. Manoel, em 1496.

Teve provedor, corregedor, juiz de fóra e capitão-mór, até 1834.

Tinha então 5 freguezias, 4 collegiadas e 31 beneficios, quasi todos muito rendosos.

A 2 kilometros ao N. da villa está o convento que foi de frades *paulistas*, fundado em 1416. A rainha D. Leonor, mulher de D. João II, lhe deu muitas rendas. Em 1421, João Rodrigues (escudeiro de D. João I) e sua mulher Maria Fernandes, lhe deram tambem um grande olival.

Alemquer está em 39°,8' de latitude, e 9° e 28' de longitude.

Uma lapide de um metro quadrado, que estava no alpendre da egreja de Triana e está agora em umas escadas de uma travessa que sobe para a fonte de Triana, tem esta inscripção:

*Atiniœl. famsenœ tvscim. Terentio M. F. Gal. Aqvilœ Tereneiœ M. F. tvscaem.° Terentivs tvscvs svis F. C.*

Em um cippo que estava na Horta de El-Rei, junto ao rio, estava uma inscripção que dizia:

*Imp. Caes. divi Traiani parthicif. divi Nervœ nepos Traianvs Hadrianvs Aug. Pont. Max. Trib. pot. XVIIII cos. III P. P. refecit.* etc.

Aqui nasceu, pelos annos de 1460, o famoso piloto Pêro de Alemquer. Foi piloto do navio de Bartholomeu Dias, que primeiro dobrou o cabo das Tormentas (hoje Boa Esperança) em 1487.

Foi n'uma expedição ao Congo, em 1490, e em 1497 foi o piloto da esquadrilha de D. Vasco da Gama, que primeiro chegou á India, circumnavegando a Africa.

Não se sabe quando, como, nem onde morreu. Provavelmente na indigencia e esquecido, como tantos outros patriotas benemeritos.

Tendo eu fallado em Damião de Góes, julgo não ser fóra de proposito dar uma breve noticia da vida d'este varão.

Nasceu n'esta villa em 1501. Foi camareiro e guarda-roupa de el-rei D. Manoel e embaixador de Portugal na Polonia, Dinamarca e Suecia. Tinha raro talento e vastissima erudicção e era muito estimado dos soberanos estrangeiros, com quem tratou, e dos homens eminentes do seu tempo: particularmente do célebre Erasmo, com quem viveu cinco mezes em Friburgo.

Viajou quatorze annos, escrevendo varias obras latinas, taes como *Historia do primeiro e segundo cerco de Diu*, *Descripção de Lisboa*, *Embaixada do Preste João*, etc., etc.

Viveu em Lovaina (Paizes Baixos) até 1542. Quando os francezes cercaram esta cidade, tomou uma parte brilhante na sua defeza, sendo feito prisioneiro e levado a França, d'onde só saiu, pagando de resgate 2:000 ducados.

D. João III o mandou chamar em 1546 e o fez guarda-mór da Torre do Tombo, e logo depois chronista-mór do reino. Como tal, escreveu a chronica do rei D. Manoel, e a do principe D. João, depois II.

Foi preso pela Inquisição, e por ella condemnado a confisco e degredo, cumprindo esta ultima parte da sentença (por *graça especial*) no convento da Batalha. Morreu, já livre, pelos annos de 1573; uns dizem que de uma apoplexia, outros, que assassinado por ordem dos inquisidores, que não se atreviam a queimar publicamente um varão tão estimado do papa e de muitos reis da Europa.

Ainda existem, muito bem conservadas, mas sem alteração sensivel da sua originaria architectura, as casas de *Damião de Goes*. Ficam a E. da villa, ao cimo de uma ingreme vereda e ao lado do antiquissimo bairro da *Judiaria*. É um edificio vasto e bem repartido (segundo a tradição está com as mes-

mas divisões que tinha quando aqui nasceu Goes) com boas casas de lavoura. Seu actual possuidor lhe accrescentou uma vasta adega com um bonito terrasso.

Foi esta propriedade por muitos annos dos marquezes da Cunha, hoje pertence ao distincto medico e doutor *Francisco Narcizo Attilano*, que sendo um cavalheiro illustrado, tanto pelos seus estudos como pelas suas viagens de alguns annos pelos paizes estrangeiros, conhece o raro valor d'este precioso monumento de gloria nacional. É por isso que elle se esmera em conservar esta casa sem lhe alterar a sua primitiva construcção. Honra lhe seja.

—

Muitos outros varões illustres nas armas, nas lettras ou nas virtudes aqui têem nascido; mas, tendo tanto que dizer de Alemquer, se me fosse a occupar de tudo e de todos, ser-me-hia necessario um volume só para esta villa. Os que não forem d'aqui, já teem bastante com que se entreter, e os alemquerenses que desejarem saber tudo quanto ha digno de nota na sua terra, leiam a excellente obra do sr. Guilherme João Carlos Henriques *(Alemquer e o seu concelho)* e ahi acharão quanto desejarem, escripto com minuciosidade, consciencia, estudo e criterio. Este cavalheiro dá honra á sua patria adoptiva.

—

Em fevereiro de 1872, o rio de Alemquer sahiu do seu leito (em razão das grandes e continuas chuvas) e innundou grande numero de ruas.

—

João Peixoto foi provedor da egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Triana. Depois passou a provedoria para os marquezes de Ponte de Lima. Estes tinham em praso, as rendas e foros de Nossa Senhora da Redonda, onde estiveram as *encelladas* (vide esta palavra) que passaram para o convento de Cellas, de Coimbra; ficando elles senhores directos de tudo quanto a ellas pertencia.

Pagava esta villa, de *tributo*, 1:300$000 réis; outra igual quantia de *usual*; 500$000 réis de *renda das correntes*, 250$000 réis de *real d'agua;* igual quantia de *imposto dos vinhos* e 1:600$000 réis de *jugadas* (esta verba era para as rainhas) ao todo 5:200$000 réis.

Teve provedor, corregedor, juiz de fóra e capitão-mór, com seis companhias de ordenanças.

A correicção passou depois para Torres Vedras, onde esteve até 1834.

O hospital da Misericordia, hoje estabelecido no convento de S. Francisco, não é grande, mas é bem regido e tem a sufficiente commodidade para os enfermos. Tem duas grandes enfermarias para pobres, com vinte camas cada uma. Tem outra chamada *particular*, com quatro camas, para aqui se tratarem os que quizerem pagar a modica quantia de 300 réis diarios. Tem mais dois quartos mobilados com muito aceio, para os ricos que aqui quizerem ser tratados á sua custa, com todas as commodidades.

Recebe annualmente, termo medio, 120 pobres, com os quaes dispende anda por 800$000 réis.

O cemiterio, apezar de já estar em parte da cêrca do convento desde 1843, não tem senão sepulturas razas e apenas uma tosca cruz espetada na terra dá a conhecer que é um cemiterio christão.

A fundação do antigo convento comprova-se por uma inscripção gravada em uma pedra, dentro da egreja e por baixo do côro. Diz ella: — *A infanta D. Sancha, filha d'El-Rey D. Sancho, neta d'El-Rey D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, fundou este convento, no an. 1222.—Esta Senhora recolheu aqui os santos cinco martyres de Marrocos, pelo que mereceu vêl'os na hora do seu martyrio glorioso.*

A fundação da egreja tambem consta de duas inscripções gravadas em pedra, que estão collocadas sobre a porta da entrada principal d'ella, uma de cada lado.

A da direita diz:

ESTA EGREJA FUNDOU
A MUI NOBRE RAINHA
DONA BRITES, E ACABOU-A
O MUI VIRTUOSO SEU FILHO,
REI DE PORTUGAL, COMPRIDO
DE VIRTUDES, DOM DINIZ.

A da esquerda diz:

HOC PERFECISTI NIMIS INCLITE,
REX DYONYSY;
QUO VIRTUS, TIBI GAUDIA
DET PARADISI. AMEN.

—

Todos sabem que D. Affonso II não esteve pelo testamento que seu pae (D. Sancho I) havia feito, e quiz expoliar suas irmãs das suas legitimas paternas, o que em grande parte conseguiu, á força de armas.

Allegando D. Affonso II que seu pae não podia desannexar da corôa a villa de Alemquer, quiz que sua irmã D. Sancha, que aqui residia então, lh'a entregasse, ao que ella se recusou. O rei veio sobre a villa, pondo-lhe cêrco, que durou quatro mezes; achando nos alemquerenses uma valorosa resistencia, porque muito amavam a infanta, pela sua muita virtude e optimas qualidades.

Tal foi a bravura dos povos d'esta villa, que o rei, vendo que a não podia tomar á força de armas, abandonou o cêrco; mas sem cessar de fazer a guerra a suas irmãs, por outras partes, e por espaço de dois annos.

O papa e outras potencias da Europa, vendo a guerra injusta que este rei fazia ás infantas, conseguiu que as partes accordassem em submetter a causa aos tribunaes, principiando então uma demanda, em 1214, que ainda estava por decidir em 25 de março de 1223, dia em que o rei morreu em Coimbra. N'esse mesmo anno se decidiu que Alemquer e seu termo só tornasse para a corôa, por morte da infanta, menos um reguengo e tres azenhas que ella tinha dado ao mosteiro de Cellas.

D. Affonso IV deu Alemquer, por carta d'arrhas, em 7 de julho de 1340, a sua nora D. Constança, mulher de D. Pedro I. Por morte d'esta princeza (1345) passou outra vez para a corôa e D. Fernando a deu a D. Leonor Telles de Menezes, que a gozou até fugir para Castella.

Já disse que D. João I lhe poz cerco e que a não pôde tomar. Quando D. Leonor fugiu para Castella, conservou-se a praça pelo seu partido; mas, assim que o povo soube que ella tinha cedido todos os seus direitos em Portugal a seu genro, D. João I de Castella, julgaram que estava nullo o seu juramento de fidelidade, e mandaram dizer ao rei portuguez que não só lhe entregavam o castello, mas mesmo que estavam promptos a combater pela patria, contra os castelhanos, comtanto que se pagassem a D. Leonor as suas rendas, em quanto viva, e a elles fossem conservados seus foros e privilegios.

D. João I, de Portugal, annuiu e d'isso passou carta; mas quando o rei castelhano avançava para Lisbôa, o alcaide-mór de Alemquer, que—como já disse—era gallego sahiu a recebel-o e lhe entregou o castello, que o castelhano acceitou, e marchou com o seu exercito até ao Bombarral.

Os de Alemquer mandaram pedir ao rei portuguez 50 homens d'armas, para os ajudar a tomar o castello. O rei lhes mandou duas galés com gente, que fundearam a 6 kilometros da villa; e, juntando-se o povo com a gente das galés, investiram a fortaleza com grande intrepidez; porém depois de quasi um dia de batalha, souberam que os castelhanos vinham em soccorro da guarnição. Os habitantes da villa, juntaram suas mulheres, filhos e o que poderam levar e fugiram nas galés para Lisboa. Os castelhanos, assim que chegaram á villa, a saquearam.

Ainda em 1384 tremulava na fortaleza a bandeira castelhana. Os alemquerenses leaes tornaram a pedir ao rei que os ajudasse a tomar a praça. Elle os attendeu, e no mesmo dia embarcou levando 35 galés cheias de gente de guerra e indo tambem grande numero por terra; todos amanheceram no dia seguinte ao pé da villa. Muitos, grandes e mortiferos ataques foram dados inutilmente ao castello, até que só obrigaram a render a guarnição castelhana por falta d'agua. O alcaide-mór, Vasco Pires de Camões, capitulou em 10 de dezembro de 1384, com a condição dos castelhanos sahirem com todas as honras da guerra e com as suas bagagens (quasi tudo roubado aos portuguezes, bem entendido) e que Camões ficasse sendo alcaide-mór da praça; mas com guarnição escolhida pelo rei, e que se D. Leonor voltasse, lhe seria a villa entregue, o que D. João I acceitou.

Tomado o castello, marchou el-rei para Torres Vedras, que tambem ainda se conservava pelos castelhanos, e lhe poz cêrco, que durou muito tempo, porque houve muitas traições, promovidas pelo alcaide-mór de Alemquer. Um dos conspiradores foi queimado, e Vasco Pires de Camões tornou a levantar no castello de Alemquer a bandeira de Castella, e juntando-se com parte da guarnição ao exercito castelhano, na vespera da batalha de Aljubarrota, morreu na mesma, este gallego, que nada tinha de bom.

Foi depois da gloriosa jornada de 14 de agosto de 1385, que o nosso D. João I, enfurecido pela tenaz resistencia que sempre lhe fizera o castello de Alemquer, lhe mandou tirar os cunhaes, para se desmantelar.

Em 1439, recolheu-se para Alemquer a rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, receiando as tentativas contra a vida de seu filho, D. Affonso V, então de 8 annos, pelo infante D. Pedro, seu cunhado (d'ella) e regente do reino, em vista das intrigas que os invejosos do merito e alta posição do infante, contra elle calumniosamente tinham forjado.

E tal foi o medo, do infante, que a sua *camarilha* lhe soube incutir, que ella mandou reedificar as obras de defeza, e guarnecel-as com uma forte guarnição.

Desvanecidos os vãos terrores, pelo dignissimo comportamento de D. Pedro, a rainha voltou a Lisboa, e desde então nunca mais se cuidou das fortificações de Alemquer, que se foram desmoronando pouco a pouco.

Quando em 1580 a imbecilidade do cardeal rei e a traição dos governadores do reino entregaram ao feroz hypocrita Philippe II o reino de Portugal, Alemquer deu uma prova do seu brilhante patriotismo, tomando o partido do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Este principe aqui esteve então algum tempo (hospedado no convento de S. Francisco) e aqui recebeu *preito e menagem* das auctoridades, do que se lavrou o competente auto, assignado por elle, em 22 de julho d'esse anno, que por mais de duzentos annos existiu no archivo da camara.

Todos sabem as tristes peripecias d'esse malfadado anno de 1580, e Alemquer teve de submetter-se ao usurpador perjuro, em 27 de agosto.

D. Antonio I nunca se esqueceu da patriotica dedicação dos alemquerenses, a quem sempre foi grato, e uma prova d'isso é que no seu testamento, feito em Paris a 13 de julho de 1595, se lê a clausula seguinte:

«*Mando que sendo os ditos meus ossos trasladados ao dito reino* (Portugal) *sejam sepultados no côro de S. Francisco d'Alemquer; e não sendo pejado* (prohibido) *no capitulo, em sepultura raza com o chão; aonde se dirá para sempre uma missa quotidiana por minha alma.*»

Mais tarde, seu filho D. Manuel, exprimiu o mesmo desejo, porém os ossos d'estes dois principes portuguezes nunca vieram á patria: lá ficaram ao desamparo pela terra do exilio. (Vide Crato.)

As pedras das antiquissimas muralhas de Alemquer, foram empregadas em obras municipaes e mais ainda em particulares. Um lanço da cortina que ainda estava de pé foi arrombado para abrir uma estrada da *porta da Canceição* para a *praça da Cammara.*

Em 1750, D. José I (ou o seu ministro Sebastião José de Carvalho e Mello) por sollicitações da Academia Real de Historia Portugueza, recommendou que se cuidasse da conservação da praça, *visto ser indubitavelmente obra dos alanos*»; mas essa recommendação não teve cumprimento.

Ainda mais—o terremoto do 1.º de novembro de 1755, destruiu as duas torres da porta principal (onde hoje está a casa da camara) e o vandalismo do povo e desleixo das auctoridades tem feito com que apenas restem agora tristes montões de pedras cobertas de heras e silvas, indicando o sitio onde se ostentou imponente o nobre e leal castello d'Alemquer.

—

Addindo ao que já disse do edificio e cerca do que foi convento de S. Francisco.

Em 1280, D. Brites, mulher de D. Affonso III, comprou uma porção de terreno que deu aos frades para accrescentarem a cerca.

D. Margarida Henriques (camareira mór da rainha D. Leonor, viuva de D. João II) lhe deu tambem uma grande porção de terreno, com o qual os frades augmentaram a cerca até ao sitio então chamado *Mazagão* e hoje *Barroca*. Era tão extensa a porção de terreno que estas duas senhoras deram aos frades, que elles ainda deixáram fôra da cerca uma grande parte em frente do convento, do lado da villa, e outra do lado opposto.

A camara, depois, quiz apossar-se d'estes terrenos, mas os frades oppuzeram-se e os terrenos continuaram a ficar abertos por ordem da rainha donataria.

D. Affonso III deixou por testamento 50 libras a este mosteiro (cada libra valia então 1$500 réis).

D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, lhe deixou uma *jugada* em cada anno, á escolha dos frades, nas que eram das rainhas.

D. Affonso V lhe concedeu o privilegio da pesca no rio d'Alemquer, e o direito de cortarem o matto que quizessem na coutada d'Otta.

D. Leonor, viuva de D. João II, libertou de fintas o oleiro que o guardião nomeasse para fazer as loiças da casa.

Damião de Goes lhe deu um relogio de marmore fino de Genova.

Mais pessoas reaes e particulares fizeram dadivas ao mosteiro de coisas de menos importancia.

No domingo de Paschoa faziam os frades uma procissão, que percorria todas as ruas da villa, chamada do *folar*. Era acompanhada pela camara com musica e danças. O povo dava então aos frades: carneiros, gallinhas, ovos, etc., etc., por *esmola* pelos sermões da quaresma.

A cerca está actualmente retalhada em terras de semeadura e com o muro arrombado.

No sitio de *Mazagão* ou *Barroca* ainda existe uma capellinha que foi de Santo Antonio, edificada por Nuno Gonçalves de Athaide, que foi alcaide-mór d'Alemquer, no tempo de D. Leonor Telles de Menezes. D. Nuno morreu em 1424 e foi enterrado n'esta capella.

O terremoto damnificou tanto este convento, que teve de ser reedificado (em partes desde os fundamentos).

O claustro, a casa do capitulo e o arco da entrada são obra do rei D. Manuel.

No claustro d'este mosteiro ha muitas sepulturas, de diversas pessoas, todas com inscripções, das quaes bastantes ainda são legiveis. Não as copio, por serem de pouca importancia, e para não fazer este artigo ainda mais extenso do que já é.

Sendo expulsos os frades em 1834, a egreja e mosteiro foram não só abandonados, mas até roubados! A egreja ia a cahir em ruinas quando a sr.ª D. Maria do Patrocinio Bravo Pereira Forjaz deixou um grande legado para a restauração d'este venerando templo, o que se cumpriu, e desde então foi para aqui transferida a matriz de Santo Estevão.

> Esta senhora morreu em Lisboa em 1862. Era dotada de grandes virtudes e viuva d'um rico capitalista e negociante.
>
> Era dona da *Quinta do Bravo*, onde gostava muito de residir e d'aqui fazia muitas esmolas, pelo que era geralmente estimada e respeitada em Alemquer, á qual villa ella tinha muita inclinação. Em um codicillo (junto ao seu testamento) datado de 2 de março de 1857, deixou 10:000$000 réis para o hospital d'Alemquer. Foi seu testamenteiro o padre Sebastião Antonio Barbosa, com quem a camara combinou que este dinheiro fosse empregado em transformar parte do mosteiro em hospital, e reedificar ou restaurar a egreja para servir de matriz em logar da de Santo Estevão, que estava muito velha, o que se effectuou.

Entre as egrejas de S. Francisco e de S. Pedro, veem-se as ruinas do mosteiro de freiras franciscanas, de Santa Clara, denominado de *Nossa Senhora da Conceição*. Já disse que o fundou João Gomes de Carvalho, em 1533. Era elle um fidalgo muito distincto, da côrte de D. João III, e natural d'esta villa.

Em 1689, o padroado, que andava annexo aos morgados dos Macedos e Carvalhos, de Alemquer, foi julgado por sentença, a favor de Gonçalo Peixoto e Menezes, sem successão. Ainda em 1709, João Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, apresentou um dos referidos dois logares (de meninas para professarem aqui sem dote) que lhe pertencia.

Esta familia dos Peixotos é hoje representada pelo sr. visconde de Lindoso, grande proprietario n'esta villa.

(Para a origem do appellido Peixoto, vide *Celorico da Beira).*

Este convento foi incendiado pelos francezes em 1811, indo as freiras para o convento da Castanheira.

Actualmente, as ruinas d'este mosteiro e a sua cêrca, são propriedade particular da sr.ª D. Maria Carolina Augusta Lafaurie e de seu irmão, fundadores da fabrica de lanificios d'esta villa.

A egreja de *S. Pedro* está quasi ao cimo da calçada do Espirito Santo, que antigamente se chamava *calçada da Cruz,* por aqui haver um antigo cruzeiro, que commemorava o milagre da fundação da egreja do Espirito Santo. Era a matriz de uma das cinco pequenas freguezias da villa, e comprehendia os logares da *Pedra d'Ouro, Refugidos, Torre, Trombeta,* e as quintas do *Bravo,* de *Fernão Jaques* (Amaral) e do *Conde de Villa Flor.* Era priorado, apresentado pelas rainhas e o rendimento dividido em tres quinhões, cada um de 400$000 réis. Um para o prior, e os outros dois foram dados por D. Leonor, viuva de D. João II, aos conegos seculares de S. João Evangelista, de S. Bento de Xabregas.

Havia tambem aqui uma collegiada com oito beneficios, que rendiam uns 90$000 réis cada um.

Não se sabe ao certo a data da fundação d'esta egreja; mas suppõe-se que foi fundada no seculo XIV. Foi arrazada pelo terremoto de 1755, mas logo reedificada. Está outra vez a cahir em ruinas. Em 1850 o prior d'esta freguezia resignou, ficando ella annexa á de Santo Estevão, e em 1862 foi supprimida.

Abaixo da egreja de S. Pedro existiu a capella de *S. Sebastião,* que era administrada pela camara, que lhe fazia uma festa no dia do orago, vindo os vereadores em procissão ouvir aqui a missa e sermão. Foi queimada pelos francezes em 1811, e nunca mais se reedificou. Está servindo de armazem e adega da sr.ª D. Maria Carolina Augusta Lafaurie.

*Egreja e Santa Casa da Miseridordia.* Já disse que foi fundada por D. João III, em 1527. Em 1593, Ayres Ferreira mandou acrescentar a egreja e fazer na capella-mór um jazigo para si e sua familia.

Na capella-mór ha uma campa com brazão e a inscripção seguinte:

*Sepultura de Ayres Ferreira, fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor e veador que foi da fazenda do Cardeal D. Enrique, e de sua mulher, D.ª Catharina de Gois, os quaes deixaram a sua fazenda a esta casa, com obrigação de uma missa quotidiana. Falleceu em 28 de janeiro de 1594.*

Sobre a porta da escada que communica com o côro, ha em uma lapide a inscripção seguinte:

*Ayres Ferreira e Dona Cn.ª de Gois, sua mulher, mandaram fazer esta igreja para sua s.ª, que teem na capella-mór, com uma missa cotidiana, para a qual, e fabrica da dita igreja deixaram a esta casa 86 mil réis de juro. Anno 1595.*

Ao prior da egreja da Misericordia pertencia a administração da egreja de *Nossa Senhora da Ameixoeira.*

Proximas á egreja estão as *casas do despacho,* e um predio grande, que antigamente serviu de hospital, tendo uma enfermaria para homens, outra para mulheres e uma outra especial, para os frades capuchosos da Carnota, Merceana, Castanheira, etc.

Este hospital foi mandado fazer em 1707, por João Moniz da Silva, inquisidor da côrte, como testamenteiro de D. Maria Luiza Manoel de Mendonça, que deixou os seus bens para obras pias, e d'elles se fez um juro de 100$000 réis para a cura dos religiosos, e 85 alqueires de trigo, dois cantaros de azeite e duas gallinhas, que a Misericordia recebia e gastava nas outras enfermarias.

Em 1834 foi esta casa julgada *bens nacionaes* e vendida em praça publica, e o governo de então teve a sem ceremonia de receber da Misericordia de Alemquer o preço da arrematação, para continuar a servir de hospital de caridade, em quanto se não mudou para o convento de S. Francisco!

Este escandalosissimo facto não se commenta.

O primeiro provedor da Misericordia, eleito pelos irmãos, foi Fernão Vellez, fidalgo da casa real, que casou com D. Ignez de Azevedo, filha do alcaide-mór, Gonçalo Gomes de Azevedo, por cujo motivo veio a possuir a quinta de Santo André, chamada agora quinta do Bravo.

Rendia à Misericordia, em 1745, 1:000$000 réis, hoje rende 1:500$000 réis.

—

A *porta do Carvalho*, ainda existe pegada ás casas da camara. Era estreita e defendida por duas alterosas torres. A do lado da egreja foi destruida pelo terremoto de 1755. Sobre o arco ha a esculptura em relevo de um animalejo quadrupede. É talvez, ou as armas dos *alanos*, ou o celebre *canzarrão* de D. Affonso I.

*As casas da camara*, foram edificadas depois do terremoto de 1755, e n'ellas estão todas as repartições municipaes, administrativas e de fazenda. N'esta casa ainda existe o padrão de pesos e medidas do antiquissimo (extincto) concelho de Villa Verde. É de arroba a meio arratel, que o mais desencaminhou-se. É tudo de bronze e no peso de arroba ha a seguinte inscripção: — *Me mandado fazere Dom Emmanuel Rei de Portugal. Ano 1499.*

O padrão dos cereaes é de alqueire a meia oitava; todo de bronze lavrado, de fórma cubica, e tem de um lado as armas de Portugal e por baixo

*Sebastianus 1.º R. P. regnior, suor*
*Mensuras aquavit. Ano MDLXXV.*

A dos liquidos é de almude a meio quartilho, de bronze lavrado, tendo, junto á boca, as armas com a mesma inscripção, menos o anno, que é de 1576.

*Matadouro antigo.* Em frente do talho municipal, na encosta da villa, houve um matadouro, mal collocado e prejudicial á saude pelo nauseabundo cheiro que exhalava. Em 1869 fez-se o novo matadouro fóra da villa, no sitio da *Barroca*.

*Quartel, tribunal de justiça e theatro.* Indo da casa da camara para o arco de Nossa Senhora da Conceição, está um grande edificio, construido, ou reedificado no seculo XVIII. O pavimento inferior foi feito para quartel do regimento de milicias de Alemquer, e ainda hoje serve de quartel militar. O pavimento superior serve de tribunal judicial. Em 1863 se construiu uma casa grande, por traz do tribunal, que serve de theatro e sala de fumar.

*A cadeia* é velha, pessima e mal collocada.

*A aula de primeiras letras*, feita com ajuda do legado do benemerito conde de Ferreira, foi principiada em 1871, e foi inaugurada em 20 de novembro de 1872. Custou 1:800$000 réis. Está edificada no sitio onde existiu a antiquissima egreja de Santo Estevão. A pedra que serve de verga da porta principal d'esta casa, era tampa da campa de um templario, na antiga egreja.

*Egreja de Santo Estevão*, era a mais antiga matriz da villa. Já disse que foi dos templarios. Não se sabe com certeza quando e por quem foi feita; mas, segundo a tradição, foi seu fundador D. Affonso I, sobre as ruinas de uma mesquita mourisca. Quando em 1870 se desmoronou a torre, achou-se n'ella uma especie de cunhal de uma architectura muito differente do resto do edificio. Consta que em 1209 havia prior e conegos em Santo Estevão, que viviam em claustro, e que já então faziam anniversarios por um outro prior que tinha fallecido.

Sabe-se que até 1442 (de Jesus Christo) se contava pela *era de Cesar*, o que vinha a dar em resultado o anno 1171 de Jesus Christo, ou 23 annos depois de ser esta villa reconquistada aos mouros por o nosso primeiro rei. (Já dissemos que este facto teve logar no dia 24 de junho de 1148).

Quando houve a demanda entre D. Affonso II e sua irmã D. Sancha (1214) sobre o senhorio d'esta villa, foi o castello entregue

aos cavalleiros do Templo, por ordem do papa Innocencio III. Em 1279, era commendador de Alemquer, Martim Pires, da ordem do Templo.

Quando se desmoronou esta egreja, appareceram varias cruzes da mesma ordem.

Tambem então se acharam varias sepulturas de templarios, o que provavam as insignias d'estes *frades guerreiros*.

Parece todavia a alguns escriptores que elles não tiveram a commenda d'esta villa até á sua extincção; porque D. Diniz, por carta regia de 23 de março de 1295, fez doação (com consentimento da rainha D. Beatriz, sua mãe) do padroado d'esta egreja, ás freiras de Odivellas, que o conservaram até 1834.

Entendo que o rei, por troca, ou de outra qualquer maneira, obteve dos templarios este padroado; mas não o senhorio da villa, que foi incontestavelmente dos templarios até á suppressão d'esta ordem.

> Foi o concilio ecumenico viennense, convocado por Clemente V, em 1311 (e ao qual assistiram 300 cardeaes, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos, e os reis de França, Hespanha e Inglaterra) que extinguiram esta ordem poderosissima.

—

É certo que o papa se declarou *legitimo e forçado herdeiro* dos bens immensos dos templarios, que, em toda a Europa valiam muitos milhões de cruzados, mesmo n'aquelle tempo, e que tanto Clemente V como o seu successor, João XXII, conseguiram apossar-se d'essas riquezas em varias nações.

Mas D. Diniz, que nem queria estar mal com os papas, nem que elles lhe levassem os numerosos e valiosissimos bens que os templarios portuguezes possuiam, fundou a ordem de Christo, dando-lhe tudo quanto era dos templarios, illudindo assim a ambiciosa exigencia da curia.

Por carta regia do bom, mas matreiro, rei D. Diniz, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de 1357 (1319 de Jesus Christo) se mandou fazer entrega a D. Gil Martins, 1.º mestre da ordem de Christo, de todos os bens, rendas e direitos que foram da ordem do Templo, tanto espirituaes como temporaes e dividas.

N'esta carta regia se declara que todas estas commendas e fóros são para sustentar —*69 freires cavalleiros, 9 freires clerigos, 6 sergontes freires, e avondar* (bastar, chegar com fartura) *a todolos outros homens segraes* (seculares) *que cumprirem para servir a ordem; e a todolos outros encarregos que nós e a dita nossa ordem somos theudos...........por tal, que depois, por cubiça d'alguns, ou por alguma outra maneira, os ditos bens e rendas se não despendam nem metão em outros usos—ordinhamos e estabelecemos e outorgamos que para todo sempre haja na dita nossa ordem, 84 freires, ao menos, como dito é, dos quaes sejam 69 freires cavalleiros guizados de cavallos e armas e os outros serem freires clerigos e sergontes.*

Tambem a ordem era obrigada a dar-lhes —*de comer e de beber e de vestir e calçar e de todalas outras cousas que forem mester, para si e para os seus homens e para sas* (suas) *bestas.*

> Peço desculpa aos leitores que se aborrecerem de tamanha *divagação*; mas, como escrevo para o povo, entendo que lhe não devem desaggradar estes esclarecimentos: quanto mais, que extrahi esta parte de tão precioso e raro documento, para provar que os templarios foram donatarios de Alemquer até ao ultimo dia de sua existencia como ordem de cavallaria.
>
> Notemos tambem, já que estamos tratando d'esta materia, que D. Diniz mandou proceder em todo o reino a rigorosissimas *devassas* (a que hoje chamariamos *syndicancias*) sobre os *monstruosos* crimes de que os templarios eram accusados, e que nenhuma culpabilidade se lhes achou: tanto assim, que a maior parte dos templarios foram aggregados á nova ordem de Christo.

Sustento que os templarios foram senhores de Alemquer até 1311, porque na citada carta regia que instituiu a ordem de Christo, se mencionam com toda a individuação todos os bens e rendas dos templarios e n'ella

se diz—*a commenda d'Alomquer e seu termo.*—É certo que se os templarios já não fossem então senhores da villa de Alemquer e *seu termo*, não vinha na carta relacionada esta commenda.

Já que me demorei tanto a fallar dos templarios, e que sempre tenho de passar por *maçador*, direi tambem de que cidades e villas eram elles commendadores. São as seguintes:

«*Allomquer e seu termo*—*Almourol*—*Arrizedlo*—*Bemposta* (com 300 libras que lhe dêem do espiritual de Thomar). Note-se que o numero de libras que aqui se mencionam não eram *por uma só vez*, mas de *responsom* (reposição) em cada anno. (Quando se fallar no convento, sem outra designação, é o de Thomar.)—O couto de *Braga* (e dê em cada anno, de *responsom*, 3:900 libras, em esta guiza—1:400 ao mosteiro de Thomar, 500 ao commendador de Salvaterra, 500 ao commendador de Segura, 500 ao de Rosmarinhal, 500 ao de Idanha Nova, e 500 ao de Idanha Velha)—*Bezelga*—*Caseval* (Casevel) (com 130 libras que lhe dava o commendador de Soure)—*Cardiga* (mas dê ao convento de Thomar 250 libras e *miada)*—*Castello Novo*—*Cornegãa* (Correlhan) (mas dê ao commendador d'Elvas 200 libras)—*Cabo do Monte* com todas *sas* pertenças—*Dórnes* (mas dê 200 libras ao commendador de Villa de Rei e Ferreira e 100 libras ao commendador de Puços)—*Ega* (mas dê 200 libras ao commendador de Leiria e 800 libras ao mosteiro)—*Evora*, com aquillo que a nossa ordem ha no chão de Mendo Marques—*Elvas* (com 200 libras, que lhe dê o commendador de Cornegan)—*Ferreira* (com 200 libras que lhe dê o commendador de Dornes)—*Fonte Longa*—*Ferreira d'Aves*—*Fonte Arcada* (mas dê ao commendador de Salvaterra 500 libras; ao de Segura outras 500 e ao de Rosmarial outras 500)—*Idanha Nova* (e haja cada anno 500 libras que lhe dê o de Rosmarial)—*Idanha Velha* (e haja cada anno 500 libras que lhe dê o mosteiro de Braga)—*Leiria* com 200 libras que lhe dê o commendador da Ega)—*Longroiva*—*Lordoza*—*Louzan*—*Meda*—*Marmelleiro*—*Pinheiro*, com todas sas pertenças—*Puços* (com sas pertenças e com 100 libras que lhe dem de Dornes)—*Pinheiro d'Azere*—*Proença* (com 200 libras que lhe dem de Rediva)—*Pombal* (e dê 1:500 libras ao convento)—*Portalegre* (com 300 libras que lhe dem do espiritual de Thomar)—*Paul*—*Prado*—*Pias* (e dê 2:500 libras ao convento)—*Rio Frio* (e dê 500 libras ao commendador de Salvaterra)—*Rosmarial* (Rosmaninhal) (e dê 500 libras ao de Idanha Nova)—*Redinha* (a que n'outras partes chama Rediva) (e dê 200 libras ao commendador de Proença)—*Soure* (e dê 1:100 libras ao convento e 130 libras ao commendador deC aseval)—*Segura* (com 500 libras que lhe dê o de Braga)—*Salvaterra* (com 500 libras que lhe dê o commendador de Rio Frio, e outres 500 o de Braga)—*Thomar* (haja 6 commendadores no temporal, um na villa e 5 no termo, convem a saber—nas villas de Bezelga, Paúl, Prado, Louzan e Pias, e dem cada anno de responsom ao convento 2:500 libras)—*Villa de Rei* (com 200 libras que lhe dem de Dornes)—Tudo o que a ordem tem em *Lisboa* e seu termo—em *Santarem* e seu termo (salvo o Pinheiro)—outra commenda em *Caseval*, além da já nomeada.—Outrosim retemos *Castello Branco* para morada de nós mestre com todalas cousas que a ordem hi ha e em seus termos—o que ha em *Niza*—*Rodã* (Villa Velha do Rodam)—*Alpalhão*—*Montalvão* e em *Ares*. Outrosim retemos 1:450 libras dos direitos e rendas que a nossa ordem ha em Rio Frio e em Fontarcada e no couto de Braga.—Outrosim as egrejas do *Mogadouro* e de *Penas Royas*.—Para todo o sempre haja o dito convento (a ordem) 10:800 libras em cada um anno, convem a saber—no castello e villa de *Castro-Marim* com todos os sens direitos, rendas e pertenças.—Item, 1:100 libras que lhe dem cada anno de responsom, de qualquer que seja a commenda de Soure.—Item 2:500 libras que lhe dem do temporal de Thomar.—Item 3:900 libras que lhe dem do espiritual de Thomar.»

Isto além de muitos prasos, fóros, propriedades alodeaes avulsas, castellos e grande numero de edificios que a ordem tinha por todo o reino.

Note-se que a copia da carta regia d'onde extrahi isto, estava em partes tão desboada, que era completamente illegivel; pelo que é provavel que fiquem por mencionar algumas commendas; mas, mesmo que não tivessem mais nada em Portugal, vê-se que tinham commendas em 10 cidades (tendo em Thomar e termo 6) e em 46 villas ou coutos!

—

Tornemos a Alemquer, e á velha egreja de Santo Estevão.

Quando em 1863 se mudou a séde da parochia para a egreja de S. Francisco, deixou de haver missa n'aquella egreja, e venderam-se em leilão todos os objectos susceptiveis de venda. Só ficaram as paredes, que foram arrazadas em 1870, para se construir a casa da aula de primeiras letras.

—

*Judiaria*—No fim da *Rua dos Mouros*, proximo á *porta de Nossa Senhora da Conceição*, existem uns quintaes e casas arruinadas ainda hoje chamadas *Judiaria*. Era o bairro dos *inimigos do toucinho*.

El-rei D. Manoel, expulsára os judeus de Portugal, em 1497 (sendo rei havia pouco mais de um anno) para fazer a vontade á princeza Isabel, herdeira do throno de Castella e viuva do nosso principe D. Affonso, que lhe poz esta condição, para acceitar a mão de esposo que elle lhe offerecêra (e com effeito casou com ella em outubro d'esse anno.)

Os de Alemquer não esperaram pela ordem. Tendo-se incendiado a egreja da *Varzea*, foram processados os judeus, e provou-se (bem ou mal) que foram elles os incendiarios, pelo que os expulsaram da villa.

—

*Porta de Nossa Senhora da Conceição*—Havia sobre este arco um quadro, representando Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino. Em 1740 principiou o povo d'aqui e arredores a ter grande devoção com esta senhora, e a cobrir a parede da muralha, em redor do painel, de *milagres* e offerendas. Era então prior da Varzea, o dr. Domingos Ribeiro Pimentel, que, vendo que os devotos augmentavam, mandou fazer sobre o arco uma capella, onde collocou o quadro, fazendo tambem uma casa de residencia, o que tudo lhe custou 400$000 réis. Hoje, a capella (abandonada) e a casa, pertencem á junta de parochia.

Debaixo da capella está a antiga porta da praça.

*Torre da Couraça*—Logo ao sair da Porta de Nossa Senhora da Conceição, está uma alta torre, que nascendo do fundo do largo da fabrica de papel, vae alcançar o nivel d'aquella porta.

Julga-se ser obra dos mouros. Nos seus alicerces ha uma nascente, muito abundante de agua potavel.

As paredes d'esta torre são muito grossas e robustas. Ha poucos annos abriu-se uma porta no fundo da torre, para seu serviço interno. Tem interiormente um caminho, que vem do cimo até ao fundo da torre. É tradição que ha um caminho secreto que communica a torre com o castello, e por onde a guarnição d'este ia, em caso de apuro, buscar agua á torre. Sobre ella ha uma casa construida modernamente, que pertence á fabrica de papel.

*Egreja da Varzea*—Está situada na encosta da villa, tambem proximo á porta da Conceição. Foi, como já disse, egreja matriz com prior apresentado pelas rainhas e com oito beneficios, que rendiam 80$000 réis, annualmente, cada um, e, como em quasi todas as egrejas do real padroado, eram os beneficiados apresentados pelo prior. O rendimento d'este priorado andava, até 1834, por 800$000 réis, e era repartido entre o prior d'esta freguezia e o de Aldeia Gavinha.

Esta freguezia está agora annexa á de Triana.

Segundo a tradição, foi esta egreja fundada pela infanta Santa Sancha; mas ha mais probabilidade para suppôr que aquella senhora apenas a reedificou; porquanto, ella só principiou a ser senhora de Alemquer em 1212, e consta, por documentos, que a egreja já tinha prior em 1203, o qual foi juiz apostolico, na causa instaurada contra o bispo da Guarda, D. Martinho, n'este ultimo anno.

Já disse que esta egreja foi incendiada nos fins do seculo xv, escapando apenas a capella-mór; e que este incendio foi attribuido aos judeus, pelo que o povo os expulsou d'aqui, depois de serem obrigados a reedificarem a egreja á sua custa.

A capella-mór, veiu depois a cair e foi reedificada por Damião de Góes.

O templo actual é bastante espaçoso e tem 5 altares. Consta que a imagem do *Senhor Ecce Homo* que aqui ha, tambem foi dada pelo célebre escriptor; assim como o rico pavimento *tesselado* da capella-mór.

A pia baptismal tem a data de 1561.

O lindo coreto, onde estava o orgão que foi para a egreja de Triana, foi feito em 1725.

Sobre a porta da sachristia estão as armas da familia Góes, *em chefe*, e junto d'ellas o brazão de armas (estrangeiras) da mulher, com alguns nomes em redor, que parecem allemães.

Damião de Góes deu muitos e valiosos presentes a esta egreja, sendo um dos melhores, depois do *Senhor Ecce Homo*, um quadro representando a coroação de Nosso Senhor Jesus Christo, do insigne pintor Jeronimo do Bosque.

Fundou na mesma egreja duas missas cantadas, *in perpetuum*, uma no dia de Nossa Senhora da Purificação e outra em dia de S. Braz (a 2 e 3 de fevereiro de cada anno) para as quaes deixou uma hypotheca de 400 réis annuaes, sobre os *casaes do Barreiro*, hoje quinta do Barreiro. E outra missa cantada, tambem *in perpetuum*, em dia da Ascensão, para a qual, e para a fabrica da capella-mór, deixou uma hypotheca de 10 cruzados annuaes, sobre uma horta que tinha á ponte de Santa Catharina.

—

*Ponte da Couraça*—(ou ponte da fabrica de papel) atravessa o rio junto á torre do mesmo nome. Suppõe-se ser a ponte mais antiga da villa; porque em uma escriptura de doação da azenha da *Azinhaga*, se declara que a ponte proxima (de Santa Catharina) se chamava em 1219, *ponte nova*.

*A ponte do Espirito Santo*, foi feita em 1571.

*A ponte do Arraial* é do meiado do seculo xiv.

*A ponte de Pancas* julga-se obra do seculo passado, e posterior ao terremoto.

—

*Egreja de S. Thiago*—A meia subida do monte, se ergue uma torre esguia e solitaria, unico vestigio que resta d'esta egreja, fundada por D. Affonso I, e que, segundo a tradição, foi erigida em memoria de um milagre que teve logar ao pé do postigo das muralhas, em frente do sitio da egreja.

Eram d'esta fregnezia os logares de *Pancas, Parrotes e Carregado*, que, com o resto da freguezia, apenas tinham em 1758, 40 fogos. Era a matriz do termo. Foi primeiro do padroado real, e D. Affonso V, em 1472, a deu aos frades de Alcobaça, em troca do *Paúl* e da egreja de S. Bartholomeu.

O parocho se denominou primeiro vigario e depois prior. Tinha annualmente 350$000 réis.

Esta parochia está hoje annexa á de Santo Estevão.

Tendo-se arruinado a primittiva egreja, a reedificou, pelos fundamentos, D. Affonso VI, no mesmo sitio, á custa da fazenda real, pelos annos de 1661. A sagração foi a 11 de novembro de 1663.

Era pequena, tendo um só altar, e não tinha sacrario, por estar em sitio ermo.

Supprimida a parochia, abandonou-se a egreja, que caiu em ruinas. A pedra foi empregada na construcção da moderna ponte da estrada da Merceana.

*Nossa Senhora da Redonda*—A sua verdadeira invocação era *Nossa Senhora dos Prazeres*, e a sua festa era no domingo de Paschoela e a 25 de março. (Nossa Senhora dos Prazeres é o mesmo que *Nossa Senhora da Annunciação.)*

Foi uma capella de muita devoção, dos povos d'estes sitios. D'ella apenas restam as paredes arruinadas. Está situada sobre a margem do rio, entre a ponte da Couraça e a de Pancas. As cheias a vão soterrando, e antes de pouco não existirá o menor vestigio de ter aqui existido uma egreja e um mosteiro.

Foi fundada, ou reedificada pela infanta

Santa Sancha, havendo no seu tempo aqui um recolhimento de mulheres, que seguiam a regra de S. Bernardo, e ás quaes chamavam *encelladas* ou *emparedadas* (vide estas palavras) pelo rigor da sua regra. Tambem se lhes dava o nome de *beatas*.

Se a egreja não era fundação primitiva da santa infanta, o era com certeza o recolhimento; porque na escriptura de composição entre D. Sancho II e suas irmãs, feita em 1224, se vêem as palavras seguintes:

*Istud autem sciendum est, quod azeniae, quas superius diximas datas á regina domina Sancia cellis de Alamquer et de Colimbria quas ipsa construxit, etc.*

Quando se fez esta escriptura, já as *encelladas* residiam no convento de *Cellas*, em Coimbra, havia 14 annos.

(Note-se que todas as filhas dos reis de Leão, Castella, Aragão etc., e as dos primeiros reis portuguezes, se denominavam *rainhas*. É por isso que D. Thereza, mulher do conde D. Henrique tambem assim se assignava).

Mas este recolhimento era pequeno e pobre. D. Sancha tinha ao pé de Coimbra uma quinta, chamada de *Uvimarães* ou *Wimaranes*. Resolveu fazer d'esta quinta um convento de freiras cistercienses, para o que mandou preparar a casa, fazendo *cellas* para 30 freiras. Mandou ir as *beatas* de Alemquer e algumas freiras de Lorvão para as instruirem, e lhes impoz a regra de S. Bernardo, professando tambem a fundadora, que aqui morreu em 1229. Para mais esclarecimentos sobre isto, vide *Cellas, proximo de Coimbra.*

As freiras de Cellas, de Coimbra, como era natural, ficaram com os rendimentos pertencentes ao mosteirinho de Alemquer, sendo parte d'elles provenientes do *reguengo e tres azenhas*, em Alemquer, mencionados na referida escriptura de composição, de 1224.

Estas propriedades passaram depois, por aforamento, ou por outra qualquer maneira, para a casa dos condes dos Arcos, onde ainda andam.

A capella continúa a existir, com a denominação de Nossa Senhora da Redonda, em razão da fórma circular d'ella.

Ainda em 1634 havia aqui uma irmandade, e se viam os vestigios do convento, e ainda então alli havia uma outra capella da invocação de Santo Amaro; mas já em 1758 não havia signaes de nada d'isto.

Em quanto a capella esteve em bom estado, tinha um eremitão, nomeado e pago pelos condes dos Arcos, para conservação e guarda d'ella.

Quando se construiu o açude da fabrica de papel, as aguas recuaram tanto, com as cheias, que a capellinha em poucos annos ficou enterrada no lodo. O conde dos Arcos queixou-se por isto ao governo, mas sem resultado.

A imagem está na egreja de S. Francisco.

—

*Fabrica de lanificios.* Occupa o sitio de uma azenha, chamada primitivamente *das quatro rodas*, que era muito antiga, pois em 1435 foi doada aos frades dominicos de Azeitão, pela rainha D. Leonor. Depois passou a ser foreira aos viscondes de Souto d'El-Rei.

Este magnifico estabelecimento foi fundado em 1826, por Mr. Augusto Lafaurie, que falleceu em 1870. Era um cavalheiro activo e intelligente; e tão bom que mereceu ser chamado *pae* dos seus operarios. Succedeu-lhe sua filha D. Maria Carolina Augusta Lafaurie, senhora respeitabilissima, e que tem conservado esta casa industrial em grande florescencia.

—

*Nossa Senhora da Assumpção*, vulgarmente chamada da *Triana*. Esta egreja, segundo a tradição, foi fundada pela rainha Santa Isabel. Tinha sido varias vezes reparada, mas o terremoto a desmantelou. Em 1758 foi reedificada á custa dos rendimentos da collegiada. Estando outra vez em máo estado, tornou a ser reparada em 1870; mas estas novas obras ainda não estão concluidas (1873).

O pulpito e a urna que está do lado do Evangelho, eram antigamente da capella de Nossa Senhora da Graça, da Carnota, e foram agora dados a esta egreja pelo sr. conde da Carnota.

Ha n'esta egreja varias campas com inscripções, que por pouco notaveis não transcrevo.

Em 1707, estava á entrada da porta prin-

cipal da egreja, uma lapide romana com esta inscripção:

ATINIAE. L. F. AMOENAE. TVSCIVM.
* *
TERENTIO. M. F. CAL. AQVILAE
TERENTIAE. M. F. TVSCAEM.
*
TERENTIVS. TVSCVS. SVIS.

Póde traduzir-se:—*Marco Terencio Tusco, aos seus parentes, Lucio, filho de Atinia Amena Tusca; Marco, filho de Marco Terencio, da geração dos Galerios; e Marco, filho de Aquilla Terencia Tusca.*

—

*A ponte do Espirito Santo* foi feita pela camara, por ordem do rei D. Sebastião, abrindo-se á viação publica no dia 28 de abril de 1571, com grandes festejos.

Á entrada da ponte está um padrão com uma inscripção que explica o que fica dito.

—

*Passadeiras.* Segundo a tradição, é obra da Rainha Santa, feita em 1305.

Parece que originariamente eram cinco pedras enormes. Hoje são muitas mais, de modo que se não póde saber quaes são as primitivas.

—

*Casas e egreja do Espirito Santo.* Em frente do rio, no largo onde agora se faz o mercado mensal, está a capella do Espirito Santo. Parece que n'este sitio existiram os paços reaes edificados antes do reinado de D. Diniz, e depois que D. Sancha dera os *paços de cima* para o convento. Era aqui que a familia real residia quando vinha a Alemquer. D'estes paços fez Santa Isabel uma albergaria em 1320, para passageiros e doentes; tratando ella mesma d'elles e lavando-lhes as roupas.

Pouco depois, fundou a egreja do Espirito Santo, contigua á albergaria, entregando a sua administração (quando foi para Coimbra) aos moradores de Alemquer e seu termo. Consta que então havia n'esta villa e termo, 26 cavalleiros *de esporas douradas*, 4:887 *homens de alardo* e 1:000 vassallos, bésteiros e valladores.

Formou-se então uma irmandade para esta administração, mas, em 1517, D. Manuel mandou que a casa fosse administrada por um provedor, mordomos e escrivão. Esta provedoria andou na casa dos Macedos; mas extinguindo-se a linha recta, mudou-se para os viscondes de Villa Nova da Cerveira, que eram collateraes, onde andou até á suppressão da casa. Ainda no fim do seculo XVIII se recolhiam aqui enfermos; mas como o seu rendimento era pequeno (280$000 réis) se reuniu á Misericordia. As casas foram queimadas pelos francezes, em 1811. A Misericordia as reconstruiu e são agora armazens e casas de habitação.

A egreja foi reedificada em 1730. É pequena, mas bonita. Já lhe tem chegado as cheias até á capella-mór. Ha aqui missa mensal, nos dias de mercado. Tambem se lhe faz uma festa annual.

Ha n'esta egreja varias campas de membros da familia Macedo, com inscripções.

Damião de Goes deu um orgão a esta egreja.

Eram aqui as celebres festas do *Imperador*, estabelecidas por D. Diniz e sua mulher, Santa Isabel, e que durante quatro seculos tiveram fama em todo o reino.

—

*Ermida de S. Martinho.* Ainda existia ha poucos annos. Era na *rua das Hortas*, do lado esquerdo, saindo da villa. Hoje são casas particulares. Foi capella de uma *gafaria*.

Este santo era advogado contra as intermittentes, e pregando o doente d'ellas uma ferradura na porta da sua capella, *ficava immediatamente curado*. (Parece que estes crendeiros preadivinhavam que havia de vir o seculo XIX com as suas luzes—de petroleo...—pois a desgraçada capella está hoje reduzida a *cavallariça!* Eis o que *prophetisavam* as ferraduras).

Esta casa era antiquissima, pois já existia no anno de 1209.

Ha quem diga que aqui (e não em Santa Catharina) residiram os *cinco martyres de Marrocos*.

Quando o terremoto de 1755 destruiu a egreja de Triana, dizia-se aqui a missa, em quanto não terminaram as obras da matriz.

*Fontes.*—Ha n'esta villa as seguintes:—*Couraça, Perennal, Maria Magra* (ou *Mãe d'Agua*. De inverno rebenta por mais de vinte partes. Corre por baixo de enormes camadas de pedra, na encosta em frente da Torre da *Couraça.*) *Triana, Santa* e *Chimina,*

O padre Carvalho menciona mais as seguintes, que hoje ninguem conhece:—«*Ralim,* por cima da ponte de Pancas, *Olho de Pedro, Maria Gorda, Tanque d'El-rei,* que faz moer 3 mós e rende ao dono mais de mil cruzados por anno. (Parece que está incluida na fabrica de papel) *da Rainha Santa,* ao pé do Espirito Santo, onde está uma ponte pequena—*de S. Benedicto,* que está por baixo de S. Francisco.»

—

*Fabrica de lanificios da Romeira.*—Occupa o sitio d'uma azenha chamada da Romeira que fez Lourenço Martins instituidor do morgado de Santa Catharina, com licença especial do rei D. Diniz, dada em 1303.

Até 1758 parece que pertenceu ao antigo vinculo, mas em virtude de alguma transacção posterior tornou-se alodial, e em 1868 pertencia ao sr. José da Costa, que a vendeu ao fundador da fabrica, o sr. Francisco José Lopes. Começaram as obras da fabrica no fim do anno de 1780, e ao cabo de 20 mezes de aturado trabalho teve logar a inauguração em 29 de setembro de 1872.

O plano do edificio foi traçado pelo engenheiro francez, Philippe Linder, que morreu na flor da edade, de um desastre nas minas de Caceres, em Hespanha.

—

*Fabrica de papel*—no sitio onde hoje se eleva este magestoso edificio fabril, havia, segundo a tradição, uns paços fundados por D. Leonor Telles de Menezes. Nas antigas margens do rio, hoje cobertas pelo tanque, havia no meiado do seculo XVIII uma pequena fabrica chamada *Moinho do Papel,* e duas azenhas—uma chamada do *Catarrasco* e ontra *d'El-rei.*

Em 1803 D. Maria I auctorisou a fundação de uma associação de seis capitalistas, (sendo um d'elles o 1.° barão de Quintella, avô do actual 2.° conde do Farrobo e 3.° barão de Quintella) que em 1805 principiou a construcção do actual edificio.

A guerra da Peninsula, e depois as guerras civis, fizeram paralizar estas obras, que estavam abandonadas e em pessimo estado em 1851, quando isto foi posto em hasta publica pelo thesouro, e arrematado pela actual companhia.

É hoje, como já disse, uma bella fabrica, produzindo magnifico papel de varias qualidades.

—

Indo a descripção d'Alemquer já medonhamente extensa, resolvi, para não fazer ainda mais *maçadora* a leitura d'este artigo, formar especiaes para o Oratorio de Santa Catharina, freguezia de Santo Estevão, Carnota, etc., etc.—(Vide pois *Catharina* (Oratorio de Santa)—*Estevão d'Alemquer* (Santo)—*Carnota* e *Triana.*

—

Já disse em outra parte e repito — quem quizer mais amplas noticias da villa de Alemquer e das suas coisas, consulte o bello livro do sr. Guilherme João Carlos Henriques, intitulado—*Alemquer e o seu concelho*—impresso em 1873.

O sr. Henriques é actualmente o digno e intelligentissimo administrador da *Quinta da Carnota,* do sr. conde d'este titulo, e, como o proprio e illustrado escriptor diz no prologo da sua obra, *não sendo filho d'Alemquer, e estando em divida de gratidão aos povos d'estes sitios, pelo bem que sempre o teem tratado, se decidiu a consagrar os seus momentos d'ocio, para lhe dar um testemunho publico do seu reconhecimento, com a construcção e publicação da sua obra.*

Não tenho o gosto de conhecer pessoalmente o sr. Henriques; sei porém que além da sua muita illustração (o que evidentissimamente revela na sua obra) é um modesto e delicadissimo cavalheiro, digno das geraes sympathias.

D'aqui lhe peço venia do que aproveitei do seu livro para a minha obra, e do que heide ainda aproveitar.

Este distincto escriptor é que póde avaliar, pelas difficuldades de toda a casta, que achou para descrever com consciencia e mi-

nuciosidade um só concelho, as que eu terei encontrado para a descripção de todo o reino.

Tambem lhe peço desculpa de me não conformar em alguns pontos (aliás insignificantes) com a sua opinião; mas

«*Cada cabeça, cada sentença.*»

**ALEM-TAMEGA**—vide *Santo Aleixo de Alem-Tamega.*

**ALEMTEJO**—Dá-se este nome á provincia, por ficar (com relação á Extremadura) do outro lado (ao S.) do Tejo, todavia, muitas terras situadas *além do Tejo,* pertencem á Extremadura.

É das mais vastas provincias do reino; mas a mais falta d'agua e menos povoada.

É, na maior parte, composta de planicies, sendo apenas atravessada pelas serras d'Ossa, Marvão, Portalegre, Monte-Muro, e outras menores.

Os seus principaes rios são: Guadiana, Sado, Tejo, Caia, Niza, Aviz, e outros de menos importancia.

É fertilissima em todos os generos agricolas, sobretudo, em trigo, azeite, cortiça, céra, mel, esparto, laranja, vinho (principalmente o famigerado moscatel de Setubal). Cria muito gado (sobretudo muitissimas *varas* de porcos) e bons cavallos. Produz optimos queijos, boa manteiga, superior carne de porco, etc., etc.

Fabrica artefactos de algodão e lã, muitos e optimos chapeus, e linda louça de barro. Produz muito sal, e tem muitas pedreiras de bellissimos marmores.

Tudo isto exporta continuamente e em grande quantidade, para varios pontos do reino (principalmente para Lisboa) com o que faz um commercio incalculavel, pelo Tejo, pelo caminho de ferro e por outras muitas partes.

Diz-se, e com razão, que o Alemtejo é o *celleiro* de Portugal.

**ALEMTEM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto. Fertil.

**ALENSE**—Com este nome ha duas aldeias no Minho, bispado do Porto. É a palavra árabe *Alhanaxe,* significa *a cobra.* Vem a ser *Aldeia da cobra.*

**ALESTE** ou **ESTE** ou **DESTE**—rio, Minho, nasce em Carvalho d'Este, 6 kilometros ao N. de Braga, e juntando-se-lhe varios ribeiros, vae entrar no Ave, no sitio chamado *Touginhô.* Cria algum peixe e suas margens são, em grande parte, cultivadas e ferteis. Tem uma ponte de pedra, no logar do Mosteiro, freguezia do Vimieiro, outra em Santa Cruz, outra em Covas de Baixo, ambas estas ultimas na freguezia de Celleiroz; além de algumas de pau. Tambem corre junto a Braga, onde tem uma ponte chamada de *Guimarães.* Parece que o primeiro nome d'este rio foi Aliste. Vide esta palavra.

**ALEYDÕES** ou **ALEIDÕES**—serra, Algarve, termo da villa da Grandola. Principia na herdade dos *Aleydões,* d'onde começa a levantar-se na altura da serra da Arrabida e Outeiro de Palmella. É em grande parte cultivada. Tem azinheiras, sovereiros, carvalhos e outras arvores. Estende-se por todo o termo da villa de S. Thiago de Cassem e por o de Odemira, onde tem 18 kilometros de largura. Cria muito gado grosso e miudo, lã, cera e mel.

N'esta serra nasce o rio *Maceira,* nome que perde quasi ao principio do seu curso, para tomar o de *Davena.*

**ALFAFAR**—portuguez antigo, do árabe *alhofar,* significa *as covas.* Deriva-se do verbo *hafara,* abrir cova, cavar na terra. Ha uma aldeia d'este nome, no bispado de Coimbra.

**ALFAFA** ou **ALFOFA**—Nome de uma antiga porta do castello de Lisboa. É a palavra árabe *alhoha,* que significa *ameixieira* ou *ameixoeira.* Vem a ser *porta da ameixoeira.*

**ALFAGEME**—Dava-se antigamente este nome aos barbeiros, porque afiavam e limpavam alfanges, espadas, achas, etc. Bergança diz que *alfageme* é o mesmo que cirurgião. Entendo que é erro.

**ALFAIÃO** ou **ALFAYÃO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 50 kilometros de Miranda, 275 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É palavra árabe *alchayam*, significa logar sombrio. Deriva-se do verbo *chaîama*, fazer sombra.

É terra muito abundante.

No alto da Veiga, onde chamam Valle Casto (talvez corrupção de *Valle do Castro*) houve um castello dos romanos, e ainda pelo O. tem fosso e contrafosso, abertos na rocha. Tem aqui apparecido armas antigas.

No cume do monte tambem houve um castello antiquissimo, e ainda se vê ao S. uma *estacada* de lousas feita ao uso antigo.

Passa por esta freguezia o rio Fervença.

**ALFAIATES** ou **ALFAYATES**—ribeira, Beira Baixa, nasce proximo da villa do seu nome. Cria muito peixe. Suas margens são em parte cultivadas e em parte arborisadas. Morre no Côa, por baixo da villa de Villar Maior; mas não com o mesmo nome, porque toma o dos logares por onde passa.

**ALFAIATES** ou **ALFAYATES**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar-Maior, 50 kilometros a S. E. de Pinhel, 315 a E. de Lisboa, 6 kilometros a N. E. da raia de Castella, 18 a E. do Sabugal e 30 ao S. O. de Castello Mendo. 220 fogos, 800 almas.

Orago S. Thiago, apostolo.

(Em 1660 tinha 180 fogos.)

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É palavra arabe *Alchaiat*, significa *cosedor, alfaiate*. Deriva-se do verbo *chaiata*, coser.

Está situada proximo da raia, em uma elevação e é cercada de muros, com duas portas; um castello dentro e uma *atalaia* fóra, tudo em ruinas.

As muralhas teem dois metros de grossura. O castello foi reedificado por D. Manoel.

Foi povoação romana, e (segundo uma inscripção latina que tem em um *padrão*, que serve de assento na praça) foi presidio romano no tempo do imperador Augusto Cesar. Ignora-se porém o nome que então tinha; porque o actual lhe foi dado pelos arabes depois de 716.

Soffreu tanto com as guerras entre mouros e christãos, que no tempo de Affonso X de Leão estava completamente destruida e deshabitada. Elle a mandou reedificar e povoar, em 1230, dando-lhe então o nome de *Castillo de Luna*.

Foi D. Affonso X, de Leão, que edificou o castello; mas D. Diniz, o ampliou e concertou em 1297.

Foi no castello d'esta villa que o malvado D. Sancho de Castella fez encerrar seu infeliz irmão, D. Garcia, rei de Portugal e Galliza, em 1071; depois de lhe ter usurpado a herança que seu pae (D. Fernando Magno) lhe tinha dado, que eram aquelles dois reinos: e não contente com isto, aqui lhe mandou arrancar os olhos!

N'este castello morreu de desgosto o malfadado principe.

Em 1282, passou esta villa para a corôa portugueza, em dote da rainha Santa Isabel.

Em 1297, D. Diniz reedificou o castello, dando-lhe então foral e restituindo-lhe o seu antigo nome arabe. D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1515.

Tinha um foral sem data; mas dado por D. Diniz. (Provavelmente logo depois da villa pertencer a Portugal.)

Estando o mesmo rei em Coimbra, lhe deu, no 1.º de março de 1297, uma *carta de confirmação* dos seus fóros e costumes, isto é, a confirmação do foral antecedente.

É patria do bravissimo capitão Ruy Tavares de Brito, que tanto na Africa, como depois na acclamação de D. IV, obrou prodigios de valor, como verdadeiro portuguez.

Em 27 de setembro de 1811, houve aqui um combate dado pelos alliados contra os francezes.

Proximo á villa passa o rio do seu nome que desagua no Côa.

A matriz é de tres naves.

Proximo á villa ha um convento de frades *agonisantes*, da invocação de Nossa Senhora de *Sacaparte* (*!*) fundado em 1726.

Dentro da egreja ha uma cisterna, attribuindo-se á sua agua curas maravilhosas.

Tem Misericordia, antiquissima.

Antigamente vinham aqui todos os annos, na segunda oitava do Espirito Santo, a ca-

mara de Castello Mendo, com a bandeira real, e 18 homens (representando os 18 logares da sua jurisdicção) nus da cinta para cima, com tochas. Vinham todos a cavallo, e a correr a toda a brida davam tres voltas á roda da egreja (que é uma capella.)

Diz-se que esta usança foi um voto que fizeram os de Castello Mendo; porque todos os annos lhe faltava uma pessoa do termo, sem se saber que sumisso levava; o que acabou desde a tal promessa e seu cumprimento.

Foi dos condes de S. Thiago até 1733, em que passou para a corôa.

Antes d'isso tinha sido, do infante D. Pedro, filho de D. Affonso (o *Sabio*) de Castella, depois, do infante D. Fernando, filho do nosso rei D. Manoel.

Por varias vezes aqui se viram juntos, para as suas combinações ou tratados, os reis de Portugal e Castella.

Tinha grandes privilegios, entre os quaes era o de pagarem os seus moradores sómente siza e *finta*.

Os seus campos produzem muito trigo, centeio, linho, etc. Tem uma formosa veiga para o O., toda regada por varios ribeiros.

Esta villa tem dado muitos militares valorosissimos.

**ALFAINÇA**—aldeia, Extremadura, proximo de Torres Vedras. É palavra arabe *Alfainas*—a perdida. Deriva-se do verbo *fana*—perder-se, destruir-se. Significa, *aldeia destruida*.

**ALFAJAR DA PENA**—aldeia, Algarve. É a palavra arabe *Alhajar*, significa—o penedo (Aldeia do Penedo).

**ALFAMA**—duas freguezias que formam um bairro de Lisboa (a cidade primitiva).

É palavra arabe *Al-hama* (o refugio), derivada do verbo *hamâ*, dar asylo, couto, ou refugio. (Vide Lisboa.)

Deu-se-lhe este nome, por ser aqui que se refugiaram os mouros, depois de Lisboa ser christã.

Depois os fizeram morar em uma rua chamada *Mouraria*. (N'esta rua havia um grande theatro, que o terremoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu.)

A matriz (Santo Estevão) é obra de D. Diniz, feita pelos annos 1300. Ha n'ella uma *custodia* de quasi dois metros d'altura e outra menor, que é a que sahe nas procissões.

Tem esta freguezia uns 900 fogos e 3:600 almas.

D. Diniz deu o padroado d'esta egreja ao bispo de Lisboa, que a apresentava por concurso. O cura era *collado* e tinha a quarta parte das offertas e a quinta dos fructos.

Tinha no côro oito beneficiados, com cem mil réis annuaes cada um.

Ha n'esta egreja uma imagem de Santa Catharina, virgem e mártyr, a quem recorrem ás familias das creanças que teem bexigas, offertando-lhe pão e moedas de cobre!

Os dizimos pagavam-se no Alqueidão, a quem os deixou uma rainha por lhe deixarem fundar no seu districto a freguezia de Santa Engracia. D'estes dizimos tinham uma parte os dois priores (de Santo Estevão e S. Miguel) e seus coadjutores, a mitra outra e os beneficiados outra.

É n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora dos Remedios, que tem a irmandade do Espirito Santo, formada por pescadores. Teem os irmãos hospital, para si e suas mulheres e tumba propria. Tem a irmandade 4 capellães e 2 meninos de sachristia.

A egreja de S. Miguel d'Alfama era priorado do real padroado, e tinha 4 beneficiados. Foi reedificada em 1674.

Todos os monumentos e mais objectos existentes em qualquer das freguezias d'Alfama, de que aqui não faço menção especial, vão em Lisboa.

**ALFANDEGA DA FÉ** e **CASTELLO**—villa, Traz-os-Montes. Districto administrativo de Bragança, comarca de Chacim. 150 kilometros de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 250 fogos, 950 almas. No concelho 1:600 fogos.

Orago S. Pedro.

(Tinha a villa 250 fogos em 1660.)

Arcebispado de Braga.

*Alfandega* é a palavra arabe *Alfandaq*. No Oriente e na Africa, é hospicio publico, (tal e qual como as nossas *albergarias*). Em algumas d'ellas porém se cobram *direitos reaes* (quando são mercadores que alli se hospedam). N'esta accepção a usamos em

geral, mas impropriamente, porque n'esse caso é *aduana*, e não alfandega.

O nome d'esta villa significa, pois, litteralmente—*Hospicio* ou *Albergaria da Fé.*

Está situada sobre uma eminencia, a 24 kilometros de Moncorvo, a cuja comarca pertenceu.

—

Não tem hoje nada que atteste a sua antiga grandeza, e a bravura dos seus habitantes das eras passadas, a não ser o *sobrenome* que foi concedido á villa, pelo valor dos seus moradores, nas crueis batalhas contra os mouros.

Tendo os mouros uma fortaleza no monte do *Carrascal* (proximo da villa de Chacim) sahiram d'Alfandega da Fé 25 cavalleiros *de esporas douradas*, que ajudando os de Chacim e de Castro Vicente, desbarataram os mouros, obrando taes actos de bravura, que obtiveram para a sua terra (que se chamava sómente *Alfandega*) o sobrenome que tem. (Vi e Chacim e Castro Vicente.)

Diz-se que o alcaide mouro do Carrascal, ufano com o seu castello, impunha aos christãos circumvisinhos os tributos que queria, exigindo até tributo de donzellas para o seu harem. Pedindo este tributo aos christãos de Castro-Vicente, estes pediram soccorro aos d'esta villa, que tomando as armas, atacaram o castello com grande intrepidez, tomando-o, matando o alcaide, e livrando o paiz d'este malvado.

Ainda em 1650 se conservavam na casa da camara diversas armas com que o povo d'aqui se defendia e atacava os arabes; mas uns camaristas, *illustrados*, as converteram em instrumentos agrarios!

Ainda tem os restos venerandos de um antigo castello.

É terra fertil em centeio, vinho, colmeias, seda e fructa.

É patria de D. Manuel de Sá, patriarcha da India e varão sapientissimo, como as suas muitas obras o evidenceiam.

Esta villa foi dos marquezes de Tavora, aos quaes cada morador pagava de *direitos reaes* 18 réis, mas alguns pagavam 4 $1/4$ alqueires de cevada e 6 réis, outros 36 réis. (N'aquelles antigos tempos era a cevada a 2 $1/2$ e 3 réis o alqueire.)

D'esta villa se descobre Mogadouro, Castro-Vicente, Lousa, Villa-Flor, S. Payo e outras muitas povoações.

A egreja é de tres naves. O parocho foi abbade até 1718, em que os dizimos passaram para a *basilica* patriarchal. O abbade d'aqui apresentava 8 curas (até 1834) que eram, Nossa Senhora da Assumpção, Santo Amaro, S. Paulo, Espirito Santo, Nossa Senhora da Annunciacão, S. Pedro, Santa Marinha e S. Pedro, d'esta villa.

Era abbadia do padroado real e pagava á capella real 160$000 réis por anno.

Tem Misericordia, pobre.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa a 8 de maio de 1294. D. Manuel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

**ALFAQUEQUE**—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É a palavra arabe *Alfaccaq*, o resgatador ou libertador de escravos ou prisioneiros de guerra. Deriva-se do verbo *surdo facca* (soltar, remir, resgatar). Vem a ser *Aldeia do libertador.*

Tambem em Portugal houve *alfaqueques* e *alfaqueque-mór*. Era o official que tratava da troca dos escravos e dos prisioneiros.

**ALFARAZES**—aldeia, Beira Baixa, bispado da Guarda.

É o arabe *ál-faras* (o cavalleiro). Deriva-se de *faras* (cavallo).

**ALFARELLA DE JALLES**—villa, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 108 kilometros ao N. E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 650 almas. Orago o Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Querem alguns que Alfarella seja corrupção da palavra arabe *alfarás* (nome generico de *cavallo* ou *egua;* mas que se tomava ordinariamente por *homem a cavallo, cavalleiro*). Ainda hoje dizemos, v. g.—«uma escolta de 200 cavallos; 100 infantes e 50 *cavallos*, etc.»—tomando assim os cavalleiros por cavallos.

Se assim é, significa—*povoação dos cavalleiros.*

D. Affonso II lhe deu foral, em 1220. D'elle consta que os donatarios d'esta villa, venderam a seus moradores 13:500 alqueires de pão, que lhes pagavam de ioro, por treze mil e quinhentos réis (a real o alqueire!)

(Vide o que digo adiante sobre os foraes d'esta villa.)

Perto d'aqui, na serra da *Quintan* (ou *Falpêrra*) nasce o rio *Pinhão* (ou *Penhão*) que desagua na direita do Douro, na Foz do Penhão, 3 kilometros a S. E. de Favaios.

Ha na villa uma notavel fonte, chamada *do Pio*, de boa architectura, e muito abundante de agua.

Ha outra abundantissima, chamada da *Reguenga*, com cujos remanescentes se rega a veiga do *Coinho*. Tem outra de abobada, que é a melhor agua da villa.

Correm pela freguezia os rios *Penhão* e *Tuélla*.

Era um concelho antiquissimo, tendo sempre juiz, camara, etc., até que foi supprimido em 24 de outubro de 1855. O concelho tinha só 800 fogos.

Franklin não falla em foral algum dado por D. ASonso I em 1220, nem, como outros pretendem, por D. Sancho II, em 1202.

O 1.º foral d'esta villa, isto é, de Jalles, de que trata Franklin, é o que lhe deu D. Affonso III, em Lisboa, a 15 de julho de 1273; porém este foral foi julgado nullo por uma sentença de 3 de setembro de 1303.

D. Diniz lhe deu foral, datado de Trancoso, a 21 de julho de 1304.

D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 9 de agosto de 1514.

Luiz Thomaz de Carvalho e Lemos, foi um dos ultimos senhores donatarios d'esta villa.

É terra muito fria e pouco fertil.

O vinho d'aqui é verdissimo.

**ALFARELLOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Soure, concelho de Santo Varão, 25 kilometros ao S. de Coimbra, 192 ao N. de Lisboa, 330 fogos. Provavelmente a mesma derivação.

Orago S. Sebastião. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

**ALFARROBEIRA**—bello palacio e formosa quinta, na freguezia de Bemfica (arrabalde de Lisboa) fundada por Frederico Ludovice, architecto do palacio real de Mafra, pelos annos de 1730. É hoje propriedade do sr. Manoel de Campos Pereira.

**ALFARROBEIRA**—aldeia, Extremadura, freguezia de Vialonga, termo e 12 kilometros a NO. de Lisboa, situada em uma planicie.

Têem aqui uma grande quinta os duques de Cadaval.

—

Vindo de Coimbra para Lisboa, *com alguns amigos e familiares (ao todo 4:000 homens*, (este facto historico tem para mim suas obscuridades; julgo que o infante não precisava trazer tanta gente para se justificar) o infante D. Pedro — tio e sogro de D. Affonso V—para ante o rei se justificar das calumnias que contra elle em Lisboa propalavam seus intrigantes inimigos; estes insinuaram ao rei, que o infante o vinha atacar.

D. Affonso V, joven irreflectido e arrebatado, junta toda a gente que pode e sae da capital em busca do benemerito ancião, que encontra nos campos d'Alfarrobeira (no sitio a que, por isso, ainda hoje se chama o *Arraial*) e sem mais nem menos o accommette e á sua escolta, *que não teve remedio senão defender-se.*

A batalha foi dada mesmo junto á quinta dos duques de Cadaval e proximo a uma ribeira que ahi passa.

O infante foi morto, e a maior parte dos seus, sendo igualmente morto o inclito e famosissimo *D. Alvaro Vaz d'Almada*, conde *d'Avranches* (em França) fidalgo principal d'este reino e um dos Doze de Inglaterra, amigo e companheiro do immortal *Magriço (D. Alvaro Gonçalves Coutinho).*

D. Alvaro Vaz d'Almada foi o maior cavalleiro do seu tempo, deixando na Africa e na Europa (sobretudo em França e Inglaterra) uma eterna fama do seu nome glorioso.

Veio morrer n'esta *escaramuça*, (o que tinha escapado de tantas e tamanhas batalhas!) em defeza do seu amigo D. Pedro; mas ninguem o venceu! Cansado de esmagar os con-

trarios, e não querendo sobreviver ao seu amigo, disse (fallando comsigo mesmo) *Já vejo que não pódes mais! E tu, minha alma, já tardas!* E deitou-se no chão.

Então todos quizeram ter a *gloria* de o ferir (para se gabarem em Lisboa de o terem morto). Elle então disse a estes miseraveis: *Fartar, villanagem!*

Esta carnificina teve logar a 20 de março de 1449.

Poucos annos depois, o rei, caindo em si (ou a rogos da rainha D. Isabel, filha do infante que elle muito amava) rehabilitou a memoria de seu tio e sogro.

Alfarrobeira é palavra árabe, vem de *alcharrub*, alfarroba; quer dizer, arvore que dá alfarroba.

No Algarve, pronunciam commummente esta palavra sem o artigo *al*, e dizem *farroba, farrobeira.*

Ha ainda outra aldeia do patriarchado chamada *Alfarrobeira*, proxima de Alverca. A esta, para a differençarem da outra, lhe chamam *Alfarrobeira Pequena.* Vide *Vialonga.*

**ALFEITE**—Grande quinta e bonito palacio real, antigamente chamada *quinta da Pena*, termo e proximo da villa de Almada (Extremadura) em frente de Lisboa. Foi de D. Leonor Telles de Menezes (mulher de D. Fernando I). Ella a deu ao judeu *David Negro*, almoxarife das alfandegas do reino.

Este judeu fugiu com D. Leonor para Alemquer e tomou partido contra o mestre de Aviz, pelo que lhe foram sequestrados os bens. D. João I, de Portugal (quando ainda regente) deu a D. Nuno Alvares Pereira o que era do judeu. A mulher d'este (*D. Cimfa Negro*) e seus filhos embargaram esta doação, durando a demanda nove annos (só findou em 1393) e terminando por uma composição, na qual ficou a judia com o que tinha no termo de Almada e o condestavel com o que o judeu tinha em Lisboa; mas, parece que D. Nuno os comprou a *D. Cimfa*, para juntar a outros bens que tinha no Alemtejo.

Em 28 de julho de 1404, fez D. Nuno doação d'isto e outras cousas á Ordem do Carmo de Lisboa. Não sei como passou a differentes donos, até que em 1697 a comprou D. Pedro II, a Geraldo Huguer Marcem, por 3:700$000 réis e encorporada na casa do infantado (instituida para seu filho, o infante D. Pedro, depois II). Em 1707, D. João V lhe juntou a quinta da Romeira e outras propriedades. O sr. D. Miguel I lhe uniu tambem a quinta da Piedade, que comprou no 1.º de julho de 1833.

O almoxarifado do Alfeite compõe-se hoje das quintas do *Alfeite, Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo* e *Bomba;* a vinha do *Pagador*, a lagoa de *Albufeira*, os pinhaes de *Corroios* e do *Cabral* e os moinhos do *Galvão, Passagem, Capitão* e *Torre.*

O Senhor D. Pedro V mandou aqui construir uma nova residencia em 1857, muito elegante e bonita.

Parece que Alfeite é corrupção de *alfeire*, que no portuguez antigo significava *rebanho*, fato, *manada* de qualquer especie de gado, e d'aqui, *alfeireiro*, o pastor. Tambem significa *cerrado* para guardar porcos, feito de sebes ou ramos e com cancellas. E tambem *pocilga, enxurdeiro.* Tambem póde ser corrupção da palavra arabe *alfetri*, que era certo tributo que os mouros pagavam aos reis de Portugal antigamente, dos bens e gado que possuiam. Vem do verbo *fatara*, remir, reconciliar-se offerecendo dadivas. Acho mais provavel esta etymologia; porque talvez aqui fosse um dos logares onde o *alfetri* se recebia. De *alfetri* fizemos nós *offerta*, que vem a ser o mesmo.

N'esta quinta ha a fonte da *Biquinha*, cuja agua, segundo diz o dr. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, cura a dôr de pedra e areias da bexiga. Vide *Almada*, onde digo mais alguma cousa sobre esta quinta.

**ALFEIZIRÃO** — villa, Extremadura, comarca de Alcobaça, concelho de S. Martinho do Porto, 6 kilometros a O. de Cella, 3 ao S. de S. Martinho, 85 ao NO. de Lisboa, 360 fogos. 1:500 almas.

Orago S. João Baptista.

É no patriarchado. Districto administrativo de Leiria. Feira a 7 de janeiro, tres dias.

Está na costa do Atlantico, situada em

uma veiga, encostada a uma serra (que lhe fica a E.) e ao O. é cercada de paúes até ao mar. Era, até ao meio do seculo XVI, um bom porto de mar, em que, ás vezes, estavam surtas 70 a 80 embarcações (no tempo do cardeal infante D. Affonso, abbade commendatario de Alcobaça, que morreu em Lisboa a 21 de abril de 1540). O mar foi-se retirando pouco a pouco, e hoje está quasi a 6 kilometros de distancia.

É fertil.

Tem um antigo castello arruinado, obra dos mouros. É nos antigos coutos de Alcobaça.

O nome d'esta villa é arabe, *al-cheizaran*, significa *caniço*, ou canavial miudo.

Foi fundada em 717 pelos arabes, ao O. das ruinas da antiga *Eburobriga*, *Eburobritium* ou *Bricium*, e estes lhe deram o nome que ainda conserva.

(Vide a palavra *Eburobriga* que é essencial).

D. Affonso I a tomou aos mouros, por surpresa, em 1147.

O ultimo possuidor arabe do castello, foi o emir *Aben-Hassan*. É tradição que o emir, vendo o castello perdido, abraçou sua filha *Zaira*, e com ella se precipitou das muralhas, morrendo ambos despedaçados.

Os abbades de Alcobaça apresentavam os alcaides-móres. A parochia era vigariaria e o vigario era prior de S. Martinho, e tudo apresentado pelos frades.

Está entre as villas da Pederneira e Caldas, distante de cada uma 10 kilometros.

Tem Misericordia, antiga mas pobre.

Querem alguns que esta villa fosse fundada pelos gallos-celtas, uns 300 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Eburobriga*, e que depois veio a chamar-se *Erubritium*, no tempo dos romanos; mas é mais provavel que a cidade romana fosse no sitio a que hoje chamam *Ramalheira*, onde ainda há vestigios de alicerces.

Querem alguns que d'aqui fosse natural o celebre Viriato II (o que morreu em Italia).

O abbade de Alcobaça lhe deu foral no 1.º de junho de 1422. Por elle tinha o privilegio de não dar soldados. D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando-lhe os privilegios, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

A 700 metros ao S. ha uma lagoa chamada *Lagoa Limpa*, que cria muitas sanguesugas, das melhores do reino.

Do tempo que foi porto de mar, ainda se vêem restos de caes.

**ALFELLA**—aldeia do Minho, arcebispado de Braga. É a palavra arabe *al-hella*, significa campo ou arraial onde os arabes armam as suas tendas. Deriva-se do verbo *surdo halla*, pernoitar em um logar, morar por certo tempo. É tambem nome do sitio onde presentemente se acha o convento da Graça, em Lisboa, ao qual se chamava antigamente *Alfella*. Este mesmo nome se dá á terra de Mourão.

**ALFENA**—freguezia, Douro, concelho de Vallongo, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Vicente.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente villa, e ainda tem pelourinho. Parece que no tempo dos arabes era uma grande povoação, com o mesmo nome.

É tradição que houve aqui no seculo VIII uma grande batalha contra os arabes, na qual entraram sete condes, e que d'ella lhe provém o nome; fundando-se em que *alfena* significa *batalha*, o que não é exacto, pois só significa planta. Enganam-se com a palavra arabe *alhella*, alfella, que significa *acampamento* ou *arraial;* mas não *combate*. É pois incontestavelmente a palavra arabe *alhenna* (alfena). São as folhas de um arbusto semelhante á murta. No Oriente, tanto christãos como mahometanos, costumam, por occasião de festa, amassar o pó d'estas folhas e cobrir as mãos e pés com esta massa, envolvendo-a em pannos, desde a noite até pela manhã. Quando se levantam sacodem o pó, e untam os sitios em que elle esteve, com azeite. Os membros, assim preparados, adquirem uma côr muito encarnada, que dura 15 a 20 dias (não saindo ainda que a lavem). Só porém as mulheres e creanças usam d'este *enfeite*. Os velhos, principalmente principes e grandes, tingem os cabellos da barba, com agua d'estas folhas, o que lh'os torna encarnados.

Deriva-se a palavra *alhenna*, do verbo *hanna* (tingir o cabello com alfena). No figurado, enfeitar-se. Ha na provincia do Minho uma aldeia d'este nome, e uma villa no reino de Granada. É planta medicinal.

Ha n'esta freguezia um hospital para quatro lazaros, do qual foi administrador *João Pinto Coelho;* e por sua morte era administrado por os seus herdeiros, os Peixotos, do Porto.

Está situada em uma veiga, cortada pelo rio Lessa.

A egreja foi abbadia até 1544, em que os dizimos foram para o collegio do Carmo, de Coimbra, sendo bispo do Porto, D. Balthazar Limpo, e seu ultimo abbade seu irmão Melchior Limpo, que depois foi frade do mesmo collegio do Carmo. É a mais antiga egreja da Maia. Junto á egreja havia—e não sei se ainda ha—o maior cypreste de Portugal.

A freguezia é cercada de montes, sendo os de E. muito altos, e ha n'elles vestigios de antigas fortificações e grandes fossos, que mostram ter-se aqui extrahido, no tempo dos romanos ou arabes, grande porção de metaes.

É terra muito fertil.

**ALFERCE**—ribeira, Algarve, concelho de Monchique. Nasce na Foya, corre perenne de O. a E., desagua na ribeira de Odelouca, no sitio chamado *Foz da Camara*. Rega, moe e traz peixe. Vide *Alferce*, freguezia.

**ALFERCE**—(mais propriamente *Alferse*) freguezia. Algarve, comarca de Silves, concelho e 6 kilometros a E. de Monchique, 70 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Romão.

É a palavra arabe *Al-fere-se*, os cavalleiros. É pois, *freguezia dos cavalleiros*.

Tambem póde ser derivado da palavra arabe *alferse* (enxadão ou alvião) que elles escreviam assim, ou *Al-herse*, que se pronuncia do mesmo modo (alférse.)

Mas é mais provavel que tenha a primeira significação.

Esta freguezia está situada na serra do mesmo nome, em uma grande chapada. É abundante: muita castanha.

Foi da casa das rainhas.

Acima do logar de Alferce, uns 200 metros para N. E., estão as ruinas de um castello romano ou arabe, que mostra ter tido dentro do seu recinto grandes edificios.

Fica-lhe proximo a aldeia de *Povo de Baixo*, d'esta freguezia, rodeada de vinhas. Fertil.

A egreja caíu com o terremoto, mas foi logo reedificada.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome. É no bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

**ALFERCE**—serra, no Algarve, mui alta, aspera e agreste. D'ella se descobre quasi todo o Algarve.

É mui abundante de excellentes aguas. Tem minas de varios metaes. Cria algum gado grosso e miudo, porcos javardos, lobos e caça. (Vide Alferce, freguezia.)

Tem 24 kilometros, desde a *Picota* até á freguezia de *S. Bartholomeu*, onde acaba em um só corpo, sem ramificação nenhuma.

**ALFERES-MÓR**—antigo officio em Portugal. Já no tempo do conde D. Henrique era seu alferes D. Fafes Luz. As suas preeminencias eram consideraveis n'aquelles tempos. Depois, as suas attribuições passaram para o *marichal* e o *condestavel*. Os *alferes* vinham a ser o mesmo que os actuaes porta-bandeira; mas os *alferes-móres do reino*, levavam, na paz e na guerra, a bandeira real, nas côrtes, nos juramentos dos reis e principes, e nas batalhas em que entrava o rei.

Nos documentos, escriptos no latim barbaro d'aquelle tempo, os alferes-móres asignavam-se, *Signifer* (o que leva a signa) e *Vexillifer*. O primeiro alferes-mór de que ha noticia, é, como já disse, D. Fafes Luz, o ultimo foi Vasco Fernandes Cesar de Menezes, conde de Sabugosa e vice-rei da India e do Brazil, o qual logar de alferes-mór herdou de seu pae, Luiz Cesar de Menezes, feito no 1.º de janeiro de 1707.

Houve n'este reino 52 alferes-móres, todos da principal nobreza de Portugal.

Tambem havia alferes-móres dos infantes e dos mestrados das ordens de cavallaria.

Alferes é arabe (*alfares*) que significa *cavalleiro*.

**ALFERRADEDE**—rio, Extremadura, nas-

ce de varias fontes, no valle de *Mogão* e no *Sêrro*, a 6 kilometros do Sardoal. É arrebatado, ainda que de pouca agua. Suas margens são povoadas de boas quintas, e em grande parte cultivadas. Morre no Tejo, na foz de *Alferradede.*

**ALFERREIREDE**—rio, Alemtejo, nasce a 3 kilometros da villa da Amieira e morre no Tejo, no termo da mesma villa.

**ALFOGEIRA**—aldeia da Extremadura, é a palavra arabe *alhogeira* (a pedrinha) diminutivo de *hajaron* (pedra.)Vem a ser *Aldeia da Pedrinha.*

**ALFONTES DA GUIA**—freguezia, Algarve. Comarca de Loulé, concelho de Albufeira, 35 kilometros de Faro, 192 ao S. de Lisboa, 250 fogos.

Situada na ladeira de um monte. Egreja pequena. Ha aqui a ermida de Nossa Senhora da Guia (que deu o nome á freguezia) que se festeja a 8 de setembro, havendo então feira. O territorio da freguezia, no geral, é plano e fertil.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado e districto administrativo de Faro.

**ALFORRA**—aldeia da Beira Alta, bispado de Coimbra.

É a palavra arabe *al-horra* (cousa livre, sem sugeição.)

No antigo portuguez, *Alfoz* (no plural, *alfozes) alfoces* e *alhobzes*, significava concelho, julgado, comarca, behetria, jurisdição ou castello, cujos moradores se governavam pelo seu proprio foral, e pelos usos e costumes da terra. Ordinariamente um *alfoz* não comprehendia mais do que uma parochia. É pelas cercumstancias referidas que os etymologistas derivam *alfoz* da palavra arabe *al-horra*, (*h aspirado*, que sôa quasi como *al-forra.*) Vem do verbo *surdo, harra*, que quer dizer, *libertar*, dar *carta de alforria.*

*Alfôz*, tambem em algnmas terras significava *logar chão, terra chã.*

Não se confunda com *alforras*, legume mais pequeno que os feijões frades. A isto chamavam os arabes, *Alholha.* É febrifugo.

**ALFOZ**—vide Alforra.

**ALFREVIDA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Rodam, 100 kilometros da Guarda, 219 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

**ALFUNDÃO**—villa, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Ferreira, 50 kilometros de Evora, 100 ao S. E. de Lisboa, 200 fogos.

É derivado do arabe *alfitian*, (edade juvenil, juventude) quer dizer *Povoação dos mancebos.*

Outros sustentam que esta povoação já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Fundanus*, e que os arabes só lhe accrescentaram o *al.* (O que é mais provavel, como adiante se verá.)

É do infantado.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Tem uma albergaria muito antiga, a que chamam hospital, fundada por uma mulher d'esta villa; mas não se sabe o nome d'ella, nem a data d'esta fundação.

É situada em um alto, d'onde se descobre a villa de Alvito e o logar de *Pêra Guarda.*

É uma das mais antigas povoações do termo de Beja. Parece que foi povoação de muita importancia no tempo dos romanos.

Na egreja de Santa Margarida do Sádo (que foi um célebre templo romano da deusa Fortuna) appareceram dois cippos, com as seguintes inscripções:

O primeiro: *D. M. S.—M. L. filia cupita ann. XXXIV. Q. L. N. marite, et Antonia* Fundana, *et Mumia Rufina filias matri piissime posuerunt H. S. E. S. T. T. L.*

O segundo diz: *D. M. S. Mamius Cusinus ann. XVI Mumia* Fundana *liberto merenti Pos. H. S. E. S. T. T. L.*

Em 22 de setembro de 1372 deu D. Fernando esta terra a Diogo Affonso do Carvalhal.

Hoje nem merece o nome de villa, pois na verdade, não passa de uma pobre aldeia.

**ALFUSQUEIRO**—rio, Beira Alta, nasce no logar de Vermilhos, bispado de Vizeu.

Parte das suas margens são cultivadas e

arborisadas. Tem muitos medronheiros e murtas. Tem algum peixe. Morre no Vouga, no sitio de Olmear.

**ALGALÉ**—rio pequeno do Alemtejo. Nasce de uns poucos de arroios na *coutada* da villa de Barbacena. Suas margens são cultivadas e ferteis. Tem algum peixe miudo. Morre no Caia, no sitio da *Chamorra*.

(Para a etymologia, vide Algalé, freguezia.)

**ALGALÉ**—freguezia, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte, 40 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 40 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É nome derivado do arabe, *al-gali*, significa *fervedouro*. Vem do verbo *galá*, ferver. Tomou este nome do rio acima. Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

**ALGANDUR**—aldeia, Alemtejo, arcebispado de Evora. É palavra arabe, *al-gandur*, significa casquilho, enfeitado, ornado, asseiado. Vem pois a ser, *aldeia do peralta*.

**ALGAR DO CABEÇO DAS POMBAS**—vide Ayre, serra. É palavra arabe, *algar*, significa *sorvedouro, cova* ou *bréjo* profundo. Deriva-se do verbo *gára*, submergir. Ha uma aldeia d'este nome no patriarchado.

**ALGARÃO**—pequeno rio, Douro, bispado de Coimbra. Vem da palavra arabe, *algáro*, submergido. Deriva-se do verbo acima.

Nasce de uns poucos de arroios na freguezia de Brafemes. Chama-se primeiro *Valle do Côvo*, depois *Algarão*, depois *Gondileu* (em Gondileu tem uma ponte de pedra) segundo os logares que atravessa. Morre no rio Botão, no sitio de *Porto do Valle dos Judeus*, no campo do Botão.

**ALGARES**—É a palavra arabe *algares*, que significa *plantador*. Deriva-se do verbo *gárasa*, plantar, pôr arvores.

Ha uma aldeia d'este nome no bispado de Coimbra.

**ALGARES**—(serra dos) Alemtejo, nasce a 6 kilometros a E. de Grandola e vae correndo contra o E., na distancia de 12 kilometros, até onde estão as ruinas de uma fortaleza, chamada *Castello Velho*, que fica eminente ao rio *Corona*. Esta serra está quasi toda minada por *galerias* e poços, feitos pelos romanos e arabes, para d'aqui extrahirem prata e ferro.

Talvez mesmo que a primeira mineração d'esta serra seja obra dos phenicios. Os terrenos contiguos á serra, para o lado do N. estão cobertos de residuos ou *escumalha*, provando assim que houve aqui fundição de metaes.

Um outeiro d'esta serra (chamado por isso *Outeiro Fendido*) está cortado por uma mina aberta, de largura de 1m50, e de grande profundidade. Tem aqui apparecido moedas de ouro e prata romanas.

*Algares* aqui é o plural de *algar*, e significa por isso *sorvedouros, covas* etc. e não *algares* plantador.

Na serra dos *Algares* é a *contramassa* de Aljustrel. Houve aqui immensos trabalhos dos antigos e prodigiosa extracção de minerio; o que testificam as suas immensas *galerias* e o proprio nome da serra.

No reinado de D. João V, foram estas minas inspeccionadas por pessoas peritas, mandadas a isso pelo governo, que declararam ter-se extrahido d'ellas, em tempos antigos, grande quantidade de ferro e prata.

Estes antigos trabalhos estão hoje completamente innundados, pelo que a Companhia de Mineração Transtagana anda a fazer uma galeria de *esgôto* de 800 metros de extensão, e que irá sair ao ribeiro dos *Feitaes*, e, concluida esta obra, poder-se-ha continuar com a dos antigos, o que dará á companhia felicissimo resultado.

É director technico d'estes trabalhos o sr. João Pacheco Alves, estudiosissimo e distincto engenheiro de minas, que reside aqui.

Dá-se n'esta serra a singularidade de serem potaveis e optimas todas as aguas que nascem do lado do S., ao passo que não é potavel nenhuma que rebenta do lado do N. Todas estas são impregnadas de substancias que lhes dão diversos sabores, e que imprimem differentes cores nas terras e pedras por onde passam, obstando á vegetação dos terrenos que humedecem. Ao que parece, são aguas de diversas mineralisações, que muito conviria que fossem analysadas por habeis chimicos.

**ALGARVE**—(serra do) corre quasi todo o reino do Algarve (do qual recebe o nome) e o divide do Alemtejo. Principia proximo a Castro Marim e acaba no Oceano, junto a Aljezur. Os romanos lhe chamavam *Cicus*, ou *Mons-cicus*, e d'aqui lhe provem o actual nome vulgar de *Monchique*. Ha aqui abundancia de aguas, é habitada por pastores e alguns lavradores. Tem grandes *montados* de azinheiras, sovereiros e carvalhos. Tem tambem alguns pomares e bastantes figueiraes. Produz trigo, senteio, favas etc. Tem algum gado miudo, porcos montezes, coelhos, lebres etc., etc. (Vide Monchique.)

**ALGARVE**—O reino do Algarve é formado da parte mais meridional de Portugal. É muito accidentado pelas serras de Monchique, Figo, Caldeirão, Foia, etc.; mas, apesar d'isso, tem bastantes planicies, algumas muito amenas, aprazivеis e ferteis. É cortado pelos rios Guadiana (que o separa da Andaluzia) Chança, Limas, Corbis, Vascão, Asseca e outros, que mais propriamente são braços de mar, como os de Faro, Tavira, Villa Nova de Portimão, Castro-Marim, etc.

O seu terreno é fertilissimo em cereaes, optimo vinho, deliciosas fructas proprias do paiz (como são amendoas, figo, alfarrobas) além de todas as outras que ha nas mais provincias do reino. Produz tambem grande porção de assaflor (*assafrôa*) sumagre, gran, palma, pita, etc., com os quaes generos faz grande commercio.

Só no mez de setembro de 1871 exportou o Algarve pela alfandega de Faro e suas delegações—figos, no valor de 378:000$000 réis; alfarroba, 162:000$000 e tanto; cortiça, 128:000$000 e tanto; peixe, mais de 90:000$000; ovos, 40:000$000; amendoas, 30:000$000; palma em *rama*, 15:000$000; total mais de 843:000$000 réis, só em um mez!

Produz tambem algumas fructas dos tropicos.

O seu litoral é abundantissimo de infinitas variedades de peixe de optima qualidade. Possue muitas e ricas *marinhas de sal* (salinas) cujo producto fórma um dos principaes ramos do seu commercio.

Exporta, portanto, em grande quantidade, sal, peixe secco, uvas, *passas*, amendoas, figo secco, manufacturas de palma, (algumas muito bellas) rendas, ricas obras de pita, muita caça grossa e miuda, etc.

O seu clima é o melhor de Portugal, menos nos sitios pantanosos, onde são endemicas as febres intermittentes.

Os primeiros habitantes do Algarve, de que ha noticia, são os *cunei*.

Os arabes lhe chamavam *Al-Faghar*, ou *Al-Gharb* (que significa—paiz do Occidente—em relação á Africa, que fica a E. do Algarve, (Vide *Almograbi*.)

Tambem lhe chamavam *Chencir*. Outros escrevem *Al-Ghharb*, e querem que signifique *terra plana e fertil*, mas supponho que é erro.

A sua capital durante o dominio dos arabes, foi *Chelb* (Silves) a que tambem chamavam *Chencir;* e é d'ella que tomava o nome de *Chencir* todo o reino. O ultimo rei mouro do Algarve foi *Al-Mansor-ben-Afan*.

(Vide Sives, Tavira, Almançor.)

Os arabes tambem chamavam Al-gharb á antiga *Turdetania*. É por isso que ainda hoje nos titulos dos reis de Portugal se diz: «Algarves d'aquem e d'além mar.» Os d'aquem são os nossos e os d'além é a costa africana fronteira (a antiga *Turdetania*).

Os arabes estendiam a denominação de *Al-Gharb* ás terras de Hespanha occidental e meridional, desde o *Promontorio Sacro* até Almeria; e ás terras fronteiras (da Africa) desde a bocca do estreito de Gibraltar até Tremecen, as quaes se chamavam *Benamerim* ou *Algarve d'Além-mar* (como nós dizemos).

Os escriptores gregos e romanos mencionam varios povos que habitavam o Algarve, sendo os mais notaveis os *turdetanos*, os *cuneus*, os *cynetas* ou *cinescos*, e os *celtas*.

Ptolomeu collocou os turdetanos desde a foz do *Ana* até ao *promontorio Sacro*. Festo Aviceno colloca aqui os *cuneus* e *cynetas*. Herodoto e Strabão põem os *celtas* visinhos dos *cynescos*. Entretanto todo este paiz (apezar dos differentes povos, com linguas diversas, que o habitavam) se chamou sempre *Turdetania*, ou paiz dos turdetanos.

Strabão elogia a civilisação, cultura lit-

teraria e a remotissima antiguidade dos turdetanos.

Murillo (*Geogr. Hist.* tom. II, cap. 11. pag. 346) chama ao Algarve—*Lucena*, por aqui terem habitado os povos *lucios*.

Parece que desde o estreito de Gibraltar a todo o litoral da Luzitania se chamava *Turdetania* ou *Tartesso*.

Abrahão Ortelio, fundado em Strabão, diz que Tartesso era uma ragião á entrada do rio *Betis*, que no seu tempo era habitada pelos *turdulos*, e á qual alguns tambem chamavam *Erythia*, o que confirma Silio Italico.

—

Já os phenicios, carthaginezes e romanos, d'aqui levavam trigo, vinho, azeite, cera, mel, sal, e a apreciadissima *gran*, pela belleza da sua côr muito procurada.

Plinio elogia os seus tecidos, pela sua finura e pela belleza das suas côres. Chamavam-se *scutulatas* os vestidos que d'elles se faziam.

As famosas pescarias e salgas dos atuns, *tichiadas* e sardinhas, já eram famosas entre os antigos.

Os habitantes do Algarve eram tidos por gente instruida e os mais valentes soldados da Hespanha. («Inter Iberos fortissimi sunt qui Luzitani appellantur.»—Diod. Sic. Liv. V, pag. 357.)

Desde remotissimos tempos usaram os turdetanos de musicas em seus esquadrões, quando pelejavam, e compunham versos triumphaes a seus capitães. («In bellis ad numerum incedunt, pacanes canut, quando hostes aggrediuntur. Peculiare quippiam Iberis, et maxima Luzitanis, in usu est.»—Ibid.)

Raros vestigios se encontram hoje em sitios sobre que ha contestação de terem sido edificadas algumas cidades pelos primeiros invasores (phenicios, gregos e carthaginezes) como *Balsa* (Tavira), *Ossonoba* (Estoy?), *Carteia* (Quarteira?), *Cunistorgi* (cidade dos cuneus, que se não sabe ao certo onde era, mas suppõe-se ser no sitio da actual *Cacella*, ou ahi proximo), *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa), *Portus Annibalis* (Villa Nova de Portimão?), *Budua* (Budens), *Myrtilis* (Mertola) e *Pax Julia* (Beja) tambem pertenciam á Turdetania.

Cinco seculos completos estiveram os arabes senhores do Algarve, e se d'aqui tiravam immensas vantagens, tambem fizeram augmentar a população e desenvolver em grande escala a agricultura, apesar do paiz estar retalhado em varios reinos e principados.

—

D. Sancho I tentou a conquista do Algarve, approveitando a feliz opportunidade de estar em Lisboa uma esquadra de cruzados trizios, hollandezes e dinamarquezes, que iam para a Terra Santa commandados por Jaques, senhor d'Avesnes, e marechal do Brabante, e com ajuda d'elles se tomou Silves e os castellos da sua dependencia. (Vide Silves.) Por isto se intitulou, primeiro que outro rei christão, *rei do Algarve*.

O rei de Marrocos, juntando grande numero de gente, de todos os *emires* seus dependentes, cahiu sobre o Algarve, que assolou, reconquistando em 1191 quanto D. Sancho havia conquistado.

D'ahi a 40 annos (1231) D. Sancho II, ajudado pelos cavalleires de S. Thiago, commandados pelo grande D. Paio Peres Correia, então commendador d'Alcacer do Sal, instaurou a conquista do Algarve.

Depois de tomar Elvas, Jurumenha, Serpa, Aljustrel e outras terras do Alemtejo, passou ao Algarve, tomando logo D. Paio as povoações de Cacella, Tavira, Estombar, Alvor, Aljezur e outros castellos, assim como Ayamonte, ao S. do Guadiana.

D. Affonso III tomou a peito expulsar completamente do Algarve os mouros, e o levou a effeito, tomando Faro em 1249, e foi conquistando todas as mais povoações e castellos, de modo que em 1252 estava pacifico senhor de todo o Algarve.

D. Fernando, rei de Castella, não se oppoz á nossa conquista do Algarve, mas, mesmo em 1252, morto elle, seu filho, D. Affonso, *o sabio*, abusando da situação ainda precaria do rei portuguez, fez grandes clamôres por causa d'esta conquista, e com grandes forças invadiu Portugal, entrando por Alcoitim. Poz sitio á Tavira (que logo le-

vantou) apossou-se de algumas povoações algarvias e fez crua guerra a Portugal.

O nosso D. Affonso III, reconhecendo a inferioridade da sua posição, propoz casar com D. Brites (ou Beatriz), filha natural, mas muito querida, do rei castelhano, descasando-se com a condessa de Bolonha; ao que o castelhano annuiu, e fez-se a paz em 1253, reconhecendo este o dominio portuguez no Algarve, reservando porém, *mas sómente durante a sua vida*, o titulo de Senhor do Algarve: titulo que aliás logo abandonou. Reservou mais a obrigação dos portuguezes terem promptas 50 lanças para o serviço dos castelhanos, mas tambem só em vida d'aquelle rei. Este mesmo *tributo de sangue* pouco tempo durou; porque em 1266, não só 50 lanças, mas alguns milhares de bravos portuguezes, correram por mar e por terra, em defesa do rei de Castella contra os mouros, pelo que elle desistiu da obrigação das taes 50 lanças, ficando o Algarve inteiro livre para a corôa portugueza—isto por carta regia, datada de Jaen a 7 de maio de 1267.

Os reis de Portugal, até D. Sebastião, procuraram promover a população e prosperidade do Algarve, com grandes privilegios, isenções, foros e regalias, e, na verdade, este reino estava muito florescente no terceiro quartel do seculo XVI; mas a usurpação dos Philippes fez decahir a sua agricultura e definhar a sua industria e as suas pescarias (que era o seu mais forte ramo de commercio) que tudo foi marchando em aterradora decadencia.

Alguma coisa melhorou com a restauração; mas, ainda assim, tal era o estado do Algarve, que continuou a importar muitos generos agricolas que antes dos Philippes exportava em grande escala.

Os fataes terremotos de 6 de março de de 1719, 27 de dezembro de 1722 e 1.º de novembro de 1755, tambem muitissimo prejudicaram esta bella provincia. O primeiro arruinou bastantes edificios e causou muitas calamidades, mas o segundo foi ainda mais fatal—principiou das 5 para as 6 horas da tarde, no cabo de S. Vicente, e d'alli se estendeu pelo resto do Algarve, sendo as povoações que mais soffreram—Portimão, Lagos, Albufeira, Loulé, Faro e Tavira.

Morreram muitas pessoas e cahiram muitos edificios ou ficaram inhabitaveis.

No rio Tavira (*Secco*) afastaram-se as aguas de modo que uma caravella que ia sahindo barra fóra, ficou em secco por muito tempo.

Attribue-se este cataclysmo a um vulcão submarinho, que rebentou entre Faro e Tavira; cujas chammas muita gente viu surdirem á flor do mar.

O de 1755 foi de todos o mais terrivel, fatal e destruidor. Ficaram povoações inteiras submergidas, mórmente na costa.

Pelas 9 ½ horas da manhã d'esse horroroso dia 1.º de novembro estando o tempo claro e sereno, como de estio, e vento N. O., ouviu-se um grande trovão, e passados 3 ou 4 minutos principiou a oscillar a terra com medonha violencia. O mar recuou em partes mais de 50 metros, deixando as praias em secco, e arremettendo immediatamente para terra, com grande furia; chegou em sitios a entrar pelo paiz dentro mais de 6 kilometros, sobrepujando os mais altos edificios e rochedos. Por tres vezes avançou e recuou, arrastando este *fluxo* e *refluxo* enormes massas de penhascos, arvoredos e grande numero de edificios, deixando arrazadas quasi todas as povoações maritimas, e matando logo mais de mil pessoas, além de muito maior numero de feridos, dos quaes ainda muitos vieram a morrer dos ferimentos.

A terra continuou a tremer até 20 de agosto de 1756, com poucos dias de interrupção, principalmente nos primeiros 5 mezes, e quasi sempre de noite, e nos *novilunios*.

As maiores oscillações, depois do 1.º de novembro, foram a 14 de dezembro de 1755, 1.º de junho de 1756 (pelo meio dia) e a 14 de agosto d'este anno, pelas 3 horas da manhã.

Por muitas vezes se ouvia no mar um estrondo fóra do natural. Os ventos que então mais reinaram foram S. O., e depois do terremoto, O.

Seguiram-se grandes furacões, que tambem assolaram tudo por onde passaram.

Um, em 13 de janeiro de 1757, deitou por terra a egreja de S. Pedro, em Faro, e no convento do cabo de S. Vicente cahiu uma rocha (pelas duas horas da tarde), que matou algumas pessoas.

Sentiram-se nos mezes de dezembro de 1756, janeiro e fevereiro de 1757, frios excessivos, como aqui jamais houve. Muitos dias successivos esteve a serra do Monchique coberta por grossa camada de neve. Note-se porém, que, apezar d'isto, houve n'esse anno grande abundancia de trigo e amendoa, mas dos outros fructos pouco.

Tambem por esses calamitosos tempos houve muitos partos de duas e tres creanças. (Vide Lagos.)

—

Os algarvios distinguiram-se sempre pelo seu acrisolado patriotismo. O Algarve foi o que mais geral e mais promptamente tomou o partido do mestre d'Aviz e da restauração de 1640.

Foram os algarvios os primeiros que em 1808 levantaram a voz contra o jugo francez, sendo d'elles os primeiros os moradores de Olhão, que não só arriscaram as suas vidas e fazendas, mas, em um pequeno e fragil *cahique*, Manuel Martins Garrocho e Manuel d'Oliveira Nobre, ambos pescadores de Olhão, foram ao Rio de Janeiro levar a D. João VI (então regente) a noticia da expulsão das hordas jacobinas. (Vide Olhão, onde isto vem mais por extenso.)

—

É o Algarve a provincia mais meridional de Portugal, e tem o titulo de reino.

Está entre os 36° e 56', e 37° e 25' de latitude septemtrional,—e entre os 9° e 1° 50' de longitude, calculada pelo meridiano do observatorio astronomico de Lisboa.

Confina a E. com o Guadiana, que o separa de Hespanha,—a S. e O. com o Oceano Atlantico e N. com o Alemtejo; servindo-lhe por aqui de raia o rio Odesseixe, desde a sua foz no Oceano, até quasi á sua nascente, na serra.

Tem 160 kilometros de comprido de E. a O., desde Villa Real de Santo Antonio de Arenilha até ao Cabo de S. Vicente; e 36 a 40 na sua maior largura, que é de Faro ao rio Vascão, e pouco mais de 30 na menor, que é d'Albufeira á ribeira de Odelouca. A sua superficie anda por umas 160 leguas quadradas.

—

### Rios

Os principaes rios do Algarve são—*Guadiana*, e os braços de mar de *Tavira*, *Faro*, *Portimão*, *Alvor*, *Lagos*, *Aljesur*, *Odesseixe*, e *Castro Marim*.

Estes *braços de mar* entram pela terra dentro, recebendo varios ribeiros. Na antiguidade foram quasi todos grandes rios, que o tempo tem obstruido. Tem mais varios rios e muitos *esteiros* de menor consideração.

Nota-se a origem arabe em varios rios do Algarve, v. gr.:—Guadiana (*Guadi* ou *Wad Ana*)—Odesseixe (*Wuad seixe*)—Odiaxere (*Wad axere*)—Odeleite (*Wad leite*)—Odelouca (*Wad louca*).

—

### Cabos

S. Vicente, Santa Maria e Carvoeiro. (Vide nos logares competentes.)

—

Desde tempos remotissimos era esta região afamada pela sua pasmosa fertilidade. Os phenicios e carthaginezes, e depois d'elles os romanos, d'aqui exportavam em grande escala—figos, alfarrobas, amendoas, azeite, castanhas, cannas, fructas d'espinho, palma, pita, cortiça, sumagre, mel, cera, resina almécega, *labdano* d'esteva (resina), gomma adragante (ou tragacanta), madeiras, opio, esparto, magnesia (das salinas), gran de carrasco (kermes), cochonilha, gran de carapeto, *açafrôa* (especie de açafrão)—açafrão silvestre—ruiva, urzella, tornesol e muitas plantas medicinaes, e aromaticas. Tambem produz tabaco silvestre, oleo de ricino, barrilha, bichos de seda etc.

Ha no Algarve muitas minas de varios metaes e differentes aguas mineraes. Tanto uma coisa como outra vão nos logares onde existem.

—

Justino diz que nos bosques tartessios (ou turdetanos) fizeram os *titanes* a guerra contra os deuses, e que alli mesmo habitavam

os *dactylos* e *curetes*. Os *cynetas* (ou *cenitas*) vieram da arabia, segundo aquelle escriptor. O rio *Ana* passava pelo meio da região ou paiz dos *cynetas*.

Uma geographia arabe (que parece ser do Nubiense) na pauta 1.ª, clima 4.º, diz (traduzida) fallando do Algarve: «A fortaleza *Cástala* (Cacella?) está na embocadura do mar. D'ella para *Tabira*, pela praia do mar, 14 milhas; d'ella para *Santa Maria do Garbe* (Gove?) 12 milhas. Santa Maria está situada sobre o *mar grande*, e quando enche a maré, entra-lhe o mar e passa as suas muralhas. Da cidade de Santa Maria até *Xalab* (?) 28 milhas. De *Xalab* até *Báltios* (Balsa-Tavira?) 3 jornadas, da mesma maneira, de *Xalab* até á fortaleza de *Martala* (Mertola) 4 dias; e de *Martala* até á fortaleza de *Welbat* (?) duas pequenas jornadas. De *Xalab* até *Hala Kezzaviat* (?) 20 milhas. Esta villa é porto e ancoradouro. D'ella para *Xacraxe* (?) pela costa 18 milhas. De *Xacraxc* até á *ponta d'Arûf* (?) que é uma ponta que sae para o mar grande, 12 milhas. D'esta para a egreja do *Garbe*, 7 milhas. Da egreja de *Garbe* até *Alcacer*, duas jornadas. A cidade de Alcacer é muito formosa e está situada sobre o rio *Xatuêr*, no qual entram navios e embarcações de viagem. Entre o mar e o Alcacer ha 20 milhas.»

—

A velha Turdetania foi patria de esforçados e famosissimos capitães, sendo os mais notaveis *Baucio* e *Balaro*, que foram temidos e respeitados pelos carthaginezes; *Punico* (de origem carthagineza, por seu pae, e algarvia por sua mãe) vencedor de *Calpurneo*, *Pisão* e *Manlio*. *Cesares* ou *Cesarão*, que derrotou *Mummio*. *Cauceno*, que conquistou a cidade de *Conistergis* (ou Conistorgis).

### Conventos do Algarve que foram supprimidos em 1834, e seus rendimentos

—

#### Frades

| | |
|---|---|
| Camillos—em Portimão........ | 260$000 |
| Paulistas—Tavira.............. | 500$000 |
| Agostinhos calçados—Loulé.... | 590$000 |
| Ditos—Tavira.................. | 600$000 |
| Trinos—Lagos [1]............. | 280$000 |
| Carmelitas calçados—Lagoa [1]... | 420$000 |
| Carmelitas descalços—Tavira... | 540$000 |
| Franciscanos da provincia do Algarve, em Tavira (com a cerca) | 500$000 |
| Ditos em Faro—(com a cerca).. | 300$000 |
| Ditos em Estombar—idem...... | 150$000 |
| Ditos da provincia da Piedade—Lagos...................... | 140$000 |
| Ditos, ditos—Faro............ | 90$000 |
| Ditos, ditos—Tavira........... | 110$000 |
| Ditos, ditos—Loulé........... | 150$000 |
| Ditos, ditos—Portimão......... | 60$000 |
| Ditos, ditos—Cabo de S. Vicente | 100$000 |
| Ditos da 3.ª ordem da penitencia (já estava abandonado)—Monchique...................... | 300$000 |
| Ditos, ditos—Pégos Verdes.... | 10$000 |
| Somma........ | 5:100$000 |

Este rendimento era o certo. Tinham além d'isso o eventual, que consistia em legados, esmolas, votos, etc., etc., que importava em mais de outro tanto.

#### Freiras

| | |
|---|---|
| Bernardas—Tavira............ | 1:600$000 |
| Franciscanas—Faro........... | 1:600$000 |
| Ditas (sujeitas ao ordinario—Loulé...................... | 270$000 |
| Ditas—Lagos................ | 1:330$000 |
| Somma........ | 4:800$000 |

#### Recolhimentos

| | |
|---|---|
| Tavira........................ | 101$000 |
| Faro.......................... | 310$000 |
| Lagôa......................... | 30$000 |
| Somma........ | 441$000 |
| Com o rendimento dos frades... | 5:100$000 |
| Dito das freiras.............. | 4:800$000 |
| Total.......... | 10:341$000 |

Já se sabe que n'estes rendimentos não entram os alugueres dos edificios dos mosteiros, tulhas, adegas, moinhos, etc., etc.

Tudo isto foi julgado *bens nacionaes* e vendido ao desbarate, e os que não tiveram quem

[1] Estes dois conventos estavam abandonados desde o terremoto de 1755.

os quizesse, estão quasi todos em lamentaveis ruinas.

**Baterias e fortalezas da costa do Algarve**

1.º grupo—Dependentes de Sagres.

Fortalezas da *Arrifana* e *Carrapateira.*

Baterias do *Cabo de S. Vicente, Baleeira* e *Zavial.*

2.º grupo—Dependentes de Lagos.

Baterias de *Burgau, Porto de Moz, Piedade, Barroca* (muralhas da cidade).

Fortalezas da *Figueira, Almadena, Nossa Senhora da Luz, Penhão, Ponta da Bandeira* (registo) e da *Meia Praia.*

3.º grupo—Dependentes de Portimão.

Fortalezas de *Santa Catharina* (registo) e de *S. João Baptista.*

Baterias do *Carvoeiro* e de *Nossa Senhora da Rocha.*

4.º grupo—Dependentes de Albufeira.

Fortalezas de *Pêra*, do *Registo*, de *Vallongo* e da *Quarteira.*

Baterias da *Baleeira* e de *S. João Baptista.*

5.º grupo—Dependentes de Faro.

Fortaleza *Forte Novo.*

Baterias *Ancam, Barrêta*, da *Barra Nova*, de *Olhão.*

6.º grupo—Dependentes de Tavira.

Baterias da *Fozêta, Santo Antonio* (nas margens do Gilaou).

Fortalezas de *S. João Baptista* (tambem nas margens do Gilaou) e *Cacella.*

7.º grupo—Dependentes de Villa Real de Santo Antonio.

Baterias do *Cabêço, Monte-Gordo, Ponta da Areia* (todas na costa do sul) *Médo Alto* e *Pinho* (na foz do Guadiana) *Carrasqueira* (no Guadiana).

8.º grupo—Dependentes de Castro Marim.

Baterias do *Registo* (no esteiro) e da *Rocha do Zambujal* (perto do castello).

Fortalezas de *S. Sebastião* (no *Cabêço*, junto e ao O. da villa), *Praça de Alcoutim* (sobre a direita do Guadiana).

Não é preciso dizer que tudo isto está desmantelado.

—

As armas do reino do Algarve, são—escudo esquartellado de branco e encarnado; no branco, em cada um, uma cabeça de mouro, preto, com turbante; e no encarnado, em cada um, um busto de mulher (branca) com diadema.

Este reino comprehendia antigamente toda a costa maritima desde o cabo de S. Vicente até á cidade de Almeria, com outras muitas cidades da Lusitania e Andaluzia; e encorporado com a Turdetania, comprehendia todo o espaço desde o estreito de Gibraltar até Tremecem, entrando n'isto os reinos de Fez, Ceuta e Tanger. Era a todo este territorio que se chamava no tempo dos arabes o reino dos *Al-gharbes.*

Nas suas costas, desde Arrifana até Cacella, ha muitas fortalezas. Tinha até 1834, capitão general e de guarnição artilheria 2, infanteria 2 e 14, caçadores 4 e cavallaria 2 e dois regimentos de milicias. Desde 1590 até 1780, teve 42 capitães-generaes (que eram governadores da provincia; sendo o primeiro Martim Corrêa da Silva, e o ultimo D. Antonio José de Castro, primeiro conde de Rezende, que foi almirante.

Henrique Correia da Silva foi o primeiro que deu o grito para a restauração de 1640, no Algarve.

**ALJE** ou **ALJA**—ribeira, Beira Alta, nasce na aldeia de que toma o nome, no sitio de Chan do Alhal, proximo á villa de Agúda. Morre no rio Zêzere, no sitio da *Foz do Alge*, onde houve antigamente uma fundição de artilheria. Tem uma ponte de cantaria junto á capella de S. Simão, na freguezia da Agúda. Chamava-se antigamente *Ribeira Fria.* É caudalosa e arrebatada a sua corrente. Tem peixe.

**ALGÉA**—ribeira, Beira Alta, nasce na Chan do Alhal. Suas margens são de penedias e seu curso arrebatado. Morre no Zezere, abaixo de Figueiró dos Vinhos, no sitio da Foz d'Algéa.

**ALGERIZ**—rio pequeno, Minho, nasce no monte de S. Bartholomeu, freguezia de Santa Lucrecia de Algeriz e morre no Cávado, no sitio de Crêspos. Deriva-se da palavra arabe *algerás*, significa campainhas ou chocalhos. É pois *rio dos chocalhos.* Ha uma aldeia d'este nome no concelho do Castello de Paiva.

**ALGÉS**—aldeia pequena e rio do mesmo nome, a O. de Lisboa, concelho de Belem, freguezia da Ajuda.

O rio nasce ao N. de Monsanto, freguezia da Ajuda, sendo apenas seu confluente um regato que brota proximo a Outorella. Desagua na direita do Tejo, abaixo da *quinta das Romeiras* (actualmente estragada) no sitio onde antigamente houve um forte chamado da Conceição, que entrava na linha d'esses reductos que defendiam o Tejo, hoje, pela maior parte, destruidos, ou convertidos em casas de campo.

Na aldeia d'Algés ha uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Cabo. O terreno é fertil e foi *reguengo* da corôa, com muitos privilegios.

Teem aqui proximo, na margem do rio, uma boa casa de campo e grande matta de corpulentas arvores silvestres, os srs. duques de Cadaval.

Ha por aqui mais quintas aprazíveis, sendo as melhores as dos srs. Faustino da Gama e Maias.

Na aldeia, é o rio atravessado por uma ponte de pedra de um só arco, feita á custa da camara de Lisboa, em 1618; fazendo-se então tambem a de Caxias e da Cruz-Quebrada (a respeito d'esta ponte, vide *Cruz-Quebrada*) em sitio muito pittoresco, e a partir com a quinta dos duques de Cadaval.

Tem outra ponte de pedra, tambem de um só arco, em Carnaxide.

É dos mais aprasiveis sitios dos arrabaldes de Lisboa.

**ALGESUR**—vide *Aljesur*.

**ALGEROZ** ou **ALJAROZ**—O canal principal do telhado. É corrupção do arabe *alzaruh*, derivado do verbo *zaraha*, que significa correr para baixo, pingar, cair em gôtas.

Na Terra da Feira chamam *aljarrozes* ás *lousas* que formam os beiraes do telhado. Não é erro, porque por elles tambem *corre a agua para baixo, pingando.*

**ALGIDO**—aldeia, Beira Alta, bispado de Vizeu. Vem da palavra arabe *aljaiido*, liberal. Deriva-se do verbo *jada*, ser liberal, benefico, grato, vem a ser *aldeia do liberal.*

**ALGIRAS**—aldeia da Beira Alta, bispado de Vizeu. É a palavra arabe *algerás*, que significa campainhas ou chocalhos. É o plural de *jarason*, campainha. Vem a ser *aldeia dos chocalhos.*

**ALGO** ou **D'ALGO**—portuguez antigo, abreviatura de *higo d'algo* (tambem, por contracção se dizia *hi-d'algo*, que nós pronunciamos *fidalgo*) significa filho de alguem, isto é, de familia qualificada. Fidalgo.

**ALGOBEILA**—aldeia, Extremadura, patriarchado, é a palavra arabe *al-jobeila*, diminutivo de *jabalon* (o monte) significa *montesinho*, ou monte pequeno.

**ALGOBER**—vide *Alguber*.

**ALGODEA**—ribeira pequena, Extremadura, patriarchado. Desagua no Sado, proximo a Setubal, onde tem uma ponte de pedra, de um só arco.

**ALGODRES**—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho e 3 kilometros ao N. de Fornos d'Algodres, 30 kilometros a SE. de Vizeu, 310 a E. de Lisboa, 180 fogos, 600 almas.

Orago Santa Maria Maior.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

Esta villa é muito mais antiga do que a de Fornos, de que hoje é dependente.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 6 de março de 1311. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de maio de 1514.

Alguns pretendem que D. Sancho I lhe deu foral, pelos annos 1200; mas Franklin não o traz.

Foram senhores de ambas, os condes de Linhares, e depois passou para a casa do infantado. É bastante fertil. (Vide *Fornos d'Algodres*).

Chamava-se antigamente *Algodrons* e depois *Algodes*. Diz-se *Algodres de Fornos*, para a differençar de *Algodres da Figueira*, no bispado de Pinhel.

Algodres talvez seja corrupção da palavra arabe *alcoton*, algodão.

Foi povoada por D. Sancho I, pelos annos de 1200, mas tornou a ser abandonada e se repovoou em 1311. Hoje está reduzida a uma aldeia.

**ALGODRES**—villa, Beira Alta, comarca da Meda, concelho de Almendra, 84 kilome-

tros ao SE. de Lamego, 365 a NE. de Lisboa, 220 fogos, 850 almas.

Tem uma *atalaia* e um reducto, tudo arruinado.

Orago Nossa Senhora da Alagôa.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Em 1855 mudou para o concelho de Castello Rodrigo. Fertil.

É povoação antiga, (talvez, pelo nome, do tempo dos arabes) mas não pude saber quem a fundou. Tambem lhe não acho nenhum foral. Hoje está reduzida a uma aldeia, e pouco importante.

**ALGOS** ou **ALGOZ**—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros a SSE. de Silves, 35 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 520 fogos.

Foi do padroado das rainhas.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em um valle. Foi villa muito populosa. Ainda hoje se descobrem vestigios de grossas muralhas e outros edificios, portaes, pedra lavrada, etc.

Diz-se que a etymologia d'esta palavra *(Algôs)* se deriva do seguinte facto.

Vindo um rei de Castella com o seu exercito a correr terras de mouros algarvios, os fidalgos que o acompanhavam lhe disseram que se atacasse a villa, pois aquillo *não era nada*, ao que o rei respondeu: *algo és*.

Outros dizem que é a palavra arabe *algol*, com que elles designavam a estrella fixa *Perseu*. Escolham.

Havia aqui (e julgo que ainda ha) um *Monte de piedade*, instituido (ha mais de 300 annos) por Thomé Rodrigues Pincho, d'esta freguezia, com 33 moios de trigo, que se emprestavam aos lavradores da freguezia e limitrophes, pagando elles tres alqueires por cada moio; sendo este rendimento para pagar ao administrador, escrivão e medidor. Isto estava auctorisado por uma provisão regia de 30 de julho de 1704, (L. 55 de D. Pedro II, fl. 183, v.)

É terra abundante em trigo, vinho, amendoa, figo, azeite, etc.

Ha n'esta freguezia uma célebre lagoa, chamada do *Navarro*, que, trasbordando de verão, alaga os campos immediatos.

É terra muito rica, situada na facha do barrocal, com fertilissimas vargens.

A uva aqui é tão *temporã*, que no fim de agosto já estão as vendimas feitas. Abundante de aguas, mas de má qualidade. A uns 100 metros da aldeia, sobre um sêrro, está a capella da Senhora do Pilar, com bonitas e extensas vistas, descobrindo-se terras de 14 freguezias.

Na encosta E. d'este serro ha um prazo, chamado da *Amoreira*, no qual se encontram sepulturas, alicerces, porção de cinzas e teem aqui apparecido varias moedas de prata muito antigas. Ha tambem aqui um sitio chamado *Guiné*, onde existem restos de um grande edificio, e consta que foi de um padre muito rico, que tinha muitos escravos negros, e por isso se deu ao sitio o nome de *Guiné*.

A 3 kilometros da aldeia, fica outra chamada *Tunes* (a ESE.) Junto da povoação corre o rio do seu nome.

Foi aqui, em Algoz, o solar dos *Tenreiros*, appellido nobre d'este reino, originario da Galliza. Garcia Tenreiro, fidalgo gallego, tomou o partido de D. Fernando I, de Portugal, nos direitos que este rei julgava ter á corôa de Castella por morte de D. Pedro cruel, pelo que veio para Portugal com seus filhos e seu irmão Gonçalo Tenreiro. Foi aqui feito capitão-mór das frotas (almirante) e senhor da villa de Algoz e outros logares. Suas armas são—em campo azul, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo, e enroscada n'elle uma serpente de prata, lampassada de purpura, com azas estendidas. Timbre, a serpente das armas, rompente. Foi em 7 de agosto de 1781, que D. Maria I assignou a provisão para o uso d'estas armas, a favor de Miguel Antonio Tenreiro.

Outros do mesmo appellido trazem por armas um sol de ouro á direita do pinheiro e a lua de prata da esquerda, e dois bois de ouro, armados de prata, marrando na serpente. As raizes do pinheiro, de prata, sobre um campo verde, onde os bois têem os pés.

**ALGOSINHO**—freguezia, Traz-os-Montes,

comarca e concelho de Mogadouro, 30 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

**ALGOSO**—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Vimioso, 225 kilometros ao OSO. de Miranda, outros tantos da villa do Outeiro, 18 da Bemposta, 12 do Vimioso, 450 ao N. de Lisboa, 150 fogos, 600 almas.

Situada junto ao rio Enguieira (ou Anguieira) ficando-lhe para o O. o rio Maçans, em uma planicie elevada.

D. Affonso V lhe deu foral em 1480, que D. Manuel reformou em 1510.

O padre Cardoso, no seu Diccionario geographico (que só teve a coragem de levar até á letra *C*) desmente o padre Carvalho, que na sua *Chorographia* diz que D. Affonso V deu foral a esta villa em 1480.

Diz Cardoso, que não podia vir este rei, do outro mundo dar cá similhante foral.

Apesar dos muitos anachronismos do padre Carvalho, Cardoso aqui não tem razão, pois D. Affonso V só morreu a 28 de agosto de 1481.

Tambem no *Diccionario Geographico* de J. A. d'Almeida, se diz que D. Affonso III deu foral a esta villa, mas não diz quando. Não encontro similhante foral em mais parte nenhuma. Franklin tambem não traz nenhum foral dado a esta villa; mas não significa isso que ella o não tivesse; visto que muitos foraes deixou elle de descrever.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta villa foi primeiramente fundada sobre um monte, a que hoje se chama *Penenciada;* chama-se Penenciada, por causa de um monte penhascoso que a corôa, e, por ser sitio desabrido e falto d'agua, se mudou para aqui e só lá ficou a capella de Nossa Senhora da Assumpção do Castello, que era a matriz e ainda tem a pia baptismal.

É junto d'esta capella que estão as ruinas do castello (que uns dizem ser fundação romana, outros arabe; parece mais provavel que seja arabe). Está edificado sobre um grande despenhadeiro. D. Diniz o reedificou em 1298. Tem um *revelim* e tinha cinco cisternas, que estão quasi entulhadas, quarteis, etc., tudo arruinado. A matriz foi cabeça de uma commenda da Ordem de Malta, por mercê de D. Sancho II, em 1226.

A Misericordia é fundação de D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, em 1593.

A capella de S. Roque (tudo isto está no grande terreiro da villa) foi feita pelos moradores, e, apezar de ter porta e cunhaes de cantaria e grossas columnas de pedra, tudo veio ás costas dos moradores da villa, por voto que assim fizeram.

Fóra da villa (para o S.) está a capella de S. João Baptista, e debaixo do altar tem uma grande fonte (chamada de *S. João dos Milagres*) em que se banha muita gente (ás vezes mais de mil pessoas!) no dia de S. João e no de S. Lourenço; vindo até gente de Hespanha para esse fim.

Tem, junto á capella, uma casa para os banhos. Dizem que cura toda a qualidade de molestias cutaneas.

Eram alcaides-móres d'esta villa os commendadores d'ella. Foi o primeiro Fr. Gonçalo de Azevedo, por Filippe II, em 1588.

Proximo da villa está a egreja e hospicio de Santo Antonio, onde viviam alguns frades; mas, desamparando-o, esteve muitos annos deshabitado. Em 1696, fr. João da Cruz o reedificou, e alargou a cêrca. Por morte d'elle, foi habitado por frades da Congregação do Oratorio (Nerys) que tambem o abandonaram, por doentio. Entraram depois n'elle os frades trinos descalços, que pelo mesmo motivo o abandonaram para sempre.

A villa é sadia e d'ella se descobrem muitas povoações. O seu territorio é abundante de tudo, menos de vinho, que é pouco.

A 8 kilometros de distancia, ao N., corre o Sabor.

**ALGOSO DA POUSA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 6 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Fertil.

**ALGUAZIL**—vide *Aguazil.*

**ALGUBER**—freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer, 60 kilometros a NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias.

É a palavra arabe *Aljubeila*. Vide *Algobeila*.

A egreja foi fundada em 1594, por *Gião Fialho*, commendador da Ordem de Christo e capitão-mór de Ceuta; elevando-se a povoação então a freguezia.

No sitio da egreja já existia a capella de Nossa Senhora do Tojal, que ficou feita matriz.

*Luiz Fialho*, quinto neto do dito *Gião*, e provedor dos coutos do reino, vendo que a egreja era muito pequena e velha, fez a capella mór e quasi todo o corpo da egreja á sua custa; isto pelos annos de 1700.

Seu territorio é muito abundante em bom vinho; no mais é de mediana producção.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

**ALHADAS**—villa, Douro, comarca da Figueira, concelho de Maiorca, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 205 ao N. Lisboa, 1:000 fogos, 4:000 almas.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É palavra derivada do arabe *Alheda*, significa limite. Vem do verbo surdo *hadda*, limitar, terminar.

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514.

Era couto, no concelho de Maiorca da comarca de Monte-mór Velho. Creada a comarca da Figueira, em 12 de março de 1771, passou a ser d'esta comarca.

Em 1855 passou a ser concelho e comarca da Figueira da Foz.

**ALHAES**—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Frágoas, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Corredoira.

N'esta freguezia ainda se pratica a purificação das mulheres depois do parto!

Bispado e 30 kilometros de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É palavra arabe derivada de *Alhares*, significa *o guarda*. Vem do verbo *harrasa*, guardar, vigiar.

Tambem póde ser campo plantado de alhos, e é bem possivel que d'ahi provenha o nome da terra.

Hoje está reduzida a aldeia.

**ALHAFA**—nome de um sitio em Santarem, pela parte de L. Deriva-se da palavra arabe, *Alhava*, significa *mêdo, temor*.

Este sitio é um monte ou ribanceira quasi a prumo sobre o Tejo, e do alto lançavam os mouros os seus malfeitores, que pela justiça eram sentenciados á morte. Quando chegavam ao fundo, vinham feitos em pedaços.

**ALHANDRA**—villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, na margem direita do Tejo, onde começam as *lesirias de Villa Franca*, chamadas vulgarmente do *Riba Tejo*, e que chegam até Santarem. Tem 68 milhas quadradas. 30 kilometros ao N. E. de Lisboa, 30 ao O. de Torres Vedras, 520 fogos, 2:000 almas.

Tinha em 1666, 600 fogos, e era então da comarca de Torres Vedras.

Orago S. João Baptista.

Desde 1855 é da comarca e concelho de Villa Franca.

O concelho tinha 910 fogos. Feira a 15 de agosto e 3.° domingo de outubro, tres dias.

Situada em bonita planicie, muito fertil. Tem um bom caes de pedra.

Fabríca muita telha e tijolo, que exporta (quasi tudo para Lisboa.)

Tem uma mina de carvão fossil, que se não tem explorado em razão da muita agua que ha no jasigo.

Era a direita das *Linhas de Lisboa*, em 1810. Tinha no seu districto (que era o primeiro) 30 reductos, com 86 bocas de fogo. Está tudo desmantellado.

É no patriarchado e districto de Lisboa.

Ha n'esta freguezia a povoação de Subserra (que tem marquez) composta de muitas e bôas quintas, sendo a melhor a que foi de Pedro Rôxo de Azevedo.

A egreja matriz (de tres naves) foi fundada pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1558.

A primeira matriz foi N. Senhora da Piedade, depois, S. João dos Montes, ou da Pra-

ça, que hoje é Misericordia. No sitio da actual matriz, situada em um alto sobranceiro á villa (e por isso se diz que, na Alhandra, andam os mortos sobre os vivos) havia antes de se fazer a actual egreja, uma capella dedicada a Santa Catharina, virgem e martyr.

Do sitio onde está a egreja (e a que d'antes se chamava, e julgo que ainda se chama, Miradoiro) se gosa um deleitosissimo panorama. Vê-se d'ali o Tejo, a estrada de ferro de Norte e Leste, a de mac-adam; as villas de Villa Franca de Xira, Azambuja e Castanheira; as Virtudes, o convento e serra da Arrabida, Benavente, Samora Correia, Alcochete, castello de Palmella, parte de Lisboa, e extensas e aprasiveis veigas, cortadas por differentes braços do Tejo.

A Misericordia foi fundada em 1577.

Ha na villa tres capellas: Nossa Senhora da Graça, fundada no sitio da Ponte, por o padre João Rodrigues Barrozo, em 1639; Nossa Senhora da Guia (no meio da villa) fundada pelo licenceado Francisco Annes Trancozo e seu irmão Jeronimo Trancozo, em 1611; Nossa Senhora da Ajuda, fundada ao S. e no fim da villa, é a maior de todas, e tem seu alpendre, ou *galilé*, e tres altares. Foi primeiramente de S. Sebastião; mas não se sabe quando foi feita, nem quando se lhe mudou a invocação, ou porque, nem quem foi o seu fundador: só se sabe que é mais antiga do que a matriz, como se prova por um epitaphio que está em uma sepultura d'ella, que diz: «Aqui jáz Lucrecia Fernandes, mulher de José Vaz, escudeiro do bispo do Funchal, 1523.

Houve antigamente n'esta villa um hospital, fundado por Maria Annes, da mesma villa, que depois se reduziu a simples albergaria. Ainda existia em 1591 e alguns annos depois. Ignora-se porque acabou.

Era donatario d'esta villa o patriarcha de Lisboa, por doação de D. Sancho I, e apresentava o vigario.

Sabe-se que esta villa é muito antiga: mas ignora-se quem foram os seus fundadores. Suppõe-se que foram os arabes. Estando despovoada em abril de 1203, D. Soeiro Gomes, segundo bispo de Lisboa, a mandou povoar e lhe deu foral; mas como este foral opprimia, em vez de privilegiar o povo, havia sempre contendas; pelo que o cardeal D. Jorge da Costa fez com o senado da camara da villa uma escriptura, em 11 de janeiro de 1480, restringindo as insupportaveis prerogativas dos arcebispos.

Alhandra, antes de ser elevada á cathegoria de villa, chamava-se *Torre Negra*.

Junto á villa está o convento do Sobral, que foi de frades capuchos da provincia da Arrabida, fundado em 2 de maio de 1635. Fica situada entre dois rios e tem uma boa matta.

É aqui a sexta estação dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

No seu termo nasceu o grande Affonso de Albuquerque, governador da India e terror dos inimigos do nome portuguez na Asia. Tambem aqui nasceu seu filho, Braz de Albuquerque, ao qual D. Manoel fez tomar o nome de seu pae, e lhe deu uma commenda pelos serviços d'elle.

Era aqui o solar dos *Montoias*. Este appellido é nobre em Portugal e Hespanha. É originario da Galliza, e tinha o seu solar na quinta de *Montoia*, no bispado de Tuy.

Frei Luiz de Montoia, fundador do convento da Graça, em Lisboa, era d'esta familia. Suas armas são, em campo de ouro, seis rodellas de purpura, em duas palas, orla verde, carregada de um cordão de S. Francisco, de prata. Elmo de aço, aberto, timbre, meio leão de ouro, lampassado de purpura, carregado das rodellas das armas.

Outros do mesmo appellido, usam, em campo azul, nove folhas de golfão de prata, em tres palas, orla verde, carregada de um cordão de S. Francisco, o mesmo elmo e timbre; outro ramo, traz, em campo de ouro, nove rodellas de purpura, em tres palas, orla e timbre os antecedentes, outros, finalmente, usam, em campo azul, dés folhas de alamo, de prata, em tres palas; elmo e timbre como os antecedentes.

Proximo á villa está a bella e extensa *Quinta do Paraizo*, dos marquezes de Abrantes. É na falda da serra que corre de Alverca á Castanheira. Ha aqui um pôço que expelle constantemente cousa de *meia telha* de agua

mineral (sulphurea.) Ha aqui uma boa tina de pedra, coberta com um telheiro, para quem quer tomar banhos, que dizem ser optimos para a cura de molestias cutaneas.

**ALHARES**—aldeia. Beira Baixa, bispado da Guarda. É palavra arabe, significa *o guarda*. Deriva-se do verbo *harasa*, guardar, vigiar. Ha mais logares d'este nome em Portugal.

**ALHARIZ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Val-Paços, 105 kilometros ao N. E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Fertil. Cria bastante gado, grosso e miudo.

A mesma etymologia.

**ALHÊDA**—ribeiro da Beira Alta, bispado de Lamego. É palavra arabe, significa *o limite*. Deriva-se do verbo surdo *hadda*, limitar, terminar, pôr limite a qualquer cousa.

**ALHEIRA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, d'onde dista 9 kilometros, 12 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Marinha.

É abbadia da Casa de Bragança.

Está situada no *Valle de Tamél*, cercada de montes, a maior parte infructiferos.

Ao N. O. está o monte de *Lousado* (antigamente *Louvado*) de grande altura. Tem um extenso plató no seu cume, no qual ha vestigios de muralhas, cortaduras, ruas e alicerces de casas. É tradição que foi uma cidade romana ou mourisca, cujo nome se ignora.

Antigamente foram aqui quatro parochias, tres das quaes se uniram a esta; uma era de S. Pedro e S. Felix (por corrupção *S. Pedro Fins*) situada nas abas do monte Lousado, onde se vêem ainda hoje vestigios do adro e dos alicerces da egreja; outra, do Salvador, de Regoufe, onde ainda existe uma capellinha arruinada; outra, de S. Lourenço do Monte, cuja egreja ainda existe.

De Alheira se descobre a villa de Barcellos, e dos montes, a cidade de Braga, Fão, Espozende e o mar

É no arcebispado e districto administrativo de Braga.

**ALHÕES**—freguezia. Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, antigo concelho de Ferreiros de Tendaes, 24 kilometros a O. de Lamego, 245 ao N. de Lisboa, 70 fogos..

Orago S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu. Era da corôa.

Foi sempre do concelho de Ferreiros de Tendaes, primeiramente da comarca de Lamego.

Quando se creou a comarca de Rézende (depois de 1834) passou a formar parte d'esta comarca. Sendo supprimido o concelho de Ferreiros de Tendaes, em 24 de outubro de 1855, passou a ser uma freguezia do concelho e comarca de Sinfães. Para saber os monstruosos privilegios que tinha, vide *Ferreiros de Tendaes*.

Era um dos quatro curatos da egreja de S. Pedro de Ferreiros de Tendaes.

**ALHOS VEDROS**—villa, Alemtejo, (mas officialmente Extremadura) comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo, 9 kilometros de Coina, 15 ao S. E. de Lisboa, 240 fogos, 900 almas, no concelho 600 fogos.

Este concelho foi supprimido em 1855, e ficou a villa pertencendo ao concelho do Barreiro. É priorado que foi até 1834 da Ordem de S. Thiago, e tinha um beneficiado. Ambos deviam ser da mesma ordem. O dizimo do sal era do commendador do mosteiro de Santos, de Lisboa. É no districto e patriarchado de Lisboa.

Orago S. Lourenço.

É a terceira estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Fertil em vinho, gado, caça, lenha, peixe etc.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de dezembro de 1514. Foi commenda da Ordem de S. Thiago.

Está situada em campina arenosa, da qual apenas se descobre uma parte de Lisboa.

É povoação muito antiga; mas ignora-se quem foram os seus fundadores e a data da sua fundação; assim como o seu primeiro nome: só se sabe que era povoação arabe.

É tradição que, sendo á esta villa de christãos, e Palmella de mouros, vieram estes atacar a villa em Domingo de Ramos,

quando os christãos estavam na egreja; e saindo d'ella, apenas armados com as palmas e ramos bentos, deram sobre os mouros, alcançando uma grande victoria: em memoria do que, no mesmo Domingo de Ramos, em todos os annos seguintes, se fazia uma grande festa á Senhora dos Anjos, depois do Officio de Ramos, a que assistia a camara. Eram obrigados a assistir a esta festa os povos do Barreiro, Lavradio, Moita, Telha e Palhaes, com seus parochos, e cruzes, indo uma pessoa de cada casa, sob pena de multa de um tostão. Isto por uma provisão de D. Jorge, mestre da ordem de S. Thiago, de 1513.

Esta festa era feita do producto de uma renda chamada, moagem do sal.

Ha no termo da villa dois conventos de frades arrabidos, um em Palhares e outro em Verderena.

Tem Misericordia, fundada no seculo XVIII.

A villa está situada em um braço do Tejo, que entra pela boca chamada de *Montijo*, e se aparta para o sul, dividindo-se em varios esteiros, onde ha algumas salinas. O rio produz mugens, linguados e mais algum peixe. Até 1834 tinha um capitão de ordenanças, com uma companhia.

Todos sabem que *vedros* é corrupção de *veterus*, velhos.

**ALICANTINA**—palavra vulgar, chula.

É synonimo de *astucia, engano, trêta, logro*, etc.

Isto todo o mundo sabe; mas o que muitos ignoram é d'onde vem derivada.

*Alicantina*, na accepção rigorosa da palavra, significa, *cousa de Alicante* (cidade no litoral do Atlantico, pertencente ao antigo reino da Andaluzia, e hoje capital da provincia do seu nome.)

Os negociantes de Alicante, tratando de vender as suas fazendas, tinham uma prodigiosa habilidade, e um thesouro inexgotavel de astucias para venderem os seus generos maus como bons.

Quando se comprava um objecto *alicantino*, era rigorosissimamente examinado; por que todos receavam logro.

D'aqui, *alicantineiro*, o que segue o *processo alicantino*.

**ALIJÓ**—(Alijô, Alinjô, ou, como se dizia antigamente, Alijôo) villa, Traz-os-Montes, districto administrativo de Villa Real, d'onde dista 20 kilometros a E., 2 a N. E. de Favaios, 360 ao N. de Lisboa, 500 fogos, 2:000 almas.

Orago Santa Maria Maior.

Concelho 1:570 fogos, comarca 5:300.

(Em 1660 tinha a villa 150 fogos.)

Arcebispado de Braga, d'onde dista 95 kilometros a N. E.

Está situada na encosta da cordilheira granitica de Villarelho (vide esta palavra.)

Tem uma boa casa da camara, com cadeia segura, um bonito passeio publico, bom cemiterio, e bons edificios, distinguindo-se a residencia do parocho e as casas dos srs. Lacerdas e Magalhães.

É fertil em cereaes e optimo vinho. Muita castanha.

Do alto da serra (do pincaro da Senhora da Cunha, perto do logar do Ameeiro) gosa-se uma bonita e extensa vista.

D. Sancho II a mandou povoar em 1225, e lhe deu foral em abril de 1226. D. Affonso III lhe deu outro foral, em Santarem, 15 de novembro de 1269. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de julho de 1514.

Em um plató que está no alto da serra, nasce um grande manancial d'agua, que vem regar a villa.

Foi dos marquezes de Tavora, até 1759, e depois da coroa.

Era reitoria do real padroado.

Parece que Alijó vem do hebraico *azob* a que os arabes chamam *azzof*, significa *hysopo*, herva. Os mouros lhe juntaram o seu artigo *al*, e ficou *Alzof* ou *Alzob*, que facilmente se corrompeu para Alijó. Se assim é, quer dizer, *terra do hysopo*.

Em um manuscripto que possuo, e que trata de muitas antiguidades (mas sem data nem nome de auctor) diz-se que esta povoação é do tempo dos romanos, ou, pelo menos, dos godos, e que sendo conquistada pelos arabes, foi senhor d'ella Ali-Job, que lhe deu o nome. Acho isto mais verosimil que o tal *alzof* ou *alzob*.

No logar de *Prehendaes*, termo da villa, nas-

ceu fr. João Peccador, que morreu em Lisboa, no convento do Curral, em 23 de fevereiro de 1690.

Passa por esta villa, Favaios e outras povoações, a serra granitica que com varios nomes se estende desde Sanfins do Douro até ao rio Tua.

**ALIMONDE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros ao N. de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 80 fogos, 220 almas.

É situada em uma planicie e abundante em cereaes, algum vinho e muitas pastagens.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Defronte do povo, e no fundo de uma serra, para o O. no sitio da *Terronha*, se vêem vestigios de um castello antigo, e perto d'elles outras ruinas, que parecem de uma *atalaia*.

Diz-se que foi fortaleza mourisca.

Pela freguezia corre o ribeiro de Santo Amaro, que se mette no rio de *Carrazedinho*.

**ALISTE**—villa antiquissima do Minho, que se diz ter existido no sitio onde nasce o rio de Este (ou *Aléste*).

De similhante povoação não existe hoje mais do que a memoria, conservada pela tradição.

Aliste é o primeiro nome do rio *D'este* ou *Este*.

Em 1153, comprou a ordem dos templarios (do mosteiro de Braga) uma herdade em *Villar*, na ribeira de *Aliste*. (Doc. da Sé de Braga.)

**ALIVIADA**—(ou Alviada) vide Varzea da Ovelha.

Aliviada era freguezia cujo orago foi S. Martinho. Ha muitos annos que está annexa a Varzea.

**ALIZO**—ribeira da Beira Baixa, nasce de duas fontes, na serra de *Malcata*, onde chamam *Sepegal*. Cresce com o tributo de varios regatos e corre arrebata por entre penedias. Conserva o nome até á aldeia de Meimão, mudando-o aqui para *Meimôa*. Morre no Zezere, junto a Alcaría. Tem bom peixe. Suas areias já produziram ouro.

**ALJEZIDA**—aldeia, Douro, bispado de Coimbra.

É palavra derivada do arabe, *Aliazida* e nome feminino de *Jazido*, que significa augmentador. Vem pois a ser, *Aldeia da augmentadora*,

**ALJEZUR**—(e Odesseixe) villa, Algarve, comarca de Silves, 90 kilometros de Faro, 24 a O. N. O. da Serra de Monchique, 35 a N. E. do Cabo de S. Vicente, 3 da costa do mar e 190 ao S. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

O concelho é composto da freguezia de Aljezur e sua annexa, Odesseixe, e ambas tem 700 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Alva.

É no bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Sendo supprimido este concelho, em 1855, ficou desde então Aljezur pertencendo ao concelho de Lagos.

Chamava-se antigamente *Algazur*. Tambem se escreve (e é como se devia escrever, por ser mais etymologico) *Algezur*. É a palavra arabe *algezur*, que significa *arcos, arcada* ou *arcaria*. Vem de *gesron, o arco*. Vem a ser, *povoação da arcada*.

Confina este concelho ao N. (pelo rio Odesseixe) com o Alemtejo.

O seu terreno é fertil, mas doentio por causa das aguas estagnadas pelas margens dos rios.

É situada na costa oriental de um escarpado rochedo, que corre de N. a S. com a serra de Monchique.

Tinha no tempo dos arabes um forte castello, cujas ruinas existem na parte mais elevada do serro, ao sul. É de figura octogona, com duas torres, uma ao N. outra ao S., uma formosa cisterna ainda muito bem conservada e quarteis desmantelados.

Foi fundada esta villa pelos arabes, no principio do seculo X, e lhe deram o nome que ainda tem.

O célebre mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, a tomou aos mouros, na madrugada do dia 24 de junho de 1242. Outros dizem, e parece-me mais provavel, que foi n'aquelle dia, mas no anno de 1246. Foi por ser tomada de madrugada, que a padroeira

da villa e da freguezia ficou sendo Nossa Senhora d'Alva.

Por ser tomada aos mouros pelo mestre de S. Thiago, ficaram seus successores com o padroado da egreja e apresentavam os priores, que o bispo confirmava, recebendo este a terça parte dos dizimos, por composição com o prior.

D. Affonso III a deu á ordem de S. Thiago, logo que foi resgatada; D. Diniz fez escambo d'ella e outras terras, pela villa de Almada (com a ordem) em 4 de dezembro de 1298.

Tinha uma companhia de ordenanças com seu capitão, officiaes e porta-bandeira. Acabou em 1834.

D. Diniz lhe deu foral, em Estremoz, a 12 de novembro de 1280, com muitos privilegios, sendo um d'elles, *que os cavalleiros d'esta villa não teriam a* çaga *do exercito*. (Isto é, não iriam na rectaguarda.)

Está registado no livro terceiro de D. Diniz, na Torre do Tombo, folhas 2 e 5 verso. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. N'elle manda que a villa tenha o titulo de *honrada*.

Eram alcaides-móres do castello d'esta villa os condes de Villa-Verde, depois passou a alcaidaria para os marquezes d'Angeja.

Na egreja matriz estão duas *cabeças santas*, que eram de dois lavradores. O povo d'aqui acredita que ellas livram das mordeduras de cães damnados e de doenças no gado.

Tem Misericordia fundada no principio do seculo XVI, com 150$000 réis de rendimento.

O seu territorio é (como já disse) muito fertil em todos os generos agricolas, e os seus melões são optimos.

Os dizimos da commenda (de S. Thiago) renderam em 1832—630$000 réis.

Passa pela villa a ribeira chamada *Petiscos*, que nasce na encosta de O. da serra de *Espinhaço de Cão*, e tomando a direcção do N. recebe a do *Pomarinho*, a E., proximo da villa, já engrossada com a do *Morão*. Do N. se lhe junta a da *Cabeça do Calvo*. Tem uma ponte arruinada ao S., e regando as vargens se mette no Oceano; mas a sua barra está muito entulhada de areias. As marés chegam a 2 kilometros da villa.

Tambem passa perto a ribeira de *Valle de Noras*.

Parece que foi porto de mar em tempos remotos, porque, além da tradição, no *tombo* das terras do concelho, feito em 1684, se lê ter elle alli «*um lizeirão de terra, sito no combro do rio, ou esteiro, onde antigamente era o desembarcadouro*, etc. etc.»

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou todas as casas da villa, arrazando as altas, o castello, e da matriz só ficou de pé a tribuna da capella-mór. O rio, que então ia a meia maré, seccou de repente, sumindo-se a agua por grandes bocas que abriu no leito, sendo vomitada immediatamente para os lados, alagando tudo.

A terra abriu bocas e grandes fendas, lançando em muitos sitios uma areia branca, fina, que nunca por alli se vira. Em outras partes appareceram carvões miudos, areia fina parda, e terra a que chamam aqui *pissarra*. Não morreu ninguem.

O bispo D. Francisco Gomes d'Avellar (um dos melhores prelados que tem tido o Algarve) vendo que os pantanos eram a causa da insalubridade da villa, quiz remediar isto, mudando-a mais para E., para um sitio mais lavado dos ventos, e alli mandou fazer, á sua custa, uma bella egreja e algumas casas para residencia do parocho, *ajudador* e sachristão; a morte, porém, o não deixou continuar tão boa obra. Os moradores tinham-lhe promettido mudar para o novo sitio as suas casas, mas faltaram á sua palavra, e a egreja nova e as casas contiguas estão abandonadas e em ruinas.

Na herdade da *Córte-Cabreira*, 6 kilometros da villa, ha uma pedreira de ardosia, explorada de remotissimos tempos, pois no sitio das *Ferrarias*, fronteiro e proximo da villa, e no da *Arregata*, a 3 kilometros, se encontram muitas sepulturas, formadas de seis lapides da dita ardosia, em fórma de caixão, mas sem ossos; indicio de que eram dos povos que queimavam os cadaveres e só guardavam as cinzas. Talvez fossem celtas.

Apparecem porém outras sepulturas cavadas em pedra (que alli chamam *caliço*) que teem ossos. Estas suppõe-se que sejam arabes.

D'esta pedreira se tiram lagens de todas as grossuras. São de varias côres: — cinzentas (que são as mais brandas), azues-claras e azul-ferrete (estas ultimas são as mais duras).

Na costa, em um sitio elevado, sobranceiro ao mar, se vêem as ruinas de uma grande povoação, cujas ruas ainda se distinguem, e bem assim uma grossa parede, que sustenta as aguas de uma grande nascente de optima agua.

A 5 kilometros da villa está o casal do *Vidigal*, que outr'ora foi grande povoação. No titulo de uma capella do sr. Furtado, dos *Casaes*, se lê — em uma terra alli, que descreve — «parte com a rua da *Espora Dourada*, do Vidigal».

Alli chegava a maré, por um esteiro, que hoje é o pequeno ribeiro do *Areeiro*.

Em uma cheia ficaram descobertos alguns ossos de baleia, um dos quaes ainda em 1840 sustentava (e não sei se ainda lá está) a chaminé do casal.

Perto se vêem as ruinas de edificios e terras queimadas, que indicam ser de trabalhos metalurgicos antigos. Ainda a este sitio se dá o nome de *Mina de cobre*.

Cinco kilometros ao S. da foz do rio está a fortaleza arruinada *d'Arrifana d'Aljezur*, e os restos de cabanas e de um grande armazem pertencentes aos pescadores d'atuns. Houve aqui uma grande armação de pescar estes peixes.

D. Manuel, por alvará de 20 de maio de 1516, doou a *dizima velha dos atuns* que morressem na armação de *Arrifana d'Aljezur*, aos condes de Villa Nova de Portimão, o que foi confirmado por D. João III, a 7 de julho de 1522.

O terremoto de 1755 arruinou a fortaleza, ficando só a bateria.

Já aqui não ha armação de pescar atuns.

Ha n'este concelho minas de ferro e de manganez.

**ALJUBARROTA** — villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 24 kilometros ao S. de Leiria, 105 ao N. de Lisboa, 550 fogos, 2:200 almas, em duas freguezias, S. Vicente e Nossa Senhora dos Prazeres. É no bispado e districto administrativo de Leiria. Desde 1855 pertence ao concelho de Alcobaça. É vigariaria que o abbade de Alcobaça apresentava, por ser um dos seus coutos. Fica tambem 6 kilometros ao E. de Alcobaça e 12 ao O. da Batalha.

Situada sobre uma eminencia pouco elevada. Tem Misericordia, pobre.

É muito fertil em azeite, gado, caça e as suas fructas são excellentes.

É povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos celtas. No tempo dos romanos era uma grande cidade, com o nome de *Arruncia*.

Defronte da villa, a 200 metros de distancia, se vêem alguns vestigios da antiquissima egreja de Santa Marinha. (Ainda se vêem no adro sepulturas de eras remotissimas, com diversos instrumentos agricolas esculpidos). Tem-se aqui achado moedas romanas de prata.

Na meza onde foi o altar, via-se em 1690 uma lapide com esta inscripção: — D. M. S. ARRUNTIAE MONTANI FC. LX. LAERIA Q. F. FLAVA MAIRI RIEMMAI C. — D'esta inscripção se infere ser esta villa do tempo dos romanos, e que Leiria se chamava *Laeria* e Aljubarrota, *Arruncia*: e, como esta ultima teve *montanhezes* e *suburbanos*, é provavel que fosse uma grande cidade (para aquelle tempo).

No alto da serra d'esta villa, ainda existe o famoso *arco da memoria* (1.º marco dos *coutos* de Alcobaça, vide esta palavra e Albardos) edificado no sitio em que se diz que D. Affonso I, em 1147, prometteu dar aos frades bernardos (monges de Cister) *toda a terra que d'alli se descobrisse*. E deu.

Tem uma inscripção latina que declara esta promessa (que por extensa não copio, quem a quizer ver, leia o Diccionario Geographico do padre Cardoso, vol. 1, pag. 320). Ainda está muito legivel a tal inscripção. D'ella consta que esta memoria foi erecta a 13 de maio de 1147.

É celebre esta villa pela grande e gloriosissima batalha dada em 14 de agosto de 1385, por D. João I, de Portugal, contra D.

João I, de Castella; na qual este foi completamente derrotado, deixando o campo coberto de mortos, feridos e prisioneiros, e riquissimos despojos.

Aqui vivia a denodada e immortal Brites (ou Beatriz) d'Almeida, por alcunha a *Pisqueira*, vulgarmente conhecida por a *Padeira d'Aljubarrota;* que n'esse memoravel dia da batalha matou sete castelhanos, com a sua pá de fornear. (Vide *Faro*).

Esta pá se conservou por muitos annos (e não sei se ainda existe) sobre a verga de uma das portas da egreja matriz (outros dizem que está na casa da camara; mas parece-me que a vi, em 1834, na egreja) como tropheu e em memoria d'esta façanha mulheril.

Consta que os taes sete castelhanos, vendo tudo perdido, e para escaparem á geral carnificina, achando a casa da Pisqueira abandonada (por a padeira andar entretida a caçar castelhanos) se foram esconder dentro do forno. Foi ella alli dar com elles, e, agarrando na pá—*quantos vivos rapuit, omnes esbarrigavit.*

Querem alguns, que as armas d'esta villa sejam,—um escudo coroado, com uma pá de ouro em campo de sangue. E dizem que assim lh'as deu D. João I. Eu, a dizer a verdade, ainda não vi isto escripto em livro digno de fé; todavia a villa bem merecia esse brazão, se o não tem.

A pá é de ferro com cabo de pau, e quadrada.

Quando á villa ia alguma pessoa real, ou de grande qualidade, era costume expor-se na praça a dita pá, empunhada por uma mulher de bom comportamento, que fosse padeira.

Os Philippes mandaram ordens sobre ordens, para que a pá fosse para Castella; mas poude-se subtrair (escondida em uma parede da casa da camara) e só appareceu triumphante em 1640. Foi *Manuel Pereira de Moura* quem a escondeu.

Não foi só a *Pisqueira* que n'este dia memoravel se tornou celebre. Tambem *Maria de Sousa*, que com uma partazana derrubou *D. Alvaro Gonçalves Sandoval*, quando este intentava ferir o nosso rei, com um golpe de maça; atravessou o peito do renegado *Gonçalo Nunes de Gusmão* (irmão de D. Nuno Alvares Pereira) e tolheu o passo a uma partida de castelhanos que queria fugir, matando mais de vinte e fazendo recuar os outros, (diz a lenda).

E *Joanna Fernandes*, que, com pedras e agua a ferver, deu cabo de bastantes dos taes castelhanos.

Esta povoação está hoje muito decaída do seu antigo esplendor.

Querem alguns esgravatadores de etymologias, que o nome d'esta villa venha do arabe *aljobbe*, que quer dizer *poço, cisterna*, ou *cova profunda*, sem agua.

É certo que os arabes foram por 400 annos senhores d'esta villa, e que o seu nome parece arabe.

Outros dizem que vem de *al-juba*, especie de tunica superior. Virá.

O nome d'esta villa faz palpitar de prazer e orgulho o coração dos portuguezes; pois traz-nos á memoria o mestre d'Aviz, de 26 annos, e o condestavel de 24; *Mem Rodrigues de Vasconcellos* e a sua *Ala dos Namorados* (todos quasi adolescentes) D. fr. *Pedro Botelho*, commendador da Ordem de Christo (vide *Batalha*) e tantos outros heroes que n'esse dia fizeram morder a terra aos soberbos castelhanos, em numero quatro vezes maior; e o que mais exaltou a fama e patenteou ao mundo a inimitavel coragem dos portuguezes, é que n'essa batalha foi a primeira vez que elles ouviram a artilheria (a que então davam o nome onomatopico de *trons*). Os castelhanos aqui deixaram todos os seus *trons*.

Foi este feito glorioso de nossos avós, que então nos deu a independencia.

É tradição que houve aqui uma calçada feita das caveiras e ossos dos castelhanos que morreram na batalha. Principiava esta calçada—se existiu—proximo á egreja e chegava até ao forno da immortal *Pisqueira*. Era o nosso *Lotaphagos*. Diz-se que quando aqui vinha algum castelhano fanfarrão, lhe iam mostrar a tal calçada, para lhe dissiparem os fumos de valentia.

Proximo d'esta villa é a planicie do *Chão da Feira*, onde a 28 de agosto de 1837 teve

logar a acção chamada *dos Carvalhos*, na qual o general popular conde do Bomfim (então barão) derrotou os marechaes da côrte, Terceira e Saldanha, que fugiram para as provincias do norte. Aqui morreu então o brigadeiro *cartista* barão de S. Cosme.

Eram donatarios d'esta villa os abbades de Alcobaça, a quem pagavam grandes foros e tributos.

A parochia foi reitoria ou vigariaria com grandes rendas, que o cardeal rei dividiu por as freguezias de Cella,Evora,Turquel,etc.

O grande sino do relogio, que está na torre contigua á casa da camara, foi dado á villa por D. Sebastião I.

Em uma terra lavradia, defronte do logar de *Póços de Soão*, se tem achado por varias vezes moedas romanas.

O abbade de Alcobaça lhe deu foral no 1.º de abril de 1316. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

**ALJUBE**—é a palavra arabe *al-jobbe*, propriamente significa *cisterna, poço sem agua* ou *cova profunda*. Muitas vezes se toma por *lago de leões, prisão, carcere* ou *cadeia*. Em Portugal era a cadeia dos delinquentes em materia ecclesiastica.

**ALJUBES**—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho de Alcoentre, 60 fogos, 70 kilometros ao N. de Lisboa. É a palavra arabe acima explicada. Districto administrativo de Lisboa e no patriarchado.

**ALJUSTREL**—villa, Alemtejo, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 75 kilometros de Evora, 6 a E. de Mecejana, (ou Messejana) 125 a SE. de Lisboa, 500 fogos, 2:000 almas.

Orago S. Salvador.

Concelho 910 fogos, feira a 13 de junho, tres dias.

Está em 37º 50' de latitude e 10º e 7' de longitude.

Foi tomada aos mouros por D. Sancho II, em 1235. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Tem os restos de um castello tosco, antiquissimo, feito de terra batida. Está n'elle a ermida de Nossa Senhora, por isso chamada *do Castello*.

A 2 kilometros da villa (ou pouco menos) ha duas fontes cujas aguas são emeticas em subido grau. Brota uma dentro da ermida de S. João do Deserto, saindo por detraz do altar, onde fórma um lago que nunca sécca. A outra nasce fóra da ermida. São crassas, e de tão mau gosto que ninguem as bebe (nem mesmo os animaes) por isso lhe chamam *Fonte azeda*, mas, a maior parte do povo d'alli lhe chama *Fonte Santa.*

Bebida é um violento vomitorio, e dizem que cura as sesões. Mas, o que faz esta agua recommendavel sobre todas as aguas mineraes de Portugal, é que, os banhos tomados com ella, curam toda a qualidade de molestias cutaneas maravilhosamente. Cura tambem differentes molestias do gado. Esta agua milagrosa é composta de mineraes sulfureos, nitrosos, aluminosos e vitriolicos.

Analysadas chimicamente em 1867, na exposição internacional de Paris, deram os seguintes resultados. (Ainda que estas duas nascentes sejam da mesma natureza, differem quanto á sua mineralisação; pelo que os francezes as dividiram em duas—*nascente forte* e *nascente fraca*). A nascente forte, que é a que está na capella, é empregada ha muitos annos para a cura de molestias externas, tanto de homens como de animaes. É fria, transparente, esverdeada e com um gosto excessivamente acre e desagradavel. Exposta ao ar, ou guardada em vasos mal tapados, adquire uma côr de tijolo, em consequencia da oxydação do sulphato de protoxido de ferro, que n'elle se acha em grande quantidade, depositando ao mesmo tempo saes *basicos* de ferro. Esta agua é uma dissolução muito concentrada de saes metallicos, que proveem da oxydação de pyrites de ferro coprifero, de uma mina que se acha proxima. A agua de Aljustrel apresenta uma forte reacção acida e contém, por kilogramma, 7 gr. 151 de residuo fixo, formado de sulphato de protoxido de ferro, de cobre, de cal, de magnezia, de alumina e de zinco, de chloretos alcalinos, de silica e de acido arsenioso; este ultimo se acha ahi na dose de 0 gr. 00169. O sulphato de protoxido de ferro é o sal que predomina na sua composição.

A *nascente fraca*—A agua d'esta nascente, a julgar pelas suas propriedades e pela sua composição chimica, parece ter a mesma origem que o manancial precedente, porém misturada com sete ou oito vezes o seu volume de agua ordinaria. É de uma perfeita limpidez, inodóra e de um sabor levemente stiptico, não mudando facilmente de côr pela exposição ao ar, e dando uma reacção acida aos papeis reactivos. Um kilogramma d'esta agua, fornece, por evaporação, 0 gr. 831 de principios salinos, que são da mesma natureza dos da *nascente forte*.

—

Em 31 de março de 1235 fez D. Sancho II doação d'esta villa á Ordem de S. Thiago, cuja doação confirmou seu irmão D. Affonso III, em 1255.

Está situada na encosta de um monte, do qual se avista Beja, Alvito, Ferreira, Messejana, Cazevel, Castro Verde, etc.

É povoação muito antiga; mas não pude saber quando nem por quem foi fundada, nem se já teve outro nome. É certo que o actual lhe foi dado pelos arabes; mas ignora-se a sua significação.

—

A prospera *Companhia de Mineração Transtagana*, tem aqui riquissimas minas de cobre, que lhe promettem auspiciosissimos resultados. Na matta de S. João Baptista do Deserto, já ha mais de 1:100 metros de galerias. Os massiços reconhecidos e isolados entre o nivel 1.º e 2.º, dão perto de 200:000 toneladas de minerio!

Só o producto liquido d'esta parte reconhecida, ainda que não désse senão a 2$000 réis por tonellada de minerio, póde calcular-se em 400:000$000 réis em pouco tempo.

Esta mina promette ser uma fonte incalculavel de riqueza para a companhia e para o paiz.

O caminho de ferro de Beja a Casevel, passa a 10 kilometros d'esta mina, e a companhia já mandou estudar o traçado do ramal que deve pôr a mina em communicação com a estrada do sul, o que é de grande vantagem para a companhia e para a empreza do caminho de ferro.

Ha tambem n'este concelho varias minas de manganez, manifestadas e registadas.

**ALLA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 400 ao N. de Lisboa, 150 fogos (vide *Villa d'Alla*).

O reitor d'aqui apresentava o cura da freguezia de Brinço. Fertil.

**ALLACIR**—(portuguez antigo, derivado do arabe) colheita, recolher os fructos.

**ALMAÇA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mórtagua, 230 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santo Isidoro.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu. Fertil.

**ALMACAVE**—nome de um sitio em Lamego e de uma aldeia no bispado de Leiria. É a palavra arabe *almocaba* (a derramada) do verbo *cabba*, derramar, entornar.

A egreja de Santa Maria d'Almacave, em Lamego, foi onde se celebraram as côrtes, no tempo de D. Affonso I. Vide *Historia de Portugal* e Lamego.

Á tal aldeia do bispado de Leiria, tambem chamam, sem corrupção, Almocava, só mudando o *b* em *v*.

**ALMACÊDA**—rio, Beira Baixa, nasce no cimo do logar da Ribeira das Eiras, logo caudaloso; corre arrebatado por entre penedias. Suas margens são em parte cultivadas e arborisadas. Morre no rio *Ocreza*. Suas areias trouxeram ouro. É a palavra arabe *almazaida*, significa *aguas crescidas*.

**ALMACÊDA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Sarzedas, 65 kilometros ao NO. da Guarda, 222 a E. de Lisboa, 300 fogos.

Toma o nome do rio antecedente, que por aqui passa, e por consequencia é a mesma etymologia.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Sendo supprimido o concelho de Sarzedas, em 1855, passou esta freguezia para o concelho de S. Vicente da Beira.

É abundante de aguas (como o seu nome indica) e muito fertil.

**ALMACÊDA**—serra, Beira Baixa na fre-

guezia antecedente. Produz matto, arvores silvestres e alguma caça. A mesma etymologia.

**ALMÁCEGA**—Tanque pequeno onde cae a agua da chuva ou da nora. Portuguez antigo, derivado do arabe *almasnâa*, que significa isto.

**ALMADA**—villa, Extremadura) sobre a margem esquerda do Tejo, districto administrativo e 6 kilometros ao S. de Lisboa, 1:200 fogos, 4:500 almas.

Orago S. Thiago.

Concelho 2:600 fogos, comarca 5:000. Feira no domingo do Espirito Santo, tres dias. Tinha (em 1660) 450 fogos a freguezia. Tem duas egrejas matrizes, cada uma com seu prior e quatro beneficiados (que eram da Ordem de S. Thiago). Adiante tratarei d'ellas. Tinha, até 1834, juiz de fóra e quatro companhias de ordenanças.

—

Perto d'esta villa está o real palacio e quinta do Alfeite.

Tem um bom jardim e grande matta, abundante de caça. Tem agora um lindo palacio feito pelo Sr. D. Pedro V, no gosto inglez, em 1857.

Tem a villa um hospital para marinheiros inglezes. Tem um bom caes de cantaria e no fim d'elle um forte (em Cacilhas) onde é a estação dos vapores da passagem. É no patriarchado.

A villa é edificada no alto de um rochedo, que a defende pelo S. Goza-se d'aqui a magestosa perspectiva da capital. No ponto mais alto está o castello, que a domina toda.

É rodeada de casas e quintas, que a tornam muito agradavel. Os seus arrabaldes são muito productivos e exporta para a capital continuamente cereaes, vinho, fructas, etc., etc.

No seu termo está a *Torre Velha*, denominada de *S. Sebastião de Caparica*, em frente da torre de S. Vicente de Belem. Foi feita por D. João II, pelos annos de 1490, e reedificada por D. Sebastião, que lhe deu o actual nome. Póde dar fogo quasi ao *lume d'agua*. Serviu muitos annos de *lazareto*, insufficiente. Vide *Porto Brandão*.

Perto d'esta villa (na *Adiça*) ha uma mina de ouro, que ainda no reinado do senhor D. Miguel se explorava, por conta do estado; mas não rendia para as despezas. Vide *Adiça*.

Antigamente as areias do Tejo, entre esta villa e Cezimbra, continham muito ouro. D. Diniz tinha uma corôa e um sceptro magnificos, feitos do ouro assim achado aqui, e D. João III, um sceptro de igual procedencia.

Diversas são as opiniões sobre a etymologia da palavra *Almada*. Bluteau, seguindo quasi todos os etymologistas antigos, deduz este nome das vozes inglezas *Wimadel*, que, segundo elle, quer dizer «nós todos a fizemos» e segundo outros, significa «povoação de muitos.»

Fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos*, parte 3.ª, livro 6.º, cap. 8.º, firma a etymologia d'este nome nas palavras inglezas *aliomad* (que deveria escrever *alismade*) que quer dizer «tudo está feito».

Outros dizem que *Almada* era o nome de um inglez, dos seus principaes *fundadores*. Outros pretendem que um mouro chamado *Al-Madez* ou *Al-Madão*, fôra o seu fundador e lhe deu o seu nome.

Todas estas opiniões são incontestavelmente erradas.

A *Geographia Nubiense*, que teve por auctor o xerife *Elidrisi*, o qual viveu no anno 483 da *hegira* (1090 de Jesus Christo) na parte 3.ª, *clima* 4.º, chama a esta villa *Almadan*, (mina de ouro ou prata).

Vide tambem *Histoire des Huns*, tomo 4.º, pag. 367 e *L'Afrique de Marmol*, tom. 1.º, pag. 321.

Esta etymologia, que innegavelmente é a verdadeira, é de mais a mais attestada pelos factos, isto é, pela *mina de ouro* da Adiça e pelas areias de ouro das praias de Almada.

Os arabes lhe chamavam *Hosnel-Madán*, (fortaleza da mina).

Vide a *Geographia Nubiense*, parte 3.ª clima 4.º, *Descripção da Lusitania*. Os romanos lhe chamavam *Cœtobrix* ou *Cœtobrica*.

Todos sabem que D. Affonso I foi auxiliado na tomada de Lisboa, por uma forte esquadra de *cruzados*, de varias nações, que indo á conquista da Palestina, então aqui arribaram, em razão de um temporal. Era

chefe d'esta esquadra o famoso *Miguel de Longa Espade.*

Quando conquistaram Lisboa, deu o rei tres dias de saque aos estrangeiros (commettendo então bastantes crueldades, apesar de serem cruzados!...) e aos que quizeram ficar em Portugal, lhes deu as terras e as povoações arabes abandonadas.

Como a maior parte dos *cruzados* eram inglezes, a elles coube a maior porção de terreno e povoações. Foi aos inglezes a quem tambem coube Almada, que tinha sido tomada aos mouros por D. Affonso I, em 1147, com a ajuda d'elles.

Em agosto de 1190, D. Sancho I lhe deu foral (em Lisboa) doando-a aos cavalleiros de S. Thiago.

D. Diniz, no anno de 1297 a encorporou na corôa, dando em troca aos ditos cavalleiros as villas d'Almodovar, Ourique e Aljezur.

O foral mais antigo que encontrei d'Almada, é um foral particular dos *mouros forros*, dado em Coimbra por D. Affonso I, em março de 1170. Este foral foi confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em dezembro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.º de junho de 1513.

Em 1191, o Miramolim de Marrocos invadiu o reino com 3 divisões, commandadas, uma por elle, e as outras pelos reis de Sevilha e Cordova; levando tudo a ferro e fogo e saqueando e destruindo esta villa e as de Torres-Novas, Palmella, Monte-Mór-Novo, e tomando Silves. Saqueou ainda outras villas do Alemtejo e Algarve, e peior faria se não adoecesse de *camaras*, pelo que teve de retirar para Hespanha, cheio de despojos. Ficou senhor de todo o Algarve. Foi-lhe isto então facil, porque o reino soffria n'esse tempo os dois grandes flagellos da fome e peste.

Em 1599, havendo peste em Lisboa, os governadores de Portugal, por Philippe II, mandaram intimar Manuel de Sousa Coutinho (depois o celebre classico *Fr. Luiz de Sousa*, quando em viuvo foi frade dominico em Bemfica) para desoccupar as suas proprias casas, para n'ellas virem residir, durante a peste, os taes governadores.

O nobre e leal portuguez *Coutinho*, preferiu ver as suas casas reduzidas a cinzas, antes do que vel-as deshonradas pela habitação d'esses portuguezes traidores, que tinham vendido a sua patria aos castelhanos; e as mandou incendiar.

A 23 de julho de 1833, na *Cova da Piedade* e em *Cacilhas*, os realistas são derrotados pelas tropas de *Villa-Flor* (pela traição do commandante d'artilheria realista, José de Sousa e Andrade, e pela inepcia de Telles Jordão, commandante da brigada, que foi aqui despedaçado e arrastado pelos liberaes. — Vide *Historia de Portugal* n'este dia.

Almada é situada no plató de um monte alto e fragoso, cortado quasi a prumo do lado do N., escavando-lhe continuamente as suas bases as aguas do Tejo.

Da sua antiguidade apenas conserva as memorias escriptas e as tradições, e nem um só monumento.

Do castello mourisco, reedificado pelos inglezes em 1148, já não ha vestigios. É provavel que fosse demolido, para se construir o actual, que se julga ser obra de D. Manuel, e foi reedificado no reinado de D. Affonso VI, pelos annos de 1666.

Tem a villa duas freguezias—Santa Maria do Castello (ou Nossa Senhora da Assumpção), que é muito antiga; mas foi reedificada por D. João V. no seculo passado, —e a de S. Thiago, tambem antiga; mas reconstruida pelo infante D. Antonio, irmão do mesmo D. João V, e pelo mesmo tempo.

A infanta D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel, tinha aqui edificado, pelos annos de 1480, um hospital de caridade, intitulado de *Santa Maria*, para o qual deu muitas rendas.

No seculo XVII se fez da ermida de Santa Maria a actual egreja da Misericordia, a cuja casa ficaram pertencendo todas as rendas do antigo hospital.

Ao O. e proximo da villa, em uma altura, tambem eminente ao Tejo, está o convento de frades dominicos (ordem dos prégadores), fundado em 1569 pelo insigne theologo Fr. Francisco Foreiro, lente de Coim-

bra, e confessor de D. João III e D. Sebastião. (O que reformou, por ordem do concilio de Trento, o breviario e missal romano, em 1560.) Morreu n'este convento a 10 de janeiro de 1581, e n'elle está sepultado.

O convento está hoje em ruinas. Junto d'elle está o cemiterio publico.

A casa da camara é regular e tem uma antiga torre, com relogio, que domina toda a villa.

Junto ás muralhas do castello, tem um pequeno, mas bonito passeio publico, feito em 1858 ou 1860, plantado de arvoredo, e sobranceiro á praia, cujas vistas são magnificas e deliciosissimas.

Perto da praia está a celebre *Fonte da Pipa,* abundante de optima agua, e d'ella se fornecem os navios, e até vae muita para Lisboa.

Junto á fonte ha uma pequena praia, ou ancoradouro, natural, que póde conter 18 lanchas.

A agua da quinta do Alfeite é muito adstringente, e dizem que cura as molestias da bexiga.

Almada e os seus arredores e quintas são o passeio favorito dos lisbonenses, principalmente no verão.

Ao S. da villa, em um lindo valle cercado de pequenos outeiros cultivados, é a *Cova da Piedade,* com uma capella de Nossa Senhora da Piedade (que teve um recolhimento de meninas).

Aqui se faz uma boa feira nos dias 23, 24 e 25 de julho, havendo muitas vezes corridas de toiros, grandes festas e concorridissimo arraial.

A Cova da Piedade é um sitio encantador, e muito frequentado dos lisbonenses.

O terreiro ou rocio da Cova da Piedade foi celebre pelas festas que antigamente aqui se faziam em muitas e grandes romarias, e ainda hoje é este sitio muito concorrido nos dias da feira, havendo então corridas de touros.

A capella, segundo a tradição, teve origem pelo motivo seguinte:—Pelos annos de 1550, um homem d'estes sitios descobriu uma imagem de S. Simão, em umas barrocas, que ainda hoje se chamam *Barrocas de S. Simão.* Este individuo arranjou esmolas, e com ellas construiu uma capella ao Santo junto ás taes barrocas, e n'ella se fez ermitão. Depois appareceu-lhe em sonhos a Senhora da Piedade, dizendo-lhe que queria vir para esta ermida. Elle foi buscal-a (a imagem) a uma casa da Sé de Lisboa, e a trouxe para o seu eremiterio. Tantos foram os milagres que a Senhora fez, e tantas foram por isso as esmolas dos fieis, que logo se construiu, no mesmo sitio, outra ermida mais ampla e melhor, e junto d'ella um recolhimento. Desde então deixou S. Simão de ser o padroeiro e ficou sendo Nossa Senhora da Piedade. Ainda no seculo passado existiam no recolhimento 4 recolhidas e uma regente. Hoje apenas existe a ermida.

A *Quinta da Amora,* que foi da princeza D. Maria Benedicta (irmã de D. Maria I), e é hoje da sr.ª infanta D. Izabel Maria; é uma grande e bella propriedade. Tem um vasto lago com uma ilha arborisada no centro, e é cercado de arvoredo.

Era famosissima, até 1834, a festa de S. João Baptista, em Almada. Despovoava-se Lisboa e outras terras do Alemtejo e Extremadura, paro a irem ver. Era curiosa pela singularidade de alguns costumes antigos que appareciam na procissão e nas *cavalhadas.* Quasi sempre havia então corridas de touros.

Em Almada nasceu, viveu, morreu e está sepultado o celebre Diogo de Paiva d'Andrade (auctor do poema epico *Chauleidos,* ou a conquista de Chaúl), sobrinho de outro celebre escriptor do mesmo nome, e filho do chronista-mór Francisco d'Andrade.

Almada tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

Tem por armas uma torre coroada. Tem conde.

Está em 38° 44' de latitude e 9° 13' de longitude.

Foram seus donatarios os marquezes de Marialva.

Ha no termo d'esta villa dois portos de mar — um é o da *Fonte da Pipa,* com seu forte para o O.—outro é o do *Coval,* ambos com boas praias e abrigados.

Aqui morreu em 1583 o eloquente escri-

ptor e viajante Fernão Mendes Pinto. (Vide Monte-Mór-Velho.)

Aqui nasceu a 24 de outubro de 1503, D. Leonor Mascarenhas, filha de Fernão Martins d'Almada e de sua mulher D. Izabel Pinheira. Foi dama da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, e, depois, da infanta D. Izabel, que a levou comsigo quando casou com o imperador Carlos V. De 24 annos foi aia do principe Filippe (filho do imperador), depois Filippe II, *o diabo do Meio Dia*.

Edificou D. Leonor em Madrid um convento de freiras franciscanas (de Nossa Senhora dos Anjos). Foi sempre senhora de muitas virtudes, e morreu com opinião de santa, em Madrid, a 20 de dezembro de 1584.

**ALMADEFE**—ribeira, Alemtejo, nasce junto á herdade da Romeira, e morre na ribeira de *Tera*, por cima da villa de Cabeção.

**ALMADENA**—aideia, Algarve,—é a palavra arabe *Almadena*,—significa *torre* ou *logar do pregão*. Deriva-se do verbo *addana*, gritar, dar vozes, clamar, chamar para a oração, gritando.—A *almadena* dos mouros é uma torre alta, á maneira das nossas dos sinos. Em cada mesquita ha uma *almadena*, com uma varanda á roda, com quatro portas em correspondencia.

Quando são horas da oração, sóbe o *parocho* d'aquella mesquita (*muslim*) ao alto da torre, e andando á roda d'ella, grita para que o povo venha á oração. O modo de chamar o povo é o seguinte:

Diz por tres vezes: *Allaho acbar!* (Deus é grande!) e por outras tres vezes: *La elah ella allah, Mohamad rasul allah!* (Não ha Deus senão Deus, Mafoma é legado de Deus!) —Torna por outras tres vezes a gritar: *Haî âla essalah!* (Vinde para a oração!)

Na oração da madrugada accrescenta: *Essalah achiar menennaum!* (A oração aproveita mais do que dormir!)

**ALMADRAVA**—Tem muitas significações.

É a paragem do mar, onde, em certos tempos do anno, se juntam e pescam peixes grandes, como atuns, etc.

É uma grande quantidade d'estes peixes, e, finalmente, as redes, ancoras, barcos, fisgas, harpéos e mais apparelhos para a pesca dos atuns, e era tambem o imposto que se pagava da mesma pesca.

**ALMAGREIRA**—freguezta, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 40 kilometros ao S. de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Deriva-se do arabe *almagra*, terra vermelha.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria. Fertil.

**ALMALAGUEZ**—freguezia, Douro, districto administrativo, bispado, comarca, concelho, e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Orago S. Thiago.

Tem uma albergaria muito antiga, fundada pela irmandade de S. Thiago.

Produz vinho, azeite, feijões, fructa (muitos e optimos pecegos) e pouco pão.

A 3 kilometros ao E. corre o rio *Duessa*, que divide a freguezia da de Miranda do Corvo

**ALMANCIL** — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Loulé, bispado do Algarve, districto administrativo de Faro, 240 kilometros ao S. de Lisboa, 390 fogos. Fertil.

Orago S. João Baptista.

Vem do arabe *Almansal*, significa aposento ou hospedaria. Deriva-se do verbo *nasela*, hospedar, aposentar, dar pousada ou agasalho.

**ALMANÇOR** (ou **CANHA**)—rio que nasce na freguezia de Nossa Senhora da Graça, nas visinhanças de Monte-Mór-Novo, e entra na esquerda do Tejo, abaixo de Samora Correia, com 60 kilometros de curso.

Fertilisa muito as terras por onde passa. Tem peixe.

Deu-lhe o nome o kalifa de Cordova *Almançor*. (Vide Almançor, serra.)

Chama-se *Almançor* até Monte-Mór-Novo, e d'aqui para baixo *Canha*, por ir correndo para esta villa.

É a palavra arabe *Almansur* (e alguns ainda assim a pronunciam). Significa, *o victorioso*. Deriva-se do verbo *naçara*, ajudar, soccorrer; e como está no participio passivo, significa *soccorrido, victorioso*. Póde tambem escrever-se *Almansor*.

**ALMANÇOR** (Serra de)—Beira Baixa, chamada vulgarmente *Cabeça d'Almançor* (julgo que é corrupção de *Cabeço d'Almançor.*)

Segundo a *Monarchia Luzitana* (tom. 2.º cap. 25, pag. 261) deu-se-lhe este nome, por n'ella se fazer forte *Mohamed-ben-Abdallah-ben-abi-Ahmer-el-Moaferi*, cognominado *Almançor* (o victorioso) e por cuja antonomasia era geralmente conhecido.

Era kalifa de Cordova.

Este bravissimo musulmano, que se intitulava a si mesmo *o açoite de Deus*, invadiu Portugal pelos annos de 985, tomando-nos Coimbra, Braga, Lamego, Vizeu, e outras muitas villas e povoações; e na Hespanha tambem tomou aos christãos, Zamora, Leão, Barcelona, Pamplona, Compostella, Gormaz, etc. etc.

Para o vencerem, foi preciso reunirem-se os reis de Leão, Castella e Navarra.

Feriu-se então uma grande batalha em *Calatanazor* (junto a Osma), na qual os mouros foram completamente derrotados e ferido mortalmente *Almançor*, sendo sepultado em Medina Celi.

Seu filho *Abd-el-Melik*, cognominado *Al-mudffar* (guerreiro feliz) tambem foi capitão de grande nomeada.

Houve, durante o dominio arabe na peninsula, muitos reis ou kalifas, cognominados *Almançor*, tanto na Hespanha, como na Africa (o que hoje bastante nos embaraça, e embaraçou tambem os antigos escriptores).

Segundo o padre Cardoso, não foi o Almançor, kalifa de Cordova; mas um outro Almançor, rei (ou emir) de Vizeu, que aqui se fortificou e deu o nome a esta serra; mas parece mais verosimil o que se lê na *Monarchia Luzitana*.

O que é certo é que ainda hoje no tope da serra se descobrem vestigios de fortificações antiquissimas. Tambem em outro ponto culminante d'esta serra, para o lado de Trancoso, ainda existe uma *atalaia*, a que o povo d'aqui chama o *Facho* (por ter muitas vezes servido de *facho*, durante as differentes guerras com os castelhanos).

Esta serra finda no Mondego. Tem 36 kilometros de comprimento e 6 de largo. É quasi toda inculta, e apenas em partes produz centeio. Tem muita caça. Pelas faldas lhe corre o rio Tavora. (Vide Carapito.)

**ALMANÇOR**—lagoa, Algarve, chamada vulgarmente *Pégo d'Almançor.*

É tradição que n'ella se afogou em 1242 (outros dizem que em 1250) o ultimo rei do Algarve, *Almançor-Aben-Affan* (vulgarmente *Aben-Mafo*), e que este facto deu o nome á lagoa.

É mais commum nos escriptores lermos *Al-Mançor-Aben-Afan;* mas é mais proprio dizermos *Aben-Afan-al-Mansor,* que é como diziam os arabes.

Este rei era um grande poeta e extremado e pundunoroso cavalleiro. Era tolerantissimo com os christãos e attrahia á sua corte (Silves) todos os homens de talento, qualquer que fosse a sua religião, e os estimava muito. O mesmo praticava com os que eram corajosos e dextros nas armas.

É innegavel que os christãos dos reinos dominados pelos mouros (chamados *musarabes*) gosaram do livre exercicio do seu culto, com a maior publicidade e magnificencia.

*Sayda-Llemal*, filha do rei mouro de Sevilha, *Aben-Abed*, fez-se christã e se baptisou, tomando o nome de Maria Izabel; andava com trajes christãos e professava publicamente a religião christã, na côrte de seu pae, sem que por isso tivesse a minima coisa que soffrer.

**ALMANÇOR**—aldeia, Douro, freguezia de S. Pedro do Paraizo, concelho de Castello de Paiva, comarca d'Arouca, 35 kilometros a S. E. do Porto, na margem direita do Arda. Não pude saber porque esta aldeia tem nome arabe. (Vide Mançores.)

**ALMANÇORAT** (ou **ALMANÇURAT** ou **ALMANSURAT**)—aldeia, Beira Alta, bispado de Coimbra. Significa *victoriosa.*

Segundo os *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, de fr. João de Sousa—«Tomou este logár o nome d'*Almansur*, por n'elle pernoitar, deixando ao sitio em que se alojara o seu nome, por lembrança de que alli passara».

O mesmo diz a *Monarch. Luzit.* IV. VII, cap. 25, pag. 361.

(Suspeito que esta aldeia seja a antecedente, mas não tenho dados para o affirmar.)

**ALMANDUR**—aldeia, arcebispado d'Evora.

É mesmo a palavra arabe *almandur*. Significa *o avistado, o visto, o achado.*

**ALMANSIL**—aldeia, Algarve. Corrupção do arabe—*almansal*. Significa *aposento, hospedaria*. Deriva-se do verbo *nasela*, hospedar, aposentar, dar agasalho ou pousada a alguem.

**ALMARGEM**—aldeia, Beira Alta, freguezia de Calde.

Tem uma ermida dedicada a S. Pelagio (ou Pelayo).

Junto d'esta aldeia corre o rio Vouga, e n'ella tem uma ponte de cantaria, muito antiga, sobre a estrada de Vizeu.

É palavra arabe *Almarge* (prado ou logar cheio d'herva). Deriva-se do verbo *maraja*, cortar pasto ou herva para o gado.

Ha no patriarchado tambem duas aldeias d'este nome, outra no bispado de Coimbra, outra no Algarve.

**ALMARGEM**—Vide Lagomel.

**ALMARGEM DO BISPO**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 18 kilometros ao N. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

A significação antecedente.

Orago S. Pedro.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa. Fertilissima.

Foi, até 1834, curato apresentado pelos freguezes.

**ALMARJÃO**—aldeia, Algarve.

É a palavra arabe *almaajam*, significa *logar das pedradas* ou *cumulo das pedras*. Vem do verbo *rajama*, apedrejar.

**ALMARQUIM**—aldeia, Extremadura, patriarchado.

Corrupção de *Almarcam*. É palavra arabe, derivada do verbo *racama* (assignalar). Significa *aldeia do assignalado.*

**ALMAZEM**—(hoje diz-se *armazem*) É a palavra arabe *armachzem*, casa onde se guardam armas, munições, fazendas e mantimentos. Deriva-se do verbo *chazana*, guardar, esconder fechado, enthesourar.

(Os escriptores antigos tomavam ás vezes o contheudo pelo continente, v. gr.—«*Na despedida alguns dos nossos bésteiros empregaram n'elles seu* almazem, *para não ficarem sem castigo.*»—Barros, *Decada* 1.ª, liv. IV, fol. 65.

**ALMECAVA**—aldeia, Extremadura, bispado de Leiria.

Corrupção da palavra arabe *almocaba*. Significa a *derramada, entornada, espalhada*. Aqui quer dizer—*espalhada.*

**ALMEDINA**—É a palavra arabe *Almedina*. Significa *cidade*. Ha uma porta d'este nome em Coimbra, e outra no castello de Thomar. Quer dizer—porta da cidade—(e não *porta de sangue*, como quer o padre João Baptista, no *Mappa de Portugal.*

Ha tambem na provincia de Ducala (Africa) uma cidade assim chamada, que foi tributaria de Portugal, no tempo de D. Manuel.

Em Lamego tambem ha a rua da Almedina.

**ALMEIDA**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, 17 kilometros ao S. O. de Pinhel, 12 ao N. da raia de Hespanha, 335 ao E. de Lisboa, 470 fogos.

Em 4°25' de latitude, 11°44' de longitude.

(Tinha em 1660, a villa, 300 fogos.)

Orago Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É incontestavelmente palavra arabe, *Almeida*, (a meza.) Na *Mon. Lus.*, tom. 2.°, cap. 28, pag. 337, diz-se que se lhe deu este nome, por estar edificada em uma planicie.

Na mesma *Mon. Lus.*, em Bluteau e outros escriptores, acha-se esta palavra escripta precedendo-lhe um *t* (*Talmeida*) mas é erro; porque então se derivava de *talmidon* (discipulo) e significava *discipula.*

Dizem outros, que se deu a esta villa o nome de *Almeida*, por n'ella haver em tempos antigos uma *meza* cravejada de pedras preciosas, de um valor inestimavel.

Outros ainda pretendem que o seu nome era *Atmeidan* (campo ou logar para corridas de cavallos.)

Os que seguem esta opinião, fundam-se na corrupção de *Atmeidan*, para *Talmeida;* mas não é uma nem outra cousa, senão *Al-*

*meida*, palavra puramente arabe e sem corrupção nenhuma.

Demais a mais a villa está fundada em uma especie de plató, a que ainda hoje chamamos *meza*, isto prescindindo mesmo da existencia da tal meza rica, o que dá mais provabilidade á minha opinião.

Todos os auctores são concordes em dizer que é fundação arabe, do seculo VIII ou IX. O seu assento primitivo era no sitio onde hoje se chama *Enchido da Sarça.*

O *Enchido da Sarça* fica a um kilometro da villa, para o N.

Tambem chamam a este sitio *Pedregaes*.

Tem aqui apparecido muitos tijolos, canos de barro, pias, etc.

Ha aqui a fonte da *Sarça*, de muito boa agua. Vide *Enchido.*

D. Fernando I de Castella (o Magno) a conquistou aos mouros em 1039. Com as guerras dos tres filhos de D. Fernando I (D. Sancho, D. Garcia e D. Affonso) por causa da ambição e malvadez do mais velho (D. Sancho) que queria usurpar, e usurpou, os reinos a seus irmãos, os mouros nos tomaram algumas villas e cidades, e entre ellas Almeida, pelos annos de 1071.

Em 1190, D. Sancho I, de Portugal, a tomou aos mouros, pela bravura de D. Paio Guterres, neto de D. Egas Moniz (que desde esta conquista se ficou appellidando de Almeida) mas com as interminaveis guerras d'aquelle tempo ficou Almeida quasi arrasada e despovoada. Assim a achou D. Diniz, pelo que a mudou para o sitio actual, fazendolhe o castello e dando-lhe foral em 1296.

Franklim não falla n'este foral, o que não admira, porque lhe ficaram muitos foraes antigos por descrever.

D. Manuel ampliou as fortificações e a villa, e lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

É cercada de muralhas de cantaria, com duas portas (Santo Antonio e S. Francisco) com uma fortaleza no alto da villa, com duas torres, cinco reductos, cinco revelins, fossos, esplanadas, armazens, paioes, estradas cobertas, cisternas e grandes quarteis subterraneos, etc. etc.

Onde hoje é a *cidadella*, era o antigo castello de D. Diniz, o qual D. Manuel ampliou e reformou. No seculo passado caiu n'elle um raio, que bastante o damnificou; mas logo foi reparado.

O conde de Ó Reilli, com um exercito hespanhol a cercou e fez render por capitulação, em 25 de agosto de 1762. Com a paz de 10 de fevereiro de 1763, foi restituida a Portugal.

Em 1810, o general francez Massena põe cêrco á praça, em 10 de agosto. A guarnição portugueza resistiu heroica e obstinadamente; porém em 27 do mesmo mez, uma horrivel explosão faz voar uma grande parte das suas fortificações e grande numero de casas. Os sitiados não tiveram remedio senão capitular a 28. Mas a 11 de abril de 1811, o general Beresford, com o exercito alliado, recupéra a praça e expulsa os francezes do territorio portuguez, pela terceira e ultima vez.

O castello foi depois reparado, em parte, mas, mesmo assim, está muito arruinado.

O conde do Bomfim, tendo-se revolucionado, em Torres Novas, contra o ministerio *cabralista*, mas, não sendo secundado, como esperava, pelo resto do exercito, se recolhe a Almeida (com cavallaria 4, caçadores 1 e infanteria 12), mas o barão da Fonte Nova lhe vem pôr cêrco, obrigando os cercados a capitularem, a 28 de abril de 1844. (Bomfim e os officiaes emigraram para a Hespanha.)

A 2 kilometros da villa passa o rio Côa.

A egreja matriz (Nossa Senhora da Purificação, vulgo, das Candeias) é um soffrivel templo de tres naves, e tem onze altares. Está dentro do castello.

Tem a villa Misericordia e hospital, fundados em 1680, á custa do povo e com grandes esmolas da rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglatera, e filha do nosso D. João IV.

A 6 kilometros de Almeida, está a capella da Senhora do Mosteiro, que, segundo a tradição, foi egreja de um convento de templarios. D. João II reedificou esta capella, pondo-lhe as armas de Portugal sobre a cruz de Aviz, de cuja ordem era grão-mestre, perdendo o edificio todos os vestigios da sua muita antiguidade.

Todos os sabbados de março, sabbado de Ramos e na segunda feira dos Prazeres, ia (por costume immemorial), a camara e povo da villa e arrabaldes, em procissão, a esta capella, havendo então alli sermão.

Do castello da villa desfructa-se uma linda vista. D'elle se vê a cidade da Guarda, as villas de Castello Rodrigo, Castello Bom, Trancoso e territorio de 11 bispados portuguezes e hespanhoes: Lamego, Guarda, Coimbra, Vizeu, Braga, Miranda, Porto, Coria, Ciudad de Rodrigo, Placencia e Salamanca.

A 3 kilometros da villa, e proximo ao Côa, ha uma fonte de agua mineral (sulphurica) muito procurada e applicada, com bom exito, para varias molestias. Chamam-lhe por isso *Fonte Santa.*

Ha aqui mercado, nos primeiros domingos de cada mez, e feira de tres dias a 14 de setembro.

As suas armas são: um escudo com as armas reaes (sendo a corôa d'estas aberta, ao uso antigo) e ao lado a esphera armilar, divisa de D. Manuel, que foi quem lh'as deu. Segundo alguns auctores, antigamente eram uma torre com tres baluartes e no meio as armas reaes.

Seu territorio é abundante de aguas, cereaes, fructos etc. etc.

Tinha um convento de freiras franciscanas (de Nossa Senhora do Loreto) que fundaram tres irmãs chamadas, Garcia Corôa, Anna da Conceição e Branca da Assumpção (da familia dos Séllas e Falcões, de Pinhel.) Foi primeiro fundado no logar da *Nave*, termo do Sabugal, e mudou-se depois para aqui. Foi supprimido e está abandonado.

D'este convento sairam as fundadoras do convento de Sá, em Aveiro, em 1641.

Aqui nasceu, em 20 de agosto de 1569, o célebre historiador fr. Bernado de Brito. Era filho do capitão Pedro Cardozo de Andrade e de Maria de Brito. Antes de ser fradé, chamava-se Balthazar de Brito e Andrade.

Seus paes o mandaram em creança para Roma, onde estudou a fundo a lingua latina e aprendeu com perfeição o francez, italiano, grego e hebreu. Regressou a Portugal e se formou em theologia, na Universidade de Coimbra, em 1606.

É auctor de obras de incontestavel merecimento, sendo as principaes *Monarchia Luzitana* e *Chronica de Cister*. A primeira d'estas obras a escreveu tendo apenas 27 annos, e a segunda aos 33.

Foi nomeado chronista-mór do reino, por morte de Francisco de Andrade.

Metteu-se frade bernardo, aos 15 annos.

Por muitas vezes o quizeram fazer bispo, mas elle nunca acceitou.

Veiu morrer a Almeida, sua patria, a 27 de fevereiro de 1617, tendo apenas 47 annos. Era geral da ordem de Cister.

Foi seu cadaver levado para o convento de Santa Maria de Cister; mas em 1649 foi transferido para o convento de Alcobaça, para a casa do capitulo, onde jaz, com o epitaphio seguinte:

*Bernardus Brito, conditur hoc tumulo. Inter scriptoris magnus chronista qui major-Regius et stylo maximes ipse fuit.* (Vide Alcobaça.)

Almeida tem um antigo hospital militar. Pelas leis de 1814 é quartel de infanteria n.º 11.

Este regimento está actualmente em Abrantes.

Almeida foi antigamente da comarca de Pinhel, e é no paiz chamado *Riba-Côa,* trato de terra que tem 15 leguas de comprido e 4 de largo.

O concelho de Almeida foi muito augmentado em dezembro de 1870. Eis a razão:

O concelho de Castello Mendo, foi supprimido em 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham foram annexadas ao concelho do Sabugal, até que em 1870 vieram formar parte do de Almeida, sendo desmembrados do do Sabugal.

O que então para aqui veiu, foi: villa de Castello Mendo e freguezias de Azinhal, Pêva, Freixo, Mesquitella, Monte Parabóloso (ou Monte de Pero Bolso) Ade, Cabreira, Amoreira, Leomil, Mido, Sinouras e Aldeia Nova.

—

De Hespanha veiu para Portugal, no tempo do nosso D. Fernando I, D. Vasco Lobato, nascido na Galliza. Seus descendentes tiveram o seu solar na quinta de *Cheira-Ventos*, termo de Almeida.

Pedro Annes Lobato, senhor d'esta casa, foi regedor da cidade de Lisboa, no anno de 1442, e D. João I o fez fidalgo de sua casa e lhe deu armas. Jaz na egreja de S. Mamede, de Lisboa.

**ALMEIDINHA**—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Julião, da villa de Mangualde, concelho de Azurara, comarca de Vizeu, d'onde dista 15 kilometros, 370 de Lisboa.

É situada em um valle que fazem as duas serras do *Cabeço de Santo Amaro* e das *Prezas*, ou *Penêdo do Cuco*.

É abundante de aguas, que rebentam das serras, formando no valle, o ribeiro das Prezas, que recebendo o de Mesquitella, morre no Mondego, que corre a 5 kilometros d'este logar.

Junto á capella de Santo Antonio, ha uma ponte chamada do *Amieiro*, cuja agua é das melhores da provincia.

É terra abundantissima.

Em uma serra distante um kilometro da aldeia, está a capella de Nossa Senhora do Castello. Houve aqui um castello mourisco, que foi destruido pelos primeiros reis portuguezes. Consta que era alcaide d'elle, um mouro chamado Zurão, e dizem que d'elle tomou o nome o concelho de Azurara, e que a tal capella era mesquita de mouros.

A camara de Vizeu era obrigada a vir todos os annos em corpo, visitar esta capella, na segunda oitava do Espirito Santo. Então do lado da serra se voltavam para o lado da villa de Linhares, agitando a bandeira, por obsequio aos d'esta villa, que com o seu alcaide (mouro convertido) tinham tomado o castello de *Zurão*.

Tem visconde.

Ha outra aldeia do mesmo nome, na freguezia de Cunha Alta, concelho de Mangualde, situada na raiz da serra da *Teixugueira*.

Almeidinha é corrupção de *Almedina*, cidade.

**ALMEIRIM**—villa, Alemtejo, comarca da Chamusca, 75 kilometros a N. E. de Lisboa, 550 fogos, 2:400 almas.

Concelho 1:100 fogos; feira a 24 de agosto.

Fica a 6 kilometros a S. E. de Santarem e do Tejo.

Tinha a villa em 1660, 300 fogos.

Orago S. João Baptista.

Situada em uma planicie, que se estende até ao Tejo. É banhada pelo N. pelo rio Alpiarça, que a fertiliza.

No inverno ha aqui muitas rosas, lyrios e outras flores.

Era vigariaria do real padroado, com um coadjutor da mesma apresentação, a quem se dava annualmente 12$000 réis em dinheiro, dois moios de trigo, um de cevada e a quarta parte das offertas. Tinha tambem um thesoureiro, com 12$000 réis, um moio de trigo e parte das offertas.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Por Almeirim passava uma das *vias militares romanas*, que de Lisboa se dirigiam a Merída. Teem aqui apparecido varios *marcos milliarios*, dedicados ao imperador Trajano. Foi fundada por D. João I, em 1411, em um sitio a que os mouros chamavam já *Al-Meirim* (nome proprio de homem) tendo principio em um grande palacio que este rei aqui fez, com amplos e bellos jardins.

D. Manuel o ampliou, fazendo-o palacio de inverno. A coutada, que lhe pertencia, creava toda a qualidade de caça grossa e miuda, e era guardada por muitos couteiros.

Os fidalgos da sua côrte, tambem aqui fizeram seus palacios e quintas (o que quasi tudo hoje está em ruinas.)

A charneca ou matta, onde elles iam caçar, vae-se, pouco a pouco, reduzindo a cultura.

Estando aqui D. João III, e vendo o paço muito arruinado, disse para os fidalgos: «O paço parece que se ri!» D. João Henriques respondeu: «Sim, Senhor, e tanto, que arrebenta pelas ilhargas.» (alludindo ás gretas e barrigas das paredes.)

Tambem D. Manuel aqui fundou um castello e um palacio (onde o cardeal-rei convocou as côrtes, em 1580, em seguimento ás de Lisboa de 1579, por causa do herdeiro á corôa portugueza.)

Já D. João III aqui as tinha convocado em 1544, para ser jurado o principe D. João, pae de D. Sebastião I.

Teve o castello a mesma sorte dos outros edificios.

D. Duarte, pelos annos de 1430, sendo ainda infante, mandou fazer uma torre no castello. Vendo seu pae (D. João I) que ella não ia direita, a mandou desmanchar, indo já a meia altura, e não se tornou a fazer.

Almeirim foi por muitos annos o retiro mais prezado dos nossos reis, que aqui residiam de verão, e faziam grandes caçadas.

Aqui fundou D. João III, em 1527, uma egreja e um hospital, em honra de Nossa Senhora da Conceição e dos martyres S. Roque e S. Sebastião, sob a invocação dos quaes creou uma confraria, cujo principal fim era soccorrer com esmolas os cortezãos pobres e as viuvas nobres, cujos maridos morressem servindo a patria. Entraram n'esta confraria, o rei, a rainha, os infantes D. Luiz, D. Affonso, D. Henrique e D. Duarte; a infanta D. Maria, o duque de Bragança e quasi todos os fidalgos de Lisboa. Tudo isto acabou.

Por varias vezes tambem aqui convocaram côrtes.

Aqui morreu o cardeal-rei (o que foi a causa, com a sua pusilanimidade, do nosso captiveiro de 60 annos) em 31 de janeiro de 1580.

Aqui teve logar o casamento da nossa infanta D. Isabel, com o imperador Carlos V, e de seu filho Filippe II, com a nossa infanta D. Maria.

Aqui nasceu, em 23 de fevereiro de 1526, o jesuita D. Gonçalo da Silveira, filho de D. Luiz da Silveira, primeiro conde de Sortelha e de sua mulher D. Brites de Noronha. Era D. Gonçalo, doutor em theologia. Depois de grandes serviços á religião, em Portugal e na Azia, foi martyrisado na cidade de Monomotapa, por ordem do rei, em 16 de março de 1561, com 18 annos de padre e 36 de edade.

O rei, que era cafre e se tinha baptisado com o nome de Sebastião, arrependido de mandar matar D. Gonçalo, mandou matar os mouros e todos os do seu conselho, e até sua propria mãe!

D. Gonçalo havia sido estrangulado e depois deitado ao rio *Mutate*.

Tem Misericordia e rico hospital, feito por D. João III, em 1550.

Seis kilometros ao S. da villa, era o convento da *Senhora da Serra*, de frades dominicos, fundado por D. Manuel, pelos annos de 1520.

Ha tambem duas aldeias d'este nome (Almeirim) uma na freguezia de Milhariças, concelho de Alcanede, outra na freguezia de Castro-Verde, no Alemtejo.

Soffreu muito com o horrivel terremoto, que principiou a 7 de janeiro de 1531, durando 50 dias, e arruinando muitas povoações da Extremadura, particularmente no Riba-Tejo.

Proximo á villa está a quinta dos marquezes de Alorna, com grande plantação de amoreiras.

D. João III convocou para aqui côrtes, em 31 de janeiro de 1544, por carta ao concelho do Porto, de 7 de novembro de 1543, para ser jurado o principe D. João e se tratar do mais que fosse necessario.

N'ellas fez a oração do juramento do principe, o dr. Antonio Pinheiro, ao qual respondeu, em nome dos povos, o dr. Lopo Vaz, procurador da cidade de Lisboa.

N'estas côrtes offereceram os povos ao rei 50 mil cruzados (20 contos de réis) como consta da carta de 27 de abril de 1548, do que tambem faz menção outra ao concelho de Coimbra, de 4 de fevereiro de 1545.

Todos sabem que o principe que aqui foi jurado (como herdeiro da corôa portugueza) veiu a casar, em novembro de 1553, com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos, V e que morreu, da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 2 de janeiro de 1554. Era pae do rei D. Sebastião, que nasceu 18 dias depois da morte do principe (20 de janeiro.)

—

Em 11 de janeiro de 1580 teve aqui logar o auto de reunião de côrtes, convocadas pelo pusilanime cardeal-rei, D. Henrique, tio de D. Sebastião, por carta de 23 de dezembro de 1579.

N'ellas fez a *falla da abertura*, o dr. Antonio Pinheiro.

N'estas côrtes pretenderam os povos arrogar a si o direito de nomear successor á corôa (o que era legalissimo) como consta dos embargos apresentados a D. Henrique por

Phebo Moniz, procurador de Lisboa, em nome do povo portuguez; mas não foram attendidos (os embargos) porque poude mais o ouro de Castella e a cobardia e traição de alguns portuguezes degenerados, do que o direito incontestavel do povo.

D. Henrique tinha nomeado, em 1579, uma *regencia* (composta de cinco governadores) para o caso da sua morte; e ella tinha prestado juramento *de bem governar o reino*, e cumpriu-o entregando Portugal ao, tambem prejuro, Filippe II, de Castella!

D. Henrique morre, aqui mesmo em Almeirim, a 31 de janeiro d'esse malfadado anno de 1580, e os cinco *governadores* dissolvem as côrtes em 15 de março.

—

Oito eram os pretendentes á corôa portugueza. Cinco eram netos do rei D. Manuel, a saber:

D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz.

D. Catharina, duqueza de Bragança.

O duque de Saboia.

O duque de Parma.

Filippe II, de Castella.

Os outros tres pretendentes (com direitos mais ou menos absurdos) eram:

Catharina de Medicis, rainha de França.

O papa, Gregorio XIII.

E até a sanguinaria Isabel, de Inglaterra.

—

D. Antonio tinha o povo a seu favor; mas quasi todos os fidalgos eram contra, por estarem vendidos ao *Diabo do Meio-Dia*, que, mandando o duque de Alba invadir Portugal, com um exercito de 22:000 homens, assim poz a espada de *Brenno* na balança da justiça. Desde então data a nossa desgraçada escravidão de 60 annos, que terminou no glorioso dia 1.º de dezembro de 1640.

**ALMENÁRA**—fogo ou fogueira convencionada, com que desde os muros e torres ou atalayas, se dava signal de perigo (rebate.)

Eram os *telegraphos* dos nossos antigos. Depois vieram os *fachos*, que eram *almenáras* aperfeiçoadas.

**ALMENDRA**—villa, Beira Baixa, comarca de Meda, 18 kilometros de Pinhel, 12 a N. O. de Castello Rodrigo, 6 a E. do Côa, 345 ao E. de Lisboa, 270 fogos, 800 almas.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Concelho 620 fogos.

Situada em um plano, proximo do rio Aguiar. Tem uma fortaleza, em ruinas, feita em 1660, da qual eram alcaides-móres os condes de Castello Melhor, que eram donatarios da villa.

Seu territorio é muito fertil.

Ha n'esta villa uma fonte chamada *Fonte Grande*, muito funda e com seu arco, que se diz ser obra dos mouros. É muito abundante.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

A villa não é murada. Dentro da fortaleza fica a praça, pelourinho, casa da camara, cadeia e torre do relogio.

Ha no termo d'esta villa e a 2 kilometros de distancia, um grande cabeço, chamado do *Calábre*, em que se vê uma grande praça e forte muralha dos romanos; mas dentro está demolida, e hoje se semeia e leva uns 40 alqueires de semeadura. Diz-se que era aqui a cidade romana *Ravena*, onde foi martyrisado Santo Apolinario.

Parece mais provavel que fosse aqui a cidade romana *Caliabria* (de que *Calábre* é provavelmente corrupção.)

Segundo bons antiquarios, Santo Apolinario, foi o ultimo bispo de Caliabria, porém o seu martyrio não teve logar aqui, mas sim em Traz-os-Montes, na freguezia de *Urrôs*. Vide Caliabria e Urrôs.

Passam no termo d'esta villa, o Douro, o Côa e a ribeira de Aguiar.

D. Sancho I lhe deu foral, em fevereiro de 1202. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510.

*Almendra* é palavra hespanhola e quer dizer *Amendoa*.

É do concelho de Villa Nova de Foz-Côa, desde 1855.

**ALMENSENDINHA**—ribeira, Beira Baixa. Nasce junto á ermida de Santa Cruz, 6 kilometros de distancia do logar de *Vella*, em uma pequena fonte, para o N.

Suas margens são em parte cultivadas.

Morre na ribeira de Vella.

**ALMEXIA**—é mesmo a palavra arabe, *al-*

*mexia*, signal ou diviza por onde se possa conhecer qualquer pessoa. Era certo signal que D. Affonso IV mandou que os mouros de Portugal trouxessem sobre os vestidos, quando andassem vestidos á portugueza. Deriva-se do verbo *xaha*, que significa, marcar, assignalar, pôr diviza.

**ALMOCADEM**—posto militar dos primeiros tempos da nossa monarchia, porém mais usado na Africa portugueza. É a palavra arabe, *almocaddem*, significa *guia* ou director das tropas, na sua marcha, indo na frente d'ellas. É derivado do verbo *cadema*, adiantar-se, guiar, passar adiante. Depois se lheu deu em Portugal o nome de *fronteiros*, e em Castella o de *adelantados* (adiantados.) Vide *Fronteiro*.

**ALMOCAVAR**—é a palavra arabe *almacbar*, significa cemiterio ou sepulturas. Deriva-se do verbo *cabara*, enterrar, sepultar, etc. etc.

Em Lisboa o *almocavar* era perto da Mouraria, e era ahi que os mouros se enterravam.

Parece que era, pouco mais ou menos, na *Costa do Castello*, pelo que se collige da Chronica de D. Pedro I, pag. 124, que diz:

*El-rei, advertido por alguns zelosos, que as mulheres christãs tinham conversação com os mouros, mandou, com pena de morte, que quando ellas fossem pela porta de Santo André, á romaria de Santa Barbara, não fossem abaixo á Mouraria, mas que cortassem logo pelo almocavar.* (Vide Lisboa.)

**ALMODOVAR** ou **ALMODOUVAR**—villa, Alemtejo, comarca de Mertola, 18 kilometros ao S. de Ourique, 165 ao S. de Lisboa, 800 fogos, 3:000 almas.

O concelho tem 1:850 fogos.

Situada em planicie. Feira a 20 de julho, tres dias.

Tem Misericordia e um pequeno hospital, tudo antigo e pobre.

D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, em 17 de abril de 1285, e D. Manuel lh'o reformou em Lisboa, no 1.º de junho de 1512.

Almodovar, é corrupção da palavra arabe *al-mudauar*, que significa *a cousa redonda* ou *cercada em redondo*. Vem do verbo *daûara* (arredondar, cercar em redondo.) E, com effeito, no tempo dos mouros, seus fundadores, foi praça forte *cercada* de muralhas, com seu castello, do que ainda conserva ruinas.

Tem fabricas de cêra e é muito fertil.

A egreja matriz é o melhor edificio da villa; mas está bastante damnificada.

É seu orago Santo Ildefonso.

Foi a villa commenda do mestrado da Ordem de S. Thiago.

Em 1799, appareceram, na herdade da *Horta das Moutas*, freguezia de Santa Cruz, d'este concelho, muitas medalhas romanas e arabes, que em 1800 foram offerecidas á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Tem minas de manganez, no logar das Ferrarias, d'esta freguezia, pertencentes á Companhia de Mineração Portugueza.

Tinha um convento de frades franciscanos, fundado por fr. José Evangelista, lente jubilado da Universidade, *com o que herdou de seus paes*. Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 2 de setembro de 1680.

O padre Cardoso diz tambem que foi a 2 de setembro de 1680 que se lançou a primeira pedra para este convento, porém que quem o fundou foram Fernando Guerreiro e sua irmã, Barbara d'Alvellos, que deixaram muitas propriedades, moveis e dinheiro para esta fundação.

Eram donatarios da villa os marquezes de Vallença.

Tem extensos montados, onde cria muito gado, especialmente suino. Ha tambem por aqui muitas colmeias e caça.

Ha quem diga que esta villa já existia no tempo dos romanos, e que os arabes a reedificaram no seculo VIII.

Antes de ter a cathegoria de villa se chamava *Povoa d'Almodovar*.

Tanto no foral ,que lhe deu D. Diniz, como no que depois lhe deu D. Manuel, tinha esta villa grandes privilegios, inclusivamente o de *o povo d'aqui não pagar portagem em parte nenhuma*, nem os gados da villa e seu termo *montas*, como consta do *Regimento dos Verdes e Montados*.

A matriz (que foi do padroado real, e a deu D. Diniz á ordem militar de S. Thiago), é de tres naves, com quatro grossas columnas e duas meias columnas, em que firma o frontespicio. Como a capella-mór fosse muito pequena, em proporção do corpo da egreja, foi demolida e feita de novo, por ordem de D. João V, em 1747. É um dos melhores templos do Alemtejo. Havia duas torres no frontespicio (uma dos sinos, e outra do relogio); mas um raio destruiu a do relogio, no principio do seculo passado, fazendo-se a actual, no centro da villa.

A egreja matriz tinha um prior e tres beneficiados.

Na freguezia da villa nascem duas ribeiras, que são—*Oeiras* e *Ribeira-da-Villa.*

No *Serro da Cachaçuda,* d'esta freguezia, ha uma mina de manganez, que foi concedida a Frederico Harrison Schaw, em março de 1871.

Tem aqui uma bella casa e muitas rendas o sr. Visconde d'Athouguia, que n'ella costuma passar a estação do calor.

Este senhorcasou em 30 de junho de 1873 com a senhora D. Margarida d'Almeida e Vasconcellos.

**ALMOFALLA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Mondim, 12 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 70 fogos, 250 almas.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É a palavra arabe *almohalla,* que, assim como *alhella,* significa campo ou logar onde os arabes armavam as suas tendas e habitavam algum tempo. Deriva-se do verbo surdo *halla* (pernoitar). Quer, pois, dizer —acampamento ou arraial.

É tambem o antigo nome do sitio onde hoje se acha fundado o convento da Graça, em Lisboa (*Alhella,* que nós pronunciamos *Alfella.*)

Já disse que os portuguezes suppriram o *h* aspirado dos arabes por *f,* em quasi todas as palavras. Não assim os hespanhoes, que ainda usam d'elle aspirado.

Alguns dão este mesmo nome á villa de Mourão.

Ha em Portugal nove aldeias com o nome de *Almofalla.*

**ALMOFALLA**—villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho da Figueira de Castello Rodrigo (que fica a 5 kilometros e se vê da villa), 18 kilometros de Pinhel, 95 ao S. E. de Lamego, 360 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas.

Orago S. Pedro.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É situada em um valle que corre para o rio Agueda, distante d'aqui 3 kilometros, e outro tanto da raia hespanhola.

Produz trigo, centeio, vinho, fructa, etc.

Tem uma fonte d'agua mineral, clara, fresca e de bom gosto (como qualquer outra agua potavel de boa qualidade), que dizem ser remedio infallivel, e quasi milagroso, para a cura de obstrucções. Esta agua contém saes de differentes bases, taes como *carbonato* e *muriato de sóda, sulphato de magnesia e de ferro,* etc.

D. Martim Annes lhe deu foral em novembro de 1221.

Os d'esta villa explicam de um modo muito singular a etymologia do nome da sua terra, por uma lenda ou tradição antiga. Eil-a;

Tendo-se commettido na povoação um homicidio, estava para ser, por isso, enforcado um innocente, no proprio logar do delicto, e n'um grande *alamo* (ou olmo), que alli havia.

Quando o padecente ia subindo e mais o carrasco, para a forca improvisada, se ouviram umas vozes, e vendo o carrasco que sahiam da propria arvore, disse embasbacado—«*Alamo falla!*»

A boa da arvore denunciou o verdadeiro assassino. O innocente salvou-se d'este modo e ficou á terra o nome de *Alamo-falla!*

Agora é que eu digo:

«Alfana vient d'Equus, sans doute,
«Mais il faut avouer aussi,
«Qu'en venánt de la jusque ici,
«Il a bien changé sur la route.»

—

A sua verdadeira etymologia é a dita na *Almofalla* antecedente: não tem outra.

**ALMOGADEL**—É a palavra arabe *almajedal*—significa logar da contenda. Deriva-se do verbo *jadala*, contender, altercar, disputar. Ha no termo de Thomar uma antiga aldeia d'este nome.

**ALMOGAURES**—Portuguez antigo, derivado do arabe—*Almagauér*, significa guerreiro, pelejador, combatente. Vem do verbo *gara*, que quer dizer—combater, pelejar, guerrear, etc.

**ALMOGRABI**—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É mesmo a palavra arabe *al-mograbi*. Significa *logar* ou *aldeia do africano*.

Os orientaes chamam aos africanos *mograbins*, isto é, *occidentaes:* derivado de *garbon*, occidente.

**ALMONDA**—pequeno rio da Extremadura.

Nasce proximo a Torres Novas (nas vertentes da Serra de Ayre ou Minde, entre os logares do Pedrogão-Pequeno e Zibreira; 5 kilometros ao N. O. de Torres Novas), entra na direita do Tejo.

Parece derivado da palavra arabe *almodde*, medida de cereaes, correspondente ao nosso alqueire.

D'esta palavra procede, com certeza, a nossa antiga medida de liquidos—*almude*.

Os hebreus tambem dizem *modd*, e significa o mesmo.

Os romanos lhe chamavam *Alius-Munda* ou *Alius-Monda*, e pode ser que d'aqui lhe provenha o nome.

Rebenta todo junto, por um só *olho* d'agua, e se vae despenhando por entre muita e descomposta penedia, com tanto estrondo, que causa pavor a quem ouve. D'inverno, sobretudo é medonho.

Depois de passar, como se disse, rapido e furioso por abruptas penedias, se espraia, suave, por um valle assombrado de vetusto e basto arvoredo, até entrar pelo meio da villa de Torres Novas. Morre no Tejo, em frente do logar da Azinhaga.

Tem tres pontes, em Torres Novas, muito formosas, de cantaria lavrada (a ponte do *Ral*, a da *Levada* e a *Nova*).

Na Azinhaga ha outra, chamada do *Almonda*, muito alta, de um só arco, e tambem de cantaria lavrada.

Tem outras de menos fama.

Da agua d'este rio bebem os de Torres Novas, e fertiliza muito os seus campos.

Tem 12 kilometros de curso, e suas margens, de Torres Novas para baixo, são ferteis, bonitas e aprazíveis.

Cria bastante peixe.

**ALMORODE**—pequeno ribeiro, Douro.

Nasce parte na freguezia de Avióso, e parte em Silva-Escura, e, juntando-se por cima da ponte de Almorode, toma este nome.

Morre no rio Lessa.

**ALMORRO**—aldeia, Algarve.

É mesmo a palavra arabe *al-morro*. Significa *o amargoso*.

**ALMOSTER**—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere, 40 kilometros de Coimbra, 160 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Orago o Salvador do Mundo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Querem alguns que seja corrupção de *Almonasterium* ou *Almosterio*. Não me parece provavel que se juntasse o artigo *al*, arabe, á palavra latina: entretanto não ha outra etymologia.

Tambem em Hespanha ha algumas povoações d'este nome.

É do arcediagado de Penella. Está situada junto á serra d'Alvaiazere, 25 kilometros a E. d'Ourem, em um bonito valle. Era do padroado do mosteiro de Lorvão.

Produz muito trigo e azeite; do mais produz pouco.

**ALMOSTER**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 12 kilometros a O. de Santarem, 72 ao N. E. de Lisboa, 380 fogos.

Orago Santa Maria.

Situada em uma planicie.

Tem um convento de freiras *bernardas*, fundada em 1290, por uma nobre senhora, chamada D. Berengaria Ayres (dama d'honor da rainha Santa Izabel), filha de D. Ayres e D. Sancha, em uma quinta que herdou de seus paes, e aqui se fez freira.

Verdadeiramente, a fundadora d'este mos-

teiro foi D. Sancha Pires, mãe da dita Berengaria (em portuguez, *Berengueira*).

D. Sancha Pires fez testamento em 1287, e, entre outras coisas, diz:

«*Imprimeiramente mando que mha filha D. Beringueira, faça fazer hum Moesteiro de Monjas da Ordim de Cistel, ou d'outra Ordim, que seja a serviço de Deos, qual mha Filha tiver por bem, no meu logar d'Almoster.*» (Documento d'Almoster.)

Ora aqui temos um documento que nos embaraça. — D'elle se vê que a quinta, onde veiu a edificar-se o convento, já tinha o nome d'*Almoster*. Então não veiu ao sitio o nome por causa do mosteiro (*al-monasterium*).

Eu supponho que já aqui teria havido algum mosteiro que os arabes destruissem, quando invadiram a Luzitania, e que d'elle proveiu o nome ao logar. Os restos d'este mosteiro e a sua cerca seriam dados aos ascendentes de D. Sancha Pires, a qual, á hora da morte, lembrando-se que isto tinha sido convento de freiras, *bentas* (pois não havia outras nos primeiros tempos), quiz que fosse restaurado, sob a regra de *Cister*, que é uma reforma ou *filial* da ordem de S. Bento.—Não lhe acho outra explicação.

A rainha Santa Izabel lhe deu tambem muitas rendas.

Principiaram as obras em 1299, e já em 1300 estavam concluidas; porque as casas da quinta foram aproveitadas.

N'este convento professou e morreu freira D. Violante Gomes (a *Pelicana*) mãe de D. Antonio I (*o prior do Crato*). Era judia e de rara belleza. Fez-se christã a rogo de seu amante (alguns dizem marido, mas julgo que é êrro), que era o infante D. Luiz, duque de Beja, irmão do cardeal-rei, e filho de D. Manuel.—Era este o pae de D. Antonio I. (Vide Crato.)

Houve aqui uma grande batalha entre os realistas e liberaes, a 18 de fevereiro de 1834.

Nenhum dos partidos foi vencido, ambos ficaram nas posições antecedentes, mas ambos cantaram victoria.

As freiras d'aqui eram donatarias d'esta freguezia.

Havia um hospital para pobres, administrado pelas freiras, que lhe davam, cada anno, 38 moios de trigo.

Passa na freguezia o rio do seu nome.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

**ALMOSTER**—rio, Extremadura. Nasce proximo de Alcoentre e morre na *Valla da Azambuja*.

Suas margens são cultivadas e ferteis, e em parte arborisadas. Tem quatro pontes, sendo uma só de pedra, chamada *Ponte-Nova;* as outras são de madeira. Tem peixe.

**ALMOTACÉ** ou **ALMOTACEL** — palavra arabe (*almohtaceb*), o que marca o preço dos mantimentos, *curador*. Corresponde aos *edís* romanos, que superintendiam nos pesos e medidas. Deriva-se do verbo *haçaba*, que significa *contar, calcular, reputar, taxar* (o preço de qualquer coisa).

**ALMOUROL** (Castello de)—Está pittorescamente situado sobre um ilheu de rochedos, no meio do Tejo, proximo e na freguezia de Payo de Pelle (vide esta palavra), provincia da Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho da Barquinha, a 15 kilometros a S. E. de Thomar, 2 de Tancos, e 105 a E. de Lisboa.

Tambem alguns lhe chamam *Castello de Tancos.*

Fica tambem proximo da foz do Zezere, de Constança (antigamente Punhete), de Tancos e da Barquinha.

Foi reedificado pelo mestre dos templarios D. Gualdim Paes, de Marecos (vide Amares, Braga, Constança e Thomar) em 1160 segundo consta de uma inscripção que está sobre a porta do castello.

No *Archivo Pittoresco*, vol. I, n.º 31, diz-se que D. Gualdim Paes morreu em 1295; e elle morreu no seu castello de Thomar, em 1185.

D. Gualdim achou este castello em ruinas, e o reedificou quasi pelos fundamentos, aproveitando os materiaes do velho castello, que se julga ser obra dos romanos, ou dos antigos luzitanos.

Era dos templarios.

Este monumento venerando está ainda tão bem conservado, que resistirá por mui-

tos seculos á acção do tempo. Parece impossivel não ter ainda havido um argentario, que, comprando-o, aqui fizesse uma residencia de verão, como as do Rheno, e que seria bellissima.

Tem este castello, a O., quatro torres circulares, collocadas a distancias eguaes. A porta da entrada é em ogiva e pequena. Hoje é inutil. Sobre ella está uma inscripção quasi apagada. No centro da fortaleza está a torre de menagem, coroada de ameias, muitas ainda bem conservadas.

Ao S. ha vestigios de um antigo caes. Ao L. estão mais 5 torres, e a par da de menagem se eleva mais outra torre quadrada, sendo d'este lado muito alta a muralha da cortina.

O desembarque no ilheu é do lado do N. mas, como o antigo caminho está obstruido com pedras, entra-se no castello por uma brecha feita entre a terceira e quarta torre.

As torres eram de abobada, com formosas laçarias, mas isso cahiu tudo. Mostra, porém, que era obra de luxo, e que na sua construcção se empregaram os melhores artistas d'aquelle tempo.

A situação isolada d'este poetico monumento, edificado no meio das aguas do formoso Tejo, devia forçosamente inspirar a musa de antigos trovadores e romancistas, e, na verdade, o castello d'Almourol foi muito celebrado pelos poetas dos primeiros seculos da monarchia, que d'elle fizeram *logar de scena* para varios dramas de amor, em prosa e verso.

Tambem com o titulo de *Castello d'Almourol* principiou o primoroso escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, a escrever um bello romancesinho, que a morte lhe não deixou terminar. Vem nos *Contos e Lendas*, de que é editora a mesma empresa que edita este *Diccionario*.

Seria longo (mas não talvez fastidioso) narrar aqui todas as tradições cavalheirescas d'este castello romantico; mas se fosse fazer isso em todos os monumentos coevos dos *cavalleiros andantes* e dos *trovadores*, seria interminavel este diccionario; relatarei apenas, e rapidamente, as seguintes:

—

Era, no seculo XII, senhor d'Almouro um emir arabe, chamado Al-morolan (do qual pretendem alguns que o castello tomou o nome), e o mouro n'elle habitava com sua filha, uma formosissima donzella, que seu pae adorava.

Um cavalleiro christão a havia seduzido, pelo que ella o introduzia de noite no castello.

Elle, abusando perfidamente do amor da donzella, escolheu uma noite escura, e, sendo introduzido no castello, abriu as portas d'elle aos seus companheiros (que para isto já tniha deixado perto), e foi assim o castello tomado por traição.

O emir e sua filha, abraçados um ao outro, preferiram atirar-se do castello ao rio (onde morreram afogados), a serem captivos de christãos.

—

Francisco de Moraes, na sua *Chronica de Palmeirim d'Inglaterra*, diz que este castello era do gigante Almourol.

Aqui vieram ter as princezas Polinarda e Misaguarda, com suas donas e donzellas, a quem o gigante deu hospitalidade e tratou com as maiores attenções.

Palmeirim tenta roubal-as, e salta na explanada do castello; mas ahi estava o *cavalleiro triste*, vencedor de maiores campeões d'aquellas eras, o qual, desafiando Palmeirim para um *passo d'armas*, que alli tinha estabelecido, o venceu e feriu, tendo Palmeirim de ir curar-se das feridas, para uma villa distante tres kilometros do castello (provavelmente Payo de Pelle).

O gigante *Dramusiando*, tendo noticia das grandes forças d'Almourol, quiz medir as suas com elle, e aqui o veiu procurar, combateu com elle, e o venceu.

Dramusiando ficou desde então de guarda ás princezas, em logar d'Almourol, obrando maravilhas de força e valor, etc., etc.

(Quem quizer ter conhecimento amplo das lendas que dizem respeito a este castello veja a dita *Chronica de Palmeirim*, parte II, cap. 60 e seguintes.)

—

Ainda ha outra lenda d'este castello, conservada por tradição, entre o povo d'estes

sitios, e narrada por alguns escriptores antigos. Eil-a:

Era dono do castello, em tempos antigos (ahi pelos seculos IX ou X), um senhor godo, chamado D. Ramiro, casado, e tendo uma filha unica.

Era um valoroso soldado, mas rude, orgulhoso e cruel, como eram a maior parte dos senhores de sangue gothico.

D. Ramiro partira para combater os moiros, deixando inconsolaveis sua esposa e filha, ambas muito formosas.

Tendo commettido mil atrocidades durante a campanha, voltava, orgulhoso de seus feitos, quando, proximo do castello, encontrou duas moiras, mãe e filha, ambas tão lindas como a esposa e filha que deixára em seu solar.

A filha trazia uma bilha com agua, e como D. Ramiro estava devorado pela sede, dirigiu-se a ella, pedindo-lhe de beber; a pequena moira assustou-se e deixou cahir a bilha, que se quebrou.

D. Ramiro, cego pela raiva, enristou a lança, e feriu as duas desgraçadas, que morreram logo, amaldiçoando-o.

N'este momento, appareceu um pequeno moiro de 11 annos, filho e irmão das assassinadas, e o cavalleiro trouxe-o captivo para o seu castello.

O moiro, chegando a Almourol, viu a mulher e a filha de D. Ramiro, e jurou logo que seriam ellas as victimas da sua vingança.

Passaram annos. A esposa do castellão cahiu doente, e, pouco a pouco, se foi definhando, até que morreu, em resultado de um veneno subtil que o moiro lhe propinára.

D. Ramiro, cheio de desgostos, voltou a combater os infieis, deixando no seu solar a filha, em companhia de novo pagem.

Amaram-se os dois, e esta paixão foi uma terrivel lucta para o coração do mancebo.

Uma tarde de verão, chegou ao castello D. Rodrigo, acompanhado por um outro castellão, a quem promettera a mão de sua filha.

Foi um golpe fatal para os dois amantes, que se estremeciam.

O moiro, então, allucinado e perdido, contou tudo a Beatriz, as crueldades do pae, os protestos de vingança, que lhe referviam no peito, a morte da mãe, e a lucta que sa travára entre o seu amor e o juramento que fizera.

Não se sabe o que se seguiu a esta confissão; o que diz entretanto a lenda é que Beatriz e o moiro desappareceram, sem que mais houvesse noticias d'elles, e que D. Ramiro, cheio de remorsos e desgostos, morreu, pouco depois, ficando o castello abandonado, e cahindo, pouco a pouco, em ruinas.

A lenda diz mais que, em a noite de S. João, apparecem na torre mais alta do castello, o moiro abraçado a Beatriz, D. Ramiro rojando-se-lhe aos pés e a mulher junto d'elle, implorando clemencia, sempre que o moiro solta a palavra — maldição!

Como se vê, não é só nos castellos do Rheno, que ha lendas e tradições a contar ao viajante. No nosso paiz tambem ellas abundam, servindo-lhes, quasi sempre, para thema a lucta travada entre christãos e infieis.

—

Dizem alguns que os romanos davam a este castello o nome de *Castrum Morum;* outros querem que *Morum* (ou Móro) seja Punhete (a actual *Constança*). Viterbo diz que o primeiro nome d'este castello foi *Muriella*, e que já era celebre no tempo dos romanos.

Fica tambem proximo da ponte do caminho de ferro de leste, que atravessa o Tejo. O primeiro risco d'esta ponte era mesmo por *Almourol.*

—

Havia n'este castello uma inscripção latina, gravada em bello marmore (que por extensa não copio. Quem a quizer ler, veja o Elucidario de Viterbo, tom. 2.°, pag. 356.) N'esta inscripção se mencionam as principaes façanhas do mestre do Templo, D. Gualdim Paes, de Marecos. Foi elle quem deu foral, em 1170, aos povoadores d'este castello

(Vide Templarios) d'onde se collige que, além da guarnição, havia aqui povoação permanente, e que tinha termo proprio, em uma, ou ambas, as margens do rio. (Para a biographia de D. Gualdim Paes, vide *Amares*, que é a antiga *Marecos*).

**ALMOXARIFE**—é a palavra arabe *almaxarraf*, significa eminente, condecorado, honrado, constituido em dignidade, etc. Deriva-se do verbo *xarrafa*, estar alto, ser honrado, ter alguma dignidade etc.

Em Portugal dá-se o nome de *almoxarife* ao cobrador dos direitos reaes, e ao administrador de certas casas grandes, como a de Bragança, Cadaval e outras.

**ALMUDE**—antiga medida portugueza até ha pouco tempo usada em Portugal. É a palavra arabe *almodde*.

No tempo da dominação agarena, e ainda no dos nossos primeiros reis, almude, que tambem se escrevia sem corrupção *almode* e sem o artigo *al* (alatinisando a palavra) dizendo-se *módio*, era medida tanto de seccos como de liquidos. Correspondia a um alqueire, mas era muito maior do que os alqueires modernos, e variava muito de capacidade, segundo as terras. Com o tempo, d'esta palavra se fizeram duas, e com duas differentes significações, isto é, *módio* (que degenerou em moio) foi medida para seccos, que quando acabou (e já alguns seculos antes) eram 60 alqueires; e almude, que era medida de liquidos e comprehendia dois cantaros ou 48 quartilhos.

Os hebreus tambem teem o seu *modd*.

Talvez fosse d'esta palavra que os arabes fizeram o seu *al-modde*.

Note-se porém que hoje é talvez impossivel deslindar esta barafunda de medidas, sobretudo, desde o seculo VIII até o rei D. Diniz. Vê-se nos antigos foraes, instituições de vinculos, emprazamentos, etc., que o *módio*, se em umas terras designava um alqueire, n'outras designava quatro; uma fanga ou fanéga (como ainda se diz no Algarve) e n'outros varios numeros de alqueires ou fangas.

Viterbo e outros bons escriptores, suppõem, com muito bons fundamentos, que *módio* era tambem certa moeda antiga, mas parece que tambem de valor differente, segundo as localidades. É incontestavel que muitas propriedades e outros objectos se compravam por *módios*.

Para evitar repetições, vêde o que digo na palavra *Módio*.

**ALMUINHA**—portuguez antigo, horta, pomar, e tambem campo tapado sobre si, proximo do povoado, que é de regadío e dá, ou póde dar, toda a casta de fructos. Ha em Portugal algumas aldeias e muitos sitios assim chamados. Em algumas partes teem corrompido o nome d'estes sitios, chamando-lhe *Alminhas*.

**ALMURO**—ribeira, Alemtejo, nasce na serra das *Alcarapinhas*, na herdade das *Casas Velhas* (6 kilometros distante de Elvas) de um regato. 15 kilometros da sua nascente, se chama *Rio de Gatos* e d'ahi para baixo *Almuro*. Juntando-se a outra ribeira que vem de Monforte, perde o nome e ambos tomam o de *Ribeira Grande*, com que morre no Tejo. É pouco abundante de agua e de peixe. A mesma etymologia de *Almorro*; significa amargoso. Vide *Almorro*.

**ALMURO**—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Monforte, 30 kilometros ao S. de Elvas, 160 a E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Pedro.

A etymologia antecedente.

Era do concelho de Veiros. Em 24 de outubro de 1855 passou para o de Fronteira e em 18 de dezembro de 1872 passou para o de Monforte. Bispado de Elvas, districto de Portalegre.

**ALPALHÃO**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 12 kilometros ao NE. do Crato, 24 a NO. de Portalegre, 190 ao E. de Lisboa, 500 fogos, 1:800 almas.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Esta villa é celebre pelos seus excellentes queijos, os melhores do reino, á excepção dos do Rabaçal.

Foi primeiramente fundada no *Monte dos Sete*, hoje é situada em uma extensa planicie, cercada de muros, com seu castello, sendo este obra de D. Diniz, em 1300, e aquelles de D. João IV, em 1660. Está tudo desmantelado.

É regada pelo rio do seu nome.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de outubro de 1512.

Não se sabe quem foram os fundadores d'esta villa, só se sabe que é antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Fraginum* ou *Fraxinum.*

Outros porém dizem que *Fraginum* era a actual villa de *Gavião.*

É terra muito fertil.

Tem misericordia e hospital

Eram seus alcaides-móres e commendadores os marquezes de Arronches (ou de Abrantes). Uns auctores dizem que eram os de Arronches, outros dizem que eram os de Abrantes, no que julgo não haver engano, porque me parece que os ultimos herdaram a casa e o titulo dos primeiros.

D'esta villa se descobre Niza e Castello de Vide, ambas a 10 kilometros de distancia.

A villa era do mestrado da Ordem de Christo.

Tem duas fontes publicas, a *d'Arca,* de cantaria, com as armas reaes, e a da *Lama,* de optima agua.

Ha tambem duas aldeias d'este nome (Alpalhão) uma na freguezia d'Envendos, na Extremadura; outra na freguezia de Tamengos, na Bairrada.

É no bispado e districto administrativo de Portalegre.

**ALPANDE**—ribeira, Traz-os-Montes, nasce no logar de Quintella, freguezia de Friões, e na freguezia de Ervões se junta com outra ribeira, no sitio dos *Cadavados.* Morre na *Ribeira Doura.*

**ALPARAGÃO**—ribeira, Alemtejo, nasce nos *Cóllos de S. Marcos,* e recebe os ribeiros de Valle d'Açor e Valle do Bispo. Mette-se no rio *Sôr,* depois de 9 kilometros de curso. Bom peixe miudo.

Antigamente fazia boas e rendosas lezirias, mas ha mais de 120 annos, por causa das areias que o mesmo rio traz, nas enchentes, se acham totalmente destruidas e infructiferas.

**ALPARRAGÃO**—villa, Alemtejo. Querem alguns auctores de credito, que existisse uma villa com este nome, na freguezia de S. Pedro da Ervideira, termo da villa de Seda, concelho de Aviz. Hoje não ha outra memoria d'esta villa, senão na egreja da Ervideira uma imagem com o nome de *Nossa Senhora de Alparragão.*

**ALPEDREIRA**—serra, Alemtejo, com 12 kilometros de comprido e 6 de largo. Cria matto bravo, estevas, carrascos, medronheiros, alecrim etc. Tem muita pedra. Não tem agua. Ha vestigios de se explorarem aqui minas de ferro, e ainda a um sitio se chama *Ferrarias.* É no arcebispado de Evora. Cria lobos, rapozas e caça. Faz parte da serra d'Ossa.

**ALPEDRINHA**—villa, Beira Baixa, comarca do Fundão, 50 kilometros da Guarda, 5 a ENE. de Castello Novo, 245 ao E. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas, concelho 1:800 fogos.

A sua situação (nas fraldas da serra da Gardunha) é tão elevada, que d'aqui se avistam muitos logares em redor (quasi toda a Beira Baixa).

Vê-se Bemposta, Monsanto, Salvaterra, Zibreira, Rosmaninhal, Castello Branco, Atalaia, Marvão, Albuquerque, (em Castella) etc.

Corre-lhe ao sopé o rio *Alperiada,* e é muito fertil, sobretudo em optimo azeite.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco. Hoje é concelho do Fundão.

É povoação antiquissima e os romanos lhe chamavam *Petrata* ou *Petratinia.*

Outros dizem que *Petratinia* é a actual Alpedrinha, e que *Petrata* era uma colonia romana que existia 3 kilometros ao S., sobre um monte a que hoje chamam *Carvalhal Redondo.* É certo que teem aqui apparecido sepulturas com inscripções latinas. Deve pois concluir-se que a *Petratinia* dos romanos é com certeza a moderna Alpedrinha. Isto mesmo confirma o padre Cardoso, pois diz que Petratinia era um arrabalde de Petrata.

Tanto em Alpedrinha como em Carvalhal Redondo, tem apparecido muitos canos de chumbo e de pedra, restos de columnas doricas e toscanas, tijolos, pedaços de vidraça muito grossa, alicerces de casas etc. etc. Em um dos canos ainda se lia a seguinte inscripção: *Ex Officina Fabrici.*

Parece que os arabes lhe chamavam *Alperiada*, nome que o rio ainda conserva.

No *Valle da Torre*, a 10 kilometros a SE. da villa, descobriram-se em dezembro de 1849, muitas moedas romanas, de prata e cobre prateado e algumas de Sertorio.

Teem quasi todas, de um lado, a palavra —Roma—e do outro o nome, ou as iniciaes do heroe a quem foram dedicadas.

No meio da villa ha uma profunda cova, tapada com uma lagem. A lagem (ou lousa) tem esta inscripção: *Guarte d'aqui!*

Ninguem lhe sabe a origem, o destino, nem a profundidade.

Tem um magestoso chafariz, mandado fazer por D. João V. Foi principiado em 1722. Tem tres canos de bronze. É muito abundante de optima agua. Está ao cimo da villa e é de ordem dorica. Ha mais tres fontes publicas grandes, e muitas mais pequenas, além das particulares.

A egreja matriz é de tres naves e toda de cantaria.

Tem Misericordia e hospital, pobres; e uma boa capella dos terceiros de S. Francisco.

Boa casa da camara, antiga.

É terra muito fertil em tudo, e muito saudavel.

Na encosta em que a villa está fundada, ha tambem as fontes da *Ratinha* e das *Canadas*, ambas abundantissimas e de agua optima e frigidissima.

Ha aqui tambem muitas colmeias e caça.

Além da matriz, da Misericordia e da capella dos terceiros, tem a villa as capellas de Santo Antonio, Espirito Santo, Senhor da Oliveira, Santa Catharina, Menino Deus e S. Sebastião, e a pouca distancia da villa Santa Maria Magdalena e S. Miguel Archanjo.

É patria de D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa e de D. Pedro da Costa, bispo do Porto e Osma. É tambem patria do celebre D. Jorge da Costa (o cardeal de Alpedrinha) de que adiante se tratará.

Proximo á villa appareceu em 1868 uma moeda de cobre, romana, da circumferencia de 500 réis em prata, mas com o dobro da grossura. Tem uma effigie bem gravada com a legenda—*P. Septimus Getus Pius Augustus.* —No reverso tem uma figura de homem, sentado em uma especie de carro, tendo por baixo das letras—*Portredtrphico.*

Aquellas duas effigies são de Publio Septimo Geta e Caracalla, que reinaram simultaneamente em Roma, no anno 211 (173).

Aqui nasceu, em 1406, D. Jorge da Costa (geralmente conhecido por o *cardeal de Alpedrinha*). Foi mestre da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte; confessor de D. Affonso V, bispo de Evora e arcebispo de Lisboa. Era filho de Martim Vaz e de Catharina Gonçalves, pobres moradores d'esta villa. Morreu em Roma a 19 de setembro de 1508 (de 102 annos!)

Foi o padre mais rico do seu tempo. Recebia as rendas dos arcebispados de Lisboa e Braga e dos bispados do Porto, Vizeu e Ceuta e de mais cinco em Italia; de 18 abbadias em Portugal, Veneza, Castella e Navarra e outros muitos beneficios!

Teve muitos votos para papa, os quaes cedeu em Alexandre VI.

Já se vê que o nome de Alpedrinha é corrupção de *Petratinia*, com o artigo arabe anteposto.

Pedro Guterri lhe deu foral, em maio de 1202.

Aqui falleceu no fim de junho de 1870 o virtuoso e exemplarissimo fidalgo, José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz, que havia sido tenente coronel do batalhão de voluntarios realistas de Castello Branco e Penamacor. Era muito rico, mas de uma caridade evangelica inexcedivel. Havia nascido em Penamacor, em 1805.

**ALPEDRIZ**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao O. de Leiria, 6 ao N. de Aljubarrota, 120 ao NE. de Lisboa, 200 fogos, 800 almas.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Situada em bella, amena e fertil planicie, junto á ribeira do seu nome, ou *Rio do Moinho.*

É fundação dos arabes, no seculo IX, os quaes lhe deram o nome de *Abidriz* (do qual se deriva o actual), *Driz* é nome proprio de homem, *Abi* significa pae. Vem pois a ser *Povoação do pae de Driz.*

Tem bonitas quintas.

D. Affonso I lhe deu foral em 1150, em cujo anno a mandou povoar. (Havia-a tomado aos mouros em 1147)

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 20 de março de 1515. (Franklin não falla na existencia do foral velho).

Era da Ordem de S. Bento de Aviz.

Tem Misericordia e hospital, antigos e pobres.

Gozava esta villa o privilegio de *caseiros da Ordem de S. Bento de Aviz.*

Tem muitas e boas fontes, e o rio, que lhe dá a muita fertilidade de seus campos.

Era priorado do cabido de Leiria. Tinha juiz ordinario e uma companhia de ordenanças.

**ALPENDORADA** ou **PENDORADA**—vide *Alpendurada.*

**ALPENDURADA** ou **PENDURADA**—villa e couto extincto, Douro, situada em logar alto, sobranceiro ao Douro e na sua margem direita. Comarca e concelho do Marco de Canavezes, 35 kilometros a NE. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. João Baptista e S. Miguel Archanjo.

Grande convento de benedictinos, junto ao monte *Arados*, com magestosa egreja, extensa cêrca, com bons pomares e optimo e grande laranjal, em uma posição aprasivel, em frente da freguezia de Souzêllo.

Este convento foi fundado por um padre chamado *Velino* ou *Silva Velino*, eremitão da capella de Santa Sabina, martyr, e um seu compadre chamado *Arguirio*, do logar de *Cabanellas* (ou *Campanellas*) em 1062, durante o reinado de Fernando Magno, e foi sagrado pelo bispo do Porto D. Sisnando.

Parece que Velino e seu compadre só edificaram uma humilde capella, dedicada a S. João Baptista, situada entre *Agua de tres sequeiros* e as lagoas (a *Benedictina lusitana* diz que fizeram isto por terem ouvido uma voz divina que assim lh'o ordenava).

*D. Moninho Viegas* (outros dizem *Munio Viegas*, outros *Moninho Hermigues*) rico homem d'estas terras, amava uma formosa e nobre donzella christã, e quando estava proximo a casar com ella, foi pedida a seu pae por um poderoso cavalleiro mouro, e como lhe fosse negada, o mouro assassinou o pae á vista da donzella, a qual arrancando do peito do assassinado o punhal homicida se matou alli com elle.

Quando D. Moninho soube tão triste nova, jurou tomar cruel vingança contra o mouro e a sua raça, e se foi com a sua hoste fazer crua guerra aos infieis. Depois de derramar muito sangue d'elles, ficou captivo, e então fez promessa de—se saisse do captiveiro—fundar um convento dedicado a S. João Baptista, junto á ermida de *Arados*, dando-lhe tudo quanto tinha. Conseguindo a liberdade, cumpriu o voto.

*D. Moninho Viegas* (ou *Hermigues*) ampliou o convento e lhe deu o padroado de nove egrejas e outras rendas, e uma imagem de S. João Baptista (padroeiro do convento) de prata.

Teve muitas mais doações. A rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, o fez couto em 1123, o que seu filho D. Affonso Henriques confirmou, em 1132. Em 1599, mandaram os frades para o Porto e deram o convento a commendatarios; mas em 1611 tornaram a vir os frades.

Quando os frades foram para o convento de S. Bento, do Porto, levaram todas as alfaias da egreja e capellas, retabulos, orgão, sinos, etc. Em 1611, tornando a ser convento de frades, vieram para aqui nove monges de S. Bento, do Porto, trazendo a mobilia e mais cousas que tinham levado; mas não ficaram senhores de todas as rendas do mosteiro. Recebiam só 1:200$000 réis, e o mais ia para o seu convento do Porto.

No cimo do monte *Arados* ha vestigios de fortificações romanas ou arabes, e em frente, na margem opposta do rio (esquerda) tambem ha ruinas de uma fortaleza antiga.

Dizem uns que o nome de *Alpendurada* lhe provém de um grande *alpendre* que antigamente havia á porta da egreja. Outros querem que seja *Pendurada*, pela sua posição imminente ao rio Douro.

Darei mais alguns esclarecimentos sobre a egreja e convento de Alpendurada.

Á saida da capella-mór e no espaço comprehendido entre a sachristia e a livraria,

ha duas lapides com inscripções; a inferior diz:

VELINO, SACERDOTE E ABBADE
ASSISTENTE EM SANTA SA-
BINA, PELAS TRES REVELAÇÕES
QUE TEVE PARA EDIFICAR EGREJA
A S. JOÃO BAPTISTA, N'ESTE LOGAR,
QUE IGNORAVA, ONDE APPARECIAM
LUZES DO CEU; FUNDOU NO ANNO
DE CHRISTO 1055 E NO DE
1065 A SAGROU SISNANDO,
2.º BISPO DO PORTO E LHE COLLOCOU
VARIAS RELIQUIAS, UMA DAS
QUAES É A QUE AINDA HOJE
SE VENERA N'ESTE MOSTEIRO,
DO DEDO INDEX DA MÃO ES-
QUERDA DO GRANDE BAPTISTA.
E NO MESMO ANNO DE 1065
ELEGEU VELINO POR ABBADE,
EXAMENO E LHE FEZ DOAÇÃO, E
A 12 MONGES, DO MOSTEIRO,
COM O TITULO DE S. JOÃO, E
REGRA DE S. BENTO: E NO AN-
NO DE 1072, OS DITOS VELINO
E EXAMENO DOARAM O PA-
DROADO DO MOSTEIRO AO ILL.^e
MUNIO VIEGAS; E NO ANNO
DE 1123 DOOU AO MOSTEIRO
O PADROADO, E O DE S.^TA SABINA,
O ILL.^e PAYO SOARES, GENRO DE
SERRAZIM VIEGAS, FILHO DO
PADROEIRO MUNIO; O QUAL
SERRAZIM, NO AN. DE 1123,
PELOS SERVIÇOS NAS GUERRAS,
E O QUE LARGOU Á CORÔA, CON-
SEGUIU PARA O MOSTEIRO, DA
RAINHA D.^a THEREZA E EL-REI
D. AFFONSO 1.º, O COUTO DE PEN-
DORADA; E NO ANNO DE 1132,
O DE VILLA-MEAN, OU ESCA-
MARÃO: E OUTROS MUITOS PRI-
VILEGIOS, PADROADOS D'EGREJAS
E LIBERDADES, QUE ESTES ILLUSTRES
PADROEIROS E SEUS PARENTES
GRATUITAMENTE DOARAM AO
MOSTEIRO.
TEM MAIS ESTE MOSTEIRO A
HONRA D'OS DONS ABBADES
SEREM CAPELLÃES DE S. M.;
MERCÊ, COM OUTRAS MUITAS,
E DOS MAIS REIS, CONCEDIDA
POR EL-REI D. JOÃO 1.º, ANNO
1423.
ESTAS, NOTAS DOS PERGAMINHOS
ORIGINAES DO CARTORIO, FORAM
EXTRAHIDAS, E AQUI EXARADAS,
PELO P.^e RV.^o FREI JOÃO CHRISOSTOMO
DE SANTA THEREZA, ANNO 1764.

—

Esta extensa inscripção devo-a á obsequiosidade do meu illustre amigo Alberto Pimentel, estudioso e distincto litterato, bem conhecido, que varios annos residiu em Souzéllo e immediações. Mas o sr. Pimentel copiou fielmente o que viu escripto—e fez bem—eu porém, tenho obrigação de fazer as necessarias correcções a tal inscripção. Eil'as.

Tudo o que atraz deixo dito sobre a fundação d'este convento (antes de transcrever a inscripção) o achei na quasi sempre veridica *Benedictina lusitana*, no, com muita razão, acreditadissimo *Elucidario* de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo e em outras obras dignas de todo o credito.

Ha pois contradicção entre estas e a inscripção que mandou escrever fr. João Chrisostomo de Santa Thereza, estando tambem esta em opposição a factos historicos incontestaveis e incontestados: senão vejamos.

Todos os antiquarios são concordes em dizer que na era de 1100 (1062 de Jesus Christo) o tal *Velino e seu compadre Arguirio*, a que tambem alguns escriptores chamam *Argirio* (a inscripção não falla no compadre) fundaram o convento, reinando então D. Fernando Magno, de Castella e Leão. A inscripção antecipa sete annos esta fundação; mas isso não é essencial.

D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, *coutou* o convento d'Alpendurada em 1123, e seu filho, o nosso primeiro rei, confirmou este *encoutamento* em 1132. D. Thereza deu o couto aos frades, logo que o fez, como se via da *carta de encoutamento* que existia no cartorio d'Alpendurada, e *Serrazim Viegas* não deu aos frades o *couto*, que já era d'elles, mas sim o *padroado* da egreja, que era cousa muito differente.

Tambem quem deu ao convento da Alpendurada o couto de Villa-Mean ou Escamarão, não foi, nem podia ser, D. Thereza; pois sendo a doação feita em 1132, já aquella senhora tinha morrido havia dois annos. Quem lh'o deu pois, e outras muitas mais cousas, foi D. Affonso Henriques.

Já se vê que na inscripção não ha grandes erros; mas, como este livro é um registo de antiguidades patrias, devo esmiuçar bem quaesquer pontos que possam causar

duvidas ou contradicções, por pequenas que sejam.

—

Na sala do capitulo estavam (e parece-me que ainda estão) dois retratos. Um é de Munio Viegas, com este letreiro:

MUNIO VIEGAS, 1.º PADROEIRO
E GRANDE BEMFEITOR D'ESTE
MOSTEIRO. VIVEU PELOS ANNOS
1072.

O outro é de um abbade, e diz:

D. AFFONSO MARTINS, PENULTIMO ABBADE PERPETUO D'ESTE
MOSTEIRO. HA MEMORIA D'ELLE
DESDE O ANNO DE 1367 POR DIANTE.
ASSISTIU ÁS CORTES DE COIMBRA, EM
QUE FOI ACCLAMADO REI O SNR.
D. JOÃO 1.º, O QUAL LHE CONCEDEU,
PARA ELLE E SEUS SUCCESSORES,
O PRIVILEGIO DE SEU CAPELLÃO,
E CONCEDEU OUTROS MUITOS PRIVILEGIOS AO MOSTEIRO.

Estes retratos estão ambos pintados em um só panno.

—

Em outro panno, estão os retratos de *Velino* e *Exameno;* ambos de habitos talares, e o segundo com baculo. Tem o seguinte letreiro:

VELINO, ABBADE DE
SANTA SABINA. FUNDOU
ESTE MOSTEIRO PELOS ANNOS
1059. FEZ DOAÇÃO E
ENTREGA D'ELLE A EXAMENO,
MONJE E ABBADE BENEDICTINO,
PELOS ANNOS DE 1065.

(Aqui temos outra data da fundação do mosteiro. Antecipa 3 annos os auctores citados e dá 4 de menos á inscripção grande. Este adoptou o *meio termo*, e fez bem).

—

E no panno fronteiro:

PIO VII, SUMMO PONTIFICE,
CHAMADO ANTES GREGORIO
BARNABÉ CHIARAMONTE,
MONJE BENEDICTINO. NASCEU
EM CESENA, A 14 D'AGOSTO
DE 1742. FOI ELEITO A 14
E COROADO A 23 DE MARÇO DE
1800.

Este papa, que foi o 250.º na ordem dos pontifices romanos, é celebre nos annaes da historia do seculo XIX, por ter sido preso por Buonaparte, tel'o depois sagrado imperador, e descasado com a celebre creoula Josephina, para o casar com a princeza Maria Luiza, filha do imperador da Austria.

—

Tenho visto muitas vezes escripto o nome d'esta freguezia sem o artigo arabe *al*, isto é, *Pendorada*. Não é erro, porque vem de *pendor* (declivio, inclinação) assim como *Pendurada*, que vem do verbo *pendurar*, suspender. Qualquer d'estes dois nomes *quadram* á posição do convento.

Esta freguezia é no bispado e districto administrativo do Porto.

Hoje é uma bella e rendosa propriedade particular da senhora viscondessa d'Alpoendurada, reparada de novo, e que produz muito e optimo vinho verde, cereaes e fructas, sobretudo laranjas muito boas e em abundancia. Está em uma bellissima situação.

Vide Alvarenga.

**ALPIARÇA** ou **ALPIAÇA**—freguezia, no Alemtejo, comarca da Chamusca, concelho de Almeirim, 90 kilometros a N. E. de Lisboa, 10 ao S. E. de Santarem, 700 fogos.

Orago Santo Eustaquio.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada na margem direita do rio do mesmo nome, em uma planicie, d'onde se vê Santarem.

Muito abundante de fructos, cereaes, e peixe.

Foi villa.

Passava aqui uma das *vias militares* romanas, que de Lisboa se dirigiam a Mérida, e por estes sitios teem apparecido varios *marcos milliarios*, dedicados ao imperador Trajano.

Foi curato do vigario de Santa Iria.

No momento em que estou escrevendo (junho de 1873), anda a junta de parochia promovendo uma subscripção para a construcção de uma nova egreja matriz, por a actual ser muito antiga e estar arruinada. Honra lhe seja!

**ALPIARÇA**—rio, Extremadura, comarca da Chamusca.

Nasce proximo da villa de Ulme. Corre de N. a S., fertilisando muitos campos.

Em alguns sitios lhe chamam ribeira de Ulme, e n'outros *Alpiaçoulo.*

Entra na esquerda do Tejo, quasi defronte de Vallada, com 70 kilometros de curso.

**ALPORTEL**—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1:200 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em uma eminencia, mas cercada de outras ainda maiores, de modo que em relação a estas, fica em uma baixa.

Foi da casa das rainhas.

Tem minas de cobre, já exploradas pelos romanos.

Alportel é uma aldeia grande e bonita, com casas e ruas boas.

A matriz, que é uma formosa egreja de tres naves, está em um bonito largo.

Ha aqui uma fonte abundante de boa agua, cujos remanescentes regam e moem.

Produz muito bom vinho, optimas laranjas, e outras fructas.

A O. no sitio do *Bicalto* (ou Bico Alto), nasce a ribeira d'Alportel, que segue parallella á estrada de Loulé para S. Braz.

Ha aqui muitas pedreiras de cal, e muitos fornos, em que se cose para a freguezia e para exportar.

É das maiores freguezias ruraes do Algarve.

**ALPORTEL**—rio, Algarve. Nasce ao O. da serra de S. Braz, e finda, do E., junto á capella de S. Domingos, no rio Asseca, proximo de Tavira.

Tem muito peixe, sobretudo barbos e pardelhas.

**ALPREADE** ou **ALPEREADE**—rio, Beira Baixa, termo de Castello-Novo.

Nasce na serra da Gardunha, de dois ribeiros, chamados *Gualdim* e *Casa do Gonçalo.* A 6 kilometros do seu nascimento recebe a ribeira de Richoso, e mais tres ribeiros chamados do *Cão,* das *Enguias,* e das *Costeiras;* tudo nos limites de Castello-Novo.

Os primeiros 6 kilometros corre arrebatado por entre penedias, depois é plano e rega varias fazendas e arvoredos.

Cria trutas e bordallos.

Conserva o nome até uma ponte de pedra proxima do ogar das *Zebras,* onde toma o nome de Richoso, o qual perde passando o logar, e torna a adquirir o de Alpereade, com que morre no rio Ponsul, no sitio de Belgaios.

Têem quatro pontes de pedra: uma junto á villa de Castello-Novo, outra d'ali uma legua, chamada da *Azenha;* entrando nos limites da villa da Atalaya do Campo, tem outra de cantaria, de cinco arcos, muito bem feita, e finalmente a *Ponte-Nova,* entre os logares de Olêdo e Sousa.

Tem 34 azenhas de pão, 3 lagares d'azeite e um pizão.

Foi dos condes de Povolide.

**ALQUEIDÃO** ou **ALQUIDÃO**—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Mós, comarca e 18 kilometros de Leiria, 135 ao N. O. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. José.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

É a palavra arabe *alquidam.* Significa—*passos* ou *passadas.*

É terra muito fertil.

Ha em Portugal 29 aldeias com o nome de Alqueidão, quasi todas na Extremadura.

**ALQUEIDÃO DA SERRA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros a E. de Lisboa, 300 fogos. Orago Santa Maria.

Situada em um pequeno monte junto á serra de Ayre ou Minde (mas a maiór parte da freguezia é n'esta serra).

Produz muito e bom vinho, algum pão, e azeite, e grande abundancia de alhos.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

**ALQUEIDÃO**—serra, Extremadura, bispado de Leiria.

Toma diversos nomes, segundo os logares por onde passa v. gr.—*Arrebentão, Valle d'Orem, Casal dos Bouceiros, Vallongo, Demo* e *Charneca doSabugueiro.* N'ella não nascem rios, nem fontes, e é fria.

Ha n'esta serra algumas povoações pequenas, que são:—*Casaes dos Bouceiros, Aldeia do Demo, Casaes de S. Mamede* e *Casaes da Barrenta.*

É pouco cultivada e dá trigo, milho e linho. Cria-se n'ella gado grosso e miudo.

**ALQUERUBIM**—Vid Alcorobim.

**ALQUETE**—rio, Beira Baixa, termo de Cêa. Nasce na serra da Estrella, logo caudaloso e arrebatado. Corre de E. a O.

Bordam as suas margens muitas arvores fructiferas e videiras.

Morre no rio Alva.

**ALQUEVA**—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsarás, concelho de Portel, 45 kilometros de Evora, 145 a E. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um valle, entre montes, terreno aspero, que apenas produz algum trigo, cevada e centeio; do mais, pouco. Era da corôa.

É cortada a freguezia pelo Guadiana.

**ALROTE** e **ALDEIAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 85 kilometros de Coimbra, 280 ao N. E. de Lisboa, 160 fogos. Era da corôa.

Situada entre uns montes, nas abas da serra da Estrella.

Tem duas aldeias—*Alrote* e *S. Cosmado.* A egreja está na de S. Cosmado.

Junto a Alrote passa a ribeira *Cesada.*

Alrote foi freguezia, de que era orago S. Sebastião, e ainda alli ha uma capella d'este santo, que dizem ter sido a matriz. Annexou-se a S. Cosmado.

S. Cosmado é corrupção de S. Cosme, e effectivamente o padroeiro é S. Cosme.

Tambem se dá o nome de *Aldeias* a estas duas freguezias, depois que as taes duas aldeias constituiram uma só freguezia.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

**ALTAR DE TRIVIM**—Vide Trivim.

**ALTE**—freguezia, Algarve, comarca, concelho, e 18 kilometros de Loulé, 50 de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 800 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro. Era da corôa.

Situada em um profundo valle, entre quatro sêrros, que apenas lhe deixam descobrir uma pequena *nêsga* do mar, junto a Albufeira, e nas margens da ribeira do seu nome, que corre arrebatada por entre broncas penedias. Esta ribeira tem sua origem em duas grandes nascentes de agua, que ficam a N. E. da aldeia, a uns 250 metros de distancia d'ella, e cousa de 40 distantes uma da outra nascente.

Rega muitas varzeas de milho, pomares e hortas, e laranjaes de optima laranja, que exporta. Desagua no mar.

Egreja bôa, de tres naves.

A occupação principal da gente d'esta freguezia é a lavoura, fazer redes, *baraços* e outras obras de esparto, as quaes vão vender por todo o Algarve. O esparto vão compral-o a Faro, e é por esta cidade que Alte faz toda a sua exportação.

Junto á povoação ha minas de cobre, que consta haverem sido abertas tres vezes por ordem do governo, sendo a ultima em 1700, tirando-se então grande porção de cobre, que foi para Lisboa.

Do sêrro chamado *Rocha dos surdos,* 1 kilometro ao N. da aldeia, se avista até á cidade de Lagos, a 50 kilometros. Serve de guia aos navegantes.

Quasi toda a freguezia é no barrocal.

Ha aqui varias mattas de zambujeiros e carrasqueiros, e muitos medronheiros, de cujo fructo fazem aguardente.

A serra n'esta freguezia toma os nomes de *S. Barnabé* e *Malhão,* que são braços da *Serra do Algarve.*

Na falda da serra ha um grande pégo, chamado do *Vigario,* no qual vem precipitar-se a ribeira, caindo de um despenhadeiro de 44 metros (200 palmos) de altura e outro tanto de profundidade.

Foi a ribeira encaminhada a este sitio por Duarte de Mello Rabadaneira Côrte Real, administrador do morgado dos Monizes Telles de Aragão, o qual, pelos annos 1690, mudou o curso da ribeira, para regar o seu pomar da *Mina* e para outros usos, furando um rochedo de 11 metros de alto e 44 de

comprido; construindo um magnifico *tunell* de cantaria, com passeios de ambos os lados, com sufficiente altura, e *oculos* ou *claras-boias* de espaço a espaço, para luz e ventilação.

Do lado da montanha fez uma grossa muralha, para sustentar o peso das terras, obra muito dispendiosa, mas util, pois além de regar o tal pomar, e outras terras, faz moer os moinhos que estão proximo da povoação.

Na serra ha muita caça grossa (lobos, javalis e veados) e miuda.

Pelo *arredondamento* feito em 1836, perde esta freguezia o logar do *Areeiro*, para a de *Paderne*, e para *Salir*, os fogos da aldeia da *Peninha*; adquire os de Coqueiros, Pomar e Corrichos, que eram de *S. Bartholomeu* de *Messines*. Tambem perde os fogos de *Torneiros* (que distam de Alte 15 kilometros e ficam separados por uma ribeira) e passam para a freguezia de *S. Bartholomeu*, districto de Beja, da qual apenas distam 3 kilometros, e sem terem de passar rio algum, e os fogos de *Aguas-Frias*, que distam de Alte 12 kilometros e vão tambem para *S. Barnabé*, que é só a 6.

Antigamente produzia esta freguezia muito esparto; mas abandonaram a sua cultura e hoje o vão comprar a Faro.

Consta que ha aqui minas de prata.

Tem boas pedreiras de marmore fino.

Tem conde *novo*.

A distancia de 3 kilometros da povoação de Alte (que é grande e tem boas casas) está a *Fonte-Santa*, de excellente agua. Junto d'ella estão dois buracos, sempre com agua. Diz o povo d'aqui, e é tradição, que o do E. chega a Loulé, e o do O. á cisterna (arruinada) do castello de Silves, que fica a 20 kilometros!

**ALTER**—ribeira do Alemtejo, comarca de Villa Viçosa. Nasce no sitio chamado *Horta de Evora*, proximo á villa de Alter do Chão (da qual toma o nome.) Junto a esta ribeira, por baixo do monte chamado *Cabeça do Alcaide* (ou *Cabeço do Alcaide*) ha um lago com grande abundancia de agua, que rega muitas hortas e pomares. Morre na ribeira Sarrazolla.

**ALTER DO CHÃO**—(e Reguengo) villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, 40 kilometros de Evora, 24 a O. de Portalegre, 40 ao N. O. de Villa Viçosa, 165 ao E. de Lisboa, 850 fogos, 3:300 almas.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Concelho 1:000 fogos.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em fertil e amena planicie, junto da ribeira do mesmo nome. É muito aprasivel, tem lindas vistas e seu territorio é abundante de todos os generos agricolas.

Os seus cavallos teem fama em toda a Europa. (D. José I deu algumas providencias para o apuramento das raças de Alter, no *Regimento* de 10 de outubro de 1753.)

É realmente fama bem merecida, pois chegaram a attingir um grau de perfeição a todos os respeitos inimitavel.

Tem por armas um castello com os escudos das armas de Portugal e uma fonte com duas flores de liz. (Segundo o desenho que está na Torre do Tombo, é uma fonte com o escudo das Quinas por cima; mas é engano. Todas as villas enobrecidas com castello, o tinham, ou uma torre, nas suas armas; pelo que, é mais certo o que diz o padre Carvalho, que são as armas como primeiramente descrevi.)

É cercada de muralhas, com seu castello, feito por D. Pedro I, em 1359; mas apenas restam vestigios dos muros.

Foi cidade muito oppulenta na antiguidade. Os romanos a fundaram, pelos annos do mundo 3800 (204 antes de Jesus Christo.) Outros a suppõem fundação muito mais antiga (dos turdulos ou dos celtas) e que os romanos só a ampliaram e aformosearam, com templos e edificios.

O imperador Adrianno a mandou destruir, pelos annos 120 de Jesus Christo, pela valorosa resistencia que haviam feito seus habitantes ás legiões imperiaes; mas ainda ha vestigios romanos.

Foi-se tornando a povoar pouco a pouco, e D. Affonso III a reedificou e lhe deu foral em 1249. D. Diniz lhe deu novo foral em 1293, com todos os privilegios de Santarem; depois, em 1321, ainda reformou o foral

augmentando-lhe os privilegios, para promover o engrandecimento da villa.

O foral de 1321 foi dado por D. Diniz, por sua mulher a rainha Santa Isabel, por seu filho D. Affonso (depois IV) e pela mulher d'este D. Constança.

Segundo Franklim, estão erradas as datas dos foraes. Diz elle que D. Sancho II lhe deu foral, em Abrantes, em outubro de 1232, D. Diniz no Porto, a 25 de agosto de 1292, e que lhe tornou a dar novo foral, em Lisboa, a 25 de março de 1293. Não sei.

D. Mannel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512.

Foi senhor de Alter o immortal D. Nuno Alvares Pereira, que lh'a deu D. João I, com outras muitas villas e povoações. Era até então da corôa, e depois passou para a casa de Bragança.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco decimo.

Tem minas de chumbo e cobre.

Faz-se a 25 de abril a festa de S. Marcos, assistindo a ella e junto ao altar-mór um bezêrro. É levado para alli por quatro irmãos da confraria do Santo (previamente confessados e sacramentados) a toque de chibata e dizendo-lhe: *Entra, Marcos, em louvor do Senhor S. Marco (!!!)*

No fim da festa, dão ao Santo alguns bezerros mais, que tambem mettem na egreja, convertendo-a em curral!

Isto é deveras repugnante.

Segundo Feijó (*Theatro Critico Universal*) esta ridicula farçada ecclesiastica e outras tão estupidas como ella, foram inventadas em Hespanha.

Já disse que foi cidade oppulenta, no tempo dos romanos, e era tão extensa que chegava até á villa de Alter Pedroso (a distancia de 6 kilometros) do que ha, não só memorias escriptas, mas muitas ruinas, assim dentro das duas villas, como no espaço que entre ellas medeia.

Nas escavações que por aqui se tem feito, teem apparecido medalhas, mosaicos, cippos, esculpturas e estatuas de marmore. (Achou-se alli, no seculo XVI uma bella esculptura de Cupido, com aljava e setas.)

No meado do seculo XVII ainda aqui existiam as ruinas de um templo, com o pavimento de mosaico, que parece fôra dedicado a Cupido.

Os romanos lhe chamavam *Abelterium, Eltori* ou *Elteri.*

(E os nossos antigos escriptores lhe chamavam *Alter-Planus.*)

Passava por aqui (mesmo pelo meio da cidade) a via militar romana que ia de Lisboa a Merída. (Esta ultima cidade era então capital da Lusitania.)

Merída foi construida por ordem do imperador Antonino Pio.

Esta estrada vinha de *Olissypo* (Lisboa) a *Aritium-Pretorium* (Benavente) *Matusarum* (Ponte de Sôr) *Elteri* (Alter) *Ad-septem-aras* (Assumar) *Badua* (Nossa Senhora da Botova) etc. etc.

Ainda existem alguns bocados de calçada d'esta via, em Portugal.

É uma estrada de 5 metros de largo e com aterros e desaterros, para a nivelar o mais possivel.

A estas calçadas se chamava nos primeiros tempos da nossa monarchia *recéfe* e depois *alicerce.*

No tempo dos arabes, principiou outra vez a decair da tal ou qual prosperidade a que tinha tornado nos ultimos tempos do imperio romano e durante o dominio gothico; e como os arabes preferiam os altos para suas povoações (para n'elles se defenderem, nas continuas guerras de então) a cidade de *Elteri* estava quasi despovoada no principio da monarchia portugueza.

D. Affonso II foi o que, em 1216, fez dos restos mutilados e dispersos da grande cidade, as duas villas de Alter (do Chão e Pedroso) e os nossos primeiros reis cuidaram sempre do seu augmento; especialmente D. Affonso III, que accrescentou a população com gente de outras terras.

D. Diniz tambem attrahiu para aqui muita gente, com os grandes privilegios, fóros, isenções e liberdades que concedeu á villa.

D. Pedro I a enobreceu com o seu castello.

Sobre a porta tem as armas de Portugal, com esta inscripção:

*Era 1359 a 22 de setembro, o mui nobre rei D. Pedro mandou fazer este castello de Alter do Chão.*

A egreja matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é um soffrivel templo de tres naves.

Havia aqui um hospital (de S. Domingos) e a rainha D. Leonor (mulher de D. Manuel) fundou a Misericordia em 1524, annexando-lhe o dito hospital e augmentando-lhe as rendas.

Dentro do castello ha um pôço com muita agua, que alimenta um chafariz que fica fóra d'elle, ao S.

A villa tem outros chafarizes de boa fabrica, muito abundantes de agua.

Além da praça onde está a casa da camara e pelourinho, e que é cercada de edificios, de boa apparencia, tem a linda praça chamada *Rocio do Espirito Santo*, muito espaçosa e povoada de arvoredo (faias).

Feira a 25 de abril e 4 de agosto, 3 dias.

Tinha um convento de frades capuchos (piedosos) situado junto á villa, no logar mais alto d'ella, (no sitio a que chamam *Cabeço do Alcaide*) fundado por D. Theodosio, 2.º duque de Bragança, pae de D. João IV, que n'elle lançou a primeira pedra em 8 de outubro de 1617. Tem optima egreja.

Em 1359 foi esta villa theatro de uma scena de inaudita barbaridade. Durante as obras do castello (que se concluiu a 22 de setembro d'esse anno) residiu aqui algum tempo D. Pedro I. É tradição que assistiu em umas casas no Terreiro.

Ouviu elle um dia duas mulheres a ralharem, e uma chamou á outra *roussada* (forçada, violada).

Quiz o rei saber a razão d'esta injuria, e soube que a mulher assim alcunhada pela outra tinha sido forçada por seu marido, que logo depois casou com ella e já tinha filhos (pois estavam casados havia 6 ou 7 annos).

D. Pedro, apesar de tantas circumstancias attenuantes, das lagrimas e rogos da mulher, e da completa e voluntaria *reparação do damno;* mandou enforcar o pobre homem, reduzindo sua mulher á viuvez e seus filhos á orphandade!

D'esta villa se descobrem as de Chancellaria, Sêda, Galveas, Aviz, Souzel, Evora-Monte, Extremoz, Fronteira, Alter-Pedroso e a cidade de Portalegre.

A antiga egreja do Espirito Santo foi primeiro albergaria. Depois, em 24 de abril de 1595, se fundou aqui um convento de carmelitas descalços (mariannos) com as rendas que tinha a confraria do Espirito Santo. (A duqueza de Bragança, D. Catharina, ajudou muito esta fundação).

Em 1599, por o sitio ser muito doentio, sairam os frades para Evora. O arcebispo os obrigou á tornarem para aqui, onde vieram estar mais cinco annos; mas uma noite fugiram todos, não só por as doenças, mas porque o povo da villa não lhes aturava as suas irregularidades.

Despovoou-se, pois, e passou a beneficio simples, dado pelos duques de Bragança.

Ainda existe na villa uma grande torre de cantaria (de 44 metros de altura) e outra mais pequena (de 22 metros de altura) ambas ameiadas. Tem ainda outra de 15 metros de altura, tambem ameiada, e sobre a ponte outra de 18 metros de alto.

No sitio chamado *Casa da Avelada* (provavelmente corrupto de *avelêda*, sacerdotisa) se vêem vestigios de um grande edificio.

N'esta villa foi o solar de um ramo da familia Roboredo; para as suas armas, vide *Alcacer do Sal.*

**ALTER PEDROSO**—villa, Alemtejo, 40 kilometros de Elvas, 33 ao N. de Extremoz, 27 ao NE. de Aviz, 40 de Evora, 6 de Alter do Chão, 180 ao E. de Lisboa, 80 fogos, 240 almas.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Situada sobre um alto penhasco e com a villa antecedente constituia a antiga cidade de Elteri. (Vide para todas as antiguidades, Alter do Chão.) Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

D. Affonso II a fez villa e lhe deu foral em 1216, e D. Diniz lhe deu novo foral em 1293.

Franklin não falla em similhantes foraes.

Quando D. Affonso II separou esta villa da de Alter do Chão, tornando-a independente, a deu a D. Fernando Annes (vulgar-

mente Fernandanes) em premio da sua intrepidez nas muitas batalhas contra os mouros.

Tinha um soberbo castello, feito por D. Diniz (quando lhe deu foral) que D. João d'Austria, filho de Filippe IV e general castelhano, mandou arrasar em 1662.

Chamava-se antigamente a este castello *Castello da recreação*, pela muita que causava estar d'elle vendo a cidade de Portalegre e vinte e uma villas acastelladas, além de outras povoações, e uma grande extensão de montes e valles.

D. João d'Austria, que tinha feito muitas façanhas em Flandres, veiu cá por grande general; mas foi sempre derrotado, a ponto de seu pae o demittir (por incapaz) em 1665

Não tendo coragem de combater as tropas portuguezas de *cara a cara*, e sendo constantemente batido (quando se podia apanhar) desforrava-se em arrazar fortalezas e povoações abandonadas!

Esta villa e a de Alter do Chão, ainda no principio da monarchia formavam uma só jurisdição; mas D. Affonso II, em 30 de junho de 1249, as separou, dando esta aos cavalleiros de Aviz.

Tem seu castello em sitio eminente e fragoso, para o N., com suas torres e muralhas, tudo em ruinas. No centro do castello ha uma capella de S. Bento, que serve de Misericordia. D'este castello se vê na Hespanha, Albuquerque; e em Portugal, Alegrete, Portalegre, Marvão, Crato, Toloza, Alter do Chão, Chancellaria, Seda, Galveias, Mont'argil, Aviz, Vimieiro, Arrayolos, Casa Branca, Evora-Monte, Souzel, Fronteira, Extremoz, Veiros, Monforte, Cabeço de Vide e outras muitas povoações menores.

A camara da Fronteira pediu a D. João II que esta villa formasse o termo da Fronteira, o que o rei lhe concedeu, e D. Manuel confirmou; mas os de Alter Pedroso se oppozeram obstinadamente, allegando com varias inscripções antigas, sepulturas romanas e uma pedra que está no altar da capella de S. Pedro, ser a sua villa fundada antes da era christã, e portanto mais nobre do que a Fronteira; pelo que continuou a ter jurisdição independente.

**ALTO DOURO**—vide Paiz vinhateiro.

**ALTURAS DE BARROSO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 50 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Situada na coroa da serra do mesmo nome, em grande elevação, d'onde se vê as serras do Gerez e Mourella (que divide Portugal da Hespanha) a de Louroso, o castello de Sendim, a serra de Seabra (em Castella) as Caldas do Gerez, a serra da Cabreira e grande parte da provincia do Minho.

É da casa de Bragança.

É terra muito fria (coberta de neve todo o inverno) e de pouca producção, dando apenas centeio, algum trigo, milho, linho e herva.

Cria muito e optimo gado bovino, de superior qualidade para os trabalhos agricolas (a que vulgarmente se chama *gado barrozão*).

A egreja matriz é antiquissima.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Houve aqui um convento de benedictinos, muito antigo, pois já existia em 889. Em 1248, por Breve do papa Innocencio IV, se uniu ao de Osseira (de bernardos), na Galliza.

Vide Terras de Barroso.

**ALVA, ALBA** ou **ALBULA**—rio, Beira Baixa. Nasce na serra da Estrella, de uma das lagôas que estão no alto da serra. (Vide Estrella.)

Principia o seu curso no sitio da Cabreira. Perde o nome no sitio de Porto de Boi, e d'ahi a uns 80 metros, no sitio do Summo, se esconde por baixo da terra, tornando a sahir na ponte de *Caniços*.

É um *tunnel* natural, onde a luz penetra por *oculos*, tambem naturaes.

Abaixo d'esta ponte se lhe junta o ribeiro do *Sabu ueiro*, tendo proximo uma ponte de pedra.

Aqui se espraia e forma o grande *Pégo de Pedro Gil*, e por baixo tem outra ponte de pedra, proximo a Villa-Cóva da Coelheira.

Até aqui suas aguas são inuteis, por cor-

rerem muito fundas, por entre penhascos; mas d'aqui para baixo principiam a ser aproveitadas em moinhos e regas.

Passa á villa de Sandomil (a 18 kilometros da origem do rio), e vae até á villa da Feira (não á villa da Feira da provincia do Douro, mas á da Beira Baixa), e d'aqui á villa de Avô, onde tem uma ponte de pedra, e d'aqui passa á famosa ponte de Villa Cova de Sub-Avô, vae a Cója, onde tem outra ponte, e ahi recebe a ribeira de *Cója*. Passa á aldeia de Sarzédo, onde se lhe junta o ribeiro d'este nome, e vae até aos *Furados*.

Chamam os *Furados* a um boqueirão, que aqui abriram, por baixo de uma serra, para regarem campos. Aqui desce a agua por um cachão, de desmedida grandeza, fazendo tamanho estrondo, que se ouve a grande distancia. Todo este aqueducto subterraneo é obra dos arabes, e quasi todo aberto a picão, em rocha viva.

A pesca que se faz de verão, n'estes *Furados*, é immensa.

Antigamente era todo o peixe dos condes de Pombeiro, que eram os senhores da terra.

D'ahi vae a Valle de Espinho, onde tem uma ponte, de um só arco, mas de maravilhosa architectura.

Morre na esquerda do Mondego, na *Foz do Alva*.

Cria bastante peixe e até á Foz do Alva chegam as lampreias e saveis; mas poucos, e só até onde o rio não tem açudes.

Tem 60 kilometros de curso.

As escarpadas margens d'este rio teem muitas minas de oiro, que os romanos e arabes exploraram, do que ha muitos vestigios evidentes junto á ponte de *Murcella*, e em outras partes,

Suas areias ainda ás vezes trazem palhetas de oiro.

(Vide *Estrella*, serra.)

**ALVA**—aldeia, Traz os Montes, concelho de Freixo de Espada á Cinta.

Aqui se vê um castello em ruinas, onde antigamente foi a villa de *Alva*.

Nas guerras que teve D. Sancho II de Portugal (1240) com D. Fernando (o santo) de Castella, cercado, o castello por o filho d'este, o infante D. Affonso, se entregou sem resistir ou por traição; pelo que D. Sancho II lhe tirou o foro de villa, e o deu a *Freixo*, pela fidelidade e bravura com que então se houveram os moradores d'esta ultima povoação; por isso se foi a villa despovoando e arruinando, ficando apenas a barca, a que ainda hoje se chamma *Barca d'Alva*, e a aldeia d'este nome.

Tem alfandega e estação telegraphica de primeira ordem, ou do estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

**ALVA**—villa, Beira Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Mões, 20 kilometros ao N. do Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 110 fogos, 360 almas.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

D. Affonso III lhe deu foral em 1275 (o padre Cardoso diz que foi em 1256).

Franklin não falla em similhantes foraes. Diz só que—ha uma *sentença* a favor dos moradores d'Alva, contra João Alvares, em 9 de maio de 1504.

D. Manuel é que, com certeza, lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de agosto de 1514.

Proximo d'esta villa (no sitio de *Gallinhas*) se une o rio *Amarantes* com o *Sul*, perdendo aquelle o nome.

Foi ultimo donatario d'esta villa D. João Diogo de Athaide, conde d'Alva.

Está situada em um valle d'onde se não descobre povoação nenhuma.

Seu territorio é abundante de todos os generos do nosso paiz.

Era condado.

O primeiro conde de Alva foi D. Luiz Mascarenhas, em 13 de março de 1754, por D. José I.

O primeiro donatario d'esta villa foi Roque Monteiro Paym.

**ALVAÇÃO** (Casa de) e **TORRE D'ALVITE**—Vide *Alvite* em Cabeceiras de Basto.

**ALVACAR**—rio, Alemtejo, arcebispado de Evora. Nasce proximo das *Sete Alcarias*, termo da villa de Padrões; caminha com grandes pegos até se metter no rio Alvacarejo (no sitio do Moinho do Prior) e ambos se vão juntar com a ribeira de Oeiras, ao pé da

serra de Santo Varão, e todos no Guadiana. Fertilisa os campos por onde passa e traz peixe.

É a palavra arabe *albacar*,—significa *boieiro* ou *dos bois*. Deriva-se de *bacaron*— os bois.

**ALVACAREJO**—rio, Alemtejo. Nasce em uma lagoa proximo da freguezia de Santa Barbara, termo da villa de Padrões; atravessa a freguezia d'Alcaria Ruiva (concelho de Mertola). Junta-se ao antecedente no sitio já dito.

Á vista do logar d'Alcaria Ruiva, tem um pégo, chamado *Saisso*, bastante fundo. Diz-se que quando se dão tiros de artilheria no mar do Algarve, e proximo da costa se ouvem claramente n'este pego, parecendo serem debaixo do chão.

**ALVAÇÕES DO CÓRGO**—freguezia, Traz os-Montes, comarca do Pezo da Regoa, concelho de Santa Martha de Penaguião, 80 kilometros ao E. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago Santo Antonio.

Abundante de tudo, menos de pão. Passa por esta freguezia o rio Córgo. No districto d'ella, sobre a margem d'este rio, fica uma penha, na qual se acha uma lapa muito grande, e á entrada d'ella uma varanda de pedra muito bem feita. Dizem que era antigamente uma estrada e que por aqui se passava para o outro lado do rio por um *tunnell*.

É do infantado.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

**ALVAÇÕES DO TANHA**—aldeia, Traz-os-Montes, a 5 kilometros da freguezia antecedente.

Tem uma capella de S. Bartholomeu, onde se faz uma grande romaria a 24 de agosto.

**ALVADIA**—freguezia de Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca de Aguiar, concelho da Serva, 65 kilometros ao N. E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Santa Cruz.

Era dos marquezes de Marialva.

É situada no alto de um monte, e d'aqui se descobre Soutellinho, Samardão, Tourencinho, Zimão, Gralheira, Souto, Outeiro, Carrazedo, Paredes, Vidoedo, Santa Martha, Bustello, Povoa, Villarinho, Cunhas, etc.

Passa pela freguezia o rio *Rôlos*, que désagua no Tamega.

É terra abundante de centeio, mas dos outros generos pouco.

Arcebispado de Braga, districto de Villa Real.

É, desde 1855, do concelho de Ribeira da Pena.

**ALVADOS**—Vide Albardos e Monte Junto.

**ALVADOS**—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Moz, comarca e 25 kilometros de Leiria, 115 ao N. de Lisboa, 280 fogos. Orago Nossa Senhora da Consolação.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada entre serras asperas, agrestes e penhascosas. Produz muito azeite, trigo, cevada, e do mais pouco. Tem pouca agua.

(Vide Albardos, serra.)

Em quasi todos os livros se vê escripto *Albardos;* mas os d'aqui é que querem por força que seja *Alvados*. Faça-se-lhes a vontade.

**ALVAIAZERE** ou **ALVAIAZER** ou **ALVAYAZER**—villa, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S. E de Coimbra, 24 a E. de Thomar, 150 ao . de Lisboa, 1:600 almas, 390 fogos, no concelho 1:400 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada em uma varzea, d'onde lhe provem o nome *(Alva-Varzea)*.

Corre aqui o rio *Porta*, que faz moer algumas azenhas e rega varios campos; depois mette-se por baixo da terra e vae sahir a tres kilometros de distancia, ao rio dos Freixiandos.

Este rio nasce nas faldas da serra de Alvaiazere e depois de correr a distancia de uns 5 kilometros se lança em uma caverna ou fojo profundo, e depois é que corre subterraneamente, até surdir com grande violencia no sitio das *Paradellas*, mettendo-se no rio dos Freixiandos, morrendo ambos no rio Nabão, e este no Tejo.

Ha n'esta villa as ruinas de um antiquissimo castello.

Na serra dos Covões, proximo da villa, é tradição que habitaram mouros, e muito antes d'elles (pelos annos do mundo 2644, ou 1360 antes de Jesus Christo) o celebre *Gorgoris* ou *Gergoris*, riquissimo pastor da antiguidade, que se fez rei de toda a Luzitania.

Diz-se que tinha então minas de oiro.

Houve aqui fortificações mouriscas, do que ha vestigios no cimo da serra; e dentro de uns muros que fazem uma grande cerca (de 5 kilometros de circumferencia !) se vê uma *carreira de cavallos*, que ainda tem este nome.

Esta muralha cérca toda a eminencia. Não se sabe quem a fez, só a tradição do povo d'aqui diz que foi um *castello de mouros*. (Entre o nosso povo, os mouros é que fizeram tudo quanto d'antigo ainda apparece). Não se vêem, nem dentro nem fóra do recinto d'esta notavel cêrca, vestigios de povoação.

Dentro d'esta cerca ha uma gruta a que chamam o *Algar da Agua*, com uma porta de entrada e feita em rocha viva. É tão espaçosa que n'ella cabem 500 pessoas (?), e tem dentro uma fonte perenne de agua frigidissima.

D'esta agua, que é de optima qualidade, bebem os povos da serra, de verão. Esta gruta, posto tenha a entrada estreita e baixa, no interior é uma vastissima sala, de 11 metros de altura. Não tem *oculo*, ou outra qualquer abertura, por onde receba luz, pelo que é escurissima.

Por baixo d'esta gruta ha outra, para onde corre a agua da fonte de cima. Tambem é vasta e escurissima.

Talvez que estas grutas, o fojo ou poço, onde se precipita o rio, e a especie de *tunnel*, por onde elle corre escondido (por espaço de uns 3 kilometros), sejam antigas minas de oiro. Valia bem a pena de se examinar isto; muito mais porque este *tunnel* está quasi secco durante a estiagem.

Na freguezia de S. Pedro, d'este concelho, para o lado da *Portella de Braz*, ha umas galerias (minas), pelas quaes se vae a cavallo 2 kilometros por baixo do chão. (Talvez fosse d'onde extrahiam o oiro.) Vide *Pelmá*.

D. João I a elevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1388.

Tinha sido fundada por D. Sancho I, em 1200 (ou reedificada, pois alguns dizem que é fundação arabe).

N'este anno (1200) houve grande fome no reino e um grande eclypse total do sol, que converteu em escura noite uma parte do dia.

No logar da *Batalha*, d'esta freguezia, terminam os bispados de Coimbra e Leiria e a prelazia de Thomar.

Foi dos duques de Cadaval.

É situada exactamente no meio do reino.

No campo da Asseiceira, d'esta freguezia, se deu a ultima batalha entre realistas e liberaes, em 16 de maio de 1834.

A matriz é de 3 naves, e foi do mestrado de Christo. Foi um bom beneficio, pois rendia, 450$000 réis certos, além dos rendimentos eventuaes.

Tem uma casa de hospital, sustentada por um legado da confraria do Espirito Santo. Não tem Misericordia.

Tem 9 capellas, tres dentro da villa e seis fóra. Nenhuma d'ellas tem nada de notavel.

Tem uma soffrivel casa de camara e duas boas cadeias.

O seu territorio é muito abundante em cereaes e fructas, e produz muitissimo azeite.

No logar do *Botelho*, d'esta freguezia, podem estar dois bispos (o de Coimbra e o de Leiria), e o prelado de Thomar, sentados a uma meza e cada um d'elles no seu bispado.

D. Diniz deu aos templarios (em 1306) padroado d'esta villa.

**ALVAIAZERE**—serra, Extremadura, na freguezia de Pelmá, districto administrativo de Leiria, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere (de cuja villa tomou ou recebeu o nome).

Na villa de Ancião se une á montanha chamada *Serra de Ancião*. Lança quatro braços, principaes, para differentes direcções, chamados—*Serra de Santa Margari-*

*da*, de *Pousa Flores* de *Almoster*, e da *Matta*.

Esta serra tem muito poucas arvores silvestres, devido á indifferença dos seus moradores, e muitos e bons terrenos incultos, devido á incuria dos governos portuguezes, que tanto teem descurado a colonisação dos nossos vastos maninhos e baldios.

Tem de comprido 24 kilometros, e de largura entre 3 e 6.

No seu mais alto cume se vêem, na distancia de 5 a 6 kilometros, as ruinas de uma grande muralha, que se suppõe ser obra romana ou arabe. (Já fallei d'isto na villa de *Alvaiazere*.)

É terra saudabilissima e muito habitada de varias povoações. São, ao todo, 18 aldeias algumas muito grandes, que povoam esta serra.

Quasi no mais alto da serra, ha uma caverna de 11 metros de alto, com uma nascente de agua perenne. Por baixo d'esta caverna, ou gruta, ha outra muito escura. Tambem já fallei d'ellas na villa.

Dizem que n'esta serra ha minas de oiro.

É em grande parte formada de rochedos e penedias.

Os terrenos cultivados d'esta serra são feracissimos, e ha n'ella muito bom gado.

O matto é quasi todo alecrim e rosmaninho (o resto é esteva e urze), pelo que ha aqui grande abundancia de optimo mel e cera. Ha tambem excellentes queijos.

Ha na serra a capella de Nossa Senhora da Purificação (vulgò *Nossa Senhora dos Covões*, por ser achada em uma lapa); não se sabe de que materia é a imagem.

Na serra ha lobos, raposas e muita caça miuda, do chão e do ar.

**ALVALADE** (vulgarmente *Campo Grande*) —vasta e lindissima planicie, hoje ajardinada, nos arrabaldes de Lisboa, (a 2 kilometros) cercada de bellas quintas.

Diz-se que os eu nome provém de que, um dos nossos primeiros reis, assistindo á medição d'este campo, disse—*Alvalade* (vallae, cercae de valla) *o que fica fóra do campo*.

Mas é engano. Vede a verdadeira etymologia d'esta palavra em Alvalade, villa.

Vide para tudo o mais pertencente a Alvalade, *Campo Grande*.

Ha d'este nome uma aldeia no termo de Faro. No Campo Grande é a segunda estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

**ALVALADE**—ribeira, Alemtejo, termo da Grandola. Nasce na freguezia de Nossa Senhora da Azinheira dos Bairros e juntando-se com a ribeira de Corona, perdem ambas o nome e formam a de Rocha (assim chamada por causa de um grande rochedo que aqui tem) e morre no Sado.

**ALVALADE**—serra, Alemtejo, nasce na freguezia de S. Lourenço, termo da villa de Lavre; toma varios nomes (dos logares por onde passa). Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. Finda em Arraiolos. É secca e infertil e cria caça e lobos.

**ALVALADE**—villa, Alemtejo, comarca de Beja, concelho e 12 kilometros ao O. de Messejana, 85 ao SO. de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 280 fogos, 1:000 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição da Oliveira.

É palavra arabe *albalade*, significa logar habitado e murado. Esta villa está situada em uma planicie elevada e regada pela caudalosa ribeira de S. Romão (que desagua no Porto d'El-Rei, proximo de Alcacer do Sal).

D. Manuel lhe deu foral em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Foi do mestrado de S. Thiago e eram seus commendadores os marquezes de Arronches.

Tem Misericordia e hospital fundado pelo povo da villa em 1570.

O seu territorio é composto de lindas veigas muito ferteis. Tem tambem vastos montados onde se criam muitos gados de toda a qualidade.

As suas varzeas são regadas por tres ribeiras (Campilhas, S. Romão e Rôcho).

Junto á villa (ao N.) ha um *olho d'agua* chamado *Pégo-Verde*, que nunca sécca. Cria peixe e serve para as regas; mas é prejudicial á saude do povo a sua agua estagnada.

É povoação muito antiga, e já era villa em 933, em cujo anno D. Ramiro II de Leão, doou ao mosteiro de Lorvão *duas terças partes* d'esta villa *d'Alvalat et de sua senra*

(campo ou seara) *ut sit pro sustentatione vestra, seu hospitum pauperum, et perigrinorum, et propter remedium animarum nostrarum.*

Desde 1855 pertence ao concelho de Aljustrel. É no bispado e districto administrativo de Beja.

**ALVALADE**—aldeia do Algarve, no termo de Faro, e que teve em tempos antigos a cathegoria de villa. Não encontro noticias modernas d'esta povoação.

**ALVÃO**—serra, Traz-os-Montes, tem 9 kilometros de comprido e o mesmo de largo. É um ramo do Marão. Muda de nome segundo as povoações por onde passa. É fria.

Proximo á aldeia do Bustêllo, na maior altura da serra, ha um sitio a que chamam o *Facho*, por aqui se accender lume para dar aviso, no tempo das guerras com Castella. Ha n'esta serra as aldeias de Bustello, Povoa, Santa Eulalia e a freguezia de Santa Martha da Montanha.

Na maior parte só produz urze e matto e cria muitos lobos. Em uma pequena parte apenas produz centeio, trigo, milho e algum linho.

**ALVARÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago S. Miguel.

Ha n'esta freguezia as ruinas de uma antiga torre chamada dos *Silveiras*.

Diz-se que n'esta torre viveu D. Egas Lourenço, chamado *d'Alvarães*, fundador do morgado dos *Silveiras*. Os Silveiras d'aqui são da casa dos condes de Sortelha, cujo solar é no Alemtejo.

A matriz era antigamente a egreja dos frades bentos de S. Romão de Neiva; mas pelos annos de 1450, sendo a egreja muito distante do povo, e sendo muito maus os caminhos, se avieram com os frades a fazerem uma egreja para matriz, no povo; ficando os frades com o meio dizimo. Os frades consentiram e a egreja nova se fez á entrada da freguezia, onde já havia uma capella de Santa Maria Magdalena.

Passados alguns annos, não quizeram os moradores pagar o meio dizimo aos frades, pelo que houve demandas que estes venceram contra o povo, em 1489. Em virtude da sentença então obtida, o povo fez novo ajuste com os frades, obrigando-se a pagar-lhe 450 alqueires de milho e centeio por anno. Sete moradores não annuiram a isto e nunca mais pagaram.

Em 1524, D. Manuel a fez freguezia, annexando-lhe as de S. Julião do Freixo e Santa Maria de Ardegão, ás quaes os reitores de Alvarães nomeavam curas até 1834.

Desde o reinado de D. Manuel, ficou sendo reitoria da mitra, com as duas annexas, até 1834.

A matriz é boa e grande, e a freguezia situada em uma planicie muito productiva em cereaes, vinho e azeite; mas pouca fructa. É falta d'aguas.

Ao N. da freguezia está uma lagoa, no sitio do *Pulho*, que sempre tem agua. Junto a ella ha um buraco onde nasce agua que vae para a lagoa. É tradição que este buraco era a entrada de uma estrada subterranea feita pelos mouros e pela qual iam buscar agua ao rio Lima. Tinha este *tunnel* algumas columnas e arcos de pedra tosca. Está tudo entupido ha mais de 100 annos.

É no arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

**ALVAREDES** ou **ALVAREDOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. João Baptista.

É situada sobre um cabeço, quasi no fim da serra da Abelheira.

A antiga matriz era no sitio hoje chamado *S. João Velho*. Foi mudada para a actual e concluida a nova egreja em 1733.

Para o sul da freguezia, está o monte da *Picota*, que foi povoação arabe, e ainda alli se vêem vestigios de casas e uma celebre gruta, feita a picão na rocha viva, podendo conter 600 a 700 pessoas!

Passa pela freguezia o rio Trutas.

O territorio d'esta freguezia produz muito e bom vinho, muita castanha, e do mais pouco.

É no bispado e districto administrativo de Bragança.

**ALVAREDO**—freguezia, Minho, comarca de Monsão, concelho de Valladares, (sendo

supprimido este antiquissimo concelho em 24 de outubro de 1855, ficou esta freguezia, desde então, sendo do concelho de Melgaço), 70 kilometros ao NO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Chamava-se antigamente *Paderne*. Foi de uma senhora, que depois de viuva se fez freira, chamada *D. Onega Fernandes;* que deu a quarta parte da freguezia ao bispo de Tuy, D. Affonso, em 13 de abril de 1118, o que confirmaram seus filhos *Paio Dias* e *Aragonta Dias*. Foi depois da universidade de Coimbra.

Ha n'esta freguezia duas torres, uma chamada de *Villar* e outra simplesmente *Torre*. Eram dos marquezes de Tenorio. A que está defronte da Galliza é solar dos Marinhos, e diz-se ser de *D. Froylão*, fidalgo italiano que veiu a Portugal com o conde D. Mendo, a ajudar a expulsar os mouros, e fez esta torre.

É o progenitor do actual sr. Pereira, morgado da Torre da Sobreira, em Pias, proximo a Monsão.

Foi curato do couto de S. Fins, apresentado pela universidade de Coimbra.

Ha n'esta freguezia a casa de Carvalharim, da qual procedem as casas de S. Cibrão, a de Sende e a de Aguiar dos Arcos.

**ALVARELHOS** e **LAMA D'OURIÇO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte, (desde 1855 pertence ao concelho de Valle de Paços), 110 kilometros ao NO. de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

É situada em um valle, proximo da *Serra Negra*, entre dois ribeiros.

O cura era apresentado pelo vigario de *Oucidres*, até 1834.

Proximo ao logar de Alvarelhos ha um fortim arruinado chamado a *Corôa*. É tradição que n'elle habitava um rei mouro.

Ha outro sitio, entre Alvarelhos e Orcides, chamado *Valle da Batalha*, onde é tradição se deram muitas batalhas aos mouros, que eram sempre derrotados; porque S. Thiago, montado n'um cavallo branco, ajudava os christãos, matando mouros sem dó nem misericordia. Finda a acção, se recolhia o santo cavalleiro a um valle, ao O., onde depois se fez uma capella ao dito santo, da qual hoje apenas restam as ruinas.

O territorio d'esta freguezia produz centeio, vinho, linho, castanha e do mais pouco. Os dois ribeiros (que vem do logar de Villa Nova, onde nascem) juntam-se no sitio do Prado. Regam, movem moinhos e morrem no ribeiro de *Tinhella*, no sitio do Codeçal.

**ALVARELHOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 12 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago Santa Maria.

Foram donatarios d'esta freguezia os condes d'Alva.

É situada entre dois montes, chamados, um serra de Alvarelhos e outro de S. Marçal e S. Martinho. D'aqui se avista grande extensão de mar e terra.

O parocho era apresentado, até 1834, pelas freiras bentas de Vairão.

Ha n'esta freguezia cinco capellas, sendo d'este numero a de Santa Eufemia, onde se faz annualmente a celebre romaria a que o vulgo dá um nome muito pouco urbano.

Passa na freguezia o ribeiro do seu nome, que faz mover alguns moinhos, rega as terras e morre no Ave.

É no districto administrativo e bispado do Porto.

**ALVARELHOS**—serra e ribeiro, vide a antecedente.

**ALVARENGA**—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Arouca, 36 a O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 315 a N. de Lisboa, 320 fogos, 1:200 almas.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

Situada na encosta O. da serra do seu nome (ramo do Parnaval) cercada de montes que a fazem bastante fria no inverno, mas muito fresca no verão.

Seu territorio muito abundante de aguas,

é muito fertil em cereaes, em muito boas fructas e em optimo vinho verde. As suas vitellas são afamadas pelo seu gosto delicioso.

Perto da villa passa o rio Paiva, atravessado n'esta freguezia pela celebre *ponte de Alvarenga*, de um só arco, com mais de 30 metros de altura, medidos da abobada do arco para o rio, e 20 de largura no vão.

Está assente sobre dois rochedos graniticos, em frente um do outro, nas duas margens do rio e saindo quasi a prumo 5 ou 6 metros acima do nivel do rio. É tradição que foi feita pelo mesmo mestre que fez a de Alcantara, na Hespanha.

É obra romana, do tempo do imperador Trajano, que a mandou fazer pelos annos 110 de Jesus Christo.

Está tão bem conservada como se fosse feita ha 10 ou 12 annos; pena é que tenha apenas 4 metros e meio de largura.

D. Diniz deu foral á villa em 1298. Foi primeiro *couto* e depois concelho, que foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Diz-se que seu nome é corrupção da palavra arabe *al-borjon*, a torre, e lá tem as ruinas da torre dos *Alvarengas*.

Tinham os de Alvarenga muita necessidade de agua para os seus moinhos, e para a rega das suas terras altas, onde as aguas do Paiva não chegavam; e vão-se a um ribeiro que corre a 6 kilometros a NE., e n'uma só noite (por causa dos povos visinhos, que não queriam o ribeiro secco) homens, mulheres e rapazes fazem um rego com tal capacidade que traz agua que faz moer quatorze moinhos (que estão em linha, uns por baixo dos outros, na encosta de um monte) e rega grande extensão de terras de cultura. Passou-se isto no principio do seculo XVIII).

Não tem edificios notaveis. A melhor casa é a dos herdeiros do sr. Manuel Maria, de Bouças.

Ainda tem casa da camara, cadeia e pelourinho.

Pela sua situação, em uma baixa, não se avista do valle de Alvarenga povoação nenhuma de outra freguezia.

A principal povoação d'este extincto concelho se chama Villa da Egreja, e é onde está a casa da camara e a matriz, que é um templo amplo e muito decente.

Era da corôa.

Os dizimos eram divididos em quatro partes, tres para os jesuitas de Coimbra e uma para o cabido de Lamego. Eram os jesuitas que apresentavam os reitores e depois, até 1834, a universidade.

Passa por aqui a serra da Franqueira.

Alvarenga é povoação muito antiga, pois já existia no principio da monarchia, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Em 1340 se deu sentença no julgado de Alvarenga, a favor do mosteiro de Alpendurada, mantendo-o na posse de receber o direito de *condado*, no monte da Rocha, a saber: *dos porcos montezes, o corazil; da corça, o quarto; e do urso, as mãos.* Para saber o que era este tributo, vide *Condado*.

**ALVARENGA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 32 kilometros de Braga, 310 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era reitoria da mitra e da commenda de Christo. Fertil.

**ALVARES**—villa, Beira Alta, comarca de Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 3:200 almas, concelho 720 fogos. (Este concelho foi supprimido em 1855. Desde então, Alvares é do concelho de Goes).

Orago S. Matheus, evangelista.

É no bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um ameno valle, entre outeiros, passando junto á villa a ribeira *Sinhel*, que se mette no *Unhaes* e este no *Zezere*.

É terra aspera e montanhosa e só produz algum vinho e centeio; mas tem abundancia de castanhas, optima carne de porco, bons e muitos cabritos, e colmeias.

Os cruzios de Coimbra (ditos do *collegio-novo*) apresentavam os parochos e recebiam os dizimos.

Os nossos primeiros reis lhe deram gran-

des privilegios, que seus successores confirmaram.

O principal commercio d'esta terra é lãs e cera, que exporta em grande quantidade; mas tambem exporta carne de porco, castanha *pillada*, e cabritos.

Perto d'aqui começa a serra do Sinhel. Defronte da egreja está a fonte de S. Matheus, de agua muito fria, que dizem ser boa para curar hydropisias.

Gabam-se os de Alvares que em toda a freguezia nunca houve *christãos novos*.

**ALVARO**—rio, vide *Alvaro*, villa.

**ALVARO**—villa, Beira Baixa, comarca e 25 kilometros ao N. da Certã, concelho de Oleiros, 105 kilometros do Crato, 40 ao O. de Castello Branco, 205 ao E. de Lisboa, 280 fogos, 700 almas.

É no patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

Priorado do Crato *(nullius diœcesis)*.

É situada em um outeiro, cercada de olivaes, correndo-lhe pelo N. o rio Zezere, (sobre cuja margem esquerda está a villa) e pelo S. o Alvellos, que se mette n'aquelle, depois de rodear a villa, fazendo-a uma peninsula. Tres dos lados do outeiro sobre que está fundada, são quasi a prumo sobre o Zezere e sobre o Alvellos. Estão cobertos de gigantescos castanheiros e frondosas oliveiras, que constituem a principal producção da freguezia.

A terra, apesar de agreste, é productiva, á força de trabalho. Os povos d'aqui são laboriosos e hospitaleiros. Ao rio Alvellos se chama tambem vulgarmente *rio d'Alvaro*. É cortado por duas pontes de pedra.

É fertil e tem optimos presuntos, que exporta.

Foi dos condes de Cantanhede e passou para os marquezes de Marialva.

O outeiro em que está a villa é uma ponta da serra d'Alvellos.

Era commendataria a Ordem de Malta, que apresentava os parochos.

Tem Misericordia e hospital, fundado por Bartholomeu Gomes Curado e suas irmãs, d'esta villa, pelos annos de 1500; o que D. Mannel confirmou.

Exporta muita e optima carne de porco, muito burel e pannos grossos de lã, muita castanha, azeite e fructa.

Diz-se que foi fundada por um fidalgo portuguez chamado D. Alvaro, natural de Guimarães (por isso ainda se chamam *guimaros*, aos moradores d'esta villa) que veio para aqui degredado (não sei quando).

No sitio do *Chão do Paço*, estão as ruinas de uma casa, que é tradição ser a morada de D. Alvaro.

Aqui nasceu Francisco Rodrigues Freire Barata, coronel de infanteria, no Pará, onde prestou grandes serviços a Portugal, em 1822.

José Rodrigues Freire, capitão de cavallaria, no fim do seculo passado, que fundou a capella do Senhor dos Passos, d'esta villa, onde jaz.

João de Deus Antunes Pinto, conego e distincto jurisconsulto, que morreu haverá 10 annos.

São tambem d'aqui naturaes os juristas contemporaneos Manuel Pedroso Barrata, desembargador; Manuel d'Antas Barata Salgueiro, vogal da Relação de Lisboa e deputado ás côrtes; e o dr. Adriano Antão Barata Salgueiro, etc., etc.

Fazem-se aqui os melhores pannos chamados de *varas* (panno azul grosso) e curam-se optimos presuntos. A 6 kilometros de distancia se vê a serra d'Alvellos, que tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo. Lança um braço para o O., que chega até á villa da Certã, e d'esta villa toma o nome, chamando-se *serra da Certã*.

**ALVARRAQUE**—vide *Albarraque*.

**ALVAYAZERE**—vide *Alvaiazere*.

**ALVEGA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Abrantes, 150 kilometros ao O. da Guarda, 150 ao E. de Lisboa, 450 fogos. Está 122 kilometros ao S. do Tejo.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Aqui existiu a antiga cidade da Lusitania chamada *Ayre* ou *Aritio*.

Tem-se aqui encontrado grandes ruinas de uma populosa cidade, pela qual passava a via militar romana de Lisboa a Merrida.

Apparecem alicerces de sumptuosas casas e sepulturas; aqueductos, galerias subterraneas, com figuras e porticos de mosaico.

Em 1659, achou-se em uma ribeira proxima uma lamina de bronze, com uma inscripção latina, datada da velha cidade de *Aritio*. Tambem lhe chamavam *Euricia*.

No tempo dos arabes ainda era cidade populosa, o que attestam grandes e sumptuosos edificios subterraneos que ainda existem.

É situada em uma planicie. Na aldeia da *Casa Branca*, d'esta freguezia, ha uma estação do caminho de ferro de leste.

A capella de Santo Antonio, ao pé do Tejo, foi a primitiva matriz.

Passam na freguezia os rios *Lampreia*, *Carregal*, *Fernando* e *Tejo*.

Era curato annexo a S. Vicente.

É terra abundante de aguas e fertil. Vide *Ayre*.

**ALVELLOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Pertenceu ao couto de Villar de Frades e era abbadia apresentada pelo ordinario.

Houve aqui um convento de freiras bentas, muito antigo, que o arcebispo supprimiu em 1480, passando as rendas para a mitra, por bulla de Xisto IV.

É aqui o solar dos *Alvellos*, d'onde procedem as maiores casas de Hespanha, por varonia do rei de Leão, por *Pedro Annes Alvellos*, filho de João Martins Salça, e neto do immortal *Martim Moniz* (filho de D. Egas Moniz) que morreu intrepida e gloriosamente, atravessado na porta do castello de Lisboa, quando D. Affonso I tomou esta cidade aos mouros, em 1147.

**ALVELLOS** — pequeno rio na Extremadura, priorado do Crato. Nasce na serra do seu nome e morre no Zezere, ao pé da villa d'Alvaro, com pequeno curso.

**ALVELLOS** — serra, Alemtejo, priorado do Crato, 24 kilometros de comprido e 12 de largo. Para o O. lança um braço chamado serra da Certã (por chegar até á villa d'este nome) outro para E. chamado serra da Rasca, que vae até á freguezia do Esteiro, termo de Oleiros.

Tem bastantes nascentes d'agua (além do rio Alvellos) e muita caça. Vide *Alvaro*.

**ALVENDRE** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

D. Martinho, bispo d'Egitania (Idanha Velha) lhe deu foral em abril de 1214. N'elle lhe chama *Alvende*.

**ALVERCA** — ribeira, Beira Baixa, na freguezia do mesmo nome, termo de Trancoso. No sitio dos *Moinhos da Veiga*, tem uma boa ponte de cantaria. Junta-se á ribeira da *Matta* e ambas, passada outra ponte de cantaria, chamada *Ponte Pedrinha*, vão desaguar no rio *Macoeime*. É arborisada e em parte cultivada. Traz bom peixe. Vide para a etymologia, Alverca, villa.

**ALVERCA** — villa, Beira Baixa, comarca de Celorico, 60 kilometros a SE. de Vizeu, 325 a E. de Lisboa, 260 fogos, 1:000 almas. No concelho 920 fogos. (Este concelho foi supprimido em 1855. Agora pertence ao concelho de Pinhel).

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Tem cortumes.

É corrupção da palavra arabe *alborca*, significa terra apaúlada, alagadiça, e tambem tanque d'agua, lago, ou aguas estagnadas.

É fundação arabe, e é provavel que no tempo d'elles já aqui houvessem cortumes, em vista do nome da villa.

Pelo que fica dito, se vê que esta povoação é muito antiga, pois já existia, pelo menos, no tempo dos arabes.

**ALVERCA** e **SOBRAL** — villa, Extremadura, comarca de Villa Franca, 25 kilometros a NE. de Lisboa, 25 a E. de Torres Vedras, 400 fogos, 1:500 almas. No concelho 660 fogos. Orago S. Pedro.

Este concelho foi supprimido em 1855. Hoje é do concelho de Villa Franca. É no patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Situada na margem direita do Tejo, em bonita planicie, cercada de aprazíveis quintas e muito fertil.

Foi fundada pelos arabes no seculo IX ou X. D. Affonso I lh'a tomou em 1147, dando-a aos estrangeiros que o ajudaram á conquista de Lisboa, e estes a povoaram. O mesmo rei lhe deu foral em 1160, com muitos e grandes privilegios, que foram confirmados e ainda augmentados, pelos reis que lhe succederam.

É a 5.ª estação do caminho de ferro de norte e leste.

Teve um convento de carmelitas calçados, proximo e ao N. da villa, com uma espaçosa alameda, na qual ha uma grande feira franca a 15, 16 e 17 de junho, que tinha grandes privilegios dados por D. João V em 1746. Havia então grande festa á Senhora do Monte do Carmo, vindo um cirio de Lisboa. (Já não vem).

A etymologia antecedente.

Era padroeiro d'este mosteiro José Salema Cabral e Paiva, pae de Pedro de Paiva, instituidor do morgado d'Alfarrobeira. A capella-mór da egreja do mosteiro foi fundada por D. Marianna de Paiva, mulher de D. Antonio de Mello e filha do dito Pedro de Paiva.

A pouca distancia da villa é o logar da Alfarrobeira, onde D. Affonso V derrotou seu tio e sogro, o infante D. Pedro. (Vide Alfarrobeira).

Foi das *capellas* de D. Affonso IV, e o provedor d'estas capellas era alcaide mór da villa e seu donatario. O parocho era até 1834 apresentado pelo prior da freguezia de Santo André, de Lisboa (ou de S. Martinho).

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1583, por D. N. Teixeira, viuva de Vasco Martins. (Esta senhora era natural da ilha da Madeira).

Ha aqui tres grandes marinhas de sal.

É atravessada pelas ribeiras da *Fonte*, do *Valle* e da *Silveira*, que fazem mover moinhos de pão e de azeite em quantidade, e desaguam no Tejo. Além d'estas ribeiras tem tres *esteiros* ou braços do Tejo.

Valorosos capitães d'aqui naturaes foram Antonio Brandão de Revoredo, cavalleiro de Christo, e que sendo mestre de campo, morreu em 1662, na Galliza, em uma batalha em defeza da patria. Era filho de Thomaz Rodrigues da Costa.

Estacio Ribeiro de Revoredo, filho de Manuel Antunes da Silva, e de Constança Pontes, cavalleiro de Christo e governador da praça de Villa Nova de Portimão.

Jeronimo Pimenta de Sampaio, filho de André de Sousa Coutinho. Sendo governador da praça d'Alcantara (que se tinha tomado aos hespanhoes) estes a atacaram furiosamente com grande numero de gente, e tomando-a, elle se não quiz render e morreu matando muito hespanhol. Isto na guerra dos 27 annos.

Tinha esta villa muitos privilegios, e sobretudo o chamado das capellas de D. Affonso IV.

É muito abundante de fructas e aguas.

No esteiro de *Ramiles* (onde desemboca o ribeiro da Silveira) ha uma forte ponte com dois arcos, feita por D. Pedro II, pelos annos de 1680.

Houve aqui outro convento de frades capuchos, de Santo Antonio.

Teve a villa um curato (do Espirito Santo) no logar do Sobral, que tambem era apresentado pelo prior de S. Martinho, de Lisboa.

Tinha juiz ordinario e uma companhia de ordenanças.

**ALVIDRAR**—louvar, avaliar, etc. D'aqui *alvidrador*, louvado, avaliador. Portuguez antigo. Ha em Cintra um celebre penedo chamado *Pedra d'Alvidrar*. Vide Cintra.

**ALVIELLA**—rio na Extremadura (patriarchado). É corrupção da palavra arabe *Albaila*, significa cousa minguada. Deriva-se do verbo *baiala*, minguar.

É no concelho d'Alcanêde. Nasce no logar da Loureira, nas vertentes da serra do Patêllo, debaixo de um grande rochedo, saindo por varias boccas (ou buracos, da penha) e a que chamam *olhos d'agua*. De verão nasce pacifico, mas de inverno sae furioso, fazendo medonho ruido, que se ouve a grande distancia.

Logo na sua nascença faz mover (ainda mesmo no estio) quatro moinhos. Com as aguas saem saborosissimos barbos, que nas-

cem e se criam dentro da gruta, *mãe d'agua*.

Passa a Pernes, onde se lhe junta o rio de Porto do Centeio e recebendo outros ribeiros e fazendo muitas voltas, se mette no Tejo, no sitio do *Rebentão*, por baixo da quinta de Valle de Carreiras, com 24 kilometros de curso.

Cria grandes barbos e outros peixes.

No sitio do *Paúl*, ha muitos barcos de pesca. No logar da *Ribeira de Pernes* fórma uma cachoeira chamada *Corredoira*, que tem uns 14 metros de altura e se despenha sobre penedia.

Tinha logo abaixo uma boa ponte de pedra, de um só arco, que o rio destruiu em 1705, e apenas restam vestigios d'ella. Agora é de madeira. Tem mais sete pontes de madeira, e uma de pedra no sitio de S. Vicente do Paúl, com tres arcos e varias setteiras para darem vasão ás aguas.

A *companhia das aguas*, de Lisboa, trata de canalisar a agua d'este rio, para abastecimento da capital, e já ha muitas obras feitas. Em 16 de setembro de 1873, pelas 11 horas da manhã, na quinta do *Ferrajeiro* (proximo a Marvilla) abateu um *tunnel* d'aquelle encanamento, na extensão de 40 metros. Os operarios fugiram a tempo, por isso não houve victimas.

Ha em todo este rio muitos moinhos e lagares de azeite (só em Pernes ha mais de 40 moinhos e 13 lagares, que pagam um pequeno fôro aos herdeiros do capitão-mór Luiz Pegado de Rezende, que aqui morava).

Em julho de 1157 doou D. Affonso I e seus filhos, ao mestre D. Gualdim Paes e seus cavalleiros (templarios) oito moinhos na ribeira *d'Alviella*.

Suas margens são arborisadas em partes e n'outras cultivadas.

Ha uma nascente junto á ponte de Pernes, cujas aguas, dizem ser optimas para a cura de molestias cutaneas.

**ALVITE**—pequeno rio na Maia, Douro, freguezia de Fajozes. Apesar de ter apenas 9 kilometros de curso, muda tres vezes de nome. Chama-se primeiro *Alvite*, depois *Saltão* e por fim se mette no mar com o nome de *Beche*.

Ha em Portugal muitas aldeias d'este nome. Alvite é nome proprio de homem.

**ALVITE**—freguezia, Douro, concelho de Sever, comarca de Agueda, 48 kilometros ao O. de Vizeu, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Situada entre montes, no alto de uma serra. Era do convento de S. João de Tarouca, que lh'a deu D. Affonso I, pelos annos de 1160.

O parocho era apresentado pelo D. abbade de Tarouca.

É abundante, sobretudo de centeio.

Tem esta freguezia uma *carta* (especie de foral) dado pelo D. abbade de Tarouca.

A pequena distancia do logar, no caminho da Senhora da Lapa, ha uma lagoa chamada *Nave da Borbulha*, muito medonha e abundante d'agua.

Cria-se n'esta freguezia bastante gado grosso e miudo, lobos e caça.

A mesma etymologia.

**ALVITE**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, districto administrativo, arcebispado e 40 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Pedro.

Foi couto do mosteiro de Refoyos de Basto (de frades bentos) que apresentava os parochos.

É situada na râiz de um alto monte chamado *serra da Orada*. Junto á quinta de Santo Antonio da Orada se faz uma feira franca annual, a 2 de setembro, onde vem muito gado, sobretudo os celebrados touros de Barroso.

Sobre um monte chamado serra de Santa Catharina ha uma capella d'esta santa, debaixo de dois grandes penhascos, á maneira de lapa.

O territorio da freguezia é abundante, sobretudo de castanha, que exporta em quantidade.

Corre aqui o rio *Portimão* (ou Potimão) que desagua no Tamega.

Nos instrumentos antigos se dá a este pequeno rio (que mais merece o nome de ribeiro) o nome de *Potimão* e diz-se que o seu primeiro nome foi *Salto de pote em mão*;

porque um individuo o saltou em certo sitio com um pote (medida antiga que levava meio almude) na mão.

A mesma etymologia.

Ha aqui a casa nobre da Torre d'Alvite, á qual está encorporada a d'Alvação.

**ALVITE**—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Leomil, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

A mesma etymologia.

Orago Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu. Fertil.

**ALVITES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Vicente.

Districto administrativo e bispado de Bragança. Fertil.

D. Affonso III lhe deu foral, em julho de 1249.

*Alvites* ou *Alvitis*, quer dizer filho, ou da familia *d'Alvite*.

Além do que fica descripto, ha em Portugal 14 aldeias com este mesmo nome, ou *d'Alvite*.

**ALVITO** (S. Martinho de)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, arcebispado, districto administrativo e 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

É situada quasi no meio do valle de *Tamel* e d'ella se descobre a villa de Barcellos a 7 kilometros de distancia, e mais 12 ou 13 freguezias.

Os abbades d'aqui eram apresentados pelo arcebispo de Braga.

É terra muito abundante de tudo, apesar de não ter muita agua: é apenas atravessada por dois regatos chamados o dos *Passaes* e *Linhar*.

Ha n'esta freguezia as ruinas de uma grande e robusta torre, que foi cabeça do morgado dos *Ferreiras de Argemil* (ou *Arzemil*).

Foi senhor d'esta torre D. Godinho, de Pousada do Tamel, e posteriormente os condes de Valle de Reis.

Tambem foi senhor d'esta torre D. Veja, do Tamel, um dos sete condes que estão sepultados em Atães, aos quaes todos enganou D. Mem Soares de Novellas.

**ALVITO** (S. Pedro de)—freguezia, Minho, na mesma comarca e concelho, arcebispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Martinho.

Era das freiras de S. Salvador e depois foi da commenda de Christo.

**ALVITO**—villa, Alemtejo, comarca de Cuba, 35 kilometros ao SO. de Evora, bispado, districto administrativo e 25 ao NNO. de Beja, 125 ao E. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas, no concelho 1:200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 38° e 12' de latitude e 10° e 22' de longitude.

Situada em uma planicie amena e saudavel, regada pelo rio Odivellas (atravessado aqui por uma sumptuosa ponte de cantaria).

Tem um castello e dentro d'elle o palacio do senhor d'esta villa (conde-barão d'Alvito). São condes de Oriola e barões d'Alvito.

O castello foi feito por D. João II, pelos annos de 1484, e d'elle fez doação a João Fernandes da Silveira, chanceller-mór do reino, védor da fazenda, escrivão da puridade e por dez vezes embaixador de Portugal.

Sobre a porta principal está uma lapide com esta inscripção:

*Esta fortaleza se começou a 13 de agosto de 1454, por mandado d'el-rei D. João II N. S., e acabou-se no tempo d'el-rei D. Manuel o 1.°. Fêl'a por seus mandados, D. João Lobo, barão d'Alvito.*

Esta inscripção, pelos seus anachronismos, conhece-se que foi posterior á fundação.

O castello (ou palacio acastellado) tem cinco torres e está muito bem conservado.

Ainda é propriedade do sr. conde-barão. Foi residencia habitual dos seus antepassados.

Dentro do castello está a egreja do Espirito Santo, que é capella dos condes-barões. A torre de menagem, que é toda de canta-

ria, não chegou a concluir-se. É a fortaleza antiga mais robusta, e bem conservada de Portugal.

Tem um convento de frades trinos, fundado em 1182.

Tem outro convento de frades franciscanos, da invocação de Nossa Senhora dos Martyres, reedificado pelos barões d'Alvito, e concluido em 1534. (Durou exactamente 300 annos, desde a reedificação). Este convento foi primeiramente de benedictinos, fundado em 900. Depois os barões d'Alvito o deram aos franciscanos.

Quando era de bentos, se chamava de *Mujadarem* (isto é, monges d'além) e então aqui viveu Santo Eleutherio (ou *Noutel*) ao qual se erigiu uma ermida proximo da villa, que ainda existe. Diz-se que se lhe deu o titulo *dos martyres*, pelos que aqui foram trucidados pelos romanos, no tempo dos imperadores Claudio e Aureliano, pelos annos 280 de Jesus Christo. Vê-se pois que, já quando era de benedictinos, tinha a mesma invocação, que passou aos franciscanos.

Tem Misericordia e hospital, e teve albergaria para viajantes, junto ao hospital, administrada pela Misericordia.

Consta por tradição que esta albergaria foi fundada por Manuel Alvares Pereira (progenitor dos Fernedas) mas, segundo Villas Boas, o seu fundador foi Ramiro Alvares. Vide adiante.

É terra muito fertil em tudo.

É a 17.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Feira franca nos dias 1, 2 e 3 de novembro.

A origem d'esta bonita villa foi a seguinte:

Pelos annos de 1250, havia n'este sitio uma herdade chamada de S. Romão, que era do senado de Evora e dos Pestanas da mesma cidade (descendentes de Giraldo Giraldes, o *Sem pavor*).

D. Affonso III, por commum accordo das partes interessadas, a deu a D. Estevão Annes, seu collaço, que a cultivou e edificou algumas casas.

O padre Cardoso diz que dos Pestanas passou aos condes de Villa Nova, e que estes e a camara de Evora é que a deram ao tal Estevão Annes, em 1255 ou 1257.

Concorreu para aqui tanta gente, que em 1262 já D. Estevão lhe edificou uma egreja, dedicada a S. Romão; que d'ahi a poucos annos foi erecta em parochia.

Ainda existe esta egreja (reduzida a capella) fóra, mas a pequena distancia da villa.

D. Affonso III, passando por aqui em 1249 e vendo a povoação tão augmentada, lhe deu foral.

N'este foral (que foi dado a 8 de maio) concedeu o rei muitos privilegios a Alvito, fazendo-a villa. Isto em attenção a que D. Estevão Annes, além de ser seu grande privado e collaço, era tambem seu genro, pois tinha casado com D. Leonor Affonso, filha bastarda do mesmo rei. Morrendo D. Estevão Annes, sem filhos, a 20 de março de 1279, doou a villa aos frades trinos.

D. Estevão deu esta villa e terrenos a ella pertencentes, por sua morte, aos frades trinos da mesma villa, que, tratando de aforar terrenos a quem queria fazer casas ou cultivar terras, muito concorreram para o augmento da população.

Alvito foi o primeiro baronato que houve em Portugal, dado ao dito João Fernandes da Silveira.

É tradição que a origem do nome d'esta villa é a seguinte:

(Este *conto* constava de uma memoria que existia no cartorio dos capuchos de Xabregas.)

Em uma festividade em que havia corrida de touros, fugiu um d'elles. Alguns individuos mais animosos, foram atraz d'elle e o agarraram, trazendo-o para a praça e gritando: —*alvitre! alvitre!* (por *alviçaras*, que Cuvarruvias, a quem Bluteau segue, diz vir do latim *albities*, o que não é muito claro).

Da tal palavra *alvitre*, pretendem alguns sonhadores derivar-se *Alvito;* mas, pergunto eu: então tambem agarrariam algum touro bravo e tambem diriam *alvitre!* os povos das freguezias e aldeias (que não são poucas) que se chamam *Alvite, Alvites, Alvito*, etc.? Não acho muito provavel similhante etymologia.

Alvito é nome proprio de homem. Em Hespanha ha povoações com o mesmo no-

me, e em Italia, proximo á cidade de Napoles, ha a povoação d'Alvito. Notem isto. É provavel que algum sujeito chamado Alvito, desse, por qualquer circumstancia, o seu nome a esta povoação.

Segundo o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, os frades trinos, senhores da villa, lhe deram novo foral, em 1321, que D. Diniz contestou por seis annos; mas finalmente lh'o confirmou em 1327.

O padre Cardoso diz que os frades lhe deram foral em 1280 e que D. Diniz a tirou aos frades em 23 de janeiro de 1283, mas que em 12 de fevereiro d'esse mesmo anno lhes deu *(só)* o padroado das egrejas de Alvito e Oriola e a herdade do *Monte do Trigo* (proximo a Santarem) que possuiram até 1834.

Franklin diz o seguinte: Tinha foral, de julho de 1249 (por D. Affonso III). O prior dos trinos lhe deu foral no 1.º de agosto de 1280. D. Diniz lh'o confirmou em Lisboa, a 16 de junho de 1289.

Parece-me que quem tem razão é Franklin. Nem Carvalho nem Cardoso fallam no foral novo, e é certo que D. Manuel lh'o deu em Lisboa, a 20 de novembro de 1516.

Como a população cresceu muito, se fez nova egreja matriz (da invocação de Nossa Senhora da Assumpção) de tres naves, espaçosa e bem ornada, ficando a de S. Romão reduzida a capella, com a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Em a nova egreja teem seu jazigo os condes-barões, em duas capellas, onde se vêem alguns bons mausoleus de marmore com as armas dos Lobos.

A nova egreja é contigua ao antigo convento dos trinos, servindo tambem de egreja dos frades. Estes, em 1618, reedificaram e ampliaram muito o seu convento.

Até 1834 era parocho (reitor) um frade trino.

Tem uma boa casa da camara, construida pelos annos de 1720. Está no meio da villa, no sitio mais elevado, e tem uma alta torre de relogio, toda de cantaria, feita pelo mesmo tempo.

Os arrabaldes da villa são muito aprasiveis e ferteis, e muito abundantes de aguas.

Em 1743, andando a abrir-se os alicerces para a actual capella-mór (por a antiga ser pequena e estar arruinada) se achou, no dia 8 de junho, um tumulo formado de *adobes* (tijolos seccos ao sol) e dentro d'elle um esqueleto de 14 palmos de comprido! (3m 11) e junto tres pequenas barras de um metal desconhecido.

Sobre o tumulo estava uma lapide de 1m, 11 de comprido e meio metro de largo, com a seguinte inscripção:—*Hislonencas Selsas Florentis D. D.*

Nas mesmas escavações encontraram-se tres pedras do comprimento de 1m, 11 (5 palmos) todas do feitio de pipas, massiças, e com inscripções sepulchraes.

Em uma lia-se: *D. M. S. Musa vixit. Ann. A X. Livia Liberatoset. H. S. E. S. T. T. L.* —Em outra: *D. M. S. Dignitas. vixit ann. XXV. cryseros maritus posuit. H. S. E. S. T. T. L.*—Em outra: *D. M. S. perenia mak. por. quae mor XXXV.*

Em 1745, tambem em umas escavações aqui perto, se achou outro cippo similhante.

Este cippo tinha a seguinte inscripção: *D. M. S. C. Maria Euprepia qua ifate concesseruut vivere annis XXXV ben e merenti modestus conjuci sua posuit.*

O apparecimento d'estas antiguidades dá bastante probabilidade ao que dizem alguns antiquarios, isto é, que houve aqui uma florescente povoação celtica, que foi de muita importancia no tempo dos romanos, e que foi completamente destruida pelos barbaros do norte (suevos, visigodos, alanos, wandalos, etc., etc.) ou pelos mouros, não deixando pedra sobre pedra.

Em 1531, estando aqui D. João III e sua mulher D. Catharina, deu esta á luz, no 1.º de novembro, o seu filho primogenito, o principe D. Manuel, que morreu menino.

Foi em cumprimento de um voto feito pelo nascimento d'este principe, que o rei mandou fazer o magnifico retabulo de jaspe, que deu aos frades jeronimos de Cintra, e que ainda hoje se vê na egreja da bella quinta da *Pena*, do Senhor D. Fernando.

Alvito tinha voto em côrtes, com assento no banco 18.º

As suas armas são—em campo de san-

gue, o escudo das quinas, entre dois troncos de arvore, que rematam em duas folhas sómente (cada uma) e firmados sobre um arco de ponte.

Outros querem que seja um touro *rompente*, entre duas arvores, e assim as traz o optimo livro do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, (*Cidades e villas da monarchia portugueza*). Estas julgo que são as taes do *alvitre*.

Ha na villa uma boa egreja de Santo Antonio e duas capellas (a de Nossa Senhora das Cadeias e a Misericordia).

Proximo á villa ha a de Nossa Senhora da Graça (que foi a primeira matriz). Tem mais fóra da villa cinco capellas, S. Pedro, S. Miguel, S. Sebastião, S. Bartholomeu e Santa Luzia.

Tem minas de ferro e de outros metaes.

Tinha antigamente esta villa o singular privilegio de que *todo o preso d'ella natural, não podia ser removido para outra cadeia, qualquer que fosse o crime.*

Ha dentro da villa uma opulenta fonte que de inverno lança por tres partes tamanha quantidade de agua, que póde fazer mover muitos moinhos. Dizem que esta agua passa por minas de salitre.

Tem muitas mais fontes, dentro e fóra da villa, que regam e moem.

A serra de *Muxagata* fica proxima a esta villa.

Aqui nasceram a celebre poetisa D. Constança Freire de Sousa e o poeta insigne João de Mattos Fragoso, além de outros muitos varões famosos pelas armas ou pelas lettras.

Foi esta villa solar dos Ramires, familia nobre que descende de Ramiro Alvares, do qual tomaram o patronimico por appellido. Ramiro Alvares é o fundador da Misericordia d'esta villa e n'ella tem o seu jazigo e de sua familia. Tem por armas—em campo de purpura, um leão d'ouro, desfolhando um ramo verde, picado de ouro, e um contrachefe de prata. Orla azul, carregada de quatro aspas e quatro vieiras, tudo de ouro e alternadas. Escudo de aço aberto, e por timbre uma das aspas do escudo entre cinco vieiras, tudo de ouro. Tambem julgo que este Ramiro Alvares foi o fundador de uma albergaria que existiu n'esta villa, para passageiros pobres, e que me parece foi substituida pela actual casa da Misericordia. Como já disse, a tradição diz que foi um Manuel Alvares Pereira; talvez seja engano no primeiro nome.

O foral de Villa Nova de Alvito (hoje Villa Nova da Baronia) acha-se no mesmo *Livro dos Foraes Novos* do Alemtejo, a fl. 100 v., col. 1.ª, e se remette em muitos artigos a este foral d'Alvito.

Origem dos condes-barões (hoje marquezes) de Alvito:

De D. Affonso Diniz, filho legitimado de D. Affonso III, e de D. Maria Paes Ribeiro (formosissima dama do seculo XIII e denominada a *Ribeirinha*) herdeira da célebre casa dos Souzas, foi segundo filho D. Martim Affonso de Souza, senhor de Bayão.

Um filho d'este, chamado Affonso Martins, depois de viuvo (tendo sido um bravo guerreiro de D. João I) professou em Santa Cruz de Coimbra, onde foi 19.º prior.

Seu filho, legitimo, D. Fernando Affonso, doutor em leis, pela universidade de Bolonha, foi pae de João Fernandes da Silveira (de quem já fallei) primeiro barão d'Alvito. Este, pois, era quarto neto de D. Affonso III.

Casou duas vezes, a segunda com D. Maria de Souza Lobo, filha e herdeira de Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, Villa-Nova, Oriola, Aguiar e Niza e de D. Isabel de Souza, mestre da Ordem de Christo, da casa de Lafões.

D'este casamento nasceram dois filhos: D. Diogo Lobo da Silveira, que foi segundo barão d'Alvito, e D. Filippe de Souza, que foi tronco da familia dos Souzas, senhores dos morgados do Calhariz, Monfalim e Fonte do Anjo, alcaides-mores da Certan, capitães da guarda real allemã (hoje archeiros) e que em nossos tempos foram elevados a duques de Palmella. (Esta familia é hoje formada pelo duque de Palmella, marquezes de Sousa e Monfalim, condessa de Rezende, etc.)

D. Luiz Lobo da Silveira, setimo barão d'Alvito, foi feito primeiro conde d'Oriola, por D. João IV, em 9 de agosto, de 1653; mas o povo não lhe chamava conde de Oriola, e sim conde-barão. Ainda hoje o sitio de

Lisboa, onde está o palacio d'esta familia, se intitula *Largo do Conde-Barão.*

D. José I, fez marquez d'Alvito, em 4 de junho de 1766, a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, terceiro conde de Oriola e decimo barão d'Alvito.

Fallecendo D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, quinto marquez d'Alvito, lhe succedeu seu filho, D. Fernando Antonio Lobo da Silveira Quaresma, sexto marquez d'Alvito, setimo conde de Oriola e decimo-quarto barão d'Alvito, que morreu sem filhos succedendo-lhe sua irmã, a Sr.ª D. Henriqueta Polycarpa José A. L. da S. Q., que casou com Antonio Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco e Menezes, filho segundo do segundo marquez de Borba, decimo-quarto conde de Redondo, decimo-segundo senhor de Gouveia e de D. Eugenia Manuel, filha dos marquezes de Tancos.

Antonio Luiz de Souza, foi, pelo seu casamento, feito conde de Oriolla e barão e marquez d'Alvito. Tinha nascido a 8 de outubro de 1799, e morreu a 25 de março de 1872, com descendencia.

Este baronato foi o primeiro e unico que houve em Portugal por dois seculos.

**ALVIUBEIRA**—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zezere, comarca e 12 kilometros de Thomar, 155 ao N. E. de Lisboa, 180 fogos.

Orago S. Pedro apostolo.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

É n'esta freguezia a quinta do Paço, vinculada por Nicolau de Souza, e foi seu primeiro administrador, seu filho, Simão de Souza.

É fertil.

**ALVOCO**—ribeira, Beira Baixa, que nasce proximo á villa de Alvoco da Serra, junto á Serra da Estrella. Nasce caudaloso por entre penhascos. Tem uma ponte de pedra junto á dita villa. Pequena parte das suas margens são cultivadas. Morre na ribeira de Vide.

**ALVOCO**—pequeno rio, Beira Baixa, que, nascendo tambem na Serra da Estrella, passa á villa da Feira. Traz muita agua e é de corrente arrebatada. Morre no Mondego.

**ALVOCO DA SERRA**—villa, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Loriga, bispado e 75 kilometros ao N. E. de Coimbra, 265 a E. de Lisboa, 210 fogos, 750 almas. Desde 1855 é concelho de Gouveia.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Tem muitos gados e fabrica bons queijos. Aqui não ha carros; tudo é acarretado ás costas de homens e mulheres, porque o terreno é escabrosissimo e alcantilado.

Alguns antigamente lhe davam o nome de *Alvo da Serra.*

É situada entre dois montes. Era da corôa e os dizimos da commenda de Redondo e do bispo conde.

O vigario de Loriga apresentava o cura d'aqui até 1834.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de fevereiro de 1514.

N'este foral se lhe dá o nome de *Alvoco da Serra da Estrella.*

É no districto administrativo da Guarda.

**ALVOCO DAS VARZEAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, foi do concelho de Penalva de Alva: bispado, districto administrativo e 60 kilometros a N. E. de Coimbra, 260 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santo André.

O cura d'aqui era, até 1834, apresentado pelo vigario de Penalva de Alva.

Passa por esta freguezia o rio Alva, e é terra bastante fertil.

Está situada entre duas serras (S. Sebastião da Feira e Outeiro dos Chãos) ramos da Serra da Estrella.

N'estas serras se cria muita caça, lobos e porcos montezes.

**ALVOR**—villa, Algarve, comarca e 6 kilometros a E. de Lagos, concelho de Villa Nova de Portimão, 50 de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas, em 37° de latitude e 9° e 42' de longitude.

Bispado e districto administrativo do Algarve (Faro.)

Orago S. Salvador.

É situada em uma collina pouco elevada, proximo á foz do rio do seu nome, com um pequeno porto, que só tem fundo para hiates, e está defendido por um castello.

Tem Misericordia, pobre.

É muito fertil, e tanto a costa como o rio produzem muito peixe. É terra de muito commercio.

Foi fundada por Annibal (o mais antigo) 436 annos antes de Jesus Christo, e foi cidade muito importante na antiguidade.

Não se póde affirmar que nome lhe deram os carthaginezes, porque, é verdade que alguns auctores dizem que lhe chamavam *Porto de Annibal*; mas outros querem que *Porto de Annibal* seja a actual Villa Nova de Portimão.

Tambem ha quem diga que Alvor é a *Lacobriga* dos romanos; mas parece mais certo ser *Lacobriga* a actual villa de Lagos, ou proximo d'ella. O padre Salgado (Mem. Eccles. do Alg.) sustenta, com bons fundamentos, que foi aqui o *Portus Annibalis* dos antigos.

Os arabes, apossando-se d'esta povoação em 716, lhe deram o nome de *Albur*, que significa *campo inculto;* d'onde procede o nome actual.

D. Sancho I a tomou aos mouros, em 1189, mandando-a então povoar; mas perdeu-se em 1191 (vide para isto Almada.)

D. Affonso III retomou-a em 1250.

Pelos annos de 1300, D. Diniz lhe reedificou o castello (que está muito arruinado.) Teve conde.

Foi D. Pedro II que fez primeiro conde de Alvor a Francisco de Tavora (filho do conde de S. João da Pesqueira, e primeiro marquez de Tavora, Luiz Alvares de Tavora) em 4 de fevereiro de 1683, quando D. Pedro ainda era regente. Findou este titulo em 1759.

Tem uma nascente d'aguas sulphureas, com estabelecimento para banhos.

D. João II, tendo sido envenenado por seus inimigos, veiu a esta villa fazer uso dos seus banhos, a vêr se se curava; mas aqui morreu, a 25 de outubro de 1495.

Morreu no paço do alcaide-mór, na rua por isso chamada do *Paço*.

(É mais certo vir o rei para os banhos de Monchique e que de lá viesse para esta villa, onde morreu.)

Tem marinhas de sal, que produzem muito d'este genero, que exporta: são mais antigas que a monarchia.

Era da *casa das rainhas*.

É terra muito saudavel. Passa-lhe a O. (cercando-a por este lado) o rio *Salgado*.

D'esta villa se vê a linda bahia de Lagos, a 6 kilometros de distancia.

O primeiro assento d'esta villa, foi junto ao rio, onde por isso ainda se chama Villa-Velha. Não pude saber por quem nem quando se mudou para o actual sitio.

Pelo terremoto cairam doze casas (de 160 que então tinha) e a egreja tambem soffreu bastante. Morreu uma pessoa. O mar entrou 667 metros pela terra dentro, ficando rente com a povoação, que está em 66 metros de altura sobre a rocha. Levou pelos alicerces a capella de Nossa Senhora da Ajuda, que havia na praia, junto á barra, não deixando d'ella o minimo vestigio. (Esta Senhora era muito da devoção dos povos do Algarve.)

Tambem ficou de todo arruinada a torre de vigia ou atalaia, chamada o *Facho*, edificada sobre uma grande rocha, que principia a E. da barra.

A matriz é bonita e aceiada. N'ella se vêem muitas campas com inscripções antigas, entre ellas uma de desmarcada grandeza, que diz: *Aqui jaz o grande Alvaro de Athaide, pae de Tristão de Athaide.*

Na capella da Senhora do Rosario estão as armas da familia dos Cunhas Costas, oriundos d'esta villa.

Houve aqui uma grande fortaleza, da qual ainda ha alguns vestigios; e tem apparecido no sitio occupado por ella pedras lavradas e muitos objectos de metal.

Não tem agua na villa e só dois póços fóra d'ella, de muito bôa agua. Á do pôço *debaixo*, se attribuem muitas virtudes medicinaes.

A distancia de 2 kilometros, para O., tem esta villa uma barra, toda de areia, que por isso se muda frequentes vezes. Por ella entra um braço de mar, que cerca a villa pelo O. e sobe acima 3 kilometros, onde ha as salinas (que eram dos duques de Cadaval.) É navegavel para barcos de pequeno lote e cria muito marisco, sobre tudo enorme porção de ameijoas, que se exportam. Traz tambem bastante peixe.

Entram n'este braço de mar tres peque-

nos ribeiros (Santo Ildefonso, Torre e Diaxere.) Todos nascem a 24 kilometros da villa, na serra de *Foya*.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de dezembro de 1505. Filippe II lhe deu um *alvará* para esta villa usar do foral de Silves. (Está no livro 10.º de chancellaria d'este ururpador, a fl. 281.)

Ha uma provisão de D. João V, de 14 de dezembro de 1715, facultando ao duque de Cadaval o poder vender o sal das suas marinhas de Alvor, sem embargo das disposições do foral (livro 44 da chancellaria de D. João V, fl. 37.

Varios privilegios foram concedidos aos portuguezes que vieram povoar esta villa. Por carta de 15 de maio de 1313, lhe concedeu D. Diniz, alvazis e alcaides privativos, como os de Lagos; metade da renda da barca; o rocio, as aguas e caminhos para ellas, etc., etc., e por alvará de outubro do mesmo anno, que não paguem para atalaias, nem para ajuda da terra do concelho de Silves. Que nomeiem juizes e tenbam jurisdição independente. (Carta de 5 de abril de 1358. Lei 3.ª de D. Diniz, fl. 86, idem fl. 88. Livro 1 de D. Pedro I, fl. 37.)

Por alvará de 20 de julho de 1378, passou a ser termo de Silves.

Foi feita villa, por cartá de 28 de fevereiro de 1495. (Livro 1 do Guad., fl. 3, v.) e por outra de 28 de dezembro de 1498, foi desannexada do termo de Silves.

Por alvará de 16 de janeiro de 1773, foi reduzida a aldeia e unida ao concelho de Portimão, só pelo facto de ser condado dos Tavoras, mas continuou a ser sempre reconhecida geralmente como villa.

Na carta de privilegio, de 15 de maio de 1314, manda D. Diniz: *que se venda aos moradores o sal de que elles precizarem, se elle mandar adubar as marinhas velhas.*

Na doação que D. Affonso V fez, em 18 de dezembro de 1451, a Alvaro de Athaide, incluia, não só o dizimo do pescado, portagem de mar e terra, foros das azenhas, *serviço novo e velho dos judeus,* foros, moinhos, casas, vinhas e barca da passagem; mas tambem as marinhas.

Em outra, de 6 de novembro de 1497, concedeu D. Manuel a Nuno Friz. de Athaide, fazer marinhas nos sapaes.

É quasi toda composta de pescadores.

O seu porto foi um dos principaes do Algarve, formado pelo rio que corre ao S. da povoação, em direcção a E., até alli, depois toma ao N. N'elle entravam embarcações de 8:000 arrobas de tonelagem, que saiam carregadas com as producções do paiz. Ficou obstruida com as areias, pelo terremoto e hoje só dá entrada a barcos pequenos. A praia é toda limpa. A E. principia a grande rocha em que estava a torre do *Facho*. Este porto pertence á alfandega de Portimão.

Em 3 de junho de 1189, uma esquadra de *cruzados*, composta de 55 naus de guerra, atacou, tomou, e destruiu o castello de Alvor (que era dos mouros) matando 5:600 pessoas de todos os sexos e edades, que estavam na villa, commettendo toda a casta de barbaridades e roubando tudo. Este facto teve logar quatro semanas antes de entrar em Lisboa, outra frota de *cruzados* (36 náos) com que D. Sancho I tomou Silves.

No rio ha excellentes ostras e ameijoas.

Proximo ao N. E. fica a aldeia de *Montes de Alvor*, de lavradores. É abundante de boas aguas (de póços) e fertil. Produz muita e boa hortaliça.

É patria de Caetano Pimentel do Vabo, filho do capitão-mór de Alvor, Antonio Pimentel do Vabo. Foi tenente general e morreu no Brazil, pelos annos de 1815. Tinha mais quatro irmãos, Rodrigo, Tristão, Affonso e Luiz (todos Pimentel do Vabo.) Seu pae os havia offerecido, todos 5, a D. José I, que os mandou sentar praça de cadetes e todos seguiram a profissão das armas.

É tambem de Francisco Soares de Oliveira Pacheco. Foi mestre de campo e governador de Sagres. Foi um bravo soldado, na guerra da restauração. Em *Montes Claros*, estando ferido com tres balas, de mosquete, não se retirou, e combateu sempre. Morreu em 1659.

**ALVORA**—freguezia, Minho, comarca concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um valle, com bonitas vistas. Eram seus commendadores os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

É terra fertil. Tem mercado mensal (a 6) na aldeia das Choças.

É abundante de agua. Passa aqui o rio *Rajado*, que faz moer e rega as terras.

Tem uma ponte de cantaria nas Choças.

Foi abbadia do ordinario, com sua annexa de *Sá*. Metade d'este beneficio ia para a mesa archipiscopal, a titulo de camara de Alvora.

É tradição que por aqui passou D. Affonso VII, de Leão, com o seu exercito, que foi depois desbaratado na Veiga da Matança, proximo dos Arcos de Valle de Vez, em 1128.

**ALVORGE** e **ALCANHA**—freguezia, Estremadura, comarca de Soure, concelho do Rabaçal (mas em 1855 passou para o concelho de Ancião.) 30 kilometros ao S. de Coimbra, 175 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Está situada em um plató. Era senhoria directa d'esta freguezia a Universidade de Coimbra, que apresentava o parocho.

Tem Misericordia e albergaria.

É terra muito farta. Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

E a palavra arabe, *alborge*, significa *torrinha*. É diminutivo de *al-borjon*, a torre. (É mais etymologico. *Alborge*.)

**ALVORINHA** ou **ALVORNINHA** — villa, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 6 kilometros ao S. de Salir do Porto, 85 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Districto administrativo de Leiria, no patriarchado.

Situada em uma elevação, muito saudavel, cercada de lindas hortas e pomares e muito boas quintas. É abundante de aguas de muitas fontes e corre-lhe uma levada pelo meio, e outra ao S. E pois terra fertilissima.

Era dos frades de Alcobaça, por ser uma das treze villas dos seus coutos.

Diz-se que o seu nome provem do seguinte:

Um cavalheiro casado, morador na *quinta do Paço*, namorava uma menina d'esta villa (então aldeia) e quando chegava a casa, sua mulher lhe dizia: «*A ver la ninha?*»

Teve dois juizes, um para a villa e outro para o termo. (Este só tinha a freguezia de Vidães.)

O prior foi até 1834 apresentado pelo abbade de Alcobaça.

Tinha, uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

Na antiga capella do Espirito Santo, se fundou a Misericordia e hospital proximo, em 1605, e, por alvará de D. Pedro II, gosava dos mesmos privilegios da Misericordia de Lisboa.

Ha n'esta freguezia 17 capellas. Tem foral dado em Lisboa por D. Manuel, em 1 de outubro de 1514. N'elle se lhe dá o nome de *Alborninha*.

**AMADIGO**—no portuguez antigo significava logar, povo, quinta, casal, herdade, que lograva privilegio de *honra*, por n'elle se haver creado, *ao peito de mulher casada*, algum filho legitimo de *rico-homem*, ou fidalgo. De modo, que qualquer individuo que queria eximir-se de varios tributos e sujeições, arranjava com um rico-homem ou fidalgo a este lhe dar um filho para sua mulher crear e ahi estava um *amadigo* ou *honra*. Por causa das muitas isenções e abusos que isto trazia, D. Diniz annullou para sempre os *amadigos*, em 1290.

**AMADOR** (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros a S. O. de Evora, 180 ao S. E. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santo Amador.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em uma campina. É do infantado.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, sobre tudo porcos, cuja carne, que é optima, se exporta em grande quantidade.

Correm por ella dois rios, *Erdilla* e *Totalaga*, que morrem no Guadiana.

**AMAGUEIJA**—pequeno rio, Beira Baixa. Nasce na serra da Gardunha, junto á villa de S. Vicente da Beira e morre no rio Almacêda.

**AMANTELLADO**—cercado de fortes e altos muros. D'aqui vem *desmantellado,* por destruido. É palavra da antiga lingua portugueza, hoje fóra do uso.

**AMARANTE**—villa, Douro, districto administrativo e bispado do Porto, d'onde dista 67 kilometros ao N., 25 ao S. E. de Guimarães, 50 a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 600 fogos, 2:400 almas.

Concelho 4:200 fogos, comarca 7:800.

Em 41°29' de latitude e 10°42' de longitude.

O concelho de Amarante tem actualmente 36 freguezias, que são: Aboadella, Aboim, Anciães, Athaide, Bustello, Canadello, Candemil, Carneiro, Carvalho de Rei, Cepellos e Magdalena, Chapa, Figueiró, Fregim e Loredo, Freixo de Baixo, Freixo de Cima, Fridão, Gatão e Villa Garcia, Gondar, Jazente, Lomba, Lufrei, Mancellos, Oliveira, Padronello, Real, Rebordello, Salvador, Sanche, Santa Christina, S. Gonçalo e S. Verissimo (villa) S. João de Varzea, S. Simão, Tellões, Travanca, Villa-Cahiz e Pocinhos, Villa-Chã.

Na margem direita do Tamega é Amarante, propriamente dito, e na esquerda é o Covêllo que, sendo um arrabalde da villa, já é de differente bispado. (Braga.)

Á entrada da villa passa o ribeiro *Rella* e pelo meio d'ella o *Locia,* ambos confluentes do Tamega, ao qual se juntam proximo á villa.

É situada em um declive, em bonita posição e muito fertil, produzindo sobre tudo muita e optima castanha, saborosas fructas (principalmente os celebrados pêcegos) e muito bom vinho verde.

Aqui passam as novas estradas reaes que do Porto vão para Villa Real e Peso da Regua.

Foi fundada pelos turdetanos da Lusitania, 360 annos antes de Jesus Christo.

Ignora-se o seu primeiro nome. O capitão romano *Amaranto,* que aqui foi governador, a ampliou e reedificou, impondo-lhe o seu nome; e, durante o imperio romano, se chamou sempre *Amaranto.* Este capitão jaz sepultado no hospital de S. Marcos, em Braga, tendo na campa este epitaphio:

*Amarantus senecionis H. S. E.*

Quer dizer: *Amarantus Senecionis hic sepultus est.*

Outros dizem que o tal *Amaranto* não era romano, mas um chefe *normando.* Outros finalmente querem que o nome lhe venha da proxima serra de *Marão,* como quem diz *Ante-Marão* (ou *Marão-Ante)* isto é, *Atraz do Marão.* (Esta ultima opinião parece-me *forçada;* muito mais que, como já disse, os romanos sempre lhe chamaram *Amaranto.)*

Em todo o caso, o que é incontestavel, é que esta povoação é antiquissima.

Pela sua posição geographica, foi frequentissimas vezes campo de batalha, nas continuas guerras da edade média, sendo de todas as vezes mais ou menos destruida, até que por fim ficou completamente arrazada e despovoada.

Pelos annos de Jesus Christo, 1250, S. Gonçalo, dito de Amarante, fundou (ou reedificou) aqui uma capella de Nossa Senhora, onde falleceu a 10 de janeiro de 1262.

Esta capella está edificada em um rochedo que está sobre o Tamega.

Esta capella ainda existe e é actualmente na capella-mór da egreja matriz da villa, que é a egreja do convento dominicano de S. Gonçalo, e n'ella está sepultado o santo, em um mausoleu de pedra, com a sua estatua sobre elle.

S. Gonçalo nasceu na aldeia de *Arriconha,* freguezia de Tagilde, comarca e concelho de Guimarães.

Quando o santo veiu para aqui habitar, em 1250, estava a povoação tão destruida, que nem vestigios de casas havia; e onde tinha sido a antiga povoação, era um grande bosque.

Como o santo foi enterrado na mesma capella, a grande concurrencia de gente que lhe vinha visitar a sepultura, deu origem á nova povoação, que principiou por duas estalagens, que aqui se fizeram para os devotos.

Para se saber, em rapido esboço, a vida de S. Gonçalo, vide *Arriconha.*

Ainda em 1809 era Amarante uma bôa e grande povoação; porém, tendo-se aqui fei-

to forte o audaciosissimo e benemerito patriota D. Francisco da Silveira Pinto da Fonseca (depois conde de Amarante e pae do bravo marquez de Chaves) resistiu com 4:000 homens (a maior parte paisanos) desde 18 de abril até 2 de maio, d'esse anno, á divisão de *Soult*, fazendo-lhe muitos mortos e feridos e obrigando-o a abandonar a posição.

Os francezes, quando depois occuparam a villa, n'esse mesmo anno, em *desfórra* da vergonha porque aqui passaram, a incendiaram.

Ainda se vêem bastantes casas (e algumas muito elegantes) queimadas d'esse tempo.

Foi Amarante decaindo sempre, e hoje quasi que só se compõe de uma rua estreita, torta e mal calçada, cortada por insignificantes travessas. É porém de esperar que, com a nova estrada, com a de ferro da Regua, com os muitos recursos do seu territorio e com a muita actividade dos seus habitantes, recupére o seu antigo esplendor; e ha dez annos a esta parte, já esta villa tem melhorado consideravelmente.

Em uma aldeia proxima nasceu, pelos annos de 1470, S. Gaspar do Espirito Santo (vulgarmente chamado *o porteiro santo*) que morreu no convento de S. Francisco, de Lisboa, a 29 de abril de 1648.

Diz-se que a primeira ponte que houve em Amarante, sobre o Tamega, foi obra do imperador Trajano, pelos annos 106 antes de Jesus Christo, a qual, sendo destruida pelas guerras, foi reedificada, ou reconstruida por S. Gonçalo, pelos annos de 1260.

É esta tambem a tradição popular.

A ponte actual (uma das mais primorosas d'este genero em Portugal) foi obra do desembargador Caetano José da Rocha e Mello, seu architecto (ou, pelo menos, inspector) em 1790, reinando D. Maria I. Tem tres arcos.

A ponte communica a villa com os antigos concelhos de Gouveia e Gestaço, cuja povoação principia junto á ponte, com a denominação de *Covêllo*. Antigamente o termo de Amarante para este lado apenas chegava a metade da ponte, pertencendo a outra metade aos taes concelhos de Gouveia e Gestaço. O lado direito da rua do Covêllo era do concelho de Gouveia e o esquerdo do de Gestaço, cada um com sua casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

No meio da ponte que fez S. Gonçalo, havia um cruzeiro que marcava o limite dos dois concelhos.

Junto á ponte, e na margem direita do Tamega, está o convento de frades dominicos, com uma sumptuosa egreja, cuja fundação attribue o povo tambem a S. Gonçalo, que era frade d'esta ordem; mas isto não é verdade, porque este convento só foi fundado em 1540, por D. João III e sua mulher, D. Catharina, e continuado por D. Sebastião.

A egreja (antes de se fazer o convento) teve a invocação de S. Verissimo. Foi sempre matriz.

(A este convento se uniu o antigo do Freixo. (Vide Freixo.)

Os frades dominicos de Guimarães (onde S. Gonçalo tinha professado) e os moradores de Amarante, tambem concorreram para as obras do convento.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, é que deu aos frades, em 1559, a egreja matriz de S. Verissimo, para egreja do convento, continuando a ser a parochial; mas mudando-se então de orago para S. Gonçalo.

Este convento era dos mais sumptuosos da Ordem de S. Domingos, em Portugal.

Actualmente estão n'este edificio os differentes tribunaes da comarca e o theatro.

Em uma fonte (chamada de S. Gonçalo) que está por detraz da egreja, e para a qual se desce por uma escada de pedra, em um degrau d'esta está a seguinte inscripção:

*Aqui jaz Gaspar Gaio, que aqui se mandou sepultar em reverencia do Senhor S. Gonçalo.*

Ha aqui um bom mercado aos domingos.

Tem Misericordia e hospital, fundados pelo desembargador Balthasar Vieira, d'esta villa.

Na egreja de S. Pedro, ha uma collegiada muito antiga.

No sitio onde está esta egreja, estava antigamente uma capella de S. Martinho, que a Misericordia.

Ha n'este concelho minas de prata e estanho.

Tinha tambem um convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) que fundou Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, pelos annos de 1220.

Este convento foi reedificado e ampliado em 1560 pelo conde de Redondo, que ficou (e os seus descendentes primogenitos) sendo seu padroeiro. Foi supprimido.

Tem uma grande cêrca e chegou a ter 110 freiras!

Principiou por um recolbimento de beatas e o povo o fez depois convento, á sua custa.

A parte baixa da villa, nas margens do rio, é em lindissima posição.

O melhor edificio da villa é o convento de S. Domingos, sendo o muro da sua cêrca banhado pelo Tamega. Tem alguns edificios particulares bons, sendo os melhores as casas dos srs. Peixoto, Ribeiro, Montenegro, Pinto, Costa e Vasconcellos.

Dizem alguns que Amarante é a patria do inclito dr. João Pinto Ribeiro, o principal heroe de 1640.

Isto porém é duvidoso, pois que Basto, Lisboa, Paiva, etc., etc., disputam a honra de serem a patria d'este benemerito portuguez.

Na primeira relação que elle proprio mandou imprimir, sendo juiz de fóra de Pinhel, diz que é oriundo de Amarante, mas natural de Lisboa, e que eram seus paes Manuel Pinto Ribeiro e Helena Gomes da Silva, ambos descendentes de familias nobres. Foi casado com D. Maria da Fonseca, de quem não teve filhos. Morreu em Lisboa, a 11 de agosto de 1649, e jaz sepultado no claustro do convento de S. Francisco da cidade, junto á porta do refeitorio, em sepultura propria.

Aqui nasceu o poeta Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente.

Amarante é tambem patria do illustre geographo João de Deus Amarantino, frade franciscano.

Antes de 1834, a divisão civil de Amarante, era a mais despropositada do reino.

Havia na rua principal *tres* jurisdicções civis e *tres* ecclesiasticas. *Tres* foraes e *tres* pelourinhos.

Na povoação de *Covêllo* (na margem esquerda do Tamega) apenas dividida da villa pelo rio, e que póde considerar-se um arrabalde d'ella, tambem havia a singularidade de ser o lado direito da rua do concelho de Gouveia, e o esquerdo do de Gestaço (!) cada um com sua casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

Hoje Amarante e Covêllo formam (como devia ser) uma só villa, do mesmo concelho e comarca; menos os bispados, que ainda são differentes.

No fim da villa (ao cimo) está a capella de S. Lazaro e junto d'ella uma casa muito antiga, que foi *gafaría* (hospital de lazaros.)

Dentro da villa ha a capella de S. João Baptista, que primeiro foi de Santo Estevão.

No mais alto da villa, no *Campo da Feira*, está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, que primeiro foi de S. Sebastião.

No fim do Campo da Feira está o calvario com a capella do Senhor do Pé da Cruz. Pelo E., é este campo cercado pelo muro da cêrca das freiras, que aqui tinham um *miradouro* (que ainda existe) para onde vinham vêr as *cavalhadas*, e mais festas que se faziam n'este campo. N'elle se faz uma boa feira de gado bovino a 6 e 20 de cada mez, e de porcos, a 25 de novembro e 12 de dezembro.

No *Terreiro de S. Gonçalo*, junto ao Tamega, álem do mercado semanal, se faz uma feira a 10 de janeiro, e outra pelas *oitavas* do Espirito Santo.

A serra do Marão fica-lhe a 9 kilometros a N. e N. E.

Tem estação telegraphica municipal.

Apesar da sua posição ser importante (militarmente fallando) nunca esta villa foi cercada de muralhas nem teve castello.

Nos arrabaldes de Amarante ha boas quintas e casas nobres.

A 3 kilometros ao S. de Amarante está, sobre o Tamega, a *ponte do pégo;* é de madeira e a mais bem construida e a mais elegante de Portugal, depois da do *Coura*, em Caminha.

Em Amaranle nasceram: D. Alberto da Silva, arcebispo de Gôa, D. fr. Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, fr. João

de Deus, auctor genealogico e (o que não é positivo) João Pinto Ribeiro. Além d'isto é Amarante patria de muitos varões illustres, por armas, lettras e virtudes.

Tem esta villa a honra de ser patria do distincto classico, Antonio de Sousa de Macedo. Era um primoroso escriptor, e publicou varias obras muito estimadas ainda hoje. Foi secretario de estado de D. Affonso VI, e embaixador em Londres.

Carlos II, de Inglaterra, em attenção aos seus merecimentos e ás diligencias que havia feito (inutilmente) para salvar do supplicio seu pae, Carlos I, o fez barão de Marlinguer, na Irlanda.

Posto que S. Verissimo foi substituido por S. Gonçalo, ainda *officialmente* se diz que os *padroeiros* da freguezia de Amarante são, S. Gonçalo e S. Verissimo.

**AMARANTES**—pequeno rio da Beira Alta. Nasce em uma serra proximo da villa de Alva e abaixo da mesma villa se junta ao rio Sul, no sitio da Gallinha, perdendo ahi o nome.

**AMARELLA**—serra, Minho, braço do Gerez, tem 10 kilometros de comprido e 8 de largo, e se vae metter na Galliza.

D'ella se descobre Vianna, Ponte do Lima, muitas outras freguezias, o mar e muita terra da Galliza.

É muito fria, ingreme e inculta. Cria lobos, rapozas e caça.

Ha um fojo no alto da serra e os moradores dos *coutos* de Villa Garcia e concelho de Lindoso e da freguezia da Ermida, eram obrigados a montear os lobos em todos os sabbados da quaresma até ao Espirito Santo, e em outras differentes epocas.

No alto da serra, no sitio do *Chão*, nasce o rio *Cabrão*, de varios olhos d'agua, e o rio *Lousa*, que ambos morrem no Lima.

**AMARELEJA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros ao S. O. de Evora, 185 ao S. de Lisboa, 560 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em campina raza. É da casa do infantado.

Ha aqui os montes *Garrochaes*, que criam bastante caça; e os ribeiros do *Escaravelho* e *Valle de Navano*, que nascem nos mesmos montes, regam e moem.

O seu territorio pouco mais produz do que trigo e muita bolota. Cria muitos e bons porcos.

**AMARES**—villa, Minho, districto administrativo, arcebispado, comarca e 10 kilometros a N. O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 480 fogos, 1:900 almas.

O concelho tem 1:900 fogos.

É cabeça do antigo concelho de *Entre-Homem e Cávado*, de que eram senhores os condes da Figueira.

Orago S. Salvador.

Situada em planicie, com bonitas e extensas vistas. Por este concelho passa a estrada da *Geira*.

Não me consta que tivesse foral antigo. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa (ás Terras de Entre Homem e Cávado) a 8 de abril de 1514. Este foral serve tambem para *Caldellas*, *Figueiredo*, *Odivellas e Perozêllo*.

Parece que esta villa teve principio em umas tabernas que havia entre a *Ponte do Porto* e a de *Caldellas*.

O primeiro nome de Amares foi *Marecos*, e depois *Amaraes*. (Vide adiante.)

Feira na primeira quarta feira de cada mez.

É terra muito fertil: produz milho, centeio, muito azeite, muita castanha, muita e optima laranja, algum vinho, muita lenha e caça. Este concelho é cortado pelos rios *Homem* e *Cávado*, que criam lampreias, salmões, enguias e outras variedades de peixe. (Vide estes rios.)

É tradição que em Amares foi onde primeiro se plantaram oliveiras, na provincia do Minho, trazidas para aqui da Louzã, por o morgado Manuel Machado de Azevedo, em 1534.

Este morgado, que tinha aqui muitas rendas, extinguiu as *luctuosas*, que se lhe pagavam por morte dos cabeças de casal, determinando que em seu logar se lhe pagasse a *parecerosa*, que é: quando ao dito cabeça de casal nascesse algum filho varão, *reconhecer* o senhorio, com um carneiro, uma fogaça e um *cabaço* (cantaro) de vinho, como principio de *boa estreia*.

Tem Amares a honra insigne de ser patria do famosissimo heroe, D. Gualdim Paes (por isso chamado *de Marécos*) mestre da Ordem do Templo. Era este grande capitão, filho de D. Payo Ramires e D. Gontrode, pessoas da primeira nobreza d'aquelles tempos. Nasceu D. Gualdim em 1118.

Foi creado em companhia de D. Affonso Henriques, e seu grande amigo e privado, que o armou cavalleiro no Campo de Ourique, a 25 de julho de 1139, em premio das grandes façanhas que alli obrou.

Alistado pouco depois na Ordem do templo, passou á Palestina, onde se fez celebre pelo seu valor, vencendo os reis da Syria e o soldão do Egypto.

Passados cinco annos, voltou a Portugal (trazendo comsigo varias reliquias, dos logares santos, entre ellas, a mão direita de S. Gregorio Nazianzeno, que se guarda incorrupta na egreja de Thomar.)

Apenas chegou ao reino, foi logo feito commendador ou mestre da casa que os templarios tinham em Braga (na rua ainda hoje chamada de D. Gualdim.)

D. Affonso I o fez commendador de Cintra, em 1152, dando-lhe ahi casas e fazendas. Em 1157 foi elevado a mestre absoluto da Ordem do Templo.

A vida d'este varão illustre, foi uma sequencia de batalhas, victorias e boas obras. Foi elle e D. Arnaldo da Rocha, tambem portuguez, que fundaram em Portugal a Ordem do Templo. Concorreu poderosamente para a tomada de Ascalona e Anthioquia (Oriente) e em Portugal, além das muitas batalhas a que assistiu, tornando-se o terror dos mouros, fundou muitas povoações, sendo a principal d'ellas Thomar, construiu e reedificou muitos castellos, egrejas e mosteiros; deu foraes a varias terras.

Uma das suas mais estupendas façanhas, foi a que obrou em Thomar, em 1190; quando o rei de Marrocos veiu sitiar o castello, com 400:000 cavalleiros e 500:000 peões (segundo reza a *Chronica dos Templarios* e outros; mas parece-me muita gente...)

D. Gualdim e os seus cavalleiros e o povo da villa e arredores, não só resistiram valorosamente; mas ainda, tomando a offensiva, obrigaram os mouros a levantar o cêrco e os pozeram em completa derrota e vergonhosa fuga, deixando no campo muitos mortos, feridos e captivos e grandes despojos.

Seria preciso um grande volume para escrever, ainda em resumo, todas as acções d'este bravissimo guerreiro. Remetto os leitores para as palavras *Almourol*, *Templarios* e *Thomar*, além de outras muitas terras onde se menciona este heroe.

Depois de uma vida cheia de acções brilhantes e obras boas, morreu em Thomar, a 13 de outubro de 1195, e foi sepultado na egreja de Santa Maria dos Olivaes (da sua Ordem) em respeitoso jazigo, que se desfez pelos annos de 1770, recolhendo-se as cinzas de tão grande varão em uma pequena arca de pedra, onde ainda estão.

*Marecos* ou *Marrecos*, é um appellido antigo e nobre em Portugal, tomado da *Quinta de Marecos*, origem da actual villa de Amares. O primeiro que o usou foi este D. Gualdim Paes. (Assim o diz o marquez de Monte Bello, nas suas notas ao *Livro das Linhagens*, do infante D. Pedro.)

No reinado de D. Affonso III, vivia Rui Martins de Marecos, senhor do *Casal do Paço de Marecos*.

Suas armas são, em campo de prata, duas torres de negro, assentadas sobre ondas de azul e prata. Elmo de aço, aberto, e por timbre um castello de prata.

Era aqui solar dos *Machados*, descendentes do rico-homem D. Mendo Moniz, que a machado arrombou as portas de Santarem, em 8 de Maio de 1147, pelo que D. Affonso I lhe deu, para elle e seus descendentes, o senhorio de Gondar e o mandou usar o appellido de Machado, em memoria d'esta acção. Para o mais d'esta familia, vide Gondar no concelho de Villa Nova da Cerveira. O actual representante da principal familia das Machados, é o sr. conde da Figueira.

A *Torre de Vasconcellos*, n'esta villa, é o solar da nobilissima familia dos Vasconcellos, da qual procede o actual marquez de Castello-Melhor e outras muitas familias não menos nobres.

Segundo Villas-Boas, o primeiro que usou o appellido de Vasconcellos, foi D. João Pires de Vasconcellos, que se achou, e fez grandes proezas, na conquista da cidade de Sevilha, capital da Andaluzia, com D. Fernando III de Castella.

Suas armas são, em campo negro, tres coticas de purpura, em facha, veiradas e contraveiradas de prata e purpura: elmo de aço, cerrado, e por timbre, um leão negro, lapardado, descansando sobre o elmo e lampassado de purpura.

As principaes (legitimas) são, os Vasconcellos de Carvalbo, procedentes de Diogo Gil de Carvalho e de sua mulher, D. Leonor Mendes de Vasconcellos, que tiveram brazão de armas em 3 de abril de 1533. É escudo dividido em pala, na primeira as armas dos Vasconcellos e na segunda as dos Carvalhos.

Ha ainda os verdadeiros Vasconcellos, de Penella; Vasconcellos de Villa-Lobos e Vasconcellos de Mafra. (Vide Penella, Porto-Carreiro e Mafra.)

Segundo Monte-Bello, ha n'este concelho minas de azougue. No tempo dos Filippes se passou provisão por cinco annos para a sua lavra, mas esta não chegou a fazer-se.

Os officios publicos das Terras de Bouro, e de Entre-Homem e Cávado, todos eram da casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, menos o escrivão das sizas, que era de nomeação regia.

Tinha sargento-mór, com tres companhias de ordenanças.

**AMAREIRA**—pequeno rio, Beira Alta, que nasce na freguezia de S. Martinho de Moimenta do Douro, concelho e comarca de Sinfães (no antigo e extincto concelho de Sanfins) e com pequeno curso morre no Paiva, abaixo da Fisga.

**AMARO** (Santo)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A esta freguezia se chama tambem *Valle de Boi.*

**AMARO** (Santo)—aldeia da freguezia de Beduído, concelho de Estarreja.

Ha aqui uma grande feira a 15 de janeiro, e outra a 15 de novembro, além dos mercados mensaes em todos os dias 15 de cada mez.

**AMARO** (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Veiros, 35 kilometros d'Elvas, 145 a E. de Lisboa, 100 fogos. Situada em uma baixa.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Os parochos, até 1834, eram freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, apresentados pela mesa da consciencia e ordens.

Passam aqui duas ribeiras—*Anna Loura* e *Souzel.*

É muito fertil.

**AMAUSIL**—Vide Loulé.

**AMBRACIA**—(hoje Placencia na Extremadura hespanhola) antiquissima cidade da Luzitania, fundada por uns povos do Epiro (que com outros gregos vieram ás hespanhas) pelos annos 764 antes de Jesus Christo. Puzeram-lhe este nome, em memoria de outra cidade, assim chamada, na sua patria.

Com a entrada dos barbaros do Norte, perdeu esta cidade o nome, e a elles esteve sujeita 468 annos, até que D. Affonso VIII de Castella a tomou, reedificou e povoou em 1182 (1144), restituindo-lhe a cadeira episcopal, qne tinha no tempo dos godos, e pelo seu bonito sitio lhe chamou Placencia. Em 1197 (1159) a cercou de grossas muralhas, feitas sobre rocha viva.

São seus bellos campos regados pelo rio *Xerte.*

Descrevo aqui esta cidade, porque antigamente pertenceu á Luzitania, e para que, se alguem vir o nome de *Ambracia* como o de uma cidade do nosso reino, saiba o que d'ella foi feito.

**AMEAL**—pequena ribeira da Beira Baixa. Nasce proximo da villa de Monsanto, e morre no rio Monsul.

**AMEAL**—ribeira, Alemtejo, que nasce na Fonte da Gamosa, termo da villa de Envendos, e morre na ribeira da Avessada.

**AMEAL**—ribeira, Beira Alta. Nasce ao pé da Quinta da Moçafra, e morre no Dão.

**AMEAL**—pequena ribeira, Extremadura. Nasce de varias nascentes que vem da Serra de Santa Catharina, e em um sitio chamado *Ameal*, muda o nome para o de *Infestinos*, depois para o de *Moinho*, e finalmente para o de *Carvalheira*. Em Porto de Mós se lhe junta o rio *Galleguia*, e toma ainda o nome de *Pias*.

Morre no Nabão, proximo do Prado.

Rega, moe e traz peixe.

**AMEAL**—freguezia, Douro, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 8 kilometros de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago S. Justo.

Situada em um valle, proximo da margem esquerda do Mondego, d'onde se descobrem muitas freguezias.

Era da corôa.

O prior era apresentado pelos frades cruzios do convento de S. Jorge (extra-muros) de Coimbra.

Feira no quarto domingo de agosto em um outeiro onde está a capella de Nossa Senhora da Alegria.

É terra abundante d'aguas e farta.

**AMEIAS** ou **AMEAES**—freguezia, Extremadura, districto administrativo e comarca de Santarem, no patriarchado, 170 fogos, 85 kilometros ao N. E. de Lisboa. Fertil.

Orago Nossa Senhora da Graça.

**AMEDO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda, arcebispado 120 kilometros ao N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 146 fogos.

Orago S. Thiago.

Districto administrativo de Bragança.

Situada em uma baixa, nas abas da serra de Roboredo.

O vigario foi primeiramente apresentado pelo commendador de S. João (extra muros) de Anciães, e depois, até 1834, pelo reitor de Marzagão, que lhe fica visinho.

É terra bastante fertil. Cria bichos de seda ha muitos annos.

Feira a 25 de julho.

Passam aqui dois regatos, um que morre no Tua, outro no Douro.

**AMEIJOADA**—portuguez antigo—estalagem, pousada.

Tambem significa pastagem e cavallariça.

**AMEIJOEIRA**—Vide Ameixoeiras.

**AMEIXAL** ou **AMEIXIAL**—freguezia, no Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 30 kilometros d'Evora, 135 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O parocho era freire professo da ordem de S. Bento de Aviz e apresentado pela mesa de consciencia e ordens.

Situada em campina, e muito abundante principalmente de bolota.

Passa por aqui o ribeiro *Agua do Castello*, que faz moer tres azenhas, que são da casa de Bragança.

**AMEIXAL** ou **AMEIXIAL**—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Loulé, 40 kilometros de Faro, 70 ao O. de Beja, 195 ao S. de Lisboa, 300 fogos em 25 aldeias (ou antes, casaes).

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um alto, entre fragosas e asperas serras. É muito farta, sobretudo de bolota, com que engordam muitos porcos. Tem excellentes fructas e hortaliças. Cria muito gado de toda a qualidade.

É terra muito quente no verão, e excessivamente fria de inverno.

Antigamente 12 casaes pertenciam ao termo de Alcoitim, 12 ao de Loulé e um ao de Faro.

D'esta freguezia se avista a torre de Beja.

Cultivam-se estas serras, cujos ramos principaes são:—*Minhoto, Cavallo, Vermelhinho, Pero-Ponto, Córte-do-Oiro, Beringal* e *Tavilhão*. Ha aqui vastos montados.

Passa aqui o rio *Vascão*, no fim da freguezia, ao N., que fórma a raia entre o Alemtejo e Algarve, e morre no Guadiana no sitio da *Fonte do Almesse*. Móe e rega. (Vide Vascão.)

**AMEIXAL** ou **AMEIXIAL**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 35 kilometros d'Evora, 125 a E. de Lisboa, 150 fogos, 440 almas.

Orago Santa Victoria.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em planicie. Era da corôa.

É terra muito fertil.

Quasi todas as terras d'esta freguezia são da casa de Bragança, á qual, até 1834, pagavam o 5.º de todos os fructos. (Vide Correlhã.)

Tem muitas e boas fontes.

Em uma elevação, ha um paredão arruinado, a que chamam *Torreão*, que mostra ter pertencido a um grande edificio, e é tradição que houve áqui uma povoação arabe. Mais abaixo ha uma fonte, a que chamam da *Moura*. Ha tambem vestigios de dois lagos, de fortissimas paredes e outros restos de antiguidades.

No districto d'esta freguezia, entre os montes de *Ruivinhos* e da *Granja*, no campo e na serra chamada *Murada* (e desde então chamada *Outeiro dos Ataques*) D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, derrota o general hespanhol D. João d'Austria (filho bastardo de Philippe IV) no dia 8 de junho de 1663.

Este glorioso feito de armas dos portuguezes, foi dos mais memoraveis da guerra dos 27 annos.

Posto que o exercito castelhano fosse muito superior em numero ao nosso, e apezar da sua forte posição em um monte, que era alcantilado, ficou completamente derrotado, tendo 6:000 prisioneiros (muitos d'elles fidalgos das principaes familias de Castella), e 4:000 mortos.

Perdeu toda a sua artilheria (9 bocas de fogo) muitas armas de todas as qualidades, 1:400 cavallos, e seis mil e tantos carros de bagagens e preciosidades roubadas nas terras de Portugal, por onde passavam; a sumptuosa copa de D. João d'Austria e toda a sua secretaria.

Entre os prisioneiros contavam-se o marquez de Liche; D. Aniello de Gusmão, filho do duque de Medina de las Torres; os condes de Escalante, de Fiesco, de But, de Locesquein e outros. Tomámos-lhes tambem 18 carroças (ou coches), sendo 3 de D. João d'Austria; 12 bandeiras de infanteria; muitos estandartes de cavallaria; o proprio estendarte do principe com as armas de castella de um lado, e do outro com a empresa de D. João, que era o sol em ceu azul, dando resplendor ás estrellas e á lua, que estava entre ellas, com o seguinte mote—«*Si no es sol, será deidad*».

Para memoria d'este dia gloriosissimo mandou D. Affonso VI levantar um grande *padrão* na estrada que vae para a villa do Cano, no proprio *Outeiro dos Ataques*, com uma inscripção commemorativa, em portuguez, que por muito extensa não copio aqui.

Este padrão é de marmore branco, á maneira de pelourinho e rematado pela corôa real.

A inscripção é no pedestal.

Tambem se chama a esta gloriosa batalha *a victoria do Canal*, por ter logar a acção em terreno das duas freguezias, Ameixial e Canal.

**AMEIXIAL**—Vide Ameixal.

**AMEIXOEIRA**—freguezia, Extremadura termo e 6 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa, concelho dos Olivaes.

Situada em um alto, com bonitas vistas. Foi antigamente da freguezia do Lumiar, e se chamava *Funchal*.

A antiga capella de Nossa Senhora do Funchal serviu de egreja matriz, até que em 1664 foi reedificada e ampliada.

D. Pedro II, então regente, e D. Miguel de Portugal, conde do Vimioso (então juiz da confraria) concorreram muito para estas obras.

Diz-se que a capella primitiva foi fundada em memoria d'uma grande victoria que obtiveram aqui os christãos contra os mouros.

Diz-se tambem que esta capella já existia no tempo dos godos, e que um mouro, chamado Mixo, ou Míxio, dera o nome a esta povoação (que até ao seculo XVII se chamava *Mixoeira*, tendo-se antes chamado Funchal, como já se disse).

Outros dizem que só a imagem da Virgem era do tempo dos godos, e que a capel-

la só se fez depois do apparecimento d'ella entre o funchal, como adiante se diz.

Fazendo-se n'esta freguezia uma escavação, em 1719, em um olival do morgado do Outeiro, no sitio da *Varzea*, e na azinhaga de Santa Suzana, se encontrou uma grande concavidade subterranea cheia de ossos, e muitas *tulhas* mouriscas (ou—o que é mais provavel—tumulos celtas, ou dos tempos pre-historicos).

Em muitas partes d'esta freguezia tem apparecido isto a que o povo chama *tulhas mouriscas*, e no mais alto da povoação se acharam tantas, que até se lhe dá o nome de *Cóvas*.

Os templarios e os freires de Christo, que lhes succederam, serviram-se d'estas tulhas para n'ellas guardarem os fructos que d'aqui recebiam dos dizimos que, eram d'elles.

Tambem em papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de *Ameijoeira*.

Parece que o orago da capella era Nossa Senhora do Funchal, até que se erigiu em freguezia, mudando-se-lhe depois o nome para Nossa Senhora da Encarnação, e em tempos muito posteriores accrescentou-se-lhe este titulo com o do Santissimo Sacramento.

Os paineis que adornam a egreja são de Bento Coelho da Silveira, um dos nossos melhores pintores do seculo XVII.

Era da corôa.

A maior parte d'esta freguezia é situada em planicie e o resto na encosta de um monte.

É um sitio muito bonito, sadio e fertil.

D'aqui se descobre Odivellas, Paço do Lumiar, Povoa de Santo Adrião, etc., todas muito proximas da Ameixoeira (1:500 a 2:000 metros de distancia).

Á varzea da Ameixoeira, da parte de E., se chama Varzea de Santa Suzanna.

Diz-se que n'esta varzea da Ameixoeira houve uma grande batalha com os romanos (outros dizem, contra os mouros), e os ossos que appareceram em 1719, dizem os d'aqui que são dos que morreram na tal batalha. Como já disse, parece-me que estes ossos são muito mais antigos do que a existencia dos romanos na Luzitania.

Aqui appareceu em 1720 um cippo com a seguinte inscripção:

*D. M. Q. Julio Maximo Gainerotiann Oratori O: Julius Maximus Ter. Fifio Piissimo I. C.*

(O padre Cardoso só traz esta inscripção no seu Diccionario.)

No mesmo anno, em outro olival, se achou uma lapide com esta inscripção:

*D. M. G. Julio Maximo Cai: Nepoti Afr. Oratori G: Julius Maximus Ter filio piissimo D. C.*

É pois certo que esta povoação é antiquissima, e provavelmente já existia no tempo dos romanos.

Ha um poço na rua, e outro na *Varzea do Alamo*, que são obra dos arabes.

Tambem em umas grandes casas, que foram dos mouros, viveram muito tempo os templarios, que para aqui vieram em 1098, e depois os cavalleiros de Christo.

A egreja é antiga, pois já existia esta mesma em 1500, menos a capella-mór, que foi feita por D. Pedro II, em 1681.

Á padroeira se chamava antigamente Nossa Senhora do Funchal. Depois mudou para Nossa Senhora da Encarnação.

A imagem da padroeira revela muita antiguidade. Presume-se que é do tempo dos godos, que a esconderam para não ser queimada pelos mouros, quando estes aqui entraram. É tradição que em uma grande batalha que houve no alto do monte, onde agora é a povoação da Ameixoeira, entre mouros e christãos, acharam estes uma imagem de Nossa Senhora, de seis palmos de altura, escondida entre os funchaes, que cobririam parte do monte.

O *Sanctuario Marianno* diz que a imagem appareceu n'outro sitio mais distante da egreja.

Era donatario d'esta freguezia o convento de Odivellas.

A Ameixoeira, com o nome de Funchal, era uma aldeia da freguezia do Lumiar; mas em 6 de junho de 1536 se tornou independente. Oppuzeram-se o parocho e alguns do

Lumiar a esta separação; mas os d'aqui obtiveram nova *bulla* em 1539, que se cumpriu em 1540.

Pelas questões que tiveram com o parocho do Lumiar e com as freiras de Odivellas, ainda os d'aqui obtiveram de Julio III, terceira e quarta bulla, e finalmente quinta, a 16 de outubro de 1541, que foi quando tomaram segunda posse, e ficou a separação até hoje; mas não sem demandas, que ainda duraram até 1545, em que esta questão terminou por uma vez.

A matriz teve até 1726 curas feitos pela confraria da padroeira; mas n'esse anno se collou o primeiro reitor.

Junto á egreja ha uma albergaria muito antiga.

Corre por aqui o rio do seu nome, que divide esta freguezia da de Odivellas, e sobre o qual ha duas pontes de cantaria, uma chamada da *Povoa*, e outra de *Odivellas*.

Aqui tem uma linda casa de campo e quinta, com bello jardim, o sr. Manuel Iglezias, de Lisboa.

Para se saber o que aconteceu com o infeliz povo que compunha o cirio d'esta freguezia, em 1808, vide Alcoentre.

**AMEIXOEIRA** — serra, Extremadura, situada na freguezia do mesmo nome, a 6 kilometros ao N. de Lisboa.

É quasi toda cultivada e fertil.

**AMEIXOEIRA** ou **AMEIJOEIRA** (Nossa Senhora da) — Egreja na freguezia de Nossa Senhora da Graça da Abrigada, donde dista 4 kilometros, comarca e concelho de Alemquer, na Extremadura.

Fica por detraz do Monte Redondo, junto e ao sul da antiga estrada real, de Lisboa ao Porto, e no centro da charneca da Ameijoeira ou Ameixoeira.

Este templo foi construido com grande magnificencia, no seculo XVII, segundo se collige da sua architectura. O interior era forrado de bellos azulejos, dos quaes ainda ha poucos annos existia grande parte. Como ficava em uma elevação, dava ingresso á porta principal uma bella escada de marmore. Junto á egreja eram as casas do capellão e sachristão e aposentos para romeiros, e contigua estava uma horta que lhes pertencia.

Mas esta egreja não é a primitiva. Segundo o *Sanctuario Marianno* e a tradição, no anno 700 de Jesus Christo já aqui existia uma capella dedicada á Virgem, e aqui assistiam, para o culto da mesma senhora, alguns eremitas. Quando os arabes invadiram a Luzitania (717) os taes eremitas, depois de enterrarem todos os objectos de culto divino, fugiram, ficando a capella abandonada.

> Segundo o dito *Sanctuario Marianno*, Nossa Senhora tinha apparecido áquelles anachoretas, deixando, em testemunho d'esta apparição, gravados em uma pedra os vestigios de seus pés.

Em 1217, D. Soeiro Gomes, bispo de Lisboa, estando no convento de Montejunto, que havia fundado; em uma noite, olhando casualmente para a charneca, onde é (e já então era) a quinta da Ameixoeira, (que n'esse tempo pertencia a Nuno Gonçalves, vassallo d'el-rei) viu muitas luzes e ouviu uma harmoniosa musica.

Repetindo-se este espectaculo mais de uma noite, deu parte da apparição a D. Affonso II, que se achava sitiando Alcacer do Sal.

Tomada a praça, o rei se dirigiu ao sitio indicado, na companhia do bispo e dos principaes personagens da côrte, e ahi, mandando cavar, appareceu um cofre, que, apenas se tirou da terra, logo na cova que deixara rebentou uma copiosa nascente de agua, que ainda existe.

Aberto o cofre, achou-se n'elle a imagem da Senhora, a pedra sagrada, que continha o signal das suas pégadas, e dois pergaminhos. Dizia o primeiro: (traduzido do latim barbaro d'aquelles tempos)

«*No anno de 717, em que entrou o agareno em Hespanha, com total destruição de templos e imagens, havendo já muitos annos que habitavamos este deserto, vendo as nossas vidas em perigo, nos deliberámos a o desamparar, para não vermos tão feras barbaridades e tão feios desacatos, e não podendo levar esta santa imagem, a deixamos aqui no mesmo logar.*

«*Ella seja servida de se guardar das mãos dos barbaros. Amen.*»

O segundo pergaminho dizia:

«*Em nome de Deus Verdadeiro, esta pedra é a mesma em que a Virgem Santissima se dignou estampar as suas sagradas plantas, vindo em corpo e alma visitar esta ultima parte do mundo.*

»*A 10 das kalendas de janeiro, era de 755* (31 de dezembro de 717 de Jesus Christo).

«*Seja o Senhor servido defendel-a das mãos dos mouros. Amen.*»

—

D. Affonso II mandou logo construir uma ermida no sitio onde havia apparecido a imagem e mais objectos.

Ignora-se quando deixou de existir esta capella; mas é de suppor que fosse demolida, no seculo XVIII, para se edificar a egreja actual.

A esta Senhora se fazia uma grande festa e romaria, no ultimo domingo de agosto, onde vinham muitos romeiros e varios cirios das freguezias circumvisinhas.

Estas esplendidas festas duraram desde o principio do seculo XIII até fim do seculo XVIII, ou principio do XIX.

Philippe II roubou d'esta egreja, no fim do seculo XVI, os dois pergaminhos e a pedra sagrada, e os mandou para a egreja do Escurial.

Damião de Góes, accusado perante a Inquisição como irreligioso, entre os artigos da sua defesa, apresenta um em que allega que deu á imagem de Nossa Senhora da *Ameijoeira* uma rica vestimenta de seda e um calix de prata.

Esta egreja estava annexa á collegiada de S. Pedro em Alemquer, e ao prior e beneficiados d'esta collegiada pertencia a nomeação do eremita encarregado da guarda e conservação d'ella.

—

Não pude saber desde quando cessou o culto divino n'esta egreja. É certo que, como ficava em sitio ermo e longe da povoação, foi por muitas vezes roubada pelas quadrilhas de ladrões que infestavam Portugal no seculo passado e principio do presente, as quaes até faziam do templo e casas adjuntas a sua habitação ordinaria, depois de obrigarem a abandonar estes sitios o eremita ou o capellão.

—

Em 1833 ainda o auctor d'esta obra visitou a egreja e casas proximas. As paredes do templo estavam ainda muito bem conservadas, tendo quasi todos os azulejos que as revestiam interiormente. Apenas estava destelhada e sem armação, e as telhas quebradas espalhadas pelo pavimento. As escadas estavam, pela maior parte, bem conservadas e parte das casas ainda tinham telhado.

Vendo o povo da Abrigada (ou Athouguia das Cabras) a egreja ao abandono, levaram a imagem da Senhora para a matriz, onde continúa a ser festejada.

Os da freguezia de S. Pedro d'Alemquer, julgando-se com direito á posse da santa imagem (por a egreja da Ameixoeira ser annexa a esta freguezia) pretenderam que a Senhora fosse para a villa, e suscitou-se por isto grande polemica, mas os povos da Abrigada ficaram vencedores.

**AMENDOA**—villa, Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Villa de Rei, 130 kilometros da Guarda, 165 a E. de Lisboa, 296 fogos, 1:200 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Situada em alto. A egreja era da commenda de Christo. Eram seus alcaides-móres os marquezes de Fontes, e depois os de Abrantes.

Produz poucos cereaes, alguma fructa e immensa quantidade de cerejas. Tem muita caça nos seus montados.

Foi do padroado real.

É povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Amindula.* No testamento de D. Flamula (Dona Chamma), feito em 960 se falla no castello de *Amindula.* D'elle já não ha vestigios; parece que era obra dos romanos. (Vide Caria, a segunda, e Langroiva.)

**AMENDOEIRA, PINHO VELHO** e **GRADISSIMO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim (até 1855, e desde então de Ma-

cedo de Cavalleiros), concelho de Cortiços, 70 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi habitação dos romanos, que aqui edi-caram um forte, que está em ruinas. Nas escavações que n'elle se tem feito, se tem achado sepulturas, moedas romanas e outras antiguidades.

É situada em uma baixa; mas, de um monte que fica proximo, se vê a maior parte da provincia de Traz-os-Montes e muitas terras d'Hespanha.

Os bispos de Miranda (hoje de Bragança) apresentavam os parochos.

Produz bastante trigo, centeio, vinho e linho; do mais pouco.

**AMENTA**—portuguez antigo, canto magico com que os antigos criam que se attrahiam os lobos. («*Magica carmine lupos convocare.*»)

Em muitas freguezias do Norte do reino, teem os parochos o costume de *emmentar* as almas dos seus parochianos fallecidos, e chamam a isto *amentar*.

Convem saber que se deve dizer *emmentar*, e por modo nenhum *amentar*.

*Emmentar* é palavra portugueza, e muito portugueza, e significa—*dizer em summa, recapitular, compendiar, resumir*. Tambem significa—*trazer á memoria as acções* (boas ou más) *de alguem, lançar em rosto os beneficios feitos* ou *serviços prestados*, e finalmente *lembrar aos parentes, que devem orar pelas almas dos seus, que falleceram, e nomear-lh'os.*

**AMIEIRA**—pequena ribeira da Extremadura, que nasce proximo da freguezia do Olival, e morre na ribeira de Formigaes.

Tambem ha outra pequena ribeira do mesmo nome, que nasce na freguezia de S. Miguel do Matto (Terra da Feira) e desagua na ribeira da Inha, que entra no rio Douro, (margem esquerda), um kilometro abaixo de Sante, ou Pé-de-Moura.

**AMIEIRA**—villa, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho de Portel, 24 kilometros ao N. do Crato, 40 kilometros d'Evora, 145 ao S. E. de Lisboa, 140 fogos e 550 almas.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Está situada ao S. do Tejo, em uma baixa cercada de montes e fertil.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de novembro de 1512. (Franklin não menciona este foral.)

Tem Misericordia e hospital, muito antigos.

D. João IV deu á Misericordia, em 1642, as fazendas da capella de *Nossa Senhora da Sanguinheira*, com obrigação do reparo e conservação de varias capellas da freguezia.

Tem feira a 29 de agosto.

Tem quatro fontes publicas.

Não era cercada de muralhas, mas, na praça, tem um castello com quatro torres, sendo a principal a de menagem, com cisterna dentro, de agua perenne. Parece que esta fortaleza foi d'alguma importancia, pois teve alcaides-móres.

Vemos que foi seu alcaide-mór, no reinado de D. Manuel, Ruy Dias da Ribeira. Herdou esta alcaidaria seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da camara e fazenda, de D. João III.

Este Damião Dias da Ribeira casou com D. Joanna de Vilhena, filha bastarda de D. Duarte de Menezes e de uma senhora hespanhola chamada D. Clara Morena de Bivar.

D. João III deu brazão d'armas a este Damião, em Evora, no 1.º de abril de 1526, assim construido: em campo azul, um leopardo de prata, passante-chefe de oiro, carregado de tres estrellas de purpura, de 5 pontas em aspa. Elmo aberto, de prata, e timbre um leopardo, como o das armas, com uma das estrellas d'ellas na espadua.

Em um antigo manuscripto que possuo, vem estas armas com alguma differença; são —em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado d'ouro, chefe d'ouro, carregado de 3 estrellas de purpura, de 5 pontas. No timbre, bem como na data da concessão das armas não ha differença.

Como as armas dos Ribeiras se vieram a misturar com as dos Menezes e com as dos Vilhenas, tem havido varias modificações, algumas das quaes se podem ver na descripção da villa de *Cantanhede.*

São d'esta familia os condes d'Aveiras, os marquezes de Monte-Mór e outras familias nobres; umas, cujos titulos estão extinctos, e outras em que elles ainda existem.

No principio do seculo passado era esta villa mais povoada; porém muitas de suas casas foram abandonadas (não sei porque) e vieram a demolir-se.

Cria muito gado, de toda a qualidade. Os seus montes trazem muita caça, e o Tejo lhe fornece optimo peixe.

Eram senhores donatarios da Amieira, os grão-priores do Crato, por ser esta villa uma das 12 do grão-priorado. (Vide Crato.)

**AMIEIRA**—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, districto administrativo de Portalegre, no patriarchado, 180 kilometros ao E. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Situada no centro de um valle, entre duas serras; terreno muito fertil.

Correm aqui os ribeiros *Milia* e *Dejebe*, e a 3 kilometros de distancia o pequeno rio *Alferreirede.*

**AMIEIRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Oleiros, districto adminitrativo de Castello Branco, no patriarchado, 24 kilometros ao N. do Crato, 180 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Francisco de Assis.

**AMIEIRO**—pequeno rio, na provincia do Douro (antiga Beira Alta).

Nasce na freguezia d'Avanca, concelho de Estarreja; rega a freguezia de Valga (ou Valega), e morre ahi proximo, na ria de Aveiro.

**AMIEIRO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 360 kilometros de Lisboa. Arcebispado e 100 kilometros a N. E. de Braga, districto administrativo de Villa Real, 90 fogos.

Orago Santa Luzia, virgem e martyr.

(Vide Villarelho.)

É terra fertil.

Foi curato de Alijó. Está esta freguezia situada entre altos penhascos, na direita do Tua, e junto á cordilheira granitica de Villarelho, que com diversos nomes se estende desde S. Fins do Douro até ao Tua. Nas faldas d'asta cordilheira estão as povoações de S. Fins, Favaios, Alijó e outras.

Do pincaro do cabeço da *Senhora da Cunha*, que está proximo a Alijó, avistam-se muitas leguas de terreno.

**ÁMIL** e **ÁMILLO**—Ha algumas aldeias e sitios com este nome, em Portugal; é corrupção de *Amin.* Vide a palavra seguinte Vem a significar *logar do regedor*, ou *do maioral.*

**ÁMIN**—palavra arabe, significa *o maioral d'uma kabila*—especie de regedor ou administrador.

**AMIOSO**—ribeira, Beira Baixa. Nasce no Troviscal e desagua na Ericeira da Certan, no sitio de *Entr'aguas*, ao fundo da cêrca dos frades franciscanos da Certan.

É de corrente arrebatada e tem algumas cachoeiras. Cria muito bom peixe. Tem uma ponte de cantaria, de dois arcos, defronte da ermida de Santo Amaro, que toma o nome d'este santo, além de varias de madeira.

As suas aguas (que trouxeram areias de ouro) eram das freiras de Malta quanto ao peixe; mas para moer e regar eram livres.

**ÁMO**—portuguez antigo, o que criava filho de fidalgo. Ao tal filho se chamava *criado.* (Vide *Amadígo.*)

**AMONDE**—freguezia, Minho, districto administrativo, comarca e concelho de Vianna, arcebispado e 40 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Situada em um valle pouco fertil, é freguezia pequena e pobre.

No monte da *Corôa*, d'esta freguezia, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

**AMOR**—freguezia, Extremadura, bispado, districto administrativo, comarca e concelho de Leiria, d'onde dista 6 kilometros, 135 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

É situada em uma baixa, entre pinhaes.

Produz milho e feijão, e do mais pouco.

Tendo o exercito portuguez por varias vezes posto cêrco a Jurumenha, que estava occupada por castelhanos, nunca poude tomar a praça.

Um sugeito d'esta freguezia (cujo nome não pude saber) juntou alguns amigos seus, e, sem mais ajuda, tomou a praça por surpreza e industria, pelo que D. João IV lhe deu postos e honras e o mandou tomar o appellido de Jurumenha, com a condição de passar aos seus descendentes.

Ha n'esta freguezia muitos terrenos paludosos, a maior parte semeados de arroz, o que causa insalubridade. Por varias vezes se tem conspirado o povo contra os plantadores d'esta graminea, chegando até a haver aggressão, a ponto de ser preciso a intervenção da força publica.

Tem-se tratado por decisão da Junta central dos melhoramentos sanitarios, de enxugar grande parte d'estes pantanos, estando as obras bastante desenvolvidas, para se conseguir este util resultado.

**AMÓRA e CORROIOS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Seixal, 18 kilometros ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Orago Nossa Senhora do Monte Sião.

É aqui a grande e formosa quinta da *Amóra*, que foi da princeza D. Maria Benedicta, irmã de D. Maria I, e é hoje da Sr.ª infanta D. Isabel Maria. Tem um vastissimo lago, cercado de frondoso arvoredo e com uma ilha arborisada, no centro.

A freguezia é situada proximo da esquerda do Tejo, em linda paisagem, e muito fertil e saudavel. Como fica em uma elevação, d'ella se descobre Lisboa, Almada, Cezimbra e outras povoações menores.

Até 1834, o cura d'aqui era annual, nomeado pelos freguezes.

Produz bastante e optimo vinho.

Cérca metade da freguezia um braço do Tejo (de agua salgada) muito navegado e com nove portos, que são, *Rapoza*, *Carrasco*, *Quinta dos Lobatos*, *Prata*, *das Formosas*, *do Minhôto*, *Cabo-da-Marinha*, *Barroca* e *Alaminho*.

Mettem-se n'este braço de mar, dois rios de agua dôce, chamados *Judeu* e *Corrôios*.

Fazem mover moinhos e criam muito peixe. (Vide *Corroios*, *Arrentella* e *Seixal*.

Tem uma fabrica de moagem e descasque de arroz, a vapor.

Esta freguezia é fronteira á de Arrentella, da qual está separada, em parte, pela enseada do Tejo.

É districto administrativo e patriarchado de Lisboa.

Ha aqui o vinculo de *Cheira Ventos de Baixo* que é dos *Lobatos*.

Estes Lobatos eram de Vianna do Minho. Fizeram grandes serviços a Portugal no tempo de D. João I, acompanhando-o e ao condestavel. Chamavam-se Pedro Annes Lobato e João Lobato. Occuparam postos eminentes.

Ha tambem a aldeia de *Cheira Ventos de Cima*.

**AMOREIRA**—aldeia do Algarve, a 2 kilometros da aldeia de Algoso, que fica a E. de Silves.

Na estrada de Faro, pouco desviado para o S., ha um monte, coroado pela capella da Senhora do Pilar. Na encosta do E., estende-se em planicie o lindo sitio da Amoreira, aprasivel e fertilissimo, regado por um ribeiro, que o cerca pelo E. e N., e vae desaguar ao Oceano.

Desde tempos antigos se tem achado por estes sitios, e ainda se encontram, muitas moedas antigas (sendo umas romanas e outras desconhecidas, pelo seu estado de oxidação) cinzas amontuadas, alicerces de edificios vastos e tres poços antigos; o que evidenceia ter sido este bello sitio habitado pelos romanos e outros povos da antiguidade.

**AMOREIRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros ao S. E. de Vizeu, 335 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Orago Santa Maria.

Era do concelho de Castello Mendo, que se annexou ao do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou (com outros) a fazer parte do concelho de Almeida.

**AMOREIRA**—logar, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho de Obidos, 70 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Patriarchado. Districto administrativo de Leiria.

Orago Nossa Senhora de Aboboriz.

Foi villa, e D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de setembro de 1512.

A egreja tinha dois beneficiados e um thesoureiro. Os Mellos tinham a alcaidaria-mór d'este castello.

É terra muito fertil.

Ha aqui muitos lagares, moinhos e pisões.

Corre aqui o ribeiro do *Olho Marinho.*

Teve um castello antiquissimo, que ainda existia no principio da monarchia: hoje apenas d'ella ha vestigios.

Era da casa das rainhas.

O parocho, até 1834 era annual, nomeado pelo povo.

Situada ao pé da serra do seu nome.

N'esta freguezia está o mosteiro de jeronimos, chamado de *Valle-Bem-Feito*, fundado em 1570 por D. Catharina, viuva de D. João III.

Estes frades estavam até então nas Berlengas; mas os piratas barberescos, quando lhes lembrava, d'alli os levavam como escravos, por isso elles fugiram para aqui.

Tem Misericordia e hospital. Muitas aguas.

**AMOREIRA**—(Alemtejo.) Celebre e magnifico aqueducto que leva a agua a Elvas. (Vide Elvas.)

**AMOREIRAS**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 105 kilometros de Evora, 145 ao S. E. de Lisboa, 480 fogos.

Situada entre quatro sêrros bastante altos. A egreja era da Ordem de S. Thiago da Espada.

O seu terreno é pouco fertil, e seu clima execessivo. Os seus montes criam lobos, porcos montezes e muita caça.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Orago S. Martinho.

**AMOREIRAS**—(aqueducto das) vid. Lisboa.

**AMORIM**—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Varzim, arcebispado e 30 kilometros ao O. de Braga, districto administrativo e 32 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 500 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

É terra muito fertil.

Situada em campina raza, d'onde se vê a Povoa de Varzim, Villa do Conde, e outras povoações menores e o mar.

Os dizimos eram das freiras de Santa Clara, do Porto.

É no litoral e tem uma aldeia chamada *Finis Terrae.* (Vide *Avêl'o-Mar.*)

**ANADARIA**—districto em que o capitão de bésteiros tinha jurisdição, relativamente aos da sua companhia ou esquadra. (Portuguez antigo. Vide Annadel.

**ANADEL**—(Vide *Annadel.*)

**ANADIA**—villa, Douro, districto administrativo, bispado e 30 kilometros ao S. E. de Aveiro, 228 ao N. de Lisboa, 350 fogos, 1:400 almas.

Concelho 1:500 fogos, comarca 7:600.

Orago S. Payo.

Situada nas faldas do monte *Crasto* e proximo á uma extensa varzea muito abundante em cereaes e legumes, sobre tudo em milho.

Esta villa é creação moderna. O seu melhor edificio é o palacio da senhora condessa da Anadia.

A pouca distancia da villa está o sumptuoso palacio e grande e bellissima quinta da Graciosa, solar dos condes d'este titulo. (Vide Graciosa.)

Em circumferencia do Crasto, produz-se muito e optimo vinho (sobre tudo branco) que rivalisa com o melhor do Douro. Chamava-se vulgarmente *Vinho da Bairrada*, (vide esta palavra.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de agosto de 1514.

E' corrupção de *Anadaria.* (Vide esta palavra.)

Na aldeia da *Matta*, proximo á villa, appareceu em 1873, uma nascente de agua mineral. Ainda não foi analysada.

O parocho (reitor) até 1834, era formado pela Universidade de Coimbra, que apresentava esta egreja.

**ANÃES** ou **ANNÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, districto de Vianna, arcebispado e 18 kilometros ao O. de Braga, 375 de Lisboa, 190 fogos.

No alto de um monte d'esta freguezia ha vestigios de antigas fortificações, e ainda chamam a isto *Casa* ou *Castello dos Mouros.* (Ao monte chamam mesmo do *Castello.*)

Era parte da casa de Bragança e parte de outros donatarios.

Situada em um valle d'onde se descobre Braga, Barcellos, o convento de Tibães, o de Valle de Pereiras, o rio Lima, e outras povoações.

Ha aqui um monte chamado dos *Francos*.

A matriz era antigamente no logar da *Egreja*, proximo ao Monte do Castello e mudou-se (parece-me que em 1671) para Anães.

Orago Santa Marinha. Corre por aqui o rio Neiva. E' terra bastante fertil.

Foi vigariaria, apresentada por um dos canonicatos de Braga.

**ANAFIL**—Instrumento musico (militar) de que os arabes, e ás vezes os portuguezes, usavam na guerra.

Aquelles lhe chamavam, *Annafir*. E' uma especie de trombeta, do feitio de oboé.

Deriva-se do verbo arabe, *nafara*, que significa fugir, aterrar-se, etc , mas na segunda conjugação quer dizer, incitar para a fugida (tocar a retirar) annunciar a victoria, dar coragem. Tambem tocava a ir sobre o inimigo (avançar.)

Ha duas aldeias no patriarchado, com este nome. Significa *Povoação da Trombeta.*

**ANAGUEIS**—aldeia da Beira Alta, bispado de Coimbra.

E' palava arabe, *alnejês*, significa, *as pereiras*, isto é, *Aldeia das Pereiras.*

**ANA LOURA**—(Vide *Anna Loura.*)

**ANARDA**—rio. (Vide Arda.)

**ANÇAN**—villa, Douro, comarca de Cantanhede, 12 kilometros ao S. O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 370 fogos, 1:200 almas.

O concelho 700 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. Vejam-se certos artigos que lhe eram pertencentes, do foral velho de Coimbra, passado por certidão de 2 de janeiro de 1465. (Maço 4.º dos *foraes velhos*, n.º 4.)

Extraordinaria producção de pedra calcarea (carbonato de cal) branca e azul, chamada vulgarmente, *pedra de Ançan*: muito facil de obrar e propria para edificios, no que se gasta a maior parte d'ella, fazendo-se com isto grande commercio.

E' no bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos (parece que com este mesmo nome) os quaes a estimavam muito e ha do seu tempo ainda vestigios.

Em umas escavações que se fizeram ha poucos annos, se encontraram umas banheiras de granito, guarnecidas de mosaico, para onde as aguas eram levadas por canos de chumbo: e tambem se encontrou um busto de marmore.

Ha aqui tambem pedreiras de ardosias (lousas.)

Perto da villa (2 kilometros ao N.) está o convento de S. Marcos, fundado por João Gomes da Silva (alferes-mór de D. João I) pelos annos 1395.

Este João Gomes da Silva era pae de Ayres Gomes da Silva, regedor de Lisboa, que morreu na desgraçada carnificina de Alfarrobeira, ao lado do infante D. Pedro.

E' situada em um valle fertil.

Foram seus donatarios os marquezes de Cascaes.

Tem uma optima egreja de tres naves, e um bom palacio dos antigos donatarios.

Ha aqui (entre outras) a capella de S. Bento, grande e toda de abobada, edificada sobre um grande rochedo.

Tem uma boa fonte publica, mandada fazer pelos donatarios, com as armas dos *Castros das seis aruellas* (que são os marquezes de Cascaes.) A sua agua nasce em tamanha abundancia que logo faz moer trez moinhos e um lagar de azeite e fórma um ribeiro, que, com 16 kilometros de curso, se mette no Mondego, proximo da Figueira.

Dizem que na quinta do *Rol*, d'esta freguezia, ha uma fonte de qualidades tão laxantes, que só se usa da sua agua como purgante.

Tambem dizem que outra fonte d'esta freguezia destroe as areias.

Tres kilometros ao N. da villa, está o convento dos Jeronimos, chamado de S. Marcos, como já disse.

**ANÇÃO** — Algarve, grandes marinhas de sal. Vide *Farrobilhas.*

**ANCAS DO BAIRRO** — freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho de S. Louren-

ço do Bairro, 30 kilometros a O. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Foi dos duques d'Aveiro.

É terra pouco fertil e pobre.

É no bispado e districto administrativo de Aveiro.

**ANCÊDE** ou **ANSÊDE**—villa, Douro, comarca e concelho de Bayão, na margem direita do Douro, 50 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 710 fogos, 2:000 almas. Tem barão (novo).

Bispado e districto administrativo do Porto.

Parte d'esta freguezia era dos Azevedos, de Bayão. Havia aqui as *honras* de *Gozende* e das *Eiras*, das quaes eram senhores os Castros, de Roriz. Em 1202, D. Sancho I, com seus filhos e filhas, deram *carta de povoação*, a D. Gonçalo, prior da egreja de *Audifici* (freguezia d'Ansede) para os moradores do reguengo da *Cedema* (hoje *Cederma*).

Orago Santo André.

Houve aqui um tonel que levava 40 pipas. Era todo de madeira, sem ter um só arco de ferro.

Ha duas versões sobre a origem do nome d'esta freguezia, a primeira é a seguinte:

Havia aqui (no sitio d'Ermello) um convento de cruzios (fundado em 1107) que pediram a D. Affonso Henriques (ainda principe) para se mudarem, por ser o sitio muito falto d'agua. O principe respondeu:—*Visto que os conegos hom sêde, mudem o mosteiro, que eu os ajudarei.*—Acho esta etymologia pouco provavel. *Ancede*, *Ancedo* ou *Ansedo*, é nome proprio, usado pelos godos e até pelos portuguezes. (Vide Cea, no convento) Julgo pois que *Ancêde* se deriva de algum individuo que por qualquer razão deu o seu nome a esta villa.

Mudou-se effectivamente o mosteiro, em 1160, para o sitio actual.

A segunda versão é esta: Um sujeito chamado *Ancêde* fundou esta povoação no tempo dos godos, e lhe deu o seu nome.

Foi couto dos frades dominicos de Lisboa, que apresentavam o cura.

D'esta freguezia se vêem muitas da margem opposta do Douro.

A matriz é a egreja do convento. É terra bastante fertil, sobretudo em optimo vinho.

O prior do convento de S. Domingos, de Lisboa, era capitão-mór do couto, e como tal punha as justiças e nomeava os officiaes de ordenanças.

Na estrada que d'esta freguezia vae para o logar das Caldas, ha um arco, de cantaria lavrada, de dois metros de alto, e no meio d'elle um tumulo, sem se saber de quem, nem quando foi feito. É no sitio de *Lordello*.

Na tampa da sepultura (que já não existe) estava gravada uma espada. Suppõe-se ser o tumulo de algum guerreiro notavel. O povo d'aqui diz que é onde descansou a rainha Santa Mafalda, quando foi fundar a casa de banhos das Caldas d'Aregos. É manifesto engano. Quem fundou esta casa foi a rainha D. Mafalda, avó da Santa e mulher de D. Affonso I. O tumulo é de um guerreiro, em vista da espada em que fallei.

Passam n'esta freguezia o Douro e o Ouvil.

Tinha o couto do mosteiro 6 kilometros de comprido, ao longo do Douro, e 3 de largo. Apresentava as egrejas de Campêllo, Santa Leocadia, Medim, e S. João do Grillo.

Todos os parochos d'estas egrejas eram cruzios e se intitulavam abbades, menos o de Campello que se intitulava arcediago.

Estava annexa á egreja do mosteiro a de Santa Maria de Góbe ou *Góve*. Está n'esta egreja a chamada *Cabeça Santa*, que dizem curar a hydrophobia. É a caveira de um prior d'aqui chamado *Mamede*.

A primeira fundação d'este convento, foi mesmo junto ao Douro, onde ainda está a *Egreja velha*, (no anno de 1107.)

Em 1559 é que o convento d'Ancede passou de cruzios para dominicos, e n'esse mesmo anno foi reedificada a actual egreja. Em 1539, os cruzios aforaram o antigo convento e cerca d'Ermêllo. É hoje propriedade do sr. A. Dias de Oliveira, conselheiro do supremo tribunal de justiça. Da antiga egreja só existem hoje as paredes desmanteladas; mas a capella-mór existe reduzida a capella, onde o proprietario ainda manda dizer missa. Esta egreja era gothica e de robusta cantaria, pois, apesar de estar ha muito desarmada, ainda está para resistir por muitos annos ás

intemperies do tempo, se a não arrazarem.

Foi primeiro de cruzios e depois passou para dominicanos. Seus priores usavam de mitra e bago. (O mosteiro era sagrado).

Veio este convento a poder de commendatarios, sendo o ultimo D. Sancho, que falleceu no principio do anno de 1557, no qual anno o deu D. João III a Santa Cruz de Coimbra, para o unir á congregação e o reformar. Santa Cruz tomou posse em 2 de fevereiro do mesmo anno; mas morrendo o rei em 11 de junho d'esse anno, D. Catharina, sua viuva, e regente do reino, o deu ao convento de S. Domingos, de Lisboa, que d'elle tomou posse em 1560, por bulla de Pio IV, d'esse anno, indo os antigos frades para Santa Cruz de Coimbra.

É n'esta freguezia o solar dos *Negrões.*

Negrão é um appellido nobre em Portugal. Veio de Genova, mas ignora-se quem o trouxe a Portugal.

O primeiro que n'este reino se encontra d'este appellido, é o desembargador Dyonisio Esteves Negrão, deputado da mesa da consciencia e ordens.

As armas dos Negrões são—em campo de ouro, tres pallas de negro. Outros do mesmo appellido, usam—em campo de prata, tres pallas de purpura; e outros d'esta familia tambem usam—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de purpura, nove besantes de ouro, em tres pallas; no 2.º e 3.º, de ouro, duas pallas de purpura. Elmo de aço, aberto e por timbre um leão.

O actual representante d'esta familia, é o sr. Manuel Esteves Negrão (filho do desembargador Nicolau Esteves Negrão) que nasceu em 1824. Tem sete irmãos, tres homens e quatro senhoras, que todos vivem na sua casa d'Ancêde.

Na provincia de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, ha a freguezia de Negrões, que provavelmente tomou o seu nome de algum membro da familia Negrão, por qualquer circumstancia.

**ANCIÃES**—villa, Tras-os-Montes, comarca e 23 kilometros de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anciães, 104 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos, 240 almas.

Situada em um alto. Era da coroa.

Tem seu castello e fortes muros de cantaria lavrada, de 1,$^{m}$50 de largo e 6$^{1}/_{2}$ de alto. Tem varias torres, sendo a principal chamada do Sol, dentro do castello, com uma só porta.

Foi posição quasi inconquistavel, pela fortaleza do seu castello e torres e pela sua posição. Hoje está tudo arruinado. Ás portas de S. Salvador, tem duas torres. Ao sair da porta principal, á esquerda, tem uma pedra com uma inscripção em caracteres desconhecidos, que ninguem entende.

Eu tinha copiado nos meus apontamentos os *fac-similes* d'estas e d'outras inscripções de caracteres illegiveis; mas pela grande difficuldade de os pôr em letra de imprensa, e pela grande despeza que causava, deixei-me d'isso, assim como abandonei o projecto de fazer copiar os caracteres arabes (como já declarei). Quem quizer saber dos primeiros, veja o diccionario do padre Cardozo, e os segundos, nos Vestigios da Lingua Arabe, de fr. João de Sousa, nos logares competentes.

O castello tem de circumferencia 282 metros. A villa é tambem murada e torreada, com revelins e cubêllos, e esta muralha tem 624 metros de circumferencia, com quatro portas *(Postigo da Egreja, da Villa, da Fonte* e a de *S. Francisco,* que é a principal).

Sobre esta porta havia a seguinte inscripção: *Anciães sempre leal ao rei de Portugal.* Tinha dentro do castello uma antiquissima egreja (S. Salvador) com alguns carneiros, que se diz serem de pessoas notaveis, e extramuros do castello a de S. José, ambas em ruinas e abandonadas desde 1734. Diz-se que este castello é obra dos romanos, e anterior a Jesus Christo. É certo que n'elle tem apparecido moedas romanas. No castello ainda ha restos de varias casas baixas e uma sobradada, e ainda existe uma casa alta, soffrivelmente conservada.

Tem ainda um *contramuro* a distancia de 33 metros, com 150 de comprido, a pegar no fortim do Cubo, e com uma porta chamada de *S. João Extra-muros,* perto da egreja. Já se sabe, tudo desmantelado.

Ainda havia outro *contramuro,* junto do

caminho que desce de S. Francisco para Sollores, que já não existe, e junto d'elle a fonte dos *Cavallos*, tambem arruinada.

Esta villa está muito decaida. A matriz, que é muito antiga, está dentro da villa, chegada á porta do castello.

Tem por armas um castello e a legenda— *Anciães leal, no reino de Portugal.*

Em diversos sitios da egreja e do adro, ha muitas inscripções, com os mesmos caracteres desconhecidos.

No adro estão gravadas nas pedras varias armas das ordens militares, o que faz suppor que se acham alli enterrados muitos cavalleiros, talvez mortos em alguma batalha ou cerco que aqui houvesse.

O reitor apresentava seis annexas (Fonte Longa, Seixo, Sellores, Beira Grande, Belver e Samorinha).

É terra abundante e produz optima fructa.

Teve juiz de fóra até 6 de abril de 1734, em que se mudou a cabeça do concelho para Carrazeda d'Anciães.

Aqui nasceu o invencivel *Lopo Vaz de Sampaio*, 8.° governador da India. Foi tambem patria de D. Frei Gonçalo de Moraes Mesquita, bispo do Porto, *fundador da casa dos Mesquitas, de Sollores*; e de D. Manuel de Sousa, arcebispo primaz de Goa e outros varões illustres pelas armas ou pelas lettras.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.° de junho de 1510.

D. Affonso I lhe tinha dado foral, sem data (suppõe-se que foi em 1160). Está no maço dos *foraes antigos*. D. Sancho I lhe deu novo foral, a 6 de abril de 1198. Foram confirmados em Guimarães, em abril de 1219 por D. Affonso II.

Anciães foi povoação muito importante, na antiguidade, e aqui se deram varias batalhas contra os gallegos derrotando-os quando vinham atacar a praça.

A villa é falta d'agua, só tem a cisterna do castello e uma fonte particular; as mais são extra-muros.

Está sobranceiro á villa o monte *Roborêdo*, onde ha minas de estanho e ferro, sendo estas importantissimas. Houve tambem aqui minas de ouro, que foram exploradas pelos nossos reis, que mandaram aqui construir casas para arrecadações e residencia dos empregados.

A sua maior exploração foi no principio do reinado de D. João V. Tambem nas aldeias de Luzellos e Marzagão (ou suas immediações) se exploraram por esse tempo, e por conta do estado, minas de estanho.

Junto á aldeia do Pombal, d'esta freguezia, descendo para o Tua, por uma serra alcantilada, ha uma nascente d'agua sulfurosa (ou sulfurica) muito abundante e que se despenha pela serra abaixo.

O padre Antonio Seixas, aqui parocho, mandou fazer em 1730 um tanque, para se tomarem banhos d'esta agua, que se diz efficacissima para molestias cutaneas, rheumaticas e outras muitas. São muito concorridas e se chamam vulgarmente *Caldas d'Anciães.*

No pelourinho da villa, deitado por terra e partido, vê-se de um lado as armas de Portugal e do outro a figura, em relevo, de um velho de grandes barbas com uma chave em cada mão.

Quanto á origem do nome d'esta villa, dizem uns que significa *villa dos velhos*, outros *villa velha;* mas qual foi a razão de se lhe dar este nome? Não a pude saber.

Anciães fica 5 kilometros ao N. do Douro. Correm-lhe tambem proximos os rios Sabor e Tua, deixando-a no centro.

Em um valle proximo houve uma grande batalha contra os castelhanos, que ficaram derrotados e pelo avultado numero de mortos que foram aqui enterrados, se ficou chamando até hoje *Ribeira da Osseira.*

A não ser a sua importancia como posição militar, não vejo a que devesse a sua antiga florescencia. É certo que ha muitos seculos d'ella decahiu, e hoje mais parece aldeia do que villa.

É provavel que a sua decadencia proceda da asperesa do seu clima, que é frigidissimo e de todas as partes batida dos ventos (por ficar sobre um monte) e muito falta de aguas.

Ainda em 1550 aqui viviam muitas familias nobres, que pouco a pouco foram abandonando esta terra inhospita, não ficando uma só.

A villa está encostada ás muralhas do castello pela parte de E.

Tem uma só freguezia, e a matriz (S. Salvador) é situada proximo da porta do castello. É antiquissima, mas ignora-se a data da sua fundação. A porta principal, em arco, é toda ornada de figuras e muito curiosa.

Em uma columna do arco está uma inscripção antiga, de caracteres romanos, e dentro da egreja, á esquerda, ao entrar, estão tres inscripções nos taes caracteres desconhecidos.

A povoação é apenas habitada por algumas familias de lavradores.

Faz bastante commercio com os seus generos, que exporta para a cidade do Porto, pelo Douro, embarcando na *Foz do Tua*, onde tem o seu porto commercial.

No cume de um monte, proximo á povoação de Louza, está o convento que foi de frades da Santissima Trindade, fundado por fr. Antão Gonçalves, natural do Seixo de Anciães. Chama-se vulgarmente o *Convento da Louza.*

**ANCIÃES**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 50 kilometros a N. E. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em uma ribeira, da qual só se descobre a freguezia de Sandomil.

Produz centeio e milho; do mais, pouco.

Está cercada pela serra do Marão, em distancia de 8 kilometros.

Nascem aqui varios regatos, que todos se juntam em um sitio chamado *Redéllos*, e a pequena distancia se mettem no Tamega.

Na serra ha minas de estanho, no sitio chamado *Romeu.*

Cria bastante gado, grosso e miudo, e tem lobos, rapôsas e caça.

**ANCIÃO**—serra, Beira Alta e Extremadura. Na *Antiga Geographia Luzitana* é denominada *Monte Tapeyo.* Outros, porém, dizem que o *Tapeyo* fica por cima da villa de Soure, e que ainda se chama *Monte-Tapeyo.* (Provavelmente é este o *Tapeyo* dos antigos.)

O que é certo é que a um d'estes montes chamavam os romanos *Tarpeius.*

Esta serra de Ancião, fica proximo da villa do seu nome. Tem 18 kilometros de comprido, e 12 de largo.

Ha n'ella as povoações seguintes:—villas da Aguda, Ancião, Alvaiazere, Maçãs de D. Maria, Chão da Couce, e varias aldeias.

Corre desde Coimbra até Thomar, ficando-lhe de uma e outra parte as villas de Pombal e Rabaçal.

Divide-se em dois braços, formando um a serra de Alvaiazere, e o outro a da Junqueira.

Nascem n'ella alguns ribeiros, sendo o mais notavel o que, no sitio do *Valle do Buyo*, nasce de uns olhos d'agua, e que apenas tem agua no inverno.

Ha na tal nascente dois grandes poços, e no fim de cada um, uma grande concavidade (onde se entra no verão) que se divide em outras mais pequenas, julgando-se que aqui corre algum rio subterraneo.

Aqui nascem dois ribeiros, que, unindo-se, se vão metter no rio Nabão junto a Thomar. Ha na serra mais olhos d'agua, e varias e abundantes nascentes.

Diz-se que ha aqui minas de oiro.

É cultivada em partes, e tem muitos olivaes e carvalhaes.

No terreno inculto se produz muito alecrim, bellas pionias, gran de carrasco (chermes) e plantas medicinaes.

Cria gado grosso e miudo, optimos porcos e muitas colmeias. Tem tambem lobos, teixugos e caça.

Ha ainda n'esta serra vestigios de habitações arabes.

Tem uma famosa *lapa*, a que chamam *Algar-d'Agua*, aberta em um penhasco, e na qual cabem 500 pessoas.

(Já fallei d'isto em Alvaiazere, que é aonde pertence. Os nossos geographos confundem, muitas vezes, a serra de *Ancião* com a de *Alvaiazere.*)

**ANCIÃO**—ribeira, Extremadura, que nasce no meio da freguezia que lhe dá o nome, em *Valle Buyo*, rega e faz mover alguns moinhos e lagares de azeite; mas quasi sempre sécca no verão.

Tem uma ponte de cantaria junto á villa do seu nome.

Morre no rio Nabão, junto a Thomar.

**ANCIÃO**—villa, Extremadura, comarca do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra 165 ao N. de Lisboa, 400 fogos, 1:500 almas, no concelho 1:200 fogos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria,

Orago Nossa Senhora da Conceição.

É patria do celebre Jeronymo Soares Barbosa, famoso jurisconsulto, que aqui nasceu a 24 de janeiro de 1737 e falleceu em Lisboa a 5 de janeiro de 1816.

D. Affonso VI a fez villa e lhe deu foral em 1663.

Foi dada a D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, em premio do seu valor na batalha do Ameixial.

O conde da Ericeira era general de artilheria n'esse dia gloriosissimo.

Esta doação, e a causa d'ella, consta de uma inscripção latina gravada no pelourinho da villa.

Tambem é patria do celebre Paschoal José de Mello, lente de direito, desembargador da supplicação, e reformador da Universidade de Coimbra.

Nasceu a 6 de abril de 1738 e morreu em Lisboa em 1798. Foi intimo amigo do marquez de Pombal, e escreveu muitas obras de direito, ainda hoje estimadas.

Eram donatarios os marquezes de Louriçal, e depois passou á corôa, até que foi para o conde da Ericeira.

E' situada entre montes e valles, d'onde se não descobre povoação nenhuma.

A egreja é de tres naves.

E' regada peto rio do seu nome.

Tem um bom mercado aos domingos.

Não é fertil em cereaes ou fructas; mas é abundante em azeite, e produz muitas landres, com que cria muitos e bons porcos.

Tinha um foral antigo, isto é—*Titulo de Mordomado*, pelo foral de Coimbra, passado em certidão de 2 de janeiro de 1465.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de julho de 1514,

D. Affonso VI, a elevou á cathegoria de villa em 1663, dizem alguns que então lhe deu foral *novissimo;* mas Franklin não falla n'este ultimo foral.

Como se falla tantas vezes n'este Diccionario de foraes velhos e novos, será bom notar que—*foraes velhos* se chamam todos os que foram dados antes do reinado de D. Manuel,—*foraes novos* os que este rei concedeu—e *foraes novissimos* os que se deram pelos successores de D. Manuel. Ha muito poucos foraes novissimos, como se verá d'esta obra.

**ANCORA**—rio, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminah.

Nasce de duas fontes, no sitio das *Bezerreiras*, na serra de Arga, limites da freguezia de Lanhezes.

Com 8 kilometros de curso se mette no Atlantico, no sitio da Foz do Ancora, entre os fortins da *Lagarteira* (ao N.) e do *Cão* (ao S.), mas ficando estes fortins a uns 500 metros de distancia da foz, cada um d'elles.

Estes fortins e outros mais pelas nossas costas do Minho, mandou construir D. Pedro II, pelos annos de 1690, por causa dos piratas africanos que, de improviso, davam sobre as povoações do litoral, saqueando-as e levando captivos seus moradores.

Este rio, que hoje apenas merece o nome de ribeiro, certamente foi muito mais caudaloso na antiguidade, pois que é muito nomeado desde eras remotas. (Vide Ancora, freguezia.)

Divide a freguezia de Ville da de Riba-d'Ancora, e depois a de Gontinhães da de Ancora.

E' atravessado, no logar de Abbadim, por uma ponte de cantaria de um só arco, obra dos romanos; mas tão solida como se fosse feita hoje. Chama-se mesmo Ponte de Abbadim, e fica a 1 kilometro da Foz do Ancora.

Esta ponte foi reedificada no seculo XVI.

Tem mais alguns pontões de pedra.

Sobre a estrada real do Norte, que aqui passa a 300 metros do mar, fizeram os pedreiros gallegos, uma linda ponte de cantaria lavrada, em 1857, que custou á nação 9:200$000 réis.

Esta ponte, feita em um pantano, sobre

estacaria, foi destruida a 26 de novembro de 1865 por uma enchente.

Podiam muito bem levar esta estrada um pouco mais por cima e aproveitarem para ella a robustissima ponte de Abbadim; mas o patronato trabalhou para que ella viesse por aqui, e lá perdeu a nação aquelles 9:200$000 réis.

Os banhos de mar, chamados de Ancora, posto sejam proximos da foz d'este rio, (são mesmo junto ao fortim da Lagarteira) são todavia na freguezia de Gontinhães, ao N. do rio Ancora.

Os celtas, e depois d'elles os romanos, davam a este rio o nome de *Spaco*, e os segundos á foz d'elle—*Vico-Spacorum*.

A antiga foz do Ancora não era onde hoje é; mas uns 200 metros mais ao S., e proximo do forte do *Cão*, do que ainda ha vestigios.

O mar aqui abandonou mais de um kilometro de terreno, destruindo a antiga foz.

Este fortim está entre os limites da freguezia de Ancora e Afife, mas em terreno da primeira. Sobranceiro a elle e proximo, está o monte da *Cividade*, onde ha vestigios de uma povoação romana. (Vide Afife.)

A foz antiga, como era de areia, e as pedras e terra, que descem das serras nas enchentes a obstruiram, se foi mudando para o N., onde achou mais facil sahida. Esta foz apenas tem hoje uns 4 ou 5 metros de largo, e é tão baixa que só *maceiras* por ella podem entrar e sahir.

(*Maceira* se chama aqui a umas coisas do feitio de uma *maceira*—de amassar pão—com que vão pescar ao mar, quando elle está manso, e que só póde levar um ou dois homens.)

Antigamente eram estas costas com muita frequencia invadidas por piratas barberescos, que vinham aqui roubar e fazer captivos.

É tradição muito antiga e referida por varios historiadores e a traz tambem o conde D. Pedro no seu *Nobiliario* (impresso em 1622), que a este rio se deu o nome actual pelo romance seguinte:

—

Pelos annos 932 de J.C., era rei (ou emir) de Gaia, o moiro *Al-Boazar-al-Bucadão*, formoso mancebo, grande poeta e extremado cavalleiro.

Tinha elle uma lindissima irmã, chamada *Gaia* ou *Zahara* (que querem alguns désse o nome a Gaia) a quem muito amava.

A illustre poetisa, musica e pintora portuense do seculo XVII, D. Bernarda Ferreira de Lacerda, canta com muito mimo este romance (dos amores de Zahara e D. Ramiro) no Tom. I, canto 6.º, da sua *Hespanha Libertada*. O nome de Zahara é verdadeiramente arabe. Não assim o de Gaia, a que não acho muito geito, por ser evidentemente romano (*Caia*, que os Luzitanos pronunciavam Gaia). (Vide Gaia).

Estava Al-Boazar-al-Bucadão em paz com os christãos e dava no seu castello muitos festins, saraus, justas e torneios, a que eram indistinctamente admittidos mouros e christãos.

D. Ramiro II, rei de Leão, foi a estas justas disfarçado em trovador, e seduziu e roubou Zahara, levando-a para a sua terra (onde se fez christã, com o nome de *Artida*). Ficou o mouro desesperado, com razão, e protestou tomar vingança.

Disfarçou-se tambem em trovador, e foi-se caminho de Leão.

Chegando á côrte, taes phrases empregou com D. Urraca, mulher de D. Ramiro II, que esta se enamorou perdidamente de Al-Boazar e, abandonando marido e filhos, veiu para o alcaçar de Gaia com elle; mas com o maior segredo, que lhes foi possivel, e tal que só passados alguns annos é que D. Ramiro póde descobrir o paradeiro da sua infiel consorte.

Disfarça o caso, para melhor obter os seus fins, e conseguiu por estratagema, ou por traição, introduzir-se uma noite no alcaçar mourisco, tendo cá fóra homens decididos, promptos para o que désse e viesse.

O certo é que o rei e alguns dos seus poderam agarrar a D. Urraca (já um principe francez desarranjou um casamento que estava tratado com uma infanta nossa, só por se chamar *Urraca*) e ao pobre do Alboazar, e largou a toda a pressa com elles caminho da Galliza.

Chegando a *Monte-Dor*, aldeia do litoral, na freguezia de Carrêço, 6 kilometros a NO. de Vianna, alli assassinou, com os mais horriveis tratos ao infeliz Al-Boazar. (Vide *Carrêço*).

Praticada esta *façanha*, foi o rei e a sua comitiva caminhando para o N., a 6 kilometros distante de *Monte-Dor*, chegaram ao rio *Spaco*, e aqui, mandando prender a rainha a uma *ancora* (pelo pescoço) *elle e seus filhos* (!!!) a deitaram ao rio, onde se afogou. (Hoje havia de custar-lhe a afogar-se aqui, principalmente se fosse de verão, a não ser em alguma levada).

É certo que D. Ramiro II roubou a moura *Zahara*, irmã ou filha de *Al-Boazar*, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de *Artida* ou *Artiga*. O rei repudiou a D. Urraca e casou, ou, segundo outros, viveu amancebado com *Zahara*, de quem teve um filho chamado *D. Alboazar Ramirez*, (que fundou o mosteiro de Santo Thyrso e do qual algumas vezes fallaremos n'esta obra.) Na minha opinião, ha um facto que faz cair *redondamente* por terra a historia das mortes de D. Urraca e Alboazar. Pois então, se era tamanho o odio de D. Ramiro II contra Alboazar, e se este lhe tinha roubado a mulher, como é que o rei poz ao filho o nome do tio ou avô? Entendo que o romance de D. Bernarda e de Garrett, não passam de... *romances*. Mesmo assim deu elle motivo ás antigas armas de Vizeu. (Vide *Vizeu*).

O chorado Garrett, no seu bellissimo poemeto intitulado *Miragaia* conta o caso de modo bastante diverso. Vide *Vizeu* e *Cabriz*).

Desde então se ficou chamando ao *Spaco*, *Rio da Ancora* ou *Rio Ancora*. (Então porque se não ficou chamando *Rio da Rainha*, ou *Rio de Urraca?*

O padre D. Jeronimo Contador d'Argote (que é menos credulo) nas suas *Memorias de Braga* (pag. 372) diz que o nome lhe vem da *ancoragem* que faziam aqui as frotas romanas, que conduziam tropas.

Tambem ha quem diga que se lhe deu este nome por aqui apparecer uma ancora de ouro.

Muitos escriptores de fama contam muito seriamente a tragica morte de D. Urraca, e não serei eu, obscuro escriptor, que os contradiga n'isso; mas sim na causa que deu o nome d'Ancora a este rio. Pelo menos 360 annos antes da morte (sonhada ou real) de D. Urraca, já a freguezia d'Ancora se chamava *Santa Maria de Villar d'Ancora*, na marinha, pois assim a denomina Theodomiro na doação que da quarta parte d'esta egreja fez ao bispo de Tuy em 563. (Vide *Ancora*, freguezia).

Suas aguas regam os campos de Riba d'Ancora, Ville e Gontinhães, e a bella veiga d'Ancora; faz mover azenhas de pão e engenhos de serrar madeira. Traz algum peixe, mas pouco e miudo.

Quando era outra casta de rio, foi navegavel até á ponte de Abbadim. Hoje nem a maré passa de uma levada que está a uns 300 metros da foz.

N'estas costas, todas cheias de cachoppos e penedias (baixas) á beira-mar, se têem destruido muitos navios, e o mar arrojado aos areaes grande numero de cadaveres de differentes nações.

Eu vi o livro dos obitos da freguezia d'Ancora (em 1865) e d'elle consta que só em um dia (em novembro de 1755) aqui appareceram 192 cadaveres, da guarnição de uma nau portugueza que foi ao fundo aqui perto. N'esse anno de 1865, tambem o mar arrojou á costa alguns bois de um vapor inglez que se perdeu aqui.

**ANCORA** — freguezia, Minho, comarca e 12 kilometros ao N. de Vianna, concelho e 6 ao S. de Caminha, 48 ao O. de Bragga, 425 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Chamava-se antigamente *Villar d'Ancora*: e parece que ainda antes d'este nome tinha o de *Balthazares*.

Os lusitanos chamavam a uma batalha *azar*. Como aqui perto houve varias batalhas, se ficou chamando a esta veiga a *Valle d'Azares*, e por corrupção *Balthazares*. (A mudança era facil. Os do norte do reino, mudam sempre o *v* em *b*, e diziam *Bal d'azares;* d'aqui para *Balthazares* vae pouco).

E' tradição que onde hoje está a capella de S. Braz, na veiga ainda hoje chamada de *Balthazares*, foi a egreja matriz primitiva.

Perto d'esta veiga, está outra chamada de *Batalhoz*, e tambem é tradição que houve aqui uma grande batalha entre lusitanos e romanos.

Para se fazer idéa da antiguidade d'esta freguezia, basta saber-se que já existia como parochia com o nome de *Santa Maria de Villar d'Ancora* em 563, pois que n'esse anno o rei suevo Theodomiro deu a quarta parte dos rendimentos d'esta egreja ao bispo de Tuy. Em 3 de setembro da era de 1163 (1125 de Jesus Christo) a rainha D. Thereza confirmou esta doação, com seu filho D. Affonso Henriques.

Ha tambem n'esta freguezia um sitio chamado a *Matança*, cujo nome se lhe deu (segundo dizem) por uma grande derrota que os portuguezes aqui deram aos mouros argelinos, nos primeiros tempos da monarchia, fazendo-se em memoria d'esta victoria, uma capella a Nossa Senhora do Soccorro, que ainda existe ahi perto, no logar da *Lage*. Foi reedificada em 1640. Tinha em volta sete capellinhas com os passos da paixão, das quaes só restam as paredes arruinadas. Tinham estas capellinhas confessionarios e n'ellas se confessavam os devotos, por licença do arcebispo de Braga, dada a 18 de março de 1687. (Vide adiante).

Ha tambem aqui uma outra veiga chamada de *Sapor* (Sapor, como todos sabem, foi um celebre rei da Persia) e em Riba d'Ancora ha uma aldeia, uns mattos e uns campos chamados do *Médo* e *Sub-Médo*.

O que é incontestavel é que a povoação d'Ancora é antiquissima, [illegible] era povoada no tempo dos celtas, do que ha vestigios (vide Gontinhães).

Houve tambem aqui um castello arabe, do qual ainda ha vestigios.

Na serra de *Laborades*, ao E., ha turfeiras (terra combustivel).

A egreja, situada em um lindo e fertilissimo valle, proximo da esquerda do rio Ancora, era de tres naves e de cantaria, e havia sido feita em 1360. Estava muito bem conservada; mas, como era pequena, foi reconstruida de novo em 1866, á custa do povo, voluntariamente.

Perto da ponte que a enchente de 1865 destruiu, e já no areal da costa, ha uma nascente de aguas ferreas, muito efficazes para padecimentos do estomago; nasce, porém, em uma pôça immunda, que a camara respectiva ha muito devia ter mandado arranjar, o que bem pouco custava.

Esta freguezia é situada em um valle lindo e muito fertil, e abrigada do sul e nordeste pelas serras de Laborades, Cividade e Arga. É muito sádia.

No seculo XIV se desmembraram d'esta freguezia as de *Riba d'Ancora* e *Gontinhães*, tornando-se independentes d'ella.

Ao SE. da freguezia fica o monte de *Terrugem*, e ao S. e SO. o da *Cividade*.

No da Terrugem ha vestigios de edificios (talvez fortificações) antiquissimos, e ainda ao sitio se lhe chama *Crasto de Mouros*.

Abaixo d'isto fórma o monte uma chapada, a que chamam *Osseira*.

Entre este monte e o da Cividade, por onde passa o caminho que da freguezia conduz a Afife, ha o sitio chamado *Matança*.

É provavel que aqui se dessem sanguinolentos combates em eras remotissimas, e a tradição constante entre o povo d'estas terras confirma essa supposição.

Já disse que a planicie, onde hoje ha vastos campos cultivados e a capella de S. Braz, se denomina *Balthazares*, corrupção evidente de *Valle-d'Azares*, nome primitivo d'esta freguezia.

A sua situação no litoral, e o seu antigo porto (*Vico-Spacorum*) que dava entrada aos navios de pequeno lote, como eram os antigos, tornava estas terras frequentemente sujeitas ás invasões dos piratas maritimos.

Os phenicios, os carthaginezes, os romanos, os africanos, os normandos e os gascões infestaram successivamente estas costas, deixando sempre vestigios dolorosos da sua passagem devastadora.

Póde pois affirmar-se, sem receio de errar, que os luzitanos resistiam quanto podiam a estes crueis e sanguinarios invasores, o que de certo deu em resultado muitas e sanguinolentas batalhas.

Os luzitanos, vendo-se em constante perigo na planicie da costa, tiveram de ir fundar as suas habitações nos varios ramos ou projecções da grande cordilheira de Arga. É por isso que o monte da Cividade conserva este nome, porque no seu cume houve uma vasta povoação, de que ha muitos vestigios.

Ainda em 1872, andando a arrotear-se um terreno d'aqui, se acharam varias pedras lavradas, tijolos, fragmentos de amphoras e outros objectos.

Este monte está hoje na sua maior parte coberto de pinhaes e outras arvores silvestres.

Pretendem alguns que a antiquisssima egreja de Valle de Azares era no sitio que actualmente se chama *Portella.*

É verdade que, por entre os carvalhos e pinheiros que povoam esta planicie, se vêem manifestos vestigios de casas e outros edificios, e signaes evidentes de que o que hoje são soutos e devezas, foram em eras remotas campos cultivados; mas isso, na minha opinião, apenas prova que houve alli uma povoação, e tudo me leva a acreditar que o local da primitiva matriz, se não foi onde hoje está a capella de S. Braz, era muito proximo.

Logo ao SE, d'esta capella, e poucos metros abaixo d'ella, é a veiga de *Batalhoz*, nome tambem expressivo, e que corrobora a tradição do que se conta da *Osseira* e *Matança.*

Pouco mais ao NE. de Batalhoz está a veiga de *Sapor*, de que já tratei, havendo aqui perto, em um souto, vestigios de antiquissimas habitações.

Ainda ao NE, d'aqui, já na freguezia de Riba-d'Ancora, ha um vasto terreno, comprehendendo campos e mattos, a que tambem já disse, se dá o nome de *Médo* e *Sub-Médo.*

Poucas freguezias ruraes de Portugal apresentarão tantos vestigios de antiguidades.

No logar da *Lage*, d'esta freguezia, está a notavel capella de *Nossa Senhora do Soccorro,* edificada no fundo do monte da Cividade, sobre um rochedo, que foi necessario romper a fogo.

É antiquissima; mas estava arruinada nos principios do seculo XVII.

Em 1640, vindo do Brasil Domingos Sanches, de Balthazares, se viu em grande perigo no alto mar, pelo que prometteu á Virgem reedificar-lhe a sua ermida da invocação do Soccorro.

Salvo do naufragio imminente, tratou logo de cumprir a sua promessa; mas, fallecendo antes da conclusão da obra, a continuou e concluiu seu sobrinho, o padre João Martins Nogueira.

Ha na capella um quadro em azulejo, sobre a porta principal, alluzivo á promessa do fundador.

O templosinho é todo de abobada de granito, bem como a sachristia. Tem 3 altares e uma soffrivel torre. Sobre a porta lateral havia outra torre com relogio, que se desmuronou, e não tornou a construir-se.

Em frente da capella ha um alpendre ou galilé, formado sobre uma elegante columnata de pedra.

Em frente e a pouca distancia está um bonito cruzeiro, sendo o caminho intermediario orlado de oliveiras.

Em volta da capella ha cinco capellinhas, que tiveram *Passos da Paixão de Jesus Christo.* Ha annos foram as imagens recolhidas á capella, ficando as capellinhas abandonadas e em ruinas.

Já fallei d'estas capellinhas, que foram sete.

Teve Nossa Senhora do Soccorro uma rica e numerosa irmandade, que deixou de existir. Chegou a ter 800 irmãos.

Havia tambem aqui uma grande festividade e romaria, a 15 de agosto; e, como a Senhora e[illegible]cto de grande devoção, era a festa concorridissima, não só de portuguezes, mas tambem da gente da Galliza, que vinham aqui cumprir seus votos piedosos.

Esta capella tinha um rico patrimonio, instituido e doado pelo fundador, e constando de pinhaes, bouças e campos, tudo em volta da ermida; porém parte d'elle foi vendido.

O que se não vendeu está em poder do proprietario da capella, o qual cuida dos seus reparos, conservação e culto divino.

Onde existiu a antiquissima aldeia do *Crasto*, de que hoje só restam vestigios, tem apparecido, por varias vezes, moedas de cobre, sem se poder saber se são romanas ou arabes, pelo seu estado de oxidação.

Tambem por estes sitios têem apparecido sepulturas antiquissimas sob monticulos de terra e pedras. São incontestavelmente *mâmoas* celticas.

Dentro das sepulturas só se tem achado restos de amphoras (provavelmente *vasos lacrimatorios*, ou urnas para recolher as cinzas dos mortos) o que corrobóra a opinião dos que sustentam que os celtas, ou *pre-celtas*, queimavam os cadaveres dos seus.

Nos pinhaes de Fraião, ha uma d'estas *mâmoas*, que ainda não foi interiormente investigada.

—

Em 26 de novembro de 1865, desceu dos montes de Santa Luzia (ramo da grande serra de Arga, e a 2 kilometros ao N. de Vianna) tamanha porção de aguas, que destruiram campos, casas e arvoredos, nos logares do Outeiro, Ariosa, Afife e Ancora, a antiga ponte de Soutello (sobre o Ancora, que foi reedificada em 1872), e as novas pontes de Afife e Ancora (feitas em 1857) sobre a estrada real. Esta foi reconstruida, terminando a obra em setembro de 1873. E' toda de cantaria (como a que se demoliu) mas muito mais robusta e aceiada.

A enchente que causou todos estes damnos é a maior de que ha noticia em nossos dias, por estes sitios.

Além da ponte de Soutello, da de Abbadim e da ultima de que tratei, ha, a poucos metros a E. da egreja matriz, e tambem sobre o Ancora, um bom, robusto e largo pontão de grossas lagens.

—

Havia n'esta freguezia tres boas e grandes quintas, que foram de fidalgos, e hoje são de proprietarios d'aqui. São as seguintes:

*Quinta da Boa Vista*, nas vertentes do monte da Terrugem, com boas casas e uma capella da invocação de S. Miguel, hoje em ruinas.

*Quinta de Bento Pereira*, proxima á antecedente. Tem grandes casas com capella nas mesmas.

Em um largo proximo está a capella da Santissima Trindade, que achando-se em estado de ruinas, foi reedificada pelo sr. João Barbosa Maciel, actual proprietario d'esta quinta.

Ambas estas quintas são abundantissimas de agua, que lhes vem do monte por encanamentos de pedra.

*Quinta do Paço*, fica junto ao rio e chega até proximo da egreja matriz. É uma quinta muito productiva; mas as suas casas, que eram vastas e de optima cantaria, e a capella unida ás mesmas (da invocação de Nossa Senhora da Ajuda) estão a ameaçar ruina.

N'esta capella estão enterrados varios dos seus antigos proprietarios e suas familias.

Em um terreiro, fóra da entrada principal d'esta quinta, está um bello cruzeiro de pedra, com a imagem do Redemptor esculpida n'elle, feito por um bom artista d'esta freguezia e á custa do sr. Lino Gonçalves do Soccorro, que foi caseiro da quinta.

Em todas as tres casas d'estas quintas ainda se vêem os brazões dos seus antigos proprietarios.

As grandes agglomerações de seixos rolados que se encontram em toda a baixa d'esta freguezia, desde a superficie do terreno até grande profundidade, demonstram evidentemente que todos estos vastos terrenos foram em tempos remotos occupados pelo Oceano, que, n'estes sitios da costa, recuou mais de 1:500 metros, deixando a descoberto vastos paúes (hoje reduzidos a feracissimos campos), e deixando quasi em secco o antigamente famoso *Vico-Spacorum* (foz do Ancora) que hoje não é mais do que um *caneiro* insignificante.

**ANCORA**—freguezia, Beira Alta, que foi supprimida ha muitos annos, e annexada a Armamar. Vide esta palavra.

**ANÇOS** ou **ANCEO**—rio das duas Beiras. Os antigos lhe chamavam *Anco*.

Nasce nas abas da serra da Estrella, de tres olhos d'agua.

Suas margens são cultivadas e muito ferteis, onde não são pantanosas.

Faz tambem mover varios moinhos. Passa á Redinha, onde tem uma ponte de cantaria, e a Soure, onde tem duas. Passa tambem a Villa Nova d'Anços, onde tem egualmente uma ponte de cantaria muito boa, de um só mas grande arco.

D. João III tinha dado este rio aos freires da Ordem de Christo, do collegio de Coimbra.

Passa tambem pela villa de Montemór-Velho, a 18 kilometros da barra do Mondego (e até aqui chegam as marés).

Cria muito e variado peixe.

De Verride para baixo, eram as pescarias dos duques d'Aveiro.

Desagua no Mondego, por baixo do monte *Arnes,* termo de Montemór-Velho, levando já comsigo misturado o rio Arunca, que se lhe junta a 6 kilometros de Soure, e varios ribeiros. Tem 60 kilometros de curso, sendo 20 navegaveis.

**ANDALUZ**—largo e chafariz (no mesmo largo) em Lisboa. Este chafariz está ao N. do convento de Santa Joanna. Sua agua é limpida, sem cheiro, e levemente salgada. Contém chloreto de sodium e de potassium, sulphatos e carbonatos de cal, de magnesia e de silica, segundo a analyse chimica feita na exposição de Paris, em 1867.

**ANDAVAL**—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho do Redondo, 30 kilometros d'Evora, 150 a SE. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

**ANDORRIAES** ou **ANDURRIAES**—logares publicos de pouco aceio, mas trilhados de muita gente. (Portuguez antigo).

**ANDRÃES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros de Villa Real, 85 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos. Em 1660 tinha 100 fogos. Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

E' do infantado, menos a commenda, que era dos marquezes de Valença.

Situada em planicie, fertil, muita fructa e grande abundancia de castanha. Gado e caça. Aqui se juntam alguns regatos, formando o ribeiro da *Ponte do Pôço,* que rega e move moinhos.

D. Sancho I lhe deu foral, em julho de 1208. N'elle lhe dá o nome de *Andranes.* O mesmo rei a tinha mandado povoar em 1202.

**ANDRÉ** (Santo)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago do Cacem, 95 kilometros de Evora, 100 a SO. de Lisboa, 180 fogos.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

Foi primeiro dos duques d'Aveiro, depois passou para a coroa.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de S. Thiago de Cacem, Sines e Cezimbra. Muito vinho, algum azeite, e do mais grande abundoncia.

Feira a 30 de novembro, tres dias.

Tem uma formosa lagoa de 12 kilometros de circumferencia, abundantissima de peixe. Esta lagoa está dividida do Oceano por uma lingua de areia de uns 40 metros de largo, que se arromba todos os annos, fazendo desaguar a lagoa e introduzindo n'ella muito peixe. E' distante da freguezia 3 kilometros.

Entram n'ella quatro regatos, que são—*Pereira, Azinhal, Ponte* e *Cascalheira.*

**ANDRÉ DE FÉRVIDAS** (Santo)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Montalegre, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

E' da casa de Bragança, de quem todos os moradores são caseiros.

Situada nas raizes da serra de *Larouco,* sobre uma collina. D'elle se descobrem varias povoações portuguezas e hespanholas. E' na raia. Tem muitas aguas e é muito abundante.

E' hoje annexa á freguezia de S. Vicente da Chan. Da egreja matriz só resta a capella-mór, que é a capella de Santo André.

**ANDRENUNES** — Extremadura, celebre dolmen na serra de Cintra. Vide *Cintra* (serra) e *Dolmen.*

**ANEGIA**—vide *Arêja.*

**ANELHE** ou **ANILHE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 85 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada junto do monte *Pedrice*. Bom vinho (maduro) centeio, e do mais pouco.

Por aqui passa o rio Tamega.

**ANGEJA**—villa, Douro, comarca de Estarreja, 12 kilometros ao N. d'Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 530 fogos, 2:000 almas, concelho de Albergaria Velha.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada na direita do Vouga, tendo aqui uma ponte de pedra na estrada á Mac-Adam e a ponte do caminho de ferro do norte.

A villa está em uma pequena elevação, tendo ao S. uma extensa e feracissima veiga, chamada *Campo d'Angeja*.

Esta linda veiga, é dividida por milhares de vallas, para enxugamento das aguas, de modo que, na maior parte d'ella, não podem entrar carros e todo (ou quasi todo) o serviço agricola se faz em barcos proprios para andarem n'estas vallas. N'ellas se cria bastante peixe miudo, sobretudo um pequeno peixe do tamanho de camarões (especie de *peixe-rei* do Algarve) a que chamam aqui *ruivacos*, que se apanha aos cardumes com a maior facilidade, e se come cozido, sem levar outro tempero senão sumo de limão. É baratissimo.

O Vouga atravessa este delicioso campo, e quem de qualquer parte vê os barcos á vella, que de Agueda vão para Aveiro, ou vice-versa, parece que elles vão navegando pelos campos, o que faz uma linda vista.

Esta planicie, toda cultivada (produzindo, além de outros fructos, uma enorme porção de moios de milho) cercada por toda a parte (menos pelo S., que é plano) de pequenos montes, em grande parte cultivados, ou cobertos de frondoso arvoredo, e povoados de varias freguezias, cujas egrejas e capellas, e bonitas aldeias com as suas casas brancas, esmaltam uma constante verdura, sendo um dos bellissimos sitios de Portugal.

Quem dirá que, apezar de tudo isto, a terra em geral é pobre, e a villa está em tal decadencia, que nem tudo isto e a estrada de ferro do N. a podem fazer sair d'este estado de quasi miseria. Suas casas são de má apparencia, sem ter um unico edificio que preste, e muitas casas estão meias demolidas e deshabitadas.

A villa é pequena e tem apenas uma rua, torta e por calçar, com casas insignificantes, a maior parte terreas, as melhores feitas de tijolo e outras construidas de *adobes* (tijolos seccos ao sol). Ha em Portugal muitas aldeias maiores e muito mais ricas e bonitas. Com tantos elementos de prosperidade, não posso saber a causa d'esta decadencia; muito mais sendo o povo d'esta villa tão laborioso.

Não só o campo d'Angeja é fertilissimo; todas as mais terras d'este concelho que estão fóra d'elle o são igualmente, produzindo em grande abundancia todos os fructos do nosso paiz. O mar e o Vouga lhe dão tambem abundancia de peixe.

A egreja matriz, posto que seja bastante antiga, é soffrivel, e o melhor edificio da villa. Tem por armas Nossa Senhora entre duas torres. (As mesmas do Porto e da Feira, menos as legendas).

Este concelho era, no principio da monarchia, comprehendido nas Terras de Santa Maria, ou vulgarmente Terras da Feira. (E por isso tem as armas das Terras de Santa Maria).

Tinha marquez, da familia de *Luiz de Camões*. O ultimo marquez d'Angeja (que era tenente general) morreu sem descendentes, em 1830, e o marquezado é hoje do sr. conde de Peniche.

O primeiro marquez d'Angeja, foi D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa Verde. O conde de Peniche foi feito marquez d'Angeja, durante a dictadura do duque de Saldanha, em junho de 1870. Vide Caminha, Braga e Loronha.

Angeja está em 4º 43' de latitude e 9º 53' de longitude.

D'aqui se descobre a villa d'Eixo e as povoações de Cacia, Fermellan, Canellas, Salreu, Murtosa de Veiros, Veiros e outras.

Mercado no dia 20 de cada mez.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de agosto de 1514.

O concelho de Angeja, um dos mais antigos de Portugal, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

**ANGUEIRA** (S. Cypriano)—freguezia em Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Outeiro, 18 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Cyprião (Cypriano).

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia foi desmembrada da seguinte, pelos annos de 1750.

Não é muito fertil.

**ANGUEIRA** (S. Martinho)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, concelho e 18 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era cabeça da commenda da ordem de Christo, de que eram commendadores os marquezes do Louriçal.

O povo pagava annualmente 36 réis (por familia) aos marquezes de Tavora, como alcaides-móres de Miranda. (Vide *Castanheira*, do concelho do Mogadouro.)

Situada em um valle que formam varias montanhas; d'ella não se descobre nada.

*Angueira* é corrupção da antiga palavra portugueza *Engueira* ou *Engeira*. *Engueira* era o serviço que o emphiteuta ou colono prestava ao senhorio.

A ermida de S. Miguel é muito antiga, e foi a primeira egreja que houve d'esta commenda. Foi fundada por um grande general (cujo nome não me foi possivel saber), que jaz enterrado á porta da mesma ermida, em sepultura de pedra lavrada.

N'esta freguezia houve dois castellos mouriscos, de que ainda ha vestigios—de um onde chamam *Castro do Gago*, e do outro onde chamam *Castro de Cocoya*.

Ha na freguezia tres padrões commemorativos de tres grandes victorias alcançadas pelo tal general anonymo. São a *Cruz-Branca*, a *Cruz d'Aguas Vivas* e a *Cruz de Infanes* (ou *Ifanes*).

Contra quem seriam estas batalhas? Quando seriam dadas? Mysterio.

**ANGUEIRA D'ALÉM**—serra, Traz-os-Montes. Principia na aldeia do seu nome, seguindo pelas *Alturas de Barroso* até ao mar, e para E. vae por Hespanha dentro, dizem que até aos Pyreneus.

Em Portugal tem varias povoações, e entra em Hespanha por Alcaniças. E' pouco cultivada e só dá centeio.

Tem arvores silvestres, matto e urze. Cria lobos e caça.

A mesma etymologia.

**ANGUEIRA** ou **INGUEIRA** ou **ENGUIEIRA**—ribeira, Traz-os-Montes. Nasce em Alcruzilho, 6 kilometros dentro de Castella, termo de Alcaniças. Junta varios ribeiros e cria muito e bom peixe.

Todas as suas margens são cultivadas ou arborisadas. Moe e rega. Tem varias pontes de pedra e de madeira. Morre no Maçãs, perto de Algoso.

Esta Anguieira não é corrupção de *Engueira*, mas de *Anguieira* ou *Enguieira*. Significa *Rio das Anguias* ou *Enguias*.

**ANHA** ou **DARQUE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros a O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 330 fogos. Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi abbadia da casa de Bragança.

Antigamente era egreja matriz *Nossa Senhora das Areias;* mas, cresceram tanto estas que a egreja e a freguezia se submergiram com ellas, e muitas marinhas de sal que aqui havia, no sitio onde chamavam *Darque-Maior*.

Mudaram então a matriz para o sitio actual, em frente de Vianna, e no sitio da antiga apenas existe hoje uma capella, onde vão annualmente muitos *clamores* de varias freguezias, por voto antiquissimo.

A esta capella ainda se chama de Nossa Senhora das Areias. É na margem esquerda do Lima, perto da sua Foz, e abaixo de Caes-Novo.

Chamam-se no Minho *clamores* á uma especie de procissões que se fazem, reunindo-se os povos de differentes freguezias, cada um com o seu parocho, cruzes, bandeiras, etc. e havendo então sermão, preces e outras ceremonias religiosas.

Estes *clamores*, ou são em dias certos e de tempos antiquissimos, ou marcados por combinação dos diversos parochos, em occasiões de grandes seccas, chuvas constantes e prejudiciaes, pestes, fomes, guerras, ou outras calamidades publicas.

A antiga freguezia de Nossa Senhora das Areias, era tão populosa e rica, que rendia ao parocho (antes de submergida) mais de um conto de réis por anno (o que hoje era um rendimento immenso, attendendo ao accrescimo do valor do ouro e da prata.)

A antiga freguezia de Anha tinha cinco grandes aldeias, que eram:—*Rio* (que ficava na foz, onde desagua o regato que vem de S. Thiago d'Anha), *Darque-Maior*, *Areias*, *Egreja* e *Darque-Menor*. Só esta ultima escapou (por ficar mais longe do mar e mais alta) e para ella se mudou a egreja velha. E' por isto que a esta freguezia se chama vulgarmente *Darque*.

Jé se vê que é no litoral.

E' proximo da barra do Lima.

E' celebre a *Subida do Faro d'Anha*, em cujo monte ha o mais fino granito de Portugal, (e no Molledo, do concelho de Caminha).

Cria muito gado, e tem bastante caça do monte e do mar.

O rio *Anha*, que passa aqui, e aqui se mette no mar, o rega e fertiliza. Tem uma ponte de pedra no logar da *Medonha*.

Passa tambem aqui o rio *Saborido*.

Não pude saber a data do tal cataclysmo.

**ANHA LOURA**—Vide Anna-Loura.

**ANHÕES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 55 kilometros ao N E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi vigariaria das freiras de S. Francisco de Monção, que depois foram para a Conceição de Braga.

**ANJOS**—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 110 fogos, 19 kilometros a N. E. de Braga, 376 ao N. de Lisboa. Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

**ANISSÓ** ou **ANIZÓ**—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concellho de Vieira, 18 kilometros a N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi creada em 1740.

Situada ao pé de um monte.

O vigario era, até 1834, apresentado pelo abbade de Vieira, de cuja freguezia foi esta desmembrada.

E' terra fertil. O lavradio fica em um valle ao pé da serra de *Pena-Mourinha* e do monte do *Crasto*.

N'este monte houve um castello no tempo dos arabes, de que ainda ha vestigios.

Houve n'esta freguezia ainda outro castello mourisco, do qual tambem existem vestigios, n'um sitio ainda hoje chamado *Crasto-Medoeiro*.

É frigidissima de inverno.

Os seus montes criam bastante caça.

**ANNA** (Santa)—aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 65 kilometros ao N. E. de Lisboa.

E' a 11.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

**ANNA** (Santa)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

**ANNA** (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho de Portel, 33 kilometros de Evora, 115 de Lisboa, 80 fogos.

Situada ao fundo da serra dos Velhascos, que traz muita caça.

Passa por aqui o rio Odivellas.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É da casa de Bragança.

**ANNA** (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros de Evora, 145 a E. de Lisboa, 40 fogos.

É do infantado e muito fertil.

Passa por ella o rio Guadiana.

Bispado e districto administrativo de Beja. d'onde dista 16 kilometros.

**ANNA DO MATTO** (Santa), **S. TORQUATO** e **PESO**—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 50 kilometros de Evora, 60 de Lisboa, 160 fogos.

Orago Sant'Anna e S. Torquato.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

**ANNA DA SERRA** (Santa)—freguezia no Alemtejo, comarca e concelho de Ourique, 96 kilometros de Evora, 125 a E. de Lisboa, 340 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja,

Situada em um valle coroado de montes.

A egreja é de tres naves e boa.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e tem muitas colmeias.

Ha aqui tanta caça, que custa, ás vezes, cada coelho ou perdiz, um vintem!

**ANNA DO CAMPO** (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Arrayolos, 16 kilometros de Evora, 90 a E. de Lisboa, 110 fogos,

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

E' da casa de Bragança.

Situada em campina, cercada de charnecas, e d'aqui se avista o castello de Arrayolos (a 3 kilometros de distancia) e a villa de Evora-Monte.

A capella-mor da egreja matriz, construida toda de grandes pedras lavradas (de desmarcada grandeza), consta ser obra dos romanos, o que parece provarem as inscripções seguintes, que estão em varias das ditas pedras. Em uma:

A F C A — N A N I I — I E R M E — L A V S

Em outra:

C A R N E O — C A L A T I C E

Além d'estas outras muitas que por gastas não se podem ler.

Em 1730, quando se accrescentou a egreja, se achou debaixo da terra uma grande pedra, tendo dentro um metal, que era uma mistura de cobre e estanho, e uma sepultura que parecia de um gigante, tendo dentro só uma caveira, muito grande, quebrada, e uma amphora de barro vidrado.

Querem alguns que fosse aqui a antiquissima cidade de *Calantica* (o que parece confirmar uma das transcriptas inscripções.)

Outros dizem que *Calantica* era a actual Arrayolos.

Passa n'esta freguezia a ribeira de *Divor* (que se mette no Sorraya, 3 kilometros acima da villa de Coruche. Tem n'esta freguezia duas pontes de pedra: a do Vimieiro, de dois arcos, e outra de quatro, arruinada.

**ANNA DE CAMBAS** (Santa)—Vide *Cambas*.

**ANNA DAIA** (Santa)—pequeno rio, Minho, comarca de Guimarães.

Nasce na freguezia de Borba da Montanha e Macieira. Chamava-se primeiramente *Daia*, e por passar pela capella de Santa Anna, lhe tomou o nome.

Rega, móe e traz peixe.

Tem uma ponte de cantaria no sitio do Fundego, feita em 1740, por uma enchente ter destruido uma antiga, que havia perto da nova. Toma o pequeno ribeiro d'Aboim, e se mette no Tamega, entre as freguezias da Chapa e Gatão, no sitio das Insuas, pouco distante do seu nascimento.

**ANNA LOURA** ou **ANNA LAURA**—ribeira, Alemtejo, que nasce em uma fonte, na freguezia do seu nome, sahindo das entranhas de uma rocha, abundante e placida.

A sua abundancia é inalteravel, quer de inverno, quer de verão; por maiores que sejam as chuvas, ou por mais duradouras que sejam as seccas (áo nascer, bem entendido).

Rega, moe, e traz peixe.

Pagavam os moradores certo foro á casa de Bragança, para se servirem da agua d'este rio.

Morre no Sorraia, á vista da villa de Fronteira.

**ANNA LOURA** ou **ANNA LAURA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Estromoz, 4 kilometros d'Evora. 150 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Bento. Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em um valle bonito e fertil.

Corre aqui a ribeira do seu nome, que nasce mesmo n'esta freguezia.

Em alguns papeis antigos, tambem se lhe dá o nome de *Alhanoura e Anhou*

Alem d'esta ribeira e d'esta freguezia, ha em Portugal mais aldeias d'este nome (e na freguezia de Riba d'Ancora, concelho de Caminha, ha tambem uma veiga chamada d'Anna Laura, ou Anna Loura, pois d'ambos os módos se vê escripta em documentos antigos e modernos.) Quem seria esta Anna Loura ou Laura, que deu o seu nome a tanta cousa?... (Vide Veiros, no Alemtejo) D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 8 de julho de 1275. N'elle lhe dá o nome de *Anhoura*.

**ANNÃES**—Vide Annaes.

**ANNADEL**—Annadel-mór, logar do exercito portuguez, creado no reinado de D. Fernado I.

Houve varias differenças de *annadeis-móres* a saber: *dos bésteiros do conto e do monte, ou da fraldilha; dos bésteiros da camara; dos bésteiros de cavallo; e dos espingardeiros*. Tambem houve alguns *annadeis-móres de todo o reino*. D. Luiz Caetano de Lima (*Geographia Historica)* não diz quaes eram as funcções do annadel-mór. Vinha a corresponder, com pouca differença, aos actuaes majores de brigada. Eram sempre fidalgos os que desempenhavam aquelles logares, que se foram pouco a pouco supprimindo, até que os ultimos se extinguiram em 21 de março de 1500, por ordem do D. Manoel I.

**ANNO MÁO**—os portuguezes deram o nome d'*Anno Máo*, ao de 1124 (governando D. Thereza) no qual morreu muita gente de fóme e péste e fez época este anno de tristissima recordação.

**ANNOBRA**—freguezia, Douro, concelho de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao SO. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 220. fogos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. Eram senhores d'ella os duques de Cadaval.

Situada na encosta de um monte, e d'aqui se vêem as duas Condeixas e varias serras.

Até 1834 eram os priores apresentados pelos duques de Cadaval. É pouco fertil.

Foi villa e é povoação antiquissima. D. Affonso III. lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1271. O mesmo rei lhe tornou a dar foral, tambem em Lisboa, a 2 de julho de 1275. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de julho de 1514.

**ANQUIÃO**—(casa de) solar dos Limas e Abreus.

Vide Pico de Regalados.

**ANREADE**—freguezia, Beira Alta, comarca de Rézende, concelho de Aregos. 55 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa. 300 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Fica na margem esquerda do Douro.

Os disimos eram de uma commenda instituida em 1542, e depois passaram para os condes de S. Miguel. Farta.

**ANREADE** (S. Romão de)—freguezia, no concelho e comarca da antecedente, 18 kilometros a O. de Lamego. 56 a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada na esquerda do Douro. Farta.

**ANSERIZ**—freguezia, Beira Alta, comarca de Midões, concelho de Avô, 55 kilometros ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

**ANTA**—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 24 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 570 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É situada na costa do Atlantico, em bella e fertil planicie, cercada de pequenas collinas cobertas de pinheiros e outras arvores Silvestres.

É atravessada pelo caminho de ferro do Norte, tendo estação em *Espinho*, linda e po-

puloza aldeia d'esta freguezia, situada mesmo á beira mar. Vide Espinho.

Para a etymoligia,, vide Dolmen Viterbo diz que é o mesmo que *ára* (supponho que é érro) em que os primeiros Christãos queimavam as *premicias*; ou sobre que os gentios faziam os seus sacrificios. Entendo que confunde *anta* com *dolmen*. A *anta* nem tem geito d'altar, nem pela sua figura, mais ou menos espherica, e ainda mais pela altura da maior parte d'ellas, era apta para os sacrificios. O *dolmen* era proprio para isto. Vide Antas.

Tem uma lagoa d'agua salgada, que traz bastante peixe. Ha seculos que o morgado de Parâmos pretende ser senhor d'esta lagoa; mas o povo nunca se importou com esta pretenção, e vae pescando n'ella.

O abbade cruzio da serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, até 1834.

Orago S. Martinho.

Havia aqui uma *anta* (que deu o nome á freguezia) e que já não existe.

É povoação antiquisima, visto ter tido monomentos celtas.

Vide Dolmen, onde se trata mais circunstanciadamente dos monomentos celtas.

**ANTA**—pequena serra. Douro, na freguezia, do seu nome, concelho e comarca da Feira. 3 kilometros de comprido e 3 de largo. É quasi toda povoada de pinheiros.

**ANTA** (S. Martinho d')—freguezia, Traz-os-Montes, comarca d'Alijó, concelho de Sabroza, 90 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos. (Vide Ceira.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Foi reitoria da Mitra.

**ANTANHOL**—freguezia, Douro, concelho, comarca e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Alegria.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em alguns papeis e livros antigos se lhe dá o nome *d'Aranhol*. Depois se chamou *Antanhol dos Cavalleiros*.

Situada na encosta de um monte.

A matriz foi fundada, ou reedificada, em 1386. O cura era até 1834 apresentado pelas freiras bentas de Semide, que desde 1563 até 1834 recebiam os dizimos d'aqui.

Era *honra* dos Cunhas.

Corre aqui o rio do seu nome. Farta.

Ha n'esta freguezia a grande *Quinta do Paço*, com bôas casas e uma extença matta. Esta quinta foi instituida em morgado, por *Vasco Pires*, em 1386, juntando-lhe outras várias propriedades e fóros.

Os povos d'esta freguezia, por serem caseiros dos Cunhas (senhores da *honra*) tinham muitos privilegios que lhes deram, D. João I em 1425 e D. Manoel em 1514.

Vasco Pires morreu em 1389, e foi sepultado no convento de crusios de S. Jorge, a par de Coimbra.

*Antanhol* quer dizer, *terra que tem varias antas*. Tambem póde ser derivado *d'Antanhô*, diminutivo *d'Antão*, nome proprio d'homem. (Portuguez antigo.)

**ANTANHOL**—ribeira, Douro, comarca de Coimbra. Nasce no logar da Palheira. Tem duas pontes de cantaria. Rega e móe. Corre pela freguezia do seu nome, e morre no Mondego (esquerda) proximo ao logar d'Arzilla.

**ANTÃO DO TOJAL** (Santo)—Vide Tojal.

**ANTAS**—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho d'Espozende, districto administrativo, arcebispado, e 30 kilometros a O. de Braga, 42 ao N. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Payo.

Era vigariaria do mosteiro de S. Romão.

**ANTAS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 210 fogos. Farta.

Orago S. Thiago.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

Teve antigamente um mosteiro de Templarios, que, depois da supressão d'esta ordem, passou a ser propriedade dos *Maias*, e depois dos marquezes de Fontes.

É povoação antiquissima, pois já foi habitada pelos celtse, em vista do seu nome, se é que o não herdou dos latinos.

Os antigos lusitanos tambem davam o nome *d'anta* aos marcos grandes levantados perpendicularmente, e ás penedias, cabeços,

ou sitios que estavam na frente d'algum castello ou povoação. Os latinos chamaram *antae* ás columnas grandes e quadrados que ornavam e guarneciam as entradas dos seus templos e palacios.

**ANTAS DE PENALVA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 30 kilometros a E. de Vizeu, 305 ao N. de Lisboa. 220 fogos.

Orago S. Vicente Martyr.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada em campina, ao fundo de uma serra.

Eram donatarios os marquezes de Cascaes. Do monte de *Pera Vigia* se descobrem seis villas acastelladas (Almeida, Pinhel, Trancoso, Aguiar da Beira, Celorico da Beira e Linhares) a cidade da Guarda, outras povoações e muitas serras.

O seu nome deriva-se das muitas *antas* que por aqui ha, o que prova ser povoação antiquissima, habitada pelos celtas.

**ANTAS DE PENEDONO**—freguezia, Beira Alta, comarca de Meda, concelho de Penedono, 40 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Situada em campina, junto ao monte Sirigo. É fertil.

É terra antiquissima, como todas as que tem este nome; pois se lhe deu por haver n'ellas antas, o que mostra serem povoações celtas.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo de Vizeu. bispado de Lamego.

**ANTEPAÇO** ou **ANTEPASSO**—aldeia, Minho, freguezia de Santa Marinha, de Arcosêllo, comarca, concelho e em frente de Ponte do Lima.

Dizem uns que se chama *Antepaço* por abreviatura de *Antigo-Paço*, e que houve aqui um *paço* do consul romano *Decio Junio Bruto*, que conquistou este paiz aos lusitanos, 135 annos antes de Jesus Christo.

Os que pensam com mais criterio dizem que deve escrever-se *Antepasso* (e assim se vê escripto em todos os livros antigos) e não *Antepaço*; e que o seu nome procede de estar situada *entre a passagem* do rio Lima. Parece-me que é mais provavel.

Mesmo por este logar passava a via militar romana, de Braga para Astorga. Havia no fim do seculo passado (e não sei se ainda existem) n'esta aldeia tres padrões, que foram *marcos miliarios*, mencionados pelo padre Argote, dos quaes dou as inscripções.

A primeira diz:

IMP. CAES TRAINO
HADRIANO: AUG.
PONTIF. MAX.
TRIB. POTEST. XVIII
COS III P. P. A BRACA
AUG. M. P. XX.

Quer dizer:

*Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Adriano Augusto, pontifice maximo, investido do poder tribunicio 18 vezes, e do consular tres. D'aqui á Braga são 20:000 passos.*

Entende Argote que esta estrada foi aberta, ou reedificada por Augusto Cesar (como se colhe de um padrão que se achou, com a sua inscripção, nas margens do Cávado, quando se reedificou a ponte do Prado) mas que arruinada com o tempo, a mandou concertar, pelos annos 134 ou 135, o imperador Adriano.

A segunda inscripção diz:

IMP. CAE DIVI SEVERI PN. FIL.
DIVI MARCI ANTONINI EP.
DIVI ANTONINI. PII PRONEP.
DIVI HADRIANI ABNEP.
DIVI TRAIANI. (TRAJANI) PART. P. ET.
DIVI NERVA. E ADNEP.
MARCO AURELIO ANTONINO
PIO. FIL. AUG.
PART. MAX.
BRITO MAX.
GERMANICO MAX.
PONTIFICI MAX.
TRIBUNIC. POT. XVII
IMP. III COS. IIII. PROCOS
BRACAR. AUG. M. P. XX

Quer dizer:

*Esta columna se levantou, sendo imperador Marco Aurelio Antonino, filho do divo Severo, neto do divo Marco Antonino, bisneto*

*do divo Antonino Pio, terceiro neto do divo Adriano, quarto neto do divo Trajano parthico, e do divo Nerva, pio, feliz, augusto, parthico maximo, britanico maximo, germanico maximo, pontifice maximo, 17 vezes invetsido no poder tribunicio, consular quatro, imperador tres, e proconsul. D'aqui a Braga são 20:000 pasos.*

Não copio a terceira inscripção porque, tendo muitas letras apagadas, não póde formar sentido. (Vide Arcozéllo.)

Quem quizer mais amplas noções sobre a estrada da Geira (que é esta de que trato) veja *Geira* e *Vias-romanas.*

**ANTIME**—freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Bispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santa Maria.

Quanto á romaria a Nossa Senhora de Antime, ou da Misericordia, ou do Sol, vide Fafe.

O abbade era até 1834 apresentado pela casa de Bragança, na qualidade de com-padroeira, o que se verifica por um alvará feito na cidade de Braga em 17 de janeiro de 1446 (anno de Jesus Christo 1408) pelo qual o arcebispo D. Martinho confirma a apresentação de Affonso Martins para abbade d'esta freguezia, feita pela condessa D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. Affonso I, duque de Bragança, e por D. Joanna Martins de Alvim, e D. Ignez Martins, suas primas co-irmãs, como consta domesmo documento. Para a descendeneia de D. Joanna Martins de Alvim, vide Bordonhos.

Querem alguns que esta freguezia fosse uma das obrigadas a varrer as ruas de Guimarães; mas julgo que eram só Cunha e Ruilhe. (Vide Barcellos e Guimarães.)

Passa aqui o rio Ranha, que se junta ao Vizella.

Póde muito bem ser que o nome d'esta freguezia seja corrupção de *atimo*, que no portuguez antigo significava *acabado, concluido.* (Vide Atimar.)

**ANTONIO** (Santo)—serra. (Vide Minde.)

**ANTONIO** (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 40 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 90 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um monte. D'aqui se descobrem às seguintes povoações: Olivença, a 30 kilometros; Estremoz, a 24; Evora-Monte, a 30; Alandroal, a 12; Terena, a 6; Monsaraz, a 12; Mourão, a 18; e as villas hespanholas de Xelles, a 12 kilometros, e de Alconchel, a 24.

E' terra abundante de trigo, centeio e sevada, do mais pouco.

Passa pela freguezia o rio Guadiana, recebendo aqui o *Lucefece* e *Azaval.*

O primeiro entra no sitio do Romão, e o segundo no sitio do Gato.

**ANTONIO VELHO** (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros de Evora, 145 ao SE. de Lisboa, 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um valle. E' do infantado.

A 800 metros da egreja matriz, está a *Fonte dos Banhos*, onde, por costume antigo, ia a camara do concelho, todas as manhãs de S. João, acompanhada dos moradores da villa *fazer capellas* e corre. cavalhadas. Esta brincadeira acabou pelos fins do seculo XVI.

Ha na freguezia mais a fonte do *Zambujal*, abundantissima de agua, que rega e mõe.

Por a freguezia corre o Guadiana.

**ANTUAN** ou **ANTUÃO**—(e é assim que lhe chama o seu foral) antigo nome de Estarreja. (Vide esta palavra.)

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519.

**ANTUAN** ou **ANTUÃO**—rio, Douro. Nasce no concelho de Cambra, comarca de Oliveira de Azemeis, no sitio dos Ferreiros, e morre na ria de Ovar.

Na margem d'este rio houve um convento de benedictinos, da invocação de S. Martinho, que ainda existia em 922, e passou depois a donatarios. (Vide Crestuma.)

No seu curso (de 50 kilometros) é atravessado por varias pontes de pedra, quasi todas modernas. (Vide Laranjo.)

**ANTUZEDE**—freguezia, Douro, comarca,

concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Era do padroado de Santa Cruz de Coimbra, que tambem tinha a jurisdição ordinaria. Toda esta freguezia era, no principio do seculo XII, uma quinta dos frades cruzios. Com o augmento da população, e a pedido dos povos d'aqui, a elevaram os frades a freguezia, em 1592, anno em que se fez a egreja, sendo a capella-mór á custa dos frades e o corpo da egreja pelo povo.

Orago Santo Agostinho.

Em obediencia á sua antiga parochia, tinham os povos d'aqui obrigação de hir trez vezes no anno (Corpus Christi, Santa Cruz e S. João Baptista) á egreja de S. João, de Santa Cruz, a que haviam pertencido.

Esta obrigação cessou no seculo passado.

Esta freguezia foi annexada, depois de 1834, á de S. Fagundo, ou Facundo.

Houve aqui uma grande desordem, em 1851, promovida pelo parocho, porque tendo morrido uma mulher, e não querendo elle enterral-a no cemiterio de Antuzede, duas mulheres a enterraram.

O padre pediu tropa de Coimbra, e com 20 infantes e 30 cavallos vieram aqui desenterrar a mulher, e como o povo se oppozesse quasi em massa, houve muitos feridos, e foram cinco *cabeças de motim* presos para Coimbra.

**APASCOAMENTO**—portuguez antigo, significa pastagem, logar destinado para pasto do gado.

**APOSENTADOR-MÓR**—só se sabe com certeza d'este emprego em Portugal, desde o tempo de D. João I, sendo ainda mestre d'Aviz, e pouco mais de um anno depois da morte de D. Fernando I (1383). É porém provavel que já existisse no antecedente reinado.

A obrigação principal do aposentador-mór consistia em prevenir o alojamento do rei nas jornadas e resolver as duvidas que se offerecessem sobre a aposentadoria dos infantes e das outras pessoas que seguiam a côrte; quer em tempo de paz, quer no de guerra.

Parece que no principio se lhe dava o nome de *pousador-mór*.

Gonçalo Vasques de Azevedo, fidalgo e rico proprietario em Almada, atraiçoando a sua patria, tomou o partido de D. João I, de Castella. O mestre d'Aviz lhe mandou sequestrar tudo e o deu a Estevão Lourenço, por doação de 22 de dezembro da era de 1422 (1384 de Jesus Christo) e n'essa doação denomina Estevão Lourenço, seu vassallo, creado e *pousador-mór*. (L. 1.º da chancellaria de D. João I).

Ruy de Sousa foi feito aposentador-mór, por D. João III, em 7 de novembro de 1542.

Este *officio*, segundo a provisão, o herdou por parte de sua mulher, que era filha de D. Martinho Castello Branco, primeiro conde de Villa Nova e de D. Mecia de Noronha.

Desde então até nossos dias, andou sempre o officio de aposentador-mór n'esta casa, que depois foi dos condes de S. Thiago (de Bedoído).

**APPELLAÇÃO**—freguezia, Extremadura, termo e 12 kilometros a NO. de Lisboa, 60 fogos. Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

E' reguengo da casa de Bragança, á qual pagava a quarta parte de todos os fructos. (Vide Correlhan).

Era cabeça d'este reguengo a villa de Sacavem, a 3 kilometros de distancia. Havia apenas na freguezia algumas fazendas da Ordem de Malta isentas d'este barbaro tributo.

A freguezia é situada em um valle ameno e com bellas quintas, cearas, hortas e pomares.

Tem optimas aguas e é muito saudavel.

Até 1594 era da freguezia de Unhos, a qual pagavam, até 1834, os dizimos. (Pobre gente! Com que ficariam, depois de dar o quarto á casa de Bragança e o dizimo a Unhos?)

Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, e sua mulher Anna Chaves Correia, obtiveram do então arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, em 1590, licença para se fundar a egreja e se erigir esta freguezia, o que consta de uma inscripção que está na capella-mór, e é a seguinte:

*Sepultura de Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, e de Anna Chaves Correia, sua mulher, os quaes fundaram e dotaram esta egreja de Nossa Senhora da Encarnação, e deixaram para a fabrica d'esta capella-mór dez mil réis de renda e dotaram ao padre cura a renda que tem.*

Diz-se que, havendo uma grande peste no reino, a cidade de Lisboa e todas as freguezias circumvisinhas eram devoradas por este flagello, menos esta freguezia, pelo que para aqui fugia muita gente, dizendo: *appellemos* para a freguezia de Nossa Senhora da Encarnação. Segundo esta versão, é d'aqui que provém o nome da freguezia. Parece que d'isto ha memoria na Torre do Tombo.

Os mesmos fundadores dotaram a egreja com a renda annual de 50$000 réis e lhe deram grande numero de alfaias, ficando por isso seus padroeiros, apresentando o parocho, ao qual davam um moio de trigo, um porco, 10$000 réis em dinheiro e casas para morar.

*Appellação* é o mesmo que *appellido*. O nome que faz distinguir uma pessoa (ou cousa) da outra. No fôro, todos sabem o que significa *appellação;* mas de certo não é d'isto que vem o nome a esta freguezia; e sim de *appellarem* (clamarem, pedirem soccorro, invocarem) a padroeira da freguezia.

**APPELLIDAR**—portuguez antigo, chamar gente para a guerra.

**APRÈS**—portuguez antigo, (do celta) depois.

**APRÉSTAMO**—préstemo, consignação de certa quantia, fructos ou direitos, imposta em alguma propriedade, destinada para sustento de alguma pessoa, pessoas ou obra pia. Tambem ás vezes se tomava pela propriedade onerada com esta pensão. Na jurisprudencia ecclesiastica se dá o nome de *prestimonio* a uma porção tirada para sempre dos réditos de um beneficio, para uma applicação qualquer. Aos que recebiam esta pensão se dava o nome de *prestameiros.*

**APULIA**—villa, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Este nome foi-lhe imposto pelos romanos pela similhança que o paiz tinha com a antiga *Apulia* italiana (e que hoje se chama *Capitanato, Terra de Bari* e *Terra d'Otranto*).

Esta freguezia é em bonita posição (uma extensa planicie) muito fertil e na costa do Oceano.

Foi couto dos arcebispos de Braga.

Ha aqui vestigios de uma valla por onde entrava o mar, formando um *esteiro* navegavel para barcos, que conduziam o ouro (das minas que então aqui havia) para bordo dos navios.

Esta valla foi construida pelos romanos.

Os povos d'estes sitios chamam a esta villa e freguezia, por corrupção, *Pulha* ou *Couto da Pulha.*

Fica entre Fão e Fonte Boa, e é banhada pelo mar, que lhe fica ao O.

Havia ainda annexo a este couto, o de Baçar, que fica 3 kilometros a E.

A matriz está junto de um grande areal.

Produz esta freguezia grande abundancia de alhos.

A antiga egreja foi submergida em areia.

Ha n'esta freguezia uma celebre lagoa que tem de comprido 900 metros. Cria muitas cannas delgadas e tabúa. É redonda e cercada de umas arvores a que aqui chamam *oleiros*, que dão um fructo chamado *olas*, que se não come.

Grande abundancia de caça de aves marinhas e muito bom peixe. Pesca-se aqui muito polvo.

Tinha antigamente um facho á beira mar, sempre accezo de noite e eram os seus moradores obrigados a sustental-o e guardal-o, armados, por causa dos piratas.

**AQUEDUCTO DAS AGUAS LIVRES**—vide Lisboa.

**ARABRIGA**—antiga cidade da Lusitania. Foi fundada pelos galos-celtas, 200 ou 300 annos antes de Jesus Christo. Era situada na raiz da serra da Arrabida, entre Setubal e Cezimbra. João Soares de Brito, no seu *Theatro Geographico da Lusitania,* diz que ainda no principio do seculo XVII havia

vestigios d'esta cidade, que hoje ou o mar ou as areias teem submergido; pois já não ha d'ella o mais leve indicio. Não se sabe mais nada de *Arabriga*, e hoje d'ella só resta a memoria da sua existencia. (Vide Arrabida).

**ARACELI** — serra, Alemtejo, freguezia da Taboeira. Vem-lhe o nome de uma capella de *Nossa Senhora d'Ara-Celi*, que ha aqui. Outros dizem que o nome lhe vem de um *dolmen (ara celtica)* que aqui existiu por muitos seculos. Tem 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

É habitada em parte. Produz muito trigo, centeio e milho, azeite de *daro* (azeitona brava) muito bom para luz. Tem hervas medicinaes, colmeias, gado, (sobretudo porcos) caça e lobos.

É um ramo da serra d'Ossa.

**ARADA** — serra, Douro, no antigo concelho de Lafões. Tambem lhe chamam *Serra de Carvalhaes*. Communica-se pelo E. com a serra de S. Macario e do O. com a de Manhouce. Tem 18 kilometros de comprido e quasi 5 de alto. E' alcantilada, cheia de medonhos precipicios e perigosos despenhadeiros.

Tem no alto um plató cultivado, que é da freguezia do Candal. N'este plató está a aldeia da Coelheira, e por elle corre um pequeno ribeiro, que se despenha com fragor por entre penhascos.

D'este sitio se descobrem terras de quatro bispados (Guarda, Lamego, Vizeu e Coimbra) e muitas serras e povoações.

Tem pedreiras da melhor pedra de construcção das duas Beiras.

Na parte não cultivada é coberta de matto, carvalhos, medronheiros, giestas e hervas medicinaes. Tem muita caça.

Nascem n'esta serra cinco regatos perennes (Magrou, Mareco, Baroso, Tavarrol e Carvalhaes) que, depois de se precipitarem de rochedo em rochedo, vão morrer ao Vouga. O clima d'esta serra é saudavel, mas bastante frio.

Arada significa cultivada, lavrada. Ao que os antigos portuguezes davam o nome de *arada*, damos nós hoje o nome de *veiga*, *varzea*, *campo*, *ribeira*, etc., etc.

**ARADA** — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Ovar, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Aveiro, districto administrativo do Porto.

Situada proximo do Atlantico, em planicie muito fertil, sobretudo em milho.

É atravessada pelo caminho de ferro do Norte.

Era da Ordem de Malta, com total isenção dos bispos do Porto.

O cura era, até 1834, apresentado pelo commendador de Rossas, Frossos e Rio Meão, com approvação do vigario geral de Malta.

Passa aqui o ribeiro d'Arca Pedrinha.

**ARADAS** — villa, Douro, districto, comarca e concelho de Aveiro, 54 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:200 almas. Orago S. Pedro.

Bispado de Aveiro.

Chamava-se antigamente *Erada*. Em tempo de D. Affonso I, era de Jacob (ou Job) Mendes, que a deixou a Santa Cruz de Coimbra (onde elle jaz) por testamento de 1181.

Logo que foi dos frades, lhe deram foral, em 1219.

Passou para os frades cruzios da serra do Pilar (Gaia) em 1700, com os casaes de Ilhavo, que eram do mesmo legado.

A jurisdição era do rei. Teve juiz do crime, civel e orphãos, um vereador, procurador, etc.

D'aqui se descobre Aveiro e Esgueira, que ficam perto.

A egreja está em um valle, junto ao canal ou esteiro navegavel, ramo da ria de Aveiro. É do tempo dos godos e tem uma *galilé*. Eram padroeiros os cruzios de Coimbra, e depois os da serra do Pilar.

Esta egreja é muito antiga, pois já existia em 979, quando para aqui veio um fuzil da *cadeia de S. Pedro* e um pedaço do *santo lenho*.

Em quanto foi de Santa Cruz de Coimbra, teve priores, e desde que foi da serra do Pilar, eram curas annuaes apresentados pelos frades.

É terra abundante d'aguas, fertil e salubre.

**ARADOS** — monte, Douro, freguezia de Alpendurada. (Vide esta palavra.)

*Arados* é palavra portugueza. Significa *lavrados.*

**ARADUCA** — cidade antiquissima da Luzitania. Ha todas as razões para julgar que é a actual villa d'Arouca; em vista da collocação que no seu *Mappa* lhe dá Abrahão Ortelio.

Não ha porém em Arouca vestigios de tão remota antiguidade, senão varias *antas,* alguns *dolmens* e duas ou tres *mâmoas,* que se acham nos seus montes, o que prova incontestavelmente que por aqui habitaram os celtas por muito tempo.

Alguns tambem dão a esta cidade o nome de *Araducta.* (Vide Arouca.)

**ARAL** — (portuguez antigo) terra inculta que foi reduzida á cultura ou arroteada.

*Aral* vem a ser o mesmo que *Abrutella.* (Ha em Portugal algumas aldeias com o nome de *Aral.*)

**ARAMENHA** — villa, Alemtejo, concelho de Marvão, comarca e 9 kilometros de Portalegre, 6 de Castello de Vide, 185 ao SE de Lisboa, 370 fogos, 1:500 almas.

Orago S. Salvador. Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada nas margens do rio Sever, que nasce na serra de S. Mamede, d'esta freguezia. Cria optimo peixe, sobretudo trutas, e suas margens são cultivadas em parte. (Vide Sever, rio.)

Esta povoação é uma prova palpavel e evidente de quanto são transitorias as grandezas d'este mundo. Foi uma cidade importantissima no tempo dos romanos, com o nome de *Medobriga,* e hoje mal merece o nome de villa.

André de Rezende engana-se manifestamente quando diz que *Medobriga* é a actual povoação de S. Thiago de Cacem.

A similhança de nomes das tres antigas cidades de *Medobriga, Merobriga* e *Mirobriga* é que fizeram a confusão dos nossos archeologos.

Deve saber-se que *Medobriga* é a actual Aramenha; *Merobriga,* S. Thiago de Cacem, e *Mirobriga,* Ciudad de Rodrigo, em Castella.

Como esta povoação é situada nas faldas da serra de Marvão, a que os antigos chamavam *Herminio-Menor,* o desembargador Duarte Nunes de Leão (que erradamente lhe chama *Merobriga*) diz que o seu actual nome lhe provém de *Herminia.*

Parece que pelos annos 50 antes de Jesus Christo já os romanos davam a Medobriga o nome de *Herminia,* pois assim chamam os historiadores romanos aos povos que o cruel Longino (ou *Longuinho*) então quasi exterminou. (Vide adiante.)

Tambem podia ser que lhe chamassem *povos da Herminia,* pela visinhança da serra *Herminio-Menor.*

Dizem outros que os arabes chrismaram a velha cidade de *Medobriga* com o nome de *Armenia.*

É facil a corrupção de *Armenia* para *Armenha* (segundo o antigo portuguez), e de *Armenha* para *Aramenha.*

Segundo alguns auctores foi a cidade de Medobriga fundada pelos gallos-celtas, 400 annos antes de Jesus Christo, e foram elles que lhe deram este nome (que, segundo alguns, significa *povoação* ou *cidade dos médos*). Outros porém ainda a fazem mais antiga, e dizem que os gregos a fundaram 1906 annos antes de Jesus Christo.

(Vide a inscripção que vae adiante, copiada da *Porta de Aramenha,* em Castello de Vide.)

Seja uma ou outra a data da sua fundação, é certissimo que Medobriga era uma cidade antiquissima.

Prova-se que esta cidade foi no sitio da actual Aramenha, pelo *Itinerario* do imperador Antonino Pio, que marca *Medobrica* (como lhe chamavam os romanos) entre as actuaes Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, que é exactamente a situação de Aramenha.

Ainda se vêem aqui os restos de um vasto e sumptuoso templo e de outras construcções antiquissimas.

D. Frei Amador Arraes diz que no seu tempo se acharam nas ruinas de Medobriga muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes letras, moedas de oiro, bellissimas pelo lavor, do tempo de

Vespasiano, Tito, Tiprociano (pontifice) e de Trajano.

(Ás moedas antigas que apparecem nas escavações ou em qualquer parte, e cujo maior valor não é o metal de que são feitas, mas a sua antiguidade, se lhe dá o nome de *medalhas.*)

Balbi (*Essai statistique*, tom. II, pag. 200) diz que em uma quinta dos marquezes de Tancos (no termo de Marvão) se tem achado vasos ou amphoras de barro, medalhas, inscripções e outras antiguidades.

Tem-se por estes sitios descoberto alicerces de grandes edificios, na profundidade de dois e tres metros.

Em abril de 1797 foi aqui achada uma lapide, que foi remettida a 25 d'esse mez e anno para a Academia Real das Sciencias pelo seu digno presidente, o duque de Lafões (que por aqui andou investigando antiguidades n'essa occasião) tendo a lapide a inscripção seguinte:

C. JUL. VECEFO
FLAMINE PRO
VINCIE LUSITA
NII PROPINIA
STAFRA. MARI
TO. OPTIMO.

Deve ler-se:—*Caio Julio Vecefo Flamini Provinciæ Lazitanæ: Propinia Stafra Marito Optimo.*

Quer dizer:—*Propinia Stafra a seu optimo marido Caio Julio Vecefo, flamine da provincia Luzitana.*

Em nossos dias teem tambem apparecido por estes sitios columnas de differentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios e mimosos lavores, medalhas de prata e bronze, lapides com differentes inscripções, etc.

Uma d'estas lapides tinha a seguinte inscripção:

P. CORNELIO
C. MACRO
VERITIMA DIVO
CLAUDIO CIVITATE
DONATO
QUESTORI I.I. VIR
EX TESTAMENTO IPSIUS
QUINTIUS CAPITO
CUM Q. F. H. P.

A antiquissima cidade de *Medobriga*, a que os romanos chamaram *Medobrica*, os arabes *Armenia*, e os luzitanos *Aramenha*, era muito extensa e situada em um valle, entre dois rios, ao qual hoje chamam *Varzea de Aramenha*, e é cultivado agora. Fica uns cem metros distante da matriz.

N'esta varzea se vêem muitas torres e pontes (sobre o rio Sever) muitos restos de edificios e de um grande aqueducto romano que trazia a agua á cidade; restos de pavimentos, uns lageados, outros de bellos mosaicos, e outras muitas curiosidades archeologicas.

Tem-se tambem achado aqui muitas columnas e ricas sepulturas de bellos marmores, com epitaphios de optima letra romana.

—

Em uma quinta, chamada da *Azenha Branca*, de que era proprietario Luiz Freire da Fonseca Coutinho (hoje pertencente a seu bisneto, o sr. Alvaro da Fonseca Coutinho) existia um magnifico portico de cantaria lavrada, fortissimo, que ficou inteiro entre as ruinas de Medobriga, e servia de portico e entrada da dita quinta.

Tendo os castelhanos destruido as fortificações de Castello de Vide, em 1706, e sendo preciso fazer uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar desmantelada a chamada *do carro*, o coronel governador da praça (Manuel de Azevedo Fortes) cubiçou este portico, para com elle ornar a praça; pelo que propôz a compra d'elle ao seu proprietario (Luiz Freire) que generosamente o cedeu a el-rei.

Foi pois conduzido para Castello de Vide e assente no seu actual logar, dando-se-lhe para memoria, o nome de *Porta de Aramenha*, e pondo-se-lhe então a seguinte inscripção:

*Reinando em Portugal o mui alto e poderoso senhor D. João V, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga, fundada 1906 annos antes de Christo, no sitio chamado Aramenha: transferido e posto n'este logar por Manuel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de 1710.*

Fortes deu a Luiz Freire um documento, escripto e assignado por aquelle, para perpetuar este acto de generosidade; o qual cuidadosamente teem guardado seus descendentes e ainda existe no archivo d'elles.

Mas não se combina isto muito bem. Pois se este vetustissimo monumento estava servindo de *portão de entrada* da quinta da *Azenha Branca*, como é que Azevedo Fortes diz na inscripção que elle *foi tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga?*

Só se explica de uma maneira. Os donos da quinta é que o acharam *debaixo das ruinas* de Medobriga, e fizeram d'elle portão da quinta; depois foi cedido ao governador de Castéllo de Vide. Este, por evitar mais explicações, não relatou esta circumstancia na inscripção.

Manuel de Azevedo Fortes morreu a 28 de março de 1749, sendo engenheiro-mór do reino e tendo enriquecido a sciencia da sua profissão com obras ainda hoje muito estimadas e reputadas classicas.

N'esta quinta da *Azenha Branca* teem apparecido muitas antiguidades em differentes épocas.

No monte proximo a Aramenha ha galerias de extração de ouro, prata e chumbo.

Na serra da *Portagem*, tambem proxima, estão duas cavernas, uma ao S. que tem 33 ou 34 metros de altura, e outra ao N. muito comprida. N'estas cavernas teem tambem apparecido columnas, capiteis, amphoras, medalhas de prata e de bronze, cippos, etc.

As duas cavernas teem communicação uma com a outra. A do N. é escurissima e ignora-se onde termina. E' feita na rocha viva.

Diz-se que foi uma grande mina de chumbo ou estanho, dos romanos. (os latinos chamam *plumbum*, tanto ao chumbo como ao estanho.)

Parece que os antigos habitantes de Medobriga se davam tambem á industria mineira, porque os romanos lhes chamavam *plumbarios*.

Junto á dita *Serra da Portagem*, nasce uma abundantissima fonte, chamada os *Oslhos de Agua*, que logo ao pé da nascente faz mover alguns moinhos.

—

O propretor Quinto Cassio Longino, que no tempo de Cezar governava Portugal e a Andaluzia, accommetteu os moradores de Medobriga (que haviam tomado o partido de de Pompeo) e lhes saqueou a cidade, fazendo depois crua guerra a estes povos no *Monte Herminio* (Serra de Marvão) para onde se acolheram os medobrigenses. Isto pelos annos 3954 do mundo, 50 antes de Jesus Christo.

Os historiadores romanos chamam aos moradores de Medobriga *povos da Herminia*, o que fundamenta a opinião dos que dizem que *Aramenha* é corrupcão de *Herminia*.

Este Quinto Cassio Longino (ou Longuinho) era um general valente, mas homem cruelissimo. Sustentou uma guerra encarniçada com os nossos povos da Beira, principalmente com os da Serra da Estrella e os de Medobriga (que eram todos *pesures*, barbaros, mas indomaveis e valorosissimos lusitanos.)

Vide frei Bernardo de Brito, *Mon. Lus.*, liv. 4.º, cap. 12, tom. 4.º, pag. 137 (edição da Academia.)

André de Rezende confirma estes factos com uma passagem do *Itinerario* de Antonino Pio. (De *Antiquitatibus Lusitanæ*, liv. 1.º, pag. 68.)

Na *Historia geral de Portugal*, por La Clede diz-se que Longino sitiou Medobriga, que ainda se conservava por Pompeo, tomou-a e *fez prisioneiros todos os seus habitantes*. Não diz que elles fugiram para o Herminio.

Jeronimo Soares Barbosa (*Epitome Lusitanæ Historiæ*, cap. 4.º) referindo-se ao anno 708 de Roma, que vem a ser 46 antes de Jesus Christo, concorda em que Medobriga estava situada no monte onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, e em cujas faldas fica Aramenha, não só pela direcção da via militar romana de Lisboa a Medobriga, marcada no Itinerario de Antonino, mas pelas galerias de exploração das minas de chumbo, que, segundo Plinio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *plumbarios*.

No que não concorda é que seja o monte Herminio que notou Vircio, aquelle para onde fugiram os medobrigenses. *Não lhe podia servir* (diz elle) *de guarda com sufficiente segarança, um monte que não é talhado a pique e de mais a mais tão proximo da cidade e tão facilmente accessivel. Estou persuadido que effectivamente se retiraram, mas para a Serra da Estrella, que os antigos denominaram Herminio;* (Eu já disse que a Serra da Estrella era o *Herminio Maior* dos antigos e a Serra de Marvão o *Herminio Menor*. A similhança de nomes é que faz todas estas discordancias) *porque esta era o refugio de todos os desgraçados que os pretores reduziam ás angustias a que foram reduzidos o medobrigenses, etc.. etc.*

A serra de Marvão é um braço da Serra da Estrella, e n'este sitio do Alemtejo tem as mesmas qualidades que ostenta na sua origem.

Jeronimo Soares Barbosa, enganou-se pois, ou nunca viu a Serra de Marvão nem a praça d'este nome, que com effeito está em uma posição formidavel, *talhada a pique* no logar por onde os romanos a deviam invadir, vindo de Medobriga, e montuosa e aspera por todas as partes.

Segundo Balbi a villa de Marvão está 534 metros acima do nivel do mar.

—

Na antiga linguagem de Hespanha, *herminio* ou *hermenho*, significa aspero, intratavel, como realmente é esta serra, pela aspereza de seus altissimos penedos, e antigamente o era ainda mais pela ferocidade de seus habitantes. (Vide *Hermenho.*)

Vê-se pois que a serra de Marvão (Herminio Menor) o *Hermenho* dos antigos, é que deu o nome a esta villa.

Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção do reino de Portugal*, cap. 9.º, pag. 54, diz, fallando do Herminio Menor:

«Ao longo d'este *monte Herminio*, e á sua sombra, estão muitos logares dos quaes alguns são grandes e nobres, como a cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Marvão, Alegrete *e a cidade de Medobriga, que em tempo dos romanos foi grande e bem edificada, segundo mostram as suas ruinas e parte dos edificios que hoje se vêem, a qual, por estar ao pé do monte Herminio, a gente popular chama Armenha.*»

—

João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, tomo 1.º, cap. 6.º, diz d'esta serra:

Esta Serra é o *Herminio Menor*, onde ha minas de ouro e de chumbo, *e ainda se vêem as ruinas da cidade de Medobriga.*»

—

André de Rezende (de *Antiquitatibus Lusitanœ*, lib. 1.º, tom. 1.º, pag. 68) fallando do Monte Herminio, diz:

«E' no *monte Herminio* que está situada a cidade de Portalegre e as villas de Arronches, Alegrete, Marvão e outras povoações importantes. *E nas raizes d'este monte existem ainda as ruinas de Medobriga*, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, conserva ainda o nome antigo, porque se chama *Herminio.* E a propria cidade arruinada, do *monte* a cujo sopé se estende, ainda hoje se chama *Herminia*, ou *Aramenha*, para fallar portuguezmente. (*«Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est,* Herminia *vulgo dicitur, sive, ut lusitane loquar* Haraminia.»)

—

Aramenha era da corôa.

Franklim não falla em foral nenhum dado a esta villa, nem me consta que o tivesse. É provavel que esteja incluido no de Marvão.

E' porém certo que Aramenha tinha antigamente grandes privilegios (como Marvão) sendo os principaes, não darem soldados, não pagarem portagem, e poderem conduzir cereaes de toda a parte do reino, sem pagarem direitos. Mas eram obrigados a defenderem a praça de Marvão em tempo de guerra, por contrato que fizeram com D. Sancho II, em 1226. (Esta obrigação era em troca do privilegio de não darem soldados. Os outros privilegios lhe foram concedidos para promover a população da villa.)

—

Não se sabe com certeza quando veiu a poder de christãos, mas parece que os capitães de D. Affonso I, a tomaram aos arabes em 1160, e que foi este rei ou seu filho, D. Sancho I que a mandou povoar.

**ARANDIS**—Cidade antiquissima da Lusitania, descripta por Ptolomeu, que a colloca entre Salacia (Alcacer do Sal) e Evora; e pouco distante de Castraleacos (Alcáçovas) em 6º e 20' de longitude, e 39º de latitude, que vem a ser o sitio onde hoje fica o reguengo d'Alcalá, onde Manoel Severim de Faria, e outros, descobriram varias ruinas.

Outros querem que Arandis seja Arrayolos. Vida Alcaçovos.

**ARANDOZA**—aldeia, Minho, que foi da freguezia de S. Paio de Villar Chão. Era um sitio tão áspero que seus habitantes o abandonaram (não se sabe quando) e apenas d'ella restam os vestigios das casas.

**ARANHAS**—vide aldeia do Bispo e Aranhas.

Aranhas era uma antiga freguezia, que, por pequena, foi supprimida no seculo XVII.

**ARÃO**—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Vallença, arcebispado e 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Salvador.

Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

Situado em um lindissimo e extenso valle, proximo da margem, direita do Minho, e que chega (o valle) até ás muralhas de Vallença. D'este valle se avistam Villa Nova da Cerveira, Tuido, Christello (ou Crestello) Gandara, Faião etc.

É terra muito abundante.

Ha n'esta freguezia a celebre lagoa dos *Ameaes* ou *Mira*. No inverno é muito dilatada e muito abundante de peixe, que lhe vem do Minho, com o qual então se communica, e de muita caça do ar. No verão, depois das aguas despejarem o terreno, é este cultivado e feracissimo.

Passam aqui tres regatos sem nome, que regam e moem.

Era abbadia dos marquezes de Villa Real até 1641, perdendo-a então, com todos os seus bens, titulos e a vida, por traidores á patria. Passou depois para o infantado, cuja casa apresentava os abbades até 1834.

*Arão* ou *Aarão*, é nome proprio d'homem. Santo Aarão, foi o primeiro sacerdote da lei escripta e o primeiro pontifice. Era irmão de Moysés e ambos filhos de *Amrão* e *Jocabed*. Era varão muito eloquente, pelo que Moysés, por ordem de Deus, o mandou a Pharaó interceder pelo povo hebreu.

Levado por seu irmão ao monte *Hor*, ahi investiu seu filho *Eleasar* das insignias pontificaes e deu a sua alma a Deus, sendo chorado pelo povo, por espaço de 30 dias.

Como a lei christan não é mais do que a ampliação da *lei escripta*, o *Martyrologio Romano* menciona alguns d'esses vultos importantes da *lei natural*.

A festa d'este santo, é no primeiro de julho.

O nome d'esta freguezia, provavelmente, procede, ou de ser o seu primeiro padroeiro *Santo Aarão*, ou de algum individuo d'este nome que fosse em tempos remotos senhor d'ella, ou aqui residisse.

Corria aqui uma *prophecia* entre o povo, durante a guerra dos 27 annos, e depois desde 1807 a 1812, que promettia a terminação da guerra com uma tamanha e tão sanguinolenta batalha, dada nos campos d'esta freguezia, que o rei de Portugal contaria em uma cama os poucos inimigos que ficassem vivos. Até hoje ainda estamos á espera da tal *batalha*.

**ARAVIL**—(ou Arabil, ou Arrabil) rio, Beira Baixa, que nasce no logar de Monforte e é muito arrebatado d'inverno; mas de verão quasi sempre sécca. No sitio dos Zebros, se lhe junta o ribeiro Toulica. Suas margens são cobertas d'arvores silvestres. Suas areias levaram muito ouro antigamente, que se extrahia. Entra no Tejo, no sitio da Fraga. (Arrabil é um instrumento pastoril, pequena rebeca.)

**ARAVOR**—vide Marialva.

**ARAZEDE**—villa, Douro, comarca e concelho de Cantanhede (antigo), concelho da Cadima, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 940 fogos.

Tinha dois donatarios o bispo de Coimbra e a universidade.

Situada em campina, e fertil.

Era couto do dito bispo e da universidade.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 23 d'agosto de 1514.

Orago Nossa de Senhora do Pranto.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

**ARCA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga districto administrativo de Vianna.

**ARCA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente da comarca de Tondella, concelho de S. João do Monte.

O cura era apresentado pelo vigario d'Alcofra.

Todo o povo d'esta freguezia era caseiro dos cruzios de Coimbra, a quem pagavam muitos fóros.

É terra muito fertil, e era da antiga comarca de Lafões.

O nome d'esta freguezia é corrupção de *ara*. Junto á egreja ha um *dolmen*, celtico (ara) que deu o nome á freguezia. A pedra superior d'este *dolmen* (que assenta sobre 3 perpendiculares) tem 4 metros e meio de comprido e 3.$^{m}$66 de largo.

Corre por esta freguezia o rio de Val de Mouro, que nasce no *Monte Têsoo* e morre no Alfusqueiro, junto a Bolfiar.

**ARCA PEDRINHA**—pequeno ribeiro, Douro, nasce na freguezia de S. Miguel do Souto, passa á Arada, rega e móe e se mette na ria d'Aveiro.

**ARCÃO**—rio, Alemtejo, que nasce em um *olho d'agua* a 3 kilometros ao N. da villa de Grandola, chamado Borbolegão: é da grandeza da roda de um carro e sente-se grande rumor subterraneo, ás vezes.

Morre no Sado, depois de se lhe terem reunido alguns regatos.

O senhor Vilhena Barbosa diz que este rio entra no Occeano, junto a Sines. Acho que é engano.

Este rio era *coutado*, e ninguem podia n'elle pescar sem licença dos mestres d'Aviz.

A 100 metros lhe fica a lagoa (que não cresce nem mingúa) e que se mette n'este rio depois de regar alguns campos. Está esta lagoa entre montes d'areia solta a que chamam *Diabrórias*. Dizem que se lhe não acha fundo (o que não prova que o não tenha) e cria muito peixe. Tambem se dá o nome de *Diabrória* á lagoa.

As margens do rio são todas cobertas de basto e frondozo arvoredo.

O Arcão, debatendo-se furioso contra um enorme rochedo, fez uma ponte natural formosissima, sobre qual passa um carro cómmoda e seguramente. É a *ponte dos Aivados*.

Vide Ayvados, Borbolegão, Diabroria e Grandola.

**ARCAS**—freguezia, Minho, concelho do Prado, comarca, districto administrativo, arcebispado e 12 kilometros a NO. de Braga, 60 ao N. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

**ARCAS** e **NOZELLOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama (mas desde 1855, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros) 70 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Nozellos (ou Nuzellos, como lhe chama o foral) tinha foral, dado por D. Diniz, em Lisboa, no 1.º de abril de 1284.

Tem tambem uma sentença dada em Porto de Mós, a 7 de fevereiro de 1438, sobre os seus fóros. em instrumento feito na Granja a 14 de abril do 1447.

Não se chegou a expedir foral novo; mas fizeram-se os *apontamentos* na reforma de D. Manuel. (Maço 9 de foraes antigos, n.º 11, 3.ª relação.)

**ARCO DE BAÚLHE**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 50 kilometros a NE. de Braga, 380 a N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Martinho.

Tambem lhe chamam *Arco de Bagulhe* e *Arco de Baunte*.

Era ate 1834 situada em duas provincias e em dois concelhos, a maior parte na pro-

vincia do Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, e o resto em Traz-os-Montes, concelho de Atey.

Actualmente, segundo a moderna divisão, toda a freguezia é do concelho de Cabeceiras de Basto.

E' no arcebispado e districto administrativo de Braga.

A parte do Minho era da corôa e a de Traz-os-Montes, dos marquezes de Marialva.

Situada em um valle d'onde se descobrem as freguezias de Santa Senhorinha, Faia, Pedraço, Atey, Villa-Nunes, etc.

A matriz, fundada pelos annos de 1700, é um bom templo.

O vigario era apresentado pelo feitor do collegio de S. Jeronimo, de Coimbra, que recebia os dizimos d'esta freguezia.

E' terra muito abundante de agua, e fertil.

Esta freguezia é cercada pelo N. por um ribeiro sem nome, que nasce em S. João de Latão (corrupção de Latrão) d'este concelho.

Junta-se-lhe no sitio do *Vaz* outro ribeiro anonymo. Do *Vau* para baixo divide esta freguezia da de Santa Marinha de Pedraça, até que, chegando ao logar do *Arco*, é atravessado por uma antiga ponte de cantaria, de um só arco, da qual provem o nome á aldeia e á freguezia.

Suas margens são cultivadas. Morre no Tamega, junto a uma notavel pesqueira na cachoeira chamada do *Telhado*.

Faz todo o rio um salto em duas cachoeiras de uns tres metros de altura.

Estas cachoeiras apresentam uma linda vista, e as margens do rio visinhas tambem são formosissimas, pelos seus lindos prados e pela alcantilada penedia que se ergue sobranceira á cascata. E' curiosissimo vêr as tructas os saltos que dão, vindo do Tamega, para passarem além das cachoeiras. Ha aqui grande abundancia d'este peixe, que é de optima qualidade. Ha tambem barbos e bogas. A pesqueira pertence aos senhores da casa do *Telhado* e é por isso que tem, bem como a cachoeira, este nome.

Foge para este rio muito peixe do Tamega.

Festeja-se aqui todos os annos, no dia 8 de setembro, a imagem de Nossa Senhora dos Remedios, com bombos, tambores, foguetes, musica, sermões, musica cantada, procissão, etc., etc.

Em 1859 foi curiosa esta procissão. Entre outras figuras *curiosas*, havia *Adão* e *Eva*. Adão era um côxo, que levava um tamanco em um pé e no outro um sapato (para egualar as pernas!) e com um alvião ás costas. Trajava *casaca preta*, calça branca e chapeo alto, branco.

Eva era outro homem vestido de mulher, com um chapeo de palhinha muito velho, cheio de fitas e com um grande laço encarnado: sáia de chita de ramagens e chale côr de rosa; ia fiando n'uma roca.

Ia tambem o rei *David* (que era um pedreiro que sabia tocar viola) vestido extravagantissimamente e dansando e tocando pelas ruas.

Salta uma grande *pancada* de chuva na procissão. *David*, cahiu e quebrou a viola; *Adão* e *Eva*, tiveram de fugir, cada um para sua parte a procurar abrigo, para não estragarem os fatos, e assim acabou esta ridicula mascarada.

Hoje faz-se já esta solemnidade com mais decencia e a ella concorre gente de muito longe, para vêr a brilhante illuminação e famoso fogo preso da vespera.

**ARCO DE BAUNTE**—(Vide Arco de Baulhe.)

**ARCOS**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho, 5 kilhometros a E. de Estremoz, arcebispado, districto administrativo e 40 kilometros de Evora, 150 a E. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santo Antonio.

Situada em um monte, d'onde se vê Portalegre, Veiros, Monforte e Villa Boim.

Produz trigo e sevada, do mais pouco, á excepção de fructa, que ha muita.

Ha n'esta freguezia uma lagoa, que só tem agua desde o principio da primavera até ao outono. Rega e móe.

Ha tambem aqui a grande nascente de Valle de Zebro, que rega e móe e desagua no Alcaravissa, na freguezia da Orada.

Ha aqui o monte da *Atalaia*, onde houve uma antigamente, da qual ainda ha vestigios. Do sitio onde ella esteve, se descobre Evora-Monte, Estremoz, Souzel, Fronteira, Cabeço

de Vide, Portalegre, Monforte, Veiros, Arronches, Assumar, Villa Boim, Borba, Villa Viçosa, Olivença, Monsaraz; e no reino de Castella, Alconchel e Albuquerque.

E' terra muito saudavel.

**ARCOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, arcebispado e 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N, de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo do Porto.

No *Monte do Castello* houve, segundo a tradição, um castello mourisco, e no da *Reguenga* ha uma estrada coberta, que vae ter ao rio Ave. (Vide Casaes, d'esta freguezia.)

E' terra fertil. Era vigariaria do mestre escola da collegiada de Barcellos.

**ARCOS** (S. Payo)—freguezia, Minho, comarca, arcebispado, districto administrativo concelho e 3 kilometros ao S. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Situada parte em um valle e parte em o monte de Santa Martha.

A egreja é pequena. O vigario era apresentado pelo abbade de S. João de Nogueira. E' terra abundante e cria muito gado, grosso e miudo.

Passa aqui o rio Arcos.

**ARCOS**—freguezia, Minho, comarca concelho e proximo, a E., dos Arcos de Valle de Vez, arcebispado districto administrativo e 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

O visconde de Villa Nova da Cerveira apresentava os abbades; depois foi o arcebispo de Braga.

E' muito fertil e abundante de agua. Passa aqui o rio Vez.

Esta freguezia entra até ao meio da villa dos Arcos, grande parte da qual lhe pertence.

**ARCOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho da Anadía, 30 kilometros ao S. de Aveiro, 230 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Orago S. Payo.

Situada na falda do alto monte *Crasto*, que tem muitas oliveiras.

No alto ha um extenso plató d'onde se descobrem muitas terras e é n'elle a capella da Senhora da Penha de França.

Foram padroeiros os Almadas, da Boa-Vista, depois passou o padroado para a corôa. Passa por a freguezia o rio da *Serra*, que rega e móe.

Foi antigamente villa. A egreja de S. Cucufate, n'esta villa, foi vendida pelo padre Pedro Bahalul, ao padre Daniel, com seus passaes e ornamentos, por 45 soldos kazimos, sob condição de que por morte do comprador, ficaria ao mosteiro de Lorvão, como ficou.

Esta venda foi feita em 931. Já se vê que é povoação muito antiga.

E' bispado e districto administrativo de Aveiro.

**ARCOS**—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, bispado e 25 kilometros de Lamego, 235 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Silvestre.

Era da corôa.

Districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle d'onde se descobrem as villas de Nagosa e S. Cosmádo e a aldeia de Contim.

O cura era apresentado pelo reitor de Sendim. E' fertil.

Hoje está reduzida a aldeia.

**ARCOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago S. Pedro.

Situada parte em um monte e parte em campina raza. Do monte se descobre Ponte do Lima, Moreira, Sá, Bretiandos, Duas-Egrejas, Couto da Feitosa, Correlhan, Facha e Victorino das Donas.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade era apresentado pela casa da *Lage*, d'esta freguezia.

E' terra fertil.

Houve antigamente n'esta freguezia (na serra de Arga) um castello chamado de *Amorim*, do qual apenas restam vestigios.

Era solar dos *Morins* (ou *Amorins*.)

Foi fundado por D. Hilarião de Morim, allemão, ao serviço de D. Affonso, o Catholico, de Leão, pelos annos de 750.

Este rei lhe deu o castello de Amorim e e o da Formiga, que D. Hilarião tinha tomado aos mouros, e outras muitas terras por estes sitios, com que formaram um grande morgado. Depois, D. João I de Portugal, deu a um descendente do mesmo D. Hilarião o couto de *Paredes*, na freguezia de Meadella. Extinguindo-se esta familia, foi tudo vendido, até a pedra da torre dos Amorins.

Para o O. ha um monte a que chamam *Castello da Formiga* (onde está a capella de S. Romão) e é tradição que residiram aqui mouros.

Ainda ha restos de varios edificios.

Ha n'esta freguezia a casa de *Penteeiros*, que é dos srs. Menezes, e uma rica e boa vivenda.

**ARCOS**—rio, Minho, que nasce na freguezia de Nogueira e morre no rio Veiga na freguezia de Esporões. Suas margens são cultivadas e abundantes.

Tem uma ponte de pedra sobre a estrada real. Rega e móe. Tem uma cachoeira em *Agua Levada*.

**ARCOS DE VALLE DE VEZ**—villa, Minho, districto administrativo de Vianna, arcebispado e 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 550 fogos, 2:200 almas, em duas freguezias (S. Payo e o Salvador do Mundo.)

Antigamente tinha tres freguezias, mas a de S. Payo, de que era senhor o celebre navegador Fernando de Magalhães, foi supprimida; por elle se passar para o serviço de Castella, em 1519.

(Perdeu tambem o senhorio da Feira, Gaia, Morilhões e outros.)

O concelho tem 6:500 fogos, e a comarca 9:540.

Situada em terreo accidentado, mas fertil, nas margens do Vez, sobre o qual tem uma boa e solida ponte de cantaria.

Tem a villa algumas casas boas, sendo a melhor o palacio do sr. Azevedo.

E' celebre pela batalha que se deu aqui, entre D. Affonso Henriques e seu primo, D. Affonso VII de Castella e Leão, a 25 de junho de 1128 (ou 1129.)

Consta que por esta occasião D. Affonso Henriques dera foral e titulo de villa a esta povoação: Franklim porém não falla d'este foral (o que não é razão para sustentar que o não houvesse, porque lhe esqueceram muitos.)

D. Affonso Henriques, mandou aqui fazer pomposos suffragios, aos portuguezes que morreram na batalha.

Tem aprasiveis arrabaldes, muito ferteis em cereaes, vinho e fructas.

Chamava-se até ao fim do seculo XV, *Valle de Vez*.

Quando D. Manuel I aqui passou, em 1498, indo para S. Thiago de Galliza e para Tolledo, os moradores da villa lhe fizeram uns sumptuosos *arcos*, na sua passagem. O rei, em memoria d'isto, mandou que d'alli em diante a villa se chamasse *Arcos de Val de Vez.*

Isto dizem alguns escriptores e a tradição, e podia muito bem ser assim; todavia, quando o mesmo rei deu foral a esta villa, em Lisboa, a 2 de junho de 1515, ainda lhe chama sómente *Val de Vez.* Esquecer-se-hia, ou os seus, do que tinha mandado havia 17 annos? Além d'isso já em documentos anteriores a D. Manuel se lhe dá o nome de *Arcos de Valle de Vez.*

Dizem outros que tomou este nome, de uns arcos de cantaria que formam uma praça coberta, muito boa.

Isto parece-me mais verosimil.

Os dous arcos que estão no adro e ajudam a fazer a praça, diz-se que foram mandados fazer por D. Affonso Henriques, em memoria da tal batalha, que alli ganhou.

Outros dizem que D. Affonso Henriques, agradecido ao auxilio que lhe prestaram os moradores da povoação neste combate, e para memoria d'elle, mandara construir na praça principal um nobre edificio sobre arcos, para servir de casa da camara.

Outros dizem que todos os arcos são obra d'este rei. O que é certo é que são muito antigos e parecem todos da mesma época.

O pelourinho d'esta villa é dos mais sumptuosos do reino. (Vide adiante.)

Feira a 3 e 14 de cada mez e franca a 21 de março e 11 de julho.

O rio *Vez* a cerca pelo N. e L., sendo atravessado por trez solidas pontes uma ao O.,

que é a de que já tratei, outra na freguezia de Villela das Choças, e outra em S. Salvador de Cabreiro.

Se dermos credito a alguns antiquarios, foi esta villa fundada pelos gallos celtas, 350 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Arcobriga.* (Se assim é o nome dos Arcos é tão antigo como a villa; porque *Arcobriga* significa *Cidade dos Arcos.)*

Os romanos aqui se estabeleceram sem lhe mudarem o nome, e somente, *alatinisando-o* (como faziam a todos os nomes de povoações e de gente) lhe chamaram *Arcóbrica.*

Na doação que o rei suevo Theodomiro fez da egreja de Santa Maria de Palacios, ao bispo de Tuy, em 560, se vê que esta villa teve o nome de *Valle de Vice,* mas já então se chamava Val de Vez.

Vide adiante a doação de Dona Thereza.

Dividia-se antigamente em dous *partidos,* um ao O. do rio e tinha o seu foral no *Carvalho de Penellas.* Outro principiava na ponte *d'Aspa,* cortando a Portella de Vez pelo E. e era o seu foral no logar das Choças. (Entre estes *partidos,* havia alguns coutos.)

Foi esta villa do infante D. Diniz, filho de D. Pedro primeiro e de D. Ignez de Castro, que a perdeu por não querer beijar a mão a sua cunhada D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando, e por fugir para Castella.

Havia aqui uma grande feira (no *Ladeiro*) que durava 8 dias e tinha os mesmos privilegios da de Aveiro.

Tem Misericordia (uma das melhores egrejas da provincia) e hospital, fundado com esmolas, pelos annos de 1595.

Pelos annos de 1710 cahiu a frente d'esta sumptuosissima egreja, mas foi logo reedificada com elegancia. Sobre a porta principal, está collocada em um nicho a imagem da Virgem, denominada, por isso, Nossa Senhora da Porta, de quem o povo da villa e immediações é muito devoto. O hospital está contiguo á egreja. É bem construido e administrado com muita ordem e aceio. A Misericordia d'esta villa é uma das melhores da provincia do Minho.

Tinha um pequeno convento de capuchos de Santo Antonio, mas dedicado a S. Bento, fundado em 1678, por *Bento Cerveira Bayão.*

A antiga matriz da villa era a de *Ilhafonse* ou *Guilhafonse.*

Houve aqui trez torres, a de *Penaguda* de que ha vestigios: a do *Souto da Torre,* que se arrasou, para se mudar para *Giella,* e outra fóra da villa. D'estas duas já não ha vestigios. (Vide *Morilhões.*

Esta villa é patria do famoso medico, chimico e naturalista, o doutor *Bernardino Antonio Gomes,* socio de varios estabelecimentos scientificos, insigne escriptor, conhecido e estimado em toda a Europa, e que fez varias descobertas, sendo uma d'ellas a da *chinchonina.* Morreu em Lisboa, a 13 de janeiro de 1823.

Tambem é opinião seguida, que nesta villa nasceu o célebre navegador *João Gonçalves Zarco,* que descobriu a Ilha da Madeira, em 1419.

(Outros dizem que elle nasceu em Lisboa, e ainda outros, em Thomar.)

Zarco é o progenitor dos Camaras, cuja varonia se conserva nas cazas dos marquezes da Ribeira Grande e condes d'Athouguia e Calheta.

A egreja matriz do Salvador é antiga, pois foi fundada pelo *abbade de Sabadim,* em 1372. Foi reedificada pelos annos de 1690 a 1700, á custa dos direitos do Sal, por mercê de D. Pedro II. (É templo vasto e bom.)

Tem esta villa trez boas praças (ou campos) a que está entre a matriz e a egreja do Espirito Santo, a do centro da villa, onde está a casa da camara, e a de S. Braz.

Tem muitas e abundantes fontes de excellente agua. Uma d'ellas chama-se a *Fonte do Piôlho!*

Os arrabaldes da villa e as margens do Vez, são abundantissimos d'aguas e cobertos de frondozos arvoredos e campos muito bem cultivados e ferteis, e de uma vista muito aprasivel.

O rio cria trutas, eirozes, bogas, escalos etc. etc.

Nos seus montes ha muita e variada caça.

Esta villa foi erecta em condado, por Filippe III, a favor de *D. Lourenço de Brito e Lima,* cuja descendencia masculina se extinguiu em seu filho.

O nome do primeiro conde dos Arcos, feito por Filippe III, em 8 de fevereiro de 1620: vem n'outros autores assim, *D. Luiz de Lima Brito e Nogueira* D. Magdalena de Bourbon, filho do segundo conde dos Arcos, casou com Thomaz de Noronha, que herdou o titulo de seu sogro, e cuja descendencia ainda existe. O actual conde dos Arcos (o 9.º) é o senhor D. Manoel de Noronha e Brito. Traz a sua origem de D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de D. Henrique II, de Castella, e de D. Isabel, filha bastarda de D. Fernando I, de Portugal.

O primeiro conde dos Arcos era cazado com *Madame Capella*. Teve só D. Lourenço de Brito e Lima segundo conde dos Arcos, que morreu sem filhos. As armas dos Britos, são em campo de púrpura, nove lisonjas, em trez palas e em cada uma um leão de púrpura. Timbre, um leão das armas, com uma lisonja de prata. As dos Limas, são escudo partido em trez palas: a primeira, d'Aragão, e as duas esquartelladas de *Silva* e *Sotto Maior*. Alguns Limas só trazem as quatro barras d'ouro em campo de púrpura. As dos Noronhas são escudo esquartellado, no primeiro quartel as armas de Portugal e no segundo as de Castella, manteladas de prata e dous leões de púrpura batalhantes com bordadura d'oiro e veiros, e assim os contrarios. Timbre um leão de púrpura.

Os actuaes condes dos Arcos, procedem do terceiro conde, D. Thomaz de Noronha.

As armas da villa são as quinas de Portugal entre uma esphera armilar e uma cruz de Christo, divisas de D. Manoel, que foi o que lhas deu, em 1515.

As casas d'esta villa são quasi todas de cantaria lavrada, que parecem muralhas e as ruas são lageadas do mesmo módo.

Tem estação telegraphica municipal.

O *Pelourinho* é um monumento curioso do seculo XVI. Esteve primeiro no centro da praça principal, depois foi mudado para junto do rio, mas em frente da mesma praça. Junto ao pelourinho são as *póldras da Valleta.* Tem um theatro e um club, onde se encontram diversos jornaes letterarios e politicos.

Os territorio dos Arcos é dos mais ferteis do Minho em cereaes, vinho, fructas e linho. Cria-se aqui muito gado, principalmente bovino, no que se faz grande negocio.

Está em facil communicação com as principaes povoações do Minho por uma bella estrada a mac-adam, feita ha poucos annos.

—

Em 1125, D. Thereza, mãe de D. Affonso I, doou á Sé de Tuy o mosteiro de S. Cosme e S. Damião, com todas as herdades e egrejas do seu couto, que hoje dizemos *Ázere. Quod eat. in Valle de Vez, nomine Azar.*» Em documentos muito mais antigos se lê: *Valle de Vico* ou *Valle de Vice.*

É neste concelho a casa antiga e nobre da *Torre do Aguião*, solar dos *Britos*. Vide *Aguião:*

Das terras que foram do infante D. Diniz, filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, fez seu irmão D. João I mercê, metade a D. Fernando Annes de Lima, pae de D. Leonel de Lima, primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira; que depois veio a obter a outra metade, que era senhorio dos Pachecos, por estes terem abandonado Portugal, passando ao serviço de Castella.

Ficaram pois outra vez unidas estas propriedades, com o nome de Valle de Vez, sendo cabeça os Arcos, por ficar central e proximo ao paço de Giella.

Teve esta villa, de tempos immemoriaes, juiz ordinario (de vara branca) seis tabelliães do publico e um alcaide, que servia de carcereiro; vereadores, escrivão da camara, e almotacé, tudo nomeado pelos marquezes de Ponte de Lima.

O juiz dos orphãos e seu escrivão, meirinho, almotacé e escrivão das sizas, eram de nomeação regia.

Os marquezes de Ponte de Lima, eram capitães-móres de dez companhias de ordenanças que tinha esta villa e seu termo, até 1834.

**ARCOSSÓ** ou **ARCÓ-SÓ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves arcebispado e 70 kilometros ao NE. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Situada em um alto, d'onde se descobrem muitas povoações.

Districto administrativo de Villa Real.

O cura era apresentado pelo reitor de Moreiras.

Abundante de vinho; do mais pouco.

Feira a 28 de outubro.

Aqui se junta o rio Oura ao Tamega. Rega móe, e traz peixe.

É nesta freguezia o célebre logar ou aldeia de *Vidago*, maior do que muitas villas de Portugal, e com trez capellas.

São aqui as célebres *aguas de Vidago*, alcalino-gazozas, muito efficases para varias molestias.

Em 28 de maio de 1871 se arrematou a construcção da casa para as aguas de Vidago, e uma casa para hospedaria, segundo as plantas approvadas pelo conselho geral de obras publicas.

Eram obras muito necessarias e de grande utilidade publica (Vide Vidago.)

A povoação de Arcossó é tambem muito grande e bem merecia o nome de villa.

**ARCOZELLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

(Os antigos escreviam *Arcuzello.*)

Orago S. Mamede.

Era abbadia de mitra primacial. Fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

**ARCOZELLO** *do Lima*—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga e do seu arcebispado, 390 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago Santa Marinha.

Districto administrativo de Vianna.

Foi abbadia da Sé de Tuy, que lh'a deu o rei snevo Theodomiro (o que acabou com o arianismo) no anno 563.

D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques confirmaram esta doação em 13 de setembro de 1125.

Diz-se que houve aqui um hospicio de *templarios*, na quinta que ainda hoje (por isso) se chama *Freiría.*

Está aqui o mosteiro de freiras franciscanas de *Valle de Pereiras*, (fundado pelos annos 1350. (Vide Valle de Pereiras.)

É aqui a quinta do *Rêgo d'Azar*, que se diz ter este nome por uma grande batalha que houve aqui em tempos remotissimos (ignoro quem foram os combatentes) na qual os vencidos soffreram *azar;* mas é érro. Azar, no antigo protuguez, significa mesmo batalha, combate. Vide Azar.

Acham-se por estes sitios muitas sepulturas, o que confirma a tradição da batalha.

No alto do monte de S. Miguel ha vestigios de fortificações romanas.

Tem feira franca e grande festa. a 10 de janeiro.

A casa de *Antepaço*, díz-se que se chama assim por ter aqui estado *Bruto*, o célébre romano que apunhalou Cezar. Existem alli ainda umas columnas commemorativas. Vide Antepaço.

O abbade era apresentado pelo ordinario.

Ha aqui um beneficio simples, que rendia 350$000 réis.

É terra muito fertil.

Corre por a freguezia o rio Lima, que tem em Arcozello uma formosa ponte de cantaria com 34 arcos; e na entrada, pela parte que toca a esta freguezia, está edificada uma torre antiga, com suas ameias, a que chamam «*Torre Velha.*» Esta ponte é que deu o nome á fronteira villa de *Ponte do Lima.* (Vide Ponte do Lima, para o mais que pertence á ponte; e Lima pelo que diz respeito ao rio.)

O Lima passa pela extremidade S. da freguezia, que é situada sobre a margem direita (N.) e se deve considerar como arrabalde de Ponte de Lima. Fica tambem em frente, na margem direita do Lima, a grande e formosa freguezia da Correlhan, que vae terminar aos muros da villa.

É formosissima a situação d'Arcozello, seu clima saudavel e seu territorio fertilissimo. Cria muito gado de toda a qualidade, em seus montes ha bastante caça, e é farta de peixe do rio e do mar.

Em um privilegio ou carta de confirmação de partilha, feita entre o bispo D. João e o seu cabido, em 1156, se lê:—*In ripa Limeæ ecclesia S. Marinæ de Arroselo integra etc.*=pelo que alguns suppõem que esta frequezia se chamou *Arrosêllo;* mas é mais provavel que fosse engano do notario, porque antes e depois de 1156, sempre e em tudo se chamou *Arcozêllo.*

O arcebispado de Braga terminava antigamente na margem esquerda do Lima, e esta freguezia era a primeira do bispado de Tuy.

O nosso D. Affonso V obteve do papa Eugenio IV, pelos annos 1446, que as freguezias de Portugal que pertenciam ao bispado de Tuy, passassem para o bispado de Ceuta (Africa). O districto de Olivença era do arcebispado de Braga, e o arcebispo D. Diogo de Sousa trocou com D. Henrique, bispo de Ceuta, em 1512, dando-lhe Olivença e sua comarca, e recebendo Valença e seu districto (onde era comprehendida esta freguezia) o que Leão X confirmou em 1513.

Tomou o arcebispo posse da comarca ecclesiastica de Vallença em 1514, e desde então ficou pertencendo ao arcebispado de Braga. Pouco tem augmentado a população d'esta freguezia, de cem annos para cá, pois já em 1780 tinha 360 fogos.

Tinha esta freguezia dois abbades, um com cura, cujo rendimento eram 600$000 réis, e o outro sem cura, era, como já disse. um *beneficio simples*, que rendia 350$000 réis, sem outro trabalho mais do que recebel-os e gastal-os.

Além das aguas do Lima, ha n'esta freguezia muitas e boas aguas. Um ribeiro que vem da Labruja, atravessa toda a freguezia, passando primeiro pelo Arco da Gêa (ou da Cheia) e depois pela ponte do Arquinho. Tem varias fontes, sendo as principaes a da Freiria, a da Mâmoa (no logar do Antepaço) a de Villarinhos, a do Rego d'Azar, a do Valle de Pereiras, a de S. Pedro e a do Piolho, no logar de Faldejães, a do Paço da Velha, e finalmente uma fonte copiosissima que está no logar da Preza, que, não sómente rega a maior parte da freguezia, mas faz moer varios moinhos de verão e inverno e um lagar de azeite. Tem andado questões sobre esta agua, que um particular quer usurpar (ou grande parte d'ella) aos povos da freguezia.

Ha aqui a capella de S. Gonçalo (no souto do mesmo nome) que é vasta como uma egreja. No souto haviam em 1780 quarenta pellames, que curtiam cada anno uns 3:000 couros, que se vendiam, termo medio, por 13:500$000 réis, e dando um lucro de sete a oito contos de réis. Os pellames estabelecidos posteriormente em Vianna anniquilaram esta industria.

É n'esta freguezia a quinta das *Regadas*, célebre por uma patranha do nobiliario do infante D. Pedro. (Vide Regadas.)

Havia aqui, e proximo ao rio, uma forca. Perto d'ella estava, e supponho que ainda está, o antiquissimo *Cruzeiro do Souto da Forca*.

Esta freguezia e a villa ficam em 41° 50' de lat. e 10° 5' de long.

**ARCOZÊLLO**—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 9 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Tinha em 1757, 293 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em um valle d'onde se vê S. João da Foz (a 10 kilometros ao ONO.) varias serras, o convento de Grijó, varias freguezias e o mar.

Ha n'esta freguezia o logar do Côrvo, que é maior do que muitas villas do reino.

Tem barão novo (o Corvo.)

A grande aldeia do Corvo, não pertence toda a esta freguezia, parte pertence á de S. Felix da Marinha, mas tudo é no concelho de Gaia.

O parocho era reitor, apresentado alternativamente pelo papa, pelo abbade (cruzio) de Grijó e pelo bispo do Porto. Tinha de renda 160$000 réis.

Era commenda da Ordem de Christo, e foi seu ultimo commendador o marquez de Minas: por sua morte passou á corôa.

Esta freguezia é no litoral.

O reitor d'aqui apresentava o cura de Oleiros, no concelho da Feira.

E' terra abundante e passa pela freguezia o ribeiro do seu nome, que moe e rega. Desagua no mar.

Esta freguezia pertenceu ás Terras de Santa Maria e foi do concelho e comarca da Feira.

Ha aqui a bella quinta do Espirito Santo, com boa casa de residencia. E' da sr.ª D. Felicidade Teixeira Pinto Basto. Tinha um vasto pinhal, que hoje é um lindo parque,

cortado por formosas ruas, muito largas, extensas e guarnecidas de diversas especies de arvores, mandadas vir da Belgica e da Hollanda.

**ARCOZÊLLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757, 66 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (abbade) era apresentado pelo commendador de Chavão (da Ordem de Malta) tinha de rendimento 350$000 réis.

**ARCOZELLO DAS MAIAS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 35 kilometros ao NO. de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

E' na antiga comarca de Lafões.

D'aqui se descobre a villa de Couto de Esteves e as freguezias de Riba-Teixeira e Arões.

O vigario era apresentado pelo arcipreste de Vizeu. Tinha 70$000 de renda.

Ha aqui muito milho e vinho, e do mais producção soffrivel.

Tem uma fonte chamada da Cancella, cuja agua, dizem, cura a dor de pedra, e é para isso procurada de muito longe.

A freguezia é situada nas faldas da serra do Gravo, onde nasce o rio Quintella, que banha a freguezia e se mette no Vouga no logar de Fornello.

Cria-se muito e bom gado bovino n'esta freguezia. As suas vitellas são optimas.

**ARCOZELLO** e **MARRANCOS** (annexas)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (desde 24 de outubro de 1855) 18 kilometros a NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Foi até 1855, da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella.

Tinha em 1757, 57 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

N'esta freguezia está o paço dos Barbosas.

Foi abbadia da Mitra primacial, dada por concurso. Rendia 450$000 réis.

**ARCOZELLO DA SERRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 280 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Tinha em 1757, 191 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

E' no bispado e districto administrativo da Guarda.

Está aqui o convento de freiras franciscanas de Nossa Senhora do Couto (ou da Assumpção) fundado por Maria Borges, moradora na Rua Nova de Lisboa, em 1539.

Fazem-se aqui grandes festas á Senhora, á custa do povo. A procissão que então se faz é notavel, não só por levar 15 e mais *charolas* (especie de andores) e se deitarem milhares de foguetes; mas sobre tudo pelas suas *dansas*.

A *das donzellas* é composta de 6 ou 8 meninas (de 8 a 10 annos) muito bem vestidas e um menino vestido de anjo na sua frente. Ellas fingem que são mouras, e que querem ser baptisadas.

Representam uma especie de comedia em cada estação, e alli são baptisadas pelo anjo, isto é, aspergidas com agua-benta, que elle leva em um vaso.

A *dansa dos marujos*, tambem é formada por 8 marmanjões, vestidos de marinheiros, representando egualmente em cada estação uma especie de farça, em que fingem ser navegantes escapados a um naufragio, por intervenção da Senhora, e á qual promettem festejar no seu dia.

A *dansa dos espingardeiros*, que consta de 8 ou 10 rapagões escolhidos, fingindo serem uns portuguezes outros castelhanos, que se desafiam e batem, ficando sempre vencidos os castelhanos, vindo o seu general ajoelhar ao pés dos vencedores, pedindo-lhes a vida, d'elle e dos seus; o que se lhes concede, em attenção a ser dia da festa da Senhora.

A ultima é a *dansa dos pretos*. Consta de 8 ou 10 rapazitos (de 8 a 10 annos) com as caras, braços e pernas muito bem enfarruscados com pó de cortiça queimada, vestidos de encarnado e cobertos de guizos, marchando e dansando o fandango ao som de uma

viola, e fazendo caretas e momices á todo o mundo. Fingem ser escravos que se vem queixar á Senhora, dos maus tratos que lhes dão seus senhores: representam tambem em cada estação a sua farça, composta de ditos indecentes e obscenos (mesmo ás vezes, ao pé do paleo, onde está o Santissimo!)

Os mordomos dão de comer a todos estes *dansarinos* e aos mais empregados da procissão e a quem quizer ir comer a suas casas (d'elles mordomos) para o que recebem, antes, muitos presentes de carneiros, cabritos, gallinhas, etc., etc.

Esta freguezia era da corôa.

Está situada em um valle bastante fertil.

A egreja matriz é de tres naves. Era priorado que apresentava o senhor da villa de Mello, e o prior d'esta freguezia apresentava o prior da villa do Cabra.

O prior d'aqui tinha de rendimento réis 350$000.

Na capella de S. Marcos faziam antigamente uma festa no seu dia, indo na procissão um touro *bravo*, que entrava na capella e ia até ao altar-mór, assistir á festa, muito quieto. Havia então feira.

E' muito abundante de cereaes, fructas, vinho, muito azeite, gado e queijos.

Passa perto o Mondego. Ha na freguezia a pequena serra do Aljaz, que tem caça.

**ARCOZELLOS**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 25 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Tinha em 1757, 152 fogos.

Orago Nossa Senhora de Entre-Vinhas.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Chama-se Arcozellos, porque consta de dois povos do mesmo nome, que são, Arcozello da Torre e Arcozello do Cabo.

Situada em um valle muito fertil.

O cura era apresentado pelo reitor da villa da Rua. Tinha 35:$000 réis de rendimento.

**ARDA**—rio, Douro, na comarca de Arouca. Se este rio tivesse tanta abundancia de aguas como tem fartura de nomes, certamente seria um grande rio. Não lhe conheço menos de oito nomes: *Arda, Alarda, Alardo, Adarda, Arnaldo, Anarda, Pedonde* e *Pédorido.*

Os nomes por que era mais vulgarmente conhecido antigamente, eram *Alarda, Adarda* e *Pedonde:* hoje quasi toda a gente lhe chama *Arda.*

Este rio não é mais do que um pequeno regato, que nasce no *Gamarão* (casal e serra 3 kilometros a NO. da villa de Arouca.)

Junta-se ao *Marialva* (que nasce na serra da Senhora da Mó. 1:500 metros a NE. da villa) proximo á mesma e passando por ella se junta ao *Silvares,* ahi mesmo, tomando todos tres o nome de *Arda.*

(E' esta reunião dos tres ribeiros que tem oito nomes.)

Tem dentro da villa tres pontões de cantaria, o da *Lavandeira,* o da *Praça* e o da *Ribeira.* Proximo á villa tem uma linda ponte de cantaria lavrada, feita sobre a estrada real, em 1862.

Tem mais duas bonitas pontes de cantaria lavrada, feitas em 1864 sobre a mesma estrada, que são, a do *Areeiro* e a do *Rossado;* todas no valle de Arouca. Move o lagar de azeite do convento e faz mover varios moinhos.

Rega e fertilisa este delicioso e feracissimo valle, e n'elle mesmo recebe varios ribeiros anonymos.

Desde a aldeia de Cella, freguezia de Santa Marinha de Tropêço, até ao logar de Gahido (freguezia de Pédorido) divide 1.° o antigo concelho de Fermedo, do de Arouca (até Fulgosinho) e depois o do Castello de Paiva do de Fermedo, até Gahido; porque d'ahi para baixo, corre no concelho de Paiva; mas isto é apenas um kilometro distante da sua foz. Tambem até 1834 dividia este rio a Terra da Feira do concelho de Arouca, servindo tambem de divisão do chamado Partido do Porto, pelo mesmo sitio por onde dividia o concelho de Fermedo e a Terra da Feira.

É no Carvalhal cortado por uma boa ponte de pedra, feita em 1760 (metade á custa do concelho de Fermedo e metade á custa do de Arouca), é de um só arco, mas a maior que tem este rio.

No logar da Ponte, é cortado por outra

de madeira, reconstruida em 1842 (metade á custa do concelho de Fermedo e outra metade á custa do de Paiva).

Rega este rio as seguintes freguezias: S. Bartholomeu, S. Salvador, Santa Eulalia, Urrô, Varzea, Rôssas, Chave e Santa Marinha, no concelho de Arouca—Mançores, Escariz, Fermedo e S. Miguel do Matto, do extincto concelho de Fermedo, na Terra da Feira (hoje tambem de Arouca) Paraizo, Raiva e Pédorido, no concelho de Paiva. Desde a villa de Arouca até Varzea, suas margens são em toda a parte cultivadas; d'ahi para baixo são só cultivadas em parte. Tem muitas arvores de vinho. Cria bastante e bom peixe, sobretudo deliciosas trutas.

Serve de motor a quatro boas fabricas de papel, e uma de papellão e a muitos moinhos de milho.

Desagua no Douro (margem esquerda) no sitio da Foz do Arda, freguezia de Pédorido, 35 kilometros a NE. do Porto, com 30 kilometros de curso.

Parece que o nome actual d'este rio é o mais antigo, a que os arabes juntaram o artigo *al*, ficando *Al-arda*. É este o seu nome official nos primeiros tempos da nossa monarchia; ainda que em alguns papeis antigos se lhe chame tambem Adarda e Pedonde.

O nome que alguns escriptores lhe dão de Pédorido, é talvez por elle morrer na freguezia d'este nome e elles lhe não saberem outro.

Sustentam alguns (na minha opinião, com bons fundamentos) que o nome actual d'este rio é a palavra arabe *árada*, que significa apresentar, fazer apparecer, passar mostra aos soldados. É d'este verbo que se deriva o substantivo *alardo* (em arabe *alardi*), resenha de gente de guerra; e é tambem um dos nomes d'este rio.

Ainda outros derivam este nome da palavra arabe *adduar;* que significa aldeia feita de tendas ambulantes, de pastores. Deriva-se do verbo *dáuara*, cercar ou murar á roda. Sendo assim vem a significar *Rio da aldeia*. Segundo a outra etymologia, vem a ser *Rio do Alardo*.

É tradição que este rio trazia muito ouro em suas areias.

Ainda no meu tempo de creança, João Marques do Rosario, de Mançores, ia muitas vezes, com um preto que tinha, para este rio extrahir ouro, e chegou a ser muito rico, attribuindo-se á sua riqueza unicamente a este modo de vida.

É tambem certissimo que os arabes (e talvez mesmo os romanos) extrahiram ouro do Arda, não só das suas areias, mas tambem dos montes que formam as suas margens. Não é só a tradição, ha tambem vestigios em muitas partes, e proximo d'este rio, de antigos poços e galerias, sendo os mais notaveis na serra da Carraceira (margem direita d'este rio, freguezia de Santa Marinha) onde se vêem sete galerias; e que por isso se chama a este sitio *Os sete buracos*. Mais abaixo, e proximo ao sitio de Laceiras, e em outros, sitios ha galerias de extracção de metaes.

Tem aqui apparecido, por varias vezes, nas margens do rio, ou muito proximo, muitas mós de pedra, com que os arabes moiam o cascalho do rio para d'elle se soltarem as particulas d'ouro. Estas mós são toscas, feitas de granito e com $0^m,66$ de diametro e $0^m,10$ de grossura, tendo as inferiores, no centro um veio feito na mesma pedra, que embutia em um buraco das superiores. Não têem signaes de buraco (nas superiores) onde se mettesse algum torno para as fazer mover, o que mostra serem inpellidas com a mão.

Ainda em 1869, um lavrador da Raiva, que mora sobre a margem esquerda do Douro, me fez presente de dois *casaes* d'estas mós, que dei a um engenheiro de minas.

Ha por aqui quem tenha muitas mais, o que indica que era grande a extracção do ouro em tempos remotos.

**ARDÃOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Santo André.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia umas lagoas grandes, que é tradição terem sido minas de metal no tempo dos romanos.

Ha aqui um monte chamado *Pindo (!)* com 12 kilometros de comprido e 6 de largo. Outro monte chamado Leiranço, tem 6 kilometros de comprido e 4 de largo. Ambos têem lobos, javalis e caça miuda.

Era vigariaria do reitor de S. Miguel de Bobadella. Rendia 90$000 réis.

**ARDAVAZ** ou **DARDAVAZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, districto administrativo, bispado e 23 kilometros de Vizeu, 244 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Natividade.

Foi do arciprestado de Bésteiros. É da coroa.

Situada em um valle ameno e farto de aguas. D'aqui se descobre a serra do Caramullo e as povoações que n'ella ha, como são: Borralhal, Valle, Turgido, Barreiro e Cerveira. Era abbadia do padroado real. O abbade tinha de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil. Corre aqui o rio Crins.

**ARDEGÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A egreja não tinha sacrario e vinha o Senhor aos enfermos da freguezia de S. Julião do Freixo. O vigario era apresentado pelo reitor de Alvarães, a cuja freguezia é annexa. Tinha de renda 30$000 réis.

Passa perto o rio Neiva.

É terra muito fertil.

**ARDEGÃO** e **ARNOZELLA** ou **ARNOZELLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 35 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

O orago de Ardegão era Santa Marinha, e o de Arnozella Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era dos marquezes de Vallença.

Paga tambem foros á collegiada de Guimarães, á egreja de S. Vicente de Fóra e ao convento de Belem.

Está situada nas abas dos montes *Rosso* ao E. e *Esfollada* ao O.

D'aqui se vêem as serras de Alvarinha, Santa Catharina, Falperra, Pedra Furada e Montim.

O vigario de Ardegão era annual; apresentado pelo convento de Santa Maria de Pombeiro, e tinha de rendimento 20$000 réis, e esta freguezia tinha 96 fogos em 1757. O parocho de Arnozella era vigario da apresentação dos conegos regrantes de Santo Agostinho, do mosteiro de Caramôs, e tinha de rendimento 40$000 réis. Esta freguezia tinha em 1757, 46 fogos. Estas duas freguezias estão hoje annexas, e têem por padroeiros Santa Marinha e Santa Eulalia.

É terra fertil. Gado e caça.

**ARDENA**—pequeno rio, Douro, que nasce na freguezia de Alvarenga, comarca e concelho de Arouca, e morre a 10 kilometros do seu nascimento, no rio Paiva, no sitio da Espiunca. É de curso arrebatado por entre penedias. Faz moer alguns moinhos.

**ARDILLA**—rio do Alemtejo, que nasce em Castella. Cria muito peixe. Suas margens são em parte cultivadas e n'outras arborisadas. Recebe os rios Safareja e Mortigão. Moe e rega. Morre no Guadiana ao N. de Moura.

**AREIA**—rio, Extremadura, comarca de Leiria. Nasce de duas fontes em dois logares diversss (Picamilho e Castanheira) entra na villa de Cós e d'ahi em diante se chama ribeira de Cós. Corre pelo campo de Maiorga e morre no rio da Abbadia.

Tem duas pontes de pedra, uma na villa de Cós e outra no Campo.

**AREIAS**—freguezia, Alemtejo, concelho de Marvão, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma pequena planicie, cercada de montes alcantilados.

Pouco fertil.

O cura era, até 1834, apresentado pelo bispo de Portalegre. Tinha de renda dois moios de trigo.

Entra aqui a ribeira Sever, no sitio chamado a Ponte Velha.

**AREIAS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho (abbade) era da apresentação da mitra, e tinha de renda 300$000 réis.

**AREIAS** — freguezia, Minho, concelho do Prado, districto administrativo, arcebispado e comarca de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Era couto da mitra de Braga.

Situada em um valle, nas margens do Cávado. D'aqui se vê Braga e Barcellos.

Tem um monte chamado de Penide (por cujas raizes corre o Cávado) que só produz matto e tem caça miuda. O cura era apresentado pelo reitor do convento de Villar de Frades. Julgo que esta freguezia está annexa á de S. Martinho de Manhente ou Manhete. Ha aqui muitos oleiros. Fertil.

**AREIAS**—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zezere, comarca e 18 kilometros de Thomar, 150 ao NE. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 484 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Era do rei, como grão-mestre da Ordem de Christo.

A egreja é situada no Campo das Areias, ao pé da serra que antigamente se chamava Guimareira, e hoje se chama de S. Saturnino; defronte da serra de Monchite. É a segunda parochia que houve na prelazia de Thomar, e d'ella se desannexaram as freguezias da villa das Pias e S. Silvestre dos Chãos, como consta do Tombo da mesma egreja, mandado fazer por D. João III, em 1542.

A egreja é de tres formosas naves, com um espaçoso adro e um alpendre sobre a porta, sustentado em columnas e sobre elle o côro e a torre dos sinos.

Tinha tres beneficiados da ordem de Christo, cada um com 88 $^1/_2$ alqueires de trigo, 90 de cevada e 1$200 réis em dinheiro, de rendimento annual.

O parocho (vigario) era apresentado pelo tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, por ser da prelazia de Thomar, e tinha de renda dois moios de trigo, o mesmo de cevada, uma pipa de vinho e 20$000 réis em dinheiro.

Tinha um thesoureiro com 36 alqueires de trigo, 40 de milho, 6$000 réis em dinheiro, 2 arrobas de cera e 26 almudes de vinho. Tudo isto pago no almoxarifado de Thomar, onde se cobravam os dizimos e oitavos d'esta freguezia.

É fertil e tem caça.

No campo das Areias, junto á egreja, se fazem duas feiras por anno, uma no domingo de Paschoela, e outra pela Ascenção de Jesus Christo.

Correm aqui as ribeiras das Pias e da Murta, que trazem peixe. (Do nome da ribeira da Murta é que tomou o nome a boa quinta da *Torre da Murta*, que está no logar do Tojal.)

O visconde da torre da Murta é o sr. José Carlos Infante Sequeira Corrêa da Silva.

Ha aqui uma nascente de aguas mineraes que dizem ser efficazes para a cura de molestias cutaneas.

**AREIAS** — freguezia, Traz-os-Montes, termo de Nozellos, concelho da Torre de Moncorvo.

É da casa de Bragança, á qual cada lavrador pagava 8 alqueires de pão meiado, 4 de trigo, 4 de centeio e 1 almude de vinho; tudo posto na Praça de Nuzellos em dia de S. Martinho, segundo o foral da mesma villa.

Situada na ladeira de um monte (ao S. d'elle) que desce para o rio Macedo, que

corre n'esta freguezia, e tambem corre aqui o rio Jainhos; ambos regam e mõem; apezar d'isto a terra não é abundante de aguas, mas é fertil.

No monte ha porcos bravos e caça miuda.

D'este monte se vê a serra de Rebordãos (ou Nossa Senhora da Serra) a Pena Mourisca e outras povoações.

Sahiu d'este povo um soldado raso, chamado Antonio de Sá d'Almeida, que por seu valor na guerra de 1701, chegou a sargento-mór de batalha e governador de Almeida e Bragança. Morreu em 1740.

Um irmão d'elle, chamado Francisco de Lobão, chegou a sargento mór do regimento de Chaves e morreu de uma bala dos castelhanos no cerco de Monsanto. Foi tambem soldado muito valoroso.

O dizimo d'esta freguezia era—duas terças partes para o abbade de Nuzellos e outra terça parte para a mitra de Miranda.

O cura era apresentado pelo abbade de Nuzellos.

É tradição que os moradores d'aqui iam ouvir missa á villa de Nuzellos.

Não vejo esta freguezia nos mappas modernos. Parece-me que eram duas freguezias que se annexaram (Areias e Nuzellos), e que por ultimo foram aggregadas a Lebução.

**AREIAS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É uma das nove freguezias que comprehendia o couto de Landim, dos frades cruzios.

Passa aqui o rio Ave.

Junto ao rio, sobre um alto rochedo, sobranceiro a elle, em um plató, está uma formosa torre, bem lavrada e alta, e que algum dia teve tres sobrados. Tem uma fresta para cada um dos quatro lados e para o N. tem uma janella de saccada e é por todos os lados cercada de parapeitos de pedra lavrada. Ainda tem algumas ameias. A porta por onde se entra para a torre é de arco. Ao pé da torre ainda ha vestigios de casas.

Alguns escriptores dizem que esta torre foi construida ou habitada pelo infante Alboazar Ramirez, filho natural de D. Ramiro II de Leão e da mora Zara, ou Gaia, irmão de Alboazar, emir ou regulo arabe de Gaia. (Vide Ancora e Gaia.)

Pertencem a esta torre algumas terras (chamadas por isso da *torre*) de que são senhorios uteis os Camellos, do Porto, e directo a casa de Bragança. Ao pé da torre está uma antiquissima capella de Nossa Senhora da Expectação. (Esta capella, posto estar na freguezia de Areias, pertence ao abbade de S. Miguel de Lamas, não se sabe porque.)

É terra fertil. O rio Ave rega esta freguezia, faz moer azenhas de pão e traz peixe.

D'esta freguezia se descobrem varias montanhas do termo da Maia (Porto), o mosteiro de Santo Thyrso, toda a freguezia, e outras muitas mais.

A esta freguezia está hoje annexa a de Villar de Frades. (Vide esta palavra, onde vem circumstanciado o que diz respeito aos *bons homens de Villar*, e mais curiosidades.

**AREIAS** (S. João de) e **SILVARES**—villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 30 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa, 560 fogos, no concelho 1:000 fogos.

Tinha em 1757 103 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do arcyprestado de Bésteiros.

É da corôa. Fertil.

Situada em campina raza, d'ella se vê a villa de Ázere, a Senhora de Montalto, o Bussaco, as serras da Estrella e Caramullo, e outras muitas freguezias e povoações.

—

Diz-se que S. João Baptista, o padroeiro ou orago. foi achado no Mondego, no sitio da *Nova*, por uma velha, que principiou a gritar «*Boa nova! Boa nova!*» e por isso ficou ao sitio o nome de Nova. Foram logo buscal-o para a egreja, em procissão, e como foi achado nas *areias* do rio, ficou sendo S. João de Areias.

—

Feira a 24 de junho.

O Mondego passa por esta freguezia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 10 de abril de 1514.

O parocho (vigario) era apresentado pela mitra de Vizeu, e tinha de rendimento 40$000 réis.

**AREIAS** (Nossa Senhora das)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, situada no litoral.

Esta freguezia foi submergida pela areia, ficando apenas de todas as suas aldeias a de Darque-Menor, onde é hoje a freguezia.

No sitio da antiga egreja apenas hoje existe a capella de Nossa Senhora das Areias.

Para tudo que pertence a esta freguezia extincta, vide Anha e Darque.

**AREGA**—villa, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Maçans de Dona Maria, 40 kilometros de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa. 340 fogos, 1:000 almas.

Tinha em 1757, 25 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada junto á foz do Alje ou Alja, que desagua no Zezere.

Na foz do Alje houve, no seculo passado, uma fundição de artilheria.

Era dos condes de Tentugal (que são os duques de Cadaval).

É terra pobre, e pouco mais produz do que centeio e castanha.

A villa está em um alto, d'onde se vêem as villas de Maçãs de Dona Maria, Chão do Couce, Aguda, Figueiró dos Vinhos, Sernache do Bom-Jardim, o priorado do Crato, etc., etc.

Era priorado de concurso, seis mezes do papa e outros seis do bispo de Coimbra. Tinha de rendimento 300$000 réis.

Os juizes ordinarios e dos orphãos eram feitos pelos donatarios e pela camara.

Pelos limites da freguezia corre o Zezere.

D. Pedro Affonso, irmão bastardo de D. Affonso I, lhe deu foral em março de 1201.

Principiou o processo, mas não se chegou a expedir foral novo. (Maço 1.º dos foraes antigos)

**AREGIA**—Vide Aréja.

**ARÉGOS**—villa, na freguezia de Miumães Beira Alta. comarca e 24 kilometros ao O., de Lamego, 50 a E. do Porto, 25 ao S. de Penafiel, 330 ao N. de Lisboa, 330 fogos, no concelho 1:250.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Tambem se chama Caldas d'Aregos.

Situada na margem esquerda do Douro.

É notavel pelas suas *caldas*, da mesma qualidade das das Caldas da Rainha (sulphurosas).

Tem a temperatura de 60° centigrados proximo á nascente.

Estas aguas mineraes deviam ir na freguezia de Miumães, que é onde effectivamente são situadas; mas, como toda a gente lhes chama *Caldas d'Aregos*, é provavel que só aqui as procurem, por isso as ponho em Aregos.

Da analyse feita na Exposição Universal de Pariz em 1867, verificou-se que, em uma amostra extrahida do *Tanque da Albergaria* a temperatura é de 54° centigrados na sua nascente. A do ar exterior, á sombra, é de 16°.

É de uma perfeita limpidez com o gosto e o cheiro das aguas sulphurosas em grau muito fraco.

Contém por kilogramma 0°,00235 sulphydrico, e dá por evaporação 0°,290 de residuo fixo, formado de silica de sulphatos e de chloretos alcalinos, de carbonatos de cal e de magnesia, bem como de uma pequena quantidade de ferro e de alumina.

Como a capital do concelho é a villa de Aregos, se dá este nome ás caldas.

Nascem na vertente esquerda de um ribeiro chamado *das Caldas*, proximo á povoação do mesmo nome, a 400 metros da margem esquerda do Douro, onde desagua o mesmo ribeiro.

Tiveram grande fama nos seculos passados; hoje estão em grande desprezo e decadencia, não só pela difficuldade do transito, como pela proximidade das Caldas de Molêdo.

No seculo XII Santa Mafalda, rainha de Castella, e filha de D. Sancho I de Portugal (vide Arouca) mandou aqui construir uma

albergaria, com um tanque e com a obrigação de estarem sempre promptas duas camas para pobres. Ainda existe a albergaria.

O padre Cardoso diz que foi a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I (avó da rainha Santa Mafalda) quem fundou esta albergaria. (Vide adiante o que se diz da capella de Santa Maria Magdalena.)

Acho mais verosimil o que diz o padre Cardozo; porque investigou estas coisas com muita attenção e criterio: salvo se a albergaria é uma coisa, e o hospital de *gafos* é outra; o que tambem póde ser.

Tem numerosas nascentes (algumas muito abundantes); mas a maior parte d'ellas não estão aproveitadas. Entre ellas avulta a que vae lançar-se no pequeno ribeiro das Caldas, da temperatura 60° centigrados e que produz o 65:000 litros de agua em 24 horas.

Uma nascente, ha pouco descoberta, junto á dita albergaria, produz no mesmo tempo 35:000 litros.

Todas as nascentes produzem em 24 horas 300$000 litros de agua.

A temperatura da agua do tanque da albergaria é de 57°, e a da nascente contigua de 56° Em ambas a agua é limpida e tem cheiro a *gaz sulphydrico.*

Na primeira d'estas nascentes a agua é acompanhada intermittentemente de bolhas de gaz. Na segunda não se observa este phenomeno.

Tem tres *cartas de fôro* dadas por D. Diniz, uma feita em Santarem, a 8 de abril de 1299; outra de Lisboa, a 10 de julho de 1302; e outra de Santarem, a 9 de janeiro de 1303.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no 1.° de setembro de 1513. Com este foral lhe deu privilegio de villa, libertando seus moradores, *do mesmo modo que aos das cidades, villas e logares insignes do reino.*

Não teve esta villa senhorio algum até D João I, que a deu (com toda a sua jurisdição civel e criminal, *imperio mero e mixto,* com todas as suas rendas, direitos, fóros e tributos—reservando só para si a correição e alçada) a Fernão Martins Coutinho, filho de Vasco Fernando Coutinho e a sua mulher Beatriz Gonçalves de Moura, para elles e descendentes, por carta datada de Vizeu, em 12 de janeiro da éra de 1430 (1392).

Succedeu-lhe sua filha, D. Beatriz Coutinho, que casou com D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, almirante de Portugal e governador de Ceuta. Passou, por casamento, para os condes de Penalva, que venderam isto a Fernão de Mello e sua mulher, D. Maria de Castro, da Casa do Paço, de Rezende, por *950 mil réis brancos, em paz e salvo, livres de siza,* etc. etc.

Em pagamento do que, lhe deram uma quinta no sitio d'Aldadilhos, termo de Mafra, e outras mais propriedades e foros, e 150 mil réis em dinheiro. A escriptura foi feita em Torres-Vedras, a 6 de setembro de 1496. D. Manuel confirmou o contracto por alvará d'Alcochete, de 13 de julho de 1496.

Por morte de Fernão de Mello, ficou possuidora sua mulher, que, não tendo filhos, tornou a dar tudo a D. Affonso de Menezes e Vasconcellos, conde de Penella. Foram-se succedendo seus herdeiros, até que o ultimo (D. Affonso de Vasconcellos) morreu sem filhos, vagando a villa outra vez para a corôa; menos os *reguengos,* que os ficaram possuindo os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

A casa da camara é no sitio da *Anreade,* com cadeias, no rocio onde se faz a feira, em dia Santo Amaro.

O pelourinho é na villa das Caldas, no meio da rua que vae direita ao caes do rio Douro e perto da villa, cujo sitio serve tambem de foral, como parte principal d'ella. Junto ao pelourinho estão as ruinas das casas do morgado das Caldas. instituido por *Antonio Rebello Bravo.*

Na villa das Caldas, ha a capella de Santa Maria Magdalena, fundada e dotada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.

Instituiu juntamente um hospital para lazaros e *gafos,* no sitio em que na mesma villa estão os banhos, dando-lhe muitas rendas e foros e a barca da passagem das Caldas—e que, *cada morador do concelho que pão malhasse e vinho alagrasse,* pagaria para o hospital o seguinte—os da fre-

guezia de Anreade, um cantaro de vinho e os das mais um alqueire de pão.

Nomeou para administrar o hospital, a camara da Villa.

Tudo isto se observou até ao reinado de D. João IV, que desfez o hospital e lhe tirou todos os seus rendimentos e os deu a um capitão chamado Paulo Barbosa, que tomou posse a 22 de julho de 1644.

E' terra muito fertil e produz muito e optimo vinho verde.

Passa por a freguezia o rio Cabrum.

Os povos d'este concelho fazem grande commercio com o Porto (pelo Douro) para onde exportam grande porção de todos os generos da sua agricultura.

Aqui nasceu Pedro Nunes, doutor e senhor do morgado de Bafoeiras, fidalgo e capellão de Philippe III, grande lettrado e deão de Cochim, na India.

E' tambem patria de Antonio Pereira Pinto, capitão e governador da fortaleza d'Amboyno, na India Oriental, onde obrou grandes façanhas. Instituiu o morgado de Mioumães.

Tambem aqui nasceu Lourenço Teixeira de Macedo, capitão da fortaleza de *Negumço* e alcaide-mór de *Ceylão*, grande e corajosissimo soldado.

**ARÊJA**—aldeia, Douro, freguezia da Lomba, concelho e 20 kilometros ao E. de Gondomar, comarca e 28 kilometros ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Situada nas faldas da serra do seu nome (ramo da serra de Cabêço de Sovereiro) sobre a margem esquerda do Douro, um kilometro abaixo de Pédorido, na confluente do ribeiro d'Arêja com o Douro.

Este ribeiro divide a freguezia da Lomba da de Pédorido; o concelho de Gondomar do de Paiva; o districto administrativo do Porto do d'Aveiro; a comarca d'Arouca de uma das do Porto, e finalmente, o bispado do Porto do de Lamego.

A pequena e pobre aldeia d'Areja, já notavel por estas divisões, o é, na minha opinião, ainda muito mais por estar convencido que era aqui a capital do vasto territorio chamado no tempo dos romanos e dos gôdos, cidade d'Anégia ou Arégia.

Investiguei tudo por aquelles sitios e, na verdade, apenas em um pequeno valle, junto á foz do ribeiro, vi restos de alicerces antigos e um pequeno cabêço que me pareceu artificial; mas por mais que perguntei á gente d'alli, não achei a minima tradição que me tirasse de duvidas. (Mas tambem a gente d'aqui é sobremaneira ignorante; faça-se-lhe justiça.)

Lendo porem e confrontando antigos escriptores tudo me leva a crer que aqui existiu um castello ou povoação que foi o ponto central da cidade d'Anégia ou Arégia.

Vejamos o que dizem esses escriptores e como todas as indicações topogrophicas combinam em situar aqui a capital d'Arégia.

Santo Isidoro, diz que o rei gôdo Leovegildo conquistou aos suevos, nos confins da Galliza, a cidade d'Arégia.

Todos sabem que n'esse tempo a Galliza chegava até á margem direita do Douro.

(Leovegildo foi o 1.º rei gôdo qne governou na Luzitania, depois d'aniquillar o reino dos suevos; mas foi o 18.º rei godo das Hespanhas. Cá só principiou o seu reinado em 585 e logo morreu em 586, succedendo-lhe seu filho Flavio Ricaredo.)

—

O *Chronicon do Biclarense*, em 675, menciona os Montes Aregenses, collocando-os onde hoje se chama Serras d'Arouca.

Estendia-se o territorio d'esta cidade (ainda no seculo XI) parte pela diocese do Porto e parte pela de Lamego.

Já em 922, em doação que D. Ordonho 2.º, de Portugal e Galliza, e os grandes da sua côrte, fizeram ao mosteiro de Castrumire (Crestuma) em attenção a D. Gomado, bispo de Coimbra, que se tinha recolhido a este mosteiro, se faz menção do porto e caes, ou surgidouro, da cidade d'Anégia; dizendo-se alli que a egreja de Santa Marinha ficava proximo.

(Já se vê que é Santa Marinha do Tropêço, em Arouca. Vide Crestuma.)

Nos documentos d'Alpendurada, Arouca, e Paço de Souza, se falla muitas vezes na cidade d'Arégia, que situam ao sul do rio Douro, tudo o que fica aguas vertentes da

Serra-Secca e Montes d'Arouca; e passando o Douro, cortava pelo monte d'Arados, que fica sobranceiro ao convento d'Alpendurada, deixando á direita o concelho de Bemviver, d'aqui cortava pelo Tamega, direito a Penafiel (á actual) incluindo-a e ao mosteiro de Paço de Souza. D'aqui, tornando a passar o Douro para o sul, abrangia todo o termo e terras d'Arouca, vindo a fechar onde principiou.

Debalde tenho investigado a ver se alguem me dá noticia da tal Serra-Secca. Não ha uma só pessoa d'estes sitios que se lembre de semelhante nome. Vamos ver se, pelo que vi e por documentos antigos, podemos saber o que isto é.

Em 1102, dava o conde D. Henrique o nome de Serra-Secca ao sitio que ficava por traz do monte de Fuste, a cuja serra se haviam retirado as mulheres e bagagens do rei mouro de Lamego, Echa Martim. (Vide a parte que transcrevo da doação que o mesmo conde D. Henrique fez a Echa Martim, na palavra Arouca).

No mesmo artigo d'Arouca se vê que o rei mouro mandou subir todas as suas bagagens e mulheres a um monte então chamado Serra Secca, onde o grande Egas Moniz os foi agarrar.

A rainha D. Thereza, já viuva do dito conde D. Henrique, fez, em 1125, doação ao abbade de Cister, João Cirita, para o convento de bernardos, de S. Christovão de Lafões, de uma herdade, «que tenho junto d'Arouca, por onde corre o rio Alarda, entre a Corredoura e a Serra-Secca, etc.»

Em vista de todas estas indicações não póde deixar de ser a Serra-Sécca, a que hoje chamam Serra do Arressaio ou Ressáio.

Cumpre advertir que o valle d'Arouca é por toda a parte cercado d'alcantilladas serras; mas as de que tractamos são as que lhe ficam ao N., N.O, e O.N.O.

Desde os altos de Santa Luzia e Arressaio, descem as Serras d'Arouca até á esquerda do Douro, pelo que tudo são aguas vertentes d'este rio.

Averiguado isto, como me parece que está, vê-se que a chamada antigamente cidade d'Aregia, abrangia um vasto territorio que vou descrever com os nomes modernos.

Principiando a demarcação pelo sul do rio Douro (provincia do Douro), comprehendia a freguezia da Lomba, d'aqui cortando para S.E., pelos montes de Gahido, Cergido e Balahido, ia em direcção da serra de Gondra e d'aqui a Guilhafonso e Arressaio (Serra-Secca.)

Como só comprehendia as aguas vertentes (e não o valle d'Arouca) cortava do Arressaio na direcção do E.N.E., até Santa Luzia, d'aqui ia no mesmo rumo ao Gamarão, e d'aqui, virando para o N., ia descendo para a serra do Valle da Avó; d'aqui, torcendo para N.E. comprehendia as serras de Villella, Souzello e Espadanêdo, até chegar á margem esquerda do Douro, comprehendendo uns 20 kilometros d'este rio. Deixava pois no seu ambito toda a freguezia da Lomba, parte (pequena) das serras do concelho de Fermedo, todo o concelho de Paiva, parte do d'Arouca e parte do de São-Fins (hoje Sinfães.)

Ao N. do Douro, comprehendia Alpendurada; d'aqui, cortando ao N.O. ia ter a Penafiel; d'aqui voltando ao S., ia ás serras d'Aguiar, Recarei e Covêllo, terminando na villa de Melres: contendo n'este ambito parte dos concelhos de Canavezes, Penafiel e Gondomar; terminando esta medição na margem direita do Douro, na povoação de S. Thiago, em frente d'onde havia principiado.

Já se vê que o territorio *d'Arégia* era muito extenso.

Não pude saber quando esta cidade deixou d'existir; mas é certo que dos principios do seculo XII não se tornou a fallar n'ella. E' provavel que o conde D. Henrique, dando nova forma e mais adquadas divisões ao reino de Portugal, a supprimisse.

Segundo *Viterbo*, a egreja e freguezia de *Santa Maria da Eja*, na foz do Tamega, tomou o seu nome *d'Arégia*. E' certo que esta freguezia, ficava dentro da medição que descrevi.

Em 1061, reinando D. Fernando Magno, de Castella e Leão, em uma doação que fez o presbitero Fromosindo Romarigues ao sacerdote Sandila, seu filho, da egreja de *Villa-Real* (hoje *Real*, no concelho de Paiva) *se diz*—*in Villa-Real, territorium Enegia, subtus mons Serra-Sicca, discorrentem rivulo Sardoura* (ribeiro que ainda com o mesmo nome corre por esta freguezia, vide Sardoura) *flumen Durio*.

Esta doação é mais uma prova de que me não engano em dizer que a actual *Alregia* é no mesmo sitio da antiga cidade *d'Alregia*. E' verdade que eu não vi isto em escriptor nenhum; mas a quasi conformidade dos nomes e tudo o mais que deixo dito, provam que tambem eu fiz esta descoberta.

Quem quizer ver a tal doação mais circumstanciada, veja *Real*, concelho de Paiva.

Os *tamacanos*—povos que habitavam as margens do *Támaca* (hoje *Tâmega*) pertenciam, em parte, a esta cidade. Elles ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vid. Chaves).

**ARENOSA** ou **ARNOSA DE PAMPELLIDO**—vide Praia dos Ladrões.

**ARENTIN**—villa, Minho, comarca, concelho, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de de Lisboa, 100 fogos, 350 almas.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administractivo de Braga.

Foi couto. Era vigariaria do arcediagado de Braga, mas a renda era para os arcebispos.—Fertil.

**AREOZA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Meda, 50 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

*Areoza* é o mesmo que areenta, arnado, arnoso, arneiro, etc., sitio onde ha muita areia.

O parocho era cura, da apresentação do reitor de Ranhados. Tinha de rendimento 22 mil réis.

**AREOZA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros ao OE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Atribúo o nenhum desenvolvimento da população d'esta freguezia, a serem a maior parte dos seus moradores uns meros caseiros; pois as propriedades são quasi todas de natureza emphiteutica, e os directos senhorios, de fóra da terra.

Orago Santa Maria da Vinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia, que se pode considerar um arrabalde de Vianna, estende-se por uma bellissima e fertil planicie ao longo da costa do Oceano, sendo abrigada pelo N. e NE. por a serra do seu nome, o que a torna amena e aprasivel. É muito antiga.

Tem uma bonita egreja, muito bem situada; e muito bonitas casas e bôas quintas.

É atravessada por a estrada real do norte, feita em 1857, por onde passam diariamente seis *diligencias*, tres ascendentes e trez descendentes.

Tambem é por esta freguezia que hade passar a estrada de ferro do norte.

Grande numero de seus habitantes são trolhas e pedreiros, que de verão abandonam a sua terra e se espalham por todo o reino e por a Hespanha.

Proximo á praia, no sitio de *Monte-Dôr*, foi assassinado, em 930, *Alboazar*, rei, ou emir, mouro, de Gaia, por D. Ramiro II de Leão, á vista de sua amante (D. Urraca, mulher de D. Ramiro) a qual, vendo as barbaridades que seu marido fazia ao seu amante, disse:—Este monte se chamará *Monte da Dor*.—E assim se chama.—Outros dizem que ella dissera:—Ai que dôr!—quando assassinaram *Alboazar*.

Ao sahir de Vianna, para o N. encontra-se logo esta freguezia, depois Carrêço e em seguida a *Fife* (ou *Afife*) todas situadas na mesma planicie, no litoral, um dos mais bellos e ferteis sitios do Minho, e mesmo de Portugal.

Vide Ancora, Carrêço, Gaia e Cale.

A mesma etymologia.

Era cabeça do arciprestado de Vinha, na collegiada de Vallença; mas o parocho (vi-

gario) era apresentado pela mitra. Tinha de rendimento 200$000 réis.

Foi antigamente villa e couto, que D. Affonço Henriques deu á Sé de Tuy e ao seu bispo D. Paio, em 1137. (Então o bispado de Tuy chegava até á margem direita do rio Lima. Vide Braga.)

Em 1262, D. Affonço III, em troca d'esta, deu á dita Sé metade da de Afife, e a freguezia de Sá, em Ponte do Lima. Vindo os conegos de Tuy para Vallença, por causa do scisma, levantaram-se com as rendas que cá tinham. Depois veio esta renda a dividir-se em 3 partes, uma para a collegiada de Vallença, outra para a collegiada de Vianna e outra para o prelado.

**ARES** ou **AREZ** — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 36 kilometros ao O de Portalegre, 180 ao E de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Querem alguns que o nome lhe foi dado por os bons, puros e salutiferos ares que ha aqui.

Era da corôa. Fertil.

Situada em planicie e d'ella se vê Castello de Vide, Marvão, Niza e outras povoações.

O vigario era apresentado pelo tribunal da meza da consciencia. Tem thesoureiro com a renda de um moio de trigo, seis alqueires para hostias, 26 almudes de vinho, 24 arrateis de cêra lavrada, 7:000 réis em dinheiro e 6 canadas d'azeite para a alampada. O vigario tinha de renda dous moios de trigo, 20$000 réis em dinheiro, 52 almudes de *môsto* e 24 arrateis de cêra lavrada.

A sua commenda é uma das villas do mestrado d'Aviz. Tem misericordia (que é a capella do Espirito Santo) e hospital, de cuja origem não ha memoria.

Ha aqui uma celebre fonte, que nasce no interior de um rochedo. A agua tem cor de euxofre e pelo seu máo cheiro lhe chamam a *Fedegosa*. Dizem que é boa para a cura de varias molestias e são muito procuradas.

O desembargador J. M. do Casal Ribeiro, sendo provedor em Portalegre, mandou aqui fazer uma casa de banhos, que foi muito frequentada. Com a descoberta d'outras aguas mais efficazes, ou porque passou de móda, foi descrescendo a concorrencia e descurando-se os reparos do edificio, que pouco e pouco ficou reduzido a ruinas.

Passa por a freguezia a ribeira do *Sóto* que se mette na de Figueiró, no sitio do Satangunheiro. Rega e móe.

No termo d'esta villa, onde se divide de Niza e Alpalhão, ha um pôço chamado da *Lança*, ao qual se lhe não acha fundo. Muitos estrangeiros têem esgravatado em redor d'este pôço, e *Manoel Severim de Faria* (chantre da Sé d'Evora e curiosissimo antiquario) diz que alguns aqui acharam pedras de grande préço.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de outubro de 1517.

**ARES**—cidade antiga da Lusitania, na provincia do Alemtejo, arcebispado d'Evora. Não ha hoje d'esta povoação mais que as ruinas, e é uma das cidades destruidas de que faz mensão Julio Pacense. Vide Ayre

**ARESTAL** — lagoa, na serra d'este nome, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sever de Vouga, freguezia de Silva Escura. É muito profunda e lança agua para todas as partes, em grande abundancia, em todos os tempos do anno. Nascem d'ella os dous ribeiros Dornellas e Prezas (um morre no Caima, outre no Vouga.)

Alguns chamam a esta lagoa o *Olheiro*.

**ARESTAL** — serra, Douro, concelho de Sever do Vouga, freguezia de Silva Escura. Tem 9 kilometros de comprido e 6 de largo.

Tem muito arvoredo silvestre e matto, e em partes é cultivada e fertil.

Cria muito gado grosso e meido, e traz bastante caça.

Nascem n'esta serra os ribeiros *das Prezas*, *Remezal Silva Escura* e *Rio Máo*, que morrem no Caima e Vouga.

São aqui as grandes minas de cobre, em exploração, chamadas do Palhal (vide Palhal) e as de chumbo do Braçal. Vide Rio Máo, concelho de Sever e Braçal.

**ARGA** — (corrupção de *Agra*, e assim se chamava antigamente). Serra muito alta do Minho. Do seu cume se descobrem muitos

bispados e provincias, cidades, montes, rios e grande extensão do Oceano. Vide Agra.

É em partes povoada e cultivada.

(O padre Cardoso diz que os homeens d'aqui são muito espertos e as mulheres muito formosas. Eu cá não lhe achei differença nenhuma dos outros aldeãos do Minho).

Cria muito gado grosso e miudo, e no inverno tem tambem muitos lobos. Caça.

No alto da serra ha dilatadissimas plaanicies. Nos seus penhascos ha ninhos de aguias.

Lança quatro braços, para N., S., L., O., que se dilatam por espaço de 24 kilometros. São: serra da Senhora das Neves, monte de Santo Antão, monte do Facho e serra de Cima d'Ancora (ou Riba d'Ancora).

Nascem aqui muitas fontes, que, formando pequenos regatos, todos vão desaguar ao rio Coura; e o rio Ancora, que morre no Oceano.

Ha aqui a celebre ermida de S. João de Arga, muito frequentada.

Ha fortes razões para acreditar que Arga é o *Medullio* dos antigos, onde existiu a cidade de *Benis.* N'esta serra e em todas as suas visinhanças, se vêem ruinas de povoações e fortalezas antigas. Corre, em parte, parallela ao mar, desde Vianna até Caminha. Na palavra Medullio serei mais explicito.

Está tambem n'esta serra a capella de Santa Justa (acima das ruinas do castello da Formiga). Foi virgem e martyr, e era natural de Sevilha. Os casados que não têem filhos lhe levam (á Santa) frangos ou frangas brancas, para os conseguir.

Ha por toda esta serra muitos vestigios de povoações e fortalezas antigas, e é tradição que houve aqui cidades romanas.

Em um cabeço d'esta serra existiu o mosteiro *Maximo*, da Ordem de S. Bento, e duplex. Diz-se que a sua fundação é do VII seculo. Ainda existia em 1026, pois que D. Fernando de Leão, dividindo os condados de Entre Douro e Minho, n'esse anno, falla d'este mosteiro e do seu grande couto — «praeter cantum illud magnum, quod Reges olim dederunt Monasterio Maximo, sito in illo altissimo monte Agra.» Não pude saber o que foi feito d'este convento. Provavelmente foi destruido pelos mouros.

**ARGA** (Santo Antão de) — chamada tambem *Arga de Cima*, freguezia, Minho, concelho de Caminha, 40 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Tinha em 1757 48 fogos.

Chamava-se antigamente *Agra*, nome competentissimo, em vista do sitio agreste em que é situada.

É do infantado.

Terra frigidissima, desabrida e pobre.

O vigario era apresentado pela abbadeça do convento de Sant'Anna, de Vianna, que recebia os dizimos. Tinha de rendimento 13:000 réis e o pé d'altar.

Produz centeio, milho grosso e miudo e algum linho; do mais muito pouco.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era vigararia das freiras de Sant'Anna, de Vianna.

**ARGA** (S. João de) — freguezia no mesmo concelho e districto, 40 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É do infantado e tambem desabrida, fria e pobre como a antecedente. As mesmas producções agricolas, vinho, castanhas e fructas. Houve aqui um convento de monges de S. Bento, que eram senhores d'esta freguezia.

Suppõem alguns escriptores que este convento é fundação do sabio, pio e valoroso Sisebuto I, que reinou na Peninsula, desde 612 até 621. Outros dizem que é fundação de S. Fructuoso, arcebispo de Braga.

Em uma padieira (verga) se acha a era de 661, que vem a ser o anno 623 de Jesus Christo, mas então já era rei dos godos Flavio Suintila, filho de Flavio Ricaredo I, que foi o primeiro rei godo que dominou em toda a Peninsula.

Na serra d'Arga, além d'este convento, do de Cabanas, do de Bulhente (em Gontinhães) do de Valle de Pereiras e outros, habitavam tambem varios anachoretas e eremitães, uns em cabanas ou covas, outros em pequenos

hospicios, proximo a ermidas; pelo que os povos chamavam á serra d'Arga — *Serra Santa.*

Deixou de existir este mosteiro, mas continuaram as romarias annuaes, na egreja do convento, a 5 e 6 de maio e a 23 e 24 de junho, aonde vae gente de muitas freguezias dos arredores e até de Galliza.

Antigamente eram das maiores as romarias d'estes sitios; hoje, apesar de estarem muito decadentes, ainda são bastante concorridas, indo por essa occasião á egreja muitos *clamores* (especie de procissões) de varias freguezias.

—

Junto á egreja ha uma antiga sepultura, que se diz ser de um monge d'este convento. Crê o povo d'esta serra que, se algum animal passa sobre a sepultura, quebra as pernas.

Visitando o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres esto sitio, mandou cobrir a campa com uma pedra, de modo a evitar que se podesse passar por cima d'ella.

Em 1346 conservava-se o mosteiro com abbadia e monges. No meiado do seculo XVI passou a abbadia secular.

Nas bullas de reforma de Xisto V (1587) ordenou-se que a Ordem tornasse a tomar conta d'elle, o que não se verificou.

Depois foram os abbades apresentados pelos marquezes de Villa Real, que perderam todos os seus bens e a vida no supplicio (1641) por traidores á patria, mudando desde então o padroado para o infantado.

Ha tambem n'esta serra a capella dedicada a Santo Aginha, que a tradição affirma haver sido um salteador muito temido, mas que se converteu a instancias e persuasão de um padre que intentára roubar. O sacerdote, no acto de o confessar, impoz-lhe, dizem, a penitencia de permanecer n'este monte prestando auxilio aos viandantes no mesmo sitio em que d'antes os atacava.

Aconteceu passar um carreiro a quem se voltou o carro; Aginha correu a ajudal-o, mas o carreiro, ignorando a sua conversão, arreceiou-se d'elle, e pegando de uma enchada, matou-o com ella, correndo depois a declarar o succedido para ganhar o premio que se promettera a quem prendesse ou matasse o facinora.

Vieram por este motivo as auctoridades verificar o obito e encontraram o corpo bem conservado, e, ao que dizem, exhalando suavissimo cheiro, apesar de serem decorridos bastantes dias depois do fallecimento. O logar onde foi sepultado não é hoje conhecido, e sómente existe a ermida que está arruinada, mas que é ainda muito concorrida de fieis, que teem a devoção de trazerem d'ella terra, a que attribuem a virtude de curar os atacados de sesões.

Querem alguns que o nome de Aginha venha antes de Santa Eugenia, que é a padroeira.

Dos montes dos Arcos traziam os gados a pastar a estes sitios por serem mais quentes, e por isso pagavam ao alcaide-mór de Caminha, um vintem por cada cabeça.

O reitor era apresentado pelo abbade de Covas. Tinha de rendimento 40$000 réis.

Á casa de Bragança pertencia *metade dos fructos* d'esta freguezia, por n'ella ter feito *prestimonio.*

Cria gado miudo e grosso, lobos e caça. Vide Agra. Vide tambem a freguezia seguinte.

**ARGA** (Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção) — chamada tambem *Agra de Baixo*, freguezia no mesmo concelho e districto, 30 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

É tambem do infantado.

O cura era apresentado pelo abbade de Covas. Tinha de rendimento 50$000 réis.

Fructos como a antecedente.

Os dizimos eram metade para o abbade de Covas e a outra metade para os prestimonios d'esta e da antecedente; pois que a casa de Bragança tambem aqui tinha feito outro prestimonio.

Nascem aqui os ribeiros Ladeira e Abutres, que se juntam no sitio da Azebora (ou Azebra) e morrem no rio Coura. Vide Agra.

**ARGAN** — portuguez antigo, alforges, trouxa, taleigo, mochila, etc.

**ARGANIL** — villa, Beira Alta, 30 kilometros a E. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa,

600 fogos, 2:400 almas. Concelho 1:700 fogos, comarca 8:520. Orago S. Gens.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Feiras no 4.º domingo da quaresma, a 24 de junho e franca a 6, 7 e 8 de setembro.

Está situada em um bonito valle, junto a dois ribeiros do mesmo nome, que desaguam no Alva, acima de Sarzêdo (onde tem uma bonita ponte de pedra, feita em 1858).

*Arganil* é palavra portugueza antiga, diminutivo de *arga*, significa pequeno campo, campinho. *Arga* é corrupção de *agra*, campina, do latim agro, campo. Vide Agra e Arga.

Os bispos de Coimbra, desde D. João Galvão (25 de setembro de 1472) a quem D. Affonso V fez mercê para elle e successores, se intitulam condes de Arganil.

O rei deu isto ao bispo Galvão, em premio dos grandes serviços que lhe fez na jornada de Africa.

A distancia de 1:500 metros da villa, está um alto cabeço, de fórma pyramidal, no tope do qual é a capella de Nossa Senhora do Mont'alto, á qual se faz uma grande romaria a 15 de agosto e 6, 7 e 8 de setembro. É tão escarpado este monte, que só a pé e com grande custo se póde subir.

Esta villa é antiquissima.

Querem alguns que seja a cidade *Aussasia*, dos primeiros lusitanos, fundada 550 annos antes de Jesus Christo. Outros dizem que os romanos é que a fundaram pelos annos 150 de Jesus Christo, com o nome de *Argos*, que os arabes corromperam no actual.

Foi elevada a comarca em 1750.

O vigario da freguezia era da apresentação do real padroado. Tinha 40$000 réis.

Esta freguezia tinha em 1757 apenas 172 fogos.

Tem boas egrejas e Misericordia, fundada no anno de 1647, pelo povo.

A egreja de S. Pedro, proximo da villa (no sitio onde estão as ruinas de uma povoação antiga) é de architectura gothica e é tradição que foi mesquita de mouros.

A egreja da Senhora da Agonia é das melhores da provincia.

Tem um bom tribunal novo.

Tem aqui apparecido moedas romanas em differentes epocas.

No principio do seculo passado (1710) ao abrirem-se os alicerces para uma casa, na villa, appareceram varias moedas de ouro e prata, romanas.

Argos foi uma cidade muito florescente durante o imperio romano. Os arabes a arruinaram em 716, tornando-a a reedificar depois; mas não tornou a chegar á sua antiga prosperidade.

No real Archivo, não ha foral algum antigo d'esta villa; porém acha-se no *Livro Preto* da cathedral de Coimbra a fl. 225, v., datado de 25 de dezembro de 1114.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

A rainha D. Thereza deu esta villa aos bispos de Coimbra; para o seu bispo D. Gonçalo, na era de Cesar 1160. (1122 de Jesus Christo). Já n'este tempo existia o convento de S. Pedro de Folques. D'esta doação consta que D. Thereza tinha antes dado a villa a D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamarra, o qual fez *deixação* d'ella por outras terras que a rainha lhe deu.

Mas tal doação não teve effeito, ou porque ella mudou de disposição, ou (o que é mais provavel) porque a villa tornou a cair em poder dos arabes. É certo que em 1219, era senhor d'ella Affonso Pires de Arganil (o que trouxe as cabeças dos cinco martyres de Marrocos para a egreja de Santa Cruz de Coimbra.)

D. Affonso IV fez uma transacção com D. Senhorinha Affonso, neta de Affonso Pires, que tinha succedido no senhorio de Arganil, e esta villa tornou para a coroa. O mesmo D. Affonso IV a deu, em 1392, em dote a sua neta, a infanta D. Maria, filha de D. Pedro I e de sua primeira mulher D. Constança, para casar com o infante D. Fernando de Aragão. Esta senhora morreu sem filhos e a villa tornou para a coroa.

Em 1423 (1385) D. João I a deu a Martim Vasques da Cunha. Nove annos depois, e com as precisas licenças, fez este ultimo troca da villa de Arganil pela de Belmonte, que pertencia á sé de Coimbra, e assim veiu para os bispos d'esta cidade.

O bispo lhe deu Belmonte e seu termo e o couto de S. Romão. Assim ficou a sé de Coimbra com Arganil e todas as suas jurisdicções; mas a egreja ficou sendo do padroado real, e depois foi feita commenda de Christo.

Os bispos de Coimbra teem aqui um bom palacio, com uma capella de trez naves, situado junto á villa, fundado no seculo XIV por D. Fernando Rodrigues Redondo, que era então senhor de Arganil, por sua mulher D. Senhorinha Affonso.

O rio Alva e os dois ribeiros em que já fallei, fazem os arrabaldes da villa ferteis e aprasiveis. O Alva lhe dá lampreias, saveis e outros peixes.

É terra muito fertil de tudo.

Tem mercado no segundo domingo de cada mez.

Tem por armas uma amoreira. Em um monte proximo á villa, ha uma cova muito comprida a que chamam *Cova da Moura*; e junto a S. Pedro de Folques ha outras similhantes.

A matriz tem quatro beneficiados.

As villas de Pombeiro e Salaviza (ou Cellavizas) pagavam antigamente certo fôro a esta villa; mas, quando aqui compravam alguma cousa, eram isentos da siza.

Os bispos de Coimbra punham aqui ouvidores, que conheciam das appellações de vinte e duas villas, que eram coutos dos bispos-condes. Faziam mais um juiz ordinario, trez vereadores, um procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos, etc., etc.

Houve aqui um convento de cruzios, fundado por D. Vermudo Paes e sua mulher D. Elvira Draiz, por doação feita em 13 de junho de 1086, dando para elle, ao prior Goldrofe, umas herdades que tinham em Folques.

Em 1190, estando a egreja e convento muito arruinados, foram mudados de Arganil para a Matta de Folques, sob a invocação de S. Pedro. D. Sancho I coutou este convento em 1204.

Em 1472, D. Affonso V, por o prior de Folques largar a jurisdição secular que tinha em Arganil (para fazer conde ao bispo Galvão) deu ao dito prior, D. Miguel Pires da Silva, o titulo de conde da villa de Alvares e senhor da villa de Fajão.

O convento conservou os senhorios d'esta duas villas até 1834, tendo n'ellas jurisdições, pondo alcaides, recebendo *jugadas* etc. etc., e todas as vezes que os priores de Folques fossem á villa de Alvares, era a camara obrigada a dar-lhes um tanto em dinheiro, para o jantar.

Veiu este mosteiro ao poder de commendatarios, sendo o ultimo Luiz Carneiro, em tempo do rei D. Sebastião. Por morte d'elle (Carneiro) foi, passando alguns annos (em 1595) annexa a Santa Cruz de Coimbra.

**ARGELLA** — freguezia, Minho, concelho de Caminha, 55 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 96 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo e comarca de Vianna.

Situada sobre tres montes, d'onde se vê muita terra de Portugal e Galliza, a barra de Caminha, o forte da Insua e o Oceano.

E' abundante de aguas e fertil.

A fonte do solar, que vem encanada de 4:500 metros de distancia, se junta com mais algumas aguas e faz mover 36 moinhos e rega varias terras.

Pelo N. da freguezia passa o Coura. Diz-se que as pessoas do sul do reino, que para aqui vinham degredadas temporariamente, por crimes leves, é que deram á freguezia o nome de *Argelia* ou *Argel*, que se corrompeu no actual. *Se no é vero, é bene trovato.*

O abbade era apresentado pelos arcebispos e tinha de renda 100$000 réis.

**ARGELLA** — serra, Beira Baixa, na freguezia de *Lavacolhos* ou *Lavacolos* (como hoje se diz) termo da Covilhã. Principia na freguezia do Castellejo e finda na serra da Gardunha. Tem 6 kilometros de comprido e o mesmo de largo. Lança um braço para o N. que vae findar na freguezia do Peso. Tem uma boa pedreira de cantaria. E' cortada por valles, onde ha muito bom vinho e bastante azeite. E' em partes cultivada e tem muitas arvores de fructa, principalmente figueiras. Produz bom senteio, cria muito ga-

do grosso e miudo, muitas colmeias, lobos e caça miuda.

**ARGERIZ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Valle-Paços, 70 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

E' corrupção da palavra arabe *Algerás*, que significa campainhas ou chocalhos. Quer dizer, povoação dos chocalhos.

Antigamente dizia-se *Algeriz* ou *Aljariz*, e era mais proprio.

D. Affonso I doou o couto de Argeriz, em 1152, ao mosteiro de Salzedas. Já se vê que é povoação muito antiga, pelo menos do tempo dos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva.

O parocho apresentava o reitor de S. Nicolau do Carvalho.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do reitor de Carrazedo de Monte Negro. Tinha de rendimento 150$000 réis. E' fertil.

Produz muito sumagre.

Passa aqui o rio do seu nome, nasce no logar de Sarapigos e se mette no rio Crasto. Rega e móe.

Esta freguezia foi couto,.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

**ARGIVAI** ou **ARGIVAE**—freguezia, Douro, concelho da Povoa de Varzim, 35 kilode Braga, comarca de Villa do Conde, 36 metros a O. kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Tinha em 1757, 42 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Situada em plano na costa do Oceano.

E' terra muito saudavel e fertil.

D'aqui se vê o magestoso convento de freiras de Santa Clara de Villa do Conde, a distancia de 3 kilometros, e grande extensão de mar.

O cura era apresentado pelos arcebispos de Braga.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do cabido da Sé de Braga. Tinha de rendimento 30$000 réis.

Passa aqui o grande aqueducto por onde vae a agua para o dito convento de Santa Clara. Tem esta magnifica obra 6 kilometros do comprido principiando na raiz de um monte, na freguezia de Terroso, e finda no convento. (Vide Povoa de Varzim.)

Diz-se que a povoação foi fundada por uma colonia de argivos, que lhe deram o seu nome.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa ás da Povoa de Varzim.

**ARGOMIL**—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 12 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 40 fogos.

Tinha em 1757, 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

E' bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada nas abas de um monte, d'onde se vêem as villas de Jerméllo, Almeida, Castello-Rodrigo e a cidade de Pinhel.

O prior era apresentado pelos herdeiros de Pedro de Pina Carvalho, da Guarda; de Antonio Botelho, de Linhares e de D. Anna de Sacadeira, de Almeida. Tinha de rendimento 90$000 réis

**ARGONCILHE** ou **ARGANCILHE**—(como lhe chama Jorge Cardoso, no *Agiologio Lusitano*) freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 9 kilometros a E., 20 ao S. do Porto, 260 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Tinha em 1757, 377 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em montes e valles, cercada de pinhaes, e fertil, 9 kilometros ao O. do Douro.

Ha aqui uma grande romaria todos os annos a Santa Isabel.

Era *isento* do convento dos cruzios de Grijó, e por isso *nulius diocesis*, até 1834.

O parocho era cura, apresentação do mesmo convento, e tinha 12$000 réis e o pé de altar. Hoje é abbadia.

**ARGOZELLO** ou **ARGUZELLO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Outeiro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1757, 200 fogos.

Orago S. Fructuoso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada entre os rios Sabor e Maçãs, em planicie, d'onde se vê a villa do Vimioso, o castello da villa do Outeiro e outras povoações.

A matriz, que está actualmente no centro do logar, era primittivamente ao fundo d'elle.

O cura era apresentado pelo cabido de Miranda, o qual recebia os dizimos. Tinha apenas o que rendia o pé de altar.

Gosava os privilegios concedidos á casa de Bragança.

E' muito abundante de aguas.

Houve aqui fabricas de sola e cordovões.

Perto d'este povo, e em um alto cabeço, ha vestigios de uma antiga fortaleza; diz-se que fôra castello de mouros; e em partes ainda se vê a muralha, de quasi tres metros de grossura.

Nos seus montes ha porcos bravos e caça miuda.

**ARICERA**—(Vide Ariscera.)

**ARIOLLA** ou **ORIOLLA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Fozcôa, concelho da Meda, 310 kilometros ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

**ARISCERA**—freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 285 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757, 54 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho (cura) era da apresentação o reitor de Armamar. Tinha de renda 4$000 réis e o pé de altar.

**ARIZ** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 54 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era da corôa.

Parece que foi primeiro mosteiro de freiras bentas e depois passou a ser abbadia secular. Depois tornou aos monges benedictinos de Alpendurada e abbadia sua.

Frei Gaspar de Penella, que aqui foi abbade (era frade bento) trouxe para esta egreja, em 1560, muitas reliquias, sendo uma cruz feita com páo do Santo Lenho; parte de um espinho da corôa de Jesus Christo; parte de uma vara com que foi açoitado; parte do Santo Sudario; leite de Nossa Senhora; ossos dos apostolos S. Bartholomeu, Santo André, S. Thiago-Menor e de S. Mathias, de S. Martinho, papa, martyr, de S. Martinho, bispo, etc., etc.

Festeja-se isto tudo a 3 de maio.

O parocho era apresentado pelo dito convento de S. João de Alpendurada. Tinha de renda 350$000 réis.

E' terra bastante fertil e produz muito e bom vinho verde.

E' situada em planicie, com varios montes em roda, entre os quaes ha dois, um chamado da Forca e outro de S. Thiago-Maior de Arados, de grande altura.

**ARIZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757, tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

E' terra fertil, e produz muito e bom vinho.

O parocho (cura) era apresentado pelo abbade de S. Miguel de Pêra. Tinha de rendimento 6$000 réis e o pé de altar.

**ARMAÇÃO, ARMAÇÃO-DE-PERA**, ou **PERA-DE-BAIXO**—aldeia, Algarve, na freguezia de Pêra (hoje annexa á de Alcantarilha) concelho, comarca e 12 kilometros de Silves, 250 fogos, 1:000 almas; tudo pescadores.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Esta povoação está a 1:500 metros de Pera de Cima. Tem uma das praias mais extensas e proprias para banhos.

Pesca-se aqui muito e vario peixe, principalmente sardinha. Ainda em 1820 era apenas uma pobre aldeia, composta exclusiva-

mente de cabanas de pescadores e actualmente é uma bonita povoação, com boas casas.

No dia 1.º de novembro de 1755, o mar varreu toda esta povoação, deixando uma só casa de pé. Entrou mais de 3 kilometros pela terra dentro, innundando tudo. Morreram afogadas 84 pessoas.

A 1:500 metros, no sitio da Ponta da Gallé, houve antigamente uma grande armação para a pesca de atum.

Ha aqui 24 botes ou lanchas, exclusivamente destinados ao serviço da pesca. Cada um d'estes barcos é tripulado por 6 ou 7 pessoas.

Quasi sempre saem juntos, de madrugada, para o mar, e vão ás vezes a 24 kilometros de distancia. Chegam tambem quasi todos juntos. E' bonito vêr navegar, na sua ida e no regresso, esta esquadra em miniatura.

O peixe que pescam é vendido em lotes (em *lotas*, dizem elles) e comprado pelos *revendões*. Ha aqui uns 50 d'estes que não teem outro modo de vida, e vão vender o peixe até á distancia de 16 e 18 kilometros.

Outros negociantes ha tambem aqui, que no tempo da fartura, compram e salgam o peixe, para o venderem sêcco, no inverno.

Os pescadores da Armação, são musculosos, optimos marinheiros, de uma coragem a toda a prova, trabalhadores e bons.

Estas qualidades são communs a todos os maritimos algarvios. As mulheres são em geral bonitas, aceiadas e presumidas.

Como todos os pescadores das nossas costas, não costumam guardar no tempo da abundancia, para o da escacez; por isso de inverno chegam por muitas vezes a luctar contra os horrores da fome; mas teem sentimentos tão elevados, que raro é o que na maxima extremidade, estende a mão á caridade publica.

E' tambem uma praia de banhos muito concorrida na estação propria, sendo ás vezes egual á permanente a população fluctuante.

**ARMADOR-MÓR** ou **ARMEIRO-MÓR** — (primeiro teve o segundo titulo, depois o primeiro.) O primeiro armeiro-mór de Portugal, foi D. Duarte da Costa, feito por D. João III, pelos annos de 1525.

A obrigação que impunha este cargo era guardar e cuidar das armas do rei, tanto as da caça como as da guerra e prover que nas diversas provincias do reino houvessem artistas que trabalhassem em toda a qualidade de armas.

Por morte de alguns armadores-mores se foi esquecendo de prover outros, até que este logar caiu em desuso, julgo que desde o reinado de D. Affonso V. Pelo menos, de então para cá não apparece mais similhante officio em memoria alguma, que me conste.

Os actuaes condes de Mesquitella são os descendentes dos armeiros-mores.

**ARMAMAR** — villa, Beira Alta, 12 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 500 fogos, 1:700 almas, concelho 1:370 fogos, comarca 4:600.

Tinha em 1757, 337 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

E' povoação antiquissima. Ao N. fica o monte da Misarella, que é muito alto. Corre-lhe ao sopé o ribeiro Themi-Lobos. Do alto da Misarella gosa-se um extenso panorama.

Teve conde. Farta de tudo e muito bom vinho.

Chamou-se antigamente *Ermo-mór*.

Viterbo (*Elucid.*) diz que se chamava *Hermamar* ou *Ermamar*. Havia n'esta villa um grande personagem que era ferreiro. Chamava-se Fernão Martim, e sua mulher, D. Agueda. Em 1127, doaram elles ambos ao mosteiro de Salzedas uma vinha, no sitio de Valle de Nacar. Tambem em 1163, vendeu Pedro Viegas a D. Thereza Affonso, quarta mulher de D. Egas Moniz, tudo o que tinha nos territorios de Lamego e Ermamar, o que ella tambem doou aos frades de Salzedas.

Havia uma ermida de S. Miguel, onde hoje é a matriz. O logar estava antigamente no sitio chamado Almoinha ou Almuinha (vide esta palavra) e diz-se que se mudára para aqui por causa das formigas.

E' tradição que a egreja foi feita por Egas Moniz, antes da fundação do convento de

Salzedas. E' templo vasto e de tres naves, com bastante altura.

Era reitoria do padroado real e rendia 100$000 réis.

Tinha seis beneficiados. Foi commenda dos condes de Val-de-Reis (marquezes de Loulé) que pagavam ao parocho, beneficiados e sachristão.

O parocho d'aqui apresentava seis egrejas, que eram, Folgosa, Villa-Secca, Coura, Ariscera, S. Thiago e Tões, que eram filiaes e annexas.

A villa é situada sobre um monte cultivado e coberto de olivaes, hortas e vinhas, pelo S. e O.; pelos outros é inculto e muito ingreme. D'aqui se vê quasi toda a provincia de Traz-os-Montes, o arcebispado de Braga, bispado do Porto, serra do Marão, Peso da Regua e muitas freguezias.

A camara da villa de Fontêllo, era antigamente obrigada a vir encorporada ouvir missa a esta egreja no Domingo de Paschoa, sob pena de multa de 4$000 réis.

Feira no quarto domingo de cada mez.

—

Era n'esta freguezia o solar dos Mergulhões.

O appellido de Mergulhão é um dos nobres de Portugal. É oriundo da villa de Cáceres na Extremadura hespanhola. Não pude saber que cavalleiro trouxe este appellido para Portugal.

Suas armas são — em campo de prata, meio leão, asul, lampassado de purpura, sahindo d'uma faxa ondeáda de azul, e no contra-chefe, uma rosa encarnada, aberta, vazia, de prata. Elmo d'aço, aberto, e por timbre meio leão, como o das armas, com uma alabarda d'ouro, com ferro de prata, na garra direita.

É hoje chefe d'esta familia o sr. Acacio Mergulhão Neves Cabral de Macedo e Gama, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalheiro respeitavel pela sua illustração, pela nobreza dos seus principios e pelas optimas qualidades, que o adornam.

(Vide Misarella.)

Tres kilometros a NE, da villa está a capella de Sant'Anna, feita pelos fieis, e defronte d'ella uma fonte a que se attribuem virtudes pasmosas, como de sarar roturas, facilitar partos, dar vista a cegos, etc.

Dizem que esta fonte nasceu no mesmo dia da santa (26 de julho) no anno de 1720. Chama-se ao sitio onde está a capella e a fonte o *Passadouro*.

D. Sebastião de Mattos Noronha, foi natural d'esta villa. (Vide Braga e Loronha.)

Tambem aqui nasceu Gaspar Cardoso de Carvalho, dezembargador e corregedor do crime. da relação do Porto, avô do celebre e valente general realista José Cardozo de Carvalho e Menezes, e de seu irmão, o coronel Gonçalo Cardozo Barba de Menezes que aqui nasceram e morreram.

José Cardozo morreu em 3 de setembro de 1852 (11 dias antes de lord Wellington, que morreu a 14.)

D. Manuel lhe deu foral em Lisbôa, a 3 de maio de 1514.

Tem prosperado desde que é cabeça de comarca, creada por decreto de 24 do outubro de 1855.

Foi cabeça de condado, sendo o ultimo conde d'Armamar degolado, por traidor á patria, no *Rocio* de Lisboa, a 29 de agosto de 1641, sendo então supprimido este condado. (Vide Caminha e Loronha.)

**ARMENIA** — Alguns escriptores dizem que houve antigamente uma cidade d'este nome nas margens do Lima, acima da actual Ponte do Lima. Não ha d'ella outra noticia, nem vestigios.

**ARMIL** — freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario) era da apresentação dos monges benedictinos do convento de Pombeiro. Tinha de renda 50$000 réis.

Em 1757 tinha a freguezia 104 moradores.

**ARNADO** — Vide Arneiro.

**ARNAL** — aldeia, Extremadura, 6 kilometros a NO. da Batalha e 4 a NO. de Leiria.

Aqui se descobriu, por diligencia do re-

verendo Patricio B. Russell, em 1855, o pavimento de bello mosaico de uma vasta e sumptuosa casa romana.

Suppõe-se ser a *villa* (casa de campo) de alguma notabilidade romana da velha cidade de *Callipo*.

Ha tambem aqui uma abundante mina de carvão fossil, e outra, tambem abundante, de optimo ferro magnetico.

Esta ultima foi explorada pelos romanos, do que ha muitos vestigios aqui, em Porto de Mós, Alqueidão, Valle d'Horta, Necessidades (proximo a Leiria) e proximo á Marinha Grande. Em todos estes sitios tinham os romanos estabelecimentos metallurgicos.

**ARNALDO**—rio. (Vide Arda.)

**ARNAS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concêlho de Cernancelhe, 45 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757 104 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho (cura) era apresentado pelo commendador de Cernancelhe. Tinha de rendimento 30$000 réis.

Situada na encosta de um monte.

É terra bastante fertil.

**ARNEIRO**—portuguez antigo, areal, terreno areento, o mesmo que arnado, areoso, etc.

Ha na freguezia d'Aldeia Gallega da Merceana a aldeia do Arneiro.

Houve aqui a capella do Espirito Santo, que está hoje desmantelada.

Tinha annexo um hospital de caridade, que tambem já não existe.

Em frente está a magnifica propriedade que é actualmente do sr. Francisco da Costa Leal.

**ARNEIRO**—rio, Extremadura, que nasce em uns brejos proximo aos logares de Espinheiro e Arneiro de Milhariças, termo de Pérnes.

Tem 6 kilometros de curso e se mette no Alviella, junto á ponte de Pérnes, com o nome de rio do Porto do Centeio.

Nas suas margens ha muitas vinhas e arvores de fructo e silvestres e são cultivadas em partes.

Tem duas pontes de cantaria lavrada, de um só arco; uma na Gésteira e outra junto á sua foz, chamada de Pernes.

Faz mover lagares de azeite, moinhos e réga.

Suas aguas e pescarias foram sempre livres. Recebe os ribeiros do Tôco, Gésteira e S. Miguel, além d'outros menores.

**ARNEIRO DAS MILHARIÇAS**—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho de Pérnes até 1855, e desde então comarca e concelho de Santarem, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Tinha em 1757 157 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O parocho (cura) era apresentado pelos freguezes, confirmado pelo vigario de Pernes. Tinha de rendimento um alqueire de trigo de cada fogo inteiro, e meio de cada meio fogo. Um almude de vinho e duas canadas de azeite de cada chefe de familia.

Chama-se Arneiro por causa do seu solo areiento, e das Milhariças, por ser o nome de uma aldeia muito antiga que ha aqui.

A matriz era uma ermida feita pelos moradores e principiada em 1608 e concluida em 1610.

Foi feita freguezia pelo dr. João de Mattos Henriques, prior de Nossa Senhora dos Anjos Villa Verde, visitador pelo arcebispo de Lisboa e cardeal D. Luiz de Sousa, aos 10 do fevereiro de 1694; e aos 11 do mesmo mez deu posse da egreja ao cura, que n'ella ficou por parocho.

Até 1834 apresentava este cura o vigario de Pernes, de cuja freguezia se havia separado.

Corre-lhe ao S. o rio antecedente.

Está aqui o convento de S. João Baptista, fundado por D. João d'Aledcastre, em 1583.

**ARNEIRÓS** ou **SOUTO D'EL-REI** ou **VILLA NOVA DE SOUTO D'EL-REI**—freguezia, Beira Alta, nas proximidades de Lamego, 305 kilometros ao N. de Lisboa, 232 fogos.

Tinha em 1757 170 fogos.

Orago S. Sebastião.

Comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho era vigario collado da apresentação da mitra, e tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi couto, do qual era cabeça a villa de Souto d'El-rei, ou Villa Nova do Souto d'El-Rei. Sendo extincto este couto (que era dos bispos de Lamego) se tirou á villa a cathegoria, que havia conservado desde o reinado de D. Diniz, ficando reduzida a aldeia.

Nunca teve foral, que me conste.

É ainda cabeça do viscondado (antigo) do seu nome.

Ha aqui uma grande quinta do sr. Pinheiro Osorio, de Lamego.

N'esta freguezia nasceu o virtuoso e illustradissimo D. João de Magalhães e Avellar, lente cathedratico da Universidade de Coimbra, e bispo do Porto, sagrado a 29 de junho de 1816. Quando os liberaes entraram no Porto (9 de julho de 1832) fugiu para a Régoa, e adoecendo, foi morrer á terra do seu nascimento (Arneirós) no dia 18 de maio de 1833.

Jaz na capella mór da Sé de Lamego, no jazigo dos bispos.

A sua livraria, que lhe tinha custado mais de 70 contos de réis, foi vendida por seus herdeiros ao governo (para formar o nucleo do Bibliotheca do Porto) por 24 contos de réis.

Era modestissimo na sua vida e costumes, e applicava-se muito á leitura de bons livros, passando uma grande parte do tempo na sua riquissima livraria.

**ARNELLAS**—grande aldeia (maior do que muitas villas) Douro, freguezia do Olival e de Avintes, concelho de Gaia, comarca e 8 kilometros a E. do Porto, 300 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Situada em amphitheatro, sobre a margem esquerda do Douro.

Era até 1834 do concelho da Feira e do couto de Crestuma.

Passa por esta povoação um pequeno ribeiro do seu nome, que servia de divisão, a saber: — Ao E. d'elle era da freguezia do Olival, couto de Crestuma, concelho e comarca da Feira, e ao O, era da freguezia e couto de Avintes, concelho de Gaia, comarca do Porto.

Confinavam tambem aqui, servindo o mesmo ribeiro de divisão as provincias da Beira Alta, e do Minho, isto é, a E. do ribeiro era Beira Alta, e a O. Minho.

Ainda o mesmo ribeiro dividia o governo das armas de Almeida do do Porto, e a correição de Esgueira da d'esta cidade.

Terminava tambem no tal ribeiro o condado de Avintes.

Hoje só divide a freguezia de Avintes da do Olival, sendo da 1.ª o que fica ao O. do ribeiro, apenas 4 moradores, e do Olival o resto a E.

A povoação actual foi edificada pelos annos de 1540, sobre as ruinas da antiga, que provavelmente foi submergida por alguma enchente do Douro, na sua parte inferior.

A quinta do Paço, que foi dos condes da Feira (que para aqui vinham passar o verão) passou depois, por um casamento, para os condes d'Avintes (marquezes do Lavradio).

É na extremidade septemtrional da bella e fertil ribeira de Avintes, e chegava antigamente até ao tal ribeiro d'Arnellas, que tambem era a divisão do seu condado; mas elles foram aforando e emprazando uma grande parte d'esta extensissima quinta, desde o logar de Espinhaço até Arnellas, cujo espaço fórma hoje diversas propriedades.

Arnellas está em um sitio fertil, aprazivel e pittoresco, mirando-se nas aguas do Douro, e é uma das mais bonitas povoações das margens d'este rio.

Tem uma optima capella, feita com o tributo especial de um real em cada quartilho de vinho e outro real em cada raza de sal que se vendesse no couto de Crestuma, por mercê de D. João V. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 20 de outubro de 1723, e disse-se a primeira missa no dia da ascenção de Jesus Christo do anno de 1727.

Feira a 21 de setembro, de varios generos e grande quantidade de nozes.

Grande commercio com a cidade do Porto, pelo rio Douro.

**ARNOIA**—rio. (Vide Obidos.)

**ARNOIA** ou **ARNOYA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, districto, arcebispado e 45 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Orago S. João Baptista.

Dá-se tambem a esta freguezia o nome de S. João do Ermo d'Arnoia.

Era da coroa, e é muito fertil.

Está situada entre montes, d'onde se descobre Atey, Mondim de Basto, e outras freguezias.

Tinha um convento de frades benedictinos, antiquissimo. Alguns escriptores lhe dão por fundador D. Arnaldo de Bayão, tronco dos Azevêdos (vide Bayão) pelos annos de 995.

Ha aqui uma sepultura de D. Monio Moniz (ou D. Moninho) que n'ella foi enterrado em 1034. Pretendem alguns que este fosse o fundador do convento, mas é êrro. D. Monio o que fez foi enriquecer este convento, com muitas e valiosas doações. Era descendente de D. Arnaldo e ascendente do grande D. Egas Moniz.

Este convento era muito rico. Foi senhor do couto de Rebordello e de muitas rendas e terras, que perdeu no reinado de D. João I.

O parocho da freguezia (vigario) até 1834, era um frade bento, apresentado pelo abbade do mosteiro, e a egreja d'este é, e foi sempre, a matriz da freguezia.

Ha n'esta freguezia, sobre um alto monte, um castello, cuja muralha, pela sua grande antiguidade, se acha muito arruinada. Consta por tradição ser obra dos arabes.

—

Na aldeia de Santoadou (Santo Abdon) d'esta freguezia, diz-se qua existiu, até 1838, o solar do gloriosissimo portuguez, o doutor João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640. Todavia o mesmo Ribeiro, sendo juiz de fóra de Pinhel, declarou que era oriundo de Amarante, mas natural de Lisboa. Vide Amarante, Lisboa e Adon.

Este inclito patriota, morreu em Lisboa, a 11 d'agosto de 1649, e foi sepultado no claustro do convento de S. Francisco da Cidade, junto á porta do refeitorio.

O parocho (vigario regular) era um dos monges benedictinos do convento d'esta freguezia, da apresentação trienal do seu prelado. Seus rendimentos eram incertos.

Esta freguezia tinha em 1757, 160 fogos.

**ARNOIA** ou **ARNOYA**—aldeia, Beira Baixa, concelho da Certan.

Aqui nasceu, em 18 de dezembro de 1804, D. Jeronymo José da Matta.

Era 3.º filho do dr. Joaquim José da Matta e de D. Maria do Carmo e Matta.

De 18 ou 20 annos foi para o seminario de Cernache do Bomjardim, onde tomou ordens menores, e só com ellas foi em 1825 para Macau.

No real collegio de S. José d'esta cidade concluio os estudos e foi tomar ordens de presbitero a Manilha (archipelago das Philippinas) em 1829, as quaes lhe foram dadas pelo bispo d'Illocos (por ter morrido o bispo de Macau.)

Foi mestre de varias disciplinas no collegio de S. José de Macau.

Regressou a Arnoia em dezembro de 1837.

Em 1843 foi nomeado bispo coadjutor e futuro successor do bispado de Macau, para onde partiu em 1844.

A santa Sé lhe confirmou o titulo, fazendo-o bispo d'Autobosco, e em 1845, succedeu no bispado de Macau, sendo sagrado em dezembro de 1846 pelo bispo hespanhol de Cebú (Ilhas Philippinas.)

D. Jeronymo concluiu a Sé de Macau (que o seu antecessor deixou nos alicerces (1850.)

Foi presidente do concelho do governo de Macau (quando foi barbaramente assassinado o governador Amaral) e fez importantissimos serviços é egreja de Macau e ao estado.

Em razão das suas molestias regressou á patria em 1855, e foi residir para a aldeia onde nasceu.

**ARNOZA**—vide Arenosa.

**ARNOZELLA** ou **ARNOZELHA**—antiga freguezia, hoje annexa á de Ardegão, Minho, comarca e concelho de Fafé, 18 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 46 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Quando era freguezia independente, tinha vigario, apresentado pelos frades cruzios do convento de Caramôs, com 40$000 réis de renda.

Vide Ardegão.

**ARNOZINHO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

**ARNOZO**—vide Mosteiro.

**ARNOZO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 9 kilometros ao E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha esta freguezia 108 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fertil. Cria muito gado, principalmente bovino.

O parocho era abbade de concurso sinodal e tinha de rendimento 360$000 réis.

**ARNOZO** — freguezia, Minho, no mesmo concelho, comarca e distancias, 70 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 75 fogos.

Orago Santa Eulalia.

O vigario apresentado pelo deão da Sé de Braga, tinha de rendimento 130$000 réis.

**AROEIRA**—rio, Estremadura, bispado de Leiria.

Tem seu principio no sitio de Nasce-Agua por cima do logar de Fonte-Cova, freguezia de Monte-Redondo, termo de Monte-mor-Velho.

Nasce de uns formosos olhos d'agua muito abundantes. Primeiro se chama Fonte-Cova e depois Aroeira.

Mette-se no rio Real (que vem de Leiria) no sitio das Pontes-da-Bajanca, junto no logar da Anja, freguezia de Corvide.

Tem uma bôa ponte de cantaria no sitio de Aroeira.

Rega e móe.

**ARÕES** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É a freguezia de Santa Christina d'Arões, para a differençar da seguinte.

O parocho (abbade) era apresentado pelo rei, por ser a egreja do real padroado.

Tinha de rendimento 200$000 réis.

**ARÕES** (S. Romão) — freguezia, Minho, mesmo concelho e comarca, 24 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa. 200 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757 94 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era apresentado pela casa de Bragança, que tinha aqui o direito de padroado e grandes rendas.

Tinha (o abbade) de renda 255$000 réis.

**ARÕES**—freguezia, Douro, comarca d'Oliveira d'Azemeis, concelho de Cambra, 40 kilometros ao N.O. de Vizeu, 6 a E. d'Oliveira d'Azemeis, 40 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa. 280 fogos.

Orago S. Simão.

Bispado de Vizeu, districto administrativo d'Aveiro.

Tinha esta freguezia em 1757, 296 fogos.

N'este numero de fogos se comprehende a extincta freguezia da Junqueira, que está annexa a esta, desde 1702.

Foi antigamente da comarca da Feira.

Está situada entre serras e montes muito altos. É muito fertil, aprasivel, fresca e saudavel.

Cria muito e bom gado bovino; as suas vitellas são deliciosas; tem tambem gado miudo e algumas colmeias.

Ha aqui muita caça miuda.

O parocho (abbade) era apresentado pela casa do infantado, a quem a freguezia pertence. Tinha de rendimento (o abbade) 560$000 réis.

**AROSA**—Vide Aroza.

**AROUCA DA SERRA**—pequena, villa, Beira Baixa, situada na serra d'Estrella, comarca da Guarda, 300 kilemetros ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

**AROUCA**—villa, Douro, 70 kilometros ao ENE. d'Aveiro, 48 ao O. de Lamego (a cujo bispado pertence) 48 ao SE. do Porto, 20 a NE. d'Oliveira de Azemeis, 310 ao N. de Lisboa, 460 fogos, 1:600 almas; no concelho 2:260 fogos, na comarca 6:600.

Em 1660 tinha 120 fogos e em 1757 228.

Orago S. Barthelomeo.

Districto administrativo de Aveiro.

A abbadeça do mosteiro apresentava o cura da freguezia, que tinha 40 almudes de vinho, o pé d'altar e a ração do convento.

Situada na extremidade NE. do bellissimo e fertilissimo valle d'Arouca, abrigada do S pela serra da Freita, e do E., N. E, N. e N. O pelas serras da Mó e Gamarão. Passam pela villa os ribeiros Marialva e Silvares, que, juntando-se ahi, formam o rio *Arda* (vide esta palavra) que faz mover um lagar d'azeite, varios moinhos de pão e fertilisa grande extensão do valle.

Quando a fundação de qualquer povoação sóbe a uma remota antiguidade, havemos infalivelmente topar com dificuldades, fabulas e hypothesis. É o que acontesse com Arouca.

É incontestavel que esta povoação é antiquissima e póde affirmar-se que foi fundada pelos gallos celtas, 4 ou 5 seculos antes de J. C.; pois ainda que eu não acho memorias escriptas que attestem isto, os innumeros monumentos celtas (*antas* e *mâmoas*) que se encontram em quasi todo o concelho, evidenceiam a diuturna permanencia d'aquelles póvos por estes sitios.

É tradição que a villa primittiva era na aldeia do *Burgo*, freguezia de Salvador, a 1:500 metros a O. da actual villa, e, a dizer a verdade, *Burgo* é synomino de villa, como todos sabem.

Mas tambem é synonimo d'arrabalde. Vide Burgo.

É certo que ainda em 1864 alli havia as paredes da casa da camara e o pellourinho, sendo então arrazada a casa da camara para se fazer a nóva estrada para Oliveira d'Azemeis. Ainda que a povoação do Burgo mostra muita antiguidade, não me parece que ella vá álem do seculo VII ou VIII. (Adiante se verá quando se falla a primeira vez no Burgo ou villa Mean do Burgo.

Nem foi povoação importante, aliás os nossos primeiros reis, que deram foraes a tantas terras insignificantes (até a muitissimas aldeias que nem eram cabeça de freguezia) de certo lhe teriam concedido foral.

Em Franklim vem um foral dado a *Villa Mean* (aldeia) por D. Affonço III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255; mas nem diz em que provincia, nem diz Villa Mean do Burgo, simplesmente *Villa Mean*. Ora todos sabem que ha muitas povoações d'este nome, pelo que é impossivel, sem se ler todo o foral, saber-se a que Villa Mean pertence. Pareceme porem que não é d'aqui, porque o não vejo notado em parte nenhuma.

Todavia parte d'esta freguezia formava um concelho independente, com camara e justiças proprias. (No Burgo vem isto bem explicado.)

O pelourinho lá esta ainda, junto á capella de Santo Antonio, para attestar aos vindouros que o Burgo já teve a preeminencia de *concelho* ou *couto*. Chamava-se antigamente «Villa Mean do Burgo.» (Vide Burgo.)

Dizem outros (e na minha opinião com mais solides fundamentos) que a primittiva villa d'Arouca foi onde hoje é a capella e aldeia de S. Pedro, a 500 metros a ENE. da villa.

É certissimo que, pelo menos, foi aqui a primittiva matriz d'Arouca, como adiante mostrarei.

Póde quasi affirmar-se que a actual povoação do *Burgo* nunca foi a cidade *Araducta*, nem a villa d'Arouca. Com este ultimo nome já a villa existia e era florescente no tempo dos gôdos, e foi sempre muito nomeada durante o reinado da raça pelagiana; não assim *Villa Mean do Burgo*, que, ainda que povoação antiga, é muito mais moderna que Arouca. Se o Burgo fosse povoação d'alguma importancia antes da fundação da monarchia, certamente seria mencionada por o conde D. Henrique, na doação que fez a Echa,

Martim, rei de Lamego, parte da qual adianta copio. A primeira vez que vejo nomeada a povoação do Burgo é em 920, como logo direi.

Principiemos pois a descrever o que foi Arouca, desde o tempo em que d'esta povoação ha memorias escriptas.

Ignora-se se no tempo dos primeiros lusitanos era povoação de importancia ou insignificante; só consta que, pelos annos do mundo 3970, isto é 34 annos antes de J. C., Cezar Augusto aqui fundou uma cidade com o nome *d'Arauca*, *Aruca* ou *Araducta*, que floresceu até 716 de J. C., em que os árabes a destruiram em grande parte, não tornando mais a adquirir a sua antiga prosperidade.

Não pude averiguar quando aqui foi recebida a religião christan; mas o que se sabe com certeza é que em 716 já havia em Arouca (pelo menos) duas parochias christans, Santo Estevam do Valle de Moldes e S. Pedro de Arouca (na falda meridional do monte de Nossa Senhora da Mó, onde ainda existe a capella e a aldeia de S. Pedro) e o convento.

A egreja de S Pedro, sendo pequena para a freguezia, foi mudada para a villa (para o sitio onde ainda em 1864 estava um arco, que então se mudou mais para SO. e serve actualmente de fechar o terreiro do convento.)

Esta nova matriz, cujo orago continuou a ser S. Pedro, era de trez naves, com galilé á porta .e era pegada no coro das freiras. Tinha da parte de fóra, sobre *cachorros* de pedra, na parede do coro antigo das freiras, quatro caixões de pedra e nelles sepultados *D. Ansur*, *D. Eleva*, sua mulher e os dous irmãos *Wandilio* e *Frederico* (ou como outros dizem *Vandilo* e *Loderigo)* filhos do fidalgo de Moldes, de cujos quatro individuos adiante se tractará.

Quando o convento se ampliou em 1220, foi esta egreja demolida, e ficou sendo a egreja do convento *mixti fori*, isto é, servindo tambem de matriz.

Passados alguns annos, e allegando as freiras que o serviço parochial (principalmente os casamentos e o ensino da doutrina aos meninos) lhe perturbavam as suas rezas do coro, fizeram fóra uma capella, da invocação de S. Bartholomeu, destinada unicamente para se receberem os noivos e para o ensino da doutrina. Não pude saber o anno em que se fez esta capella, e só averiguei que a mandou fazer D. Milicia, abbadeça perpetua do mosteiro.

Esta capella, que serve de matriz, pela sua architectura, parece muito mais antiga do que na realidade é. Devemos porem notar que o seu frontispicio é o mesmo da antiga egreja de São Pedro, que existindo ainda (pelas freiras cautelosamente conservado, já com a intenção de tirarem a matriz da sua egreja) foi empregado nesta construcção. Todavia esta capella é bastante antiga, pois a tal D. Milicia viveu no tempo de D. Affonso III e principio do reinado de D. Diniz.

Está pois feita ha perto de 600 annos.

Assim foram as freiras pouco e pouco pondo fóra de casa o cura da freguezia, até que ficou a capella de S. Bartholomeu servindo de matriz para tudo: e lá está no meio da praça attestando ainda o predom inio fradesco e o desmazello das camaras d'Arouca, que ha muitos annos deveriam ter tractado de obter(ou reivindicar) para matriz a vasta e sumptuasissima egreja do convento.

No altar de S. Bartholomeu (da tal chamada matriz) se vê um tumulo mettido na parede, com seu arco, e um lettreiro gothico (hoje illegivel) que segundo a tradição, é do padre João Fernandes, prior que foi da egreja de Rôge (em Cambra) o qual deixou um legado a esta egreja.

É impossivel seguir a ordem chronologica nestas cousas, pelo que vou tractando da villa e depois fallarei do convento mais circumstanciadamente.

Arouca tinha antigamente Misericordia e hospital.

A capella foifeita pelo povo, dando as freiras o chão e algum dinheiro.

O hospital era pegado á capella (no sitio onde hoje é a caza da camara) tambem feito pelo povo e sustentado com esmolas, e com as rendas de dois casaes, no logar de Fonte-Joanne, fraguezia d'Oliveira d'Azemeis.

Um provedor da Misericordia, allegando que os fóros em *Fonte Joanna* ficavam *muito longe* (!) obteve licença para os vender, o que

fez, pondo o dinheiro que elles deram, a juro; mas passados poucos annos desappareceram os juros e o capital, e lá se foi o pobre hospital.

Não sei como escapou a capella, que ainda que é pequena, está muito decente e suas paredes são forradas de bons azulejos antigos. As escadas exteriores são guardadas por umas bonitas grades de ferro, de dois metros de altura, feitas em 1860, sendo provedor o senhor commendador Antonio Teixeira de Brito.

Em 1850 (pouco mais ou menos) alguns cavalheiros da villa, promoveram uma subscripção e fundaram na rua do Juiz um pequeno hospital para pobres, que existe.

Chamo-lhe rua do Juiz, por ser este o nome que alli se lhe dá; mas advirto os que nunca foram a Arouca, que aqui não ha ruas. A villa é composta de meia duzia (se tanto) de betesgas e beccos, estreitos, tortos, porquissimos, alguns mal calçados outros por calçar. Aperta-se o coração ao viajante que vae a primeira vez a esta villa, que, sendo a cabeça de uma comarca fertilissima e riquissima, esteja no mais reprehensivel e ignobil abandono.

As rendas do concelho, que são muitas, empregam-se em comezainas e jantarões desaforadamente publicos, pelas festas da villa e se alguma cousa sobra, ninguem mais lhe põe a vista em cima! As duas desgraçadas villas, d'Arouca e Sobrado de Paiva (sua visinha) estão clamando contra quantas vereações têem havido ha 60 ou 70 annos. Todas as villitas de Portugal (ou a maior parte d'ellas) se têem mais ou menos desenvolvido e melhorado n'estes ultimos tempos; mas estas duas assim estão, e estarão, até que homens de algum patriotismo tomem conta das varas *d'ediz*, e acabem com estes vexames.

A casa da camara, ainda que pequena, tem um bonito risco e é muito decente. Foi feita em 1822, sendo juiz o pae do dito senhor commendador Brito.

Em 1038, D. Fernando Magno de Castella e Leão, e o famoso D. Ruy Dias de Bivar (o *Cid.*) derrotaram aqui as tropas de *Zadão Iben*, rei mouro de Lamego; porém a mais famosa batalha que aqui se deu foi em 1102.

Vou tratar d'ella mais circumstanciadamente.

Quando o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza Affonso, vieram para Portugal, era Egas Moniz varão tão famoso em armas, nobreza e riqueza, que foi o primeiro vassallo de Portugal, e muito respeitado e amado de D. Henrique.

Egas Moniz era filho de Moninho Ermiguez e D. Moninha; neto de D. Ermigio Egas, todos portuguezes (e não francezes, como diz Duarte Galvão.)

Casou a primeira vez em Castella, com D. Mayor Peres da Silva, filha de Payo Guterres da Silva. D'este matrimonio houve um filho chamado Lourenço Viegas (pelo seu grande valor, cognominado o *Espadeiro*).

Casou Egas Moniz em segundas nupcias com D. Thereza Affonso d'Asturias, filha do conde D. Affonso, de quem teve varios filhos. (Ha quem diga que elle casou quatro vezes, mas não dá prova plena). Estando havia pouco tempo em Portugal (1102) o conde D. Henrique, Echa Martim, rei de Lamego, confiado no pouco poder do conde, se rebelou contra elle (porque eram os reis de Lamego tributarios dos de Leão, desde 1038, e pelo casamento do conde ficaram sendo seus tributarios) e veio o tal Echa, com muita gente, talar os campos dos christãos, saqueando-os e fazendo-os captivos.

Com grandes despojos e muitos prisioneiros se recolhia o rei arabe a Lamego com a sua preza, indo perém vagarosamente, porque levava uma de suas mulheres, chamada Axa Anzures, a quem muito amava, e grande quantidade de bagagens.

O nome da mulher d'Echa-Martim em arabe é *Ayxa Ansora*.

O conde D. Henrique e D. Egas Moniz reuniram a gente que puderam e foram em seguimento dos mouros, encontrando-os em um valle, junto ao mosteiro d'Arouca, que então era de frades bentos.

Parece que este encontro teve logar junto á villa do Burgo, nos campos ao E. de Santa Eulalia.

A mulher do rei mouro e as suas bagagens foram postas na Serra Secca (julgo que n'aquelles tempos se chamava Secca Secca á que hoje se chama *Arreçaio.*) Diz-se que a capella de Santo Antonio do Burgo se fundou em memoria d'esta victoria, e que o monumento que existe junto a ella, foi a sepultura de algum chefe portuguez, que morreu n'esta batalha.

O mouro mandou subir todas as suas bagagens e mulheres, ao tal monte então chamado Serra-Secca. D. Henrique o atacou no valle, emquanto D. Egas Moniz atacava os do monte; e, depois de prodigios de bravura de parte a parte, foram os mouros completamente derratodos em ambas as posições.

Em 1125 (quatro annos antes do seu fallecimento) fez a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, ao abbade de Cister João Cirita, doação para o convento de bernardos, de S. Christovão de Lafões, de uma herdade «*que tenho* (diz a doação) *junto de Arouca, por onde corre o rio Alarda, entre a Corredoura e a Serra Secca, descorrendo pela varzea ao redor, etc., etc. Eu, o infante D. Affonso, filho da rainha D. Thereza, a confirmo com a minha propria mão—o conde D. Fernando, governador de Coimbra, confirmo esta carta, que vi com meus olhos — Bermundo Peres, governador de Vizeu, confirmo—Egas Gozendes, governador de Baião, confirmo—Pedro, por sobrenome o Bispo, pintou o signal da rainha.*» Trouxe para aqui esta curiosidade por causa da Serra Secca, da Corredoura e do rio Alarda. Sobre a Serra Secca, vide Arêja. Ninguem hoje em Arouca dá a mais leve noticia da tal Serra Secca.

Echa e sua mulher ficaram captivos (e quasi todos os seus que escaparam dá morte) porém D. Henrique tão bem os tratou e tanto fez, que conseguiu que elles se fizessem christãos. D. Henrique fez Echa, senhor de Lamego e seu termo, por doação authentica que diz: «*como a elle sempre teve d'herança dos mouros seus antepassados, que alli reinaram. E porque eu o venci e sujeitei, de traz do monte Fuste, no valle d'Arouca, junto ao rio Alarda, e o prendeu alli o valoroso soldado e rico homem Egas Moniz, e captivos Axa Ansures, com muitas mulheres que estavam postas sobre a Serra Secca; e, depois de os ter em meu poder, se quizeram fazer christãos, assim elle como Axa Ansures; lhe dou a elle e seus descendentes (se forem bons e fieis christãos) o logar de Lamego com toda a sua jurisdicção e elle nos pagará cada anno a quadragesima parte das rendas d'esta terra, e nós teremos o cuidado de o defender de seus inimigos e elle nos será fiel e bom de coração. Foi feita a presente carta em Guimarães, na era de 1140 (1102) aos 13 de novembro. Eu Henrique, conde, confirmo.—Eu rainha Thereza, confirmo.—Ayres Peres, senhor da terra de Vizeu, confirmo—Pero Egas, agoazil de Coimbra, confirmo—Egas Moniz, senhor de Riba Minho, confirmo—Viegas João, governador da Terra de Santa Maria, confirmo—Lucendo Peres, alferes, confirmo—Soeiro Pelayo, Gonçalo e Rozendo, testemunhas—Sezinando, notou.*»

Dei aqui em vulgar, parte da doação. Quem a quizer ver na sua integra, no latim d'aquelle tempo, leia a *Chronica de Cister*, tomo 1.º, livro 5.º, cap. 1.º, pag. 559.

A cruz servia então de sello, com o nome de Portugal ao redor.

Esta doação ainda ha poucos annos existia no cartorio do convento de Arouca, e ainda provavelmente lá existe (se o sr. Alexandre Herculano a não levou, como levou muitos outros preciosos manuscriptos que existiam no cartorio d'este mosteiro).

O sr. Herculano foi, por ordem do governo, examinar o archivo do convento d'Arouca (parece-me que em 1860) para alli tirar esclarecimentos para a sua *Historia de Portugal.* Trouxe para Lisboa uma carga de papeis velhos, que, escolhidos por individuo tão competente, de certo haviam de ser importantissimos. Não foram ainda restituidos ao mosteiro, nem o devem ser; porque havendo alli actualmente (1873) só tres freiras, está aquillo a acabar, e toda a papellada do convento será provavelmente espatifada. Ao menos os que estiverem em poder do sr. Herculano serão salvos do cataclismo inevitavel aos outros.

Os mouros quando dominavam em Arou-

ca, tinham um acampamento permanente no monte chamado *Crasto* ou *Arraial*.

No tempo de D. Affonso VI de Leão (avô do nosso D. Affonso I) pelos annos de 1080, era a comarca de Arouca extensa e importantissima, pois que aquelle rei (que se intitulava imperador das Hespanhas) fez d'aqui governador ao conde D. Egas Hermigio, tio de Egas Moniz.

O valle de Arouca, cercado por todos os lados de altas montanhas graniticas, é abundante d'aguas, e seu terreno muito bem cultivado e feracissimo, produz com profusão todos os fructos do nosso paiz, sendo o seu linho de optima qualidade, fazendo-se d'elle finissimas teas. O seu azeite não tem no reino superior em qualidade, e suas fructas são optimas.

Sobranceiro á villa, ao NE. d'ella, está o monte ou cabeço da Senhora da Mó, com mais de 600 metros d'altura sobre o nivel do mar, e que se vê de muitas leguas de distancia, e do qual se avistam terras de cinco provincias (Douro, Minho, Traz-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa). No tope da serra está a capella da Senhora que dá o nome ao monte. Dizem alguns que é aqui a *Serra Secca* de que falla o conde D. Henrique, na doação que atraz copiei em parte.

Em 1858 se approvou e mandou construir a estrada de Arouca a Oliveira de Azemeis, mas apenas até hoje (1873) se acham concluidos uns 12 kilometros.

Esta estrada, que corta o valle de Arouca, é das mais bellas de Portugal, e quem vae a primeira vez á villa de Arouca, e vê de 6 kilometros de distancia o magestoso convento das freiras, e até chegar a elle, julga que vae entrar em uma linda e grande cidade; mas apenas entra na villa fica horrivelmente desapontado.

A villa de Arouca (á excepção das bellas casas dos herdeiros do sr. commendador Brito e de poucas mais, soffriveis) não é senão um amontoado de casebres velhos e esburacados, feitos de palha e barro (onde ha tanta e tão boa pedra) e suas *ruas* não passam de becos tortos, estreitos, immundissimos e mal calçados.

A falta de vias de communicação (e outras causas que não quero apontar) fazem conservar esta villa estacionaria, no meio do geral desenvolvimento que se vê em outras muitas terras; ella que tem condições de prosperidade em nada inferiores ás mais florescentes.

O seu clima, posto que excessivo, é muito saudavel, e nunca alli se conheceu molestia alguma endemica.

Ha no concelho minas de cobre, chumbo, ferro, carvão e plombagina (graphites) que se não exploram; e no monte ou serra da Carraceira, freguezia de Tropeço, ha pedreiras de bella calcedonia.

D. Affonso I lhe deu foral, em abril de 1151, confirmado por seu neto D. Affonso II, em Coimbra, em novembro de 1217. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1513.

Já disse que quando os mouros invadiram a Lusitania, em 716, já em Arouca havia (pelo menos) duas parochias — Santo Estevão do Valle de Moldes e S. Pedro do Valle de Arouca.

O bispo de Lamego era padroeiro d'estas duas egrejas; mas abandonou-as desde a invasão dos mouros.

Havia n'esse tempo em Moldes um fidalgo muito bravo, rico e poderoso, que conservou sempre o culto christão n'estas freguezias, mandando n'ellas dizer missas, celebrar todos os officios divinos e apresentando os parochos, que confirmava o bispo da Galliza, por não haver outro mais perto. (Vide Moldes).

Assim estiveram as cousas até 811, em cujo anno D. Affonso de Castella e Leão, e seu sobrinho, o famoso Bernardo del Carpio, resgataram esta parte da Lusitania do poder dos arabes.

O bispo que então se poz em Lamego, quiz logo apossar-se dos padroados de Moldes e Arouca; mas o fidalgo de Moldes, que, como seus antepassados, havia 95 annos tinha sempre, á custa de toda a qualidade de sacrificios, conservado estes padroados, se oppoz com bons fundamentos, pelo que o bispo lhe poz *pleito*, que durou alguns annos, terminando (por intervenção de D. Affonso Henriques) por arbitros, nomeando o bispo,

o abbade do convento benedictino de Paço de Souza e o fidalgo, o grande Egas Moniz; (Viterbo diz *Egas Ermigiz*, vide Moldes) que para ficarem bem com ambas as partes, decidiram que o padroado ficasse pertencendo ao convento que havia em Arouca, o que se cumpriu.

Á excepção da egreja matriz de Santa Eulalia, que é moderna, assim como a freguezia, que foi creada em 1690, desmembrando-se parte da freguezia de Arouca e parte (a maior) da de Salvador; e das deVarzea e Santa Marinha, que foram pelo mesmo tempo desmembradas da de Urrô, todas as mais egrejas matrizes denotam muita antiguidade, mas não pude saber a data das suas edificações, senão da de Rossas, que foi edificada no tempo de D. Affonso VI, de Castella e Leão, na era de Cesar 1111 (1073 de Jesus Christo).

A de S. Miguel do Urrô é a que, pela sua architectura gothica, revela mais antiguidade, e é incontestavelmente (pelo menos) tão antiga como a monarchia portugueza.

—

Tratemos agora do real mosteiro de freiras da Ordem de Cister, um dos melhores (senão o melhor) do seu genero em Portugal, e que, como edificio, vale mais do que trez ou quatro villas de Arouca.

Ignora-se a data da sua fundação primitiva, e só se sabe que foi fundado por dois fidalgos de Moldes, antes de 716, isto é, no tempo dos godos. Era da Ordem de S. Bento, e *mixto* ou *dobrado* (de frades e freiras) e da invocação de S. Pedro e S. Paulo, apostolos, e dos martyres S. Cosme e S. Damião. Os dois fundadores, que eram irmãos, se chamavam *Frederico* (ou *Loderigo*) e *Wandilio* (ou *Vandilo*). Deram este convento a monges que rezassem por suas almas e de seus maiores; conservando sobre o convento o direito de padroado, como era costume n'aquelle tempo.

Na era 958 de Cesar (920 de Jesus Christo) eram senhores do Valle de Arouca, D. Ansur e sua mulher D. Éleva.

R. M. da Silva, na sua *Poblacion General de Espana*, diz que em 950 eram senhores do Valle de Arouca, D. Ançur (ou Ansur) e sua mulher D. Helena. E que estes, em 7 de setembro de 951 deram o convento, de que eram padroeiros, ao abbade d'elle, Hermenegildo.

Pouco depois d'esta doação, os mouros invadiram o valle de Arouca, talando seus campos e saqueando e captivando seus moradores, arrazaram a villa; mas foi reedificada logo que os arabes a abandonaram.

Tambem alguns escriptores chamam *Ejeuva*, á mulher de D. Ansur. Vide Luzim.

Estes compraram o convento (isto é, o direito do padroado d'elle) aos herdeiros dos fundadores, e o reedificaram e ampliaram, e o deram a um abbade da Ordem de S. Bento, chamado Hermigildo, para viver n'elle com seus monges; e lhe deram a villa de Arouca, o padroado das egrejas de Arouca e Moldes e outras muitas herdades, por doação feita a 12 de abril da era de 999 (961 de Jesus Christo.

Ha grande barafunda nas datas antigas. Uns escriptores contam pela era de Cesar, ou pela de Jesus Christo, sem declararem por qual contaram; outros confundem uma com outra; outros quando dizem *era*, entende-se que é de Cesar, e quando dizem *anno*, entende-se que é de Jesus Christo. Eis porque eu acho uma differença de 48 annos na data d'esta doação, que alguns escriptores querem que fosse feita a 7 de setembro da *era* 951, que é no anno de Jesus Christo 913. Póde tambem ser que haja aqui falta de explicação ou de investigação, e que ambas as datas sejam verdadeiras, quero dizer, D. Ansur e sua mulher fizeram doação ao abbade Hermigildo (ou Herminigildo) em 913, sendo novos, e depois, em 961, vendo-se velhos e sem filhos, ratificaram e ampliaram a doação por uma nova escriptura. É o que me parece mais provavel, visto que no nome dos doadores e doado não ha differença, senão de Hermigildo para Herminigildo, e de Loderigo para Frederico, que vem a ser o mesmo.

Este D. Ansur e sua mulher viviam em Villa Mean do Burgo.

Já se vê que Villa Mean do Burgo, hoje simplesmente Burgo, é muito antiga; mas tambem a primeira vez que a vejo mencio-

nada é n'esta doação, em que os doadores declaram a sua residencia.

Admira-me todavia que, tendo o Burgo pelourinho e casa da camara, e sendo antigamente tratada por villa, os nossos primeiros reis, que tão solicitos eram em dar foraes a qualquer aldeola, o não concedessem a esta povoação. Pelo menos Franklim, não o traz mencionado.

D. Eleva, ficando viuva, e sem filhos, fundou, junto ao mosteiro, um recolhimento de *beatas*, que observavam tambem a regra de S. Bento; dando-lhe o resto do que possuia, e mettendo-se n'este recolhimento, onde falleceu. Foi posteriormente incorporado ao mosteiro, formando ambos um só convento.

Como os monges se relaxassem, vivendo escandalosamente, foram expulsos, e povoaram o convento só de freiras benedictinas.

Outros escriptores dizem que, quando Santa Mafalda para aqui veio, ainda o convento era *dobrado* ou *mixto*, e que foi ella que poz os frades fóra. Viterbo diz que foi de monges (bentos) até 1154, e que n'este anno, D. Tóda fez d'elle doação á abbadessa Elvira Annes e ás suas religiosas (bentas) e que em 1224 é que admittiram a reforma de S. Bernardo (Cister) o que praticaram a maior parte dos conventos benedictinos. (Cumpre notar, aos que o não saibam, que, verdadeiramente as ordens de S. Bento e S. Bernardo, são a mesma cousa; mas, S. Bernardo, que era frade benedictino, reformou o convento de Cister, dando-lhe nova e mais apertada regra, formando assim um ramo da ordem primitiva, do qual se tornou patriarcha. O abbade João Cirita, foi o que em Portugal instituiu esta reforma.

As freiras viveram muitos annos exemplarmente, mas por fim fizeram como os frades.

Foi por este tempo que téve logar o divorcio da formosa rainha D. Mafalda (filha de D. Sancho I de Portugal e da rainha D. Dulce, e irmã das santas rainhas D. Thereza e D. Sancha) com seu primo D. Henrique I de Castella; pois, tendo casado sem dispensa, foi o casamento annullado pelo papa, regressando a santa rainha para Portugal, virgem como foi, segundo é fama (pois tinha feito voto de castidade), e seu irmão D. Affonso II, por ella dizer que queria morrer freira, lhe deu a escolher o convento de Portugal que ella quizesse, para n'elle se recolher.

Preferiu ella este convento d'Arouca, e para aqui veio em 1220, restaurando e ampliando o convento, e reduzindo-o ao rigor claustral em que por suas irmãs já tinham sido postos os de Lorvão e Cellas.

Quando Santa Mafalda tomou posse do convento, achou-o arruinado, as rendas umas alienadas outras perdidas; a egreja sem ornamentos e as freiras vivendo pobremente, mais pelo trabalho de suas mãos do que pelas rendas da casa, que era esse um dos motivos da sua relaxação.

Viu a santa rainha, que, para obter o devido rigor, era preciso mudar o habito e os estatutos da ordem, pelo que, pelos meios legaes, reduziu o mosteiro á Ordem de Cister. (Já expuz o que disse Viterbo.)

Como o bispo de Lamego tinha jurisdição n'esta casa, lhe deu Santa Mafalda por ella tres casaes em Paiva.

O mosteiro pagava aos bispos de Lamego seis *aureos* de censo.

Para cessar este censo e a jurisdição do bispo, é que as freiras concordaram com D. Pelagio, então bispo de Lamego, de lhe darem os taes 3 casaes, em terras de Paiva. Esta troca foi feita em 1230.

Foi 1.ª abbadessa, depois da reforma, uma nobre dama, parenta da rainha santa, chamada D. Eldrada, ou Eldara. (Mais certo Elvira.)

A rainha santa, que aqui viveu perto de 70 annos, professando e observando a regra com o maior rigor e humildade, morreu no 1.º de maio de 1290.

Em 1617, aberto o seu sepulchro (para se tratar da sua canonisação) na presença de D. Martim Affonso Mexia, bispo de Lamego, se achou o corpo inteiro e incorrupto.

Já se vê que a santa morreu de mais de 90 annos, e quando foi para velha, andava sempre encostada a um bordão.

Santa Mafalda augmentou muitissimo as rendas d'este convento, com o que lhe deu seu irmão.

Eram estas os direitos reaes da villa d'Arouca, que era o quinto, como consta do seu foral, e toda á jurisdição da villa, muitas propriedades e rendas no concelho de Estarreja, com varios padroados de egrejas e o dominio directo de muitas herdades no concelho de Ferméde e no da Feira, e outras muitas mais rendas e fóros.

É curiosa uma clausula do testamento de Santa Mafalda, e por isso aqui a ponho para memoria; é a seguinte:

Todo o padre que quizesse assistir ao seu anniversario (quer fosse do valle, quer de fóra da terra) se lhe daria—um tostão em dinheiro, um prato pequeno d'ovos reaes, outro de tremôços (!), outro com uma queijada, um biscoito, uma talhada de pão leve, uma caixa pequena de marmellada, um prato de trutas, cinco pães de trigo, *cada um com quatro pontas*, um savel, e tres canadas de vinho (!)

Mais no dia 30 de abril (vespera do anniversario) um convite de todo o referido.

Em 1720, as freiras, vendo que se ia uma grande parte de suas rendas nas taes vesperas e anniversarios, arranjaram a acabar com aquelle uso.

As exequias eram feitas (segundo ã ordem expressa no testamento) com todas as formalidades que se usavam para as rainhas de Hespanha, e com a côroa e sceptro real.

Santa Mafalda trouxe para este convento uma cruz, feita da cruz de Jesus Christo, que foi de Santa Helena, mãe do imperador Constantino; o queixo de baixo de S. Braz, com tres dentes; um dente de S. Pedro e outras mais reliquias de menos importancia.

Foi aqui freira, D. Tóda Maria Coutinho, filha de D. Gastão Coutinho e de D. Philippa de Sousa; que viveu em trez differentes seculos; pois, nascendo em 1597, aqui morreu a 28 de julho de 1720, com quasi 123 annos de edade!

Foi contemporanea de sete reinados. Os tres Philippes; D. João IV; D. Affonso VI; D. Pedro II; e D. João V!

Santa Mafalda foi canonisada a 10 de janeiro de 1734. pelo papa Pio VI.

Jaz em um rico sarcophago de páo santo, guarnecido de prata, em um dos altares da egreja do convento.

Foi aqui freira Santa Espinella, cujo tumulo está levantado por detraz do côro de baixo; e outras senhoras eminentes em virtudes.

No seculo XVI ardeu o convento, escapando apenas a egreja, a enfermaria e pouco mais officinas.

Foi logo reedificado, muito mais amplo è com muito mais luxo do que era o antigo.

E' um dos melhores conventos de freiras do reino, e a sua egreja e côro, é das mais sumptuosas.

Faz pena ver que só tem tres freiras, e que antes de poucos annos estará provavelmente um immenso e medonho montão de ruinas, este bello e magestoso edificio, que tantos primores d'arte encerra e que tantos contos de réis custou!

Hoje, se se fosse a vender, não dava talvez o que custaram só as telhas!

Como já disse, esta obra é do 16.° seculo e a sua ordem architectonica é a chamada italico-classica.

Para se fazer uma relação (mesmo abreviada que fosse) de tudo o que ha de notavel n'esta egreja e n'este convento, seria preciso um volume maior do que qualquer dos d'este diccionario; por isso termino aqui com o que diz respeito ao real mosteiro d'Arouca: mesmo porque este artigo já vae extenso de mais, para a natureza d'esta obra.

Feira a 24 d'agosto, e mercado a 5 e 20 de cada mez.

Em dezembro de 1872, foram achadas, entre seis grossos tijolos, varias moedas romanas, de prata e cobre, antiquissimas. O sr. Cabral d'Azevedo, dono do sitio em que ellas se acharam, as offereceu, em janeiro de 1873, á camara do Porto, para o museu.

**AROUCE**—rio, Douro, nasce na serra de Trivim, e engrossando com varios ribeiros que se lhe juntam, toma a direcção de E. a O., por entre alcantiladas penedias, até 300 metros, pouco mais ou menos, da villa da Louzan. Rodeia uma especie de

cabo que ahi faz a serra da Louzan, o qual é formado de altissimos e medonhos rochedos inaccessiveis por toda a parte, menos pela especie de isthmo que o prende á serra.

Sobre este acervo de rochedos gigantes, vêem-se antigas fortificações, com um largo fosso.

É um pequeno castello, em que apenas se podem defender 40 soldados, mas tão bem construido, que apesar de antiquissimo e das escavações dos serranos em busca de thesouros encantados, ainda se conserva quasi inteiro, e a torre sobretudo está n'um perfeito estado de conservação.

Na frente do castello vêem-se as ruinas d'uma antiquissima povoação.

É a antiga villa da Louzan, que foi mudada para o sitio actual, julga-se que no reinado de D. Sancho I.

Do alto da fortaleza desfructa-se um bellissimo panorama.

A fundação d'este castello é remotissima. Suppõe-se feito pelos arabes, e o conde D. Sisnando, governador de Coimbra, o reedificou em 1080.

Ainda depois tornou a cahir em poder dos moiros, sendo reconquistado no fim do seculo XII pelos portuguezes.

Quando este castello foi conquistado aos mouros por D. Affonso I, ou seu filho D. Sancho I (é mais provavel que fosse em 1187 reinando já D. Sancho I, que este castello fosse resgatado do poder dos arabes) consta que appareceu então um livro antigo despedaçado e ensanguentado, contendo, entre outras coisas, o celebre poema attribuido ao ultimo rei godo, D. Rodrigo, que trata da conquista da Lusitania pelos arabes, e é o seguinte:

1.ª

«O *rouço* da *cava imprío* de tal sanha
«A Juliani et Horpas a saa grei daninhos,
«Que *ensembra* com os netos de Agar *fornezinhos.*
«Huma *atimaram prasmada* façanha.
«*Ca* Muça et Zariph com basta companha,
«Di *jusu* da *sina* do Miramolino,
«Co falso *infançon* e *preste* malino,
«De *Cepta adduxerom* ao *solar* de *Espanha.*

2.ª

«E perque era força *adarve* e *foçado*
«Da Betica Almina e o seu *casteval*
«O conde *per encha* e *pro comunal,*
«Em terra os *encreos poyaram a saa grado:*
«E Gibraltar *maguer* que *adarvado*
«E co *compridouro, per saa* defensom,
«Pelo *suzo* dito sem *algo* de afom
«*Presto* foi *delles* entrado e *filhado.*

3.ª

«E os *ende* filhados leaes á verdade,
«Os hostes sedentos de sangue de *oniudos*
«Mettero a cutela *a prés* de *rendudos,*
«Sem *esgoardarem* a seixo nem idade.
«E tendo *atimada* a tal crueldade
«O tempo e *orada* de Deus pro anarom,
«Voltando em mesquita *hu* logo adorarom
«Saa besta Mafoma a *medés* maldade.

4.ª

«O *gazu* et assalto que os da aleivosia
«Tramarom (pos *voltos* de *algos sayoms)*
«Co os dous almirantes da hoste *mandoms*
«*Quedarom* com *farta* soberba e *folia.*
«Et Algezira, que o *medés* temia
«Per ter a *maleza* cruenta *sabuda,*
«Mandou *mandadeiro* como era *teuda,*
«Aò *rouçom* do rei, que em Toledo *sia.*

Explicação d'algmas palavras mais antigas que figuram n'esta poesia:

*Rouço* (violador), *cava* (rameira), *imprío* (encheu), *ensembra* (juntamente), *fornezinhos* (bastardos), *atimaram* (acabaram), *prasmada* (pasmosa), *ca* (porque), *di jusu* (debaixo), *sina* (bandeira), *infançom* (fidalgo), *prestes* (padre), *Cepta* (Ceuta), *adduxerom* (trouxeram), *solar* (territorio)

*adarve* (castello), *fossado* (cercado de fóssos), *casteval* (alcaide-mór), *per encha* (por ira), *pro* (proveito), *comunal* (commum), *encreos* (incredulos, descrentes), *poyaram* (desembarcaram) *saa grado* (á sua vontade), *maguer* (entregue), *adarvado* (fortificado), *compridouro* (amplidão), *per saa* (por sua) *presto* (breve), *filhado* (tomado)

*ende* (alli), *oniudos* (christãos), *aprés* (depois), *rendudos* (rendidos), *esgoardarem* (at-

tenderem), *atimada* (concluida), *orada* (egreja, capella, logar de oração), *hu* (onde), *medés* (mesma, propria)

*gazu* (matança), *pos voltos de algos sayoms* (tomados de fidalgos algozes), *mandões* (chefes), *quedarom* (ficaram), *farta* (muita), *folía* (alegria), *medés* (mesma), *maleza* (maldade), *sabuda* (sabida), *mandadeiro* (parlamentario), *teuda* (rendida), *rouçom* (violador), *sia* (estava).

—

Tambem esse livro continha, segundo dizem, duas poesias feitas por Egas Moniz a D. Violante, aia da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.

(Ha bons escriptores que dizem que o famoso Egas Moniz só sabia dar boas cutiladas nos mouros e nos castelhanos, fundar egrejas e conventos, e rezar; e que nunca soube fazer versos. Que o Egas Moniz, poeta, era um sobrinho seu, fidalgo da côrte de D. Affonso I e de D. Sancho I.—Acho isto muito mais provavel; porque Egas Moniz, tio, quando D. Affonso I foi casado, já era velho, e tambem casado e com filhos homens e custa-me a acreditar que tão respeitavel varão, que em toda a sua vida deu provas da maior honradez e seriedade, degenerasse em trovador depois de caduco.)

Sejam do tio ou do sobrinho, eil-as:

PRIMEIRA CARTA

«Ficaredes-bos embora
«Taom coitada,
«Que *ei* boi-me por hi fora
«De longáda.

«Bai-se o bulto de mei corpo
«Mas ei nom:
«Que *çocos* bos finca morto
«O coraçom.

«Se pensades que ei *vom*
«Non no pensedes,
«Que *chantado* em bós *estom*
«E nom me bedes.

«Mei *jàzido* e mei amar
«Ambos *accarra*
«*Grenhas* tendes de *espelhar*
«E *luzia* cara.

«Nom farom estes meis olhos
«Tal *abesso*
«Que *esgravisem* os meis *dolos*
«Da *compeço*.

«Mas se ei for pera Mondego,
«Pois lá vom,
«Carulhas me *fagaom* cego
«Como ei som.

«Se das penas do *amorio*
«Que ei *retouço*
«Me figerem tornar frio
«Como ei som.

«*Amade-me* se queredes
«Como *lusco*,
«Senaom *torvo* m'acharedes
«A mui *fusco*.

«Se me bós a mi *leixardes*
«*Deis* me garde:
«Nom *asmeis* bós de queimardes
«Isto que arde.

«Hora nom deixedes nom,
«Que sois garrida;
«A sanom *cristelejom*
«Por minha hida.

*Egas Moniz Coellho.*

SEGUNDA CARTA

«Bem satisfeita ficades,
«Corpo d'oiro.
«Alegrade a quem amades,
«Que ei já *moiro*.

«Ei bós rogo bos lembredes
«Que bos *quige*
«A que *dolos* nom abedes
«Que bos *fige*.

«*Cambastes* a *Pertigal*
«Por *Castilha*:
«*Abasmades* o mei mal,
«Que dor me *filha*.

«*Granhaes-me* per *castijanos*
«E *pestineque*.
«*Achantaes-me* binte enganos
«Que me seque.

«Bedes *moiro*, bedes *moiro*,
«Biolante!
«Longe ba o *cestro* agoiro,
«Por diante.

«Bós bibede um *centanairo*
«Mui *garrioso*;
«Que ei me boi pera o *trintairo*
«Lagrimoso.

«Ha! se á bossa *remembrança*
«Ei bier,
«Dizei—Egas com folgança
«*Hu xiquer*.

«Ah, se oubirdes na *mortulha*
Os *campaneiros*,
«*Retouçade* na *mormulha*
«Os meis *marteiros*.

«Quando oubirdes *papear*
«O *castejom*,
«Lembredes lhe fije dar
«Já de *cotom*.

«Ah, que bos quige e requige
«*Como ber*,
«A nunca em coisa bos fige
«Desprazer!

«Nem bos *pódo* mais fallar
«*Qua nom falejo*,
«Qua bem podedes amar-me
«Qual ei sejo,

«Tenho todo o arcaboiço
«Sem feiçom;
«Mas ei bos bejo e oiço
«No coraçom.

«Bedes me *boi descaindo*
«Nesta hora:
«Bós, amor, ficade rindo
«Muito embora.

*Egas Moniz Coelho.*

Explicação de algumas palavras antigas: —*ei* (eu), *çocos* (sócos, tamancos)), *vom* (vou), *chantado* (mettido), *estom* (estou), *jàzido* (ser), *accarra* (mira), *grenhas* (cabellos), *espelhar* (brilhar), *luzia* (luzida), *abêsso* (sem-razão, outros dizem absurdo), *esgravisem* (expliquem), *dolos* (dores), *compeço* (principio), *carulhas* (carochas), *fagaom* (façam), *amorio* (amor), *retouço* (calco), *amade-me* (amae-me), *lusco* (cego), *torvo* (turbado), *fusco* (triste), *Deis* (Deus), *asmeis* (deixeis), *garrida* (alegre), *cristelejom* (expressão de despedida).

*Moiro* (morro), *quige* (quiz), *dolos* (perfidias), *fige* (fiz), *cambastes Pertigal* (trocaste Portugal), *Castilha* (Castella), *abasmades* (completaes), *filha* (toma), *granhais-me* (esqueceis-me), *castijanos* (castelhanos), *pestineque* (interjeição «peste os mate!»), *achantais-me* (metteis-me), *cestro* (mau, adverso), *centanairo* (cem annos), *garrioso* (divertido, alegre), *trintairo* (outro mundo), *remembrança* (lembrança), *hu xiquer* (onde quizer), *mortulha* (cemiterio), *campaneiros* (sineiros), *retouçade* (escarnecei), *mormulha* (barulho), *marteiros* (martyrios), *papear* (basofiar), *castejom* (castelhano), *cotom* (tombo, cambalhota), *como ber* (como á vista), *pódo* (pósso), *qua nom falejo* (que não tenho folego), *qual ei sejo* (qual eu sou), *boi descaindo* (vou definhando).

—

Miguel Leitão de Andrade diz que no tempo de Sertorio, reinára em Coimbra um tal *Arunce*, e que foi este que mandou fazer o castello de Arouce (ou da Louzan, como mais commumente se chama) e que a elle, ao rio e á povoação deu o seu nome; e que no tal castello escondera ou *encantára* uma sua formosa filha e todos os seus thesouros.

Fiados n'esta tradição é que tantos teem aqui trabalhado a ver se encontram os taes thesouros; mas o que teem feito sómente é arruinar em partes as muralhas. (Vide Louzan.)

**AROZA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757 58 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario) era apresentado pelos principaes da Basilica da Sé patriarchal. Tinha de rendimento 40$000 réis e o pé de altar.

**AROZELLO**—Vide Aruzello.

**ARRABAL**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 9 kilometros de Leiria, 144 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1727 tinha 303 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Deriva-se da palavra arabe *arrabab*, instrumento musico, especie de rebeca, a que nós, *corrupto vocabulo*, chamamos *arrabil*. Significa povoação da rebeca.

A esta freguezia está annexa outra que se chamou Arrebal, e tinha a mesma etymologia.

O parocho (cura) era apresentado pelo ordinario. Tinha de rendimento 120$000 réis.

**ARRABALDE DA PONTE**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e suburbios de Leiria, 430 fogos.

Orago S. Thiago.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma baixa para o N. ao pé da Costa do Castello, mas extra-muros.

O cura era apresentado pelo bispo d'aqui, que lhe dava um moio de trigo, 25 almudes de vinho e 4$000 réis em dinheiro. Os parochianos dávam-lhe o que queriam.

O *pé d'altar* era para o cabido da Sé de Leiria.

Houve aqui um convento de frades franciscanos, quasi todo arruinado com as inundações do Liz, que passa mesmo pelo meio da cerca.

Foi fundado em 1384 por D. João I, e á egreja se lançou a primeira pedra (pelo bispo de *Martyria*) em 14 de janeiro de 1562. É o mais antigo convento de franciscanos d'esta *provincia* em Portugal.

A freguezia é fertil.

Da banda d'além do rio, no bairro de Santo Antonio, ha uma casa a que chamam *hospital dos sequiosos e fatigados*, que tem obrigação de ter á porta um cantaro com agua e um pucaro e uma toalha, e da parte de dentro uma cama para qualquer pessoa que aqui quizer pernoitar, ao que tudo estão obrigados os herdeiros de Manuel Gomes, moradores nos Outeiros da Gandara, por possuirem varias fazendas com este encargo. É provavel que isto já acabasse. Em 1750 ainda se cumpria esta obrigação.

Havia tambem aqui algumas albergarias, que se venderam, revertendo a sua importancia e as suas rendas para a Misericordia de Leiria.

Ha tambem aqui uma fonte de agua sulphurica (que nasce tepida) boa para a cura das molestias cutaneas.

**ARRABIDA**—a mais alta serra do Alemtejo, comarca de Setubal, a Thebaida dos capuchos arrabidos. E' composta de pedra calcarea e termina no Cabo do Espichel, onde está, junto á praia, a gruta de Santa Margarida, que tem formosas stalatites e stalagmites.

Tem 640 metros acima do nivel do mar.

E' palavra arabe, *Arrabdá*, significa habitação de gado, logar de pastagem.

Dizem alguns que o nome actual d'esta serra vem do latim, *Rábidus;* alludindo á braveza e *raiva* com que o mar aqui bate na costa.

Outros, finalmente, derivam este nome da antiquissima cidade de *Arábriga*, que existiu na raiz da serra, entre Setubal e Cezimbra. (Vide Arábriga.)

Os romanos lhe chamavam *Mons-barbaricus*, e já antes d'elles se lhe dava o nome de *Promontorio barbarico.*

O nome actual foi-lhe incontestavelmente posto pelos mouros.

Diz-se que o nome de Barbarico se lhe pôz, pela grande barbaridade dos *sárrios*, primeiros habitadores d'esta serra.

Tem seu principio na freguezia da Ajuda, termo de Setubal. Tem 35 kilometros de comprido e 6 de largo.

Tem altos e baixos, e em um dos seus outeiros, chamado Castello de Olivede ou Olivete, ha vestigios de uma antiga fortaleza.

Tem mais os altos chamados, Cabeça-Gor-

da, Cabeço-de-Visão, Matta-da-Louriceira e Monte-Formosinho (onde, segundo a tradição, existiu um templo de Apollo, do qual ha ruinas.)

Tambem na vertente d'esta serra, onde hoje está a fortaleza do Outão, dizem que houve um templo dedicado a Neptuno. Em 1644, mandando D. João IV accrescentar esta fortaleza (sendo as obras dirigidas por Martim de Albuquerque, conde de Alegrete) nas escavações se achou parte de uma estatua de marmore, com versos em louvor de Neptuno e uma estatua de metal, do mesmo deus; entre as ruinas de um edificio que mostrava ser templo d'esta divindade, entre as quaes haviam muitas architraves e pedaços de columnas de marmore fino e inscripções latinas; nas quaes se dava áquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno.

(Vê-se pois que Promontorio Barbario não era nome commum a toda a serra, mas só á parte que corre desde o Outão até Cezimbra.)

Tambem por essa occasião appareceram muitas medalhas de cobre, dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano.

Manuel da Silva Mascarenhas, superintendente d'estas obras do forte, deu as medalhas, a estatua de marmore e os cippos a D. Pedro de Alencastre, arcebispo de Braga. A estatua de metal (sem Mascarenhas o saber) a fundiram para fazer artilheria para a mesma fortaleza. Barbaridade bastante (diz o padre Cardoso, e diz bem) para se dar a esta serra o nome de Promontorio dos Barbaros, se já o não tivesse.

Do alto da serra se descobrem para o N. todas as campinas de Azeitão até Lisboa; para o S., até Sines e algumas terras do Algarve, e pelo SO. uma vastissima extensão de mar.

Strabão diz que houve aqui minas de estanho e outros metaes

Tem bellissimos marmores de varias cores e produz a melhor *gran* de Portugal.

Tem grande copia de alecrim e muitas plantas medicinaes. Muita arvore silvestre; bastante caça do monte e muitissima do ar.

Tem esta serra muitos e profundissimos algáres, sendo o mais medonho o que está no caminho que vae para a Senhora do Carmo, onde chamam Val-Bom e que d'este logar vae sair ao sitio da Agua-Branca, 7 kilometros por baixo do chão.

Diz-se que não ha n'esta serra animaes venenosos.

Na ladeira da serra que olha para o mar, e quasi no meio d'ella, está o convento de capuchos franciscanos, chamados *arrabidos*, fundado em 1522 por frei Martinho de Santa Maria (castelhano) filho dos condes de Santo Estevam del Puerto; ao qual fez doação d'esta serra D. João de Alencastre, primeiro duque de Aveiro e parente do dito frade. Aqui viveu S. Pedro de Alcantara.

Este frei Martinho morreu no hospital de Lisboa, a 2 de janeiro de 1545.

Não é este convento um edificio continuado, como os outros; mas compõe-se de varias cellas (ou pequenos cubiculos) espalhadas por diversas partes da montanha, mas todas dentro de um dilatado muro, que lhe serve de clausura, á maneira das antigas *Lauras* do Egypto e Palestina.

Eram pobrissimos estes cubiculos, e tão estreitos que apenas lhe cabe uma pessoa.

A egreja é pobre como o convento, e só tem trez altares.

Desde o cabeço chamado *Monte Cabrão*, se veem muitas capellinhas, sendo a mais notavel a que em 1650 fez D. Antonio d'Alencastre, 6.° filho do duque d'Aveiro D. Alvaro; a qual lhe custou 16 mil crusados.

Tem casas para o ermitão.

Perto do convento ha umas casas que eram dos duques d'Aveiro.

Na raiz da serra, a bastante distancia do convento, está uma lapa com um altar de Santa Margarida, virgem martyr, onde cabem mais de 500 pessoas. Os povos de Seixal e Arrentella lhe fazem uma grande festa no seu dia.

A um kilometro d'esta lapa, para o lado de Setubal, mandou D. Pedro II fazer uma fortaleza em 1670, para que os mouros não viessem inquietar os frades e captival'os como até alli faziam.

Defronte da lapa se levanta, sobranceiro ao mar, o *Penêdo* do Duque.

Diz-se que aqui apparecia um *homem marinho.*

É tradicção que houve aqui antigamente um convento de cruzios, no mesmo sitio onde é o dos capuchos arrabidos.

Esta serra nos seus primeiros 12 kilometros, do lado de Setubal é penhascosa e infertil; mas os 18 kilometros para o lado do mar, são em muitas partes cultivados e muito ferteis.

**ARRACEF**—Portuguez antigo, recife ou arrecife.

**ARRAIAL**—Vide Alfarrobeira.

**ARRAIOLOS** ou **ARRAYOLÓS**—villa, Alemtejo, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros ao N. d'Evora, 108 a E. de Lisboa, 2:200 almas, no concelho 3:022, comarca 5:400. 573 fogos.

Em 1757 tinha 365 fogos.

O parocho (reitor) era apresentado pelo arcebispo, que era prior da freguezia. O reitor tinha de rendimento 180 alqueires de trigo, 60 de cevada e 21$000 réis em dinheiro.

Orago Nossa Senhora dos Martyres.

Feira no segundo domingo de julho e a 13 de junho.

Situada em uma elevação e muito sádia e fertil.

Tem um castello com seis torres, feito por D. Diniz em 1310.

Este castello tem duas portas (a da villa e a de *Santarem*.) Tem dentro muitas casas que os castelhanos incendiaram em 1386. (Desforravam-se nestas *bôas obras*, das tundas que levavam por toda a parte onde havia tropa portugueza.)

A villa em 1660 tinha 300 fogos.

É a *Calantica* dos romanos. Outros querem que seja a antiga *Arandiz*, descripta por Ptolomeu; mas, em todo o caso, a primittiva povoação era uns 5 ou 6 kilometros ao NO., do que ha muitos vertigios.

Se é (como é mais provavel) a antiga *Calantica*, foi fundada pelos gallos celtas, 360 annos antes de J. C., com o nome de *Calantia*, que os romanos alteraram, chamando-lhe *Calantica*.

Dizem outros que foi fundada pelos *sabinos, tusculanos* e *albanos* (que occupavam Evora antes de Sertorio) pelos annos 200 antes de J. C., dando o governo da villa ao capitão *Rayeu*; e dizem que d'aqui vem *Rayolos* e por fim *Arraiolos*.

Dizem outros que este capitão se chamava *Rayco* (nome grego) e d'este nome se chamou *Rayolis*, que mudou para o actual. Parece-me qua a differença do nome do tal capitão foi unicamente causada por algum auctor escrever mal a palavra, pondo um *C* que parecia um *E*, e assim se arranjou o nome de *Rayeu*, pois julgo que se chamava *Rayco*. É certo que a distancia de uns 5 e meio kilometros a N. O. d'Arraiolos se acham muitos vestigios de uma povoação romana, sendo o principal o proprio templo de Santa Anna, que é fundação dos romanos, dedicado ás suas divindades e depois reduzido a egreja christã. Segundo o senhor Rivara (de quem adiante fallaremos) ainda este edificio conserva 3 quartas partes da sua primittiva fabrica.

As antigas armas d'esta villa eram—uma cabeça na fórma de uma esphera, em memoria de Rayco. Hoje tem por armas as de Portugal sem corôa.

Com as frequentes guerras dos romanos e arabes se arruinou muito, e D. Diniz a reedificou em 1310, dando-lhe então foral e ennobecendo-a com um soberbo castello.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 29 de março de 1511.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 15.°

Tem Misericordia muito antiga e pobre, e hospital, aquella sómente para os pobres da terra e este para os passageiros.

Esta villa fica na parte mais central do Alemtejo.

Tem minas de talco.

Arraiolos tinha um celleiro commum, muito antigo, que foi abolido por um decreto de setembro de 1870, «ficando os bens, direitos e acções, sujeitos á lei commum, no dominio e posse de quem pertencer».

Tinha um convento de frades franciscanos.

Outro convento de frades loyos, fundado por João Garcez, e se lhe lançou a primeira pedra a 14 de agosto de 1527. Foi feito em

uma quinta do fundador chamada Valle-Formoso. Tinha um hospital.

Está em 38° e 37' de latitude, e 10° 27' de ongitude.

Fica 42 kilometros a O. de Villa-Viçosa, 35 a SO, de Aviz, e 24 a E. de Mora.

É do ducado de Bragança.

D. Fernando I deu esta villa a D. Alvaro Peres de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, com titulo de condado, e por sua morte a deu D. João I a D. Nuno Alvares Pereira; e foi assim que ella passou para a casa de Bragança.

O priorado d'esta villa era do arcebispo de Evora.

Do monte de S. Pedro se vê Evora, Redondo, Monsaraz, Evora-Monte, Estremoz, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Vimieiro, Aviz, Galveias, Pavía, Lavre, Monte-Mór Novo, e a villa das Aguias: uma ci dade e quatorze villas.

Vêem-se tambem as serras de Palmella Arrabida, Cintra, Monte Junto, Gardunha, Portalegre, Estrella, Olor, Souzel, Portel, e Ossa.

A matriz édentro do castello e fóra da povoação, sem visinho nenhum ao pé d'ella. Os arcebispos d'Evora são priores d'esta egreja e punham n'ella reitor. Tem quatro beneficiados.

Gosava do privilegio da casa de Bragança, para não serem os d'aqui citados para fóra d'este juizo.

N'esta villa não ha fontes, senão uma a distancia de 6 kilometros, na estrada de Monte-Mór Novo, chamada dos *Almocreves*. É optima agua e dizem que cura a dôr de pedra.

Passam aqui as ribeiras Odívor, Pontega, a da Vide e alguns ribeiros anonymos, que fertilizam o terreno e dão peixe.

Houve aqui uma boa fabrica de tapetes, que no seculo passado prosperou muito, tendo os seus productos grande extracção no paiz e nas nossas possessões ultramarinas.

Diz-se que a *noiva de Arraiolos* esteve 15 dias a enfeitar-se para as bodas, e que por fim sahiu embrulhada em uma manta.

Os arrabaldes d'esta villa teem algumas hortas e pomares muito bem cultivados e regados com os rios que disse, e o seu termo possue ricas herdades.

Nada menos de onze escriptores nos aponta Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca*, naturaes d'esta villa. Entre elles especificarei:

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára.

Nasceu a 23 de junho de 1809 e foi baptisado na egreja de Santa Maria dos Martyres, matriz d'esta villa.

Foram seus paes o dr. Antonio Francisco Rivára e D. Maria Izabel da Cunha Feio Castello Branco.

O pae, ainda que nascido em Lisboa, era de origem italiana, por ser filho de João Rivára, natural de Genova, casado com D. Maria Magdalena, de nação hespanhola.

O pae de Joaquim Heliodoro, dois irmãos d'este e elle mesmo, eram formados em medicina pela universidade de Coimbra.

J. Heliodoro formou-se em 1836; mas, tendo pouca inclinação á medicina, entrou ao serviço publico, sendo feito primeiro official da secretaria da administração-geral (hoje governo civil) d'Evora, em 3 de fevereiro de 1837; mas foi dispensado a 27 de outubro, para ir reger a cadeira de philosophia racional e moral do lyceu d'Evora, a que fóra promovido a 27 de julho do mesmo anno.

Foi tambem feito bibliothecario da bibliotheca publica d'Evora, em 25 de dezembro de 1838.

Este estabelecimento, fundado pelo grande D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, estava no maior desleixo e abandono, e á actividade, intelligencia e incansavel zelo de Rivára deve o seu florescente estado actual.

Coordenou, classificou e catalogou todas as obras; escolheu e incluiu na bibliotheca mais de 10:000 volumes das livrarias dos conventos (como se sabe, os melhores tinham desapparecido). Separou em 200 paleotypos e colleccionou grande numero de preciosos manuscriptos antigos.

Foi 15 annos bibliothecario (até 1853) e apezar de cumprir rigorosamente as obrigações que este cargo e o de mestre do lyceu lhe impunham, escreveu muitos e estimadissimos artigos e varias obras, que lhe dão um nome eterno e glorioso.

Foi deputado ás côrtes em 1853, onde se distinguiu pela firmeza e rectidão do seu caracter.

Foi feito secretario geral do estado da India, em 3 de junho de 1855, sendo governador geral Antonio Cesar de Vasconcellos Correia, depois conde de Torres Novas.

Chegaram ambos a Goa (pelo Mediterraneo) no 1.º da novembro do mesmo anno; e n'aquelle estado continuou Rivára a distinguir-se pelos seus escriptos e pelos relevantes serviços prestados á India portugueza e ao reino. Em Nova Goa foi que elle publicou a maior parte das suas obras, que, por serem muitas, me abstenho de mencionar.

—

Em março de 1868, alguns trabalhadores que andavam cavando uma terra para reduzir a vinhas, (e de que é proprietario o sr. Dordio, lavrador de Arrayolos) no sitio de Villa Ladra, um kilometro ao SO. da villa, descobriram um tumulo romano. Era um caixão de marmore liso, sem ornamento ou inscripção. Conhece-se que foram serradas as pedras de que é formado.

As quatro que formavam os lados, tampa e fundo, têem $1^{m},60$ de comprido, $0^{m},60$ de largo e $0^{m},3$ de espessura. As outras duas, com dimensões proporcionadas, formavam os topos. Estavam todas no seu logar, sem cimento algum, mas ligadas por tres peças de ferro, que engatavam nas pedras lateraes, por baixo da pedra superior, que era a tampa. Uma camada de tijolos cobria toda a sepultura. Dentro d'ella estavam ossos humanos e uma moeda de cobre do tempo do imperador Augusto.

N'este mesmo sitio se têem achado alguns vestigios romanos, e uma moeda de ouro gothica.

—

O concelho de Arraiolos tem 14 freguezias, a saber: Arraiolos, 573 fogos; Campo, 98; Gafanhoeira, 158; Egrejinha, 215; Brotas (ou Aguias), 116; Cabeção, 241; Mora, 275; Pavia, 267; Couço, 248; Peso, 53; S. Gregorio, 175; Santa Justa, 111; Vidigão, 86; Vimieiro, 406.

**ARRANCADA**—pequeno rio da Beira Baixa. Nasce na serra de S. Vicente da Beira. Suas margens são cultivadas e teem muito arvoredo fructifero, oliveiras e arvores silvestres.

Suas areias traziam ouro. Morre no rio de Val de Sando, no sitio da Vargem Garrida.

*Arrancada*, é expedição militar contra mouros ou outros inimigos. (Palavra antiga).

**ARRANHÓ, ARRANHOL, ARANHÓ** ou **ARANHOL** — freguezia, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho d'Arruda dos Vinhos, 30 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em terreno montuoso, mas fertil.

O cura era apresentado pelo prior de S. Christovão, de Lisboa, e tinha de congrua um moio de trigo, trez alqueires de cevada, uma pipa de vinho e 4:500 réis em dinheiro. Pertencia antigamente ao bairro da Mouraria.

**ARREAL** — portuguez antigo. Significa arraial, acampamento. «Em 1386, achando-se D. João I no *arreal* de sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo João Rodrigues Pereira, dando-lhe Balthar, Paço e Penafiel, *de juro e herdade*, com a jurisdição civel e crime, mero e mixto imperio; reservando só a *correição e alçada.*» (Documento da camara do Porto). Ha algumas aldeias e sitios em Portugal a que actualmente chamam *Areal* (sem terem areia) por corrupção de *arreal.*

**ARREBAL**—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado e 6 kilometros a O. de Leiria, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Situada sobre um monte. Produz cereaes e azeite; do mais pouco.

O bispo de Leiria apresentava o cura. Esta freguezia julgo que está unida a outra quasi do mesmo nome *(Arrabal)* porque a não vejo em nenhum livro moderno.

**ARREDINHA**—vide Redinha.

**ARREGADA**—serra, Douro, ramo da de Agrella. É secca, pedregosa e esteril. Só produz matto e tem alguma caça miuda.

**ARREGATA**—vide Aljesur.

**ARREIGADA**—freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula.*

Era na antiga honra de Frazão. Era seu orago S. Pedro e S. Felix, pelo que lhe chamam corruptamente *S. Perofins.*

O cura era apresentado pelo prior dos cruzios da Serra do Pilar, de Gaia. Tinha de rendimento 40$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

Produz milho e painço, do mais pouco.

Passa aqui o rio Souza.

Esta freguezia se acha ha muitos annos annexa á de Modellos.

**ARREIGADA** ou **REIGADA**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho e 12 kilometros ao N. d'Almeida, bispado e 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 110 fogos, 400 almas.

Districto administrativo da Guarda.

Situada em uma planicie fertil.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de novembro de 1519.

Esta villa é notavel pela sua casa da camara, cuja frente apenas tem sete palmos de largo, mas em desforra tem 60 palmos de alto, com uma só porta e duas janellas.

Esta torre (como agora vulgarmente se chama) subia antigamente a muito maior altura, no centro de um baluarte; mas hoje apenas tem a terça parte da sua primitiva elevação, que eram 180 palmos! (40 metros). Um general estrangeiro chamado *Makaliano* [1] que aqui residiu em 1811, mandou destruir a parte superior d'este singularissimo monumento (que ninguem sabe quem o fez, quando, nem para que) deixando-a reduzida á sua actual altura.

**ARRENTELLA**—freguezia, Extremadura, comarca de Almada, concelho do Seixal, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

[1] É provavelmente engano na pronuncia pela gente da terra. Havia de ser o general Mancuno (francez) prisioneiro no Bussaco, e que, estando em Almeida, se lhe deu esta villa por «menagem» talvez a pedido seu.

É no Riba-Tejo e era da coroa.

Aqui tinham o oitavo de todos os fructos (por um *retro aberto*) os marquezes de Marialva. Em 1757 tinha 202 fogos.

Situada em uma ponta ou lingua de terra que cercam dois braços de mar, um pelo E., chamdo *rio de Coina*, que finda na villa d'este nome; outro pelo O., que vem findar junto a Arrentella.

Diz-se que o seu nome vem de *arrecta tellos*, por ser terra levantada e despenhada, para a parte do mar.

Outros dizem que o seu primeiro nome era *Aventella* por ser muito varrida dos *ventos*. Outros finalmente querem que ella se chamasse antigamente *Arentella*, ou *Areentella*, por causa dos seus areaes. É escolher.

De Arrentella se vê Lisboa, desde o valle de Chellas até Alcantara; Almada, Pragal, Caparica, Amora, Cezimbra, Palmella e a serra da Arrabida.

Proximo ao logar da *Torre da Marinha* está a magnifica fabrica de lanificios da Arrentella, em sitio pittoresco. Apezar de ser das mais modernas do districto de Lisboa, os seus productos têem grande reputação no mercado, pela sua perfeição e variedade. É á beira do Tejo. No principio d'este seculo estabeleceu aqui *André Durrieu* um lavadouro de lans; aforando aos frades carmelitas varios terrenos. Em 1831 comprou o governo do Senhor D. Miguel I, ao tal Durrieu, esta propriedade por trez contos de réis, e aqui estabeleceu uma fabrica de mantas para o exercito. Em 1834 se acabou com esta fabrica, que se fechou e foi arruinando.

Esta propriedade e o mais que era dos frades (reputado *bens nacionaes*) foi vendido por uma bagatella a *João Rodrigues Blanço*, que aqui estabeleceu uma fabrica de estamparia d'algodões, que cahiu com a alteração das *pautas*. Esteve fechada por alguns annos, e em 1855, se formou uma parceria mercantil, com o capital de 160 contos, em acções de 100$000 réis e se fundou uma fabrica de lanificios, que principiou a trabalhar em 1858, produzindo logo no primeiro anno 10:650 metros de pannos pretos, azues e mesclas.

Em 1859 entrou para gerente o sr. Manoel

Egreja, que lhe deu grande impulso, e logo n'esse anno produziu 21:475 metros d'aquellas e outras fazendas. Em 1861 produziu 40:000 metros e os seus bellos productos foram premiados então na Exposição industrial do Porto. Em 19 de maio de 1861 foi a parceria transformada em companhia, com o capital de 200 contos. Tem uma machina a vapor da força de 48 cavallos, que trabalha continuamente com toda a força. É a primeira feita em Portugal na officina *Perseverança.* Tem mais 6 machinas de fiação com 1:560 fusos, 32 teares mechanicos e varios manuaes, machinas de lavar, cardar, etc., etc. Emprega 260 operarios.

É' nesta freguezia a aldeia de Payo Pires, que hoje é freguezia independente. Tambem era d'esta freguezia a villa do Seixal, que d'ella foi desmembrada ha poucos annos, para formar freguezia.

A matriz é de uma só nave e toda de abobada. O cura, até 1834, era annual, apresentado pelo povo. Tinha a renda da *porta da egreja*, um quarto de vinho que lhe dava o monte do dizimo de Almada e tres potes de vinho de cada pessoa da freguezia que o lavrava. Isto, o pé d'altar e mais benesses, rendia uns 200$000 réis.

No logar do Seixal ha um hospital.

Quasi todas as terras d'esta freguezia estão a vinhas, pelo que ha aqui muito e bom vinho. Ha tambem bastante azeite; do mais pouco.

Tem marinhas de sal, que eram dos frades jeronimos de Belem.

Suas praias são todas de areia, sem pedras, e os esteiros (que quasi todos seccam na vasante) de pouco fundo e só navegaveis por pequenos barcos.

É terra muito abundante de peixe.

Tem muitas e boas quintas, e grande commercio com Lisboa, pelo Tejo.

Tem prosperado muitissimo com a grande fabrica de lanificios.

**ARRIAGA** (quinta da)—vide Escurial e Oeiras.

**ARRICONHA** ou **RICONHA**—aldeia, Minho, freguezia de Tagilde, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Nasceu aqui o celebre S. Gonçalo d'Amarante. Na casa em que nasceu, habitam lavradores que pretendem ser seus parentes. Ha aqui uma capella do mesmo santo. Foi fundada por S. Gonçalo e dedicada a Nossa Senhora, e elle aqui fez vida eremitica alguns annos, até que foi para Amarante.

Nasceu no fim do seculo XII ou principio do XIII. Morreu em Amarante, a 10 de janeiro de 1262, e alli jaz. (Outros pretendem que elle morreu a 10 de janeiro de 1259.

S. Gonçalo foi ordenado no paço do arcebispo de Braga, que lhe tinha muita amisade, e o ordenou presbytero, quando chegou á edade e o fez abbade da freguezia de S. Payo de Riba (hoje supprimida) junto a Tagilde. Foi a Roma visitar os tumulos dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e d'alli foi aos logares santos de Jerusalem. Regressando a Portugal é que edificou a referida capella. Depois tomou o habito de frade dominico no convento de Guimarães, e por ordem do prelado passou, com outros companheiros, para Amarante, onde falleceu. É santo muito popular e de muita devoção em todo o reino.

**ARRIFANA DE ALJEZUR**—ilhota do Algarve, situada quasi defronte de Aljezur.

Tem uma fortaleza desmantellada e as ruinas de um grande armazem e varias cabanas. Houve aqui grande armação de atum. Vide Aljezur.

Arrifana é a palavra arabe *arrahana* (com o *h* aspirado, como era sempre o arabe). Significa *horta*. Quer pois dizer *Ilhota da horta*. Os arabes lhe chamavam *Rabat-al-rahanat*, (horta do Senhor).

Já se vê que esta etymologia serve para todas as Arrifanas.

**ARRIFANA**—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 305 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em um valle que formam dois montes, d'onde se descobre a villa de Jermello. O cura era apresentado pelo prior de prima da sé da Guarda. Tinha 10$000 réis

em dinheiro, 50 alqueires de centeio e o pé d'altar. É terra fertil.

No limite d'esta freguezia está a serra da Caroteira e corre o rio de Pinhel.

**ARRIFANA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 85 kilometros ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em uma planicie cercada por dois ribeiros.

A egreja era do padroado real.

Ha n'esta freguezia muito boas quintas, sendo a melhor a dos duques de Lafões, que tem uma grande tapada, toda murada e com 18 kilometros de circumferencia. Tem gamos, veados, porcos bravos e caça miuda.

É terra bonita, sadia e fertil. Cria muito gado, miudo e grosso.

O parocho (prior) era da apresentação do real padroado. Tinha de rendimento réis 900$000.

**ARRIFANA DE SANTA MARIA**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 ao N. de Oliveira de Azemeis, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em planicie elevada e bonita. A aldeia onde está a matriz (e que se chama mesmo *Arrifana*) é arruada e tem boas casas, sendo maior do que muitas villas do reino.

É muito abundante de aguas e por isso muito fertil, e tem bonitas e extensas vistas, descobrindo-se d'aqui muitas freguezias e grande extensão do mar.

O abbade era apresentado pela casa do infantado. Tinha de rendimento 400$000 réis.

Passando por aqui, em romaria a S. Thiago de Galliza, a rainha Santa Isabel, é tradição que, em uma casa onde dormiu, deu vista a uma céga. E comendo uma laranja azeda, de uma pevide d'ella nasceu uma larangeira, e as laranjas que ella dava tinham junto ao pé as cinco quinas das armas de Portugal.

Morreu aqui um frade chamado fr. Paschoal, que deixou á freguezia (e guarda a confraria do Santissimo) uma cruz de pau, promettendo que, em quanto ella existisse, nunca aqui haveria peste. Isto foi ahi pelos annos 1600, e o que é certo é que ha mais de 200 annos que aqui não tem havido peste.

Para a Arrifana não perder a posse de ser a terra dos milagres, ha alli actualmente uma *extatica*, que, segundo dizem, não come nem bebe ha muitos annos e está quasi sempre ajoelhada na cama a rezar! Está reduzida a uma mumia vivente.

A matriz é de uma bella architectura, muito ampla e das melhores da comarca.

Em 1809, foi esta freguezia theatro de um drama horroroso, e da mais atroz barbaridade.

Tendo alguns guerrilhas portuguezes matado proximo a Arrifana dois officiaes francezes desgarrados, (estes officiaes francezes foram mortos na freguezia de Riba-Ul, mas por gente da Arrifana) os francezes souberam isto e pagaram os justos (da Arrifana) pelos peccadores. Estes todos escaparam. (Vide Riba-Ul). Soult, em desforra, mandou aqui uma brigada saquear e incendiar a povoação e assassinar o povo. Este, na sua afflicção, fugiu para a egreja; mas nem assim escapou á sanha diabolica d'estes malvados, que d'alli os tiraram e *requintaram*, indo-os fuzilar a um campo, chamado hoje (e já então) *Campo da Bussiqueira*, proximo e ao S. d'esta freguezia, mas já nos limites da de S. João da Madeira. Faziam-os sair da egreja contando 1, 2, 3, 4 e o 5.º era agarrado para ser fuzilado! Morreram (entre homens, mulheres e creanças) perto de 300 pessoas; pois apenas escaparam algumas por baixo dos mortos!

Faz-se aqui uma grande feira no dia 4 de cada mez, melhor do que muitas annuaes.

É tradição que a Arrifana foi villa, em tempos antigos.

**ARRIFANA DE POIARES**—freguezia, Beira Alta, comarca de Louzã, concelho de

Poiares, 30 kilometros ao NO. de Coimbra, 280 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era da coroa.

Está em um sitio chamado *Chan de Poiares*, que é uma campina raza.

Produz bastante vinho e azeite, do mais pouco.

Os povos d'esta freguezia gozavam todos os privilegios da Universidade de Coimbra, por serem *todos* seus caseiros.

**ARRIFANA DE SOUSA**—freguezia, Douro, 35 kilometros a NE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa,

Alguns escriptores antigos lhe dão o titulo de villa, e que hoje com Penafiel fórma uma só freguezia e uma mesma cidade.

Em 1757, tinha 802 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era donatario d'aqui o senado do Porto, que punha justiças no 1.º de janeiro.

Tomou o sobrenome do rio Sousa, que lhe fica 1 kilometro a O.

E' povoação arruada, aprazivel e vistosa; situada na costa de um monte.

Os d'aqui pretendem que o nome de Arrifana se deriva de *auriflama*, aquella famosa bandeira encarnada que o ceu deu á *Meroveu*, rei de França.

Já vimos que Arrifana não quer dizer outra cousa senão *horta*. (Vide a primeira Arrifana descripta n'este diccionario.)

A matriz foi feita em 1570, no meio da povoação da Arrifana de Sousa, e é da invocação de S. Martinho, bispo.

E' de tres naves e sumptuosa.

Os bispos do Porto apresentavam os reitores, que tinham de renda, 40$000 réis em dinheiro, 20 alqueires de milho (pago pela commenda de Christo) e o pé de altar.

O reitor d'aqui apresentava o cura de S. Thiago de Sub-Ariffana, que era annexa; mas que hoje está reunida á de Arrifana e Penafiel.

O parocho era da apresentação do ordinario, do mosteiro benedictino de Paço de Sousa e do do Bostéllo. Tinha de rendimento 300$000 réis.

Para se saber quando foi erecta em cidade e bispado, juntando-se a Penafiel, vide esta cidade.

Ainda que a actual Penafiel tenha mais de dez seculos de existencia, mais antiga ainda é a parte d'ella que foi Arrifana; porque no anno 850 de Jesus Christo, D. Fayão Soares (rico-homem de sangue godo e tronco da familia dos Sousas) fundou a povoação de Penafiel, junto a Arrifana de Sousa, com os moradores que tirou da antiga e destruida cidade de Penafiel, e com os do Castello de Aguiar de Sousa, sitos na foz do Sousa (aquella na margem esquerda e este na direita.)

Dizem alguns que esta fundação foi feita com beneplacito dos mouros, que ainda aqui dominavam; mas escriptores antigos e muito veridicos, dizem que D. Fayão resgatou estas terras do poder dos agarenos, antes de fundar a povoação. E' aqui o solar da nobilissima familia dos Sousas. Para o que lhe diz respeito ás suas armas, vide Penafiel.)

Ficou esta povoação pertencendo á freguezia da Arrifana, e Fayão lhe deu o nome de Penafiel, em memoria da antiga cidade de Penafiel.

Escriptores muito respeitaveis dizem que em 850 não havia aqui povoação nenhuma, e que D. Fayão deu á que então fundou, não o nome de Penafial; mas o de Arrifana de Sousa. (Vide Castello de Aguiar de Souza.)

O fundador de Penafiel, era, como já disse, rico-homem e illustre descendente dos godos: poderoso, esforçadissimo cavalleiro, e resgatou estas terras do poder dos mouros. Foi elle que deu a Penafiel por armas duas espadas e uma aguia coroada. E são ainda as suas actuaes armas.

Tinham nas armas uma fita que orlava a parte superior do escudo, e n'ella a legenda *Civitas Fidelis.*

O sr. I. de Vilhena Barbosa não traz a fita nem a legenda. Tambem na Torre do Tombo estão as armas de Penafiel, por ou-

tra maneira, são: um escudo, dentro do qual se vê uma cruz da Ordem de Christo, entre duas espadas parallelas, com as pontas para cima. A' direita de uma das espadas uma palma e á esquerda da outra, um ramo de oliveira, e na parte superior do escudo a tal fita com a legenda *Civitas Fidelis*.

Entretanto as que traz o sr. Vilhena (que são as primeiras que disse) é que tenho visto actualmente usadas.

Teve D. Fayão Soares dois filhos, um que fundou o convento de S. Miguel de Bustello, a 3 kilometros de distancia, e é progenitor dos marquezes de Minas e Arronches e dos senhores de Gouveia: d'elle tambem descende o famosissimo Ruy Dias de Bivar (o Cid) conhecido por seu valor em todo o mundo.

Esta familia dividiu-se em dois ramos, no seculo XIV.

O primogenito está representado pelos duques de Lafões, e o segundo, pelos duques de Palmella.

O outro filho não teve descendentes.

Como o convento e recolhimento eram na antiga Arrifana, tratarei d'elles n'este logar.

Convento de frades capuchos da provincia da Soledade, fundado em 1666, e do qual era cabeça o convento de Valle de Piedade, de Gaia.

Era casa de noviciado.

Está fundado em sitio ameno e alegre. Era padroeiro da capella-mór, D. Francisco de Azevedo e Athaide, senhor da honra de Barbosa, progenitor do ultimo senhor de Barbosa, D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia.

A origem d'este convento é a seguinte:

Na Quinta das Lages, freguezia de Milhundres (ou Milhundos) junto a Arrifana de Sousa, morava o capitão Ignacio de Andrade, que tomou para sua casa alguns frades de Valle de Piedade, para fazerem um convento na Arrifana.

Quizeram elles primeiro fazel-o no sitio das *Melroas;* mas não o podendo obter, escolheram dois *tapados* no sitio dos *Pellames;* um dos quaes era de Gonçalo da Silva, escrivão dos orphãos, outro de umas mulheres appellidadas as *Cantadeiras;* e como nenhum dos donos quizesse vender isto *ao bem*, obtiveram os frades provisão regia para os compellir a vender.

Os frades se mudaram da Quinta das Lages, para a capella e officinas do Senhor do Hospital, que lhes emprestou a irmandade da Misericordia; para estarem mais perto da obra. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 27 de janeiro de 1666.

Concorreu muito para esta obra D. Francisco de Azevedo e Athaide, general de Vianna do Minho, e, como já disse, senhor donatario da honra de Barbosa; o qual fez a capella-mór á sua custa, dotando-a com a renda annual de 30$000 réis. Foi por isso que ficou sendo padroeiro, e que seus descendentes teem jazigo n'esta capella-mór.

O recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, foi fundado por Gonçalo Ferreira Pinheiro e sua mulher, Anna de Castilho, os quaes, morrendo sem filhos, deixaram as suas rendas a seis mulheres, que em sua casa, fechadas e com habito de *beatas*, resassem por suas almas.

Gonçalo Pereira da Costa, principiou um convento de freiras, no bairro da Piedade; mas, empobrecendo, se lhe arrematou tudo por dividas.

As *beatas* arremataram o tal principio de convento e o adaptaram para sua morada; e o bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida (depois primeiro patriarcha de Lisboa) lhe deu, a pedido d'ellas, o habito da Senhora da Conceição e lhe mandou para regente uma recolhida do Anjo, do Porto, e mais tres recolhidas, uma para vice-regente, outra para porteira e outra para prioreza; as quaes aqui chegaram a 19 de novembro de 1716.

A casa das audiencias, cadeia e pelourinho, tambem estão na Arrifana.

O grande Affonso Fernandes Barbuz, d'aqui natural, era ferreiro de profissão, apesar de ser de illustre prosapia, e floresceu em santidade e virtudes. Foi elle que inventou *encommendaram-se as almas*, de noite, *a toque de campainha*. Viveu no seculo XIII.

Para tudo o mais que pertence a esta povoação, vide Penafiel.

ARRIMAL—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Mós, comarca e 30 kilo-

metros a SO. de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia é composta só de duas aldeias, *Arrimal* e *Alqueidão.* O cura era apresentado pelo prior e beneficiados de Porto de Mós e tinha alqueire e meio de trigo, de cada fogo.

E' terra fertil e tem muita caça, nas serras da Mendiga, a E.; e Arrimal a O.

Toda a freguezia bebe de um pôço de boa agua, que está proximo de uma lagoa; e tem outra lagoa perto d'esta, que ambas servem para o gado beber. (Vide Arrimal, serra,)

O parocho (cura) era apresentado pela collegiada de S. Pedro, de Porto de Mós. Tinha de rendimento 90$000 réis.

**ARRIMAL**—serra, Extremadura, comarca de Leiria, proximo de Porto de Mós, acabando na Venda da Costa. com 18 kilometros de comprido.

É braço da grande serra de Ayre ou Minde.

É sêcca. Produz muito esparto (a que aqui chamam *baracêjo.)*

Quasi todo o matto é carrasco, alecrim, aroeira e medronheiros. Tem tambem bastantes carvalhos.

Tem muita caça miuda e do ar, que se caça ás cargas e muitos lobos e raposas.

Cria muito gado grosso e miudo e os bois são muito corpulentos e fortes para os trabalhos agricolas. Tem tambem muito bons cavallos e eguas, que teem a particularidade de serem muito rijos dos cascos.

Tem algumas lagoas onde bebe o gado.

Quasi toda a serra é minada por *algares* profundissimos, onde se criam muitos pombos bravos, gralhas, francelhos, etc.

Tem muito boas pedreiras de marmore e para mós; tem minas de azeviche, ferro e prata.

Ha aqui muitas plantas medicinaes e optimo mel branco.

Alguns sitios d'esta serra são cultivados muito [illegible]rteis.

Esta serra faz parte da de Albardos, e é n'esta (do *Arrimal*) que está o arco de cantaria lavrada, que se fez para demarcar as fazendas dos frades de Alcobaça, e ao qual chamam a memoria, (Vide Albardos.)

Diz-se que o voto de D. Affonso I (dar á ordem de S. Bernardo tudo quanto d'este sitio descobrisse até ao mar) foi feito em uma quinta-feira, 27 de setembro de 1147. Este monumento, que é um arco triumphal, levanta-se entre mattos, no cume de um pequeno outeiro, proximo a outros mais elevados. É todo de cantaria, com 5 metros de alto, 6 de largo e 1 de grosso. É ornado de uma pequena e simples cimalha, sobre a qual, entre duas grossas pyramides, está a estatua de D. Affonso I, de estatura regular e muito bem conservada. A sua esculptura não é primorosa, mas elegante.

No collo da cimalha tem a seguinte inscripção—*O santo rei D. Affonso Henriques, fundador de Alcobaça.*

Esta memoria está proxima da aldeia dos Vidaes e da bella Quinta de villa Verde, proximo aos Casaes do Rei, a 12 kilometros das Caldas da Rainha.

D'aqui se descobre Alcobaça e quasi todas as villas que foram dos seus coutos, muitas outras freguezias, povoações, serras, e grande extensão do Oceano, que lhe fica 18 kilometros ao O.

**ARROCHADO**—serra, Minho, comarca de Guimarães. Principia em S. Jorge d'Abbadim com o nome de Arrochado, depois lhe chamam Corgo das Cernadas, por fim Terra da Vibora.

Lança para o O. um braço chamado o Gorgolão, e outro para E. chamado Rio do Cotêllo (e não do *Cutéllo,* como alguns dizem). *Cotêllo* é diminuitivo de *Côtto.*

Tem um regato anonymo que nasce aqui e morre no Tamega.

É pouco cultivada, cria matto rasteiro, algum gado miudo, lobos, rapozas e caça miuda.

Nos sitos cultivados só produz centeio e algum milho.

**ARROCHELLA**—Ha em Portugal quatro aldeias d'este nome:—uma na freguezia de Monção, na Extremadura,—outra na fregue-

zia de Pombeiro, no Minho;—outra na freguezia de Pexão no Algarve;—e finalmente outra na Beira Baixa, freguezia do Salvador, concelho de Monsanto; mas d'esta apenas restam as ruinas, porque foi arrazada pelos castelhanos em 1704.

Fica na raia.

Ha tambem em Guimarães a nobre casa dos Arrochellas. (Vide Guimarães.)

**ARROIOS** ou **ARROYOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 78 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É do infantado. Fertil.

D'aqui se vê Villa Real, Matheus, Adoufe, Borbella, Lordello, Villa Marim, Mondrões e Torqueda.

O orago é S. João Baptista, em cujo dia vinha aqui a camara de Villa Real, com a sua bandeira, assistir á missa que a mesma camara aqui mandava dizer.

O vigario era apresentado pelo convento de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos do Porto, e tinha de renda 50$000 réis.

Na capella de Nossa Senhora dos Prazeres, d'esta freguezia, estão o corpo inteiro de S. Marcos, martyr; parte do corpo de Santa Clara, martyr; parte do corpo de S. Bento, martyr; uma grande cruz feita de pau do *santo lenho;* parte dos cabellos de Nossa Senhora e parte do seu veu; e parte da corda, dos espinhos, da esponja e do tumulo de Jesus Christo.

N'esta freguezia nasceu D. Luiz Alvares de Figueiredo, arcebispo de Braga.

Passa aqui o rio Tourinhos, que faz moer lagares d'azeite e moinhos de pão, réga e traz peixe.

*Arroios* é derivado ou de arroio (pequeno regato), ou de *arroyos,* planta medicinal de que trata o livro intitulado *Luz da Medicina.*

**ARROIOS** ou **ARROYOS** ou **ROIOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 130 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada entre montes.

É bastante fertil.

Produz muito e bom vinho.

O parocho (vigario) era apresentado pelo reitor de Villa Flor, e tinha até 1834 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

**ARROIOS** ou **ARROYOS**— antigamente era um arrabalde de Lisboa, hoje forma parte d'esta cidade e é uma das suas principaes entradas do lado de terra.

Na *Hist. Chron. de Portugal* trato das desavenças, e mesmo guerras, que houve entre D. Diniz e seu filho o fogoso e irrascivel infante D. Affonso (depois Affonso IV do nome.

Dispostos a darem-se batalha a todo o transe, no *Campo d'Alvalade* (Campo Grande) ahi appareceu o anjo da paz d'aquelles tempos, a rainha Santa Izabel, mulher de um dos combatentes e mãe do outro, e a poder de razões, lagrimas e rogos os conciliou ou reconciliou.

Em uma parede proxima ao Campo Pequeno está uma lapide commemorando estas pazes.

A camara de Lisboa, querendo immortalisar este rasgo da santa rainha, mandou lavrar na cidade do Porto a pedra para um monumento, que á entrada da capital (em Arroios) recordasse aos vindouros este facto jubiloso.

Erigiu-se no reinado de D. João III, cuja empreza era uma cruz sobre uma peanha de 5 pontas, com a legenda «*In hoc signo vinces*», e é o ornato do monumento.

No pé da cruz estão as armas de Lisboa. Sobre um largo frizo ou cimalha, está Nossa Senhora da Piedade com Jesus Christo morto sobre o collo, e por baixo do tal frizo está a estatua de S. Vicente, tendo na mão esquerda uma nau (as armas de Lisboa) e na direita uma palma.

O monumento era cercado de columnas, e coberto de telhado, que assentava n'ellas.

D. João III ordenou que estivesse cons-

tantemente uma alampada accesa defronte d'este monumento.

No anno de 1837, a camara de Lisboa mandou remover este venerando padrão para a sachristia da egreja parochial de S. Jorge, onde agora existe.

É de marmore branco ou pedra lioz, e de bella esculptura.

Foi um vandalismo escusado que praticou a camara de Lisboa, porque além do respeito devido a este monumento como padrão historico e como objecto de arte, acresce que nada lucrou o sitio com este despejamento, porque é um largo irregular na fórma e nos edificios que o guarnecem, e demais a mais é uma costeira.

—

Do largo d'Arroios parte a estrada de Sacavem, que conduz ao Porto e ao Norte do reino.

No largo de Arroios estão a egreja de S. Jorge, o palacio do sr. D. Christovão Manoel de Vilhena (senhor de Pancas e filho dos condes d'Alpedrinha) e mais acima o palacio do sr. conde de Linhares.

—

Ha aqui as ruinas do antigo palacio dos condes de S. Miguel, e outro palacio dos mesmos condes, onde esteve a estação dos primeiros caminhos de ferro pelo systema Larmanjat.

Em frente d'estes dois palacios está a florescente e sumptuosa fabrica de fiação e tecidos de lã e algodão, de que é proprietario o sr. José Antonio Teixeira, alli mesmo residente, e com escriptorio commercial na mesma fabrica.

As machinas de cardar, fiar e tecer são movidas a vapor.

Algumas das machinas de cardar são construidas, n'este mesmo estabelecimento, por um bom artista inglez alli residente, e que é o mestre do machinismo.

Os productos d'esta bella fabrica teem sido premiados em diversas exposições industriaes portuguezas e estrangeiras.

Os artefactos d'esta fabrica são muito procurados pela sua superior qualidade, que rivalisa com as melhores de França, Inglaterra e Estados Unidos da America.

Emprega muita gente de ambos os sexos e de todas as edades.

Esta bella fabrica é estabelecida em um antigo palacio, cuja capella foi conservada e o edificio quasi completamente reedificado.

—

Tambem em Arroios existem as ruinas da antiga egreja de Santa Barbara. (Vide Lisboa.)

**ARRONCHES** — villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros ao S. de Portalegre, situada na confluente do pequeno rio Alegrete com o Caia, 35 kilometros ao E. de Assumar, 28 ao N. de Elvas, e 22 ao O. de Campo Maior e Ouguella, 180 a SE. de Lisboa, 720 fogos, 2:600 almas.

Em 1660 tinha 600 fogos, e em 1757 tinha 419.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Foi uma forte praça de armas cercada de muros e barbacans, com forte castello antigo, reformado por D. Diniz em 1310 (o primeiro castello era obra dos romanos).

Foi fundada por povos andaluzes, vindos de *Aroche*, que lhe deram o nome da sua patria; isto no tempo do imperador Caio Caligula, pelos annos 45 de Jesus Christo.

Dizem alguns escriptores que antes do nome de *Aroche* e o de *Plagiaria*, teve o de *Arronchella*. Depois os romanos lhe chamavam *Plagiaria*.

D. Affonso I a tomou aos mouros em 1166. Tornando a perder-se, a reconquistou D. Sancho II em 1235.

Os mouros a tornaram a conquistar, até que, finalmente, o grande D. Paio Peres Correia lh'a tomou para sempre, no anno de 1242.

Em 1287, D. Diniz aqui poz cerco a seu irmão, o infante D. Affonso; mas a rainha Santa Izabel os compoz.

D. Affonso era senhor d'esta villa, que lh'a tinha dado seu pae, D. Affonso III, e na composição, cedeu-a, por troca, a seu irmão, que a encorporou na corôa.

É marquezado dos duques de Lafões.

D. João d'Austria (filho bastardo de Philippe IV) tomou esta villa em 1661; mas, apenas aqui chegou o exercito portuguez, a abandonou immediatamente.

Tambem a 17 de junho de 1712 os castelhanos quizeram tomar esta praça de assalto, para o que a cercaram na vespera; mas á primeira investida, achando brava resistencia, fugiram cobardemente.

D. Sancho II deu esta villa, em 7 de janeiro de 1236, a Santa Cruz de Coimbra, tanto no *espiritual* como no *temporal* (vide Obidos). Em 1236, D. João prior de Santa Cruz foi tomar posse da villa e lançou os alicerces da egreja e collegiada de Santa Maria; mas, fallecendo a 14 de setembro do mesmo anno, pararam as obras. Quando em 1242 os portuguezes tornaram a tomar conta da villa, mandou concluir sumptuosamente estas obras D. João Pires, 7.º prior de Santa Cruz, pondo aqui prior a seu irmão D. Godinho Pires, tambem conego de Santa Cruz, que levou comsigo dez conegos do mesmo mosteiro. Esta collegiada era cabeça de seis egrejas parochiaes, que tinha o seu termo.

D. Affonso III trocou o senhorio d'Arronches pelos padroados das egrejas de Obidos, Assumar e Albergaria de Poiares, em 1264. Fez esta troca para fazer de Arronches uma praça d'armas.

Em 1549 D. João III deu a D. Julião d'Alva, bispo de Portalegre o senhorio d'esta villa e as egrejas suas dependentes, assim como os de Leiria, Ourem e Obidos, para o sustento do novo bispo e conegos de Portalegre.

Eram alcaides-móres os marquezes de Arronches, condes de Miranda (do Corvo). (Para o brazão d'armas vide Lafões).

D. Pedro II fez marquez de Arronches ao alcaide-mór d'esta villa, Henrique de Sousa, conde de Miranda. O 3.º marquez de Arronches e 7.º conde de Miranda (do Corvo), D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, foi feito duque de Lafões em 5 de novembro de 1718.

Arronches está situada em um extensissimo e fertil valle, d'onde se não descobre povoação nenhuma. O rio Alegrete (ou Caia) cerca seus muros.

A matriz, muito antiga, é de trez naves, muito ampla e toda de abobada, com trez porticos tambem de cantaria. Ha n'esta egreja uma cruz do Santo Lenho e mais reliquias. A torre dos sinos, que é muito mais antiga do que a egreja, era de outra que houve aqui, da invocação de S. Thiago, que cahiu de velha, ficando apenas a torre, por ser mais solida.

Os bispos de Portalegre são priores de Arronches e apresentavam aqui o vigario e mais oito beneficiados.

O vigario tinha de renda 180 alqueires de trigo e outro tanto de cevada, 52 almudes de vinho, e 30$000 réis em dinheiro.

Teve um convento de frades agostinhos calçados (de Nossa Senhora da Luz) fundado em 1570. A egreja é pequena e toda de abobada, e tem um alpendre de cantaria. O convento tambem é pequeno.

Tem Misericordia e hospital, fundados por D. Ruy Gonçalves, alcaide-mór d'esta villa, em 1372; dando para isso suas proprias casas, e as necessarias rendas, o que consta de uma inscripção que está na egreja da Misericordia. Esta egreja não é grande, mas é muito aceiada e tem um portico de cantaria.

A egreja do Espirito Santo é antiquissima, e não ha memoria da sua fundação. É templo amplo, de abobada e com um famoso portico de cantaria.

Junto á villa ha um convento de *congregados* da *Tomina*, principiado pelos annos de 1710. Os frades d'elle viviam de esmolas.

O seu territorio é muito fertil, sobretudo em azeite. Produz tambem grande quantidade de bolota, com que se engordam muitas *varas* de porcos.

Tinha esta villa os privilegios seguintes:

1.º Passado a 12 de maio de 1475, por D. Affonso V, e confirmado pelos seus successores, para não ser esta villa dada a senhorio nenhum.

2.º Não serem os seus moradores obrigados a trabalhar nas muralhas, pontes, fontes calçadas, etc., nem a levarem presos, nem servirem cargos d'outros concelhos. Por D. João II, a 9 de março de 1463. Tambem confirmado por seus successores.

3.º Não poderem fazer soldados n'esta

villa para fóra d'ella. Por D. João I, em 4 de abril de 1423.

4.º Para que as penhoras aos moradores não possam ser feitas em bens que tenham dentro de suas casas, nem em trigo que tiverem para semear, nem em bois de lavoura. Por D. Affonso IV, e confirmado por D. João I, a 3 de abril de 1423.

5.º Para que os moradores d'aqui não sejam obrigados a ter cavallos nem armas. Por D. João II, a 29 de janeiro de 1463.

6.º Para que, os que não tivessem cavallos não podessem servir de vereadores. Por D. Affonso V, a 16 de março de 1458.

7.º Para que os pastores tragam armas (menos em julho, agosto e setembro). Por D. João I, em 1429.

8.º Para que todos d'esta villa e seu termo possam trazer armas por todo o reino, sem lhes serem tomadas. Por D. João I.

9.º Todo o que quizesse vir povoar o termo d'esta villa, lhe desse a camara terreno para casa e horta.

Tinha ainda muitos mais privilegios de menos importancia.

O seu clima é muito quente e secco, mas sádio.

Na villa não ha uma só fonte, e apenas poucos poços. A agua d'elles é boa e dizem que toda cura a dôr de pedra.

No termo ha tres fontes, a d'Elvas, a do Vassallo (além da ribeira) e a Fonte Santa.

Aqui celebrou côrtes D. Affonso V, em 1475, sendo então viuvo de sua primeira mulher; para casar com sua sobrinha, a princeza D. Joanna, unica herdeira do reino de Castella, por morte de seu pae D. Henrique: para as côrtes o auctorisarem para o tal casamento, o que ellas fizeram, e elle casou.

Tambem prestou juramento, n'estas côrtes, o principe D. João (depois II) como regente do reino, na ausencia de seu pae, que marchou para a Hespanha, com um exercito de 20:000 homens, para conquistar o reino, que pertencia a sua mulher; mas foi infeliz. Para evitar repetições, vide *Historia Chronologica*, no fim d'esta obra.

Tambem foi aqui que o mesmo rei reuniu o exercito com que entrou em Castella em 1476. Estando a sitiar Samora, apparece o rei de Aragão, com grande exercito, dando-se então (maio) a famosa batalha de *Toro*, em que os portuguezes tiveram de ceder.

Como D. Affonso V tinha casado com a sobrinha sem dispensa, o papa annullou este casamento, e a infeliz princeza foi constrangida a encerrar-se no convento de Santa Clara, de Santarem, passando depois para o de Santa Clara, de Coimbra, onde, mau grado seu, fez profissão, cobrindo com o véu negro a fronte em que pouco antes brillavam duas coroas de rainha.

Feira no domingo de Paschoella e a 8 de dezembro.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º.

Tem por armas um castello em campo de sangue.

D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de junho de 1255. Confirmado por outro do mesmo rei, dado em Lisboa a 9 de janeigo de 1272.

D. Manuel lhe deu foral *novo*, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. E' das poucas terras do reino que teem foral novissimo, dado por D. Affonso VI, em Lisboa, a 25 de julho de 1678. (Livro 50 de D. Affonso VI, fl. 25).

E' solar de um ramo da nobilissima familia dos Sousas. Vide Miranda do Corvo e Lafões.

**ARRONCHES**—ribeira. Alemtejo. Tem este nome por passar proximo das muralhas da villa de Arronches, mettendo-se ahi no Caia, junto da ponte do Crato. Nasce na serra de S. Mamede, ao pé da villa de Marvão. Cria muito e variado peixe. Suas margens são cultivadas em partes e tem muitos salgueiros e amieiros. Morre, como já disse, no Caia, com 24 kilometros de curso.

**ARRONCHES**—serra, Alemtejo. Ainda que se acha repartida em varios montes e cabêços de grande altura e aspereza, é no todo assim chamada. Os seus principaes cabeços são, *Tagarraes, Louções, Tagarrilha, Cavalleiro, Monte Novo*, e o *Sêrro do Senhor Rei Salvador*.

E' em grande parte cultivada e fertil. Tem alguns casaes, todos foreiros á camara de Arronches.

Cria corças, veados, caça miuda, e do ar.

Tem muitos sobreiros e azinheiras, cujos fructos sustentam innumeras varas de porcos, com que faz grande commercio.

**ARROTEIA**—vide Cachadinha.

**ARRUDA DOS PIZÕES**—freguezia, Extremadura, districto administrativo e comarca de Santarem, concelho de Rio Maior, patriarchado e 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 55 fogos.

Orago S. Gregorio.

O parocho (vigario) era apresentado da coroa, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de rendimento 120$000 réis.

Tinha em 1757, 63 fogos. Ignoro o motivo d'este decrescimento de população.

**ARRUDA DOS VINHOS**—villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, patriarchado, districto administrativo e 35 kilometros ao N. de Lisboa, 500 fogos, concelho 930.

Orago Nossa Senhora da Salvação.

Feira a 24 de janeiro, 3 dias e a 24 de junho, 3 dias.

Era do mestrado de S. Thiago, commenda e alcaidaria-mór dos duques de Aveiro.

Esta villa foi muito mais populosa do que actualmente é; pois, em 1574, tinha, só a villa, mais de 600 visinhos.

Tinha em 1660, 300 fogos e era da comarca de Torres Vedras. Em 1757 tinha 318 fogos. Não pude saber a causa d'estas alterações na povoação d'Arruda.

E' situada em um valle cercado de serras e montes, o que a faz humida e fria; mas saudavel, pelo que, para aqui foge gente de Lisboa em occasião de peste.

A matriz é de tres naves e boa. Foi do padroado real, mas D. Affonso I a deu ao prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa; o que D. Sancho I confirmou.

Rodrigo M. da Silva diz que D. Sancho I a deu á Ordem de S. Thiago, e que esteve aqui o convento das commendadeiras d'esta Ordem, d'onde se mudaram para *Santos-o-Velho*, de Lisboa. (Vide adiante.)

Quando se erigiram as commendas, foi esta no rol das do padroado real e nomeada commenda de Christo, ficando o prior de S. Vicente de Fóra, só com o direito de apresentar o vigario. Tem seis beneficiados, e uma egreja annexa, que é S. Miguel das Cardozas.

O parocho (vigario) tinha de rendimento 180$000 réis.

No sitio chamado Villar, houve antigamente um convento de *commendadeiras* de S. Thiago. Não ha vestigios d'elle.

Este convento foi fundado em 1196. Foi depois mudado (não se sabe quando, mas ha muitos annos) para Santos-o-Velho, de Lisboa, e se ficaram chamando *commendadeiras de Santos*. (Vide Lisboa).

A Misericordia (de tres naves) e o hospital, foram fundados pelo povo, em 1574.

Entre varias capellas, ha a de S. Sebastião da Serra, na qual se faz um bodo todos os annos, na segunda oitava do Espirito Santo, que consta de dois arrateis de vacca, um pão e um *merendeiro*, que se dá a toda a pessoa que em cada anno dá aos mordomos do santo, meio alqueire de trigo.

O bodo antes de repartir-se é benzido pelo parocho.

E' terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso clima, e tudo de optima qualidade. Em 1750, produzia, termo medio, annualmente, 500 moios de trigo, 400 de cevada e mil pipas de vinho. Hoje, que a nossa industria agricola se tem desenvolvido bastante (mas não tanto como podia e devia ser) a producção d'esta villa deve ser muito maior.

Aqui nasceu Vicente Pereira de Castro, governador da India e Antonio de Castro Sande, tambem governador da India, e Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro, e João de Macedo Corte Real, general de artilheria e governador de Pernambuco.

Dava-se aqui antigamente uma singularidade. Todo o homem *peão*, que cultivasse terras, vinhas e olivaes, pagava o oitavo dos fructos que colhia, á commenda de S. Thiago. Para se isentarem de pagar isto se levantavam *cavalleiros*, no mez de maio, em camara, e então só ficavam pagando 108 réis cada anno á dita commenda! As viuvas d'estes cavalleiros (não casando depois com peões) e os filhos menores, tinham os mesmos privilegios.

Ainda n'esta villa se vê o palacio dos duques d'Aveiro, em ruinas.

A villa tem uma só fonte, mas muito abundante, chamada *Arca-da-Matta*, (por nascer em uma arca) que dá agua sufficiente para toda a villa.

Tem casa da camara, cadeia e pelourinho. Tambem tinha (mas supponho que já não tem) uma forca de pedra.

O alcaide-mór tinha um arratel de carne de boi ou vacca, que aqui se matasse e um arratel de *ubere*, e dos porcos, os *lombinhos de dentro* e os quatro pés! Chamava-se a isto *direito de açougagem!*

Tinha a villa tres fornos da commenda de S. Thiago, e não podia haver outros.

Dizem haver aqui uma qualidade de pedra, de que faziam os taes fornos, que, uma vez quentes, dura-lhes o calor 48 horas.

Passam por aqui dois rios, um chamado *Grande*, e outro anonymo, que ambos se juntam no sitio da *Pipa*, e morrem no Tejo, na Ponte da Couraça, no Carregado.

Regam, moem e trazem peixe.

De verão só nos pégos é que fica agua; nas mais partes séccam. Suas margens teem terras cultivadas, vinhas e olivaes. Teem tambem choupos, faias e alamos, carvalhos e alguns pomares de fructa.

Esta villa foi fundada, ou reedificada em 1160 pelos inglezes que ajudaram a conquistar Lisboa, e D. Affonso I lhe deu então foral.

Em 1185 a cercaram os mouros que escaparam da batalha de Santarem (Vide esta cidade), e a tomaram, por ser aberta, arrazando-a e levando muita gente captiva.

Foi logo reedificada e povoada por D. Sancho I (que n'esse anno foi acclamado rei de Portugal) em 1186.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 15 de janeiro de 1517.

Tinham antigamente os de Arruda obrigação de dar ao rei *colheita* (acolhimento, agasalho) e de jantar (uns certos e determinados pratos) no dia 1.º de maio de cada anno.

Parece que os de Arruda remiam isto a dinheiro, porque ha uma sentença passada em Evora a 4 de abril de 1533, a favor da corôa, contra o concelho d'esta villa, pela qual foi o mesmo condemnado a pagar a *colheita* ou jantar do 1.º de maio, em especie e não em dinheiro.

Este costume cessou ha cerca de 200 annos.

Até 1834 tinha juiz ordinario e duas companhias de ordenanças.

**ARUNCIA** ou **ARUNCE** — rio, Extremadura, comarca do Pombal. Nasce na ribeira de Gaia, junto a Santiães.

No sitio da *Venda do Soldado* se lhe junta o rio Albergaria; nos *Pizões*, o rio Avellar; na *Quinta do Porto*, o rio Arnal; nas *Vendas Novas*, o rio das Marinhas; na *Assamaça*, o o rio Abiúl; no sitio da *Melga*, o ribeiro dos Estranhos (que tem muitos kágados); defronte da *Aldeia dos Anjos*, o ribeiro de Valle-Cubas; defronte das *Telheiras*, o rio Pedrinha; no sitio da *Videira*, o regato do Folgado; no sitio do *Cardozo*, o ribeiro dos Santos; no *Porto-Largo*, o ribeiro do Verigo; e junto a *Soure*, o Rio Tinto.

Sua corrente, por arrebatada, é incapaz de navegação.

Cria bastante peixe, e ás vezes apparecem n'elle saveis e lampreias.

A pescaria, desde o logar da villa do Pombal até ás Barreiras de Santo André, era do commendador do Pombal, e *só os vereadores podiam pescar á canna!* Todavia ha mais de 200 annos, que este privilegio acabou, e a pesca era livre em toda a parte.

Suas margens são em grande parte cultivadas e teem arvores fructiferas e silvestres.

Do seu nascimento até defronte dos *Claros*, chama-se *Ribeira de Litem;* d'ahi até Soure, *Arunca;* e de Soure para baixo, *Cabruncas*.

Passa por Villa Nova d'Anços, e morre no Mondego.

Á entrada do Pombal tem uma ponte de cantaria.

Tem varias azenhas de moer pão, lagares de azeite, pizões e noras.

Francisco Rodrigues Lobo lhe chama *Arunce;* mas é o unico que lhe dá este nome.

**ARUZELLO DA SERRA** — freguezia, Beira

Baixa, concelho e comarca de Gouveia, 84 kilometros a NE. de Coimbra, 188 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Districto administrativo da Guarda.

Não vejo esta freguezia nos mappas modernos.

**ARVORE**—freguezia, Douro, concelho de Tentugal, comarca e 12 kilometros a O. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Tinha em 1757 112 fogos.

Situada em planicie ao pé de um monte d'onde se vê Coimbra, o castello de Monte-Mór-Velho, Formozelha, o convento de Tentugal, a estrada de ferro do Norte, e varias povoações.

A' abbadessa de Lorvão é que apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de rendimento.

E' muito abundante d'aguas, e por isso muito fertil.

Tambem se chama a esta freguezia *S. Martinho.*

Tem um convento de freiras franciscanas chamado de Nossa Senhora de Campos.

**ARVORE**—freguezia, Douro, no mesmo concelho, comarca, bispado, districto administrativo e distancias.

Tinha em 1757 97 fogos.

O vigario tinha 40$000 réis de rendimento.

Era tambem padroeiro S. Martinho, bispo.

Só vejo esta freguezia no *Portugal Sacro e Profano.* Entendo que está hoje annexa á antecedente.

**ARVORE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao NO. do Porto, 224 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Tinha em 1757 86 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia foi antigamente muito mais extensa do que é actualmente, pois comprehendia toda a freguezia de Azurára.

É parochia antiquissima e anterior aos godos (isto é, do tempo dos romanos).

Tem uma sumptuosa egreja, feita por el-rei D. Manuel em 1500, as armas do qual se vêem em muitos sitios da egreja.

Era, até ao seculo passado, do (então) grande concelho da Maia, metade, e outra metade do de Azurara, que é o actual de Villa do Conde.

Já disse que a actual freguezia de Azurara formava uma parte d'esta freguezia, e assim se conservou até 1457, em que se separou, formando nova freguezia; porém ficando os de Azurara obrigados ás obras da egreja de Arvore, o que durou ate 1726, em que conseguiram libertar-se d'esta obrigação. No principio da formação da freguezia de Azurara era o vigario de Arvore apresentado pela meza capitular da Sé do Porto, e o vigario apresentava o cura de Azurara, annualmente; mas, como Azurara se tornou mais rendosa, em 1550 se mudou para lá o vigario d'aqui e apresentava cura annual n'esta, que ficou tendo sómente 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está situada em uma planicie elevada, d'onde se descobre grande extensão do Oceano e varias serras até á da Freita (Arouca) a 60 kilometros de distancia para SE.

Houve aqui um convento de Templarios, fundado no seculo XII, que depois mudou para *claustraes*, e finalmente para frades capuchos da provincia da Piedade.

**ARVOREDO**—freguezia, Minho, concelho de Valladares, comarca de Vallença, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Os jezuitas de Coimbra, e depois a Universidade (a quem pertenciam os dizimos) apresentavam o cura.

É situada na encosta de um monte, em uma campina, na margem esquerda do rio Minho, d'onde se vê Melgaço e parte da Galliza. É fertil.

Não vejo esta freguezia descripta nos livros modernos; é provavel que esteja annexa a outra.

**ARZEA**—aldeia, Extremadura, no patriarchado. Deriva-se do arabe *Arzêa.* Significa *Cedral*, ou *logar de muitos cedros.*

**ARZILLA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Coimbra, d'onde dista 12 kilometros, 204 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Tinha em 1757 72 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do concelho de Penella.

Foram seus donatarios os condes de Obidos, que apresentavam os priores (collados) que tinham de rendimento 60$000 réis.

Situada em um monte, d'onde se vê o castello de Monte-Mór-Velho, e muitas povoações.

Foi couto e é fertil.

Ha aqui uma lagoa, ao O. da freguezia, no meio de um paúl, que cria muitas enguias (algumas muito grandes) e muitas sanguesugas.

Arzilla é corrupção da palavra arabe *Arrazila*; significa coisa *humilde e pobre.*

Diz-se que foi um capitão portuguez que lhe deu este nome pela similhança que o seu territorio tinha com o da praça de Arzilla no reino de Marrocos, na Africa. Entendo que isto é erro, e que foram os arabes que lhe deram este nome, quando eram senhores d'estes sitios.

**ASAFARGE**—Vide Assafarge.

**ASMES** (S. Lourenço de)—freguezia, Douro, concelho de Vallongo, districto administrativo, bispado, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Muito fertil.

**AS-MOS**—freguezia, Beira Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

**ASSACAIA** ou **ASSACAYA**—Nome de um valle proximo a Santarem. Significa *regatos.* É pois Valle dos Regatos.

**ASSAES** ou **ASSARES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, arcebispado e 126 kilometros ao NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Vem do arabe *aça* (lança) cujo plural é *açaes*. Significa pois: *Povoação das lanças.*

*Gaia* é palavra arabe, que quer dizer pequena. De *aça* e *gaia*, se fez *azagaia*, isto é, lança pequena.

**ASSAFARJE** ou **ASAFARGE**—(como antigamente se dizia) freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Nos papeis antigos se vê esta freguezia tambem com os nomes de *Assafragea, Alçofarge* e *Saforje.*

E' menos corrupto *Assafarge*; que é derivado do arabe *Assafargel,* e significa *marmelleiro.*

Foi antigamente do concelho de Penella.

Tinha em 1757, 85 fogos.

Os dizimos d'esta freguezia, eram para o cabido da Sé de Coimbra, que apresentava os vigarios, os quaes tinham de rendimento 120$000 réis.

E' situada em um monte, mas cercado de outros mais altos. Do monte de santo Amaro (que tem uma capella d'este Santo) se vê Coimbra, muitas villas e aldeias, o rio Mondego e o Campo do Bolão.

Além dos dizimos, pagava esta freguezia de seis, um (o 6.º!) aos Mellos, de áquem da ponte, de Coimbra.

Cria bastante gado miudo e não é muito fertil.

Nos seus montes ha boa pedra calcarea.

**ASSÁFORA**—aldeia da Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Assahra.* Significa campina.

**ASSAMEIÇA**—aldeia, Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Axxameiça.* Significa soalheiro (logar exposto ao sol.)

**ASSÊCA**—ribeira do Alemtejo, que principia na freguezia de S. Romão. Suas margens são bordadas de freixos, *alandros* (eloendros) e outras arvores.

Tem uma ponte de cantaria lavrada, no termo de Villa Viçosa, com cinco arcos, que dizem ser feita pelos mouros. (Em todo o caso, é muito antiga.)

Faz moer alguns moinhos, e traz muito peixe.

Corre placido e fertilisa muitas terras de cultura.

Morre no Guadiana, no Porto do Areeiro.

D. Affonso VI fez visconde da Ponte da

Asséca, em 15 de janeiro de 1666, ao valoroso general Martim Correia de Sá, filho do famoso Salvador Correia de Sá Benevides, que restaurou Angola, expulsando gloriosamente os hollandezes. Sua familia recebeu as honras de *grandeza do reino*, no 1.º de junho de 1763; e o actual visconde é o oitavo visconde da Asséca, e decimo almotacé-mór do reino, por herança de sua terceira avó, D. Francisca Joanna Josefa da Camara, filha de Lourenço Gonçalves da Camara Coutinho, cuja familia tinha este officio desde 23 de dezembro de 1572, e de sua mulher D. Leonor Josefa de Tavora, dama da rainha D. Marianna de Austria. Na casa da Asséca andou por muitos annos a alcaidaria-mór do Rio de Janeiro.

O terceiro visconde da Asséca foi grande cultor das lettras e distincto poeta da *Academia dos generosos*, no seculo XVII, e socio da Academia Real de Historia, no principio do seculo XVIII.

E' d'esta familia, o sr. José Correia de Sá Benevides, viuvo da sr.ª D. Eugenia de Almeida, filha e herdeira do sr. marquez de Lavradio, fallecida em outubro de 1871.

**ASSÊCA**—rio, Algarve, que nasce de varios ribeiros, na serra chamada do Algarve, e passa pelo meio da cidade de Tavira (a 12 kilometros do nascimento d'este rio) onde tem uma boa ponte de cantaria.

Não entra n'elle rio algum. Só é navegavel de Tavira para baixo, onde chega a maré. Traz bastante peixe.

Suas margens são em parte cultivadas e ferteis, bordam-o alguns pomares, arvores silvestres e extensos cannaviaes.

Faz tambem moer alguns moinhos.

Morre no Oceano, 6 kilometros a E. de Tavira, com 18 de curso.

**ASSEICEIRA**—villa, Extremadura, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Thomar, 9 ao O. de Constança, 96 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Tinha em 1750, 35 fogos, a villa e toda a freguezia 165.

R. M. da Silva diz que foi povoada por D. Diniz, em 1315, dando-lhe então foral.

Segundo Viterbo, esta povoação é muito mais antiga, pois em 1218, D. Pedro Alvitis, mestre do Templo, e os seus freires, doaram a Plagio Farpado e seus descendentes, o *logar da Ceiceira*, com a condição de alli fundar uma albergaria, para passageiros pobres e ricos. Tarpado não fez a albergaria, pelo que a doação não teve effeito. E' pois provavel que esta povoação já existisse no tempo dos arabes.

Diz-se que D. Diniz a povoou, por lhe ter dado foral, ao que então se dizia povoar.

E' fertil em cereaes, fructas, azeite, gado e caça.

Tem muitos chapelleiros.

Em uma campina proximo d'esta villa, foi, a 16 de maio de 1834, a ultima batalha fratercida entre os realistas, commandados pelo general Guedes, e os liberaes, commandados pelo o conde de Villa-Flor (depois duque da Terceira.)

Os realistas, depois de uma brilhante investida, abandonaram o campo em desordem, por má direcção dos chefes.

E' situada em um valle, sem vista para outra freguezia.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Os condes da Atalaia apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis.

Tinha termo seu, com camara e dois juizes ordinarios. Misericordia e hospital, em ruinas.

A 1:500 metros da villa está o convento de Santa Sita, que era de frades franciscanos.

Tinham os habitantes da villa privilegio de não pagarem foros nem outros tributos reaes, nem portagem em terra alguma do reino, do que vendiam.

Passa por estas visinhanças o rio Nabão.

Dizem que a agua da *Fonte da Villa*, cura dor de pedra.

Eram senhores d'esta villa, com *mero e mixto imperio*, os condes da Atalaia, que punham as justiças.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 2 de novembro de 1514.

Antigamente dizia-se *Ceiceira*, e D. Manuel. no foral lhe dá o nome de *Ceiceyra*.

E' no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

**ASSENTIZ**—freguezia, Extremadura, co

marca e concelho de Torres-Novas, 132 kilometros ao NE. de Lisboa, 330 fogos.

Tinha em 1757, 274 fogos.

Era dos duques de Aveiro. Fertil.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Situada em montes e valles, perto da serra de Ayre. O prior do Salvador, de Torres Novas, apresentava o cura d'aqui, que tinha de renda um moio de trigo, uma pipa de vinho e 6$000 réis em dinheiro, e o pé de altar. E' no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era *morgado de Assentiz* (ou *Assentis*) o celebre e benemerito litterato Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos Amaral e Gaula, conhecido geralmente por o *Morgado de Assentiz*. Nasceu em Lisboa, a 2 de março de 1769, e morreu na mesma cidade a 5 de fevereiro de 1847. (Na rua de Santa Martha n.º 114.) Jaz no cemiterio do Alto de S. João. (Vide Lisboa no logar competente.)

**ASSENTO**—ha em Portugal 159 aldeias d'este nome.

**ASSEQUINS** ou **SEQUINS**—villa, Douro, na freguezia de Agueda. (Vide esta villa.)

Proximo de Assequins, e sobre a estrada de Lisboa, fica a povoação da Mourisca.

Convem não perguntar aqui pelos ossos de Pilatos!...) Vide Mourisca.

Assequins fica 1 kilometro distante de Agueda, nas margens do rio Alfusqueiro.

E' terra muito abundante de aguas, fresca e muito fertil.

Era senhor d'esta villa, Luiz de Saldanha da Gama, descendente de D. Sancho Dias de Saldanha e de sua mulher, a infanta D. Ximena, filha de D. Fruela I, rei de Leão, que reinou desde 753 até 766.

E' derivado (o nome d'esta villa) do arabe *Assaquiat*, significa, ribeirinho, regato.

Os antigos chamavam *acequias* aos ribeiros. (Damião de Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, pag. 3.ª, cap. 74.)

Segundo Viterbo, assequia (ou *acequia*) é o açude, e mais propriamente o lago, pôço ou charco feito na margem de qualquer ribeiro.

**ASSOEIRA**—aldeia da Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Assoeira*, significa imagem. Vem a ser, Aldeia da Imagem.

**ASSONJO**—catadupa, cascata, queda de agua, etc. (portuguez antigo.)

**ASSUMAR**—villa, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte, districto administrativo, bispado e 18 kilometros ao S. de Portalegre, 3 de Arronches, 180 ao E. de Lisboa, 200 fogos. Feira a 13 de junho.

Tinha em 1660, 300 fogos e em 1757, 202.

Orago Nossa Senhora da Graça.

29.ª estação do caminho de ferro de Leste.

D. Diniz lhe deu foral, em 1298, com grandes privilegios: e, para ser facilmente povoada, todos os reis da primeira dinastia lhe concederam muitas honras, liberdades, isenções e privilegios. (Franklim não falla em foral dado a esta villa.)

E' povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Ad-Septem-Aræ*, ou *Septem-Aræ*.

Situada em um bello plató, entre as villas de Alegrete e Monforte.

Filippe IV a deu a Francisco de Mello, da casa dos marquezes de Ferreira.

Era cabeça de condado e condes d'aqui os marquezes de Castello-Novo.

Dizem alguns escriptores que antigamente (depois de se chamar *Septem-Aræ*) se chamou *Summa-Ara*, e que d'aqui lhe provem o nome actual. Outros dizem que *Summa-Ara* foi o seu primeiro nome.

A matriz é edificada junto á muralha, servindo esta de parede á egreja. Os duques de Aveiro apresentavam os priores até 1759, em que tudo lhe foi confiscado, pelo crime de regicidio, passando então para a corôa. O prior tinha de renda 800$000 réis.

Tem Misericordia e hospital, muito antigos.

Já disse que os nossos primeiros reis lhe concederam grandes privilegios.

D. João V lh'os confirmou, pelos annos de 1730.

Os principaes d'estes privilegios eram: isenção de servir por mar e terra, por si e por seus bois; de pagar para pedidos de Fontes, pontes e calçadas; de levarem presos; de levarem dinheiros publicos a qualquer parte, etc., etc.

Não ha n'esta villa fonte alguma, e só a

distancia de 1:500 metros, ao E., na estrada de Elvas, ha uma fonte perenne, chamada do *Reguengo*. E' optima, e constante de verão e de inverno.

A 500 metros ao N., nasce um grande olho d'agua, que rega as hortas e pomares da villa.

E' cercada de muros, feitos por D. Affonso IV, em 1332, com seu castello, o que consta de uma inscripção que está sobre a porta principal da villa, que diz:

*Em nome de Deus, amen.*

*Era de 1370 (1332) se fez este castello, em senhorio do mui nobre rei D. Affonso de Portugal, filho do mui nobre rei D. Diniz.*

Em 1701, os castelhanos estragaram as muralhas, minando-as; mas logo se repararam.

O primeiro conde de Assumar, foi D. Francisco do Mello, por Filippe IV, em 30 de março de 1636.

D. Francisco de Mello era governador dos Paizes Baixos, de Flandres. Filippe IV o fez depois marquez de *Villescas*, na Hespanha.

D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar e marquez de Castello-Novo, foi feito marquez de Alorna (praça da India) por D. João V, em 9 de novembro de 1748.

Para a familia Silveira, vide Torre da Silveira.

As armas dos condes de Assumar, (Almeidas) são as dos actuaes marquezes de Fronteira, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas dos Mellos (6 bezantes de prata em campo de purpura, entre uma doble cruz de ouro e bordadura do mesmo) no 2.º e 3.º as armas dos duques de Bragança. (Vide Bragança, Cadaval, Vallença e Vimioso.

**ASSUREIRA** ou **ASSOEIRA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, arcebispado e 150 kilometros ao NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. João Evangelista.

A mesma etymologia de Assoeira. Outros querem que se escreva Açoeira, e então significa terra dos açôres, e póde ser que isto seja mais certo.

E' no districto administrativo de Bragança.

**ASTROMIL**—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago Santa Marinha.

Situada em um valle cercado de montes, que o fazem muito ameno, pelas muitas aguas que elles lançam no valle.

E' muito fertil e saudavel.

Os descendentes de D. Affonso de Magalhães e Menezes, senhor da villa da Barca, Nobrega e concelho de Freiriz, residentes em Coimbra, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 180$000 réis.

**ASTURÃOS**—rio, Minho. Nasce no sitio da *Azevosa*, de varias *fontanheiras*, que unidas formam o rio, que dá o nome á aldeia de Asturãos, por onde passa, e onde tem uma ponte de cantaria de um só arco, e outra em Bretiandos. Suas margens são arborisadas. Rega e móe.

Desagua no rio Lima.

**ATABUEIRA** ou **TABUEIRA**—freguezia, Alemtejo, concelho de Mertola, 96 kilometros ao O. d'Evora, 168 ao S. de Lisboa, 280 fogos,

Bispado e districto administrativo de B eja

Orago S. Marcos, evangelista.

Tinha em 1757 93 fogos. É terra fertil.

Tabueira significa logar pantanoso, que produz tabúa, junco e outras plantas paludosas.

O parocho (capellão curado) era apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de rendimento 130 alqueires de trigo. 9 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

**ATÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, arcebispado, districto administrativo e a 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757 330 fogos.

Orago Santa Maria.

O parocho (cura) era apresentado pelos frades jeronymos do convento da Costa, de Guimarães. Tinha de rendimento 40$000 réis.

É terra fertil.

**ATÃES**—pequena villa no districto da Serra, comarca de Lamego, 330 kilometros ao N. de Lisboa. 100 fogos.

Era da corôa.

É situada em um valle, e a matriz é Nossa Senhora da Corredoura. Terra fria.

Produz miuto centeio, algum trigo e milho; do mais, pouco.

Julgo que esta freguezia está annexa a outra, porque a não vejo nos mappas modernos.

**ATÃES**—Vide Atiães.

**ATÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (até 1855 era comarca e concêlho de Pico de Regalados), arcebispado, districto administrativo e a 18 kilometros ao N. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757 89 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Está annexa á freguezia de S. Miguel da Villa do Prado, cujos abbades apresentavam esta egreja.

Era seu parocho vigario collado e tinha de rendimento 40$000 réis.

Situada em um valle, na costa do monte *Picotto*, d'onde se vê Braga e muitas serras.

É fertil e tem muita caça.

Ha n'esta freguezia uma casa nobre chamada *Paço d'Atães*, dos srs. Limas. Tem esta casa um *padrão* passado por D. Sebastião, em 1558, pelo qual consta ser privilegiada està casa e toda a freguezia.

É tradição que no Paço de Atães esteve escondido algum tempo D. Antonio, prior do Crato, depois da derrota da ponte de Alcantara, em Lisboa.

Ha aqui antiquissimos e corpulentos carvalhos.

Passa por esta freguezia o ribeiro das Prezas, que rega e móe.

**ATÃES**—bella e extensa quinta dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim (que falleceu no Porto em junho de 1871) a qual formava o *morgado de Atães*, que tem uma bôa capella na claustra da Sé do Porto.

É sobre a margem direita do Douro, bispado, districto administrativo, comarca e 12 kilometros ao E. do Porto, freguezia de Jovim, concelho de Gondomar.

Já existia esta quinta em 1460. (Vide Villella.)

**ATAÍDE, ATHAÍDE** ou **TAÍDE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, bispado, districto administrativo e 48 kilometros ao N. E. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1660 só 40 fogos, e em 1757, 42. Era do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, que foi supprimido em 1855.

Orago S. Pedro, apostolo.

Situada nas terras de Cima-Tamega, e entre montes. Fertil.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, pelo cabido da Sé do Porto e pelos frades bentos de Bustello, proximo a Penafiel. Tinha de renda 120$000 réis.

A ermida da Senhora da Natividade, vulgo Senhora do Pinheiro (por estar no logar d'este nome) está situada em um alto.

Vem aqui muitos *clamores* (já disse o que eram clamores) das freguezias de Recesinhos, Villa-Bôa de Quires, Meinedo e Castellões.

É constante que n'esta ermida houve um hospital administrado pelos ascendentes do sr. Miguel Vaz Guedes d'Athaide Azevedo Brito Malafaia, senhor da honra de Barbosa, (que fica a 12 kilometros de distancia) e sustentado por elles á sua custa; e é tambem tradição terem o seu solar no logar do Pinheiro, e ainda ha vestigios de suas antigas torres, das quaes só existem as ruinas. (É certo ser esta freguezia o solar dos Athaides.)

Na ermida ha quatro vãos, mettidos na parede, que eram os quartos dos doentes e peregrinos.

Os senhores de Barbosa teem aqui muitas rendas, e eram senhores d'esta freguezia (pelo que se assignam *d'Athaide*).

Foi antigamente do julgado de Villa-Mean.

Feira na primeira quinta-feira de cada mez, aos 12, dia de Santa Luzia, 2.ª oitava do Natal, e a 20 de janeiro. O rio dos *Odres* que passa aqui, divide esta freguezia da de Real. Em alguns papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de *Ataílde*.

Fica entre Penafiel e Canavezes.

Foi fundada ou povoada por *Atanagildo*, rei dos godos, em 560, impondo-lhe o seu nome, que se corrompeu no actual.

Fr. Bernardo de Brito diz que a fundou um *senhor* godo, do mesmo nome, pelo mesmo tempo, e não o rei.

**ATAÍJA**—duas aldeias no termo de Thomar. É a palavra arabe *Attaija*. Significa a *coroada*.

**ATALAIA**—serra, Extremadura, termo do Pombal. Principia nas Lameiras a 1:500 metros do Pombal, e finda na Arroteira.

Tem optima pedra calcarea, que serve para construcção. Tem muitas oliveiras e grande abundancia de alfazema.

É cultivada em parte e dá trigo e cevada. Caça miuda.

É a palavra arabe *Attallaâ*. Tanto significa *torre de vigia*, como *logar alto d'onde se descobre ao longe*, como o a que nós chamamos *sentinella*. (É n'esta ultima accepção que a toma Damião de Goes, na *Chronica d'el-rei D. Manuel*, Parte IV, cap. 64, onde diz:—«*Chegou á Mesquita pelas duas horas da noite, e logo poz as suas atalaias ao redor do campo.*»

Esta palavra deriva-se do verbo *tálea* (subir), e na oitava conjugação é *vigiar, olhar ao longe, descobrir com a vista.*

**ATALAIA**—serra, Extremadura, limites da freguezia de Santo Estevão das Galés, 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

Rebentam aqui algumas fontes, e nascem dois ribeiros que morrem no rio Friellas.

Cria gado grosso e miudo. Suas faldas se cultivam e dão trigo, cevada, milho e outros fructos.

**ATALAIA**—serra, Beira Baixa, termo de Trancoso e na aldeia dos Carnicaes, freguezia da Calçada. O seu clima é excessivo.

Produz muita lenha e cria caça miuda.

Tem 4:500 metros de comprido e 1:500 de largo.

A mesma etymologia.

**ATALAIA**—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho e 9 kilometros ao N. de Portel, 120 kilometros ao S. de Lisboa, 40 fogos.

Tinha em 1757, 53 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

A egreja é situada sobre um outeiro bastante alto, de fórma redonda, chamado da *Atalaia*, (que deu o nome á freguezia), e d'elle se vê Evora (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence), Arraiolos, Redondo, Monsaraz, Portel, Vianna do Alemtejo, Alvito, Villa-Alva, até á raia de Castella; e desde Moura até Olivença.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha de renda tres moios de trigo.

Corre aqui o rio Odivellas. É terra fertil e sádia.

Grandes montados de sobreiros (ou sovereiros) e carvalhos, com cujo fructo se criam muitas varas de porcos, com que se faz grande commercio.

A mesma etymologia.

**ATALAIA** e **CARVALHAL**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Pinhel, 72 kilometros de Vizeu, 336 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Era da corôa. É fertil.

Situada em um alto d'onde se vê a Guarda (a 24 kilometros), Almeida (a 12 kilometros), Castello-Rodrigo (a 28), Jarmello e varias povoações menores.

Era abbadia do padroado real, tinha de renda 200$000 réis.

Corre aqui a ribeira de Celorico.

Ao O. em um grande outeiro, se vêem as ruinas de uma fortaleza antiga, e d'aqui se descobrem mais de 360 kilometros em redondo. E' a que deu o nome á freguezia.

É em sitio inconquistavel, servindo-lhe de fosso os rios Celorico e Pinhel.

É tradição que mandou fazer esta fortaleza, em 1646, o licenceado Pedro Cardoso de Seixas, abbade d'esta freguezia, para defender o povo das invasões dos castelhanos.

A mesma etymologia.

**ATALAIA**—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, 24 kilometros de Evora, 120 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Nossa Senhora Mãe dos Homens.

É no patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

A mesma etymologia.

**ATALAIA**—villa, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho da Barquinha. Patriarchado e 120 kilometros a NE. de Lisboa, districto administrativo de Santarem, 380 fogos. Tinha em 1757, 60 fogos, segundo o *Portugal Sacro e Profano*; mas julgo que é erro, pois que a *Poblacion General de Hespana* lhe dá 200, em 1660.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Tinha foral. O primeiro lhe foi dado por D. Affonso II, em outubro de 1212. (*Corpo Chronologico*, pag. 2.ª, maço 1.º, doc. 22). O segundo lhe foi dado por D. Diniz (quando a mandou povoar) em 1315. (Franklim não falla n'este foral). D. Manuel lhe deu foral novo (o terceiro) em Lisboa, a 2 de novembro de 1514. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 144, col. 1.ª)

Feira a 20 de janeiro.

Situada junto de um monte, proximo da direita do Tejo, vendo-se (do monte) Abrantes, Ourem e varias povoações menores.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Foi resgatada do poder dos mouros, em 1147; mas parece que esteve despovoada até ao reinado de D. Affonso II, que lhe deu foral com grandes privilegios, para attrair para aqui moradores.

Ou não valeu este foral para a concorrencia de habitantes, ou se tornou a despovoar; porque D. Diniz a povoou de novo em 1315 quando lhe deu foral (o segundo). Fez-lhe então uma formosa fortaleza, hoje em ruinas.

E' solar dos Noronhas Manueis, condes da Atalaia e marquezes de Tancos. (Os filhos primogenitos dos marquezes, são condes da Atalaia).

Eram os condes, senhores donatarios e alcaides-móres d'esta villa. Apresentavam os priores, que tinham de rendimento 500$000 réis.

Tem Misericordia e uma albergaria.

Ha aqui uma grande coutada, onde ha muita caça.

E' terra fertil, sobretudo em azeite, de que tem uma grande abundancia. Produz tambem bastante e optimo vinho.

Passa aqui a nova estrada da Barquinha para Thomar.

Consta que no alto do monte houve uma atalaia antiquissima, que foi a que deu o nome á villa.

—

O 1.º conde da Atalaia foi D. Pedro Vaz de Mello, por D. Affonso V, pelos annos de 1470.

O 2.º conde da Atalaia foi D. Francisco Manuel, por D. Filippe II, em 17 de julho de 1583. Foi um distincto escriptor e bom poeta, do seu tempo. D. Filippe IV fez conde da Atalaia, a D. Pedro Manuel.

O 6.º conde da Atalaia, D. João Manuel de Noronha, foi elevado a marquez de Tancos, por D. José I, em 22 de outubro de 1751.

—

As armas dos marquezes de Tancos e condes da Atalaia, são—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, em campo de purpura, um coto d'aguia, de ouro com uma mão empunhando uma espada, guarnecida do mesmo metal. No 2.º e 3.º, um leão de purpura, armado de azul, em campo de prata. Elmo de prata aberto (hoje corôa de marquez) e por timbre o mesmo coto e espada das armas.

—

Além das povoações descriptas com o nome de Atalaia, ha mais em Portugal 17 aldeias assim chamadas. Todas têem a mesma etymologia.

**ATALAIA**—freguezia, Beira Alta, bispado de Vizeu, d'onde dista 84 kilometros, 360 ao N. de Lisboa, tinha em 1757, 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O parocho é abbade, foi apresentação do real padroado, tem de rendimento 200$000 réis.

Não acho esta freguezia nos mappas e livros modernos. Achei-a no *Portugal Sacro e Profano*, e supponho que foi engano do seu auctor, e que é a mesma da Atalaia e Carvalhal, que elle escreveu duas vezes.

**ATALAIA** (Nossa Senhora da)—O mais celebre sanctuario do Alemtejo e da Extremadura, não pela magnificencia do edificio, mas pela devoção popular, que traz aqui to-

do o verão uma multidão de romeiros, de muitas leguas de distancia.

A egreja está situada sobre um outeiro na margem do S. do Tejo, mas para o interior, a 4 kilometros da villa de Aldeia Gallega do Riba Tejo, a cuja freguezia pertence. Tem na frente um vasto adro, d'onde se disfructam deliciosas e extensas vistas.

Do adro desce-se por uma boa escadaria de pedra para um grande terreiro, orlado por varias casas que servem de hospedaria aos romeiros. No fundo do terreiro, em frente da egreja, á sombra de um corpulento pinheiro, ergue-se um bonito cruzeiro de pedra sob uma cúpula tambem de pedra, sustentada por quatro pilares da mesma.

A origem d'este templo é a seguinte: Havia aqui, junto a uma grande aroeira, uma fonte chamada *Fonte Santa*, que curava varias molestias. Um dia appareceu sobre a aroeira uma imagem da Virgem, e tanto isto exaltou o povo que cuidaram logo em lhe fazer uma capella; mas, em quanto a não faziam, collocaram a Senhora sobre a cantareira de uma casa que havia aqui. Tantas foram as esmolas, que em breve se fez a egreja, e para o seu altar-mór mudaram a imagem, mas no outro dia pela manhã tornou a apparecer na cantareira, e o mesmo fez todas as vezes que a mudaram para a egreja; até que elles a deixaram ficar na cantareira (que alargaram e adornaram) e fizeram uma nova imagem para a egreja. A esta chamam a *Senhora Nova* e aquella *Senhora Velha*. A casa da cantareira é hoje a sachristia da egreja. Esta foi feita em 1623 e reedificada no seculo passado.

A *Fonte Santa* é por traz do altar-mór. Desde o S. João até outubro os cirios e as romarias a esta egreja são sem interrupção, e este sitio é um verdadeiro arraial. De inverno tem só uns 25 moradores permanentes.

**ATALAIA DO CAMPO**—freguezia, Beira Baixa, comarca do Fundão, concelho de Alpedrinha, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 120 fogos. Tinha em 1757, 94 fogos. Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

E' da coroa.

A mesma etymologia.

Tem foral *novissimo*, dado por D. Sebastião em 1570. Já então era villa, como consta do mesmo foral.

Situada em uma campina d'onde se vê Castello Novo, Penamacor e Monsanto. E' fertil.

A commenda de Nossa Senhora da Graça, de Castello Novo, (á qual foi sempre annexa) apresentava aqui o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

Feira no domingo do Espirito Santo e a 24 de junho.

Foi villa e couto (extincto) e seu donatario Christovão da Costa Freire.

Tem uma boa fonte de cantaria abundantissima e constante.

Tem vestigios de ter sido cercada de muralhas; mas não ha indicios de torre ou castello. Corre aqui o rio *Alpereade*.

**ATAMÁRMA** ou **TAMÁRMA**—(é mais etymologico Tamarma). Nome de uma fonte, de uma calçada e de umas portas da cidade de Santarem. É mesmo a palavra arabe *Tamarmá*, significa agua que tem o gosto de tamaras (como se dissessemos *atamarada*) isto é, agua doce.

Todos os auctores que tratam da tomada de Santarem lhe dão outra significação. Dizem que *atamarma* quer dizer, aguas amargosas. Já demonstrei que é engano. De mais, Duarte Galvão, na *Chronica de el-rei D. Affonso Henriques* (cap. 28, pag. 37) diz:—*Tomaram o sumidouro* (fuga) *entre Motirás e a fonte de Tamarmá, á qual os mouros assim lhe chamam pelas aguas d'ella serem doces*.

Ha ainda outra etymologia, que lhe dá o povo miudo d'aqui, é a seguinte:

Quando D. Affonso I tomou esta praça (8 de maio de 1147) um dos seus que tinha entrado dentro disfarçado (vide Santarem) gritou de cima das portas d'este nome—*átam'arma!*—(a uma corda que elle tinha na mão) e é d'aqui, segundo elles, que provém este nome.

Ha outras etymologias mais disparatadas, todavia esta é mentirosa; porque havia já mais de 200 annos, antes de 1147, que, ás

portas, á fonte e á calçada davam os arabes este nome, ainda que mais extenso, pois diziam—*Portas da fonte da Tamarma, Calçada da fonte da Tamarma.* Já se vê que foi a fonte que deu o nome ás portas e á calçada.

Muitos leitores hão de desgostar-se com estas *minuciosidades;* mas o meu fim, n'esta obra, é memorar todos os factos e tradições que distinguem qualquer terra, e dissipar todas as duvidas (até onde poderem attingir os meus limitadissimos recursos litterarios).

Tambem de *Tamarma* provém o actual nome da cidade de Thomar, e, já se sabe, com a mesma significação. Uns dizem que por causa de uma fonte de optima agua que alli acharam os fundadores; outros que pela bondade das aguas do *Nabão.*

**ATAMORRA**—aldeia, Algarve, termo de Tavira. *Atamorra, Almatmora, Matmorra* e *Matmora,* é palavra arabe. Significa *cóva* ou celleiro subterraneo onde os mouros costumavam guardar os seus trigos, e ainda usam d'ellas na Africa. Ordinariamente tinham a fórma de um M, e eram uns poços ou escavações feitas em terrenos bem seccos, muito bem calcados, tanto dos lados como no pavimento. Alguns, poucos, eram feitos de pedra e barro.

Os celtas usavam d'estes *celleiros,* a que chamavam *silos;* e os antigos lusitanos, que tambem os tinham, lhe davam o nome de *cóvas.*

D'aqui o nome de *Cóvas* que têem algumas freguezias e muitas aldeias e logares de Portugal.

Em differentes epocas, e ainda em nossos dias, têem apparecido, em varias partes, muitos d'estes celleiros subterraneos.

São os depositos de cereaes dos tempos primitivos, usados pelos chaldeus, egypcios, hebreus, assyrios, persas, etc. Vide *Cóva.*

**ATAÚDES** (monte dos)—Próximo (ao E.) da villa d'Amarante (D.) Na encosta de um monte, ha um terreiro a que de tempos immemoriaes se chama *os Ataúdes* e que deu o nome ao monte.

Em 1858, certos individuos (dos que procuram *minas encantadas)* alli foram escavatar, e acharam muitas sepulturas, umas de pedra, outras cavadas no saibro (todas em direcção de E. a O.) e cobertas de louzas.

Cada sepultura continha uma, duas, trez ou quatro amphoras, de barro muito fino e muito bem feitas, e de differentes fórmas e tamanhos; que se suppõe terem contido aromas, e, dizem, que algumas, apezar de vazias, espalhavam um agradavel cheiro.

Ha todas as razões para acreditar que este sitio foi cemiterio árabe; não só pela forma das sepulturas, como até pelo nome *d'ataúde,* evidentemente árabe, corrupto de *attabut,* que significa *arca, tumba* ou *esquife* para recolher cadaveres. Deriva-se da palavra hebraica *tibota,* que significa o mesmo.

No alto do monte, e proximo aos *ataúdes,* ha uma pequena aldeia, chamada *Moure,* aque a *Corographia Portugueza* tambem dá o nome de *Ataúdes.*

Do outro lado do rio, em um monte que fica defronte dos *ataúdes,* ha vestigios de uma fortaleza antiga, construida de seixos amaçados com barro e terra (como ainda hoje se fazem muitas paredes nas immediações de Vallença do Minho.)

Os árabes chamavam aos cemiterios *Almacbar,* de que nós fizemos *Almocavar.* (Vide esta palavra.

**ATEANHA**—freguezia, Beira Baixa, concelho do Rabaçal, 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. João.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

**ATEI**—ou Athei, ou Athey, ou Atrim, villa, Traz-os-Montes, comarca de villa Pouca d'Aguiar, concelho de Mondim de Basto, Arcebispado e 54 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Bragança.

Tinha em 1757 301 fogos.

Eram donatarios os marquezes de Marialva, e era couto d'elles. Fertil.

Situada em montes e valles (a freguezia) d'onde se descobrem muitas terras.

A abbadeça de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentava o vigario e 3 benefi-

ciados que havia nesta egreja, um dos quaes era o mesmo parocho. Este tinha de renda 100$000.

Na torre da egreja ha um sino muito antigo, que foi achado no sitio do *Outeirinho de Deus*, e que tem em relevo lettras arabicas.

No monte Farinha, ha sete capellas, com os sete principaes passos da paixão de Jesus Christo, que se não chegaram a concluir. D'este monte se descobrem mais de 120 kilometros quadrados de Portugal, e mais de 240 de Castella.

Ao E. deste monte, e proximo a elle, está outro chamado *Palhaços*, no qual ha vestigios de grandes edificios romanos ou árabes, e nestas ruinas está uma cava, ou galeria subterranea, que vae sahir a um despenhadeiro chamado *Furaco*, sobre o Tamega; a qual sahida só se vê nas estiagens.

Tem esta galeria, ou estrada subterranea, 9 kilometros.

Só esta freguezia formava antigamente um concelho. É terra muito abundante d'aguas.

Aqui nascem os ribeiros *Bezerrão* e *Gama do Paço*, que se mettem no rio Cabril e o *Candal* e o *Sequeiro*, que se juntam, e então se chamam Bésteiros, e com este nome morre no rio *Pôço*.

Passam tambem aqui o *Arades*, o Salgueiraes e o *Costa*, que se juntam nesta freguezia, e correndo de E. a O., se mettem aqui mesmo no Tamega, que passa a O. Todos moem e regam.

Ha n'esta freguezia muito gado, miudo e grosso, e muita caça miuda.

O rio Tamega divide aqui o concelho de Cabeceiras de Basto (Minho) do de Moudim de Basto, e a provincia de Traz-os-Montes da do Minho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de junho de 1514. Vide Bagunte.

**ATENOR** ou Tenor — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, concelho do Vimioso, 24 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Atenor ou Antenor é nome proprio de homem, entre os gregos.

Situada na encosta de um monte, d'onde nada se avista mais de que a freguezia.

O abbade de Travanca apresentava aqui o cura que tinha 25$000 réis.

É terra farta. Tem uma lagoa onde se criam muitas sanguesugas.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

**ATHEÃES** — Vide Atiães.

**ATIÃES** — freguezia, Minho, concelho do Prado, Arcebispado, districto administrativo e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Tinha em 1757 60 fogos.

Eram seus donatarios os marquezes de Minas, mas depois passou para a coroa.

Situada em um valle onde se vê Braga e o convento de Tibães.

Um conego da Sé de Braga apresentava o vigario d'aqui, que tinha de rendimento 60$000 réis.

É terra fertil; mas pobre, pelas muitas rendas que paga.

Ha nesta freguezia uma antiga torre, com suas ameias e uma quinta; que tudo foi de D. Gastão José da Camara Coutinho, e hoje é de seus herdeiros.

Não acho esta freguézia nos mappas modernos: supponho que está annexa a outra.

**ATIMAR** — portuguez antigo, acabar, concluir, terminar, levar ao cabo, etc.

**ATOCHA** — (senhor d') vide Quintan.

**ATOLLEIROS** — aldeia, Alemtejo, concelho da Fronteira. Proxima a esta aldeia, a 29 de janeiro de 1384, o grande D. Nuno Alvares Pereira derrota e põe em fuga o exercito Castelhano de D. João I. (commandado pelo irmão d'este heroe, o transfuga Pedro Alvares Pereira.)

As perdas dos castelhanos foram enormos.

**ATONDO** — direito de rotear, romper e agricultar algum terreno inculto, não se podendo porem dar, doar, trocar ou vender, isto é, sendo um mero usufructuario ou morgado. (Vide Mira.)

*Atondo* é o mesmo que préstimo ou *apréstamo.*

**ATOUGUIA** — rio pequeno, Extremadura, comarca de Leiria.

Toma o nome da villa d'Atouguia da Baleia, por onde passa.

Nasce nos *Bréjos*. Suas margens têem arvores silvestres e são em parte cultivadas.

Tem uma ponte de cantaria, chamada «*de S. Domingos*» e outra, tambem de cantaria, chamada «*das Taboas*» (por ter sido primeiramente de taboado) além d'outras de madeira.

Depois de 6 kilometros de curso, se mette no lago do *Bréjo*, e d'aqui morre no Oceano, no sitio do *Medão Grande*.

**ATOUGUIA DA BALEIA** — villa, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho e 3 kilometros a E. de Peniche, 72 kilometros ao O. de Lisboa, 560 fogos.

Tinha em 1660 300 fogos, e em 1357,90.

Chama-se da Baleia, porque em 11 de fevereiro de 1526, deu aqui á costa uma baleia, que tinha 20 metros de comprida.

Achou-se no sitio da *Areia Branca*. A espadana do rabo tinha $4^1/_2$ metros de largura. Na bocca lhe cabiam dois homens de pé, muito á sua vontade!

Tem um convento de freiras agostinhas, que, segundo a tradição, foi templo romano, dedicado a Neptuno.

Em 800 (de Jesus Christo) já era convento, dedicado a S. Julião. Segundo uma lapide que se vê na parede exterior da capella-mór, foi o consul *Decio Junio Bruto*, que consagrou a Neptuno o templo primittivo, *pela victoria alcançada contra os povos d'Eburobritium*.

No reinado de D. Sancho I., morrendo todos os frades de peste (1191) foi este convento incorporado no de Alcobaça.

Celebraram-se aqui cortes, em 1373, ou 1376, no reinado de D. Fernando.

Estas cortes deram occasião á lei de 13 de setembro de 1376, pela qual se regulou a jurisdição dos Donatarios, e em que se deram varios privilegios. Tambem se deram differentes providencias a bem da navegação e commercio d'estes reinos.

Situada em um alto, na costa do Oceano, com seu castello (arruinado.)

Chamava-se antigamente *Touria*, pelos muitos touros que aqui tinha D. Pedro I. (quando residia no logar da *Serra d El-Rei*) o que provam as suas armas.

Foi povoada em 1165, por *Wilhelmo Lacorne, oude Cornes*, fidalgo francez, a quem D. Affonso I. deu esta villa, em premio de o ajudar na tomada de Lisboa.

O mesmo D. Affonso I. lhe deu foral, a 24 de fevereiro de 1167, confirmado em Santarem, por seu neto D. Affonso II., em fevereiro de 1218.

No foral velho havia o § seguinte: — *A mulher torpe que sem causa injuriar mulher honesta, leve cinco açoites, por cima da camiza, e o homem que deostar (doestar) algum homem grave e de bem, ou mulher honrada «X varancadas (varadas) recipiat.»*

D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Parece que tambem D. Sancho I, lhe deu foral sem data que foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, quando confirmou o primeiro. Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 59, col. 1.ª — Livro dos foraes ant. de leitura nova, fl, 87. v. col. 1.ª maço 12—foraes ant, n.º 3 fl. 33, col. 1.ª Livro dos—foraes ant. de leitura nova, fl. 9, col. 1.ª—maço 12, de foraes ant., n.º 3, fl. 32 v, col. 2—Livro de foraes ant. da leitura nova, fl.8 v. col. 1.ª—Livro 1.º dos reis e rainhas, fl. 51, v. gaveta 20, maço 11, n.º 14, sentença de 29 de maio de 1563, no Livro das sentenças a favor da coroa, fl. 40 v. col. 2.ª — Torre do Tumbo.

Tinha voto em cortes, com assento no banco 16.º

Misericordia e hospital.

Fertil em cereaes, fructa, gado, caça e peixe do mar.

Tinha um convento de frades franciscanos (de S. Bernardino.)

Orago S. Leonardo.

Patriarchado districto administrativo de Leiria.

Chamava-se tambem *Ataugia*, *Taugia* e *Atauguia*; Foram seus donatarios, até 1759, os condes d'Atouguia; depois passou para a coroa.

D. José I. extinguiu este condado (1759) mandando justiçar o ultimo conde d'Atouguia, por complicidade no attentado commettido contra a vida d'este rei.

A matriz é de trez naves. O geral dos conegos seculares de S. João Evangelista, de Lisboa, que era prior d'esta egreja, apresentava o vigario e sete capellães, dando a cada um, um moio de trigo, 20 alqueires de sevada e uma pipa de vinho, por anno.

O vigario tinha de renda: dois moios de trigo, uma pipa de vinho e 20$000 reis em dinheiro.

Tem mais uma boa egreja de Nossa Senhora da Conceição, cujo prior apresentavam as rainhas de Portugal.

Feira a 6 de novembro.

Perto da villa ha um lago onde se caça muita ave d'arribação.

Tem seu porto de mar, no sitio do *Baleal* (ou *Beleal*) que só serve para barcos de pesca. (Vide *Baleal.*)

Além do castello ha n'esta villa o forte de Nossa Senhora da Consolação.

Julga-se que foi D. Diniz que mandou fazer o seu forte castello.

Aqui passa o rio Atouguia, e desagua no mar, no sitio do *Medão Grande.*

Tem por armas um touro em campo de purpura, sustentando dois castellos, um em cada ponta.

O primeiro conde d'Atouguia foi Alvaro Gonçalves de Athaide, por D. Affonso V, em 17 de dezembro de 1448, titulo renovado por D. Sebastião a favor de D. Luiz d'Atahide. (Vide Talho de Peixes.)

**ATOUGUIA DAS CABRAS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, 60 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Tinha em 1757 220 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro d'Alemquer apresentova aqui o cura.

Era annexa á dita freguezia de S. Pedro. O cura tinha de renda um moio de trigo, duas pipas de vinho e o pé d'altar.

Cria muito gado grosso e miudo, e é das freguezias mais ferteis e ricas do concelho.

Passa aqui o pequeno rio do seu nome, que secca de verão. De inverno faz moer lagares de azeite e azenhas de pão.

A *Fonte do Juiz* (no logar do Bairro) secca no inverno, e é abundante de muito boa agua no verão.

O povo d'esta freguezia acha mais bonito chamar-lhe *Abrigada* do que Athouguia das Cabras, por isso já a descrevi sob o nome de Abrigada. (Vide esta palavra.)

Esta freguezia ha 100 annos tinha 60 fogos, hoje, só a aldeia tem 42. Ha aqui uma capella de Nossa Senhora.

**AUFRAGIA** ou **EUFRAGIA** ou **EUFRAZIA**—cidade antiquissima do Minho, mencionada nos *agiologios* e *santoraes*, e na *Chorographia do Padre Carvalho.*

Diz-se que estava fundada nos limites da actual freguezia de Fareja. (Vide Fareja.)

Foi regulo d'esta cidade *Liciniano* ou *Leuciano.* Diz-se que os seus paços ainda existem no monte de Pombeiro (o *Columbino* ou *Columbario* dos antigos) proximo da margem esquerda do Vizella.

N'estes paços havia uma grande torre, de que restam ruinas.

Ao sitio onde estão estes paços se chama *Cirgude.*

É tradição que aqui viveu algum tempo o famoso *Egas Moniz.*

É solar dos antigos senhores de Felgueiras e Vieira, d'appellido *Azedo.*

Esta casa é o que resta de Aufragia.

Dizem outros que *Aufragia* existiu no valle de *Adafroia*, proximo á villa de Pombeiro, na Beira, solar dos srs. condes de Pombeiro (marquezes de Bellas).

Pelos fins do seculo passado appareceram nos montes proximos a Fareja, 74 sepulturas de tempos remotissimos. Isto confirma a opinião dos que sustentam que esta cidade era no Minho e não na Beira.

Foi destruida em 965, pelo mouro *Al-Coraxi*, rei de Sevilha, que a arrazou completamente.

Outros dizem que esta cidade era situada na freguezia de Sindim, concelho de Felgueiras, a 12 kilometros de Guimarães e 355 ao N. de Lisboa, em um ameno valle. (Supponho que estas duas situações vem a dar na mesma.)

Suppõe-se ser fundação dos gallos-celtas cinco ou seis seculos antes de Jesus Christo.

**AUNONA** — cidade antiquissima, Minho que o dr. João Ferreras diz ter existido nas margens do Ave.

O dr. Ferreras traz esta cidade mencionada na sua *Historia de Hespanha;* mas J. Contador d'Argote desmente isto formalmente nas *Antiguidades de Braga,* sustentando que tal cidade nunca existiu.

**AUREGA**—Minho, na serra de Santo Ovidio (ou S. Miguel d'Aurega). Parece ser corrupção de Arga, ou esta d'aquella.

Alguns dizem que houve aqui uma cidade d'este nome. Outros (e estes teem bons fundamentos) dizem que era freguezia. (Vide S. Miguel d'Aurega.

**AURONCA**—cidade antiquissima, Douro, 55 kilometros ao N. de Coimbra, 258 ao E. de Lisboa, perto do Marnel, e da qual apenas ha pequenos restos.

Foi fundada pelos turdulos, 400 annos anteo de Jesus Christo, e foi cidade durante o imperio romano e o dominio arabe na peninsula.

Diz-se que foi arrazada pelo rei mouro de Valença (pelos annos 1181) quando foi atacar Porto de Mós e alli foi batido por D. Fuas Roupinho.

Outros dizem que teve logar a destruição d'esta cidade pelo tal rei de Valença, na retirada de Porto de Mós.

N'esta cidade nasceu o santo varão *Martim Arrias,* vigario de Santa Maria de *Finis Terra,* junto ao castello de Soure, captivo dos mouros, na tomada d'esta villa em 1144 e que morreu em Córdova. (Vide Soure.)

O licenceádo Jorge Cardozo, no *Agiologio Luzitano,* pag. 344, diz que esta cidade existiu proximo do Vouga, em um monte do mesmo nome. Elle lhe dá o nome de *Auranca.*

**AVANCA** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Estarreja, 40 ao S. do Porto, 276 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos.

Tinha em 1757 937 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Foi do antigo e extenso concelho da Feira parte d'esta freguezia, parte do de Estarreja, e parte do da Bemposta (hoje supprimido). Hoje (como devia ser) é toda de um concelho.

Confina pelo S. O. com a ria de Aveiro

É aqui o solar da casa vinculada dos *Rezendes.* É seu possuidor actual o sr. Antonio Thomaz de Rezende Abreu Freire.

Foi da commenda de Christo.

A antiga egreja, que era muito velha e pequena, cahiu em 1724.

A 15 de outubro de 1727 se principiou a actual, no mesmo sitio da velha. É uma das melhores egrejas do bispado.

O corpo da egreja foi feito á custa do povo, e a capella-mór á custa da dita commenda.

O reitor, que era apresentado pelo ordinario, apresentava da sua parte quatro egrejas que estavam annexas a esta *in perpetuum.* Eram Madail, Loureiro, Pardilhó e Bunheiro. Tinha de renda 200$000 réis.

A capella de Santo Antonio, situada no rocio da egreja, serviu de matriz emquanto duraram as obras da nova egreja.

É tradição que antigamente houve aqui uma villa chamada *Banca,* da qual apenas resta a memoria.

Outros dizem que Avanca é corrupção de *avenca,* planta medicinal.

Correm aqui quatro regatos anonymos, que regam e móem.

Tem esta freguezia mais de 360 barcos de pesca e transporte, incluindo os que andam ao *moliço* (especie de alga-marinha que aqui se extrahe do rio e é um optimo adubo das terras).

Abundante de peixe da ria e do mar.

Avanca é uma extensa, populosa e rica freguezia, e das melhores e maiores do districto administrativo de Aveiro.

**AVANTOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, d'onde dista 72 kilometros a NO., 408 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757 40 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O parocho era cura da apresentação do reitor de Santa Eugenia de Ala, e tinha de

congrua 8$000 reis e o que rendia o pé de altar.

**AVARO** (Promontorio)—Ptolomeu o colloca nas costas dos povos *nemetatos* (braccarenses) 15 kilometros acima da foz do Ave. Tomou este nome d'este rio, e parece ser o espaço que medeia entre a sua foz e a do Cávado, comprehendendo a corda da penedia chamada *Cavallos de Fão*.

**AVE**—rio, Minho. Nasce nas vertentes da serra da Cabreira, a 30 kilometros de Guimarães, no sitio de *Pé de Cão*, correndo ao principio arrebatado por entre penedias.

A serra da Cabreira divide o Minho de Traz-os-Montes. O Ave nasce em uma fonte chamada d'Ave (e é o que dá o nome ao rio) a 600 metros desviado da provincia do Minho, e no principio da de Traz-os-Montes, na freguezia de Santo Estevão de Castellões, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso.

Recebe muitos rios, sendo os mais importantes o Fafe e o Cêlho (ou Sêlho) e o principal o Vizella, que se junta no sitio de *Entre-Ambas-as-Aves*.

Recebe mais o Pé (ou Pelle), o Landim, o Covellas, o Pombeiro, o ribeiro da Aldeia e o Deste (ou Este), que se junta proximo a Villa do Conde.

Morre no Oceano entre Azurara e Villa do Conde, com 85 kilometros de curso.

Em toda esta distancia tem seis pontes de pedra, que são as de S. Bento de Domim, S João (entre Braga e Guimarães), Cerva, Ponte-Nova e Lagosinhos.

Recebe este nome da imagem de Nossa Senhora de *Lagocinhos* ou *Lagoncinhos*, que se venera n'este sitio.

Tinha mais a magestosa Ponte do Ave (a 2 kilometros da sua foz) em Villa do Conde que, pouco depois de construida, foi demolida por uma enchente em 1822. D'ella apenas restam os pégões.

Tem tambem a bellissima ponte pensil da *Barca-da-Troffa*, sobre a estrada real de Lisboa.

Só os primeiros 2 kilometros, desde a sua foz, isto é, até Villa do Conde, é navegavel para navios; d'ahi para cima tem açudes, que impossibilitam a navegação.

Tem lampreias, saveis e varias qualidades de peixe.

Suas margens são quasi todas cultivadas e muito ferteis, e em partes cobertas de frondoso arvoredo.

Ptolomeu chama *Avus* a este rio. Diz que corre á vista da famosa cidade de *Cinania*, cujas ruinas (vestigios) se vêem no sitio chamado hoje Citania. (Vide Cinania e Citania.)

Já disse que uma das pontes que cortam este rio se chama de S. João; fica a 6 kilometros ao N. de Guimarães. Quando alguem d'estes sitios está doente vae, com um padre á meia noite em ponto, ao meio da ponte, levando meio alqueire de painço e tres punhados de sal. O padre lê os exorcismos, o doente atira da ponte abaixo o painço e o sal, e o diabo (que, mettido no corpo do doente, lhe causava a molestia) sahe, para se ir entreter a contar os grãos do painço e fica o doente são. D'estas superstições encontram-se muitas em todo o reino.

No logar de Pedroso, perto d'este rio e da cidade de Braga, houve em 1071 grande batalha entre os portuguezes, commandados pelo conde D. Nuno Mendes, e os castelhanos, commandados por D. Garcia, rei de Portugal e Galliza.

Os portuguezes eram muito poucos e indisciplinados, e os castelhanos, muitos e praticos na guerra. O conde foi morto e os portuguezes derrotados.

Passa proximo (a 100 metros de distancia) das celebres Caldas das Taipas, que ficam na esquerda: passa em Santo Thyrso e outras povoações; fertilisa muitos campos e faz moer diversas azenhas.

Divide o arcebispado de Braga do bispado do Porto.

A sua barra é de pouco fundo; mas está muito melhor desde que D. João Pires da Maia mandou quebrar um penhasco que obstruia a foz d'este rio.

O Ave passa pelas freguezias de Retorta, Tougues, Macieira, Fornêllo, Guidões, Troffa, S. Thiago, S. Martinho de Bougado e Riba de Ave, Azurara e Villa do Conde.

**AVEÇADA, VEÇADA** ou **VESSADA**—ribeira, Alemtejo, priorado do Crato, termo da

villa de Envendos. Nasce na serra do *Pôio.* Tambem se chama Ribeira de S. Miguel, e morre no Tejo, com o nome de *Cannas.* Suas margens são em muitas partes cultivadas e ferteis, tendo vinhas, olivaes, e outras arvores. Tem moinhos e lagares de azeite. Rega. Tem peixe.

**AVECASTA** ou **AVE-CASTA**—aldeia. Extremadura, freguezia de Nossa Senhora da Graça das Areias, concelho de Ferreira do Zezere. (Foi antigamente do concelho da villa de Pias.)

Ha aqui uma capella de S. João Degolado e pouco acima d'ella, uma lapa, pela qual se desce para uma caverna redonda, que lhe serve de pateo; na qual se levanta um arco de pedra, que tem de largo mais de 13 metros, e de alto $5^1/_2$.

Por onde se entra para esta caverna (que é muito espaçosa) tem o tecto formado de abobada, feita na pedra. Vista de fóra, parece escura, mas dentro é bastante clara. Para o lado esquerdo, abre uma boca, por onde cabe um boi, tão escura e medonha, que ainda ninguem se atreveu a vêr onde ella termina.

**AVEIRAS DE BAIXO**—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho e 3 kilometros ao N. de Azambuja, 65 a NE. de Lisboa, 370 fogos.

Tinha em 1757, 52 fogos e 200 almas.

Foi condado.

Situada em uma baixa cercada de montes. Pelo E. é banhada pelo ribeiro do seu nome, que a fertilisa.

Feira a 8 de setembro. E' fertil.

No logar das Virtudes tem um convento que foi de frades franciscanos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa. Eram seus donatarios os conde de Aveiras.

O vigario era apresentado pela commendadeira de Santos-o-Novo, da Ordem de S. Thiago da Espada, de Lisboa, e tinha de renda 60$000 réis.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada nem quando caiu em poder dos portuguezes.

D. Sancho I lhe deu foral, em janeiro de 1207, que seu filho, D. Affonso II, confirmou em Santarem, em 1218.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 13 de setembro de 1513.

Tambem se chamava antigamente *Veeiras.*

O primeiro conde de Aveiras foi D. João da Silva Tello de Menezes, por Filippe IV, em 24 de fevereiro de 1640.

**AVEIRAS DE CIMA**—villa, Extremadura, no mesmo concelho e comarca da antecedente, 72 kilometros ao NE. de Lisboa, e 6 a NNE. da Azambuja, 470 fogos.

Tinha em 1757, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Como a antecedente, não pude saber quem foi o seu fundador, nem a data da sua fundação. E' tambem muito antiga, pois D. Sancho I a povoou e lhe deu foral, em 1210. (Franklim não falla n'este foral antigo.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 13 de setembro de 1513.

Antigamente tambem se chamava *Veiras.*

E' situada n'um valle pouco aprasivel, d'onde nada se descobre.

O vigario era apresentado (como o de Aveiras de Baixo) pela commendadeira de Santos-o-Novo, de Lisboa. Tinha de renda 150$000 réis.

A matriz é templo antigo e tosco.

E'. muito fertil de todos os generos agricolas; tem muito gado, grosso e miudo, mel, cêra e caça. No seu termo ha muitas e boas quintas.

**AVEIRO**—aldeia, na Terra de Pannoyas, Traz-os-Montes. D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de agosto de 1274.

Não tive outras noticias d'esta povoação.

**AVEIRO**—Povoação em Traz-os-Montes.

D. Sancho II lhe deu foral a 9 de setembro de 1225. Confirmado, em Coimbra, por seu irmão D. Affonso III, em 1250. Julgo que é a mesma de cima.

**AVEIRO**—cidade, Douro, bispado, districto administrativo, 54 kilometros ao S. do Porto, 72 a O. de Vizeu, 258 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos, 6:000 almas, em duas freguezias (Nossa Senhora da Gloria e Vera

Cruz) comarca 7:800 fogos, districto 58:120.

Até 1834 tinha quatro freguezias: Santa Cruz ou Vera Cruz, vigariaria, com 60$000 réis de rendimento; S. Miguel, priorado com 140$000 réis; Espirito Santo, vigariaria, com 80$000 réis; S. Gonçalo, que depois mudeu para Nossa Senhora da Apresentação e por fim para Nossa Senhora da Gloria, vigariaria, com 70$000. Eram todas apresentação do rei, como grão-mestre da Ordem de Aviz, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Situada nas duas margens da ria do seu nome, a SO. e perto da foz do Vouga, 40° e 11' de latitude N., 15' de longitude oriental.

Consta que foi fundada por Brigo, chefe dos turdulos e depois quarto rei das Hespanhas, no anno do 2690 (1314 antes de Jesus Christo).

Ha aqui um enorme anachronismo. Brigo viveu pelos annos do mundo 1940, então foi 2064 antes de Jesus Christo, e não 1314.

Parece-me que houve dois reis Brigos nas Hespanhas, aliás não se combina muita cousa.

Diz-se que o assento primitivo d'esta cidade, era onde hoje está a povoação de *Cacía*, na margem esquerda do Vouga. Seu primeiro nome foi *Talabriga.*

Mas, se assim foi, quando se fez o Itinerario de Antonino Pio, já Talabrica era onde hoje é Aveiro.

Plinio, o Novo, que foi questor em Hespanha, tambem diz que Talabrica é no sitio actual de Aveiro, não no de Cacía ou Esgueira; pois escreve elle: *A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pessuri, flumen Vacca* (Vouga) *Oppidum Talabrica, etc.*,

Tambem alguns pretendem que a primeira situação de Aveiro era no sitio onde hoje está a pequena villa de Esgueira; e até alguns dizem que é onde está Agueda. (Outros dizem que Eminium é a actual Aveiro e não Agueda.)

Tudo induz a crêr que a velha cidade de Talabriga era no mesmo sitio onde está a actual Aveiro.

Na egreja de Fermedo está uma inscripção do anno 28 de Cesar, que falla em *Aviobriga.* Seria primeiro nome de Aveiro? (Vide Fermedo.)

Foi cidade importantissima e muito commercial no tempo dos romanos, que, alatinisando a palavra (como costumavam) lhe chamavam Talabrica.

Ainda em 1550 tinha 12:000 habitantes e 150 navios (quasi todos aqui construidos, e sendo alguns naus e galeões.)

Só para a pesca do bacalhau no *Banco da Terra Nova* (descoberto por navegantes de Aveiro) armava mais de 60 navios.

E mais de cem saiam d'aqui annualmente carregados de sal, das suas marinhas, para varios portos do reino e do Ultramar.

Como a barra é de areia, se foi pouco a pouco entulhando, a ponto de só dar passagem a hiates e outros vasos menores, o que causou a grande e rapida decadencia d'esta cidade; de modo que até deixou por muitos annos de ser comarca, ficando sugeita ao corregedor de Esgueira, pequena villa a 1 kilometros ao N. de Aveiro.

O infante D. Pedro (filho de D. João I) duque de Coimbra, e irmão de D. Duarte I, quando foi regente, na menoridade de seu sobrinho e genro D. Affonso V, mandou cingir de muralhas o bairro do Sul, as quaes tinham oito portas, que são: a da Villa, Sol, Campo, Cojo, Ribeira, Albôi, Rabães e Vagos. As muralhas eram muito altas, e obra magnifica. Ainda existem alguns lanços d'ellas; mas grande parte foram demolidas, para os seus materiaes serem empregados nas obras da barra, por aqui não haver pedra.

Foi este mesmo infante e pelo mesmo tempo (pelos annos de 1444) que reedificou Aveiro, que estava muito arruinada e a mandou povoar do lado do sul (pois estava quasi deserta de uma e outra margem do esteiro.)

Tem um theatro, na rua da Corredoura, e um principiado, de muito bom risco e dimensões proprias de um theatro para uma cidade; as obras, porém, não teem continuado.

Tinha seis conventos (tres de cada sexo) e um recolhimento, de que mais adiante tratarei. Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.°.

Grande feira a 25 de março, nove dias, e no primeiro de novembro, e mercado no ultimo dia de cada mez.

Tem bom cemiterio, com ruas espaçosas, orladas de murta e ciprestes.

Tem um lindo passeio publico, chamado de Santo Antonio, com gigantescas arvores, e lindas vistas. Era uma antiga alameda, situada no mais alto da cidade, entre a porta de Vagos e o convento de Santo Antonio.

—

Tem lyceu, e um seminario com quatro cadeiras (historia sagrada, theologia moral, instituições canonicas e theologia dogmatica.)

Na Sé tambem ha uma aula de cantochão.

A terça parte da villa de Aveiro era do mosteiro de Tarouca. D. Diniz lhe deu por isto a villa de Sande, em 1306.

E' aqui (em Esgueira) a 32.ª estação do caminho de ferro do Norte.

O benemerito e eloquentissimo orador republicano José Estevam Coelho de Magalhães, que tanto pugnou pelos melhoramentos da sua terra (Aveiro) conseguiu que se fizesse por aqui a estrada de ferro do Norte, persuadindo-se que ella traria dias de prosperidade a Aveiro; mas falharam suas aspirações generosas. A cidade pouco ou nada prospéra com o caminho de ferro; e este, trazido (contra todas as leis da economia, contra todas as regras da arte, e contra a promossão dos interesses do paiz, em geral, e da companhia constructora em especial) por muitos kilometros de terrenos pantanosos e alagadiços, e por a extremidade occidental do reino, nunca ha de ser o que podia e devia ser, se fosse mais central.

Tem egreja da Misericordia (das mais sumptuosas de Portugal) e hospital muito bom.

Foi desde 1814 até 1834, quartel do batalhão de caçadores n.º 10

D. Manuel lhe deu foral, a 4 de agosto de 1515. Este foral o é tambem de Agueda, Testada, Trovisco e Villar. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 207 v., col 2.ª)

Junto a Aveiro (então Talabrica) passava a via militar romana que, saindo da antiga *Coimbra*, (hoje Condeixa a Velha) ia junto a *Lancobrica* (Feira) e d'ahi a *Cale* ((Gaia). Vide Itinerario de Antonino Pio e S. Felix da Marinha.

Teve Aveiro muitos e grandes privilegios.

D. Diniz, na era de 1370 (1332 de Jesus Christo) ordenou que seus moradores não pagassem certo tributo, nem fossem presos por culpas leves.

D. Duarte ordenou que, durante a feira de março, se não podesse prender nenhum criminoso, que a ella viesse comprar ou vender, salvo se n'ella fizesse novo crime; nem podia pessoa alguma ser, na feira, citada por dividas, só se fossem alli contrahidas.

O infante D. Pedro, regente (o que fez as muralhas) ordenou (e D. João II confirmou depois) que nenhum fidalgo, ou pessoa poderosa, podesse estar mais de quatro dias em Aveiro, sem beneplacito de seus moradores.

Tinha ainda outros muitos privilegios, prerogativas e isenções, que seria longo enumerar. D. João IV confirmou todos estes privilegios em 1641. Os de Aveiro têem tambem privilegio de *infanções*, como Lisboa, Feira, Porto, Braga e Coimbra.

No grande e tempestuoso inverno de 1575, eutulhou-se a barra, a ponto de não poder entrar um hiate. Os campos tornaram-se então alagadiços e estereis; a producção das marinhas diminuiu espantosamente, e quasi cessou a pescaria. A cidade tornou-se insalubre (por causa das aguas estagnadas) e entrou a despovoar-se, reduzindo-se a menos de 4:000 almas.

Até este fatal inverno, os campos de Aveiro produziam 30:000 moios de trigo, e suas marinhas davam 16:000 moios de sal. O mal foi-se aggravando, e no fim do seculo passado a barra ainda peorou, sendo removida 30 kilometros para o S., o que mais infeliz tornou Aveiro. Hoje produz uns 12 a 14:000 moios de trigo, 1:500 moios de arroz e 20:500 moios de sal.

Tem grande abundancia de pastos, onde cria muito gado e muitos e bons cavallos, e de todos os mais generos agricolas com muita abundancia.

Anda por 300 navios que saem e entram annualmente n'este porto.

Em 1808, conseguiu-se desentulhar e alargar a barra, construindo-se um paredão sobre a ria; mas este paredão tem-se arruinado bastante.

Se se conseguir desentupir bem a barra, e feitas as estradas transversaes (e já algumas se têem feito) que liguem Aveiro com as povoações proximas, como já está ligada com Lisboa e Porto, pela estrada de ferro; e, sobretudo, se houver decidida vontade e dedicação nas camaras e povo aveirenses, ainda poderemos ver esta bella cidade rejuvenescida, tornar aos dias felizes do seu antigo esplendor, e ser uma das mais formosas e ricas cidades portuguezas. (Se porém lhe supprimirem o bispado e o districto administrativo, para o que tantas tentativas têem feito os governos do reino, dar-lhe-hão um golpe tremendo, de que tarde e difficilmente sarará. Deus queira que essas duas medidas se não realisem).

A situação d'esta cidade, em uma amena, deliciosa e feracissima planicie, é das mais bellas de Portugal, e com muita razão se lhe chama a *Veneza lusitana.*

Seu clima actualmente é bom, e seus arrabaldes são lindos e fertilissimos.

A celebre *Ria d'Aveiro*, é uma especie de lago de agua salgada, de pouco fundo, que communica com o mar, pela *barra velha*, junto a Mira; e pela *barra nova*, que foi aberta em 1808, pelos distinctos engenheiros, o brigadeiro Oudinot e o tenente coronel Luiz Gomes de Carvalho. Principiaram os trabalhos em 1802 e se concluiram em 1808. O dique (ou paredão) que então se fez, tem 2:690 metros de comprido, 16 de largura e altura superior ás maiores marés (custando esta obra cem contos de réis) e pela communicação que o mar abriu em 1838, ao sul da *barra nova.*

N'este canal ou communicação se pesca muito polvo.

Uma *lingua* de areia, que se estende desde Ovar até á *barra velha* (onde estão as povoações do Furadouro, Torreira e S. Jacintho) e que tem 40 kilometros de comprido, e de 500 a 1:000 metros de largura, separa do mar, esta *ria*, que tem 40 kilometros de comprido de N. a S. (como a lingua de areia já dita, que lhe fica parallella) e 3 kilometros na sua maior largura. N'esta *ria* desaguam os rios Antuan, Vouga, Soza (ou Souza) e varios ribeiros e regatos.

As margens d'esta *ria*, do lado de terra (E.) são em grande parte cultivadas e feracissimas, e n'ellas ha ricas freguezias e bonitas povoações (que se declararão nas terras competentes).

Parece que no tempo dos romanos não havia ainda este aggregado de aguas, e é provavel que torne a desapparecer; porque a ria vae diariamente diminuindo de fundo.

A ria produz um rendimento incalculavel em sal (que é optimo) peixe, e caça paludial. Produz tambem uma herva sub-marinha (especie d'alga) a que se chama aqui *moliço*, a qual misturada com lodo (e até com areia) é um optimo adubo para as terras.

Muitas dezenas de barcos andam constantemente empregados na extracção do *moliço*, e o seu rendimento annual se calcula em muitos contos de réis.

Apezar da barra de Aveiro não ser ainda o que podia e devia ser, pois que a melhor obra d'ella é feita pelo mar (como já disse) em 1838, a cidade tem em nossos dias melhorado consideravelmente, e o seu commercio vae tomando muito animador desenvolvimento.

Exporta em grande abundancia laranja, pera, maçãs e ovos, (diz o padre Cardoso, que chegaram aqui a haver tantas gallinhas, que exportava annualmente para Lisboa mais de 3:200$000 réis de ovos!) vinho, cortiça e grande porção de bellissima louça de porcellana, da magnifica fabrica dos srs. Pintos Bastos, (Vide Vista Alegre).

No concelho de Aveiro ha minas de mercurio, e muito kaolim. No districto administrativo ha grandes minas de carvão de pedra, de cobre e de chumbo. (Vide Paiva, Braçal, Palhal, Telhadella, Carvalhal, Malhada, Covão da Mó e Albergaria Velha).

Em eras remotissimas (no tempo dos turdulos) houve aqui tal fome, causada por uma grande e obstinada secca, que os habitantes de *Talabriga* emigraram para a serra da Estrella, indo formar no Riba-Côa, o *paiz dos transcudanos.*

Em 431 (antes de Jesus Christo) aportou aqui o capitão carthaginez *Himilcon*, e já achou outra vez o paiz povoado pelos mesmos turdulos.

D'ahi a 67 annos (362 antes de Jesus Christo) os celtas e turdetanos, invadiram este paiz (pacificamente) e ampliaram *Talabriga*. Fundaram *Eminio* (Agueda) *Lameca* (Lamego) *Conimbriga* (Coimbra) etc. (Quem quizer ver isto mais circumstanciadamente, leia:—*Brito, de Lus.*, liv. 2.°, cap. 10 a 30. *Itinerario do imperador Antonino Pio. Columella*, liv. 8.°, cap. 1.° Plinio, Ptolomeu, etc., etc.)

Pelos annos 152 de Jesus Christo, no tempo do imperador Marco Aurelio, os mauritanos invadiram esta cidade, por mar, saqueando-a e incendiando-a; mas foi logo reedificada com a ajuda dos romanos.

Não se sabe quando *Talabrica* deixou este nome, para tomar o de Aveiro; mas é certo que já tinha o actual, no tempo do conde D. Henrique.

Suppõe-se que a palavra Aveiro, é corrupção do latim *Aviarium* (pelas muitas aves que aqui havia e ha) dizendo-se depois *Averium*, e, finalmente *Aveiro*. *Aviarium* quer dizer logar com muitos lagos ou lagoas, onde ha muitas aves palmipedes.

Dizem outros que o actual nome d'esta cidade lhe foi imposto pelos normandos, ou pelos gascões (que, como se sabe, invadiam frequentemente as nossas costas e margens dos rios; primeiro roubando e depois tornando-se nossos amigos, fundando ou reedicando povoações), os quaes lhe deram o nome de *Aviron* (remo) ou *ville d'Aviron* (cidade do remo). Inclino-me mais a esta opinião (apesar de ser a menos seguida) do que ás outras, por a achar muito verosimil.

Tambem é verosimil a opinião dos que sustentam que a palavra Aveiro lhe foi im posta pelos normandos, pela similhança topographica que esta cidade tinha com *Aveyron*, de França. (Note-se que os antigos escreviam *Aveyro*).

Fernão de Oliveira, no cap. 31 da *Linguagem Portuyueza*, diz que este nome lhe foi dado, porque antigamente morava aqui um caçador de *aves*, alcunhado por isso o *Aveiro*.

Brandrant no seu *Lexicon Geographico*, diz que Aveiro se chamava antigamente *Lavare*.

Foram senhores de Aveiro, por heranças, os conventos de S. Bernardo, de Cellas, e de S. João de Tarouca, (e depois, de muitos donatarios) da coroa (desde o infeliz D. José Mascarenhas, seu ultimo duque), porque D. Diniz deu aos frades de Tarouca a villa de Touça, o padroado da egreja de Samodães e outras cousas; e ás freiras de Cellas a villa das Eiras com a sua jurisdicção, direitos e padroado, que tiveram até 1834.

A primeira donataria de Aveiro, foi a infanta D. Urraca Affonso, irmã de D. Sancho I, pelos annos 1200.

Aveiro tem tido, em todos os tempos, distinctos e arrojados navegadores.

Já disse que uns nautas d'aqui descobriram a Terra Nova (ou de Labrador) na costa septentrional da America.

Era de Aveiro o famoso João Affonso de Aveiro, que, em tempo de D. João II, descobriu, na costa d'Africa, a ilha a que deu o seu appellido; e na terra firme, o reino de Beny, d'onde trouxe a Portugal um embaixador com noticias do denominado *Preste João;* e que, com suas descobertas, foi a causa proxima da descoberta da India.

Aqui nasceu Manuel Soares de Albergaria, mestre de campo, governador de Buarcos, e de Parahiba, no Brazil.

Foi natural de Aveiro a famosissima heroina Antonia Rodrigues (nascida a 31 de março de 1580). Da idade de 15 annos se apresentou, vestida de homem, em Mazagão (Africa) e sentando alli praça, obrou espantosas façanhas contra os mouros. El-rei a quiz ver e lhe deu uma boa tença. Era formosissima e casou com um cavalleiro muito rico.

Aveiro é patria do distincto e benemerito patriota, e honradissimo republicano, José Estevão Coelho de Magalhães, o mais eloquente orador dos nossos dias. Nasceu a 26 de dezembro de 1809, e morreu em Lisboa, a 3 de novembro de 1861.

Muitos mais varões famosos pelas armas e pelas lettras, tem tido Aveiro, que seria longo enumerar.

Com as continuas guerras dos seculos VIII, IX, X e XI, em que Aveiro, além de dar muitas vezes o campo de batalha, era invadida frequentemente por mar, pelas esquadras agarenas, se tornou uma povoação inhabitavel; pelo que foi abandonada de seus moradores, e caindo em ruinas, esteve quasi deshabitada, (apesar dos privilegios que D. Diniz e D. Duarte concederam aos habitantes de Aveiro, e aos que para aqui se quizessem vir estabelecer) até ao seculo XV, em que o infante regente D. Pedro, duque de Coimbra (vide Alfarrobeira) a reedificou e a cingiu de altas muralhas, como já disse, em 1444, mandando-a então povoar de novo do lado do sul.

A barra (que então dava ingresso a toda a qualidade de navios), a feracidade e belleza de seus campos, as riquezas que lhe dava a ria, em sal e peixe e os muitos privilegios de que gozavam os moradores da villa de Aveiro, bem depressa attrairam para aqui muita gente, que, transpondo os muros de circumvalação, foram repovoar e reconstruir a parte septentrional, augmentando novos bairros á povoação.

Já disse o que aconteceu em 1575, e como as obras de 1808, e ainda mais a obra feita pelo mar em 1838, concorreram para dar nova vida a esta cidade.

Tem Aveiro cinco bairros, comprehendendo o do arrabalde. O mais antigo (ao S. do esteiro) é o que está cingido de muralhas.

O esteiro divide a cidade em duas partes, que estão ligadas por duas pontes de pedra.

Tinha quatro freguezias (que eram da Ordem de Aviz.)

A *Sé*, no bairro antigo.

*Vera Cruz*, boa egreja de tres naves, no bairro do norte.

*Espirito Santo*, no bairro do sul, de architectura antiga.

E a do *Archanjo S. Miguel* (vide adiante) tambem a Sul.

Nos districtos d'estas freguezias ha 14 capellas.

Em 11 de outubro de 1835, o governador civil de Aveiro, José Joaquim Lopes de Lima, mandou publicar um alvará, reduzindo a duas as quatro freguezias da cidade, ficando as duas freguezias de S. Miguel e Espirito Santo formando uma só, e servindo-lhe de matriz a egreja do convento dos frades dominicos, e mandando demolir aquellas duas egrejas. Era então bispo d'Aveiro D. Manuel Pacheco de Rezende, que por portaria de 13 do mesmo mez e anno, consentiu immediatamente n'isto.

Poucos dias depois foram levadas as santas imagens das duas egrejas supprimidas, para a que fôra dos frades dominicanos, que, segundo o tal alvará, ficou sendo a parochia ao S. da ria.

Logo em novembro de 1835 foi demolida a egreja de S. Miguel, sendo parte do material roubado e parte applicado a edificação de um cemiterio, e os sinos collocados na Sé, onde estiveram até maio de 1862.

Suppõe-se, com muito bons fundamentos, que a sanha do governador civil, bispo e outros influentes contra a egreja de S. Miguel era o nome do seu orago, e tanto que a egreja de S. Domingos, cuja invocação (como adiante se verá) era de Nossa Senhora da Piedade, foi chrismada com a de *Nossa Senhora da Gloria*.

Uma vez que os vandalos do seculo XIX arrazaram mais este venerando monumento dos nossos maiores, julgo a proposito dar alguns esclarecimentos sobre a vetusta egreja de S. Miguel.

Era ella situada no *Largo de S. Miguel* (hoje tambem chrismado em *Praça Municipal*). O exterior do templo era d'architectura pesada e triste, indicando muita antiguidade. O frontespicio estava voltado para onde está agora o lyceu. Perto da entrada para a camara ecclesiastica ficava a torre, que era alta, elegante e tinha tres bons sinos.

A egreja era sagrada e tinha 12 altares. Além d'estes havia duas capellas exteriores que communicavam com ella.

Todos estes altares eram tratados com muito aceio, uns por irmandades, outros por particulares, em cumprimento de legados pios, que desde 1834 nunca mais se cumpriram.

Possuia esta egreja bellas imagens, optimos retabulos e quadros magnificos.

O altar de S. Sebastião tinha uma reliquia d'este santo, que só sahia em procissão, no seu dia (20 de janeiro) acompanhada do senado da camara, clero, nobresa e povo, a uma ermida que existia no extremo S. da cidade, da invocação do mesmo santo. Esta reliquia foi dada á egreja de S. Miguel por D. João III, em 1524, por occasião de uma grande peste que houve n'esta cidade. (Querem alguns que fosse D. Sebastião, mas é mais provavel que fosse seu avô.)

Tinha esta egreja cinco beneficiados, sendo um d'elles coadjutor e um thesoureiro, os quaes todos os dias resavam em côro, presidindo o parocho, que tinha o titulo de prior e era juiz da ordem de Aviz, e, bem como os beneficiados, era apresentado pelo rei como grão-mestre da ordem. O thesoureiro, que podia ser secular, era apresentado pelo prior-mór de Aviz e confirmado pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens.

Não está evidenciada a época da fundação d'esta egreja. Alguns a suppõem anterior á fundação da monarchia; outros julgam que a mandou edificar D. Affonso Henriques' por ser muito devoto d'este santo, e ter edificado muitas egrejas da mesma invocação.

Segundo Pedro de Mariz (*Dialogos de Varia Historia*) a pag. 190, o infante D. Pedro, filho de D. João I, que residiu aqui muito tempo, a mandara edificar, em cumprimento de um voto que fez por occasião de uma grave enfermidade que o accommetteu aqui, mandando tambem então edificar outra na villa de Penella com a mesma invocação.

Se foi o infante Pedro que a edificou, teve isto logar pelos annos 1420. É, porém, mais provavel que D. Pedro a reedificasse ou ampliasse; porque desde D. Sancho I que Aveiro tinha o titulo de villa e esta egreja talvez que fosse a matriz da freguezia (qualquer que fosse o seu orago) porque é certo que em 929 era Aveiro povoação christã, pois a condessa *Mumadona* fez doação de umas terras e marinhas em Aveiro, ao mosteiro de frades bentos de Guimarães, e não é crivel que a condessa doasse a um mosteiro christão propriedades situadas em povoação de mouros.

Tem esta cidade casas nobres e de boa e agradavel apparencia; bom caes de cantaria, onde chegam os navios, e soffrivel alfandega.

Tem cinco fontes, sendo a principal a da Ribeira, na praça, e para a qual vem a agua por um bom aqueducto sobre arcaria de pedra e cal.

Os arrabaldes de Aveiro, povoados de muitas quintas, hortas, pomares, varias casas de habitação e extensas veigas cultivadas e arborisadas, regadas por varias fontes, são bellos e feracissimos.

De duas maneiras tenho visto pintadas as armas de Aveiro. Umas são: —no meio do escudo as quinas reaes; do lado direito uma aguia parda com as azas estendidas (que, parece, lhe deram os romanos) mettida entre duas meias luas e duas estrellas de prata postas em aspa (insignias provavelmente das navegações dos aveirenses); e no lado esquerdo a esphera, insignia de D. Manuel.

Mas as suas armas, segundo o desenho, que está na Torre do Tombo, são:

Em um escudo, sobre campo verde, duas estrellas e duas meias luas, de prata, e um cysne, tambem de prata, sobre ondas azues.

—

Tractemos agora dos conventos, seguindo a ordem das suas antiguidades.

1.° Nossa Senhora da Misericordia, de frades dominicos, fundado pelo infante D. Pedro, em 1443 (quando era regente do reino) defronte do convento de Jesus, de freiras da mesma ordem de S. Domingos. A capella mor era da casa dos marquezes d'Arronches. É hoje a egreja matriz da freguezia da *Gloria*, como ja disse.

Tambem se chamou de *Nossa Senhora do Pranto*, e depois de *Nossa Senhora da Piedade*.

O proprio infante lhe lançou a primeira pedra a 23 de maio do dito anno de 1443, precedendo, para a sua ereção, bulla do papa Martinho V. de 19 de fevereiro do mesmo anno.

Foi consagrado, e a igreja, pelo bispo de

Coimbra, D. Jorge d'Almeida, em 20 de janeiro de 1464.

El-rei D. Duarte lhe concedeu grandes privilegios, que foram confirmados pelo papa Eugenio IV.

A primeira missa, foi dita por fr. Mendo de Santarem, vigario dos conventos reformados.

O povo d'Aveiro deu a maior parte do chão, que era baldio, e o infante comprou o resto.

Os primeiros frades vieram de Bemfica.

Segundo fr. Luiz de Souza e a tradição, deu origem a este convento o caso seguinte

(Não sei se alguem *embirrará* de eu para aqui trazer milagres, e referir as crenças dos nossos passados; mas o meu fim, n'esta obra, é registar *tudo* quanto diz respeito a cada terra. Quem não quizer acreditar em milagres não acredite; mas deixemos o nosso bom povo portuguez com as suas crenças; que são mais felizes com ellas, do que os incredulos que vivem sem fé.)

Vamos ao milagre.

Vivia no meiado do seculo XV. em Aveiro ((então villa) um velho chamado *Affonso Domingues*, tão carregado de janeiros, como cheio de virtudes, e que havia muitos annos estava na cama, tolhido de pés e mãos. Em 5 de agosto de 1442, appareceu o bom velho, são e escorreito em casa do infante (que estava então em Aveiro) e lhe diz que lhe havia apparecido N. Senhora, na noute do dia quatro, e o mandara levantar da cama e tomar uma enchada, e levando-o ao sitio onde depois foi o convento, ella se sentou na escada que sobe para o muro.

Ainda alli existe um nicho, com uma imagem de *Nossa Senhora da Escadinha* (em memoria d'isto) que se festeja na noute de quatro d'agosto, com fogueiras, repuchos, musica, fuguetes, etc.

E d'alli lhe mandou com a enchada *riscar* o terreno que queria, para n'elle se fundar um convento, da O. de S. Domigos.

O infante acreditou o bom do homem e esteve por o que *Nossa Senhora queria*, tratando logo da construcção do convento.

Pela uma hora da tarde do dia 18 de outubro de 1843, rompeu um violento incendio n'este edificio, que em poucas horas o reduziu a cinzas, salvando-se com grande custo e perigo a egreja (o que se póde reputar milagre, porque o paiol da polvora era junto d'ella, e tambem ardeu e foi pelos ares) a cosinha, refeitorio, cellas dos priores e livraria, que tudo fica á entrada. O mais ficou um montão de ruinas.

Ardeu toda a bagagem do destacamento, que fazia aqui o seu quartel, a arrecadação do caserneiro e as armas e correames da guarda de segurança.

Receando o povo que a egreja se não pudesse salvar, tiraram o Santissimo Sacramento para a visinha egreja do convento de Jesus, e tiraram todas as imagens e retabulos; mas estragaram muita cousa, com a grande pressa em despregar os quadros; com o que se fez um prejuizo de mais de 800$000 réis.

Consta que o fogo foi deitado de proposito por o destacamento, por não gostar d'aque quartel e querer outro.

Segundo convento:

Mosteiro de Jesus, de freiras dominicas (ainda tem freiras.)

Foi fundado por D. Affonso V.

Concorreu muito para esta obra D. Brites Leitoa, natural de Aveiro.

D. Brites (ou Beatriz) Leitoa, era uma senhora nobre. Foi em creança para os paços dos infantes D. Pedro e D. Isabel (tios e sogros de D. Affonso V) que a casaram com Diogo de Athaide (da casa de Athouguia) fidalgo da casa do rei. Ficou viuva aos 27 annos de edade, e foi para uma sua quinta que tinha em *Ouca*, proximo a Aveiro, com duas filhas, D. Maria de Athaide e D. Catharina de Athaide. Depois, a viuva com as suas duas filhas e D. Mecia Pereira, da casa dos condes da Feira, e uma sua irmã, dama do paço, e D. Leonor de Menezes, da casa de Vianna, se recolheram a umas casas ao pé da Misericordia, e ahi viveram reclusas, até que o rei fundou o convento de Jesus, onde todas estas senhoras professaram.

A bulla para a creação d'este convento, foi expedida pelo papa Pio II, em 16 de maio de 1461. A primeira pedra foi lançada

a 15 de janeiro de 1462, pelo proprio D. Affonso V e por D. João Galvão, bispo de Coimbra (pegando ambos na mesma pedra.)

D. Brites Leitoa, era senhora de Ouca e apresentava as egrejas de Fermelan, Valmaior e S. João de Loure, com mais quatro annexas. Tudo isto e quanto possuia e suas filhas, deu D. Brites a este mosteiro.

Foi ella a primeira prioreza.

A infanta santa, D. Joanna, filha de D. Affonso V, aqui professou, viveu, morreu e jaz sepultada. Foi beatificada a 4 de abril de 1693.

Havendo peste em Aveiro, em 1469, a dita infanta saiu do convento, levando comsigo a prioreza D. Brites e mais seis freiras. A prioreza morreu, de doença, em Abrantes, a 3 de agosto, d'esse anno de 1469, com cheiro de santidade.

A capella-mór da egreja d'este convento, era dos Tavares, de Tavora.

Tanto este convento, como o antecedente, ficam dentro da porta do Sol.

Terceiro convento:

Fóra da porta de Vagos, é o convento de frades franciscanos (*Antoninhos*) da provincia da Soledade. Tem uma boa cêrca, regada por um ribeiro e varias fontes.

Foi fundado por João Martins de Cafanhão (ou Gafanhão) cavalleiro da Ordem de Christo, e sua mulher Isabel da Costa, de Aveiro, em 1524. Elles deram o chão (que era uma horta muito grande) e a obra se fez á custa do povo.

Foi mal construido, ou edificado com maus materiaes, pois logo d'ahi a 40 annos (1564) foi reconstruido.

A capella-mór e o padroado do convento era de Jorge Moniz, senhor de Angeja, e depois passou para a casa de Villa-Verde

Quarto convento:

Na extremidade septentrional da cidade, é o convento de frades carmelitas descalços, fundado em 1613, por D. Brites de Lara, mulher de D. Pedro de Medicis, irmão do grão-duque de Toscana; a qual jaz na capella-mór, em rico mausoleu de jaspe de varias côres.

Quinto convento:

Da Madre de Deus (ou de Sá) freiras, franciscanas, e ainda por algumas occupado. Era dos melhores da sua ordem, em Portugal. Fundou-se (no terreno que lhe deu Filippe de Serniche) com varias esmolas do povo, em 1644. As suas primeiras habitadoras foram vinte e quatro freiras que vieram de Almeida. A egreja é sumptuosa, e o convento magnifico e com uma optima e extensa cêrca.

Sexto convento:

Dentro dos muros da cidade, freiras carmelitas descalças (de S. João Evangelista) fundado por D. Raymundo de Alencastre, duque de Aveiro, nos seus proprios paços (os quaes lhe havia deixado com essa obrigação, D. Brites de Lara.) Entraram n'elle oito freiras, que vieram de Lisboa, aos 17 de julho de 1658. A egreja é a antiga capella dos paços. Eram padroeiros os duques de Aveiro. (Só um seculo, muito certo, lhe durou o padroado d'este convento.)

Tem mais Aveiro um recolhimento de terceiros de S. Francisco, que viviam em clausura, chamado de S. Bernardino.

—

Do que fica dito se vê por quantas alternativas de fortuna e desgraça tem passado esta cidade.

Importante no tempo dos turdulos, foi por elles proprios abandonada (ahi pelos annos 500 antes de Jesus Christo) por causa de uma grande sêcca que então houve, e que durou uns poucos de annos.

D'ahi a 140 annos, quando já os turdulos a occupavam de novo, aqui se estabeleceram os celtas e turdetanos, que a ampliaram e deram grande desenvolvivento á sua prosperidade.

Era uma cidade grande e florescente durante quasi todo o tempo do imperio romano.

No anno 162 de Jesus Christo os mouros da Africa a assaltaram por mar, saqueando-a e incendiando-a; mas, ainda d'esta vez, poude resurgir das suas cinzas, e brevemente foi reedificada; porém muitos seculos de desgraças lhe estavam imminentes!

Ainda nos primeiros tempos do christianismo, Aveiro viveu na grandeza e prosperidade. Os imperadores Augusto, Vespazia-

no, Tito, Trajano e, sobre todos, Marco-Aurelio, muito protegeram Aveiro. (Foi no tempo d'este ultimo imperador que teve logar a invasão dos mouros africanos. Elle, em recompensa da bravura heroica com que os luzitanos resistiram a estes barbaros, não só os mandou soccorrer pelas suas aguerridas legiões romanas; mas obrigou estas, depois de expulsar os mouros, a ajudarem os luzitanos á reedificação d'esta cidade.)

Desde os annos 260 de Jesus Christo até ao de 300, foi Aveiro por muitas vezes saqueada e destruida com as continuas e encarniçadas guerras do baixo imperio.

Quando, em 400, os alanos e suevos invadiram a Luzitania, estava Aveiro em grande decadencia, pois nem mensão se faz d'esta cidade n'aquelle tempo. Esta decadencia durou ainda durante o dominio gothico (desde 585 até 716) e foi progredindo com a invasão agarena.

Não se sabe ao certo quando Aveiro principiou a ser povoação christã; mas é provavel que já o fosse em 929, isto é, que já então estivesse livre do jugo dos mouros. (Vide o que digo com respeito á egreja de S. Miguel.)

Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal (1093) já Aveiro não era havia muitos seculos a opulenta Talabrica; mas a humilde e pobre Aveiro.

E' porém certo que, pelo menos, desde o reinado de D. Sancho I, já Aveiro tinha o titulo de villa, pois que como tal a doou o mesmo rei a sua irmã, D. Urraca Affonso, como já disse.

Debalde os nossos primeiros reis concederam privilegios sobre privilegios a quem para aqui se quizesse vir estabelecer; até que o infante D. Pedro, no meado do seculo XV (1444) tratou com afinco da restauração de Aveiro, a ponto de vir para aqui residir por algum tempo, para dar maior e mais rapido desenvolvimento a esta povoação, que estava quasi deserta. E' a este infeliz principe, e tambem a seu genro e sobrinho, D. Affonso V, que Aveiro deve todo o seu desenvolvimento, que foi sempre em augmento até ao malfadado anno de 1575, em que um diuturno e tempestuosissimo inverno, entulhou a barra, reduzindo os fertilissimos campos e ricas salinas de Aveiro a pantanos infectos e insalubres, e aniquillando quasi o seu commercio maritimo.

As desgraças de Aveiro foram sempre em augmento, e ainda no fim do seculo passado, um novo temporal mudou a barra para 30 kilometros mais ao sul.

O principe regente (depois D. João VI) compadecido da triste sorte d'esta cidade, mandou aqui fazer grandes obras hydraulicas (desde 1802 até 1808) melhorando consideravelmente a barra e enxugando os pantanos.

Em 1838, o mar abriu uma nova communicação entre elle e a cidade, ao sul da barra nova, que muito tem feito prosperar Aveiro; que, se não chegou ainda a readquirir o esplendor e prosperidade dos seculos XV, XVI e XVII, vae felizmente no caminho da opulencia.

—

Aveiro foi elevada á cathegoria de cidade por D. José I, em 1760, sendo-lhe então mudado o nome para o de *Nova Bragança*, por ser odiado na côrte o nome de Aveiro, e *por o povo d'esta cidade assim o requerer*, por o duque de Aveiro e seus parentes attentarem contra a vida do rei, em Lisboa, (na calçada do Galvão) a 3 de setembro de 1758, e pelo que foram cruelmente suppliciados a 16 de janeiro de 1759.

Era tal o odio que D. Maria I tinha ao marquez de Pombal, que, subindo ao throno em 24 de fevereiro de 1777, um dos primeiros actos do seu governo foi (esquecendo de quem era filha) mandar soltar todos os que ainda estavam presos por cumplices no attentado contra a vida de seu pae, mandando-lhes revêr os processos e sendo declarados innocentes os vivos e os mortos! (Alguns dos juizes da *revisão* o tinham tambem sido da *condemnação!*)

Aveiro deixou tambem logo o seu moderno nome de Nova Bragança para retomar o velho nome de Aveiro.

Por influencia do marquez do Pombal foi esta cidade elevada a episcopal a 12 de abril de 1774. (É suffraganea de Braga.)

Só tem tido quatro bispos:—1.º

D. Antonio Freire Gameiro de Sousa;—2.º D. Antonio José Cordeiro;—3.º (o melhor de todos, apesar dos outros serem bons) D. Manuel Pacheco de Rezende;—4.º e ultimo, o bispo eleito, D. Antonio de Santo Elidio, que não chegou a ser sagrado. Morreu em 1842, e desde então se tem o bispado governado por *vigarios capitulares.*

O bispado de Aveiro tem de comprimento 66 kilometros e 650 metros, é metade de largura.

Tem 73 parochias, sete arciprestados e 29:400 fogos.

Está na provincia ecclesiastica braccarense, confinando ao N. com o bispado do Porto, ao S. com o de Coimbra, ao E. com o de Lamego e Vizeu, e ao O. com o Oceano. Só uma pequena parte d'este bispado está no districto administrativo de Coimbra; quasi todo está no de Aveiro.

O districto administrativo de Aveiro está na provincia do Douro. Tem de comprido 78 kilometros, e de largo 50.

Pertence no judicial á Relação do Porto, e no espiritual aos bispados de Aveiro, Porto, Lamego, Vizeu e Coimbra, por ter territorio n'estes cinco bispados.

Em 1855 comprehendia 7 comarcas, 24 concelhos, 172 freguezias, 60:200 fogos, e 241:000 almas.

O decreto de 24 de outubro de 1855 alterou esta circumscripção. Adiante vae a actual.

Ha no districto de Aveiro—30 olarias—1 fabrica de porcellana—1 de vidro e cristal (que está actualmente fechada)—2 de tecidos de lã—15 de telha e tijolo—3 de cortumes—2 de vellas de cebo—2 de sabão—16 de breu—1 de fundição de galena—31 de papel—2 de papellão—6 de aguardente (não contando innumeros alambiques)—18 de chapeus de lã—e 7 serralherias em ponto grande.

—

### Feiras annuaes

Janeiro 15—Santo Amaro, freguezia de Beduido, concelho de Estarreja.

Março 19 a 25—Aveiro.

Maio 1—Agueda.

Junho 13—Gandara, concelho de Agueda, e no mesmo dia, de têas de linho em Cabeçaes, freguezia de Fermedo, concelho de Arouca.

Julho 13—Cabeçaes. (Chamada *Feira das debulhas.*)

Agosto 24—Arouca.

Novembro 1—Aveiro, e no mesmo dia no Béco, concelho de Agueda.

Novembro 11—Nojões, freguezia de Real, concelho de Paiva; e no mesmo dia Salreu, concelho de Estarreja.

Novembro 15—Santo Amaro, concelho de Estarreja.

Novembro 30 — Esgueira, concelho de Aveiro.

—

### Mercados mensaes

Dias 1—Béco, concelho de Agueda—Serabigões, concelho de Arouca.

Dias 2—Calvão, concelho de Vagos—Coelhosa, concelho de Cambra—Sobrado, concelho de Paiva.

Dias 3—Feira, villa.

Dias 4—Arrifana, concelho da Feira—Pano, concelho de Sever do Vouga.

Dias 5—Arouca, villa.

Dias 6—Almieira ou Alumieira, concelho de Oliveira d'Azemeis.

Dias 7—Canedo, concelho da Feira.

Dias 8—Beduido, cencelho de Estarreja—Salgueiro, concelho de Vagos—Travassô, concelho de Arouca.

Dias 9—Gandara, concelho de Cambra—Egreja, concelho de Vagos.

Dias 10—Vendas Novas, concelho da Feira—Fontinha, concelho de Agueda.

Dias 11—Oliveira de Azemeis (além do grande mercado semanal que se faz aos domingos)—Nojões, concelho de Paiva.

Dias 13—Cabeçaes, villa—Souto, concelho de Ovar—Vista-Alegre ou Ermida, concelho de Ilhavo.

Dias 15—Santo Amaro, concelho de Estarreja—Serabigões, concelho de Arouca.

Dias 16—Sobrado, villa, concelho de Paiva.

Dias 17—Airas ou Souto Redondo, concelho da Feira.

Dias 18—Gandara de Cesar, concelho de Oliveira de Azemeis—Piedade, concelho de Agueda.

Dias 20—Feira, villa—e desde novembro até março, inclusivè, Arouca.

Dias 21—Oliveirinha, concelho de Aveiro.

Dias 22—Espinheira, concelho de Albergaria-Velha—Travassô, concelho de Arouca.

Dias 23—Pindello, concelho de Oliveira de Azemeis.

Dias 24—Terreiro ou Sanguêdo, concelho da Feira—S. João, concelho de Ovar.

Dias 25—Murado, concelho da Feira—Moita, concelho da Anadía.

Dias 26—Capazio, concelho de Albergaria-Velha—Nojões, concelho de Paiva.

Dias 27—Nogueira de Cravo, concelho de Oliveira de Azemeis.

Dias 28—Mamarrosa, concelho de Oliveira do Bairro.

Dias 29—Palhaça, concelho de Oliveira do Bairro—S. Miguel, concelho de Ovar.

—

Mercados aos domingos

1.os domingos—Borralha, concelho de Agueda—Póvoa, concelho da Feira.

2.os domingos—Boa-Vista, concelho da Feira—Oliveira do Bairro.

3.os domingos—Villarinho, concelho da Anadia.

4.os domingos—Sant'Anna, concelho da Mealhada.

Além d'isto ha mercados (a que chamam praças) em todos os domingos, em muitas terras do districto, sendo de todos o melhor o de Oliveira de Azemeis.

—

Por não ir no logar competente porei aqui mais um illustre varão natural d'esta cidade, é *Ayres Barbosa*.

Nasceu pelos annos de 1470, sendo seus paes Fernão Barbosa e Catharina de Figueiredo.

É auctor de uma boa *Prosodia*.

Foi doutor pelas Universidades de Salamanca e Florença; e na primeira d'ellas mestre de rethorica e das linguas grega e latina.

Foi mestre do grande classico André de Rezende, em Salamanca; e sendo chamado a Portugal por D. João III, este o fez mestre de seus irmãos (depois cardeaes, e o segundo rei) os infantes D. Affonso e D. Henrique.

Fundou uma capella no territorio da villa d'Esgueira (que era vigariaría e collegiada do arcediagado de Vouga, bispado de Coimbra) da invocação de Nossa Senhora do Desterro, na qual está sepultado, com este epitaphio

«*Aqui jaz o corpo d'Ayres de Barbosa, mestre grego—era 1540. N'este anno foram trasladados os seus ossos para esta sepultura, havendo déz annos que tinha fallecido.*»

—

O primeiro duque de Aveiro foi D. João d'Alencastre, marquezes de Torres Novas, filho de D. Jorge, duque de Coimbra, por D. João III, em 1547.

Este D. Jorge era filho natural de D. João II e da duqueza D. Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro. D. João II fez todas as diligencias para fazer rei a D. Jorge, mas a rainha e a côrte se oppuzeram fórtemente, e succedeu na corôa o duque de Beja, D. Manuel.

Foi ultimo duque d'Aveiro o infeliz D. José Mascarenhas d'Alencastre (que era marquez de Gouveia desde 1749, confirmado em 26 de maio de 1752).

Morreu no patibulo, no meio dos mais barbaros tormentos, a 16 de janeiro de 1759 (na praça de Belem), pelo attentado de 3 de setembro do anno antecedente. Desde então deixou de existir o ducado de Aveiro. (Vide Guarda, para a genealogia dos duques.)

—

Aveiro tem estação telegraphica de 1.a ordem, ou do estado.

—

Consta que deu origem ao dito—*Ir para Aveiro sem sapatos*—o facto seguinte:

Estando doente o marquez de Pombal, os

criados areiaram a calçada para attenuar o barulho dos trens. Um padre, que tinha pretenções a engraçado, passando pela frente do palacio, descalçou os sapatos por *troça.* O marquez não gostou da brincadeira, e mandou residir o padre para Aveiro. D'aqui, dizem, se originou o tal dito.

—

Julgo a proposito dar mais algumas explicações sobre a familia ducal de Aveiro, cujo ultimo membro morreu sem descendentes no principio d'este seculo.

D. Martinho Mascarenhas, a quem D. João V renovou o titulo de marquez de Gouveia, por carta de 17 de janeiro de 1714, dandolhe a prerogativa e tratamento de *sobrinho*, era conde de Santa Cruz, mordomo-mór de el-rei e do seu conselho, senhor das villas de Lavre, Estepa, Santa Cruz e Lagens; das ilhas de Santo Antão, Flores e Corvo, commendador de Mertola, na Ordem de S. Thiago; Mendo Márques e Vargem, na Ordem de Christo; alcaide-mór do castello e villa de Mertola e dos castellos de Montemór-Novo, Grandola e Alcacer do Sal.

Casou, em 2 de junho de 1698, com D. Ignacia Rosa de Tavora, filha de Antonio Luiz de Tavora, marquez de Tavora e de sua mulher D. Leonor Maria Antonia de Mendonça, filha de Henrique de Sousa Tavares, marquez de Arronches.

D'este matrimonio tiveram dois filhos, o primogenito foi D. João Mascarenhas, e o segundo D. José Mascarenhas.

—

D. João Mascarenhas nasceu a 2 de julho de 1699 e herdou os cargos, titulos e senhorios de seu pae.

Casou a 15 de outubro de 1718 com D. Thereza de Moscoso e Aragão, filha de D. Luiz de Moscoso Osorio Mendonça e Roxas, conde d'Altamira e de Monte Agudo, marquez d'Almanza e Rosa.

—

D. João Mascarenhas renunciou todos os seus cargos, titulos e senhorios em seu irmão D. José.

Uns dizem que por não ter successão, outros dizem (e parece que é mais provavel) que apaixonando-se por uma senhora, casada com um filho da casa d'Almada, a roubou e fugiu com ella. O que é certo é que elle morreu na Hespanha e que seu irmão ficou seu universal herdeiro.

—

D. José Mascarenhas nasceu a 2 de outubro de 1708, e, pela renuncia de seu irmão, obteve os titulos de marquez de Gouveia, conde de Santa Cruz e os senhorios, morgados, alcaidarias e commendas que elle possuia como primogenito.

Foi mordomo-mór de D. João V e de D. José I, deputado da Junta dos Tres Estados e presidente do Desembargo do Paço, de que tomou posse a 30 de agosto de 1749.

Casou a 20 de julho de 1739 com D. Leonor de Tavora, filha dos condes d'Alvor, de quem teve varios filhos.

Por morte do duque de Aveiro D. Gabriel de Lencastre Ponce de Leon, litigou-se esta grande casa entre seu sobrinho D. Antonio de Lencastre Ponce de Leon e D. José Mascarenhas, marquez de Gouveia. Venceu este em 1749 e a 26 de maio de 1752 se confirmou a sentença, entrando elle na posse de tão vastos estados a 11 de agosto d'esse anno.

Ficou pois sendo desde então D. José Mascarenhas, além de marquez de Gouveia e conde de Santa Cruz, mais: duque de Aveiro, marquez de Torres Novas, senhor de Penella, Abiul, Louzã, Segadães, Recardães, Brunhido, Casal d'Alvaro e Pereira; alcaide-mór de Coimbra e Setubal, alcaide-mór e senhor de Cezimbra, Barreiro, Arrabida, Samora Correia, Torrão, Ferreira, Castro Verde, Aljustrel, Arruda, S. Thiago de Cacem, Sines, etc., etc.

—

Tão extraordinaria mudança de fortuna, que de um filho segundo passou a fazer um dos maiores senhores do reino, deslumbrou o entendimento a D. José Mascarenhas, fazendo-lhe germinar as ruins paixões (e talvez mesmo a ambição a uma coroa real) e o impelliu ao attentado de 3 de setembro de 1758.

Não se sabe com evidencia o que deu causa a este attentado, mas parece que os tiros foram dirigidos ao rei. Querem alguns que José Polycarpo, fallecido no hospital geral

de Lisboa em janeiro de 1783, confessou á hora da morte que foi elle quem disparou contra o rei.

Tinha sido sentenciado a ser queimado vivo; mas podendo evadir-se, foi declarado banido, e *queimado em estatua*. Já se vê que só regressou ao reino depois do perdão de D. Maria I.

Mas os amigos do duque de Aveiro pretendem que os tiros foram disparados unicamente contra Pedro Teixeira, de quem estava muito aggravado, e que o duque não sabia que o rei ia no coche. Isto não é lá muito verosimil.

Uma das razões que se dá na sentença proferida contra o duque e seus cumplices, a 12 de janeiro de 1759, porque elle estava aggravado do rei, é que, tendo o duque ajustado o casamento de seu filho D. Martinho Mascarenhas com D. Margarida de Lorena, irmã immediata do duque de Cadaval, ainda menor, o rei prohibiu a celebração d'este casamento.

Tambem não acho isto motivo sufficiente para que o duque se exasperasse a ponto de tentar um regicidio.

O que é certo é que o duque e os seus pagaram com a vida o seu crime.

Vinte e dois annos depois do supplicio do duque, na noite de 3 de abril de 1781, a instancias de D. Maria I, foram declarados innocentes por uma *junta de ministros*, os que foram suppliciados, os que ainda estavam presos e os que andavam expatriados. (Os ministros eram 18 e só 3 votaram contra).

O procurador da corôa impugnou esta decisão (que portanto não *transitou em julgado*) e nunca houve sentença definitiva. Ainda outro mysterio sobre este celebre processo!

Mas o que é certo é que D. Maria I e os seus ministros não viram tão clara a *innocencia* dos reus, que os fizesse terminar (á rainha e ministros) este processo por uma sentença terminante, como n'aquelles tempos facilmente podiam fazer.

D. Martinho Mascarenhas, creança que ninguem se lembrou de accusar de cumplicidade no regicidio e o unico membro d'esta desgraçada familia que sobreviveu, apesar da sua incontestavel innocencia, viveu e morreu pobre, sem que lhe fossem restituidos os innumeros bens de seus paes (nem a minima parte d'elles) e muito menos as suas honras, titulos e dignidades; e se não fosse a generosidade de seu primo, o conde de Obidos, que o agasalhou sempre em sua casa com o carinho que tamanho infortunio merecia, de certo morreria na indigencia.

Quarenta e seis annos sobreviveu D. Martinho á catastrophe de sua familia, e falleceu a 29 de dezembro de 1805, sem deixar descendencia.

—

Houve pois em Aveiro os seguintes duques:—1.º, D. João de Lencastre; 2.º, D. Jorge de Lencastre; 3.º, D. Alvaro de Lencastre; 4.º, D. Raymundo de Lencastre; 5.º, D. Pedro de Lencastre, *inquisidor geral*; 6.º, D. Maria de Guadalupe de Lencastre, sobrinha do antecedente; 7.º D. Gabriel de Lencastre; 8.º e ultimo o infeliz D. José Mascarenhas de Lencastre.

—

O sr. A. Filippe Simões, visitou esta cidade em agosto de 1873. Por achar judiciosissimas as suas observações (publicadas em folhetins do *Jornal da Noite*, de Lisboa) aproveito a parte d'ellas que julgo de interesse publico.

Eil'as:

Ha no districto de Aveiro uma zona ou faxa extensa, limitada a oeste pelo oceano, a leste pela via ferrea, ao norte pelos areaes do Espinho, e ao sul pelo braço da ria de Vagos e Rio Tinto na região limitrophe do concelho de Mira, que é já districto de Coimbra. Tem de comprimento a faxa 40 a 50 kilometros; a largura varía entre 4 e 15 kilometros.

São terras planas e sem dobras, em grande parte inferiores ao nivel do mar e sempre innundadas; n'outras partes alagadiças, por ficarem ora abaixo, ora acima das marés; n'outras, finalmente, sempre enxutas. Vastos areaes as separam do oceano, descobertos na maior parte da sua superficie, onde apenas, de longe em longe, se avista algum pinhal, como um oasis verdejante nas areias do deserto. Áquem dos areaes cortam as ter-

ras em varias direcções longos e estreito canaes, alimentados pelas aguas do oceano e pelo Vouga, Agueda, Cértema e outros rios menores ou ribeiros. São esses canaes meios naturaes de communicação entre os povos dos concelhos de Ovar, Estarreja, Albergaria, Aveiro, Ilhavo, Vagos e Mira.

Comtudo não lhes serve unicamente a ria para communicarem entre si. Á beira da de Aveiro e da de Ilhavo e sustentadas por suas aguas, estão as importantes marinhas d'estes concelhos. Para se avaliar a importancia d'ellas e o muito que rendem, bastaria dizer que em 1869 eram em numero de 266 e empregavam 438 operarios (*marnotos e moços*).

É grande a extensão total das ilhotas ou tractos de terra cercados pelas aguas e que produzem com abundancia pastos para gado e estrumes. Estes ultimos, porém, pouco são, comparados com o *moliço*, estrume natural formado por varias especies de algas que nascem e vegetam espontaneamente no fundo da ria.

Calcula-se que em cada anno se carregam 200:000 barcos d'estes despojos. Cada barco leva seis carradas, e o seu carregamento na malhada de qualquer esteiro importa em 1$000 a 1$500 réis. Computa-se, portanto, em 200:000$000 réis o valor total do estrume tirado, em cada anno, do fundo da ria.

Emfim, na ria se colhe tambem grande quantidade e variedade de marisco e de peixes, taes como linguados, solhas, enguias, sabogas, tainhas, saveis, etc. As classes pobres alimentam-se especialmente de caranguejos, berbigões e ameijoas. O peixe vende-se por bom preço no mercado de Aveiro, nos de outras povoações do districto e até fóra d'elle.

Taes são as principaes riquezas dos terrenos alagadiços ou cortados por longos canaes de agua salgada na faxa occidental do districto de Aveiro.

Quem não tiver residido n'esses logares, ou não conhecer seus habitantes, perguntará naturalmente se, rodeados por toda a parte de terras pantanosas, não serão dizimados pelas febres palustres? Se a mistura da agua salgada, que vem do mar, com a agua doce dos rios não augmentará a insalubridade das povoações proximas, como acontece nas fozes dos rios maiores, nas quaes as plantas marinhas, mortas e apodrecidas na agua doce e as fluviaes na agua salgada, produzem os mais pestilentes effluvios que se conhecem na superficie da terra?

Conta-se da commissão que ha poucos annos andou estudando a influencia dos arrozaes na saude dos povos que, chegando aos pantanos circumvisinhos de Aveiro, alguns de seus membros os percorriam a medo e sem tirar do nariz os lenços repassados de essencias e aromas. Os aveirenses que tal viam, apontavam sorrindo para os habitantes dos logares proximos que, por sua saude, robustez, perfeição phisica e longevidade attestavam a desnecessidade de taes precauções.

Ou pelas muitas aguas correntes que lavam as terras alagadiças, ou pelos fortes ventos que quasi de continuo lhes varrem a superficie, ou, emfim, por outra qualquer causa desconhecida, a saude d'aquelles povos é excellente e sua fecundidade tal que em parte nenhuma do reino augmenta proporcionalmente tanto a população, como em Ilhavo e n'outros concelhos do districto de Aveiro. Nem obsta a esse progressivo augmento a emigração que tambem se não faz em tamanha escala n'outro qualquer districto.

Assim pela força phisica e perfeição dos homens, pelas grandes riquezas naturaes que os cercam, pela facilidade de communicação por meio dos braços da ria e finalmente pela proximidade do caminho de ferro, os povos aveirenses poderiam ser dos mais industriaes, ricos e felizes de todo o reino.

Estão, porém, muito distantes da felicidade e ainda mais da riqueza, por desaproveitarem os recursos que a natureza lhes poz á mão. Mas isto não é mais que um caso particular d'aquelle commum e geral desleixo, com que em Partugal se tratam a maior parte dos magnificos dons, de que a natureza foi tão prodiga para comnosco.

Para que se cultivem as terras proximas da ria, cujo solo aravel é em muitas partes areia quasi pura, são necessarias duas condições: e vem a ser a primeira que uma

orla de pinheiros erguendo-se entre o mar e a terra obste a que as dunas avancem para o interior e esterilisem com a avidez das areias o solo cultivado; a segunda que se forme por cima da areia uma camada quasi toda de moliço, que dê ás plantas o sustento que n'aquella não encontram.

O comprimento do areal ao norte da barra é de 41 kilometros e sua largura média de 2 kilometros. Em tamanha extensão apenas existem pinheiros em 2:800 hectares, pouco mais ou menos. E são, pela maior parte, os da importante matta administrada pela camara municipal de Ovar. Ao norte da costa da Torreira ha tambem uma pequena parte do areal fixada por pinheiros. Emfim, ao sul da barra crescem apenas alguns pinheiros no areal da Gafanha e n'outros, o que permitte a cultura de uma faxa estreita, contigua ao braço da ria que vae para Mira.

Em 1867 calculava-se em 26:000 hectares a superficie total das areias, dos quaes sómente 3:600 hectares estavam cobertos de pinheiros. A superficie toda da faxa de que temos tratado, cortada pela ria e seus braços, vinha a ser n'aquelle mesmo anno assim dividida em quatro partes:

| | | |
|---|---|---|
| Areaes.................. | 26.000 | hectares |
| Terras sempre innundadas | 8:000 | » |
| Terras ora cobertas ora descobertas........... | 3:000 | » |
| Terras cultivadas......... | 12:000 | » |

Constam estes dados estatisticos de um relatorio inedito do sr. Silverio Augusto da Silva Pereira, habil engenheiro e director das obras publicas do districto de Aveiro. Sem este documento, que consultei por especial mercê do digno governador civil, o sr. Mendes Leite, ser-me-hia impossivel fazer idéa clara da disposição relativa das terras e das aguas e dos melhoramentos mais necessarios n'esta região importantissima.

Julgo que de pouco tem servido aquelle relatorio, com quanto contenha valiosos e indispensaveis esclarecimentos para quaesquer projectos que tenham por fim melhorar as condições industriaes e agricolas d'esta assim como das outras partes do districto de Aveiro.

Segundo o calculo do sr. Silverio, dos 26:000 hectares de areal deveriam estar cobertos de pinheiros 10:000 hectares. Isto parecia em 1867 uma necessidade urgente, e hoje ainda o parece do mesmo modo, porque não se tem semeado penisco durante os cinco annos decorridos. E por essa falta se perde o valor das mattas que os pinheiros fariam e o dos terrenos que, protegidos contra a invasão das areias, se tornariam proprios para a cultura.

O illustre aveirense, José Estevão, tinha aforado á camara de Ilhavo uma porção de areal ao sul da barra até á Costa Nova, e mandára ahi semear pinheiros com a idéa de fazer n'aquelle sitio (modesta ambição de um grande homem!) uma matta e uma quinta. Mas o primeiro dos modernos oradores portuguezes estava muito áquem do ultimo dos lavradores. A sementeira feita em más condições pouco produziu, e José Estevão chegou ainda a ver desfeito mais esse sonho da sua imaginosa phantasia.

No principio d'este seculo reputara-se cousa de tal necessidade cobrir a costa de pinheiros, que, por decreto de 2 de julho de 1802, se mandou lançar por dez annos o imposto de 40 réis nos barcos maiores e de 20 réis nos barcos menores carregados com o moliço extraido da fundo da ria. O producto d'este imposto haveria de applicar-se para a sementeira de penisco pelas areias do littoral, e, sobejando algum dinheiro, empregar-se-hia no melhoramento das pescarias, na cultura das amoreiras e creação do bicho de seda, ou no estabelecimento de alguma fabrica de fiar algodão ou linho. Ignoro se este decreto tão acertado, tão interessante á agricultura e á industria, chegaria a ter execução. Se a teve foi decerto por mui pouco tempo.

O pensamento que dominava a administração do marquez de Pombal, e vinha a ser, desenvolver e augmentar todas as fontes de riqueza nacional, e mais em particular, fazer que se produzisse no reino o que se importava de fóra, esse grande e fecundo pensamento, ainda transparece no decreto citado,

vinte e cinco annos depois da morte de el-rei D. José e da consecutiva demissão do seu ministro. Mas a sciencia pratica, e talento da execução, a faculdade de remover todos os obstaculos, que se podem oppor a qualquer innovação, desapparecera com aquelle que elevára Portugal á cathegoria das primeiras nações da Europa.

Em 1836 ficou sem effeito a circular de Passos Manuel, recommendando aos administradores geraes que incitassem as camaras á formação de viveiros e ao plantio das amoreiras. E assim tambem, provavelmente, ficará a circular que já n'este anno o digno governador civil do districto de Aveiro dirigiu ás camaras municipaes com aquelle mesmo fim.»

—

Em outubro de 1873, andando a desmanchar-se o cruzeiro da *Vera Cruz*, para o removerem para outro sitio mais apropriado, e edificar-se aqui um chafariz, nas escavações feitas para o assentamento dos alicerces do chafariz, encontraram-se em grande quantidade antigas moedas de bronze que se assimilham nas dimensões ás moedas de 3, 5 e 10 réis.

Depois de se sujeitarem a uma minuciosa analyse algumas das referidas moedas, viu-se serem *reaes* ou *fortes* que el-rei D. Fernando mandára cunhar e cujo valor varía de 10 a 20 soldos. Véem-se alli as cinco chagas em fórma de cruz, tendo na parte superior um L e á volta da cruz acha-se a seguinte legenda:—*Ferdinandus: Dei: Gratia: Rex: Portugaliæ: A.* No reverso vê-se uma cruz circumdada da seguinte legenda: *Si Dominus: mihi: adjuctor: non: timebo: quid: faciam.*

As letras e cunhos estão quasi inintelligiveis. Quanto ao facto de tal apparição, nada ha que admirar. Segundo a tradição, n'aquelle mesmo sitio, existira uma capella a que intitulavam de S. Paulo, e que deu origem ao nome que antigamente tinha aquella rua, que se denominava *rua de S. Paulo*. Julgamos que quando se lançasse a primeira pedra para a edificação da dita capella o seu fundador, (como então era costume) deitasse grande quantidade de moedas que agora apparecem.

Appareceram tambem ossadas humanas, provavelmente de pessoas que foram enterradas na capella.

—

O districto administrativo de Aveiro, é composto de 16 concelhos, a saber: *Agueda* (comarca) *Albergaria Velha, Anadia* (comarca), *Arouca* (comarca), *Aveiro* (comarca), *Castello de Paiva, Estarreja* (comarca), *Feira* (comarca), *Ilhavo, Macieira de Cambra* (ou simplesmente Cambra) *Mealhada, Oliveira de Azemeis* (comarca), *Oliveira do Bairro, Ovar* (comarca), *Sever* e *Vagos.*

—

Aveiro é a capital do districto administrativo do mesmo nome, e a sua população actual póde calcular-se em 252:000 habitantes, divididos por os 16 concelhos, que segundo a divisão feita pelo decreto de 24 de outubro de 1855, formam oito comarcas, na fórma acima dita.

O bispado de Aveiro está na provincia ecclesiastica bracarense, e tem 73 freguezias que contêem 29:350 fogos. E' dividido em sete arciprestados, ou districtos ecclesiasticos.

—

A antiga comarca de Aveiro era muito maior do que a actual, pois se compunha das villas de Ilhavo, Avellans de Cima, Ferreiros, S. Lourenço do Bairro, Vagos, Anadia, Sangalhos, Avellans de Caminho, Angeja, Serem, Bemposta (ou Pinheiro da Bemposta), Estarreja, Fermedo, Recardães, Segadães, Acequins, Souza (ou Sóza) Oliveira do Bairro, Couto d'Esteves, Prestimo, Trófa, Vouga, Brunhido e Aguieira.

—

No illustrado jornal politico, que se publica n'esta cidade, sob o titulo de *Districto de Aveiro*, se lêem em varios numeros do mez de setembro de 1873, differentes importantissimos artigos, escriptos por um dos mais nobres, sympathicos e illustrados filhos de Aveiro, o sr. dr. Francisco Thomé Marques Gomes.

Com a devida venia passo a resumir d'es-

ses artigos o que julguei poderia esclarecer mais o que fica escripto.

—

D. José I (ou, antes, seu primeiro ministro, o marquez de Pombal), grato ao voto espontaneo de homenagem que a camara lhe tinha dado, por occasião da tentativa de regicidio, da calçada do Galvão (Belem) em 3 de setembro de 1758, prestando-lhe termo de juramento, em nome de todo o povo de Aveiro (então villa) perante o prior da freguezia de S. Miguel, fr. Paulo Pedro Ferreira Granado, em 6 de janeiro de 1759, concedeu a Aveiro muitos beneficios e privilegios.

Por provisão d'este monarcha, passada em Lisboa, a 4 de setembro de 1760, foi creada a comarca de Aveiro, ordenando-se alli que o provedor, que até então tinha sido de Esgueira, o ficasse sendo de Aveiro, tendo sido a provedoria de Esgueira extincta por lei de 11 de abril de 1759. Já, desde 10 de janeiro de 1628, uma provisão regia tinha concedido aos provedores de Esgueira residirem em Aveiro.

O primeiro provedor d'esta cidade, foi o bacharel Antonio de Jesus e Silva, por alvará de 19 de outubro de 1759.

Foi elevada á cathegoria de cidade, por alvará de 26 de julho de 1759. Este documento é notavel pelas lisongeiras e affectuosas expressões que o monarcha dirige aos aveirenses.

Como fosse a instancias de Sebastião José de Carvalho e Mello (então conde de Oeiras) que a villa tinha obtido foro de cidade, a camara, em nome de todos os seus concidadãos, felicitou aquelle ministro, por uma eloquentissima carta, de 6 de outubro de 1770, por a sua elevação a marquez de Pombal, em 13 de setembro d'esse anno.

Por decreto de 12 de abril de 1774, elevou o rei a cidade de Aveiro a séde de bispado. O papa Benedicto XIV confirmou este decreto, em 1775, e nomeou o primeiro bispo de Aveiro, que foi D. Antonio Freire Gameiro e Sousa.

—

Até 1865 foi a barra de Aveiro contemplada com um subsidio, nunca inferior a 15 contos de réis; porém depois d'aquella data ficou reduzida ao imposto denominado *real da barra*, cuja receita pouco excede a 8 contos de réis, e é administrado por uma junta de dois membros, eleita pela junta geral do districto, em conformidade da lei de 9 de setembro de 1858.

É hoje pequeno o numero de embarcações que entram na barra de Aveiro, e quasi se limitam á exportação de sal, que regula annualmente por 20:000 a 24:000 moios, termo medio.

O minerio das minas do Braçal e Palhal, que antigamente era exportado pela barra, é hoje conduzido para o Porto pela estrada de ferro, e pelo mesmo caminho segue a fructa, que vae d'aqui para Inglaterra.

Houve alguns annos em que foram incalculaveis os prejuizos dos negociantes de fructas, que chegaram a perder carregações inteiras pela difficuldade que encontravam as embarcações em sahir pela barra.

Hoje, com o caminho de ferro, prospéra aqui muito este ramo de industria. Calcula-se que só de Aveiro são exportados annualmente mais de 10:000 milheiros de laranjas e limões para Inglaterra.

—

O forte da barra fica dentro d'ella um kilometro, e é situado na praia do Sul. A sua construcção denota antiguidade.

Junto d'este forte se teem feito ha poucos annos algumas habitações, de singela construcção, mas de aprasivel apparencia.

Ha alguns annos que aqui mesmo se edificou uma elegante capella, sob a invocação de Nossa Senhera dos Navegantes.

Não podia ser mais apropriada a escolha do orago, porque a Santissima Virgem é a Estrella do mar. Cançado do fragor da procella e do perigo dos parceis, o nauta a invoca—*Ave! Maris Stella!*

—

A barra está ligada com a cidade por uma pittoresca estrada, cuja extensão é de 7 kilometros.

Na praia de S. Jacinto, que fica em frente do forte, está uma elegante capella de fórma polygonal, dedicada a Nossa Senhora das Areias.

Ignora-se a época em que foi construida, mas, segundo a tradição, foi mandada edificar pelo cabido da Sé do Porto, a quem antigamente pertencia a disima do pescado da costa de S. Jacinto; isto porque, tendo entrado pela barra parte de um casco de navio, este foi encalhar áquella costa, e dentro d'elle se encontrou uma pequena imagem da Santissima Virgem, que foi a que se collocou n'esta capella, onde se conservou por espaço de muitos annos, até que foi roubada, para ir novamente apparecer ahi para as Talhadas.

Esta capella esteve por muito tempo abandonada; porém, em 1860, a junta de parochia da freguezia de Vera-Cruz, a mandou reedificar, cedendo assim ás instancias do bemfeitor da humanidade, Manoel Martins de Almeida Coimbra.

(Para tudo quanto faltar pertencente a esta cidade, vide Gafanha, Ria, Vouga, Esgueira, Costa Nova, Vista-Alegre, e todas as mais povoações, rios e valles limitrophes.)

**AVELAL**—pequeno rio, Beira Baixa, termo de Pinhel. Nasce na serra da Moroffa, e a pouca distancia do seu nascimento se mette no Côa,

**AVELANES**—serra, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real. É tão secca e aspera que apenas produz *torga* e urzes. Tem 3 kilometros de comprido e 3 de largo.

Principia na Veréa de Bornes d'Aguiar, e finda na aldeia da Freixeda, freguezia de Capelludos.

**AVELANES**—rio, Traz-os-Montes, termo de Villa Pouca de Aguiar. Nasce no logar da Cabana, nos confins do monte *Minheu*, de uma fonte chamada do *Prado*.

Divide a freguezia de Bragado da de Pensalvos.

Despenha-se pela serra do *Regedouro* e pelo *Valle de Bornes* abaixo, até se metter no Tamega. Rega e móe.

Suas margens são em partes cultivadas.

Ha n'este rio uma grande penedia, a que chamam a *Sumida*, por baixo da qual passa o rio subterraneamente, por espaço de 1:500 metros, ouvindo-se apenas o seu fragor.

**AVELANOSO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda, d'onde dista 24 kilometros, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Tinha em 1757 40 fogos.

O parocho (abbade) era apresentado pela corôa, por ser do real padroado. Tinha de rendimento 300$000 réis.

**AVELANS D'AMBOM**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, d'onde dista 12 kilometros, 310 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O parocho era prior apresentado pelo bispo e tinha de rendimento 180$000 réis.

**AVELANS DE CAMINHO**—villa, Douro, comarca e concelho de Anadia, 27 kilometros ao SE. de Aveiro, 234 ao N. de Lisboa, 100 fogos, 350 almas.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em uma planicie d'onde nada se descobre.

A egreja parochial foi annexa á de Sangalhos.

A abbadessa de Santa Clara de Coimbra apresentava o cura, que era coadjutor do vigario de Sangalhos e tinha de renda 32$000 réis.

É fertil e cria muito gado. Tem caça.

Os marquezes de Marialva eram senhores donatarios d'esta villa e n'ella punham justiças.

Corre na freguezia o rio *Cêrtoma*, que rega e móe.

Feira a 13 de junho.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de novembro de 1514.

**AVELANS DE CIMA**—villa, Douro, comarca e concelho de Anadia, 30 kilometros a SE. de Aveiro, 234 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:200 almas.

Em 1727 tinha 56 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em alto, d'onde se vêem muitas povoações. É fertil.

Foi concelho.

Era seu donatario Bernardo d'Almada e Noronha.

Tinha sido dada pelo rei D. Manuel, em 1496, a Ruy Fernandes d'Almada, em remuneração dos serviços que prestou a D. Affonso V e D. João II.

O parocho era prior apresentado pela Universidade, precedendo concurso; tinha de renda 400$000 réis.

Ha aqui uma grande capella de *Nossa Senhora das Neves* (que é uma egreja), a 800 metros da villa; feita com muita sumptuosidade em 1270; mas que se não chegou a concluir.

É terra muito abundante d'aguas e saudavel.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514.

**AVELANS DA RIBEIRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho d'Alverca, 60 kilometros ao SE. de Vizeu, 310 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

O parocho era abbade apresentado pelo cabido da Sé de Vizeu, e tinha de renda 150$000 réis.

Situada em um valle, entre duas pequenas serras muito asperas e penhascosas. É fertil.

Passa aqui a ribeira *Maçoeima*, que rega e móe. Tem uma ponte de pedra junto ao logar de Avellans.

**AVELAR** ou **AVELLAR**—villa, Beira Alta, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Chão do Couce, 35 kilometros a NE. de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada em campina raza e fertil.

O cura, que tinha de renda 30$000 réis era apresentado pelo vigario de Aguada, de cuja freguezia fez parte antigamente, separando-se em 1680.

Cria muito gado grosso e miudo, e tem caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de novembro de 1514.

**AVELLEDA** ou **VELLEDA**—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo a Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada parte em um plano, parte na encosta de uma serra, d'onde se vê Braga.

É terra fertil e cria muito gado grosso e miudo.

*Avellêda* ou *vellêda* é palavra celtica; mas originaria da Germania (Allemanha).

As *vellêdas* eram sacerdotisas do culto druidico. Quando os francos, os sicambros e outros povos barbaros da Germania se estabeleceram na antiga Armorica (hoje Bretanha, em França) para alli trouxeram o culto de *Endovelico* (Cupido, segundo alguns) os seus *druidas* (sacerdotes) e as suas *vellêdas*.

Ainda na Bretanha existem innumeraveis monumentos d'esta religião sanguinaria; sendo os mais celebres e famosos as *antas de Carnak*, não só pela monstruosa grandeza de algumas d'ellas, como pelo seu grande numero.

Quando os gallos-celtas occuparam a Luzitania, para aqui trouxeram o seu culto, os seus druidas e as suas vellêdas.

As vellêdas eram escolhidas d'entre as donzellas mais formosas (quasi sempre filhas dos druidas) e faziam voto de castidade por certo numero de annos.

Estas virgens é que pronunciavam os oraculos, e eram muito respeitadas.

A que dentro do tempo do seu voto deixava de ser virgem, o que era rarissimo, era irremissivelmente sacrificada a *Endovelico*.

Terminado o praso do seu voto, a vellêda podia casar; mas não deixava por isso de conservar as honras e o nome de vellêda, ainda que deixava de ser sacerdotiza.

Além das *Avellêdas* que vão n'este Diccionario, ha ainda 5 aldeias e varios sitios com este nome em Portugal. Todos procedem de *vellêda*. É porque provavelmente alli habitou alguma vellêda.

**AVELLEDA** ou **VELLEDA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho era abbade apresentado pela casa de Bragança e tinha de renda 700$000 réis.

Vide a primeira *Avellêda* descripta.

**AVELLEDA** ou **VELLEDA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Bragança, 54 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Cypriano.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está situada em um valle rodeado de outeiros. Era annexa á freguezia de Meixêdo, por isso o abbade de lá apresentava aqui o cura, que tinha de renda 7$000 réis de congrua e o pé d'altar. (Vide Castanheira, concelho do Mogadouro.)

Não é terra muito fertil.

Os seus montes criam algum gado e têem muita caça miuda.

Corre n'esta freguezia o rio do seu nome que, nascendo em Castella, morre no Sabor.

Rega e móe, e cria muito bom peixe.

Vide a primeira Avellêda.

**AVELLEDA** ou **VELLEDA**—freguezia, Douro, concelho da Maia (Bouças), comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em planicie, na costa do Oceano.

Correm aqui dois ribeiros (*Pena* e *Lagiellas*) que regam e móem e desaguam no mar.

É terra fertil.

Foi villa (e muitos ainda lhe chamam villa) e honra.

A *honra de Avellêda* comprehendia toda esta freguezia (menos as aldeias *Lagiellas* e *Além*, que eram da Maia) a aldeia de Lavra na freguezia d'este nome, toda a freguezia de Macieiro, e alguns moradores da freguezia de Santa Christina da Matta e da de Villa-Chan.

A matriz foi feita em 1700. O parocho (cura) era apresentado pelo reitor de Santo Eloy na cidade do Porto, e tinha de rendimento 40$000 réis.

É tradição que a imagem de Santo André, que está na egreja, appareceu no sitio das *Preladinhas*, em umas pedras que ainda hoje se chamam de *Santo André*.

Vide a primeira Avellêda.

**AVELLÉLAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre, 108 kilometros a NO. de Miranda, 432 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Tinha em 1757, 70 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Situada em uma vasta e fertil planicie, que produz, além do mais, muito e bom vinho.

Era da freguezia de Monforte, mas formou freguezia independente, em 1703.

O abbade de Monforte ficou aqui apresentando o cura, até 1834.

O cura tinha de renda annual, 40 alqueires de centeio, 14 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo, 8$000 réis em dinheiro e as offertas dos freguezes.

Ha n'esta freguezia muita castanha.

**AVELLEIRA**—serra, Douro, termo de Lorvão.

Tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo. Finda nas margens do Mondego. Têm tres braços, que todos terminam no mesmo rio, são: *Lusoura, Roxo* e *Cillada-Excommungada.*

Por entre elles vão tres ribeiros, (*Valle-Bom, Arcos* e *Pineirada.*)

Todos correm arrebatados, por entre penhascos. O mosteiro de Lorvão era senhor d'estas aguas.

E' em alguns sitios cultivada e fertil, e tem muitos pastos e caça.

**AVELLEIRA** (Santo Antão da)—Extremadura, patriarchado.

Houve aqui um convento de conegos de Santo Antão, fundado pelos annos de 1430.

O papa Julio III o deu aos jesuitas em 1550. (Vide Lisboa.)

**AVELLOZO**—villa, Beira Alta, concelho da Meda, 60 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1743, 42 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O parocho era abbade apresentado alternadamente pelo papa e pelo bispo e tinha de renda 150$000 réis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 21 de abril de 1514.

**AVÊL'O-MAR** ou **AVER O MAR**—aldeia, Minho, freguezia, de Amorim, comarca e concelho da Povoa de Varzim, districto administrativo e 32 kilometros ao N. do Porto, arcebispado e 30 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

N'esta aldeia nasceu o distincto poeta Francisco Gomes de Amorim.

**AVESSADAS** ou **VESSADAS**—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757, 110 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Districto administrativo e bispado do Porto.

O parocho era abbade collado, que apresentava um morgado de Alemquer, da familia dos Peixotos. Tinha de rendimento (o abbade) 400$000 réis. E' fertil.

**AVEZ**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, arcebispado, districto administrativo e 24 kilometros a O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

O parocho era abbade da apresentação da mitra, e tinha de renda 600$000 réis.

**AVIDAGOS**— freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Lamas de Orelhão, 120 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

Tinha em 1757, 91 fogos.

Situada na encosta de um monte, com larga e alegre vista. D'aqui se descobre Bragança e Mirandella, além de outras povoações.

O vigario de Santa Cruz, da villa de Lamas, é que apresentava aqui o vigario, que tinha o pé de altar e benesses.

E' fertil em trigo e sevada, e fertilissima em centeio, vinho e azeite.

A 2 kilometros da matriz, no monte da *Gralheira*, ha grandes trabalhos mineralogicos antiquissimos, para extracção de metaes. (Vide Gralheira, de Avidagos.

**AVIDOS**— freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 36 ao N. do Porto, 348 ao N. Lisboa, 100 fogos.

Era abbadia da Mitra.

Tinha em 1757, 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era abbade, da apresentação da Mitra. Tinha 300$000 réis.

E' terra muito fertil e cria muito gado.

**AVINHÓ** ou **VINHÓ**— freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, 30 kilometros a NO. de Miranda, 432 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Tinha em 1757, 31 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Em sitio alegre e fresco, povoado de muitos alamos e freixos. Muito abundante em trigo e centeio, grande creação de ovelhas, bastante caça miuda, sobre tudo muitas perdizes.

O parocho era cura, apresentado pelo reitor de Algoso. Tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

**AVINHÓ**—(vide Vinhó.

**AVINTES**—freguezia, Douro, concelho de

Gaia, d'onde dista 5 kilometros ao NE., bispado, districto administrativo, comarca e 6 kilometros a SE. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos.

Tinha em 1757 278 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, em uma bellissima posição. E' fertilissima em milho, vinho (verde) legumes, trigo, centeio, fructas e hortaliças, que diariamente exporta para o Porto, no que faz grande commercio (pelo Douro) sobre tudo em pão de milho, do qual fabrica diariamente uma porção enorme. Tambem tem com o Porto grande commercio de carnes de porco, que para alli exporta em grande porção diariamente.

E' na antiga Terra de Santa Maria, ou Terra da Feira, e foi muitos seculos da comarca da Feira.

E' condado. Os condes de Avintes são marquezes do Lavradio, e eram senhores donatarios de Avintes. Os pescadores d'aqui lhe pagavam o 5.º de todo o peixe. O sr. marquez do Lavradio é conde de Avintes, tem aqui a bella e grande quinta do *Paço*, mesmo á beira do rio, varias propriedades e muitos e grandes fóros. (Vide Arnellas.)

Julgo que a quinta do Paço foi mosteiro benedictino. (Vide adiante.)

Supponho que o nome d'esta freguezia vem da palavra *vintes*, que no portuguez antigo significava, vindos, chegados, passados, vindouros, futuros, etc. Tambem significava completos, acabados, concluidos, etc.

Foi villa e couto dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio.

Corre aqui o rio *Febros* ou *Fevros*, que desagua no Douro, no sitio do Esteiro.

Ha n'esta freguezia boas e lindas quintas, sendo [as melhores a do sr. commendador Isidoro Merques Rodrigues, em Campos, e a já dita do Paço.

Esta freguezia, que é muito rica, tem prosperado muito em nossos dias e augmentado consideravelmente de população. (Ainda em 1750 não tinha senão 278 fogos.)

Era abbadia apresentada alternativamente pela Sé apostolica e pela Mitra do Porto. Tinha de rendimento 900$000 réis.

A Ribeira de Avintes (em cuja extremidade de NE. está a quinta do Paço) é o mais bello sitio de todas as margens do Douro, e produz mais de 120 carros de milho, além de outros varios fructos.

Ha n'esta freguezia muitos padeiros, moleiros e pescadores. (Das primeiras duas profissões, ha alguns muito ricos.)

Tem a freguezia mais de 90 moinhos. Todavia a maior parte do povo d'aqui se emprega na agricultura.

Avintes é uma das maiores, mais bonitas e ricas freguezias ruraes de Portugal.

O primeiro conde de Avintes, foi D. Luiz de Almeida, por D. Affonso VI, em 17 de fevereiro de 1664.

D. Antonio de Almeida Soares Portugal, conde de Avintes, foi feito primeiro marquez do Lavradio, por D. José I, em 17 de julho de 1725.

E' povoação muito antiga. Em 900, Gundezindo e sua filha Adosinda, fundaram aqui (em uma quinta sua) um mosteiro *duplex*, da Ordem de S. Bento, dedicado a S. Martinho, ao qual doaram a mesma villa de Avintes. Supponho que este mosteiro era onde hoje está a quinta do Paço. Foi extincto, passando a commendatarios. (Vide Lavra.)

**AVINTES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, bispado, e districto administrativo de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 395 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 130 visinhos.

Orago S. Vicente, martyr:

O parocho era cura, apresentado pelo reitor de Santa Eugenia d'Ala, (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que a padroeira da fregueguezia d'Ala, é Santa Eugenia; mas nos livros modernos vejo ser Santa Engracia) que tambem apresentava o de Brinço.

O cura d'esta freguezia tinha de rendimento, 20$000 réis de congrua e o pé de altar

Não encontro esta freguezia nos livros modernos. Parece-me que está annexa ou encorporada á d'Ala, ou á de Brinço.

**AVIOSO**—freguezia, Douro, concelho da Maia, bispado, districto administrativo, comárca e 15 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Tinha em 1757, 134 fogos.

Orago Santa Maria.

Situada em um valle baixo e muito fertil.

A abbadeça de Santa Clara, do Porto, apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 60$000 réis.

N'esta freguezia é a pequena villa do Castêllo ou Castédo.

Diz-se, Santa Maria de Avioso, para a differençar da seguinte, do mesmo nome e no mesmo concelho.

A padroeira é Nossa Senhora da Espectação, mas diz-se mais commummente Santa Maria.

Está em excellente posição, como quasi todas as terras da Maia.

**AVIOSO** (S. Pedro de)—freguezia, Douro, concelho da Maia, bispado, districto admininistrativo, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757, 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O reitor do collegio da Companhia, de Braga, recebia aqui os dizimos e apresentava o vigario. Depois passaram estes direitos á Universidade de Coimbra, quando se extinguiu a Companhia de Jesus.

Tinha primeiramente sido apresentação do rei. O vigario tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, e cria gado grosso e miudo.

**AVIZ**—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, 6 kilometros ao S. do Tejo, 38 ao NO. de Extremoz, arcebispado e 54 a O. de Evora, 138 a SE. de Lisboa, 320 fogos, 1;400 almas, no concelho 1:100 fogos.

Tinha em 1757, 390 fogos.

Orago Nossa Senhora da Orada.

Districto administativo de Portalegre.

Feira a 3 de janeiro, tres dias, e a 18 de agosto, tres dias.

Foi antigamente da comarca de Extremoz.

Está em 38° e 56' de latitude, e 10° e 35' de longitude, 35 kilometros ao N. da raia de Hespanha.

Situada em logar eminente, na direita do rio do seu nome, cortado aqui por uma boa ponte de pedra.

—

E' cabeça da Ordem de S. Bento de Aviz, que instituiu D. Affonso I, em Coimbra, a 13 de agosto de 1162. Foi primeiro mestre, D. Pedro Affonso, irmão bastardo do mesmo rei. A primeira capital d'esta Ordem, foi em Coimbra. Em 1167 mudou-se para Evora, com a invocação de S. Miguel, cujo antigo templo ainda existe dentro do castello d'esta cidade.

A parte de Evora que se deu a estes cavalleiros, ainda hoje se chama a *Freiria* (e por isso muito tempo se chamaram *cavalleiros de Evora*) e finalmente mudou-se para aqui.

A fundação da villa principiou a 15 de agosto de 1223, pelo mestre da Ordem de Aviz, D. Fernando Rodrigues Monteiro. Outros dizem que foi o mestre D. Fernando Annes, em 1214.

(Só as commendas rendiam, no tempo de D. João IV, 67:350 ducados.)

Tinha esta Ordem quarenta e oito commendas, algumas das quaes rendiam annualmente mais de 4:000$000 réis, e 128 priorados, vigariarias, muitas villas e outros beneficios.

O primeiro prelado se intitulava *D. prior*; tinha jurisdição espiritual e temporal e usava de mitra e bago. Era ordinario, *jure pleno* dos castellos de Noudar e Barrancos, e prior de Coruche.

Os cavalleiros de Aviz eram dependentes da Ordem de Calatrava, da qual ficaram livres no reinado de D. João I, pelo modo que adiante direi.

Teve 28 mestres até D. Jorge, filho natural de D. João II, e por sua morte ficou o mestrado para a corôa.

—

A matriz da villa tinha prior e cinco beneficiados *curados*, todos freires da Ordem, apresentados pelo rei, como grão-mestre.

O prior, além do pé de altar, tinha de renda tres moios de trigo, dois de sevada e 20$000 réis em dinheiro; cada beneficiado, dois moios de trigo, moio e meio de sevada e 10$000 réis em dinheiro, que lhes pagava o almoxarifado de Benavente.

Já disse que o primeiro mestre d'esta Ordem foi D. Pedro Affonso, illustre guerreiro d'essas eras, e filho bastardo do conde D

Henrique; mas como elle se metteu frade, em Alcobaça, foi feito segundo mestre, o grande D. Gonçalo Viegas, tão nobre pelo sangue, como illustre pelas suas acções militares

Foi terceiro mestre o famosissimo heroe Fernandeannes, no tempo do qual D. Sancho II deu á Ordem muitas terras do Alemtejo, conquistadas aos mouros.

D. Affonso II lhes augmentou ainda mais as rendas.

Estando Evora, e muitas terras em redor, livres dos mouros, resolveu o rei (D. Affonso II) vendo que os cavalleiros ficavam longe da fronteira dos infieis, que elles buscassem um sitio mais proximo d'ella, para fundarem o seu convento. Convieram os cavalleiros n'isso, e indo em procura de sitio que lhes agradasse, chegando em frente da villa de Viamonte, viram voar d'uma azinheira, onde tinham seu ninho, duas aguias; o que tiveram por bom agouro, e alli decidiram estabelecer-se.

Era então seu mestre, D. Fernão Rodrigues Monteiro, que a 15 de agosto de 1223 lançou a primeira pedra na fortaleza.

Isto consta de uma inscripção que está em uma pedra sobre a porta principal da villa, e cujo theor é o seguinte:

*Ferdinandus magister dei gratia ordinis calatravensis in portugal cum suo conventu plantavit in festivitate assumptionis santæ mariæ æra M. CC. H. X I.*

(A era de 1261, corresponde ao anno de Jesus Christo, 1223.)

Muitos e bons escriptores dizem que este castello foi fundado em 1214, tres annos depois da doação do territorio; mas, ou ha engano n'isto ou na data da inscripção.

Eis aqui o principio da villa de Aviz.

Os mouros, assustados com este castello, appellidaram todos os alcaides das visinhanças, e com muita gente deram sobre a fortaleza; mas foram desbaratados, e tal medo tomaram aos cavalleiros, que abandonaram toda a planicie, que se foi povoando de christãos.

Pelas guerras que houve entre Portugal e Castella. depois da morte de D. Fernando de Portugal, deixaram os grãos-mestres de Calatrava de visitar estes cavalleiros.

Em 1390, veiu a Aviz D. Gonçallo Nunes de Gusmão, então grão-mestre da Ordem, com vinte cavalleiros castelhanos; mas D. João I tinha ordenado a D. Fernão Rodrigues de Sequeira, então mestre de Aviz, que recebesse Gusmão com toda a defferencia, mas não como prelado. Vendo este as cousas n'este estado, lançou a excommunhão á Ordem, e se foi para Castella, mandando queixar-se a Roma. Estava alli por nosso embaixador D. Affonso Pereira, marquez de Vallença, que obteve do papa Eugenio IV e do concilio de Basilea, a completa separação da Ordem de Aviz da de Calatrava.

Os cavalleiros de Aviz, faziam os tres votos (pobreza, obediencia e castidade) até que em 1496, o celebre D. Jorge, bispo de Albano e cardeal do titulo de Santa Catharina, conhecido geralmente pelo titulo de cardeal de Alpedrinha (vide esta villa) conseguiu do papa Alexandre VI, despensa do voto de castidade, para que os cavalleiros podessem casar; commutando-lhe este voto no de castidade conjugal.

Em 12 de dezembro de 1504, o papa Julio II os dispensou do voto de pobreza, para poderem herdar e testar.

Muitas pessoas illustres deixaram bens á Ordem de Aviz, pelo que ella chegou a ser muito rica e florescente.

—

Já que fui tão extenso em historiar os principaes factos da Ordem de Aviz, direi qual foi a causa da sua instituição.

Depois da batalha de Ourique (1139) alguns cavalleiros aventureiros se reuniram, formando um *corpo franco*, para combater os mouros: *e ajuramentando-se para morrerem uns pelos outros e não abandonarem a sua bandeira senão com a vida.*

Como principiassem por praticar grandes façanhas, outros muitos cavalleiros se lhes reuniram, formando um corpo numeroso e respeitavel.

El-rei, em reconhecimento dos seus feitos, lhes deu muitos privilegios e rendas, e decidiu fazer d'elles uma ordem militar, co-

mo a de S. Thiago ou do Templo. Para isto, mandou chamar a Coimbra o abbade de S. João de Tarouca e outros prelados, para lhes ordenar um modo de vida, segundo a regra de S. Bento, o que consta da sua instituição, escripta em Coimbra (como já disse) a 13 de agosto 1162.

O rei quiz que esta Ordem se governasse pelos estatutos da de Calatrava (em Castella) e lhe fosse sugeita, o que se fez. Já vimos como se tornou independente.

—

A villa é cercada de boas muralhas, com cinco torres e seis portas (a de Evora, de Santo Antonio, de S. Roque, do Postigo, do Anjo e Debaixo.)

Tem Misericordia e hospital.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º

Seu territorio é fertil. Cria muito gado, grosso e miudo, colmeias e caça.

Tem grandes montados que criam muitos porcos.

A maior parte da villa é dentro dos muros, assim como a Misericordia, casa da camara e pelourinho.

—

D. Affonso I fez doação á Ordem, do territorio de Aviz, com a expressa condição d'ella alli fundar, não só uma fortaleza; mas tambem uma povoação, o que se cumpriu. D'essa doação consta que já áquelle sitio se dava o nome de Aviz, proveniente, segundo a tradição, das muitas aves, principalmente aguias, que faziam seus ninhos n'aquella eminencia. O nome de Aviz, continuou pois a dar-se ao castello, á villa e á Ordem.

Fez-se primeiro a fortaleza e logo em seguida se fundou a villa. (1223)

Na guerra dos 27 annos, se demoliram duas torres, para com seus materiaes se construirem dois reductos, segundo o moderno systema de fortificação. Estes fortes se levantaram, um junto ás portas de Evora e outro junto ás de Santo Antonio.

A villa foi augmentando de população, trasbordando para fóra dos muros, e estendendo-se para o N., onde formou um grande arrabalde, com tres ruas, e guarnecido de boas casas.

A villa tem uma só freguezia, cuja padroeira é Nossa Senhora da Orada, que está no mais alto da villa. Segundo a tradição, a imagem da padroeira, foi alli posta pelo grande D. Nuno Alvares Pereira.

O principal edificio da villa é o antigo convento de freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, situado proximo á porta do Anjo, mas da parte de fóra dos muros da villa, correndo-lhe pelo meio da cêrca a ribeira de Aviz. Foi seu fundador o terceiro mestre da Ordem, o famoso Fernandeannes, em 1226.

—

Tem por armas, um escudo com a cruz verde de Aviz, em campo de ouro, e no pé da cruz duas aguias, uma de cada lado. (As aguias, dizem que são em memoria do casal d'ellas, que os cavalleiros viram sair da azinheira, quando escolheram o sitio para a fundação do castello.

Na porta de Evora, do lado exterior, está pintado o quadro seguinte:

S. Bento, tendo aos pés D. Fernandeannes a cavallo, com seu escudo embraçado e um alfange na mão direita. Debaixo das mãos do cavallo, está uma cabeça de moura, e para o lado direito duas aguias reaes sobre uma azinheira.

Querem alguns que estas sejam as verdadeiras armas da villa; mas não ha o minimo documento ou tradição que o prove. Provavelmente é alguma alegoria, hoje indecifravel.

—

Ha differença nos escriptores sobre o foral antigo de Aviz. I. de Vilhena Barbosa diz que lh'o deu D. Diniz, e mais alguns auctores seguem esta opinião.

Dizem outros que o foral lhe foi dado por D. Sancho II, o que é verosimil, pois que sendo no seu reinado que se fundou esta villa, é provavel que elle, para attrahir para aqui moradores, lhe concedesse privilegios; mas não ha documento que prove isto.

Franklin diz que o seu primeiro foral lhe foi dado por Martim Fernandes, mestre da ordem, em 20 d'agosto de 1223. Não póde ser.

A 15 de agosto de 1223 era mestre da or-

dem D. Fernão Rodrigues Monteiro (o que fica plenamente provado). Emfim, deslindem isto os antiquarios; o que é certo é que D. Manuel lhe deu novo foral em Santarem no 1.º de janeiro de 1512.

**AVIZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 335 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Não pude obter mais informações d'esta freguezia.

**AVIZ**—ribeira, Alemtejo. Nasce 18 kilometros acima de Monforte, nas herdades chamadas da *Roda*, *Carrapato* e *Barreiros*, que ficam nos termos das villas de Assumar e Monforte, e das quaes se fórma um ribeiro, chamado *Freixo*, cujo nome conserva até Monforte, onde tem uma ponte de pedra.

Corre junto á villa da Fronteira.

Entre estas duas villas recebe os ribeiros do *Almuro* e *Anna Loura*, da parte do S., e a ribeira de Vide, do E.

Junto á villa da Fronteira tem uma boa ponte de pedra.

Corre até junto da villa da Figueira, e entre estas duas villas recebe do S. o ribeiro de *Lupe*, e mais abaixo, do mesmo lado, o *Souzel*.

Desce para o Ervedal, e aqui recebe do S. o ribeiro da *Caniceira*, e corre até Aviz, onde tem uma boa ponte de cantaria, e n'este sitio, mesmo por baixo da ponte, recebe o ribeiro da *Seda*.

Corre direito á aldeia do Maranhão, e ahi perto, do lado de E., recebe o ribeiro *Alcórrego*.

Dirige-se á villa do Cabeção, e ahi recebe o *Têra*.

Corre para a villa de Mora (junto da da Erra) e no espaço médio entra o *Sôr*, e desde então perde o nome de *Aviz*, e se chama *Sorraia*, e com este nome passa á villa de Coruche, d'onde leva comsigo o *Divor*, e corre para Benavente, onde acaba na esquerda do Tejo.

Cria muito peixe, grandes barbos, alguns de 10 kilos de peso (padre Cardoso), saveis, lampreias, etc.

Suas margens são cultivadas e ferteis.

Faz moer lagares de azeite, moinhos de pão, e tambem réga.

**AVIZ** ou **AVIS**—cidade antiquissima da Luzitania, Extremadura. Hoje só d'ella resta a memoria.

Diz-se que era situada onde hoje está a aldeia de Ribadares, freguezia de S. Salvador do Souto de Carpalhosa, comarca e concelho de Leiria, d'onde dista 12 kilometros.

**AVIZ**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros ao E. do Porto, 405 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Desde 1855 pertence á comarca e concelho do Marco de Canavezes.

É terra fertil.

**AVÔ**—villa, Beira Alta, comarca de Midões, 54 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 180 fogos, 650 almas, no concelho 1:350 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi couto feito por D. Affonso Henriques.

Situada na descida de um monte e dividida pelo rio Alva, sobre o qual tem uma excellente ponte de um só arco, de boa cantaria. É terra fertil.

Vêem-se ainda na villa as ruinas de um antigo castello, fundado sobre rocha viva, que se diz ser obra dos godos ou dos arabes.

Em *Chãos d'Egua* e no *Monte da Garcia*, d'este concelho, ha minas de chumbo que se exploram.

Foi primeiro esta villa de D. Urraca Affonso, filha bastarda de D. Affonso I, passou para os bispos de Coimbra, e depois para a corôa.

Diz-se que a matriz mandou fazer D. Affonso I.

O cabido de Coimbra apresentava o vigario.

Tinha dois beneficiados e um thesoureiro.

O vigario tinha o rendimento de 200$000 réis.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora do

Mosteiro, ou das Neves, que, segundo a tradição, foi egreja de um mosteiro de monges bentos, no tempo dos godos.

Aqui nasceu o insigne poeta classico Braz Garcia Mascarenhas, auctor do *Viriato Tragico* e de outras obras.

Na guerra de 1640 se apresentou elle na praça de Pinhel com 150 homens, das principaes familias d'aqui e visinhanças, que se lhe reuniram voluntariamente, e n'aquella cidade fez a acclamação de D. João IV. Tinha militado nas guerras de Flandres, e foi por D. João IV feito governador da praça de Alfaiates.

Entra na freguezia a serra do Açor.

D. Sancho I lhe deu foral em 1187.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

**AVÕES** ou **AVOIS**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, termo e proxima de Lamego, 80 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É situada na raiz da serra das Meadas (antigamente *Avões* ou *Avois*). Fertil.

O thesoureiro-mór da Sé de Lamego apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 200$000 réis.

Na serra ha lobos e muita caça miuda.

N'ella nascem dois ribeiros, que se despenham arrebatados pela serra abaixo, chamados *Neto* e *Ladario* ou *Ladairo*.

**AZAMBUGEIRA**—Vide Azambujeira.

**AZAMBUJA**—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 18 kilometros ao S. d'Alcoentre e 24 de Santarem e do Cartaxo, 70 fogos, 2:800 almas, no concelho 950 fogos.

Em 1757 tinha 460 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira no 4.° domingo de outubro.

É a palavra arabe *Azzabuja*; significa olival bravo.

Esta povoação é muito antiga, apezar de não ter monumentos que provem a sua antiguidade.

Os romanos lhe chamavam *Oleastrum*. Os arabes lhe chamaram *Azzabuja*.

D. Affonso I a deu a D. Childe (Gil) Rolim, filho do conde de Chester (descendente dos reis de Inglaterra) em premio das façanhas que obrou na tomada de Lisboa.

Elle a povoou, logo em 1148 ou 1149, com o nome de *Villa Franca*.

(Adiante fallarei dos Rolins e suas armas.)

As continuas guerras d'esse tempo a arruinaram, e D. Sancho I a reedificou em 1200, dando-a a D. Rolim de Moura, filho de D. Childe, cujos descendentes foram sempre seus donatarios.

D. Affonso II confirmou esta doação.

Parece que por esse tempo se lhe restituiu o nome arabe.

Azambuja é no Riba-Tejo, em uma vasta, bella e fertilissima planicie, e abundantissima de aguas que fertilizam seus campos e lezirias.

Proximo á villa fica o celebre pinhal do estado, chamado da Azambuja, mandado semear por D. Diniz em 1296.

Tambem fica perto do Carregado.

Tem uma bella egreja de 3 naves.

D'esta villa se vê a Castanheira, Póvos, Villa Franca de Xira, Salvaterra, Benavente, etc. etc.

O Tejo fica a 3 kilometros ao S., estando em communicação com esta villa por um braço ou canal, chamado *Valla da Azambuja*, orlado de frondoso arvoredo (pela maior parte álamos).

Este canal foi reconstruido em 1848; mas desde então não se cuidou mais d'elle, e está em misero estado. É de uma companhia que não tira resultado.

A egreja foi do padroado real e tinha 6 beneficios, cada um dos quaes rendia 200$000 réis. O prior tinha de rendimento 200$000 réis.

A Misericordia instituiu Pedro Estevães do Sobrado e sua mulher Esteva Fernandes, na era de 1342 (1304), deixando-lhe de renda 500$000 réis annuaes. Tem um hospital chamado do Espirito Santo, administrado pela Misericordia.

Teve até 1834 um capitão-mór, com duas companhias de ordenanças.

É a 9.ª estação do caminho de ferro do norte e leste.

Azambuja, assim como todas as povoações do Riba-Tejo, soffreu muito com o terremoto de 1531, que durou 50 dias. (Vide Lisboa no logar competente).

D. Sancho I, quando doou esta villa a D. Rolim de Moura, lhe deu foral, em Lisboa (janeiro de 1200) que seu filho D. Affonso II confirmou, em Santarem, a 22 de fevereiro de 1218.

Tambem apparece um foral dado á villa da Azambuja pelo seu alcaide, Ruy Fernandes, em 17 de maio de 1272.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 7 de janeiro de 1513.

Os marquezes de Loulé (hoje duques) descendentes de D. Childe Rolim, são condes da Azambuja. Para a genealogia dos senhores da Azambuja, vide *Guarda. (Barbadão).*

Esta villa honra-se, com razão, de ser a patria de bravos guerreiros e litteratos illustradissimos. Entre elles citarei os seguintes:

Frei Jeronimo da Azambuja, cognominado, por ser d'aqui, *Oleastro.*

Era frade de S. Domingos e um dos theologos que D. João III mandou ao concilio de Trento. Foi muito versado nos idiomas latino, grego e hebraico, e famosissimo escriptor do seu tempo. Morreu a 5 de janeiro de 1560 (ou 1563, pois ha igualdade de opiniões no dia e mez, mas differença no anno). Foi um dos maiores theologos do seculo XVI.

D. João Estéves da Azambuja (*o cardeal da Azambuja*) filho de Affonso Esteves, senhor de Salvaterra e reposteiro-mór. Grande valido de D. Pedro I, D. Fernando e D. João I, e embaixador (por o ultimo) ao concilio de Piza. Foi bispo do Algarve; depois, do Porto; depois, de Coimbra e finalmente arcebispo de Lisboa, e cardeal de S. Pedro *ad vincula.*

D. João Esteves da Azambuja—Era tão celebre pela vastidão dos seus conhecimentos em varias sciencias, como respeitavel e famoso pela sua bravura na guerra e pelo seu acrisolado patriotismo.

Era elle o conselheiro, o amigo e o irmão de armas do nosso melhor rei, D. João I, de *Boa Memoria.* A todas as suas bellas qualidades, que ficam declaradas, juntava ainda a coroa d'ellas, isto é, a pratica de todas as virtudes, sendo um varão exemplarissimo.

Fundou em Lisboa o convento do Salvador, de freiras dominicas, dando-lhe boas rendas, e na sua egreja jaz sepultado. Morreu em Burgos, a 23 de janeiro de 1415.

Diogo da Azambuja—bravissimo capitão, que, em 1505, tomou a praça e cidade de Çafim, aos mauritanos (Africa). Nasceu n'esta villa, em 1432. Foi do conselho de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, cavalleiro de Aviz, commendador de Cabêço de Vide e Alter Pedroso. Resgatou do poder dos castelhanos a praça de Alegrete, (tendo uma perna quebrada no assalto). Fez o castello de S. Jorge da Mina, conquistando todo o seu territorio. Fez o *Castello Real* da Africa. Fundou o convento dos Anjos, de Montemór-Velho e morreu a 15 de agosto de 1518. Jaz na egreja do convento que fundou, em rico mausoleu de marmore. Vide Montemór-Velho.

—

Já disse que a familia Rolim procede de D. Childe (em portuguez *Gil*) Rolim, filho do conde de Chester, da descendencia dos reis da Gran-Bretanha; porém um manuscripto antigo que possúo, diz o seguinte: «*Rolim*, appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de *Child* (ou Gil) *de Rolim*, da familia dos duques de Borgonha, em França; o qual veio por segundo commandante da esquadra combinada, que ía á conquista da Terra Santa, composta de 180 velas, e que entrou em Lisboa, a 12 de abril de 1147. Ajudou a el-rei D. Affonso Henriques a tomar Lisboa aos mouros. Ficando Child de Rolim em Portugal, o rei lhe fez mercê da villa da Azambuja, para elle e seus descendentes.»

As armas dos Rolins, são: em campo de purpura, cinco espadas de prata, com guarnições de ouro, em aspa, com as pontas para baixo. Alguns de seus descendentes, que se enlaçaram com a familia dos Mouras, passaram a usar das armas d'estes.

**AZAMBUJA**—pequeno rio do Alemtejo. Nasce nos campos d'Evora, passa pela freguezia de Monte do Trigo, e morre no De-

gebe, depois de se lhe terem juntado alguns regatos. Rega e móe.

**AZAMBUJAL**—vide Zambujal.

**AZAMBUJAL**—aldeia da Extremadura, na freguezia d'Alvaiazere. Ha aqui uma lagoa de optima agua potavel, cujo fundo é todo de pedra.

Era aqui o solar dos Pachecos. O brazão d'elles, é o dos Azambujaes (familia tambem d'aqui oriunda e que aqui teve solar), trazem escudo azul e n'elle um meio selvagem, vestido de ouro, com um pau vermelho, com esgalhos, ás costas, pegando n'elle com ambas as mãos. Elmo de aço aberto e por timbre uma serpe.

Azambujal, quer dizer: logar plantado de *zambujos* ou *azambujos*, ou *zambujeiros*.

**AZAMBUJAL**—aldeia da Extremadura, proximo da villa d'Ourem. Aqui nasceu Santa Thereza, virgem e martyr.

**AZAMBUJEIRA**—villa, Extremadura, concelho de Rio Maior, comarca e districto administrativo de Santarem, patriarchado e 80 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Chama-se Azambujeira pelas muitas arvores d'este nome que aqui havia e ha.

Era antigamente um logar annexo á egreja de S. João da Ribeira. D. João IV a fez villa e a deu a Lourenço Pires de Carvalho, pelos annos de 1650.

Os arcebispos (e depois os patriarchas) apresentavam aqui os vigarios, que tinham de renda 120$000 réis.

Gil Fernandes de Carvalho, senhor d'esta villa (ascendente de Lourenço Pires) era senhor da Azambujeira, no reinado de D. Diniz. Sabendo que um seu escudeiro, tinha, por certo crime, sido aqui condemnado a açoites, cuja sentença se cumpriu, veiu á povoação e *mandou açoitar o juiz e cortar as orelhas ao corregedor*, que tinham dado a sentença, isto com pregão de justiça!

Commettido este acto de barbaro despotismo, teve de fugir para Castella. Alli, achando-se na batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) taes proezas praticou, que D. Affonso IV, de Portugal, que foi testemunha da sua intrepidez, lhe perdoou e o fez mestre da Ordem de S. Thiago.

Apesar de não ser casado, Gil Fernandes de Carvalho teve dois filhos bastardos, o primeiro, Alvaro Gil de Carvalho, filho de Maria de Bairros, que legitimou em 1359 e veiu a casar com D. Estevainha Pereira, irmã do grande D. Nuno Alvares Pereira; o segundo, Gonçalo Gil de Carvalho, era filho de Maria Domingues e o legitimou em 1374. Este foi traidor á patria, seguindo as armas de Castella contra D. João I de Portugal. Teve porém um filho, tambem bastardo, João Lourenço de Carvalho, que não seguiu o exemplo de seu pae, pois foi companheiro fiel de D. Nuno Alvares Pereira. Foi seu descendente Pedro de Carvalho, que, por casar com D. Maria de Brito, foi senhor do morgado de *Patalim*, junto a Evora.

Gonçalo José de Carvalho Patalim (descendente de João Lourenço) casou em França e não teve filhos, pelo que o morgado de Patalim passou a D. João da Costa, conde de Soure, por estar casado com D. Luiza Francisca de Tavora, irmã de Henrique de Carvalho e tia de Gonçalo José de Carvalho Patalim, o qual teve descendencia.

As armas dos Costas são, em campo de púrpura, seis *costas* (costellas) de prata, postas em trez fachas, elmo d'aço aberto e por timbre duas das costas das armas, em aspa, atados com uma fita de púrpura.

O primeiro conde de Soure, foi D. João da Costa, por D. João IV, em 15 de outubro de 1652.

**AZANHA** ou **AZENHA**—aldeia, Douro, freguezia de Poiares, termo de Coimbra.

Ha aqui uma ermida de Nossa Senhora do Pranto, e proximo a ella uns banhos chamados por isso *Banhos de Nossa Senhora do Pranto*, cujas aguas nascem no sitio do Barril, por baixo de uns penhascos. São nitrosos, sulphureos e aluminosos; uteis para a cura de varias molestias.

É a palavra arabe *assanha*, isto é, moinho d'agua para moer pão ou azeitona.

**AZAR**—combate, batalha, recontro, peleja, etc.

Ha em Portugal alguns sitios assim cha-

mados, e *Azures* e *Val-d'Azares*, por n'elles se ter dado alguma batalha.

**AZARUJA**—Vide Azeruja.

**AZAVEL**—pequena ribeira, Alemtejo, que nasce na serra do Ramo-Alto, distante da villa de Monsaraz 9 kilometros. Sua corrente é arrebatada.

Móe e traz peixe miudo.

Morre no Guadiana, no sitio do Gato, com 18 kilometros de curso. A ella se junta o rio *Pêga*.

**AZEDIA**—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É a palavra arabe *Azzaidia*. Significa augmentada ou accrescentada.

**AZEITÃO** ou **VILLA-NOGUEIRA**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Setubal, 30 kilometros a SE. de Lisboa, 500 fogos, 1:600 almas, no concelho 740 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Este concelho foi extincto em 1855 e passou então a ser do actual.

Situada em um valle proximo do *promontorio barbarico* (Cabo do Espichel) d'onde se descobre o castello de Cezimbra, a serra de Cintra, a de Montachique, Lisboa, Moita, Coina e Palmella. É perto da serra da Arrabida.

—

Teve antigamente um *ouvidor* que comprehendia na sua *regencia* as villas de Cezimbra, Barreiro, Ferreira, Samora Correia, S. Thiago de Cacem, Sines, Castro Verde e Torrão, cujo dominio era dos duques de Aveiro (até 1759 e depois passou para a corôa); as terras eram do mestrado da ordem de S. Thiago.

No termo d'esta villa está o grande palacio e extensa quinta que foi dos duques d'Aveiro; assim como o palacio e quinta da casa de Calhariz, que são magnificos. (Vide Cezimbra.

A principal aldeia d'esta freguezia era a de Nogueira, que foi elevada a villa com o nome de *Villa-Nogueira* e foi sempre a capital do concelho de Azeitão, até á sua suppressão.

É n'esta aldeia que está a matriz defronte do convento de S. Domingos e proximo dos paços que foram dos duques d'Aveiro.

Todo o concelho de Azeitão foi desmembrado do de Cezimbra, e creado concelho por alvará de 3 de novembro de 1759. (Vide Cezimbra.)

Esta freguezia fazia parte da do Castello de Cezimbra até 1350. N'este anno se desannexou, tornando-se independente, e no mesmo anno de 1350 se fez a actual egreja matriz.

Tem Misericordia fundada em 1622 por D. Affonso d'Alencastre marquez de Porto Segnro (Brasil) filho do duque d'Aveiro, D. Alvaro.

Junto á egreja fundou um hospital o padre Pedro de Mesquita Carneiro, em 1640, e o dotou com algumas rendas.

É terra fertilissima e sádia.

D. Fernando lhe concedeu muitos privilegios pelos annos de 1380, que confirmou D. João I, em 1390. (É esta *carta de privilegios* dada por D. Fernando que lhe serve de foral. Nunca teve outro; nem mesmo D. Manuel lhe deu foral novo, o que me admira, sendo já então uma terra muito importante.)

Grande parte dos habitantes de Azeitão se empregam na fiação de algodão e na tinturaria, sendo os trabalhos da agricultura feitos por gente de fóra da terra.

O cura era apresentado pelos freguezes, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Tem um convento que foi de frades dominicos (Santa Maria da Piedade) dos mais antigos da ordem em Portugal. (O primeiro foi o de Bemfica, o segundo foi o de Aveiro, e este foi o terceiro.)

Foi fundado em 1435.

O rei D. Duarte e sua mulher D. Leonor concorreram muito para a sua fundação; mas os principaes fundadores foram Estevam Esteves e sua mulher Maria Lourenço, d'esta villa, que lhe deram quasi todas as suas rendas, que eram uma quinta com pomares e hortas, boas aguas e aposento capaz de se recolherem a elle desde logo os frades. Depois lhe deram muito mais propriedades e rendas, assim como ao conven-

to de freiras dominicas do Salvador, de Lisboa.

Por fim, Estevão Esteves se metteu frade em Azeitão, n'este convento, e sua mulher se fez freira no do Salvador, de Lisboa.

A primeira doação d'este Estevão Esteves e de sua mulher foi feita a 15 de dezembro de 1434; e a 18 de dezembro de 1435 se lhe lançou a primeira pedra.

D. Affonso V continuou a obra e deu ao convento 3 moios de trigo de renda annual e *déz tostões* em dinheiro para o carréto. O que era pago pelos rendimentos dos fornos de Palhaes.

—

Esta freguezia e outras muitas e varias villas estão situadas no Alemtejo (isto é, ao Sul do Tejo) mas pertencem á provincia da Extremadura.

Azeitão é a palavra arabe *Azzeitum*. Significa *olival* ou *oliveiras*.

**AZEITÃO** ou **VILLA FRESCA D'AZEITÃO** (S. Simão)—freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Setubal, 30 kilometros ao SE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Simão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi do extincto concelho de Azeitão ou Villa Nogueira.

É muito fertil.

Situada no valle de Azeitão, d'onde se vê Lisboa, Cezimbra, Villa Nogueira, Coina, Moita, Almada, etc.

A matriz é de duas naves, fundada por Affonso d'Albuquerque, filho bastardo do grande Affonso d'Albuquerque, em 1570. Impoz ao seu morgado a reparação d'esta egreja. Este morgado é dos srs. Guedes de Miranda.

O solar dos Albuquerques é proximo da povoação e está hoje possuido pelos srs. condes de Mesquitella. A casa é em fórma de castello, imitando a fortaleza de Ormuz (India) que Affonso d'Albuquerque tomou em 26 de março de 1515.

O parocho era capellão curado, que apresentava a Mesa da Consciencia e Ordens, por ser do mestrado de S. Thiago. Tinha de rendimento 2 moios e meio de trigo, 1 de cevada, 3 pipas de vinho e 22$000 réis em dinheiro.

**AZEMEIS**—Vide Oliveira de Azemeis.

**AZENHA**—ribeira, Beira Baixa. Nasce no alto de uma serra, 12 kilometros ao E. da freguezia do Espinhal.

Corre arrebatado e impetuoso, onde passa por broncas penedias; mas placido, quando atravessa planicie.

Rega, móe e traz algum peixe.

No logar do Espinhal se junta com o ribeiro do Trilho, e morre no Duessa e todos no Mondego.

Ha em Portugal muitos ribeiros que teem este nome, que pela sua insignificancia não vale a pena mencionarem-se aqui.

É corrupção da palavra arabe *assancha*, moinho d'agua para moer azeitonas ou cereaes.

**AZENHAGA**—é a palavra arabe *azzanha* (corrupta) derivada do verbo *zanaca* (apertar). Significa *rua estreita, caminho apertado entre duas paredes.*

Ha uma freguezia d'este nome na Extremadura, patriarchado. (Vide Azinhaga.)

**AZENHAL**—Alguns escriptores confundem *azenhal* com *azinhal*, quando são coisas inteiramente diversas. *Azenhal* significa *sitio onde ha azenhas*, e *azinhal* é *souto d'azinheiras.* É este ultimo nome que se dá a differentes povoações portuguezas.

**ÁZERE**—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha em 1660 59 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Houve aqui um convento de frades bentos denominado de S. Cosme e S. Damião, muito antigo, pois, ignorando-se a data da sua fundação, sabe-se que já existia em 568, e é do tempo de S. Martinho Dume.

Esta freguezia e todas as do Minho, ao N. do rio Lima, foram do bispado de Tuy na Galliza. (Vide Braga.)

Em 4 de outubro de 1125 o dotou com seu couto (que lhe havia feito a rainha D.

Thereza, mãe de D. Affonso I) o bispo de Tuy. (Vide Aurega.)

Viterbo diz que D. Thereza doou á Sé de Tuy, em 1125, o mosteiro de *Azar*, (hoje Ázere) e suas pertenças, bem como o *direito castellatico* (vide esta palavra) e de «*tota voce Regia per infinita sæcula sæculorum*».

Em 1329 era abbade d'este mosteiro Payo da Vaia, que *confessa dever 102 jantares ao bispo de Tuy*.

Foi depois reduzido a commenda da ordem de Christo.

O ordinario apresentava aqui o reitor, que tinha de rendimento 120$000 réis.

O primeiro nome d'esta freguezia foi *Azar*, que se corrompeu em Ázere. É provavel que o seu nome lhe proviesse de alguma batalha, que se deu por estes sitios em tempos remotos. (Vide Azár e o Ázere seguinte e Arcos de Valle de Vez.)

O couto de Ázere compunha-se de mais freguezias do que esta, porque na doação de D. Thereza se diz:—«o mosteiro de S. Cosme e S. Damião, com todas as herdades e egrejas do seu couto.»

Supponho que o primeiro nome d'esta freguezia foi *S. Cosme e S. Damião*.

—

Mais acima, onde hoje está a egreja, havia antigamente duas, uma para os freguezes, outra para os monges.

Na doação da rainha D. Thereza (que tambem assignou seu filho D. Affonso Henriques) se determina que ninguem tivesse vassallos nem possessões no couto de Ázere sem auctorisação do bispo de Tuy.

A mesma senhora poz n'esta egreja um capellão que todos os dias tinha obrigação de cantar uma missa por ella, e por seus descendentes; e mais ordenou que o bispo todos os annos aqui daria ordens e chrisma, e que os que aqui se ordenassem, nas orações da missa commemorassem a doadora e seus descendentes.

Os abbades do mosteiro eram obrigados a dar ao seu prelado (bispo de Tuy) varios jantares em cada anno, que depois foram reduzidos a um renda certa.

—

No reinado de D. Affonso III era abbade do mosteiro Diogo Annes Aranha, que recebia os dizimos das annexas, que eram Paço, Parada, Cabrão e S. Pedro do Couto, e apresentava os vigarios.

—

Este convento com todas as suas rendas passou a commendatarios seculares, no tempo da usurpação de Philippe II, pelos annos de 1584, que a deu a Fernão Telles.

No tempo da restauração, tendo o filho de Fernão Telles tomado o partido de Philippe IV, D. João IV lh'a tirou, dando-a a D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Marialva.

Ruy Pereira Sotto-Maior (Senhor da casa de Barbeita e alcaide-mór de Caminha) foi a Lisboa pedir esta commenda, depois de já estar dada a D. Antonio. Sabendo este a pretenção de Ruy Pereira, lh'a cedia; porém este respondeu que preferia ser seu caseiro a receber uma coisa que já estava dada a outro.

D. Antonio Luiz de Menezes, levado de um rasgo de rara generosidade, levou Ruy á presença de D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV e regente do reino na menoridade de seu filho D. Affonso VI, e no paço representou á soberana os grandes serviços de Ruy Pereira e os grandes prejuizos que tinha soffrido com as guerras contra os castelhanos; accrescentando que se estas considerações não eram bastantes, elle, D. Antonio, offerecia os seus proprios serviços e se promptificava a fazer outros (se os passados não bastassem) até merecer outra commenda.

Admirou-se a rainha, e condescendendo com a vontade de D. Antonio, annullou a doação que tinha feito a seu favor, dando então esta commenda a Ruy Pereira.

—

Existe aqui uma capella de S. Miguel da Veiga, e n'ella eram obrigados os bispos de Tuy a cantar, em cada anno uma missa por alma de D. Theresa e de seus descendentes.

É aqui que todos os annos vinha na 3.ª dominga de julho a camara dos Arcos do Valle de Vez, acompanhada do mordomo, mandar dizer uma missa; havendo depois

corridas de cavallos no terreiro do Espirito Santo.

Junto á aldeia de Pena Cova, havia um marco, chamado do *Couto*, que dividia Ázere, Giella, S. Payo e Valle.

No monte proximo á povoação existem as ruinas de um castello, que se diz ser obra dos mouros, com cisterna e uma estrada subterranea que conduz até ao rio. O monte é alcantilado.

**ÁZERE** ou **PINHEIRO D'ÁZERE**—como hoje se lhe chama (Duarte Nunes de Leão lhe chama *Azerêde*), villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho de S. João de Areias, 6 kilometros ao O. da Taboa, 30 ao O. de Vizeu, 245 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Tinha em 1757, 100 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Eram donatarios d'esta villa os condes meirinhos móres (condes d'Obidos e do Sabugal.)

Situada em um outeiro d'onde se vêem as villas de S. João d'Areias e Pinheiro (hoje capital do concelho), Póvoa dos Mosqueiros, a Senhora do Mont'Alto e a serra da Estrella.

Corre pela freguezia o rio Mondego.

O donatario é que apresentava aqui os priores, que tinham de renda 700$000 réis. O povo pagava ao tal donatario o oitavo de todos os fructos!

Diz o padre Cardoso, que D. Affonso III lhe deu foral (e não falla no que lhe deu D. Manuel). Supponho que é engano.

Na Torre do Tombo só existe o foral novo, que a esta villa deu D. Manuel, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Querem alguns que se derive da palavra arabe *azize*, (que se pronuncia *ázeze*), significa estimada.

Ha tambem em Tanger (Africa) uma aldeia d'este nome, e que tem a mesma significação; mas é mais provavel que venha de *azar*, batalha, por alguma que aqui se désse em tempos antigos.

A comarca está parte no bispado de Coimbra, e parte no de Vizeu.

**AZERÊDO**—vide Azureira.

**AZERUJA** ou **AZARUJA** (capella de Nossa Senhora do Carmo da)—(tambem se lhe dá o nome de *Villa Nova do Principe*) Alemtejo, 5 kilometros d'Evora-Monte, 16 d'Evora, no centro da herdade do mesmo nome, que é dos srs. condes das Galveias.

É a segunda estação do caminho de ferro do sueste, no ramal d'Evora a Extremoz.

Faz-se aqui uma romaria, no segundo domingo de setembro, que é das maiores do reino, dura 3 dias. Tem dia de se dizerem 30 missas. Concorre gente de mais de 70 kilometros de distancia! Ha annos que entram no arraial, mais de 2:000 carros com gente, fóra os de pé e a cavallo.

Tem uma boa praça de touros, para as corridas que aqui ha sempre pela occasião da romaria. Esta praça foi reconstruida e muito melhorada em agosto de 1873; sendo os logares (mais de 1:500) numerados, para se evitarem as falcatruas dos emprezarios e as desordens a que ellas todos os annos davam logar. Deve-se esta providencia ao actual administrador do concelho d'Evora.

**AZERVADA**—portuguez antigo, paliçada, reparo feito de ramos, troncos e paus, estacada.

**AZEVEDO**—ribeiro, Minho, que nasce na freguezia de Santa Eulalia da Palmeira, e morre no Cávado. Rega e móe.

**AZEVEDO**—aldeia, na freguezia de Campanhan, arrabaldes do Porto. Ha aqui uma nascente de aguas thermaes, que ainda não foram analysadas (que eu saiba).

**AZEVEDO**—villa, Minho, foi couto, é na freguezia de S. Salvador de Lamas, comarca de Braga, 80 fogos, na freguezia 320. (É n'esta freguezia a quinta da Tapada, solar da nobre familia dos Azevedos, da Tapada e de Braga. Vide Lama e Tapada).

É viscondado, da familia dos Azevedos.

Aqui nasceu e é d'esta familia o celebre classico Francisco de Sá de Miranda. Para as armas dos Azevedos, vide Bayão.

**AZEVEDO**—freguezia, Minho, districto administrativo e comarca de Vianna, concelho de Caminha, arcebispado e 60 kilometros ao NNO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Tinha em 1757 23 fogos.

Orago S. Miguel.

É situada entre montes, fertil.

O cura era annual, apresentado pelo mosteiro de S. Bento de Tibães, e tinha de *congrua* 15 alqueires de pão e 12$000 réis em dinheiro.

Nos tempos antigos, a povoação de Azevedo era no sitio das Barracas, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora das Barracas. Ainda aqui se descobrem vestigios de casas arruinadas. Esta capella pertence á casa da *Deveza*, d'esta freguezia.

Esta freguezia, a de Ville, a de Riba d'Ancora e a de Gontinhães, constituiam todas a antiga freguezia de Valle d'Azáres, que depois se chamou Villar d'Ancora e actualmente Ancora.

Segundo alguns escriptores, as freguezias de Riba d'Ancora e Gontinhães, foram creadas em 1560. Entendo porém que foi muito antes (mesmo seculos antes) porque conheci perfeitamente a antiga egreja matriz de Gontinhães (de tres naves) que foi reedificada em 1865. A sua architectura denotava muita antiguidade, e demonstrava ser construida para matriz, pela sua grandeza (que é ainda a mesma, pois não se lhe augmentou nada na sua reedificação, senão uns dois ou tres metros, na capella-mór).

A egreja de Riba d'Ancora, tambem denotava ter muito mais de 300 annos.

A de Ville não é mais do que uma capella.

Se é certa a tradição, esta freguezia e a de Ville, formavam uma só (quando se desmembraram de Gontinhães) e a sua matriz era a egreja de S. Pedro de Varaes, situada em um valle, formado por dois montes, ficando-lhe ao N. o monte chamado Chão da Vermelha e ao NO. o da Costa da Espiga.

Ainda ha poucos annos, no sitio onde se diz que foi a matriz de S. Pedro de Varaes, se acharam caveiras e ossos humanos. No seculo passado é que a freguezia de Ville se separou da de Gontinhães, e depois, ainda a de Ville se subdividiu, formando a d'este nome e a de Azevedo.

A egreja de S. Pedro de Varaes, ficou reduzida a capella (se é que o não foi sempre) e pertencente á freguezia de Ville, e alli iam varios *clamores*, em certos dias do anno. Esta devoção se foi perdendo (talvez pela escabrosidade do sitio) e o templo se foi pouco a pouco arruinando, ficando apenas as paredes, e estas mesmo a ameaçar ruina. A imagem do padroeiro (S. Pedro) e os objectos sagrados foram levados para a egreja de Ville; mas os de Azevedo sempre entenderam que esta egreja (de Varaes) lhes pertencia.

Para rehaverem o templo, decidiram reedifical-o em 1850. Oppondo-se os de Ville, os de Azevedo conseguiram do arcebispo que este mandasse intimar aquelles, para, ou reedificarem o templo, ou o entregarem aos de Azevedo, para estes o restituirem ao culto. Então os de Ville, cederam da capella; mas ficaram com a imagem do padroeiro, e o seu parocho continuava alli a querer administrar. Os de Azevedo oppozeram-se a esta pretensão do parocho de Ville, e o ordinario ainda deu a sentença a seu favor. Desde então ficou a capella pertencendo exclusivamente á freguezia de Azevedo. Vide Ancora, Gontinhães, Riba d'Ancora e Ville.

Diz tambem a tradição que houve aqui um convento de frades benedictinos da invocação do Salvador, mas estou convencido que é erro; porque não vi em similhante sitio o mais insignificante vestigio que me levasse a acreditar a existencia de um mosteiro, por pequeno que fosse.

Havia aqui perto, é verdade, na serra de *Real* (ramo da d'Arga) o convento do *Salvador do Mundo*, de freiras benedictinas (e não de frades) denominado convento de Bulhente, que foi supprimido, em 1460, pelo bispo de Ceuta (a cujo bispado pertenciam todas as freguezias, hoje do arcebispado de Braga, que estavam ao N. do rio Lima). A suppressão do convento de Bulhente foi originada pelo mais que mundano procedimento das freiras. (Vide Gontinhães).

**AZEVEDO**—aldeia, freguezia de Caldellas (S. Jorge) comarca e concelho da Feira. Houve aqui um convento *duplex*, da Ordem de S. Bento, dedicado a S. Miguel e seus companheiros.

Gundezindo, filho d'Ero, o fundou em 897, em uma quinta sua, dando-lhe muitas ren-

das. Foi supprimido ha muitos seculos e d'elle não ha vestigios. Vide Lavra.

Esta aldeia fica proxima (ao SE.) das caldas de S. Jorge, 25 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa.

Ha mais em Portugal 10 aldeias d'este nome.

**AZEVEDO**—para as familias d'este appellido, vide Bayão.

**AZEVO**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Pinhel, 70 kilometros a SE. de Lamego, 355 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Situada sobre um alto cabeço, onde está a matriz e d'onde se vêem terras de sete bispados, que são: Vizeu, Guarda, Coimbra, Miranda, Braga e Lamego, e em Castella, Ciudad Rodrigo.

Vê-se Almeida, Pinhel, Trancoso, Marialva, Meda, Longroiva, Villa Nova de Foz Côa e muitas outras povoações menores.

Era do padroado real, o reitor tinha réis 200$000.

Ha n'esta freguezia um *Obito* (a que chamam *confraria dos defuntos*) que em remotas eras, de que não ha memoria, instituiram *Martim Caxi* e sua mulher *Severique Esteves*, os quaes deixaram por legado, que á custa do rendimento da tal confraria, se vestissem pobres, casassem orphãs e se désse *funeral* a muitos pobres.

Passa por aqui o rio Côa.

A terra é pouco fertil. Cria algum gado miudo e tem caça e peixe.

É a palavra arabe *azzaibo*. Significa *pelludo* ou *cabelludo*. Vem pois a ser *freguezia do cabelludo*.

**AZIAS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 24 kilometros ao NO. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um valle, entre dois montes, o do sul chamado Fojo Lobal (onde antigamente havia o fojo da Cabrita, que servia para caçar lobos, e é d'isso que lhe provém o nome) e o do norte, chamado Fraga do Penedo e Cumieira.

Ao E. da freguezia fica o monte da Gallinheira, quasi tão alto como os pincaros do Suajo. A serra que lhe fica ao O. é uma projecção dos montes da Nobrega.

O vigario (que depois foi abbade) era apresentado pelo ordinario e tinha 560$000 réis de rendimento. Tinha tambem um beneficiado.

S. Pedro de Vade, era annexa a esta freguezia.

É terra agreste, mas muito abundante de aguas, por isso tem sitios muito ferteis.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

É corrupção da palavra arabe *azzauia*, que significa canto ou angulo.

Azias é povoação antiquissima, que já existia no tempo dos romanos, o que provam as muitas medalhas de cobre que aqui teem apparecido. Quasi todas são do tamanho de um tostão, em prata, com os bustos e legendas de varios imperadores romanos.

Todas, ou quasi todas as propriedades d'esta freguezia, pertencem a proprietarios d'aqui mesmo, o que é raro, principalmente na provincia do Minho.

A matriz foi reedificada no principio do seculo XVII.

Ha na freguezia duas capellas publicas, uma pequena dedicada a S. Sebastião, toda de cantaria grossa, que parece ter sido construida no seculo XIV; e outra grande, da invocação do Bom Jesus, que foi construida em 1700, e é administrada pela confraria da sua denominação, erecta na mesma capella.

—

É natural d'esta freguezia o dr. José Bernardo Ferreira Pinto da Cunha, filho de Antonio José Gonçalves Ferreira de Araujo, e de D. Maria Joaquina Pinto da Cunha e Silva, senhora da casa de Cachavões.

Depois de seguir varios logares da magistratura, com honra, foi em 1865, aposentado em juiz da Relação do Porto. Ainda vive (1873) e tem descendencia.

**AZIBO** ou **AZIBRO**—rio, Traz-ós-Montes. Tem tres nascimentos, nasce na quinta do *Azivieiro* (que parece lhe dá o nome), no logar de *Lamas* e no dos *Pereiros*.

Não tem nome até ao logar de Valle da Porca, onde toma o de *Azibo*. Corre veloz e arrebatado, já depois de reunir a si o rio de *Chacim* e outros ribeiros, e a ribeira da *Sureira*.

Suas margens teem algumas oliveiras e muitas arvores silvestres. Morre no Sabor, por cima da ponte de Remonde, com 18 kilometros de curso.

Tem uma ponte de pedra e cal, logo abaixo de Valle da Porca, e outra igual por baixo de Balsemão.

**AZINHA**—serra, Beira Baixa, com 6 kilometros de comprido e 3 de largo. É muito fria. Fica no termo da Guarda. Tem algumas povoações pequenas e pobres. A maior parte é cultivada e dá muito centeio e castanha. Cria gado grosso e miudo. Caça.

**AZINHA**—freguezia, Beira Baixa, districto administrativo, bispado, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Era da coroa.

O cura era annual, apresentado pelo prior de S. Pedro de Remella, e tinha de *porção* 120 alqueires de centeio.

É muito abundante de centeio e castanha, do mais pouco.

Cria algum gado grosso e miudo e tem caça na serra antecedente, onde é situada esta freguezia, que dá o nome á serra.

Querem alguns que o nome d'esta freguezia proceda do facto seguinte:

Quando se andava a fazer a egreja, o cura estava sempre ao pé dos operarios, e quando via que elles se descuidavam, lhe dizia: «*asinha! asinha!*» (depressa! depressa!) e d'aqui ficou o nome á egreja e depois á freguezia.

Supponho que o nome lhe provem de azinheira, a que tambem por abreviatura chamam *azinha* ou *azinho*.

**AZINHAGA** ou **AZENHAGA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 100 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1757, 303 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Situada em campina, e d'aqui se vêem as villas da Chamusca e Gollegã.

Corre por esta freguezia o rio Almonda.

E' no Riba-Tejo.

A matriz era um templo sumptuosisssimo de tres naves; mas está em ruinas. Tem prior e cura.

O prior tinha de renda annual, de 90 a 100$000 réis, e era primeiro apresentado pelo papa, depois passou a ser da apresentação da Mitra, por concurso.

O cura tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho e 4$000 réis em dinheiro. Era apresentado annualmente pelo prior.

Teve Misericordia, a qual é tradição que, por breve apostolico, se erigiu dos bens de quatro confrarias que aqui haviam.

Consta que tambem teve hospital antigamente; mas, se assim foi, hoje nem d'elle ha vestigios.

Junto á capella de Santo Antonio, hoje desmantelada, estão as ruinas de uns paços magnificos, que se diz terem sido feitos pelo infante D. Fernando, o Santo.

Foi antigamente villa independente.

O nome d'esta freguezia, é derivado da palavra arabe *azzancha* (vóz corrupta.) Significa, rua estreita ou apertado caminho entre duas paredes ou dois mattos. Vem do verbo *zanaca*, que significa apertar, estreitar.

E' n'esta freguezia a grande quinta da Borôa, 6 kilometros da povoação, no fim do Campo da Gollegã e em frente da vastissima quinta do sr. Carlos Relvas. A quinta da Borôa foi do riquissimo lavrador ribatejano, Raphael José da Cunha e hoje é do sr. Tavares Bonacho, seu sobrinho.

Tem conde, que é irmão do marechal Saldanha.

**AZINHAL**—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Castro-Marim, d'onde dista 4 kilometros ao N., 24 ao E de Tavira, 60 ao NE. de Faro, 275 ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada sobre um monte na margem direita do Guadiana (navegavel até Mértola.) D'aqui se descobre Castro-Marim, Mértola, Ayamonte, 6 kilometros a SE. (Andaluzia) e o mar.

O bispo do Algarve apresentava aqui o cura (que depois foi prior.) Tinha de renda 330 alqueires de trigo.

E' terra fertil, e na serra do seu nome, onde está a freguezia, ha porcos bravos, rapozas e alguns lobos e caça miuda. Plantas medicinaes. Cria gado grosso e miudo.

Estende-se a freguezia por 12 kilometros de serra.

Corre aqui a ribeira Beliche, que desagua no Guadiana.

Muito peixe do rio e do mar.

Para a etymologia vide Azinhoso.

Da aldeia do Azinhal (que é grande) sae um caminho para o Porto do Azinhal, no Guadiana, onde se passa o rio, em barcos, para a Ribeira da Estacada (Andaluzia.)

Em 1757 tinha 108 fogos.

**AZINHAL**—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros a SE. de Vizeu, 345 ao E. de Lisboa, 120 fogos,

Tinha em 1757, 65 fogos,

Orago Nossa Senhora do Rosario, ou Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era da corôa. Pobre.

Situada em uma planicie da qual se vê Almeida, Castello Rodrigo, Trancoso e Jermêllo; e as aldeias de Povos, Pêva, Chavilhas, Val-Verde, Cinco-Villas, Gamellas, Carvalhal e Safurdão.

O vigario de S. Pedro, de Pinhel, apresentava aqui o cura (por esta freguezia ser annexa á de S. Pedro.)

O cura tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi primeiramente do bispado de Vizeu.

A terra produz trigo, centeio e vinho. Do mais pouco.

Ha aqui um monte, chamado Cabêço da Montella, que tem caça.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, ficou (com outras freguezias) pertencendo ao concelho de Almeida.

Era aqui o solar dos *Sacôtos*, appellido nobre em Portugal.

Suas armas são, em campo de ouro, 3 estrellas de prata, de oito pontas em cruz. Timbre, meia onça, da sua cor, com uma estrella das armas na espadoa.

Desde o reinado de D. João II se fez mais conhecido este appellido, em Gonçalo Mendes Sacoto, adail-mór de Portugal; o qual se achou nas guerras da Africa, e lá, sendo capitão de Gafim, derrotou cinco alcaides mouros, por cuja façanha el-rei D. Manuel, entre outras mercês, lhe deu por armas, em campo de púrpura, cinco pendões asues em aspa com asteas de ouro e em cada pendão um crescente de prata.

Depois que esta familia se enlaçou com os Azinhaes, compozeram o seu escudo assim: esquartellado, no 1.º e 4.º as armas dos Azinhaes, que são: em campo de prata, uma azinheira da sua côr, no 2.º e 3.º, as dos Sacotos. Timbre, a azinheira.

Ainda ao mesmo Gonçalo Mendes Sacoto, pelos grandes serviços que fez em Tanger e Azamor, alcançando grandes victorias contra os mouros, deu D. João III um accrescentamento ás suas armas, que foi: ao escudo antecedente, accrescentar um chefe de ouro, carregado de quatro cabeças de mouros, toucados de azul e prata e cortadas em sangue. Timbre, um braço armado de ouro, com uma das cabeças do escudo pendurada da mão pelo turbante. Esta mercê foi feita a 19 de julho de 1538.

**AZINHEIRA DOS BARROS** ou dos **BAIRROS**—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de Grandola, arcebispado e 84 kilometros a O. de Evora, 120 a SE., de Lisboa 230 fogos.

Districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora dos Bairros.

O cura era pago pelos freguezes, e tinha 2 moios de trigo e tres quarteiros (45 alqueires) de sevada e 8$000 réis em dinheiro. Era apresentação da Mitra.

Situada em uma campina elevada, d'onde se vêem as villas do Torrão, Villa Nova da Ba-

ronia, Alvito, Ferreira, Aljustrel e Alvallade.

A maior parte da freguezia (cujo territorio é muito extenso) é composta de matagaes, que criam muitos lobos, e zôrras (rapozas) coelhos, lebres, perdizes, etc.

Tem abundancia de pastos, por isso cria bastante gado, grosso e miudo. Muita colmeia. Produz muito trigo, centeio e cevada, do mais pouco.

Tinha em 1757, 227 fogos.

N'esta freguezia se juntam as duas ribeiras Alvallade e Corona; tomando então o nome de ribeira do Roxo. Corre ao S. da freguezia, e ao N. passa a ribeira de Niza.

Esta freguezia foi em tempo annexa á de Grandola.

**AZINHOSO** — villa, Traz-os-Montes; comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros ao NO. de Miranda, 45 ao SO. de Bragança, 445 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757, 77 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Nossa Senhora da Encarnação ou da Natividade.

Era da jurisdição real.

D. João I lhe deu foral, com grandes privilegios, em 1424 (Franklim não menciona este foral) e D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando-lhe os privilegios) em Evora, a 13 de fevereiro de 1520.

Foi cabeça de condado, que o cardeal-rei deu a D. Nuno Mascarenhas.

Situada em um baixo, rodeado de campina, d'onde se vê Algoso, Penas-Royas, Villariça, etc., etc.

Até 1424, era aldeia, composta de duas quintas, a do Marmelleiro, pertencente ao Mogadouro; e Carrascal, pertencente a Penas-Royas. N'esse anno, D. João I a fez villa e lhe deu foral.

Tomou o seu nome (Azinhoso) de uma grande azinheira que se creou no logar do Marmelleiro, junto á ermida da Senhora do Carrasco. (Carrasco aqui é synonimo de azinheira.

Azinhoso ou Azinhal, logar plantado ou abundante de azinheiras. Esta arvore é uma especie de carvalho a que os latinos chamam *ilex*. Dá bolota doce, que se come, tem bom gosto, mas é muito indigesta. Nunca porém vi azinheiras em Traz-os-Montes, nem me consta que alli as haja. A historia toda é porque n'esta povoação dão o nome de azinheira ao carrasco, como já disse.

A egreja matriz, toda de cantaria lavrada, é de boa architectura, tem um optimo côro e uma famosa torre, com dois grandes sinos. E' tradição que foi egreja dos templarios e que a fundou D. João I, concorrendo com avultadas esmolas o povo da freguezia.

No vão da parede da egreja, do lado da epistola, está um tumulo com esta inscripção: *Aqui jaz Luiz Annes de Madureira*.

Este individuo foi vigario geral. Hoje pertence este moimento aos morgados de Carrazedo.

Emquanto esta parte de Traz-os-Montes pertenceu ao arcebispado de Braga, foi Azinhoso vigariaria geral. Deixou de o ser quando se creou o bispado de Miranda (hoje Bragança) a que Azinhoso ficou pertencendo.

Tem Misericordia e hospital, fundados por Martim Soeiro de Athaide, d'esta villa, em 1647; deixando todos os seus bens á Misericordia e as suas casas para o hospital; com a obrigação de se dar a cada pessoa que a elle se recolhesse, 100 réis por dia, uma cama (para o que deixou roupas) e ordenou que todos os annos o provedor da Misericordia repartisse pelos pobres da villa, em Domingo de Ramos, 40 alqueires de pão.

E' terra fertil em trigo, centeio, azeite e vinho; do mais pouco.

Feira a 8 de setembro, tres dias.

Quando aqui acampou D. João I, a 16 de março de 1386 (no sitio ainda por isso chamado Eiras de El-Rei) deu a esta villa muitos e grandes privilegios, que seus successores confirmaram. (E' provavelmente a esta *Carta de Privilegios*, que dão o nome de foral.)

Esta *Carta Regia* é datada do *Arraial da Vallariça* (hoje Villariça) que é nas Eiras de El-Rei. (Adiante direi parte do contheudo d'esta carta.)

Por esta villa ter pertencido ao Mogadouro (como já disse) de que eram donatarios os marquezes de Tavora, ficaram pagando

em cada anno, 41 moradores d'aqui (que eram os de Marmelleiro, que tinham pertencido á freguezia do Mogadouro) 36 réis em dinheiro, o que, para aquelle tempo, era muito. Como cada fogo é que pagava isto, ficou-se chamando a este foro, foral do lume.

Os habitantes d'esta freguezia empregam-se quasi todos na creação do *sirgo*, e fabrico da seda. E' porque teem juizo, e entendem bem em que hão-de empregar o seu tempo com aproveitamento

O sanctuario de Nossa Senhora de Azinhoso, é antiquissimo, e parece que anterior á invasão dos arabes em Portugal. Já no tempo dos reis de Leão era este sanctuario muito concorrido de fieis, que lhe davam muitas e valiosas offerendas. Os arcebispos de Braga apoderaram-se das grandes esmolas que os chrstãos davam ao sanctuario, os que confirmou o papa Pascoal II, em 1114.

Em 1285 ainda Azinhoso não continha mais de duas quintas, uma chamada *Azinhoso Suzão*, que pertencia ao Mogadouro, e outra chamada *Azinhoso de Juzão*, (Azinhoso de *baixo* e de *cima*, é o que quer dizer *Suzão* e *Juzão*) que era do concelho de Penas Royas. Já vimos que em 1424 já a primeira se chamava *do Marmelleiro* e a segundo *do Carrascal*, e talvez mesmo que tivessem ambos os nomes. Note-se que em Traz-os-Montes carrascal é sinonymo de azinhal ou azinhoso.

Além d'estas duas quintas tinha a capella da Senhora, que era uma egreja. Já tambem vimos que á padroeira d'esta capella se dava o nome, já de Nossa Senhora do Carrasco, já o de Nossa Senhora de Azinhoso. Este ultimo nome foi o que prevaleceu, por ser o do logar em que está a capella; mas o primeiro era o mais antigo, por causa do grande carrasco que estava junto á ermida.

Os 25 moradores da primeira quinta nomeada, *deviam pagar a el-rei os seus direitos, na fórma dos villares novos que então se povoavam.* (Documento original da camara de Azinhoso, dado no Mogadouro, em 31 de dezembro de 1285, por Affonso Rodrigues, *procurador e pobrador* (povoador) de el-rei, em terras de Bragança e Miranda).

Em 1297, D. Diniz e sua mulher a rainha Santa Isabel e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois IV) e D. Constança, doaram aos templarios os padroados das egrejas de S. Mamede do Mogadouro e de Santa Maria de Penas Royas, com todas as suas capellas e ermidas (menos a de Nossa Senhora de Azinhoso) direitos e pertenças, com consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga, por carta datada de Coimbra, a 25 de maio de 1297.

Já em 1300, os arcebispos de Braga tinham junto á egreja, ou ermida, da Senhora, boas casas de residencia, no sitio hoje chamado *Curral do Bispo.*

Prometti transcrever parte do contheudo da carta de 16 de março (segundo Viterbo, foi a 15 de maio) dada por D. João I em 1386, na qual deu a Azinhoso a cathegoria de villa, eil'a:

«.... *querendo fazer graça e mercee aa pobra de Santa Maria do Azinhoso; porque é logar mui devoto e de mui gram romagem, e em que se faz muito serviço a Deos e á virgem Maria sa Madre; e por ser melhor pobrado e honrado o dito logar — Temos por bem e removêmol'a e tirâmol'a de jurdiçom e subjeiçom de Penas Royas e de Mogadojro e d'outras quaesquer villas e logares e julgados cujo termo era e soya de seer: ou de cavalleiros e pessoas privadas, e de qualquer estado e condiçom que sejam e a que obrigada e sobjeita e obediente ataa qui fôra, e fazemol'a villa sobre si, etc., etc.*» Seguem-se muitos privilegios, fóros e isenções dados á nova villa.

Este documento, que existiu por mais de 500 annos no archivo da camara de Azinhoso, no seu original, e que agora provavelmente está na camara do Mogadouro, foi respeitado e confirmado por muitos reis de Portugal, sendo o ultimo a confirmar todos os privilegios D. Maria I.

Na egreja havia (e supponho que ainda existem) duas imagens de Nossa Senhora da Encarnação (que é a padroeira) de madeira, encrustadas de folhas de prata, muito finas, pregadas com *brochas* do mesmo metal. A maior consta que foi dada por D. João I, e a mais pequena (que tem um metro de altura) dizem que a deu a infanta D. Maria,

filha do rei D. Manuel. Ambas são de esculptura muito grosseira.

A celebrada feira que antigamente aqui se fazia a 8 de setembro (dia da festa da Senhora) consta que foi instituida por el-rei D. Diniz, quando visitou este sanctuario, em 1287. O que é certo é que, quando elle concedeu a grande feira á villa da Torre de Moncorvo, em 1319, já era famosa a feira de Azinhoso.

O parocho era vigario *ad nutum*, da apresentação da Mitra. Tinha de rendimento réis 40$000.

**AZINTAL**—portuguez antigo, cousa do poente, occidental.

**AZOEIRA** ou **AZUEIRA**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, districto administrativo, patriarchado e 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas. Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Feira no domingo do Espirito Santo, tres dias.

Chamava-se tambem *Azeceita*.

Era da corôa. Fertil.

Situada em uma baixa, na encosta de um monte. Foi freguezia annexa á de Santa Maria do Castello, de Torres Vedras; cujo prior confirmava a nomeação do cura de Azoeira, que era feita pelo povo, e tinha de renda 120$000 réis.

Ha n'esta freguezia uma albergaria, a que chamam hospital, que só serve para viajantes pobres. Diz-se que é obra de Santa Isabel, mulher de D. Diniz.

Foi feita villa em 1820. Era concelho (com 1:200 fogos) que foi supprimido em 1855.

**AZÕES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, arcebispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 62 fogos.

Até 1855 foi do concelho de Penella, comarca de Pico de Regalados.

Orago S. Payo.

Foram seus donatarios os almirantes de Portugal (condes de Rezende) que apresentavam os abbades d'aqui, que tinham réis 200$000. Situada no valle de Penella, na raiz do monte Aventosa.

Feira franca, a 13 de dezembro.

Corre aqui o rio Neiva. Rega, móe, e tem peixe.

No monte dos Francos, ha muita caça, principalmente coelhos. O logar de Sobradêllo é *meieiro* d'esta freguezia e da de Duas Egrejas.

Houve aqui um reducto, do qual ainda ha vestigios, e no sitio d'elle uma aldeia, por isso chamada do Reducto.

**AZOIA** ou **AZOYA**—freguezia, Extremadura, districto administrativo, bispado, comarca e concelho de Leiria, 125 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 159 fogos. Orago Santa Catharina.

É das mais antigas freguezias da comarca. Era da corôa, e o povo pagava o oitavo dos fructos á casa do infantado.

O parocho (cura) era apresentado pela mitra e tinha de rendimento 60$000 réis.

Situada sobre um *têso* ou cabêço, dominando uma veiga que o rio Lena rega e fertilisa.

Na aldeia de S. Sebastião do Freixo, d'esta freguezia, é tradição que foi onde existiu a antiga cidade de *Calippo*. É certo que ainda aqui se vêem alguns alicerces de edificios e varias pedras com inscripções, mas já tão gastas, que se não podem ler. (Vide Leiria).

No meio d'esta aldeia, fez o povo uma capella a Santa Catharina, que o bispo D. Alvaro Abranches (de Leiria) elevou a freguezia, em 1713, mandando fazer egreja nova.

É palavra arabe *azzauia*, significa canto ou angulo.

D. Affonso III lhe deu foral, em 13 de abril de 1255.

(Aqui não se pergunta pela *Carlota!...*)

**AZOIA DE BAIXO**—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 90 kilometros ao NE. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O vigario do Salvador, de Santarem, apresentava aqui o cura, que tinha de renda uma pipa de vinho, um moio de trigo, dois cantaros de azeite e 2$000 réis em dinheiro. É terra fertil.

**AZOIA DE CIMA**—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 190 fogos. Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Ha n'esta freguezia muitos e extensos olivaes, por isso é muito abundante em azeite; do mais mediania.

O vigario era apresentado por a mesa da consciencia e ordens; tinha de renda um moio de trigo, dois cantaros de azeite, 30 almudes de vinho, duas arrobas de cera branca e 21$200 réis em dinheiro.

Junto ao logar, ha a fonte de S. Sebastião, tão salitrosa, que muitas vezes o salitre entupe os canos por onde ella passa.

**AZULEJOS** (Quinta dos)—Extremadura, termo de Lisboa.

Formoza habitação, contendo bonita casa, jardim, pomares, quintas, grande propriedade do sr. D. Miguel de Mena y Recio, hespanhol.

Aqui vinha paſsar alguns dias de verão D. Maria I e a corte. Chama-se dos *Azulejos* pelos que ornam as paredes, representando passos biblicos e scenas mythologicas.

**AZURARA**—villa, Minho, comarca, concelho e proximo a Villa do Conde, 25 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Conceição.

Em 1660 tinha 200 fogos e em 1757, 256.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em campina accidentada, aprasivel, muito fertil e saudavel. Ao N. e NO. a rega e fertilisa o Ave, que a divide de Villa do Conde, que lhe fica fronteira.

Ao O. confina com o Oceano Atlantico.

Vê-se d'aqui a formosa Villa do Conde, a barra ou foz do Ave, muitas povoações e freguezias, e grande extensão de mar.

Esta povoação é muito mais antiga do que Villa do Conde. Não se sabe quando, nem por quem foi fundada; mas sabe-se que já existia no tempo dos suevos.

No começo do seculo XII, era povoação muito importante, pois que o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza a fizeram villa e lhe deram foral, em 1102 (ou 1107) que D. Affonso 2.º confirmou em Santarem, no 1.º de fevereiro de 1213.

Na *Poblacion Gen. de Hesp.*, diz-se que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.

Muito fertil em cereaes, vinho e fructa. Cria muito gado grosso e miudo; abundancia de peixe do rio e do mar.

—

Foi primeiramente dos marquezes de Villa Real, e por extincção d'esta familia, ficou pertencendo á casa do infantado.

Tambem aqui tinham foros ou Figueiroa do Porto e outros.

—

Mas a villa d'Azurara não era freguezia; pertencia á parochia *d'Arvore*, com todo o territorio que forma hoje a sua freguezia; e ao (nesse tempo) extensissimo concelho da Maia, que tinha por termo septentrional o rio Ave.

Em 1457, formou nova freguezia, composta da villa d'Azurara e todo o seu actual territorio, ficando todavia os habitantes da nova freguezia obrigados a concorrerem para os reparos da sua antiga egreja parochial de Arvore (de cuja obrigação poderam eximir-se depois de muitas demandas em 1726) e sendo o cura d'aqui apresentado annualmente pelo vigario d'Arvore.

Depois, como a nova freguezia foi crescendo em população e prosperando muito, se tornou uma parochia muito mais importante do que Arvore, o vigario se passou, em 1550, d'Arvore para aqui, e apresentava depois d'isso, cura na antiga freguezia. A mesa capitular do bispado do Porto é que apresentava o vigario d'Arvore, e desde 1550 ficou apresentando o d'Azurara.

Até aos fins do seculo 15.º, ainda Azurara continuou pertencendo ao concelho da Maia; desde então, formou concelho independente. com a maior parte da sua freguezia (porque o resto ainda ficou sendo da Maia) e com a de Villa do Conde, que ficou sendo do concelho d'Azurara. Isto durou assim até fins do seculo 17.º, ou principio do seculo 18.º, em que Villa do Conde fez a Azurara quasi como Azurara havia feito a Arvore, isto é, Villa do Conde progrediu e prosperou mais do que

Azurara, e de *creada tornou-se senhora;* formando concelho a que Azurara ficou sugeita; ou, o que vale o mesmo, mudou-se para Villa do Conde o concelho d'Azurara.

Foi então, ou pouco antes, que a parte d'esta freguezia que pertencia ao concelho da Maia, ficou pertencendo ao do resto da freguezia. (Vide Arvore.)

D. Manoel, *vindo de S. Thiago de Compostella (Galliza) onde*, segundo a tradição, *foi em romaria* [1] no anno de 1498, mandou aqui fazer o sumptuoso templo actual. Tem uma alta torre de cantaria, e dentro e fóra da egreja as armas de que usava D. Manoel.

Houve aqui um convento de frades capuchos (pios) fundado em 1518, em uma quinta, que segundo a tradição, tinha sido convento de templarios. É no mais bello e ameno sitio que tem a povoação. Foi fundado por fr. João Chaves. Foi dado pelo provincial dos claustraes a D. Jayme, duque de Bragança.

Tem Misericordia e hospital, que consta ter sido fundada em 1516.

Feira a 5 de agosto.

Gosou Azurara muitos e grandes privilegios, honras e isenções, que se podem ver no *Tombo* da casa dos marquezes de Villa Real, que está no cartorio da camara do Porto.

Quasi todos os auctores dizem que o nome d'esta villa provém de uma *pedra d'ara* de côr azul, que tinha a primitiva egreja d'esta villa, dizendo-se *azur-ara*. (Todos sabem que em portuguez antigo e ainda em muitas terras do norte do reino, se dizia *azur* por azul; n'isso não ha duvida.)

Com perdão d'esses auctores, e apesar da minha insignificancia e obscuridade, direi que me não conformo com esta etymologia em tudo.

A egreja *primitiva* ainda é a actual. Quando ella se edificou, já a villa era villa com este nome, havia 396 annos. Antes de ser villa, e desde o tempo da invasão dos mouros, tambem não consta que tivesse outro nome, e aqui temos o nome de Azurára com 782 annos de edade antes da existencia da egreja primitiva. E quantos annos ainda mais teria este nome do tempo dos suevos e godos?

Talvez que tivesse aqui havido alguma ara celtica (dolmen) cuja pedra fosse azul ou azulada, e que désse o nome á povoação. É, segundo a minha humilde opinião, o mais presumivel.

Antigamente chaya-se *Zurára.*

Azurára tambem póde vir de *Azureira, Azoreira* ou *Azereira.* (Vide esta palavra.)

É patria de Gomes Eannes d'Azurára, celebre historiador portuguez.

João Antonio Salter de Mendonça foi o 1.º visconde d'Azurára. Casou com D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache (senhora da bella quinta do Freixo nos arrabaldes do Porto, que hoje é do sr. visconde do Freixo) e é seu filho e sucesssor o actual visconde (o 2.º) d'Azurara, Jorge Salter de Mendonça. (Vide Freixo.)

Em 10 de dezembro de 1872 falleceu em Paço d'Arcos (Lisboa), com 68 annos de edade o sr. Jorge Salter de Mendonça, 2.º visconde de Asurara, commendador da ordem de Christo e antigo deputado da Junta do Tabaco. Era cavalheiro de muita intelligencia e vasta erudição, e um dos ornamentos do partido legitimista portuguez.

Deixou viuva a sr.ª D. Maria Henriqueta Manuel de Vilhena Saldanha, da nobilissima casa de Pancas, irmã do verdadeiro portuguez D. Sancho Manuel de Vilhena, e sobrinha do marechal Saldanha.

**AZURARA DA BEIRA**—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde de Azurara, 12 kilometros a E. de Vizeu, 440 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 2:800 almas, concelho 2:860 fogos, comarca 8:500.

D. Diniz lhe deu foral, em 1298. Viterbo

[1] É engano evidente. D. Manuel casou em outubro de 1497, com a princeza Izabel, viuva do principe D. Affonso de Portugal (que morreu de uma queda em Santarem) e herdeira de Castella. Em 1498, foi o rei a Toledo, para ser (como foi) jurado herdeiro de Castella, a 28 de abril d'esse anno (e não em *romaria* a S. Thiago) aproveitou a occasião da sua passagem, para ver o santo apostolo. De Toledo passou a Saragoça para ser jurado principe de Aragão; mas, morrendo ahi a rainha, e depois o filho, lá se foram as esperanças de D. Manuel.

diz que o conde D. Henrique e sua mulher lhe deram foral em 1112. (Franklim não traz este foral). Chamava-se antigamente *Zurara da Beira*.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 26 de março de 1514. Mangualde ainda em 1514 não era mais do que uma aldeia da freguezia de Azurara, o que o mesmo foral declara, e hoje é a capital do concelho e da comarca.

Esta freguezia tinha sido primeiro abbadia dos condes de Belmonte, depois passou para a corôa.

Para tudo o mais vide Mangualde de Azurara. A mesma etymologia.

**AZUREIRA, AZOREIRA** ou **AZEREIRA**—logar plantado de *azêros*, ou matta d'estas arvores, mais commummente chamadas *azereiros*. D'elles se fazem gamellas ou escudellas. Tambem d'estas arvores vem o appellido de Azeredo. Tambem é matta ou deveza destinada para colher lenhas.

**AZUREM** ou **AZUREI**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em bonita situação, nos arrabaldes de Guimarães. O vigario era annual, apresentado pelo cabido da collegiada de Guimarães, e tinha de congrua 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil, sobre tudo em trigo, vinho, centeio e azeite.

Os moradores d'esta freguezia gozavam os privilegios das *Tabolas vermelhas* (ou Taboas vermelhas) como caseiros de Nossa Senhora da Oliveira.

Vem de Azureira.

Ha aqui uma torre que era o solar dos Peixotos, que procedem de Gomes Peixoto, *o velho*, filho de D. Egas Henriques Porto Carreiro.

**AYAM** ou **AIÃO**—freguezia, Minho, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 24 kilometros a NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

**AYAMONTE, AIAMONTE** ou **VAIAMONTE**—freguezia, Alemtejo, concelho e 6 kilometros de Monforte, comarca e 30 kilometros d'Evora, 160 a E. de Lisboa, 190 fogos.

Situada em uma planicie fertil.

O cura era apresentado pelo bispo d'Elvas.

Junto á egreja está um outeiro, do nome da freguezia (ou do qual ella tomou o nome) do qual consta ter sido habitação dos mouros, d'onde sahiam a fazer cruel guerra aos cavalleiros d'Aviz; mas estes lhe deram tão sanguinolenta batalha e derrota, que um ribeiro que passa á raiz do monte, correu tres dias ensanguentado, e d'aqui lhe veiu o nome de *Matança*, que ainda tem.

D. Sancho II a tomou aos mouros, em 1240.

Proximo a esta freguezia está a Torre da Palma, que foi primeiro dos Sequeiras e depois de Diogo de Mendonça Corte Real, cujo nome está na porta principal.

Perto da torre, é a fonte da Fornalha, que secca de inverno e é abundante de verão.

Este Ayamonte tem feito escrever muito disparate a auctores, aliás de muito juizo, confundindo-o com a cidade do mesmo nome na Andaluzia, situada na esquerda e proximo da foz do Guadiana, em frente das nossas villas de Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio da Arenilha.

**AYRÃO**—vide Airão e Airães.

**AYRAS**—vide Souto Redondo.

**AYRE** ou **ARITIO**—cidade antiga da Lusitania, de que falla o licenciado Jorge Cardoso no seu *Aquilegio*, e menciona o imperador Antonino Pio, no seu *Itinerario*.

André de Rezende, diz que é *Benavente*; outros dizem que é *Barreiros*, ontros *Erra*; mas em nenhuma d'estas povoações ha o minimo vestigio de antiguidades romanas.

Segundo o já citado Jorge Cardoso, a antiga cidade d'Ayre, era no sitio da actual *Alvega*, a 12 kilometros ao S. de Abrantes; onde ha notaveis ruinas e vestigios de uma populosa cidade, pela qual passava a via militar romana, que de Lisboa ia a Merida.

Teria 4:000 visinhos, segundo se póde colligir do ambito das muralhas que a cingiam.

Hoje está reduzida a uma aldeia, situada

em uma planicie muito fertil, cujos dizimos sustentavam cinco conventos.

Tem-se aqui achado alicerces de sumptuosos e vastos edificios, sepulturas, aqueductos, canos de chumbo, galerias subterraneas, adornadas de mosaico, com figuras e porticos, e grande quantidade de moedas romanas.

Ainda estão de pé muitos pilares sobre que se sustentava o famoso cano que trazia a agua á cidade, extrahida de uma ribeira.

Em 1659, appareceu aqui uma lamina de bronze, de meio metro de comprido e 22 decimetros de largo, com quatro buracos, um em cada canto, o que indicava ter estado pregada em logar publico. Tem uma inscripção latina, que por extensa não copio, a qual é uma provocação ou especie de desafio, feito por *Cummidio Durmio Quadrato*, legado do imperador C. Cezar Germanico, declarando que sempre será inimigo dos inimigos de Caio Cezar; *aos quaes perseguirá com armas, guerras e mortes, por terra e por mar*. Termina assim: «Foi feito este protesto no anno de Caligula, aos 11 de maio, na antiga cidade de Aritio, sendo consules *Cn. Acerronio Proculo, Caio Petronio* e *Poncio Nigrino.*»

Parece pois que esta lamina, e muitas mais circumstancias, evidenceiam que foi no sitio da actual Alvega, que existiu a famosa cidade de *Aritio*, ou *Ayre* ou *Euritia*.

Foi destruida pelos vandalos, suevos, alanos e godos, no V seculo; mas parece que os arabes ainda aqui residiram depois por muitos annos, reedificando-a, ao menos em parte, pois que do tempo do seu dominio ainda existem grandes e sumptuosos edificios subterraneos.

Julga-se que foram os arabes que lhe pozeram o actual nome.

Com as continuas e encarniçadas guerras entre christãos e mouros, entre os seculos IX e XIII, foi esta cidade do todo arruinada.

D'ella foi rei o santo martyr Leuciano. Vide Alvega.

**AYRE**—serra, Extremadura. Principia no Furadouro, termo d'Ourem, com este nome, e com elle continúa por 24 kilometros, até ao logar de Minde (e é por isso que muita gente lhe chama Serra de Minde). D'aqui caminha com os nomes de Serra de Patêllo, Valle da Trave, Albardos, Mendiga, Porto de Mós, Alcanede, Arrimal, Val de Ventos e Candieiros, até ir entestar na serra de Monte Junto, proximo do Cercal.

Pelo cume d'esta serra se divide o patriarchado de Lisboa, do bispado de Leiria.

É pouco cultivada, por causa da sua aspereza, encerra porém alguns muito bem cultivados e mui ferteis valles. No sitio da Costa, se levanta um cabêço muito alto, chamado das Sete Villas, por d'aqui se verem Leiria, Porto de Mós, Alcobaça, Alcanede, Santarem, Torres Novas e Ourem. Tambem d'aqui se descobre grande parte das provincias da Extremadura e Alemtejo, e vasta extensão do Oceano.

Nascem d'esta serra quatro rios abundantes, que são: junto a Porto de Moz, o *Lena*; o *Liz*, que depois se junta ao *Lena*, o *Almonda* e o *Alviella* que desaguam no Tejo.

O *Lena* passa em Leiria, o *Liz*, que se junta a elle proximo d'esta cidade, o *Almonda* passa a Torres Novas, o *Alviella* que passa a Pernes e que a Companhia das Aguas projecta canalisar para o abastecimento das fontes e casas de Lisboa.

Ha n'esta serra muitas povoações.

Tem varias *canteiras* de optimo marmore, sendo a melhor a do Valle da Azinheira, perto de Mira, que é alvissimo.

Ha tambem aqui variadissimas qualidades de pedras de muitas cores, e o *Lapis Judaicus* (a que aqui chamam *maminhas da rainha*) similhantes a bolotas, a que attribuem a virtude de desfazer a pedra dos rins.

Tem minas de ferro e parece que tambem de prata. Tambem aqui se encontra spatho-calcareo, azeviche e crystal. Tudo por explorar!

Uma grande parte d'esta serra está coberta de alecrim, que dá excellente mel branco. Produz tambem muito rosmaninho, pimenteira, carrasco, aroeira, urze, torga, esteva, medronheiro, morganiça, sargaço, murta, sabugo, canafrecha, etc.

Produz varias qualidades de plantas medicinaes.

Nos sitios cultivados, dá excellente trigo, milho grosso e outros fructos.

Cria bois, porcos, cabras, ovelhas, egoas e cavallos.

Tem muitos *algares*, nos quaes se cria uma enorme quantidade de caça do ar.

Tem grandes mattas de sovereiros e carvalhos e vastos pinhaes, que são objecto de grande commercio, pelas muitas madeiras que produzem e que se exportam para varias terras.

Cria tambem muito esparto.

É celebre o *Olho de Mira*, extensa gruta, de mais de um kilometro de comprido, onde nasce abundancia de optima agua. É aberta em rocha viva e póde percorrer-se quasi toda sem perigo. As aguas que aqui nascem, formam um lago que cria grandes e gostosas enguias e eirozes. Vide Olho de Mira.

Defronte de Mira, no cume da costa que vae de Minde, está um grande rochedo e n'elle algumas *lapas*, onde se criam muitos pombos bravos. É o *Algar do Cabêço dos Pombos*.

Em um valle muito estreito, chamado Valle de Figueira, ha tambem uns rochedos altissimos, onde ha muitos ninhos d'aguias.

Cria grande copia de viboras.

E' notavel esta serra pelas curiosidades naturaes que n'ella ha, taes são: a *Pia Carneira*, as *Lapas* e o *Penedo do Padrão*, isto além das que já são designadas. (Vide Olho de Mira.)

**AYRES** — serra, Alemtejo, comarca de Villa Viçosa. Começa ao E. da freguezia de Santo Aleixo, e finda proximo á villa de Veiros, com o nome já de Serra de Santo Antão. Tem 8 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

E' pedregosa e produz apenas estevas e medronheiros. Cria muitos lobos e rapozas, e caça miuda.

Produz trigo e senteio, nas poucas partes em que é cultivada.

**AYRÓ** — serra, Minho, é corrupção de *Aureo*, pois antigamente se chamava *Monte-Aureo*, nome que lhe deu a sua muita fertilidade e as suas minas de ouro.

Principia na freguezia de S. Jorge de Ayró e termina na de S. João de Paços, com 4 kilometros de comprido.

No plató que ha no cume, está a ermida de Nossa Senhora da Boa-Fé, e um recolhimento principiado, com cellas, para quem aqui quizesse fazer vida eremitica. Pertence isto á freguezia de S. Thiago de Sequiade.

No outeiro eminente á parochia de S. Jorge, estão uns penedos chamados *Castellos*, onde, segundo a tradição, houve um castello chamado de Pena-Fiel ou Penha-Fiel, do qual não ha os mais leves vestigios, se é que elle existiu.

O terreno d'esta serra é fertilissimo e produz o melhor vinho verde da provincia.

(Ha no Minho um rifão que diz: — *Vinho de Ayró, não o dês, bebe-o só.*)

Ha aqui muita caça.

Em um outeiro ou *padrasto* d'esta serra, chamado *Crasto*, é tradição que houve um castello ou fortaleza em tempos antigos, e d'elle ha vestigios.

Na parte em que termina a freguezia de S. Jorge de Ayró, ao S., está a casa ou paço de Ayró, ou de Villas-Boas, antigo solar dos d'este appellido.

Ainda alli se vêem as ruinas da torre em que viveu Diogo Fernandes Villas-Boas, aquelle valoroso portuguez, que servindo nas guerras contra Castella, em 1328, no reinado de D. Affonso IV, arvorou na mais alta torre de um castello, em cujo cêrco se achava, a palma que recebera em Domingo de Ramos: em cumprimento do voto que havia feito a S. Thiago apostolo; merecendo por isso, para elle e seus herdeiros, as armas de que estes hoje usam. São estas: escudo esquartellado, no primeiro quartel, um castello de prata, de tres torres, com portas, lavrado de preto, em campo de púrpura, saindo da torre do meio um ramo de palma, verde. No segundo quartel, um dragão de prata, voante, armado de púrpura, com o rabo retorcido, sobre campo azul; e assim os contrarios. Timbre, meio dragão, das armas, com um ramo de palma na mão.

Os Villas-Boas são da primeira nobreza de Portugal, e a residencia actual do ramo principal d'esta familia, é na formosa e antiga villa de Barcellos, de que Ayró é termo.

Foi o referido Diogo Fernandes Villas-Boas (nobre progenitor d'esta familia) que mandou edificar o castello (ou torre) de Ayró, pelos annos de 1330, depois da paz com Castella, que teve logar em 1328, pelo casamento do infante D. Pedro, depois rei, primeiro do nome, com a infanta D. Constança, filha do rei castelhano.

Entre os fidalgos distinctos d'esta familia, se conta o notavel heraldico, dr. Antonio de Villas Boas Sampaio, provedor de Coimbra e desembargador da relação do Porto, auctor de uma estimada *Nobiliarchia Portugueza.*

**AYRÓ**—freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros a E. de Barcellos, 15 a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi supprimida em 1454, annexando-se á de S. Bento d'Ayró, e por fim ambas se annexaram á de S. Bento de Varzea. (Vide Ayró e Varzea, e Varzea (S. Bento.)

**AYRÓ**—freguezia, Minho, comarca, concelho e 7 kilometros a E. de Barcellos, 13 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757, 62 fogos. Orago S. Jorge.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada na serra do seu nome e muito fertil. (Vide serra d'Ayró e a freguezia immediata.)

Foi couto do mosteiro de Santo Eloy de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) e era curato do convento. Rendia 50$000 réis.

**AYRÓ e VARZEA**—freguezia, comarca, concelho e 5 kilometros ao E. de Barcellos, 15 ao O. de Braga, 360 ao D. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos. Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada na encosta da serra ou monte do seu nome, e no valle que fica ao sopé. D'aqui se vê Barcellos.

Foi antigamente do couto de S. Bento da Varzea.

A egreja é muito antiga e pequena. Foi abbadia secular até 1454, em que João Annes do Salvador, ultimo abbade d'esta freguezia, a renunciou no convento de Villar de Frades, de conegos seculares de S. João Evangelista, professando no mesmo convento: isto com beneplacito de D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga.

Desde então até 1834 ficou sendo curato de nomeação annual, apresentado pelo reitor do dito convento, em dia de S. João Baptista.

Tem este parocho um dilatado passal, residencia em que vive e o pé de altar, e tinha pelos frades 13$000 réis em dinheiro.

Os dizimos, assim como os da freguezia de S. Bento de Varzea, annexa a esta, eram para os taes frades.

É, como todas as povoações d'esta serra, abundantissima de todos os generos agricolas e do tal vinho — *Bebe-o só.*

Tem muitos pastos, pelo que cria muito gado grosso e miudo, e caça.

Ao N. da freguezia está a capella de S. Martinho, muito antiga, e que foi matriz da extincta freguezia de S. Martinho d'Ayró, supprimida, por pequena, em 1454.

(Foi um arranjo que fizeram os religiosos de Villar de Frades com o arcebispo de Braga, para não terem de pagar a dois curas, visto que, com a renuncia do ultimo abbade de Ayró, ficavam elles padroeiros de duas egrejas, sem terem de pagar senão a um cura.)

Depois, ainda estes dois *Ayrós* se annexaram á freguezia de S. Bento da Varzea, e é por este ultimo nome mais vulgarmente conhecida esta freguezia.

**AYVADOS** (Ponte dos)—curiosissima ponte natural, feita pelo rio *Arcão*, que nasce do celebre olho d'agua chamado *Borbolegão*. (Vide esta palavra, Diabroria e Grandola.)

O rio, pouco abaixo da sua origem, encontrou um obstaculo que lhe tolhia o curso arrebatado. Era um enorme penhasco. Arcou furioso contra elle, e não podendo destruil-o completamente, minou-o, formando assim uma bella ponte natural, por onde com segurança e commodidade passam carros.

A natureza se encarregou de aformosear esta ponte, revestindo-a de heras e outras trepadeiras, que fazem uma deliciosa vista. Os arvoredos das margens do rio augmentam a belleza d'este sitio pittoresco.

# B

**BABE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha em 1757, 89 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um alto d'onde se vêem varias povoações.

O reitor era de apresentação regia e tinha de congrua 46$000 réis, 4 alqueires de trigo, 20 medidas de vinho e um pequeno *passal*. A congrua lhe pagava o commendador, que era o conde d'Alva, este recebia os dizimos d'aqui e das duas annexas, que eram Gimonde e Labiados. Dava tambem para a fabrica da egreja 12$000 réis.

Na extremidade O. da freguezia passa o pequeno rio *Contense*, que morre no Sabor.

Tambem aqui passa a ribeira da Pereira, que desagua no mesmo rio. Tem pizões e moinhos, e rega.

A producção agricola é mediana.

O nome d'esta freguezia é derivado da palavra arabe *Babon*, que significa porta, e como está no diminutivo, quer dizer *Portinha*.

**BABEGARDO**—aldeia, Extremadura, termo de Thomar.

É nome derivado das palavras arabes *babe* (portinha) e *ârdo* (largura). Significa—*Portinha da largura*.

**BAÇA**—rio, Extremadura, o qual, junto com o Alcôa, querem alguns que dê o nome á villa de Alcobaça. (Vide esta villa.)

Nasce junto á serra dos Mulianos; mas só começa a ter nome de rio nos Casaes de Mend'Alvo.

Depois de 3 kilometros de curso, se junta ao *Rio Velho*, que passa pela villa d'Alcobaça, no sitio do Pégo de Entre Ambas as Aguas.

Os frades de Alcobaça eram senhores das pescarias d'este rio.

Todas as suas margens são cultivadas e fertilissimas, e teem arvoredos silvestres e fructiferos. Tem tambem alguns moinhos.

Tem duas pontes de cantaria dentro de Alcobaça, uma na praça, outra na rua da *Porta de Fóra*.

**BAÇAL**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Romão.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está situada em uma campina d'onde se vê Babe e Rio Frio.

O cura era apresentado pelo prior da collegiada de Santa Maria, de Bragança, e tinha de congrua 60$000 réis e o pé de altar.

Fertil em trigo, centeio, vinho e gado, do mais medianía. Clima excessivo, mas saudavel. Muitas aguas.

Baçal é palavra arabe. Significa *logar plantado de cebollas* ou *cebollal*.

**BACCALAR**—aldeia, Beira Alta, termo de Armamar, sobre a esquerda do Douro.

Baccalar era o predio rustico (ou *vassalaría*) que constava de 10 ou 12 casaes, cada um dos quaes era servido com uma junta de bois ou de vaccas.

**BACECA**—aldeia, Extremadura, patriarchado. É a palavra arabe *Babeca*. Significa —*A tua porta*.

**BACEIRO**—rio, Traz-os-Montes, o qual nasce em Castello, na serra da Teixeira, termo de Padornêllo, a 9 kilometros da raia.

Depois de juntar alguns ribeiros, entra no Tuella, no sitio de Pena Cabreira.

Corre quasi sempre por terra aspera e agreste, e nas partes em que as suas margens se cultivam, são muito ferteis. Tem tambem varios arvoredos silvestres, moinhos e pizões.

Tem uma ponte de cantaria proximo de Castrellos, na estrada de Vinhaes para Bragança, e outra d'alvenaria em Paramio.

**BACIAS**—ribeiro, Extremadura, comarca de Thomar, o qual tem azenhas, pizões e lagares de azeite.

**BAÇO**—serra, Douro, comarca de Coimbra, termo de Góes. É braço da Serra da Estrella. Tem 18 kilometros de comprido e 12 de largo.

Lança dois braços, que são—Colcorinho e Cebôllo. É muito fria. Tem algumas povoações pequenas. Produz algum trigo, centeio, castanhas, e caça.

Aqui nasce o rio *Ceira.*

**BADAMALLOS** ou **BADAMALHOS** ou **VILLAR-MAIOR**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, 120 kilometros ao SE. de Lamego, 324 ao E. de Lisboa, 180 fogos, no concelho, (que é Villar-Maior) 1:510 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Badamallos era da corôa e está situada em um alto d'onde se vê a aldeia de Sisto e muitas serras.

Era freguezia annexa á de Villar-Maior, cujo vigario apresentava aqui o cura, que tinha 30 fangas de pão (120 alqueires).

Dentro do logar tem um reducto ou fortim, onde os moradores faziam guarda no tempo de guerra Está desmantellado.

A 3 kilometros ao O. passa o rio Côa.

Badamalhos e Villar Maior formam hoje uma só e mesma freguezia.

Badamalhos é corrupção de *Bradamalhos* (que é como antigamente se escrevia). É o mesmo que dizer—*Bate matracas* ou *Brada com as matracas.. Malhos* eram umas táboas onde se batia com um maço quando se não podiam tocar os sinos, ou por estar Jesus Christo morto, ou por *interdicto*, ou por não haverem sinos. Hoje chamam-se *matracas*, mas são construidas de differente modo. (Vide Malhos.)

**BADIM**—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares, 60 kilometros ao NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um monte cercado de valles. Terra muito fria, mas saudavel. Pouco fertil.

O vigario era apresentado pelo reitor do Salvador de Seivães, ao qual esta freguezia era annexa. Tinha de congrua uns 60$000 réis.

É a palavra arabe *Badim*, que quer dizer *principiada.* Deriva-se do verbo *bada*, principiar, começar.

Foi de commendatarios.

Havia aqui o couto de Villa Bôa, que foi dos Abreus, por mercê do rei D. Fernando, pelos annos de 1370.

Ha aqui uma torre, que, com os *direitos reaes*, por descendencia dos Abreus, passou a ser dos marquezes de Tenorio, da Galliza.

Ha tambem a casa solar dos Villarinhos, que juntamente com os Abreus, descendem de Arção de Cotos, que foi um extremado cavalleiro dos primeiros tempos da monarchia.

Estes Villarinhos vem de um bastardo da casa dos Abreus, que indo com seu pae e dois irmãos legitimos á caça, sendo o pae assaltado por uma grande serpente, fugiram os legitimos cobardemente, deixando seu pae em perigo; porém o bastardo resolutamente investiu com o reptil, matando-o antes de seu pae ser ferido. A mulher, quando soube o comportamento dos filhos e do enteado, perfilhou este e desherdou aquelles.

Na capella-mór da egreja de S. Gil de Perre estão as armas dos Abreus. São duas serpentes enlaçadas.

Consta que Badim foi honra dos Badins de Villarinho, que eram senhores do Paço de Villa-Boa, do couto de Quintella, da Torre de Villa Martins e da quinta da Sobreira, em Troviscoso.

Em tempo do rei D. Diniz, Gil Peres de Villarinho foi cabeça de bando nas contendas que os fidalgos de Quintella e outros tiveram contra os de Abreu, e o rei os conciliou.

**BADULAQUE**—portuguez antigo, especie de sôpa feita dos pés e entranhas das rezes. Era muito usado pelos castelhanos e tambem em algumas partes de Portugal.

Fazia engordar, e por isso, quando se via um homem muito gordo, dizia-se:—«aquelle cóme *badulaque*». Depois, por abreviatura chamavam-lhe *badulaque*. D'aqui se deriva chamarmos nós hoje *bazulaque* a quem é gordo, e sobretudo a quem tem grande abdomen.

**BAGAÚSTE** ou **BAGAÚSTO**—antigo couto dos bispos de Lamego, e uma das melhores coisas que elles tinham. (Vide Couto de Ucanha, Salzedas e Burgo, da comarca de Lamego.)

Foi D. Affonso I que doou este couto, em 1164, á Sé de Lamego.

**BAGUEIXE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757 60 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em dilatada campina, da qual não se descobrem outras povoações.

O cura era apresentado pelo abbade de Castro Roupal. Tinha de congrua 6:000 réis em dinheiro, 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho que lhe dava o tal abbade.

Fertil em cereaes, fructa, vinho, e gado (por ser muito abundante de pastos) e algumas colmeias.

Tinha antigamente juiz pedaneo.

Feira a 13 de dezembro.

Foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho de Izeda, ou couto de Izeda.

É corrupção da palavra arabe *Bachueixe*, diminutivo de *bochxon* (buraco). Significa *buraquinho*. Deriva-se do verbo *bachaxa*, furar, abrir buraco. (Vide Castro Roupal.)

**BAGUEIXO**—ribeira, Extremadura, patriarchado, termo de Lisboa.

Nasce na freguezia de S. Quintino; recebe varias ribeiras, e passa nos termos da Arruda, Alemquer e Castanheira, onde se mette na direita do Tejo.

Rega os campos, mas muitas vezes faz mais perca que proveito, arrazando-os com as suas enchentes no inverno.

A mesma etymologia de Bagueixe.

**BAGUNTE**—Vide Arco de Baulhe.

**BAGUNTE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É da casa de Bragança.

Situada em um valle ameno, nas margens do Ave. D'aqui se descobrem muitas povoações e o mar.

O abbade era apresentado pela casa de Bragança e tinha 650$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

Feira a 24 de março e 15 de agosto.

Ha aqui um alto monte chamado da *Cividade*, que é tradição antiquissima ter sido cidade e fortaleza dos mouros. É o primeiro sitio de terra que descobrem os navegantes que vem para Portugal por estas paragens.

Acima da ponte dos *Arcos* ha vestigios de fortificações muito antigas, communicando, por estradas cobertas, com as de Cividade.

Foi do reino de Aragão, e condado de D. Payo de Bagunte, a quem enganou o conde D. Mem Soares de Novellas, com os outros seis sepultados em S. Pedro d'Atei.

**BAIAO**—Vide Bayão.

**BAIRÃO**—Vide Vairão.

**BAIRRADA**—terreno nas cercanias do rio Sértema, comarca e concelho de Anadía, famoso pelo seu vinho. Fica entre os rios Mondego, Agueda e Vouga, e nas duas margens do Sértema.

Os terrenos d'este paiz, que servem para todo o genero de cultura pela sua boa qualidade, são sobretudo proprios para vinhas, e no meiado do seculo passado estava povoadissimo d'ellas; mas o marquez de Pombal, sob pretexto de que estes terrenos eram mais uteis e necessarios para a cultura de cereaes, de que havia falta, (mas, na realidade para engrandecer o Douro e para

fazer prosperar a Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que havia creado em 1759), mandou arrancar todas as vinhas, o que deu um terrivel golpe nos lavradores da Bairrada, e fez depreciar muito as suas propriedades.

No reinado de D. Maria I se tornaram a plantar as vinhas, e o commercio dos vinhos readquiriu a sua antiga prosperidade. (E maior seria ella se os proprietarios e negociantes de vinhos não estragassem estes, que são optimos, com as misturas que lhe fazem.)

Os sitios do vinho mais precioso são os arredores do monte do Crasto, Mealhada, Travasso, Sarnadello, Alpalhão, Casal-Comba, Pedrulha, Antas, Serpins, Ventosa, Arinhos, Aguim, Matta, Ois, S. Lourenço, Horta, Tamengos e ainda algumas vinhas em outros pontos.

Exporta a Bairrada muitos vinhos pelo caminho de ferro do N. (que atravessa este paiz) para Lisboa, e de lá para o Brasil; algum para a Figueira, e grandes quantidades dos mais inferiores para as costas maritimas, desde Aveiro até ás immediações do Porto, vindo para esta ultima cidade grande quantidade de pipas, que misturado com o do Douro, vae correr mundo com o nome de *Vinho do Pocto*, o que tem desacreditado muito no estrangeiro os superlativos vinhos do Douro.

Ha aqui minas de carvão. (Vide Anadia.)

Na minha opinião—Bairrada, Bairral, Bairro e Bairros, procedem da palavra arabe *Barria*, que significa *campina* ou *coisa campestre, aldean, deserta.*

Para a etymologia vide Barro.

**BAIRRAL**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Lamego, 330 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bipado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim, *Barro.*

**BAIRRO** (S. Lourenço do)—villa, Douro, comarca da Anadia, 18 kilometros a ESE. de Aveiro, 24 ao ONO. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

No concelho 1:800 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Dizem alguns escriptores que D. Affonso III lhe deu foral em 1293. Franklim não falla n'este foral; mas, em todo o caso, ou este foral nunca existiu, ou não podia ser dado por aquelle rei 14 annos depois da sua morte, pois é certo que elle morreu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279. A não haver engano com a era de Cesar e o anno de Jesus Christo (que vinha então a ser o de 1255) tal foral nunca existiu.

O que é certo é D. Manuel dar-lhe foral, em Lisboa, a 5 de abril de 1514. Está no Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 78, col. 2.ª

Foi em tempos antigos do bispado de Meridá; depois passou a ser bispado de Coimbra, até á erecção do bispado de Aveiro.

Eram donatarios d'esta villa os marquezes de Cascaes, que apresentavam o prior, o qual tinha de rendimento 480$000 réis.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Esta freguezia e a seguinte, formaram uma só freguezia, em tempos antigos.

E' terra muito fertil, sobre tudo em optimo vinho, chamado vulgarmente da Bairrada. Vide Bairros (o terceiro mencionado.)

**BAIRRO** (Ois do)—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 12 kilometros a ESE. de Aveiro, 260 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Foi concelho, com camara, juiz ordinario, dos orphãos, escrivães e mais empregados.

Antigamente escrevia-se *Oes.*

Posto ser uma povoação bastante antiga, não me consta que tivesse outro foral, senão o que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Está no Livro dos foraes novos, da Extremadura, a fl. 149, col. 1.ª

E' terra muito fertil. Muito bom vinho da Bairrada.

(Vide o 3.º Bairros, Anadia e Bairrada.)

**BAIRRO**—Vide Oliveira do Bairro.

**BAIRRO**—serra, Extremadura, termo de Alemquer. Nasce proximo e ao O. d'esta villa. Tem 9 kilometros de comprido e 2 de largo. Lança um braço para O. chamado Serra da Dema. E' fragosa e aspera, produzindo apenas matto e alguns carvalhos.

Cria lobos, rapozas e caça miuda. Tem tambem muito gado.

Nas abas d'esta serra, para E., está o logar de Otta. Seu clima é doentio, por causa das aguas estagnadas que tem.

O rio Otta corta esta serra pelo meio e vae sair por uma bocca chamada Bocca da Matta d'Otta.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

**BAIRRO**—regato, Douro, freguezia de Aguiar de Sousa. Nasce na freguezia de Reymonda, junta-se ao rio Sobrado, e ambos morrem no Douro.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

**BAIRRO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle ameno, fertil e saudavel. O abbade era apresentado pelo arcebispo de Braga. Tinha os dizimos e passal, cujo rendimento andava por 500$000 réis.

Pelo S., cerca esta freguezia o rio Ave, que a faz muito fertil.

Ha em Portugal 65 aldeias, fóra esta, com o nome de Bairro.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 5 de abril de 1514.

**BAIRROS**—freguezia, Douro, comarca de Arouca, concelho do Castello de Paiva, 48 kilometros ao O. de Lamego, 78 ao ENE. de Aveiro, 36 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, distritricto administrativo de Aveiro.

E' da casa de Bragança.

Situada em alguns valles e varios montes, terminando pelo E. NE. pelo rio Paiva.

Os frades cruzios do convento de Villa Boa do Bispo, apresentavam o vigario, que tinha 24$000 réis em dinheiro, 25 alqueires de pão de *segunda*, 12 alqueires de trigo e o pé de altar.

E' terra muito fertil e saudavel, e produz optimo vinho verde.

O Paiva, por correr muito fundo e por entre penedias, é pouco aproveitado para regas; mas faz mover varios moinhos de pão.

N'esta freguezia é o solar dos Salemas, em uma bonita quinta chamada da *Fisga*.

Hoje, o unico representante d'esta familia é o sr. Manuel Salema de Sousa Abreu Gouveia de Faria Carvalho Pereira.

Esta quinta, posto estar bastante descuidada por seu actual dono, ainda revela o luxo com que foi feita, nas innumeras estatuas de pedra, quasi todas mutiladas; em um pequeno, mas luxuoso jardim; e, sobre tudo, em um sumptuoso chafariz, digno de figurar em uma praça de qualquer cidade.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

**BAIRROS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 450 ao N. Lisboa. 100 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em montes e valles, abundante de aguas, fertil e sádia.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

O abbade de Vinhaes apresentava o cura, que tinha de rendimento 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

**BAIRROS**—nas margens do Mondego, e proximo a Coimbra, ha uns terrenos plantados de vinhas, a que chamam os Bairros, e aos seus vinhos *do Bairro*.

E' o que se vende geralmente em Coimbra. Muitos confundem erradamente estes

vinhos com os da Bairrada. Aquelles, posto sejam muito bons, são todavia muito inferiores a estes e menos proprios para embarque. Mas os vinhos de Ois do Bairro e S. Lourenço do Bairro, são muito finos, porque as suas vinhas são dentro do paiz vinicula da Bairrada. (Vide Bairro, S. Lourenço e Ois.)

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

**BAJANCA** ou **BAYANCA**—(portuguez antigo) barranco, cova, quebrada com mais ou menos agua.

**BALANÇA**—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 25 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os Azevedos eram donatarios d'esta freguezia.

E' situada na serra de Santa Isabel do Monte do Bouro, ao N. d'ella. A egreja está em um alto, cercado de frondoso arvoredo. O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de rendimento 700$000 réis.

E' terra muito fertil.

Tinha, até 1834, juiz ordinario.

Passa por esta freguezia o rio Homem, que rega, móe e traz peixe; e a estrada da Geira.

N'esta freguezia teem apparecido varios marcos miliares, uns inteiros outros partidos; uns enterrados, ou quasi enterrados; outros a fazerem muros de bouças e tapadas; um d'estes tinha a seguinte inscripção:

IMP. CAES. M.
AUR. CARO
INVICTO
P. C. P. M. X. T. P.
V. G. P. P. X. V.

Quer dizer que este padrão foi dedicado á honra do imperador Cesar Marco Aurelio Caro, invicto proconsul, pontifice maximo, tribuno do povo, pae da patria, e que da augusta cidade de Braga a este padrão, pela estrada imperial da Geira, são 15 milhas. No sitio dos *Teixugos*, na parede de uma tapagem, que fica á beira da Geira, ainda existe a parte de um padrão, mas falta-lhe a em que estava a inscripção. Só d'ella se descobre 1 metro de alto e 3 de grosso. Faz aqui o numero de 16 milhas a Braga.

**BALAZAR**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era da corôa.

Situada entre arvoredos; mas n'uma elevação d'onde se vê Braga e varias povoações.

Os frades dos Remedios, de Braga, apresentavam aqui o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

No monte de Falpêrra, está a ermida de Santa Martha, sobre um penhasco. E' tradição que os mouros habitaram este sitio, e ainda ha alguns vestigios de vallas de terra e pedras, que mostram ter sido fortaleza.

No mesmo logar está a capella de Santa Maria Magdalena, que foi edificada em 1752. Aqui nasce um ribeiro chamado Agua de Vide, que faz moer um lagar de azeite; e rega. Balazar é corrupçção de *Valle d'Azar*. (Vide Azar.)

**BALAZAR**—freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 24 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi antigamente villa.

Era da coróa.

Situada em uma campina d'onde se não avistam povoações senão as da freguezia.

Tem uma boa egreja de tres naves. O arcebispo de Braga apresentava aqui os reitores, por concurso synodal, e tinham de rendimento 200$000 réis.

E' terra fertil.

Ha aqui os montes do *Sisto*, que teem muita caça. Ha tambem n'esta freguezia uma

fonte chamada de S. Pedro de Rates, e n'ella uma pedra com uma pégada estampada, e que dizem ser do dito santo, que n'ella estava bebendo, quando os inimigos da religião o foram procurar para o martyrisarem.

E' tradição que, tirando-se esta pedra. seccou a fonte e não tornou a deitar agua senão quando restituiram a pedra ao seu antigo logar.

Dizem os d'aqui, que a agua d'esta fonte cura as *maleitas*.

Ha n'esta freguezia a quinta do Casal, solar dos Casaes.

Corre pela freguezia o rio Deste.

A mesma etymologia.

**BALÇA** ou **BALSA** e **DESEJOSA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Taboaço, 30 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago Santo Antão, abbade, e S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Até 1855, era comarca e concelho de Taboaço, e de então para cá, de S. João da Pesqueira.

Era annexa á collegiada da villa de Barcos.

Eram donatarios d'esta freguezia os marquezes de Tavora até 1759, em que passou para a corôa.

A egreja é na Desejosa. O abbade de Barcos é que apresentava o cura d'aqui, que tinha de congrua 25$000 réis e o pé de altar.

Não é muito fertil.

Balça ou Balsa, em antigo portuguez (ainda hoje empregado em algumas terras) significa silvado basto com que se tapam quaesquer terras ou propriedades; os ramaes de coral que as ondas ás vezes arrancam do fundo do mar; logar apaúlado e coberto de matagaes, charcos ou lagôas; dorna em que se faz vinho; jangada feita de paos; e bandeira ou entandarte dos templarios. A esta se chama balsa-bipartida, por ser metade branca e sobre ella a cruz vermelha da ordem. Tambem se chamava balsão. Tinha a legenda: *Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloriam.*

Os poetas dão ás vezes o nome de balsa ou balsão a qualquer bandeira.

Balsa era o antigo nome da cidade de Tavira, no Algarve, e ha em Portugal varias aldeias e outros sitios com o nome de Balça ou Balsa.

—

Balça ou Desejosa, são duas pequenas freguezias unidas, curadas por um só parocho.

O orago da freguezia de Balça é S. Sebastião e da Desejosa, Santo Antão.

Em 1757, tinha a primeira, 11 fogos e a segunda, 22.

**BALCÃO**—É a palavra persica *Balicana*. Significa a rotula de ferro ou de madeira de uma janella. Entre nós, é varanda com grades, ou sem ellas, que serve de guarda ás janellas.

**BALDÍO** (campo)—É corrupção da palavra arabe *Baledon*, que significa campo ou terreno inculto e agreste. Deriva-se do verbo *balada*, que significa habitar um logar deserto e sem cultura.

Ha no Alemtejo, arcebispado de Evora, uma aldeia d'este nome.

**BALDOS**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle, d'onde se não avistam outras povoações. O reitor de Moimenta é que apresentava o cura d'aqui, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Abundante de milho, vinho e castanhas; dos mais fructos mediania.

**BALDRES**—vide Baldrez.

**BALDREU**—villa, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto.

Situada em montes e valles, d'onde se vêem as freguezias de Balança, Carvalheira,

Chamoim, Chorense, Covide, S. Matheus, Moimenta, Souto, Villar e outras povoações.

Era couto sómente no civel, e vinha um escrivão de Pico de Regalados fazer aqui as audiencias e citações.

A matriz é no logar do Mosteiro, que tem este nome por ter sido antigamente mosteiro de cruzios, que fundou D. Ourigo Velho da Nobrega (pae de D. João de Aboim e de D. Fernão Ourigues, cujo filho, Nuno Fernandes, foi prior d'este convento) pelos annos 1250.

Ruy Fernandes, descendente de D. Ourigo, foi grande privado do rei D. Diniz.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho e monteiro.

O tal convento foi reduzido a abbadia secular, da apresentação alternada dos papas e dos arcebispos de Braga, por D. Fernando da Guerra, arcebispo; por breve do papa Martinho V (pelos annos de 1420). Passou depois á commenda de Christo, da exclusiva apresentação dos arcebispos.

Este couto tinha o privilegio de não dar soldados.

O reitor tinha 40$000 réis e o pé d'altar, ao todo 120$000 réis.

É terra fertil e cria bastante gado grosso e miudo. Nos seus montes ha lobos e caça miuda.

Passa aqui o rio Homem, que rega, moe e traz peixe.

A matriz é de construcção antiquissima. A sua architectura é gothica, mas grosseira e pesada, assimilhando-se alguma cousa aos templos egypcios. Tinha um velho portão em ogiva, com suas columnas e arabescos; mas, como ameaçasse ruina, foi substituido por uma porta de cocheira, não obstante as reclamações justissimas do parocho e de alguns habitantes da freguezia que não eram barbaros. O arco cruzeiro é tambem em ogival e acompanhado de um relevo floreado. Assenta em duas grandes columnas de granito, tendo nas sua bases varios animalejos de grosseira esculptura. Os capiteis tambem têem seus ornatos grosseiros. Sobre o telhado da capella-mór campeia a cruz da Ordem de Christo, de quem era a commenda.

Ha n'esta freguezia a capella de Santo Antonio de Mouchões da Serra, muito venerada dos povos.

É tradição que em um sitio despenhado havia a aldeia de Cabaninhas, cujos moradores eram pouco caritativos. Uma noite de tempestade chegou alli um mendigo a pedir abrigo, e percorrendo toda a aldeia, só um morador d'ella lh'o deu. A tempestade cresceu, e a chuva foi tão torrencial, que destruiu todas as casas, á excepção da em que o pobre tinha tido acolheita; escapando unicamente a familia d'esta casa, pois todos os mais morreram n'essa noite.

Edificou-se depois outra aldeia, mais acima d'esta.

**BALDREZ** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um profundo valle.

O abbade de Quintella de Lampaças apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar, que lhe dava o tal abbade. Esta freguezia era annexa á de Quintella de Lampaças.

Produz trigo, centeio, algum milho, vinho, azeite e muita castanha.

Fica esta freguezia entre o rio Azibro e a ribeira de Salsas, que regam e moem.

**BALEAL** (ilha do) — peninsula a 3 kilometros a NE. de Peniche (pela praia) e 6 ao N. de Athouguia da Balea. Nas marés vazias póde ir-se a ella a pé enxuto, por uma lingua de areia, da parte do S. É um isthmo de uns 300 passos em quadrado. Tem de comprido uns 1:800 metros (de N. a S.) e 800 de largo.

É toda de rocha calcarea, com muito pouca terra.

Não tem arvores nem arbustos e a vegetação é quasi nulla. Apenas produz saldanella (ou brazia marinha) jusquiamo, herva divina, perrexil e outras plantas das costas.

É abundante de peixe e mariscos e aqui se encontram esponjas e coralina branca

(musgo marinho) e ha uns 15 annos, aqui proximo (no mar) se achou uma formosa arvore de coral, como o melhor do porto de Bone.

Tem um porto pequeno e perigoso, ao E., que só serve para barcos de pesca. A povoação que lhe fica mais proxima é a aldeia do Ferrel (no continente) que dista um kilometro.

Fez aqui um eremiterio o *irmão Antonio*, em 1746. Este anachoreta não sabia nem dizia quem era, nem d'onde era natural, e era tido por santo.

Não ha agua potavel no Baleal, vae-se buscar aos Camarções, onde o benemerito sr. José Joaquim Soares de Faria, de Lisboa, mandou fazer uma fonte á sua custa, em 1860.

O Baleal é hoje uma concorridissima estação de banhos, e em suas praias se acham lindissimas e variadas conchas e delicadissimos buzios. D'aqui se vê as Berlengas, os rochedos de Peniche e dos Farelhões, Cabo Carvoeiro, etc.

Ha aqui a capella de Santo Estevão, e n'ella a milagrosa imagem de Nossa Senhora das Mercês, que sendo de marmore e de trez palmos de altura, a roubaram os mouros e levaram para Argel.

Um christão (natural de Peniche) que alli estava captivo e foi remido, quiz tambem remir a Senhora; mas o mouro que a tinha queria o seu peso em prata. O christão, apesar de ter apenas algumas moedas de pouco valor, acceitou, e pondo na balança o pouco dinheiro em prata que tinha no bolso, esta pesou mais do que a Santa, e assim a resgatou e trouxe para a sua capella.

Quando roubaram a senhora era eremitão Maruta, do Ferrel.

Ha no Baleal curiosas dendrites e varios fosseis, distinguindo-se os argonautas, as estrellas, briguigões, ameijoas, etc. Suppõe-se que o Baleal fazia parte da antiga e grande ilha *Eritrea* (junta com as Berlengas e a Consolação). Tem grande abundancia de coelhos, que alguem para alli deitou mansos e se fizeram bravos. Não são gostosos, por se alimentarem de plantas marinhas; mas, mesmo assim, são objecto de varias caçadas.

A 50 passos ao N. do Baleal, está um ilheu communicavel com esta ilhota, nas marés vazias, por cima de umas pedras.

Ainda ao N. está um penhasco todo cercado de mar, a que chamam *Ilha de Fóra*, onde se vão fazer pescarias. Tem duas enseadas, uma do O. chamada de Peniche, e outra a E. chamada das Pedras Muitas.

Dá-se-lhe o nome de Baleal pelas varias baleas que aqui têem dado á costa.

Ainda ha poucos annos apenas no Baleal havia duas cabanas de pescadores, hoje tem mais de 20 moradas de boas casas, de familias das visinhanças, que para aqui vem tomar banhos, pois as suas praias são das melhores do reino para elles. Tem um bom forno de cal.

Aqui edificaram os francezes um fortim, em 1808, no mais alto dos rochedos. Está desmantellado.

Diz-se que foi aqui o primitivo logar do Ferrel, e tem-se achado varios alicerces. Vide Consolação.

**BALEEIRA**—aldeia, Algarve, freguezia de Nossa Senhora da Graça, termo de Sagres.

Ha aqui um forte, que se fez para defender a terra, dos ataques dos mouros africanos.

**BALEIDE**—aldeia, Douro, bispado de Coimbra. É a palavra arabe *baleide*, diminutivo de *baladon*, que significa villa, povoação. Vem pois a ser *villinha*.

Ha mais aldeias em Portugal com este nome e a mesma etymologia.

**BALEIZÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 120 kilometros ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada entre as villas de Serpa e Moura. Ainda em 1534 só tinha 134 moradores.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha por anno 10 moios de trigo e 3 de cevada, pagos pelos freguezes. Tinha mais um beneficiado, que recebia por anno 5 moios de trigo e 90 alqueires de cevada. Tambem era apresentado pelo arcebispo. (Baleisão foi do arcebispado de Evora até á creação do bispado de Beja.)

É terra muito fertil. Passa aqui o rio Cardeira, que fertilisa as terras e cria algum peixe.

O glorioso D. Nuno Alvares Pereira, estabeleceu aqui, em 1382, em varias herdades suas, um morgado, o qual deu em dote a sua irmã D. Violante Pereira, para casar com Martim Gonçalves de Lacerda, de Beja.

Aquii se achou um cippo, no principio do seculo passado, com esta inscripção:

AN. XXXIII
G. BLOSIUS SATURNIUS
GALERIA
NAPOLITANUS AFER ARENIENSES
INCOLA BALSENSIS FILIAE
PIENTISSIMAE
H. S. E. S. T. T. L.

Julgo que Baleizão é corrupção da palavra arabe *baledon*, que significa logar inculto. (Vide Baldio).

Tambem no seculo passado, n'esta freguezia, na quinta do Paço do Conde, appareceu um monumento funerario de marmore cinzento, em fórma de pipa (no *Museu Sizenando*, haviam outras *memorias* sepulchraes com a fórma de pipa) com uma inscripção latina que dizia:

D. M. S—L. I.—POLIBIVS—ANN. LXXII
H. S. E. S. T. T. L.

Foi do *Museu Sizenando* (de Beja) e foi para Evora em 1868 onde hoje existe.

**BALÍO** ou **BAILIO** — significa senhor, principe, heroe, nobre, E' a palavra arabe *Valîo* ou *Wali*. Deriva-se do verbo *valla*, constituir alguem em dignidade, principado, ou senhorio.

Bloteau deriva esta palavra de *Bal*, o guardião, ou do toscano *Balîa*, o poder, ou, finalmente, do italiano *Bália*, a ama, mas é mais provavel a derivação arabe que dou em primeiro logar, tanto pela significação do verbo d'onde se deriva, como pela pouca corrupção da pronuncia.

**BALSA**—vide Balça e Tavira.

**BALSAMÃO** ou **BALSEMÃO**—rio, Beira Alta. Nasce na serra de Monte-Muro, termo de Rossão, a 24 kilometros de Lamego. Juntando-se ao rio Tavora e a varios ribeiros, se torna veloz e arrebatado, correndo com grande fragor por entre penhascos. Faz mover varios moinhos. Tem uma grande repreza ou *levada* na freguezia de Penude, onde vão os de Lamego fazer pescarias de verão.

E' mais conhecido pelo nome de Balsemão, por ter a sua foz proximo á aldeia deste nome; mas elle tem outros, tomados das povoações por onde passa, que são: Portarouca, Penude, Magueija, Bigorne e Arneiroz.

O seu antigo nome era Unguio. O peixe que cria é saborosissimo, em razão da frialdade e batido de sua aguas.

Em alguns sitios era coutado, e só certos senhores podiam n'elle pescar.

Suas margens são cultivadas e muito ferteis. Faz mover alguns moinhos. Nos arrabaldes de Lamego tem uma boa ponte de pedra e no districto de Arneiroz tem tres, todas de cantaria, que são a de Lamellas, a das Dornas e a de Portarouca.

Morre no Barosa e ambos no Douro, em frente da Regua.

Entendo que o seu actual nome é corrupção da palavra persica (adoptada pelos arabes) *Balsam*, que significa balsamo, ou qualquer oleo aromatico. Talvez lhe dessem este nome em razão do aroma que exalam as flores das plantas e arvores das suas margens.

Outros dão-lhe uma origem milagrosa, que por extensa não relato, e dizem que o seu nome é corrupção de *Balsamo na mão*. (Vide Chacim.)

**BALSAMÃO** ou **BALSEMÃO**—Na confluente d'este rio com o Tavora, está situado o palacio dos srs. viscondes de Balsemão, e é aqui o seu solar. E' situado em um valle baixo, mas aprasivel.

E' tradição que, quando os romanos arrazaram e incendiaram a antiga Lamego (pelos annos 90 a 100 de Jesus Christo, imperando Trajano) que era no sitio onde hoje são as aldeias de Queimada e Queimadella; os lusitanos que poderam escapar ao furor das 14 legiões romanas que operaram aquella devastação, fugiram para este sitio e aqui fundaram uma povoação, que foi a segunda Lamego; a qual foi tambem abandonada (ignoram-se os motivos) e se principiou a edificar a terceira Lamego, que é a actual.

Isto porém não passa de uma vaga tradi-

ção, nem n'este sitio ha o minimo vestigio que revele a existencia de edificios ou outras construcções de eras remotas.

Acho em Franklim um foral dado por D. Affonso III, em Coimbra, aos 30 de julho de 1265, a Balsemão, para esta povoação e para os casaes de Eiró e Cabo de Villa, no seu termo. Não me consta que haja outro Balsemão: seria pois o foral para aqui? Estou certo que o rei não dava foral ao convento de Balsemão, situado no Monte do Carrascal, em Chacim (Traz-os-Montes) porque não ha exemplos de que se desse foral a um convento senão quando era coutado. (vide Chacim, por causa da palavra Balsemão.)

**BALSEMÃO**—(Vide Lamego.)

**BALTAR**—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757, tinha 209 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É situada em campina elevada, d'onde se avistam varias povoações.

E' da casa de Bragança, a quem, até 1834, pagavam os moradores d'aqui 2:600 medidas de milho e centeio, 150 almudes de vinho, e muitas gallinhas, linho, etc., etc.

Era a casa de Bragança que apresentava o abbade, o qual tinha a terça parte dos dizimos, que com o pé de altar, andava por 230$000 réis, e as outras duas terças partes eram para as freiras das Chagas, de Villa-Viçosa. Fertil.

Foi *honra* e tinha juiz ordinario, dois vereadores, um meirinho, um jurado e um quadrilheiro.

Era cabeça da honra de Baltar.

D. João I deu esta freguezia, Paço (de Sousa) e Penafiel, em 1386, ao seu vassallo, João Rodrigues Pereira, de juro e herdade, com jurisdição civel e crime, mero e mixto imperio; reservando só a correição e alçada. (Vide Arreal.)

Este João Rodrigues Pereira é o progenitor dos Pereiras Marramaques. João Rodrigues trocou esta honra por Cabeceiras de Basto, com seu parente, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e é por isto que Baltar veiu a ser da casa de Bragança.

Tinha grandes privilegios, confirmados por D. João V, em 6 de março de 1723.

O mais antigo é de 1454, dado por D. Affonso V.

Tem outros de D. Duarte, concedidos aos reguengueiros de Baltar.

Ha aqui um monte no qual se acha um muro muito arruinado (com alicerces á roda de todo o monte) que tem de circumferancia mais de 3 kilometros.

Metade d'este monte é de Baltar e a outra metade da freguezia de Vandoma.

No logar de Fagilde, ha uma casa com uma torre destruida, que dizem ser a casa do paço dos duques de Bragança. (Tem mais geito de ter sido tulha.)

Passa n'esta freguezia uma veia de pedras de amolar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 11 de junho de 1515.

**BALTAR DE CABRIL**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro-Daire, 30 kilometros ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamengo, districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente do concelho de Cabril.

A matriz está em um valle. Foi até 1485 convento de freiras, o que ainda mostra pelos claustros que conserva.

O bispo do Porto apresentava aqui o vigario, que tinha 16$000 réis em dinheiro e o passal, que é grande e bom, ao todo uns 200$000 réis.

E' terra fertil.

Corre pela freguezia o rio Santarem, que rega e móe.

**BALTAZARES**—Ha em Portugal algumas aldeias e sitios assim chamados. E' corrupção de *Val-d'Azares*. Azar no portuguez antigo era peleja, batalha, combate, etc. (Vide Azar, Ancora e Gondinhães.)

**BALUGA**—(Vide Balugães.)

**BALUGÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Tambem alguns lhe chamam *Vallugães.*

A matriz está em uma baixa: é pequena e muito antiga.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade (por concurso synodal). Tinha de renda uns 300$000 réis.

Esta freguezia fica encostada ao monte Caramona. Fertil.

É tradição que foi cidade romana, do que ha vestigios; mas não se sabe que nome teve. (Alguns dizem que era *Carmona.*)

No fim da freguezia (a E.) corre o Neiva, que rega, móe e traz algum peixe.

*Balugães* e *balugões* é o plural de *balugas*, especie de borzeguins.

No foral que D. Affonso Henriques deu a Celleirós de Panoyas, se determina que a viuva que quizer tornar a cazar *det pro balugas una cera*». Uma *cera* eram 3 arrateis e um aquarta.

**BALUTA**—aldeia, Minho, arcebispado de Braga.

É a palavra arabe *Balluta*, que significa *sobreiro.*

**BANDAVIZES** ou **BENDAVIZES** ou **VENDAVIZES**—aldeia, Beira Alta, freguezia da Folgoza, (annexa a Fataunços) comarca e concelho de Vousella, 20 kilometros ao NO. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa 70 ao SE. do Porto.

Bandavizes é corrupção da palavra arabe *Ben-dab-Issa* (os cabelludos), appellido de certa familia mourisca, que aqui construiu uma torre a que deu o seu nome, e que ainda existe. É tradição que foi (a torre) solar dos Figueiredos, de Figueiredo das Donas; mas não julgo isto muito verosimil.

Ha n'esta *terra de Lafões*, varios monumentos do tempo dos mouros, e, além d'esta torre, edificaram elles varias outras a que puzeram os nomes dos seus respectivos fundadores; v.gr. *Ben-Dan-Eja* (açoitados do vento), *Derices* (ou *Adrecitas*) appellido de uma antiga familia, descendente de Edriz, tio de Mafoma, e outros mais. (Vide *Monarch. Lus.* tomo 2.°, cap. 28, pag. 375).

**BANDEIRA**—serra, Traz-os-Montes, termo de Chaves. Tem 3 kilometros de comprido. É muito fria.

Cria densas mattos por entre os grandes penedos que tem, e n'elles ha lobos, rapozas e caça miuda.

**BANDOVA**—ribeira, Beira Baixa, comarca da Guarda. Nasce pobre, no sitio do Caruto d'Alfatima, ábas da serra da Estrella, proximo da villa do Crasto, e entra no Mondego proximo á Senhora de Cellas, no fim do Campo do Aljão, freguezia de S. Pedro de Gouveia.

A 6 kilometros da sua confluencia recebe a ribeira de Cessada. Corre arrebatada por entre penhascos com 18 kilometros de curso. Suas margens são muito arborisadas, e tem muitas videiras e em grande parte são cultivadas e muito ferteis. Tem moinhos, lagares de azeite e pizões. Cria peixe.

Tem uma ponte de lagens, em Lagarinhos e outra de cantaria em Rio Torto. Passa por Castro Verde, Rio Torto, Gouveia, Mangualde da Serra, Lagarinhos e Moimenta.

**BANHO**—freguezia, Minho, concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um alto, d'onde se descobrem varias freguezias.

O reitor era apresentado alternativamente pelo papa, e pelo arcebispo de Braga. Tinha 40$000 réis de congrua e outro tanto de passal e pé d'altar.

Está annexa á freguezia de Villa Cova (Santa Maria).

A egreja foi mosteiro de cruzios fundado pelo santo varão D. Pedro, arcebispo de Braga, entre os annos de 1072 e 1096. Foi depois reduzido a commenda de Christo e reitoria secular.

Aqui foi conventual o beato Godinho, arcebispo de Braga.

Foi o cardeal D. Henrique (depois rei) que em 1566 o uniu para sempre ás commendas de Christo, depois de andar muitos annos em *commendatarios.*

Corre aqui o rio Agra do Banho, que rega e móe. É terra fertil.

**BANHO** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, antigamente do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, 48 kilometros a NE de Braga, 47 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto. Situada em uma baixa.

A padroeira é Santa Eulalia, mas o vulgo lhe chama *Santa Vaya* (ou *Ovaia*).

O vigario era apresentado pelos frades bentos de Travanca, os quaes lhe davam 16$000 réis, fóra o pé d'altar, que era insignificante.

Aqui ha a antiga torre dos senhores de Villa-Bôa de Quires. É terra fertil.

**BANHO** — villa, couto extincto, na freguezia da Varzea de Lafões, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao NO. de Vizeu, 288 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Situada sobre a margem esquerda do Vouga, onde tem uma boa ponte de pedra, com dez arcos, 9 kilometros abaixo de S. Pedro do Sul.

N'esta villa houve em tempos remotos um mosteiro da *Rega* (regra) *de Santo Agostinho da Sobrepeliza.*

Já no tempo dos romanos se fazia uso das *caldas* d'esta villa, cuja agua nasce fervendo, e em tanta quantidade que podia fazer mover um moinho.

Chamam-se vulgarmente — Caldas de S. Pedro do Sul.

Examinadas estas aguas na Exposição Universal de Paris, em 1867, viu-se que ellas contém por kilogramma 0,gr.0014 de acido sulphydrico, e 0,gr.315 de principios fixos. São sulphatos, silicatos, chloretos alcalinos, saes calcareos, e uma pequena quantidade de ferro e de alumina. Deixam na sua passagem um grande deposito de enxofre.

São notaveis outras nascentes da mesma qualidade, mesmo no meio do rio, a pouca distancia da povoação, e que borbulham acima do nivel da corrente; mas só estão descobertas no tempo da estiagem.

São as aguas thermaes mais quentes do reino. A sua temperatura proximo á nascente é de 68°,75 centigrados.

Nascem proximo á margem do Vouga, a meia distancia entre S. Pedro do Sul e Vouzella, e junto á villa do Banho.

Esta agua é perfeitamente diaphana e cheira a gaz sulphydrico. Deposita enxofre pulverulento, similhante á flor d'enxofre do commercio. É encanada na distancia de cem metros para alimentar o estabelecimento (hoje renovado em parte.)

Chamavam-se antigamente *Banhos* ou *Caldas d'Alafões.*

N'estes banhos esteve D. Affonso I em setembro de 1175, a curar-se da perna que tinha n'esse mesmo anno quebrado contra o ferrolho da porta da praça de Badajoz, que elle então tinha tomado aos mouros. N'essa occasião fez aqui muitas doações, e concedeu varios foraes.

Viterbo diz que o mesmo rei aqui veio usar d'estas caldas em 1169, e tambem então passou varios foraes e fez largas doações, sendo uma d'ellas a D. Sancha Paes, das trez villas de Golães, Gondim e Villar, em terra de Guimarães.

O antigo hospicio militar e os dois grandes tanques para enfermos de ambos os sexos estão abandonados.

No rio ha seis barracas portateis, cada uma com uma banheira, sendo a agua mineral destemperada com a do rio para obter a temperatura conveniente, inutilisando-se assim os principios mineralisadores d'estas excellentes aguas.

A principal nascente produz em 24 horas 410:000 litros de agua.

O sitio dos banhos é dos mais aprazíveis do reino.

Estas aguas são efficacissimas para varias molestias, e muito mais ainda o seriam se para o seu resfriamento, sem perda das suas qualidades therapeuticas, se empregasem os meios que a sciencia indica, e não o systema actual.

Na antiquissima quinta da Cavallaria (solar dos Almeidas) ha um castello feito no seculo XII.

D. Affonso I lhe deu foral em agosto de

1152, confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217.

Diz D. Affonso I que—«dá foral á villa do Banho, em terra de Lafões, pelo amor e bom affecto que tem a D. Fernão Pires, senhor de Alafões *et princeps curiæ regis*» (mordomo-mór).

**BANREZES** ou **BAUREZES** e **VALLE DA PORCA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chacim, 45 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Em 1855, sendo supprimida a comarca e concelho de Chacim, se mudou para a comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, a que actualmente pertence.

O orago de Banrezes era S. Giraldo. O parocho era cura, apresentado pelo abbade de Castro Roupal, cuja abbadia era cabeça do titulo de Nossa Senhora da Assumpção, vulgò Nossa Senhora das Vinhas. O cura tinha o rendimento declarado.

O orago de Valle da Porca é S. Vicente martyr. O parocho (abbade) era apresentado pelas rainhas, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha Banrezes 12 fogos e Valle da Porca 60.

Situada nas margens do rio *Azibro*, junto ao monte Sobral, que lhe fica a O., e ao Outeiro da Fonte, que fica a E.

O abbade de Vinhas apresentava aqui o cura, ao qual dava 8$000 réis e 22 alqueires de trigo e centeio e dois almudes de vinho, por anno, além do pé d'altar.

É terra fertil.

Antigamente era Banrezes uma freguezia e Valle da Porca outra, mas, como Banrezes era muito pequena, foram annexadas, formando hoje só uma. (Vide Castro Roupal.)

**BARAÇAL**—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros a NO. da Guarda, 6 a NNE de Celorico, 310 ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Situada em uma planicie d'onde se vê Celorico.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O bispo da Guarda apresentava o prior, que tinha de rendimento 130$000 réis.

Corre-lhe pelo Sul o Mondego, que rega, móe e cria peixe.

E' terra fertil.

Esta villa está hoje reduzida a aldeia.

Nunca teve foral.

**BARAFEMEAS**—Vide Barafemes.

**BARÃO** e **BUDENS**—(antigamente *Barão de S. João*) freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Villa do Bispo, 65 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos (a freguezia de Barão).

Orago S. João Baptista.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em um alto, mas nada se descobre d'outras povoações, por causa dos montes que lhe ficam superiores.

O bispo do Algarve apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 40 alqueires de cevada.

N'esta freguezia ha um só poço de agua potavel.

Na serra proxima ha grandes mattos, onde se criam porcos bravos, muita caça e grande numero de colmeias. Muito trigo e cevada; do mais mediania. É terra saudavel.

(Vide Bude e Budens.)

(N. B. Só aqui descrevo o que pertence a Barão, quando por si só formava freguezia. O que pertence a Budens vae no logar competente.)

**BARÃO DE S. JOÃO**—freguezia, Algarve, concelho e 6 kilometros o NNO. de Lagos.

Situada em campina que no inverno se torna sapal. Fertil.

Cria colmeias, tem lenha e carvão. Caça em grande abundancia na serra de Espinhaço de Cão, que lhe fica junta, ao N.

Esta freguezia anda ha muitos annos annexa á de Benzafrim, de que fica a 8 kilometros a O., mas tem egreja propria, onde se diz missa nos dias santificados, e d'ella administra o parocho os sacramentos ao po-

vo d'esta freguezia, que tem uns 100 fogos. (Vide Bensafrim)

**BARÃO DE S. MIGUEL**—freguezia, Algarve, termo de Lagos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um alto com extensas vistas, principalmente para o mar.

É perto do Cabo de S. Vicente.

O bispo do Algarve apresentava o cura, cuja congrua andava por uns 24$000 réis, e o pé de altar.

É terra pouco fertil e pobre. Cria gados e tem colmeias e caça.

Tinha no mar uma armação, onde chamam Burgão, em que pescavam atuns, corvinas e outros varios peixes.

A egreja, que foi matriz, é pequena.

Está esta freguezia unida á de Budens, ha muito tempo. Faz-se aqui muita cal, que vae para Lagos, que fica a 8 kilometros a SE.

Toda esta freguezia tinha 1:500 metros de comprido e outros tantos de largo.

Produz muito carvão e lenha.

**BARATA**—portuguez antigo. Significava *tróca, escambo, permutação*. E' tambem insecto bem conhecido, e appellido de homem em Portugal e no Brasil.

**BARBACENA**—villa, Alemtejo, comarca, concelho, e 12 kilometros a NO. de Elvas, 168 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1660 140 fogos, e em 1757 tinha 257.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Hoje está reduzida a aldeia.

Situada em bonita e fertil planicie.

Eram seus donatarios os condes d'aqui.

Tem um castello que foi edificado por D. Jorge Henriques, reposteiro-mór de D. João III, e senhor d'esta villa, pelos annos de 1550. (Ha quem diga que, no mesmo sitio, havia já um castello antiquissimo, do qual os materiaes foram aproveitados para a construcção do actual.)

Fica a E. da villa e está ainda muito bem conservado. Tem duas torres pequenas, revelins e baluartes, com seu fosso em róda e ainda tem vestigios da ponte levadiça.

D'aqui se vê Arronches, Monforte, Alegrete, Borba, Villa Viçosa e Portalegre.

Consta do seu foral que esta povoação teve principio em uma quinta ou herdade. Foi fundada por Estevão Annes, chanceller-mór de D. Affonso III, em 1273.

Em 1426 era senhor de Barbacena João Fernandes Pacheco, ao qual a tirou D. João I, por ser traidor á patria, seguindo o partido de Castella contra elle, e a deu a Martim Affonso de Mello, seu guarda-mór, e alcaide-mór de Evora, Olivença e Castello de Vide, e d'este passou a seu neto D. Affonso Henriques, filho de D. Branca, sua filha, e de D. Fernando Henriques, senhor das Alcaçovas, cujos herdeiros a venderam a Diogo de Castro do Rio, por 25:000 cruzados. É d'este Diogo de Castro que procediam os viscondes, e depois condes, de Barbacena, cuja familia está hoje extincta.

Foi D. Affonso VI quem elevou a visconde de Barbacena o senhor de Barbocena, Jorge Furtado de Mendonça. Mais tarde passou a ser condado, que se extinguiu por morte do ultimo conde, Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, que falleceu em Lisboa a 25 de agosto de 1854. Era 7.º visconde e 2.º conde de Barbacena. Descendia de D. Pedro I e da rainha D. Ignez de Castro. Pelos Faros era da familla dos condes de Faro, de Odemira e do Vimieiro, que descendiam de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira, o celebre condestavel. (Vide Guarda e Barcellos, no logar competente.)

Foi o ultimo conde de Barbacena, tenente general e ministro do sr. D. Miguel I. Era homem de uma vastissima instrucção, muito caritativo, fidelissimo ao seu rei e á sua patria, e finalmente um verdadeiro portuguez.

*Mendonça* é um appellido muito nobre em Portugal. Veio de Hespanha, da villa de Mendoça, na Biscaia. O primeiro que usou d'elle n'este reino foi D. Ruy Furtado de Mendonça, que veio de Hespanha para Portugal no tempo do nosso D. Affonso IV, com D. Constança, primeira mulher do infante

D. Pedro, depois D. Pedro I, rei de Portugal.

El-rei o fez *general do mar*, e no reinado de D. Fernando, foi anadel-mór dos besteiros. Seu filho, Affonso Furtado de Mendonça, o foi do rei D. Duarte.

Suas armas são as dos Furtados, tendo de mais o elmo de prata aberto.

Como os Mendonças se dividiram e subdividiram em varias familias, e cada uma adoptou diversas armas, abstenho-me de as mencionar todas, por ser coisa muito extensa e aborrecida, e limitar-me-hei ás dos principaes Mendonças (que são tambem as dos condes de Valle de Reis) e são:—escudo *franxado* de verde e oiro, sobre o verde uma banda de purpura, perfilada de oiro, e nos de oiro a legenda—*Ave Maria.* O timbre é o dos Castros, que é meio leão de oiro, ou meio homem nu, cabelludo, com um remo ás costas.

Ha outra familia de Mendonça Arraes, procedente da sobredita, da qual é tronco Ruy Arraes de Mendonça, por seu pae Arraes e sua mãe Mendonça. Esta tambem está hoje dividida em varios ramos, com modificação nas armas de cada um d'elles, sendo as do principal:—escudo esquartellado, no primeiro e quarto quartel, de purpura, nove folhas de golphão, de oiro, em tres palas; o 2.º e 3.º divididos em aspa, no 1.º e 4.º de verde, banda de purpura, perfilada de oiro, o 2.º e 3.º do mesmo, liso, elmo de aço aberto. Timbre, meio homem, nú, cabelludo, tudo da sua cór, com um remo de oiro ás costas.

—

A egreja de Barbacena era do padroado real, que apresentava aqui o prior, o qual tinha de rendimento 400$000 réis.

Tinha um beneficiado da mesma apresentação, com a renda de 40$000 réis pagos pelo prior, que tambem dava 12$000 réis ao thesoureiro.

Tem Misericordia, com sua irmandade (chamada do Amparo) erecta por auctoridade real, mas apenas tem uma especie de albergaria para pobres.

É terra muito fertil.

O donatario punha aqui os justiças.

Pelo meio da villa corre um ribeiro, que nasce proximo da *Fonte do Sapo*, o qual (ribeiro) rega e móe. Tem trez pequenas pontes na villa. Morre na ribeira da *Coutada.*

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

Ruy Mendes da Silva (*Pobl. Gen. de Esp.*) diz que D. Affonso III lhe deu foral com muitos privilegios, em 1273; mas Franklim não traz este foral velho.

D. João III lhe deu o titulo de villa ahi pelos annos de 1550, quando se lhe fez o castello.

Supponho que a alcunha de Barbacena se deu a algum individuo da familia Mendonça, por ser muito cabelludo, e que depois se transmittiu á villa. O que me leva a suppor isto é o timbre do homem cabelludo que ostentam nas suas armas.

Já disse que o primeiro Mendonça que veio a Portugal foi D. Ruy Furtado de Mendonça, que aqui foi *general do mar* (almirante.) Ora, a segunda familia de que trato é Mendonça Arraes. Portanto é naturalissimo colligir que o homem cabelludo com o remo ás costas, ou allude ao tal general do mar, ou ao appellido Arraes. Deixo este importantissimo ponto para ser discutido e deslindado pelos *reis d'armas.*

Parece que o nome primitivo de Barbacena era *Quinta da Herdade*, e depois simplesmente *Herdade.*

**BARBAIDON**—antiga freguezia, que hoje não existe, na Beira Baixa, bispado da Guarda. É a palavra arabe *Barrbaidou*, composta de *barr* (campo) e *baidou* (destruido, arruinado). Significa pois *campo arruinado.*

**BARBAR** (S. Salvador de)—Minho, convento de frades cruzios fundado no XIII seculo (não pude saber por quem).

D. Balthazar Limpo, arcebispo de Braga, o reduziu a abbadia secular, em 1552. Depois de ser alguns annos de commendatarios, foi mettido nas commendas novas da Ordem de Christo.

**BARBARA** (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Borba, 48 kilometros de Evora, 155 a L. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Barbara, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um levantado monte, d'onde se vê Borba, Jurumenha, Vallença, Villa Boim, Veiros, Marvão, Portalegre e Cabeço de Vide.

O cabido de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 2 moios de trigo e o pé d'altar.

Nas visinhanças da egreja fica um alto monte, em que antigamente se tirava prata e pedras preciosas (esmeraldas) pelo que se lhe chama Outeiro da Mina.

Pelo E. é esta egreja cercada de uma tapada de 18 kilometros de comprido e 6 de largo, dentro da qual ha dois paços reaes. Em um d'elles habitou D. Duarte e no outro D. João I.

É abundantissima de aguas esta tapada, e tem porcos bravos, corças, veados, gamos, lobos e caça miuda. Tem tres entradas ou portas (a do Carro, a de Ferro e a de Santa Barbara). Passam por ella duas ribeiras (a de Borba e a do Lago) que ambas morrem no Guadiana. Tinha um couteiro-mór, seis couteiros de pé e um de cavallo.

N'esta freguezia são os montes Zambujo, Lago e Meninos, alem d'outros menores.

A freguezia é muito fertil e cria toda a qualidade de gado.

**BARBARA** (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Ourique, concelho de Castro Verde, 150 kilometros ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santa Barbara.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da Ordem militar de S. Thiago. Situada em planicie elevada, d'onde se vê Beja e Castro Verde.

O cura era da apresentação da dita Ordem, (pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens) e tinha 3 moios de trigo e 30 alqueires de cevada. O *Portugal Sacro e Profano* diz que o seu rendimento era 118 alqueires de trigo e 3 moios de cevada.

Terra muito abundante de trigo e cevada, e grandes montados de bolota com que cria muitos porcos, que exporta. Cria toda a qualidade de gado.

Os seus montes criam lobos, rapozas e caça miuda.

Aqui nasceu Affonso Jeronimo de Aboim, mestre de campo dos auxiliares de Campo de Ourique, varão valorosissimo.

Passa pela freguezia um ribeiro do seu nome e aqui fórma uma lagoa, que secca no verão, em consequencia de uma grande abertura que tem na terra. Tem um grande alicerce de pedra e cal, de dois metros de largo e 180 de comprido. Dizem que é obra dos mouros, para represarem a agua e darem de beber aos seus cavallos. Morre no Guadiana.

Pelo O. divide esta freguezia da de Castro Verde, a celebre ribeira de Cobres ou Cobrim, que, mettendo-se pelo termo de Castro Verde, se junta com a ribeira Maria Delgada, e morre no Terges e este no Guadiana.

**BARBARA DE NEXE** (Santa)—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 620 fogos.

Parte d'esta freguezia pertence ao concelho de Loulé.

Em 1757 tinha 492 fogos.

Orago Santa Barbara.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada no barrocal, em um valle, entre duas serras (ou sêrros) o de Guelhim, freguezia de Estoy e o da Goldra, com outro ao N., chamado Nexe, que dá o nome á freguezia.

A egreja é de tres naves. O bispo do Algarve apresentava o prior, que tinha réis 300$000, e tinha um coadjutor com 60$000 réis.

Produz algum trigo e cevada e é muito abundante de azeite, figos, alfarroba e algum vinho.

Compõe-se a freguezia de 19 logarejos ou casaes, dos quaes são do concelho de Loulé os chamados Gorjões, Goldra, Vallados, Pé de Sêrro e parte do Canal; os mais são do concelho de Faro, e n'esta parte está a matriz.

Ha aqui muita pedra de cal, que se cose na freguezia e exporta, e bellas pedreiras de

cantaria, a unica que se emprega em Faro, e até já d'aqui foi para a Ilha da Madeira. Tem a freguezia 4:500 metros de comprido.

**BARBARA** (Santa)—freguezia, Traz-os-Montes, termo de Villarinho da Castanheira, comarca da Torre de Moncorvo, 15 fogos.

Orago Santa Barbara, martyr.

É terra fertil. Tem só duas aldeias, Seixo e Gavião.

(Não acho esta freguezia nos mappas modernos; como era pequena, é provavel que esteja hoje annexa a outra.)

**BARBARA** (Santa)—serra, (ou como vulgarmente se diz, sêrro) Algarve, concelho de Alcoutim e proximo e ao N. d'esta villa. É bastante alta e tem uma extensa vista de terra e mar.

Apenas cria matto e poucas arvores. No seu cume ha vestigios de fortificações que denotam grande antiguidade. Vê-se ainda um pequeno castello desmantellado. Junto a este, e mais proximo ainda de Alcoutim, está outro sêrro ainda mais alto. Aqui se postaram peças de artilheria, na guerra dos 27 annos, com que metralhavam a villa hespanhola de S. Lucar do Guadiana, que fica fronteira e além do dito rio.

**BARBARA** (Santa)—serra, Traz-os-Montes, 7 ou 8 kilometros a OSO. de Chaves.

Aqui, em 10 de abril de 1823, derrota o bravissimo general conde de Amarante (depois marquez de Chaves) a divisão liberal de Luiz do Rego, aprisionando alguns corpos de caçadores e infanteria, e correndo (só) mais de 4 kilometros atraz do general liberal, que só deveu a salvação á velocidade do seu cavallo.

Silveira estava muito zangado com elle, porque, tendo promettido de se lhe reunir com as suas tropas, para destruirem a constituição, mudou de opinião e se atreveu a fazer-lhe frente.

O general liberal, assim batido, foi pedir auxilio ao general hespanhol Morillo, e ambos juntos e com forças oito vezes superiores ás do general realista, obrigaram este a retirar para Hespanha (a 13 de abril) onde se foi reunir aos francezes e hespanhoes, que alli combatiam tambem contra a constituição e a favor de Fernando VII. Regressou a Portugal (a 24 de junho d'esse anno) cheio de gloria, com a sua divisão, que se compunha de 1:000 cavallos, 5:000 infantes e dois parques de artilheria. D. João VI o fez então marquez de Chaves.

**BARBÁRIOS**—antigos povos da Lusitania, que estanceavam pela serra da Arrabida (a que deram o seu nome). Eram visinhos dos turdulos antigos, que ficavam para o sul.

**BARBEITA** e **BARBEITO**—Ha algumas aldeias e alguns campos com estes nomes em Portugal.

É a palavra arabe *barrbaita*, composta de *barr* (campo) e de *baita* (casa). Significa pois *campo da casa.*

Viterbo, porém, diz que significa *valle* ou *comoro* que divide uma de outra propriedade e a veda. A primeira etymologia (que é de fr. João de Sousa) é a verdadeira; a segunda, ainda que algumas vezes applicada, é impropria.

**BARBEITA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mesma etymologia da antecedente.

É terra fria, mas bastante fertil, sobretudo em milho. Situada em terreno bastante accidentado e abundante de aguas.

Foi honra, de que eram senhores os Azevedos, do Fayal, freguezia do Abbade de Neiva. A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha de renda 400$000 réis.

Está aqui a torre e casa de Luiz de Mello, neto de Gonçalo Affonso Pereira de Sotto Maior, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Caminha, mestre de campo, de infanteria e commendador de A'zere.

Este vinculo foi instituido por seus ascendentes, Alvaro Affonso Soares e sua mulher Jeronyma Pereira.

Na *Ponte do Mouro* está um cruseiro (ou padrão) e na aste d'elle, a imagem de S. Thiago. Diz-se que foi erguido em memoria do milagre que fez este santo a um mouro, que vendo-se acomettido por uns poucos de christãos, invocou a protecção de S. Thiago

e se viu livre d'elles, e se fez christão e tambem em memoria d'este facto se erigiu aqui uma capella, dedicada ao *Senhor do Mouro* e a S. Felix, da conservação da qual tem cuidado os senhores da casa da Barbeita.

Ainda em 1640 aqui havia um forte, que foi demolido, para a sua pedra ser empregada nas muralhas da praça de Monção.

**BARBOSA**—honra e concelho, extincto, Douro, comarca e concelho e 4 kilometros de Penafiel, 48 kilometros a N. E. do Porto, 336 ao N. de Lisboa na freguezia de S. Miguel de Rans.

Bispado de Penafiel, districto adminstrativo do Porto.

Tem um antiquissimo paço acastellado, solar dos Barbozas. No terreiro em frente d'este paço, está um vetusto e monumental carvalho, que é o maior da provincia, e geralmente conhecido por o nome de «Carvalho de Barboza». Tem 9 metros de circumferencia. É ôco e cabem-lhe dentro oito a déz pessoas.

A familia dos Barbozas procede da antiquissima dos Souzas.—O progenitor d'esta familia, foi D. Sancho Nunes de Barboza, filho do conde D. Nuno de Cella-Nova, casado com D. Thereza Affonso, filha natural de D. Affonso Henriques.

Os Barbozas foram os senhores legitimos d'este solar (fundado por o tal D. Sancho Nunes, que foi o 1.º que se intitulou de Barboza) até ao reinado de D. Affonso 3.º sendo seu ultimo possuidor Martim Pires de Barboza, que foi assassinado por D. Pedro Fernandes de Castro. Não deixou filhos legitimos, e, havendo grandes contendas entre os seus parentes, passou a herdade á corôa.

No reinado de D. João 1.º, foi dado este solar e honra, aos Malafaias e Azevedos.

São hoje senhores de Barboza, os herdeiros (filhos) do fallecido D. Miguel Vaz Guedes d'Athayde Azevedo Brito Malafaia (vide Canas e Rans).

**BARBUDO**—antiga freguezia, no concelho (extinto) de Villa-Chan, comarca (tambem extinta) de Pico de Regalados—hoje annexa á de Parada, na comarca e concelho de Villa-Verde, d'onde dista 12 kilometros, ao N. O. 370 ao N. de Lisboa. Tinha por padroeiro o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Existe n'esta freguezia uma torre, que é o solar dos Barbudos, á qual pertenciam muitas fazendas e a nobre quinta da Géja.

O primeiro habitador d'esta torre, de que ha noticia escripta, foi D. Gonçalo Pires de Belmir, casado com a senhora d'esta casa, e pae de Soeiro Gonçalves de Barbudo e ouros.

Esta baronia acabou em Bernardim de Barbudo.

A filha d'este—D. Leonor Pereira de Barbudo, casou com Payo Rodrigues d'Araujo, senhor d'Araujo e Lóbeos, de quem nasceu Gonçalo Rodrigues d'Araujo, que foi senhor d'este solar. Foi filho d'este—Payo Rodrigues d'Araujo, cognominado o cavalleiro, que viveu na quinta da Arca.

De Soeiro Gonçalves de Barbudo e sua mulher, D. Thereza Pires de Novaes, descendem as principaes casas nobres d'este reino. Um filho d'estes, foi senhor do solar do Outeiro dos Poldros.

D'esta casa foi D. frei Martim Annes de Barbudo, mestre geral da ordem de cavallaria d'Alcantara, em 1385. O epitaphio da sua sepultura diz.

*Aqui jaz aquelle que de nenhuma couza houve pavor em seu coração.*

Na aldeia de Real, ha uma torre, que alguns dizem ter sido solar dos Barros. Outros dizem que o solar d'estes é em Regalados. Passou aos Mesquitas, d'Outiz, e depois, por compra, aos Falcões de Braga, que a possuem actualmente.

Ha tambem aqui as ruinas do paço dos Silvas, onde habitou D. Payo Guterres da Silva.

Ha tambem n'esta freguezia a casa do Sol, que foi de Pedro Barreto de Menezes, descendente, por varonia, dos Abreus, de Regalados.

**BARCA**—vide, Ponte da Barca.

**BARCA**—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada á beira-mar. Fertil.

O papa e o bispo do Porto apresentavam alternativamente o abbade d'aqui, que tinha de rendimento 300 mil reis. O abbade pagava antigamente ás freiras de Vairão 120$000 mil réis annuaes de feudo; que depois, a poder de supplicas do abbade, foi reduzido a um tostão!

Esta freguezia formou antigamente concelho sobre si, e tinha um ouvidor, que era tambem juiz das sizas e almotacé. Tinha um juiz chamado do Subsino, dous jurados e um quadrilheiro.

**BARCA D'ALVA** — aldeia, Beira Baixa, freguezia d'Escalhão, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel, 30 fogos.

Districto administrativo da Guarda.

Situada sobre a esquerda do rio Douro. Chama-se Barca por a que aqui ha para a passagem do rio, e d'Alva, pela villa d'este nome que existiu fronteira, mas do outro lado do rio. (vide Alva.)

Como vem umas pequenas inexactidões no que escrevi na palavra Alva, aldeia, repito o que então disse, ratificando-o.

No sitio onde foi a villa d'Alva, existem alicerces de edificios antigos, e uma capella de Nossa Senhora d'Alva. Ha aqui um grande laranjal, que produz laranjas, das melhores do reino. É sitio muito abundante d'aguas.

Posto que o assento da extinta villa d'Alva seja proximo da Barca d'Alva, e em frente d'ella, como é na margem direita do rio, pertence já á provincia de Traz-os-Montes, e é na freguezia de Poiares, concelho de Freixo d'Espada á Cinta, comarca do Mogadouro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A confusão que se encontra nos livros antigos sobre geographia e topographia, e as contradicções em que muitas vezes e em differentes localidades, cahe o mesmo escriptor tem-me levado a cometter algumas pequenas inexactidões n'esta obra (apezar de todas as cautellas que tenho empregado) nas terras que não visitei.

Todos os geographos e historiadores portuguezes são concordes no motivo porque Alva perdeu o fôro de villa que é o que dei na palavra Alva, aldeia; mas não ha tradição nem vestigios de castello no sitio onde foi a villa d'Alva.

Estou persuadido que o castello d'Alva, que o povo da villa tinha obrigação de defender e que entregou (por cobardia ou traição) aos castelhanos em 1240, é o castello que ainda existe, posto que desmantelado, na Barca d'Alva. Mas o que unicamente me induz a acreditar isto é o nome d'Alva que ainda se dá ao sitio onde a tradição sitúa a antiga villa, e o passar o seu titulo e prerogativas para Freixo de Espada á Cinta, que, como disse, é em Traz-os-Montes.

O que não era provavel se Alva fosse ao sul do Douro e já na provincia da Beira Baixa.

—

Tratemos agora só do que é Barca d'Alva.

É uma povoação moderna, com casas bonitas; mas bastante doentia, especialmente no verão, pelos excessivos calores que ha n'este sitio, que é uma cóva, cercada d'altas montanhas.

É proxima da raia de Hespanha, e o primeiro ponto d'esta nação é o Torrão e S. Martinho, onde ha um caes hespanhol, chamado Caes do Torrão. Até este ponto é o Douro navegavel (ainda que com perigo e difficuldade) mas os barcos não podem passar d'alli para cima, pela impetuosidade e penedias do rio.

Ha aqui um castello arruinado (que é muito provavel que seja o tal d'Alva) e n'elle uma capella de Nossa Senhora do Castello, á qual em alguns annos, se faz uma festa brilhante, e muito concorrida.

Tem alfandega; e estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

**BARCA DE POR-DEUS** — vide Barqueiros.

**BARCA DA TROFA** — logar, Douro, freguezia de Bougado, antigo concelho da Maia, hoje comarca e concelho de Santo Thyrso.

Tem uma linda ponte pensil feita em 1858 sobre o rio Ave, na estrada de Lisboa para o N., no sitio onde d'antes se passava em uma

barca. É a mais elegante ponte do reino, ainda que pequena. É obra dos distintos engenheiros Belchior José Garcez e Sebastião Lopes Calheiros. Foi feita por conta da Companhia Viação Portuense. (vide Ave rio.)

**BARCARENA** — reguezia, Extremadura, concelho de Bellas até 1855, desde então, concelho d'Oeiras, 14 kilometros ao N. O. de Lisboa, e pertencendo a uma das suas comarcas. 430 fogos.

Patriarchado, districto administrativo de Lisbôa.

Orago, S. Pedro, apostolo. Em 1757 tinha 376 fogos.

É terra muito fertil.

Situada na raiz de varios montes, junto á ribeira do seu nome. Ha n'esta freguezia muitas e optimas quintas.

O prior de S. Martinho de Lisboa apresentava aqui o cura, que tinha dous mois de trigo e duas pipas de vinho, (O pé d'altar era para o tal prior.)

Ha n'esta freguezia um pequeno hospital que recolhia pobres, e quando vinha algum enfermo o mandava conduzir ao hospital de Carnide, ou para Lisboa.

Á porta da capella de S. Bento se descubriu, em 1732, uma fonte, cuja agua dizem que cura febres intermitentes.

No reinado de D. Manoel se fundou n'esta freguezia uma fabrica d'armas (chamada Ferrarias d'elrei) e outra de polvora. Havia tambem fabricas particulares de polvora (e muitas) n'esta freguezia, que por causa dos frequentes incendios foram todas arrazadas em 1651, ficando só a do estado. Foi esta arrendada em 1725 a Antonio Cremer, até 1753 que passou a ser administrada pela Junta dos Trez Estados.

Em 1774 houve uma grande explosão na fabrica de polvora. Martinho de Mello, então ministro da marinha, a mandou reedificar por Bartholomeu da Costa, artilheiro celebre e fundidor da estatua equestre do Terreiro do Paço. Em 1802 ficou a fabrica pertencendo ao Arsenal Real do exercito. Em 1805 houve outra grande explosão ficando morto o director (Chalup) um mestre e mais 30 operarios, ficando em ruinas metade do edificio. (Foi a 17 d'agosto.)

Quando se andava desentulhando, houve outra explosão (a 25 de outubro do mesmo anno) na qual morreram 9 pessoas. Desde 1834 foi a polvora vendida por conta do contracto do tabaco, até 1849, que tornou a passar para o Arsenal Real do Exercito.

Em 17 de maio de 1862, houve ainda outra grande explosão, ardendo 1$500 kilogrammas de polvora e ouvindo-se o estrondo a 15 kilometros de distancia.

Emprega 80 operarios (além do pessoal da fiscalisação) e produz annualmente uns 250$000 kilogrammas de polvora de varias qualidades.

É a palavra arabe *Barr carreina*, nome composto de *barr* (campo ou terra culta) de *carra* (habitar) e do pronome *na* (nós) Vem a ser — Terra da nossa habitação.

É n'esta freguezia o paço real de Queluz.

Nos montes da freguezia ha muitos moinhos de vento.

**BARCARENA**—ribeira, Extremadura, termo de Lisboa. Nasce no sitio da Matta, por cima de Melléças, freguezia de Bellas. Não tem sempre o mesmo nome, pois toma o dos logares por onde passa, chamando-se Agua-Alva e Cartuxa e com este ultimo nome desagua no Tejo, proximo do forte de S. Bruno, por baixo da Cartuxa, onde tem uma ponte de pedra, de um só arco, feita em 1618, pela camara de Lisboa, a instancias de frei Rodrigo de Deus, frade arrabido do convento de Santa Catharina de Riba-Mar. Este mesmo frade obteve que a camara de Lisboa fizesse as pontes d'Algés e Cruz-Quebrada. Rega e faz mover azenhas, moinhos, pisões e lagares d'azeite.

Na freguezia de Barcarena fazia trabalhar a real fabrica da polvora, obra sumptuosa reedificada em 1729, por Antonio Cremer, auctor de outra na ribeira d'Alcantara. Vide Barcarena, freguezia.

Tem uma ponte de lagens, na freguezia de Barcarena.

D'inverno é caudalosa e, mesmo no verão leva bastante agua, empregada como motor e em regar.

**BARCEL, MARMELLOS e VALVERDE**— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 120 kilometros ao

N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago São Cyriaco.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O bailio de Lessa apresentava aqui o vigario de Barcel, que tinha de congrua, paga pela commenda, 42 alqueires de trigo, 6 arrateis de cêra lavrada, dous almudes de vinho e 8$600 réis em dinheiro, e de cada freguez, um alqueire de pão.

Fertil; mas o clima, por excessivo, é bastante doentio.

Tinha privilegio de não pagar fintas para pontes e fontes, nem dar soldados, nem bestas ou bois para o real serviço, por ser terra da commenda de Malta. [1]

Ha aqui uma fonte, da qual dizem que, as creanças que estão doentes, bebendo d'esta agua, em oito dias, ou se curam, ou melhoram, ou morrem. (!)

Passa aqui o rio Tua, que rega e móe.

Era da commenda de Malta, do Freixal, pertencente a Leça do Bailio.

Eram trez freguezias, que se annexaram: a de Barcel, de que acabo de tratar, a de Marmellos, da qual o orago era S. Gens, tinha em 1757, 60 fogos; o vigario era apresentado pelo reitor de Sucães, e tinha 6:000 réis de congrua e o pé d'altar, e a de Val Verde, de Lamas de Orelhão, que tinha por orago Nossa Senhora da Expectação, em 1757 tinha 44 fogos. O parocho era vigario *ad nutum*, apresentado pelo vigario collado de S. Sebastião do Cobro, e tinha de congrua 8:600 réis e o pé d'altar.

**BARCELLINHOS** — freguezia, Minho, comarca, concelho e arrabalde de Barcellos, d'onde só está separada pelo Cávado, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 177 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario era apresentado pelo prior da collegiada de Barcellos, e tinha de rendimento 60$000 réis.

A egreja chamava-se antigamente Santo André de Maréces, procedido de uma aldeia d'este nome.

*Mareces*, é uma pequena aldeia, quasi exclusivamente habitada por serralheiros. Fica proxima a Barcellinhos e ao lado da estrada que conduz á Povoa de Varzim.

A fonte de Ninães é famosa em toda a provincia, pela optima qualidade da sua agua. D'ella bebiam os arcebispos de Braga. Estando a fonte arruinada, foi reedificada pela camara de Barcellos, em 1710, com grande magnificencia, e tem no frontão a seguinte inscripção:

SI VERAE NASCENTUR AQUAE DE VERTICE COELI,
HAC DE COELESTI VERTICE LYMPHA FLUIT.

Está em communicação com Barcellos por uma magestosa ponte, obra dos romanos, de admiravel solidez. (Vide Barcellos.)

D'este lado e sobre a ponte (logo á entrada d'ella) está a capella, octogona, de Nossa Senhora da Ponte, toda forrada de azulejos e a telha é toda vidrada. Tem mais de 500 annos. Antigamente formou parte do brazão de Barcellos.

Tem Barcellinhos mais outras capellas, que não têem cousa notavel. Em 1841, foi feito barão de Barcellinhos, Manuel José de Oliveira (o Manuel dos Contos). Hoje é casado com a viuva do dito barão, o sr. visconde de Ouguella.

É terra abundante de boas aguas, fertil e saudavel, e suas cercanias muito aprasiveis.

É uma grande povoação, com bonitos predios, e vista de Barcellos faz um optimo effeito. É situada sobre a margem esquerda (ao S.) do rio.

[1] Todas as terras da Ordem de Malta, em Portugal, tinham muitos privilegios. Quando algum individuo, caseiro da Ordem, era inquietado com pedidos ou serviços publicos, invocava os seus *privilegios*, e ficava logo isento. É por isso que ainda hoje, quando alguem se exime de qualquer obrigação ou serviço, ou do pagamento de qualquer divida, sob plausivel ou futil fundamento, costumamos dizer: *aquelle chamou-se á Malta*, ou *poz-se á Malta*, ou *fez-se á Malta*, isto é, invocou os privilegios dos vassallos da Ordem de Malta.

**BARCELLOS**—villa, Minho, na margem direita do Cávado, em paiz muito cultivado e povoado, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 800 fogos, em 1660 tinha 400 fogos e em 1757, 742; 3:200 almas. No concelho 9:500 fogos, na comarca 12:000. Dista 42 kilometros ao N. do Porto, 30 ao OSO. de Guimarães e 11 da foz do Cávado.

Está em 41° e 36' de latitude e 10° e 3' de longitude.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Rodrigo Mendes da Silva diz que foi fundada pelos povos *barcinos* [1] no anno do mundo 3774 (230 antes de Jesus Christo). Segundo o mesmo auctor e outros, foi fundada ao mesmo tempo que Barcellona e pelos mesmos fundadores (se não é a similhança de nomes que deu motivo a esta opinião).

Sustentam outros que Barcellos foi fundada pelos romanos, que lhe deram o nome de *Aguas Celenas*. É mais provavel que elles só a reedificassem ou ampliassem. Em todo o caso é povoação muito antiga.

Outros dizem que foi fundada pelo capitão carthaginez *Amilcar Barcino*, ou por algum dos seus quatro filhos (Annibal, Asdrubal, Magon e Anon) no tal anno 230 antes de Jesus Christo. Finalmente, ainda outros dizem que a fundaram os gallos-celtas, 290 annos antes de Jesus Christo.

Felix Machado, marquez de Monte Bello, nas *Notas* que fez ao nobiliario do conde D. Pedro, pag. 303, diz que antigamente se chamava *Barracellos*, corrupção de *Barra-Celani*.

Outros dizem que, antes d'aqui haver ponte, se passava o Cávado em uma barca chamada *Barca-Celi*, e que esta deu o nome á villa. Estes allegam aquelle antigo verso:

«*A Barca-Celi Barcellos nomine dicum.*»

A opinião mais provavel é que esta villa foi antigamente cidade episcopal, com o nome de *Aguas Celenas;* do rio *Cávado*, que antigamente se chamava *Celano* ou *Celando*. Parece que foram os arabes que mudaram o nome de *Celano* para Cávado, e deram á villa o nome de *Bencellanos*, que na lingua arabe quer dizer: descendente ou procedente de *Cellano*.

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza, e no latim de então se lhe davam os nomes de *Barcelli, Barcellorum* e *Barcellosium.*

D. Affonso Henriques a reedificou em 1140.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.°

Tem por armas—em um escudo, uma ponte com um carvalho no meio e de um lado do carvalho uma torre e do outro uma ermida e por cima *em faxa*, trez escudos pequenos, tendo os dos lados as quinas e o do meio uma aspa, diviza de D. Affonso I, duque de Bragança, que foi o que deu a Barcellos estas armas e se vêem na casa da camara.

Na bella obra do sr. I. de Vilhena Barbosa, tantas vezes consultada e seguida n'este diccionario, ha uma pequena variante n'estas armas, segundo elle, e na fórma em que se acham na Torre do Tombo, são—um escudo azul, com uma ponte e uma arvore com pomos de ouro, por cima dois castellos de prata e, sobre estes, trez escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata.

Sem querer offender o melindre d'este illustre investigador das glorias patrias (que copiou o que viu na Torre do Tombo) entendo que as verdadeiras armas de Barcellos são como eu disse em primeiro logar; não só por ser assim que estão na casa da camara, como porque effectivamente em uma extremidade da ponte (a do N., que é do lado da villa) está um castello com uma torre, que eram os paços dos condes de Barcellos, depois duques de Bragança, e a outra extremidade (a do S., que é do lado de Barcellinhos) está a capella de Nossa Senhora da Ponte.

O almoxarifado de Barcellos rendia an-

[1] Os *barcinos* (carthaginezes) era um bando, assim chamado, inimigo de outro chamado dos *édos*. (Eram como os nossos *ranchos* do *alecrim* e *manjerona*, ou como o dos *guelfos* e *gibelinos*.)

nualmente 25:000 cruzados (10:000$000 réis) livres, para a casa de Bragança, até 1834.

É cercada de muros e tinha duas torres muito altas, tudo obra de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, sendo director d'estas construcções Tristão Gomes Pinheiro, commendador de S. Pedro da Veiga de Lilla, alcaide-mór de Barcellos. Este Tristão fez umas casas ao pé das do duque, com duas magnificas torres, e era o solar dos Pinheiros. Jaz na capella que para si e sua familia mandou fazer na egreja.

Estas muralhas (feitas entre os annos de 1446 e 1471) tinham quatro portas, a da Torre da Ponte, Porta Nova, do Valle, e da Fonte de Baixo; e trez postigos, o da Feira, o das Vigandeiras e o dos Pellames. Não é preciso dizer que está tudo a cair ou desmantellado.

O postigo da Feira deitava para o arrabalde de Cima de Villa (hoje Campo da Feira) e era no lanço de muralhas que por este lado cercavam a villa e eram defendidas por uma alta torre. A povoação no seu crescimento rompeu as muralhas e estendeu-se pelo Campo da Feira em todo o seu comprimento. Desappareceu a muralha e o seu postigo, mas ficou a torre, que ainda se conserva em bom estado e é hoje cadeia publica. Se não fosse a applicação que se lhe deu, ter-lhe-hia acontecido como a sua irmã que defendia a ponte e o paço dos duques de Bragança, que foi derrubada para dar mais alguns palmos á rua da entrada da villa. A primeira torre de que aqui se trata é coroada de ameias e tem janellas ogivaes. Occupa uma boa parte do Campo.

O seu termo é muito fertil e tem fama, justamente adquirida, o vinho verde do Valle de Tamel.

Cria tambem muito gado de toda a qualidade e muitas colmeias. Os seus montes abundam em caça e o Cávado lhe dá salmões, lampreias, saveis e varias qualidades de peixe.

Tem mercado todas as segundas feiras.

A matriz, Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção (antigamente se lhe dava o titulo de Nossa Senhora das Neves), é de trez naves e está dentro da cêrca das muralhas, foi fundada por D. Fernando I, duque de Bragança; é collegiada, confirmada por o papa Paulo II, em 1474.

Esta collegiada tem prior, trez conegos *inteiros* e seis conegos *tercenarios*. A renda d'estes reverendos, era, até 1834, os fructos das egrejas d'esta villa, Villa Frescainha, Barcellinhos, Carvalhal, Gilmonde, Villa Secca, Milhares, Faria, Villar de Figos e Courel; todas no termo d'esta villa, cujos vigarios eram apresentados pelo prior, menos o de Villa Secca, que apresentava a casa de Bragança. O prior tinha 1:000$000 réis de renda; cada conego *inteiro* 350$000 réis e os *tercenarios* 150$000 réis.

D Pedro II (achando ainda isto pouco) lhes deu mais, para todos, 450$000 réis de *juro real*, na alfandega de Lisboa.

Havia mais um thesoureiro-mór (*que não tinha obrigação de residir*) e recebia os fructos das egrejas de Fragoso e S. Claudio, e o arcipreste, que tinha os rendimentos dos fructos da egreja de Deucriste.

Tem Misericordia e hospital fundados com os rendimentos do *real d'agua*, e por provisão de 1711, lhe concederam, emquanto durassem as obras 1:500 medidas de pão, annualmente. Tem 2:800$000 réis de fundos, que traz a juros.

Foi o rei D. Manuel quem fundou este estabelecimento de caridade, pelos annos de 1512.

A egreja foi profanada a 26 de janeiro de 1846, depois de lhe tirarem os santos, ossos, etc., e o hospital havia sido mudado em 1836 para o convento de S. Francisco.

A Misericordia tem uma boa galeria de retratos dos bemfeitores, distinguindo-se o do seu fundador, o rei D. Manuel, e o do duque de Bragança D. Theodosio, pae de D. João IV.

—

A egreja do Menino Jesus e um recolhimento pegado, fundou, pelos annos de 1730, uma preta, chamada Victoria, escrava de Bento Ferreira Gomes, d'esta villa, com esmólas que pediu.

Foi depois convento de freiras benedictinas. Supprimiram-n'o depois de 1834.

A egreja está a cargo da irmandade do Terço, que a tem em bom estado.

É situada no Campo da Feira.

Barcellos foi cabeça de condado, o primeiro que houve em Portugal, dado por D. Diniz, em 8 de maio de 1298, a D. João Affonso Tello de Menezes, seu mordomo-mór, casádo com D. Thereza Sanches, filha de D. Sancho III de Castella.

Barcellos foi a primeira terra erecta em condado pelos nossos reis. Até então havia condes, mas sem titulo particular de terra alguma. Juntavam ao seu nome este titulo, como v. g.—Conde D. Mendo, Conde D. Sisnando, etc.

O segundo conde de Barcellos foi D. Martim Gil de Sousa, alferes-mór de D. Diniz, casado com D. Violante Sanches, filha do primeiro conde. Está sepultado no convento de Santo Thyrso.

O terceiro foi D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz e seu alferes-mór. Está sepultado no convento de S. João de Tarouca. (É o auctor do *Nobiliario.*)

O quarto foi D. Martim Affonso.

O quinto foi D. João Affonso Tello de Menezes, alferes-mór de D. Pedro I e mordomo-mór de D. Fernando. Tambem era conde de Ourem.

O sexto foi seu filho D. Affonso Tello, que não teve geração.

O setimo foi D. João Affonso Telles de Menezés.

Alguns persuadem-se que *Tello* é appellido mais nobre do que *Telles*. É erro. Vem tudo a ser o mesmo, quanto a nobreza; porque *Telles* significa *filho* ou *descendente de Tello.* (Vide *Origem dos appellidos*, no ultimo volume.)

D. João Affonso Telles de Menezes era irmão da Messalina portugueza, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, e ao qual D. Fernando I a roubou, annullando o casamento e casando com ella.

Este setimo conde de Barcellos era tambem alcaide-mór de Lisboa, e almirante de Portugal.

O 8.º foi o excelso D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel), feito por D. João I, em 8 de outubro de 1385. D. Nuno deu este condado em dote a seu genro D. Affonso, primeiro duque de Bragança, e nono conde de Barcellos. (Já disse que este D. Affonso era filho natural reconhecido de D. João I.)

D. João I, fez o condestavel conde de Barcellos, em premio da gloriosa victoria de Valverde (Hespanha) na qual este famosissimo guerreiro derrotou 30:000 castelhanos. De D. Nuno procede a casa de Bragança, e por conseguinte um grande numero de casas reinantes da Europa e a familia imperial do Brasil. (O exercito castelhano em Valverde era commandado pelo grão-mestre da Ordem de S. Thiago, que morreu na acção; esta teve logar a 5 de outubro de 1385. (Vide Guarda, quanto ao nono conde de Barcellos.)

O titulo de conde de Barcellos se continuou nos duques de Bragança até D. Sebastião I, que o elevou a ducado, nos primogenitos da mesma casa, e foi primeiro duque de Barcellos D. João, filho de D. Theodosio, primeiro, duque de Bragança.

Desde a elevação de D João IV ao throno de Portugal, ficaram annexos á casa real os titulos de duque de Bragança, e de duque e conde de Barcellos.

—

Barcellos foi a maior comarca de todo o reino, pois comprehendia todos os territorios que o ducado de Barcellos tinha no Minho e na actual provincia do Douro, até proximo de Aveiro.

Era terra muito populosa, e d'ella diz o poeta portuguez Manuel de Gallegos, no seu *Poema Epithalamio*, oitava 81.ª

.................................

«Só em Barcellos houve alardo um dia
«Em que o sol pelos campos dilatados,
«Com terrivel e féra galhardia
«*Dezesete mil* peitos viu armados.»

Isto entende-se só de ordenanças, das quaes tinha 28 companhias, e em toda a comarca, 42.

A camara servia de capitão-mór.

Na guerra dos 27 annos deu Barcellos, fó-

ra as ordenanças, sete *terços* infanteria, mil e quinhentos gastadores e 500 carros.

Esta comarca tinha mais de vinte leguas de comprido (120 kilometros).

(Ainda ha poucos annos vi em Grijó (18 kilometros ao S. do Porto) um marco ou padrão, que dizia—*Correição de Barcellos*— Não sei se ainda existe.

—

Extra-muros da antiga circumvalação, no Campo da Cruz (mais conhecido por Campo da Feira) está a egreja de Senhor da Cruz, que é sumptuosa. Este Senhor festeja-se a 3 de maio, havendo ahi então uma grande feira.

Diz a tradição que em uma sexta-feira, 20 de dezembro de 1504, apparecera no tal campo, (então chamado, do Salvador) uma cruz pintada no chão; e que desde esse dia principiaram a apparecer cruzes assim, n'este logar (agora apparecem a 2 e 3 de maio, e algumas vezes em setembro, na vespera da exaltação da Santa Cruz.)

Erigiu-se-lhe logo uma pequena ermida, que hoje está transformada em egreja, e é a já dita do Senhor da Cruz.

—

A meia distancia entre a ponte e o açude de *Mareces* (ou *Maresses*) mesmo no leito do Cávado, ha um enorme penedo, ao qual pela margem esquerda, se chega a pé enchuto, na estiagem, ficando todo o mais tempo coberto com a agua do rio. Da raiz d'este penedo rebenta uma fonte de agua sulphurosa, que dizem muito medicinal.

—

O mesmo D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que mandou fazer as muralhas e torres d'esta villa, fez, pelo mesmo tempo, construir para si e seus successores um palacio, cujas ruinas ainda existem junto á ponte (do lado do N.)

Do alto d'estas ruinas se gosa um bello panorama. Vê-se o pincaro do monte da Franqueira, de uma grande altura e o Bom Jesus do Monte, de Braga.

O terreno e ruinas d'estes paços foi pedido ao governo, pela camara de Barcellos, para alli fazer um passeio publico. Foi-lhe concedido, em agosto de 1873, sob condição de que uma parte do velho edificio seja conservada, collocando-se-lhe uma lapide commemorativa, que atteste ás gerações futuras que foi alli o palacio dos duques de Bragança, d'onde procedem quasi todas as familias reaes da Europa e a do Brasil.

Isto é bom; mas tenho saudades d'aquellas ruinas venerandas, que dominavam magestosamente a robusta ponte romana.

A casa da camara é hoje o melhor edificio da villa e a melhor casa do senado, da provincia.

—

De Barcellinhos a vista d'esta villa é imponente e pittoresca.

Barcellos é sem contradição nenhuma uma das melhores villas do Minho e não tem muitas superiores no reino. É mesmo superior em população, edificios e riqueza ás cidades de Thomar, Miranda, Silves, Bragança e Pinhel.

Tem minas de *saphiras*. Diz Oliveira Freire (*Discr. Chorogr. de Port.* pag. 31) que uma saphira de Barcellos, foi vendida, em 1636, em Paris, por 28:000$000 réis!

—

É patria do bravissimo e leal portuguez D. Nuno Gonçalves de Faria, conde e alcaidemór do castello de Faria, no reinado de D. Fernando.

De seu filho, Gonçalo Nuno de Faria, tão bravo e tão leal como seu pae.

Do irmão d'este, D. Alvaro de Faria, que D. João I armou cavalleiro na batalha de Aljubarrota.

—

Não se sabe com certeza onde nasceu Gil Vicente, o *Plauto portuguez*, fundador do nosso theatro. Uns dizem que nasceu em Lisboa, outros sustentam que nascera em Guimarães; mas é opinião mais seguida que elle nasceu n'esta villa de Barcellos.

Suppõe-se que nasceu em 1475. Foi muito estimado no paço e na côrte, onde se representavam as suas comedias. Fez as delicias dos reinados de D. Manuel e D. João III.

Foi casado com D. Branca Bezerra, de quem teve trez filhos: Gil Vicente (que, segundo uns, morreu menino, e segundo outros morreu em um combate na India. (tra-

tarei d'este adiante, mais circumstanciadamente), Luiz Vicente, editor das obras de seu pae, e Paula Vicente, senhora de muita intelligencia, e notavel pela cultura do seu espirito.

Gil Vicente, além de bom poeta, era optimo compositor de musica, e de grande eloquencia.

Assim como ha incerteza na data e logar do seu nascimento, a ha tambem na data da sua morte. Suppõe-se que morreu em 1557.

O que é certo, é ter morrido em Evora, para onde tinha acompanhado a côrte, e jaz no convento de S. Francisco de Evora.

A compilação das suas obras, que comprehende autos, comedias, tragi-comedias, farças e muitas poesias, foi pela primeira vez publicada, em Lisboa, em 1562.

Erasmo, esse grande restaurador das lettras, deu-lhe o primeiro logar entre os poetas comicos modernos e aprendeu o portuguez só para poder melhor apreciar as bellezas de Gil Vicente.

Este era não só auctor mas tambem actor eximio. A musica das suas comedias era tambem composta e cantada por elle.

Alguns escriptores sustentam que o primeiro filho de Gil Vicente, e do seu mesmo nome, morreu menino. Outros dizem que não existiu tal filho, pois que o poeta só tivera dois filhos, Luiz e Paula. D'esta opinião é João Baptista de Castro, que attribue a Luiz Vicente o auto dos *Captivos*, ou de *D. Luiz de los Turcos*, que outros dizem ser obra do tal Gil Vicente, filho.

Faria e Sousa, Diogo Barbosa Machado e outros, sustentam que existiu esse filho primogenito, do nome de seu pae; e que este filho desenvolveu um tal talento na poesia comica, que causava admiração a todos e que promettia eclypsar em breve seu pae, que, tomado de inveja, o fizera embarcar para a India, onde, depois de haver mostrado que era tão bravo militar como primoroso poeta, morreu em uma batalha, dada contra os inimigos da patria.

Se isto é certo, de Gil Vicente, filho, só resta o tal auto dos *Captivos* ou *D. Luiz de los Turcos.*

Tambem ha quem diga que Gil Vicente (pae) morreu na indigencia, o que me não parece provavel, visto ser opinião geral acompanhar sempre a côrte.

—

Aqui nasceu o padre Belchior da Graça, bom theologo e escriptor estimado no seu tempo. Regeitou a mitra do Funchal, por ser nomeação do usurpador Philipe III, de Castella. Este acto de nobre patriotismo, não serviu de exemplo a muitos portuguezes, que acceitaram titulos, commendas, honras e dinheiro, dos tres usurpadores castelhanos.

—

Barcellos é patria d'outros muitos varões insignes pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes; e cujas biographias fariam extensissimo este artigo.

—

O Campo da Feira, era antigamente nos suburbios de Barcellos, e se chamava Arrabalde de Cima da Villa, mas contiguo ás muralhas, e sobre elle estava o Postigo da Feira e uma das duas altas torres que as guarneciam.

A povoação, porém, desenvolvendo-se, transpoz a cêrca dos seus muros, estendendo-se pelo lado septentrional do Campo da Feira, hoje um dos mais bonitos sitios da villa.

A antiga torre, com as suas janellas ogivaes, e coroada pelas suas vetustas ameias ainda existe, bem conservada, no seu primitivo logar, desafiando os estragos do tempo e testemuha muda, mas veneranda, das passadas glorias d'esta notavel povoação.

No fim do campo, está o convento de freiras benedictinas, de que já fallei, o templo do Senhor da Cruz, o convento de S. Francisco e a egreja dos terceiros. Estes dois edificios estão separados pela frondosa matta, que foi cêrca do convento e pertence agora á Misericordia. É um agradavel e formoso passeio, pois que a cortam, cruzando-se, largas e bem alinhadas ruas, guarnecidas de frondosos arvoredos de varias especies.

—

Esta villa foi de tal modo destruida com as guerras dos godos, suevos, vandalos e alanos, e depois com as dos arabes, que nem

d'ella restavam ruinas; a ponto que veiu a ser objecto de questão a sua primitiva situação, julgando alguns que era na foz do Cávado, 12 kilometros ao O.; mas a opinião mais provavel e mais seguida é que a antiga cidade romana de *Aguas Celenas*, era no mesmo sitio da actual Barcellos.

Não se sabe quando nem por quem foi reedificada; mas suppõe-se que foram os arabes, que, agradados d'este bello sitio, a reconstruiram. É certo que no tempo do conde D. Henrique, já era povoação de alguma importancia.

—

Tem a villa boas casas e tres chafarizes de excellente agua, além de quatro nos arrabaldes. Estes são aprasiveis e fertilissimos, sobre tudo nas margens do rio.

—

O convento dos capuchos franciscanos, foi principiado com esmolas do povo, em 1649.

Como já disse, está actualmente n'elle o hospital da Misericordia.

O resto do edificio faz hoje parte da casa da camara e n'elle está tambem a bonita casa da estação telegraphica e o resto é quartel de tropa.

Tem tambem Barcellos uma bella praça de mercado, principiada em 1864, sobre a estrada real (de primeira ordem) de Lisboa para o N., e por cuja estrada transitam varias diligencias diarias.

—

Tinha foral velho, dado por D. Affonso I (sem data) confirmado por seu filho D. Sancho I, em Santarem, em 1208.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 7 de agosto de 1515. Trata-se n'este foral das terras seguintes: Aguiar Faria, Neiva, Penafiel e Vermoim.

—

Diz o velho rifão portuguez, que: *Uma nódoa cae no melhor panno.*

É com repugnancia pois, que vou narrar um facto que não honra muito alguns individuos de Barcellos. Desculpem-me os habitantes d'esta nobre villa; mas este livro é um *registo de todos os factos* relativos a cada povoação ou sitio notavel, e não podia deixar de relatar isto. Os barcellenses, se uma vez praticaram um acto menos honroso, remiram essa culpa e apagaram essa nódoa com innumeros actos de incontestavel bravura e acrisolado patriotismo.

Eis o facto:

Indo D. João I tomar a cidade africana de Ceuta (como effectivamente tomou, a 21 de agosto de 1415) depois da conquista, repartiu os pontos da cidade pelos moradores das cidades e villas que com elle foram e o ajudaram n'esta empreza. Sendo a praça atacada pelos mouros desesperados, em grande força e com grande alarido, os de Barcellos de tal maneira se aterraram, que fugiram, abandonando o ponto da muralha que lhes havia sido confiado. Junto a este ponto estava outro defendido pelos vimaranenses, que, vendo fugir os seus visinhos, se dividiram em dois troços, defendendo com um o seu posto e com outro o abandonado, o que fizeram com grande bravura e galhardia, sendo os mouros em ambos furiosamente repellidos com grande perda.

D. João I premiou esta bravura e castigou aquella cobardia, mandando que d'ahi em diante fossem os de Barcellos varrer as praças e açougues de Guimarães.

Por mais de 70 annos híam os vereadores de Barcellos, nove vezes no anno (nas vesperas das festas da camara de Guimarães, que eram n'aquelle numero) com um barrete vermelho na cabeça, uma banda da mesma côr ao hombro, espada á cinta, um pé calçado outro descalço e cada um armado com sua vassoura de giesta, fazer a limpeza ordenada, em Guimarães; e finda ella, iam á camara e entregavam aos vereadores os seus barretes e bandas, em signal de servidão. Se algum faltava a este acto de humiliação, era condemnado em pena pecuniaria, o que quasi todos preferiam, a fazer tão ridiculo papel.

Por esta causa não havia quem quizesse ser vereador em Barcellos; pelo que o duque de Bragança, D. Jayme, pelos annos de 1488, contratou com o povo e camara de Guimarães de lhe ceder as freguezias da Cunha e Ruilhe, do termo de Barcellos e de que elle era senhor, para continuarem n'aquella obrigação; o que os de Guimarães

acceitaram, e continuou esta comedia até 1580, em que terminou.

—

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

Aqui nasceu, pelo meado do seculo XVI, o dr. Pedro Esteves Marques, ouvidor da casa de Bragança, filho bastardo de um padre chamado *mestre João* e de uma moura. Este Pedro Esteves Marques, teve de uma judia conversa, chamada Maria Pinheiro, uma filha por nome Catharina Pinheiro, que casou com Pedro de Sousa Seabra, e d'estes dois procedem os condes da Castanheira, Monsanto e Vidigueira e outras casas nobres e titulares do reino. Vide Castanheira, villa.

—

Já disse que foi 1.º duque de Barcellos D. João, primogenito de D. Theodosio I, feito por D. Sebastião, em 5 de agosto de 1572, e como este titulo ficou sendo privativo dos primogenitos da casa de Bragança, foi 2.º duque de Barcellos D. Theodosio II, de Bragança; 3.º, seu filho D. João II (depois D. João IV, rei); 4.º D. Theodosio, seu filho, depois principe real, que morreu de 19 annos, solteiro e sem descendencia. Conserva-se este titulo na casa real.

—

O concelho de Barcellos é formado pelas 95 freguezias seguintes:

Abbade de Neiva, Aborim, Adães, Aguiar, Airó, Aldreu, Alheira, Alvellos, Alvito (S. Martinho), Alvito (S. Pedro), Ginzo, Arcozello, Arcas, Arcas e Magdalena, Balugães, Villa Cova, Banho, Barcellinhos, Barcellos, Barqueiros, Santo Estevão de Bastuço, S. João de Bastuço, Cambezes, Campo, Carapeços, Tamel, Carreira, Carvalhal, Carvalhos, Chavão, Chorente, Christello, Cossourado, Courel, Couto, Creixomil, Varzea, Crujães, Durrães, Encourados, Faria, Palma, Feitos, Fonte Coberta, Fornellos, Fragoso, Gallegos, Gamil, Gilmonde, Goios, Gondifellos, Grimancellos, Gueral, Egreja Nova, Lama, Lijó, Macieira, Manhente, Mariz, Martim, Midões, Milhazes, Minhotães, Panque, Mondim, Monte, Moure, Negreiros, Oliveira, Paradella, Pedra Furada, Pereira, Perelhal, Pousa, Quintiães, Roriz, Quiraz, Remelhe Santa Eugenia do Rio Covo, Santa Eulalia do Rio Covo, Sequiade, Silveiros, Santa Leocadia de Tamel, S. Verissimo de Tamel, Tregosa, Ucha, Veatodos, Villa Boa, S. Martinho de Villa Frescainha, S. Pedro de Villa Frescainha, Villa Secca, Villar de Figos e Villar do Monte. Todas no arcebispado de Braga.

**BARCO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 50 kilometros da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em uma costa junto ao rio Zêzere, d'onde só se vêem montes incultos e desertos.

O prior de S. Silvestre, da Covilhã, é que apresentava aqui o cura, que tinha de *porção* 15$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em azeite, centeio, milho e feijão; do mais pouco.

N'esta freguezia se vê um monte em fórma de pico, chamado *Argemella*, de um kilometro de altura acima do nivel do rio Zezere, que corre entre a raiz d'este monte e a aldeia do Barco. Ao meio da encosta, a distancia de 50 metros uns dos outros, ha tres muros arruinados cercando o monte (que é muito ingreme). No cimo d'elle se veem as ruinas de um *castro*, ou acampamento romano, que, segundo a tradição, foi mandado construir por um proconsul, para se defender contra o nosso audaciosissimo Viriato (o antigo).

Está bastante damnificado, não só pelo tempo, mas porque os moradores visinhos vão alli buscar pedra para as suas obras.

É curiosa a tradição sobre a etymologia do nome d'este monte.

Diz ella, que, uma lusitana cahida em poder dos romanos, na vespera do seu casamento, foi levada ao dito *castro* e ahi a quizeram obrigar a declarar a guarida do seu desposado, ao que ella heroicamente se recusou, sendo por isso queimada. Por muitos annos se ouviram gemidos que pareciam vir do monte, e os que os ouviam, diziam: *No*

*ar geme ella!* e lá ficou ao tal pico o nome de *Argemella*.

Sem querer destruir esta romantica tradição, estou persuadido que o nome d'este monte é corrupção da palavra arabe *aljobeila*, que é diminutivo de *jabalon*, que significa monte, vindo a ser montinho.

Posto que a subida a este pico seja custosa, pela escabrosidade do terreno, fica bem compensado da fadiga, o viajante que attingir o seu cume, pela vasta e deliciosa vista que d'alli disfructa. D'este ponto se descobrem campos, mattos, serras e varias povoações da pittoresca *Cova da Beira*, que d'aqui se vê em toda a sua extensão.

**BARCO** — freguezia. Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O parocho era vigario, da apresentação do arcediago de Santa Christina de Longos, e tinha de congrua 10$000 réis e o pé d'altar.

**BARCOS**—villa, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Taboaço, 18 kilometros a E. de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em planicie, ao pé de uma serra e 6 kilometros ao S. do Douro.

Formava um concelho de 930 fogos, que foi supprimido em 1855.

O abbade era da apresentação do padroado real. Tinha 170$000 réis de congrua. Eram annexas a esta egreja, 8 freguezias, que são: Taboaço, Adorigo, Santa Leocadia, Santo Adrião, Goujoim, Pinheiro, Chavães, Balsa e Desejosa. Todos estes parochos apresentava o abbade de Barcos.

Os dizimos eram para os conegos de Tanger (Africa) e depois passaram para a collegiada de Barcos. Rendiam 1:600$000 réis.

Tinha esta egreja uma collegiada com quatro beneficiados, cada um com 200$000 réis. Cada um tinha seu ecónomo, para fazerem o serviço todo por elles, e recebia cada um d'estes economos 18 alqueires de trigo, 36 de pão meiado e 8$000 réis em dinheiro.

O abbade apresentava o sachristão, a quem dava 11 almudes de vinho, 22 alqueires de centeio e 6$000 réis em dinheiro, com obrigação de dar vinho e hostias para as missas.

A matriz foi fundada em 1500. Antigamente chamava-se Nossa Senhora do Saboroso.

A antiga egreja ainda existe em um logar ermo e deserto (mas onde ha vestigios de antiga povoação) e o cura do Pinheiro lá ia dizer missa aos dias d'ella.

É terra fertil em trigo, centeio, milho, etc. Gado e caça. Peixe dos rios Douro, Tavora e Tédo, que correm por estas visinhanças.

Dizem alguns escriptores que D. Affonso III lhe deu foral na era de 1293 (1255). Franklim não traz este foral, mas um dado por o mesmo rei, em Coimbra, a 20 de setembro de 1255 á herdade regalenga de Barco (e não de Barcos). Está no livro 2.º das doações d'aquelle monarcha, a fl. 34, v., *in principio*, onde se podem tirar as duvidas.

**BARCOUÇO**—freguezia, Douro, concelho da Mealhada, comarca da Anadia, 12 kilometros a O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

É a palavra arabe *barrcouço*, que se compõe de *barr* (campo) e de *causon* (o arco). Vem a ser Campo do Arco. Foi da comarca de Cantanhede, concelho de Ançan até 1855.

Foi primeiro dos marquezes de Cascaes e depois passou para os bispos de Coimbra.

Situada sobre uma collina d'onde se vê Coimbra, o Mondego, Monte-mór-Velho e grande parte das povoações do campo de Coimbra.

A egreja é muito antiga e está fóra do povoado. A primitiva matriz era dentro da povoação e ainda d'ella ha vestigios.

Sobre a porta principal da actual egreja está a seguinte inscripção:

IN NOMINE DOMINI. AMEN. FERIA TERTIA XVII DE FEVEREIRO, DIAS ANDADOS, SAGROU ESTA EGREJA O BISPO RAYMUNDO, POR EXPENSAS DE PERO.... ERA MCCCLVIIII. (1321 de J. C.)

O bispo conde apresentava aqui o prior, por concurso synodal, que tinha 800$000 réis de renda.

Tinha uma annexa (Vilde Mattos) cujo cura apresentava o prior de Barcouço.

É terra abundante em cereaes e fructas (sobretudo optimos pêcegos). Os seus vinhos são magnificos e aqui vinham antigamente os inglezes compral-os para exportarem, o que fazia a terra muito prospera.

**BARGA**—(portuguez antigo) pequena casa coberta de palha, cardenha, palhoça. Tambem é rede de pescar (*barga* ou *varga*) e d'aqui *bargueiros* aos que a fazem ou usam. D'esta palavra provém o appellido *Vargas*.

**BARNABÉ** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Mértola, concelho de Almodóvar, 204 kilometros ao S. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Barnabé e Santa Suzana.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada entre montes asperos e ingremes. Eram antigamente duas freguezias (S. Barnabé e Santa Suzana) que se reuniram no seculo XVII, mas ainda tem as duas egrejas, ambas em sitio ermo, sendo a principal a de S. Barnabé. A de Santa Suzana fica a 9 kilometros d'esta. O parocho se intitulava capellão, e era apresentado pela Mesa da Consciencia (por ser da Ordem de S. Thiago), e tinha dois moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda de Almodovar.

Ainda que o clima é excessivo, produz muito trigo, cevada e centeio.

Nasce n'esta freguezia o rio De Louca ou Odelouca.

Nasce no sitio chamado Cumeada dos Cançados. N'este mesmo sitio nascem mais tres rios, que são: Odemira, Arade e Vascão. Este desagua na direita do Guadiana, na Foz do Vascão, proximo á villa e praça de Alcoutim. O Odelouca junto com o Arade morrem no mar, em Portimão, e o Odemira morre no Atlantico, em Villa Nova de Mil Fontes.

Nos montes d'esta freguezia se cria muito gado e têem caça grossa e miuda.

**BARONIA**—(Vide Villa Nova da Baronia.)

**BAROSA**—rio, Beira Alta. Nasce 24 kilometros a SSE. de Lamego, na serra da Nave, freguezia de Leomil, em uma lagoa. Nasce já com bastante agua, que augmenta no seu curso com os ribeiros de Agua-Levada, Tarouca e outros menores. É em quasi todo o seu curso de corrente arrebatada. Tem muitos moinhos, e rega. Suas margens são fertilissimas, onde se cultivam. Tem em partes frondoso arvoredo. Proximo a Lamego, a 6 kilometros da sua foz, se lhe junta o rio Balsemão. Morre no Douro em frente da Regua e quasi em frente da foz do Corgo.

Cria bom peixe.

Passa pelos logares de Leomil, Dalváres, Varzea da Serra, Figueira, Sande, Valdigem, Mondim, Tarouca, Lallim, Lazarim e Gouveães.

Tem sete pontes de cantaria lavrada, em Sande, Covellas, Mondim, Ocanha, Lallim, Tarouca (chamada Ponte Pedrinha) e a bella ponte concluida em 1870, sobre a foz d'este rio, sendo esta a mais notavel e elegante de todas. Tem além d'estas, algumas de madeira.

Na ponte de Sande costumam haver muitas e grandes desordens, entre os romeiros vindos de S. Domingos da Queimada.

O local da ponte é pedregoso e medonho, mas pittoresco.

**BAROSA** ou **BARROSA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 2 kilometros ao N. de Leiria, 180 ao S. do Porto, 132 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago S. Matheus.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Era da casa do infantado, a quem pagava o 8.º do linho e do vinho.

Situada na costa de um monte, inclinado para O.

O cura tinha 79$000 réis, em pão, que lhe dava o povo, que era o que o apresentava; e por o povo foi erecta a freguezia, com licença do ordinario, em 1714.

Ha na aldeia de Barosa uma casa que foi deixada para abrigar os mendigos, com obrigação de lhes dar cama e luz.

É terra fertil em cereaes, fructas, hortaliças e azeite.

Chama-se a esta freguezia a Terra dos Brêdos, pelos muitos que ha. Produz tambem optimos melões.

Junto á egreja ha uma abundante fonte de excellente agua, muito diuretica e adstringente.

D'aqui se vê o castello de Leiria e os conventos dos arrabidos e de S. Francisco dos Observantes, e a Povoa de Monreal (a 12 kilometros) etc., etc. É regada pelo rio Liz.

No dia 2 de outubro de 1810, retirando o exercito alliado, com grande rapidez, mas na melhor ordem, do Bussaco para Lisboa, chegando a esta freguezia, teve aqui um combate com as hordas jacobinas de Massena, que foram repellidas com grandes perdas.

**BAROSO**—rio pequeno, Beira Alta, comarca de Vouzella. Nasce na serra da Arada, por cima da Povoa do Corvo, freguezia de Carvalhaes. Junta-se ao rio Teixeira, por cima do convento de S. Christovão de Lafões, de frades bernardos, e logo abaixo do convento se mette no Vouga. Tem uma ponte de cantaria, feita em 1740, no logar de Paços, no sitio do Moinho da Veia.

Móe e rega e traz muito peixe. Suas margens são em grande parte cultivadas e n'outras arborisadas, e muito ferteis.

Este rio chamava-se primeiro Tancas, e como o primeiro convento de bernardos que houve em Portugal foi o de S. João de Tarouca, que está junto do Barosa, em memoria d'este convento e do seu rio, os frades do convento de S. Christovão de Lafões, que vieram de Tarouca, mudaram o nome de Tancas no de Baroso, em 1123.

**BARQUEIROS**—villa, Traz-os-Montes, comarca de Peso da Regua, concelho de Mezãofrio, na margem direita do Douro, 68 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Porto e districto administrativo de Villa Real.

Situada em um apertado e estreito valle

D'aqui se vê S. Martinho de Mouros, Foutoura, Barrô, parte do concelho de Rézende, Penajoia e outras povoações.

Foi concelho da jurisdição real.

Era abbadia do padroado da corôa, e rendia 600$000 réis; mas pagava 40$000 réis de pensão á egreja patriarchal.

Tem uma bella residencia do parocho e optimos passaes.

Provem-lhe o nome, de serem barqueiros uma grande parte de seus moradores.

Tem praça publica com pelourinho, na aldeia de Sub-Egreja, onde se faz uma feira a 24 de agosto.

É povoação antiga; mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Antigamente pagava toda a villa direitos aos senhores de Penaguião; mas D. Manuel lhe deu foral, pelo qual só ficaram pagando aos taes senhores 3$600 réis, que eram dados pela camara d'este concelho.

Nos limites d'esta freguezia, junto ao Douro, está um grande calhão, e n'elle a celebre Torre do Pilar (vulgo *Piar*) e, mesmo no rio, os restos de dois grandes pilares, que serviram de fundamento aos arcos de uma ponte que aqui fez a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, no meiado do seculo XII.

Junto á tal Torre do Pilar está um areal cheio de pedra solta, que diz ser para uma calçada que havia de fazer-se junto á ponte.

Ha quem diga que esta ponte nunca se chegou a concluir; mas parece-me que sim. (Vide Barrô.)

Ha no termo d'esta villa duas barcas de passagem, sendo uma franca e gratuita (antigamente) que a mandou pôr a dita rainha D. Mafalda, no sitio de Porto de Rei, chamada *a Barca de por Deus*. A camara de S. Martinho de Mouros é que administrava esta barca, por ter para isso rendas. Hoje não sei quem é.

A outra barca é a do *Bernardo*, proximo ás Caldas do Mollêdo.

É terra abundante de aguas, fertil e saudavel, e produz muito bom vinho verde, como todas as margens do baixo Douro.

Aqui nasceu, pelos annos de 1830, José

Julio de Oliveira Pinto. Formou-se em direito, sendo sempre premiado. Pela sua muita intelligencia, chegou a sér conselheiro e official maior da secretaria da justiça, e se não morre na flor da edade, chegaria a ser um nome conhecido na Europa, e occuparia os primeiros logares da republica.

Era filho de um insignificante pintor. José Julio, sendo homem de profundo talento e vastos conhecimentos, tinha duas pessimas qualidades. A primeira era querer decidir tudo *ex cathedra*, sem adoptar as opiniões de ninguem, e querer que todos fossem por força da sua, e a segunda era ser muito grosseiro.

Como deputado, seria um bom orador, se os seus discursos não fossem eivados d'aquelles seus dois grandes defeitos.

Por grosserias que proferiu nas côrtes contra um respeitavel ancião (o sr. Manuel de Sá Nogueira, irmão do sr. marquez de Sá da Bandeira) e obstinando-se em não querer retirar as expressões inconvenientes que tinha proferido, antes aggravando-as com outras grosserias, foi morto em duello, em 1868, pelo sr. Miguel de Sá Nogueira, sobrinho do offendido.

Barqueiros tinha foral velho, dado por a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso I, em Coimbra, em 13 de setembro de 1123. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 22 de outubro de 1513.

Viterbo diz que o primeiro foral lhe foi dado por D. Sancho II, em setembro de 1223. Talvez este já fosse segundo foral. Este foi dado aos dez casaes que constituiam a villa ou concelho de Barqueiros. (Vide Teiga.)

**BARQUEIROS**—freguezia, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto da Apulia.

Situada em montes e valles.

O vigario era apresentado pelo abbade de Fonte Boa, e tinha de congrua 11$200 e o pé de altar.

É terra abundante de aguas e muito fertil.

**BARQUINHA ou VILLA NOVA DA BARQUINHA**—villa, Extremadura, comarca de Torres Novas, 100 kilometros ao E. de Lisboa, 280 fogos, 1:100 almas, no concelho 820 fogos. Orago Santo Antonio.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em planicie, na margem direita do Tejo.

É villa de creação moderna, pois ainda no fim do seculo passado era apenas uma aldeia da freguezia da Atalaya.

É terra muito fertil, como quasi todas as das margens do Tejo, e faz grande commercio com Lisboa, pelo rio.

A Beira Baixa e Douro fazem aqui escala para o seu commercio com a Extremadura e Alemtejo.

20.ª estação do caminho de ferro de Leste.

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

Ficam-lhe proximo o celebre acampamento de Tancos e o romantico castello de Almourol.

Este concelho é composto de quatro freguezias, que são: Atalaya, Barquinha e Tancos, no patriarchado, e Paio de Pelle que é *isento* de Thomar e portanto tambem sujeita ao patriarchado.

**BARRADO**—serra, Extremadura, termo de Arruda, com 18 kilometros de comprido e 3 de largo. N'ella nasce o pequeno rio chamado Cano de Cintra. Tem alguns valles muito ferteis. Ha aqui a celebre planta medicinal chamada vulgarmente *balsaminho*, que, segundo se diz, é remedio maravilhoso contra as erisipellas.

N'esta serra ha alguns casaes e dá pastagem a bastante gado de toda a qualidade. Tem caça.

**BARRAL**—sitio sobre a margem esquerda do Douro, freguezia da Lomba, concelho de Gondomar, a 30 kilometros a ENE. do Porto.

Ha aqui uma mina de carvão de pedra, concedida ao sr. Bento Rodrigues de Oliveira, em março de 1871.

Ha mais 36 aldeias com este nome. Nenhuma tem cousa notavel, digna de menção.

**BARRANCOS**—villa, Alemtejo. comarca de Moura, 180 kilometros a E. de Lisboa. 520 fogos, 2:100 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Beja.

Situada em Montes e valles, sobre a margem direita do Guadiana, na raia.

Era dos duques de Cadaval.

Não é terra muito fertil; cria porém bastante gado de toda a qualidade, sobre tudo suino, que exporta em grande quantidade, no que faz um optimo commercio.

Tem um antigo palacio, que foi dos condes de Linhares, mas está desmantellado.

Em 15 e 16 de agosto de 1873, arderam mais de 30 kilometros quadrados de mattas, povoadas de ricos e florescentes montados de sobro, a E. da aldeia de S. Theotonio d'esta freguezia.

Um individuo (por descuido ou por malvadez?) deitou fogo a umas moutas de *belgas*, no dia 14, com tanta infelicidade, que se propagou a todo o montado. Oito espaçosas herdades ficaram reduzidas a cinzas. Os prejuizos são calculados em mais de 70 contos de réis.

Barrancos é povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou, nem quando. Foi tomada aos mouros por Gonçalo Mendes da Maia (o Lidador) em 1167. D. Sancho I a povoou em 1200. Não me consta que tivesse foral.

No dia 4 de dezembro de 1826, chegou aqui a brigada realista algarvia (4 de caçadores, 14 de infanteria e contingentes de artilheria 2, infanteria 2 e cavallaria 2) commandada por José da Rosa e Sousa, coronel de caçadores 4.

Houve um pequeno tiroteio, sem consequencia, com as avançadas da divisão liberal, do conde de Villa Flor, nas proximidades da villa,

Barrancos é cabeça do concelho do seu nome, mas composto só d'esta freguezia.

O rio divide aqui Portugal de Hespanha. A povoação castelhana que fica em frente de villa, na margem opposta, tambem se chama Barrancos.

**BARRÁRIOS**—o Dforal que D. Sancho I deu á villa de Penamacor, em 1199, se colligе que *barrarios* são os que moravam dentro da villa e arrabaldes, e *venarios* os que moravam no campo e termo da villa.

**BARRAS**—aldeia, Extremadura, concelho de Torres Vedras, 40 kilometros a NO. de Lisboa.

É a 12.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

**BARREGÃO**—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e proximo á cidade de Pinhel, 338 kilometros a NE. de Lisboa, 25 fogos. Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era da commenda de Santo André de Pinhel.

Situada em um valle, d'onde se vêem algumas povoações.

O cura era apresentado pelo vigario da egreja de Santo André, de Pinhel, e era pago pela commenda e pelo prior da egreja do Salvador da mesma cidade, e tinha de porção, por anno, 16$600 réis, e com o pé de altar e mais rendimentos, 160$000 réis.

Produz bastante centeio; mas é muito mediana nas outras producções agricolas. Cria algum gado e tem caça.

**BARREGÕES**—freguezia, Alemtejo, termo de Messejana, 132 kilometros ao S. de Lisboa, 30 fogos.

Era dos condes do Redondo.

Situada em campina rasa, d'onde se não descobrem outras povoações.

O parocho se intitulava capellão e era apresentado pelo rei, como administrador do mestrado da Ordem de S. Thiago. Tinha 2 moios e meio de trigo, e moio e meio de cevada, pagos pelos freguezes.

Feira no primeiro domingo de julho.

E' terra fertil e cria bastante gado de toda a qualidade.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, nem já vem no *Portugal Sacro e Profano* (publicado em 1757). Provavelmente está annexa a outra.

**BARREGUDO**—serra, Extremadura, termo de Torres Vedras. (Vulgarmente *Barrigudo.*)

Tem varios nomes, pois se chama—Serra da Maravilha, dos Rifes, ou de Santo Antonio.

No logar de Matacães é que se chama Barregudo. N'este districto fórma uma abertura feita pela natureza, que dá passagem ao rio Sizandro, que por aqui vae levando a sua corrente ao mar.

Chama-se a esta abertura *Furadouro* e serve tambem para communicação dos povos, que por este sitio mais facilmente teem passagem.

Tem 18 kilometros de comprido e 6 de largo.

Lança uns braços para a freguezia de Monte Redondo, ao qual chamam Sacaespinhos, Penedo dos Negros, Monção, Castello Ventoso, Calvario e Ordasqueira.

Finda proximo a Torres Vedras.

Pela raiz d'esta serra passa o rio *Sangue*, que morre no *Sizandro*.

Tem alguns casaes. Junto ao monte Calvario é a areia misturada com grande porção de talco, o que a torna brilhantissima.

Tem bastante caça e muito boas pedreiras de marmore.

**BARREIRA**—freguezia, Beira Baixa, concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Fozcôa, 65 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Marialva é que apresentava aqui o cura, que tinha 22$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra abundante de centeio; do mais pouco.

Passa aqui o rio *Marialva*, que morre no *Maçoeime*. Móe e rega.

Ha em Portugal 24 aldeias d'este nome e 5 chamadas Barreiras.

Era do concelho de Marialva e pela suppressão d'elle, em 24 de outubro de 1855, passou para o de Fozcôa. Em 18 de dezembro de 1872 passou para o da Meda.

**BARREIRA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Leiria, 138 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago o Salvador do Mundo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em terreno accidentado e fertil.

Tem pedreiras de pedra calcarea e boa argilla para loiça (que é o que lhe deu o nome.)

**BARREIRO**—villa, Extremadura, comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo, 12 kilometros a SE. de Lisboa, 850 fogos, 3:400 almas. Orago Santa Cruz.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Fica em frente da cidade de Lisboa, com a qual está em constante communicação pelos vapores do caminho de ferro e outros barcos. A sua posição é formosissima.

É capital de concelho.

Eram senhores donatarios d'ella os duques de Aveiro, e desde 1759 passou para a corôa.

Situada em planicie, na margem esquerda do Tejo, muito fertil em cereaes, vinho (muito bom de embarque), fructas, (principalmente figos), hortaliças, lenha, peixe e marisco.

D'aqui se vê Almada, Seixal, Aldeia de Paio Pires, Alfeite, Villa Franca, Palmella e grande parte de Lisboa.

Tem muitas e boas quintas.

Aqui morreram (quasi ao mesmo tempo) dois macrobios, no dia 17 de outubro de 1731. O marido tinha 125 annos e a mulher 104.

Tinha antigamente prior e um beneficiado, ambos freires da Ordem de S. Thiago, apresentados pela Mesa da Consciencia e Ordens. O prior tinha dois moios de trigo, uma pipa de vinho, e 20$000 réis em dinheiro. O beneficiado tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho e 12$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda d'esta villa.

No termo d'esta villa é o convento da Verderêna, de frades arrabidos.

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1560.

É a estação principal do caminho de ferro do Sul e Sueste.

(O caminho de ferro do Sul foi aberto á circulação publica no 1.º de fevereiro de 1861.)

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 7 de maio de 1514.

Tem estação telegraphica de primeira ordem ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

Teve até 1834 uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

(Vide Pinhal Novo.)

Este concelho é composto das freguezias seguintes:—Moita, Alhos Vedros, Coina, Lavradio e Barreiro.

**BARREIRO**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 29 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do antigo concelho de Bésteiros.

Situada no principio da serra do Carvalho, em uma planicie, d'onde se vêem varias povoações e a serra da Estrella.

A matriz é de 3 naves. O vigario de Castellões apresentava aqui o cura, que tinha 60$000 réis.

É terra fertil.

Na serra do Carvalho nascem dois ribeiros que morrem no *Crins*; regam e moem.

Ha em Portugal 67 aldeias d'este nome (a maior parte no Minho), e 37 chamadas *Barreiros*.

**BARREIROS**—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Amares, 6 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 45 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do couto de Renduffe, concelho de Entre Homem e Cávado, e da comarca de Vianna.

Depois foi, até 1855, comarca de Pico de Regalados. É fertil.

Era senhor donatario, o abbade dos frades bentos de Renduffe.

Situada em campina, na ribeira do Cávado, d'onde se vêem muitas povoações.

O cura era annual, apresentado pelo dito abbade de Renduffe. Tinha 6$000 réis de congrua, o pé d'altar, cêra, vinho e hostias para os dias de missa.

Passa-lhe pelo Sul o Cávado, o qual nasce no concelho de Barroso e morre no mar, entre Fão e Espósende.

Consta que n'esta freguezia foi o solar dos Barreiros. É d'esta familia o dr. Domingos Barreiros, desembargador, secretario de embaixada em Inglaterra, embaixador em Roma, arcediago de Barroso e de Santa Christina, em Braga.

**BARREIROS**—freguezia, Douro, comarca e 8 kilometros ao N. do Porto, concelho da Maia, 315 kilometros ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi do couto de Lessa do Bailío.

Situada em montes e valles, d'onde se vêem varias povoações.

O bailio de Lessa apresentava o vigario (collado) que tinha de rendimento 180$000 réis. Primeiro chamava-se capellão.

O rio Lessa corre pelo fim da freguezia; rega, móe e traz algum peixe.

É terra fertil.

**BARREIROS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi do concelho de Monforte do Rio Livre, 125 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção (d'esta freguezia e da de Sonim).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia era antigamente annexa á de Sonim, desannexando-se e tornando-se independente em 1740.

Está situada em um valle cercado de montes e outeiros, pelo que d'ella nada se descobre, senão os taes montes.

E' terra muito abundante de aguas, muito fertil e sádia.

Cria bastante gado de toda a qualidade.

O abbade Sonim, que o era tambem d'esta freguezia, era de apresentação régia e tinha de rendimento 400$000 réis.

**BARREIROS**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 15 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757, 78 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era da corôa.

Situada em um alto d'onde se vêem varias povoações.

O rei é que apresentava o abbade, que tinha de renda 250$000 réis.

E' terra muito abundante de aguas e fertilissima.

Está encostada á serra da Aguda, até avistar a de Samorim, Outeiro de S. Domingos, Valle do Forno e Outeiro de S. Saturnino, que divide esta freguezia da de Sattão.

Tem muita caça.

**BARRELLAS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Fraguas, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em planicie, d'onde se vêem as serras da Estrella e outras, e varias povoações.

O vigario foi antigamente apresentado pelas freiras de Arouca, que eram danatarias da freguezia. Depois passou a ser da corôa, e era o beneficio dado por concurso. O vigario tinha 100 alqueires de centeio, 30 de trigo e 40$000 réis em dinheiro.

A terra produz bastante trigo e centeio; do mais não é muito fertil.

**BÁRRIO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757, tinha 107 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' a palavra arabe *Barrio*. Significa—coisa campestre, aldeã, deserta.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam os abbades, que tinham de rendimento 300$000 réis.

**BARRÓ**—freguezia, Beira Alta, concelho comarca e 10 kilometros a NE. de Rézende, 330 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Foi do extincto concelho de S. Martinho de Mouros.

Tinha em 1757 429 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto adminsitrativo de Vizeu.

E' terra fertil, e tem bom peixe do Douro.

Situada em terreno muito accidentado, eminente ao rio Douro (margem esquerda), que a termina pelo N.

O parocho era vigario collado e tinha de renda 200$000 réis. Foi antigamente de nomeação do povo, depois passou para o commendador de Malta, da familia dos Azevedos.

Era terra da commenda da Ordem de Malta, que rendia 1:600$000 réis.

Os povos pagavam isto; mas tinham os grandes privilegios de que gosavam os caseiros d'esta ordem.

Tem um convento de freiras franciscanas fundado pela madre Marianna da Madre de Deus, pelos annos de 1680. A fundadora morreu a 2 de janeiro de 1693.

Este convento tem uma boa cerca com muitas aguas e optimas fructas.

No sitio do Piar ha uma nascente de aguas sulphureas frias.

A matriz (que está proxima á casa da commenda) é antiquissima.

—

*Barro*, segundo Viterbo, significa—logar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo, ou abegoaria. Vem do latim *barrium* ou *varium*. Talvez d'aqui venha Bairrada, Bairrio, Barrol, Bairral, Bairros, etc.

—

Varios documentos dos seculos XII e XIII fallam em uma ponte que existia sobre o Douro, proximo ao logar do Bernardo d'esta freguezia. Não se sabe com certeza quem a edificou, nem quando, nem quando se demoliu. Dizem alguns que foi D. Mafalda, mu-

lher de D. Affonso Henriques, outros dizem que foi sua neta, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (mas isto é engano manifesto). O que é certissimo é que ella foi principiada (ou pelo menos projectada) por D. Affonso Henriques, que no seu testamento deixou para ella 3:000 maravidis — («*Et dedi jam Abbati et Fratribus S. Johannis de Tarouca III mor. quos mando dari ponti Dorii*»).

Esta ponte existia em 1205, quando D. Sancha Vermudes, mulher de D. Soeiro Viegas, fez o seu testamento, no qual diz que tem uma herdade «*á ponte do Douro, da qual se podem fazer trez casaes*».

Em 1216 a mesma D. Sancha doou ao mosteiro de Paço de Sousa tudo o que tinha «*em Barrô, junto á ponte do Douro.*»

Tambem se sabe que antigamente vinha a estrada de Canavezes á ponte do Douro, e d'aqui a Lamego e Beiras.

Ainda se vêem claramente as ruinas d'esta ponte, e grande porção de alvenaria na margem do rio, que é tradição ser para a calçada que se havia de fazer em continuação da ponte.

Dos restos dos pedestaes que sustentavam os arcos se vê que a pedra era miuda e offerecia pouca solidez para a furia d'este rio.

Em vista do que fica dito é de suppor que esta ponte fosse feita ou concluida pela viuva de D. Affonso I, ou por seu filho D. Sancho I.

**BARRÓ DA AGUADA** — villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 18 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. André, apostolo. Foi antigamente do bispado de Coimbra.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Foi noutro tempo couto, da comarca d'Esgueira.

Situada em um monte d'onde se avistam varias povoações.

Os bispos de Coimbra, e depois os d'Aveiro, apresentavam os priores, que tinham réis 400$000.

Era uma das freguezias do couto de Barrô, de que eram donatarios os bispos condes.

Tinha juiz ordinario, confirmado pelo ouvidor d'Arganil, isto no civel. No crime era o juiz de fóra d'Aveiro. Hoje está reduzida a aldeia.

Os bispos de Coimbra tinham os 6.os e os 8.os dos fructos e a terça parte dos dizimos. Passa aqui o rio Cértoma. Peixe.

É terra muito abundante d'aguas e por isso muito fertil.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa a 12 de Setembro de 1514.

Para a etymologia, vide o primeiro Barrô.

**BARRO** — aldeia, Extremadura, termo, e 12 kilometros ao N. de Lisboa, na freguezia de Loures.

Na porta de uma quinta d'este logar, está em uma pedra a inscripção seguinte.

D. M.
APONIAE P. FILLIÆ
PAPONIUS JULIAN.
ET APONIA RICOPOLIS FILIA.

A mesma etymologia.

**BARRÓCA** — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 70 kilometros da Guarda, 240 ao E. N E. de Lisboa, 150 fogos. Tinha em 1757-42.

Orago S. Sebastião.

Districto administrativo de Castello-Branco, bispado da Guarda.

Foi da corôa.

Situada em uma baixa, junto, ao rio Zêzere, pelo que só d'aqui se descobrem montes asperos e serras.

O prior de Dornellas apresentava aqui o cura, a quem o tal prior dava annualmente 12$000 réis e o pé d'altar.

Fertil.

Fica proxima a serra das Bogas, que principia no Zêzere, no sitio do Cabêço do Pição, e finda no Cabêeço-das-Vinhas. Traz porcos montezes e caça miuda.

Ha no sitio da Varzea, para a parte do Sul, uma cova junto á estrada, que tem 9 metros de fundo e um de largo. Ninguem sabe o que isto foi, ou para que se fez.

**BARRÓCA D'ALVA** — Povoação da Extremadura freguezia de S. João Baptista, da vil-

la d'Alcochete, concelho da mesma villa. No meado do seculo passado apenas tinha 5 fogos e uma capella dedicada a Santo Antonio hoje tem 50 fogos.

Jacome (ou Jaques) Ratton, vendo que se podia aqui fazer um importante estabelecimento de marinhas de sal, e a facilidade das communicações com Lisboa, pelo Tejo e pelo rio das Enguias, onde entram as marés, aforou aqui em 1767 grande extensão de terrenos incultos (mais de uma legua quadrada.)

Enxugou e cultivou os pantanos, semeou pinheiros nos arneiros, plantou vinhas, olivaes, pomares, hortas, etc. etc. edificou uma boa casa para sua residencia, onde cabem 50 familias; finalmente reduziu isto a um valiosisisimo estabelecimento agricola e industrial. Tem 4 extenças marinhas, que podem render annualmente 15:000 moios de sal. O seu vasto pinhal é dos mais bellos e melhores d'estes sitios. Tem tambem um grande sobreiral.

O pinhal levou mais de 30 moios de penisco de semeadura, vindo a maior parte, do pinhal de Leiria.

Jacome Ratton era francez, natural da cidade de *Briançon, no Delfinado.* Vivia em Lisboa, e teve de sua mulher, D. Francisca Bellon, outro *Jácome Ratton*, que casou com *D. Anna Clamousse* (filha de *Bernardo Clamousse*, consul francez, no Porto.

Foi seu filho, *Diogo Ratton*, primeiro barão d'Alcochete, que tem mais irmãos. Tem por armas em campo azul, chefe de prata, carregado de um rato, negro, andante; contrachefe de ondas, com um atum negro, nadante. Timbre, meio rato. (vide Alcochete.)

Ha aqui uma bellissima lagoa, de uns 3 ou 4 kilometros de circumferencia. Na sua margem e cercada de frondoso arvoredo está a antiquissima capella de Santo Antonio da Ussa (Ursa) provavelmente erecta em cumprimento d'algum voto.

É de fórma circular, sem o minimo ornato, e guardada por um muro ameiado, havendo entre elle e a capella um passeio. O senhor *Ratton* achando-a desmantellada a reedificou, conservando-lhe toda a sua bella simplicidade originaria. E' da abobada e tem uns 5,m50 de altura.

Em frente do palacio, em um bonito terreiro, está uma columna erecta pelos proprietarios da quinta, em 21 de maio de 1859, dedicada á Virgem, em acção de graças por haver preservado esta propriedade das devastações da cheia de 1856. Tem uma inscripção commemorativa, que por muito extensa não transcrevo. É coroada pela estatua de Nossa Senhora.

Esta bella e riquissima propriedade é actualmente do senhor barão d'Alcochete, neto do fundador, de quem acima fallei.

**BARROS**—freguezia, Alemtejo, concelho d'Aviz, 54 kilometros d'Evora, 130 ao E. de Lisboa, 20 fogos. Em 1757 tinha 22.

Orago Nossa Senhora dos Barros.

Arcebispado d'Evora e districto administrativo de Portalegre.

E' situada em uma planicie, entre charnecas, que lhe impedem a vista d'outras povoações. Fertil.

O tribunal da meza da Consciencia e Ordens apresentava aqui o capellão, que era freire professo na Ordem de Aviz. Tinha dous moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 reis em dinheiro, pago pela commenda da dita Ordem, a quem esta freguezia pertencia.

Ha aqui muitos montados, pelo que cria muitas varas de porcos, que exporta.

Passa n'esta freguezia uma ribeira do seu nome, que secca de verão.

**BARROS**—aldeia, Minho, freguezia da Correlhan.

Esta aldeia foi antigamente villa, como se vê de varios papeis antigos. E' tradição que n'esta aldeia (quando era ainda villa) e nas casas que foram de Seraphina Pereira do Lago, fez vida penitente, Santo Adão, ou *Eudon*, italiano, cujas reliquias se veneram na sua antiga ermida, que está junto ao adro da egreja matriz. (vide Correlhan.)

Querem outros que fosse aqui uma cidade romana chamada *Corneliana.*

**BARROS**—freguezia, Minho, 18 kilometros ao N. O. de Braga, comarca e concelho de Villa-Verde, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos, em 1757 82.

Orago S. Estevão, proto-Martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, na raiz do monte Cortelho-de-Barros, d'onde se vê Braga e varias serras.

O reitor de S. João de Concieiro apresentava o vigario d'aqui, que era collado e tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia foi concelho, com camara e juiz ordinario.

Foi depois da comarca de Pico do Regalados, concelho d'Aboim da Nobrega, até 1855.

É aqui a quinta do Mouro, que foi de Domingos Annes, de Guimarães, porteiro-mór. Nasce aqui o ribeiro do Conxeiro.

**BARROSO** — vide Alturas e Covas, e Terras de Barroso.

**BARROZA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Leiria. Já está descripta sob a palavra Baroza, nome pelo qual é tambem conhecida.

Bispado, e districto administrativo, de Leiria.

**BARROZAS** ou **BARROSAS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Benavente, 90 kilometros a O. de Evora, 153 fogos.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Santarem.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Foi priorado da casa das rainhas.

Tinha oito beneficiados.

Ha aqui um recolhimento de terceiras de S. Francisco, muito reformado.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Benavente. (Vide Benavente.)

**BARROZAS** — villa, Douro, comarca e concelho de Louzada, 25 kilometros ao E. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta villa é de creação moderna, assim como o seu concelho que tinha 1:740 fogos, e que pouco tempo durou, sendo supprimido em 1855.

Era antigamente do concelho de Guimarães.

Situada em aprazivel campina entre dois pequenos montes, um ao E., chamado Choqueiro, outro ao O. chamado Pena Vesteira.

O prior de Santa Marinha da Costa apresentava aqui o cura annualmente, que tinha 50$000 réis.

Passa aqui o regato de *Sá*, que rega e móe.

E' terra fertil.

Ha em Portugal 17 aldeias chamadas *Barroza* e *Barrozas*.

**BARROZAS** (Santo Estevão) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 30 kilometros a E. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

E' situada entre montes, d'onde não se avistam povoações algumas.

Os arcebispos de Braga apresentavam aqui os abbades, que tinham 280$000 réis de congrua.

Foi abbade d'esta freguezia D. João Pimenta, da Barca, lente de theologia, na universidade de Coimbra, e depois bispo de Angra. Este varão exemplar nada se aproveitava dos rendimentos da egreja, gastando-os com ella e com os pobres.

E' terra fertil. Cria gado grosso e miudo e é abundante de caça miuda.

**BARTHOLOMEU** (S.) — Vide Outeiro de Oriolla.

**BARTHOLOMEU** (S.) — freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 70 kilometros ao NO. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em planicie, onde chamam Paúl d'Otta, 6 kilometros a E. de Alemquer.

Foi primeiro da jurisdição dos frades de Alcobaça, que a trocaram com a coroa, pela egreja de S. Thiago d'Alemquer, com todo o paúl, charnecas e mattos visinhos; e de tu-

do isto fizeram os reis doação ao hospital real de S. José, de Lisboa, que o possuiu até 1834.

A egreja antiga era no meio dos campos, mas estava em ruinas. O hospital a mandou construir de novo em um alto, dizendo-se a primeira missa na egreja nova em 1722.

Os dizimos (que andavam por 250$000 réis) eram para o hospital.

Este hospital apresentava o cura annual, que tinha 80 alqueires de trigo, 80 de cevada e 2$000 réis em dinheiro.

Cobrava o hospital, além dos dizimos, 20 moios de pão de todo o chão d'esta freguezia (que é o tal paúl) os quaes lhe pagavam os condes da Calheta.

Este paúl tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo, e dá annualmente anda por 400 moios de cereaes.

**BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS** (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 25 kilometros de Portalegre, 180 ao SE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1767 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em campina d'onde se vêem varias povoações. Fertil em cereaes, e cria bastante gado de toda a qualidade.

O cura era apresentado pela mitra e tinha de rendimento 180 alqueires de trigo.

**BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS** (S.)—freguezia, Extremadura, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras (antigo termo de Obidos), 70 kilometros a NO. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era da casa das rainhas. Fertil.

Situada em um monte d'onde se descobre uma vasta campina.

Os principaes da Sé Patriarchal de Lisboa e o prior e beneficiados de Obidos apresentavam simultaneamente aqui, o cura que tinha um moio de trigo, meio de cevada e um tonel de vinho.

Houve aqui um convento pequeno de gracianos, onde hoje é a quinta de Fonte Real. Os frades o venderam, haverá 250 annos, a Amaro Pereira da Fonseca.

**BARTHOLOMEU** (S.)—Vide Beato Antonio e Xabregas.

**BARTHOLOMEU DA CHARNECA** (S.)—Vide Charneca.

**BARTHOLOMEU DE MESSINES** (S.)—Vide Messines.

**BARTHOLOMEU DO MAR** (S.)—Vide Mar.

**BARTHOLOMEU DA SERRA** (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 105 kilometros ao SE. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa. E' terra fertil.

**BARTHOLOMEU** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e termo de Mértola, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 40 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da corôa. Fertil.

Situada, parte em campina raza, parte em montes.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava aqui o capellão, por ser a freguezia do mestrado de S. Thiago. Tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda, que era dos marquezes de Gouveia.

Passa aqui o rio *Vascão*, que rega e moe.

Não apparece esta freguezia nos mappas modernos.

**BARTHOLOMEU** (S.) — freguezia, Beira Baixa, termo da villa do Touro, comarca e concelho de Castello Branco, 215 kilometros ao NE. de Lisboa, 50 fogos. 50 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa. Fertil.

Situada na raiz de uma serra, d'onde se se vê a villa do Sabugal.

O vigario de Touro aqresentava aqui o cura, que era annual, e tinha 57 alqueires de trigo, 54 de centeio, e 6$300 réis em dinheiro.

Tambem não sei d'esta freguezia, julgo que está annexa a Touro. Passa aqui o Côa, que rega e móe.

**BARTHOLOMEU** (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho e termo de Alter do Chão, comarca de Fronteira, 165 ao kilometros E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A maior parte das terras eram reguengas do almoxarifado da casa de Bragança.

E' terra fertil.

Situada em campina, d'onde se vê Portalegre, Crato. Chancellaria, Aviz e Sêda.

O cura era apresentado pelo ordinario e tinha dois moios de trigo.

Os moradores d'esta freguezia pagavam á casa de Bragança *oitavos* e *tornas*, cujas pensões cobrava o almoxarifado de Alter do Chão.

Esta freguezia era antigamente sujeita á matriz de Alter do Chão, mas separou-se no seculo XVI.

Tambem a não encontro nos mappas modernos.

**BASÁGUEDA**—rio, Beira Baixa, concelho de Penamacor, comarca de Idanha Nova. Nasce 18 kilometros distante de Penamacôr, na serra da Marvana, por cima de Valbolido e á vista de Quadrazáes, termo do Sabugal.

Nasce pobre de aguas, que augmentam com a juncção de varios ribeiros.

Suas margens são em parte cultivadas e arborisadas, e muito ferteis e amenas.

No fim da serra da Marvana recebe o *Rio Torto*.

Morre no *Erga*, proximo á raia, mas já no reino de Castella.

Nos limites de Penamacôr tem uma formosa ponte de cantaria de 5 arcos.

Suas areias trouxeram oiro, e cria muito peixe.

A 4 kilometros de Penamacôr, tem uma formosa lagôa, onde se pesca muito peixe e cujas margens são cultivadas.

**BASTO** (S. Clemente)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 42 kilometros a NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Clemente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno despenhado e montuoso, e cercada por toda a parte de montes, dos quaes se vêem varias povoações.

O abbade cobrava todos os fructos d'esta freguezia e de tres annexas, que são: Passos, Gagos e Gontim. O seu rendimento regulava por 1:400$000 réis annuaes.

Era apresentado alternativamente, pela mitra, pela casa da Tapada e pelo convento de S. João de Rei.

Cria muito gado. Produz optimo vinho. É fertil e tem muita caça.

**BASTO** (Santa Tecla)—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 42 kilometros a NE. de Braga, 386 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Santa Tecla.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Cria muito gado e produz optimo vinho.

**BASTO** (S. Nicolau)—freguezia, Minho. É cabeça do concelho de Basto, comarca de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Nicolau.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada entre duas serras (Costa e Toutaim).

O abbade ha uns poucos de seculos era apresentado pelo arcebispo, provido por concurso, e tinha de renda uns 360$000 réis.

É terra muito fertil. Passa pelo meio da freguezia o ribeiro de S. Nicolau, que rega e móe.

Cria-se aqui muito e bom gado de toda a qualidade, e ha muita caça, grossa e miuda.

Produz optimo vinho, verde.

A villa de Cabeceiras de Basto é n'esta freguezia. Vide Cabeceiras de Basto.

**BASTO** (S. Nicolau)—freguezia, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, situada entre montes asperos e incultos.

O reitor era apresentado pelo arcebispo de Braga e tinha 150$000 réis.

Era commenda dos condes da Atalaia, que

rendia uns 800$000 réis. Eram elles que pagavam os 150$000 réis ao reitor.

Corre pelo meio da freguezia o ribeiro de S. Nicolau, que rega e móe.

É terra muito fertil, cria muito e bom gado, grosso e miudo, tem muito bom vinho e muita caça.

Não sei d'esta freguezia, pois não a vejo nos mappas modernos. Julgo que está annexa á antecedente.

**BASTO** (Santa Senhorinha) — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Senhorinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era da coroa. E' terra muito fertil.

Situada em um delicioso, fertil e ameno valle, que formam os montes do Ladario e das Gaiteiras. D'elles se descobrem muitas povoações.

A egreja é de trez naves. N'ella estão os corpos de Santa Senhorinha, de S. Gervasio e de Santa Godina.

Santa Senhorinha era filha do conde *Ufo Ufes*, ascendente da familia dos Sousas. Foi freira benedictina, no convento de Vieira. Veio para aqui a Santa, em 930, para fazer um convento da sua ordem, do qual só hoje resta a memoria. (Dizem que era em um sitio hoje chamado Campo da Freira). Ella morreu em 982, com 58 annos de idade.

D. Affonso II deu grandes privilegios a esta egreja e á freguezia (que era couto) por provisão datada de Guimarães, a 28 de fevereiro de 1220.

O couto foi extincto pelos annos 1620.

(Ainda ha poucos annos se viam os marcos que o limitavam).

D. Affonso III confirmou e ampliou estes privilegios e o mesmo fez D. Pedro I, que annexou a esta egreja a de Santa Maria do Salto, de Barroso, cujo cura apresentava o abbade d'aqui.

Chama-se vulgarmente a esta egreja — a Sé de Basto. — Foi seu ultimo padroeiro D. Gastão José da Camara Coutinho.

O abbade de Santa Senhorinha apresentava quatro annexas, que eram: Santa Maria do Salto, Painzella, Ourilhe e Pedrahido.

Foi esta abbadia antigamente de muitas rendas; mas, sendo abbade d'ella um tal D. Paulo Pereira (da casa dos condes da Feira) capellão-mór do reino, arranjou, por bulla do papa Paulo III, os meios fructos, com pensão para um Jeronimo Pereira, seu filho bastardo, que os comeu em quanto viveu, e por sua morte os passou a D. Antonio Pereira, irmão do conde da Feira, por bulla do papa Pio IV.

Por morte do tal abbade, D. Paulo Pereira, e vagando a egreja, Antonio Pereira Marramaque, padroeiro que era d'ella, a deu a um seu criado, Gregorio Francisco, o qual renunciou os fructos em uma capella que o dito Antonio Pereira fez no seu morgado da Taipa, reservando para si *apenas cem ducados de ouro de camara*, que é o que ficou aos seus successores.

(Cada ducado valia 1$000 réis, pelo que, até 1834, ficou apenas para o abbade réis 100$000.)

Os mais fructos ficaram pertencendo ao morgado da Taipa, de que foi ultimo possuidor (e ultimo padroeiro da egreja, como já disse) o tal D. Gastão José da Camara Coutinho; para o que se impetrou bulla do papa Pio IV.

Tinha dois juizes ordinarios e mais officiaes da camara, cuja cabeça e praça publica era no logar das Pereiras (onde está a *casa do Paço*) e alli se fazia audiencia a todo o concelho de Cabeceiras de Basto.

Tem quatro feiras — a 25 de novembro, 13 de dezembro, 24 e 25 de fevereiro, e a chamada o *feirão*, a 27 de março. Tem tambem mercado a 27 de cada mez.

Corre pela freguezia o rio de Santa Senhorinha, que rega e móe.

O povo d'aqui, além de outros muitos, tinha o privilegio de não dar palha nem verde para os cavallos do real serviço.

Vide Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Mondim de Basto.

**BASTUÇO** (Santo Estevão) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Situada em um valle fertil.

O reitor do collegio de Santo Agostinho de Lisboa, (Graça) apresentava aqui o vigario. Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de Sant'Anna do Vimieiro. O vigario tinha 35$000 réis, e o collegio 100$000 réis.

Parte do monte d'Ayró é d'esta freguezia, e n'ella nasce (no sitio da Lavandeira) um ribeiro que morre no rio Pousa.

Alguns lhe dão o nome de Penha Fiel, por causa dos penhascos dos montes d'Ayró, onde esteve um antiquissimo castello, do qual ainda ha vestigios.

O rei D. Fernando o deu por termo a Barcellos, pelos annos de 1375, a rogos do conde D. João Affonso, segundo consta de documentos existentes na camara d'esta villa, onde se lhe dá o nome de Penha Fiel de Bastião. (O sobrenome de Bastião é provavelmente allusivo ao castello, a que alguns antigos chamavam *bastião.*)

Antigamente foi villa (e alguns até sustentam que foi cidade). O P. M. Argaes, lhe chama villa de Pena-fiel.

Auberto lhe dá o titulo de cidade. É verdade que no sitio onde pretendem que ella existiu, ha grandes montões de pedras, que já serviram em construcções, e varios alicerces, occupando uma vasta área, o que prova que houve aqui uma extensa povoação.

Diz o mesmo Auberto, que no anno 718 —*in urbe dicta Rupis fidelis, prope Durium fluvium, passi sunt omnes habitatores in ea.*

Ultimamente, o auctor do *Crysol Purificativo,* pag. 501, col. 1.ª, diz: «Sobre os rochedos escabrosos, cujas raizes lava o Douro, no logar a que hoje chamam as Médas, junto á passagem de Carvoeiro, esteve antigamente uma cidade chamada Penafiel.»

Isto é engano evidentissimo. Vide Aguiar de Souza, Arrifana de Souza, Castello de Souza, Foz do Souza e Penafiel.

Bastuço, no portuguez antigo, significa *bastinho,* (*uço* e *uça* era particula diminutiva).

**BASTUÇO** (S. João Baptista)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está annexa á antecedente.

Situada junto ao monte d'Ayró, e ao N. d'elle, e d'aqui se descobre Braga, Barcellos, Villa do Conde, muitas povoações menores e uma vasta extensão de mar.

O cura era annual, amovivel *ad nuttum,* apresentado pelo cabido da collegiada de S. Pedro de Vallença do Minho, e tinha de congrua 28$000 réis e o pé d'altar.

O tal cabido recebia aqui os dizimos e *sanjoanneiras,* o que andava por uns 70$000 réis.

Ha nos montados d'Ayró, pertencentes a esta freguezia, a capella de S. Silvestre, em cujo sitio se diz terem habitado os mouros. Foi feita por João Pinheiro de Mendanha.

O povo d'esta freguezia era obrigado, em tempo de guerra, a defender a praça e presidio de Lindoso.

E' terra muito fertil.

Passa aqui o ribeiro Real, que nasce n'esta mesma freguezia, em um sitio chamado Agollada, ou a Gollada, e morre, junto a Barcellos, no Cávado. Rega e moe.

No civel, era esta freguezia sujeita a Barcellos e no militar tinha por mestre de campo o commendador de Chavão, da Ordem de Malta, ao qual pagavam annualmente cento e tantos mil réis de fôro, por uma chamada *honra* de S. João e S. Pedro de Sá, que é um logar da freguezia de Sequiade, immediata a esta.

No sitio da tal capella de S. Silvestre, ainda se encontram tenues vestigios de construcções antiquissimas.

No monte d'Ayró (tambem chamado antigamente Monte Aureo, d'onde deriva Monte Ayró e depois Monte d'Ouro) ha muita caça. Vide Ayró. A mesma etymologia.

**BATALHA**—villa, Extremadura, comarca e 11 kilometros ao SO. de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 2:500 almas, 630 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Exaltação da Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia comprehende 51 fogos da freguezia de Maceira, concelho de Leiria.

E' capital do concelho do seu nome, composto apenas d'esta freguezia e da de Reguengos, com 1:092 fogos.

Feira a 15 de agosto, tres dias.

Situada em uma baixa. O bispo de Leiria apresentava aqui o vigario, que tinha réis 50$000 e o pé d'altar.

Tem Misericordia e hospital.

—

Sumptuosissima egreja e convento de frades dominicos, de architectura normando-gothica, um dos mais bellos edificios do mundo, n'este género. Foi fundado por D. João I, em memoria da assombrosa e gloriosissima victoria d'Aljubarrota, ganha em 14 de agosto de 1385 (vide Aljubarrota).

Na capella chamada de D. João I, está um grande tumulo de marmore, onde jaz o mesmo rei e sua esposa D. Philippa. Sobre o sarcophago estão as estatuas d'elles.

Querem alguns que Matheus Fernandes fosse o architecto d'esta magestosissima fábrica; mas é mais provavel que o seu architecto seja o proprio constructor, Affonso Domingues. Cegando este, veio substituil-o o flamengo Ouguet; mas, sendo infeliz na construcção da admiravel casa do capitulo (salão immenso, abobadado, sem columna ou pilar algum que sustente a abobada, (de *ponto abbatido*) que por duas vezes deixou cair, ao tirarem-se os *simplices*, dizendo por isso que era impossivel effectuar-se o risco. Affonso Domingues disse ao rei, que, mesmo cégo como estava, se comprommettia a executar o desenho, na sua fórma primitiva; pelo que D. João I o tornou a encarregar da obra, concluindo então a pasmosa abobada com a maior felicidade.

A casa do capitulo é quadrada e tem de cada lado 19 metros, e portanto de circumferencia 76.

N'esta casa jaz o rei D. Manuel e seu neto, o principe D. Affonso, que morreu em Santarem, da queda de um cavallo.

As *Capellas imperfeitas*, obra do rei D. Manuel, são de uma magnificencia indescriptivel. É impossivel trabalhar-se em pedra com mais gôsto e delicadeza. Seus ornatos são mimosissimos, sobre tudo o primoroso *rendilhado* do portico.

Finalmente, tudo n'este magestoso edificio é da maior sumptuosidade e aprimorado gôsto, e nem os estreitos limites de um diccionario comportam minuciosas descripções, nem eu me julgo competente para descrever tantas maravilhas da arte. Além d'isso, tantas vezes teem sido descriptas todas as partes d'este admiravel monumento, por distinctos entendedores portuguezes e estrangeiros, que seria temeridade da minha parte o querer-lhe accrescentar alguma cousa; ainda que estou certo de que, por muito que se diga

«*Muito mais fica ainda por dizer.*»

O edificio de Santa Maria da Victoria da Batalha, é uma epopéa de marmore, é um monumento levantado ás crenças religiosas de nossos avós, ao seu nobilissimo amor da patria, á sua admiravel bravura e ás artes portuguezas. Em toda a Europa, e talvez em todo o mundo, não ha edificio d'esta ordem architectonica que possa com este rivalisar. Principiou em 1388.

O celebre e profundissimo cardeal Vicente Justiniano (italiano) quando veiu a Portugal, disse de Lisboa: *Vidimus orbem in urbe.* (Vimos o mundo n'uma cidade.) De Setubal disse: *Vidimus opidum lapide cinctum.* (Vimos uma villa murada de pedras preciosas.) Porque toda a pedra é jazpe; nem por aqui ha d'outra. Disse de Coimbra: *Vidimus urbem undique ridentem.* (Vimos uma cidade por toda a parte risonha.) E, finalmente da Batalha, apenas poude dizer pasmado: *Vidimus alterum Salomonio templum!* (Vimos um outro templo de Salomão!)

Para se fazer uma idéa aproximada da magestade com que foi construido este edificio, direi o seguinte:

O corpo da egreja tem de comprido, até ao primeiro degrau da capella-mór, 66 metros, e d'ahi até ao fundo da mesma capella mór, 14; ao todo 80. Tem de largo 22 metros e de alto, no centro, 33. É de 3 na-

ves. As paredes tem $2^m,66$ de espessura. Toda a obra é de bellissimo marmore branco. Além dos reis e rainhas que aqui estão sepultados, estão tambem: o celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu, senhor da Covilhã, mestre da Ordem de Christo, fundador da villa de Sagres, e o promotor das grandes descobertas dos portuguezes. Era filho de D. João I. A sua estatua de marmore, que está sobre o seu tumulo, tem na cabeça a corôa real, porque foi eleito rei de Chypre. Jazem aqui mais infantes e pessoas notaveis.

A egreja e todas as mais officinas são de abobada com esplendidos ornatos e *laçarias*. Na egreja ha muitas reliquias.

D. João I lhe deu 15 santos de prata, 28 calices do mesmo metal (quasi todos doirados.) Mais lhe deu o mesmo rei: 14 pares de galhetas; 5 caldeiras com seus hysopes; 8 turibulos; 6 navetas; 4 cruzes grandes; 9 mais pequenas; 2 castiçaes grandes e 12 mais pequenos; 6 grandes tocheiros; 7 alampadas grandes; 1 lanterna; 5 caixas de hostias; 2 gomis; 2 grandes pratos de agua ás mãos, para os mesmos gomis; 5 portapazes e duas campainhas, tudo de prata e do peso de 18 arrobas e de um grande valor artistico.

Deu-lhe tambem muitos e riquissimos paramentos de veludo e sêda, batidos a ouro e prata, de um luxo e riqueza deslumbrantes.

Algumas capas, casulas e dalmaticas tinham tanto peso de ouro, que só serviam para se mostrarem e não para se vestir.

Todo o portuguez devia ir, pelo menos uma vez na sua vida, visitar o convento da Batalha.

Quem quizer ter mais amplas noções d'esta pasmosa fabrica, veja a bella obra de *Murphy* (competentissimo na materia) illustrada com magnificos desenhos e escripta com muita elegancia. É tambem de grande merecimento a *Memoria* escripta pelo cardeal fr. Francisco de S. Luiz, a este respeito.

—

A villa da Batalha teve principio com as varias casas e officinas que se construiram para habitação e mestéres dos operarios, mestres, directores, fiscaes e mais empregados da fabrica do magestoso convento.

É pequena e não tem edificio algum digno de nota.

Passa aqui o pequeno rio Lena (que perde o nome em Leiria, juntando-se ao Liz.) Na estrada real de Lisboa ao Porto, tem, perto da villa e do convento, uma linda ponte, feita em 1845, de uma architectura imitanto a do mosteiro. Tem de cada lado da ponte duas moradas de casas, pequenas (para guardas) arremedando o estylo architectonico da ponte.

Nunca teve foral.

—

No sitio onde começou a batalha, mandou o condestavel D. Nuno Alvares Pereira fazer uma capella dedicada a S. Jorge, que ainda existe, na estrada de Lisboa para Leiria. Dedicou-a a S. Jorge, porque, até esse dia sempre glorioso, os portuguezes e hespanhoes invocavam nas pelejas, S. Thiago, e então principiaram, pela primeira vez, os portuguezes a invocar S. Jorge, dizendo: *São Jorge, Portugal!*

O termo d'esta villa é fertil, e cria bastante gado. Ha tambem caça e peixe.

Proximo da villa ha minas de azeviche (a que os romanos chamavam *gagates.*)

Perto d'esta villa, no Chão da Feira, no dia 27 de agosto de 1837, o general setembrista, barão do Bomfim, derrota os marechaes Terceira e Saldanha, fazendo-os fugir para Traz-os-Montes. (Vide Brancas.)

**BAULHE** — (Vide Arco de Baulhe.)

**BAUREZES** — (Vide Banrezes.)

**BAZAR** — É a palavra persica *Bazár*, adoptada pelos arabes. Significa praça ou feira onde se vendem toda a qualidade de mercadorias. Os bazares permanentes, eram, pela maior parte, cobertos.

Havia-os tambem moveis, isto é, como arraiaes ou acampamentos, e d'estes trata Fernão Mendes Pinto, nas suas *Peregrinações*, dizendo, no cap. 2.º, pag. 13: *El-rei se recolheu e o bazar se levantou.*

Os persas chamam aos negociantes ou mercadores, *Bazárkan.*

**BAYANÇA** — (Vide Bajanca.)

**BAYÃO**—villa, Douro, 60 kilometros ao NE. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 450 fogos, 1:600 almas, no concelho e comarca, 4:650 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da comarca de Sobre-Tamega.

Foi seu ultimo donatario Fernando Martins de Sousa Coutinho, por morte do qual ficou para a corôa.

Situada na direita do rio Douro, na descida do monte *Toaraz*, e tem por limites, do lado do S., o dito rio.

D'aqui se vê Sinfães, S. Christovão de Nogueira e outras freguezias da margem esquerdà do Douro, e Paços de Gaiôlo, Paredes e Mesquinhata, na direita.

Havia na freguezia de Bayão a *honra da Lage*, com juiz ordinario, que o povo elegia na segunda oitava do Natal.

Os logares que pertenciam a esta *honra*, eram: Lagè, Olival, Bayrral, Outeirinhos, Villa Pouca, Vallados, Arrabalde, Arrabal-de-d'Além e Valle de Soval.

Teve até 1834, 13 companhias de ordenanças, com seus capitães e commandadas por um capitão-mór.

A matriz está n'um alto.

Os marquezes de Arronches (e não o convento de Ancêde, como diz Brandão, na *Monarchia Lusitana*) apresentavam os abbades d'aqui, que tinham 500$000 réis de rendimento.

No principio do seculo XII era do real padroado; por isso, a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, a deu, em 1112, a *D. Froyla Espasso*. Já disse quem foi o seu ultimo donatario.

É terra muito fertil em cereaes e toda a qualidade de fructos, e produz optimo vinho verde.

As vitellas de Bayão são de um gosto especial. Cria bastante gado de toda a qualidade, tem muita caça nos seus montes e optimo peixe no Douro, por cujo rio faz grande commercio com a cidade do Porto, havendo para isso muitos barcos.

É aqui o solar dos verdadeiros Bayões, descendentes de D. Arnaldo de Bayão, terceiro avô de D. Egas Moniz, e tronco dos Azevedos, dos Monizes e de outras nobilissimas familias d'este reino.

É povoação antiquissima, pois já era de bastante nomeada no tempo dos godos.

O concelho de Bayão é composto das (19) freguezias seguintes: Ancêde, Campêllo, Campo de Gestaço, Covellas, Santa Cruz do Douro, Frende, Góve, Grillo, Santa Leocadia de Bayão, Loivos do Monte e Tellões, Loivos da Ribeira, Mesquinhata, Ovil, Teixeira, Teixeiró, Trezouras, Valladares, Viariz e Zêzere.

Não me consta que tivesse foral antigo. D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, no primeiro de setembro de 1513.

Já que fallei de D. Arnaldo de Bayão, direi:

Este guerreiro era allemão, e sendo despojado do seu ducado, pelas vicissitudes das interminaveis guerras d'aquelle tempo, se veio ás Hespanhas batalhar contra os mouros, pelos annos 985 de Jesus Christo, e taes provas deu de valor nos combates, que D. Bermudo II de Castella e Leão (pae de Affonso IV de Castella, que morreu atravessado por uma seta, estando a sitiar a cidade de Vizeu, em 1027), lhe deu em premio varias terras em Bayão, recentemente resgatadas por D. Arnaldo do poder dos mouros. D. Affonso IV o fez rico-homem, o maior titulo d'então.

D. Arnaldo casou com uma senhora portugueza chamada D. Suffa, ou Uffa, que morava em uma quinta situada sobre a margem direita do Douro, em frente das Pedras de Linhares, a 36 kilometros a NE. do Porto.

A esta quinta ainda hoje se dá o nome de «Quinta da Uffa.»

De D. Arnaldo e D. Uffa nasceram D. Guido Arnaldes de Bayão, (tronco dos Pachecos, Tavares, Mellos e Rebotius) e D. Gozendo (ou Gundezindo) Arnaldes de Bayão, fundador da honra de Gozende.

Este foi pae de D. Egas Gozendes de Cima dó Douro e Bayão, que foi pae de Hermigio Viegas, pae do sempre famoso D. Egas Moniz, aio de D. Affonso I. de Portugal.

D'este Hermigio Viegas é que procedem os Azevedos de Bayão, e o celebre classico

Francisco de Sá de Miranda. (vide Lama e Tapada.

D. Arnaldo fundou o convento de frades benedictinos d'Arnoya. (vide Arnoya.)

As armas dos Azevedos são escudo esquartellado—no segundo e terceiro d'azul, 5 estrellas de prata, de 5 pontas, em aspa—no primeiro e quarto, em campo d'ouro, uma aguia de negro. Orla de púrpura carregada com 8 áspas d'ouro—elmo de prata, aberto, e por timbre, a aguia das armas, com uma das estrellas d'ellas no peito.

**BAYÕES**—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao NO. de Vizeu, 285 ao N. de Lisboa. 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Parte d'esta freguezia era antigamente da jurisdição de Lafões, parte do Couto do Banho e parte da commenda de Ansemil, da Ordem de Malta.

Está situada na raiz de um monte, d'onde se vê ao S., Vousella e as aldeias de Ventosa, Fataúnços, Figueiredo das Donas e Lameira.

A Mesa capitular de Viseu apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 200$000 mil reis.

Proximo á egreja, e no cume de um monte, está a capella da Senhora da Guia. É tradição que houve aqui uma atalaya de mouros, do que ha as ruinas dos muros. Tem-se aqui esgravatado muito para procurar thesouros encantados, mas sem effeito.

E' terra muito fertil, e cria muito e muito bom gado de toda a qualidade.

**BEATO-ANTONIO**—freguesia, Extremadura, proximo de Xabregas, concelho dos Olivaes, comarca, e 5 kilometros EN. E. de Lisboa, 510 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Teve um convento da congregação de S. João Evangelista, o qual está hoje reduzido á casas particulares, armazens e fabricas. Foi fundado por D. Isabel, mulher de D. Affonso V. pelos annos 1480; mas foi depois muito augmentado. A actual egreja foi feita a desde os alicerces em tempo de el-rei D. Sebastião, por diligencias do conego frei Antonio da Conceição; beatificado no seculo passado e desde então conhecido por Beato Antonio; nome que tambem ficou ao sitio, que até ahi tinha a invocação e nome de S. Bento de Xabregas.

D. Sebastião era muito amigo de frei Antonio da Conceição e veio despedir-se d'elle quando foi para a malfadada jornada d'Africa, e lhe pediu que o encommendasse a Deus. O templo era um dos mais vastos e bem construidos de Lisboa. Resistiu ao terramoto de 1755, mas não poude resistir ao de 1834, sendo então roubado e profanado. Hoje é um estabelecimento industrial de que adiante tratarei.

Aqui jazia (e não sei se ainda jáz) a infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte e estavam aqui os tumulos dos antigos condes de Linhares, sustentados por elephantes de marmore. Ao lado da egreja estava o celebre *Embrexado*, muito concorrido do povo de Lisboa e seu termo.

Sobre a margem direita do Tejo, erguia-se no fundo de uma alameda d'arvores annosas este bello templo, com alta fachada de cantaria, coroada por duas torres e varias pyramides.

—

A egreja d'este mosteiro foi a matriz da freguezia até 1834. Depois da sua profanação, foi elevada a egreja parochial a do recolhimento de Nossa Senhora do Amparo e (vulgarmente conhecido por o nome de *Grillo*) e na rua d'este nome.

Ainda aqui ha recolhidas e educandas.

—

Ha tambem aqui o convento de freiras *agostinhas descalças* (grillas) o unico de freiras d'esta ordem, em Portugal. Havia mais 16 conventos de *grillos* (dos quaes era a cabeça o convento dos grillos de Lisboa) mas eram do sexo masculino.

Este convento ainda está habitado por algumas freiras e seculares.

—

Está freguezia, situada sobre a margem

direita do Tejo, em formosa posição, é muito extensa, pois desde o *Poço dos Mouros* e ainda dentro das portas da cidade de Lisboa (Cruz da Pedra) até á esquina da calçada das Lages, portence a esta freguezia.

Tambem está dentro dos seus limites o cemiterio oriental (Alto de S. João). Isto pelo O.; e pelo NE. termina proximo á estação do caminho de ferro de norte e leste, do Poço do Bispo.

O Beato Antonio é um passeio predilecto de muita gente de Lisboa, sobretudo da classe artistica e principalmente aos domingos e dias santos.

—

No edificio do extincto convento dos congregados de S. João Evangelista (Beato) está actualmente montado um importante estabelecimento industrial, de que é proprietaria a firma social de João de Brito, hoje representada por suas filhas e genros. Consiste em moagem de cereaes e fabríco de pão e de bolacha, de muitas qualidades, rivalisando com as melhores do estrangeiro. O motor empregado é o vapor.

Tem vastos e ricos armazens e depositos de vinhos superlativos, aqui beneficiados, exportando annualmente alguns milhares de pipas.

Tem amplas e bem montadas officinas de tanoaria, serralheria, latoeiro de folha branca e carpinteria.

Este vasto estabelecimento industrial, já hoje dá emprego a perto de 200 pessoas, e muitas mais virão ainda aqui a achar pão e trabalho, pois que os seus proprietarios estão actualmente construindo um grande e novo edificio, de quatro pavimentos, para ampliarem esta patriotica fabrica.

O sr. João de Brito (já fallecido) dispendeu muitas dezenas de contos de réis n'esta auspiciosa empreza, construindo, além de tudo o já referido, amplos armazens e arrecadações necessarias aos differentes ramos da sua industria, bem como bonitas e commodas casas, para habitação dos seus empregados e operarios. Conseguiu, á força de trabalho e enormes despezas, ampliar em grande parte, estes terrenos, do lado do sul, transformando os lamaçaes ascorosos e infectos da margem do Tejo, em bellas casas de residencia e uteis armazens. Pelo norte reduziu tambem a bons predios, terrenos incultos e improductivos.

Finalmente, o sr. Brito, e agora seus herdeiros, não se teem poupado a trabalhos e despezas, para fazerem d'este sitio, antigamente de insignificante valor, um dos mais importantes estabelecimentos industriaes dos arrabaldes de Lisboa.

—

O sr. Brito fez grandes serviços a esta freguezia, não só com esta audaciosa empreza, e com as commodidades que proporcionou aos seus operarios; mas tambem porque, com o seu exemplo, animou outras pessoas a imitarem-o; e já os srs. Viuva Macieira e Filhos e Francisco Rica, construíram vastos e solidos armazens (que actualmente servem de deposito de petroleo, os da sr.ª Macieira e Filhos, por conta propria, e os outros pela dos arrendatarios), sobre as margens lodosas do Tejo, conseguindo enriquecer e aformosear esta terra, ampliando-a, e diminuindo as más condições de salubridade d'estes sitios.

—

Era muito para desejar e seria um grande beneficio publico, que se organisasse uma boa sociedade ou companhia, que emprehendesse construir predios sobre os vastos, estereis e insalubres lamaçaes d'esta freguezia, que o Tejo deixa a descoberto nas vasantes, com grave prejuizo da saude publica. Esta empreza, além da prosperidade que occasionaria á terra, certamente auferiria interesses que lhe remunerariam auspiciosamente os capitaes tão utilmente empregados.

—

Os operarios do estabelecimento do sr. Brito instituiram uma optima philarmonica marcial, onde elles mesmos executam, com perfeição e maestria, lindos trechos das peças de mais voga. O regente é o sr Campos, antigo mestre de musica de infanteria 10.

—

Ha aqui a Associação Humanitaria, fundada pelos mesmos socios, e sustentada pelas suas quotas.

Esta philantropica instituição tem já produzido os seus fructos, soccorrendo por muitas vezes e generosamente os seus socios necessitados.

D'este estabelecimento nasceu outro, que se denominou Associação de Beneficencia, administrado pela mesma direcção, que é um verdadeiro instituto de caridade, para soccorrer pessoas necessitadas, alheias á instituição.

Ainda a mesma direcção superintende com a maior solicitude, na administração da escola Casal Ribeiro.

Esta escola é na casa da quinta denominada *Quintinha*, propriedade do sr. João Baptista de Mattos Moreira.

Foi fundada pelo motivo seguinte:

A virtuosa mãe do sr. José Maria do Casal Ribeiro, conde de Casal Ribeiro, tinha mostrado vehementes desejos de fundar uma escola de instrucção primaria e portuguez, na freguezia dos Olivaes ou n'esta; porém o seu fallecimento obstou ao cumprimento do seu caridoso desejo.

O sr. conde, filho extremoso d'aquella exemplar senhora, mostrou que o seu amor filial não terminava com a morte de sua mãe; e, tendo ella fallecido n'esta freguezia, foi ella preferida, e aqui fundou esta bella casa de educação, para o que deu um capital de 10:000$000 réis em inscripções, para estabelecer um rendimento annual de 300$000 réis, que é a dotação da escola.

—

É n'esta freguezia o antigo palacio e extensa quinta (atravessada pelo caminho de ferro do norte e leste) chamada *Quinta do Duque*, propriedade dos srs. duques de Lafões.

A *Quinta da Mitra*, que era do patriarchado. Foi vendida em hasta publica, como bens nacionaes, e é hoje propriedade do sr. marquez de Salamanca, que reedificou o palacio e a quinta com grande sumptuosidade; e é hoje uma encantadora vivenda.

A *Quinta das Pintoras*, construida pelo sr. Constant Burnay, que de um olival fez um formosissimo jardim. Tem uma bella casa de campo, ornada com magnificencia, e com um rico jardim de inverno.

—

Ha n'esta freguezia muitas fabricas de varias manufacturas, em Xabregas e Chellas. (Vide estas palavras.)

É pois a freguezia do Beato uma das mais vastas, ricas e industriaes dos arrabaldes de Lisboa, e o seu movimento commercial annual orça por centos de contos de réis.

**BEAU-SEJOUR**—graciosa residencia na freguezia de Bemfica (arrebaldes de Lisboa.) fundada pela sr.ª condeça da Regaleira, em 1850. E' hoje do sr. barão da Gloria.

**BEBA**—a honra de Beba era na Beira-Alta, 18 kilometros a Oeste de Lamego, entre os concelhos de Rezende e Arégos.

D. Diniz creou esta honra e a deu, com todos os seus fóros e reguengos, aos Lobos, padroeiros do Mosteiro de Jasente (que hoje é abbadia secular.)

Os Lobos vieram então morar para aqui, na quinta da Torre, onde construiram um palacio do qual só restam as ruinas.

Passou esta honra para o tristemente célebre Christovão de Moura (primeiro marquez de Castello Rodrigo) que lh'a deu Philippe II, (que tambem o fez marquez.) Depois da acclamação de D. João IV, foram sequestrados todos os bens da corôa, aos descendentes do tal Moura (por seguirem as partes de Castella) e o rei deu então esta honra a Pedro Borges Botelho (senhor da casa e quinta de Villa-Pouca, em Rézende) em 1641.

Por herança passou esta honra para os Teixeiras, morgados de *Bafoeiras*, em Arégos.

Os logares que formavam esta honra eram os seguintes:

Canizes, Quinta da Torre, Entre Aguas. Celleiro, Rua Ferreira, Casa Nova, Pêso, Pesinho, Fernandes, Costa, Palmas e, finalmente, a capital da honra, que era a Quinta da Beba.

Tinha juiz ordinario e dos orphãos, procurador, escrivão da Camara; e no militar obedecia ao capitão-mór d'Arégos. A casa da Camara era no logar de Rua-Ferreira. Fertil.

**BEBERRIQUEIRA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 4$500 metros de Thomar, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 256 fogos.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Patriarchado—districto administrativo de Santarem.

Era da corôa. Situada em montes e valles, d'onde se avistam muitas povoações, o convento de Christo, de Thomar, a maior parte d'esta cidade, a villa da Asseiceira, o convento de capuchos da Annunciada, o de S. Francisco e o de Santa Sitta.

O vigario tinha coadjutor e ambos eram da ordem de Christo, apresentados pelo rei, como grão mestre da ordem.

O vigario tinha dois moios de trigo, 56 alqueires de milho, 40 de cevada, 26 almudes de vinho mosto, 6 alqueires d'azeite e réis 20$000 em dinheiro.

O coadjutor tinha, 126 alqueires de trigo, 13 almudes de vinho mosto, 6 alqueires d'azeite, uma arroba de cêra e 8$000 réis em dinheiro.

E' terra muito abundante d'aguas e fertil. passa-lhe pelo meio a ribeira da Louzan, pelo Oeste, o rio Nabão e pelo E. o Zêzere. É pois tambem muito farta de peixe d'estes rios.

Tem prosperado muito esta freguezia e augmentado a sua população, pois ainda em 1760 só tinha 60 fogos!

**BEÇA** ou **BESSA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Aqui nasce o rio do seu nome, que é o seguinte.

E' terra fria, mas fertil, e cria bastante gado.

O abbade era apresentado pela casa de Bragança (donataria da freguezia) e tinha réis 200$000 de rendimento.

**BEÇA**—rio, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto. Nasce em Traz-os-Montes, na freguezia acima, pobre d'aguas; mas depois, engrossando com varios ribeiros e regatos, se torna caudaloso e arrebatado, e cria muito bom peixe.

Em sitios corre por entre penhascos, mas nos valles por onde passa tem muito arvoredo e em partes são as suas margens cultivadas e ferteis.

Morre no Tamega defronte do logar de Daivãos, com 35 kilometros de curso.

**BÊCO**—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zezere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

E' no termo de Dornes, d'onde dista 4 kilometros.

Foi commenda da casa do infantado.

Está entre basto e frondoso arvoredo.

A egreja é de 3 naves.

O vigario era freire professo da Ordem de Christo, e apresentado pelo rei, como grão-mestre. Tinha de renda 26$000 réis em dinheiro e 60 alqueires de trigo, pagos pela commenda.

E' terra fertil. Tem muita castanha e grande abundancia de madeira de castanho, o que tudo exporta para Lisboa em grande quantidade, com o que faz bom commercio.

Ha aqui a serra de S. Paulo, da qual é tradição dizerem os mouros:

«*Entre a serra de S. Paulo e a do Monte-Minhoto me ficou meu bem todo.*»

Acreditam os d'aqui que os arabes deixaram n'este sitio grandes riquezas escondidas, quando foram expulsos de Portugal.

Diz-se que, effectivamente, aqui teem apparecido por varias vezes objectos de preço

No alto da serra estão as ruinas da capella de S. Paulo.

E' esta serra um morro, separada das outras serras em fórma de pyramide, e os mouros a minaram, fazendo assim uma praça, á maneira de Gibraltar, que podia conter tres ou quatro mil soldados. D'aqui sahiam a fazer correrias nas terras dos christãos.

Parece que a sua etymologia é derivada da palavra turca *Beiq* (que se pronuncia *bé-que*). E' o mesmo que *capitão*. Vem pois a ser—Povo do Capitão.

(Couto, na *Década* 7.ª cap. X, pag. 135

escreve *Bec.* Diz elle:— «*Era n'esse tempo capitão um Califa, Mahomed Bec, turco de nação, e grande inimigo dos portuguezes.*»)

Entre esta freguezia e a cidade de Leiria ha uma egreja arruinada com vestigios de convento. Fr. Luiz de Sousa diz que houve aqui em tempos remotos um convento de monges benedictinos, destruido pelos arabes em 717.

**BEDUÍDO** ou **S. THIAGO DE BEDUÍDO** — (hoje *Estarreja*) Esta freguezia, na provincia do Douro, dividia-se em duas partes. A primeira constituia a villa de Estarreja (chamada antigamente *Antuan*) e ficava na provincia da Beira Alta, bispado do Porto, comarca de Esgueira, e eram donatarias d'esta parte as freiras de Arouca.

A freguezia de S. Thiago de Beduído tinha em 1757 564 fogos.

Fabrica-se aqui grande quantidade de azeite de peixe. Alguns annos mais de 80 pipas. Exporta-se para a Inglaterra, indo até ao Porto pelo caminho de ferro do Norte, que passa aqui.

É situada em campina, d'onde se vê Sarrazolla e Villarinho no bispado de Coimbra.

Tem seu termo, que comprehendia toda a freguezias de Veiros e a maior parte da de Santa Maria de Murtoza (de Veiros), e as freguezia, inteiras de Pardilhó, Bunheiro e Avanca e parte da de Salreu.

Na parede da egreja matriz de S. Thiago tem em uma pedra a inscripção seguinte:

«*Reinando D. Affonso III, Senhor rei de Portugal, no anno do Senhor 1253.—D. Vicente, bispo do Porto, dedicou esta egreja a 10 de fevereiro, e fez reitor d'ella, Pellagio, para gloria de Deus e de S. Thiago.*»

O reitor era feito a concurso, e tinha de renda uns 200$000 réis.

E' terra muito fertil.

Tinha a villa de Estarreja dois juizes ordinarios, postos pelo rei até ao anno de 1700, e de então até 1834 pelas freiras de Arouca.

Tinha senado da camara e era cabeça de concelho.

Feira, no Terreiro de Santo Amaro a 15 de cada mez, e no mesmo sitio, feira de anno a 25 de julho.

A segunda parte d'esta freguezia contém o logar de Sandeães, de que eram donatarios os marquezes de Angeja, e comprehendia as aldeias de S. Thiago, Areosa, Souto, Deveza e Barreiros.

E' tambem situada em campina, e d'aqui se vê a villa da Bemposta e o logar do Pinheiro. Esta parte é do bispado de Coimbra.

Pela freguezia passa o rio *Antuan* ou *Antuão.*

É a palavra arabe *Badaui*, que nós dizemos *bedoin* ou *bedoíno*. Significa—homem rustico, que vive no campo, camponez, payzano. Vem a ser—freguezia *dos camponezes.*

O primeiro conde de S. Thiago de Beduído foi Lourenço de Sousa, por D. Affonso VI, em 12 de novembro de 1667.

(Vide Estarreja, onde vae o que se não encontra aqui.)

**BEETIS** — (portuguez antigo) filho de Bento (antigamente *Beito.*)

**BEGA** — rio, Beira Alta, nasce nas visinhanças da Senhora da Lapa, e engrossa com varios ribeiros. Cria bom peixe.

Tem sete pontes de cantaria, que são na villa de Ferreira e nas freguezia de Cotta, Lordosa, Calde, S. Pedro do Sul, Caldas de Vousella, e a ultima proxima a Aveiro.

Rega, móe e tem pizões.

Desagua no mar proximo a Lordosa.

**BEIROLLAS** — pequena aldeia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e 8 kilometros a ENE. de Lisboa, sobre a margem direita do Tejo, e 500 metros ao S. do caminho de ferro do Norte e Leste (Poço do Bispo).

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em bonita posição, d'onde se vê Alcochete, Barreiro, Almada e outras povoações ao Sul do Tejo.

Tem um forte, e n'elle o paiol da polvora da 1.ª divisão, com um destacamento para a sua guarnição. Até 1834 tinha uma companhia de veteranos.

É terra fertil, como todas as d'estes sitios.

**BEETRIA** — (tambem se dizia *Beetria*

*Veetria*, *Beatriz*, ou *Briatis;* e tambem era nome de mulher).

Bluteau diz que *Behetria* é corrupção de *benefactoria*.

A *Lei das Partidas* diz—«*Veetria tanto quiere dezir como herediamento, que es suyo, quito de aquel que vive en el, y puede recibir por señor à quien quisere, y mejor lo faga, etc.*»

Chamava-se antigamente *behetria* aos bens de raiz que qualquer possuia por herança, e onde vivia sem ter senhorio.

Estas terras eram dadas em recompensa de grandes serviços feitos á patria, com estes privilegios e tambem para promover a povoação de certos logares, e vendas ou estalagens que se faziam em sitios desertos.

Honras de behetria era ser senhor das suas propriedades, sem pagar fôro. Os habitantes de behetrias podiam tomar ou largar senhores á sua vontade.

O rei D. Manuel supprimiu as behetrias por uma lei que vem nas suas *Ordenações*.

As behetrias que havia em Portugal eram Ovelha do Marão, Canavezes, Gallegos, Mezão-frio, Villa Mean (de Canavezes), Cidadelhe, Paços de Gaiôlo, Gontige, Varzea da Serra e Campo Bem Feito.

**BEÍJAMES**—rio, Beira-Baixa, que nasce no sitio de Vallongo, ou Nave da Gadelha (ou Guedelha) a 9 kilometros da freguezia de Verdelhos. Morre, com 12 kilometros de curso, no Zêzere, 3 kilometros acima de Valhelhas. É de curso arrebatado, correndo por entre penedias. Cria muito bom peixe.

Suas margens são arborisadas e em partes cultivadas e ferteis. Tem muitos moinhos e rega. Tem trazido areias d'ouro.

**BEIJÓS**—ribeira, Beira-Alta. Nasce distante 6 kilometros da freguezia de Beijós, no districto de Carvalhal Redondo. Suas margens se cultivam e teem muitos salgueiros com videiras, que dão muito vinho verde. Tem muitos lagares d'azeite, moinhos, e pisões. Rega.

Em Beijós (aldeia) tem uma ponte de cantaria.

Janta-se-lhe a ribeira Boiçó, e morre no Dão, 3 kilometros abaixo da freguezia de Beijós, no sitio do Caldeirão.

**BEIJÓS**—freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba Dão, cencelho do Carregal, 30 kilometros de Vizeu, 240 ao NE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do termo d'Oliveira do Conde. Situada em um valle, d'onde nada se avista mais do que a freguezia.

O cura era de apresentação annual do abbade de S. Miguel da Lageosa, e tinha 6$000 réis, e o pé d'altar.

Corre por a freguezia a ribeira do seu nome, que aqui tem uma ponte de cantaria. Pelo fim da freguezia corre um ribeiro anonymo, atravessado tambem por outra ponte de pedra.

É terra muito fertil.

**BEIRA**—provincia, em latim *Béria*, ou Privincia *Cistagana*. Situada entre o Douro e o Mondego, na antiga divisão, que durou até 1834.

Dizem que os povos *berones* entraram na Lusitania, no tempo do imperador Tiberio, e que se estabeleceram n'esta parte d'ella a que deram o nome de Beira, e a elles se foi convertendo o nome de *berones* em beirões.

Dizem outros que se chama Beira, por ser banhada de muitos rios e pela costa do mar que corre desde a Figueira até ao Cabedello, em frente do castello de S. João da Fóz do Douro.

A antiga Beira-Baixa corria desde a Serra da Estrella até ao Tejo; e a Beira-Alta desde a mesma serra até ao Douro, e desde Coimbra até ao mesmo rio Douro. Desde 1737 que os primogenitos dos reis de Portugal se intitularam principes da Beira, até 1834.

A provincia da Beira é no geral abundantissima e uma das que primeiro foram povoadas. Para não ser muito extenso, remetto o leitor para as differentes cidades, villas, povoações, serras e rios d'esta provincia, onde acharão tudo quanto lhe diz respeito.

Direi sómente que a antiga provincia da Beira, foi dividida depois de 1834 em tres secções, formando duas d'elllas as Beiras-Alta

e Baixas e o resto ficou pertencendo á nova provincia do Douro: vindo a crear-se duas novas provincias (Douro e metade da Beira.)

**BEIRA-GRANDE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anciães, 120 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

O cura era apresentado pelo reitor d'Anciães, e tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

**BEIRAL-DO-LIMA** — freguezia, Minho comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros á O. de Braga, 384 de Lisboa. 180 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

Situada em uma linda e fertil ribeira, nas visinhanças do rio Lima, e d'aqui se vê Vianna, a Barca e Arcos de Val de Vez.

O vigario tinha 10$000 réis de congrua e 130$000 réis de incertos. Era apresentado pelo reitor de S. Vicente de Fornéllos.

Nascem aqui dous ribeiros, um chamado Rio-Côvo e outro Revéssa. Ambos morrem no Lima, cada um com 3 kilometros de curso. Regam, moem e trazem peixe miudo.

É terra fertil e muito sádia.

Ha aqui o paço que foi dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, que tem ainda fóros n'esta freguezia.

Passou á casa de Gonçalo d'Araujo. Teve uma altissima torre, que se desmoronou. Foi solar dos *Bubaes*.

**BEIRÃO** — serra, Extremadura, priorado do Crato, freguezia da Varzea de Cavalleiros, termo da Certan. Principia no sitio da Perna-do-Gallego. É um braço da serra do Valle-de-Marco. Tem 6 kilometros de comprimento e 3 de largo. Termina em *Boiçó*.

Matto e caça miuda. Produz algum centeio, nas poucas partes em que é cultivada. Clima sadio e temperado, e cria bastante gado. Ha n'esta serra as aldeias seguintes: D. Maria da Santinha, D. Maria Funceira D. Maria do Perna, Beirão e Machial.

**BEIRE** — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Pertencia antigamente á honra de Louredo. Fica quasi no meio do grande e bonito valle de S. Christovão de Paço de Souza.

D'aqui se veem 22 freguezias, a cidade de Penafiel, o convento do Bostéllo, a serra de Baltar e outras.

Os marquezes de Marialva apresentavam aqui os abbades, que tinham de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil em tudo, e ha aqui muita e optima carne de porco.

Passa aqui o ribeiro *Mezio*, ou *Amezio*, e no valle nascem 25 fontes.

Manuel Pamplona Carneiro Rangel, tenente general, foi o ultimo visconde de Beire. Hoje é visconde de Beire o sr. D. Luiz Benedicto de Castro Pamplona, conde de Rézende e neto d'aquelle general; quando quizer pagar os direitos de mercê.

Panplona é appellido nobre em Portugal. Veiu da cidade de Pamplona (Navarra.) Suas armas são as dos Figueiraes; mas o actual conde de Rézende usa das armas dos Castros legitimos, que são 13 ornellas. (Vide Rézende.)

**BEIRIZ** ou **VEIRIZ** — freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 34 kilometros ao N. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pela Mitra (de Braga) e tinha de rendimento 900$000 réis.

**BEITARÃES** — Vide Bitarães.)

**BEJA** — (a *Paca* ou *Pax Julia* dos romanos) cidade, Alemtejo, séde de bispado e de districto administrativo, 65 kilometros ao OSO. de Evora, 135 ao E. de Faro, 24 ao NO. de Serpa e 130 ao S. de Lisboa, 1:560

fogos, no concelho 4:120, na comarca 7:330, no districto administrativo 27:430.

Está em 37° e 56' de latitude e 13° e 18' de longitude.

Situada sobre um plató com castello e sua torre de *menagem*, obra de D. Diniz, e cercada de muralhas com 40 torres, das quaes apenas restam vestigios de 30, tudo em ruinas, menos a torre de menagem, que está bem conservada.

As fortificações do lado do N. ainda existem, e são susceptiveis de concerto, mas as do Sul teem sido demolidas, para se abrirem novas ruas e se edificarem casas, em razão do augmento de população.

Já no tempo dos romanos era circumvallada de muros, os quaes D. Affonso III reedificou; mas seu filho, D. Diniz, lhes deu nova fórma e mais extensão.

Do alto da torre de menagem se vê uma grande extensão de territorio de Portugal e Castella, e a serra de Cintra, a 155 kilometros de distancia!

Tem por armas um escudo, tendo a um canto uma cidade, e no meio uma cabeça de touro; sobre esta e entre as pontas as armas portuguezas, e uma aguia á direita e outra á esquerda.

Tem umas 6:000 almas. Está repartida em quatro freguezias, que são S. João Baptista, Santa Maria da Feira (Nossa Senhora da Assumpção) Salvador e S. Thiago.

Todas as quatro egrejas matrizes são muito antigas (mesmo como parochiaes). A mais antiga é a de Santa Maria, que, segundo a tradição, foi mesquita de mouros. Não se sabe quando foram feitas; mas, da de Santa Maria se acham memorias em 1282; da de Salvador, em 1306; da de S. João em 1320; e da de S. Thiago, em 1329.

Feira de 10 até 15 de agosto.

Esta feira tinha antigamente grandes privilegios, como a de Aveiro e outras, dados por el-rei D. Manuel.

Beja tem mui lindos e ferteis arrabaldes.

Tem um celleiro commum (especie de Banco rural) creado em 1584, que muito tem concorrido para a prosperidade agricola d'esta cidade.

Tem boas ruas e casas bonitas e um bello pelourinho de architectura manuelina, e casa da Misericordia e hospital. Tem um hospital militar, no convento de Santo Antonio.

Tem um aqueducto, a chamada *Porta do Sul* e varios restos de edificios do tempo dos romanos.

A torre de menagem é obra de D. Diniz (como já disse) bem como o castello e os paços contiguos (de que hoje só restam ruinas) feitos pelos annos 1310.

A torre divide-se em 3 corpos, que nascem uns dos outros, medindo desde o chão até ás ultimas ameias, 40 metros.

É toda de excellente cantaria. Sóbe-se para o seu eirado por 183 degraus.

Tem servido de prisão militar.

Beja tem um lyceu, um theatro e fabricas de loiça ordinaria e cortumes.

—

Era cidade importantissima no tempo dos romanos e praça forte. Foi colonia romana do antigo direito italico e uma das *relações* (convento juridico) de Hespanha. Foi séde de uma das quatro chancellarias em que Augusto dividiu a Luzitania, no anno 3980 do mundo (24 antes de Jesus Christo) e de uma das tres comarcas creadas por Tito, no anno 75 de Jesus Christo.

Ao N. da cidade, fóra da *Porta de Evora*, está a egreja de Nossa Senhora da Graça, e n'ella se venera a imagem de Santo Amaro. Quasi todos os lavradores, de ambos os sexos, dos arredores, e mesmo muitas senhoras da cidade, lhe levam no dia da sua festa pernas e braços (*milagres*) feitos de massa de trigo com ovos, assucar, manteiga, etc, e em tamanha quantidade que andam por quarenta alqueires de trigo, que se gastam em cada anno.

Estes *milagres* são á noite arrematados na egreja, a quem mais dá, e alli mesmo comidos, pois é de fé que quem assim fizer, fica no seguinte anno livre de padecimentos nas pernas e braços.

Foi cidade episcopal no tempo dos godos, e foi aqui bispo Santo Aprigio, varão eminente em lettras e virtudes, que morreu a 3 de janeiro de 530.

O seu primeiro bispo, no tempo dos godos, foi Santo Aprigio (ou Abringio) segui-

ram-se-lhe Santo Urso, Santo Elias e S. Sizenando. Supponho que só teve estes quatro bispos da 1.ª serie, isto é, durante o dominio gothico; depois passou a dignidade episcopal para Badajoz. (O padre Cardoso diz que Santo Aprigio, a que elle chama *Prigio*, foi feito bispo em 531). S. Sizenando viveu no seculo VIII, era talvez o bispo de Beja quando os arabes a occuparam.

Durante a dominação agarena, deixou de ter bispos, e assim esteve até ao reinado de D. José I, que a elevou de novo á cathegoria de cidade episcopal, sendo então seu primeiro bispo o famoso D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas.

Tem estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Em 1339, queixou-se o povo d'esta cidade ao rei D. Diniz, contra os fidalgos, que, nos seus casamentos iam *pedir* aos lavradores, carneiros, gallinhas, porcos, etc., para o que se faziam acompanhar dos alcaides-móres, alvazis (vereadores) e alcaides das aldeias.

O rei, attendendo a tão justissima queixa, prohibiu este uso (ou abuso).

—

No dia 22 de janeiro do anno 308, sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o feroz Daciano, foram martyrisados n'esta cidade os lusitanos christãos e santos, Vicente, Orencio, Victor, Aquilina e Santo Ato, bispo de Pistoya. Seus corpos foram levados a França e sepultados na cidade de *Ebrudano*, proximo aos Alpes.

—

A maior parte dos historiadores antigos dizem que esta cidade foi fundada pelos gallos-celtas, 400 annos antes de Jesus Christo, ignora-se porém o nome que lhe deram e que teve até ao tempo da dominação romana.

Parece que foi occupada pelos carthaginezes, e é certo que os romanos fizeram d'ella uma das suas principaes cidades da Lusitania.

Na invasão dos povos do norte, foi primeiramente occupada pelos suevos e depois pelos godos, e foram estes que a elevaram á cathegoria de séde episcopal.

Caindo em poder dos mouros, em 715, foi resgatada por D. Affonso I, rei de Leão e das Asturias, em 750. Torna a cair em poder dos arabes e é retomada por D. Fruela I, rei de Oviedo, em 753.

O bravo mouro Abd-el-Raman a tornou a conquistar aos christãos, em 760. Foi outra vez resgatada, por D. Ordonho II, em 910 (o sr. I. de Vilhena Barbosa diz que em 914).

Al Mansor, kalifa de Cordova, a tornou a tomar aos christãos em 985, e esteve em poder dos arabes até que D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a reconquista em 1037 ou 1038; mas tornou d'ahi a pouco tempo a cahir em poder dos mouros.

D. Affonso I de Portugal lh'a toma em 1155; porém, tornando a perder-se, a retomou, para sempre, o bravo Fernão Gonçalves, em 29 de novembro de 1162, vespera de Santo André.

Fóra dos muros se fez uma capella dedicada a este santo, em acção de graças por tão assignalada victoria, e todos os annos ia a camara, no mesmo dia da batalha, alli dar graças ao santo. Este costume perdeu-se ha muitos annos.

Em 1179, lhe poz cêrco um exercito arabe numerosissimo, commandado por dois alcaides, reduzindo a cidade a grande aperto; mas, no dia 18 de abril d'esse anno, chega o infante D. Sancho (depois D. Sancho I) só com 1:400 cavallos, e taes prodigios de valor obraram os portuguezes, que grande numero de mouros ficaram mortos no campo e quasi o resto captivo, sendo d'este numero os dois alcaides; escapando apenas um pequeno numero de serem captivos ou mortos.

—

No anno 62 antes de Jesus Christo, veio ás Hespanhas por *questor* Julio Cesar. Foi n'essa epoca um dos mais crueis oppressores dos lusitanos, a ponto d'estes lhe moverem crua guerra, principalmente os beirões, e só conseguiu a pacificação da Lusitania depois de sanguinolentas batalhas.

Tornando á Lusitania Julio Cesar, já imperador, mas tendo por inimigos Cneio e Sexto Pompeo, filhos de Pompeo, e o seu grande partido, e querendo o imperador ga-

nhar popularidade e fazer esquecer as suas crueldades do tempo de questor, se tornou muito amigo dos lusitanos e com elles celebrou pazes em Beja, no anno 48 antes de Jesus Christo, e foi então que a esta cidade deu o nome de *Pax Julia*.

Os castelhanos pretendem que *Pax Julia* seja Badajoz, mas é erro crasso.

Seu successor, Octaviano Augusto, lhe mudou o nome (no anno 28 antes de Jesus Christo) em *Pax Augusta;* mas prevaleceu o primeiro até ao dominio dos arabes. Estes, não podendo pronunciar a palavra *Pax Julia*, diziam *Pa xé* ou *Ba xu*, o que com o tempo degenerou em Beja.

—

Já se vê que com tantas e tão tristes alternativas, sendo tantas vezes tomada e retomada, se arruinou muito a outr'ora florescentissima cidade de Beja, que no tempo dos nossos primeiros reis estava reduzida a uma pequena villa.

D. Affonso III a repovoou em 1253, levantando-lhe as muralhas romanas, para cuja obra empregou os materiaes da antiga via militar, o que foi uma barbaridade. A via militar romana era nas proximidades da cidade, construida com grande luxo e estava muito bem conservada. (Tinha esculpturas de muito merecimento artistico, sobretudo os marcos milliares) e concorrendo para a despeza o bispo e cabido d'Evora com metade das suas rendas, por 10 annos.

A escriptura publica do bispo e cabido, obrigando-se a esta dadiva, foi feita em 18 de novembro de 1253.

As muralhas tinham sete portas, das quaes só existem actualmente cinco, que são: a de Evora, a de Aviz, a de Moura, a de Mértola e a de Aljustrel.

As portas que já não existem eram a de Nossa Senhora dos Prazeres e a Nova, ou de S. Sizenando.

O mesmo D. Affonso III lhe deu foral, em Leiria, a 16 de fevereiro de 1254, confirmado por D. Diniz, em 29 de maio de 1291.

D. Diniz lhe edificou o castello e lhe deu foral, datado da Guarda, a 22 de abril de 1308, que todos foram confirmados por D. Affonso IV, em 15 de abril de 1335.

Não chegou a ter foral *novo*, por D. Manuel; só se fez o processo para elle, que está na gaveta 20, maço 11, n.º 16 do Real Archivo da Torre do Tombo.

Alguns dizem que D. Manuel lhe deu foral novo, em 1517; mas Franklim diz expressamente que se não chegou a fazer.

Ha tambem um foral de Beja, dado por D. Diniz e datado de Trancoso, a 28 de julho de 1297; mas julgo que é uma repetição do de 1291.

Foi D. Manuel que elevou Beja á cathegoria de cidade, em 1512.

A formosa praça d'esta cidade tambem é obra d'este rei, e feita por este tempo.

Admira-me como este rei lhe não deu foral, dando-o a povoações muito mais insignificantes.

Tinha voto em côrtes, com assento no 3.º banco.

Tem uma esplendida egreja da Misericordia e bom hospital, fundados pelo infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte e pae do rei D. Manuel, pelos annos de 1469. (Vem a ter a mesma edade (o hospital) de D. Manuel.)

Dizem outros que o infante D. Fernando só fundou o hospital e que seu neto, o infante D. Luiz, duque de Beja, filho do rei D. Manuel, é que fundou e dotou a Misericordia. Parece-me mais provavel que D. Luiz concluisse a egreja e augmentasse as rendas d'este pio estabelecimento; mas que a fundação fosse obra de D. Fernando. (Adiante se declaram as rendas.)

D. João II fez Beja cabeça de ducado, em favor de seu primo D. Manuel (que depois foi rei).

O infante D. Luiz, segundo filho de D. Manuel, foi por seu pae feito duque de Beja, e desde então ficou pertencendo este titulo aos filhos segundos dos nossos reis.

O senhor D. Miguel I, que era duque de Beja, assim se intitulou desde 1834, em que a quadrupla alliança o arremessou ao exilio.

O ex-imperador do Brazil, o Senhor D. Pedro, quando se fez regente, ordenou que os filhos segundos dos reis de Portugal se intitulassem duques do Porto, e os terceiros de Beja.

O ultimo duque de Beja, foi o infeliz infante D. João, que morreu em 27 de dezembro de 1861.

Os marquezes de Minas, eram alcaides-móres de Beja.

—

No logar competente esqueceu-me dizer que na egreja de Santa Maria (que é de tres naves) em uma pedra que está servindo de degrau da escada da torre dos sinos, ha uma inscripção que diz:

IN COCHLEA SUMI TEMPLI
A. ✠ O.
SEVERUS PRESBYT. FAMULUS
CHRISTI VIXIT AN. LV.
REQUIEVIT IN PACE DOMINI.
XI KAL. NOVEMBRIS. ERA
DCXXII.

O prior d'esta egreja era freire da Ordem de Aviz, e apresentado pelo rei, como grão-mestre da Ordem. Tinha de renda 250$000 réis. Este rendimento consistia em 180 alqueires de trigo, 180 de cevada, 15$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

Tinha tres beneficiados, tambem freires da mesma Ordem, e cada um tinha 2 moios de trigo, 6 *quarteiros* de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Tinha mais oito *beneficios simples* do habito de S. Pedro, que rendiam *servidos*, 200$000 réis cada um. Eram apresentados pelos arcebispos de Evora e a Sé apostolica, alternativamente.

O prior da freguezia de S. João Baptista, que era feito por concurso, em Roma, tinha 250$000 réis, e tinha um coadjutor ao qual a commenda pagava 150 alqueires de trigo e 8$000 réis em dinheiro. Um thesoureiro, a quem a mesma commenda pagava 45 alqueires de trigo, e um organista que recebia da commenda e dos beneficios 2 moios de trigo. Estes dois ultimos logares eram dados pelo prior.

Tinha mais seis beneficios simples, dados pelo arcebispo e Sé apostolica, alternativamente, cada um dos quaes rendia tanto como o priorado, sendo servidos, e não o sendo, só recebiam os decimos do trigo e da cevada e tudo o mais era para os economos, que o arcebispo apresentava.

O prior do Salvador era da apresentação do bispo de Beja, e tinha de renda 600$000 réis. Tinha esta egreja oito beneficios simples, que rendiam cada um, servido, 130$000 réis, e não servido 70$000 réis.

O prior de S. Thiago era collado por bullas apostolicas. Tinha 2 moios de trigo, 2 de cevada, 27 almudes de vinho, 6 alqueires de azeite e 22$500 réis em dinheiro, que lhe pagava o commendador que era o marquez de Niza, cuja commenda lhe rendia mais de 1:200$000 réis.

Tinha tambem seis beneficios simples, que rendiam cada um, servidos, 300$000 réis, e não servidos metade, e a outra metade para o ecónomo.

Em 1757 era esta cidade mais populosa, pois a freguezia de S. Thiago tinha 416 fogos e hoje tem 462. Santa Maria 400, e agora 345. S. João Baptista 700 e hoje 511. O Salvador 333 e actualmente 250.

—

A casa da Misericordia, tem de renda 80 moios de trigo e muitos foros. Tinha sete capellães.

O hospital da Misericordia tem 40 moios de trigo, de renda annual, e tinha além d'isso: 50$000 réis no almoxarifado de Campo de Ourique, 200$000 réis no de Beja e o terço das gallinhas que pagam as herdades á camara, que são 1:900. Os outros dois terços eram dos vereadores e juizes de fóra.

(Não sei se ainda se paga isto.)

—

Dizem varios escriptores que S. Tysiphon (discipulo de S. Thiago, apostolo) foi o primeiro que aqui prégou o evangelho, e que Aprigio foi o seu primeiro bispo, em 531, e que a dignidade episcopal passou para Badajoz.

No termo de Beja havia, em 1860, 19 casas vinculadas.

—

Diz Manuel Severim de Faria, que n'esta cidade houve o convento de S. Cucufate, de monges benedictinos, que era grande, e foi dado, em 1225, ao mosteiro de S. Vicente de Fóra, por D. Martinho, arcebispo de Evora e pelo seu cabido.

Solemnisava-se aqui com grande gaudeo

do povo, e sobretudo do rapazio, a antiquissima festa das *Maias*. Vide a palavra Maias.

O concelho de Beja tem 17 freguezias, a saber:

Na cidade, S. João Baptista, Santa Maria da Feira, S. Thiago e o Salvador. Fóra da cidade. Albernoa, Baleizão, Louredo, Nossa Senhora das Neves, Pomares, Quintos, Salvada, Trindade, S. Brissos, Santa Victoria, Mombeja, Beringel e S. Mathias.

O districto comprehende 14 concelhos, que são:

Aljustrel, Almodovar, Alvito, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira, Mertola, Moura, Odemira, Orique, Serpa, Vidigueira, e Barrancos.

Os primeiros 13 concelhos são do bispado de Beja: Barrancos é no arcebispado d'Evora.

Teem todos 103 freguezias, com 32:794 fogos, segundo a estatistica official de 1855 a 1856.

Tinha uma defeza, a que chamavam couo, com trez adueiros e 3 couteiros: aquelles para guardarem o gado e potros dos lavradores, e estes para guardarem o azinhal e zambujal.

Para se fazer uma ideia aproximada da feracidade dos campos do termo de Beja, basta dizer-se que só os disimos do trigo andavam por 30:000 môios, afora as mais sementes; o disimo do mel, dos cabritos, porcos, etc. etc. que só isto rendia mais de 2:400$000 réis.

Tudo era para o arcebispo d'Evora!

Eram senhores dos direitos reaes d'esta cidade, os duques de Cadaval, e no seu termo tem muitas herdades os condes de Vimioso e outros fidalgos de Lisboa.

Ha no termo de Beja 3:118 herdades. Beja é cabeça do estado da casa do Infantado.

E a 19.ª Estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Sustentam alguns escriptores, que São Tisiphon, discipulo do Apostolo S. Thiago, aqui prégou o Evangelho, pelos annos 44 de Jesus Christo, isto porém é muito duvidoso.

—

Teem aqui apparecido muitas lapides com inscripções gregas, romanas e árabes. Uma das mais notaveis é um trôço de marmore schistoide, cinzento escuro, com umas lettras gregas tão antigas, que hoje é muito difficil a sua interpretação. Frei José Lourenço do Valle deu varias interpretações, d'entre as quaes, D. Fr. Manoel do Cenacolo adoptou a a seguinte:

—«Terra dos assydios, benigna e fructifera».

Esta pedra appareceu no alicerce da muralha romana em que hoje está fundado o palacio dos bispos. Foi do Museu Cenaculo, e está no d'Evora.

Pelos annos de 1785 a 1790, D. Frei Manoel do Cenaculo Villas-Boas, virtuoso e illustrado bispo de Beja, fundou n'esta cidade um museu, denominado do bispo, que constava de produções naturaes, objectos de archeologia, e varios artefactos antigos e modernos. Uma grande parte das antiguidades romanas que continha, foram descobertas em Beja e seus arredores, em escavações mandadas fazer pelo mesmo prelado.

Sendo D. Frei Manoel do Cenaculo feito arcebispo d'Evora, para lá levou o seu museu, á excepção das lapides, cippos e torsos mais pesados de estatuas, por serem de difficil transporte.

Sobre este museu, vide Evora.

—

Pelos annos do mundo 3860 (144 antes de Jesus Christo) o consul romano Fabio, vence junto a Beja o grande Viriato, o antigo, mas este heroe depressa levanta novas tropas e derrota os romanos, encurralando-os nos seus quarteis de Córdova, e caminha de triumpho em triumpho até Granada e Murcia.

—

Ahi pelos annos 1300, fundou a rainha Santa Isabel, no termo d'esta cidade, o convento de Santa Victoria, da ordem de Nossa Senhora da Mercê, de frades chamados mercenarios. Este convento acabou, não sei como nem quando.

—

Beja tinha 6 conventos, 3 de cada sexo. O mais antigo era o convento de frades franciscanos, fundado pela rainha Santa Isabel, em 1324.

Convento de carmelitas calçados, edificio

sumptuoso, edificado sobre um outeiro, a 1:500 metros da cidade.

Foi foi fundado por D. Ruy Lopes Godins, camareiro mór e veador de D. João III, em 1526.

Convento de frades capuchos de Santo Antonio (piedosos) edificado junto ás muralhas com esmola do povo, em 1609.

É edificio vasto e de boa architectura.

Real convento de Nossa Senhora da Conceição, de freiras franciscanas, um dos mais grandiosos d'estes reinos, dentro das muralhas da cidade.

Foi fundado em 1467, pelos infantes D. Fernando e sua mulher, D. Brites (paes do rei D. Manoel) que jazem na capella-mór da egreja d'este convento. É na rua dos Infantes, assim chamada, dos taes fundadores, que n'ella moravam. Tinha este convento muitas herdades, que rendiam mais de 400 moios de trigo, e metade da commenda do Salvador, o que tudo subia a mais de 7:200$000 réis; o que lhe deixaram os fundadores. Chegou a ter mais de 200 freiras!

Sahiam d'aqui duas procissões cada anno, uma em dia de Nossa Senhora da Conceição, outra em dia de paschoa. Era obrigada a assistir a ellas a camara (segundo o testamento dos fundadores) e a abbadeça mandava a cada vereador um presente que valia 4$000 réis e um cyrio para acompanhar a procissão.

Pelo mesmo testamento eram as freiras obrigadas a mandarem todas as semanas duas cargas d'agua, do pôço d'Aljustrel, aos frades franciscanos.

Convento de Santa Clara, de freiras franciscanas. É muito antigo. Fica a uns 400 metros das muralhas. Foi fundado por varios devotos, concorrendo tambem muito D. Affonso IV, no anno de 1340.

Tinha annualmente 300 moios de trigo, muitos fóros e grandes rendas a dinheiro. Chegou a ter mais de 200 freiras.

Convento de Nossa Senhora da Esperança de freiras carmelitas calçadas. Foi o primeiro que esta ordem teve em Portugal.

Deu o chão para elle D. Collaça, em 1541. Tinha 100 moios de trigo annualmente, fóra outras rendas.

Os tres conventos de freiras, ainda estão habitados por algumas.

—

Além d'estes seis conventos, tinha, na rua da Céga, dentro dos muros, o collegio de S. Sesinando, de frades jesuitas, fundado (na propria casa onde este Santo morou) no anno 1670.

Lançou-se-lhe a primeira pedra em 1652, e em 1693 fez a irmandade de S. Sisenando doação da sua egreja aos jesuitas. Expulsos estes, não se chegou a concluir a egreja nem o convento.

A rainha D. Maria Sophia, sua podroeira, lhe deu 800$000 réis de renda annual, para as obras do collegio.

Não estando concluido quando se extinguiu esta ordem em 1759 (3 de setembro) se continuaram as obras, para a egreja servir de Sé, e o convento, de paço dos bispos. Hoje está occupado pela camara, celleiro publico e outras repartições.

N'este edificio estão guardados varios objectos do tempo dos romanos.

—

Além dos edificios já descriptos, tem Beja bons predios particulares e algumas ruas bonitas. Não tem fonte ou chafariz nenhum, toda a agua que aqui se gasta, é de póços; mas de optima qualidade.

Os arrabaldes de Beja são bellissimos, pois são extensissimas veigas cultivadas (a maior parte de trigo) sem accidente algum.

É terra abundantissima em cereaes, e azeite; bastante vinho, grandes montados, onde se criam muitas *varas* de porcos e outro gado. Ha tambem muita caça.

O clima de Beja e seu termo é sobremodo salubre, e não se conhecem alli senão rarissimas molestias de peito.

Da cidade, e sobretudo do castello, gosam-se extensas e deleitosas vistas, chegando a descobrir-se o castello de Palmella, que fica 105 kilometros ao N.

Ha n'este concelho varias minas de manganez, cobre, chumbo, estanho, ferro, baryte e outros metaes. Dizem que tambem ha por aqui minas de ouro e prata.

Tem feira franca, de 1 a 15 de agosto, com os privilegios da feira de Nossa Senhora de

Março de Aveiro. (Para os privilegios vide Aveiro.)

—

Aqui nasceu, no fim do seculo VIII, S. Sisenando, quarto bispo de Beja, que foi martyrisado pelos mouros, em Cordova, a 6 de julho de 851.

Em 1602, mandaram para aqui, os de Córdova, um braço d'este santo, que desde então ficou sendo padroeiro da cidade.

—

Desde que se constituiu o reino de Portugal, tem Beja dado á patria illustrissimos varões na virtude, nas armas e no saber, sobresaindo entre todos os seguintes:

Antonio de Gouveia, famoso poeta latino e sabio jurisconsulto. Morreu em Turim, a 21 de julho de 1565.

Foi lente de varias universidades.

—

D. Frei Amador Arraes. Nasceu pelos annos de 1525. Era filho de Simão Arraes. Desde tenros annos deu provas do seu talento rarissimo. Professou na Ordem dos carmelitas d'aqui, a 24 de janeiro de 1545. Foi doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

Os seus bellos sermões adquiriram-lhe grande fama, e o rei D. Sebastião o nomeou prégador regio. O cardeal-rei o nomeou bispo de Tripoli (*in partibus infidelium*) e seu coadjutor e esmoler-mór. Filippe II o fez bispo de Portalegre, cargo que exerceu com summa intelligencia e, sobretudo, com evangelica caridade.

Foi a providencia de Portalegre na peste que no tempo do seu episcopado opprimiu o reino; e deu avultadas esmolas para a redempção dos captivos de Alcacer-Kibir.

Resignou o bispado em 1596, recolhendo-se então ao collegio da sua Ordem, em Coimbra, onde morreu, a 10 de agosto de 1600.

N'um dos seus *Dialogos*, diz elle: «Espero passar (em Coimbra) os poucos annos que me restam de vida (pois em muita velhice não podem ser muitos) e passados elles, ser sepultado no meio da capella-mór da egreja do collegio de Nossa Senhora do Carmo, que erigi e dotei o melhor que pude, e puz na perfeição que ora tem, com a sachristia, que já está acabada, e a crasta nova, que se vae fazendo.»

É considerado como um dos escriptores classicos e talvez o nosso primeiro moralista. Os seus *Dialogos*, escriptos em purissima linguagem e rigoroso estylo, encerram maximas e pensamentos que innundam o coração de placida esperança.

Foi enterrado, segundo os seus desejos, no meio da capella-mór da egreja do Carmo, de Coimbra (obra sua) em campa raza, com a seguinte inscripção:

S.ª DE D. F. AMADOR ARA
IZ BPÕ. DE PORTA-ALEGRE.
FEITORA: DEL REI D. AN-
RIQVE SEV ESMOLER MOR.
FOI O PR.º RELIGIOSO QVE
PROFESSOU NESTE COLE-
GIO. FALECEO ÁO 1.º DE AGOS-
TO DE 1600.

—

D. Francisco Alexandre Lobo. Nasceu a 14 de setembro de 1763. Era filho de Manuel Lobo da Silva e de D. Antonia Maria Lobo. Foi bispo da Vizeu, e um dos prelados mais sabios e o mais virtuoso dos nossos tempos. Morreu em Lisboa, a 9 de setembro de 1844.

—

Padre José Agostinho de Macedo. Nasceu a 11 de setembro de 1761, (ou 1765) e foi baptisado a 18 do mesmo mez.

A casa onde elle nasceu, na rua Ancha, está ornada com uma lapide com a seguinte inscripção, que lhe mandou esculpir em marmore, o sr. Souza Porto, proprietario actual d'ella, e fundador do jornal, *O Bejense*, diz assim:

*Nasceu n'esta casa e foi baptisado na egreja do Salvador, em 18 de setembro de 1761 o padre José Agostinho de Macedo, notavel orador e escriptor publico. Fallecido em Pedroiços (Lisboa) a 2 de outubro de 1831. Em memoria se collocou esta lapide, em 1869.*

Era filho primogenito de Francisco José Tegueira, primeiro marido de Angelica dos Seraphins Freire. Era neto paterno de Pedro Nogueira Sobrinho e Rosa Maria, natu-

raes de Beja, e materno de Manuel Baptista Freire e Anna Rosa, de Lisboa.

Seu pae, que era ourives, vendo a maravilhosa intelligencia de seu filho, procurou dar-lhe bons mestres. Um sugeito, por appellido Mendes, o tomou sob sua protecção, quando elle apenas tinha 11 annos.

Os progressos de Macedo causaram assombro aos seus proprios mestres e inveja aos seus condiscipulos.

Seu pae o metteu frade, no convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, (eremitas descalços de Santo Agostinho) em 1778, tomando na sua profissão o nome de fr. José de Santo Agostinho.

No convento, como em toda a parte, seus vastos talentos eram reconhecidos e admirados; e os seus eloquentissimos sermões arrebatavam o auditorio, que em chusma corria a escutal-o.

Porém os seus superiores, conhecendo a sua natural e vastissima intelligencia, não podiam desculpar o seu desmedido orgulho, nem suas travessuras, e leviandades. Foi por isso transferido para o collegio da sua Ordem, em Coimbra. Alli achou um companheiro, que não tendo o seu talento, excedia-o na turbolencia; e taes excessos praticaram ambos, que foram varias vezes castigados. Macedo, não se querendo sugeitar a estes castigos, deixou a sua communidade. Por este facto, foi expulso da Ordem, por sentença de 11 de fevereiro de 1792.

Mas José Agostinho de Macedo obteve de Roma breve de secularisação, ficando presbytero. Então, reflectindo nas suas passadas travessuras, e nos tristes resultados d'ellas, adoptou um systema mais regular de vida, e começou a ser considerado pelas pessoas morigeradas.

Nos primeiros tempos da sua vida de padre secular, estaria em bastante penuria se as religiosas trinas do Rato, em Lisboa, não cuidassem do seu sustento e vestuario. É por isto que José Agostinho de Macedo conservou até ao ultimo momento da sua vida uma grande affeição e louvavel gratidão para com aquella casa religiosa.

Ouviu quantos sabios eram seus contemporaneos, e leu quantos livros bons achou nas bibliothecas, e como era dotado de prodigiosa memoria e de ardente desejo, não de imitar, mas de exeder os mais celebres oradores do seu tempo, em poucos annos foi o primeiro ornamento da tribuna sagrada.

Nunca estudava os sermões. Ás vezes prégava sete e oito sobre o mesmo assumpto no mesmo dia, e todos inteiramente differentes, e todos igualmente eloquentissimos.

Monsenhor Rebello lhe alcançou do principe regente a nomeação de prégador regio, por carta de 8 de novembro de 1802, tendo no espaço de 29 annos muitas vezes a honra de prégar diante de suas magestades e altezas.

Foi nomeado censor regio do patriarchado, logar tambem de grande consideração e respeito.

O Senhor D. Miguel I o nomeou substituto do chronista-mór do reino, por alvará passado pela Mesa do Desembargo do Paço, de 14 de junho de 1830, confirmado por decreto d'aquelle rei, de 21 de junho do mesmo anno, com o ordenado annual de 300$000 réis.

Os monarchas o tiveram na maior consideração e premiaram o seu talento, até onde a moral o permittia; mas nunca o propozeram para o episcopado (em razão da sua travessa vida de rapaz).

Depois de uma longa e dolorosa doença de bexiga, falleceu em Pedroiços, pelas 11 horas da manhã do dia 2 de outubro de 1831, assistido pelo padre José Barreiros, prior de S. Domingos de Bemfica. Jaz na capella de S. Nicolau Tolentino, da egreja do convento de Nossa Senhora dos Remedios, de freiras trinas, do Rato, em Lisboa.

El-rei, que muito o estimava e respeitava, lhe mandou fazer o enterro, indo em coche da casa real, e ao mesmo augusto senhor se entregou a chave do caixão, e por sua real ordem se moldou em cera o seu retrato, para se levantar um busto, que ficou parecidissimo e obra prima de esculptura.

A vastidão admiravel dos talentos de J. A. de Macedo, a sua incomprehensivel fecundidade, pasmosa eloquencia e assombrosissima memoria brilhavam em todos os seus escriptos, ainda os mais insignificantes; e as

suas obras lhe dão incontestavelmente o primeiro logar entre os primeiros escriptores portuguezes dos nossos tempos.

Debalde, esses (que lhe são muito inferiores) se estafam em deprimil-o; o nome glorioso e immortal d'este eminente e benemerito patriota, irá de geração em geração mostrar ás idades por vir, até onde póde chegar o talento de um litterato universalista eminentissimo.

Inimigo irreconciliavel da nova ordem de cousas que se implantou em Portugal, em 1820, soube denodada, eloquente e irrespondivelmente verberar com as mais pungentes satyras, os portuguezes que dos estrangeiros só imitavam o mau e o ridiculo; e a sua veia mordaz e chistosissima, deu profundos golpes nos inimigos de Deus, da patria e do rei.

O seus folhetins espirituosissimos, intitulados *A Besta esfolada*, e o seu chistosissimo e mordacissimo poema *Os Burros*, cobriram de eterno ridiculo, um bando de harpias, precursores dos que depois tem coberto Portugal de desordens, desgraças, sangue, lucto e ruinas.

—

José Agostinho de Macedo tinha 70 annos quando morreu. Era o rosto mais sympathico e bello de ancião que hei conhecido.

Quem lesse os seus furibundos escriptos politicos, diria que elle tinha um genio irascivel e cruel; todavia, no seu trato familiar era affabilissimo, tinha um coração bondoso e era excessivamente generoso e bemfasejo.

—

Não comporta a natureza d'esta obra, relacionar as innumeraveis obras d'este fecundissimo escriptor, em todos os estylos e em assumptos variadissimos, por isso apontarei apenas as principaes.

*O Oriente*, obra prima de poesia, modelo inimitavel de poemas epicos, e do qual uma só estancia, vale mais do que tudo quanto teem escripto a maior parte dos seus detractores.

*A Meditação*, poema philosophico, repassado de doce melancholia e que tão magestosamente revela um perfeito conhecimento dos homens e das cousas.

*A Natureza*, poema em estylo e gosto differente, mas em nada inferior á *Meditação*.

*Bases eternas da constituição politica*, livro prophetico e profundissimo.

A *Contemplação da Natureza*, poema; a *Demonstração da existencia de Deus*; *Gama*, poema narrativo; o *Motim litterario*; os poemas *Newton* e *O novo Argonauta*; as traducções das *Obras de Horacio*, em verso portuguez; a *Viagem extatica ao templo da sabedoria*, poema; e uma immensidade de sermões, odes, poesias diversas, jornaes litterarios, biographias, obras politicas, etc.

—

Vejamos o que diz o imparcialissimo escriptor Balbi, na sua *Statistica de Portugal* (tomo 2.º, pag. 133).

«O padre José Agostinho de Macedo, é um dos litteratos e poetas mais distinctos, que se acha em primeiro logar em quasi todos os ramos da litteratura portugueza. A uma erudição vastissima, junta uma espantosa facilidade para a composição. Poucos litteratos possuem como elle a historia geral de bellas artes e da litteratura.»

A paginas 131 do mesmo tomo, já Balbi havia dito:

«Não se póde fallar dos oradores portuguezes sem começar pelo padre J. A. de Macedo. Este litterato, que se distingue em quasi todos os ramos da litteratura portugueza, excede muito os seus rivaes na oratoria, onde brilha pelo vigor da sua eloquencia, pela sublimidade dos seus pensamentos, pela vivacidade das imagens, pela emoção que sabe excitar, pela correcção do estylo e harmonia dos periodos. Seus proprios inimigos prestam homenagem a seus talentos oratorios e admiram a extrema facilidade com que compõe bellissimos discursos. Tem acontecido improvisar tres na mesma manhã.»

A paginas 157 da mesma obra, diz:

«O *Oriente*, do padre J. A. de Macedo, ainda que tenha grandes defeitos, é todavia *o primeiro poema epico moderno* etc.»

—

Jacintho Freire d'Andrade. Nasceu n'esta cidade em 1597. Foi destinado por seus paes ao estado ecclesiastico, tomou ordens

Formou-se na universidade. Indo a Madrid, o fez abbade de Santa Maria das Chans, no bispado de Vizeu (cuja abbadia rendia então 1:200$000 réis) Phillippe IV de Castèlla, quando ainda dominava em Portugal.

Não podendo todavia tolerar as torpezas e crueldades que o conde-duque de Olivares exercia contra Portugal, não occultava a sua indignação, pelo que foi perseguido pelo governo castelhano, tendo de fugir para Portugal. onde esteve escondido até á feliz acclamação de D. João IV, em 1640. Este rei o estimou muito, porque Andrade fazia as delicias dos salões com as suas poesias e bons ditos.

Recusando acceitar o emprego de mêstre de D. Affonso (depois 6.° do nome) e por mais alguns motivos, se retirou da corte para a sua opulenta abbadia. Atrahido pelos encantos de Lisboa, aqui tornou; mas vivendo segregado da corte, terminou seus dias n'esta capital, em 16 de março de 1657.

E' auctor da pomposa Vida de D. João de Castro, 4.° vice-rei da India; que, se contem alguns factos descriptos com exageração e com falta de verdade, e se o seu estylo é em muitas partes tão empolado que passa a pedantesco, deve confessar-se que é no geral uma obra verdadeiramente poetica e magestosa. Ha tambem varias poesias suas de bastante merecimento, posto que eivadas dos gongorismos do seu tempo.

—

Beja foi em maio de 1834 theatro de uma scena da maior barbaridade.

Em pleno dia e no meio de uma rua publica, foram assassinados com o mais repugnante sangue frio, desoito realistas, cujo unico crime éra *serem fieis* á sua bandeira.

Um medonho temporal que em fevereiro de 1872 cahiu sobre esta cidade e seu ermo deixou tristes recordações. Foram muitas as arvores arrancadas, houve alguns desmoronamentos e as cheias elevavam-se a uma altura prodigiosa.

**BELCÁGIA**—cidade antiga, na Beira Baixa, termo de Castello Branco, de cuja cidade distava 3 kilometros, entre a Senhora de Mercoles e o Monte de S. Martinho, tudo na freguezia de S. Miguel.

D'ella apenas restam uns tenues vestigios e a memoria da sua existencia. Nem pude saber quando nem por quem foi fundada, nem quando foi destruida. Provavelmente foi arrasada durante as encarniçadas guerras contra os romanos.

Diz-se que por esta razão se chama ainda hoje a um sitio do rio *Ponsul*, *Porto dos Belcagios*, ou *Belgaios*.

**BELLA** ou **A BELLA**—freguezia, Alemtejo, concelho e 18 kilometros a E. de S. Thiago de Cassem (ou Cacem) comarca de Alcacer do Sal.

Districto administrativo de Lisboa, bispado de Beja, 275 fogos, 105 kilometros ao S. de Lisboa..

Tem muitos pantanos e arrozaes, o que prejudica a saude publica.

**BELEM**, em latim **BETHLEEM**—freguezia e concelho na Extremadura. Póde e deve considerar-se hoje um bairro de Lisboa.

Este bairro, que só por si fórma uma grande cidade, apenas tinha em 1751, o numero de 210 fogos. Orago Santa Maria.

Patriarchado, districto e comarca de Lisboa.

O concelho e bairro de Belem é separado de Lisboa pela pequena ribeira de Alcantara. Foi antigamente da freguezia da Ajuda.

No sitio onde se chamava antigamente *Barra*, ou *Surgidouro do Rastêllo* e depois *Restêllo*, havia uma capella de Nossa Senhora do Rastello, fundada pelo infante D. Henrique (o de Sagres) duque de Vizeu, filho de D. João I, e grão mestre da Ordem de Christo.

Este infante deu a capella aos freires da mesma Ordem de Christo; mas, fallecendo em 1460, D. Manuel fez doação d'ella aos monges de S. Jeronimo, em 1495, e em recompensa d'esta capella, deu á Ordem de Christo a egreja da Conceição (velha) de Lisboa, que tinha sido antigamente freguezia.

D. Manuel fundou este magnifico convento em 1497, pelo risco e desenho do architecto *Boytaca* ou *Boytaqua*.

Sobre uma columna que divide a porta pelo meio, está o retrato do dito infante D. Henrique.

A egreja é de 3 naves, o tecto, todo de abobada lavrada e ornada de *laçarias*, é sustentado por oito columnas de marmore de côres.

A capella-mór não se concluiu, por morrer D. Manuel, e aquillo a que se chama actualmente capella-mór, é obra de D. Catharina, mulher de D. João III. Além do pessimo gosto da sua archithectura, destoa ella tanto da magestade e estylo architectonico do resto da egreja, que a gente sente uma desagradavel impressão ao vêr tal disparate.

Tem 32 columnas; 16 maiores, que dividem as sepulturas, e 16 menores que dividem as frestas. O tecto é de almofada, em meia laranja, e o pavimento de mosaico.

O convento dos Jeronimos é hoje o bellissimo edificio da Casa Pia, feito de novo, mas seguindo rigorosamente o risco e architectura primitivos, o que fórma um todo harmonico de magestoso effeito.

Honra ao rico capitalista o sr. dr. José Maria Eugenio de Almeida, que sendo muitos annos provedor da Santa Casa, empregou todos os esforços e a maior sollicitude para o desenvolvimento e conclusão d'esta bella obra, adiantando por muitas vezes dinheiro do seu bolso, para pagar aos operarios e para compra dos materiaes necessarios, de modo que nunca no seu tempo pararam as obras.

O sr. José Maria Eugenio de Almeida morreu em Evora, de um ataque apopletico, em 23 de abril de 1872, deixando uma fortuna de 10 milhões de cruzados e só um filho e uma filha.

Seu filho, o sr. Carlos Eugenio de Almeida, não é inferior a seu pae no conjuncto de boas qualidades, e sendo tambem (como já foi) feito provedor da Casa Pia, ha quasi a certeza de que este humanitario estabelecimento prosperará sob a sua administração

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, é que sustenta este pio estabelecimento.

Proximo ao convento fica a bella Torre de S. Vicente de Belem, e os fortes de S. Pedro e de S. João da Junqueira.

A torre é obra de D. Manuel, concluida em 1520.

Foi seu primeiro capitão Gaspar de Paiva. Construida originariamente no meio das ondas, hoje está no pontal de uma lingueta.

É o mais lindo monumento d'este genero em Portugal.

Uma das maiores curiosidades d'esta torre é a *sala regia*. É quadrada, mas o tecto eliptico. Duas pessoas, uma a cada canto, ouvem-se perfeitamente, ainda que fallem baixo, não sendo ouvidas pelas que estão no meio d'ellas. (Vide Pedroiços.)

No palacio da sr.ª condessa do Lavradio, na rua direita da Junqueira, ha um museu, fundado por D. José Xavier de Noronha, 4.º marquez de Angeja e 6.º conde de Villa-Verde. Contem este museu muitos objectos raros e interessantes. É o unico museu de Portugal que possue uma *mumia* do Egypto.

Foi na praça de Belem que teve logar o atroz supplicio dos duques de Aveiro e seus cumplices, em 13 de janeiro de 1759. (Vide *Chão Salgado.*)

Havia tambem em Belem uma *Mercearía*, com 11 merceeiros, tendo cada um 5 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho, 2 canadas de azeite, 1$100 réis em dinheiro, casas com seus quintaes, medico, cirurgião e barbeiro; tudo isto fundado e dotado pelo infante D. Luiz.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, tambem aqui fundou outra *Mercearía* para 20 merceeiros, com 5 alqueires de trigo, e 1$600 réis em dinheiro, para cada um, casas, medico, etc., como os outros.

Estes dois estabelecimentos de caridade foram extinctos em 1834, e os pobres merceeiros (que eram todos velhos servidores do estado) para ahi foram morrendo á fome e ao desamparo.

—

O concelho de Belem é composto das freguezias de Belem, Ajuda, Alcantara (extra-muros) Santa Isabel, Bemfica, Carnide, Odivellas e S. Sebastião da Pedreira (extra-muros.)

A freguezia de Alcantara não pertence toda a este concelho; mas sómente a que está extra-muros, isto é, a que fica a O. do rio de Alcantara. A parte d'esta freguezia que fica intra-muros, pertence ao bairro chama-

do até ha pouco de Alcantara, e hoje denominado bairro occidental.

—

O palacio real de Belem, que occupa o lado occidental da praça hoje chamada de D. Fernando (Largo de Belem) foi dos condes de Aveiras. Em 1726 o comprou D. João V a João Tello de Menezes, 3.º conde de Aveiras, por 200:000 cruzados. Então se compunha esta propriedade, do actual palacio, jardim, ruas de copados arvoredos, horta, pomares e diversas casas visinhas dos muros da quinta.

D. João V conservou-lhe o aspecto exterior; porém internamente lhe mandou fazer grandes mudanças e decorar com magnificencia.

A quinta foi ampliada com outra immediata, comprada ao conde de S. Lourenço, fazendo-se então vastos jardins, guarnecidos de grades de ferro, e com balaustradas, estatuas, vasos de marmore, pavilhões, lagos, fontes e uma sumptuosa cascata.

É o palacio de verão da familia real portugueza.

A fachada que deita para o N. pertence á parte do edificio que no tempo dos condes de Aveiras era disposta á maneira de hospicio, com 6 cellas, refeitorio e capella, e assim foi ordenado para receber os frades arrabidos quando vinham a Lisboa, do seu convento da Serra da Arrabida.

É por isto que ainda áquelle logar se chama Arrabida. D. João V acabou com esta hospitalidade, logo que comprou o palacio.

Ainda aqui ha alguns quadros a oleo do tempo de D. João V, mas os melhores foram para o Rio de Janeiro, quando a familia real emigrou para o Brasil, em 1807, e lá ficaram.

Em um dos pavilhões da quinta estiveram o duque d'Aveiro e seus cumplices algumas horas, e d'alli sairam para o supplicio. (Vide Chão Salgado.)

N'este palacio esteve hospedada a ex-rainha Izabel de Hespanha, em 1867, poucos mezes antes de ser expulsa do throno pelos seus proprios partidarios.

Já aqui tinha estado hospedada, tambem pouco antes de ser expulsa de França, a ex-imperatriz Eugenia, hoje viuva de Luiz Napoleão.

Em 1872 aqui residiu alguns dias o duque Amadeu, de Saboya, quando abandonou o throno hespanhol.

Junto ao palacio está o magnifico *picadeiro real*, feito pelo risco do architecto italiano Jacomo Azzolini, durante a regencia do principe, depois D. João VI. É talvez o mais luxuoso picadeiro da Europa.

—

O palacio da *Pateo das Vaccas* é tambem dependencia dos da Ajuda e Belem. É na calçada da Ajuda.

Foi ao sahir d'elle que os conjurados dispararam contra D. José I, em a noite de 3 de setembro de 1758.

—

O Caes de Belem, foi principiado por D. João V. e concluido por D. José. (Vide Jeronymos.)

**BELENS**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 5 kilometros a E. de Lamego, 7 ao S. do rio Douro, 54 ao NE. de Vizeu, 95 a E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Em 1757 tinha 35 ogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle. Fertil.

Era da corôa.

As freiras de Santa Clara (franciscanas do Porto, apresentavam aqui o vigario, que tinha de rendimento 130$000 réis.

**BELFURADO**—ha varios sitios em Portugal, sempre na costa ou muito proximo do mar, com o nome de Belfurado. Pretendem alguns que é corrupção de Valle-Furado, ou Val-Furado, isto é, valle minado.

Em nenhum dos sitios que tenho visto d'este nome, ha o mais tenue vestigio de minas, cavernas, galerias, etc. que justifique esta supposição.

Eu entendo que esta palavra é derivada do arabe *bafari* ou *bohari*, especie de falcão de còr avermelhada ou castanha; ave de rapina, de arribação, a que se dava este nome (que verdadeiramente significa — coisa *d'alem-mar*, ultramarina). Deriva-se de *bahron*, o mar.

Era mais etymologico *Balfarado* — logar ou sitio dos *bafaris*.

**BELFURADO** — pequeno rio, Extremadura, freguezia de Pataias, concelho de Alcobaça. Nasce 3 kilometros ao S. de Pataias, e corre despenhado até ao mar, com um curso de 6 kilometros. (Vide a palavra antecedente.)

**BELICHE** — rio, Algarve, comarca de Tavira. Nasce no sêrro da Agua dos Fusos, freguezia de Santa Catharina, 12 kilometros ao N. de Tavira, proximo aos casaes de Beliche (que lhe dão ó nome).

Passa por varias serras, mas tambem em sitios corre por vargens e campos, que rega e fertilisa, até ir metter-se no Guadiana, proximo ao *Moinho da Junqueira*, e entre a freguezia do Azinhal e Castro Marim. Suas margens, onde se cultivam, são muito ferteis, e parte d'ellas são vinhas. Traz peixe.

**BELINHO** — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*, antigamente S. Pedro Fins.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' toda da casa de Bragança, achando-se em redor demarcada por marcos com as armas da casa de Bragança esculpidas, com um B por baixo.

Está situada em campina raza junto ao mar. D'aqui se vê a freguezia de S. Thiago do Castello de Neiva.

É terra fertil, e cria bastante gado; tem porém pouco vinho.

A Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha de congrua 1$800 réis, que com os mais rendimentos parochiaes andava por 150$000 réis.

**BELION** — antigo nome do rio Lima. (Vide Lima, rio.)

**BELLA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros ao NE. de Braga. 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra saudavel e fertil, mas de clima excessivo.

O vigario era da apresentação regia. Tinha de rendimento 60$000 réis e o pé de altar.

Foi o primeiro curato dos jesuitas.

**BELLA (NOSSA SENHORA A BELLA)** — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 60 kilometros ao O. de Evora, 180 ao SE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Nossa Senhora a Bella.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O cura era apresentado pelo ordinario, tinha 120 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Esta freguezia foi primeiramente do arcebispado de Evora.

**BELLAS** — villa, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 12 kilometros ao N. de Lisboa, 780 fogos, 3:100 almas.

O concelho que foi extincto em 1855, tinha 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Orago Nossa Senhora da Misericordia.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente da comarca de Torres Vedras.

Feira e grande romaria, chamada do Senhor da Serra, no ultimo domingo de agosto.

Situada no meio de um delicioso valle, povoado de muitas, grandes e bellas quintas, pomares e hortas.

Eram donatarios os marquezes de Bellas, condes de Pombeiro, que aqui teem muitas rendas e uma bellissíma quinta e sumptuoso palacio, de que adiante tratarei.

As freiras da Conceição, da cidade de Beja, apresentavam aqui o prior, que tinha de renda 400$000 réis.

Ha na freguezia muitas fontes de optima agua, o que torna a terra fertilissima.

Principia aqui o famoso aqueducto das Aguas-Livres. Ao S. d'esta villa passa um ribeiro, em cujas quebradas se acham finissimos jacinthos.

Ha no termo d'esta villa um monte, minado por baixo, chamado *Minas do Suimo*. Sua

vista interior, á luz de archotes é de um bellissimo effeito. Adiante tratarei d'esta curiosidade geologica mais detidamente.

Ha tambem n'esta freguezia pedreiras de boa pedra de amolar

Em Bellas ha nascentes de aguas ferruginosas, e uma mina de *amianto.*

—

João de Barros, na sua *Descripção do Minho,* affirma que vira em Bellas, na quinta que fôra da infanta D. Brites, mãe do rei D. Manuel, e depois de Pedro Machado (hoje do sr. marquez de Bellas) a sepultura do immortal Viriato, com a seguinte inscripção, que já mal se podia lêr: *Hic jacet Viriatus Lusitanorum Dux,* e que dentro da sepultura se achara uma espada com lettras inintelligiveis.

O sumptuoso palacio e formosissima quinta do sr. marquez de Bellas e conde de Pombeiro, é uma das mais bellas e ricas vivendas de Portugal. Está situado o palacio no vasto recinto da villa.

Pertencia em 1318 a Gonçalo Annes Correia, o qual por sua morte o deixou ás commendadeiras de Santos. Em 1334 trocaram as commendadeiras esta quinta por outra de Lopo Fernandes Pacheco, meirinho-mór e valído de D. Affonso IV. Em 1348 herdou a quinta de Bellas, Diogo Lopes Pacheco, filho do dito valído. Todos sabem que este Diogo Lopes foi um dos cobardes assassinos de D. Ignez de Castro. Subindo ao throno D. Pedro I, fugiu Diogo Lopes para Castella e assim escapou á sorte dos seus dois co-reus; mas sendo-lhe confiscados todos os seus bens, ficou esta quinta propriedade real.

Gostando D. Pedro I muito d'este sitio, aqui mandou construir um sumptuoso palacio e aqui vinha muitas vezes espalhar saudades da sua adorada Ignez, e descansar das fadigas do governo.

Morrendo D. Pedro I e subindo ao throno seu filho D. Fernando, chamou Diogo Lopes para o reino, e lhe restituiu todas as honras e bens, entregando-lhe tambem a quinta de Bellas, com todos os seus grandes augmentos. Por morte de D. Fernando tomou Diogo Lopes o partido dos castelhanos (quem fôra tão cobardemente assassino não podia deixar de ser traidor) pelo que foi banido de Portugal e seus bens de novo confiscados.

D. João I de Portugal, deu ao seu conselheiro Gonçalo Pires Malafaia, governador da casa do civel, védor da fazenda, regedor das justiças e chanceller-mór do reino, em premio da sua fidelidade e grandes serviços, a quinta e o senhorio de Bellas.

O brazão d'armas dos Malafaias, é: em campo vermelho, um torreão largo, de prata, com 3 portas e suas frestas, lavrado de negro, perfilado de prata, e sobre uma ameia do torreão um côrvo da sua côr, perfilado de prata, elmo de prata, aberto; timbre, o côrvo das armas.

Morrendo Gonçalo Pires, o mesmo D. João I comprou esta quinta aos seus herdeiros e a deu a seu filho, o infante D. João.

Aqui residiu muitas vezes este infante com sua mulher e filhos, fazendo-lhe companhia por muitas vezes um ou outro de seus irmãos, e o primogenito (o rei D. Duarte) aqui veiu passar os dias de *nôjo* pela morte de seu pae.

Em 1442 morreu o infante D. João, e herdou a quinta e senhorio de Bellas, sua filha, a infanta D. Beatriz, que em 1447 casou com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho do rei D. Duarte, dos quaes nasceu el-rei D. Manuel.

Gostava muito D. Beatriz d'esta quinta, na qual viveu muito tempo em casada e depois de viuva. N'este ultimo estado, em que viveu 36 annos, passou a maior parte do tempo aqui, reedificando o palacio e aformoseando muito a quinta e hospedando por muitas vezes seu filho, el-rei D. Manuel e a rainha D. Leonor, mulher e depois viuva de D. Jaão II, e a duqueza de Bragança, D. Isabel, que foi casada com o duque D. Fernando II.

Morreu D. Beatriz em 1506, tendo feito doação da quinta e senhorio de Bellas, em recompensa de serviços, a Rodrigo Affonso de Athouguia, fidalgo da casa de seu marido; com a pensão de 40$000 riés ás freiras da Conceição de Beja, e a estas deixou o padroado da egreja, reservando para si as minas de Suimo, que depois deixou a seu filho D. Manuel I.

D. Maria da Silva, bisneta de Rodrigo Affonso de Athouguia, e herdeira d'esta quinta, casou com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro (e pae do 1.º conde d'este titulo, que foi D. Antonio de Castello Branco, feito por D. Affonso VI, em 6 de abril de 1668) e assim passou a quinta para esta familia, que até hoje a tem possuido.

O seu penultimo possuidor foi o sr. D. José de Castello Branco Correia da Cunha Vasconcellos e Sousa, 8.º conde de Pombeiro, filho do 13.º senhor de Bellas, e marquez do mesmo titulo. O sr. D. José de Castello Branco falleceu ha pouco tempo. Era um cavalheiro honradissimo, de um caracter nobre, leal e inflexivel; um verdadeiro e fidelissimo portuguez. Pertenceu sempre ao partido legitimista, do qual era um dos chefes. Como em 1834 ainda vivia seu pae e elle era só conde de Pombeiro (como primogenito dos marquezes de Bellas) por morte de seu pae não quiz receber o titulo de marquez da mão dos liberaes, pelo que se assignava só, conde de Pombeiro e senhor de Bellas.

Hoje é seu herdeiro o sr. D. Antonio de Castello Branco, 9.º conde de Pombeiro e que não escrupulisou em tomar o titulo (que lhe pertencia) de marquez de Bellas.

Ha n'esta quinta uma magestosa cascata, mas bastante despresada. Ha tamhem aqui uma magnifica estatua de Neptuno, do celebre esculptor *Bernini*, que nasceu em Napoles, em 1598.

Esta quinta é parte plana e parte montuosa. Os montes que do lado do O. orlam a planicie, estão vestidos de frondoso arvoredo, e pelas encostas crusam-se muitas ruas em differentes direcções, e sobem dois caminhos com escadas e grutas, e com assentos de pedra, até ao cume do monte, onde se ergue a linda capella do Senhor Jesus da Serra, d'onde se gosa uma deliciosissima vista. Faz-se ao Senhor da Serra uma esplendida funcção no ultimo domingo de agosto, concorridissima, não só de gente dos arredores, mas de muitas familias de Lisbôa.

Em uma elevação d'esta quinta se vêem duas grandes lageas á prumo, encostadas em angulo uma á outra, que teem feito *deitar muitos livros abaixo* aos archeologos. Segundo a tradição do povo d'aqui era uma *atalaya* dos mouros. Algumas pessoas não vêem n'isto senão uma curiosidade natural.

Mas estes dois enormes penedos parecem postos alli por industria humana e estou convencido que é um monumento celtico.

Talvez o principio ou os restos de um dolmen gigantesco.

—

Bellas é povoação antiquissima, e foi outr'ora cercada de muralhas torreadas.

Este lindo sitio dos arrabaldes de Lisboa, foi muito concorrido e festejado, até que aqui ha cousa de 30 annos tem sido esquecido, pelos caprichos da moda.

**BELLAZAIMA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 30 kilometros ao NE. de Aveiro, 235 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Chamava-se antigamente Bellazaima Nova ou Bellazaima do Chão.

Foi da comarca de Esgueira.

Situada em um valle, d'onde se vê Sangalhos e Oliveira do Bairro.

Eram senhores d'esta freguezia os descendentes de Fernando Correia de Lacerda, e os frades de Grijó, em partes iguaes; porque um duque de Aveiro deu isto a um seu familiar, que morrendo sem filhos, deu a sua metade á Senhora de Vagos (que é o que passou para os frades de Grijó) e sua mulher deixou a sua *meação* aos taes Lacerdas.

A casa de Bragança apresentava aqui os priores, que tinham de renda 176$500 réis.

Ha aqui uma serra chamada da Cruz da Gallinha.

**BELLIDE**—freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves ou Nossa Senhora da Saude.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É no termo de Monte-Mór-Velho, onde antigamente pertenceu.

Foram senhores d'esta freguezia, até 1759, os condes de Athouguia. Situada em uma campina, d'onde se vê a freguezia de Rapoula e varias povoações.

O cabido de Coimbra apresentava aqui o cura, que tinha de renda 1 moio de trigo, 29 almudes de vinho e 4$000 réis em dinheiro. É terra fertil.

Foi antigamente villa e reguengo.

Ha varias aldeias em Portugal com o nome de Bellide.

**BELLO MONTE** ou **BELMONTE** — villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 440 fogos, 1:700 almas, concelho 1:133.

Em 1757 tinha 265 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa.

Tem minas de estanho na Ribeira da Teixeira.

Situada em um aprasivel monte (que lhe deu o nome) defronte e a E. da Serra da Estrella.

D'aqui se vê Covilhã, Sortelha, Seixo Amarello, Gonçalo, Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Urjaes, Caria, Inguias (ou Enguias) e Colmeal. Vê-se tambem a fertil e aprasivel veiga que lhe fica ao sopé.

Tem duas freguezias, Nossa Senhora da Conceição (fóra da villa e em um deserto) e S. Thiago, junto á povoação.

Na egreja de S. Thiago está o altar da Senhora da Piedade, em uma capella de abobada, fundada por uma tal fulana Gil (que instituiu um dos morgados de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil e senhor do castello d'esta villa, cujas armas, d'elle, estão esculpidas n'esta capella.

O vigario de Santa Maria, era do padroado real, e tinha 40$000 réis de renda.

O bispo da Guarda apresentava por concurso synodal, o de S. Thiago, que tinha 500$000 réis.

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1611, com os privilegios da Misericordia de Lisboa.

É terra muito fertil em centeio e castanha, mas dos mais fructos tem uma producção mediana.

Consta por tradição, que era natural d'aqui o famosissimo Fernão Cabral, cognominado o *gigante da Beira*, por seu agigantado corpo e de forças herculeas. Foi senhor do castello d'esta villa e ascendente do grande Pedro Alvares Cabral. Sua casa gozou de grandes prerogativas e privilegios, do que foi privada em 1640, por seguir as partes de Castella.

Segundo fr. Antonio Brandão, a familia dos Cabraes veio de Castella, e é antiquissima, pois veio da Grecia para alli em tempos mui remotos. Em 1260, floresceu Pedro Annes Cabral, filho de Gil Alvares Cabral. Tinham o honroso privilegio de não prestarem juramento de fidelidade pelos castellos que se lhes entregavam.

No castello se conservava (e não sei se ainda existe) uma maça de ferro, de que usava o tal gigante, que pesava mais de uma arroba.

O castello consta de uma alta torre, com duas grandes janellas, uma para o S., outra para o O. É quadrada e junto a ella estão as casas dos senhores do castello, tudo fortificado com muralha de cantaria, e por fóra, em toda a circumferencia, com baluartes muito altos.

Já se sabe que está tudo em ruinas. Tanto o castello e muralhas, como a torre de *Centum Cellas*, parecem ser obra de D. Diniz (vide adiante).

Junto a esta villa, na distancia de uns 1:500 metros ao N., está a celebrada torre de *Centum Cellas*. É quadrada, mas está muito arruinada.

Tem ainda 22 metros de alto. Tem de largo pelo O., 17 metros, com quatro portas por baixo, e por cima uma porta grande no meio e quatro janellas, duas de cada lado d'ella, e o mesmo tem da parte do E. Do N. tem 11 metros de largo, tres portas em baixo e tres janellas em cima, e por cima em terceira ordem, uma porta grande com uma janella em cada parte. Do S. tem duas por-

tas em baixo e uma grande por cima, com uma janella de cada lado. É tudo de cantaria bem lavrada. Mostra-se que esta torre tinha mais obras pegadas, para todos os lados, menos para o norte.

Não pude saber para que foi feito este exquisito edificio.

Supponho que era uma atalaia. Tambem lhe chamam *Torre de S. Cornelio.*

Bello Monte fica perto da raia hespanhola.

É patria de fr. Nicolau de Mello, eremita de Santo Agostinho, que tendo prégado o Evangelho no Mexico, Philippinas, Malaca, Goa, Persia e Moscovia, aqui, depois de 15 annos de rigorosa prisão, foi queimado vivo, a 2 de janeiro de 1615.

É povoação muito antiga, mas não pude saber quem a fundou. D. Sancho I lhe deu foral em 1188 (Franklim não falla n'este foral). D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. Tem um convento de frades franciscanos.

É aqui o solar dos Lucas, appellido nobre de Portugal, tomado do nome proprio de homem.

Veiu de Hespanha, não sei quando, um cavalleiro chamado D. Lucas de tal, que fez aqui assento e solar, Seus descendentes se appellidaram Lucas.

Foi chefe d'esta familia Sebastião Salema Correia de Roboredo Lucas, môço fidalgo e capitão de cavallos.

Suas armas, são: escudo dividido em faxa, na 1.ª, de prata, 5 pêras, de sua côr propria, em aspa, na 2.ª, asul, 3 faxas de ouro, elmo de roquete; timbre, uma das pêras das armas.

—

O logar de *Centum-Cellas* é antiquissimo, pois já d'elle faz mensão Luitprando, nos seus *Fragmentos,* n.º 255.

Junto ao rio Zêzere existe a antiquissima ermida de S. Cornelio, visinha da torre de Centum-Cellas, que, por isto, se chama tambem de S. Cornelio.

Pretendem alguns escriptores que esta singular torre é obra romana, e que D. Diniz a reedificou. Em redor d'este edificio ha vestigios de outros, que demonstram ter aqui existido uma não pequena povoação.

Affirma-se que aqui foi o logar do desterro de S. Cornelio, e que n'aquella torre esteve preso, em memoria do que se erigiu a ermida que lhe foi dedicada.

—

Esta villa está situada na bonita e fertilissima região denominada *Cova da Beira,* na Serra da Atalaya, em sitio alegre, vistoso e que domina a planicie por onde se deslisa o Zêzere, que nasce aqui perto. (Pouco abaixo da sua nascente, ha uma mina de cobre.)

—

O concelho de Bello-Monte é composto das freguezias seguintes: Bello-Monte, Caria, Enguias e Maçainhas.

**BELMEQUÍ** ou **MALPICA** ou **MALPIQÜE** — serra, Alemtejo, freguezia de Valle de Vargo, termo de Moura.

Tem 3 kilometros de comprido e 3 de largo. Do seu cume se vê Evora, Beja, Mourão, Monsaraz, Amarelleja, Safára, Santo Aleixo e outras povoações menores.

Traz muita caça grossa e miuda.

Tem *canteiras* de finissima pedra.

É em partes cultivada e produz trigo, cevada e centeio.

O nome d'esta serra é provavelmente derivado de *Barmequí,* appellido de uma familia arabe, que talvez por aqui habitasse.

**BELMONTE** — vide Bello Monte.

**BELVER** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda de Anciães, 120 kilometros a ENE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario d'aqui era apresentado pelo reitor d'Anciães e tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Diz-se que o seu nome lhe provém da sua formosa situação.

**BELVER** — villa, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 24 kilometros a E. de Abrantes, 35 do Crato, 165 a E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 237 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

É uma das 12 villas do grão-priorado do Crato. Era antigamente da comarca de Thomar.

Situada em uma aprasivel, saudavel e fertil baixa, cercada de pomares, hortas e olivaes, e banhada pelo Tejo (que lhe fica ao S., e divide o seu termo do de Gavião).

Tem muitas colmeias e gado, mas não é muito abundante de vinho.

D'aqui não se avistam outras povoações.

A matriz é uma boa egreja de tres naves. O rei, como grão-prior do Crato, apresentava o vigario, que tinha 100 alqueires de trigo, 40 de centeio, 26 almudes de vinho mosto, 3 alqueires de azeite e 3$420 réis em dinheiro. Tinha um coadjutor, que ganhava 100 alqueires de trigo, 40 de centeio e 4$000 réis em dinheiro.

Tem Misericordia e hospital, pobres.

Tinha dois juizes ordinarios e dos orphãos, dois vereadores e camara, sujeitos ao ouvidor do Crato.

Ao alcaide-mór do castello d'esta villa, pagavam fôro as villas de Envendos, Proença-a-Nova, Carvoeiro, Cardigas e Amendoa.

Feira a 3 de fevereiro, 3 de maio e 14 de setembro.

É muito abundante de boas aguas.

Para o O., em um alto junto á villa, ha um grandioso castello, com sua torre de menagem no centro, muito alta. Dentro do castello está a capella de S. Braz (o infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, deu a esta capella varias reliquias de santos) e muitas casas, mas quasi todas desmantelladas. O castello tambem está a cair. Tem duas cisternas entulhadas. Consta que n'este castello viveu a princeza Santa Joanna. (Vide Aveiro.)

Ao territorio, no centro do qual está a villa, se chamava antigamente *Guidimtesta*. D. Sancho I o deu a D. Affonso Paes, prior da Ordem do Hospital (Malta) em 13 de junho de 1194, para que os cavalleiros aqui edificassem o castello, o que logo principiaram. A villa se foi edificando pouco e pouco, junto ao castello.

D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) reedificou e ampliou este castello, pelos annos de 1390.

Da torre se avista Castello de Vide, que fica 48 kilometros a E., Gavião e Mação a 6 kilometros ao N.

Ao S. da villa passa a ribeira de Cannas.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 18 de maio de 1518.

O seu nome provém-lhe da sua bella situação, e foram os cavalleiros de Malta que lh'o deram, quando edificaram o castello. Outros dizem que foi D. Sancho I.

**BEM BELLIDE** ou **BEMBELIDE**—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Aviz, 48 kilometros de Evora, 130 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

Era da Ordem militar de S. Bento de Aviz.

Situada em campina, cercada de montes desertos, e nada mais d'aqui se descobre.

O parocho era capellão collado, apresentado pela Mesa da Consciencia, e tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia grandes mattas (a que chamam *machoqueiras*) onde se cria muita caça, grossa e miuda.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome, que se junta ao Sorraya e morre no Tejo. Rega e traz muito peixe.

**BEM ESPERA**—vide Benespera.

**BEMFEITA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, (foi do concelho de Coja até 1855), 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Cecilia.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Viseu. Eram seus donatarios os bispos de Coimbra, como condes de Arganil.

Situada em um valle d'onde não se descobrem outras povoações.

O reitor de Coja é que apresentava o cura d'aqui, que tinha 50$000 réis de renda. Fertil em cereaes, muita castanha, e do mais mediania.

Fica proxima a serra do Açor, abundante de caça.

É terra muito saudavel. Passa por aqui a ribeira da Matta, que rega, moe e traz peixe.

**BEMFICA**—freguezia, Extremadura, termo e 6 kilometros ao N. de Lisboa, 870 fogos.

Em 1757 tinha 805 fogos.

Orago Nossa Senhora do Amparo.

Patriarchado, districto e comarca de Lisboa.

Feira a 15 de agosto, tres dias.

As freiras do Salvador, de Lisboa, apresentavam aqui o cura, que tinha de renda 200$000 réis.

Ha n'esta freguezia um sitio chamado da Alfarrobeira, mas não é este onde morreu o infante D. Pedro.

É tambem n'esta freguezia a bonita e afamada aldeia do Calhariz, e outras igualmente bellas.

É n'esta freguezia a celebre quinta que foi dos marquezes de Abrantes, com bellos jardins, muitas estatuas de marmore e os bustos de todos os reis de Portugal desde D. Affonso I até D. João V.

Aqui estabeleceu a sua residencia ha muitos annos, a senhora infanta D. Isabel Maria, que comprou esta sumptuosa propriedade aos herdeiros de D. Pedro de Lencastre, 3.º marquez de Abrantes e 9.º conde de Penaguião, em 1834.

Esta bella vivenda tinha sido do negociante Gerardo Devisme, que a vendeu no fim do seculo passado ao marquez de Abrantes. Devisme tinha aqui fundado um museu de productos dos tres reinos da natureza, antiguidades, curiosidades e artefactos, que o marquez de Abrantes augmentou e sua alteza real tem tambem muito augmentado.

Defronte d'esta quinta, ao N., era o convento de frades dominicos de Bemfica, que está sobre a estrada de Cintra, em um lindo e fresco valle, cercado de frondoso arvoredo e atravessado por o rio de Bemfica. Tem uma linda cerca, frondosos bosques, hortas, pomares e muita abundancia de aguas. Aqui jaz (na egreja do mosteiro) o celebre João das Regras.

Este convento de S. Domingos de Bemfica foi feito pelo rei, a instancias do seu chanceller-mór, o dr. João das Regras (ou, como outros dizem) João d'Arégas.

Deu para isto D. João I um palacio e uma quinta, que os nossos reis aqui possuiam, desde o tempo de D. Diniz. O terremoto de 1755 e o incendio de 1818 o damnificaram muito, de modo que nas reconstrucções pouco ficou das obras antigas; a estas pertence o mausoleu de João das Regras, que ainda existe. (Vide adiante.)

Aqui foi conventual e aqui morreu e está sepultado o celebre escriptor classico fr. Luiz de Sousa.

Tambem aqui jazem, em ricos mausoleos, o celebre jurisconsulto João das Regras, que tanto concorreu para a acclamação de D. João I; e D. João de Castro, 4.º viso-rei da India. Fr. Luiz de Sousa professou a 8 de setembro de 1614, aqui, e tambem aqui falleceu, em maio de 1632. (Vide Santarem e Almada).

Um grande incendio, em 1818, fez grandes estragos a este convento, reduzindo-o quasi a ruinas.

A egreja e convento são obras sumptuosissimas, que fundou D. João I, pelos annos de 1295. Os frades tomaram posse d'elle a 22 de maio de 1299.

A egreja parochial é das melhores do termo de Lisboa. Foi construida no principio d'este seculo, junto á egreja antiga, que era pequena e de mesquinha construcção, e que ainda existe ao lado da capella-mór da actual. O novo templo é grande e magestoso e forrado interiormente de bellos marmores de côres e primorosas esculpturas. Foi feito á custa de esmolas.

—

Tambem ha n'esta freguezia o convento dos frades capuchos da *Convalescença*, no sitio da Cruz da Pedra, ou Sete Rios.

É no districto da freguezia de Bemfica, a sumptuosissima quinta das Laranjeiras, que foi do infeliz conde de Farrobo. É toda cercada de grades de ferro, e que, pelos seus

excellentes jardins, estatuas, estufas (quatro) lago da ilha, labyrintho e elegante palacio (cujas salas estão adornadas com a maior sumptuosidade), theatro (que ardeu ha cousa de 12 ou 14 annos e não sei se já se restaurou), casas de animaes ferozes, etc., etc., excede a todas dos arrabaldes de Lisboa em riqueza e formosura.

—

Diz-se que o nome d'esta freguezia lhe provém de que, quando D. João I andava a procurar sitio para fundar o convento de S. Domingos, vendo este tão aprasivel, dissera: «aqui *bem fica.*» E assim ficou o nome á freguezia.

Aqui morreu, a 9 de maio de 1736, o grande Diogo de Mendonça Corte Real, ministro de D. Pedro II e de D. João V. (Vide Tavira.)

Em frente da quinta da senhora infanta está o sumptuoso palacio, formosissimo jardim e extensa e bella quinta dos senhores marquezes de Fronteira. É uma das mais ricas, curiosas e magnificas vivendas dos arredores de Lisboa. É seu actual proprietario o sr. D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, 7.º marquez de Fronteira, 5.º marquez de Alorna, 8.º conde da Torre e 7.º conde de Assumar, etc.

Bemfica é um dos mais deliciosos e poeticos sitios do termo de Lisboa.

—

Aqui nasceu, em 5 de agosto de 1820 (?) a rainha da scena portugueza no seculo XIX, Emilia das Neves e Sousa. É filha de Manuel de Sousa e Benta de Sousa, que vivia honradamente do seu trabalho.

Emilia das Neves, revelou desde os seus primeiros annos uma formosura deslumbrante, fórmas esculpturaes, não vulgar expressão e intelligencia, e um timbre de voz suavissimo.

Na edade de 14 annos quiz ser dansarina do theatro de S. Carlos; mas, sendo desviada do seu intento por pessoas amigas, determinou ser actriz.

Por esta occasião Garrett decidia-se a regenerar a arte dramatica com a sua magica penna, e Emilio Doux tentava fazer o mesmo no palco.

Emilia das Neves conseguiu entrar no numero das actrizes do theatro da rua dos Condes, como discipula. E. Doux, adivinhando-lhe a vocação, empregou todos os meios para fazer d'ella uma actriz distincta. Emilia estudava com perseverança e assiduidade. Garrett acabava de escrever o seu primeiro drama, o *Auto de Gil Vicente.* Foi Emilia das Neves que n'este drama fez o papel de apaixonada filha de D. Manuel (Beatriz).

Garrett ficou pasmado do espantoso desenvolvimento da actriz novel, que logo na primeira representação causou verdadeiro delirio e enthusiasmo. A peça foi muitas vezes repetida e sempre com o mesmo favor do publico. É verdade que Emilia das Neves tinha por ensaiador E. Doux, e por companheiros Epiphanio, Ventura, Theodorico Senior e Florinda.

Ao *Gil Vicente* seguiu-se a *Camara Ardente,* drama de genero diverso; mas no qual Emilia patenteou evidentemente o thesouro inexgotavel dos seus recursos como actriz.

Correndo o tempo e sendo empresario o primeiro conde de Farrobo, que tinha visto em Paris a celebre Rachel arrebatar os espectadores, no papel de duque de Richelieu, no drama *Les prèmiers amours de Richelieu,* e uma das maiores glorias d'aquella celebre actriz franceza. Tinha o conde grande pezar de não poder trasladar para a scena portugueza um drama que tanta voga tinha na França e tamanho barulho alli estava fazendo.

E. Doux, que estava certissimo do talento de Emilia das Neves, responsabilisou-se pelo desempenho da peça, que se traduziu e representou sob o titulo de *Proezas de Richelieu.* Foi elle á scena, e o conde ficou maravilhado de encontrar em uma joven, no seu tirocinio, uma rival, que, se não excedia, pelo menos egualava a sua famosa irmã na arte, no seu difficil papel.

Finalmente Emilia das Neves tornou-se em pouco tempo a melhor actriz que tem tido Portugal, e foi com toda a justiça cognominada a rainha da scena portugueza.

Os dramas em que mais se tem distinguido, depois dos dois citados, são.

*Alfageme de Santarem, Magdalena, Adelaide, Retrato Vivo, Casamento no reinado de Luiz 15.º; Cigana, Adriana Lecouvreur, A mocidade de D. João V., Dama das camelis, Cópo d'agua, Guardadora de perus, Mulher que deita cartas, Dalila, Judith, Lady Tartufo, Joanna a doida, Tentações diabolicas, Doida de Moutmayour, Lucrecia Borgia, Pena de Talião, Patria, Côrte na aldeia, Marion Delorme, Maria Stuart, Estella, Os sete peccados mortaes, A cruz de S. Luiz, ou o juramento d'honra, Condessa de Senney, Gladiador de Ravenna, O genio da morte, e Angelo ou o tyranno de Pádua.* O ultimo drama em que até hoje entrou (junho de 1873) foi no bellissimo drama a *Condessa do Freixial,* no Gymnasio.

Emilia das Neves figura na galeria das atrizes célebres photographadas por *Disderi,* ao lado de *Rachel, Risttori, Rose Cheri e Julia Rettich.*

O conselho dramatico portuguez, que foi composto dos homens mais emminentes nas lettras, classificou Emilia das Neves como atriz de merito relevante, e a academia dramatica de Coimbra lhe concedeu o diploma de socia.

Varias pessoas, reconhecendo-lhe um prodigioso talento como actriz, lhe negam as qualidades amaveis de uma mulher. Pretendemque ella é orgulhosa,, avarenta e mesquinha. É erro. Emilia é economica, mas não mesqninha. Em sua casa é um modelo d'arranjo e ordem. Só é prodiga no seu vestuario para a scena, onde se apresenta sempre deslumbrante, e nas esmolas que dá sem ostentação.

Fóra do palco é modesta no seu vestuario: a sua palavra é uma escriptura, pelo que tem credito como um rico negociante. É pagadora exemplarissima e escrava do seu dever.

Soccorre muitos dos seus collegas; paga-lhes obrigações dos seus montepios; vae ao leito da dôr aliviar os infelizes, sem se poupar a vigilias ou sacrificios.

A historia hade fazer-lhe justiça e a posteridade hade glorificar uma das atrizes que mais opulentou e ennobreceu a arte dramatica em Portugal.

Quando Emilia das Neves esteve no Rio de Janeiro, onde arrebatou os seus numerosissimos espectadores, varias poesias lhe foram dedicadas: entre ellas figura uma soberba, da penna do nosso malogrado poeta portuense, Faustino Xavier de Novaes. Termina assim:

—

Responde a fama altiva. «Era o talento,<br>
«Prodigio d'arte, unido ao sentimento,<br>
«Era o genio da actriz!<br>
Era um nome eternal na lusa historia!<br>
Era a gloria da scena, a vossa gloria!<br>
A gloria d'um paiz!<br>
Tem a grande Rachel a sua França!<br>
Ristori tem a Italia! E na balança<br>
Não ha genios eguaes!<br>
«Gozem dos povos seus, cultos profundos!<br>
«Tem cada qual um mundo? Esta em dous mundos<br>
Impera sem rivaes.»<br>
Artista! Se estes bravos e estas palmas,<br>
Não dizem quanto sentem nossas almas,<br>
Pela patria e por ti;<br>
Este povo, que adora a liberdade,<br>
Que nem sempre se curva á magestade,<br>
Eil'-o curvado, a ti!<br>
Vem depôr a teus pés offerta pobre,<br>
— Debil recordação, de um povo nobre<br>
Lá na terra natal!<br>
Deixas, mais opulenta, em dôce abraço<br>
Dous nomes immortaes, prêsos n'um laço:<br>
Emilia-e-Portugal!

—

O célebre e patriotico jurisconsulto portuguez, vulgarmente conhecido por João das Regras, a que alguns errradamente chamam João d'Arégas, cujo nome verdadeiro Era João Affonso das Regras, nasceu em Lisboa. era filho de Affonso Annes e de Silvestra Esteves. Estudou direito na celebre universidade de Bolonha. Foi elle um dos que mais contribuiram para que nos codigos portuguezes, começados a compilar por D. João I, predominasse a legislação romana restaurada entre as velhas usanças e antigos fóros do reino. Em 1382 estava de volta a Portugal, e já tinha grande nomeada. Tomando em 1383 partido pelo Mestre d'Aviz, foi por elle nomeado chanceller interno.

Em 1385, nas côrtes de Coimbra, a sua voz eloquente, e o vigor e subtilesa dos seus raciocinos, decidiram a favor do Mestre d'Aviz as dividas da successão da coroa. D. João I oi-lhe sempre reconhecido. João das Regras prestou a Portugal grandes serviços, defendendo nas côrtes, com a candidatura do Mestre d'Aviz, a causa da independencia. Foi o predecessor de D. João II, como D. João II, de Sebastião de Carvalho. Morreu a 3 de maio de 1404.

**BEMLHEVAE**—freguezia, Traz-os-Montes comarca de Mirandella, concelho de Villa-Flor, 144 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Bragança.

Fertil.

O parocho (cura) era apresentado pelo D. Abbade do mosteiro do Bouro, da ordem de S. Bernardo, e tinha de rendimento 8:600 réis de congrua e o pé d'altar.

**BEMPOSTA**—villa, Traz-osMontes, comarca e concelho do Mogadouro, situada a 2 kilometros da direita do Douro, 30 kilometros de Mirandella, 435 ao N. de Lisboa, 210 fogos .Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado, e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda. Eram seus donatarios os senhores de Villa-Flor.

Está situada sobre a margem direita do rio Douro, em um plató, d'onde se veem muitas terras de Portugal e Hespanha.

Fertil; muito gado de toda a qualidade.

O commendador de Santa Maria, a Velha, de Castello-Branco, apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 200$000 réis

Passou o padroado d'esta egreja para os marquezes de Tavora, até 1759, ficando desde então para a coroa, até 1834.

Tinha duas annexas, que o abbade d'aqui apresentava, eram Perêdo e Algosinho.

Ha n'esta freguezia muito sumagre.

Tinha juiz ordinario e officiaes da camara, sugeitos á ouvidoria de Villa-Flor.

Tem alfandega. A 1:500 metros da villa corre a ribeira de Lamoso, a qual se precipita inteira do cume de um rochedo, na altura de 35 metros, formando uma magnifica cascata, a que aqui chamam «Faia d'Agua Alta.»

A penedia, no meio da sua elevação, apresenta um caminho por onde passam, sem risco de molhar-se, homens e gado.

Ha aqui um reducto, a que chamam castello, entre o povo e a matriz, com tres portas.

Antigamente havia outro fortim, de que ainda ha vestigios em um alto sobranceiro ao Douro, a 3 kilometros d'esta villa e fronteiro á praça da villa de Formoselha, ao qual ainda chamam Castello d'Oleiros. É tradição que era obra dos mouros.

No Perêdo, a 5 kilometros da villa, está, no meio do rio Douro, um pequeno rochedo para onde se póde saltar facilmente, e d'elle para a outra margem (esquerda) já territorio hespanhol, tal é aqui a estreiteza do rio.

A 3 kilometros da villa está uma immensa penedia sobranceira ao Douro, a qual tem no fundo, a poucos metros do rio, uns antros, onde no rigor do inverno os pastores recolhem os seus rebanhos. Parecem salas construidas segundo a arte e podem recolher mais de 600 cabeças de gado!

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 15 de junho de 1315, fazendo-a então villa. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

É limitrophe com as provincias de Salamanca e Zamora, na Hespanha.

Em frente do Castello d'Oleiros (Hespanha) está uma pequena fortaleza a que os hespanhoes chamam «Castillo Moro».

O chamado Castello d'Oleiros, é uma muralha de 2 metros de largura, no cume do outeiro, cercando-o, com um ambito de 130 metros de comprimento, e 40 de largo. Fica a 4 kilometros da villa.

É sitio muito alcantilado, e foi precizo grande trabalho e risco de vida para construir isto com a solidez que tem. Pelos annas 1827 ou 1828, se encontraram aqui (entre outras cousas) uma pequena espada de

prata, moedas do mesmo metal e d'ouro, com letras ininteligiveis, e uma pedra de marmore branco, com arabescos e esculpturas, que está na residencia.

**BEMPOSTA** ou **PINHEIRO DA BEMPOSTA**—villa, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis, 30 kilometros a O. NO. d'Aveiro, 6 ao S. d'Oliveira d'Azemeis, 48 ao S. do Porto, 65 ao N. de Coimbra e 270 ao N. de Lisboa. 346 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Era um concelho antiquissimo, e que o ominoso decreto de 24 de setembro de 1855 (sendo regente o sr. D. Fernando Coburgo) dissolveu, com gravissimo prejuizo dos póvos d'elle e por influencias de campanario.

Era dos marquezes d'Angeja (condes de Villa Verde) que lhe confirmavam dous juizes ordinarios, tres véreadores, um procurador, do concelho, escrivão da camara, dous tabelliães, com alcaide e um capitão-mór com 10 companhias d'ordenanças.

Situado em uma mediana elevação, d'onde se vê Ovar, Válega, Pardilhó, Avanca, Loureiro, S. Thiago, Murtosa, Bunheiro, Estarreja, Salreu, Aveiro (a 35 kilometros) e a freguezia da Branca, que parte com esta.

O prior era apresentado pelo padroado real, e tinha 900$000 réis de renda.

É terra muito fertil. Corre pela freguezia o rio *Minhoteira*, que rega e móe e divide os bispados do Porto do de Coimbra.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

A villa e a freguezia são atravessadas pela estrada real de 1.ª classe, de Lisboa, para o N., concluida em 1864.

**BEMPOSTA**—villa, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros da Guarda, 270 áo NE. de Lisboa, 98 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago Nossa Senhora da Silva.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Foi da comarca de Castello Branco e era da corôa. Fertil.

Era antigamente do bispado da Guarda.

Situada em campina, d'onde se vê Medelim, Monsanto, Proença Velha, Penamacor, Pedrógam, Valle dos Prazeres, Alpedrinha e Castello Novo.

A camara da villa é que apresentava o cura, a quem os freguezes pagavam 5 moios de centeio, 5 moios de trigo, 2 almudes de vinho, e a commenda lhe pagava 900 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o cura era apresentado pela Mitra e tinha de congrua 15$000 réis e o pé de altar.

Tinha juiz ordinario, camara, com vereadores, procurador do concelho, escrivão, official, etc.

A um lado da villa está uma antiga torre, cercada com seu reducto a que chamam castello. Está coberta de telha; tem dois andares. É feita com muita solidez.

Passa por a freguezia o rio *Torto*.

**BEMPOSTA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 128 kilometros ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Foi antigamente da comarca de Thomar.

Eram seus donatarios os marquezes de Abrantes.

Situada em um valle, d'onde se vê Abrantes, Sardoal e Mação.

O vigario da collegiada de S. João Baptista, de Abrantes, apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 30 alqueires de trigo, e 10$000 réis em dinheiro, pagos pelos freguezes.

É terra pouco fertil e pobre. A maior parte das casas são choupanas feitas de terra e cobertas de cortiça.

Passa aqui o rio Torto e as ribeiras de Ulme e Muja.

É a 24.ª estação do caminho de ferro de Leste.

Actualmente, com a passagem da estação do caminho de ferro, teem melhorado bastante as condições d'esta povoação; ainda que não tanto como era de esperar.

Fóra as que ficam descriptas, ha em Por-

tugal mais 22 povoações com o nome de Bemposta. Em Lisboa, tambem ha um sitio assim chamado, proximo e ao NE. do Campo de Sant'Anna. E immediato a este ha outro chamado Bempostinha.

**BEMQUERENÇA**—antiga aldeia de Traz-os-Montes, que existia no sitio onde está a actual cidade de Bragança. D. Fernão Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques e grande senhor de Traz-os-Montes, achando a velha cidade de Bragança destruida e abandonada, e não gostando do sitio, foi fundar a nova Bragança, no local da tal aldeia, em 1130, pelo que se ficou chamando por muito tempo Bemquerença.

Esta aldeia e seu territorio era do mosteiro de Castro de Avellans e D. Fernão Mendes deu por isto aos frades, as villas de Pinello e Santulhão.

No tempo de D. Affonso I não havia em Portugal nenhuma povoação chamada Bragança.

D. Sancho I, senhor já de Bemquerença, que tinha revertido á corôa por morte de seu tio, tratou logo de povoar em maior escala esta terra, dividindo-a em villa, cidade e termo, e lhe deu foral em 1187. Parece que foi este rei que lhe mudou o nome para Bragança.

No tempo de D. Affonso III, em todos os documentos apparece já com o nome de Bragança e com o titulo de villa.

D. Affonso V é que a elevou á cathegoria de cidade, por alvará dado na cidade de Ceuta, a 20 de fevereiro de 1464.

Logo em 1199 (maio) o rei de Leão lhe poz cêrco e quiz arrazar, mas D. Sancho I o desbaratou e fez levantar o cêrco.

Para tudo o mais vide Bragança.

—

Bemquerença significa affeição, amor, boa-vontade.

**BEMQUERENÇA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 40 kilometros da Guarda, 280 ao NE. de Lisboa. 100 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em campina, d'onde se avista o Salgueiro, Escarrigo, Valle de Lobo, e Meimôa.

O cabido da Guarda apresentava aqui o prior, que tinha de renda 120$000 réis.

Proximo da freguezia é a serra de Santo André, que tem bastante caça.

A mesma etymologia.

**BEMVIVER**—concelho extincto, Douro, que foi da comarca de Soalhães, tambem extincta. 54 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, tinha 2:510 fogos.

Hoje é da comarca do Marco de Canavezes.

Situada em terreno bastante accidentado, na margem direita do Douro, por cujo rio faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde traz varias qualidades de fructas, cereaes, madeiras, etc., etc.

Passa proximo o rio Tamega, e tanto este como o Douro abastecem a terra de peixe.

No monte de Monforte, ha pedreiras de muito boas pedras de amolar.

No monte Arádos, ha vestigios de grandes fortificações romanas, e de uma estrada subterranea que ia ter ao Douro.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de setembro de 1514.

É terra fertil.

**BENALVERGUE** ou **VILLA DAS AUDIENCIAS**—pequena villa, Alemtejo, concelho de Beja.

Era do conde-barão de Alvito.

Situada em campina. Vê-se d'aqui Portel, Vianna, Alvito, Villa-Alva, Villa-Ruiva e Villa de Frades.

O ministro da Santissima Trindade de Santarem, apresentava aqui o reitor, que tinha 120$000 réis.

É terra fertil.

Tinha antigamente camara e dois juizes ordinarios. Corre pelo meio da freguezia o rio Odivellas.

Hoje já nem é freguezia.

**BENAZAFARIM**—(Vide Benzafrim.)

**BENAVENTE** e **BARROZA**—antiquissima villa, Alemtejo, em 39° de latitude e 9° e 44' de longitude, 90 kilometros ao NE. de Evora, 50 ao N. de Lisboa, 650 fogos, 2:600 almas.

No concelho, 1:060 fogos, na comarca, 3:030.

Feira a 21 de setembro, tres dias.

Em 1660 tinha 400 fogos, e em 1757, 650.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Foi antigamente da comarca de Setubal.

Era do mestrado de Aviz, depois ficou sendo do rei, como grão mestre da Ordem, o qual provia os officios da justiça e alcaidaria-mór, e era senhor da commenda, que rendia 6:400$000 réis por anno, além do que levava a mitra e o cabido de Evora, que era a terça parte dos dizimos.

Situada em uma planicie elevada, fertil e saudavel, regada pelo rio Sôr, que logo abaixo de Benavente entra no Sorraya e ambos no Tejo; d'alli se descobre Salvaterra de Magos, Santarem, Azambuja, Villa Nova da Rainha, Alemquer, Castanheira, Povos e as margens do Tejo até Lisboa.

Dizem alguns que a sua etymologia vem de *Bene eventus*; em razão de uma grande e inesperada victoria que aqui tiveram os christãos contra os mouros.

Outros dizem que esta victoria foi alcançada contra os barbaros do Norte, pelos annos 500 de Jesus Christo.

É povoação antiquissima, pois já existia e era povoação importante no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Aritium Prætorium.*

Outros querem que *Aritium Prætorium* seja Salvaterra, que fica proximo; mas segundo o Itenerario de Antonino Pio, não póde ser senão Benavente.

No anno 95 antes de Jesus Christo, quando o consul Publio Licinio Crasso principiou o *Itinerario,* que concluiu Antonino Pio, era *Aritium Prætorium* uma cidade notavel, pois aqui principiava a 3.ª via militar romana, que hia a Merida, então capital da Lusitania.

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*) diz que o sitio e comarca de Benavente tem algumas particularidades que se não compadecem com o *Itinerario* de Antonino Pio.

No termo de Benavente corre a ribeira de Canha, que antigamente se chamava Ribeira de Flôres (pelas muitas que havia nas suas margens) e depois se chamou Almançor.

Ha aqui padrões antiquissimos.

Soffreu, como as mais povoações de Portugal, o jugo de differentes senhores, até que D. Affonso I a tomou aos mouros em 1147, quando tomou Santarem.

Esteve porém esta villa deshabitada até ao reinado de D. Sancho I, e então, em 1200, D. Payo, bispo de Evora, a reedificou, povoou e deu foral.

Tam um palacio real e boa tapada; mas tudo arruinado.

O rei, como grão mestre da Ordem de Aviz, apresentava aqui o prior (que era tambem juiz da Ordem, de que esta villa foi cabeça de comarca.) Tinha este prior de renda 300$000 réis.

Tinha trez beneficiados, cada um com 130$000 réis.

Tinha antigamente juiz de fôra.

O senado da camara d'esta villa era o mais rico do Riba-Tejo; pois, além de ser senhor de muitas e fertilissimas terras, tinha o direito de nomear tres riquissimas capellas: uma de S, Bartholomeu, que rendia 30 moios de trigo, além das *pitanças,* outra de Santa Catharina, que rendia 300$000 réis e as *pitanças,* e outra que instituiu o padre João de Pontes, que, além de vinhas, olivaes e casas, se arrendavam (as terras) por 20 moios de trigo.

No termo d'esta villa, e freguezia d'ella, é o convento de Jericó (Janicó ou Gericó) de frades arrabidos, fundado pelo infante D. Luiz. (Vide Arrabida.)

Tem egreja da Misericordia (que antigamente foi capella do Espirito Santo) e hospital.

É terra fertilissima.

Ha aqui lavradores que semeiam mais de 50 moios de trigo e cevada.

A Quinta da Foz, dos marquezes de Cascaes, tinha annos que dava ao dizimo 100 moios de pão!

Ha aqui grande abundancia de gado de toda a qualidade.

Tem porto de mar, para embarcações de lotação de 30 moios.

Tem muito peixe do Tejo.

Não é terra muito saudavel, pela má qualidade das suas aguas.

Só a fonte chamada Bica da Casa, tem muito boa agua, e o dr. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, diz que é diuretica, cura a dôr de pedra e areias *e faz com que as mulheres sejam fecundas.*

D. Payo, mestre de Evora (de Aviz) lhe deu foral, sem data. Confirmado por D. Sancho I, em Coimbra, a 8 de abril de 1200, e por D. Affonso II, em Santarem, a 5 de fevereiro de 1218, e finalmente, por D. João I, em Lisboa, a 24 de outubro de 1404.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de janeiro de 1516.

A camara d'esta villa é das mais ricas e tinha regalias, como nenhuma outra d'este reino. É senhora de vastas e fertilissimas terras, além do que já disse.

A camara, na vespera de S. Thomé, vae repartir esmolas a seu arbitrio, pelas portas. Ha aqui a familia dos Frades, que procede de Frade Fradique. Os Pachecos e Sampaios, que procedem de Fernão Rodrigues Pacheco, unidos aos Sampaios de Traz-os-Montes, que vieram para Villar de Frades, e d'ahi para Benavente.

Em uma das torres da egreja matriz d'esta villa, se vêem as armas dos condes de Benavente, figuradas em cinco conchas dispostas em aspa, sobre um escudo liso. É tradição que este brazão tem origem no facto seguinte, que conta o sr. Antonio Candido Palhoto:

No anno 44 de Jesus Christo, um illustre cavalleiro da Maia (termo do Porto) Chamado Caio Carpo Palenciano, tendo desposado a nobre dama Claudia Lobo Zalenco, saiu a passear pelas immediações de Mattosinhos, com a sua esposa e parentes, em vistosa cavalgada. Avistaram uma embarcação que navegava com a prôa ao N., e quando todos se entretinham em olhar o mar e a barca, o cavallo de Caio, não dando pelo freio, foge para o mar com o cavalleiro, dá um mergulho e só apparece ao lume d'agua junto ao navio, onde saltou. O cavalleiro e cavallo apparecem então cobertos de conchas.

Pede aos tripulantes explicação d'estas maravilhas e elles lhe respondem que são christãos, discipulos do apostolo S. Thiago, e que vem fugindo á sanha dos gentios, levando na sua companhia o cadaver de seu mestre, para o pôrem a salvo em terras de Hespanha, que o santo apostolo havia convertido ao christianismo, e para depôr alli o corpo do santo. «As conchas de que te vês coberto—disseram elles—e os prodigios que te assombram, são signal de seres chamado por S. Thiago para seguires a lei de Jesus Christo, e essas conchas servirão para o futuro de distincção aos servos do mesmo santo.»

Caio, profundamente commovido pelos milagres que vê, e abalado por um sentimento desconhecido, pede logo o baptismo, recebido o qual, vem reunir-se a sua esposa e amigos, a quem converte tambem, com a narração de tão pasmosos successos.

—

D'este Caio descende a nobre familia dos Pimenteis, de Traz-os-Montes, de quem procede Rodrigo Affonso Pimentel, 1.º conde de Benavente, o qual tomou por armas 5 conchas (vieiras) como disse, as quaes tambem estão na torre do castello de Bragança. Adiante vae o escudo completo.

Consta que o appellido de Pimentel procedeu da alcunha imposta por D. Affonso III de Portugal (pelos annos 1260) a Vasco Martins de Novaes, môço fidalgo e meirinho-mór do mesmo rei; pela esperteza e celeridade que em tudo mostrava o tal Vasco.

As armas de que este usou, eram: em campo verde, 5 vieiras, de prata, em aspa, realçadas de negro. Timbre, meio touro de púrpura, armado de prata, com uma vieira das armas, na testa.

Alguns lhe accrescentam orla de ouro' carregada de cruzes vermelhas.

Depois, os condes de Benavente (d'esta familia) accrescentaram as suas armas do modo seguinte: escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas de púrpura, em faxa e no 2.º e 3.º, de verde, 3 vieiras de prata, realçada de negro, em roquete, orla de prata, carregada de cruzetas de púrpura, simples.

O 1.º conde de Benavente, foi feito por

Filippe II, em 1598. Este, que como já disse, se chamava Rodrigo Affonso Pimentel, tomou por brazão d'armas, escudo dividido em pala, na 1.ª de verde, 5 vieiras de prata, em aspa, na 2.ª, de prata, faxa de 3 coticas de púrpura. Timbre, meio touro de púrpura, armado de prata, com uma das vieiras do escudo, na testa.

**BENAVILLA**—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho e 6 kilometros ao N. de Aviz, 54 ao N. de Evora, 120 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

Era do mestrado de Aviz. D. Diniz a fez villa e lhe deu foral, em Lisboa, em 1296.

(Franklim não falla n'este foral.)

Situada em um fundo mas ameno e fertil valle, regado pelos rios Sêda e Sarrazolla.

O Sêda passa ao N. da villa e o Sarrazolla ao E.

Não se avistam outras povoações.

O rei, como grão mestre da Ordem de Aviz, apresentava aqui o prior, que tinha 2 moios e meio de trigo e 2 de cevada; e um beneficiado, que tinha 2 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, tudo pago pela commenda da mesma villa. Tinha mais o prior 20$000 réis e o beneficiado 8$000 réis, pagos pelo almoxarifado de Benavente.

Além de mais duas capellas, ha a da Senhora de Entre Aguas (por estar entre o Sêda e o Sarrazolla) que foi antigamente matriz e deixou de o ser, por causa das innundações d'estas duas ribeiras, que a tornavam incommunicavel, por cobrirem as duas pontes que ha nas taes ribeiras.

É templo antiquissimo, como mostra pela sua architectura. N'esta capella havia um hospital que curava pobres. Foi erecto por D. João V, com privilegio de Misericordia, pelos annos de 1740.

Na parede exterior d'esta capella, está embutido na parede um cippo, com a seguinte inscripção:

L. BESA. L. VES. J. EAU.
L. H. S. E. S. T. S. III.

Querem alguns que n'este logar houvesse povoação com este templo, pelos annos 370 de Jesus Christo.

É terra muito fertil em trigo, cevada e outros generos. Tem extensos montados, onde se criam muitos porcos para exportação.

Diz o padre Cardoso, que, na horta chamada dos Frades, junto a esta villa (ao N.) ha uma fonte de agua boa, sádia e pura, de que bebe o povo; mas deitando-se-lhe dentro algum peixe, logo lhe saltam os olhos fóra! (Será assim.)

Tem Misericordia e hospital.

D. Diniz mandou aqui construir um castello, em 1296, que está em ruinas; foi seu alcaide-mór D. Luiz de Alencastre.

**BENCATEL**—freguezia, Alemtejo, comarca de Estremoz, concelho e proximo de Villa Viçosa, 40 kilometros de Evora, 135 ao E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago Sant'Anna.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É a palavra arabe *Bencatél*. Significa, filho do matador. Deriva-se do verbo *catala*, matar; e tem anteposta a palavra *ben*, filho. É pois, freguezia do filho do matador.

E' terra fertil.

Situada em um valle d'onde se vê Redondo, Evora-Monte e Terena.

Até 1834, pertencia esta freguezia a cinco concelhos (!) que eram: Villa Viçosa, Borba, Alandroal, Redondo e Estremoz. A matriz estava no d'esta ultima villa.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 4 moios e meio de trigo e meio de cevada, que lhe davam os freguezes, e 24$000 réis em dinheiro.

Era esta terra governada pelas justiças de Villa Viçosa e Estremoz, em cujos dois termos habitavam a maior parte dos moradores da freguezia.

N'esta freguezia, proximo da ermida de S. Pedro, nasce de entre umas penhas, um olho d'agua, que sae em tanta abundancia, que logo faz moer 18 azenhas e 1 moinho.

Com 6 kilometros de curso, morre no Luceféce.

Ha n'esta freguezia muitas fontes de boa agua.

Na aldeia de Bencatel nasce a ribeira do seu nome, que, depois de fazer moer azenhas e pisões, morre na direita do Guadiana.

—

N'esta freguezia se achou, em 1841, uma pequena ára, com a seguinte inscripção:

FONTANO
ET FONTANAE
PRO SALVT. AL.
BI. FAVSTI. ALBIA
PACINA. V. S. A. L.

**BENDADA** — reguezia, Beira Baixa, comarca da Covilhã, concelho de Sortelha, 24 kilometros da Guarda, 300 ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente do concelho de Penamacor. Era da coroa. Fertil.

Situada ao cimo de um valle, d'onde apenas se descobre parte das muralhas da villa de Sortelha.

O prior era de nomeação regia e tinha 300$000 réis de renda.

Corre aqui a ribeira do seu nome, que nasce no Cabeço de Frágoas, e depois de regar e moer, se mette na das Enguias.

*Bemdado*, (portuguez antigo.) bem nascido, nascido de familia honrada, nobre e mesmo de familia humilde, mas de bons costumes. (Côrtes de Lisboa, de 1439.)

**BENDADA** — freguezia, Beira Baixa, co marca de Pinhel.

Era da Ordem de Christo, de que eram commendadores, aqui, os marquezes de Cascaes.

Situada em planicie e d'ella se vê Pinhel e Castello Rodrigo.

O vigario de Cinco Villas apresentava o cura d'aqui, que tinha de congrua, pela commenda 16$000 réis, e pelo povo 4$000 réis.

É terra fertil.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, porque está annexa á antecedente.

**BENDAFÉ** — freguezia, Douro, concelho de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada na raiz de um monte.

O prior e beneficiados de Santa Justa, de Coimbra, apresentavam aqui o cura, ao qual pagavam 70 alqueires de trigo. Os dizimos e outros foros eram para os taes prior e beneficiados, por serem *senhores* da freguezia.

**BENDAVIZES** — vide Bandavizes.

**BENEDICTA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 105 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Era dos coutos de Alcobaça e a freguezia mais antiga d'elles.

Consta que foi a primeira *casa de oração* dos frades bernardos.

Os freguezes é que nomeavam o cura, que confirmava o abbade de Alcobaça. Os freguezes lhe davam 2 moios de trigo e 50 almudes de vinho, que, com o pé d'altar, andava por 200$000 réis.

Tinha um capellão, a que os freguezes davam 2 moios de trigo de *porção*.

É terra muito fertil. Tem muitas fructas e as maçãs são aqui optimas e em grande quantidade.

**BENESPÉRA** ou **BEM ESPÉRA** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 a NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 122 fogos.

Orago Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada no valle de Santo Antão, cercada de montes, d'onde nada se descobre, e junto á ribeira Teixeira.

Por isso esta freguezia se chamava antigamente Santo Antão Abbade da Teixeira. Hoje diz-se Santo Antão de Bem Espera ou de Benespera (aportuguezando ou alatinisando a palavra).

Foi commenda dos jesuitas, e depois da universidade de Coimbra, que apresentavam aqui o vigario, o qual tinha 30$000 réis em dinheiro, 4 alqueires de trigo, 4 almudes de vinho e o pé d'altar.

Tem um hospital para pobres, muito antigo, fundado por varios devotos que lhe deixaram herdades. Os estatutos foram feitos em 1645.

É terra fertil, sobretudo em castanhas.

Tinha juiz da vara com seu escrivão, apresentados pela camara da Guarda.

Feira a 17 de janeiro, dia de Santo Antão (orago) e na segunda feira de paschoella. N'este dia vinham aqui antigamente em procissão os povos das villas de Belmonte, Sortelha, e os das freguezias de Aldeia do Matto, Aldeia Velha, Maçainhas, Bendada e Aldeia Nova da Teixeira.

E' proximo da serra das Cruzes, que tem muita caça.

No archivo da sé da Guarda, ha uma memoria que faz menção da egreja d'esta freguezia, com o titulo de *Sanctus Antonius Abbas de Texariis*. E' templo antiquissimo, e foi convento de conegos da Ordem de Santo Antão, e cabeça da Ordem n'este reino, fundado pelos annos 1350.

Passou depois a ser de jesuitas, por bulla de Paulo III, de 1550. (Vide Lisboa, logar competente).

**BÉNIS**—é o nome que Strabão dá ao rio Minho; mas é engano. O que é certo é que este nome foi dado ao actual rio Coura.

Outros querem que Benis fosse uma das cidades do paiz bracarense que floresciа até á invasão dos barbaros do Norte, no principio do 5.° seculo; e cuja cidade era situada na margem esquerda do Minho, na serra d'Arga. Vide Arga e Medullio.

**BENRÉZA, BEM REZA ou BANREZES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Já está em Banrezes.

**BENTE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente *visita* de Vermuim e Faria, e do concelho de Barcellos.

Situada em um valle fertil.

O abbade era apresentado alternativamente pela mitra e por o mosteiro de Landim, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios). Tinha de renda 300$000 réis.

Tem bons mattos, onde se cria muito gado e caça miuda. Muito abundante de castanhas.

**BENTO DA CONTENDA** (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 6 kilometros ao O. de Olivença, 30 ao SO. d'Elvas, 180 ao SE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora.

Situada em um monte, d'onde se descobrem muitas povoações portuguezas e castelhanas.

Chama-se da *contenda*, pela que houve, por quererem os castelhanos que pelo meio da egreja matriz d'esta freguezia passasse a linha divisoria de Portugal e Hespanha. E dentro d'ella, com effeito, se pozeram os marcos que dividem os dois reinos. Os marcos de Castella, estão, um na capella-mór, da parte do Evangelho, outro na pia baptismal. Os de Portugal estão, um na capella-mór, do lado da Epistola, e outro está sustentando a pia da agua benta.

O ordinario apresentava aqui o cura, a quem os freguezes pagavam 5 moios de pão, e 10$000 réis em dinheiro.

N'esta freguezia está a capella de Santo Amaro, fundada nas abas da serra de Mouxarra. Dizem que em tempos antigos houvera n'este sitio uma grande povoação, de que ainda ha vestigios.

Aqui existe ainda uma torre que tem servido por varias vezes de atalaia.

Passa aqui o pequeno rio de S. Bento, que rega e moe.

E' terra fertil.

Actualmente está annexa a S. Braz dos Mattos.

**BENZAFRIM**, ou **BENSAFRIM**, ou (como se dizia antigamente, com mais propriedade) **BENASAFARIM**—freguezia Algarve, comarca, concelho, e 6 kilometros ao N. de Lagos, 60 de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 395 fogos. (incluindo 100 da freguezia de Barão de S. João.)

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um valle, nas margens da ribeira do seu nome, d'onde só se avistam terrenos d'esta freguezia.

O bispo do Algarve apresentava o parocho, que tinha trez moios de trigo e 35 alqueires de cevada, que lhe pagavam de *premio*, os freguezes.

Nos montes proximos há muita caça miuda lenha, e carvão.

É a palavra árabe *Benassaharin*, que significa «a dos feiticeiros».

Deriva-se do verbo *sahara*, encantar, enfeitiçar.

Ha aqui muitos figos, mel e cêra, que se exporta.

Esta freguezia está espalhada por casaes e herdades. Tem defronte da aldeia, a E., um grande penhasco, de pedra durissima, que tem uns 330 (!) metros d'altura, e que lhe encobre o sol até ás 9 ou 10 horas da manhã, no inverno.

Na raiz d'este gigantesco penhasco corre a ribeira.

No sitio chamado Côrte do Bispo ha uma fonte d'agua férrea.

N'esta freguezia se fabrica muita cal. Ha tambem muitas cabras e ovelhas.

Ha muitos annos qne esta freguezia está annexa á de Barão de S. João.

**BERÊDO** ou **BRÊDO**—rio, Traz-os-Montes. Nasce no concelho de Mont'Alegre. Tem a sua origem na extremidade oriental da serra do Gerez, em Fonte Fria (raia da Galliza) e passando a E. da freguezia de Parada do Outeiro, no mesmo concelho, depois de 16 kilometros de curso, acaba na direita do rio Cávado, em frente da freguezia de Paradella. Cria bôas frutas.

O seu nome lhe provem dos muitos *brêdos* (planta bem conhecida) que cria nas suas margens.

**BERINGEL** ou **BRINGEL**—villa, Alemtejo, comarca e concelho, e 10 kilometros a O. de Beja, 132 ao S. de Lisboa, 480 fogos, 1:800 almas.

Em 1660 tinha 400 fogos, e em 1757, 300

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado, e districto administrativo de Beja.

Situada na encosta de um monte, d'onde se vê Alvito e Faro e a aldeia de Trigaches. Passa proximo da villa o rio Gallego. Fertil.

Foi primeiramente dos frades d'Alcobaça, que lh'a deu D. Affonso III, em 1255.

D. Manuel lhe deu foral fazendo-a villa, em Evora, a 23 de novembro de 1519.

Eram seus donatarios os marquezes de Minas, por troca que D. Affonso V. fez com os frades, em 1477, dando-a em 1479 a Ruy de Sousa, primeiro conde do Prado, ascendente dos marquezes de Minas. Tem 4 boas fontes publicas; são: da Andreza, do Marquez, de Palhaes e Fonte-Velha.

O prior (com mursa) era apresentado pelos ditos marquezes; tinha dous beneficiados coadjutores, creados em 1545, um com as rendas do priorado, outro com as da mitra.

O que se creou com as rendas do priorado apresentavam os donatarios, e tinha de cada 16 partes dos fructos, 3, dando ao ecónomo, uma; 10 alqueires de trigo ao organista e 13 e meio ao sachristão.

O que se creou com as rendas da mitra, era de apresentação do ordinario, e de cada 16 partes tinha duas, dando uma ao ecónomo. Vinha a ser a renda do primeiro beneficio 90$000 réis e a do segundo 60$000. O prior tinha de renda 300$000 réis

Havia mais um beneficio simples, da apresentação dos donatarios, erecto pelo mesmo tempo, que rendia 50 alqueires de trigo e 10 almudes de vinho, que lhe pagava o prior e o beneficio maior, o prior 3 partes, e o beneficiado uma. Rendia 40$000 réis.

A egreja matriz é um antigo templo de 3 naves. Foi primitivamente convento de frades bernardos e do qual ainda ha vestigios. Em uma das capellas, estão sepultados Ruy

de Sousa e sua mulher, D. Branca de Vilhena.

Tem Misericordia e hospital, fundado pelos devotos da villa, com as rendas da confraria da Senhora da Piedade, no anno de 1543. Deu-lhe tambem algumas propriedades D. Pedro de Sousa, conde do Prado (então donatario) em 1548.

Tinha dous juizes ordinarios e vereadores, confirmados pelos marquezes donatarios.

No seu termo, no outeiro do Circo, ha um forte, arruinado.

Proximo á villa é a serra das Pedras; cria matto e caça miuda.

Passa aqui o rio Gallego, que rega e móe.

Na serra das Pedras, proximo á villa, ha perdizes e coelhos em grande abundancia.

Esta villa é muito antiga, pois já existia no tempo dos árabes, que lhe deram o nome que tem; mas não pude saber quem a fundou.

Com as continuas guerras do principio da monarchia, estava despovoada no reinado de D. Affonso V, e em 1450 este rei á mandou povoar pelo primeiro conde do Prado, D. Pedro de Sousa.

Outros dizem que o conde do Prado a povoou no reinado de D. João III, (1550) por ordem d'este rei. É érro. Esta villa era do convento d'Alcobaça, e D. Affonso V. a trocou com os frades (ou o mesmo conde) por outras, e ficou sendo dos condes do Prado.

O nome d'esta villa é derivado da palavra árabe *Badanjan*, corrupta do persico *Badenjan*; que significa Bringella, fructo de uma planta hortense bem conhecido. Esta palavra é derivada de *badan* (o corpo) e de *jan* (diabolico, maligno.)

Os árabes lhe deram este nome, pelo mal que faz a quem a come. O padre D. Raphael Bluteau, diz que a bringella pertence á familia das *mandragoras*. Supponho que a *mandrágora* é uma especie muito differente de *beringella*. Aquella não se come. Os antigos atribuiam á mandragora a virtude de tornar fecundas as mulheres que a trouxessem comsigo. (Vide no Ant. Test., a historia de Jacob.)

É este fructo uma especie de melãosinho que só serve para a vista, e para o cheiro, e os árabes lhe dão diverso nome; pois chamando á beringella, como já disse, *badanjan*, á *mandrágora* dão o nome de *xammame*. Os Africanos lhe chamam *batech-ennabi*. Os hebreus lhe chamavam *dodaim*. (Vide Gen. capitulo 30.)

Reringueltem por armas, em escudo vermelho, um braço d'ouro com azas, empunhando uma espada.

Diz-se que esta villa foi dada aos cavalleiros da ordem de S. Miguel d'Ala, instituida por D. Affonso I, em 1167, e que d'essa ordem é que tomou o brazão que tem; mas note-se que estas armas são as dos Manueis.

Tinha esta villa muitos privilegios, entre elles o de não pagarem seus moradores sizas nem portagens.

**BERLENGAS** — grupo d'ilhotas situado 12 kilometros a O. de Peniche, em 39.° 25' de latitude N. e 1.° e 6 de longitude occidental.

A *Berlenga-grande* (assim chamada por ser a maior das ilhotas) tem um forte e um pharol. O seu terreno é muito productivo; mas a multidão de coelhos que aqui ha dá cabo de tudo.

Houve aqui um convento de frades jeronymos, fundado por D. Maria, segunda mulher do rei D. Manuel, no anno de 1:500. Foi o que os piratas barberescos quizeram. Assim que por aqui passsavam os chavecos africanos, lá pilhavam uns poucos de frades que levavam captivos para a Berberia. Os frades foram lastimar-se á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, que lhe mandou fazer o convento de Valle-Bem-Feito, na freguezia d'Amoreira, concelho d'Obidos, comarca das Caldas da-Rainha, e para lá se mudaram no ann de 1570. (Vide Amoreira.)

Já no tempo dos celtas era povoada a Berlenga grande, e se chamava então *Landobrix* ou *Landobriga* (que significa povoação pantanosa ou encharcada). Tem uns 3 kilometros de circumferencia: pelo alto tem uma planicie ou plató, com capim, canafrecha, piôrno e outras hervas e plantas, que dão pasto a uma colonia numerosissima e inexterminavel de coelhos. Tem alguns surgidouros para barcos pequenos.

Ha tambem quem diga que era aqui a famosa cidade de *Carteia*, outros dizem que

havia no litoral da peninsula iberica, desde Cadix até Lisboa, tres cidades com o nome de *Carteia*, e que aqui era a *ilha Carteia*. Vide Carteia e Quarteira.

Cluverio diz que estas ilhas (ilhotas hoje) tinham tambem o nome de *Erythreas*.

Nas rochas alcantiladas d'estes ilheus, depositam os *áiros* e as gaivotas um espantoso numero de ovos, que são procurados por homens e rapazes temerarios, que por tão pouco arriscam as suas vidas sobre aquellas penedias resvaladiças. Tem morrido despedaçadas mais de 30 pessoas, mas nem assim serve de escarmento a outros arrojados caçadores.

Em um rochedo proximo da praia, está a *Fonte do capitão*, que é uma notavel e galante furna natural, coberta de avenca e outras hervas.

Ainda existem as ruinas do mosteiro dos jeronimos e trez cisternas e uma amoreira que foram dos frades; e lá está a gruta em que elles vinham pôr-se de atalaia, para darem rebate, quando se aproximava algum navio de mouros.

O forte está ao E., separado da ilha, com o fosso feito sobre um ilheu. A muralha tem 22 metros de alto, e tinha 13 peças de artilheria.

Em 30 de junho de 1666, 14 naus e uma caravella castelhanas, de que era almirante D. Diogo Ilbarra, fizeram a espantosa façanha de tomar este forte.

Tinha principiado o ataque a 28, e, além do fogo das naus, o faziam tambem mil e tantos castelhanos que tinham saltado em terra. No fim de trez dias de fogo sem resultado, pela obstinada resistencia que os portuguezes lhes faziam, e tendo os inimigos já perdido 400 homens, estavam desesperados de tomar o forte; mas o traidor Lucas Alves, natural de Murça, soldado da guarnição do forte, fugiu d'elle, a nado, para os castelhanos, e lhes disse que os nossos não tinham munições; pelo que elles, atacando vigorosamente, e não tendo os nossos polvora, foi o forte tomado.

Quizeram os castelhanos arrazar a fortaleza; mas, como levava muito tempo, pela sua solidez (e elles receiavam que, em quanto estivessem n'esta obra, viesse quem lhe fizesse pagar caro o atrevimento) se contentaram em levar 9 peças que ella então tinha.

Mas esta *victoria* lhe custou carissima e pagaram com usura as 9 peças que nos levaram, pois perderam quasi 500 homens e 3 naus: uma chamada *Covadonga*, foi a pique perto e a O. das Berlengas, outra foi indo até ao Algarve, mas ahi foi ao fundo; a terceira mal poude chegar a Cadix, ficando ali inutilisada para sempre.

A guarnição portugueza do forte compunha-se de 28 soldados e um cabo. Este chamava-se Antonio de Avellar Pessoa, e era natural de Athouguia da Balea. Foi mortalmente ferido este heroe portuguez, e indo prisioneiro na esquadra inimiga, alli morreu. Além d'este bravissimo militar, só tivemos 1 soldado morto e 4 feridos, ficando estes e os 23 sãos, prisioneiros.

D. Affonso VI, mandou logo augmentar as obras de defeza do forte, augmentando-lhe tambem mais 4 boccas de fogo (ficando então a ser 13) e a guarnição.

Até maio de 1871 ainda o forte das Berlengas conservou uma pequena guarnição; mas então ficou reduzido a dois veteranos, para cuidarem do pharol.

Tenho grande satisfação de fazer aqui geralmente conhecido dos portuguezes este bravissimo Antonio de Avellar Pessoa, e tenho pena de não poder saber os nomes dos seus heroicos 28 companheiros, porque os poria aqui, para perpetua memoria d'este feito gloriosissimo dos nossos passados.

**BERNARDO**—aldeia, Beira Alta, freguezia de Barrô, concelho extincto de SS. Martinho de Mouros, comarca e 15 kilometros a ONO. de Lamego, hoje concelho e comarca de Rezende.

Situada em terreno bastante accidentado sobre a margem esquerda do rio Douro. Chamava-se antigamente *Bernaldo*. Estão aqui as ruinas da antiquissima ponte sobre o Douro. (Vide Barrô e Barqueiros.) Ha n'este sitio uma antiquissima barca de passagem. O *Bernardo* é logo abaixo das Caldas do Mollêdo.

**BERTAROUCA** ou **PORTAROUCA**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e

kilometros de Lamego, 344 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É a palavra arabe *Barriaruca*, derivada de *barr*, campo e *taruca*, trilhado, ou frequentado. Hoje quasi toda a gente dá a esta freguezia o nome de Portarouca e Pertarouca.

Significa povoação do campo trilhado.

O cura era apresentado pelo deão da sé de Lamego, tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar.

**BERTEANDE** ou talvez mais propriamente **BRITIANDE** — villa, Beira Alta, comarca, concelho e 5 kilometros a SE. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1660 tinha 200 fogos, e em 1757, 173.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em ameno e delicioso valle, na encosta oriental da serra da Esculca (esculca é synonymo de sentinella). D'aqui se descobrem varias povoações.

O abbade tinha, até 1834, 500$000 réis de renda. Era da apresentação da mitra.

Tem uma casa que serve de hospital, que era administrada pelo juiz ordinario d'esta villa, quando o tinha, agora não sei se existe este hospital, nem quem o administra.

Teve camara, juiz e respectivos escrivães.

No principio da monarchia se chamava *Bretiande*, segundo se vê do testamento da illustre senhora D. Urraca Fernandes, viuva de D. João Garcia, a qual vivia na sua quinta de Moz, junto a Bretiandi, em 1254. Vide Casar.

No meio da villa está uma fonte de abobada, que nunca secca. Tem mais duas fóra da villa, a de Maria Pires e a do Faial.

Passa junto da villa o ribeiro que d'ella toma o nome, o qual nasce na serra da Esculca e se mette no Barosa, junto á capella de Santo André, na freguezia dos Abrunhaes. Rega e moe, mas quasi sempre sécca no verão. Suas margens são cultivadas, e é tambem em partes orlado de oliveiras, castanheiros, arvores fructiferas e vinhas. Têm uma ponte de pedra junto á egreja de S. Gonçalo, e ao pé um lagar de azeite.

É povoação muito antiga. Dizem alguns que o seu fundador foi o grande Egas Moniz, aio de D. Affonso I, mas este varão só a mandou povoar, em 1102, pois estava deserta.

Tem um convento de frades franciscanos, chamado de Ferreirim, fundado por D. Francisco Coutinho, conde de Marialva e Loulé, em 1520. O fundador morreu em 1531 e aqui jaz sepultado. Teve uma filha unica, que casou com o infante D. Fernando, filho legitimo de D. Manuel I e da rainha D. Maria. Não tiveram filhos, pelo que o condado vagou para a corôa.

Ha grande balburdia por causa d'esta pequena villa e da de Bertiandos, no concelho de Ponte de Lima. Uns dizem que foi aqui a antiga cidade de *Britonia*, outros sustentam que foi na de Berteande. Finalmente, outros, para ficarem bem com ambas as partes, dizem que havia antigamente duas cidades de *Britonia*, uma ao pé de Lamego e outra proximo do rio Lima.

O que é certo, é que Berteande é uma povoação antiquissima, e que se não sabe quem a fundou; pois, como já disse, Egas Moniz (que viveu muito por estas immediações, com sua segunda e terceira mulher) achando a villa deserta e abandonada pelos arabes, a mandou povoar.

Não foi porém grande o desenvolvimento que teve, pois nem os nossos primeiros reis, nem mesmo D. Manuel lhe deram foral.

Não deixa por isso de ser uma terra fertil, bonita e saudavel, e um lindo passeio de Lamego até aqui.

—

O facto seguinte prova que Bertiande é povoação muito antiga, e que não é fundação de Egas Moniz, mas de tempos mais remotos.

Os mouros de Lamego, vendo que o seu rei Echa Martin se tinha feito christão, lhe negaram obediencia, pelo que, a pedido do proprio Echa, o conde D. Henrique e Egas Moniz atacaram Lamego revoltado e o tomaram de assalto.

Por consentimento do rei mouro, distribuiu o conde as terras da comarca de Lamego pelos seus cavalleiros, dando a Egas Moniz todo o paiz entre os rios Balsemão e Barosa, e outras muitas até quasi ao rio Tavora.

Egas Moniz povoou estas terras com gente que trouxe do Minho, e fez uma grande quinta para si (onde depois foi o convento e cerca de Salzédas) e n'ella deixou sua segunda mulher, D. Thereza, e seu pupillo, o principe D. Affonso Henriques, para ir com o conde combater os mouros.

Em 1102, estando ainda D. Thereza e D. Affonso Henriques em Salzedas, foi Egas Moniz fazer uma grande quinta para si, fundar a egreja matriz e povoar a villa de Bertiande.

Em 1230, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, doou aos templarios tudo quanto tinha em Bretiande.

Vide Britonia da Beira.

**BERTEANDOS** ou **BRITIANDOS** — villa, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros a O. de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 130 fogos (com a sua annexa Santa Comba).

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em bellissimos e fertilissimos valles e montes, na margem esquerda do delicioso rio Lima, e 9 kilometros a E. de Vianna. Foi couto.

Sobre qual foi o assento da antiga cidade de Britonia, víde Berteande e Britonia do Lima.

Ha aqui uma torre, chamada dos Bertiandos, fundada por Ignez Pinta, em 1586, e que é o solar do actual conde de Berteandos. Vide Correlhan.

Pelos annos 1000 de Jesus Christo se chamava a esta freguezia *Britínia*, segundo se collige de um *instrumento* cuja tradução dou na palavra Britonia do Lima. Sendo assim, não ha duvida que aqui foi o assento da antiga Britonia.

O abbade era apresentado alternativamente por os morgados Damião Pereira da Silva Sousa e Menezes e Antonio Pereira d'Eça, alcaide-mór da cidade de Braga. Tinha de rendimento 300$000 réis.

A familia dos Berteandos procede dos alcaides-móres de Villa Nova da Cerveira, que principiaram em Ruy Lopes Cerveira, padroeiro da extincta freguezia do Mangoeiro, hoje Gondarem.

O actual conde de Berteandos é o sr. Sebastião Correia de Sá Brandão, tio da sr.ª marqueza de Terena e Monfalim e viscondessa de S. Gil de Pérre.

**BERTEL** — aldeia do Douro, no bispado do Porto. É a palavra arabe *Barrtéll*, composta de *barr* (o campo) e de *téll* (o outeiro) vem a ser *Campo do outeiro*.

**BERTELLO** — aldeia, Douro, na freguezia de Real, concelho do Castello de Paiva. No cume de um môrro pyramidal está a capella de Santo Adrião de Bertéllo.

A mesma etymologia.

Na raiz d'este môrro, e atravessando obliquamente o ribeiro das Avelleiras, proximo á aldeia do Seixo, passa a zona carbonifera de Paiva.

**BESTANÇA** ou **BASTANÇA** — rio, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães. Nasce em um lago, no sitio do Outeiro das Donas, na serra do Espinheiro, ramo do Parnaval. Morre na margem esquerda do Douro, entre Porto Antigo e Souto do Rio, com 12 kilometros de curso.

Na sua margem direita, a 6 kilometros da sua nascente, estão as ruinas do castello ou torre da Chan, ou de Villar da Chan. (Vide Ferreiros de Tendaes.)

Tem duas pontes de cantaria lavrada, uma perto da sua foz, na freguezia de Fontoura, outra na aldeia das Pias, freguezia de Sinfães; ambas de um só arco. Suas margens, onde são cultivadas, são fertilissimas. É em partes orlado de frondoso arvoredo fructifero e silvestre. Moe e rega.

**BÉSSA** — vide Béça.

**BÉSTEIROS** e **CRISTÊLLO** — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 28 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Cosme e S. Miguel.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada no grande valle do Sousa, d'onde se descobre Penafiel, varias freguezias, o Marão e outras serras.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, pelo bispo do Porto e pelos frades bentos de Cette (eremitas de Santo Agostinho). Tinha de renda 440$000 réis.

É terra muito fertil. Pelo meio da freguezia passa o ribeiro da Figueira, que se junta ao da Magdalena. Rega e móe.

Bésteiros era uma freguezia tendo por orago S. Cosme, e Cristéllo outra que se lhe annexou. Esta tinha por orago S. Miguel, archanjo, e em 1757 tinha 68 fogos.

O abbade de Cristéllo era da apresentação do visconde de Villa Nova da Cerveira, e tinha de rendimento 200$000 réis.

**BÉSTEIROS**—serra, Douro, que divide o antigo concelho de Lafões (hoje Vousella) do de Bésteiros. Lança varios braços, dos quaes um é a serra d'Alcófra. Tem 6 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

É abundantissima de aguas, mas muito pedregosa, produzindo apenas matto e loendros. Cria muito gado e tem bastante caça.

**BÉSTEIROS**—Vide Paradinha dos Bésteiros.

**BÉSTEIROS**—valle, Beira Alta, 18 kilometros a O. de Vizeu, situada entre as serras da Estrella e Caramullo (a que tambem chamam d'Alcóba e de Bésteiros).

O Valle de Bésteiros é conhecido com este nome ha mais de 2:000 annos, pois já assim se chamava no tempo dos turdulos. D'elle diz Braz Garcia Mascarenhas no seu *Poema Heroico:*

.................................

Seus ascendentes que eram bons guerreiros,
As terras transcudanas conquistaram,
E entre as serras d'Estrella e de Bésteiros,
Tambem algumas terras povoaram.

—

O Valle de Bésteiros, tomado rigorosamente, se compõe das freguezias de Santa Eulalia, Castellões, S. Thiago, parte da de Guardão e varias aldeias e quintas.

Este valle fertilissimo, ameno e delicioso, muito abundante de fontes e ribeiros, pela sua belleza e salubridade, foi célebre em todas as edades e de todas as gerações desejado, como se vê das muitissimas antigualhas que ha nas quatro leguas que elle tem de extensão.

Houve aqui um mosteiro de frades benedictinos, tão antigo, que se ignora quem o fundou. Em 1236 se chamava *mosteiro de Frávegas*, e depois se disse *de Fragoas*. (Vide Frávegas.)

Segundo a *Historia da antiga Lusitania*, e a tradição, a este valle se recolheu o antigo rei lusitano Briceu, e n'elle assistiu tres annos, esperando occasião opportuna para tomar vingança dos romanos. Vendo Briceu que o famosissimo Viriato os ia derrotando em muitas batalhas, juntou um corpo de 2:000 homens d'estes sitios, e com elles se foi offerecer e juntar a Viriato.

Foram elles tão valorosos e tão dextros em atirar a bésta, que foram cognominados «os bésteiros» nome que o seu valle herdou Isto oi 150 annos antes de Jesus Christo.

Este valle deu sempre em todas as guerras valorosissimos soldados, que defenderam heroicamente a sua patria.

Tudo o mais que diz respeito a este valle vae nas freguezias e alguns logares que são aqui situados.

É terra abundantissima em cereaes, optimo vinho, fructa e gado.

**BÉSTEIROS** (o Salvador) — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, (foi da extincta comarca de Pico de Regalados) concelho e 1 kilometro a O. de Amares, 10 kilometros a N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Payo e o Salvador (antigamente era orago o Salvador).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Situada em alegre e fertil planicie. D'aqui se vê a serra de Penafiel, o Castello de Lanhoso, o lindo Valle do Geraz do Lima, a serra do Carvalho e outras povoações e montes.

O arcebispo de Braga apresentava o ab-

bade (do Salvador), que tinha 400$000 réis de renda.

É terra abundante de boas aguas, e o seu clima muito saudavel.

Foi antigamente concelho, tendo juiz ordinario, vereadores e camara.

**BÉSTEIROS** (S. Payo) — freguezia, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e provincia da antecedente. As mesmas distancias.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Payo.

A freguezia antecedente e esta constituem hoje uma só e mesma freguezia.

Quando esta freguezia era só (sem ter outra annexa) era o abbade da apresentação ordinaria, e tinha de rendimento 300$000 réis.

A egreja matriz é muito antiga, mas está muito decente. Foi reedificada no anno de 1747, sendo abbade Diogo da Costa. Sendo porém, antiquissimo o retabulo da capella-mór, provavelmente o da primitiva egreja, e achando-se por isso em completo estado de ruina, procedeu-se no anno de 1862 á collocação de novo retabulo, e encontrou-se por essa occasião no altar mór, que era todo de pedra, uma pequena pia da mesma materia, contendo uma caixa de metal, e dentro d'ella varias reliquias, com um pergaminho, muito gasto do tempo, escripto pelo abbade (o licenciado Pedro de Carvalhaes) do qual constava o seguinte:

Que no dia 25 de agosto do 1614, fazendo visita a esta egreja o conego da Sé de Braga, Miguel Sequeira Pinheiro, se abrira o altar do bemaventurado S. Payo e que dentro de uma caixa de pau, muito gasta do tempo, foram encontradas as seguintes reliquias:—S. João Evangelista; S. Bartholomeu, apostolo; S. Thiago, apostolo; S. Celestino, bispo; Santa Leocadia, Santa Marinha e Santa Christina. Mais algumas se continham na dita caixa, mas por estar muito gasto o dito pergaminho, não se pôde averiguar a quem pertenciam.

Declarava mais o referido pergaminho que não fôra encontrada alguma de S. Payo; mas que elle abbade a accrescentára por lh'a ter dado um religioso da ordem de S Bento, que a tinha tirado do relicario de Refojos de Basto.

Além d'esta accrescentára mais as seguintes:—de Santo Innocencio; de S. Vicente, papa, martyr; de S. Simão, martyr; de S. Zenonio; de Santa Pluremes, martyr; as quaes houvera das mãos de religiosos, e que assim as collocára todas no mesmo logar.

No verso do mesmo pergaminho lê-se o seguinte:—Achei estas santas reliquias no anno de 1747, quando se demoliu a capella mór para se fazer de novo; estavam no altar què se refere n'esta relação e na mesma fórma as tornei a collocar no mesmo altar, e para constar fiz esta clareza. Hoje, 4 de julho de 1748.—O abbade *Diogo da Costa*.

Achando-se gastas do tempo as caixas em que foram encontradas as reliquias em 1614, e podendo com certeza calcular-se, que para isso seria preciso decorrer não menos annos, que os que decorreram até 1747, temos que as reliquias contam n'esta egreja mais de 400 annos; o que é prova mais que sobeja da sua antiguidade.

Além d'isto, tem ella uma regalia que nenhuma outra do concelho possue, o que é tambem prova incontestavel da sua muita antiguidade: consiste, em perceber fóros e pensões nas freguezias de Santa Maria de Ferreiros, S. Salvador de Amares, S. Pedro de Figueiredo e S. Salvador de Dornellas.

N'esta egreja foi erecta a irmandade de Nossa Senhora do Amparo, pelo reverendo Pedro de Carvalho, abbade da mesma, e por João Machado d'Azevedo, no anno de 1655, onde se conservou até ao de 1705, em que passou para a freguezia de Amares, onde existe, em capella propria, que os irmãos mandaram fazer.

Existiu tambem no passal, junto á egreja, uma palmeira, que, pela sua magestosa grandeza, mostrava contar muitos seculos de edade. Seccou ha muitos annos, segundo consta, por lhe cortarem a haste principal.

Ha n'esta freguezia trez capellas, que são a de Santo Antonio e a de S. Bento, pertencentes ao sr. Manuel Antonio Pereira da Silva Ferreira e Almeida, actual administrador do concelho de Amares; e a de Sant'Anna, per-

tencente aos herdeiros de Alexandre de Sá, fidalgo de Ponte de Lima.

Está situada esta freguezia no principio da encosta O. do Monte de S. Pedro Fins, com boas vistas.

Produz centeio, milho, trigo, vinho verde, azeite, linho, boas laranjas, fructas e muita lenha.

N'esta freguezia existe, no sitio chamado Lama da Quinta, uma nascente de excellentes aguas ferreas, que estão mal aproveitadas, e com pouca ou nenhuma limpeza, devido á incuria da camara municipal de Amares.

**BÉSTEIROS**—antigo concelho (vulgo Tondella) Beira Alta, 18 kilometros ao O. de Vizeu, 50 ao E. d'Aveiro, 265 ao N. de Lisboa.

Era da corôa.

Quanto á sua fertilidade, vide Bésteiros (valle).

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 14 de junho de 1515. (Este foral é tambem o de Alvarim, Barreiro, Caparroza, Casal, Covêllo, S. Thiago e Tonda.)

E' um dos mais antigos concelhos de Portugal. Tinha dois juizes ordinarios, um dos orphãos (com seu escrivão) cinco tabelliães do judicial e notas, um escrivão da camara, outro dos *direitos reaes* e *celleiro d'el-rei*, (de que eram senhores os condes d'Athouguia) outro das sizas, um meirinho, senado da camara e nove companhias de ordenanças.

Ha muitos annos que é cabeça d'este concelho, a villa de Tondella. (Vide Tondella.)

**BÉSTEIROS** (S. Thiago Maior de)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 254 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada, parte no delicioso valle de Bésteiros, e parte em um monte, d'onde se vêem varias povoações.

O vigario tinha 40$000 réis, que lhe pagava a commenda d'aqui, e 160$000 réis de pé de altar. Era de apresentação regia.

A commenda rendia 800$000 réis.

A egreja era do padroado real.

E' terra fertilissima, e produz muito bom vinho.

Entre varias capellas da freguezia, ha a de S. Marcos, na corôa de um monte nas abas do Caramullo, e junto á capella ha uma fonte, a cuja agua se attribue a qualidade de curar as *maleitas*.

Ha aqui duas feiras, uma a 25 de abril (dia de S. Marcos), e outra no dia de S. Thiago, a 25 de julho.

Corre pela freguezia um ribeiro anonymo e o rio Misarella. Este nasce no alto da serra do Caramullo e corre por entre penhascos. N'esta freguezia tem uma cascata ou catadupa, a que chamam aqui *Salto da Misarella*, ou *Bica da Agua Alta*, que tem 67 metros de alto. D'aqui continúa a correr por entre penedias, até se incorporar com uma fonte chamada *Fonte-Fria*, que é tão fria, que mettendo-se n'ella uma garrafa de vinho se faz logo vinagre (Padre Cardozo.)

E' esta fonte em um sitio amenissimo durante o verão.

Tem esta freguezia a gloria inapreciavel de ser patria do honradissimo varão e famosissimo jurisconsulto, José Homem Correia Telles, que nasceu aqui em 1780.

Formou-se na Universidade de Coimbra, no anno 1800. Serviu os logares de juiz de fóra da Figueira da Foz, provedor de Vizeu corregedor do civel em Lisboa, e superintendente das obras da barra de Aveiro.

Os povos de Estarreja, (onde elle tinha uma grande casa, que é actualmente de sua filha unica, que é solteira) o elegeram deputado ás côrtes em 1820, 1826 e 1847.

Escreveu uma infinidade de excellentes obras de Direito Civil Portuguez, sendo as principaes: Digesto Portuguez; Supplemento ao Digesto Portuguez; Doutrina das Acções; Manual do Processo Civil; Formulario de Libellos, Questões de Direito Emphyteutico, e outras mais, todas de um subido merito, e que hão de ser sempre consultadas com preferencia por todas as pessoas que se dedicam ao fôro.

Falleceu, na sua casa de Estarreja, em 1849.

**BÉSTEIROS** (Santa Eulalia, ou Olaia, de)

—freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Situada em planicie, no principio do Valle de Bésteiros. D'aqui se vê a serra da Estrella e a do Caramullo (em cuja raiz tem seu assento esta freguezia.)

O abbade era da apresentação do padroado real, e tinha de renda 400$000 réis.

E' n'esta freguezia a capella e famosa romaria de Nossa Senhora do Campo, a 8 de setembro, havendo então feira.

E' terra fertilissima, como todo o valle de Bésteiros. Produz optimo vinho de embarque, muita castanha e pecegos superlativos.

Passa aqui o rio Crins, que rega e móe.

**BÉSTEIROS** — (Castellões de) freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa 520 fogos.

Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada no valle de Bésteiros, e fertil como as outras freguezias d'este valle.

O vigario era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

**BÉSTEIROS** — (Guardão de) — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Vizeu, 265 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 79.

Orago N. Senhora dos Milagres (ou da Assumpção.)

Situada no valle de Bésteiros, e fertil como todas as terras d'este valle. (A capital d'esta freguezia é a antiga villa de Guardão, que vae descripta no logar competente.)

O abbade era apresentado pelo morgado do Guardão, e tinha 250$000 réis de rendimento.

No dia da Ascenção vinham aqui cruses de varias freguezias, d'este valle, o que parece indicar que esta egreja, foi em tempos remotos a unica freguezia de Bésteiros, ou pelo menos, a principal.

Conservou-se esta egreja no tempo dos mouros e junto a ella havia 3 torres, de que ha vestigios.

Estas torres eram antiquissimas e não se póde saber a causa da sua construção.

Os christãos d'estes sitios conservaram sempre o culto publico e todas as praticas da religião christan, durante todo o tempo da dominação árabe, por consentimento dos emires e al-kaides mouros, mediante certo tributo convencionado.

—

Junto ao outeiro do Caramullo, em uma pedra, que terá dous metros de largura e 6,40 de comprimento, nascem dous olhos d'agua, em duas pias circulares, obra da natureza. Mettendo-lhe uma vara de 15 palmos, nãs se lhe acha fundo ; e na distancia de 22 centimetros encontra-se-lhe differença de temperatura, sendo mais quente, quanto mais se profunda a experiencia.

Estas pias são cobertas com uma grande pedra, debaixo da qual cabem 20 pessoas.

No meio está uma mesa de pedra, em que cabem 10 pessoas. É tradição que foi mandada fazer por D. Antonio, prior do Crato, que se diz andára por estes sitios fugido á senha de Philippe II, e dos portuguezes-castelhanos, tão bons como elle ou piores.

Ha tambem aqui uma fonte, que sahindo de uma lapa, cahe em uma pia de pedra e n'ella se sóme.

Ha outra frigidissima e sahe com tanta violencia, que faz mover um moinho.

Ha ainda outra que só lança agua de maio até outubro, e outra (chamada da Ameixoeira, na estrada da Vizeu para Aveiro) que faz muito mal e até ás vezes mata a quem a bebe segundo diz o padre Carvalho.

Junto á egreja matriz, ha outra fonte d'agua tão fria, que (diz-se) mettendo n'ella um frasco de vinho, se corrompe, perdendo as suas partes alcoolicas.

Era senhor do antigo concelho de Guardão, Pedro de Sousa Castello Branco, que nelle tinha o oitavo de todos os fructos, fóros e fogaças. A varonia de Pedro de Sousa, vem de Gonçalo Vaz Castello Branco, e

de sua mulher D. Catharina da Fonseca, que viveram em Leiria, e ainda alli vivem os seus descendentes, que usam do appellido Quental.

Quental (ou Quintal) é appellido nobre em Portugal, que tem por solar, o logar do Quintal, no concelho de Bésteiros, onde ainda existem as ruinas da torre em que viviam.

A primeira pessoa que se acha com este appellido é Affonso Annes do Quental, pae de Lopo Affonso do Quintal, (um dos bravos de D. João I.) e de D. João Affonso do Quental, de quem descenderam os Quentaes de Leiria e Obidos.

Suas armas são—em campo de prata, xadresada de púrpura e prata, com 3 peças, em pala, e a ordem do meio, coberta com uma cotica de negro. Elmo d'aço, aberto, e por timbre uma cabeça de lobo xadresada de púrpura e prata,

**BÉSTEIROS (S. DOMINGOS DE)**—aldeia no concelho de Bésteiros (Tondella) Houve aqui um convento de conegos de Santo Antão, fundado em 1460. O papa Julio III. o deu em 1550 aos jesuitas. (Vide Lisboa no logar competente.)

Alem do que fica descripto, ha mais em Portugal 9 aldeias com o nome de Bésteiros.

Bésteiros eram os soldados armados com béstas. Era a antiga infanteria lusitana e portugueza, ou o que a substituia, em quanto se não usaram armas de fôgo, e ainda algum tempo depois.

**BEZELGA**—freguezia, Beira-Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Penedono, 40 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, e era annexa á freguezia de S. Miguel das Antas, que apresentava aqui o cura.

Situada no plató de um pequeno monte. O cura era annual, e tinha de porção 80 alqueires de centeio, 37 de trigo, 40 almudes de vinho e 12 feixes de linho.

É terra fertil, sobre, tudo em linho.

**BEZELGA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 6 kilometros de Thomar, 130 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Silvestre.

Prelasia de Thomar, districto administrativo de Santarem.

Era de coroa. Fertil.

Situada em montes e valles, a partir com a freguezia d'Assentiz.

O rei, como grão-mestre da ordem de Christo, apresentava o vigario (collado) que tinha de renda 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 3 cantaros d'azeite, 26 almudes de vinho mosto e 10$000 rs. em dinheiro, pela obrigação de insinar a doutrina christan, e outros 10$000 rs. pelos sermões da quaresma e para cêra.

Os romanos lhe chamavam Besulce.

No adro da egreja matriz ha uma calçada subterranea, sobre argamassa, feita de pedrinhas quadradas, do tamanho de dados, de varias côres, á maneira de mosaico, ou embrechado, muito curiosa; e juntamente um canno de telhões, por onde antigamente corria agua.

Cria-se aqui bastante gado, grosso e miudo.

Já se vê que é povoação antiquissima, e que já existia, pelo menos, no tempo dos romanos.

Vide a ultima Bezelga.

**BEZELGA**—pequena ribeira, Extremadura, comarca de Thomar. Nasce proximo à Ourem, e depois de ter banhado a freguezia de Beberriqueira e os sitios onde existiram as antiquissimas cidades de Caldellas, Concordia e Bezelga (das quaes só existe a memoria e tenues, vestigios menos a ultima, cujos restos formam actualmente a aldeia da Bezelga, freguezia do mesmo nome) desagua na Nabão, entre a Asseiceira e Thomar, no sitio da Guerreira, com 12 kilometros de curso. Traz peixe.

**BEZELGA**—O licenceado Jorge Cardozo, no tomo 3.º do seu Agiologio Lusitano, na commemoração do dia 20 de julho, lettra B, diz.

«Tres povoações ou cidades, havia antigamente, em distancia de uma legoa, nos ter-

mos (que hoje são) de S. Thomar e Torres-Novas—a saber—Caldellas, Concordia, e Bezelga, situadas em um perfeito triangulo; porque Caldellas ficava antes de chegar á ribeira, e álem d'ella 3 kilometros ao N. de Bezelga, e quasi o mesmo ao S. de Concordia.

De Caldellas e Concordia ainda restam vestigios, e Bezelga ainda existe, reduzida a aldeia.

Ha porem um monte, proximo, a que ainda se chama Monte-da-Cidade.

É tradição dos povos limitrophes, que existiu aqui, neste monte, uma populosa cidade»

Em 1741, havendo um terramoto, se abriu este monte em alguns sitios, e é fama que aqui appareceu muito ouro, com o qual muitos enriqueceram.

Diz-se que a velha cidade comprehendia o chão hoje occupado pelas aldeias chamadas Bezelga de Cima, Bezelga-do-Meio, Bezelga-de-Baixo e S. Silvestre.

Ha por todos estes sitios vestigios da antiga cidade, dos quaes se vê ter sido grande, e tem por aqui apparecido grande quantidade de telnões, pórticos, columnas, etc.

No Carvalhal ha uma fonte, cuja agua ia ter a Bezelga, por canos de chumbo, os quaes appareceram em 1746, junto á estrada que vae para a egreja.

É esta a cidade de Bezelga que se levantou das ruinas da Concordia, segundo escreve Dextro, aos annos 145.—«*Concordia quœ nunc Besulci dictur etc.*»

N'esta cidade foram martyrisados, S. Donato e seus companheiros.

Em 1659, tambem aqui se achavam, quasi á flor da terra, grande quantidade de esqueletos humanos e ossadas organisadas, sem máo cheiro.

Vide Thomar.

**BIBERRIQUEIRA**—Vide Beberriqueira.

**BICO**—freguezia, Minho, comarca de Villa-Verde (até 1855, da comarca de Pico de Regalados) concelho d'Amares, 9 kilometros ao L. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna, couto de Renduffe, concelho d'Entre-Homem e Cávado (ou Amares.)

Do couto Renduffe era donatario o abbade Bento, do convento de Renduffe, que fica proximo a esta freguezia.

Situada em campina, d'onde se vê, para o S. parte da cidade de Braga 9 kilometros a SO.) e o mosteiro benedictino de Tibães.

O abbade d'aqui tinha de renda 220$000 réis. Pertencia-lhe metade de todos os fructos da freguezia, de Sabariz. que é no extinto couto de Sabariz, concelho de Pico de Regalados.

É preciso advertir que, em toda a parte d'esta obra em que se diz—«metade dos fructos»—para padres, frades, commendadores, etc. se deve entender por fructos, os dizimos.

É terra muito fertil.

Corre pela freguezia, o rio Homem, que aqui se junta com o Cávado, e na confluente tem uma ponte, principiada em 1863, e já concluida que é das mais compridas e elegantes do reino.

Produz centeio, milho, vinho verde, azeite, linho e lenha.

**BICO**—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho de Coura, 48 kilometros a ONO. de Braga, 540 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Eram donatarios d'esta freguezia e de todo o concelho de Coura, os viscondes de Villa-Nova-da-Cerveira.

Situada junto á serra do Corno-do-Bico, e de um dos seus braços, chamado Barbédo.

D'aqui se descobre a serra da Boelhosa, parte do rio Minho e grande parte da serra de Santo Antão, na Galliza. Fertil.

Os donatarios apresentavam o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

É tradição que houve aqui antigamente duas grandes torres de cantaria lavrada, cousa muito para ver. Hoje nem vestigios ha d'ellas.

Ha n'esta freguezia muitas fontes de agua frigidissima, mas boa.

Tem-se achado em varias partes d'esta freguezia vestigios de povoação antiga, como são, tijolos, pedras lavradas, columnas, cippos, alicerces de casas, urnas de pedra e de tijolo, etc., e é tradição que existiu aqui uma cidade populosa, em tempos remotissimos, cujo nome se ignora.

É atravessada pelo rio Coura, que rega, moe e traz peixe.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha lobos, porcos bravos, rapozas e caça miuda.

Aqui nasceu Francisco da Cunha, filho de Ruy Fernandes e de Victoria da Cunha. Passou á America hespanhola, onde serviu o rei, e arranjou grandes cabedaes. Voltou a Madrid, depois de ter casado na America, a requerer despacho. Estava o rei em guerra com os francezes, e o mandou dar batalha, nos Pyrineus, junto a Fonte Rabia, como coronel de um *terço*, conseguindo vencer o inimigo. Era um cabo de guerra intrepido e atilado. Voltou a Madrid e o rei lhe deu o habito de S. Thiago e um bom governo na America, para onde voltou. Vide Cunha, freguezia d'este concelho de Coura.

**BIDUÊDO** ou **VIDUÊDO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança.

Situada nas faldas da serra de Pena Mourisca, em uma planicie com duas ruas direitas. Não se avistam outras povoações, por causa dos montes que a cercam.

O cura era confirmado pelo reitor de S. Mamede de Sortes, a cuja freguezia esta era annexa. Tinha de renda 8$500 réis em dinheiro, 56 alqueires de pão meiado e 11 almudes de vinho, pago tudo pelo commendador d'esta commenda.

Este povo era feudatario ao cabido da sé de Miranda (depois Bragança) ao qual pagava de direitos, 180 alqueires de centeio e 800 réis em dinheiro, por escriptura de contracto que os antigos fizeram ao rei D. Diniz, e de cujos direitos fez o mesmo rei doação ao mosteiro de Castro de Avelans (que antigamente se chamava de Arians) e depois passou ao cabido de Miranda, como consta de uma carta de D. João III e bulla pontificia.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce na serra de Pena Mourisca, moe e rega e com 18 kilometros de curso morre no Sabor.

É terra fertil.

Diz-se que o nome de Pena Mourisca que se dá á serra, provém de ter alli havido antigamente uma povoação arabe. Não ha porém vestigios d'ella, se é que existiu.

Biduêdo e Santa Martha, tinham o mesmo foral, dado em Guimarães por D. Sancho I, em 1202. Outro dado por Ruy Martins do Casal, alcaide de Bragança, em Bragança, a 4 de setembro de 1304, confirmado por D. Diniz, na Guarda, a 12 de abril de 1308.

Para a etymologia, vide Beduído, que é a mesma.

**BIDUEDO** ou **VIDUEDO**—freguezia, Traz-os-Montes, termo da villa de Penas Royas, da qual eram donatarios os marquezes de Tavora, que tinham os dizimos. Pouco fertil.

Situada em um outeiro. Os donatarios apresentavam o cura, ao qual davam 5 almudes de vinho, 15 alqueires de trigo, 15 de centeio e 8$000 réis em dinheiro.

Tinha em 1750 apenas 18 moradores! (Julgo que estas duas freguezias foram supprimidas e annexas a outra, pois as não vejo nos mappas modernos).

A mesma etymologia.

**BIDUÍDO**—vide Bedoído.

**BIGORNE**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Era da corôa. Pouco fertil.

O cabido de Lamego apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis em dinheiro, 24 alqueires de centeio e o pé d'altar.

E' uma freguezia pobre, situada na serra

de Monte Muro e proximo do rio Sabor. E' todavia abundante de lenha e caça.

**BILHÓ** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Ermêllo, 66 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

E' terra fertil, cria bastante gado de toda a qualidade e nos seus montes ha caça.

Situada em montes e valles.

*Bilhós* ou *Beilhoos* é portuguez antigo, são castanhas assadas, desbulhadas.

**BISMULA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, (foi do extincto concelho de Villar Maior) 105 kilometros ao SE. de Lamego, 324 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Situada em um outeiro, d'onde se vê a cidade da Guarda.

O vigario de Villar Maior apresentava aqui o cura, que tinha de *porção* 20 alqueires de centeio, 45 de trigo e 5$600 réis em dinheiro.

E' fertil. Muito gado.

Era antigamente de dois termos, Sabugal e Villar Maior, por ser de duas commendas. Passa aqui o rio do Souto, que rega e moe.

Pagava esta freguezia 800 alqueires de centeio, de fôro, á corôa.

Tem um fortim ou reducto, que cérca a egreja, com uma atalaia dentro, tudo desmantelado.

**BISPADO** — o territorio que está sujeito ao poder espiritual de um bispo,

Segundo o concilio de Lugo, convocado em 569, tinha a Lusitania 6 bispados, que eram: Braga, com 27 egrejas diocesanas, sendo 16 egrejas e 11 *pagos* (*pagos* eram as cidades e seus termos), entre estes pagos se contavam Bragança e Panoyas; Porto, com 24 egrejas, sendo 17 egrejas e 7 pagos; Lamego, com 5 egrejas; Viseu, com 7 egrejas; Coimbra, com 5 egrejas; Egitania (Idanha-Velha) com 2 egrejas, (outros escriptores dizem 3).

—

Em 675, o 11.° concilio de Toledo, convocado e presidido pelo rei Wamba, fez algumas alterações á antecedente divisão ecclesiastica. E' curiosissimo este concilio, pela justiça e acerto de muitas providencias n'elle tomadas, não só em materias religiosas, mas em todos os ramos da administração publica, tanto militar como civil, municipal e criminal.

E' tambem muito curioso, pelos antigos nomes que então tinham muitas povoações, das quaes algumas já não existem e outras até se ignora onde eram situadas.

Não transcrevo aqui, por extensissima, a divisão ecclesiastica então feita na Lusitania; limitar-me-hei a dar, para amostra, a relação das povoações que pertenciam ao bispado do Porto. Eram as seguintes:

> *Castro Novo*, Porto (mas comprehendendo sómente o que estava cercado pelas muralhas suevas, isto é, a sé actual, e descendo pelas escadas do largo da Sé, o muro a que está encostado o chafariz de S. Sebastião; a porta das Aldas, que já deixou de existir ha muitos annos, o actual aljube, por detraz do qual ainda se vê um lanço de muralhas ameiadas, da primitiva circumvalação do Porto; a parte meridional da actual rua da Bainharia, o mesmo lado da actual rua dos Mercadores, todo o Cima do Muro da Ribeira, a parte septentrional das actuaes escadas do Codeçal até ao recolhimento do Ferro, d'ahi voltando ao ONO., pela travessa de Nossa Senhora das Verdades, onde tambem se vê um grande lanço da muralha ameiada construida pelos suevos, até ao cimo das escadas de Nossa Senhora das Verdades, onde havia um postigo, que tambem já ha muitos annos não existe, e a parte OSO. da rua actual de Traz da Sé, até ao meio e d'ahi para cima, toda a mesma rua até á porta de Nossa

Senhora da Vandoma até onde principiou esta medição.)

*Villa Nova* ou *Burgo Novo*, que eram os arrabaldes do que fica medido (e que não eram foreiros aos bispos do Porto, e que depois se chamou Villa Velha quando se fundou Villa Nova de Gaia), Petaonia (?) Verêa (hoje Lovelhe) Monderio (?) Torebia (?) Babauste (Bagunte?) Lumbo (Lomba?) Necis (?) Napoles (?) Curmano (?) Magnito (?) Loperco (?) Tomgobria (?) Villa Gumedes (Gumide?) Tavassa (Tabassô? Taboassas?) Paga (?) Labronica (?) Alitobrio (?) Valeriola (?) Trubuco (?) Cepis (Cepães? Cepellos? Cepões?) Merida (Medas? Melres?)

Segundo esta divisão o bispado do Porto ficou tendo por limites, desde Albia até Losola, e de Olmos até ás ilhas Cassiterides.

O bispado de Lisboa, segundo o mesmo concilio, tinha por limites, de Carta até Ambia e de Olla até Mataval.

O bispado d'Evora, comprehendia o territorio existente desde Cetobra até Pedra, e desde Rutella até Parada.

—

Varias alterações soffreram as divisões ecclesiasticas da Lusitania e Portugal até 1540, havendo então no actual reino de Portugal nove bispados subdivididos em duas provincias ecclesiasticas.

Arcebispado de Lisboa—tendo por suffraganeos, Lamego, Guarda, Evora e Silves.

Arcebispado de Braga—tendo por suffraganeos, Vizeu, Porto e Coimbra.

—

D. João III creou então os bispados de Miranda, Leiria e Portalegre; elevando o de Evora a arcebispado.

D. Sebastião I, creou o bispado de Elvas, em 1570.

D. João V, em 1716, dividiu a sé de Lisboa em *oriental* (arcebispado), e *occidental* (patriarchado); mas logo no 1.º de setembro de 1741, o mesmo rei supprimiu o arcebispado de Lisboa, ficando sómente a sé patriarchal.

—

D. José I, creou os bispados de Bragança e Miranda, em 1770, e no mesmo anno creou os bispados de Beja e Penafiel. Em 1771 creou o bispado de Castello Branco, e em 1774 os de Aveiro e Pinhel.

O mesmo rei D. José, quiz dividir o Algarve em dois bispados, o de Silves, já existente, e o de Villa Nova de Portimão; elevando esta villa á cathegoria de cidade.

Chegou mesmo a nomear para bispo d'esta nova diocese a D. João Teixeira de Carvalho, que depois foi bispo de Elvas.

Não sei porque não teve effeito a formação d'este bispado.

—

D. Maria I uniu os bispados de Bragança e Miranda, e supprimiu (por bulla do papa Pio VI) o de Penafiel, em 1778.

—

Desde então até hoje não teem havido alterações na circumscripção dos bispados do reino, que actualmente é a seguinte:

Portugal acha-se dividido em tres provincias metropolitanas, que são Lisboa, Braga e Evora, e 16 bispados suffraganeos, a saber:

O patriarchado de Lisboa, com os bispados de Lamego, Guarda, Castello Branco, Leiria e Portalegre, e no ultramar Angra, Funchal, Cabo Verde, S. Thomé e Principe, e Angola.

O prelado lisbonense tem a cathegoria de patriarcha e cardeal; e o seu coadjutor a de *arcebispo in partibus.*

O arcebispado de Braga, tem por suffraganeos os bispados do Porto, Bragança, Aveiro, Coimbra, Vizeu e Pinhel.

O arcebispo de Braga, tem o titulo (hoje puramente honorifico) de primaz das Hespanhas.

O arcebispado de Evora, tem por suffraganeos os bispados de Elvas, Beja e Algarve.

—

Os bispados são muito desiguaes em extensão. O arcebispado de Braga, comprehende a provincia do Minho e quasi toda a de Traz-os-Montes. Tem 27 comarcas ecclesiasticas ou arciprestados, algumas das quaes teem mais freguezias do que muitos bispados, por exemplo: Barcellos, tem 90 freguezias; Guimarães, 98; Braga, 72; Villa Real, 58; em quanto que o bispado de Elvas só tem 37, e outros pouco mais.

—

Em 1833, a denominada *Junta dos melhoramentos das ordens religiosas*, propoz que os bispados do continente fossem oito (tantos como as provincias) porém a interrupção das relações com a Santa Sé, não permittiram que essa medida se levasse então a effeito.

Depois, por vezes, alguns ministros tentaram supprimir alguns bispados, o que ainda até hoje não teve effeito.

Em 1869, o ministro da justiça (José Luciano de Castro) referendou uma lei pela qual serão supprimidos (se forem) os bispados de Lamego, Guarda, Castello Branco, Leiria, Portalegre, Aveiro, Pinhel, Elvas e Beja. Estes bispados *sentenciados*, serão supprimidos á medida que forem vagando (segundo a tal lei) e só ficarão subsistindo, para o futuro, Braga, Bragança, Coimbra, Evora, Faro, Lisboa, Porto, Vizeu e nas ilhas, Angra e Funchal, isto é, um por cada provincia do continente, um no archipelago da Madeira e outro no dos Açores.

> Na Belgica ha uma diocese por cada 800:000 almas; na França, uma por cada 450:000 almas; na Hespanha, uma por cada 320:000 almas; em Portugal, uma por cada 210:000 almas.

—

Temos mais a provincia de Goa, que se compõe do arcebispado metropolitano de Goa, tendo por suffraganeos os bispados de Cochim, Malaca, Cangranor e Meliapor, na India ingleza.

No imperio da China, temos Pekim e Nankim. Estes seis bispados suffraganeos perderam-se ha 300 annos, mas ainda se lhes nomeam bispos, por isso chamados *in partibus infidelium*.

São tambem suffraganeos do arcebispado de Gôa, os bispados de Macáu, na China portugueza, e o de Moçambique, na Africa Oriental portugueza. O arcebispo de Gôa é primaz do Oriente. Devemos notar que o arcebispo de Gôa e os bispos de S. Thomé e Principe, Cabo Verde, e Angola e Moçambique, preferem residir em Lisboa ou em outra qualquer parte do continente, e recebe-rem aqui os grandes ordenados correspondentes á sua cathegoria, a irem cuidar dos rebanhos que lhes foram confiados, deixando no mais triste abandono as suas ovelhas, pelo que se vae perdendo por aquellas paragens o uzo da religião de Jesus Christo.

Alguns bispos (muitos) teem estado por annos, até morrerem, sém se apresentar nos seus bispados.

Outros limitam-se a ir tomar posse dos seus bispados e regressarem logo á patria, e lá fica tudo ao abandono.

Tambem temos arcebispos em paizes onde nunca tivemos (nem provavelmente temos de ter) um palmo de terra, v. gr.—alem de Cochim, Cangranor, Meliapor, Pekim, e Nankim já nomeados, ainda ha mais, os bispos de Tsalonica, Marianna, Tonkim, Cochichina, Japão, Metilene, Lacedemonia etc.

**BITARÃES**—ou, mais propriamente e como d'antes se dizia **BEITARENS**—freguezia, Douro, comarca, e 3 kilometres a O. de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto admninistrativo do Porto.

Foi antigamente do concelho d'Aguiar de Sousa, comarca do Porto.

Situada no bonito valle chamado Ribeira de Sousa, d'onde se vê Penafiel e varias povoações· É precizo advertir que os povos do N. de Portugal chamam ribeira a qualquer valle que é abundante de aguas.)

O bispo do Porto apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 750$000 réis.

É terra muito fertil em tudo.

Ha n'esta freguezia tres pequenos montes (Bispo, Cacunha, e Carregoso) tudo o mais é planicie.

Passam aqui dous ribeiros anonymos que se mettem no Sousa, e o rio Mezio, ou Amezio.

Fica 3 kilometros ao N. do rio Douro. É terra muito abundante de aguas.

É a palavra árabe, Beitarin, que significa os ferradores. Diriva-se do verbo—baitara—ferrar.

**BITUARIA**, ou **BETUARIA**—freguezia,

Extremadura, patriarchado É a palavra árabe Beitbaria composta de beit—a casa—e barria ou barr—campo.—Significa pois Casa do Campo.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, nem já existia em 1757. Foi supprimida ha muitos annos.

**BOA-ALDEIA**—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella (foi até 1855 do concelho de S. Miguel do Outeiro) 12 kilometros de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era antigamente da comarca de Vizeu.

Era da ordem de Malta, pelo que tinha grandes privilegios.

Situada em um fertil valle, d'onde se vê a serra de Fornéllo e outras.

O reitor de Caparroza é que apresentava aqui o cura, que tinha de renda 8$000 rs. e o pé d'altar, ao todo uns 30$000 réis.

Passa aqui um ribeiro, que toma o nome de freguezia (por não ter outro) que réga e móe e faz mover um lagar d'azeite.

**BOA-FÉ**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 15 kilometros d'Evora, 110 ao E. da Lisboa, 84 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa-Fé.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situado entre serras, pelo que não se descobrem d'aqui outras povoações.

O orago d'esta freguezia, era antigamente Nossa Senhora das Nascenças.

O cura era apresentado pelos arcebispos. Tinha de rendimento (pago pelos freguezes) 120 alqueires de trigo e cevada, terçados, isto é, 80 de trigo e quarenta de cevada. Isto, segundo o Portugal Sacro. O padre Cardozo dá-lhe exactamente o dobro.

Passa pela freguezia a ribeira de S. Sebastião, na qual se mettem dous ribeiros anonymos, aqui nascidos. Tem moinhos, pisões, lagares d'azeite e rega.

**BOA-VIAGEM**—povoação da Extremadura, freguezia de Carnaxide, concelho de Oeiras, nos arrabaldes e a 12 kilometros a O. de Lisboa. Situado em um logar muito elevado, sobre a margem direita do Tejo, com extensas vistas para este rio, suas margens e Occeano.

Convento de frades arrabidos, de Nossa Senhora da Bôa-Viogem. Estando em ruinas o convento da mesma ordem, de Santa Catharina de Riba-Mar, antes que o reconstruisse o conde de Miranda (Diogo Lopes de Sousa) foi o convento da Bôa-Viagem fundado por Antonio Faleiro d'Abreu, para recolher os frades do de Santa Catharina. Morreu Faleiro quando a obra estava em projecto, mas deixando todos os seus bens á Misericordia de Lisboa, com a condição de concluir esta obra; cumpriu ella o legado, comprando logo umas terras junto ao Tejo, chamadas Cano do Mouro, e dando aos frades o dinheiro precizo para as obras. Fez-se primeiramente uma ermida e um hospicio provisorio, para o qual se mudaram os frades de Santa Catharina, em 1618.

Em 1622 se lançou a primeira pedra da egreja, e esta e o convento se concluiram em 1633.

Tanto a egreja como o convento eram pequenos e de singela fabrica, e os frades sempre aqui viveram em observancia de todos os rigores da sua ordem.

Primeiro deram a este convento o titulo de Santa Chatharina, mas, desde que o conde de Miranda reedificou o antigo, em Riba-Mar (1636) se ficou este chamando de Nossa Senhora da Bôa-Viagem.

Era esta Senhora de tanta devoção para os mareantes, que em poucos annos juntou grandes valores em offerendas de toda a qualidade, sendo as mais notaveis uma côroa d'ouro massiço, primorosamente fabricada, grande numero de cordões de ouro e de mantos de seda, recamados do mesmo metal.

Muitos particulares lhe deram tambem varias joias de muito valor, e varias rainhas e princezas portuguezas e estrangeiras invocavam a Senhora para terem partos felizes, e lhe offereceram muitas e riquissimas joias, adornos e paramentos. D. Fernando VII, de Hespanha, lhe deu um paramento completo para missa de tres padres (casula, dalmaticas,

capa d'asperges, veu d'hombros, frontal calix, etc. etc.) tudo de uma riqueza e primor d'arte maravilhosos. As vestimentas eram de lhama de prata, bordada a ouro em alto relevo, tendo as flores ao centro formadas por muitas pedras preciosas de diversas côres. Nem a Sé de Lisboa, nem outra egreja da Peninsula possuia cousa tão rica neste genero. Apenas se via no dia da sua festa, pelo Natal.

Todas estas riquezas foram roubadas em 1834, e ninguem tornou a saber de nada d'isto.

O convento foi tambem depois vendido ao sr. Faustino da Gama, que d'elle fez uma especie de casa mobilada, que alluga pelo tempo dos banhos.

**BOA-VISTA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a NE do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca do Porto. Tinha apenas (em 1785) 40 fogos, a freguezia da Bôa-Vista, pelo que se annexou á de Gallegos, no fim do seculo passado, formando desde então ambas, uma só freguezia; mas está outra vez independente e formando freguezia separada.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações. Fertil.

O cura (annual) era apresentado pelo reitor d'Oldrãos, e tinha de renda 35$000 rs. e o pé d'altar.

Muito abundante de lenha e caça, no monte Mózinho, que principia no fim da freguezia, e morre no rio Douro, com 12 kilometros de comprimento e 3 de largo.

Passa aqui o rio Cavalum, que morre no Souza.

**BOA-VISTA**—freguezia, Beira-Alta, extincta comarca de Midões, hoje comarca e concelho da Tâboa, 48 kilometros ao NE. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 118 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Vizeu.

A matriz é situada em um alto, d'onde se vê o Bussaco, a Estrella, o Açôr, a villa de S. João de Areias, Alvarelhos, S. Facundo, Barros, Currelhos, etc., etc.

O prior da Tábua apresentava aqui o cura, que tinha 30$000 réis, e o pé de altar.

É terra pouco fertil.

Pelo N. corre o Mondego e pelo S. o Alva.

**BOA-VISTA**—grande, bonita e feracissima quinta, com grandes e boas casas de vivenda, ricos pomares de optima fructa, muitas aguas e extensos campos, proximo á villa de Sobrado, no concelho de Castello de Paiva. É o solar dos Montes-Negros. Seu actual possuidor é o sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, sobrinho do visconde de Beire (general Pamplona, já fallecido, e avô do actual sr. conde de Rézende, almirante do reino.)

É uma quinta de grande valor, não só pelo seu rendimento, que é grande; mas, e sobre tudo, pelas muitas rendas e fóros que se pagam a esta quinta.

Monte-Negro é um appellido nobre em Portugal e Hespanha. É originario da Galliza. Suas armas são: em campo de prata, 3 montes de negro, juntos, sendo o do meio mais alto. Outros do mesmo appellido usam: em campo de púrpura, um M de negro, coroado de ouro. Outros trazem, em campo de prata, um M de ouro. Escudo de aço, aberto, e por timbre, uma aguia negra.

Além das já descriptas, ha em Portugal mais 44 aldeias com o nome de Boa-Vista.

**BOBADELLA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 95 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Foi antigamente da comarca de Torre de Moncorvo, e eram seus donatarios os condes de Athouguia.

É situada em uma elevação, d'onde se vêem varias povoações.

O parocho de Oucidres é que apresentava

aqui o cura (por estar Bobadella annexa a Oucidres) e tinha de renda (o cura) 50$000 reis.

É terra fertil.

Ha aqui um outeiro, junto ao logar, e para o O., chamado Cidadonha, onde em tempos remotos houve uma fortaleza.

Ainda ha vestigios de muralhas e fossos.

Foi aqui o solar dos Andrades. O progenitor d'esta familia veiu de Italia para a Hespanha, em 780, a combater os mouros.

Pelos annos de 1360, veiu para Portugal um ramo d'esta familia, que fundou um morgado n'esta freguezia. D'elle procede Nuno Freire de Andrade e outros varões illustres pelas armas e pelas lettras.

Na Galliza haviam fundado, no seculo IX, a Torre dos Andrades, que é o solar principal dos Andrades, do qual é actualmente possuidor e representante o marquez de Sória.

**BOBADELLA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 65 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real,

O reitor era apresentado pela mitra, e tinha de rendimento 150$000 réis.

Fica 4 kilometros ao N. das Boticas, e 18 ao SE. de Montalegre. Esta freguezia é composta de duas unicas povoações.

Produz centeio, milho, vinho verde, excellentes maçãs e muita e boa castanha.

**BOBADELLA**—villa. Beira Baixa, comarca da Tábua (extincto de Midões) concelho de Oliveira do Hospital, 60 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Linhares.

É do infantado. Fertil.

Situada em um valle, na aba oriental da Serra da Estrella, d'onde se não avistam outras povoações.

A egreja é de 3 naves e muito antiga.

A casa do infantado é que apresentava o prior, que tinha de renda 300$000 réis.

Foi concelho, e tinha dois juizes ordinarios e camara.

O seu termo é regado por varios ribeiros. Juntam-se perto da villa, e ao fundo d'ella ha uma ponte de pedra, e proximo um lagar de azeite, um pisão e 8 moinhos.

É terra muito saudavel.

Foram antigamente senhores d'esta villa os Freires, cujo palacio ainda existe, em ruinas.

Bobadella foi em tempos remotos cidade, ou, pelo menos, povoação muito populosa, pôr o que se vê dos seus arrabaldes, em que se acham pedras lavradas e columnas e outros objectos antiquissimos, em grande quantidade.

Não se sabe que nome tinha a tal cidade.

Dentro da villa ainda existe de pé um arco de pedra lavrada de muita magnificencia e antiguidade, que indica ser porta de muralha. Tambem se acham alguns alicerces e em partes paredes, nas quaes se vêem muitas pedras lavradas e columnas, que bem mostram ter sido de obras muito antigas e de grande magnificencia.

Que cidade ou povoação era esta? Quem a fundou? Quem a destruiu?

É o que se ignora.

A capella do Santo Christo, é tambem muito antiga e a sua parede feita de arcos, que hoje se acham tapados, excepto o que serve de porta. É perto do adro da matriz Este adro é extenso, e está cheio de sepulturas muito antigas, com grande quantidade de pedras á maneira de marcos lavrados. Aos lados, cabeceiras e pés de todas ellas se vêem lavradas umas cruzes como as das commendas.

Diz-se (e é provavel) que houve aqui perto uma grande batalha contra os romanos, ou contra os arabes, e que estas sepulturas pertencem aos cavalleiros lusitanos que n'ella morreram.

As continuas guerras da edade média destruiram tanto esta villa, que em 1750 ainda não tinha senão 78 moradores.

Na parede exterior da matriz está uma pedra com esta inscripção:

*Splendissimæ civitati Juliæ*

As mais lettras estão inintillegiveis.
(Chamar-se-hia *Julia*, esta cidade?)

—

Tambem em uma casa particular d'esta villa, está uma pedra com a seguinte inscripção:

MAN LIAA PROBISAA
EX TESTAM SUO

O resto não póde lêr-se, por estar muito sumido.

Bobadella, mesmo como villa portugueza, é muito antiga, pois D. Affonso III lhe deu foral, na Guarda, em 1256.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de outubro de 1513. Tem conde.

**BÓBEDA, ABOBADA,** ou **SÃO MARCOS DA ABOBADA**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, termo e 15 kilometros de Evora, 120 a E. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em uma espaçosa campina, d'onde se vê Evora, Vianna e Aguiar.

O seu antigo nome era Bóbeda, mas hoje diz-se Abobada.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha de renda 4 moios de trigo e 50 alqueires de cevada.

É terra muito falta de aguas, pois não passa aqui nenhum ribeiro, nem tem fontes, e só ha póços. Mesmo assim, é muito fertil em cereaes. Do mais pouco.

**BOCA DO INFERNO**—(Vide Cascaes.)

**BÓCO**—pequeno monte, Beira-Alta, freguezia da Trapa, antigo concelho de Lafões. Fica ao longo do rio Baroso.

Aqui se acharam, em 1745, muitos pedaços de lanças e outras armas de ferro e de bronze, e tambem algum oiro. São indicios de alguma batalha que se deu aqui em tempos antigos.

Ha algumas aldeias e varios sitios em Portugal com o nome de *Bóco.*

**BODELHÃO**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 264, ao NE. de Lisboa, 40 fogos.

Orago S. Francisco.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O cura era apresentado pelo ordinario, e tinha de rendimento 50$000 réis.

**BODIOSA**—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Viseu, 288 kilometros ao NE. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Passa aqui o rio *Trouce.*

É terra ertil. Tem cortumes.

O abbade era da apresentação do real padroado, e tinha de renda 500$000 réis.

Era do concelho de Vouzella, mas passou para o de Viseu, em janeiro de 1870.

Tem esta freguezia uma optima fabrica de cortumes.

**BOELHE** e **PACINHOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha Boêlhe 107 fogos e Pacinhos 38.

O orago d'aquella é S. Gens e d'esta S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto. Era da corôa. Fertil.

Situada na costa de um grande monte, d'onde se vêem muitas freguezias.

O bispo do Porto e os frades cruzios de Villa-Bôa do Bispo apresentavam alternativamente o abbade (de Boêlhe) que tinha de renda 300$000 réis; isto diz Cardoso; mas o *Portugal Sacro e Profano* diz que o abbade tinha 280$000 réis, e que era apresentado alternativamente pelo papa e pelo bispo do Porto.

O cura de Pacinhos era apresentado pelo reitor de Rio de Moinhos, e tinha de rendimento 20$000 réis e o pé de altar. Estas duas freguezias estão ha muitos annos reunidas.

O monte que fica sobranceiro a esta freguezia se chama do Esporão (ou Asperão), e finda em Rio de Moinhos.

Ha em Portugal varios montes e pequenas serras com o nome de Esporão, que supponho ser corrupção de *Asperão* (pedra grossa de amolar).

O rio Tamega atravessa esta freguezia.

**BOGALHAL**—Vide Bugalhal.

**BOGALHOS**—Vide Bugalhos.

**BÓGAS DE BAIXO**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 72 kilometros da Guarda, 288 ao NE. de Lisboa, 78 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa.

Situada em um valle bastante fertil.

O vigario de *Janeiro de Baixo* apresentava aqui o cura, que tinha de renda 10$000 réis em dinheiro, 24 alqueires e meio de trigo e 32 almudes de vinho mosto.

Corre aqui a ribeira de *Bógas*, que rega, móe e traz peixe.

**BÓGAS DE CIMA**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 72 kilometros da Guarda, 286 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Situada no mesmo valle da antecedente e do mesmo modo fertil.

Era da corôa.

É atravessada pela ribeira de *Bógas*, que dá o nome a estas duas freguezias.

**BOIDÓBRA**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 37 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O cura era apresentado pela abbadessa de Lorvão, e tinha de rendimento 20$000 réis o pé d'altar.

**BOIM**—(antigamente *Guí* e depois *Goí*) freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da extensa comarca de Barcellos. Fertil.

E' da casa de Bragança, e tinha todos os privilegios dos seus caseiros.

Situada em campina raza, fria, mas saudavel.

Os frades bentos do convento de Santo Thyrso de Riba d'Ave, apresentavam aqui o cura, que tinha de renda 200$000 réis. Tinha dois beneficiados.

Ao N. da freguezia passa o rio Sousa, que rega, móe e traz peixe miudo.

*Guí* é palavra celtica. Significa—*agarico*, planta parasita. O agarico colhido nos carvalhos, era, para os celtas e gallos-celtas, uma planta sagrada. Vem pois a ser o nome primitivo d'esta freguezia—povoação do agarico. (Vide Guí.)

**BOIVÃES** ou **BOYVÃES**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada sobre altos montes, d'onde se vê a Barca, Arcos, Ponte do Lima, Vianna e o mar.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o abbade (por concurso), que tinha 360$000 réis de renda.

Na serra do Oural, proxima, ha muita caça.

É terra muito fertil.

Ha aqui os *Chãos d'Ourel*, onde pastam muitas cabeças de gado bovino e cavallar

Estes chãos são *realengos* e nunca n'elles tiveram coisa alguma os senhores do termo.

Foi couto.

**BOIVÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros ao N de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada proximo da margem esquerda do rio Minho, em montes e valles. Fertil.

—

N'esta freguezia estão as ruinas de um castello, ás quaes se sóbe com muito perigo e difficuldade. Uns lhe chamam Castello, da Forna, outros, Penha da Rainha, outros, finalmente, Castello de Fraião. (Vide Boulhosa.)

Antigamente juntavam-se aqui as justiças de Coura, e as do concelho d'este couto (antes da sua separação).

Diz o dr. João Salgado de Araujo, que aqui se viram, com seus respectivos exercitos, D. Affonso Henriques e seu primo, o rei de Castella (aliás D. Affonso VII, rei de Castella e Leão) onde se compuzeram por intervenção da rainha D. Thereza, mãe do principe portuguez, que estava em Vallença, e sua irmã (D. Urraca) que estava em Tuy, vindo ambas á falla para este fim; largando D. Affonso Henriques a Galliza, e ficando com Portugal.

Não é de todo o ponto exacto isto.

Segundo os mais conscienciosos escriptores deu-se o caso do modo seguinte:

Alguns nobres gallegos, despeitados contra D. Affonso VII, que tambem governava a Galliza, offereceram esta provincia a D. Affonso Henriques.

O rei leonez põe-se em campo para sustentar a Galliza, com um grande exercito; mas é vencido nas batalhas de Cerneja e dos Arcos de Valle de Vez (1129).

O arcebispo de Braga supplica aos dois contendores para que termine a guerra. Elles, attendendo ao respeito de que era digno este venerando prelado, fazem as pazes, que foram confirmadas pelo *tratado de Tuy*, d'esse mesmo anno, e a guerra termina.

—

Mo mais alto do castello existe uma pia, que nunca se esgota; tem uma fenda por onde recebe a agua do aqueducto natural, vindo do alto do monte.

Francisco José Barbosa da Cunha, diz que em 1866, tendo subido, pela segunda vez, ao castello, viu que a pia, que conservava agua todo o anno, estava secca, e isto em um anno tão chuvoso como o fôra aquelle. Outra pia, que estava ao lado da primeira, unira-se então áquella, fazende ambas uma só; esta tinha dentro areias, que provinham de ter sido picada. Que o sitio d'ella estava n'aquella época mais comprimido e descoberto, faltando-lhe o resguardo natural, lhe fizera um penedo de cerca de 18 palmos que de alto, e que quasi lhe servia de cúpula.

Que além d'esta, tinha visto uma outra, redonda e bem feita, a qual estava no meio dos penhascos do mesmo castello, pouco mais de meia de agua da chuva, e que levaria, pouco mais ou menos, um almude, e parecendo-lhe ser feita por mão de artista. Não dava, porém, credito ao que diziam de tambem esta agua nunca seccar, pois que na referida pia não se via fenda alguma por onde pudesse receber outra agua que não fosse a da chuva. Que da primeira vez que a tinha visto, não teria mais de um quartilho de agua, e essa tão immunda, que não convidava bebêl-a.

Accrescenta mais o mesmo Cunha, que os habitantes de Gondelim diziam, que as molestias de pelle e verrugas, desappareciam lavadas que fossem com esta agua. Que uma mulher do sobredito logar, lhe mostrara as costas das mãos salpicadas de cicatrizes, como de bexigas, e lhe dissera que tinham sido verrugas, curadas com aquella agua no prazo de oito dias; que tambem lavara com ella o rosto, que antes tinha todo *escarapellado*, e que então estava perfeitamente liso; todavia, apenas dava credito á agua ser pluvial, e emquanto ao mais suspendia o seu juizo.

—

Dizem que uma rainha de Aragão, chamada Araguncia, sendo falsamente mexericada com o rei, seu marido, por um criado que a via mais affeiçoada a outro, a quiz matar; e tendo ella noticia d'esta tenção, sahiu uma noite disfarçada, e sem embargo de sua boa diligencia, a seguiu o rei com tanto acerto que quasi a teve apanhada na passagem do Minho, onde lhe escapou, pedindo ella aos barqueiros que o dilatassem

o tempo sufficiente para se acolher a este castello.

Ao poente d'este edificio está outro mais pequeno, com uma abertura cavernosa, que o atravessa de Norte a Sul.

Por baixo d'esta caverna tem outras, a que difficultosamente se desce. Tem sido covil de ladrões.

A melhoria dos bosques que na Fôrna mais excitam a curiosidade ao espectador, pertence aos limites d'esta freguezia.

**BOLFAR**—povoação, Douro, foi concelho e teve foral dado por el-rei D. Manuel. (Vide Casal d'Alvaro.

**BOLHO**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 24 kilometros ao NO. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em planicie e fertil.

Eram seus donatarios os condes de Pombeiro (hoje marquezes de Bellas), que apresentavam o prior, o qual tinha 250$000 réis de renda.

**BOLIQUEIME**—freguezia, Algarve, comarca e 12 kilometros de Loulé, concelho de Albufeira, 24 kilometros de Faro, 220 ao S. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 560 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Era do concelho de Albufeira. Em 17 de abril de 1838, passou para o de Loulé, e em 30 de julho de 1839 tornou para Albufeira.

Foi antigamente da comarca de Tavira, e eram seus donatarios os bispos do Algarve.

É na costa.

Situada em um alto, com extensa vista, descobrindo-se Fáro, Loulé, Messines, muitas mais povoações e grande extensão de mar.

É no principio do Barrocal. Está rodeada de sêrros por todos os lados, menos pelo S., a 3 kilometros ao N. da praia da Quarteira, e a NO. do Povo Velho.

Este Povo Velho foi destruido pelo terremoto de 1755, morrendo na egreja, que desabou, 99 pessoas, que não fugiram porque o parocho lhes disse que alli não havia perigo. Hoje apenas do Povo Velho ha poucas casas habitadas e varias ruinas de edificios destruidos pelo terremoto.

Pertencia antigamente a dois termos, Loulé e Albufeira.

A matriz é um bom templo de tres naves, feito no seculo passado.

O prior (que apresentavam os bispos) era dos mais bem pagos do Algarve, pois tinha 11 moios de trigo, além do pé d'altar e outros emolumentos. De mais a mais tinha um coadjutor, com 4 moios de trigo.

Esta freguezia é das maiores e mais ricas do Algarve.

Ha (ou havia) n'esta freguezia, um montepio que consiste em quasi 12 moios de trigo, para emprestar aos lavradores, a 5 por cento. São administradores, o parocho, dois eleitos da freguezia e um escrivão. Ha 50 annos andava isto muito mal administrado.

Sobre a edificação da actual egreja matriz contam aqui o caso da maneira seguinte:

Foi ella principiada cousa de 800 metros distante da povoação, no sêrro de Diogo Neto; mas pela manhã, quando iam os pedreiros, acharam a ferramenta no sitio onde hoje é a egreja. Tantas vezes a fio succedeu isto, que o povo entendeu que o padroeiro S. Sebastião não queria a sua egreja no tal sêrro, mas onde apparecia a ferramenta. Para fazerem pois a vontade ao bemaventurado martyr, mudaram a egreja para o sitio actual

Feira a 4 de agosto.

É terra muito abundante de cereaes, vinho, figo, azeite, amendoas e alfarrobas (ou, como aqui dizem, farrobas).

O vinho é aqui tão temporão, que já o ha novo no fim de agosto, á venda na feira de Loulé. (Isto acontece em mais terras do Algarve.)

Toda a agua que aqui ha é de poços, e só na Quarteira, no juncal do morgado de Valle de Reis, ha tres olheiros grandes de agua doce (que vão sair á valla real do dito morgado) tão fundos, que, do gado que por acaso cae dentro, pouco se póde tirar vivo. Criam estes olheiros muitas sanguesugas. Cada um tem um nome proprio, são: Olho

da Mexugueira, Fonte do Ulmo e Fonte do Bordallo.

O morgado de Valle de Reis, foi elevado a condado por Filippe IV, em 16 de agosto de 1628, em favor de Nuno de Mendonça. Depois passaram a ser condes de Valle de Reis, os primogenitos dos marquezes de Loulé.

Ha mais, no sitio da Pernada, dois olheiros, que lançam tanta agua, que com ella moem tres moinhos, constantemente, de verão e de inverno. Criam muitos bordallos e eirozes.

No sitio da Quarteira ha um pequeno porto de mar (surgidouro) para barcos de pesca. Ás vezes o mar o entupe de areia; mas lá toma a seu cuidado tornal-o a desentupir.

Na praia d'esta freguezia havia, no tempo do *Compromisso* (companhia de pescarias do Algarve) grande armação para atuns, corvinas, pargos, etc. Era a maior armação do Algarve.

De março até junho, em quanto dura a pesca, habitam os moradores d'esta freguezia em choças de palha e junco, na praia.

O povo d'esta freguezia era obrigado a fazer vigia nos portos de mar que estão desde o Sêrro da Vigia até á Foz da Quarteira, para os defenderem dos piratas berberescos.

Passa pela freguezia a ribeira da Quarteira, que morre no Oceano.

É patria de Manuel Fernandes Bexiga, homem de forças prodigiosas. D. Pedro II o mandou chamar á côrte, para se certificar das suas forças, e alli quiz conserval-o; mas elle eximiu-se, sob a desculpa de ter muitos filhos. Era conhecido em todo o Algarve pelo appellido de *Bexiga de Alfontes*. Era de animo bondoso e socegado. Nunca se encolerisou. Nasceu entre 1670 e 1680. Pelo terremoto de 1755 ainda existiam dois filhos seus, tambem de forças herculeas, principalmente o padre Manuel Fernandes Bexiga, que muito trabalhou em tirar das ruinas da egreja varias pessoas a quem salvou a vida.

**BOMBARRAL**—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho do Cadaval, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente do concelho de Obidos.

Era da casa das rainhas.

Situada em uma baixa cercada de arvoredos.

O patriarcha apresentava o cura, que tinha de renda 60 alqueires de trigo, 30 alqueires de cevada, 52 almudes de vinho e o pé d'altar.

Havia aqui uma albergaria para pobres, instituida por pessoas caridosas da freguezia.

É terra muito fertil e cria muito gado.

**BOMBÉJA**, mais vulgarmente **MOMBÉJA**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e termo de Beja, 60 kilometros a O. de Evora, 120 ao S. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Suzana.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um monte, d'onde se vê Beja e a freguezia de Santa Victoria.

E' do infantado.

O deão e cabido de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 10 quarteiros de trigo e 30 alqueires de cevada, pagos pelos freguezes. Fertil.

**BOM JARDIM**—vide Certan.

**BOM JESUS DO MONTE**—vide Monte.

**BOM SUCCESSO** (bateria do)—Lisboa. E' innegavel que esta bateria é um dos pontos da margem direita do Tejo, que, pela sua posição, mais concorre para a defeza da barra. O campo de tiro é vasto para um e outro lado e em virtude da curva que affecta a margem, os navios são enfiados normalmente.

Não é pois de admirar que desde tempos remotos se cuidasse de fortificar aquelle ponto. Sem remontar a eras afastadas, basta relembrar que em 1780 começou o benemerito engenheiro, o general Vallerée, a construcção de uma bateria, que breve foi terminada. Esta fortificação tomou o nome de forte do Bom Successo.

Em 1808 determinou Junot que aquelle

forte fosse ligado á torre de Belem por uma bateria corrida, que foi denominada, bateria nova do Bom Successo.

Este conjuncto de obras, cujas ruinas desmantelladas, invadidas pela areia, derrocadas em largos lanços, attestavam a incuria e a miseria que nos é caracteristica n'estas cousas de tão alto monumento; este conjuncto não nos merece uma descripção minuciosa, assim na fortificação terrestre como na maritima.

Basta dizer que o general Vallerée adoptou um traçado muito original de baluartes, por ventura um pouco extravagante, com quanto a sua eleição não fosse descaroavel em virtude da pouca necessidade de flanqueamento reciproco.

N'este traçado combinára-se habilmente o fogo de morteiros e de peças, ao passo que correndo umas pranchadas se estabelecia uma segunda linha de fuzilaria. Montava a fortificação ao todo para o lado do mar 47 peças e 10 morteiros. A obra foi pessimamente construida e os alicerces iam-se esboroando ao embate da vaga.

Acudir áquelle derrocamento com reparações e concertos seria o cumulo da insania.

Não raro se vê n'este paiz, sob color de economia, dispender quantiosas sommas em *deitar remendos*. Este é o sestro maldito dos engenheiros militares. Isto se quiz fazer na bateria do Bom Successo. N'este caso a carencia de dinheiro foi uma felicidade.

Correram ainda alguns annos, quando o capitão Pinheiro Borges foi encarregado de projectar e orçar uma bateria acasamatada de duas ordens de fogo, sendo uma a barbête. A despeza ascendia a 160:000$000 réis. Esta despeza era avultada e por isso não foi adoptado o projecto, que aliás era excellente. Alterado o systema de fundações, elaborou então o capitão Sanches de Castro outro projecto, cuja despeza era ainda assim de 140:000$000 réis. Ainda o ministro da guerra assisadamente recuou perante tal dispendio. Já começavam a vigorar novas idéas ácerca da problematica utilidade das casamatas nas fortificações em geral e nas maritimas em especial, onde o campo de tiro deve ser maximo e as peças de calibre extraordinario.

Além d'isso já os trabalhos de Totleben em Sebastopol, a guerra da successão da America do Norte, as campanhas do Paraguay, da Dinamarca e do Adriatico, tinham mostrado que o tiro á barba, coberto já por travezes e escavações, já por blindagens provisorias, era preferivel, sobre ser muito mais economico. A ultima guerra franco-allemã demonstrou egualmente que os meios de defender portos e barras variaram de todo. Os belgas estão arrependidos de haverem sepultado tantos milhões nas fortificações de Antuerpia e os proprios inglezes inquirem se as suas blindagens e torres de ferro não foram senão uma d'essas loucuras sublimes; um d'esses caprichos de *chauvinismo*, que só são licitos aos opulentos burguezes da *city*.

E comtudo é forçoso confessar, que em Inglaterra a opinião publica se vae rebellando contra o modo porque os dinheiros publicos hão sido applicados á fortificação das costas. Os exemplos frisantes e eloquentes das ultimas guerras não são para desprezar, e quando o material de artilheria sobe a proporções espantosas, os orçamentos do estado encontram um feliz allivio na barateza relativa porque o engenheiro vae construindo as fortificações. [1]

Estes pontos tinham sido mais ou menos elucidados e discutidos na direcção geral de engenheria e foi porventura sob a influição d'estas discussões que o ministerio da guerra determinou em 1870, que o capitão Sanches de Castro fosse encarregado de elaborar e propor novo projecto, obedecendo aos principios que presidem á fortificação moderna.

O actual major Sanches de Castro, é não só um official distihcto pelo muito que ha

[1] Não é intuito meu individuar estes pontos, que são de altissima importancia, nem discretear ácerca do muito que se ha ventilado ultimamente estas questões. Com relação a Inglaterra citarei: 1.º Modern Warfare as influenced by modern artillery. By Colonel Macdougall; 2.º Memorandum upon the present military Resources of England. By H. Brougham Loch.

versado e tratado as cousas do seu mister, senão tambem um caracter elevado e energico, essencialmente logico e pertinaz, e um dos homens que mais tem evangelisado a necessidade de fortificar o paiz, porque a defeza dos nossos lares deve ser obra nossa e do nosso commum esforço. Fiar tão sómente de allianças estranhas o que ha de mais santo e respeitavel—a defeza da patria —é um acto de effeminação e protervia, que nunca poderia coadunar-se com a dedicação viril do dito engenheiro.

Por isso, sem detenças nem delongas, desempenhou-se do encargo, que lhe fôra commettido e passados poucos dias eram enviados ao ministerio da guerra, as plantas, os perfis e o orçamento da reedificação da bateria maritima do velho forte do Bom Successo.

A obra fôra orçada em 41:400$000 réis. Havia porém materiaes provenientes da demolição avaliados em perto de 6:000$000 réis. Descia pois a despeza a 35:000$000 réis. Mais outra economia se podia realisar, empregando trabalhadores militares do batalhão de engenheria. Essa economia de salarios montava a mais de 6:000$000 réis. O orçamento total ficava em 29:000$000 réis!

A quantia era diminuta e exigua, mórmente se a compararmos com os resultados que se pretendiam.

Ia emfim romper-se o encanto e a fortificação da barra promettia tornar-se brevemente uma realidade. Ia crear-se uma escola pratica de excellentes trabalhadores militares, que podiam depois servir de nucleo a uma brigada de operarios, quando se tratasse de cobrir Lisboa com o seu recinto afortalezado. Ia lançar-se a primeira pedra n'esse monumento, modesto nos seus primordios, mas que seria acaso o ponto ortivo de mais grandiosos commettimentos. E todavia o conselho administrativo do batalhão de engenheria estava habilitado com 300$000 réis! Tinham-se feito muito conscienciosamente todas as raspaduras possiveis no orçamento do ministerio da guerra, e ao cabo de muito lidar patriotico encontrou-se 300$000 réis para começar a fortificação da barra! Eu não sei se o sr. Sanches de Castro tem por divisa o celebrado *nihil mirari*. O que sei é que no dia 6 de abril de 1870 dava começo ás obras com a imperturbavel seriedade de um homem que contasse com os thesouros de Golconda. Talvez nas suas previsões entrasse a possibilidade de encontrar a gallinha dos ovos de ouro, entre as muitas que folgavam e cacarejavam nos derruidos baluartes que, decaidos da sua fidalga prosapia, serviam de poleiro áquelles bipedes emplumados. Hei de indagar ainda este ponto.

Tudo tem n'este mundo um fim. Esta maxima triste dos moralistas não se applica sómente ás sciencias mysticas. A verdade d'ella ainda mais eloquentemente se delata nos dinheiros publicos. Dispenderam-se os 300$000 réis, apesar dos esforços sobrehumanos do engenheiro. E a obra, como é de razão, ficou interrompida. Assim devia ser. Correram dois mezes. Já nem sei que de baldões soffreu a politica, nem quaes eram os automedontes que regiam a quadriga do estado.

É certo que Sanches de Castro, mais fatalista do que o proprio Jacques, de que nos falla Diderot, não perdeu a pista. A bateria do Bom Successo era para elle uma questão de brio. E depois, se ha vaticinios felizes, importava que a bateria não mentisse ao nome. Ao cabo de trabalhosas navegações por entre as syrtes e os parceis do ministerio, foram concedidas mais umas migalhas. Tinham-se perdido dois mezes de verão, em que os trabalhos de egual natureza recebem maior desenvolvimento. Pois trabalhou-se de inverno.

Foi então que eu fiz uma visita ao desterrado. Julgam porventura que ha exageros no quadro? Vou delineal-o em meia duzia de traços.

Era então ministro da guerra esse heroico soldado, cujo nome é um padrão vivo da honra portugueza. Accompanhando o sr. marquez de Sá na qualidade de seu ajudante de campo, fiz uma visita á bateria do Bom Successo. Estavam os trabalhos em plena actividade. Era por uma tarde de outubro. O mar estava cavado, e as vagas, mosqueadas de verde glauco, alteavam o dorso e vinham

bater nas ensecadeiras. Viam-se ao longe as torres, por entre uma neblina, que prenunciava borrasca. Gemia o vento da barra e umas nuvens esfarrapadas e sinistras vinham rio acima, impellidas pelo austro. A's vezes a onda erguia-se mais galgava por sobre as barragens e alagava os operarios, os quaes trabalhavam em um charco formado pelas aguas de infiltração. E trabalhavam como uns homens, aquelles pobres e obscuros soldados, aquelles modestos obreiros cujo braço fecundo tem sido por tão largos annos desaproveitado! Eu por mim não quiz retirar-me sem visitar o *palacio* do engenheiro. Era uma casamata insalubre, escura, lôbrega, como a cella de um prisioneiro de alta traição. E chorava-se o bom do Silvio Pellico! Pois lá vivia Sanches de Castro, mirando uma nesga de mar por uma setteira, que lhe servia de janella. Depois permittiu-se um luxo de Sardanapalo. Agora vive em um velho paiol meio arruinado! E ainda proclamam pór ahi esses bastardos palradores, que o exercito é um parasita ruim, de cujo seio fugiram espavoridas todas as virtudes e todas as dedicações!

No anno de 1871 succederam-se as mesmas vicissitudes. Acabou-se o dinheiro e outros dois mezes se perderam durante a estação da estiagem.

A final, como a pertinacia dos poucos que ajudavam o engenheiro egualava o desamor e indifferença do maior numero, e como a obra já ia progredindo e já mostrava o que havia de ser, foi-lhe consignada a verba mensal de 1:0000$000 réis. Venceram a boa causa e por excepção o acaso protegera o menor numero.

Tal é, em breve compendio, a historia episodica da bateria. Nasceu humilde. Quasi que a engeitaram. Mas os fados foram-lhe prosperos e hoje ahi a temos quasi completa. No fim d'este verão (1873) deve ser collocada a ultima pedra. E digam lá que não ha horos copos felizes.

Descrevamos agora a obra. O recinto maritimo é quasi todo banhado pela praia-mar. Esta a primeira difficuldade, que cumpria vencer. Mas como? A sciencia indica diversos meios, que só tem o inconveniente de serem muito dispendiosos. Não ha engenheiro que não se lembrasse de construir quebra-mares, diques, ensecadeiras, etc. Mas os 300$000 réis estavam representando o papel do escravo, que dizia ao triumphador: lembra-te, Cesar, que és homem. Com 300$000 réis construir um quebra-mar o mesmo é que pretender alçar o vôo sem azas. Acudiu a esta primeira difficuldade o engenhoso engenheiro (seja permittida a frase, que é verdadeira). Com os materiaes provenientes da demolição, com a pedra a esmo, os entulhos e a areia fez um quebra-mar improvisado parellelo ao recinto. Só tinha um defeito este quebra-mar. No inverno quando o sul se precipita no rio e levanta com o sopro potente o vagalhão, o quebra-mar abria-se cortezmente e franqueava paseagem ás catadupas espumosas. Sanches de Castro assumia as proporções epicas de Penelope e incitanbrios nos seus soldados, lutava e vencia. O mar derrubava de noite, mas apenas rompia a aurora já os soldados começam a faina da reconstrucção.

Mas o mar é perfido. Isto já disse Shakspeare e não é novidade. Encontravam as ondas um obstaculo poderoso, mas logo se desforravam da derrota, fazende guerra subterranea. As infiltracções eram enormes e os veios borbulhavam por toda a parte, veios salvos e veios doces. Como vencer este inimigo? Onde as machinas de esgoto? Ainda d'esta vez não sossobrou o animo do engenheiro. Tinha lá uns soldados, que eram serralheiros e latoeiros. Em pouco tempo jogavam umas poucas de bombas, cujo preço não excedia duas libras. E assim conseguiu elle esgotar milhares de metros cubicos de agua.

Imagina acaso o leitor que estamos no ultimo canto da Odysséa, ou que, pelo menos, vamos aportar á ilha Calypso? Pois está enganado. Sêcco e preparado o terreno, outra difficuldade surgia. Era preciso cravar estacas-pranchas na areia solta e movediça, que as cuspia. Para avaliar a difficuldade suprema d'este trabalho, basta lembrár que os cravamentos desciam a 10 e 12 metros e que um bate-estacas de 400 kilogrammas apenas dava, por parcada, um cravamento de 2 a 3 centimetros. As estacas cravadas foram ás

centenas. Calcule quem quizer o numero de pancadas.

Outra difficuldade. Como transportar, a braço ou com machinas simples e economicas, pesos de 1:500 e 1:600 kilogrammas por areia solta? Não sei responder. Sei apenas que se fizerem demolições, escavações e aterros muito importantes; que se assentaram 2:815 metros cubicos de alvenaria hydraulica, 4:000 metros cubicos de alvenaria ordinaria e 434 metros cubicos de betão; que se cravaram estacas-pranchas na extensão de 440 metros e 220 metros de grade composta de longrinas com travessas de 6 metros; que se construiram 1:584 metros cubicos de cantaria com apparelho de macho e femea no leito; que se abriram 9:714 metros cubicos de escavação sob a agua; que estão acabadas mais de tres quartas partes de obra total; que ha materiaes em deposito no valor de 1 500$000 réis, alem das machinas e ferramentas; que se educaram excellentes obreiros militares; que até ao fim de março se dispenderam 17:522$063 réis, e que no fim d'este verão teremos uma bateria acabada, que, sendo devidamente artilhada, ha de concorrer poderosamente para a defeza da bárra.

Ultimamente foi approvada a construcção de mais uma pequena bateria no prolongamento da que se está acabando. É uma bateria que póde assentar 30 morteiros. O orçamento não chega a 400$000. réis.

A bateria do Bom Successo mede 220 metros de comprimento, e a sua altura desde as aguas medias até ao cordão é de 16,$^{m}$ 25 sendo coroada com um parapeito de areia de 10 metros de espessura. A altura total é 7$^{m}$, 83. A muralha principia sobre o embasamento á altura das aguas médias com uma espessura de 5 metros e finda no cordão com 4 metros. É toda revestida de cantaria com 1$^{m}$,15 de cauda média.

Aqui pomos mate n'este rapido bosquejo; e antes de terminar sejam licitas algumas observações. Isto, que aqui fica, não é fabula, mas tem a moralidade d'ella.

Ha annos que alguns homens convictos e desinteressados, acercando-se do sr. marquez de Sá, tem propugnado indefessamente pela fortificação de Lisboa. Nada os desanima nem desalenta. Para vencer a indifferença era necessario um facto palpavel e evidente. Esse facto ahi está na bateria do Bom Successo. Bastou a boa vontade para obrar prodigios. Hoge está provado que a fortificação de Lisboa não é empreza superior ás nossas posses, antes pelo contrario. O campo intrincheirado da serra de Monsanto custa ao todo pouco mais de 80:000$000 réis. O resto da linha até ao flanco esquerdo não custará uma somma superior. O flanco direito até Sacavem, posto que a extensão seja maior, é ainda de mais facil fortificação. A defeza da barra tambem não apresenta difficuldades insuperaveis, principalmente agora que os torpédos adquiriram capital importancia como engenho destruidor em concorrencia com a artilheria de grande calibre.

Começadas as obras e proseguidas energicamente e sem descanso, conhecer-se-ha emfim praticamente que o problema não é tão complicado e despendioso como affirmam os timidos e ignorantes, que por ahi enxameiam.

(Este artigo foi escripto pelo sr. A. Osorio de Vasconcellos, e publicado em dois folhetins do Diario de Noticias de Lisboa.)

**BORBA**—pequeno rio, Minho, concelho de Celorico de Basto. Nasce entre a serra do Viso e a freguesia do Rêgo, de varios arroyos, e toma este nome passando pela freguezia de Borba da Montanha.

Perde o nome na freguezia de Chapa, tomando o de Santa Nadaya, e n'esta mesma freguezia, da Chapa, se mette no Tâmega. De inverno se torna caudaloso e arrebatado. Rega, móe e traz peixe miudo. Suas margens são pouco cultivadas, mas bastante arborisadas.

**BORBA**—serra, Alemtejo, termo de Extremoz, freguezia de Rio de Moinhos. Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. Lança um braço ao S., chamado Vigaria. Ha n'ella marmore branco egual ao melhor jaspe de Italia. É em grande parte cultivada e tem muitas vinhas e olivaes. Muito alecrim.

Ao S., na ponta d'esta serra, está a capella de Nossa Senhora da Victoria, construida em memoria da célebre e gloriosa victoria

de Montes Claros, que aqui teve logar, á raiz da serra, em uma planicie ao O., proximo á aldeia de Montes Claros.

No dia 17 de junho de 1665, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e 1.° marquez de Marialva, com forças muito inferiores, derrotou aqui completamente o marquez de Carracena e o seu grande exercito castelhano. (Vide Borba e Villa Viçosa, no sitio competente.)

No mesmo sitio da batalha, ha formosas *canteiras* de marmore azul e branco, de qualidade superfina. (Os melhores sitios d'esta bella pedra, são na *Salgada* e na *Ruivinha*, já no termo de Borba, d'onde sairam as formosas columnas e mais cantaria da sumptuosa capella-mór da Sé de Evora.)

**BORBA** — ribeira, Alemtejo. Nasce das fontes da villa de Borba e morre no Guadiana. Réga e móe. (Vide Borba, villa.)

**BORBA** — villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros de Extremoz, 48 de Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 830 fogos, em duas freguezias (S. Bartholomeu e Nossa Senhora das Neves, ou do Sobral) 3:200 almas.

No concelho 1:290 fogos.

Em 1660 tinha a villa 400 fogos, e em 1757 820 (as duas freguezias.)

A freguezia de Nossa Senhora das Neves tinha em 1757 500 fogos, e a de S. Bartholomeu, 320

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Feira no 1.° de Novembro, 3 dias.

Optimas pedreiras de marmore no seu termo, e minas de chumbo, manganez e outros metaes.

Foi antigamente da comarca de Villa Viçosa, que lhe fica 5 kilometros a E.

É da casa de Bragança e foi antigamente cabeça de condado e depois de marquezado.

É povoação incontestavelmente antiquissima. A sua fundação se attribue aos gallos-celtas, pelos annos do mundo 3030 (974 antes de Jesus Christo.)

Outros dizem que os gallos-celtas a fundaram no anno do mundo 3698, isto é, 306 antes de Jesus Christo.

Passou pelas differentes alternativas que soffreram as Hespanhas, até que D. Affonso II a tomou aos arabes em 1217, e a mandou povoar.

Seus moradores a abandonaram, e o mesmo rei a tornou a mandar povoar, dando-lhe muitos privilegios, para attrahir para aqui moradores.

D. Diniz lhe deu foral, por carta regia, datada de Santarem, a 15 de junho de 1302, concedendo-lhe o foral de Extremoz, com todos os seus privilegios, que eram muitos e grandes.

Deu-lhe muitos e grandes privilegios, porque, apesar das isenções e privilegios que lhe tinham dado seus antecessores, ainda estava quasi despovoada. Edificou então o castello, segundo a tradição.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512.

Ha duvida sobre quem fundou o castello de Borba. A tradição diz que foi D. Diniz, porém, tambem a tradição diz que junto á villa, no sitio ainda hoje chamado *os Mosteiros*, existiu um convento de templarios. No castello ha uma pedra com dois malhos esculpidos (emblema da Ordem do Templo) e por isso é de suppor que foram estes cavalleiros os edificadores do castello, e que D. Diniz apenas o repararia.

Estes malhos estão em uma alta torre quadrangular que está dentro do castello, deitando para a praça. Por cima dos malhos estão umas lettras, ou garatujas que se não podem lêr, por sumidas.

A bonita villa de Borba está n'um dos mais bellos sitios do Alemtejo, em frente da linda villa de Villa Viçosa.

É situada em um delicioso, ameno e ferassissimo valle, muito abundante de aguas, produzindo grande quantidade de cereaes, muito e optimo vinho, azeite e fructa.

A egreja matriz da Senhora do Soveral (antigamente das Neves) é de 3 naves, e templo respeitavel.

A naves são formadas por dois renques de sete columnas cada um, de marmore branco.

Da inscripção que está em uma pedra na parede da egreja, consta por quem e quando foi fundada. Diz assim:

*Esta egreja é da Ordem de Aviz: man-*

*dou-a fazer o muito nobre Senhor D. Frei Fernando Roiz. de Sequeira, mestre da cavallaria da Ordem de Aviz, no anno da era de 1401. Aviz, Aviz, Sequeira, Sequeira.*

(Foi pois fundada no anno 1363 de Jesus Christo.)

O rei, como governador e administrador perpetuo do mestrado da Ordem de S. Bento de Aviz, é que apresentava o prior d'esta freguezia, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Tinha 3 beneficiados curados, da mesma apresentação, cada um com 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Thesoureiro, com um moio de trigo, 20 almudes de vinho, 8 alqueires de azeite e 6$000 réis em dinheiro, que tudo pagava o commendador de Borba (da Ordem de Aviz.)

—

A matriz de S. Bartholomeu fica dentro das muralhas da villa, com todos os seus parochianos. O seu prior é da mesma apresentação do antecedende e pelo mesmo motivo. Tinha de renda 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

Tinha thesoureiro, da mesma apresentação, com um moio de trigo e 4$000 réis em dinheiro.

N'esta freguezia é o convento de Santa Clara, de freiras franciscanas, fundado pelo licenceado Antonio Cardeira, d'esta villa, em 1600. A padroeira d'este convento, é Nossa Senhora das Hervas, ou das Cérvas.

Outros dizem que este licenceado (que era vigario da vara, e por consequencia padre) se chamava Pedro Cerdeira.

Tambem é n'esta freguezia o collegio dos frades paulistas. A primeira pedra d'este convento foi lançada em 1704, fundado pelo dr. João Gomes Pinto, chantre da Sé de Coimbra, com obrigação de duas missas quotidianas, ditas por alma do fundador.

Este convento fica a 3 kilometros da villa e proximo do sitio onde se deu a gloriosa batalha de Montes Claros, a 17 de junho de 1665. (O sr. Carreira de Mello diz que foi a 17 de julho.)

O nosso exercito constava de 15:000 infantes e 1:500 cavallos: os hespanhoes tinham quasi o dobro, além de uma forte columna que deixaram a sitiar Villa Viçosa. O nosso bravo marquez de Marialva (e conde de Cantanhede) que ia em soccorro de Villa Viçosa, foi atacado pelo marquez de Carracena na planicie de Montes Claros, com o maior encarniçamento e bravura, mas nem o numero, nem o valor, nem a disciplina dos hespanhoes fizeram a menor impressão de duvida aos portuguezes, que se baterem como leões, e no fim de muitas horas de profiado batalhar e com perda de 700 portuguezes mortos, conseguiram uma brilhante victoria. Os castelhanos tiveram 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros; perderam artilheria, bagagens, etc., etc., e fugiram (os que puderam) para Castella. (Vide *Historia de Portugal.*)

—

Borba tem Egreja da Misericordia com um bom hospital. Tem capellão-mór, a quem paga 2 moios de trigo, pela obrigação de assistir aos enfermos, e 12$000 réis pelas missas dos domingos, dias santos, e quartas feiras. Tem este pio estabelecimento 1:600$000 réis de rendimento annual.

—

Fóra da villa ha a boa quinta dos condes das Galveias, com uma capella de abobada.

—

Em Borba nasceu e morreu o dr. André Cavallo (!) que, depois de exercer varios logares de lettras, se metteu em casa, fazendo vida solitaria e penitente, e morrendo com fama de Santo.

—

Aqui nasceu Diniz de Mello e Castro, que principiando por soldado *razo*, chegou, pelo seu valor, a ser governador de provincia, commendador de varias commendas e conde das Galveias.

E seu irmão Antonio de Mello e Castro, que tambem por seu extremado valor, chegou a ser governador de muitas praças da India.

—

É patria de Alvaro Penteado, bravissimo soldado, que fez prodigios de valor no cêrco de Dio.

E de Bento Pereira, célebre grammatico portuguez.

Borba, álem dos privilegios do seu foral, tinha mais o dos caseiros, da Casa de Bragança.

D. João II, fez conde de Borba a D. Vasco Coutinho, por delatar a traição de D. Diogo, duque de Vizeu. Depois foi Borba elevada a marquezado.

No castello ha uma abundante fonte de bôa agua (que primeiro esteve onde agora é a praça) com um grande e antigo aqueducto bastante extenso.

Ha outra fonte abundantissima, junto á matriz, com 4 grandes biccas de pedra, desaguando em um grande tanque e d'elle em um vasto lago.

D'estas duas fontes tem principio a ribeira de Borba.

Ainda, fóra da villa e junto ás muralhas, dentro do adro da egreja, está a fonte dos Finados, que por um bom aqueducto vae desaguar na quinta dos Barretos, regando ahi um extenso pomar de toda a qualidade de fructas.

É perenne e diz-se ser muito bôa agua para dar ás mulheres nos primeiros 15 dias depois do parto.

Tambem junto á villa ha a fonte da Moura, que secca de inverno e é abundantissima no verão.

Ha outra fonte proxima da villa, chamada do Telheiro, que dizem causar dôr de colica e até a morte, a algumas pessoas que d'ella bebem!

A fonte da Pipa, que está entre o monte de S. Claudio e a Cabeça-Gôrda, a cuja agua se atribue a virtude de curar a dôr de pedra. A mesma qualidade se atribue á agua da fonte dos Asnos.

Ha ainda a fonte das Mós, ou do Freixo, tão abundante, que faz moer azenhas e moinhos.

Alem de outras fontes particulares.

—

É villa murada, com seu castello (de que já fallei) dentro, ao E, e com seus reductos e 3 portas.

Na muralha do castello, no meio da praça, está uma torre bastante alta. Junto a esta está outra feita á maneira de pyramide, onde está o relogio da villa e o sino da camara. D'ella vae um grande passadiço para a outra torre, que serve de cadeia.

Fóra da villa, a 1:000 metros ao S, é o convento de frades capuchos chamado do Bosque, fundado em 1505 por D. Jayme, duque de Bragança.

Foi tambem D. Jayme que fez o muro que fecha o bosque, horto e jardins. O bosque é extenso e era povoado de antigas e diversas arvores. Produz muitas flores (sobre tudo violetas) e não cria animal algum peçonhento. Tem variedade e multidão de passarinhos. Tem 4 fontes copiosissimas (Santo Antonio, S. Francisco, Sacramento ou S. Paschoal e S. Pedro.)

Foi reedificado em 1548 e em 1670. Foi o duque D. Theodozio que o reedificou á sua custa em 1548.

A sua cerca e o seu bosque, tudo abundantissimo d'aguas, é dos sitios mais deliciosos do reino.

No bosque ha 4 ermidas (Nossa Senhora da Conceição, Familia Sagrada, Calvario e S. Jeronymo.) A capella de S. Jeronymo estava entre arvores altissimas, e que pareciam tão antigas, como o mundo. Não sei se estas arvores vererandas escaparam ao machado vandalico.

Este convento era da invocação de Nossa Senhora da Consolação.

Antes de ser convento, era uma formosa quinta dos duques de Bragança.

Já se vê que este convento era propriedade da casa de Bragança; mas os liberaes de 1834 o julgaram e alcunharam «Bens Nacionaes» e o venderão então.

É certo que o seu actual proprietario, apezar de derrotar o lindissimo bosque que deu o nome ao convento, tem conservado a cérca em soffrivel estado.

—

Borba foi saqueadada por D. João d'Austria, filho bastardo de Philippe IV) em 1662. Este bastardo cobarde, vingava-se das continuas derrotas que soffria das nossas tropas, roubando e incendiando as povoações indefezas!

—

No Rocio de Cima, ao N. e proximo da villa, terreno baldio, onde se costumam fa-

zer as debulhas de cereaes, se descobriu, em 1832, uma mina de sulphureto de chumbo, que dá 76 por cento de chumbo, de bôa qualidade, 11 por cento de enxofre, 1 por cento de prata 12 por cento de cal, silica e oxido de ferro.

—

Diz-se que o nome de Borba provem a esta villa, de um grande barbo que appareceu em épocas remotas em uma fonte que está dentro do castello, proximo á egreja da Misericordia. Outros dizem que eram dois os barbos que aqui appareceram.

É certo que as armas de Borba, são:

Escudo branco, no fundo ondas verdes e sahindo d'ellas duas cabeças de peixe (barbos.)

Ha porem suas duvidas sobre isto; porque outros querem que seja um castello e ao pé uma fonte com um barbo. Outros dizem que é um rochedo sobre a agua, da qual sahem dois barbos.

É assim que ellas estão pintadas na Torre do Tombo; todavia, as primeiras são as mais geralmente usadas.

Tem boas e espaçosas ruas e a sua casa da camara é das melhores de todo o reino.

Os seus arrabaldes, povoados de frondoso arvoredo, e ornados de hortas, vinhas, quintas, cearas, e pomares, são deliciosissimos. (É a Cintra do Alemtejo). Do alto de um monte chamado da Bôa-Vista, visinho ao convento do Bosque, se veem as villas de Veiros, Evoramonte, Extremoz, Fronteira, Cabeço de Vide, Monforte, Villa Buim, Terrugem, Jurumenha, Villa Viçosa e a cidade de Portalegre; além de varias serras, e extensas planicies. Tambem deste bello sitio se veem as villas hespanholas de Villa-Real, S. Jorge Olivença (que os hespanhoes lá nos teem bem mal usurpada!.....)

Diz-se que no termo de Borba ha minas de prata e se encontram turquezas, e outras pedras preciosas, e crystal de rocha.

Ás turquezas chamavam os romanos cyanias. São verdes, semelhando esmeraldas.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 15.º

—

A fonte collocada no largo da Fonte, é de marmore branco e de forma magestosa. Foi feita pela camara em 1781.

—

Borba exporta grande quantidade de vinho, azeite e cereaes.

—

No Outeiro da Mina. ha vestigios de minas metalicas, dos romanos ou árabes Diz-se que d'aqui e do Rocio de Cima, extrahiram prata.

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Tem marquez, que é tambem conde do Redondo e senhor de Gouveia.

Para as armas d'estes titulares, vide Galvêias e Redondo.

—

D. João II, fez conde de Borba a D. Vasco Coutinho, por lhe doscobrir a traição que seu cunhado, o duque de Viseu, tentava contra o rei. Este chama aos paços de Setubal o duque, e alli mesmo o assassina a punhaladas, em 23 d'agosto de 1484. Depois, manda formar processo (!!!) ao duque e aos seus cumplices, que todos foram declarados réus d'alta traicção e executados.

—

A pouca distancia da villa, está o convento de frades paulistas de Nossa Senhora da Luz, em cujo sitio se deu a gloriosa batalha denominada de Montes Claros (em 17 de junho de 1665) assim chamada, por ser este o nome dos campos onde foi a acção.

Era general dos castelhanos, o marquez de Caracêna, o dos portuguezes era o inclito D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, ao qual D. Affonso VI, havia feito marquez de Marialva, em 11 de junho de 1661, em premio da victoria por elle alcançada nas linhas d'Elvas (13 de janeiro de 1659.

Depois de muitas horas de profiado combate, obtiveram uma das mais brilhantes victorias da guerra dos 27 annos. As nossas perdas foram 700 mortos e maior numero de feridos; mas a do inimigo foi de 4:000 mortos, innumeros feridos, que quaisi todos ficaram prisioneiros, vindo a ser a totalidade d'estes seis mil e tantos. Abandonaram

uma enorme quantidade de effeitos e petrechos de guerra.

Vide Extremoz.

**BORBA DE GODIM** e **LIXA**—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 40 kilometros a NE. de Braga, 36 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa, 335 fogos.

Em 1757 tinha 323 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca de Basto

É situada em um valle d'onde se vêem varias povoações e a serra do Marão, que fica a 24 kilometros.

O arcebispo de Braga apresentava aqui o reitor, que tinha 100$000 réis de renda. É terra fertil.

Passa aqui o rio Borba.

N'esta freguezia é a grande aldeia da Lixa (maior e mais bonita do que muitas villas do reino) onde se faz uma feira na primeira segunda feira de cada mez, muito concorrida. (Vide Lixa.)

**BORBA DA MONTANHA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, cercada de montes por toda a parte.

O reitor do Salvador da Infesta é que apresentava aqui o vigario, que tinha 8$000 réis em dinheiro, 20 alqueires de centeio, 4 libras de cera, 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, tudo pago pela commenda. O vigario apresentava um coadjutor, que tinha 20 alqueires de pão e 8$000 réis em dinheiro, que tambem pagava a mesma commenda.

Esta commenda rendia 700$000 réis.

É terra fertil.

**BORBELLA** ou **BORBÊLHA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 78 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

**BORBOLEGÃO**—celebre olho d'agua, que nasce 3 kilometros ao N. da villa de Grandola (Extremadura, comarca de Alcacer do Sal) e fórma, logo ao nascer, o rio Arcão, que vae morrer no Sado, acima de Alcacer do Sal.

(O sr. I. de Vilhena Barbosa, diz que entra no oceano proximo da villa de Sines. É mais provavel que seja isto, do que o que diz o padre Cardoso, que é o que acima disse.)

Tem no seu curso uma ponte natural, por elle mesmo feita em um rochedo. Chama-se a ponte dos Aivados e póde sobre ella passar um carro.

Abaixo do sitio a que chamam a Diabroria, correm suas aguas violentas e arrebatadas. (Vide Diabroria.)

Este olho d'agua, é no seu nascimento, do tamanho de uma roda de carro (tem 2m,50 de circumferencia). Do alto d'elle se lança um homem a prumo sem perigo, pois que a agua o lança logo na margem. O mesmo acontece a qualquer madeiro, por pesado que seja. O fragor que as aguas aqui fazem, assimelha-se ao do mar embravecido e ouve-se em distancia. (Vide Aivados, Arcão, Diabroria e Grandola.)

**BORDEIRA**—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Lagos (foi do concelho da Villa do Bispo) 70 kilometros de Faro, 220 ao S. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Foi antigamente uma freguezia populosissima, mas hoje está bastante destruida e abandonada, por doentia.

É situada em uma baixa e cercada por cinco sêrros que a abafam e tornam insalubre.

O cura era annual, da apresentação do bispo do Algarve. Tinha 3 moios de trigo e uns 20 almudes de vinho (cada morador,

que tinha vinho, lhe dava meio almude de môsto).

A E. do logar fica uma formosa varzea, toda povoada de vinhas, e terreno muito fertil, sobre tudo em fructas e bons vinhos. Abundantissima de caça.

A freguezia é cortada por duas vallas, que vão ter ao mar, na costa da Carrapateira. Criam muito polvo, vario peixe e grande abundancia de marisco.

Tem só uma fonte, cuja agua é de muito má qualidade, o que concorre para a insalubridade da terra, assim como as aguas estagnadas de uma ribeira que alli corre.

O terreno é humido e frigidissimo no inverno, por lhe dar o sol muito tarde e desapparecer cêdo; mas no verão é quente e abafadiço.

Está esta freguezia sujeita ao parocho da Carrapateira (que fica 5 kilometros a O.) mas com egreja separada.

Ao E. da aldeia ha uma fonte, mas a sua agua é de mau gosto e doentia.

**BORDONHOS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros a NO. de Vizeu, 285 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era dos duques de Lafões.

Situada em um valle fertil, d'onde se descobrem muitas povoações.

Os descendentes de Diogo Lopes de Sousa é que apresentavam aquí os abbades, que tinham de renda 300$000 réis.

O povo d'esta freguezia tinha privilegio real para que as justiças de Lafões (hoje Vousella) lhes não tomassem camas, palhas, lenhas, gallinhas e carneiros, nem os obrigassem a trabalhar nas estradas, fóra d'esta freguezia.

Havia n'esta freguezia um casal, que era das freiras bentas de Ferreira d'Aves, o qual o bispo de Vizeu emprazou em 1448 a Gonçalo Annes.

O territorio de Bordonhos chamou-se antigamente Verdonhos e lograva o privilegio de honra, já antes do reinado de El-Rei D. Diniz, a qual se mandou conservar a D. Maria de Negrellos, por ser fidalga e se provar que assim o haviam possuido seus avós.

(*Inq.*) do mesmo rei, na devassa do julgado d'Alafões fl. 52 v. anno de 1228—(era de Christo.)

Com sua Neta, D. Aldonça Nunes Vives, casou D. João Pires Homem, senhor de varias terras no Bispado de Viseu, de cujo matrimonio nasceu Gonçalo Annes Homem, o Senior, senhor d'Alva e do Reguengo de Oeyras, Alcaide-Mòr de Viseu (1357 de Christo) e primeiro instituidor do Morgado de Bordonhos, que abrange uma area de mais de legoa, dentro da qual está a povoação.

A este succedeu seu irmão, outro Gonçalo Annes Homem, o Junior, pae de Heitor Homem, que casou com D. Isabel de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa e de sua mulher D. Brites Affonso, senhores de Carrasedo, esta, neta paterna de D. Martins Affonso Chichorro, filho natural de El-Rei D. Affonso III, aquelle neto paterno de D. Affonso Diniz (filho do mesmo rei) e de sua mulher D. Maria Peres da Ribeira, senhora da casa de Sousa.

Nasceu d'este matrimonio D. Izabel de Sousa, que casou com seu parente, Fradique Lopes d'Alvim, alcaide-mór de Chaves, bisneto por sua avó D. Violante Lopes de Sousa, do mesmo D. Lopo Dias de Sousa, e por seu bisavô, D. João Frederiques d'Alvim, 3.º neto de D. Joanna d'Alvim, irmã da condessa D. Leonor d'Alvim, que foi mulher de D. Nuno Alves Pereira e mãe de D. Beatriz Pereira, esposa do primeiro duque de Bragança.

Por estas allianças ficaram os senhores da casa de Bordonhos usando das armas dos Souzas, que são as antigas de Portugal, chamadas vulgarmente as quinas, com as do Reino de Leão, na forma que D. Affonso III. as deu a seu filho D. Affonso Diniz: Escudo esquartelado, no primeiro e ultimo quartel em campo de prata, cinco escudos de azul postos em cruz, e em cada um cinco pontos ou besantes de prata postos em aspa, e no segundo e terceiro tambem em campo de prata um leão rompente de purpura.

Assim se acham gravadas nos antigos marcos do morgado e nas egrejas de Varzea e

Bordonhos, fundadas e dotadas por esta casa, padroeira in solidum das mesmas, desde tempos immemoriaes.

Em ambas ellas estão sepultados varios membros da familia, avultando na de Bordonhos o soberbo mausoleu do antepenultimo senhor da casa, Fradique Lopes de Sousa, segundo conde de Sub-Serra.

Fica na capella mór, do lado da Epistola, tendo esculpidos differentes emblemas e reunidas n'um só escudo as armas de Bordonhos e da casa dos senhores da Troffa, de que o fallecido tinha a varonía.

Foi Ruy Lopes de Souza, 15.º senhor d'esta casa, o primeiro acclamador de D. João IV, na capital da Beira, prestando relevantes serviços na guerra que seguiu (Chanc. da Ordem de Chrsto. fl. 135.) Era fidalgo cavalleiro (Alv. de 1642.) Commendador da ordem de Christo, Alcaide Mór de Porto de Moz e neto de outro do mesmo nome, commendador da dita ordem, que com luzido sequito de escudeiros e criados passou á Africa com El Rei D. Sebasteão, ficando captivo no infausto dia 4 d'agosto de 1578.

Tem esta casa a representação do appellido de Alvim ácerca do qual escreveu Barbosa Canaes, na sua Armaria: «Alvim, escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartel xadrezado de quatro peças de ouro e quatro vermelhas: no segundo e terceiro, em campo azul, cinco flores de liz de ouro. Timbre, um leão de ouro rompente com uma das flores d'azul. Descendencia — Diz o reformador do cartorio da nobreza, Fr. Manuel de Santo Antonio, que esta familia tem o seu solar na Torre d'Alvim (de que tomou o appellido) quatro legoas distante de Ponte de Lima, que é uma das mais antigas e illustres de Portugal; e que foi d'ella herdeira, da principal casa de Alvim a condessa D. Leonor d'Alvim, mulher do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de quem nasceu D. Beatriz, mulher de D. Affonso, 1º. duque de Bragança, e por isso possue hoje os seus bens a serenissima casa de Bragança.

.......................................

É representante d'esta familia o sr. Diogo Lopes Souza de Lemos e Alvim, senhor da casa de Bordonhos, irmão de Fradique Lopes, que foi segundo conde de Sub-Serra.»

Seu filho, o sr. Ruy Lopes de Souza d'Alvim e Lemos é d'esta casa o actual senhor representante.

**BORNES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 84 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 191 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em montes, muito abundante de agua e fertil em cereaes, mas de clima excessivo.

O reitor era de apresentação regia. Tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia e da seguinte, é derivado da palavra arabe *Borni*, especie de falcão, mas mais agil e forte do que o falcão ordinario.

(Duarte Nunes, *Origem da Lingua Portugueza.*)

**BORNES DE MONTE MEL** — freguezia, Traz-os-Montes, foi, até 1855, da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, hoje é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 65 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Fm 1757 tinha 125 fogos.

Orago Santa Martha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia da antecedente.

Situada na serra do seu nome. (Vide Bornes de Monte Mel, serra.)

O reitor era apresentado pelo ordinario. Tinha de rendimento 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

**BORNES DE MONTE MEL** — serra, Traz-os-Montes, limites da freguezia de Bornes, que lhe dá o nome (ou d'ella o recebe). Tem 12 kilometros de comprido e 6 de largo.

E' em partes cultivada e muito fertil e saudavel, ainda que bastante fria de inverno.

E' povoada de varias aldeias e a E. fica a villa de Chacim e outros logares menores.

E' muito abundante de aguas, que se en-

corporam nas ribeiras de Valle d'Asnes e Cortiços.

No mais alto da serra, do sitio, por isso chamado Miradouro, se descobrem terras de 13 bispados, que são, em Portugal, Bragança, Braga, Lamego, Viseu, Coimbra, Porto, Guarda e Portalegre; e de Castella, Samora, Salamanca e Ciudad Rodrigo; e de Galliza, Astorga e Tuy.

**BORRALHA**—aldeia, Douro, proximo e a NE. do Sardão, sobre a esquerda do rio Agueda, e em frente e ao SE. da villa d'este nome a cuja comarca e concelho pertence. 40 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

E' aqui a grande propriedade denominada Casa da Borralha.

Compõe-se de uma sumptuosa residencia (palacio) com uma bonita capella, magnifico jardim e optima quinta; além de vastas propriedades e muitos foros, aqui e em outras partes, formando tudo uma das mais opulentas casas d'esta provincia.

O seu ultimo proprietario, foi o sr. Francisco Caldeira Leitão Pinto, par do reino e 1.º visconde da Borralha. Falleceu no sabbado, 29 de novembro de 1873, deixando descendencia. Nascêra a 20 de abril de 1803; casou, em 12 de abril de 1836, com a sr.ª D. Ignez de Véra Giraldes Mello e Bourbon, da casa dos srs. condes da Graciosa.

O sr. visconde da Borralha, era um verdadeiro homem de bem e o typo de um nobre fidalgo, da antiga aristocracia portugueza; generoso, chão e bemfasejo; pelo que a sua morte foi sinceramente sentida por todos quantos com elle tiveram relações.

A sr.ª viscondessa, hoje viuva, é da casa da Graciosa, e está tudo dito. Alli, a virtude, a nobreza, a honra, a franqueza e a caridade são tradicionaes e proverbiaes; e a illustre viuva possue todas estas qualidades em subido grau; pelo que não só é respeitada, mas adorada geralmente.

—

Mais queria dizer sobre a casa da Borralha, sobre a sua origem e fundadores; mas escrevendo, em 1870, uma carta ao sr. visconde, supplicando-lhe humildemente os respectivos esclarecimentos, não tive resposta.

Se este artigo fôr lido pelo sr. dr. Fernando Caldeira, filho do sr. visconde, reitero-lhe o mesmo pedido, e os seus apontamentos (se vierem) serão publicados no artigo Sardão.

**BORRALHOSO**—serra e aldeia na freguezia de Fermedo, Douro, 30 kilometros ao SE. do Porto, 282 ao N de Lisboa e 5 ao SO. do rio Douro.

N'esta serra ha muitos e formosos staurótidos, encravados em rochedos schistosos antigos, cujos crystaes affectam a fórma de uma cruz (e é por isso que se lhe dá o nome de staurotidos, derivado do grego *stauros*, cruz). A sua materia é um silicato de alumina.

As rochas que conteem os staurotidos, formam duas linhas parallelas, mas com muitas soluções de continuidade, e n'uma direcção de L. a O. aproximadamente.

Havia tambem muitos staurotidos espalhados pelo chão, no matto; mas teem sido destruidos quasi totalmente sob as enchadas dos apanhadores de matto e as rodas dos carros. Hoje difficilmente se encontra um inteiro, além dos encravados no schisto.

Não são todos exactamente do mesmo tamanho. Os maiores teem 5 centimetros de uma a outra extremidade, e os mais pequenos 4.

É uma cruz de 4 braços eguaes, tão bem feita que parece ser feita á lima. As arestas ou angulos, são para a frente e rectaguarda. Algumas parece que não se chegaram a formar, pois estão imperfeitas.

Ha tambem (e é a maior abundancia) grande numero de pedras, formadas do mesmo silicato, taes e quaes como uma das quatro peças que fórmam os braços dos staurotidos, e do mesmo modo encravadas nos schistos.

Toda esta materia tem côr de figado.

Os raros *staurotidos* que se encontram perfeitos, são de uma certeza e regularidade admiraveis. O compaço e o esquadro nada alli tem que rectificar.

Mostrei isto a alguns geologos, que só me disseram o nome e a materia de que são

formados. Quanto ao mais, contaram-me muitas cousas sobre terrenos *paleozoicos, mesozoicos e neozoicos*, e tanto e tão bem me explicaram a cousa, que por fim fiquei sabendo menos do que antes de lhes fazer a pergunta.

Um disse-me que, quando ainda aquellas rochas schistosas estavam em estado de *fusão* ou *liquefacção*, tinham-se lhes introduzido estes *staurotidos*, que não eram outra cousa senão *aerolythos*.

Fiquei sabendo que nos taes tempos *paleozoicos* choviam cá n'este mundo cruzes de pedra (fallemos em termos que todos nos entendam) como hoje em dia cáe chuva ou saraiva!

Mas digam-me cá, senhores geologos, qual é a razão porque só choviam *staurotidos* na serra de Borralhoso e apenas n'uma zona de 20 ou 25 metros (que tantos terão de largura as duas linhas de schisto que os conteem) e *nem um* só em outras partes? Que propriedade attrahente tinham aquellas rochas para gosarem o *privilegio exclusivo* de se lhes introduzirem aquellas *cruzinhas?*

*Bem sei que não sei* nada d'isto; mas cá a minha opinião é que, por ora, aquillo é mysterio.

—

É verdade que as sciencias modernas devem muito e muito á geologia; mas quererem os geologos explicar tudo, é que me parece, pelo menos, *risco de dizerem muita patranha.*

O Universo ainda tem muitos mysterios que o Omnipotente reservou unicamente para si, e cuja explicação está vedada ao homem, por mais sabio que elle seja.

**BORROÇAS** (mais conhecida por **BARRÓCAS**—e sua annexa, **TAIAS**)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 54 kilometros a NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Orago de Borróças, S. Miguel Archanjo, e de Taias, Santo André, apostolo.

Tinham, ambas, em 1757 (já então estavam annexas) 76 fogos.

São ambas curadas por um só parocho, que era vigario, da apresentação alternativa do abbade de Santa Maria de Abbedim e das religiosas benedictinas de Barcellos.

Tinha de rendimento 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tinha um beneficio simples, que rendia 12$000 réis; tudo administra o mesmo vigario, que diz a missa conventual, um domingo em Borróças e outro em Taias.

Antigamente, para se sacramentarem os freguezes, ia o Santissimo, da egreja da Lapa, freguezia de Pias, mas actualmente já teem Sacramento na egreja.

NB.—Esta freguezia já ficou descripta na palavra Barrocas e Taias; mas resolvi repetil-a aqui, não só para evitar equivocos, como por que obtive mais alguns esclarecimentos a seu respeito.

**BÓS**—portuguez antigo, significa vós, pronome.

**BOSTELLO**—(Vide Bustéllo.)

**BOTAO**—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 240 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Matheus, Evangelista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um fertil valle, d'onde se vêem varias povoações.

A matriz é uma boa egreja de 3 naves. A abbadessa de Lorvão é que apresentava o vigario, que tinha de renda 96 alqueires de trigo, 40 de milho ou cevada, 2 de azeite, uma pipa de vinho e 11$000 réis em dinheiro.

Produz muito milho e azeite, do mais mediania.

Passa aqui o rio Botão, que rega, móe e traz peixe miudo.

O mouro *Aborroz* (ou Obarroz) vendeu a *Arias*, prior de Lorvão, em 1019 (410 da egyra) por uma égoa com seu poldro, toda a herdade que tinha n'esta villa. Por isso os frades de Lorvão foram sempre senhores, até 1834, da villa do Botão e seu termo.

Eis as formaes palavras da escriptura d'esta venda, quanto ás confrontações:

«Do Oriente, por aquella linha, como vae cercando a varzea: da parte do nortet por aquella lomba, entre *Larzava*, por aquelle têso, até Arca, como parte por Valle de Ca-

vallos, até ao monte e parte com Marmelleira, pelo casal de Olpinos e chega até á estrada que vae por junto ao Zambujeiro e chega, pela estrada, até ao ribeiro e pelo ribeiro abaixo até Retortas e conclue n'aquella linha, etc., etc.»

Já se vê que é povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514.

Era da corôa.

**BOTÃO**—rio, Douro, limites da freguezia da Torre de Villela. Nasce proximo da villa do Botão. Tem uma ponte de cantaria lavrada no logar de Fornos, sobre a estrada.

Rega o Campo do Botão e outros, móe, traz peixe miudo e morre no Mondego, junto a Geiria.

**BOTICAS**—concelho, formado de novo, Traz-os-Montes, comarca de Mantalegre, 2:200 fogos.

É uma povoação soffrivel, e tem algumas casas boas.

Situada em planicie, na extremidade da ribeira de Terva; 12 kilometros das Alturas, 18 de Chaves, 36 ao NO. de Villa Real, 390 ao N. de Lisboa.

Este concelho tem 16 parochias, que são: Alturas, Ardães, Bessa, Bobadella, Canêdo, Cerdêdo, Codeçôso, Cóvas, Curros, Dornellas, Eiró, Fiães, Granja, Pinho, Sapiães, Villar de Pórro. Todas com 2:200 fogos.

Cinco d'estas freguezias formam o que se chama Valle do Terva, paiz mais ameno do que as restantes.

Este concelho foi creado em 1836, com freguezias desmembradas de Montalegre, em Terras de Barroso.

Na villa se teem construido varios edificios publicos, para as competentes repartições administrativas e municipaes.

A villa de Boticas não é freguezia, pertence á de Eiró, e por ella passa a antiga estrada, de Braga a Chaves, e a districtal (moderna) de Villa Real a Montalegre.

**BOUÇA COVA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi até 1855 do concelho de Alvérca) 60 kilometros de Viseu, 335 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações.

É terra fertil.

Era dos condes de S. Vicente. O abbade de S. Thiago de Trancoso, apresentava aqui o cura, que tinha 10$000 réis de renda e o pé de altar.

Corre aqui o rio Tereginha.

Bouça é palavra portugueza muito antiga. Dá-se este nome a qualquer *cerrado* que produz matto e tem arvores.

Os escavadores de etymologias derivam esta palavra do grego *bossis*, que significa, pasto, pastagem. Outros dizem que vem do phenicio *boses*, nome que tinham uns penedos da Palestina.

Nas provincias do norte, em algumas partes, *bouça* ou *boussa*, significa o que já disse, e n'outras, um *matto*, fechado ou aberto.

**BOUÇA DO NUNES**—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Miranda, concelho da Torre de Dona Chama, hoje é comarca e concelho de Mirandella, 435 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Eram donatarios os condes da Athouguia.

Situada em campina descoberta. Vêem-se d'aqui varias povoações.

O abbade de Santavalha (ou Santa Ovaia) apresentava aqui o cura, que tinha de renda 6$500 réis em dinheiro, 20 alqueires de centeio, 2 de trigo, 22 almudes de vinho e as offertas dos freguezes.

É terra pouco fertil e pobre.

Passa aqui o rio *Rabaçal*.

Ha em Portugal, além das duas descriptas, 154 aldeias com o nome de Bouça.

**BOUÇÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado e fertil

proximo da margem esquerda do rio Minho.

*Boução* é palavra portugueza, augmentativo de *bouça*. Significa—*Bouça grande*.

Não encontro esta freguezia nos livros modernos, senão no *Diccionario Geographico Abreviado*, do Flaviense. Nem já vem mencionada no *Portugal Sacro e Profano*, que foi publicado em 1757.

**BOUÇAS DE MATTOSINHOS** ou **DA MAIA** —villa, Douro, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É na freguezia de Mattosinhos, e a capital do concelho de Bouças.

Este concelho foi desmembrado do antiquissimo concelho da Maia.

Officialmente denomina-se Villa de Bouças e a freguezia—Bouças de Mattosinhos e mais vulgarmente Mattosinhos.

Orago o SS. Salvador.

(Para a população e para o mais que se não achar aqui, vide Mattosinhos.)

Era reguengo dos marquezes de Abrantes.

Este reguengo comprehendia a terra de Bouças, Sevêr, e quatro casaes em Mattosinhos. Foi dado por D. João IV ao marquez de Fontes, em 4 de dezembro de 1641 (já Philippe III lhe tinha dado isto em 28 de julho de 1617). Morrendo sem descendentes, passou o reguengo para Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, primeiro marquez de Abrantes. Passou para seu neto D. Pedro de Lencastre, conde de Villa Nova, por D. Maria I, em 17 de agosto de 1784.

É terra muito fertil.

O logar de Mattosinhos está em uma pequena elevação, d'onde se vê Lessa de Mattosinhos ou da Palmeira, com a qual parte pelo N.—Pelo S. parte com Nevogilde, e pelo O. com o mar.

A egreja está fóra do logar, em uma espaçosa alaméda. É de trez naves, forrada de azulejo e sumptuosa.

Foi n'esta egreja que primeiro esteve a imagem celebre do *Senhor de Mattosinhos*. Diz-se que foi feita por Nicodemos.

Crê-se que foi no anno 50 de Jesus Christo, que esta imagem appareceu na praia do Espinheiro, no sitio onde está um padrão feito na era 162 (124 de Jesus Christo.)

A *Fonte Milagrosa* appareceu no dia 19 de maio de 1726.

O reitor era apresentado pela Universidade de Coimbra, por concurso. Tinha de renda 40$000 réis e os *benesses*.

A freguezia de Mattosinhos era do padroado real e D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Izabel, a deram a D. Giraldo Domingues, bispo que então era do Porto, e depois foi d'Evora (morreu em Extremoz).

Tinha 10 capellães, apresentados pela Universidade de Coimbra com 200$000 réis de renda cada um. D. João III a deu depois á Universidade de Coimbra, o que confirmou Paulo IV, em 1542.

A primitiva egreja de Mattosinhos era no sitio em que actualmente está a capella de Bouças. (Vide Mattosinhos.)

Ainda existem as ruinas, pedrarías e torreões do palacio de Cayo Carpio. (Vide Maia.)

Passa aqui o rio *Lessa* (ou *Leça*) que alguns escriptores (talvez pela tal ou qual similhança de nome, e por mais nada) querem que seja o Lethes dos antigos. (Vide Lima.)

A villa de Bouças é patria dos benemeritos patriotas e a todos os respeitos venerandos portuguezes os doutores Manuel da Silva Passos, chefe do partido republicano (setembrista) que aqui nasceu a 5 de janeiro de 1801, matriculou-se na Universidade de Coimbra em outubro de 1817, e morreu em Santarem, em janeiro de 1862—e de seu irmão, José da Silva Passos.

Ha mais em Portugal 49 aldeias chamadas Bouças.

**BOUÇAS**—rio, Minho, comarca de Guimarães. Nasce de uma pequena lagoa, entre Gontim e a serra da Lagôa. Toma os nomes dos logares por onde passa, chamando-se *Queimadella*, *Vinhós*, *Visella*, *Eiras* e *Gulães*.

Em Bouças (aldeia) ao O., dividindo a freguezia de Fafe da de Guimarães, tem uma ponte de cantaria, de um só arco, mas muito alterosa e grande.

Junto a esta ponte está a capella de San-

to André, apóstolo, e ao pé d'ella estão dois tumulos antigos, sem inscripção alguma. É tradição que n'elles jazem (ou jazeram) dois cavalleiros templarios.

Suas margens são cingidas de arvoredo, algum silvestre, e a maior parte fructifero, e grande parte de um e outro, sustentando grandes vides, que produzem muito e bom vinho verde.

Rega, móe e traz grande abundancia de peixe. Morre no rio Visella.

**BOUÇOÃES** — freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Chaves. foi até 1855, do concelho de Monforte do Rio Livre, 84 kilometros ao ONO. de Miranda, 444 ao N, de Lisboa, 190 fogos,

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ribeira.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Foi antigamente do concelho da Torre de Moncorvo. Fertil.

A egreja matriz é antiquissima e se diz que já existia no tempo dos romanos.

Era abbadia do padroado real, de que esta freguezia era cabeça.

Situada em planicie, junto a um cabeço, onde se descobrem vestigios de muralhas e outros edificios, o que mostra ter sido uma grande povoação em tempos remotissimos.

Pelos campos proximos tambem teem apparecido por muitas vezes pedras lavradas, cippos, etc.

Ao O. do adro da egreja, ainda existe uma torre, que egualmente mostra grande antiguidade. N'ella estão os sinos.

O abbade tinha de renda, antes de 1834, uns 700$000 réis.

Tinha duas egrejas annexas, que eram Villartão e Águeiros.

O abbade d'aqui apresentava *in solidum* o cura da primeira e colhia todos os fructos (o abbade). O cura de Águeiros era apresentado alternativamente por este abbade e pelo de Fiães, e cada um dos abbades recebia meios fructos d'Agueiros.

Havia aqui antigamente *juiz da vintena* e *homens do accordam*, subordinados ás justiças da villa de Monforte do Rio Livre, a cujo termo já então pertencia.

Corre aqui o rio *Rabaçal* e um ribeir anonymo, que regam e móem. Ambos nascem na Galliza. Criam bastante peixe e correm arrebatados por entre penedias.

**BOUGADO** (S. Martinho) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do extenso concelho da Maia.

Situada em alegre planicie, d'onde se vêem varias povoações. É muito fertil.

O abbade era alternativamente apresentado pelo papa e pelo bispo do Porto; tinha de renda 400$000 réis.

Corre aqui o rio *Ave*, que rega, móe, e traz peixe miudo.

Nos seus montes ha caça miuda.

—

Diz se que o nome d'esta freguezia vem de *Bôo-gado* (bom gado). Virá.

**BOUGADO** (S. Thiago de) — freguezia, Douro, comarca e concelho de S. Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 254.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi tambem antigamente do concelho da Maia.

É aqui a aldeia e linda ponte moderna da Barca da Troffa. (vide esta palavra.)

Situada em planicie, cortada pela estrada real, á macadam, que vem e Lisboa para o Norte. Fertil.

A egreja matriz é muito antiga. O abbade era apresentado alternativamente pelo papa e pelo cabido do Porto. Tinha de renda 280 alqueires (razas) de trigo, que com os outros rendimentos parochiaes andava por 800:000 réis

O rio Áve, que aqui passa, divide o bispado do Porto do arcebispado de Braga. Suas margens são em grande parte cultivadas, ferteis e amenas (vide Ave.)

Os moradores d'esta freguezia eram reguengueiros e caseiros do reguengo da Maia, ao qual pagavam grandes fóros. Rendia este reguengo 3:000 alqueires de pão. Tinham os reguengueiros (em desforra de serem tão sobrecarregados de fóros) privilegios de reguengueiros. Caça. A mesma etymologia da antecedente.

**BOULHOSA**—serra, Minho, comarca de Coura. Principia no monte Ladeiro, ou de Santa Marinha e d'aqui lança um braço para o N. até S. Fins, e outro para E., que termina nos montes da Penêda, ou Suagio. Para o S. lança outro braço, no qual, entre os concelhos de Coura e Arcos de Val de Vez, tem principio o rio Coura. Neste districto muda o nome e para Serra do Bicco e Miranda, até findar no rio Lima.

Nas abas d'esta serra são as freguezias de Formariz, Pereiras, Ensalde e outras.

Ao E fica o célebre castello de Frayão, formado pela natureza de tamanhss penedias que é inaccessivel por todos os lados. (Frayão é nome proprio d'homem gôdo.)

A pouca distancia fica o castello de S. Martinho, no qual, segundo é tradição, viveu refugiada uma grande personagem d'estes reinos. (Diz-se que foi D. Antonio, prior do Crato, e não é inverosimil, porque este infeliz principe, por estes sitios andou muito tempo homisiado, fugindo á ferocidade do Diabo do Meio Dia (Felippe II, de Castella.)

Do cimo d'esta serra se gozam bellas e extensas vistas.

Tem algumas arvores silvestres, grandes matagaes, muito gado de toda a qualidade, lobos, rapozas e caça miuda.

Vide Boivão.

**BOULHOSA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago Santo Estevam.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Era da Ordem de Malta.

Situada entre altos montes.

O abbade de S. João da Queijada (a cuja freguezia esta era annexa) apresentava aqui o cura annualmente. Dava-lhe o tal abbade 8$000 réis e os incertos, que andavam por 22$000 réis.

É terra muito fertil em milho, centeio, algum feijão. Do mais pouco.

Os d'esta freguezia tinham grandes privilegios como caseiros de Malta.

Nasce nesta freguezia o ribeiro de Trovella.

Nos montes desta freguezia se cria muito gado, de toda a qualidade, e ha lobos, rapozas e caça miuda.

**BOURO**—Vide Parada de Bouro.

**BOURO**—serra, Extremadura, termo de Obidos. Principia unto da lagôa d'Obidos, no sito da Foz do Arêlho, e finda em um bravissimo rochedo, na costa do Oceano. É em partes coberta de bronca penedia e n'outras cultivada e fertil.

Cria bastante gado de toda a qualidade, e caça.

**BOURO** (Santa Martha do)—villa, Minho, comarca e 15 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 8 kilometros a E. d'Amares, 18 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 190 fogos, 960 almas. Era um concelho muito antigo, que foi supprimido em 1855. Tinha 1:200 fogos.

Era da comarca da Povoa de Lanhoso.

Orago da freguezia, Santa Martha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1757 tinha 252 fogos.

A diminuição do numero de fogos nesta freguezia, é porque parte d'ella foi formar a freguezia seguinte (Santa Maria de Bouro) pelos annos de 1780, e depois da publicação do Portugal Sacro e Profano, d'onde copio o numero de fogos em 1757.

Foi antigamente da comarca de Vianna, visita de Nobrega e Neiva,

Esta povoação é antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Supponho que foi o conde D. Henrique que lhe deu fôro de villa, pois parece que já o era no tempo de D. Affonso Henriques, e antes d'este principe ser acclamado rei, em 1139.

Já então tinha juiz ordinario, feito em pe-

louro, a que presidia o corregedor de Vianna do Lima, e o D. abbade de Santa Maria de Bouro. Este é que fazia os dous capitães para as duas companhias de ordenanças que tinha este couto.

D. Affonso Henriques deu o padroado da egreja, a villa de Santa Martha e o couto do mosteiro de Santa Maria, ao abbade D. Nuno, em 1148.

Ha no rio, nos limites d'esta freguezia, um grande pôço, chamado, *Pégo Negro*, que confronta, pelo S. com S. João de Rei, cujos senhores o eram tambem das pescarias do tal pégo. Por menoridade de um delles, entraram os ascendentes do marquez de Monte-Bello; e passando-se este para os castelhanos, em 1640, tomou posse d'este direito, Vasco d'Azevedo Coutinho; e como o filho do marquez quizesse pescar n'elle, juntaram-se os parentes e amigos d'ambos e esteve para haver, por isso, grande batalha; a não accudir Antonio Jaques de Paiva, general d'artilheria e governador d'esta provincia (que depois se fez frade dominico.) Este avisou o rei o qual mandou debaixo de graves penas, que nem uns nem outros alli tornassem a pescar.

Neste pégo se criam muitos e grandes salmões. Ainda aqui existem as ruinas da magestosa ponte romana (de tres arcos) que atravessava o Cávado, na via militar romana chamada a Geira, para Parada de Bouro.

Eram donatarios d'esta freguezia, os frades do convento de Bernardos de Santa Maria de Bouro (a seguinte.)

Situada em terreno accidentado, na margem direita do Cávado e na encosta, sul, dos montes da Abbadia.

O vigario (religioso cisterciense de Bouro) era trienal e o apresentava o D. Abbade do dito convento.

Tinha 120$000 réis de renda ao todo.

Tinha sido antigamente do padroado real.

D. Affonso Henriques deu o padroado d'esta egreja ao referido mosteiro, pelos annos 1130.

E' terra fertil em todos os generos do paiz, e produz grande quantidade de azeite. Cria muito gado miudo e grosso. E' abundante em lenha e carvão vegetal.

Tinha já antigamente dois juizes ordinarios (um do civel outro do crime).

Passa pelo centro da freguezia o ribeiro Carredal, que morre na direita do Cávado. Rega e móe.

Feira de 15 em 15 dias.

Os moradores d'aqui tinham obrigação de vigiar a Portella do Homem (que dista d'esta freguezia 18 kilometros) por contracto gue fizeram com o rei de a defenderem á sua custa, sob a condição de não dar soldados esta freguezia.

O D. abbade de Bouro, dos frades, era fronteiro-mór da Portella do Homem.

Vide tambem Bouro, convento, onde se diz a causa d'este titulo e emprego.

Esta freguezia é situada na serra do Gerez. Ha aqui muito gado e caça, e peixe no rio Cávado, que corre pela extremidade da freguezia.

Tinha duas companhias de ordenanças, de que era capitão-mór o D. abbade de Bouro.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de outubro de 1514.

O extincto concelho de Santa Martha de Bouro, era composto das freguezias de Goães, Santa Isabel do Monte, Santa Martha de Bouro, Paredes Seccas, Villela, Seramil e Valdozende.

Em 1842, tinha esta freguezia 1:190 fogos, e na divisão que então se fez, só ficou para este concelho parte da tal freguezia. Em 1855, passou tudo para o concelho de Amares, menos Santa Isabel do Monte e Valdozende, que passaram para o concelho de Terras de Bouro.

**BOURO** (Santa Maria de)—villa, Minho, foi da comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, até 1855, passando então para o concelho de Amares, comarca de Villa Verde, d'onde dista 16 kilometros a E. Fica a 9 kilometros a E. de Amares, 19 ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 242 fogos, 986 almas.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Viamna, *visita* de Nobrega e Neiva.

E' n'esta freguezia o real mosteiro de frades bernardos, de Bouro, cuja origem é a seguinte:

Pelayo Amato (da geração de Egas Moniz) fidalgo da côrte do conde D. Henrique, teve tal sentimento pela morte de sua mulher D. Munia ou Muninha, dama da rainha D. Thereza, mulher do conde; que se foi viver como eremita, com outro, nas serras de Bouro, onde, pelas suas mãos e pelas de seu companheiro, fizeram uma pobre ermida, dedicada a Nossa Senhora.

A estes dois se reuniram outros, fazendo todos vida de anachorêtas.

O arcebispo de Braga fez alli fundar uma egreja, que é hoje o magestoso santuario de Nossa Senhora da Abbadia. Parece que a capella que estes dois anachoretas edificaram, é a actual capella de S. Miguel, como adiante direi mais circumstanciadamente.

D. Affonso Henriques, a pedido dos eremitas, mandou vir frades de Alcobaça e fez áquelles tomar o habito e regra de S. Bernardo, dando-lhe a villa de Santa Martha de Bouro, os dizimos do sal de Fão e outras herdades e rendas.

A profissão d'estes eremitas teve logar em abril de 1159.

Já depois de estar construido o mosteiro e constituido o convento, ainda D. Affonso I lhe deu o senhorio do couto de Bouro, em 1148. Queimando-se o cartorio do convento, o rei lhe fez uma nova doação, confirmando a antiga, em 1162.

D. Affonso II confirmou isto, pelos annos de 1217 ou 1218.

D. Sancho II, induzido por sua mulher, D. Mecia Lopes de Haro, quiz tirar aos frades o senhorio do couto de Bouro; pelo que o abbade teve de o comprar ao rei, por mil maravedis de ouro.

Vejam quanto não valía já então o senhorio do couto de Bouro! Cada maravedim (*marabedi* ou *maurobotino*) valia aproximadamente mil réis, o que hoje montaria a uns poucos de contos de réis.

Parece que a palavra marave dimvem, do francez *mauro-butin* (despojo dos mouros).

Fez-se esta carta de venda, em Braga, a 3 de junho de 1236.

Mesmo assim, D. Affonso III annullou tudo isto e mandou derribar os padrões por onde se demarcava o couto, trazendo os frades em demanda; mas, seu filho, D. Diniz, lhe restituiu o couto, por provisão de 19 de março da era de 1317 (8 de março de 1279 de Jesus Christo.)

Durante as guerras da independencia, promovida por D. João I de Castella, contra D. João I de Portugal, o abbade de Bouro armou 600 vassallos seus, e á testa d'elles foi esperar os castelhanos na Portella do Homem (1384) e, apanhando-os n'um desfiladeiro, saltou n'elles derrotando-os completamente, dentro em duas horas, matando muitos (apesar dos inimigos serem mais de 2:000) tomando-lhes quantas bandeiras traziam e aprisionando-lhes muita gente; sendo bastantes dos mortos e prisioneiros, dos principaes senhores da Galliza.

Por esta façanha, D. Nuno Alvares Pereira, em nome de D. João I, deu aos abbades de Bouro o titulo de capitão-mór e fronteiro-mór, podendo *appellidar* gente para a guerra, dizerem missa, em tempo d'ella, só com a *cogúla* e trazerem pagem d'armas, em signal da sua dignidade militar.

Estas honras e privilegios lhes foram confirmados por varios reis posteriores.

Achando os frades o sitio muito áspero, esteril e desabrido, mudaram o convento para o sitio actual, junto ao rio Cavado, ficando no antigo local do convento, sómente a egreja, que é a que ainda existe, da invocação de Nossa Senhora, e que, por ter sido abbadia de frades, ainda hoje se chama Nossa Senhora da Abbadia. (Vide Santa Martha de Bouro.)

Parece-me que os frades só habitaram o antigo convento até ao anno de 1169, em que se mudaram para o actual.

Ao lado da egreja está, de joelhos, uma estatua colossal de D. Affonso I, recordando a apparição de Ourique.

Aqui está sepultada a celebre D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*) formosa amante de D. Sancho I; descendente dos Osorios, a quem pertencia parte do padroado do mosteiro.

Os abbades tinham antigamente jurisdi-

ção no espiritual e temporal. Em tempo de guerra, traziam pagens d'armas, e nenhum morador d'este couto podia servir fidalgo sem sua licença (do abbade) sob pena de lhe confiscarem os bens para o convento. Só ao rei era permittido servir-se dos homens de Bouro, sem dependencia de licença do D. abbade. D. Manuel deu foral novo ao couto do mosteiro, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514 (no mesmo dia, mez e anno que o deu a Terras de Bouro). (Livro dos foraes novos do Minho, fl. 121 v. col. 2.ª)

Na egreja do real mosteiro de Bouro está a capella de Nossa Senhora do Rosario, que era até 1834 a parochia da freguezia. Desde a expoliação dos frades, ficou toda a egreja servindo de matriz. A egreja é um sumptuosissimo templo de oito naves.

O D. abbade do mosteiro é que apresentava annualmente um religioso, denominado vigario, que administrava os sacramentos aos visinhos dos 60 fogos, que pertenciam á freguezia de Santa Martha, e que foram o nucleo da actual freguezia de Santa Maria. Este vigario só tinha 12$000 réis por anno e as missas eram livres. O vigario de Santa Martha é que dizia a missa conventual.

No fim do seculo XVII, estando a egreja do mosteiro alguma cousa arruinada, foi reedificada em parte, pelos religiosos.

Tem nove altares e uma optima sachristia e na frente um bom adro, lageado de pedra, d'onde se desce por uma magestosa escadaria, tambem de pedra, para um vasto terreiro, cercado de pequenas casas, onde se faz, ha poucos annos, uma feira a 8 e outra a 24 de cada mez.

O edificio do mosteiro está já em principio de ruina, em parte; o resto, que serve de residencia parochial e de casa de aula de instrucção primaria, tambem não tardará a ir caindo aos bocados.

Este mosteiro e suas dependencias era coutado, como ja disse. O D. abbade é que nomeava o juiz ordinario, do civel, por eleição annual do povo (em pelouro) a que vinha assistir o escrivão da camara de Santa Martha, e os do udicial e notas, ás audiencias por distribuição. O crime pertencia ao juiz de Santa Martha.

E' terra muito fertil em cereaes, vinho, fructas, lenha e matto. Cria muito gado de toda a qualidade.

D. Manuel deu foral ao couto do mosteiro, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514.

A villa e freguezia é situada em um valle ameno e fertil, na margem direita do Cávado, e d'aqui se vê Braga e muitas povoações. Parte da freguezia é na encosta do S. dos montes da Abbadia.

Nos limites e a 3 kilometros a NE. da egreja matriz, em um valle solitario e agreste, formado por uma alta serra (ramo do Gerez) está fundado o famoso sanctuario de Nossa Senhora da Abbadia. E' um vasto templo de tres naves, todo de cantaria.

Tem formosos altares e imagens que são um primor de esculptura. O altar-mór, é magestoso. No centro da tribuna, em um oratorio, está uma tosca imagem de pedra, em volta da qual os devotos fazem romaria.

E' padroeira do templo Nossa Senhora da Abbadia.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta é a mesma que foi achada por Payo Amado (on Pelayo Amato) e por um eremitão ou monge benedictino, com quem vivia. Era crença do povo, que esta imagem nunca havia sido pintada, porque lhe não pegava a tinta, por maiores diligencias que se fizessem, porém, em 1868, um pintor da freguezia de Afife, por nome Antonio Camillo Alvares Pires, a *encarnou* e pintou.

Tem esta egreja uma boa sachristia e boa *casa da meza*. Tem duas torres, n'uma das quaes está o relogio. Sobre a porta da fachada exterior da frente, tem um altar, no qual, na manhã de 15 de agosto, se diz missa, para commodidade dos romeiros, que não cabem no recinto do templo, apesar da sua vastidão; tal é a affluencia então a este sanctuario.

Da egreja se sae para um espaçoso terreiro, cercado pelas lindas e cómmodas casas do capellão e pelas que servem de hospedaria para os romeiros. Estas são muitas e bôas e teem grandes varandas, que deitam para o terreiro. No centro d'este, em frente da egreja, ergue-se um formoso cruzeiro de pedra, ou antes, columna de ordem compo-

sita, coroada por uma bella cruz. A base é cercada por uma elegante grade de ferro.

No ingreme caminho que vae da freguezia para o sanctuario, estão, do lado esquerdo, varias capellas, com os *passos* de Nossa Senhora; e da parte direita, alguns da Paixão de Jesus Christo. Os restantes estão pela parte de cima da egreja, na encosta do monte. Todos os passos da Paixão estão incompletos; porque o dinheiro das esmolas e promessas dos romeiros, que era destinado á sua conclusão, vae, por ordem do arcebispo, para os asylos da cidade de Braga.

A 200 metros de distancia da egreja, a ESE., está um grande penêdo, que tem uma tosca cruz de pedra, no cume; e por baixo, em uma pequena caverna, uma fonte, forrada de azulejos, onde os romeiros vão beber e lavar-se, na crença de que esta agua os cura das suas enfermidades. Chama-se a *Fonte da Senhora.*

E' tradição que n'esta caverna foi achada, por Pelayo Amato e seu companheiro, a imagem de Nossa Senhora da Abbadia.

A 700 ou 800 metros a SE. do templo, em um alto monte, e de muito difficil accesso, está uma aceiada, mas antiga capella, dedicada ao archanjo S. Miguel.

E', segundo consta, a ermida em que vivia Pelayo Amato e o eremitão; e d'onde viram a claridade que lhes indicou o sitio em que estava a imagem da Senhora.

Depois do famosissimo sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga, é este o mais célebre e magestoso das duas provincias do norte, pela grande devoção popular, que traz aqui uma multidão de romeiros, de muitas leguas de distancia, de Portugal e da Galliza; cujos donativos excedem annualmente 800$000 réis.

A romaria principal, é desde 10 até 15 de agosto.

Tem capellão, e o actual, é o reverendo Antonio José Pereira de Azevedo, que tem concorrido muito para o augmento e florescencia d'este sanctuario.

É administrado por uma commissão de quatro ecclesiasticos, nomeada pelo governador civil do districto.

Até 1834, era administrado pelos monges b ntos desta freguezia.

Ao S. da egreja e das casas do capellão, a poucos metros de distancia, passa o rio chamado da Abbadia, que nasce na freguezia da Santa Isabel do Monte e descendo apertado, entre alcantilados rochedos recebe o ribeiro de Paradella, em Pontido, e vão juntos, depois de atravessarem esta freguezia, morrer na direita do Cávado. Rega, móe e cria peixe; principalmente saborosas trutas.

As duas pontes, pouco distantes uma da outra, que atravessam este rio, ao SE. do Sanctuario, e dão passagem para a capella de S. Miguel, capellas dos Passos de Jesus Christo, fonte da Senhora e Sanctuario de S. Bento da Porta Aberta, foram arruinadas por uma cheia, no inverno de 1868 (Vide Ancora e Afife.) mas já estão reconstruidas, devido aos esforços do actual capellão.

—

A egreja de Nossa Senhora da Abbadia, era a primittiva egreja do mosteiro benedictino de Bouro.

—

Nos montes d'esta freguezia criam-se muitos gados de varias especies, que são guardados insdistinctamente por môços e raparigas. Esta circumstancia e o êrmo e accidentes dos montes, dão logar a travarem-se amores, que por muitas vezes transpoem os limites da honra e da decencia.

É por estas razões, que, quando aqui se trata algum casamento, é costume antigo o seguinte:

No acto de irem receber-se, vem um dos principaes parentes do noivo, á porta do que hade ser sôgro, onde está á sua espera um parente dos paes da noiva; e tirando ambos os chapeus, pergunta o parente da noiva ao outro:

*Que procuraes?*

Responde o outro:

*Mulher, honra, fazenda, e dinheiro.*

Logo o de dentro, toma a noiva pela mão e apresentando-lh'a diz:

*Ella cabras guardou; sebs saltou:*
*se em algumas se espetou e a quereis,*
*assim como é, assim vol'a dou.*

Dito isto, dirigem-se todos á egreja e ce-

lebra-se o matrimonio; e não póde haver desunião nem, questão alguma, ainda que haja *defeito*; porque ella se vale da força d'aquellas palavras, trocadas entre os parentes de um e outro, que são o baptismo, que lava de todas as culpas passadas.

(Esta historia preliminar dos casamentos de Bouro, vae por conta do sr. J. A. d'Almeida —Diccionario abreviado de chorographia etc. etc.)

**BOURO** (Terras de)—concelho na comarca de Villa Verde. Foi até 1855 da então extincta comarca de Pico de Regalados, 18 kilometros de Braga, 378 ao N. de Lisboa. 1:500 fogos, 6:000 almas.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514. (livro dos foraes novos do Minho, folha 59, col. 1.ª) Trata-se neste foral das terras seguintes.

Balança, Valdozende, Chamoim, Chorence Gubide (Covide) Freita, Infesta, Pregoim, (NB) Rio Caldo, S. João do Campo, S. Matheus, Serzedo e Villar, que é o que então constituia o concelho de Terras de Bouro.

É composto das 16 freguezias seguintes:

Balança, Brufe, Campo, Carvalheira, Cibões, Chamoim, Covide, Chorence, Gondoriz, Moimenta, Monte, Ribeira, Rio Caldo, Souto Valdozende e Villar.

Na palavra Terras de Bouro, direi circumstanciadamete o que ha a dizer sobre a região assim denominada.

**BOUZENDE** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 252.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

O cura era apresentado pelo reitor de Macedo dos Cavalleiros e tinha de rendimento 8$000 réis em dinheiro e o que rendia o pé d'altar.

**BRAÇAL** — Vide Albergaria Velha e Valle-Maior.

**BRAÇO DE PRATA**—bonita povoação, Extremadura, freguezia, e concelho dos Olivaes, situada sobre a margem direita do Tejo, proximo ao Poço do Bispo. Consta de varias quintas e vastos armazens, 8 kilometros ao NE. de Lisboa. É proximo de Cabo Ruivo. Vide Mattinha.

**BRAFEMES, BRASFEMES,** ou **BRAFEMEAS**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era das freiras de Lorvão, a quem os moradores da freguezia pagavam duas partes dos disimos e as rações e fóros.

Situada em posição alta e fragosa; mas fertil.

As taes freiras é que apresentavam o vigario, a quem davam 70$000 réis por anno e tinha mais o pé d'altar, que rendia 30$000 réis.

Antigamente tinha juiz ordinario, escrivão e procurador, postos pela camara de Coimbra.

Ao N. da freguezia fica a serra do Ilhastro, que tem muita e bôa pedra de cantaria, muito branca e lustrosa.

No alto tem um plató de 1:500 metros de comprido e uns 800 de largo, que se cultiva e tem olivaes. Nascem aqui dous ribeiros. o de Val-Côvo e o de Agrêllo, que ambos morrem no rio Botão.

**BRAGA**—Cidade, capital do Minho, arcebispado (primaz das Hespanhas) districto administrativo, situada em planicie elevada e formosa, regada pelo rio Éste, ou Déste, que lhe fica proximo, ao N, e o Cávado, que fica 6 kilometros ao S—48 kilometros ao N. do Porto 80 ao O. de Bragança, 208 ao N. de Coimbra e 360 ao N. de Lisboa.

Em 41.° 36' de latitude e 12.° 39' de longitude N.

Tem 4:330 fogos (umas 18:000 almas) em 6 freguezias, que são S. José, S. João, S. Pedro, S. Thiago, S. Victor e Sé. O concelho tem 9:800 fogos, a comarca 11:700 e o districto 90:000.

A cidade é cercada de fertilissimos campos, optimos pomares, lindas hortas e formosas quintas.

A fundação d'esta antiga e noblissima ci-

dade se atribue aos gallo-celtas (chamados braccaros, por causa de uma calça curta de que usavam, chamada bracca) no anno do mundo 3708, isto é, 296 antes de Jesus Christo, segundo Freire e outros. Florião do Campo e outros dizem que os seus fundadores foram os turdulos andaluzes, que vieram das margens do Guadiana com os gallo-celtas, e que com estes a fundaram então.

O seu primeiro nome foi Braccara e os romanos lhe chamaram Braccara Augusta.

Possuiram os gallo-celtos ésta cidade por mais de 40 annos, até que os romanos lh'a tomaram pelos annos 250 antes de Jesus Christo e a dominaram por uns 650 annos.

Peço aos meus leitores que vejam o capitulo 65 d'esta obra: alli verão que *Braga* era uma divindade scandinava, filho d'Odin e esposo d'Iduna, deusa da mocidade. Braga era o principal scalde (trovador) do Valhalla (paraizo dos scandinavos) e era considerado como Deus da sabedoria e da eloquencia. Representava-se sob a figura de um ancião, empunhando uma harpa d'ouro, ao som da qual canta os louvores dos deuses e dos heroes. Quem sabe se Braga, cidade, deve o seu nome ao deus Braga? Não era possivel que os germanos aqui implantassem a sua religião ou, pelo menos, alguma das suas tradições?

Pelos annos 410 de Jesus Christo, os suevos a tomaram aos romanos, e foi côrte dos seus reis, por 175 annos.

Em 585, *Leovigildo*, rei gôdo, deu por terminada a dynastia sueva, unindo o seu reino aos estados gôdos. (vide adiante.)

Os reis Suevos que reinaram em Braga e na Galliza foram:

*Hermenerico, Rechila, Reciario, Masdra, Franta, Frumario, Remismundo, Theodalo, Veremundo, Miro, Pharamiro, Rechila 2.º, Reciario 2.º, Theodomiro, Ariamiro, Eburico e Endeca.*

Quando Ariamiro morreu, seu filho, Eburico, era menor, pelo que o pae lhe deu por tutor o rei gôdo Leovigildo. Endeca, teve artes de se fazer acclamar rei, usurpando a corôa a Eburico, que obrigou a professar no mosteiro de Dume.

Leovegildo, a titulo de tutor e alliado de Eburico, obrigou o usurpador a largar o throno e tomar tambem o habito de monge no mesmo mosteiro de Dume; e pretextando que o rei legitimo não podia reinar por ser frade, se apossou do reino suevo, que assim terminou a sua existencia, e d'esta maneira deixou Braga de ser a côrte dos reis suevos de Portugal e Galliza.

(Vide a Historia de Portugal no logar competente.)

Os godos dominaram Braga por espaço de 130 annos, e no seu tempo se celebraram aqui muitos concilios.

Os mouros se apossaram d'esta cidade em 715. Mas logo, pelos annos 739, D. Affonso, o catholico, filho de D. Pedro (duque de Byscaia e Navarra) cunhado de D. Favilla, e genro de D. Pelayo, que herdara a corôa gothica, pela morte de seu cunhado (despedaçado por um urso, em uma caçada) resgatá Braga do poder dos arabes.

D. Affonso era rei de Oviedo. Seu irmão D. Frucia, que o acompanhava, tambem obrou prodigios de valor na reconquista d'esta cidade.

Em 862, D. Affonso Magno mandou fazer em Braga algumas obras de defeza, para pôr a cidade a coberto das invasões dos mouros.

Não lhe valeram porém muito estas fortificações, porque os arabes por varias vezes a invadiram e saquearam.

Em 985, Al-Mansor, rei ou kalifa de Córdova, tomou Braga á força de armas, saqueando-a.

D. Affonso III, de Leão, a achou quasi despovoada, pelos annos 904 de Jesus Christo, povoando-a então de novo.

—

O primitivo assento de Braga, não era onde hoje está; mas junto á parochia de S. Pedro de Maximinos, onde ainda se vêem ruinas de grandes edificios, um circo e aqueductos. Estas ruinas chegam até ao hospital de S. Marcos.

A maior parte d'estas ruinas são de construcções romanas.

Tinha um forte castello e era cercada de muralhas, com oito portas, obra de D. Diniz. Pelos fins do seculo XIII. D. Fernando reedificou as obras de defeza, pelos annos de

1375, enobrecendo as muralhas com fortes torres.

—

Tem mais de 70 fontes publicas, perennes, algumas de boa architectura; como o chafariz da Porta do Souto, a fonte de S. Sebastião e outras. Tem mais de 800 poços particulares.

Na rua da *Galaria*, junto ás grades de S. Geraldo, está a celebre e antiquissima fonte que já existia no tempo em que n'aquelle sitio havia um templo dedicado á deusa *Isis*. *Isis* era a deusa da castidade. Consagrava-se-lhe o pecegueiro. Suas sacerdotizas eram todas virgens e seus ministros *enucos* (castrados.) Vide adiante mais algumas particularidades sobre este templo.

Outros dizem que o templo de *Isis* era a propria egreja de S. Geraldo, e que S. Pedro de Rates fez d'elle um templo christão, dedicado a Nossa Senhora, ao qual o primeiro concilio bracarense chama *Fanum Sanctæ Mariæ*.

Outros dizem que a Sé actual é que foi templo de *Isis*.

A fonte forneeia a *agua lustral* para o dito templo, e quando os gentios saiam d'elle, se banhavam na sua agua, ficando desde logo livres (na sua opinião) de todos os males da alma e do corpo.

—

A 1:500 metros da cidade, na quinta de *Semelhe*, que foi de frades crusios, ha uma fonte de agua tão fria, em todas as estações, que se não supporta uma mão dentro d'ella, por espaço de 30 segundos, e se se lhe mette uma garrafa de vinho, logo se faz vinagre. (Padre Cardoso.)

—

Braga foi convento juridico dos romanos (isto é, chancellaria) com todos os privilegios e honras, de cidade do antigo Lacio; e o seu districto abrangia 24 cidades!

A Lusitania foi dividida em 4 chancellarias (ou relações) pelo imperador Augusto, 24 annos antes de Jesus Christo (era 14 de Cesar.) Braga era uma das chancellarias.

—

Feira nas segundas feiras de 15 em 15 dias (alternativamente) e de 3 dias a 24 de junho, 8 de setembro e no terceiro domingo de maio, 15 dias. Grande mercado aos sabbados.

A Sé (matriz) de 3 naves, é dos maiores templos de Portugal.

É templo notavel pela sua antiguidade e magnificencia. Consta de documentos authenticos que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, reedificaram esta Sé, pelos annos 1100. Tantas porém teem sido as reconstrucções depois d'isso, que das obras de D. Henrique poucos vestigios ha.

A capella-mór é obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, feita pelos byscainhos. (Dos quaes ficaram aqui muitos, fundando casas em uma rua, que ainda se chama dos Biscainhos.)

É da invocação de Nossa Senhora da Assumpção.

Querem alguns que foi originariamente templo dedicado a *Isis*, edificado por Osiris, rei do Egypto. Outros que fosse consagrado a Ozires. Outros que era a egreja de S. Geraldo. Outros, finalmente, que o templo de Isis já não existe. (Vide adiante.) Em todo o caso é edificio antiquissimo e já existia no tempo dos romanos. Tem 13 dignidades:

1.ª deão. Teve 10 prebendas, 4 egrejas annexas e a visita do deado; o que tudo rendia 2:000$000 réis.

2.ª chantre (chantre quer dizer cantor.) Teve uma prebenda, a egreja de Briteiros, annexa e a visita. Rendia mais de 1:000$000 réis.

3.ª arcediago de Braga. Teve uma prebenda, a egreja de Gualtar e a visita ordinaria do couto de Braga.

4.ª arcediago de Barroso. Teve a visita de Barroso, que rendia quatro mil e tantos alqueires de pão.

5.ª arcediago de Vermuim. Teve uma prebenda e a visita. Rendia cerca de 1:000$000 réis.

6.ª arcediago de Neiva, simples. Teve a egreja de S. João de Villa Chan e a visita. Rendia 600$000 réis.

7.ª mestre-eschola. Teve uma prebenda e as egrejas de Poyares e S. Pedro de Escudeiros, e a visita. Rendia cerca de 1:600$000 réis.

8.ª thesoureiro-mór. Teve uma prebenda e as egrejas de S. Miguel de Fróssos e S. Mamede de Este. Rendia 1:200$000 réis.

9.ª arcediago de Fonte-Arcada e sua annexa. Simples. Rendia 2:000$000 réis.

10.ª arcediago de Santa Christina. Teve 6 egrejas annexas, que rendiam uns 2:400$000 réis. É simples.

11.ª arcediago de Labruge. Teve 4 egrejas e a visita. Rendia 1:200$000 réis.

12.ª arcediago de Villa Nova da Cerveira e a sua visita. Rendia 800$000 réis.

13.ª arcipreste. Teve uma egreja e a visita. É simples. Rendia 200$000 réis.

Tem 28 conezias, cada uma com sua prebenda, rendendo (cada conezia) mais de 500$000 réis.

Nove d'estas conezias, tiveram 12 egrejas annexas.

Tem 12 tercenarios, que tiveram 4 prebendas, e um d'elles teve a egreja de Panoyas, annexa, e outro a de Santa Maria das Gralhas.

A fabrica teve 2 prebendas e a egreja do couto de Cambezes, os rendimentos de juros e outros, na importancia de 2:400$000 réis.

Tem 2 sachristães, sacerdotes; um porteiro do cabido e um enchota-cães, todos com grandes ordenados.

—

Na Sé jaz o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, o infante D. Affonso, filho de D. João I (em um soberbo tumulo de bronze, que lhe mandou de Flandres a condessa d'alli, sua irmã.) A infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, mulher de Filipe o Bom, duque de Borgonha. S. Pedro de Rates, primeiro arcebispo de Braga, e muitos arcebispos e outras muitas pessoas. E o esqueleto do célebre e valoroso arcebispo D. Lourenço Vicente, que morreu na batalha de Aljubarrota, combatendo pela independencia da patria. (Está incorrupto e perfeitamente conservado.)

A egreja tem sete córos; mas é tamanha que, rezando-se em todos simultaneamente, não perturbam uns aos outros.

Em uma das capellas ainda se officia pelo tyro musarabe.

Os seus dois orgãos e o côro, que lhe fica contiguo, são magnificos. Tem muitas capellas (algumas tamanhas como egrejas) onde se veneram muitos santos, que foram arcebispos, sendo um d'elles S. Geraldo, que baptisou D. Affonso Henriques.

N'uma d'ellas jaz, em sumptuoso mausoleu, o arcebispo D. Gonçalo Pereira (que viveu em tempo de D. Diniz) avô do grande D. Nuno Alvares Pereira. Eram tantos os legados a que estava obrigada a Sé, que só as missas d'elles passavam de 30:000 por anno. Ha n'esta egreja uma immensidade de reliquias.

A egreja da Misericordia está junto á Sé e com ella communica interiormente. Tinha legados pelos quaes era obrigada a mandar dizer por anno, 12:365 missas.

É templo sumptuoso.

A antiga egreja da Misericordia (chamada hoje Misericordia Velha) é actualmente uma capella dos claustros da Sé.

—

Egreja de S. João do Souto. Era no castello, e o arcebispo D. Diogo de Sousa a mudou para o sitio actual, em 1512.

Junto a esta egreja e communicando com ella por um grande arco, está a gothica e formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, toda ornada de estatuas e variadas asculpturas de pedra. Foi edificada pelos annos 1512. (Vide adiante.)

É de architectura gothica florida; mas com os successivos concertos está quasi completamente degenerada.

Na *Congosta* que desemboca no Campo de Sant'Anna, serve de porta de um quintal um bellissimo portal, que foi d'esta egreja. É ornado de flores, fructos, columnas, anjos. etc.

É egreja matriz.

### Conventos

1.º Convento do Populo, religiosos eremitas descalços de Santo Agostinho, no Campo da Vinha. Foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, em 1596, e o dotou de grossas rendas.

Na capella-mór da sua vasta egreja, estão em dois ricos tumulos, o fundador, e D. Fr.

Aleixo de Menezes, arcebispo de Gôa e depois de Braga.

Chamava-se Collegio de Nossa Senhora do Populo. A egreja é sumptuosa. Tem uma grande cêrca com extensos pomares e hortas; uma grande vinha e uma grande deveza de carvalhos. É muito abundante de agua.

Serve ha muitos annos de quartel ao regimento de infanteria 8, ao qual tambem pertence uma pequena parte da cêrca. O resto, quasi toda, foi vendida, em hasta publica, e comprada por Joaquim José Gonçalves Loureiro.

A parte da cêrca que ficou pertencendo ao quartel militar, é só um insignificante bocado immediato ao edificio.

Quando, no 1.º de dezembro de 1846, foi creado o batalhão de infanteria de Braga, pelos realistas (formado com officiaes de Evora-Monte, e praças de pret *apresentadas* dos republicanos e cartistas) teve o Populo por quartel.

Este batalhão cresceu tanto em numero de praças (chegou a ter 930 além de 80 cavallos, que formavam um meio esquadrão) que se transformou em regimento, denominando-se, Regimento de infanteria do Minho. Quando em fevereiro de 1847, se uniu ao exercito da Junta, esta lhe deu o titulo de 3.º regimento de fusileiros da liberdade, e depois, Regimento de infanteria n.º 9. Mas, apesar de todos estes titulos, era geralmente conhecido como Regimento de infanteria do Populo.

2.º Convento de Nossa Senhora do Carmo, de frades carmelitas descalços, ao fundo da rua do Carvalhal. Fundado em 1653, pelo padre fr. José do Espirito Santo (que tambem fundou o convento da Bahia, no Brasil, e outros mais.) Era natural de Braga.

Tem uma grande cêrca, com hortas, pomares, olival e bastante agua.

Este convento serve actualmente de hospital militar da guarnição da cidade, á excepção de uma pequena parte que se destinou para uso da irmandade de Nossa Senhora do Carmo.

A cêrca foi vendida, parte d'ella, e comprada pelo dr. Antonio Vieira de Araujo, e o resto ficou reservado para cemiterio publico; mas, como depois resolveram fazel-o na Bouça do Pavão (local muito mais proprio para um cemitério), foi este espaço da cêrca transformado em praça do mercado publico.

Na egreja d'este convento está sepultado o *fradinho de Braga* (frei João Neiva). É objecto de grande devoção para os povos da cidade e immediações, que concorrem em grande numero a visitar-lhe a sepultura.

Adiante vae a sua biographia.

—

3.º—Convento de freiras bentas do Salvador, no Campo da Vinha. Fundado pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, em 1602.

Vieram para aqui formar este convento as freiras do antigo convento de Victorino das Donas, que foi então supprimido.

Tinha as egrejas e seus dizimos de Victorino das Donas, Santa Maria de Cabração, e S. Thiago de Fontão.

Actualmente tem apenas trez freiras e algumas recolhidas.

—

4.º—O convento dos Remedios, de freiras franciscanas de Nossa Senhora da Piedade, no Campo dos Remedios. Foi primeiramente recolhimento e depois erigido em convento por D. Fr. André de Torquemada, bispo de Dume (andaluz de nação), em 1547.

A egreja foi reedificada no seculo passado.

Este convento ainda está habitado por 13 religiosas e algumas recolhidas.

—

5.º—Collegio de S. Paulo (*Ursulinas*) que foi de jezuitas. Fundado em 1560, pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que lhe deu bastantes rendas, que depois accrescentou o cardeal-rei.

Foi primeiro reitor d'este collegio, o beato Ignacio de Azevedo Barbosa, natural do Porto, e representante da nobilissima casa de Azevedo e de Barbosa, que procede do Conde D. Sancho Nunes de Barbosa, e de sua mulher a infanta D. Thereza Henriques, filha do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza.

Este virtuoso varão cahiu em poder de um corsario calvinista francez, em 1570 sendo martyrisado junto á ilha de Palma, com 39 missionarios seus companheiros, dos quaes 31 eram portuguezes e 8 hespanhoes. São conhecidos pelos 40 martyres jezuitas.

Depois da extincção dos jezuitas, vieram para aqui as freiras franciscanas de Monção e Vallença, que depois foram para outros conventos; estabelecendo-se aqui o collegio das Ursulinas, para educação de meninas. Denomina-se *Collegio das Chagas*.

A torre contigua ao convento pertencia ás muralhas e defendia a Porta de S. Thiago, que ainda existe, mas está tapada.

Está este optimo collegio situado no Largo de S. Paulo. Tem ainda cinco religiosas e muitas educandas e seculares.

No reinado de D. Maria I, a pedido de D. Maria Luiza das Chagas, estabeleceu-se n'este collegio, desde 1785, um *eduncandado* do sexo feminino, no intuito de se radicar em Braga o instituto das Ursulinas do Valle de Pereira.

No edificio fronteiro ao collegio, se ensinam gratuitamente nas primeiras letras e nas prendas femininas, as meninas externas que alli desejam instruir-se n'estes ramos de educação.

N'este collegio fizeram-se memoraveis as escólas que os jezuitas aqui professavam.

Este convento, que desde o seu principio tem prestado os mais relevantes serviços á religião e á sociedade, pela educação que em todo o tempo alli receberam pessoas de todas as classes e de diversas provincias do reino; e onde as meninas pobres de Braga encontravam sempre ensino gratuito, achase actualmento em grande penuria e privado dos meios de continuar em tão importante magisterio; não só pelo pequeno numero de educandas, mas, e principalmente, porque a prestação que d'ellas recebe não está em proporção com as avultadas despezas que tem a fazer tanto no pessoal como no material da casa.

Em dezembso de 1873, viram-se as miseras religiosas obrigadas a recorrer á caridade publica para não morrerem na miseria e ao desamparo.

—

6.º—Convento de freiras de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem da Conceição, na rua de S. Giraldo. Fundado pelo conego Giraldo Gomes, que o dotou com os seus bens em 1625. É o unico d'esta ordem fundado em Portugal.

D'este convento sahiram fundadoras para outros, no arcebispado bracarense.

Para o mosteiro da villa de Chaves, sahiu a 15 de fevereiro de 1716, no arcebispado de D. Rodrigo de Moura e Telles, da casa dos condes de Val-de-Reis, a Madre Suzana Gracia do Salvador; e levou comsigo para vigaria e escrivan a Madre Gracia Josepha Maria do Lado.

Para o mosteiro da Penha de França, em Braga, sahiu para fundadora, a 4 de jnnho de 1727, no mesmo arcebispado de D. Rodrigo de Moura e Telles, a Madre Maria Josefa de Jesus, conhecida então vulgarmente com o nome de Madre Maria da Trindade Peccadora.

Foi este mosteiro das capuchas da Conceição da Penha de França, a terceira fundação da Ordem no arcebispado primaz. A segunda foi o mosteiro das capuchas da Conceição de Chaves. A primeira foi o mosteiro das capuchas da Conceição.

O conego Geraldo Gomes era filho de Gonçalo Geraldes e Izabel Gonsalves da Costa, naturaes de Braga, e assistentes na rua das Aguas, freguezia então de S. Victor, de que depois se separou a freguezia de S. José de S. Lazaro.

Era formado em *canones*, e estando em Roma em 1588, deu-lhe o pontifice Xisto V a conesia da Sé de Braga, vaga por fallecimento do conego João Gomes de Paiva, conforme consta do *Livro de Mostras* do arcebispo primaz D. Fr. Agostinho de Castro, guardado no archivo da cathedral.

Deu-lhe ordens de presbytero em 1591, na ordenação de março, o bispo d'Annel, D. Francisco de Santa Maria.

Foi varão de grandes virtudes e distincta estimação.

Falleceu a 4 de abril de 1648, e jaz en-

terrado na egreja do seu convento, ao lado direito do altar mór.

Sendo abastado de bens da fortuna, todos elle gastou n'esta edificação, a ponto de morrer tão pobre, que foi preciso que seu sobrinho, Diogo Pinto Pimenta, lhe fizesse os gastos do funeral á sua custa, como consta do *Livro dos Obitos* da freguezia de S. Thiago da Cividade, guardado no archivo dos Livros Findos Parochiaes, no Seminario Diocesano de S. Pedro.

(Creio que não deixaré de agradar a vulgarisação d'estas noticias biographicas de um varão benemerito de Braga.)

—

*Penha*—Deu-lhe *Constituições* na sua reforma, o primaz D. Rodrigo de Moura e Telles, por concessão do Pontifice Benedicto XIII.

Apesar de impressas em 1789, em 1 volume de 4.º com 75 paginas (enumeradas no indice as duas ultimas) são sobremodo raras, e faltam na maior parte das collecções de *Constituições Monasticas* dos amadores bibliographicos.

As *Constituições* findam na pag 58, e n'essa mesma começa a *Regra*, approvada pelo papa Julio II, e mitigada pelo papa Benedicto XIII.

Está apenas habitado por uma religiosa e algumas recolhidas, pelo que não tardará a ser vendido, ou cahirá em ruinas.

—

7.º—Convento de padres congregados (nerys), da ordem de S. Philippe Nery.

Este convento era da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, no Campo de Santa Anna. Fundado pelo padre José do Valle, natural de Lisboa, e o padre Manuel de Vasconcellos (que morreu em 1687).

Está hoje occupado pelo lyceu nacional de Braga, pela bibliotheca publica, pelas repartições do governo civil, pela repartição da fazenda, e pela telegraphica.

Tinha uma casa de campo, para sua recreação, cortada pelo meio, pelo ribeiro da *Goladas* ou de *S. Victor.*

A cêrca é propriedade actualmente da bibliotheca publica, e está hoje convertida em *horto agricola*, arrendada para isso a longo prazo; desde a estada em Braga, como governador civil, do actual visconde de S. Januario (hoje governador de Macau).

O edificio foi dado por lei, para o lyceu nacional e bibliotheca publica, unicamente.

Depois do calamitoso incendio dos paços archiepiscopaes, e ficando o governo civil, (que era n'estes paços) sem edificio para funccionar, pediu o governador civil de então (o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindella) permissão ao lyceu para lhe occupar alguma parte da casa, attentas as circumstancias eventuaes em que o governo civil se achava, ao que a direcção do lyceu generosamente annuiu, e ainda aqui estão as repartições do governo civil, occupando a melhor e maior porção do edificio, dominando na coisa emprestada, como se fosse legitima e legalmente sua, com grave incommodo e prejuizo do lyceu.

Realisou-se mais uma vez o antigo rifão ou aphorismo portuguez:

«*Mettemos, muitas vezes em casa,*
*quem nos põe na rua.*»

—

8.º—Convento de carmelitas descalças (therezinhas), no largo de Santa Thereza.

Começou este convento a sua edificação em 1756, debaixo da regra da observancia carmelita, e em 1760 passou para a regra de descalças, sob a protecção do prelado primaz, D. Gaspar de Bragança, filho bastardo de D. João V, implorada pelo padre fr. Bernardo de S. Thomaz, religioso carmelita do collegio do Carmo, de Braga, e assistente ao despacho do mesmo prelado.

Em 1766 foi esta edificação concluida; e no anno immediato, de 1767, foi sagrada a sua egreja, aos 14 de junho.

A observancia da religião carmelitana, para o sexo feminino, começaram-n'a em Braga algumas recolhidas em 1742, no sitio das Goladas, a S. Victor, o Velho; indo-se de Braga, para o Bom Jesus do Monte, quasi ao sair da cidade; e d'alli vieram essas reclusas para a rua de S. Barnabé, proxima do convento das Therezinhas, aos 19 de março de 1743.

A passagem da observancia para a descalcez teve logar aos 18 de dezembro.

As fundadoras eram dominicanas da Terceira Ordem da Tamanca (Braga).

Está reduzido a duas religiosas e algumas educandas e seculares.

—

9.º— Convento de religiosas dominicanas da Tamanca (proximo e a NE. de Braga, no sitto chamado *Tamanca*) da ordem de S. Domingos, fundado em 1726, por Agueda de Jesus, e sua irmã Maria de Jesus, naturaes do logar do Loureiro, freguezia de S. Julião de Tabuaças, concelho de Vieira, sendo con-fundadoras Rosa Maria, Izabel Maria, Marianna do Espirito Santo e Senhorinha Josepha.

O convento das dominicanas da Tamanca, nome vulgar do largo de S. Domingos, na antiga rua do Assento, é da Terceira Ordem da Penitencia, de S. Domingos.

Começou em Braga, na rua da Congosta, (chamada depois travessa da Palha, e ultimamente travessa dos Congregados) a observancia da regra dominicana para o sexo feminino.

D'aqui passaram as recolhidas para a rua das Goladas, a S. Victor, o Velho, indo-se de Braga para o Bom Jesus do Monte, quasi ao sair da cidade; e d'este recolhimento sahiram ellas ao depois para S. Domingos da Tamanca, dando-lhes licença para ahi fundarem convento o prelado primaz D. Rodrigo de Moura Telles, por provisão de 18 de maio de 1724.

Do recolhimento das Goladas sahiu a fundadora da Tamanca, Agueda de Jesus, e a fundadora das theresinhas, Maria de Jesus, ambas irmãs e filhas de Domingos Erancisco e Catharina Barbosa, da Quinta da Cortinha, em S. Julião de Taboaças, no concelho de Vieira, e ambas viveram na Tamanca, d'onde só sahiu Maria de Jesus, depois da morte da irmã, Agueda de Jesus, a quem obedecia e respeitava, ainda que mais nova na edade. (Aconteceu esta morte, a 15 de setembro de 1740.)

Agueda de Jesus deu *Constituições* á Tamanca, que o cabido lhe confirmou (*sede vacante*) em 1 de outubro de 1729. Depois deu-lhe *Novas Constituições* o prelado primaz, D. Gaspar de Bragança, que occupou a cadeira bracarense desde 1756 até 1789.

Deu confirmação a estas *Constituições*, o principe regente D. João, depois VI do nome, em 18 de abril de 1810, com excepção da exigida *limpeza de sangue* para ser alli recolhida, como se estatuia no § 2.º do Cap. I das mesmas *Constituições*.

Este convento dominicano tem 10 religiosas, além de recolhidas.

Junto a este convento é o Conservatorio do Menino Deus, de que adiante tratarei.

—

10.º Hospicio dos monges bentos, de Tibães, no Campo da Vinha. Fundação dos proprios religiosos. Foi vendido como bens nacionaes. Comprou-o o dr. Antonio Vieira de Araujo, já fallecido. É hoje de seus herdeiros.

—

11.º Convento de Nossa Senhora da Penha de França, no Campo de Sant'Anna. Tem uma só religiosa e algumas recolhidas.

—

12.º Convento de S. Fructuoso, de frades capuchos da provincia da Soledade, situado na freguezia de S. Jeronimo, arrabaldes de Braga. Tem grande cêrca, com boas fontes, pomares e hortas; em sitio fertil, ameno e lindissimo. É antiquissimo, pois foi fundado no tempo dos suevos ou dos godos.

Era primeiramente de frades bentos.

Foi vendido em praça publica e comprado por o general Cayola, o edificio e a cêrca, e este o vendeu ao dr. Antonio Vieira de Araujo. A egreja é hoje matriz do bairro de S. Jeronimo, que com os casaes contiguos constituem uma parochia de 1:230 habitantes.

—

13.º Hospicio dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) no Campo das Carvalheiras. Foi vendido. É hoje propriedade particular do dr. José Teixeira de Aguilar, que foi o primeiro governador civil do districto, depois da extincção das prefeituras.

—

14.º Hospicio dos Loyos (conegos seculares de S. João Evangelista) no Campo de

Sant'Anna. Foi vendido. Comprou-o João Feio Soares de Azevedo, já fallecido.

Foi fundado este mosteiro pelos conegos do convento de Villar de Frades, aos quaes vulgarmente se dava o nome de *Bons homens de Villar*, no seculo XVI e principio do XVII.

—

15.º Hospicio de religiosos capuchos de S. Fructuoso, no Campo de Sant'Anna, proximo ao convento dos congregados. Foi fundado pelos religiosos de S. Fructuoso, no seculo XVII.

O lado oriental d'este edificio, foi comprado por o abbade de Fonte Boa, D. Jeronimo José da Costa Rebello (o *Canaveta*) que morreu bispo do Porto e do qual foi herdeiro o barão da Gramosa, que ficou possuindo isto.

—

16.º Recolhimento ou Collegio da Tamanca, denominado Conservatorio do Menino Deus, no sitio do mesmo nome (Tamanca) suburbios de Braga e junto ao convento de religiosas dominicanas.

Foi fundado pelo caritativo arcebispo primaz, D. Fr. Caetano Brandão.

N'este collegio das orphãs se lhes ensinam as prendas proprias do seu sexo, com summo esmero.

—

Proximo a Braga ha ainda os conventos de Tibães, de frades bentos, e o de Villar de Frades, de Loyos.

Adiante tratarei d'estes.

—

Hospital de S. Marcos. Fundado com as rendas de varios hospitaes que haviam n'esta cidade, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, no anno 1508.

É administrado pela santa casa da Misericordia, tem muitas rendas e é muito bem regido.

Reuniu (o arcebispo) os tres pequenos hospitaes, dos Peregrinos, dos Lazaros e a Gafaria, com as suas rendas, juntando-lhes os dizimos das egrejas de S. Martinho de Gallegos e S. Martinho de Mesêllo, o que durou até 1834.

Entre os annos 1770 e 1780 fizeram-se grandes melhoramentos e ampliações no hospital. É no Campo dos Remedios. Deu o risco para esta nova reconstrucção o capitão de engenheiros Carlos de Amarante. As obras de cantaria e esculptura foram dirigidas e executadas por José Fernandes da Graça (o *Landim.*) É edificio vasto e magestoso. No centro está a egreja de S. Marcos, com o corpo d'este santo (S. João Marcos) que para aqui foi trasladado do tumulo antigo, em 27 de abril de 1718. O seu tumulo primitivo tambem está no altar-mór, do lado do Evangelho.

Tem o hospital 11 enfermarias: S. Cosme e S. Damião, S. João de Deus, S. Bento, S. Braz, S. Domingos, Santo André Avelino, S. Lazaro, S. Sebastião, S. Roque, S. João Marcos e S. Marcos. Tem uma boa botica.

O movimento dos doentes anda por 2:000 entrados, 1:200 curados e 200 fallecidos.

(Nos primeiros 50 annos foi administrado pela camara, mas como esta administrava mal, o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, deu a administração á Misericordia.

—

A magnifica egreja de Santa Cruz, fundada pelos annos de 1635, em tempo do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, com esmolas e legados.

Era obrigada a mandar dizer annualmente nove mil e tantas missas, por alma dos bemfeitores.

—

Egreja de S. Thiago da Cividade (matriz.)

—

Egreja de S. Victor. Foi antigamente mosteiro de monges benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume, e dotado com uma quinta que alli havia, aos monges do mosteiro de Santo Antão, de Moure, por o abbade Vasco Mendes, de quem era, cuja doação foi feita em 10 de novembro de 565. (No tempo dos suevos.) É matriz.

Esta quinta tinha primeiramente sido dos bispos de S. Thiago. Os frades de Moure n'ella fundaram o seu convento, vindo de lá frades para aqui, para darem principio á congregação.

Os mouros destruiram este convento e o de Moure.

Depois da restauração de Braga, foi este

convento dado ao arcebispo S. Geraldo, para elle e seus successores.

Foi então a egreja reparada e sagrada pelo arcebispo D. Payo Mendes, no tempo de D. Affonso Henriques. Estando muito arruinada, foi reedificada pelo arcebispo D. Luiz de Sousa, em 1686.

—

Egreja de S. Pedro (matriz.)

—

Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundada em 1512 por João de Coimbra, provisor do arcebispado. Situada no topo da rua de S. João do Souto, em frente da capella-mór da Sé. Tem a fórma de uma torre quadrangular, toda de cantaria. Tem dois pavimentos; no inferior é a capella e no superior a sala que serviu de archivo do morgado que instituiu o fundador. A capella é de abobada de pedra, com bella laçaria. Toda a obra, interior e exteriormente, é feita com grande perfeição e com formosos ornatos e rendilhados, tendo pelo exterior varias estatuas de pedra muito bem feitas. É tudo em estylo gothico florido. Da mesma architectura é um pequeno palacio, hoje muito arruinado, que está proximo (na rua de S. João do Souto) e obra do mesmo Coimbra e pelo mesmo tempo. Esta ermida serve de capella-mór á egreja de S. João do Souto. Nas costas d'esta ermida e pegado a ella, está a capella de Santo Antonio Esquecido.

Estabelecimentos de correcção

Existem 3 em Braga:

1.º no Campo de Sant'Anna. É o recolhimento de Santa Maria Magdalena, de convertidas. Foi fundado por o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1722. Foi até então uma ermida, dedicada a S. Gonçalo e por isso á rua onde elle está se dá o nome de rua de S. Gonçalo.

2.º no Campo da Vinha. O recolhimento da Santissima Trindade, vulgo, da Caridade. É asylo voluntario de donzellas e viuvas, que querem estar reclusas, e de mulheres que foram de vida menos morigerada e que querem retomar o caminho da virtude.

3.º no mesmo Campo da Vinha. O recolhimento das beatas de Santo Antonio, fundado em 1588, pelo abbade reservatario de S. João da Balança, Domingos Peres e instituido para seis donzellas ou viuvas, que desejarem consagrar-se a exercicios misticos, sem clausura regular.

—

A egreja de Nossa Senhora a Branca, no Campo de Sant'Anna. Foi fundada pelo arcebispo D. Diogo de Souza, em um torreão antiquissimo que aqui havia, nos principios do seculo XVI. Foi consagrada a Nossa Senhora das Neves; mas o povo, por a virgem estar toda vestida de branco, a denomina geralmente Nossa Senhora a Branca.

Chama-se a este sitio Campo da Senhora a Branca; mas é tudo Campo de Sant'Anna.

—

A capella de Nossa Senhora de Guadelupe (em Braga dizem quasi todos Aguadelupe.)

É no monte de Santa Margarida, que serve de *padrasto* á cidade. Hoje chama-se a este sitio, Monte do Reducto, e mais vulgarmente Guadelupe.

Suppõe-se que esta capella foi antigamente invocação de Santa Margarida. É de fórma circular.

É antiquissima; mas foi reedificada no seculo passado.

Guadelupe é corrupção da palavra arabe *Uàd-el-ûbb*, que significa Rio do seio. (Julgo que é de *ûbb* que provem a nossa palavra moderna *ûbere* e todos os seus derivados. Pelo menos, significa o mesmo.)

Ha na Hespanha um rio e uma villa, e na America do Sul uma cidade com o nome de Guadelupe.

—

A egreja de S. José, era a antiga capella de S. Lazaro. Foi elevada a matriz, dando-se-lhe novo padroeiro, em 1747, pelo arcebispo D. José de Bragança (filho bastardo de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva) fazendo-se esta freguezia com o que se desmembrou da de S. Victor. Ficou sendo novo padroeiro S. José, por ser o nome do arcebispo.

Diz-se que aqui prégou o Evangelho, o

apostolo S. Thiago (irmão de S. João Evangelista) pelos annos 42 de Jesus Christo, e que S. Thiago fez primeiro arcebispo de Braga a S. Pedro de Rates.

Querem alguns que no ultimo anno do imperio de Tiberio Cesar (37 de Jesus Christo) e não no anno 42, desembarcas se em um dos portos de mar, do Minho, o apostolo S. Thiago Maior e se dirigisse logo a Braga, sendo esta a primeira cidade das Hespanhas onde se prégou o Evangelho. Segando esta opinião, S. Thiago converteu aqui muitos idolatras e entre elles a S. Pedro de Rates, a quem fez bispo de Braga, e lhe entregou a nova egreja que havia feito, no sitio chamado dos Banhos, dedicada a Santa Maria. Depois, S. Thiago regressou a Jerusalem, no anno 41.

O bispo e os seus conegos viviam então em communidade, como os frades (e o mesmo acontecia nas outras cathedraes, e assim viveram os conegos por muitos seculos.)

Pelos motivos expostos se intitulam os arcebispos de Braga *primazes das Hespanhas.*

S. Pedro de Rates, era hebreu (diz-se) natural da Palestina e filho de *Urias.*

Flavio Dextro diz que S. Pedro de Rates era hespanhol, da familia dos *Aduenas,* e estava em Jerusalem quando Jesus Christo foi crucificado, e que então se converteu ao christianismo, vindo para as Hespanhas com S. Thiago, prégarem o Evangelho.

Sahiu desterrado da Babylonia, por Nabucodonozor, com os mais captivos hebreus, pelos annos do mundo 3417 (587 antes de Jesus Christo.)

S. Pedro prégava e convertia com a palavra e com milagres.

Uma filha do senhor de Braga tinha lepra e elle curou-a e a converteu ao christianismo e mais á mãe; mas o tal senhor não gostou d'isto e o mandou martyrisar diante do altar da egreja (que depois foi de S. Pedro de Rates) no dia 26 de abril de 45.

N'esta egreja esteve o santo até 17 de outubro de 1552, em que o arcebispo D. Fr. Balthasar Limpo o transferiu para a Sé de Braga.

—

Braga é patria de muitos varões e senhoras illustres pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes. Entre tantos citarei os seguintes:

As nove irmãs gêmeas, virgens e martyres, filhas de Lucio Catilio (ou, mais provavelmente Lucio Cayo Atilio) varão consular, natural de Braga, governador da Lusitania e Galliza, pelos romanos, e de sua mulher Calcia, ambos idolatras.

Chamavam-se ellas: Liberata, Quiteria, Martinha, Eufemia, Genébra, Germana, Basilissa, Victoria e Marciana. (Vide Pombeiro.)

Santa Eufemia, virgem e martyr. Outros lhe dão o nome de Engracia.

Era filha de um senhor (ou principe, como dizem alguns) lusitano. Indo a santa á França, para assistir ás bodas do duque de Roussillon (ou, como outros dizem, para casar com elle) no dia 16 de abril do anno 306, foi martyrisada em Saragoça (Aragão) com 18 companheiros que levava, por ordem do sanguinario Daciano, pretor das Hespanhas por Diocleciano.

Os seus companheiros de viagem e de martyrio (quasi todos de Braga) eram: seus tios Lupercio e Optato; Successo, Marcilla, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Frontonio, Felix, Ciciliano, Emanto, Primitivo, Apodencio e os quatro Saturninos. Seus corpos estão na egreja do convento dos jeronymos, de Saragoça. Eram todos cavalleiros nobres.

—

Santa Matrona, virgem e martyr, filha de Remismundo, rei dos suevos, que, com 12 companheiros, foi martyrisada, em 545.

—

S. Torcato, S. Cucufate e Santa Suzana, todos tres irmãos, (outros dizem que Santa Suzana era irmã de S. Victor) S. Victor e S. Silvestre.

Santa Suzana (parte do corpo) está sepultada na egreja de S. Victor. Dizem outros que S. Victor foi martyrisado pelos romanos, no anno 70, no dia 12 de abril. Que a 14, sabendo o arcebispo S. Silvestre que o corpo de S. Victor estava insepulto, o foi enterrar, acompanhado de alguns christãos, e sendo todos presos, foram martyrisados n'esse mesmo dia.

Em outubro de 1590, D. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga, mandou abrir o sepulchro da santa, e n'elle se acharam muitos ossos e reliquias, que se suppõe serem de Santa Suzana. Todos estes cinco santos são naturaes de Braga e aqui foram martyrisados, a 15 de abril de 68, sendo imperador o malvado Nero e governador de Braga Sergio Galba.

D. Diogo Gelmires, bispo de Compostella, levou do territorio de Braga, em 1102, as reliquias de S. Fructuoso, arcebispo de Braga; S. Silvestre, bispo; S. Victor e S. Cucufate, martyres, e parte do corpo de Santa Suzana, e poz tudo na sé de Compostella.

Parece-me mais certo que S. Torcato, S. Cucufate e Santa Suzana foram martyrisados a 15 de abril, mesmo em Braga. Depois S. Victor foi martyrisado a 12 de abril de 70, e S. Silvestre e seus companheiros d'ahi a dois dias.

Tambem na egreja do Populo estão algumas reliquias d'esta santa.

—

Santa Viatride e 18 companheiros, martyres.

—

A celebre D. Ignacia Xavier, que aprendeu philosophia, mathematica, cirurgia e medicina. Publicou algumas obras, sendo uma d'ellas as *Antiguidades de Braga*. Morreu em 1647.

—

Gabriel Pereira de Castro—Nasceu a 7 de fevereiro de 1571. Era eminente jurisconsulto e poeta notavel. Foi lente de Coimbra, desembargador da Supplicação de Lisboa, corregedor do crime da côrte e chanceller-mór do reino. Morreu em Lisboa, a 18 de outubro de 1632. Jaz em S. Vicente de Fóra.

As suas principaes obras são o tratado de *Manu Regia*, em que elle reivendica a independencia da corôa portugueza, contra as pretensões ambiciosas do pontificado, e que foi por isso (como era de esperar) condemnado em Roma; e a *Ulyssea*, poema epico, cujo assumpto é a fabulosa fundação de Lisboa, por Ulysses. (Offereceu este poema ao usurpador Filippe III, precedendo-o de uma dedicatoria dirigida ao mesmo, em termos empolados e retumbantes. Por isto, pelos rendosos empregos que acceitou dos castelhanos e por outros factos, é alcunhado de partidario da dominação philippina.)

Ambas estas obras são ainda muito estimadas, a primeira como obra de jurisprudencia e a segunda por ter grandes bellezas, ainda que de mistura com bastantes frivolidades.

—

S. Damaso, papa. Querem alguns que elle nascesse em Braga, outros dizem que foi em Guimarães, outros que foi em uma aldeia proxima a esta ultima cidade. Outros dizem que elle nasceu na antiga cidade de *Citania*, que hoje não existe. Vide Briteiros (Nossa Senhora da Piedade) e Citania. S. Damaso era irmão de Santa Iria. João de Barros, nas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, diz que S. Damaso nasceu em Pedralva. Vide Pedralva e Guimarães.

Segundo alguns escriptores, nasceu a 11 de dezembro de 304.

Muitos escriptores dizem que elle nasceu em 584. Não póde ser. S. Damaso foi elevado ao papado em 367 e reinou até 384. Então como foi papa 200 annos antes de nascer? A historia, quanto a mim, é esta. Algum escriptor que escrevia mal, fez um 3 que parecia um 5 (o que era facil) e os mais seguindo-o, erraram todos. De mais a mais deram-o nascido no anno em que foi feito papa. Tambem supponho, com bons fundamentos, que o dia 11 de dezembro é o da sua morte, a não ser que elle nascesse no mesmo dia e mez em que morreu, d'ahi a 80 annos.

Foi o primeiro que se assignou *servus servorum Dei*, e que concorreu para que S. Jeronimo traduzisse a Escriptura Sagrada, adoptada por toda a egreja com o nome de *Vulgata*. Urciano lhe disputou a thiara por meio das armas; mas o imperador tomou o seu partido e a sua eleição foi reconhecida válida. Foi amigo e protector de S. Jeronimo, e era instruido e virtuoso.

—

O dr. Manuel Joaquim Coelho da Costa Vasconcellos e Maia, a quem a faculdade de

mathematica da universidade de Coimbra dera capello gratuito, em 24 de dezembro de 1777, com mais seis contemporaneos, em virtude dos seus distinctos merecimentos. Foi dos primeiros doutores que a faculdade graduára, depois de percorrido o tyrocinio regular do curso lectivo da mesma faculdade, creada em 1772, em Coimbra, na reforma da universidade, confiada então ao marquez de Pombal, por el-rei D. José.

—

O dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão, oriundo de familia distincta na escala nobiliarchica, e o primeiro doutorando d'esta cidade na faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, onde é cultor distincto da mesma faculdade. Doutorou-se em 5 de julho de 1868; e é auctor da esmerada dissertação inaugural *As cousas actuaes explicam as differentes epochas geologicas?* Desde a reforma da universidade, em 1772, até 1868, nenhum filho de Braga se havia alli doutorado em philosophia.

—

D'aqui foram tambem naturaes (Dicc. de Innoc., etc.):

O grande canonista e estadista Luiz Pereira de Castro, irmão de Gabriel Pereira de Castro.

—

O grande jurisconsulto e famoso praxista, pae de ambos, Francisco de Caldas Pereira.

—

O grande latinista e hellenista Diogo de Teive.

—

O grande medico e insigne philosopho Francisco Sanches (*Oração escholar no lyceu de Braga*, por o sr. dr. J. J. Pereira Caldas) (Barbosa, *Bibl. Lusit.*) auctor singular scepticista.

—

O grande humanista Pedro de Magalhães.

—

O grande prelado D. Fr. Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria, e reformador dos conegos regrantes de Santo Agostinho.

—

Nos tempos provectos, aqui viu igualmente a luz da vida, o grande historiador Paulo Orosio (chamado de muitos, erradamente, Paulo Osorio), varão respeitado dos dois grandes doutores da egreja, Santo Agostinho e S. Jeronimo, a recommendação dos quaes escrevêra, em latim, as suas *Historias desde o exordio do Mundo*, em 7 livros, (Barb., *Bibl. Lus.*) (Padre José Vicente, *Monum. da ling. lat.*)

—

O grande canonista, dr. Antonio Francisco Alcaçova, que não acceitára na universidade de Coimbra a cadeira de prima, que se lhe offerecêra. Foi desembargador da Relação ecclesiastica bracarense, e depois desembargador da Supplicação, procurador da real fazenda e alcaide-mór de Ervededo.

—

O grande jurisconsulto dr. Francisco Bahia Teixeira, elevado na universidade de Coimbra a lente de instituta, em 7 de outubro de 1637; do codigo, em 12 de maio de 1642; do digesto velho, em 29 de janeiro de 1654; e da cadeira de prima, em 31 de maio de 1659.

Foi elevado a desembargadór da Supplicação em 1649; a desembargador dos Aggravos, em 1650, anno em que falleceu; foi tambem desembargador do paço.

—

Os nossos escriptores classicos (*Dicc.* de Innocencio):

Conego Ayres da Costa, auctor do rarissimo *Ceremonial da missa*, em gothico.

—

Vigario geral Bernardo da Fonseca Saraiva, excellente poeta latinista.

—

D. abbade geral benedictino, fr. Mancio da Cruz, auctor presado do *Espelho de Noviços*, extremamente raro.

—

Geral benedictino D. fr. Thomaz do Soccorro, edictor, senão auctor, das muito raras *Constituições Benedictinas*, e da obra pouco vulgar a *Regra de S. Bento.*

—

O tercenario da cathedral bracarense, Xisto Figueira, oriundo de paes castelhanos, que se naturalisára portuguez, em 1489, e au-

ctor da rarissima *Arte de rezar conforme o rito bracarense.*

—

O argonauta do descobrimento da India, Alvaro Velho, auctor plausivel, etc. (Innocencio, *Dicc.*)

—

Francisco de Sá de Miranda—Nasceu na sua quinta da Tapada, proximo a Braga, a 27 de outubro de 1494. Aqui viveu, e aqui morreu a 15 de março de 1558.

Era filho de Gonçalo Mendes de Sá. Casou com D. Briolanja de Azevedo (da casa dos Azevedos, de Bayão.) Teve só dois filhos, Gonçalo Mendes de Sá, que morreu nas guerras da Africa, pelejando valorosamente contra os mouros, e Jeronimo de Sá e Azevedo, que casou e teve successão, e d'elle procedem os actuaes srs. Azevedos, da Tapada, o sr. visconde de Azevedo e outros. (Vide Tapada.)

—

Santa Marinha, virgem e martyr—Nasceu n'esta cidade, e aqui foi baptisada por Santo Ovidio, terceiro arcebispo de Braga. Foi martyrisada na Galliza, em um logar chamado Aguas Santas (a 10 kilometros de Orense) a 18 de julho do anno 130.

—

D. João Bermudes, famoso patriarcha da Alexandria, o primeiro que houve no imperio da Ethiopia. Morreu em Lisboa, a 30 de março de 1570. Está enterrado á porta da egreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

—

Julgo ter aqui cabimento o facto seguinte da historia portugueza.

D. Sebastião de Mattos Noronha, arcebispo de Braga, foi o auctor e principal director de uma conspiração contra D. João IV, para tornar a entregar Portugal a Castella.

O que aqui ha de mais repugnante, além da traição á patria, é a ingratidão d'este padre. O rei o tinha feito presidente do paço e coberto de honras e favores.

(D. Sebastião era natural de Armamar, da familia dos condes d'esta villa.)

Não se sabe como este attentado foi descoberto. Uns dizem que foi um espião portuguez, que apunhalou outro hespanhol e lhe tirou a correspondencia, trazendo-a ao rei. Outros dizem (e talvez fossem ambas as cousas) que foi descoberta pelo marquez de Ayamonte, primo da rainha de Portugal. Tambem se diz, que, sendo convidado o conde de Vimioso para esta traição, viera dizer tudo ao rei, e finalmente, dizem outros que Luiz Ferreira de Barros, illudindo um tal Pedro Baeça (ou Beça) soube d'elle o fio do trama.

O rei devia ser apunhalado no dia 5 de agosto de 1641, e a rainha e os filhos presos.

O rei, que sabia todo o plano dos traidores, disfarçou tudo até ao proprio dia, n'elle foram presos 49 conjurados. Sendo Baeça posto a tormentos, declarou tudo.

O marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel, foram degolados no dia 29 de agosto. O secretario do arcebispo e mais quatro traidores, foram enforcados. O arcebispo e o inquisidor geral, foram condemnados a prisão perpetua. O arcebispo morreu na prisão passado pouco tempo, e o inquisidor foi perdoado e posto em liberdade d'ahi a annos.

N'esta conspiração entravam muitos judeus, aos quaes se tinha promettido a liberdade de culto.

D. João IV foi clemente, não só occultando os principaes documentos comprovativos da traição, mas até querendo perdoar aos traidores. A rainha, porém, o conselho d'estado e os grandes do reino se oppozeram obstinadamente aos desejos do rei. Vide Lisboa no logar competente, e Loronha.

—

Já que fallámos n'este arcebispo de Braga que se deshonrou indelevelmente com tão negra traição contra o seu rei e contra a sua patria, digamos alguma cousa a respeito de outro arcebispo que foi um modelo de virtudes christãs.

De todos os arcebispos, o mais benemerito da cidade de Braga, foi D. Diogo de Sousa. Nenhum outro prelado deixou ahi commemorado o seu governo com tantos e tão honorificos padrões.

As obras sumptuosas que fez na Sé e outras fundações religiosas, attestam a sua munificencia e solicitude. Mas são ainda maiores provas da grandeza do seu animo e dos desvelos paternaes do seu coração, as construcções e variados melhoramentos que fez na cidade, com grande dispendio seu.

Abriu novas praças e ruas, introduziu agua dentro dos muros, reconstruiu varias fontes e fez outras novas, levantou novas e mais bellas portas da cidade, accrescentou e melhorou as obras de defeza, reuniu e collocou ordenadamente em uma praça differentes columnas miliares romanas, que estavam dispersas e desprezadas, e que, se não fosse elle se teriam certamente desencaminhado; e finalmente fez outras muitas mais obras de utilidade publica e aformoseamento da cidade.

Até ao anno de 1505, em que D. Diogo de Sousa foi feito arcebispo de Braga, esta cidade achava-se quasi circumscripta ao que hoje chamam as Travessas, que é a parte comprehendida entre a Sé e a egreja de S. Thiago. Foi durante os 27 annos do governo d'este benemerito prelado, que Braga se desenvolveu, rompendo o seu recinto de muralhas, e fazendo-se novas ruas e praças. Em 1512 se abriu a bella rua Nova de Sousa, que do seu fundador, D. Diogo, tomou o nome.

A morte d'este dignissimo prelado foi sinceramente sentida e chorada por todos os bracarenses, que o amavam como pae.

El-rei D. João III e toda a nação deploraram a perda d'este inclito varão, que tantos beneficios havia feito a Braga em especial, e a Portugal em geral, com seus bons serviços, nas importantes commissões fóra do paiz.

Em testemunho de gratidão se lhe erigiu um sumptuoso monumento, onde repousam as suas cinzas.

Ergue-se este mausoleu no centro da egreja da Misericordia velha, que se communica com a Sé, e de que já tratei. É todo de pedra e coberto de esculpturas, descançando sobre seis leões. Guarnecem a caixa pelos quatro lados as imagens da Virgem, dos apostolos, dos evangelistas e de outros santos, em alto relevo, mettidos em formosos nichos com primorosissimos lavores Sobre a tampa está deitada a estatua do prelado em habitos pontificaes. É maior do que o natural e de um desenho mui correcto.

Por baixo da estatua, no friso, em volta da caixa, está a seguinte inscripção:

*Aqui jaz D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, filho de João Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Figueiró e de Pedrogan, e de D. Branca da Silva, sua mulher, o qual el-rei D. João II mandou por embaixador a Alexandre papa VI, a lhe dar a sua obediencia, e el-rei D. Manuel, tendo-o feito capellão-mór da rainha D. Maria, sua mulher, o mandou dar sua obediencia ao papa Julio II, e el-rei D. João o III o fez capellão-mór da rainha D. Catharina, sua mulher: o qual fez esta capella para sua sepultura. Viveu 72 annos, e falleceu a 18 dias do mez de julho de 1532.*

A capella a que allude o epitaphio, é a de Jesus, da dita egreja, chamada Misericordia velha. Esteve ahi primitivamente o tumulo do arcebispo; depois, por ser muito grande e tomar por isso quasi toda a capella, foi transferido para o meio do templo, onde agora está, cercado de uma grade de ferro.

—

Como a casa do tribunal da justiça d'esta cidade não satisfizesse ás exigencias do tempo e ás condições florescentes de uma povoação d'esta ordem, a camara municipal comprou, em julho de 1873, por 9:500$000 réis, á sr.ª D. Dorothea de Noronha, uma bôa casa, para d'alli fazerem um novo tribunal, digno de Braga.

—

Em 26 de novembro de 1238, estando D. Sancho II em Guimarães, deu ao arcebispo de Braga, D. Silvestre e a seus conegos, as egrejas de Ponte de Lima e a da Touginha (hoje Touguinha) em terra de Faria; livres e isentas de qualquer direito real. E as villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adaufe (hoje Adoufe) em terra de Panoyas; as quaes manda coutar *per lapides; sicut aliud Cautum de Regno, quod melius cautatum est.*

O rei fez-lhe esta doação, por ter tirado á

sé de Braga o direito de cunhar moeda, que D. Affonso Henriques lhe tinha dado, a 27 de maio de 1128.

Escriptores de boa nota negam que a sé de Braga tivesse em tempo algum o direito de cunhar moeda. Não têem razão. Esta egreja teve effectivamente esse direito, legalmente concedido; mas o que parece é que nunca usou d'elle, pois ainda não appareceu uma só moeda, de nenhuma qualidade de metal, cunhada pelos arcebispos de Braga, em virtude d'esse direito, que durou 110 annos e meio certissimos.

É innegavel porém que Braga tinha muitos e grandes privilegios. Além dos que já declarei e de outro smuitos, menos importantes, sabemos que os reis de Portugal, por costume muito antigo, mandavam alçadas pelo reino. Eram estas alçadas uns tribunaes de justiça que constavam de presidente, companhia e auctoridade de ministros; os quaes, em fórma de *relação*, percorriam todas as provincias com poderes reaes, como em correição ou visita geral; a desfazer aggravos, castigar insultos, tolher prepotencias e humilhar poderosos que abusavam da sua grandeza.

Pois, apesar d'estas alçadas (que eram escrupulosamente formadas de varões integerrimos e severissimos) serem tão uteis e não offenderem em nada a auctoridade dos municipios, era d'ellas isenta a diocese bracarense, e os reis respeitavam tanto este privilegio, que D. João III, em uma jornada que fez para honrar esta cidade, quando chegou a entrar nos limites d'ella, mandou a todas as justiças que o acompanhavam cessarem a execução dos seus officios, mandando-lhes guardar as suas varas (insignias d'ellas) e só servirem os ministros da cidade.

Tendo el-rei D. Sebastião despachado uma alçada para Braga, o arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, excommungou logo os officiaes regios e escreveu francamente ao rei, lembrando-lhe «que elle não tinha mais superioridade na cidade e nos mais logares da jurisdicção temporal d'aquella egreja, que o que era appellação nos casos crimes, toda a mais *soberania de mero e mixto imperio* era da sua egreja, *sem nenhum outro reconhecimento á corôa.*» O rei mandou logo retirar a alçada. (Fr. Luiz de Sousa, *Vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. 4.º, cap. 1.º)

A E, o proximo da cidade, sobre um pittoresco monte (do qual se gosa uma bella e extensa vista) está o célebre sanctuario do Bom Jesus do Monte, principiado em 1718, o mais sumptuoso, n'este genero, e mais frequentado de Portugal.

As obras principaes foram concluidas em 1725; porem desde então (com maiores ou menores intervallos) sempre aqui tem havido obras de novos augmentos e melhoramentos. Nestes ultimos 30 annos teem-se feito muitas obras grandiosas e grandes aformoseamentos. Vide Monte.

—

Em maio de 1867, nas escavações que se andávam a fazer em uma rua, appareceram algumas moedas, bocados de marmore e um bocado d'ouro, tudo do tempo dos romanos. E nas escavações que se fizeram para calçar as ruas das Ossias e de S. João, appareceram varias moedas romanas dos imperadores Trajano e Constantino.

Em 1862, no campo das Hortas, em umas casas em que, segundo a tradição, nasceram as 9 irmans santas, appareceram restos de construcções romanas.

Lypsio, nas inscripções antigas, e Loaysa, nas Notas ao terceiro concilio bracarense, fazem mensão do idolo de Isis e de seus castos ministros, e copiam uma inscripção que aqui se achou e foi posta na Sé, de traz da capella de S. Giraldo.—Diz assim.

ISIDI SACRUM<br>LUCRETIA FIDA SACERD.<br>PER P. ROM. ET. AUG.<br>CONVENTUS BRACARAE<br>AUG. D.<br>TITUS CAELICUS TRIPES<br>FRONTO, ET M. ET L. TITI<br>FILII PRONEPOTES CAELICI<br>FRONTONIUS RENOVARUNT

—

Quer dizer—«A chancellaria augusta de Braga, dedicou este templo a Isis, sendo sacerdotiza Lucrecia, fiel ao povo romano. Augusto, Tito-Celio, Tripes-Fronto e Marco e

Lucio, filhos de Tito, bisnetos de Celio-Fronto renovaram.

—

O passeio das Carvalheiras tem 9 columnas antiquissimas, com inscripções romanas. Segundo estas inscripções, foram erigidas a varios imperadores romanos. Havia outras mais em outros sitios da cidade, mas já não existem. Todas estas columnas são marcos milliares das vias militares romanas.

—

Appareceu aqui um idolo singular, a que chamam dos Granjinhos, o qual ainda é um phenomeno problematico para os archeologos.

—

O arcebispado de Braga era antigamente muito maıs pequeno. Todo o vasto e populoso territorio entre o Minho e o Lima, era do bispado de Tuy. Pelos annos de 1440, a requerimento de D. Affonso V, e por breve de Eugenio IV, passou este territorio a ser do bispado de Ceuta (Africa) e em 1512, por bulla de Leão 10.º, sendo arcebispo D. Diogo de Souza e bispo de Ceuta D. Henrique, por consentimento do rei D. Manuel e do papa, trocaram, ficando a ser do bispado de Ceuta a comarca d'Olivença (que era do de Braga) e ficando para o arcebispado toda á comarca de Vallença do Minho, que era este territorio. O papa confirmou esta troca em 1513.

Braga tinha voto em côrtes, com assento no segundo banco.

D. João I. aqui convocou côrtes em 1387.

Tem por armas—Nossa Senhora, no meio de duas torres, em um caixilho ovado, com o menino no cóllo, com uma mitra pontifical em cima e a legenda—«*Insignia fidelis et antiquœ Bracharœ.*»

—

Tem Braga 7 praças oú campos principaes que são.

Campo da Vinha, de Santa Anna (hoje um bello passeio publico) Hortas (onde nasceram as 9 irmans) S. Thiago, Remedios, Touros e Senhora Branca.

No Campo de Sant'Anna ainda se vêem os restos do antigo castello construido por D. Diniz, no principio do seculo 14.º, e reedificado por o rei D. Fernando, em 1375, e do qual ainda existem algumas torres e lanços de muralhas. Este campo tem numa das extremidades um bello chafariz e na outra uma elegante columna corinthia, com um globo sustentando a cruz archiepiscopal.

—

A E. d'esta cidade corre o pequeno rio Aleste, que vae misturar-se com o Deste, que a banha pelo S., e vae morrer no Ave, proximo a Villa do Conde.

Ao O., passa o pequeno Rio-Torto, e pelo seu termo o Cávado.

Entre o Nascente e o Sul está a serra do Sameiro (ou Monte Sameiro) onde alguns dizem que existiu a antiga cidade de Citania.

Sameiro é fragoso e ingreme. Do seu cume vê-se Barcellos, Vianna, a praia d'Espózende, o Alto de Moragueiras (no Gerez) Guimarães, a egreja da Lapa, no Porto, e o mar.

Construiu-se no seu cume um monumento á Immaculada Conceição de Maria, rematado pela estatua colossal da mesma Senhora, feita de marmore. Foi lançada a primeira pedra d'este munumento, a 24 de junho de 1863. Cconcluiu-se em 1870. Foi feito por subscripção voluntaria.

Fica a um kilometro do sanctuario do Bom Jeses-do-Monte.

—

Segundo Paulo Orosio, Braga foi a primeira cidade das Hespanhas onde se publicou o edicto que Augusto Cesar passou em Tarragona (capital da provincia terraconense, que chegava até ao Porto, e cuja principal chancellaria, ou relação, era Braga) para que todos os homens do imperio romano fossem offerecidos a Jesus Christo, que d'ahi a poucos annos havia de vir á terra.

—

Braga foi uma cidade muito rica e florescente no tempo do imperio romano; porque Ausonio fallando das cidades mais nobres do seu tempo, diz«—*Quœ sinu pelagi se jactat Braccara dives*»—Todavia, o tempo do seu maior resplendor foi no principio da monarchia portugueza; principiando a sua decadencia no 15.º seculo, quando as povoações do litoral ganharam maior incremento, pelos

descobrimentos que se iam fazendo na Asia, Africa, America e Occeania. Comtudo, o maior golpe que soffreu esta cidade, foi em 1834, com a extincção, dos conventos de frades; dos seus grandes privilegios e dos enormes rendimentos do arcebispado. Hoje vae adquirindo uma nova vida, pela grande industria e actividade, dos seus habitantes, e muito mais prosperará quando for uma estação do caminho de ferro do Norte.

—

Perto dos muros de Braga, em Dume, houve antigamente um convento de monges benedictinos, dedicado a S. Martinho, que foi fundado por Theodomiro, rei dos suevos; que sendo ariano se converteu ao catholicismo, pelos annos de 564. Este mosteiro foi depois erigido em Sé cathedral, sendo seu primeiro abbade S. Martinho Dumiense, tambem o seu primeiro bispo.

Segundo fr. Jeronymo Roman, durou este bispado mais de 600 annos. (Vide Dume.)

—

Faz-se em Braga a antiquissima e celebre montaria do *porco preto*, na vespera de S. João Baptista, que é um grande divertimento para gente da cidade e arredores.

—

As mulheres de Braga foram na antiguidade consideradas audaciosissimas guerreiras. (Vide a 1.ª parte da *Monarchia Lusitana*.

—

Em 20 de março de 1809, Soult e a sua horda de jacobinos occupam Braga, saqueando-a.

—

Em 22 de fevereiro de 1823 teve logar à revolução de Braga, seguida da de Villa Real de Traz-os-Montes, e das duas provincias do Norte, que deu em resultado a queda da Constituição de 1820.

—

Aqui morreu a 15 de dezembro de 1805 o exemplarissimo e santo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão (Vide Loureiro.)

—

O arcebispo D. João Peculiar fundou aqui, em 1140, um convento de freiras agostinhas, na rua a que, por isso, ainda hoje se chama *das Conegas*.

Não se sabe quando nem porque foi extincto este convento, nem d'elle existe mais do que a memoria e o nome da rua.

—

Braga tem muitas egrejas e capellas, um grande seminario e muitos hospicios; uma bibliotheca publica com perto de 40$000 volumes; um bom theatro (de S. Geraldo) e varios hospitaes.

O seminario, no Campo da Vinha, foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, é um vasto edificio. Foi edificado pelos annos 1560.

—

Braga é uma das mais antigas, das mais nobres e das mais illustres cidades da peninsula hispanica.

A sua situação é das mais aprasiveis e bellas, no centro da provincia do Minho, em terreno elevado, mas plano. É cercada de fertilissimos campos (regados pelo Déste) e de frondosos arvoredos e prados sempre verdes.

—

A cidade abunda em notaveis edificios, uns dignos de respeito pela sua antiguidade, outros pelo testemunho permanente das crenças de nossos avós, e finalmente outros pela sua elegancia.

Tem boas e espaçosas ruas, é muito saudavel e de qualquer ponto da cidade se gosam extensas e agradaveis vistas.

—

Á entrada da praça chamada Campo das Hortas, do lado do SE., está um elegante arco triumphal, todo de pedra e com muitos ornatos, construido no principio do seculo passado, no sitio onde havia uma das antigas portas da cidade, pelo arcebispo D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva.

Dão a este monumento vulgarmente o nome de *Porta Nova*.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, em o numero 21 do 8.º volume do *Archivo Pittoresco*, diz que este arco (ou porta) foi feito pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V. Sendo assim, foi o arco feito pelos annos 1760.

A estátua da cidade de Braga, que serve de

remate ao arco, tem andado de Herodes para Pilatos. Estava primittivamente sobre uma mesa de pedra, que é uma lapide romana, e ainda existe no largo das Carvalheiras. D'esta mesa foi mudada para o meio da arcada do Campo de Sant'Anna, antes de se edificar o templo de Nossa Senhora da Lapa. Quando este se fez, foi ella mudada (em 1757) para o lado do N. da mesma arcada; passados annos, concluido o arco da rua Nova de Sousa (o de que se trata) foi a estatua por fim mudada para cima d'elle.

No centro d'esta mesma praça, está uma bonita e elegante columna corinthia, sobre degraus e coroada por um grande globo, que serve de base a uma bem lavrada cruz archiepiscopal.

É n'esta praça o palacio dos senhores Cunha Reis, o mais bello e magnifico edificio particular da cidade. Ha n'elle uma copiosa livraria e uma escolhida collecção de quadros a oleo, de auctores portuguezes e estrangeiros, sendo alguns de grande merecimento. Tem tambem um bom medalheiro e varias antiguidades. Nos jardins correspondentes, plantados ao gosto moderno, ha uma riquissima collecção de plantas.

O sr. dr. Pereira Caldas, lente do lyceu d'esta cidade, tambem tem uma escolhida collecção de rochas, mineraes, fosseis e outros productos geologicos, das principaes regiões do mundo, de muitissimo merecimento.

—

O paço dos arcebispos, no Campo dos Touros, é um bom edificio. Foi reconstruido pelo já referido arcebispo D. José de Bragança, no principio do seculo XVIII. A parte do paço que deita para esta praça, esteve occupada pela repartição do governo civil do districto, até que o incendio devorou este edificio.

—

No campo dos Remedios estão dois dos melhores edificios publicos de Braga—a egreja de Santa Cruz, e a do hospital de S. Marcos. Aquella foi feita pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha (que depois foi arcebispo de Lisboa) em 1635.

Todas as despezas da construcção da egreja de Santa Cruz foram feitas á custa das esmolas dos devotos, avultando entre estas as do prelado.

É um templo vasto e sumptuoso, e o seu frontespicio adornado de primorosa esculptura. A egreja tem sete capellas, todas consagradas aos passos da paixão de Jesus Christo. São todas guarnecidas de talha doirada, de delicadissimo lavor. É administrada por uma rica irmandade, que paga a 12 capellães permanentes, que resam em côro. As solemnidades religiosas fazem-se aqui com grande magnificencia.

A egreja e o hospital de S. Marcos são obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, no principio do seculo XVI; mas foi modernamente reedificada com grande magnificencia.

Todo o edificio é coroado por balaustradas e estatnas dos apostolos. Na egreja está o rico sepulchro de jaspe, de S. João Marcos, bispo de Atina e martyr.

—

E digna de menção a Capella de S. Sebastião, de fórma circular, muita antiga, mas que foi modernamente reconstruida. E' situada em terreno elevado, cercada de frondoso arvoredo, com um bello e espaçoso adro, cercado de muros, plantado de arvores e com assentos de pedra, e tem um chafariz que é dos melhores da cidade.

Ha entre o arvoredo que orna este adro, carvalhos de proporções gigantescas e em toda a força da vegetação. Tanto no adro, como em torno da capella, estão collocadas varias columnas (*marcos milliarios*) com inscripções romanas, que outr'ora guarneciam as vias militares que sahiam de Braga. Estas columnas estiveram primeiramente no Campo de Sant'Anna, onde as mandou collocar o arcebispo D. Diogo de Sousa, que foi o que as fez conduzir para a cidade, dos differentes sitios em que foram achadas.

—

É Braga uma cidade muito industriosa, pela actividade e amor ao trabalho de seus habitantes.

Aqui se fabricam grande numero de chapeus de lan e bastantes de seda e de feltro; armas, ferragens, tecidos de linho (que ex-

porta para muitas povoações do interior e para o Brasil) e outras manufacturas.

Ha aqui optimos esculptores em marfim e em madeira, e em todas as industrias se encontram artistas de grande merito.

—

Nas cercanias de Braga, e além do convento de S. Fructuoso, de frades capuchos, que fica proximo á cidade, e de que já dei noticia, ha mais o convento de Tibães, de frades benedictinos, cabeça da sua Ordem, e que fica a 6 kilometros de Braga.

Foi fundado no principio da monarchia, e é um dos mais vastos conventos de Portugal.

—

Convento de Villar de Frades—da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) 6 kilometros acima do convento de Tibães, situado junto ao rio Cávado, com uma das mais bellas egrejas gothicas que ha em Portugal.

—

O asylo dos entrevados, na rua d'Agua, foi fundado em 1852.

—

O territorio de Braga é abundantissimo em cereaes e legumes, vinho verde, e fructas (principalmente laranjas que exporta em grande quantidade e de optima qualidade.)

Cria gado de toda a espécie, com o qual faz grande commercio e fabrica muito bôa manteiga de vacca. Nos seus montes ha abundancia de caça miuda.

—

Foral—Não me consta que Braga tivesse foral algum, antigo, nem Frankim o menciona.

Ha no Real Archivo da Torre do Tombo —«Apontamentos para o foral de Braga» na reforma para os foraes, por D. Manuel. (Gav. 20, maço 11, n. 20.)

Não se chegou a expedir foral novo; mas é provavel que já estivesse escripto, porque o foral de Vianna da Foz do Lima, quando tracta dos artigos—Gado do vento, e pena d'arma—remette-se ao foral de Braga.

Ha tambem uma carta regia, dirigida ao arcebispo de Braga, datada de 11 de outubro de 1516, para nomear pessoa que, com o corregedor da comarca, executasse as diligencias que lhe eram incumbidas, para depois se expedir o foral.

(Corpo Chronologico, parte 1.ª, maço 20, documento 110.)

—

Braga tem estação telegraphica de primeira ordem (ou do Estado) por decreto de 7 de Abril de 1869.

—

De todo o reino são sabidos as inuteis e cobardes barbaridades praticadas em Braga pelo conde do Casal e as suas tropas, em 20 de dezembro de 1846; assassinando velhos, mulheres e creanças.

Ainda hoje no anniversario d'este dia, de tristissima recordação, se faz aqui uma solemnidade religiosa, em commemoração d'este acto de selvageria e resando-se pelas almas de todos que morreram de ambos os partidos.

—

O theatro de S. Geraldo, exceptuando os theatros de Lisboa e Porto, é o melhor de Portugal. Foi fundado desde os alicerces por uma empreza particular, em 1857. Foi dedicado a S. Geraldo, um dos mais virtuosos arcebispos de Braga. Foi elle que baptisou D. Affonso Henriques.

Está situado em um pequeno largo, junto ao Campo de Sant'Anna. Sua architetura é singela, mas nobre e elegante. Interiormente é muito bem distribuido.

A célebre actriz Emilia das Neves, aqui veio representar na sua inauguração.

—

É certo que as primeiras fortificações de Braga foram feitas pelos romanos. Os suevos, os gôdos e os árabes as conservavam e ampliaram; mas na mudança de uns para outros eram mais ou menos damnificadas. Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, reparou estas fortificações; mas foi o rei D. Diniz que pelos annos 1300 reconstruiu tão regular e solidamente as obras de defeza, que esta fabrica é tida como uma nova fundação.

As continuas guerras com os castelhanos, no reinado de D. Fernando, obrigaram este monarcha a reformar as muralhas e augmentar-lhe o numero das torres e reedificar o

castello. Terminaram estas obras em 1375.

O arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, no principio do seculo 16.º, accrescentou ao castello os dous baluartes circulares que deitavam para o Campo de Sant'Anna, e dos quaes ainda ha vestigios. Tambem os ha ainda (ao O. do dito Campo) do seu nobre e vetusto castello, que era formado por um vasto recinto de muralhas ameiadas, flanquedas de torres, cubêllos e bastiões; no centro eleva-se a grande altura a torre de menagem.

Da cêrca de muralhas ainda resta um an-lço para o S. com uma torre e um bastião, que deitam para o referido Campo. Este bastião está actualmente transformado em casa de habitação, com duas ordens de janellas, mas tiraram-lhe as ameias. Tem a frente para a praça e para a rua da Fonte da Cárcova. O bastião circular que correspondia a este, do outro lado do castello, é hoje uma casa de 3 andares; mas ambos conservam bem evidente a sua primeira fórma.

De um a outro muro corria um lanço de muralha guarnecido de um frizo feito de balas (de pedra) parte do qual ainda hoje existe e serve de parede do fundo da arcada que fica ao S. da egreja da Lapa, cuja capella-mór vae quasi tocar com a torre de menagem, e cujo campanario era uma das torres do castello.

Com a fundação de algumas egrejas e conventos e com o desenvolvimento da povoação, foram-se derrubando successivamente as muralhas e varias torres e portas da cidade.

—

Braga foi um dos 6 bispados em que o concilio de Lugo (569) dividiu a Lusitania. Tinha 27 egrejas diocesanas sendo 11 pagos, (cidades e seus termos) e 16 freguezias.

(Vide Bispado.) Porem a Diocese de Braga era antigamente muito mais pequena do que actualmente. Pela bulla expedida em 1144, pelo papa Pascoal 2.º, ao arcebispo de Braga D. Mauricio, se vêem os limites do arcebispado, qu ficaram sendo os seguintes:

Da foz do rio Lima decorria o territorio bracarens p la margem esquerda do mesmo rio até Lindoso. Ao N. do Lima (ou desde a sua margem direita) era bispado de Tuy, como atraz já fica dito.

—

Ha n'esta cidade uma rua chamada de D. Gualdim, onde se suppõe que existiu a casa que os templarios aqui tinham. D'aqui foi commendador, o célebre mestre do Templo D. Gualdim Paes. Vide Almourol, Amares, Thomar, etc.

—

Li em um periodico de 1844 (não me lembra qual) que n'aquelle anno, entre umas pedras que estavam ao abandono atraz da egreja do Bom-Jesus do Monte, appareceu uma d'ellas com inscripção em soneto, e que, segundo a tradição, é historico o facto que se deu em um dos montes do Gerez. Diz assim:

Passageiro! este chão que vês diante,
Na encosta de monte desabrido,
D'um castelhano foi, que, perseguido,
Aqui se recolheu co'a terna amante.

—

Quebrantando por elle a fé constante
Que havia ao esposo terno promettido;
Trocou por ermo agreste e desprovido
Sua cella mimosa e abundante.

—

A era em que isto foi inda vae perto;
Mas da choça que aos dois prestára abrigo,
Nem sequer um calhão se aponta ao certo.

—

Tudo o tempo varreu, levou comsigo,
E só da tradição no livro incerto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.

A. D. 1844.

—

Aqui convocou côrtes D. João I, em 1387, a que assistiu o grande condestavel do reino, D. Nuno Alvares Pereira. O rei presidiu em pessoa.

N'ellas se obrigaram os povos a pagar dobradas cizas por um anno, para as despezas da guerra; do que se passou ao concelho do Porto o instrumento de 14 de novembro.

Tambem as mesmas côrtes concederam privilegios aos moradores de Coimbra, do que

faz menção a carta de 16 de fevereiro, da era de 1429 (1391 de Jesus Christo.)

Tambem então se requereu contra a devassidão dos costumes dos ecclesiasticos, como consta da lei de 28 de dezembro da era de 1439 (1401 de Jesus Christo.)

D'estas côrtes se passou carta ao concelho de Santarem, a 8 de dezembro do mesmo anno, com o theor de um artigo geral. Outra de 15 do mesmo mez e anno, ao concelho do Porto, com um artigo geral do mesmo concelho; e outra de 24 de novembro, com artigo especial para este mesmo concelho.

—

Como a cidade de Braga é uma das principaes, senão a principal da Lusitania, julgo a proposito dar aqui varias noticias antigas, não só de Braga e da Galliza (de que o actual reino de Portugal formava uma grande parte) mas tambem da Lusitania, e dos povos differentes, que habitavam a região que estanceia entre os rios Minho e Guadiana (o moderno Portugal) extrahido das *Memorias de Braga*, pelo padre D. Jeronimo Contador de Argote.

—

Renunciado o imperio romano por Diocleciano e Maximiano, foram acclamados imperadores Constancio Chloro e Galerio Maximiano. (305 de Jesus Christo.)

Repartiram estes entre si o imperio. Constancio ficou com a Africa, as Gallias, as Hespanhas e as Ilhas Britannicas; e largando pouco depois a Africa ficou com o restante.

Era amigo dos christãos, favorecendo-os e formando a sua guarda exclusivamente com elles.

Cessou pois, desde a sua subida ao throno, a perseguição dos christãos, e principiou a paz da egreja.

Logo, em 306, morrendo Constancio, lhe succedeu no imperio seu filho Constantino, depois cognominado o Magno.

Constantino, que era christão, promoveu o progresso da religião catholica nas provincias do seu dominio, onde o paganismo se foi pouco e pouco extinguindo.

Foi então que o catholicismo, publica e francamente professado na Lusitania, se foi desinvolvendo no Occidente.

Em 110, Arrio (ou Ario) natural da Lybia (outros dizem da Alexandria) homem de vasta intelligencia, de uma phisionomia sympathica, de trato grave e modesto, abraçou o scisma dos melicianos; mas arrependido se conciliou com Pedro, bispo de Alexandria, que o ordenou diacono.

Sendo martyrisado S. Pedro, seu successor, Achilles, o ordenou sacerdote.

Por morte de Achilles pretendeu Arrio ser bispo de Alexandria, e como não conseguisse isto, principiou a prégar doutrinas herecticas, pelo que o concilio de Alexandria o excommungou e aos seus sequazes, que ainda mais exacerbados com maior encarniçamento trataram de destruir o catholicismo.

Convocou-se o concilio ecumenico de Nicéa, presidido pelo imperador, e alli foi pessoalmente convencido e excommungado, e o imperador o degredou para o Illirico. Pelo favor de seus parciaes, foi chamado a Constantinopla e ali abjurou os seus erros e fez profissão da fé catholica, mas tudo fingido, para illudir o imperador.

Morto Arrio, em 111, de morte repentina, segundo uns, e violenta, segundo outros, nem por isso deixou de existir a sua seita, que estava já muito radicada, sobretudo ao norte da Europa.

Constantino diligenciou pôr diques ao arianismo, creando novas e diversas auctoridades e circumscripções ecclesiasticas, e fazendo então consular a provincia da Galliza (anno 312.)

D'este tempo datam varias moedas romanas, d'este imperador, que por differentes vezes se teem achado em Braga, onde bons escriptores sustentam que houve uma grande fabrica d'ellas.

Foi tambem então que se creou a dignidade denominada *vigario do imperio*, ao qual obedeciam todos os legados e regedores das provincias; mas estes *legados* tinham superior, que era o *prefeito do pretorio*.

Pretendem alguns escriptores que Constantino veiu á Galliza exterminar os arianos, mas isto é muito duvidoso.

Os que admittem como verdadeiros os chronicões de Juliano e Dextro, dizem que o primeiro prelado bracarense foi Sinagrio, ao qual succedeu S. Leoncio (constantinopolitano) que falleceu em Guimarães, a 19 de março de 326. A S. Leoncio (dizem) succedeu Appolonio. Tudo isto é contestavel e muito contestado

O padre Marianna (hespanhol) que copiou do escriptor arabe Rasis, diz que Constantino dividiu as Hespanhas e seis bispados (outros dizem arcebispados) a saber: Narbona, Braga, Tarragona, Carthagena, Mérida e Sevilha. Á diocese de Braga ficaram pertencendo as cidades de Dumio, Portucale, Aurio, Oviedo, Astorga, Britonia, Iria, Aljubra e Iffa.

Á diocese de Mérida pertenciam as cidades de Beja, Lisboa, Idanha, Coimbra, Lamego, Evora, Cauria e Lampa.

Esta divisão é impugnada por muitos, com bons fundamentos. Dizem elles que Dume não podia ser bispado suffraganeo de Braga, porque só existiu d'ahi a mais de duzentos annos; e o mesmo erro se dá com respeito ás cidades de Oviedo, Portucale e outras que tambem ainda não existiam; e que o bispado de Narbona, não pertencia n'aquelle tempo ás Hespanhas, a que só ficou encorporado depois, no tempo dos gôdos.

De mais, sendo então as principaes cidades da Lusitania Scalabis, Norba-Cesaria, Ébura e outras, senão constituissem em bispados, sendo-o Tuy, Viseu, Oviedo e outras, muito menos importantes.

Tambem sabemos que Celenas, Benis, Saxomone e outras, eram bispados e não vem comprohendidos na divisão attribuida a Constantino, cuja vinda, no anno 4.°, ou 24.° (como querem outros) do seu reinado, á Galliza é ponto mais que duvidoso.

É certo que, em tempos remotissimos, houveram bispos na Lusitania, suffraganeos de Mérida, e na Galliza, suffraganeos de Braga.

Por morte do imperador Constante, (anno 350) lhe succedeu Magnencio, (o tyranno) cujo partido seguiu a chancellaria de Braga; ao qual succedeu, d'ahi a dois annos, Constancio, que era ariano, e causou bastantes attribulações á egreja catholica.

A Constancio succedeu, em 361, Juliano Apostata, que felizmente imperou pouco tempo.

Estes dois imperadores, posto não perseguissem claramente os catholicos, eram seus inimigos.

Em 363, lhe succedeu Joviano, imperador summamente pio e catholico, e a este, em 364, Valentiniano, tambem catholico; e no governo d'estes imperadores, prosperou muito o christianismo.

Sería longa e fastidiosa a narração das heresias dos gnosticos e outras, que mais ou menos influiram no progresso da religião catholica, até ao anno 394 em que Theodosio, o Grande, vencendo e matando Eugenio, se tornou o unico monarcha dos dois imperios romanos, oriental e occidental.

Sobre a patria de Theodosio ha grandes contendas entre os escriptores antigos. Todos concordam em que era hespanhol; mas uns dizem que de Italica, cidade da Bética, e outros que de Cauca, cidade da Galliza.

Ainda com respeito ao sitio onde existiu a cidade de Cauca, ha diversas opiniões, querendo uns que era nas margens do rio Tajada, acima de Segovia; outros, que seja Villa Pouca, e outros, finalmente, que é no sitio onde está a actual villa de Coura, no alto Minho.

É mais provavel que nascesse em Cauca, povoação da antiga Galliza.

Idacio, consciencioso escriptor, patricio e contemporaneo de Constantino, principia assim o seu chronicon:

*Theodosius, natione Hispanus, de Provintia Gallætiæ, Civitate Cauca, à Gratiano Augustus appellatur.*

Emquanto os bispos catholicos procuravam exterminar os restos de antigas heresias, um inesperado acontecimento transtornava a ordem de cousas e a geographia politica da Europa.

Governava o imperio do Occidente Honorio, de pouca edade, tendo por tutor Estili-

con, ministro despotico, e que, ainda depois de terminado o tempo da tutella, continuou a reger o governo do imperio. Traidor e ambicioso, tratou da deposição de seu pupillo, pretendendo substituil-o por Eucherio, seu filho; e para o fazer com mais segurança, incitou as nações barbaras, do norte, a invadirem as Gállias.

Estes povos ferozes e indomitos, acceitando a proposta, não se contentaram com a invasão das Gállias, e transpondo os Pyreneos (28 de setembro de 409) devastaram as Hespanhas, assenhoreando-se em pouco tempo da peninsula iberica.

O seu exercito, posto que barbaro e indisciplinado, era audaz e numerosissimo. Varios povos do norte formavam esta aguerrida multidão. Resplandiano, era o chefe dos alanos; Gunderico dos vandalos; e Hermenerico, dos suevos. Uma grande parte d'estes povos, eram arianos ou seguiam outras heresias, e muitos d'elles eram idólatras.

Sem illustração, ferozes e sanguinarios, em pouco tempo reduziram as povoações hespanicas a montões de ruinas. Os templos e os mosteiros de ambos os sexos, os prelados e os sacerdotes catholicos, eram exterminados com mais furor do que no tempo das perseguições dos romanos.

Como elles tinham transposto os Pyreneus pelo ponto mais septentrional d'elles, foi a Galliza uma das provincias que primeiro padeceu e foi victima da acção destruidora destes barbaros. A estas desordens, crueldades e desgraças sobreveio a fome, pela falta de braços para a cultura dos campos, e a peste pelas exalações mephyticas e deleterias da multidão de cadaveres insepultos.

Dois annos durou esta continuada ruina até que, vendo os barbaros que o paiz assolado, tanta fome lhes causava como aos lusitanos, combinaram em dividir a conquista, consentindo que os naturaes, como vassallos e vencidos, residissem no seu paiz e o cultivassem, dominando aquelles como senhores e vencedores.

Parece que lançaram sortes, cabendo a Galliza aos vandalos e suevos—aos primeiros, coube a Galliza Oriental e o sertão, e aos segundos, a Galliza Occidental na costa do Atlantico.

Aos alanos, a Lusitania e a provincia Carthagenense.

Aos vandalos (Silingos) a Bética.

Depois d'esta repartição ficaram em melhores condições os vencidos, por que sabiam a quem haviam de obedecer.

—

Fr. Bernardo de Brito, diz, haver encontrado no cartorio de Alcobaça, as actas d'um concilio, das quaes consta que á invasão dos barbaros na Lusitania, era bispo de Braga, Pancracio, ou Pancraciano, que convocou, como poude, um concilio em Braga, a que assistiram alguns prelados; no qual se decidio que elles regressassem ás suas dioceses, para animar os catholicos, e esconderem as imagens e mais objectos do culto sagrado, o que elles fizeram.

Foi então que Ataces, reí dos alanos, rompeu a guerra contra o Hermenerico, rei dos suevos, tomando-lhe a antiquissima cidade de Conimbriga (hoje Condeixa-velha) saqueando-a, e destruindo-a.

Julgando-se senhor do paiz, fundou Colimbria (ou Colimbriga) que é a actual Coimbra.

> Para as obras desta construcção, obrigava não só os lusitanos e os simples sacerdotes, mas até os bispos catholicos, a trabalharem como escravos.

Hermenerico tornou á carga com novas tropas, pondo cêrco á nova cidade; mas, sendo derrotado, alcançou a paz, dando em casamento ao rei alano, sua filha Cindasunda.

Esta princesa era uma fervorosa catholica, e conseguio de seu marido que tratasse benignamente os correligionarios d'ella, e restituisse ás egrejas o que lhes tinha roubado.

É isto, segundo Fr. Bernardo de Brito, o que em summa conteem as taes actas do concilio bracharense.

É certo que este manuscripto, venerando pela sua antiguidade, existiu na famosa livraria d'Alcobaça até 1834. Estava encadernado em coiro de vacca preta, com bordas de coiro branco, e tendo por titulo—«*Haec est secunda pars Codicis Alcobaciensis.*»

Segunda parte da monarchia Lusitana, por Fr. Bernardo de Brito, tomo 2.º

Gaspar Estaço, o padre Francisco de Macedo, e, depois d'elles, Pagi, sustentam que este codigo é apocripho; porem bons auctores hespanhoes e muito depois d'elles o cardeal de Aguirre (Collecção dos Concilios de Hespanha, tomo 2.º) e Labbé, na sua Collecção dos Concilios, sustentam ser verdadeiro.

O padre D. Jeronymo, sustenta tambem que este codice é apocripho, fundando-se em bons argumentos.

Diz elle que no tempo indicado na acta d'aquelle concilio, figuram bispos de dioceses que ainda não existiam. Alli figura (por exemplo) o bispo do Porto, cidade que só existiu d'ahi a muito tempo, não sendo então o Porto mais do que uma pequena povoação fortificada, a que os romanos chamavam *Castrum Novum*.

Idacio, que vivia n'aquelles tempos, nunca lhe dá o titulo de cidade, chamando-lhe simplesmente logar de Portucale. Na Olympiada 309, diz elle: *Rechiarios ad locum, qui Portucale appellatur, profugus, Regi Theodorico captivus adducitur*, etc.

O mesmo Idacio, na Olympiada 309, diz, que Braga é a ultima cidade da Galliza; sendo o termo meridional d'esta provincia (então) a margem direita do rio Douro, é evidente que o Porto não era ainda cidade, aliás não seria Braga a ultima.

Tambem alli figura o bispo de Numancia, cuja cidade, do mesmo modo ainda não existia.

Outras mais razões adduzidas por Argote, o levam a decidir, que, se aquellas actas não são apocriphas, estão, pelo menos em parte, falsificadas.

—

Deixando de parte a entrada dos godos na Lusitania, pelos annos 417, e a destruição por estes, dos vandalos e outros barbaros, passemos ao que póde mais respeitar á cidade de Braga.

—

Pelos annos 555 era Theodomiro rei dos suevos, tendo a sua côrte em Braga. Adoecendo gravemente seu filho primogenito, prometteu a S. Martinho Turonense abjurar o arianismo, se seu filho sarasse, mandando logo alguns ministros visitar o sepulchro do santo, levando-lhe varias offertas; mas voltaram e a molestia do principe continuava.

Então o rei deliberou dedicar-lhe um templo, e tornou a mandar os ministros, com maiores offertas, á sepultura do santo, para obterem alguma reliquia d'elle. Os ministros cumpriram as ordens do rei, e de lá trouxeram, como reliquia do santo, uma parte da sua capa.

Quando chegaram a Braga, saiu o rei a recebel-os com seu filho, já completamente restabelecido, grandes da sua côrte e grande multidão de povo, em respeito e veneração á santa reliquia.

O santo premiou logo a fé religiosa d'estes povos, que padecendo até então a molestia da lepra, desde logo se acharam livres d'aquelle contagio, que era geral no paiz.

Consta que no mesmo navio, que trouxe a santa reliquia da cidade de Tours (França) vinha um santo varão, de nação hungaro, chamado Martinho, que regressava dos logares santos da Palestina, onde tinha adquirido vastos conhecimentos nas sciencias orientaes. Outros dizem que Martinho embarcára n'uma galé em um porto da Grecia, e se fizera de vela ao mesmo tempo que da França sahira o navio com a reliquia, chegando a Braga ao mesmo tempo que ella chegára.

Theodomiro, tendo noticia da sua virtude e lettras, se valeu d'elle para a conversão dos seus povos ao catholicismo.

Tinha Theodomiro já edificado nos arrabaldes de Braga, em um sitio chamado Dume, um templo da invocação de S. Martinho, que entregou ao virtuoso hungaro, que logo n'elle introduziu a vida monacal, e pouco depois foi elevado á dignidade episcopal. (Vide Dume.)

A conversão do rei ao gremio da egreja, trouxe em muito pouco tempo a da côrte e a de todos os povos, que com a maior facilidade abjuraram o arianismo.

—

Havia muitos annos que na Galliza se não tinham convocado concilios, e vendo o rei

que era indispensavel um para regular differentes objectos do culto; convocou todos os bispos da monarchia sueva (que comprehendia não só a maior parte da Galliza, segundo a divisão romana, mas tambem grande parte da Lusitania) para que no fim do mez de abril de 564[1] se achassem na côrte de Braga, para celebrarem concilio; o que se executou, concorrendo 8 bispos, que, parece eram os unicos que havia em toda a monarchia, por terem diminuido as cadeiras episcopaes, em razão das constantes guerras e perturbações d'esses tempos, (antes da invasão dos barbaros, só na Galliza havia 13 bispos). Este concilio abriu-se no 1.º de maio.

Os bispos que assistiram a este concilio foram Lucrecio, André, Martinho, Cotto, Ilderico, Lucencio, Timotheo e Malioso.

Entre varias providencias tomadas n'este concilio, se ordenou o seguinte:

Que todos os bispos, parochos e simples clerigos usassem para com o povo da saudação seguinte: *Dominus vobiscum* (como se lê no livro de Ruth) e que o povo responda *Et cum spiritum tuo*: que é como ensinaram os apostolos. (Cap. 3.º do concilio.)

Que guardando-se a primazia do bispo metropolitano, os mais bispos precedessem na ordem dos assentos, segundo a antiguidade da sua sagração. (Cap. 6.º)

Que das rendas ecclesiasticas se fizessem tres porções iguaes, uma para os bispos, outra para os clerigos e outra para a fabrica e alampadas das egrejas. (Cap. 7.º)

Que os sacerdotes que não comessem carne, por suspeita de heresia, fossem obrigados a comer hortaliças cozidas com carne; e se desprezassem este preceito, ficavam excommungados e removidos totalmente do exercicio sacerdotal. (Cap. 14.º)

Que, os que se suicidassem por morte violenta, com ferro ou peçonha, despenhando-se, enforcando-se, etc., se não faça por elles commemoração alguma nos sacrificios, nem sejam seus corpos levados á sepultura com psalmos. E que o mesmo se use com os que forem justiçados por suas maldades. (Cap. 16.º)

O mesmo se decretou para os cathecumenos, que morressem sem baptismo. (Cap. 17.º)

Que os corpos dos defuntos de nenhum modo se sepultassem dentro das egrejas; mas sim da parte de fóra junto aos muros do templo. (Cap. 18.º)

Que as esmolas offerecidas pelos fieis nas festas dos santos, ou na commemoração dos defuntos, se juntassem fielmente na mão de um sacerdote, e fossem divididas, uma ou duas vezes no anno, com egualdade, por todos os clerigos; porque nasciam grandes discordias da desigualdade, quando cada clerigo, em sua semana, tomava para si só as esmolas recebidas.

—

PRIMEIRO CONCILIO BRACARENSE CELEBRADO NO TEMPO DE PANCRACIANO, BISPO DA PRIMEIRA SÉ BRACARENSE

Além de Pancraciano, primaz, assistiram: Elipando, bispo de Coimbra; Pamerio, da Idanha; Arisberto, do Porto; Deodato, de Lugo; Gelasio, de Merida; Pontamio, de Agueda; Tiburcio, de Lamego; Agathio, de Iria; Pedro, de Numancia.

Reuniu-se este concilio na egreja de Santa Maria de Braga.

—

São obscuros os escriptores antigos quanto á topographia da provincia bracarense; apenas o concilio de Lugo declara as dioceses do reino suevo e os termos de suas egrejas, não só as da Sé de Braga, mas as cathedraes, suas suffraganeas; porém esta repartição foi feita depois da completa expulsão dos romanos, da Peninsula.

Os nomes romanos das povoações tinham sido mudados ou corrompidos pelos suevos, de modo que a divisão ecclesiastica feita n'aquelle concilio, pouco serve para a geographia.

Sabemos, porém, que a Sé de Braga era metropolitana de todo o reino (ou provincia) da Galliza.

[1] Não é positiva a data do anno. Uns querem que fosse em 564, outros em 530, outros em 554, e outros ainda lhe dão outro anno. No que não ha duvida é em ter sido no 1.º de maio.

Os geographos antigos não escreviam sobre o que depois se chamou topographia, mas sim sobre a geographia de todo o orbe, e quando muito da Europa em particular.

Strabão, Pomponio Mella, Plinio, Ptolomeu e o imperador Antonino Pio, são os escriptores que mais trataram da Galliza; mas pela leitura das suas obras é difficil conhecer os termos da antiga Galliza, nem a situação exacta das suas povoações, ou distancias reciprocas.

Strabão foi o escriptor mais diffuso, porém não demarcou as provincias e povos pelas repetidas e variaveis divisões dos romanos, mas pelas primittivas.

Pouco ou nada, porém, disse da Galliza, desculpando-se com a barbaridade ou dissonancia dos nomes dos seus povos.

Este geographo escreveu pelos annos 20 de Jesus Christo, sendo imperador Tiberio, e pro-consul da Lusitania, Vibio Sereno.

Pomponio Mella, era, segundo uns, hespanhol, e segundo outros, da costa d'Africa, fronteira a Andaluzia. Escreveu no tempo do imperador Claudio, pelos annos 41 de Jesus Christo, um pequeno livro, que intitulou—*De situ Orbis*—em que tratou da geographia de todo o mundo. O seu estylo é puro e elegante, mas compendioso e laconico, e a sua descripção da Hespanha é por isso rapida e obscura.

Plinio (o antigo) na sua *Historia Natural*, descreve a Hespanha, no livro 3.º, a Gallisa, e ainda a comarca e jurisdição de Braga no tempo do imperador Vespasiano, em que elle escreveu (pelos annos 74 de Jesus Christo) mas isto com muitas inexactidões.

Claudio Ptolomeu, nas suas *Taboas*, é que tratou com mais clareza, da Hespanha, e alli vem descripta a Galliza com todas as suas chancellarias, cidades, ilhas, cabos, rios e montes; tudo arrumado convenientemente.

Mas, Ptolomeu, escreveu em grego, e os seus traductores, escrevendo em latim, transtornaram em muitas partes as medidas do original.

O *Itinerario* de Antonino, que é por uns attribuido a este imperador, por outros, a Antonino Caracalla, e ainda por alguns a outros escriptores, apesar de alguns erros, é das mais exactas geographias d'aquelles tempos; mas este livro só trata das vias militares que de Braga se dirigiam a Astorga, e d'alli em diante; e apenas nomeava as povoações cortadas por essa estrada ou proximas d'ella.

Do tempo dos godos, temos a divisão feita por Wamba; mas só nomeia as cidades suffraganeas de Braga, e os termos de cada bispado.

Desde a invasão dos arabes até ao conde D. Henrique, ou pouco antes, esteve Braga destruida. E desde o governo d'este conde (1093) começa na historia de Portugal a achar-se alguma luz, quanto á topographia da provincia bracarense.

—

A Hespanha, antes de invadida pelos phenicios, carthaginezes e romanos, estava dividida em muitos reinos ou provincias, habitadas por povos barbaros, de que ha mui poucas noticias, e eram vulgarmente conhecidos sob o nome de iberos e hespanhoes, que se subdividiam em turdetanos, celtas, lusitanos, cantábros, celtiberos, túrdulos, arevacos, vetones, vacceos, bardulos e outros muitos.

Parece que os carthaginezes não fizeram nenhuma alteração n'estas divisões premittivas, e só dividiram a Peninsula em *Hespanha Citerior e Ulterior*, de combinação com os romanos, para dividirem entre si o dominio d'estas regiões.

A Hespanha Citerior, era, no principio d'estas partilhas, a parte que fica ao leste do rio Ebro, e ficou para os romanos. A Ulterior, era a que ficava ao oeste, e pertencia aos carthaginezes.

Pouco tempo durou esta divisão, que as guerras dos carthaginezes com os romanos, vieram alterar; até que aquelles, sendo expulsos da Peninsula por estes, se fizeram varias divisões.

A mais notavel divisão das Hespanhas, foi a que fez o imperador Augusto, pelos annos do mundo 3970 (30 antes de Jesus Christo.)

Repartiu este imperador a Hespanha em tres provincias, Tarraconense, Bética e Lusitania.

A Tarraconense comprehendia o que ho-

je chamamos Catalunha, Aragão, Vallencia, Murcia, grande parte da Granada, Navarra, Biscaia, Asturias, Galliza, Entre Douro e Minho, Traz-os-Montes, e grande parte de Castella.

A Bética era formada pela actual Andaluzía, cercando-a pelo N. e NO. o rio Guadiana; pelo S. o Oceano Atlantico até ao Cabo da Gata, onde principiava a provincia Tarraconense.

A Lusitania, comprehendia a maior parte do actual reino de Portugal, com outros muitos territorios de Leão, e da Extremadura hespanhola, que hoje são de Castella. O rio Douro a separava, pelo lado do N.. com a tarraconense; pelo E. por uma linha que saia do Douro, proximo da confluente do rio Pisuerga, até ao Guadiana, que dividia a Lusitania da Bética, até entrar no Oceano, cuja costa cercava o resto da Lusitania.

A terceira divisão da Hespanha, foi feita no tempo do imperador Adriano, pelos annos 120 de Jesus Christo. Ficou então formando seis provincias: Tarraconense, Carthagenense, Bética, Lusitania, Galliza e Tingitania.

Ultimamente o imperador Constantino Magno, pelos annos 360 de Jesus Christo, procedeu a nova divisão da Hespanha, em sete provincias; mas sem alteração das demarcações feitas por Adriano, senão em constituir em provincia separada, as Ilhas Baleares, ás quaes parece juntou outras ilhas.

—

Os romanos subdividiram cada provincia em varias chancellarias, a que davam o nome de *Conventos juridicos*, tendo cada um por capital alguma das cidades mais notaveis da provincia.

Entre as cidades havia diversas cathegorias.

As *colonias*, eram as que tinham sido fundadas ou, pelo menos, habitadas e propagadas por familias romanas. Gosavam grandes privilegios, governando-se pelas leis romanas e sendo seus habitantes, em tudo, considerados como cidadãos romanos.

Os *soıdıɔıunɯ* governavam-se por leis proprias.

Havia provincias consulares governadas por um proconsul, e presidiaes, por um legado pretor ou consular.

No tempo de Constantino Magno, se creou uma auctoridade superior para toda a Hespanha, denominada vigario, que obedecia ao prefeito do pretorio, que superintendia nas provincias presidiaes e consulares da Hespanha e das Gállias, e residia em França.

Adivirta-se porem, que desde o tempo do imperador Antonino Caracalla, em diante, todos os povos, assim da Hespanha como dos outros reinos sujeitos ao imperio, ficaram tidos e havidos por verdadeiros romanos e sujeitos ás mesmas leis e gosando os mesmos privilegios e direitos dos naturaes de Roma.

Como a cidade de Braga foi por muitos seculos capital da Galliza, tratemos com mais especialidade d'esta região.

Nos antigos escriptores vemos uns chamarem-lhe Callaecia, outros Gallaecia Estrabão e Ptolomeu, escreviam Kallaecia.

Quanto á etymologia ha diversas opiniões. Cellario, diz que é derivada da cidade, ou povoação, chamada Cálle, situada na foz do Douro (margem esquerda) o que é engano, pois que alem de Calle estar fóra dos limites da Galliza, não tinha a necessaria importancia para dar o nome a tão vasta, e n'esse tempo tão esclarecida provincia.

Calle é apenas conhecida do tempo de Julio Cesar, e muitos annos antes d'elle já a Galliza tinha o nome actual, e de mais a Galliza tinha muitas, grandes e poderosas povoações de que podesse tomar nome e não o adoptaria de uma pequena povoação que nunca foi contada entre as cidades callaicas.

A opinião mais seguida é que o nome d'esta provincia se deriva de Gallus e de Graesi; em razão de serem os gallaicos descendentes dos gallos e dos gregos.

Note-se porem, que, no setimo seculo, os gallegos eram denominados aspotes, como consta das Averiguações e antiguidades de Cantábria (Livro 1.°, cap. 1.°,) por Henao, que se funda no Chronicon Alexandrino. A diante trataremos mais d'esta materia.

—

Os limites da Galliza primittiva, são em

parte difficeis, e em parte impossiveis de assignar com exactidão.

Sabemos que o seu lado occidental principiava na margem direita da foz do Douro, e terminava no Promontorio Celtico (tambem chamado Nério) hoje Cabo de Finis Terrae. Alli principiava o lado septentrional que corria até aos montes das Asturias, e n'estes principiava o lado oriental, que com os mesmos montes vinha descendo até chegar ao Douro, onde terminava; principiando então o lado meridional que era o mesmo rio Douro, até entrar no mar, onde principiou esta medição.

Ainda em Braga existia ha poucos annos, no campo de Sant'Anna, e parece-me que ainda existe, uma columna romana com a seguinte inscripção.

C. CAESARI. AUG. F.
PONTIF. AUGURI
CALLECIA.

Quer dizer—: «A Galliza dedicou esta memoria a Caio Cesar Augusto, feliz, pontifice e Augure.»

—

É a Galliza uma antiquissima provincia da Hespanha, contendo grandes e importantissimas povoações, occupando um vasto territorio e sendo uma das maiores circumscripções da Peninsula; mas isto só desde a expedição de Decio Junio Bruto, por que antes d'elle parece que era apenas uma comarca habitada por uns povos chamados gallaicos, que estanciavam em uma grande corda de serranias, acima de Braga, dos quaes adiante se tratará; mas isto quando aquelles povos viviam na sua liberdade.

Entretanto Estrabão, no livro 3.º diz, que esta região se não chamava então Callaecia ou Gallaecia, mas sim Lusitania.

Parece isto indubitavel, porque Estrabão o diz claramente muitas vezes. No livro 3.º, pagina 166, tratando das cohortes romanas, que serviam de presidio em Hespanha, diz (traducção:)

«O primeiro d'estes legados, com duas cohortes, guarda todo o Além-Douro, para a parte do norte, o qual paiz antigamente se chamava Lusitania, e agora se chama Galliza.»

Em outros pontos da sua obra se confirma isto, e que a Lusitania chegava desde o Douro até ao cabo de Finis Terrae; formando por consequencia a Galliza, uma parte da Lusitania.

Lucio Floro, (liv. 2.º, cap. 17) diz que Decio Junio Bruto, domara os celtas e lusitanos e todos os povos da Galliza. Ora aquelle general romano, segundo estes e outros escriptores antigos, não passou para o norte do rio Minho, e então, se elle domou *todos* os povos da Galliza, é certo que se dava este nome ao territorio que estanceia entre os rios Douro e Minho, até á costa, vindo a formar uma provincia da Lusitania.

Isto mesmo confirma Plinio, no liv. 4.º, cap. 20.º

—

A principal chancellaria da Galliza, era a de Braga, que tinha na sua jurisdicção 24 povos, ou cidades, com 275:000 pessoas. (*Hist. Nat.*, liv. 3.º, cap. 3.º, pag. 36.)

Parece que as demarcações d'esta chancellaria eram as seguintes:

Principiava o lado occidental na foz do Douro, correndo pela costa até á foz do Minho, e indo d'alli em diante até aos povos hellenos, que ainda incluia.

Alli começava o lado septentrional formando (ao que parece) uma linha, que passando por baixo de Celenas, cuja situação se não percebe, ia cortar o rio Minho, no Bubal, onde desemboca em frente do Sil; e d'alli proseguia a linha até Complutica, que era nas visinhanças de Lubiam, onde começava a extrema oriental, que descia por cima da actual villa de Vinhaes, até ao Douro, abaixo da actual villa de Freixo de Espada á Cinta; e d'ahi era o Douro que lhe servia, até á sua foz, de extremidade meridional.

—

Conservam-se ainda em memoria os nomes que os romanos deram a algumas montanhas da Galliza.

O *Monte Vindio*, corria até Penhaflor, onda se dividia em dois. Um braço para o S., de serranias em direcção ao E., até ao rio Buruvia, e depois vira para o O., entre Pon-

ferrada e Astorga, vindo até ao rio Douro, em Alcanizes, Miranda e Freixo de Espada á Cinta, e formando grandes serras em Portugal, como a de Rebordões e outras.

*Monte Ladico*, a um braço d'esta montanha se chama hoje, Serra de Larouco. O outro braço, em direcção ao O., dividindo-se por differentes pontos da Galliza, em outros tantos ramos, vão alguns terminar no mar, e um d'elles passa por baixo de Chaves, que julgo ser a actual serra de Santa Barbara.

O *Monte Medullio*, ao qual parece que tambem chamavam *Edulio*. Não se sabe com evidencia o seu nome actual; mas parece certo ser a actual serra de Arga entre os rios Minho e Lima.

O *Monte Narvasio*, segundo Idacio, estava situado nas visinhanças de Braga, ou pelo menos na provincia de Traz-os-Montes. É talvez o actual Marão.

Os antigos geographos descrevem muito poucas montanhas da Galliza, e não me consta que na chancellaria bracarense descrevessem mais do que as tres que vão mencionadas.

—

*Douro* (rio)—Os gregos lhe chamavam *Dóptos*, os latinos, *Durius*. Segundo estes, nascia na montanha dos *Pelendónes*, acima de Numancia, e passava pelos povos *arevácos*, depois pelos *vacceos*, até separar os *astures* dos *vettones* (póvos da Luzitania) até entrar no mar, abaixo de Calle (foz do Douro).

Segundo Strabão, era este rio navegavel por espaço de 800 estadios (*) o que parece grande erro; porque era impossivel que os barcos passassem acima de *Cadão*, que dista da foz apenas uns 120 kilometros.

Como quer que seja, é innegavel que já no tempo dos romanos se navegava por este rio até ao *Cachão*, proximo a S. João da Pesqueira.

Parece que já n'aquelles tempos a construcção dos barcos d'este rio era a mesma dos a que hoje se chama *rabêllos* ou *de Cima do Douro*, e eram grandes, pois que os romanos lhe chamavam *magnis scaphis*.

(*) Cada legua (de 18 ao grau) tem 32 estadios, vindo portanto a ser navegavel por espaço de 25 leguas ou 150 kilometros.

Parece que a primitiva barra d'este rio era, pouco mais ou menos, pelo sitio da actual; depois as correntes impetuosas do Douro, abriram uma nova barra, ao Sul, no sitio hoje chamado Cabedêllo, e por fim as mesmas correntes, achando obstaculo nas areias alli arremessadas pelo fluxo e refluxo do mar, retomaram o canal primittivo.

Já n'este tempo o Douro recebia desde o seu nascimento caudalosos rios; porém os geographos gregos e romanos não os mencionam. Apenas por algumas inscripções sabemos que eram seus confluentes o *Pisoraca*, que entrava no Douro junto a *Pincia*, (que se julga ser a actual Valhadolid), perto d'onde se junta com o *Pisuerga*, o *Urbico*, (hoje Orbego) que entrava no Douro abaixo de *Sentica*, que dizem ser a actual Zamora, —o *Támaca*, que é o actual Tâmega.

Foi o Douro muito celebrado entre os poetas romanos. Silio Italico o compara com o Pactólo e com o Tejo.

«Hinc certant Pactole tibi Duriusque Tagusque.»

—

*Ave* (rio)—Os romanos lhe chamavam *Avo*; mas não referem d'elle circumstancias dignas de nota.

—

*Cávado* (rio)—Os romanos lhe chamavam *Celano*, *Celando* ou *Celado*. André de Rézende, nas suas *Antiguidades de Portugal*, pretende que *Celano* não é o actual Cávado, mas sim o Leça, que entra no mar em Mattosinhos. É érro, porque Pomponio Mella, na ordem com que descreve os rios d'aquella costa, aponta primeiro o *Avo*, depois *Celandus*, *Nebis* (Neiva), *Limia* e *Minius*.

—

Neiva (rio)—Os romanos, como já disse, lhe chamavam Nebis.

Vem mencionado por Pomponio Mella e Ptolomeu.

Vide a descripção d'este rio no logar competente.

Eram tambem da provincia bracharense, e mencionados pelos mesmos historiadores, os rios Douro, Leça, Ave, Lima e Minho, além

de outros de menos consideração, e dos que estão situados ao norte d'este ultimo rio, e aos quaes os romanos chamavam *Florio, Nelo, Vir, Mearo, Nabio, Navilubio, Salia, Melso, Bibilis, Chalybe*, e outros muitos de menos importancia.

Não declaro a situação d'estes rios gallegos, por serem fóra dos limites actuaes do reino de Portugal.

—

O litoral da provincia de Galliza, no tempo dos romanos, era dividido em occidental e septentrional, aquelle tinha principio na margem direita da foz do Douro, e terminava no Promontorio Celtico, e este principiava aqui e acabava na cidade de Noega.

—

A costa occidental da Galliza romana não tem soffrido até hoje consideraveis alterações; acontecendo o mesmo com respeito aos portos de mar, e á navegação dos rios, que era com pouca differença até aos limites da actual, se exceptuarmos a do rio Cávado, que alguns sustentam chegar até Aguas Cellenas, a actual Barcellos.

—

Os cabos mencionados pelos antigos geographos, n'esta provincia, eram—Avaro (entre o Ave e o Neiva, e a que hoje chamamos Cavallos de Fão.)

Oribio, entre o rio Minho e o Ulhôa; que se julga ser, o a que agora se chama Cabo de Selheiros, junto a Bayona.

Acima do Ulhôa, na peninsula que faz o rio Tambre, colloca Plinio as tres Aras Sextianas, e Ptolomeu as marca, não só acima do rio Tambre, mas tambem alem do Promontorio Celtico, dando-lhe o nome de Arae Solis, e já no lado Septentrional da Galliza. (Asturias.)

Segundo Morales, no liv. 8.° cap. 57,—«estas Aras, eram tres grandes pyramides de cantaria lavrada, como as egypcias, e do mesmo modo ôcas por dentro, com escadas espiraes, que davam accesso até aos seus vertices. Estavam na villa de Gijon, a cinco leguas de Oviedo, rodeados de mar, e communicando apenas com a terra por um estreito e pedregoso isthmo».

Já no tempo de Morales não havia pessoa alguma que se lembrasse da existencia de duas d'estas célebres pyramides, ou porque o mar as tivesse arrasado ha muito tempo, ou porque os seus materiaes fossem empregados em uma fortaleza que alli se edificou; mas da terceira, diz o mesmo escriptor. «*ha dies anos que se derribó: y assi muchos me referian a mi, estando en aquel puerto, su fórma, y altura, y como tenia grande inscripcion de muchas letras, la qual tambien, como todo lo de mas, so consumió en edificios.*»

Chamava-se ao sitio onde existiram estes tres monumentos, a Peninsula dos Tamaricos; onde tambem existio a célebre Torre de Augusto.

Na ria de Mongia, ou Cabo de Belem, existiram as celebradas Aras do Sol. Parece-me que isto era no monte, hoje chamado de Santa Tecla, sobranceiro ao mar entre a foz do rio Minho, e a pequena villa gallega da Guardia. Leva-me a esta supposição o que diz Lucio Floro, liv. 2.° cap. 17, que traduzido é o seguinte—«Décio Junio Bruto, proseguio mais adiante, domou os celtas e lusitanos e a todos os povos de Galliza, e o Rio do Esquecimento, pavoroso aos soldados; e victorioso tendo corrido a costa do Occeano, não se retirou sem ver primeiro com terror e horrorisado de commetter algum sacrilegio o sol sepultar-se nos mares e os astros entre as ondas.»

Corion, é o promontorio, hoje chamado Cabo Corianne. Perto d'este cabo, e aonde hoje se chama Cabo de Creux, existio um celebre e magestoso templo dedicado a Venus.

Ao E. do cabo Corion (ou Corio) era o cabo a que os romanos chamavam Brigancio, ou Flavio Brigancio: é o chamado hoje Corunha. Aqui estava uma torre, a que chamavam Pharo (pharol) obra singular e prodigiosa, tanto na architectura como na grandesa.

Trileuco ou Tríleucio, era outro cabo a E. do antecedente, e suppõe-se ser o que hoje se denomina Cabo Ortegal.

Symthico, era outro cabo a que hoje (segundo alguns) se chama Penas de Guzan.

—

As ilhas da Galliza romana, eram as seguintes:

*Cycas*, fronteiras á nossa costa da provincia do Minho. Ficavam uma legua de distancia do continente, e dentro da jurisdição da chancellaria de Braga.

*Ilhas dos Deuses* (Insulae Deorum) eram seis, segundo Plinio. Estavam fronteiras ao Promontorio Celtico, e pertenciam á jurisdição de Lugo.

*Cassiterides*, eram as mais celebradas entre os antigos, e em numero de dez. Alguns lhe dão tambem o nome de Cattiterides. Estavam sobre a provincia da Lusitania. Na repartição que das egrejas de Hespanha, fez o rei Wamba, se nomeiam estas ilhas, dando-se á sé do Porto.

Não se pode saber com uma certesa indiscutivel a posição d'estas ilhas, e mesmo se ellas ainda existem. Pretendem alguns que sejam Sesarga e S. Cypriano no lado septentrional da Galliza, adiante e a E. da Corunha. Pretendem outros, que sejam as ilhas Sorlingues, proximas a Inglaterra. É certo que estas ilhas são dez, e que produzem muito estanho, e é a essa circumstancia que devem o seu nome.

Tambem alguns dão a estas ilhas o nome de Silures.

(Silures eram povos da Britania, descendentes dos gallegos ou asturianos.)

Não é provavel esta ultima opinião, porque todos os escriptores antigos marcam estas ilhas na costa de Hespanha, e não na britanica. Estrabão, diz que junto a Britania estava a grande ilha *Hibernia*, cercada de outras mais pequenas, e não as trata em parte nenhuma por Cassiterides.

D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas Memorias do Arcebispado de Braga, liv. 1.° cap. 11.° pag. 137, diz que houve muitas equivocações com a palavra Cassiterides, que se dava a todas as ilhas ou outros quaesquer sitios onde havia minas de estanho.

Os gregos chamavam ao entanho, cassiteron, e ás minas de chumbo, cassiterides. Pode pois concluir-se afoitamente que ou estas ilhas foram destruidas pelo mar, ou se ignora a sua situação.

*Corticata* e *Aunios*, eram duas ilhas na costa da Galliza, pertencentes á chancellaria de Lugo.

*Trileucas*, eram tres ilheos, ou para melhor dizer, rochedos, situados junto ao Promontorio Trileuco.

—

É difficil designar com exactidão quaes os povos que habitavam a Galliza romana.

No estado primittivo de Hespanha, o terreno comprehendido desde a foz do Douro, até ao Promontorio Celtico, e d'aqui até á cidade de Noega e até Numancia, como já fica dito, habitavam tres povos principaes. Lusitanos, astures, e cantabros.

Os lusitanos, alem do que possuiam entre o Tejo e o Douro, occupavam todo o lado occidental, desde o Douro até ao Celtico, e pelo lado septentrional, desde o Celtico até a diante da Corunha; mas não sabemos com certeza onde terminava, e do mesmo modo onde principiava pelo E, até vir acabar no Douro.

Com o nome geral de lusitanos, eram comprehendidos os turdulos, vettones, gallegos e outros.

Sob o nome de celtas, eram designados differentes povos, sendo os mais numerosos os grávios, presamarcos, artabros e outros.

Havia celtas d'alem-Douro, eram os que procediam dos celtas que habitavam entre o Tejo e o Guadiana, e que, avançando para norte, occuparam o paiz dos liguros.

Os *astures* eram povos gallegos, que estanciavam proximo ao rio Douro, abaixo de Freixo de Espada á Cinta, e d'alli até á cidade de Noega. Parece que o nome de astures é derivado do rio Astura, que corria entre elles.

Cantabros, era nome generico de varios povos que habitavam na actual provincia de Lugo.

—

Os braccaros dividiam-se em muitos povos particulares, dos quaes uns habitavam a provincia d'entre Douro e Minho, e outros ao norte do rio d'este nome, hoje pertencente ao reino de Hespanha.

Mencionaremos as diversas denominações dos povos conhecidos pelo nome geral de braccaros.

*Braccaraugustanos*—habitavam a cidade de Braga e seu termo.

*Aquaflavienses*—habitavam a cidade de Aguas. Flavias, (Chaves) e seu termo.

*Celerinos*—habitavam a cidade de Celiobriga e seu termo.

*Cerenecos*, ou *Cerenaicos*—habitavam (segundo parece) a povoação de Tuyas (junto a Canavezes). Uma inscripção romana existente em uma pedra que serve actualmente de pia d'agua benta, na egreja de S. Salvador de Tuyas diz:

LARIBUS
CERENA
FCIS. NIL
ER. PROC.
VII. PU. L. S.

Quer dizer: Nilo Erredio, procurador das estradas publicas, por voto que tinha feito de boa vontade, dedicou esta memoria aos Deuses das casas dos cerenecos.

*Equisilicos*—povos pertencentes á chancellaria de Braga, e na provincia do Minho. Existiam em um paiz pouco distante de Braga, e ainda na divisão gothica do rei Wamba, vem mencionada como pertencente á diocese de Braga a freguezia de Equesis.

Parece que o nome de equisilicos se deriva de Aquae Silisis, e é provavel por que havia na chancellaria de Braga muitos logares que tomavam os nomes das aguas que os regavam; como *Aquas Selenias*, *Aquas Querquenas*, e outras.

*Espacos*—habitavam na costa do mar da provincia do Minho, nas duas margens do rio Espaco, hoje denominado Ancora, desde a actual freguezia da Afife até á de Molledo ou á de Cristello. Faz menção d'estes povos o Itinerario do imperador Antonino Pio, dizendo que habitam sobre a estrada militar ramana, que de Braga ia para Astorga, pela Marinha.

A' foz do rio Ancora, chamavam os romanos Vicus Espacorum. A freguezia d'Ancora se chamava antigamente, Santa Maria de Villar d'Ancora da Marinha. (Vide Ancora rio, e freguezia.)

*Iteramicos*—povos pertencentes á chancellaria de Braga. Dizem uns, que habitavam entre os rios Ave e Cávado, e outros, que entre os rios Homem e Visella; mas não ha certeza d'isto. O que é certo é que, iteramico é o povo que habita entre dois rios, segundo a lingua dos antigos lusitanos.

*Leunos*—Assim denominados por Plinio, parèce serem os mesmos a que Ptolomeu chama lubenos. Varios escriptores suppõem que estes povos ficavam nas visinhanças da actual villa de Monção; mas todos são concordes em affirmar que elles habitavam perto da costa. Monção fica distante do mar, uns 38 kilometros, pelo que eu entendo que o paiz dos leunos ou lubenos, era entre Villa Nova da Cerveira e Vallença. O que me leva a esta supposição é que, immediata e ao NE. de Villa Nova da Cerveira, está a antiquissima parochia de Lovelhe (vulgarmente Breia, que na divisão ecclesiastica de Wamba, se denominava Veréa).

*Limicos*—povos que habitavam nas duas margens do rio Lima. Ignora-se se era do lado em que nasce este rio, ou proximo da sua foz; mas é mais provavel que fosse entre Ponte do Lima e Vianna.

*Narbassos*—suppõe-se que habitavam nas immediações de Freixo de Espada á Cinta, e proximos dos raccios.

*Seurbos*—habitavam entre o rio Minho e a cidade de Braga.

*Tamacanos*—habitavam as margens do rio Tamaca (Tamega). Suppõe-se que este paiz é o comprehendido entre Amarante e Entre os Rios.

*Turodos* ou *Turolos*—habitavam a margem direita do Minho, entre Caminha e Gondarem, pouco mais ou menos onde hoje é a freguezia de S. Martinho de Lanhellas.

Em Freixo de Numão ha uma lapide com a seguinte inscripção:

CATUENOS. D.
OCQUIRINI. F.
LARIB. TUROL
IC. CONSACR.

Quer dizer: «Catueno, decurião, filho de Ocquirino, consagrou esta memoria aos deuses penates, dos povos turolicenses.»

—

Além dos povos referidos, havia na juris-

dição da chancellaria de Braga, e no districto que hoje é de Portugal, outros povos particulares chamados gallegos, habitando as montanhas que jazem entre Braga e o rio Minho, e suppõe-se, com bons fundamentos, que d'estes povos procede a denominação geral de gallegos, dado aos povos da vasta provincia da Galliza romana.

Plinio, na sua *Historia Natural*, liv. 4.º, cap. 20.º, pag. 64, diz, descrevendo a marinha (ou litoral) traducção: «*Dos cilenos para baixo começa a chancellaria de Braga.*

*Comprehende os helenos, os gravios, o castello de Tuy, tudo geração de gregos. A insigne cidade de Abobrica, o rio Minho, que tem uma legua de largo na foz: depois os leunos, os seurbos, e a cidade Augusta dos braccaros, acima dos quaes está a Galliza.*»

Strabão diz que «*antigamente chamavam Lusitania, a todo o paiz ao norte do Douro, a que agora chamam Galliza.*»

Pretendem alguns que o nome de callaicos ou gallaicos (gallegos) se derivou de *Calle* (Gaia) o que é erro. Os callaicos já eram conhecidos e famosos no tempo de Decio Junio Bruto, e os *callenses* era um povo muito mais moderno, e a primeira vez que d'elles se faz menção na historia romana, é no tempo do imperador Julio Cesar. Vide Calle.

—

Tambem estavam sujeitos á jurisdição de Braga, os *aobrigenses*, que parece habitarem no territorio de Ribadavia.

Os *bibalos* eram os moradores de *Forum Bibalorum* e seu termo; que João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, situa nos valles do Geraz e Bouro; mas parece-me mais provável, que fossem os povos da actual cidade de Orense, e que estanciavam sobre as margens do Bubal, até ao rio Sil (ao S.) e d'ahi até Senabria.

—

Os *gravios*, segundo a divisão de Augusto, occupavam a costa, desde o Douro até Vigo e Ponte Vedra, comprehendendo muitos povos, como braccaros, limicos e os mais que estanciavam ao longo da costa. Depois, porém, só se dava o nome de gravios, aos que habitavam o territorio que jaz entre Tuy e Ponte Vedra.

Pomponio Mella, porém, diz «*desde a foz do Douro, até á inclinação que faz a costa do mar, habitam os gravios, e no seu paiz correm os rios Ave, Cávado, Neiva, Minho e Lima.*»

—

Os *hellenos*, tambem sujeitos á chancellaria de Braga, eram povos habitantes da villa e termo de Ponte Vedra, na Galliza.

—

Os *limicos*, eram os habitantes das margens do Lima, provavelmente entre Ponte do Lima e Vianna.

—

Os *luancos*, habitavam a cidade de Merva; mas ignora-se hoje absolutamente a sua situação, sabe-se apenas que era no districto bracarense.

—

Os *nemetanos* ou *nemetatos*, habitavam a cidade e termo de *Volobriga*. Tambem se ignora a situação d'este paiz, da jurisdição bracarense. Sabe-se porém, que não eram da cidade de *Nemetobriga*, porque esta não pertencia á chancellaria de Braga, de cuja cidade distava 29 leguas, e era habitada pelos tiburos.

—

Os *querquernos*, habitavam a cidade de *Aquae Querquenae*, a 12 leguas de Braga, sobre a via militar romana, de Braga para Astorga. Eram provavelmente os habitantes da serra do Gerez e Terras de Bouro.

Suppõe-se que este nome lhe foi imposto pelos romanos, e é derivado do substantivo *quercus*, palavra latina que significa carvalho. É isto verosimil em razão das grandes mattas de carvalhos, que havia, e ainda ha por aquelles sitios.

—

Como hoje não pertencem a Portugal, deixaremos de tratar dos varios povos da Galliza sujeitos ás chancellarias de Lugo e Astorga.

—

Tinha a chancellaria de Braga jurisdição sobre 24 cidades. Tratarei de mencionar as de que ha noticias mais verosimeis.

—

Braga, segundo os antigos escriptores, es-

tava no tempo dos romanos situada no local onde hoje se vê a egreja de S. Thiago, a cujo sitio ainda se dá o nome de *Cividade*.

Os muros romanos que circuitavam esta povoação, principiavam junto á actual egreja de S. Pedro de Maximinos, e d'alli, por uma baixa, em direcção ao Sul, hiam até á Cividade, ficando dentro o terreno em que está edificado o convento da Conceição; voltando d'alli para E., até onde hoje está o hospital de S. Marcos; d'ahi dirigindo-se ao N., e incluindo a Sé actual, hiam fechar aonde principiou esta medição. Tinham estes muros 16 estadios de circumferencia (uns 3 kilometros). D'elles ainda ha vestigios em varias partes. A sua largura e altura variava. Tinha em partes 25, 20, 12 e 10 palmos d'altura. A largura 'variava entre 6 e 23 palmos.

Na *quinta do Avellar*, tinha 23 palmos de largo, no sitio de *Urgaes*, abaixo do convento da Conceição, tinha apenas 6 palmos.

Era este muro formado de pedra miuda e argamassa, mas fortissimo e como se fosse construido de uma só pedra.

No sitio de Urgaes, da parte exterior da muralha, se tem achado cantaria lavrada, pilares, vasos e diversas moedas romanas, assim como muitos cippos com inscripções latinas, o que prova que estes muros foram constridos pelos romanos.

Eram defendidos por varias torres, mas ignora-se o seu numero e situação, assim como as portas que lhe davam accesso.

Já tratei do templo dedicado á deusa Isis e da inscripção que o memorava; julgo porém, d'algum interesse a traducção que lhe dá Morales, nas *Antiguidades de Hespanha*, por variar da que já descrevi. Segundo este escriptor, quer dizer:

«*Esta ára está consagrada á deusa Isis Augusta; dedicou-lh'a Lucrecia Fidá, sacerdotisa perpétua dos romanos e dos imperadores, na jurdisição da cidade de Braga Augusta.*»

Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote, este templo era circular e situado onde hoje é o templo da Sé, sendo a praça fronteira o logar do mercado ou feira publica.

Não se sabe com certeza a data da sua fundação, mas parece ser durante o imperio de Antonino Caracalla, que era mui dado ao culto d'esta divindade.

Suppõe-se que tambem na quinta do Avellar, existiu um templo romano, em razão das muitas columnas, bellos e bem lavrados capiteis e um tumulo de chumbo (que pesava 7 ou 8 arrobas) além do que já disse que alli se tem encontrado.

Havia mais em Braga, e no sitio onde hoje a a egreja de S. João do Souto, um templo dedicado ao deus Jano. D'este templo derivam alguns a etymologia do nome da rua de Janes, mas é mais provavel que proceda da egreja de S. João, antigamente Joannes.

É tambem certo que em Braga se venerava uma divindade denominada *Evento*. Consta isto de uma inscripção gravada em pedra, em uma casa da rua das Travessas, que diz:

DEO. SA
CTO. EV
ENTO. FL
FRONTO
EX PRAE
CEPTO.

Quer dizer:

«*Esta memoria dedicou Flavio Fronto, ao Deus Santo Evento, por preceito que para isso teve.*»

Não se sabe porém se aqui houve algum templo dedicado a esta divindade; o que sabemos é que era o deus advogado dos lavradores.

Segundo as Actas do martyrio de S. Victor, parece que havia nos arrabaldes de Braga, um outro templo dedicado a Céres e a Silvano.

Pretendem varios escriptores que a egreja do convento de S. Fructuoso, que foi de religiosos franciscanos da provincia da Piedade, tambem nos arrabaldes de Braga, foi um templo romano dedicado a Esculapio. É

certo que a sua architectura é de primorosa execução e denota grande antiguidade.

Na porta travessa da parede da Sé, que fica defronte do paço, existe uma inscripção romana que nos dá noticia de um edificio, sem declarar a sua especie. Diz assim:

CONDITUM SUB
IMP. CAESARIS
PATRIS PATRI

Quer dizer:

*«Esta obra foi edificada sendo imperador Cesar, pae da patria.»*

Tambem no sitio das casas dos srs. Magalhães, houve um sumptuoso edificio romano, e n'uma columna que lhe pertenceu, se via a seguinte inscripção:

DE SUO
FECERUNT

Quer dizer:

*«Fabricaram á sua custa.»*

O resto da inscripção perdeu-se.

—

Cunha, na primeira parte da sua *Historia dos arcebispos de Braga*, cap. I, n.º 1, diz que os romanos construiram um notavel aqueducto, para proverem de agua esta cidade, e segundo elle, vinha desde o rio Ave, e pela ponte de *Mem Guterres*, e que por alli existiam ainda vestigios d'essa obra. É certo que havia grandes aqueductos romanos que conduziam agua a esta cidade, o que se prova pelas ruinas de muitos canos de pedra que se teem achado.

—

Fóra dos muros da cidade, onde agora está a egreja de S. Pedro de Maximinos, era o amphitheatro, onde se celebravam as festas e jogos publicos. Era circular, e ainda d'elle restam tenues vestigios.

Junto ao sitio a que hoje chamam Monte de Penas, nos arrabaldes da cidade, se julga ter existido um magestoso edificio, não só pelos muitos pedaços de columnas e grandes pedras que alli se tem achado, mas tambem porque assim o dá a entender uma que tem esta inscripção:

SODALITIUM. URBANORUM
D. S. F. C.

Quer dizer:

*«A companhia dos Urbanos, á sua custa mandou fazer esta obra.»*

Ignora-se que genero de edificio era, e a data da sua construcção.

Julga-se que companhia dos urbanos era alguma sociedade de mercadores residentes em Braga.

Consta que se deu a este sitio o nome de Monte das Penas, por ser aqui o logar em que os romanos faziam as suas execuções e infligiam castigos aos criminosos.

—

Suppõe-se que o edificio da chancellaria existiu no campo agora chamado de S. Sebastião. É certo que a par da capella que deu o nome a este campo, ha a fonte do mesmo nome, onde se conserva uma pedra, em fórma de mesa, quadrada, e n'ella a inscripção seguinte:

BRACARA
ET ANTIQUA AUGUSTA
FIDELIS

Esta inscripção estava no plano da mesa, e, quando em 1625, se construiu esta fonte, se mandaram mudar as lettras, na fórma em que agora estão, collocando-as em redor da pedra. Argote suppõe que a primitiva inscripção só dizia *Bracara Augusta*, e que *fidelis et antiqua*, se mandou pôr para fazer symetria.

—

Junto á egreja de S. Fructuoso, suburbios de Braga, estava uma torre ou castello, chamada Torre Capitolina, obra magnifica.

Ha noticias d'este edificio, por uma escriptura do rei D. Affonso, o *Casto*, feita em 868; na qual, descrevendo-se os arrabaldes de Braga, se diz: (traducção) *«Debaixo da Collina, damos a egreja de S. Fructuoso de*

*Monte Modico, com as suas villas, a Torre Capitolina, que modernamente se chama Collina.*»

Não ha outra memoria d'este monumento romano.

—

Pouco abaixo da egreja de S. Pedro de Maximinos, na egreja de Lomar, onde estão diversas pedras (ou estavam) com inscripções romanas, havia uma columna, com a seguinte:

DI::V
FLAVIO
JULIO
CRISPO
NOB
CAES.

Quer dizer:

«*Esta memoria se pôz ao divo Flavio Julio Crispo, nobilissimo Cesar.*»

Este principe era filho do imperador Constantino Magno e de sua amante *Minervina.* Foi nomeado Cesar no anno 318 de Jesus Christo, e morto violentamente, por ordem de seu pae, por accusações falsas de sua madrasta.

—

Em Braga, pelo menos no tempo dos imperadores Augusto e Tiberio, residia um dos legados do proconsul da Tarraconense, com uma cohorte, para defeza da cidade.

—

Era Braga entre todas as cidades da Hespanha uma das mais opulentas. Alli se conduzia o ouro e prata das minas de Traz-os-Montes, alli concorriam as nações a commerciar, com especialidade os romanos, dos quaes havia uma companhia mercantil, como consta de uma inscripção que menciona Grotero, e que dizia:

CIVES ROMANI QUI.
NEGOTIANTUR BRACAR. AUGUST.

Quer dizer:

«*Esta obra fizeram os homens de negocio, romanos, que contratam em Braga.*»

A lapide que continha esta inscripção foi removida, pelos fins do seculo XVII, para a capella de Sant'Anna, junto da qual o arcebispo D. Diogo de Sousa, mandou collocar grande numero de padrões romanos. Depois, quando se caiou esta capella, caiaram tambem a inscripção, que ficou ilegivel, mas depois, pelos annos de 1730, Vineto conseguiu ler, não só as duas regras que ficam transcriptas, mas mais dez que a antecediam, ainda que não poude já ler parte dos caracteres de que é composta. Diz:

C. CALERONI C.::::::::::::::
::::M:::I::::::::::IGGIO::::R
PIN I EGO AV:::::::::::::::::
::::I::::RISIT C::::::::I:::C
I:::J ~ ::: ≣:::C:V:::'.::MOCO
::::::::::::::::IV:::::::::I:C:::I:::E
E::::::::::::::::::::A:::::::::MIL
:::::I:::ILIOR:::O:::V::::::
RVNE:LIG O IVNIO PUL::::::
:::::::::::.:ROMANI:::::::::::::
CIVES ROMANI:::NEGO
TIANTVR BRACAR:::AGVST.

Quer dizer:

«*Os homens de negocio, romanos, que comtratam em Braga, dedicam este monumento a Caio Caleron.*»

Não se póde entender o mais, e apenas se vê alli mencionado um tal Junio Pulcro.

—

Era Braga e o districto da sua chancellaria muito povoados no tempo dos romanos, e Plinio lhes dava 275:000 pessoas, fóra escravos, que eram tambem em grande copia. Só dos naturaes de Braga, eram formados tres regimentos (cohortes) de 662 soldados cada um, além de outro regimento, composto de soldados naturaes de toda a chancellaria, que residia de guarnição (presidio) em Inglaterra.

Grotero traz varias inscripções em abono do que fica dito. Diz uma:

D. M.
A. ATINIO. A. F. PAL. PATERNO
SCRIB. AEDIL. CUR. HON. USUS
AB IMP. EQUO. PUBL. HONOR
PRAEF. COH. II. BRACAR. AUG.

Quer dizer em summa:

«*Este monumento foi levantado á memoria de Aulo Atinio Paterno, filho de Aulo, da geração palatina, que teve diversos cargos, sendo honrado pelo imperador, que o nomeou prefeito da segunda cohorte, dos naturaes de Braga.*»

A segunda diz:

A. SEIO ZOSIMIANO
EQUIT. ROM. PRAEF. COH. III.
BRACARAUG.

Quer dizer:

«*Esta memoria se dedicou a Aulo Seio Zosimiano, cavalleiro romano, prefeito da terceira cohorte, dos naturaes da cidade de Braga.*»

Onuphrio Pavino, nos *Commentarios da republica romana*, impressos em Paris, em 1588, a pag. 172, traz uma inscripção, que por extensa, Argote não copiou toda. Diz:

L. FURIO. L. F. PAL. VICTORI
PRAEF. PRAE. TRIB. LEGIONIS II.
ADJUTRIC. L. COH. BRACARUM
IN BRITANIA.

Quer dizer:

«*Memoria dedicada a Lucio Furio Victor, prefeito do Pretorio, tribuno da legião segunda, intitulada adjutrice, centurio da cohorte dos bracaros, que reside na Britania.*»

—

Em Braga se estabeleceram muitas familias romanas, da classe patricia, como consta de diversas inscripções. Tratarei das principaes.

*Avitos*—familia muito numerosa, que depois se fez christã, vindo alguns a pertencer á classe sacerdotal.

*Amarantos*—suppõe-se ser o nome de uma familia romana, que habitava em Braga, por um cippo que existiu no hospital de S. Marcos, e tinha esta inscripção:

AMARANTUS SENECCIONIS.
H. S. E.

Quer dizer:

«*Amaranto, filho de Senecion. Aqui jaz sepultado.*» (Vide Amarante.)

*Celios Flaccos* — era um ramo da familia Quirina, e que parece ter tambem aqui habitado, em vista de uma inscripção que está na parede exterior do norte, da egreja de Lomar, e diz:

T. COLIO TI.
QUIR.
FLACCO.

Quer dizer:

«*Memoria dedicada a Tito Celio Flacco, filho de Tito da geração Quirina.*

*Celicos, Lucios e Frontonios*, eram tambem familias romanas, residentes em Braga, o que se colligo de uma inscripção que está na parede do norte da capella de Sant'Anna. Diz:

I. COLICUS::::::IPES
FRONTO FIL: I: * EI * LUCIUS
TITI * F * PRONEPOTES CA
ELICI *
FRONTONIS * RENOVARUMT.

Quer dizer:

*Tito Celico, filho de Frontonio, e Lucio, filho de Tito, bisnetos de Celico Frontonio, renovaram esta obra.*

Estes, Tito Celico e Lucio, eram architectos de profissão, e bisnetos de outro célebre architecto, chamado Celico Fronto, constructor de varios monumentos em Braga.

*Quirinos Valerios, e Reburros Quirinos*, eram duas familias romanas, que aqui habitavam, e d'ellas descendia Marco Valerio Pio Reburro, que parece foi tribuno da plebe, na Hespanha. Menteza (hoje Cazorla, ou Montejon) lhe erigio uma memoria, com esta inscripção:

M. VAL. PIO. REBURRO. L. F.
QUIR. REBURRO. EX. BRACAR.
AUG. O. H. IN. R. S. F. P. H. C.

Quer dizer:

«*Munumento dedicado á memoria de Marco Valerio Pio Reburro, filho de Lucio, Reburro da geração Quirina, o qual era natural de Braga, e alli tinha occupado todos os cargos honorificos da sua republica.*»

*Quirina*—familia romana, aqui estabelecida, que se dividia em varios ramos, sendo os principaes, os Poncios, os Severos e os Sabinos. Em Tarragona existio uma lapide, com esta inscripção:

Q. PONTIO. Q. F. QUIR.
SEVERO. BRACAR. AUG.
OMNIB. HONORIB. IN
R. P. SUA. FUNCTO. FLAM.

Quer dizer:

«*Monumento dedicado á memoria de Quinto Poncio Severo, natural da cidade de Braga, filho de Quinto, da geração Quirina, que exerceu todas as occupações honorificas na sua republica.*»

D'esta familia descendem varias casas nobres de Portugal e Hespanha.

*Flavia Sabina*—era outra familia patricia, que provavelmente aqui residio. Achouse em Braga uma lapide com esta inscripção:

LARIB.
FL. SABINUS
S. V. S. V.

Quer dizer:

«*Aos deuses penates, por voto, dedica Flavio Sabino.*»

*Flavia Urbicia*—outra familia patricia aqui residente. No principio do seculo passado se achou na parede do cruzeiro da Sé, da parte do Evangelho, onde agora está a capella de Nossa Senhora das Angustias, uma pedra que parecia ter sido a base ou pedestal de uma estatua. Tem esta inscripção:

CENIO
MACELLI
FLAVIUS
URBICIO
EXVOTO
POSSUIT
SCARUM

Quer dizer:

Ao genio de Macello, por voto, consagrou esta memoria, Flavia Urbicio.

Genio, entre os gentios, era o espirito que presidia particularmente na fundação dos reinos e cidades, e no nascimento das pessoas, tendo cuidado do seu adiantamento e felicidades.

*Julia*—parece que tambem em Braga existia uma familia patricia assim denominada; por que no tempo do arcebispo D. Luiz de Sousa, mandando-se desfazer o antigo templo de S. Victor, se achou na parede uma lapide sepulchral, com esta inscripção:

JULIS PILADES
ORESTES
H. S. E.

Quer dizer:

«*Julio Pilades Orestes, aqui jaz sepultado.*»

*Liciniana*—parece que tambem aqui havia a familia dos Licinianos, segundo consta de uma lapide romana, mencionada por João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho.* Diz elle que estava em Braga, e era uma columna com esta inscripção:

VALERIO LICINIANO D. A.
LICINIO JUNIORI. NOB.

Quer dizer:

«*A Valerio Liciniano, o mais moço, se dedicou esta memoria.*

*Lucios*—tambem aqui se suppõe ter existido esta familia patricia, pelo que consta de um cippo que existe na egreja de S. João do Souto, que diz:

QUINTUS LUCIUS TUSCI VALENTINI. F.

Quer dizer:

«*Aqui está sepultado Quinto Lucio, filho de Valentino Tusco.*»

*Tarquinios* e *Caturões*, outra familia que aqui existiu, o que se collige das inscripções que estavam em duas pedras no jardim do paço archiepiscopal. Dizia uma:

TARQUINIUS
CATURONIS
F. IX. AN.
H. S. E.

Quer dizer:

«*Tarquinio, fallecido de 9 annos, e filho de Caturon, aqui jaz sepultado.*»

A outra inscripção, diz:

ADRONUS
CATURONI
F. D. CIE. AN.
H. S. E.

Esta inscripção está truncada, faltando-lhe o principio; apenas se percebe que foi a campa de Adronio, filho de Caturon. (Vide Fermedo.)

*Sálvios*. De uma lapide que existiu na casa de André Jacome de Sousa, se collige ter existido esta familia em Braga, pois tinha a seguinte inscripção:

D : : SALVIUS
ATHICTUS
AN. XVIII. S. T. T. L.

Quer dizer:

*Aqui jaz Dicio Salvio Athicto, que falleceu de 18 annos. A terra lhe seja leve.»*

*Terencios* e *Rufos*, era outra familia patricia, ramo da Quirina. Barros e Grutero, dizem que existiu n'esta cidade uma lapide com esta inscripção:

L. TERENTIO
M. F. QUIR. RUF.
PRAEF. COH. VI BRITTON.
D. QEG. I. M. P. F. DON. DON. AD.
IMP. TRAIANO BEL. DAC.
P. P. LEG. XV. APOLL.
TRIB. COH. II VIG.
D. D.

Quer dizer:

*«Este monumento foi dedicado á memoria de Lucio Terencio Rufo, filho de Marcos, da geração Quirina; prefeito da 6.ª cohorte dos brittones, centurião da 11.ª legião, chamada Marcia Feliz, o qual foi premiado pelo imperador Trajano, na guerra de Dacia; propretor da legião 10.ª, dos apollonienses e tribuno da 2.ª cohorte dos vigiadores.»*

*Labinos*—ha memoria de existir esta familia em Braga. No paço dos arcebispos, ha uma pedra, que foi pedestal de estatua, com esta inscripção:

LARI. VIAR.
BUSI. LA
BINUS. V.
S. L.

Quer dizer:

*«Aos deuses lares, das estradas, por voto, dedicou esta memoria Rusio Labino.»*

*Valerios Rufinos*—tambem ramo da celebre familia Quirina, residiu em Braga. Na egreja de S. Pedro de Merelim, embutida em uma parede, ao entrar a porta principal, está uma lapide com esta inscripção:

L. VALERIO
QUIR.
RUFINO.
VAL. RUFOS. FI. A
HES. EX L. S. M. N.

Quer dizer:

*«Esta sepultura, fez Valerio Rufo, a seu pae, Lucio Valerio Quirino.»*

*Viriatos*—havia em Braga a familia d'este appellido, o que consta de uma notavel inscripção que se achou gravada em uma pedra, que estava embutida na parede das casas de André Jacome de Sousa, e diz:

ARQUIUS
VIRIAT. K : .
D. ACRIF. IA
H. S. S. EST.
MEL CAE
CUSP. ELISTI
MONI ME : : : I : : :
CO

Esta inscripção, que evidentemente está truncada, e tem algumas letras apagadas, está por isso illegivel; apenas se póde lêr:

*«Aqui jaz sepultado Arquio Viriato.»*

Além das familias romanas, da classe dos patricios, que viveram em Braga, ha ainda outras muitas, de menos importancia, que seria longo e fastidioso mencionar.

—

Haviam em Braga, além das descriptas

outras muitas inscripções, que se perderam, umas por incuria, outras por serem despedaçadas pelo povo, ou empregadas em diversas construcções.

Mencionarei algumas das mais notaveis, conservadas por Argote.

De traz da egreja de S. João Marcos, em um quintal chamado do Idolo, está uma fonte e n'ella uma pedra, que tem em relevo a figura d'um homem, de habitos talares, de cinco palmos de alto, faltando-lhe parte do rosto e a mão direita; tem a barba comprida e na mão esquerda um envoltorio, cuja fórma primittiva se não póde distinguir. Por cima da cabeça e do lado direito, tem esta inscripção:

: : : : : ICVS. FRONTO
ARCOBRIGENSIS
AMBIMOGIDVS
FECIT.

Quer dizer:

*«Celico Fronto, natural de Arcobriga Ambimogido, fez esta obra.»*

Estes Frontos, ou Frontonios, como já disse, eram architectos, esculptores ou pedreiros.

Arcobriga, era uma cidade da Hespanha Tarraconense. Não se sabe ó que significa a palavra Ambimogido.

Na mesma pedra, em um nicho quadrado, está esculpida a figura de um menino em meio corpo, tendo á direita a seguinte inscripção;

RONCOE
NATHLACO.

Ignora-se o que significam estas duas palavras: são talvez o nome de alguma divindade do paganismo, hoje desconhecida.

Perto da egreja de S. Pedro de Maximinos, ha em uma pedra esta inscripção:

T. FLAVIO

*(Dedicada a Tito Flavio.)*

Em Lomar, na quinta d'Abrahão, se acharam diversos cippos romanos, uns com as letras picadas, outros com ellas ainda legiveis. Uma d'estas inscripções, que está inteira, diz:

D. M. S.
TACANIUS DORUS
CIQAE CILENIQ. UXORI
AN. N. XXXI Q. CE. Q.
THEODORO F. III.
ANQN. IIM.XI.D.XX
A: VON. IIM. XI OD: : XX.

Quer dizer:

*«Dedicada aos deuses das almas. Tacanio fez esta sepultura a sua mulher Doruscia, que viveu 31 annos, e a Theodoro, seu filho que falleceu de 3 annos, 2 mezes e 11 dias.»*

O resto da inscripção não se entende, talvez por ser êrro do artista.

Onde esteve o convento de Dume, em uma casa, que foi de Valerio Pinto de Sá, estão embutidas na parede, duas pedras, em uma das quaes está o resto de uma inscripção, que diz:

D. M. S.
PRONIORI
VAE. AND.
I FLAMINICA
PROVINCIAE
CITERIORI

Apenas se póde ler que esta memoria foi consagrada aos deuses das almas, e que era a sepultura de uma sacerdotisa dos Flamines, e que tinha exercido esta occupação na Hespanha Citerior.

Na parede exterior da capella de Santa Anna, no campo do mesmo nome, está uma pedra com esta inscripção:

ATON GOMUNI
XXV. H. S. E.
RICIUS PROCU.

Quer dizer:

*«Aqui está sepultado Ato, filho de Gomunio, que falleceu de 25 annos. Ericio, procurador, lhe fez este jazigo.»*

---

Além do que já disse no principio d'este artigo, sobre os fundadores de Braga, accrescentarei aqui mais o seguinte:

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, pretende que esta cida-

de fosse fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, que lhe poz o seu nome, chamando-a Briga.

Não me parece admissivel esta opinião; porque *briga* é incontestavelmente uma palavra celtica, que significa cidade ou povoação, e é commum a muitas terras da Peninsula Iberica, o que provo nos artigos relativos a Coimbra, Condeixa, Lagos, Feira e outras muitas povoações portuguezas.

Cunha, na sua *Historia dos Arcebispos de Braga*, fundando-se no que sobre isto diz o escriptor hespanhol Ferrer, attribue a Osiris, rei dos egypcios, a fundação de Braga.

Fundam-se em um cippo dedicado á deusa Isis, que já deixo copiado. É certo que o culto d'esta divindade teve principio no Egypto; mas depois se propagou por quasi todo o mundo, sendo tambem uma das divindades germanicas. Tacito (*De moribus germanorum*) diz:—«Pars suevorum et Isidi sacrificant»—isto é,—Muitos suevos sacrificam á deusa Isis.»

Uma carta de D. Hugo, bispo do Porto, diz que o templo de Isis, em Braga, foi edificado pelos egypcios; mas isto não prova que estes povos edificassem a cidade, e só sim o templo. Ha porém fundadas suspeitas de que esta carta é apocripha.

Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*, fundando-se na auctoridade de Laimundo e Angelo Pacence, diz que esta cidade foi fundada por Himilcon, capitão carthaginez, com gente africana, com que desembarcou nas costas do Minho; e que por serem naturaes das margens do rio *Bragada*, impozeram este nome á nova povoação. Não ha, porém, memoria escripta que prove satisfatoriamente a vinda e residencia de Himilcon a estas paragens.

Florião do Campo (*Hist. de Hesp.*) diz que Braga é fundação dos celtas e turdulos, que lhe pozeram o nome de *Bracara*, por serem aquelles celtas denominados gallos bracatos, que com os turdulos andaluzes, sahiram a povoar o interior da Hespanha, chegando até ao rio Lima. Esta opinião tambem offerece muitas duvidas.

Gaspar Estaço, nas *Antiguidades de Portugal*, sustenta, com bons fundamentos, e com o que diz Plinio, na *Hist. Nat.* liv. 4.°, cap. 20, que Braga foi fundada pelos gregos. Pomponio Mella, diz que os gravios (gregos) habitavam desde a foz do Douro, até acima do rio Minho.

Não se póde saber ao certo o anno da fundação de Braga. O que se sabe é, que já existia pelos annos 3870 do mundo (134 antes de Jesus Christo) porque Appiano (*De Bello Hispaniensi*) relata a valorosa resistencia que os braccaros fizeram ao capitão romano, Decio Juno Bruto. (Vide Geira, Inscripções romanas, Marcos milliares, Chaves e Vias militares e Lima.)

**Noticia biographica do Padre Mestre Fr. João d'Ascenção.**

O reverendo padre fr. João d'Ascenção, nasceu em 26 de outubro de 1787, na freguezia de S. Romão de Neiva, districto da villa de Vianna, hoje cidade da provincia do Minho.

Tendo de edade 16 annos, entrou na ordem dos religiosos carmelitas descalços n'este reino de Portugal, e depois de completo o tempo canonico de noviciado, no anno de 1804, fez a sua profissão solemne, no convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Lisboa.

D'alli foi mandado pelos prelados da ordem para o convento do Carmo, do Porto, que então era a casa dos recem-professos, educados conforme os decretos pontificios na perfeição da disciplina religiosa *sub. disciplina magistri*.

N'aquelle convento de rigorosa observancia regular, em o qual os religiosos iam para o côro á meia noite resar, ou cantar os louvores divinos, das horas canonicas de matinas e laudes, esteve até outubro de 1805, e então foi mandado para o collegio de philosophia em o convento do Carmo da villa de Figueiró dos Vinhos, na provincia da Beira.

Em 1808 veiu para o convento e collegio do Carmo d'esta cidade, onde estudou a theologia dogmatica até ao anno de 1811 e depois a moral até ao de 1814.

No terceiro anno de curso theologico foi

ordenado sacerdote, e cantou solemnemente a sua primeira missa na egreja do mesmo convento do Carmo d'esta cidade, em o segundo dia da oitava do Natal de 1810.

Pouco depois de ter acabado o curso de nove annos de estudos, foi nomeado presidente de conferencias moraes e mandado para o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Evora.

Em 1818 foi eleito substituto para o collegio de S. João da Cruz de Carnide, nos suburbios de Lisboa.

Em 1820, o definitorio geral da ordem o elegeu lente de theologia dogmatica, e o mandou para o collegio de S. José, de Coimbra, e alli por tempo de seis annos exercitou e desempenhou dignamente aquelle honroso emprego.

No capitulo geral celebrado em 1826, o padre fr. João foi nomeado prior do collegio de S. João da Cruz de Carnide, tendo 38 annos de edade; o que n'uma ordem tão reformada não era pequena prova do grande conceito que os prelados todos reunidos em capitulo, faziam dos talentos e virtudes que n'aquelle joven na edade, mas ancião na religiosidade, já resplandeciam. A isto accrescia que os eleitores sabiam que o novo prelado devia governar e mandar n'aquelle convento, não só religiosos estudantes, mas tambem venerandos anciãos de 70 e 80 annos de edade, que tinham sido mestres e prelados.

No fim do trienio de seu muito acertado e feliz governo, em 1829, o padre fr. João, por mandado do muito reverendo prior geral, prégou na abertura do capitulo geral no convento dos Remedios de Lisboa, de tal modo, que excitou não só admiração, mas compunção e lagrimas nos prelados da ordem, que publicamente reunidos na egreja o ouviam.

Em outubro do mesmo anno, annuindo á vontade dos prelados, se sujeitou a ir ler theologia moral no convento e collegio dos Remedios de Evora, e no fim do triennio, no anno de 1832, foi eleito segunda vez pelo capitulo geral para o officio de prior do collegio de S. João da Cruz de Carnide, o qual exercitou pouco mais d'um anno, até á extincção dos conventos.

Então, depois de penosas angustias, graves trabalhos, e mortaes perigos, recolhendo-se aos lares patrios, sem despir o habito da ordem que professára, e na qual tinha vivido 31 annos, o padre fr. João começou uma nova vida, menos regular na fórma e ordem dos actos externos, mas certamente mais perfeita e santa, mais meritoria e mais digna de admiração pelas heroicas virtudes que, expulso do asylo sagrado do claustro, praticou no meio do turbulento e corrompido mundo.

A sua constancia em trazer sempre vestido o habito religioso, foi occasião de padecer incommodos e perseguições até ao excesso de ser mettido na cadeia publica, destinada para os facinorosos.

Saindo brevemente da prisão, porque a innocencia e a virtude, a verdade e a justiça, eram os seus eloquentes advogados, para evitar novos incommodos e repetidas perseguições, seguindo o conselho do Nosso Divino Salvador, Jesus Christo, que disse a seus discipulos: «Se vos perseguirem n'uma cidade, fugi para outra;» o padre fr. João, no anno de 1839 se retirou para esta cidade de Braga, e aqui, o muito reverendo conego, José Maria de Oliveira e Silva, antigo amigo dos religiosos do Carmo, e que desde muitos annos conhecia bem este innocente perseguido, com summa benevolencia e caridade o recolheu em sua casa e o soccorreu e beneficiou quanto poude. Porém sendo o muito reverendo conego extremoso em procurar todo o bem-estar e allivio do padre fr. João, tanto na saude como na enfermidade, este, como perfeito religioso, ainda que muito agradecido ao seu bemfeitor, não foi menos constante em não acceitar mais do que era necessario para sustentar a vida, observando sempre toda a abstinencia e mortificação que tinha professado. Assim homisiado, sem ser criminoso, o padre fr. João, recolhido continuamente em casa do muito reverendo conego, por tempo mais de 14 annos, passou uma vida quasi sempre escondida.

No anno de 1853, tendo já padecido e pa-

decendo graves molestias, e não querendo incommodar por mais tempo e mais gravemente o seu caritativo bemfeitor, ou talvez presagiando a morte do mesmo, pela penosa enfermidade, que elle começava a padecer e da qual falleceu, se retirou para casa do reverendo padre fr. Custodio de Jesus Vieira Lopes, religioso tambem da ordem do Carmo, o qual com extremoso affecto ternamente o agasalhou, beneficiou e serviu, não só como irmão, mas tambem como filho, que no padre fr. João reconhecia um venerando pae.

Depois que o reverendo padre fr. Custodio foi promovido ao ministerio de parocho, e se ausentou d'esta cidade, o padre fr. João além da casa que o mesmo reverendo abbade gratuitamente lhe prestava para morar n'ella, necessitava pela sua avançada edade e continuas molestias, de outro maior amparo e soccorro, o qual por manifesta disposição da Providencia Divina, que nunca falta aos que devéras procuram o reino de Deus, encontrou e gozou muito prompto e de todos os modos perfeito, em casa d'uma virtuosa familia, que com caridade verdadeiramente christã, acompanhada das outras virtudes, o agasalharam, soccorreram e trataram extremosamente até ao ultimo instante da vida.

Os grandes talentos intellectuaes d'este religioso, a sua prompta e certa reminiscencia, a sua luminosa e profunda intelligencia, a sua facil e fecunda invenção de pensamentos e razões, eram bem cenhecidas e até admiradas pelos seus proprios mestres. A extensão e variedade dos seus conhecimentos, a rectidão e prudencia do seu juizo pratico, sobre tudo, a sua firme crença das doutrinas catholicas, a sua inteira submissão ás decisões da Santa Sé Apostolica, e a inabalavel adhesão ás opiniões, seguras, mais provaveis e menos perigosas, lhe mereceram que os prelados da ordem o escolhessem e nomeassem para os importantes officios de ensinar e governar, em os quaes, depois que acabou o curso dos estudos, esteve empregado sempre.

Ordenado sacerdote, emquanto viveu no claustro, exercitou com frequencia o ministerio de prégador evangelico, merecendo sempre nas cidades, villas e aldeias das provincias da Beira, Extremadura e Alemtejo, onde prégou, a gostosa attenção dos ouvintes de todas as classes, e colhendo copiosos fructos espirituaes, da semente da palavra divina, por isso que, além dos talentos naturaes que tinha para desempenhar dignamente o officio de orador, como ministro de Christo, expunha e intimava as verdades da religião catholica com clareza, força e uncção suave, que não só persuadia, mas tambem compungia e movia.

A sua erudição sagrada e a verdadeira sciencia dos santos, que elle sempre preferiu ao estudo das bellas lettras profanas, bem se manifestava nos rectos e prudentes conselhos, que dava a muitas pessoas que em duvidosos e difficultosos casos de consciencia o consultavam, e nas sabias respostas com que resolvia as questões praticas que lhe propunham.

Na cadeira, explicando aos seus discipulos religiosos as doutrinas dogmaticas, moraes e canonicas, com o espirito de intelligencia que Deus lhe infundira, e persuadindo-os com a verdadeira sabedoria que elle tinha bebido nas fontes puras das Divinas Escripturas, e dos Santos Padres, o seu maior empenho era persuadir-lhes que conformassem a sua vida com a sua fé e que para serem verdadeiramente sabios deviam ser tambem santos.

Praticando sempre exactamente o que ensinava no pulpito, nas cadeiras e nas instrucções particulares, o padre fr. João foi um verdadeiro exemplar de todas as virtudes chsistãs e tambem das que são particularmente proprias do estado religioso. De todas deu manifestos indicios desde o noviciado, e todas praticou constantemente em toda a sua vida, tanto dentro do claustro como fóra d'elle.

As causas primordiaes de sua innocencia e santidade, foram o ter recebido de Deus uma innata indole de bondade, e de seus paes uma educação verdadeiramente christã, haver tomado sobre si desde a adolescencia e levado sempre com gosto o jugo da

ligião e o ser penetrado e dominado pelo santo temor de Deus.

Certamente o padre fr. João tinha uma alma boa, generosa e heroica; um coração ternamente compassivo: tão grandes sentimentos de humanidade, que o fazer bem a todos lhe era como natural, e o maltratar e offender alguem, repugnava inteiramente á sua propensão para a beneficencia.

A manifesta e decisiva prova d'esta extremosa bondade, que o caracterisava, era o modo com que elle tractava até os irracionaes, não os maltratando nem se atrevendo jámais a matar o menor insecto ou bichinho, nem mesmo da especie d'aquelles que são mais encommodos.

Com estas bellas qualidades da natureza, aperfeiçoadas pela educação religiosa do claustro, e santificadas pela graça divina que as confirmou e augmentou, o padre fr. João, praticando quantos actos de beneficencia podia, se fez um varão de misericordia, cuja piedade com nenhumas difficuldades nem obstaculos desfallecia.

Sendo verdadeiramente pobre e carecendo até do necessario para a propria sustentação, nada pedindo para si, com extremosa caridade procurava e promovia occultamende esmolas para muitas pessoas indigentes e soccorros para familias desvalidas.

Grandemente empenhado, não só em promover o bem temporal, mas muito mais o espiritual do proximo, com a sua activa e efficaz diligencia, obtinha avultados subsidios para fazer entrar em religiosos recolhimentos e conventos, meninas que queriam fugir dos perigos do mundo ou seguir a vida religiosa.

Geralmente, em suas acções e palavras, em seu trato com eguaes e subditos, com domesticos e estranhos, com amigos e adversarios, com bemfeitores e perseguidores, resplandeceu sempre n'elle aquella caridade verdadeiramente christã, adornada com todos os caracteres maravilhosos, que S. Paulo, na sua Epistola primeira aos Corinthios, attribue a esta, que segundo a doutrina de Christo, ensinada pelo mesmo apostolo, é a maior e a mais excellente de todas as virtudes.

Tanta perfeição e fervor de caridade para com o proximo não podia ter por principio e motivo senão o amor de Deus, occulto no mais intimo de sua alma, mas bem manifesto em o ardente zelo da gloria do mesmo Deus e da salvação das almas, bem manifesto no acatamento, perfeição e compunção com que celebrava o santo sacrificio da missa, e todos os actos de religião, bem manifesto em o total desapego de todas as cousas terrenas e prazeres sensiveis, bem manifesto no doloroso sentimento com que lamentava e detestava os desacatos offensivos da Magestade Divina, o despreso da religião de Jesus Christo, e as perseguições contra a Egreja Catholica e seus ministros.

Todos estes religiosos e santos sentimentos, effeitos demonstrativos do verdadeiro amor de Deus, elle os adquiriu, augmentou e aperfeiçoou no continuo e fervoroso exercicio da oração, em a frequente elevação de seu espirito a Deus pela meditação e contemplação.

Além da devota recitação do officio divino, elle praticava diariamente muitas devoções, a principal das quaes era orar pelas almas do purgatorio, visitar os sepulchros do claustro, e sobre elles esparzir agua-benta, recitando psalmos e responsos; além de celebrar o incruento sacrificio, elle ouvia quasi todos os dias uma ou mais missas; além de outros pios exercicios, em obsequio da Santissima Virgem, da qual era devotissimo: elle a saudava com a *Ave Maria* todas as vezes que ouvia o relogio dar horas, se não estava impedido para cumprir aquelle religioso acto; além de visitar, quanto podia, o Santissimo Sacramento, exposto á publica veneração dos fieis; elle visitava com muita frequencia as egrejas, a via-sacra, e com a visita dos altares procurava lucrar as indulgencias das estações; além das horas, quotidianas de oração mental, determinadas pelas constituições da ordem a todos os religiosos, elle empregava n'este pio exercicio quanto tempo lhe restava do cumprimento de outras obrigações, e tambem quanto podia subtrair ao sommo e descanço, ficando muitas vezes no côro ou na egreja depois que os outros religiosos se recolhiam, e le-

vantando-se pela manhã, uma hora mais cedo para orar, antes de começar a oração da communidade.

A este continuo exercicio da oração, absolutamente necessario para illustrar, santificar e fortificar o espirito, o padre fr. João associou constantemente, desde o noviciado religioso até aos ultimos dias da vida, a mortificação e penitencia indispensavel para sujeitar perfeitamente a carne ao mesmo espirito, e para fazer do homem carnal um varão verdadeiramente espiritual, e verdadeiro discipulo e imitador de Christo crucificado.

Certamente, como apostolo, em toda a sua vida elle trouxe sempre no seu corpo a mortificação do Divino Mestre e viveu crucificado com Christo. A sua mortificação e penitencia, ainda que isenta de extraordinarios excessos de rigores, foi verdadeiramente perfeita e heroica. Perfeito observante de todas as austeridades da ordem, no vestido, no calçado, no leito, na solidão, no silencio, nas vigilias, na frequencia do côro, na flagellação e n'outras mortificações, não se limitando a cumprir sómente quanto estava mandado, accrescentava quantas obras de superrogação podia para mais se mortificar. Nas muitas e longas jornadas que por obediencia fez de uns conventos para outros, a fim de cumprir os empregos para que foi nomeado, privando-se voluntariamente do commodo de transportar-se em cavalgadura, conforme o permittiam as constituições da ordem, caminhava quasi sempre a pé, lucrando assim para si o merecimento da mortificação pelo trabalho e cansaço e renunciando em utilidade do convento o que licitamente podia gastar sem offensa da pobreza religiosa. Evitando a menor e licita modificação na observancia dos regulamentos da ordem, nunca nem pelo rigor do frio, nem por causa de enfermidades, nem pela sahida do claustro, nem pela conformidade com o seculo, se calçou de modo que não fosse conforme á profissão e nome de Carmelita Descalço.

Além de cumprir sempre exactamente e com rigor todos os jejuns determinados pelo preceito geral da Egreja Catholica, e os particulares jejuns da regra primittiva dos carmelitas, que são continuos desde o dia 14 de setembro até á Paschoa da Resurreição e tambem os das sextas feiras dos outros mezes do anno, e das vigilias de particulares festividades, determinados pelas constituições da mesma ordem, jejuava tambem por sua devoção em todos os sabbados para honrar a Santissima Virgem; e por isso em todo o anno poucos eram os dias em que não se mortificava com grave abstinencia. Podendo licitamente, por justa causa ou motivo, eximir-se algumas vezes d'esta penitencia quasi continua, nem a falta de saude, debilidade, justa excepção, que a mesma regra bem expressamente declarava, nem a isenção do jejum, que as constituições da ordem concediam ou permittiam que os prelados concedessem algumas vezes aos religiosos, e particularmente aos prégadores e mestres, em attenção aos seus maiores trabalhos eram bastantes para que o padre fr. João deixasse de praticar essa continua penitencia.

Egual era tambem a sua rigorosa observancia da perpétua abstinencia de alimento de carne; e ainda que falto de forças e padecendo molestias frequentes, não affrouxava no cumprimento d'esta mortificação, nem cedia facilmente a conselhos, mesmo dos medicos, sendo necessario toda a auctoridade de seu prelado e a força da virtude da obediencia para o obrigar a usar do alimento de carne quando a enfermidade não era manifestamente perigosa ou muito grave.

N'este rigor foi muito mais extremo nos vinte e sete annos que viveu depois da extincção dos conventos; porque além de nunca se utilisar da despensa d'este ponto da regra, a qual foi concedida pelo Summo Pontifice aos carmelitas egressos dos conventos padecendo muitas e graves enfermidades, particularmente nos ultimos annos da sua vida, não tendo prelado ao qual fosse obrigado a obedecer em taes actos, era necessario todo o absoluto e decisivo imperio do professor da medecina, para o obrigar a observar os regulamentos de perfeita diecta, necessaria para curar a enfermidade e recobrar a saude e as forças.

Entre os pungentes espinhos d'estas e d'outras muitas particulares e occultas mortificações, procurava conservar sempre, sem a menor mancha, o fragrante lyrio da pureza, regado com as influencias celestes do orvalho das graças divinas, cultivado com os pios exercicios de perenne devoção á Santissima Virgem, e defendido dos furiosos ventos das tentações com a vigilante cautella em guardar a perfeita modestia religiosa, de todos os sentidos externos.

Sendo assim pelo perfeito cumprimento do voto de castidade e por esta rara e delicada virtude, um digno filho da Santissima Virgem Maria, Mãe dos Carmelitas; tambem no total desapego das cousas terrenas, e na constante observancia do voto da pobreza religiosa, foi verdadeiro imitador dos primittivos monges do Carmelo e dos novos carmelitas descalços reformados, socios de S. João da Cruz. Ainda que mestre e prelado, nunca teve para seu uso particular cousa alguma mais do que o habito e roupa interior que trazia vestida e aquella, com que se cobria no leito, nem mesmo algum livro mais do que o breviario.

Por isso, quando se transportava d'um convento para outro, a sua mobilia ou bagagem era, uma tunica ou camisa de sarja, umas sandalhas, o breviario e as disciplinas. Em vinte e sete annos que viveu fóra do claustros, nunca pretendeu a prestação para sustentar-se; sem ter officio nem emprego em tantos annos, verdadeiramente pobre, sustentou-se com a esmola da missa e com outras esmolas que a caridade d'algumas pessoas que o conheciam lhe offereciam sem elle as pedir, e que elle muitas vezes recusava acceitar, como menos necessarias para si, e mais necessarias para outros pobres, com os quaes algumas vezes repartia isso mesmo que lhe davam.

Se no fim da sua vida, por persuasões e diligencias de pessoas que se compadeciam das necessidades que elle padecia, foi habilitado para receber a prestação, essa habilitação foi para a sua delicada consciencia occasião d'angustias e afflicções espirituaes, até o extremo de recear e recusar acceitar essa pequena quantia de dinheiro, que seus bemfeitores lhe tinham agenciado

Perfeito observante da lei de Deus e de todos os preceitos e leis canonicas da Santa Egreja, pontualmente exacto na observancia da regra e constituições da ordem que professou, sempre inteiramente submisso á vontade de seus prelados e prompto em cumprir quanto elles lhe mandavam, ou simplesmente indicavam, por mais incommodo que fosse, o padre fr. João foi um religioso verdadeiramente obediente, e cuja vida no claustro foi um continuo sacrificio d'obediencia, e fóra do claustro se fez uma victima de conformidade e resignação com a vontade do nosso Deus, e d'aquelles a quem elle respeitou sempre como ministros do Altissimo.

Tantas e tão perfeitas virtudes deviam ter, e certamente tinham, por solido fundamento a mais profunda humildade, que bem claramente se manifestava em todo o procedimento do padre fr. João. Mestre ou prelado, portou-se sempre com seus discipulos e subditos conforme o preceito de Jesus Christo, como se fosse o menor e o servo de todos.

Occultando quanto podia os proprios talentos e virtudes, respeitando a todos, elogiando os outros, attribuindo-lhes sempre boas qualidades e desculpando os defeitos d'elles, parecia reputal-os sempre, segundo o conselho do Apostolo, superiores a si mesmo.

Mas quanto mais profundamente se abatia, tanto mais se fazia digno de ser respeitado, e assim conciliava e merecia a benevola familiaridade, attenções e obsequios d'alguns illustres personagens, ministros de estado, e prelados da Egreja, que o conheciam, estimavam e honravam.

Assim a sua humildade crescia em proporção das honras que lhe faziam; mas crescendo, sempre resplandeceu mais luminosamente quando no mez de março de 1833 foi nomeado arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente. O aviso d'esta nomeação, sendo mandado da secretaria d'estado e entregue por um correio particular ao padre fr. João, foi para elle como o estampido d'um raio, que gravissimamente o assombrou, perturbou e atterrou.

A noticia da nomeação para tão alto e honroso ministerio, que naturalmente excitaria em outro eleito gostosas emoções de satisfação e alegria, produziu em o humilde padre fr. João, afflicções e angustias inexplicaveis. Gemidos, suspiros e lagrimas foram os manifestos indicios da sua verdadeira humildade, pela qual se reputava insufficiente para levar o peso do ministerio episcopal, superior ás virtudes Angelicas, e se julgava indigno de exercitar tão alto e santo emprego; sendo muito certo que, se o acceitasse, seria realmente um verdadeiro pastor do rebanho de Jesus Christo, um prelado digno dos primeiros seculos da Egreja Catholica, e perfeito imitador dos varões apostolicos. Constante nos sentimentos e proposito de sua humildade, resistiu sempre a todas as insinuações e instancias que lhe fizeram, domesticos e estranhos, para que acceitasse o sagrado ministerio, em o qual daria muita gloria a Deus, faria grande serviço á egreja e ao estado, e conduziria muitas almas para o ceu.

Tão ponderosos motivos, na balança da sua timorata consciencia, não pesaram mais do que os intimos sentimentos da sua insufficiencia e indignidade, e por isso nunca acceitou. N'este procedimento de humildade não só imitou os grandes, mas humildes santos Bernardo de Claraval, Thomaz d'Aquino, Bernardino de Sena, Francisco de Borja, Filippe Neri o outros, mas tambem cumpriu os altissimos e incomprehensiveis juizos da Providencia Divina, que tinha destinado dar ao paiz natal d'este religioso, na pessoa d'elle, um grande exemplar e publico testemunho das virtudes evangelicas, que n'este seculo de desmoralisação e corrupção ainda se aprendiam e praticavam nos claustros reformados.

Se a falsa philosophia não reconheceu em o padre fr. João essas virtudes, a verdadeira philosophia as admirou; se a malicia de libertinos occultamente as motejou e despresou, a innocencia publicamente as respeitou e honrou.

Tão santa vida devia ter um fim egualmente, ou ainda mais santo; assim aconteceu. Nos ultimos annos, o padre fr. João padeceu um penoso martyrio d'escrupulos, causado não por defeitos reaes, mas sim pelo temor do menor defeito e pelo desejo da maior perfeição em tudo, e principalmente do cumprimento da obrigação do officio Divino, que elle resava de joelhos, empregando na recitação d'elle, muitas horas, e recitando-o com uma vehemencia d'expressão e vivissimos sentimentos religiosos, que o cansavam grandemente e excitavam a compaixão em quantos o viam resar. Iguaes, ou maiores eram os sentimentos de temor, reverencia, devoção e compunção que o dominavam quando celebrava o santo sacrificio da missa, por força dos quaes prolongava muito o tempo da celebração; derramava copiosas lagrimas, e por isso se abstinha de celebrar em publico. Mas es e penoso martyrio, que o purificava, não obscurecia a luz da sua intelligencia, não perturbava a paz de seu espirito e nem diminuia a perfeição de suas virtudes, nem alterava a boa ordem de suas acções, nem o despojava de sua natural affabilidade.

No fim de sua prolongada vida, consagrada toda á gloria de Deus e ao bem do proximo, e santificada com as virtudes já referidas, o padre fr. João, abatido com o peso de mais de 73 annos, macerado com rigorosas austeridades, atormentado com antigas enfermidades, que cada dia se aggravavam mais, afflicto com as timidas anciedades de escrupulos, angustiado com dolorosos sentimentos pelas calamidades publicas, pelas tribulações da egreja e pelas perseguições contra o vigario de Christo, mortificado com tantas dores do corpo e de espirito, que elle soffria com paciencia e affavel alegria, já desfallecido no corpo, mas sempre vigoroso no espirito, morto já para o mundo e vivo só para Deus, tranquillo esperou e viu o dia da sua morte, para a qual se havia preparado sempre, e proximamente se dispoz, recebendo com pia e terna devoção os santos sacramentos.

Prevenido assim com todas as disposições necessarias, para que a sua morte fosse preciosa na presença do Senhor, em 16 de março de 1861, fechou os olhos do corpo á luz do dia e abriu os da alma á luz eterna, passou do desterro á patria, terminou os trabalhos temporaes, para receber premios eter-

nos, que piamente podemos crer já terá recebido, ou eternamente receberá como, justa recompensa de suas heroicas virtudes.

No dia 18 do referido mez, o humilde e pobre funeral d'este religioso, pobre e humilde, foi officiado e celebrado pelos religiosos da mesma ordem do Carmo, residentes n'esta cidade, e por alguns outros pios ecclesiasticos, que gratuitamente concorreram a elle; e foi tambem honrado com a presença de algumas respeitaveis pessoas de graduação, e pela voluntaria e obsequiosa assistencia de mais de 100 estudantes do segundo e terceiro anno das aulas maiores do seminario archiepiscopal, e de todos os alumnos do seminario dos orphãos d'esta mesma cidade. As lagrimas dos religiosos do Carmo e a compunção de todos os circumstantes tornaram este funeral verdadeiramente religioso, e mais honroso para o reverendo padre fr. João do que todas as honras da pompa mundana.

Seu corpo repousa sepultado na egreja do Carmo d'esta cidade, e alli espera o grande dia da resurreição geral, em o qual será tanto mais gloriosamente transformado, quanto mais gravemente foi mortificado. Então será devidamente manifestada e justificada a causa de todo o seu procedimento religioso, e á luz divina da verdade eterna se verá claramente que elle praticou verdadeiras virtudes, que a santa religião de Jesus Christo ensina; virtudes pelas quaes foi verdadeiramente amado de Deus e dos homens, e sua memoria é certamente digna de benção.

(Extrahido da *Atalaya Catholica*)

—

Cumpre-me aqui agradecer ao meu nobre amigo, o ex.$^{mo}$ sr. dr. J. J. da S. Pereira Caldas, illustradissimo lente de mathematica, do Lyceu Nacional de Braga, os muitos e preciosissimos esclarecimentos que com a sua proverbial delicadeza e generosidade, me facultou.

**BRAGADA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Santa Eufemia, virgem, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança.

Situada em um valle profundo, junto ás margens do *Azibro*.

Tem ao N. a serra da Pena Mourisca e das mais partes outeiros continuos.

A antiga matriz estava até 1725 além do rio, ao O., e foi então mudada para a povoação, para o sitio onde hoje está.

Era annexa á abbadia de Sendas, cujo abbade apresentava aqui o cura, que tinha de renda 6$000 réis, 10 almudes de vinho, 30 alqueires de pão e o pé d'altar.

Produz trigo, centeio, milho, vinho e castanha, quanto basta para o consumo da terra, que é pobre. (Já ha 120 annos tinha a mesma população.)

**BRAGADINHA** — Traz-os-Montes. Havia uma grande povoação d'este nome, proximo a Bragança, cujos moradores, levados de um reciproco e implacavel odio, com maldito furor, se mataram todos uns aos outros, em um só dia, ficando apenas alguma mulher, que se pôde esconder. Consta isto das *Inquirições* de D. Affonso III, de 1260. D. Diniz, achando-se em Thomar, a 9 de dezembro de 1286, decidiu a reedificação d'este povo, supprimindo-lhe o antigo nome, e dando-lhe o nome de Villa-Franca. (Vide Villa Franca de Lampassas.)

**BRAGADO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 85 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A egreja era commenda dos condes de S. Lourenço.

Situada em valle, d'onde só se descobre a freguezia de Pensalves e parte do Valle de Bornes. Compõe-se de 4 aldeias, que são Carrazedo, Monteiros, Villela e Bragado, onde está a egreja.

A capella-mór da matriz foi feita pela commenda, que depois continuou a occorrer com as despezas e conservação d'ella. O vigario era collado, apresentado pelo reitor

de Pensalves. Tinha 16$800 réis, 40 alqueires de pão e o pé d'altar, que rendia uns 13$000 réis.

E' terra fertil em milho, centeio, e algum trigo, azeite e castanha.

**BRAGÁDO** — serra na freguezia do mesmo nome. É alta e alcantilada (em partes inaccessivel). Tem 6 kilometros de comprido pelo O., por onde confina com o rio Tâmega. Pelo S. confina com o rio Avelanes, e pelo N. com a freguezia de Capelludos.

Do mais alto d'esta serra, onde se chama as *Torres*, se descobrem muitas povoações da provincia.

Tem muita caça grossa e miuda. Tem muitos castanheiros e bastantes oliveiras.

No cume d'esta serra nascem muitas fontes, quasi todas perennes, que vão engrossar o Tamega e o Avelanes.

**BRAGANÇA**—cidade, Traz-os-Montes, districto administsativo, praça d'armas, 12 kilometros ao S. da raia de Hespanha, 50 ao NNO. de Miranda, 215 ao NE. do Porto, 480 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos, 4:500 almas em duas freguezias (Sé e Santa Maria); no concelho 3:920 fogos, na comarca 12:000, no districto administrativo 33:320.

Em 41° 32' de latitude e 12° 10' de longitude.

É situada junto ás margens do pequeno rio *Fervença* (que banha os muros da cidade, e morre no *Sabor*) em vasta, alegre e fertil planicie, proximo das ruinas da antiga *Brigancio*, e construida com os seus despojos.

A terminação de *briga* (de que os romanos depois fizeram *brica*) que teem quasi todas as grandes povoações antigas da nossa peninsula, tem sido causa de controversias entre os escriptores, e de se formarem duas opiniões inteiramente contrarias, isto é dizem uns que as cidades assim terminadas em *briga* foram fundadas ou reedificadas por *Brigo*, quarto rei de Hespanha, que viveu pelos annos do mundo 2090 (1914 antes de JesusChristo), ou que, por elle ser um bom rei, muitas ou quasi todas as cidades adoptaram o seu nome. A segunda opinião (e mais geralmente admittida, por mais provavel), é que *briga*, na antiga lingua lusitana, significava *cidade* ou *povoação*.

Na falta pois de provas que nos tirem de duvidas e hypothesis a este respeito, é licito a cada qual seguir a opinião que mais lhe agradar.

É preciso notar que a similhança dos nomes antigos com coisas modernas, ou com os nomes modernos das coisas, e o desejo de descobrir etymologias (doença de que eu sou soffrivelmente affectado) tem induzido muitos etvmologistas em erros palmares.

Ainda mais — a mesma palavra serve para sustentar opiniões diversas (como o mesmo artigo de qualquer das nossas leis serve para o auctor e para o reu, segundo a interpretação que os advogados lhe dão), v. g. —*Lacobriga* (Lagos).—Os partidarios do rei *Briga* a dão como prova da sua opinião, dizendo que esta palavra claramente significa *Lago de Briga* (porque na verdade proximo a Lagos ha uma grande lagôa ou lago). Os outros dizem que *Lacobriga* significa evidentemente *Cidade do Lago*. Ora não parece que ambas as opiniões teem bons fundamentos para se sustentarem?

Tratemos pois de Bragança.

—

A antiga Bragança, cujas ruinas ainda se vêem proximo d'esta cidade, foi, segundo muitos auctores, fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, no anno do mundo 2098 (1906 antes de Jesus Christo).

O padre Cardoso, seguindo a opinião de alguns antigos escriptores, diz que o seu primeiro nome foi *Celiobriga*, e que só depois veio a chamar-se *Brigancio* ou *Brigancia*.

Bragança esteve por muitos seculos sujeita ás differentes alternativas das outras cidades peninsulares, e sob o jugo de differentes dominadores.

—

No tempo dos romanos já Bragança era uma povoação muito importante, e o imperador Augusto Cesar lhe poz o nome de *Juliobriga*, em honra de Julio Cesar, seu tio.

Julio Cesar havia reedificado Bragança e a fez municipio do antigo direito latino.

—

Os godos lhe restituiram o antigo nome.

A sua importancia não tinha diminuido

no tempo dos godos e dos reis de Leão, visto que foi sempre governada por *condes*, pessoas das principaes familias das Hespanhas, e que só acceitavam os governos de cidades grandes e de consideração.

D. Affonso III de Leão fez conde de Bragança, pelos annos de 825, o famosissimo e esforçado cavalleiro D. Pelayo.

Com as continuas e diuturnas guerras dos christãos contra os arabes, estes tomaram muitas vezes e saquearam Bragança, arrazando-a mais ou menos, de cada vez que a occupavam, e segundo o tempo que tinham; pelo que se arruinou e despovoou completamente.

Em 1130, D. Fernão Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques, e grande senhor de Traz-os-Montes, achando-a destruida e abandonada, e não gostando do sitio em que estava fundada, principiou a sua fundação no actual sitio.

Chamava-se á aldeia que existia no local da actual cidade de Bragança—Bemquerença, e foi Bemquerença o primeiro nome da nova villa, á qual depois se deu o nome da destruida cidade de Bragança. Esta aldeia (Bemquerença) era do mosteiro de Castro de Avellans e o rei deu por ella, em troca, as villas de Pinéllo e Santulhão, para o assento da nova villa e seu termo; pois que a aldeia e todo o territorio circumvisinho eram dos frades. (Vide Bemquerença.)

Os mouros destruiram ainda esta nova cidade, pelo que D. Sancho I a reedificou e mandou povoar de novo, em 1185, ou, segundo outros, em 1187, com grandes fóros, e privilegios, para attrahir para aqui população.

No tempo dos godos, e até ao completo abandono de Bragança (a primitiva) era do senhorio dos frades do convento de Castro de Avellans, que já existia em 667. (Vide Castro d'Avellans.)

Andou desde então na corôa, até que D. Fernando a deu, e a villa do Outeiro, a João Affonso Pimentel, em dote de sua cunhada D. Joanna Telles de Menezes, irman bastarda da rainha D. Leonor, e commendadeira que tinha sido de Santos, da Ordem de S. Thiago.

Por morte de D. Fernando, João Affonso Pimentel tomou o partido de Castella, contra a sua patria, pelo que D. João I lhe tirou quanto elle tinha em Portugal; mas os castelhanos lhe deram o condado de Benavente. (Este Pimentel é progenitor dos marquezes de Tavora e de Vianna, e dos condes da Feira.)

Uma vez que Pimentel se tinha tornado traidor á patria, parece que devia perder *tudo* quanto tivesse em Portugal; todavia os reis de Portugal pagaram por muitos annos aos condes de Benavente (cujas armas ainda existem no castello) *dois açores de Irlanda*, ou por elles 24$000 réis.

Foi tambem senhor de Bragança, D. Fernando, filho bastardo do infante D. João e neto de D. Pedro I, casado com D. Leonor Coutinho, e senhor do couto de Leomil. Succedeu-lhe no senhorio de Bragança, seu filho D. Duarte; mas, morrendo sem filhos, o infante regente D. Pedro (o de Alfarrobeira) a deu, a titulo de ducado, a seu meio irmão, D. Affonso, conde de Barcellos, que foi o primeiro duque de Bragança. (Vide Barcellos.)

Desde então tem andado sempre na casa de Bragança.

—

Foi antigamente uma forte praça d'armas, toda murada e com um antiquissimo e grande castello (que tem 100 metros de altura e 50 de diametro, segundo diz o padre Cardoso, podendo n'elle manobrar muito á vontade mil combatentes) muito bem conservado. Dizem que foi edificado por D. Diniz, no fim do seculo XIII, mas foi ampliado (e provavelmente reedificado) por D. João I (cujas armas se vêem no castello) pelos annos de 1390.

Tanto a cidade como o castello, e um forte que está a NO., são de tal modo dominados pelas alturas circumvisinhas, que nenhum d'estes tres ponctos é defensavel. Parte da muralha do castello foi demolida pelos hespanhoes, em 1762, arruinando então tambem o forte.

Junto ao castello estão as ruinas de uma casa acastellada, que era dos duques de Bragança, e onde por seculos viveram os alcaides-móres (do appellido de Figueiredo

Moraes Sarmento, de Azuffe, da familia dos condes de Ervedosa).

Consta que n'uma concavidade do castello nascem aguas, parte das quaes se conserva em grande porção, e parte se evacúa por aqueductos hoje desconhecidos.

O quartel militar, foi mandado edificar pelo general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, em 1800.

A casa da camara é celebre pela sua muita antiguidade (segundo a sua architectura e a tradição, é obra romana) e foi por muitos annos paço dos duques de Bragança; mas é só celebre por isso, que, no mais, é edificio sem merecimento nenhum artistico. Para maior desgraça, ha cousa de 30 annos, uns vereadores tiveram a lembrança de lhe mandar abrir umas janellas quadradas, destoando tanto do edificio, que o tornam caricato.

—

Bragança divide-se em duas partes, uma chamada a villa e outra cidade. A villa é mais antiga e n'ella se acha o castello. Occupa uma elevação ao N. A cidade é na baixa e ao SO., O. e NO. da villa.

Na villa está a egreja matriz de Santa Maria do Castello. O prior tinha 130$000 réis e quatro ecónomos, cada um com 40$000 réis. D'esta parochia são freguezes metade dos moradores da cidade. Tambem é na villa a capella de S. Thiago, que foi commenda da Ordem de Christo e rendia 200$000 réis.

Na cidade é a freguezia da Sé (antigamente, quando aqui não havia bispos, era orago S. João Baptista) o abbade era apresentado pelo bispo e tinha de renda réis 200$000.

—

Conventos

1.°—Frades franciscanos, observantes, que se diz fundado pelo proprio S. Francisco de Assis, patriarcha e fundador da Ordem, que aqui esteve então. Consta que a sua assignatura existe no archivo da camara, na escriptura que fez com os vereadores, quando fez o convento. Foi fundado em 1214, reinando D. Affonso II.

Em 1728 soffreu um terrivel incendio, mas, pelo zelo do general Sepulveda (de que já fallei) por esmolas do povo e á custa da Ordem, foi reedificado em 1800. Hoje faz dó vel-o, no mais atroz abandono, sem portas nem janellas e destelhado. Antes de pouco será um montão de ruinas.

Foi o segundo d'esta Ordem, em Portugal.

2.°—Collegio de jesuitas, fundado pelo povo de Bragança, que o deu aos padres da Companhia, em 1561, com licença do bispo de Miranda, D. Antonio Pinheiro.

3.°—Freiras franciscanas, de Santa Clara, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, fundado por D. Catharina, mulher de D. João III, pelos annos 1570. Outros dizem que a fundadora foi D. Catharina, duqueza de Bragança (e não a viuva de D. João III) pelo mesmo tempo.

A camara era padroeira d'este convento, e tinha o privilegio de dispor de 45 logares, para outras tantas donzellas de Bragança, que podiam professar n'este convento, não dando mais do que meio dote.

4.°—Freiras bentas, de Santa Escolastica, fundado por D. Maria Teixeira, viuva, d'esta cidade, que o dotou com todos os seus bens, pelos annos de 1600. As primeiras freiras que povoaram este convento, vieram de Vairão.

(Um d'estes conventos foi supprimido em 1853, pela morte da ultima freira.)

—

Bragança tem uma soffrivel egreja da Misericordia com nove capellães, bom hospital, e varias capellas dentro e fóra da cidade.

Tem tambem a egreja de S. Vicente, com dois beneficiados.

—

Bragança foi em outro tempo celebrada pelos magnificos veludos, damascos, gorgorões e outras fazendas que fabricava primorosamente e em grande escala; mas esta industria decaiu. Hoje torna a querer readquirir a sua antiga fama, n'este ponto, com o grande desenvolvimento que se tem dado n'estes ultimos annos á creação do *sirgo*, e producção da seda. Deus queira que os bragantinos não desanimem, pois d'esta indus-

tria lhes ha de porvir certamente riqueza e prosperidade.

Teve uma magnifica fabrica de veludos, por conta do estado.

Já em 1846 exportou 41:500$000 réis de belbutinas, 42 contos de réis de chitas, 45 contos de lenços de algodão, 80 contos de pannos de linho e algodão e 11 contos de lã em bruto e em chapeus, além de outros muitos artefactos, ao passo que a sua importação foi apenas de 13 contos. É a mais importante *alfandega secca* (ou interior) de todo o reino.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 4.°

—

Tem por armas, um escudo coroado e n'elle um castello de prata, em campo azul, sobre um prado verde.

Na *Chorographia Portugueza* (tomo 2.°, pag. 144) vem assim o seu brazão:

Escudo em palla, do lado direito, uma aguia parda, com as azas estendidas, mettida entre duas meias luas e duas estrellas, postas em aspa. Do lado esquerdo a esphera armilar e no centro o escudo das quinas portuguezas.

Segundo o *Livro d'Armaria*, de Alcobaça, são:

Em campo verde, um pato de prata, em pé, dentro d'agua, e de angulo a angulo duas estrellas de oito raios e dois crescentes com as pontas para baixo.

Como as traz o sr. I. de V. Barbosa (as que primeiro descrevi) são as mais usadas.

—

D. Sancho I lhe deu foral, quando a reedificou e mandou povoar, em 1187, confirmado em Guimarães, por D. Affonso II, em abril de 1219, e outra vez confirmado em Guimarães, a 4 de julho de 1219, pelo mesmo rei, e, finalmente, confirmado por outro foral que lhe deu D. Affonso III, em Chaves, a 20 de maio de 1253.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 11 de novembro de 1514.

—

Quanto ao bispado, vide Miranda.

—

Ha n'esta cidade varias pedras com inscripções romanas e outras antiguidades.

—

Tem no seu termo minas de estanho, prata e amianto.

—

É quartel de caçadores n.° 3 e cavallaria n.° 7.

—

É terra bastante fria, mas produz toda a qualidade de cereaes (principalmente milho) legumes, hortaliças, vinho verde, fructas e muito bons pastos, onde cria bastante gado.

—

Aqui foi martyrisado Santo Arcadio, bispo d'esta cidade, discipulo do apostolo S. Thiago, a 4 de março do anno 60, imperando Néro.

D'este facto e da tradição, se collige que a antiga *Brigancia* teve bispos nos primeiros seculos do christianismo e talvez até á invasão dos povos no norte da Peninsula. Do tempo dos godos, não me consta que aqui houvessem bispos.

—

No dia 1.° de janeiro de 1354, se receberam n'esta cidade, o infante D. Pedro (depois rei) com D. Ignez de Castro, assistindo á ceremonia D. Gil, bispo da Guarda e Estevão Lobato, guarda-roupa de D. Affonso IV. *Si vera est fama.*

—

Tinha esta cidade e seu termo grandes privilegios de couto, de homisiados, pelo que aqui se acoutavam muitissimos e grandes facinorosos. D. João I aboliu o couto, destruindo esta *colheita* de malfeitores.

—

Ha n'esta cidade tres praças. Uma na villa, dentro do castello, onde está o pelourinho e casa da camara, e duas na cidade. Tem mais um formoso terreiro, onde se faziam antigamente cavalhadas, corridas de touros, justas, torneios, etc.

—

A agua da fonte chamada de Affonso Jorge, dizem que cura a dôr de pedra. A mesma virtude se attribue á da fonte do Conde. No termo de Bragança, na quinta de Valle

de Flores, ha uma fonte de agua permanente adstringente (dizem).

—

Era cidade prosperissima, quando tirava grandes recursos das suas fabricas de sedas, veludos e gorgorões, que exportava para toda a parte do reino e para o ultramar, e do grande commercio que sustentava com os hespanhoes.

—

Em 12 de junho de 1808, teve logar a patriotica revolução de Bragança, propagando-se logo a ambas as provincias do norte, contra Junot e suas hordas; a qual deu em resultado a derrota e retirada d'este general, para França.

—

No dia 30 de agosto de 1848, houve n'esta cidade, em Villa Nova de Fonte Arcada e por estas redondezas, um espantoso furação, que, durando apenas 20 minutos, causou prejuizos de muitos contos de réis, em vinhas, olivedos, arvores de todas as qualidades, gados, etc. Foi um dia de horror para os habitantes d'estes sitios.

—

Bragança tem uma bella rua, guarnecida de bons edificios, e mais algumas soffriveis.

Os seus melhores edificios publicos, são a Sé, a casa que foi dos jesuitas e o convento de S. Francisco.

Os melhores edificios particulares são as bellas casas dos srs. Mirandas, Leites Bandeiras e Figueiredos, etc.

—

Tem estação telegraphica de primeira ordem (ou do estado) por ser capital de districto, pelo decreto de 7 de abril de 1869.

—

O primeiro duque de Bragança foi D. Affonso, filho natural, reconhecido, de D. João I, feito por seu irmão, o infante regente, D. Pedro. Este D. Affonso casou com D. Beatriz (ou Brites) Pereira, filha unica do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Vide Barcellos.

O ultimo foi D. João II, depois rei de Portugal e 4.° do nome. No reinado de D. Affonso VI, se encorporou na corôa o ducado de Bragança.

O primeiro duque de Bragança, o houve D. João I de Ignez Fernandes Esteves, natural da Guarda. Seu pae era um judeu converso, natural de Castella, sapateiro de profissão, chamado Mem da Guarda, por alcunha o *Barbadão*; que morreu e está sepultado na villa de Veiros.

É d'este sapateiro judeu que procedem muitas casas reaes da Europa, e grande numero das principaes casas titulares de Portugal e dos condes de Arondel na Inglaterra. Vide Guarda.

De D. Affonso I e de sua mulher procedem os seguintes duques de Bragança: D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jayme, D. Theodosio I, D. João I, D. Theodosio II, D. João II, que em 1640 foi acclamado rei de Portugal, com o nome de D. João IV.

Desde então se intitulam duques de Bragança os primogenitos dos nossos reis.

Aqui nasceram, no seculo IV, S. João e S. Paulo, irmãos. Foram para Roma com seu parente Galiano, que era da côrte de Constantino Magno.

Foram martyrisados em Roma, por ordem do imperador Juliano, Apostata, em 354.

—

Aqui nasceram os santos Domicio, Pelagia, Aquila e Theodosia, martyrisados a 23 de março do anno 300, imperando Diocleciano.

É patria do celebre jurisconsulto e escriptor Antonio de Paiva e Pona, auctor de varias obras de jurisprudencia.

Apenas formado em Coimbra, foi feito provedor de Miranda. Depois, corregedor de Evora e finalmente do Desembargo do Paço.

Aqui nasceu tambem seu filho José de Barros de Moraes Pona, mestre de equitação de D. José I, auctor da *Arte real de cavallaria*, monteiro-mór de Villa Real e cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Era formado em direito pela Universidade de Coimbra.

**BRANCA** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, 30 kilometros ao NE. de Aveiro, 50 ao S. do Porto, 6 ao S. de Oliveira de Azemeis, 60 ao N. de Coimbra, 30 ao SO. de Arouca, 265 ao N. de Lsboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 338 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Estarreja, e até 24 de outubro de 1855 do concelho do Pinheiro da Bemposta, que foi então supprimido.

Foi antigamente do bispado de Coimbra.

É uma freguezia grande, mas tem-se desenvolvido pouco.

Situada em campina fertil e bonita, cortada pela estrada real de Lisboa ao Porto, e encostada a um monte, que lhe fica a NNE. e E., do qual se descobrem muitas povoações e o mar.

O prior é da apresentação do padroado real, e tinha de renda 600$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era apresentado pelos marquezes de Angeja, e rendia 500$000 réis.

É terra muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho verde.

N'esta freguezia nasceu e vive o illustrado jurisconsulto o sr. dr. Pereira Pinto.

*Branca*, no portuguez antigo, significava bouça, brenha, tapada. Era, e é, tambem nome proprio de mulher. E' povoação muito antiga e julga-se dever o seu nome a uma dona chamada Branca, que a possuiu antigamente; mas talvez o deva a alguma grande tapada ou bouça que aqui houvesse.

**BRANCANES** (contracção de *Branca Annes*)—Lindo convento (hospicio) de missionarios apostolicos, de que era padroeira Nossa Senhora dos Anjos. E' na cidade de Setubal. Foi fundado pelo veneravel fr. Antonio das Chagas, auxiliado por D. Pedro II, em 1682. Foi edificado em um terreno que de remotos tempos se chamava de *Branca Annes*, e ainda conserva esse nome. Tem uma linda cerca arborisada. E' situado em uma encosta junto á cidade, em posição muito formosa e pittoresca.

Teve esta egreja um quadro de grande valor, era a Annunciação de Nossa Senhora, original de Raphael de Urbino. Innocencio XI o deu á rainha D. Catharina, filha de D. João IV, que viuvando de Carlos II de Inglaterra, voltou a Portugal. Ella deixou por herança, a seu sobrinho, o infante D. Francisco, este precioso quadro, e o infante o doou ao convento. Sendo este profanado em 1834, veio o quadro para a galeria de pinturas da academia das bellas artes, de Lisboa, onde ainda existe.

O edificio e vasta quinta annexa, é hoje propriedade do sr. Agostinho Albino.

**BRANCAS**—aldeia, Extremadura, concelho, freguezia e 1:500 metros da villa da Batalha, comarca e 12 kilometros ao SO. de Leiria.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Proximo a esta aldeia (a uns 250 metros) entre a quinta do Pinheiro e o sitio das Sentas, ha uma nascente de agua, de duas telhas, verdadeiramente salgada.

Ao N. d'esta fonte, cousa de 20 metros, ha outra, que dá apenas meia telha de agua, tambem salgada. Ambas ficam ao lado do caminho que vae da Batalha para Porto de Moz, e a L. do ribeiro.

Ainda a distancia de uns 400 metros, da primeira nascente, e tambem na margem do referido caminho, no sitio chamado Moinhos de Cima, rebenta outra meia telha, da mesma natureza; deixando na sua passagem, sal crystalisado. Ha aqui vestigios de salinas, e, segundo a tradição, tambem se extraiu sal das outras nascentes.

Diz-se que se abandonou esta exploração pelos pesados tributos que lhe impoz a camara de Leiria. Vide Rio Maior.

**BRANDARA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto, dos Bezerras, de Canadéllo.

O abbade era apresentado pelos morgados de Canadéllo, tinha de rendimento 250$000 réis.

E' n'esta freguezia a grande quinta do Paço, do sr. Manuel de Vasconcellos e Sousa.

Ha vestigios de antigas fortificações, no sitio do Castello.

**BRASFEMES**—vide Brafemes.

**BRASSAL**—vide Braçal.

**BRAVÃES**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho de Ponte da Barca, 25 kilometros ao NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Está situada em um valle.

A matriz é muito antiga e toda de cantaria lavrada, com varias figuras.

O reitor era apresentado pelo ordinario, e tinha 150$000 réis.

Consta que a capella de Santa Leocadia foi a primeira matriz, no tempo dos templarios, que foram senhores d'esta freguezia, por ser couto d'elles.

E' fertil. Passa pelos fins da freguezia o rio Lima.

Houve aqui um mosteiro de cruzios (que era coutado) fundado por D. Vasco Nunes de Bravães, rico homem d'aqui natural, pelos annos 1080. Era um dos principaes vassallos de D. Affonso VI, de Leão, e tronco dos Gallegos ou Ratinhos. Depois foi commenda da Ordem de Christo, mas reitoria da mitra. Por fim passou a abbadia secular, por breve de Martinho V, pelos annos de 1420, sendo arcebispo D. Fernando da Guerra. Aqui foi commendatario D. Rodrigo Taveira, natural de Villa Real. (Vide Lavradas.)

**BRAZ** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho e 5 kilometros de Serpa, 70 kilometros d'Evora, 220 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca de Beja.

E' da casa do infantado. Fertil.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 3 moios de trigo e 1 de cevada.

Ha n'esta freguezia, dentro do muro da Horta das Provincias, uma ermida, que foi antigamente mosteiro de frades paulistas, os quaes depois foram mandados para outro convento, dentro dos muros de Serpa.

N'esta freguezia principia a serra de Serpa.

**BRAZ DA VARZEA** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 3 kilometros de Elvas, 70 kilometros de Evora, 180 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora.

Situada em uma baixa, entre olivaes, d'onde se não descobrem outras povoações.

O cura era feito por concurso. Tinha 3 moios de trigo e 20$000 réis em dinheiro, que lhe davam os freguezes, e o pé d'altar.

Fertil em cereaes, vinho e azeite, muita fructa, sendo optimas as suas laranjas.

E' muito abundante de agua.

Á fonte da Barqueira se attribue a virtude de curar a hydropisia e a dôr de pedra.

Passam aqui dois ribeiros, o da Varzea (que nasce na herdade de Torre d'Arcas e que tem uma ponte de cantaria no fim da freguezia) e outro anonymo, que junto á dita ponte se mette n'este e ambos morrem no Guadiana. Suas margens são cultivadas. Cria peixe miudo.

**BRAZ D'ALPORTEL** (S.)—vide Alportel.

**BRAZ DOS MATTOS** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho do Alandroal, 24 kilometros d'Elvas, 168 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos. Orago S. Braz.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca de Elvas.

Situada em uma campina e a egreja em um têso, d'onde se vê Olivença, Alandroal, Badajoz e outras povoações menores. Fertil.

A egreja era da Ordem de Aviz.

O cura era apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de renda 3 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, pagos pelos freguezes.

Cria muito gado de toda a qualidade, que exporta, principalmente grande quantidade de porcos, que cria nos extensos montados que aqui ha.

Passa aqui a ribeira dos Pardaes.

**BRAZÃO** (d'armas)—segundo as nossas *Ordenações*, não o podia ter a mulher (ainda que seus paes o tivessem) salvo se fosse rainha, princeza, infanta, ou senhora de titulo ou terras, com jurisdição, ou alcaidessa de villa acastellada, e isto mesmo em escudo de losanja, excepto as rainhas.

**BRAZIELLA** ou **VARZIELLA**—pequeno rio, que nasce perto de Aguiar da Beira e entra na esquerda do Vouga, 12 kilometros abaixo da Lapa. Réga, móe e traz peixe miudo.

(Parece-me mais proprio escrever Varziella; mas vejo Braziella em quasi todos os diccionarios geographicos, por isso, assim escrevo tambem.

Se fôr Braziella, é nome proprio de mulher, diminutivo de Brázia (mas que tambem se usava mesmo em nome proprio (como Michaela e outros). Se fôr Varziella (que é o que julgo ser) é diminutivo de varzea. Muitos dizem Vargiella, e vem a dar na mesma, pois é diminutivo de Vargem, que é synonimo.

**BRAZIELLA** ou **VARZIELLA**—Dá-se este nome a um *sequeiro* do rio Douro, entre as freguezias da Lomba e a de Melres (onde este rio faz a grande volta da Lomba) entre a aldeia de Sante ou Pé de Moura (pois tem estes dois nomes) e a de Arêja, no comprimento de 2 kilometros. Nas estiagens não passam aqui barcos grandes sem ser preciso descarregal-os, levando as pipas aos trambulhões pela areia, coberta apenas por 30 ou 40 centimetros d'agua.

A mesma etymologia.

**BREIA** ou **VEREIA** (como antigamente se escrevia)—vide Lovelhe.

*Verêa* no portuguez antigo significava estrada, caminho, carreira, etc. Hoje diz-se verêda.

**BRÉJO**—logar baixo, alagadiço, húmido, pantanoso, cheio de silvas e matagaes.

**BREJOEIRA** (quinta da)—sumptuosissimo palacio, extensa quinta, com formosos jardins, vastos pomares e campos, com grande abundancia d'aguas.

É na freguezia de S. Cypriano dos Pinheiros, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros a SO. de Monção.

Este bellissimo e magestoso palacio, que mais parece obra regia do que de um particular, foi construido (e jardins, pomares, quinta, etc.) pelo sr. Luiz Pereira Velho de Moscoso.

Tiveram principio as obras do palacio em 1806 e concluiram-se em 1828.

O seu fundador gastou n'estas obras 400 contos de réis, aproximadamente.

É incontestavelmente a vivenda particular mais luxuosa, esplendida e agradavel de Portugal. Muitos palacios reaes lhe são inferiores.

Fórma o palacio um quadrado, com quatro magnificas fachadas, e com um bello torreão em cada angulo. Tem uma formosissima capella, vasta e decorada com magnificencia; uma boa bibliotheca; vastas e elegantissimas salas, com ricas pinturas a fresco, tanto nas paredes, como no estuque dos tectos, tudo mobilado com luxo. As mais peças do palacio correspondem em grandeza e sumptuosidade ao que fica descripto.

É seu actual proprietario o sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, filho do fundador; typo do verdadeiro e antigo fidalgo portuguez, reunindo uma não vulgar illustração á mais chan, delicada e amavel hospitalidade.

Tive o gosto (por mim havia muitos annos ambicionado) de visitar este soberbo palacio, em 1863. Tive a felicidade de ir em occasião que o nobre fidalgo estava em casa (o que raras vezes acontece). Fiquei penhoradissimo com o obsequioso acolhimento que s. ex.ª me fez (sendo-lhe completamente desconhecido antes d'esse dia) e pelas delicadas maneiras com que me tratou, mostrando-me todo este conjuncto de maravilhas.

Receba aqui s. ex.ª os meus mais sinceros agradecimentos e o protesto da minha eterna gratidão.

Tambem fiquei summamente agradecido a s. ex.ª, pelos esclarecimentos que lhe pedi e generosamente me prestou, sobre os paços e quinta da Brejoeira. Não fez como alguns a quem pedi informações sobre as suas casas e que nem resposta me deram!

Fidalgos como este são hoje rarissimos em Portugal.

Nos arredores da Brejoeira ha logares que serviram de theatro a heroicas façanhas dos nossos maiores; antiguidades que se prendem as glorias da fundação da monarchia; curiosidades naturaes muito notaveis e sitios de grande belleza e amenidade.

A 3 kilometros a NO., sobre a margem esquerda do rio Minho, está a celebre torre de Lapella, obra de D. Affonso Henriques. (Vae tudo nos logares competentes.)

—

Tenho visto escrever Berjoeira, Verjoeira e Varjoeira, acho porém mais proprio Brejoeira (de Bréjo) porque effectivamente esta quinta era antigamente um *bréjo*, do qual só podia fazer um paraizo, a grande alma do pae do sr. Moscoso.

É solar de um morgado instituido em 1500. As suas armas, são: em campo de prata, tres cabeças de lobo, da sua côr, cortadas em sangue e lampassadas de purpura, em pala, elmo de prata, timbre uma das cabeças de lobo.

Outros do mesmo appellido usam: em campo de prata, tres cabeças de leão, vermelhas e ao redor os versos seguintes:

*Non nos a sanguine regum venimus,*
*ad nostro veniunt a sanguine reges.*

(Não descendemos de sangue real; mas os reis descendem do nosso sangue.)

Os Mosqueiras são da mesma familia e usam das mesmas armas.

**BRENA, BRENHA** ou **BRENHE**—freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira, antigamente comarca de Coimbra, concelho de Maiorca, supprimido em 1855, 36 kilometros de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Theotonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era donatario d'esta freguezia o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Situada em montes que correm da serra de Quiayos até S. Fins; 18 kilometros de serra e montes, com varias povoações na mesma serra, da qual se vê Monte-Mor-Velho, Gayões, Coimbra e muitos descampados e desertos.

O cura (que apresentavam os cruzios de Coimbra) tinha 50 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho, que lhe pagava o povo, e o pé d'altar.

É medianamente fertil.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

A fonte d'esta freguezia é um poço, a modo de cisterna, que no verão fica muitas vezes quasi sêcco.

O nome d'esta freguezia é evidentemente derivado de Brena, que se pronuncia Brênha. Todos sabem o que é.

**BRENCÊDA** ou **BRENSÊDA**—portuguez antigo, brenha, silvado, matagal, bréjo.

**BRENHAS**—rio, Alemtejo. Nasce na serra de Moura, rega a fertil e bonita planicie d'esta villa, junta-se pouco abaixo d'ella com o Ardila, e vão morrer no Guadiana.

**BRETIANDE** Vide Bertiande.

**BRETIANDOS** ou **BRITIANDOS**— Vide Bertiandos e Britonia.

**BRETOLVÃO**—Antiquissima cidade do Minho, cujos vestigios existem proximo de Lindoso. Vide Lindoso, Cidadélhe e Britéllo (S. Martinho.)

**BRIÇOS**—Vide Brissos.

**BRINCHES**—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 65 kilometros de Evora 145 ao S. E. de Lisboa. 370 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Em 1757 tinha 407 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

É do infantado.

Esta freguezia tem diminuido muito de população (não sei porque).

É situada sobre sete montes, dos quaes só se se descobrem terras desertas.

A Mesa da Consiencia e Ordens apresenta o capellão (parocho) por ser a egreja da Ordem d'Aviz.

Tinha de renda (o capellão) 4 moios e um quarteiro de trigo e um moio e um quarteiro de cevada. É terra fertil.

Ha por estes sitios muita caça, grossa e miuda.

Pouco distante desta freguezia passa o Guadianna.

**BRINÇO** ou **BRINSOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa. 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Catharina.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Pertencia á reitoria d'Alla, que era do real padroado.

Situada em planicie.

O reitor d'Alla apresentava aqui o cura, que tinha 50$000 réis.

Fertil em pão, vinho, e azeite; do mais mediania.

**BRINGEL** — Vide Beringel.

**BRINHOSINHO** ou **BRUNHOSINHO**, ou **A-BRUNHOSINHO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Foi antigamente do termo da Bemposta, comarca de Miranda.

Eram donatarios os senhores (depois condes) de VillaFlor.

Situada n'um alto, d'onde se vê Sanhoane e varios descampados.

Os marquezes de Távora apresentavam aqui o cura, até 1759, depois passou para o padroado real.

Tinha o ta. cura, de renda, 15 alqueires de centeio, 10 de trigo, 5 almudes de vinho e 10$000 réis em dinheiro, que lhe pagava a commenda; e um alqueire de trigo de cada fôgo, que lhe pagavam os freguezes, e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o seu rendimento era 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Não diz que eram os marquezes de Tavora (que então ainda não tinham sido executados como regicidas) que apresentavam o parocho; mas o padroado real.

Fertil em trigo e centeio, algum vinho, e do mais mediania.

Ainda em 1730 havia aqui uma bôa fabrica de estanho, de optima qualidade, extrahido de uma mina situada entre este logar e o da Figueira, que dista 3 kilometros.

Os empregados d'esta fabrica, todos tinham grandes privilegios. Acabou então, não sei porque.

Nascem n'esta freguezia dous regatos anonymos, que se juntam abaixo do povo; mas ainda ambos juntos apenas formam um pequeno ribeiro.

**BRISSOS** (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca d'Arrayolos, concelho de Monte-Mor-Novo, 18 kilometros d'Evora, 100 a E. de Lisboa. 65 fogos.

Arcebispado e districto administrativo d'Evora.

Orago S. Brissos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha 4 moios e meio de trigo e cevada, que pagavam os freguezes.

É muito fertil em trigo, centeio e cevada; do mais pouco.

Perto da egreja passa a ribeira de S. Brissos, que morre na do Ourega, no sitio do Moinho do Cavalleiro, freguezia de Regedouro. Réga, móe e traz peixe miudo.

Dizem uns que o nome d'esta freguezia é corrupção de S. Bricio, outros que é corrupção de S. Verissimo. O mesmo a immediata.

No sitio da Defeza e no da Nogueirinha ha minas de ferro, de que é proprietario (e concessionario, desde agosto de 1873) o sr. James Hall, subdito britanico.

**S. BRISSOS** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 60 kilometros d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Orago S. Brissos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Situada em campina, d'onde se vê Beja, Vidigueira e Cuba.

Era dos arcebispos d'Evora, que apresentavam aqui o cura, o qual tinha 3 moios e 40 alqueires de trigo, que lhe pagavam as herdades.

Fertil em cereaes e do mais pouco.

Tem canteiras de marmore finissimo.

Cria algum gado bovino e porcos, e muitas cabras e ovelhas.

**BRITIANDE** — Vide Berteande.

**BRITIANDOS** — Vide Berteandos.

**BRITEIROS** — (Santo Estevão) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Fertil.

Situada em um valle, em frente do monte Citania, onde se diz que existiu a antiga cidade de Citania.

Para o adro d'esta egreja se trouxe uma grande pedra, ornada de varios matizes e ramos, que estava no tal monte, por diligencias do chantre Ignacio de Carvalho. Está suspensa em quatro columnas.

O chantre da collegiada de Guimarães apresentava aqui o vigario, a quem dava 40$000 réis.

O tal chautre recebia os disimos d'esta freguezia, que lhe rendiam uns 340$000 réis.

No monte Sabroso, ao O. da freguezia, ha pedra muito fina, de granito, muito branca, optima para construções e mesmo para esculptura.

Pelo E., cérca esta freguezia o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

**BRITEIROS** — (Santa Leocadia) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros a NE, de Braga, 364 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Orago Santa Leocadia.

Em 1757 tinha 146 fogos.

É terra fertil.

Situada nas faldas dos montes Sameiro, Fragas, Loural e Sabroso, d'onde se vêem muitas freguezias.

O reitor do collegio do Populo, de Braga é que apresentava aqui o vigario, que tinha 130$000 réis.

Os disimos eram para o tal collegio, e lhe rendiam liquido 390$000 réis.

É terra abundantissima d'aguas, de muitas fontes e regatos, chamando-se estes, Rio-Longo, Sameiro, Barrosa, e os mais anonymos.

Contiguo á porta da egreja matriz está um tumulo de pedra, razo com o chão, fechado com grades de páo, coberto com seu telhado.

Consta que é a sepultura do Santo Wamba, abbade do convento de benedictinos que aqui havia (fundado em tempos remotos) e do qual a egreja era a mesma que hoje é matriz. Este convento foi dado por o arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro (pelos annos 1596 ou 1597) aos eremitas de Santo Agostinho do convento do Pópulo, em Braga, que o reduziram então a abbadia secular.

A terra da sepultura do Santo Wamba, misturada com varias hervas do passal, tocadas na imagem de Santa Leocadia, se cosem em agua. Dada esta a qualquer doente, em 9 dias ou sára ou morre! (Segundo diz o padre Cardoso.)

**BRITEIROS** (S. Salvador) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago O Salvador do Mundo.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Fertil.

Era abbadia da mitra de Braga.

É terra muito saudavel, e não é raro ver aqui pessoas de 100 annos e mais.

Esta freguezia rendia ao arcebispo de Braga 200$000 réis.

Está nesta freguezia a antiga torre e casa de Briteiros, solar da familia assim appellidada, que eram ricos homens, e toda a freguezia era honra sua.

**BRITEIROS** (Nossa Senhora da Piedade e Santo Antonio) — freguezia, Minho comarca e concelho de Guimarães, 10 kilometros ao NE. de Braga, 363 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Situado em um valle, na raiz do monte Citania (ou, como outros dizem, Cinania.)

Fertil (Vide Citania.)

O arcebispo de Braga apresentava aqui o abbade, que tinha 400$000 réis.

Dentro d'esta freguezia, proximo á egreja, entre o logar da Matta e o do Carvalho, principia uma calçada para o monte Citania, antiquissima, mas que ainda se conserva.

Mais acima, entre uns penedos, se vêem as ruinas de uma capella, que dizem ter sido de Santo Antonio.

Aqui tem principio o muro d'esta antiga povoação, o qual cercava este monte para o O, e S; ainda se mostra razo com a terra para o N. mas, em muitas partes, ainda ha pedras de pé. Para baixo corre uma calçada, que vae ter proximo da levada do Paço. Tem de circumferencia umas 600 braças (1320 metros.)

Do monte para a esquerda, vae outra calçada, rodeando-o, e vae ter á freguezia de Pedralva e aqui (em Pedralva) se vêem ruinas de fortalezas, e a distancia de 110 metros mais adiante se vêem as ruinas de outras muralhas muito mais grossas, feitas de pedras grandes.

No topo do monte, ha vestigios de 3.ª muralha, que ainda em partes tem dous metros d'alto.

Alem d'esta ha vestigios de muitos edificios, ruas, etc, que dão fundamento á tradição de existir aqui a cidade de Citania, na qual dizem nascera S. Damazo, papa (vide Citania.)

João de Barros nas *Antiguidades d'Entre-Douro e Minho*, diz que S. Damazo foi natural de Pedralva (concelho de Guimarães) e que ainda no seu tempo se viam umas casas antigas, onde nasceu o santo pontifice. (Vide Braga e Pedralva.)

Querem alguns, que Citania e Egitania sejam a mesma cousa, e que Egitania foi aqui e não é Idanha a Velha, ou a Guarda.

Entendo que esta confusão é por causa do tal S. Wamba, que é tradição ter nascido na cidade de Egitania, que é Idanha-a-Velha. Ora como aqui está a sepultura de um Wamba (na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros como já vimos) e Wamba nasceu em Egitania, eis a razão porque dizem que foi aqui esta ultima cidade. Mas isto nada prova. Póde o abbade Wamba ser um e o rei Wamba ser outro, e até é muito provavel que o abade e o rei sejam o mesmo individuo; porque todos sabem que Wamba, depois de reinar desde 672 até 682, abaicou em Ervigo (que havia adoptado) e se metteu frade em um convento da Lusitania, que podia muito bem ser este.

Supondo certo que se chamava Wamba o individuo que está enterrado no adro de Santa Leocadia de Briteiros (do que não conheço outra prova senão a tradição) quer esse Wamba fosse o rei ou outro qualquer, entendo que Egitania foi na Beira-Baixa e não no Minho.

Se Citania não fosse palavra tão semelhante a Egitania, de certo não havia esta barafunda.

Tambem alguns dizem que S. Torcato, bispo e martyr, era natural de Citania. Seu corpo está incorrupto, no mosteiro de S. Torcato, a 6 kilometros d'esta freguezia.

Está annexa á antecedente.

**BRITÊLLO** — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 30 kilometros ao NO de Braga, 385 ao N, de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Martinho.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Fertil.

Eram donatarios os herdeiros de D. Affonso de Menezes, senhores da Barca.

Situada em um pequeno valle e alguns montes tambem pequenos.

Os donatarios apresentavam os abbades, que tinham 400$000 réis de renda.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora da Penha, assim chamada, por lhe servir de docel uma grande penha bruta. Festeja-se a 8 de setembro.

Ha nesta freguezia grandes mattas de medronheiros. Cria muito gado e caça.

O rio Lima passa junto a esta freguezia.

Era antigamente do concelho de Lindoso, que foi exctinto. É tradição que esta aldeia e a de Cidadêlhe, formavam parte de uma antiquissima cidade, chamada Bretolvão, outros dizem que o seu nome era Flavia-Lambria. (Vide Lindoso.)

**BRITÊLLO** — villa, Minho, comarca e conlho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao

NE., de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Pedro, apostolo.

Em 1757 tinha 222 fogos.

Situado em um valle, fertil.

A matriz está fóra da villa, mas a pouca distancia.

O arcebispo de Braga apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 600$000 réis.

Teve juiz de fóra e camara.

Feira a 25 de cada mez.

Passa aqui o rio Freixeiro, que réga móe e traz peixe; e se mette no Tâmega.

**BRITO** — freguezia, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Arcebispado e districto adminrstrativo de Braga.

Em 1757 tinha 149 fogos.

Foi antigamente da visita de Vermuim e Faria.

Era commenda dos condes de Sarzédas.

Situada em uma baixa, e fertil.

O cabido da Sé de Braga apresentava aqui o reitor, alternativamente com o papa. Tinha 100$000 réis de renda (o reitor) e o pé d'altar.

Mette-se n'esta freguezia a pequena serra de S. Miguel. Visinha a esta fica a serra de Montouto, que chega a Santa Martha, junto á cidade de Braga.

Corre aqui o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

Foi mosteiro de frades benedictinos, fundado por D. Soeiro de Brito, no reinado de D. Affonso V.

No Paço da Carvalheira, é o solar dos Britos, cuja varonia anda nos marquezes de Ponte de Lima, do qual se desannexou o grande morgado d'Evora, por casamento de D. Magdalena de Bourbon, condessa dos Arcos, com o conde D. Thomaz de Noronha, filho do visconde D. Luiz de Lima Brito e Nogueira.

**BRITO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Barbara.

Em 1757 tinha 32 fogos.

O abbade de Penas-Royas apresentava aqui o cura, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em centeio, vinho, muita castanha, algum azeite, do mais pouco.

A pouca distancia ao O., passa o rio Tuella.

**BRITONIA** — cidade antiquissima da Lusitania, da qual apenas existem a memoria e algumas ruinas.

Dizem alguns escriptores que a villa de Bertiande, na Beira-Alta, e proximo a Lamego, está fundada sobre as ruinas d'aquella cidade episcopal, e d'ella traz o seu nome. Outros querem que Britonia fosse no Minho, proximo a Braga, ou a Ponte do Lima.

Outros sustentam que houve duas cidades do mesmo nome, uma na Beira-Alta, outra no Minho.

Quanto a mim, a semelhança das modernas palavras, Berteande e Berteandos, foi o que causou esta barafunda; mas depois de ter lido e relido differentes auctores, inclino-me a crer que effectivamente houve duas Britonias na Lusitania, uma na Beira-Alta, outra no Minho.

Tratemos pois d'ellas separadamente.

**BRITONIA DO LIMA** — Não se sabe com certeza o sitio em que era fundada esta cidade romana. Suppõem alguns escriptores que era proximo a Braga; mas a opinião mais geralmente admittida é que ella estava situada sobre uma ou ambas as margens do Lima; isto é mais provavel.

Supõe-se que o seu fundador foi o consul romano *Deccio Junio Bruto*, pelos annos, 135 antes de Jesus Christo, quando conquistou aos lusitanos o territorio ao N. do Douro e até ao rio Minho, d'onde não passou. (Vide rio Lima).

Diz-se que lhe pôz o nome de Brutonia. Sendo assim teve o mesmo fundador que teve a Britonia da Beira, segundo alguns escriptores.

Uns querem que ella existisse a meio caminho, pouco mais ao menos, entre a moderna Ponte do Lima e a foz, outros sustentam

que era no sitio actual de Bretiandos, onde está o palacio e quinta do sr. conde d'este titulo, e dizem estes que Bretiandos é derivação ou corrupção de Britonia.

Na impossibilidade de designar com exactidão o sitio d'esta cidade, direi sómente que ella existiu com certeza proximo do Lima, ou mesmo sobre uma ou ambas as suas margens, e a maior ou menor distancia da sua foz, mas em todo o caso, não excedendo esta distancia a 10 ou 12 kilometros, quando muito.

—

Ignora-se quem foi o fundador desta cidade, a origem do seu nome e a data da sua fundação.

Em um instrumento que no tempo de D. Fernando de Leão se escreveu, no qual se marcavam os limites do condado d'Entre o Douro e Minho, se lê o seguinte:

«*Principia (o condado) no logar cabeça (foz) do Minho, onde o tal rio entra no mar e o rio Froylano (Coura) entra no Minho; que d'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima: e d'alli pelo mesmo rio Lima acima até Britinia, onde antes foi Britonia; e depois até Pena-Maior, sobre a antiga cidade da Labruja, que agora se chama Romarigães. Desde alli, pelo termo do rio Froylano até ao castello pequeno de Tuy, que se chama Vallença, e desde alli pelo corrente do Minho até onde se começa. Cujo termo pertencia antigamente á cidade de Britonia, que se acha destruida e agora pertence parte á cabeça do Minho, parte á do castello de Cerveira e parte ao logar de Limia. (Ponte de Lima) exceptuando o grande couto que os reis deram antigamen'e ao mosteiro de Maximo, situado no altissimo monte chamado Arga.*» Consta que este instrumento (o original é latim e eu dei apenas a traducção) se acha no archivo da Sé de Braga, extrahido d'outro que está na Torre do Tombo, de Lisboa. D'elle pois se vê que Britonia era nas margens do Lima; sabe-se porem que era muito antiga, pois era cidade importante (e alguns até dizem que episcopal) no anno 55, imperando Néro, como adiante direi tratando dos martyres.

É certo que no seculo 4.º era cidade episcopal, pois que, na divisão dos bispados da Lusitania, feita no tempo do imperador romano Constantino Magno (ahi pelos annos 360 de Jesus Christo) figura Britonia como bispado suffraganeo da Sé de Braga.

Conservou esta preeminencia até 610, em que foi supprimido o bispado, unindo-se ao de Tuy e depois ao de Braga.

Britonia teve por bispos, S. Aristobulo Zebedeu, S. Lucio, S. Maximo e S. Valentino. (De certo que teve muitos mais, mas não acho os seus nomes.)

Foi uma cidade importante e próspera, no tempo dos romanos, e continuou a florescer sob o dominio dos godos; no começo do qual, a fé christan foi nella geralmente professada.

Consquistada pelos arabes em 716, continuou ainda a ser uma cidade florescente.

D. Affonso, o grande, rei de Leão, a resgatou do poder dos mouros, em 880.

Pelos annos 970, o feroz e destemido Abou-Amer, cognominado Al-Mansour (o victorioso, o invencivel) o mais terrivel inimigo que os christãos tiveram na Peninsula hispanica, vendo entertidos os christãos com guerras reciprocas) entre Bermudo II, rei da Galliza e Asturias, e seu primo Ramiro III de Leão, invadiu, com um poderosissimo exercito a Lusitania, pela Extremadura, pondo tudo a ferro e fogo, e marchando esta praga para o norte, chegaram a Britonia, cujos moradores se defenderam obstinada e corajosamente, sendo a cidade do Minho que maior e mais brava resistencia oppôz a Almansor; mas teve por fim de ceder á enorme desproporção do numero. Os mouros, enraivecidos pela sua tenaz resistencia, a arrazaram de tal modo, que nem d'ella hoje restam vestigios (o que nos põe em tantas duvidas sobre a sua situação.)

Em 1026, D. Fernando, rei de Leão, dividiu os condados d'Entre o Douro e Minho e da carta d'essa divisão consta o seguinte:

«Principia no logar Cabeça do Minho (hoje Caminha) onde o tal rio entra no mar e o rio Froylano (hoje Coura) entra no Minho: que d'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima; e d'alli pelo mesmo rio Lima acima até Britinia, onde

antes foi Britonia; depois Penamaior, sobre a antiga cidade da Labruja, que agora se chama Romarigães. Desde alli, pelo termo do rio Froylano, até ao castello pequeno de Tuy, que se chama Vallença, e desde alli, pela corrente do Minho até onde se começou. Cujo termo pertencia antigamente á cidade de Britonia, que se acha destruida, e agora pertence parte á Cabeça do Minho, parte ao castello da Cerveira (Villa Nova da Cerveira) e parte ao logar de Limia, exceptuando o grande couto que os reis deram antigamente ao mosteiro de Maximo, situado no altissimo monte chamado Arga.» Esta carta é escripta em latim. Está no archivo da Sé de Braga, e é copia do original, da Torre do Tombo. Alguns negam a authenticidade deste documento. Se é verdadeiro (como eu creio) nenhuma duvida nos resta de que Britiandos é no local da antiga Britonia.

Grande parte dos britonienses foram mortos ou captivos, e os que poderam escapar, foram estabelecer-se em um alto monte, na costa do Atlantico, 4 kilometros a N. N. O. da foz do Lima, e 2 do mar, no sitio onde hoje existe a capella de Santa Luzia; e ahi edificaram uma povoação a que deram o nome de Vianna.

As successivas victorias dos christãos contra os serracenos, foram impurrando estes para o sul do Tejo e finalmente para além do Guadianna.

Os habitantes de Vianna, não temendo já as invasões dos mouros, se foram pouco a pouco estabelecendo na planicie, sobre a margem direita do Lima, proximo da sua foz, abandonando a antiga povoação, pela distancia em que estava do rio e do mar, e pela escabrosidade e esterilidade do solo.

Assim lançaram os fundamentos á moderna cidade de Vianna, e da velha apenas restam ruinas.

Em 1258, passando por a velha Vianna D. Affonso III, e vendo o estado de abandono em que estava e a impropriedade de tão inhospito sitio, para uma povoação, a mandou remover para o sitio da actual Vianna, aproveitando-se muitos materiaes da antiga.

Logo a 18 de julho d'esse mesmo anno, deu foral á nova villa, com muitos e grandes privilegios, datado de Guimarães.

Não satisfeito ainda com estes privilegios, e para que a nova povoação tivesse o rapido desenvolvimento que a sua optima posição topographica promettia, lhe deu outro foral, datado em Guimarães, em 1262, confirmando e ampliando os privilegiios do primeiro.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (Vide Vianna do Lima.)

—

Consta que na cidade de Britonia, no anno 55, imperando Nero, foi martyrisado, a 15 de março, o Santo Aristobulo Zebedeu, pae de S. Thiago e de S. João Evangelista, o qual era bispo d'esta cidade.

Em 66, imperando ainda o sanguinario Néro, foram aqui martyrisados S. Lucio, bispo e seus companheiros Absolonio, Largo, Heráquio e Primittivo.

Em 10 de março de 254, imperando Décio, aqui foram tambem martyrisados os santos Gorgonio, Firmio (ou Firmo) Antonio e a virgem Santa Agapes (ou Agatha.)

Em 260, imperando Marco Aurelio, um exercito africano invadiu a Lusitania. Chegaram os mauritanos até Britonia e aqui martyrisaram os santos Theophilo e Saturnino e Santa Revocata.

(Alguns historiadores attribuem o martyrio d'estes tres santos lusitanos aos romanos, o que, como se vê, é engano.) (Vide Britonia da Beira.)

**BRITONIA DA BEIRA.**—Segundo a opinião de varios escriptores, houve na Beira Alta, 5 kilometros a SE. de Lamego, (e no local onde actualmente está a bonita villa de Berteande,) uma grande cidade chamada Britonia. Dizem estes escriptores que Berteande ou Britiande é derivação, ou corrupção, de Britonia.

Pretendem uns que esta cidade fosse fundada pelos *britones* (ou *bretões*) antigos povos da Inglaterra; outros dizem que o seu fundador foi o consul romano Decio Junio Bruto, governador da Lusitania, 135 annos antes de Jesus Christo. (Os que seguem esta opinião, chamam-lhe *Brutonia.*)

É innegavel que n'este sitio existiu em tempos remotos uma cidade, ou pelo menos uma povoação grande e importante; quer se chamasse *Britonia*, quer tivesse outro qualquer nome. A sua existencia está provada, não só pela tradição e por vir mencionada por varios auctores antigos, dignos de credito, como pelos vestigios de edificios, cippos, moedas e outros objectos que aqui se teem descoberto.

Julgo porém que é érro palmar, attribuir aos *britones* a sua fundação. Esta gente (que no principio da sua apparição na Peninsula Hispanica, não eram mais do que piratas) ainda que oriundos da Inglaterra, se tinham estabelecido na Bretanha e na Normandia, e de lá vinham para aqui fazer as suas correrias e delapidações, por mar.

A primeira vez que cá appareceram, foi no anno 672, no temqo de *Ricesvindo*, rei dos gôdos; mas foram logo rechaçados para bordo dos seus navios.

Não escarmentaram elles, e continuaram a invadir as povoações do litoral lusitano, andaluz e gallego, saqueando o que podiam.

Em 824 invadiram os bretões a Galliza em grande numero; mas D. Ramiro I, das Asturias, os desbaratou.

Já vemos que até este tempo não se davam os *normões, gascos, gascões* ou *bretões* (como indistinctamente se lhes chamava então) ao trabalho de fundar cidades; nem para isso se lhes dava tempo.

De mais á mais, elles, como já disse, só assaltavam as povoações da costa ou proximas; porque lhes não convinha distanciarem-se dos seus navios, e é, pelo menos, duvidosissimo que chegassem até *Berleande*, a uns 100 kilometros da costa.

Estes *bretões* eram christãos, e do fim do seculo IX em diante, nos foram ajudando a combater os mouros, pelo que os foram deixando estabelecer na Peninsula; mas elles só fundaram povoações no litoral, ou nas margens dos rios navegaveis.

Ora, sendo os historiadores concordes em asseverar que esta cidade foi destruida pelos arabes em 716, como é que elles *destruiram* uma cidade que ainda não podia existir, se os *bretões* foram os seus fundadores?

Entendo que unicamente a similhança da palavra *Britonia* e *britones*, é que deu causa a se attribuir a estes a fundação d'aquella, e nada mais.

—

É pois muito mais provavel que os seus fundadoros fossem os romanos; póde ser mesmo que fosse o tal *Bruto*.

—

Consta que a causa da ruina d'esta cidade foi a mesma que motivou a ruina da Britonia do Lima, isto é, a tenáz resistencia de seus habitantes contra os mouros.

—

Mas se os arabes a *arrazaram completamente*, é provavel que elles mesmos a tornassem a reedificar, porque, em 1102, era uma *povoação abandonada*, e que D. Egas Moniz povoou. (Vide Breteande.)

**BROGUEIRA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Foram seus donatarios, até 1759, os duques de Aveiro, passando depois para a corôa.

Está situada em um valle d'onde se vê a Chamusca, Gollegã, Atalaya, Pinheiro, Barquinha e Mouta.

A egreja está em um monte, fóra do logar. O prior de Santa Maria de Torres Novas apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 80$000 réis. (Esta freguezia era annexa á de Santa Maria de Torres Novas.)

E' terra fertil.

Ha aqui uma fonte chamada dos Cardeaes, cuja agua dizem ser boa para a cura de molestias de figado.

O rio Almonda, passa no fim da freguezia, pelo sitio chamado dos Caniços.

**BROTAS, ABROTEAS** ou **BRUTAS**— Alemtejo. Era uma freguezia, que já ha mais de 80 annos está annexa á da villa das Aguias, em cujo termo está. (Vide Aguias e Brotas.)

Tem uma formosa egreja, que é a matriz da freguezia, dedicada a Nossa Senhora das

Brotas (nome que dizem ter, por as muitas abroteas que por aqui havia.) Mas tambem em alguns livros antigos se lhe dá o nome de Grutas.

Abrótea é uma herva medicinal bem conhecida. A sua flôr (que é branca ou amarella) chama-se *anthericon*. Os latinos lhe chamam *asphodelus*. Tambem se lhe dá o nome de *hastula regia*, porque quando floresce, fórma a figura de um sceptro, ou do ferro de uma lança. No mar ha um peixe (que tambem entra nos rios) chamado abrótea. E' uma especie de faneca, mas maior e mais largo.

O logar em que está a egreja é uma grande quebrada, sem vista para parte nenhuma. Ao fundo lhe corre um ribeiro. Este sitio é amenissimo e muito fresco de verão.

Segundo a tradição dos moradores d'aqui, a origem d'esta egreja é a seguinte:

Andando certo pastor, pelos annos de 400 e tantos [1] guardando algumas vaccas, lhe caiu uma a esta barroca, e indo o pastor buscal-a a achou morta do trambolhão, no sitio onde hoje está a egreja.

Para não perder tudo, a principiou a esfolar, para lhe aproveitar o couro, e tendo-lhe já cortado uma mão, lhe appareceu Nossa Senhora, e lhe disse que fizesse alli uma capella dedicada a ella.

A Senhora desappareceu, ficando em seu logar a sua imagem, *feita do osso cortado da mão da vacca*, levantando-se esta curada, sem a minima lesão.

O bom do homem ficou pasmado (e mais é que o caso não era para menos) e foi a correr levar a noticia á aldeia (hoje villa) das Aguias, d'onde elle era natural, e correndo todos a ver o milagre, levantaram logo uma ermida, onde pozeram a tal imagem da *mão da vacca*.

Diz o padre Cardoso que o homem «levou a noticia á aldeia (hoje villa) das Aguias.» Ora Aguias era concelho desde 5 de setembro de 1361 e já muito antes tinha o titulo de villa. Então foi o milagre da *mão da vacca* no seculo V.

Teve tanta fama de milagrosa esta santinha, e por consequencia tamanho concurso de romeiros e tantas offertas, que d'ahi a poucos annos se lhe fez no sitio da ermida uma boa egreja; e ainda hoje é muito afamada e concorrida por estas terras a romaria da Senhora das Brótas.

Quando o cardeal D. Affonso era arcebispo de Evora, vendo que esta egreja era melhor e estava mais bem collocada do que a egreja parochial, supprimiu esta, e fez da capella da Senhora das Brotas a matriz da freguezia.

Ha aqui duas fontes, uma junto á egreja e outra defronte d'ella, a pouca distancia, e sobre o ribeiro que aqui passa ha uma boa ponte, que mandou fazer, á sua custa, a cidade de Evora.

E' terra pobre e produzindo muito poucos fructos, pela escabrosidade do solo, e pelas muitas areias de que é coberto.

(E' preciso ver Aguias, villa.)

Pelo que se collige do padre Cardoso, houve aqui freguezia em tempos remotos, que foi annexada á das Aguias, e, passados provavelmente muitos annos, tornou a vir a matriz da freguezia para Brotas.

**BRUFFE**—freguezia, de 25 fogos, na provincia do Minho, foi do concelho de Villa Garcia, termo de Pico de Regalados, comarca de Vianna, depois do concelho de Terras de Bouro, comarca de Pico de Regalados até 1855, e sendo então supprimida esta comarca, ficou sendo da de Villa Verde. Fica a 30 kilometros de Braga, 385 ao N. de Lisboa. (Vide Villa Garcia.)

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Bruffe é situada em um monte, na encosta da serra Amarella, do qual se descobre toda a ribeira do rio Homem (ao E.) até á villa do Prado e Valle de Vico; e nas tardes limpas, uma extensa facha de mar, no horisonte.

[1] O padre Cardoso (de quem copio isto) diz *quatrocentos e tantos*, pelo costume que tinham os nossos antigos escriptores (e ainda têem alguns modernos) de supprimirem, por abreviatura, a palavra *mil*. Não sei, mas apesar d'isso, é provavel que este facto tivesse origem no seculo V.

No alto da Amarella, ainda existem as ruinas de quarteis e restos de fortificações, do tempo das guerras com Castella. Tambem apparecem alguns vestigios celtas, algumas sepulturas antigas, em Carregadella e um padrão (talvez marco milliario) a que dão impropriamente o nome d'Anta.

Corre n'esta freguezia o ribeiro do Espirito Santo, que, depois de regar e moer, se precipita no rio Homem, formando a magestosa cascata (que já mencionei) pouco acima de Pontido.

Tambem é nos limites d'esta freguezia o ribeiro da Moura.

Esta freguezia esteve por muitos annos annexada á de Villa Garcia; mas está outra vez independente.

A egreja é fóra do logar. O abbade da Carvalheira (S. Payo) apresentava o vigario d'aqui, que tinha 60$000 réis.

E' terra abundante de cereaes (apesar de fria), do mais a producção é mediana.

Tinha juiz ordinario e camara, com dois vereadores, procurador, meirinho, carcereiro e quadrilheiro.

Tinha privilegio de se não fazerem aqui soldados, com a obrigação de guardarem á sua custa o posto e guarda da serra Amarella, que confina com a Galliza.

E' abundante de aguas.

A população de toda a freguezia nada se tem desenvolvido ha 120 annos.

N'esta freguezia fórma o rio Homem a tal bellissima e imponente catadupa, chamada Poço da Moura, e a ella anda ligada uma poetica lenda popular, de uma formosissima moura que aqui está encantada.

Produz mel, cêra e muita caça miuda.

**BRUFFE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros a OSO. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi do termo de Barcellos. Era da corôa.

E' terra muito fertil. Situada em um valle, entre dois montes (Serita e Porrinho). Não se vêem outras freguezias.

O abbade era da apresentação do padroado real ou da casa de Bragança. Tinha de rendimento 180$000 réis.

E' terra muito abundante de aguas, tem muitos pastos, pelo que cria muito gado bovino e miudo.

A agua da fonte chamada Forcada, faz branca a terra por onde passa, como se fosse agua de cal; entretanto não faz mal a quem a bebe. Outra fonte dá nascimento a um ribeiro, que passa pelo meio da freguezia, entra em Villa Nova de Famalicão e S. Thiago d'Antas e se mette no Ave.

Ha tambem uma aldeia chamada Bruffe, na freguezia de Victorino das Donas (Minho) e outra do mesmo nome na freguezia de Santa Marinha de Barreiros, na Beira Alta.

**BRUNHAES** (dever-se-ía dizer *Abrunhaes*, como antigamente) — freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães.

Era da corôa. Fertil.

Situada na raiz de um monte d'onde se vêem a maior parte das freguezias de Souto, Sobradêllo, S. Bartholomeu e Travassos.

A matriz é no logar da Egreja, proximo ás margens do Ave.

O reitor de S. Thiago de Guilhofrei apresentava aqui o vigario, que tinha 15$000 réis, mais 1$000 réis para cêra, 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo para hostias e 40 alqueires de pão meado, é o pé d'altar.

Grande producção de milho e vinho verde. Cria bastante gado miudo e os seus montes têem caça, tambem miuda.

**BRUNHEIRO** ou **ABRUNHEIRO** (como antigamente se dizia) e *Bunheiro*, como hoje geralmente se diz — freguezia, Douro, comarca e concelho de Estarreja, 42 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 18 ao N. de Aveiro, 980 fogos.

Em 1757 tinha 632 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Foi antigamente do termo de Estarreja, comarca de Esgueira.

Situada em campina, com a matriz d'entro do povo.

Apesar da sua grandeza, era annexa á freguezia de Avanca, a cujo reitor pertencia a apresentação do cura d'aqui, que era annual, e tinha 50$000 réis em dinheiro e o pé de altar.

É terra muito fertil em cereaes, vinho e fructas, sendo grande a abundancia de laranja, que é de optima qualidade.

Ha aqui tambem nas margens dos esteiros grande abundancia de tabúa, *bunho*, (que é o que deu o actual nome á freguezia) e muito *molisso* (estrume vegetal marinho, com que se faz grande negocio. Vide Aveiro.)

Nos seus campos se criam ou engordam grande quantidade de bois, vaccas, cavallos, eguas, etc.

Passa por esta freguezia, e lhe dá grande valor, pelo seu rendimento, a ria de Aveiro, que aqui se divide em tres braços (*Martinho*, *Gago* e *Porto Mancão*.) Além da grande quantidade de *molisso*, cria muito peixe, principalmente barbos, saveis, solhas, linguados, etc., etc.

**BRUNHEIRO, ABRUNHEIRO, SOUTO DE EL-REI** ou **LAGARELHOS**—serra de Traz-os-Montes, termo de Chaves.

Tem 6 kilometros de comprido. D'ella nascem alguns ribeiros. Tem muita penedia e grandes mattos. Cria bastante gado de todo e traz caça miuda.

**BRUNHIDO**—pequena villa, Douro, na freguezia de Vallongo do Vouga, comarca de Agueda, concelho do Vouga, 18 kilometros ao NE. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 50 fogos, na freguezia, 600.

Tinha foral, que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 20 de março de 1516. (Vide Vallongo do Vouga.)

**BRUNHÓS** ou **ABRUNHÓS**—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Soure (foi até 1855 do concelho da Abrunheira) 24 kilometros ao S. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto admninistrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo de Monte-mor-Velho, comarca de Coimbra.

Foram seus donatarios, até 1759, os duques de Aveiro, desde então passou para a corôa.

Situada em um monte, do qual se vê Villa Nova da Barca, Carvalhal, Alfarellos, Villa Nova de Anços e varios desertos.

O cabido de Coimbra é que apresentava aqui o cura, que tinha 1 moio de trigo, 1 pipa de vinho e 4$000 réis em dinheiro, ao todo uns 60$000 réis.

**BRUNHOSINHO**—(Vide Brinhosinho.)

**BRUNHOSO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O cura era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 40$000 réis, e o pé de altar. Fertil.

**BUARCOS** e **REDONDO**—villa, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao N. da Figueira da Foz, 42 kilometros ao O. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. Era dos duques de Cadaval.

Situada na raiz de um pequeno monte, e proximo da praia do Oceano Atlantico, que a cerca pelo O., por onde é murada.

Está em 40° 12' de latitude N. e 29° de longitude occidental

A matriz é dentro da villa.

O vigario era apresentado pelo cabido da Sé de Coimbra, e tinha 40$000 réis. e o pé de altar.

Tem Misericordia e hospital, fundado por provisão de D. Manuel, do principio do seculo XVI.

Sustenta-se esta terra de pescarias, por ser tudo praia e areal.

Tinha antigamente juiz ordinario, e dos orphãos (que era o mesmo) com camara era cabeça de concelho, com comarca e appellação para o ouvidor de Tentugal, que era a cabeça de todas as villas dos duques do Cadaval.

É murada pelo O. (do lado do mar) com muralhas de dois metros de largura e com tres fortes para defeza da villa.

Ha aqui muitos barcos de pesca.

Tem uns penedos á beira mar, muito abundantes de camarões, caranguejos, polvos e marisco.

É villa muito mais antiga do que a da Figueira, e até á alfandega da Figueira se intitulava «de Buarcos.»

Tem uma linda enseada, que do S. se estende até ao Mondego, a 1:500 metros.

É abundantissima em peixe e marisco.

Perto da villa ha a grande romaria de Nossa Senhora da Encarnação.

Tem minas de azougue.

Dizem alguns, que esta povoação foi fundada por pescadores gallegos, no meiado do seculo XV.

No tempo dos Philippes, foi invadida pelos hollandezes e depois (em maio de 1602) pelos inglezes, que saquearam e destruiram a villa e lhe queimaram os cartorios da camara, pelo que não se sabe quando foi elevada a villa.

A povoação primittiva eram cabanas de *bunhos* e *arcos*, e d'estas duas palavras se pretende que lhe veiu o nome.

Fr. Bernardo de Brito, affirma, como testemunha occular, que ha aqui duas fontes, uma que *sorve*, e outra que *expelle*, tudo quanto se lhes deita dentro.

Grandes minas de carvão fossil (jurassico) em exploração, no Cabo-Mondego. (Vide esta palavra, para evitar repetições.)

Era do districto de Monte-Mór-Velho, e creada a comarca da Figueira da Foz, por D. José I, a 12 de março de 1771, passou a ser d'esta comarca. (Vide Figueira.)

**BUCELLAS** — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e 24 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação e vulgarmente Nossa Senhora do Carvalho, por ser tradição que esta imagem appareceu sobre um carvalho, no sitio onde se fundou a actual egreja.

Diz-se que a Senhora, quando aqui appareceu, tinha uma tocha accesa na mão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira no terceiro sabbado de julho.

Era da casa do infantado, que apresentava os priores.

Tinha sido da corôa, mas passou para a casa da condessa da Castanheira. Por morte da condessa, D. Anna de Athaide, vagou para a corôa, e passou por ultimo para a casa do infantado; porque D. Pedro II a deu ao infante D. Francisco.

Situada em um valle, entre duas serras (Bucellas e Torre.)

A parochia é dentro do logar. É um templo magnifico, fechado de abobada, sobre 8 columnas, que a dividem em 3 naves e tem de comprido, da porta até ao cruseiro, 35 1/2 metros, e d'ahi até ao altar-mór, 8 metros.

O prior tinha de renda 1:200$000 réis.

Tinha quatro beneficiados, cada um com 80$000 réis.

Tinha (e não sei se ainda tem) um pequeno hospital, onde se recolhiam pobres mendicantes e frades passageiros, com camas, distinctas, para uns e outros.

Era administrado pela confraria do Espirito Santo.

Junto ao logar de Bucellas, passa um rio (que aqui nasce) chamado Rio Grande, formado dos regatos da Verdelha, Boução, Bom Nome, Mouseravi e Arroteia.

Este rio, a que vulgarmente chamam de Bucellas, morre no rio de Sacavem, e este na direita do Tejo.

É terra fertil em cereaes e fructas, e produz muito e o melhor vinho dos arredores de Lisboa, sobre tudo o famoso *vinho branco de Bucellas.*

Principiou esta povoação no logar de Villa de Rei, 1:500 metros a E. de Bucellas, e onde existe ainda a egreja de S. Roque, que foi a primeira matriz da freguezia.

Mudou-se para o sitio actual, em 1522; porque tendo apparecido aqui a tal imagem em cima de um carvalho (como ja disse) lhe edificaram um sumptuoso templo, que desde então ficou sendo a matriz da freguezia.

Ha n'esta freguezia muitas e lindas quintas de familias de Lisboa.

É aqui a casa vinculada, dos herdeiros de Antonio da Silva Caldeira Pimentel.

**BUCOS**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, 35 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Situada em um alto, d'onde se vê a aldeia de Gondarem e parte da de Sendin, ambas da freguezia de S. Nicolau.

O vigario era amovivel *ad nutum*, apresentado pelo reitor de S. Nicolau. Tinha 12$000 réis, 2 alqueires de trigo, para hostias, 2 almudes de vinho para as missas, 3 libras de céra lavrada, e mais lhe pagava a commenda 3$000 réis, 10 alqueires de pão meiado e 8 almudes de vinho.

Ha na freguezia a ermida de Santa Marinha, na qual se fazem 3 clamores annualmente, um a 25 de março, outro a 11 de junho e outro pelas ladainhas de maio.

É terra fertil.

Cae aqui muita neve pelo inverno, por ficar encostada á serra do Marão.

Nascem n'esta freguezia os ribeiros de Villa Bôa, Cangada, Agua-Talhada e outros menores, anonymos, que se juntam na ponte do Gado, correm para a freguezia de S. Nicolau e morrem no Tamega. Regam e móem.

**BUDE**—cidade antiquissima da Luzitania, da qual não existe hoje mais do que a memoria.

Abaixo da aldeia de Budens, ao O., havia uma torre antiga, do tempo dos mouros, em que hoje está um moinho de vento, e proximo o ribeiro d'*Almádena*. N'este sitio é que alguns dizem que existiu a tal cidade.

É no Algarve. (Vide Budens.)

**BUDENS**—freguezia que hoje fórma uma só com a de Barão, que já está descripta. (Vide Barão e Budens.)

Pertence hoje ao concelho de Villa do Bispo, comarca de Lagos, 66 kilometros de Faro e 240 ao S. de Lisboa. Ambas as freguezias reunidas têem hoje 327 fogos.

Posto já tenha no logar competente descripto esta freguezia sob o nome de *Barão e Budens*, direi agora sómente o que pertence a Budens, quando formava só por si uma freguezia, visto não haver n'isto repetição.

Era da corôa.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em uma campina pouco elevada, d'onde se descobrem montes, mattos e campos.

O ordinario apresentava o cura, que tinha dois moios e meio de trigo, 25 alqueires de cevada e 30 almudes de vinho mosto, tudo pago pelos freguezes.

É na costa do Atlantico.

Tem boas terras de pão, vinhas e figueiraes. Cria muito gado, principalmente vaccum. Tem uma boa fonte de excellente agua. Egreja mediana.

A aldeia da Figueira, 1:500 metros ao O. assim como os casaes de Valle de Boi, 1:500 metros ao E., são d'esta freguezia. Ha aqui muita pedra calcarea e muitos fornos de cal.

D. Diniz concedeu licença a João Cordeiro, de Lagos, para fazer améias na sua torre de Budens, por carta regia de 22 de dezembro de 1323.

N'esta freguezia nasceu Affonso Tello, que em a noite de 4 de maio de 1670, com uns poucos de paizanos d'aqui, derrotou, mesmo n'esta freguezia, grande numero de mouros, que tinham desembarcado de um bergantim, matando elle por suas proprias mãos o chefe, pelo que foi muito elogiado pelo capitão general do Algarve, que era então D. Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis, o qual lhe deu uma carta honrosissima d'esta façanha.

Ha n'esta freguezia duas fortalezas pequenas,—a de *Almádena*, feita sobre uma ro-

cha, por D. Luiz de Sousa, conde do Prado, general do Algarve, pelos annos de 1600,— e a de *Santa Cruz da Figueira*, tambem formada sobre um alto rochedo, junto a um ribeiro, que desembóca na praia.

Com o terremoto de 1755 cairam 7 casas d'esta aldeia e muitas mais soffreram ruinas, assim como a egreja. Pelo ribeiro de agua doce, que aqui desagua no mar, entrou este pela terra dentro, por espaço de mais de 3 kilometros e na altura de umas 10 a 12 varas, arrazando quanto achou. Na resaca deixou a descoberto na praia uns grandes e nobres edificios (de que não havia memoria nem tradição) com grossas muralhas. Para E. appareceu uma grande calçada, por entre paredes de boa cantaria, com portas de grades de ferro, ao lado das quaes se encontrou outra porta, que parece de templo, e ao nivel da terra um grande tanque. Pela parte do mar ha grandes alicerces e paredes largas e compridas, rebocadas e pintadas de varias côres. Por este lado ha uma entrada para o edificio, em arco e de boa cantaria, ornada de columnas de marmore. Junto a esta porta estão varios aposentos, cujo pavimento é de mosaico de cores, com varias lettras desconhecidas. Já em 1715 se descobriu aqui, em outra erupção do mar, um caes (junto a estes edificios) de boa cantaria, com grandes argolas, mas, passados annos, tornou a desapparecer.

Da outra parte da foz do rio, para E., está immediata a fortaleza de Almádena. Este nome prova-nos que effectivamente aquelle edificio foi mesquita mourisca (talvez depois de ter sido templo romano) pois já disse que *almádena* significa torre de mesquita.

Suppõe-se ser aqui uma grande povoação (ou cidade) romana, ou anterior aos romanos.

N'estas ruinas se achou uma moeda de cobre do imperador Nero.

Ha tambem quem supponha que este edificio seja o célebre templo de Hercules, porque Ptolomeu diz que este templo estava sobre a práia no Cabo, hoje de S. Vicente, e como n'este cábo não ha praia, e este sitio não seja longo, é na verdade de conjecturar que seja isto o tal templo.

Outros ainda dizem que foi aqui a antiga cidade de *Búdea* ou *Bude*, de que a actual povoação herdou o nome.

Ao O. de Budens, e logo abaixo onde havia uma antiga torre mourisca, hoje reduzida a moinho de vento, se diz existir em tempos remotissimos a cidade de Bude.

Ha aqui um ribeiro, chamado de *Almádena*, que serve de fosso ao forte d'este nome, o qual lança dois braços em que recebe as aguas da chuva e do ribeiro de Valle de Boi,—o outro braço, que é maior, e se junta onde chamam o *Pégo do Sinceiro*, em um valle comprido e estreito, que está cheio de aguas de varias fontes, sendo as principaes a de Contreiras e a do Gato, que, muitas vezes, em vez de beneficiarem, prejudicam a agricultura, por alagarem o valle, que então se não pode cultivar.

Ha aqui varios arrozaes.

Na bocca d'este rio, junto ao forte d'Almádena, se fazia uma *armação*, de março até julho, para atuns, corvinas, pargos, etc., cuja companha constava de mais de 40 homens e 8 barcos pequenos, tudo governado pela provedoria das *Almadravas*.

> *Almádena*, como já se disse, é palavra arabe, que significa—*torre* ou logar do pregão (mas torre de mesquita e não de fortificação.) (Vide Almádena.)

**BUEIRO** ou **FEBRES**—freguezia, Douro comarca e concelho de Cantanhede, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 890 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' terra muito fertil.

**BUFOARÍA**—aldeia, Extremadura, termo de Alemquer. É a palavra arabe *Buhauaria* composta de *Bu*, pae—e de *hauaria*, a candida. Vem a ser—*logar do pae da candida*.

**BUGALHAL** ou **BOGALHAL**—freguezia, Beira-Baixa, foi da comarca de Trancoso, mas desde 1855 é da comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros ao E. de Vizeu, 330 ao NE de Lisboa, 57 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era da corôa.

A egreja é dentro do povo.

O vigario tinha de renda 40$$000 réis e o pé d'altar.

Era da apresentação regia.

É terra fertil e produz grande abundancia de bom azeite.

Esta freguezia fica entre os dois rios *Pêga* (que corre de S. para E., até morrer no Côa) e *Rio-Porco*, que corre de S. para N., e ambos regam e móem.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia, a de Valle-Bom, mas está outra vez independente.

**BUGALHOS** ou **BOGALHOS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 108 kilometros ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era antigamente da comarca de Santarem.

Foi até 1759 dos duques d'Aveiro, e desde então até 1834 da corôa.

Situada em um valle, d'onde só se vê a freguezia.

O vigario era apresentado pelo povo; mas collado pelo ordinario. Tinha de rendimento 6$000 réis de congrua, 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e o pé d'altar.

Não é muito fertil em cereaes e fructas, mas é muito abundante de azeite.

Tem muitos mattos, onde cria algum gado e ha n'elles muita caça do chão e do ar.

**BUGEFA**—Diz-se que assim se chamava um castello que existiu em tempos remotissimos na provincia do Douro, entre as aldeias da Ermida e a da Cadeada, termo da cidade de Penafiel, e proximo ao celebre e antiquissimo monumento chamado vulgarmente o *Marmoiral* (provavelmente corrupção de memorial.)

Pretendem alguns que D. Souzino Alvares foi alcaide mór d'este castello. Consta de um documento do anno de 1152 (ou mais provavelmente da era 1152, que é o anno de Jesus Christo 1114) que o tal *marmoiral* é o tumulo de D. Souzino Alvares. (Vide Marmoiral.)

**BUGÍO**—ilheu de rochedos, á entrada do Tejo, fortificado, artilhado e com guarnição militar.

Tem um pharol.

Foi edificado por el-rei D. Sebastião, sob o nome de *Torre de S. Lourenço* e vulgarmente do *Bugío.*

Lançaram-se-lhes os fundamentos em 1578, já quando o rei estava em Africa.

Continuaram as obras no tempo do cardeal-rei e de Philippe II; mas quem lhe fez grandes melhoramentos foi D. João IV, que a reedificou, sendo seu architecto fr. João Turriano, monge benedictino, que fez o risco e dirigiu os trabalhos. Este frade teve grande fama no seu tempo, e foi encarregado de varias obras de fortificação e de alguns edificios religiosos.

A torre do Bugío está fundada n'uma cabeça secca, á entrada da barra, do lado do S. em frente da torre de S. Julião, distando uma da outra 2:500 metros, ficando entre ambas, um pouco para o Oceano, e mais proximos da de S. Julião os cachopos que dividem a barra em dois canaes. Ao do S. se chama *Carreira d'Alcáçova* ou *Barra Grande*, e o do N., que é muito mais estreito, se chama *Corredor* ou *Barra Pequena.*

Da torre do Bugío para O. se estende um banco de areia, onde tem havido bastantes naufragios.

Este banco d'areia tem sido o theatro das proezas humanitarias do intrepido e arrojado piloto Joaquim Lopes e dos seus companheiros, tão bravos e dedicados como elle.

**BUIDOBRA**—Vide Boidobra.

**BULHENTE** (mosteiro de)—de freiras benedictinas, supprimido pelo bispo de Ceuta pelos annos de 1460. Era da invocação do Salvador do Mundo. Provincia do Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, freguezia de Gondinhães. (Vide Gondinhães, Azevedo, Ville, Ancora, e Riba d'Ancora.)

**BUNHEIRO**—(Vide Brunheiro.)

**BURACA**—linda vivenda na freguezia de Bemfica (arrabaldes de Lisboa) obra do fallecido negociante João Antonio Lopes Pastor.

**BURACO**—formosa e magnifica casa de campo na freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 4 kilometros ao N., 37 ao S. do Porto e 275 ao N. de Lisboa.

Situada em fertil e agradavel planicie na margem esquerda do rio *Ul*, e proximo da estrada real de Lisboa ao Porto, e da bonita ponte da *Margonça* (que atravessa o referido rio sobre a estrada) e junto á antiga ponte (da estrada real velha) chamada da *Pica*.

Tambem lhe fica proximo (a 300 ou 400 metros) o convento que foi de frades benedictinos do Couto, e a bella casa da Gandarinha, do sr. Sebastião Pinto Leite, feito em 1870 visconde da Gandarinha.

A rica e bonita vivenda do Buraco foi feita pelo sr. Alexandre Luciano Soares de Albergaria, em 1830. Tem salas extensas, com bellas pinturas a fresco e estuques primorosos. Bom oratorio, varias e precisas officinas, bonito jardim e boa quinta. Tem um bom pateo á entrada, fechado por um magnifico portão de cantaria.

N'esta casa pernoitou o Senhor D. Miguel I e a familia real, em 1832, e aqui estiveram alguns dias as senhoras infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção.

Seu actual proprietario é o sr. dr. Alexandre Celestino Soares de Albergaria, que aqui reside com a sua ex.ma mãe e irmãos; uma das mais exemplares familias d'estes sitios e cuja sincera e delicadissima hospitalidade é geralmente conhecida e admirada. É um especimen das nossas familias portuguezas d'outras eras, e onde as immoralidades do seculo XIX ainda não puderam penetrar.

Aqui proximo ha minas de chumbo.

**BURCÓ** ou **BRUÇÓ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 180 kilometros á NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era dos marquezes de Tavora até 1759, ficando desde então para a corôa.

Situada na margem direita do rio Douro, em uma baixa, sem vista para outr as freguezias.

A egreja é um bom templo de tres naves. O cura foi, até 1759, da apresentação dos donatarios (os Tavoras) e desde então ficou o padroado para a corôa. Era de apresentação annual. Tinha de renda (o cura) 8$000 réis em dinheiro, 5 almudes de vinho e 5 alqueires de trigo, pago pela commenda, e cada morador lhe dava um alqueire de trigo.

Tinha juiz da vara, quatro homens da governança, quatro quadrilheiros, dois alcaides e um procurador. Toda esta gente era sujeita á justiça de Mogadouro.

É terra muito abundante de aguas e por isso muito fertil.

Dizem que a agua da fonte do Calvario Velho cura as *maleitas*.

No sitio do Valle do Castello, ha vestigios de fortificações muito antigas; mas não se sabe de que tempo, affirmando alguns ser obra mourisca. (Bem se sabe que em Portugal o povo attribue aos mouros todas as obras antigas, quer d'elles quer dos romanos, e até dos celtas.)

E' abundante de caça, da serra de Gujope, e de peixe, do Douro.

O seu nome é provavelmente corrupção de *Burgo*.

**BURGA**—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855. Sendo então supprimidos, esta comarca e este concelho, passou a pertencer á comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 463 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente no termo de Bragança e comarca de Miranda.

E' situada nas faldas da serra de Bornes, que lhe fica a E., e cercada por toda a parte de montes, que lhe tiram a vista de outras povoações.

O reitor de Bornes apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis, que lhe pagava o commendador (que era o cardeal da Cunha) e o que rendia o pé d'altar.

E' corrupção de *Burgo* (villa).

E' terra fertil.

**BURGÃES**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao S. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo do Porto, concelho de Refoyos de Riba d'Ave; depois, foi do concelho de Negrellos (extincto).

Parte d'esta freguezia era couto do convento de Santo Thyrso, e se governava por juiz ordinario annual, posto pelo D. abbade do dito convento, que era senhor donatario d'este couto, o resto da freguezia (a que chamavam *o devasso*) se governava por um ouvidor, tambem annual, eleito, com mais dois, a votos do concelho e dos tres escolhia um a camara do Porto. Do mesmo modo se elegia procurador e meirinho.

Está situada na encosta do monte Cordova e corre para o N. até ao rio Ave.

O abbade era de collação ordinaria, com reserva ao convento de Santo Thyrso.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era da apresentação alternativa do papa, do arcebispo e dos monges de Santo Thyrso (benedictinos). Tinha de renda 675$000 réis.

Ha n'esta freguezia a capella de S. João Baptista, á qual no seu dia vão muitos *clamores*.

Ha n'esta freguezia um arco de cantaria muito bem polida, obra muito antiga. Parece obra romana, ainda que o povo d'aqui a attribue aos arabes.

Ao N. da freguezia corre o rio Ave, que d'aqui até ao mar é de curso socegado. Rega, móe e traz peixe.

*Burgães* é o plural de Burgo.

**BURGO**—pequena villa, Douro, na freguezia do Salvador do Burgo, comarca e concelho de Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro. (Vide Villa Mean do Burgo.)

**BURGO**, (hoje S. João de Tarouca)—freguezia, Beira-Alta, comarca de Lamego, d'onde dista 12 kilometros, concelho de Mondim, 318 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago S. Braz.

O Burgo tinha em 1757 170 fogos.

Era da corôa. Fertil.

A freguezia perdeu o seu antigo nome, desde que se annexou á de S. João de Tarouca. Burgo é hoje apenas uma aldeia d'esta freguezia.

Ha n'ella um convento de frades bernardos, fundado por o abbade João Cirita, em 1139, e já em 1140 estava concluido. D. Affonso Henriques o coutou e deu aos religiosos, logo no mesmo anno, assim como lhe doou as honras de Nosso Senhor Jesus Christo e de S. João Baptista.

Em 1141 os ermitas de S. Thiago de Sever (do Vouga) no bispado de Viseu, cujo mosteiro havia fundado o mesmo João Cirita, se uniram ao convento de Tarouca, dando-lhe a sua ermida, que tambem o mesmo rei coutára, em novembro de 1140. Diz a doação «*Eccesiae S. Jacobi de Sever, et ipsis Monachis qui ibi habitant.*» *etc.*

A honra de Nosso Senhor Jesus Christo, é hoje o SS. Nome de Jesus (Salzêdas) e S. João Baptista é hoje S. João de Tarouca.

A egreja do convento é de 3 naves. Ha n'ella o altar de Nossa Senhora a Gôrda, de muita fama por estas terras, em razão dos muitos milagres que faz. Aos pés d'esta imagem está a sepultura do infante D. Pedro, filho do rei D. Diniz. Tem esta sepultura 3 metros e 66 centimetros de comprido, com uma figura colossal em cima, tendo aos pés um cachorro: dos lados tem, em relevo, cães, javalís e outras montarias. Junto a esta estão mais duas sepulturas pequenas, que dizem ser de pessoas reaes.

Sobre a porta de um claustro está a inscripção seguinte:

«*N'estes claustros estão enterrados muitos senhores portuguezes e castelhanos, como consta do cartorio e sepulturas antigas, com suas armas.*»

Ao meio dos claustros d'este convento, passam dous ribeiros, o Corgo-do-Pinheiro e o Corgo-das-Avelleiras. Juntam-se a pouca

distancia, regam a freguezia e morrem no Barosa.

Para a etymologia, vide o ultimo dos Burgos.

Vide Torouca (S. João de)

**BURGO** e **SALZÊDAS**—freguezia, Beira-Alta, comarca e julgado de Lamego (termo da villa de Ucanha) concelho de Mondim, 9 kilometros de Lamego e 330 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago o SS. Nome de Jesus.

Em 1757 tinha 70 fogos a freguezia do Burgo. Salzedas não era freguezia.

Eram donatarios os frades de Salzedas.

O orago da freguezia tambem se denomina Bom Jesus.

O cura apresentava o D. Abbade de Salzedas.

N'esta freguezia está o grande convento de Santa Maria de Salzêdas, de frades bernardos, com jurisdição ordinaria. Foi fundado por D. Thereza Affonso, segunda (outros dizme quarta) mulher de D. Egas Moniz, que havia promettido fundar aqui um convento se se seu marido viesse são e salvo de Castella, quando foi apresentar-se ao rei de Leão, offerecendo-lhe.

«........................ a doce vida,
Em trôco da palavra mal cumprida.»

—

E como elle regressou, D. Thereza Affonso cumpriu a sua pormessa. Em logar competente digo o que penso d'este facto historico. Além disso, parece-me que quando elle teve logar (se teve) ainda era viva a 1.ª mulher de D. Egas Moniz. É certo porem ser a fundadora d'este convento, D. Thereza Affonso, sua segunda mulher; mas o que não é provavel é que elle fosse fundado em virtude de semelhante promessa.

Buscou para isso differentes sitios, e depois de ter lançado os fundamentos para a obra perto de Cucanha (hoje Ucanha) onde chamam «Abbadia-Velha» mudou de conselho, fundando-o onde agora o vemos (Salzedas) com a sumptuosidade mais de uma grande rainha, do que de uma fidalga.

A sua primeira tenção era de o fazer para frades bentos, mas depois, mudando de parecer, mandou chamar o abbade João Cirita, e lhe fez doação do convento, terras e coutos de Salzêdas, para a ordem de Cister (bernardos.)

Os frades o vieram povoar, logo que estava quasi concluido, que foi a 25 de julho de 1167 (15 annos depois da fundação do de Alcobaça) mas, como a egreja (que é de formosississima abobada de pedra, assim como outras officinas) ainda não estava concluida, os frades ainda por muitos annos diziam missa e faziam os officios divinos em um oratorio, onde D. Thereza ia assistir, por dispensa apostolica d'Adriano IV.

Havia uma capella exterior para dizer missa ao povo.

A propria fundadora inspeccionava os trabalhos e premiava os que se destinguiam; mas não teve a satisfação de ver a sua obra concluida, pois morreu em 1171.

Jaz em uma sepultura de pedra tosca, sob um arco que está de fóra da egreja, onde, por humildade, quiz ser enterrada. Tem uma inscripção latina, louvando a sua alta descendencia e as suas bôas obras.

—

Esta esplendida fabrica só se concluiu a 6 das kalendas de novembro, da era de 1263, que vem a ser 26 de outubro de 1225 de Jesus Christo.

Tinha o convento de Salzedas, em seu couto, jurisdição spiscopal, com provisor e vigario geral, meirinhos, escrivães e todos os mais officiaes de justiça, postos por o D. Abbade, com appellação sómente para a legação apostolica.

Estes privilegios conseguiu a sua fundadora, de D. Mendo, bispo de Lamego, legado apostolico, em março de 1164.

Mas os bispos, o papa e os frades para que D. Mendo fizesse todas estas concessões ao convento de Salzedas, exigiram que D. Thereza lhes desse a egreja e couto de Bagaúste e os casaes de Vermudo Paes e de Gonçalo Conileo, em Villa de Rei; o que tudo foi confirmado por D. Affonso I.

O 1.° abbade de Salzedas foi D. fr. João Nunes. Eram os abbades perpetuos até 1564, e d'ahi em diante foram triennaes.

Estão n'este convento sepultados muitos cavalleiros nobres, sendo os principaes o 1.° conde de Marialva e sua mulher, no mesmo tumulo, com os seguintes epitaphios:

«Aqui jaz o muy nobre e esforçado Dom Vasco Coutinho, mariscal de Portugal e 1.° conde de Marialva. Finou-se na era de 1450.»

«Aqui jaz a mui nobre e virtuosa D. Maria de Souza, mulher que foi do dito conde. Finou-se na era de 1472.»

Tambem aqui jaz D. João Coutinho, 2.° conde de Marialva (filho dos antecedentes) que da edade de 22 annos, morreu despedaçado, depois de combater valorosamente em Arzilla, sob as ordens de D. Affonso V. Morreu em 1471.

Deram estes senhores ao convento as rendas do Castello, que passavam de 400$000 réis por anno, pelas quaes lhes diriam duas missas resadas cada anno.»

Vide Cucanha, Salzedas e Ucanha.

Para a etymologia vide o ultimo *Burgo*.

Além das descriptas, ha mais em Portugal 183 aldeias chamadas *Burgo*, que, como todos sabem, quer dizer villa.

**BURGO VELHO A PAR DO PORTO**—Quem quer escrever com exactidão sobre as nossas coisas antigas, vê-se muitas vezes verdadeiramente embaraçado. Eu podia passar por certas coisas, para não revelar a minha ignorancia; mas antes quero que todo o mundo a conheça, do que passar em claro alguns factos que reputo de importancia historica. Entendo que com este meu modo de proceder, ao menos, suscito o desejo de pessoas mais competentes profundarem a materia.

Vamos pois tratar do tal Burgo Velho.

Entre o sitio onde hoje existe a capella de Santo Ovidio, em Villa Nova de Gaia, e a aldeia de Coimbrões, existiu, em outras eras, uma villa chamada Portugal.

Não ha vestigios de similhante povoação, e nem mesmo da tradição (que, *mais por aqui ou mais por alli*, conserva a lembrança de muitas coisas) consta a existencia da tal villa. É certo porém que ella existiu, pois D. Ordonho II de Leão, fez d'ella doação a D. Gomado, bispo de Coimbra, na era de 912, isto é, 874 de Jesus Christo.

Logo abaixo do sitio onde existiu a villa de Portugal ha uma povoação chamada Paço de Rei. Quem sabe se serão reminiscencias da tal villa?

E' certo que ella foi completamente destruida (e tão completamente que nem os mais leves vestigios ficaram) e quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, já esta povoação não existia.

Seriam os moradores d'esta povoação destruida, que vieram mais abaixo fundar o Burgo Velho a par do Porto?

Mas ha uma objecção. Dizem escriptores respeitaveis que a Villa Nova de Gaia se poz o nome de Villa Nova, para a distinguir de Villa Velha, que era proxima. Que Villa Velha seria esta? Seria Calle, ou Gaia? Seria o tal Burgo Velho? Não posso saber.

Temos ainda outra duvida.

Dizem os auctores, que, quando D. Affonso III fundou a actual Villa Nova de Gaia, em 1255, lhe deu o titulo de Villa Nova d'El-Rei, que depois, não sei quando, se mudou no actual.

Mas D. Diniz deu em Lisboa, a 13 de agosto de 1288, foral a Burgo Velho a par do Porto, que depois (segundo Franklim) se veio a chamar Villa Nova d'El-Rei.

Ora entendam lá isto. O Burgo Velho será Villa Nova de Gaia?

Apesar de tudo quanto deixo escripto, entendo (mas não affirmo) que Burgo Velho, Villa Nova d'El-Rei e Villa Nova de Gaia, é tudo uma e a mesma cousa.

(Vide Gaia. Vide o Burgo seguinte, onde dou mais alguns esclarecimentos sobre este Burgo.

**BURGO**—é palavra dos antigos germanos, cimbros ou theuthões. Significa um ajuntamento de casas, nas raias ou fronteiras, seguidas umas ás outras, onde residiam effectivamente as guardas militares romanas. A estas se juntaram muitos allemães, que dos taes burgos se chamavam *burgunhões*, e rebellando-se contra os romanos, se estabeleceram nas margens do *Rhim*, d'onde penetraram até ao interior de França, dando o

seu nome á cidade e ducado de Burgonha.

Da Allemanha passou esta palavra para a França, que chamou burgunhezes aos moradores d'estes burgos, e d'alli passou a Portugal com o conde D. Henrique (no fim do seculo XI) com a mesma significação; mas, passados tempos, ficou restricta a significar sómente arrabalde ou logar pequeno, fundado junto de uma cidade, villa, castello, mosteiro ou cathedral.

D'aqui chamavam os portuguezes *burgel* ao habitante do burgo.

O conde D. Henrique, e sua mulher a rainha D. Thereza, dando foral a Constantim de Panoyas, em 1096, lhe dá o nome de burgo, e de *burguezes* aos seus moradores.

O mesmo conde deu foral ao burgo de Guimarães, o que se não deve entender pela povoação da villa (hoje cidade) que elle murou de novo, mas pelo arrabalde que se foi juntando fóra da praça.

D'estes burguezes de Guimarães se lembrou expressamente D. Affonso I, no foral que deu á villa, em 1158, pois tendo este burgo soffrido muito (por ficar extra-muros) quando o rei de Leão, D. Affonso VII, em 1140, lhe poz cerco e a bateu, diz o foral de Guimarães, que «as herdades dos burguezes *qui mecum sustinuerunt male, et penam in Vimarenes, nunquam dent fossadejras.*»

No *Livro Grande* da camara do Porto, se acha o foral que o bispo d'esta cidade, D. Hugo, deu em 1123 aos moradores do burgo da Sé, que a rainha D. Thereza lhe havia coutado; e é certo que estes burguezes ficavam fóra dos muros e do castello que os gascões ergueram, e dentro dos quaes se incluia a mesma Sé.

No mesmo livro a fl. 72, se lê o foral que D. Affonso III deu aos moradores da sua villa de Gaia, em 1255, que era então uma pequena aldeia; e o rei convida os moradores «*de meo Burgo veteri de Portu*» a que fossem povoar a dita villa de Gaia. Que burgo este fosse, declara o foral que D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, deram a Villa Nova de Gaia, passado em Lisboa, a 13 de agosto de 1288 (que se acha no referido livro a fl. 73) no qual diz: «*Damus, et concedimus vobis Populatoribus de illo nostro loco, qui consuevit vocari Burgum vetus, cui imponimus de novo nomen Villa Nova de Rey, pro Foro Forum de Gaia, quod tale est: In primis, etc.*»

D'aqui se vê que Villa Nova do Porto (ou de Gaia) foi antigamente chamada Burgo Velho da cidade do Porto, para distincção do Burgo Novo, que D. Thereza havia dado ao bispo D. Hugo.

**BURGUEZ**—individuo pertencente á classe média da sociedade, isto é, transição entre a nobreza e a plebe.

No portuguez antigo se dava o nome de *ruão*, ao que hoje chamamos burguez. Vide Ruão.

Os *ruões* antigamente eram turbulentos, *trocistas*, ociosos, devassos, etc. (no geral) e por isso mal vistos das outras duas classes. Deve porém confessar-se que muitos sabios illustres e bravos guerreiros sairam d'esta classe.

**BUSSACO**—serra, Douro, ramo da Serra da Estrella, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 90 ao S. do Porto, 222 ao N. de Lisboa.

Em altura de 40° e 46'.

É a *Alcoba* dos antigos. Quanto á sua etymologia (de Alcoba) para evitar repetições, remetto o leitor para a palavra *Alcoba.*

Principia proximo á villa de Pena Cova, defronte do *Canal*, pelo qual vae correndo o rio Alva, em direcção ao Mondego. Tem 18 kilometros de comprido, e termina no Bussaco propriamente dito, isto é, no sitio do convento.

Nascem n'elle muitas aguas.

Entre as diversas etymologias que dão á palavra Bussaco, e que por absurdas não copío, só relato a seguinte, por ser menos disparatada.

Dizem alguns que tomou este nome de um negro, *buçal*, escravo, o qual fugindo da casa de seu senhor, se escondeu no mais alto da serra, em uma cova, que ainda hoje se mostra, e d'ella sahia de noite a roubar gado e commetter outros latrocinios e malfeitorias, com que trazia aterrados os povos circumvisinhos.

Quem quizer saber todas as etymologias do Bussaco, veja a *Chronica dos Carmelitas Descalços*, liv. 4.°, cap. 13.°

Alguns são de opinião que a este sitio se chamava em remotas eras, *Sublaco*. Nome que lhe pozeram os monges benedictinos (quando isto era d'elles) em memoria da gruta de *Sublaco*, na qual o seu patriarcha (S. Bento) fazia penitencia.

É terra saudabilissima, e os povos que por aqui habitam duram muitos annos.

Na maior altura da serra, onde começa a inclinar-se sobre *Luso*, sobre o muro do convento, assente em largos degraos, se ostenta ovante, como pharol de salvação, a famosa Cruz Alta.

Diz-se que a primeira cruz que aqui houve, foi feita de madeira, por um piloto, em cumprimento de uma promessa, em remotissimas eras. Em 1645 foi destruida por um raio. Um fidalgo, de appellido *Saldanha*, mandou fazer a actual, que foi collocada no dia 14 de setembro de 1648 (dia mesmo da Exaltação da Santa Cruz.)

D'este ponto culminante do Bussaco se vê para todos os lados, descobrindo-se uma grande parte do reino.

Para E., toda a Serra da Estrella e a de Castello Rodrigo, que lhe fica a distancia de 180 kilometros.

Para o S., a Serra de Minde (e alguns dizem que tambem a de Marvão, a 240 kilometros.)

Para NO. os montes de Grijó, a 90 kilometros, e d'ahi todo o paiz para o O. (até ao Cabo-Mondego) e uma vasta extensão do Atlantico.

Para todas as partes se estão vendo muitas cidades, villas e aldeias, pertencentes a sete bispados, que são: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

Em dias claros, vêem-se os navios cruzar as aguas do Oceano em todos os sentidos. Vêem-se altos montes, vastos e formosos arvoredos, dilatados campos, amenos valles e rios caudalosos.

A imaginação embevesse-se na contemplação do quadro magestoso e deliciosissimo que se ostenta aos olhos encantados de quem se colloca em tão inimitavel posição.

Ha n'esta serra muitas pedreiras de optimo jaspe e marmores tão finos e de tão bellas côres, que até brilham mesmo antes de serem polidos. Ha tambem muita pedra de cal e minas de diversos metaes e de carvão fossil.

Produz diversissima qualidade de arvores, entre ellas cedros, platanos, cynamomos, etc., etc. Ha tambem aqui grande variedade de arbustos, plantas e hervas medicinaes e muitas castas de flores.

A dar credito á tradição, a matta do Bussaco data de remotissimas eras (menos os cedros, que foram plantados pelos frades.)

É certo que grande numero de carvalhos mostram evidentemente que teem seculos de existencia.

—

É célebre o convento de Santa Cruz do Bussaco, que foi de frades carmelitas descalços. É no cimo da serra, em uma matta que tinha sido dos monges de S. Bento (e na qual já havia algumas ermidas.)

No dia 7 de agosto de 1628, lançou a primeira pedra n'este convento, fr. Thomaz de S. Cyrillo, e era aqui a *Thebaida* dos carmelitas.

Chama-se tambem o *Convento do Deserto*.

Tendo, como já disse, a matta (que depois foi convento e cêrca) sido dos monges benedictinos, passou depois a ser propriedade dos bispos-condes.

D. João Manuel (ou D. João de Mello) bispo de Coimbra (que depois morreu arcebispo de Lisboa) a doou aos carmelitas descalços. Já no dia 15 de outubro de 1628 elles se vieram aqui estabelecer.

A 28 de fevereiro de 1629 já se disse a primeira missa na casa da livraria, que ficou servindo de egreja até 19 de março de 1630, dia em que na egreja se celebrou a primeira missa, fazendo-se a festividade do patrocinio de S. José.

Uma extensa e poetica matta, de arvores gigantescas, rodeia o convento. O monte é ornado de muitas capellas, representando os *passos da Paixão*, até ao cume, onde está a já referida Cruz Alta.

A egreja está encravada no convento e não tem porta principal, e apenas duas travessas.

O côro pouco mais elevado está do que o pavimento da egreja. Quasi todo o convento

é forrado de cortiça, assim como o refeitorio.

O edificio do convento e as muitas capellas espalhadas por toda a montanha, para habitação dos frades, vem extensamente descriptas na *Chronica dos Carmelitas*, de fr. João do Sacramento, tom. 2.º, e com magistral elegancia nas *Memorias do Bussaco*, por o sr. dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Tem a cêrca oito fontes principaes, que são as de Nossa Senhora da Especiação, S. Miguel, Santo Elias, Santa Thereza, S. Silvestre, Carregal, Fonte Nova e a Fante Fria, que é a mais célebre de todas, pelas optimas qualidades da sua agua.

Esta foi obra do bispo D. João de Mello, e é elegantissima.

—

O convento, a matta, as capellinhas, as fontes e toda a serra do Bussaco, é uma das maravilhas de Portugal no seu genero, e são constantemente visitados por muitos nacionaes e estrangeiros.

Os grandes temporaes de janeiro e fevereiro de 1872 damnificaram muito esta bella matta, cahindo por terra muitas arvores.

Das nossas pocessões ultramarinas tem vindo estes annos grande numero d'arvores para se aclimatarem no Bussaco.

Ha n'esta serra um manancial d'aguas mineraes, ferruginosas, frias, situado em um dos sitios mais pittorescos d'ella, e na sua encosta.

Annalysadas na Exposição Universal de Pariz, em 1867, viu-se que ellas continham 0, gr. 1134 de residuo fixo, e são mineralisadas por sulphatos e chlorêtos alcalinos, silica e phosphatos de ferro e de alumina; assim como, por sáes calcáreos e de magnesia.

Vide Trivim,

O nome de Bussaco estende-se a toda a serra de *Alcôba*, que hoje só por aquelle é geralmente conhecida.

—

É e será sempre célebre o Bussaco, pelas gloriosas batalhas dos dias 25, 26 e 27 de setembro de 1810.

O general francez Massena (a quem Bonaparte tinha feito *principe de Essling* e ao qual chamava *l'enfant cheri de la victoire*) aqui foi vencido por lord Wellington, deixando o inimigo 4:000 mortos e 3:000 prisioneiros, entre elles o general Simão, do *Judeu Errante.*

Os alliados obraram prodigios de valor, distinguindo-se, entre todos, o bravissimo regimento portuguez de infanteria 8 (quasi todo de recrutas!) que deu aos francezes tão terrivel ataque de bayoneta, que decidiu a victoria a nosso favor.

Os corpos portuguezes que entraram n'estas acções, foram: artilheria 1, 2 e 4; cavallaria 1, 4, 7 e 10; Leal Legião Lusitana, caçadores 1, 2, 3, 4, 5 e 6; infanteria 1, 2, 3, 4, 6, 7. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23.

Tambem aqui era commandante de uma divisão franceza o general *Ney*, a quem depois Bonaparte, na retirada de Moscow, appellidou *bravo dos bravos.*

—

Além do general Simão, tiveram os francezes 3 coroneis e 33 outros officiaes prisioneiros, o general Graindorge morto; e os generaes *Merle, Foix e Mancune* feridos.

Os alliados tiveram 197 mortos, 1004 feridos 51 extreviados, segundo a parte official.

Estas batalhas foram dadas proximo da cêrca do convento.

Os portuguezes (no fim de 64 annos) decediram-se a erigir um monumento commemorativo deste gloriosissimo feito d'armas. 27 de setembro de 1873 foi o dia destinado para a inauguração do monumento (que tem levado 6 annos a construir!) por ser o anniversario da brilhante victoria dos luso-anglos contra as hordas napoleonicas. Adiante vae a descripção deste monumento que recordará aos vindouros estes dias de gloria para os portuguezes! (vide Monumento do Bussaco.)

**BUSTELLO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi até 1855 do concelho de Ervedédo, 72 kilometros ao NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario era apresentado pelo arcebispo. Tinha de rendimento 60$000 réis.

*Bustello* ou *Bostello*, significa pequeno bosque, tapada, territorio, termo ou districto. É diminutivo de *boscus* ou *bostus* (bosque).

**BUSTELLO** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pela mitra. Tinha 500$000 réis de renda.

**BUSTELLO** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros a NO. de Penafiel, 36 kilometros a ENE. de Braga, 40 a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 329 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi do arcebispado de Braga.

A egreja do convento de frades bentos, serve de matriz, á qual eram annexas as freguezias de S. Pedro da Croca, Santa Martha e S. Martinho de Milhundos. As duas primeiras freguezias tinham obrigação de vir assistir, nas quatro festas do anno, á missa principal d'esta egreja.

O mosteiro está situado no meio da freguezia, em um alto, d'onde se vê toda ella e muitas das que estão situadas na ribeira do Sousa (que são mais de 40). Descobrem-se tambem terras de varios concelhos.

Era couto dos frades d'aqui, o qual comprehendia esta freguezia e parte da de Cróca, parte da de Novellas e parte da de Meinédo. Tinha este couto, ao todo, 43 aldeias, com 340 fogos.

O parocho (vigario) era sempre um frade d'este convento, apresentado triennalmente pelo abbade d'elle. Tinha um coadjutor, clerigo secular, apresentado annualmente, e tinha 100$000 réis de rendimento.

Antigamente os de Arrifana de Sousa (Penafiel) levavam todos annos, na primeira oitava da paschoa, os *follares* ao S. Bento, d'esta egreja.

É terra muito fertil.

Era donatario d'este couto o D. abbade do convento, que no 1.° de janeiro elegia um juiz ordinario do civel e orphãos, com appellação para o mesmo abbade, como ouvidor.

Faziam-se aqui as audiencias, para o que havia uma formosa casa. O juiz elegia o porteiro e o povo elegia, a votos, o procurador, meirinho, quadrilheiro e um jurado, que prestavam juramento nas mãos do abbade e eram confirmados pelo corregedor da comarca.

O D. abbade era obrigado a fazer duas correições cada anno, e, como coudel-mór, elegia um juiz das montarias.

Passa pela freguezia o rio Sousa, que dividia este couto do concelho de Lousada. Rega e moe.

—

Consta que este convento foi fundado por um filho de D. Fayão Soares (que fundou Penafiel) e que é progenitor dos marquezes de Minas, Arronches e Gouveia, e do famosissimo Ruy Dias de Bivar, *o Cid*. Se este foi o fundador, devia ser ahi pelos annos 900. A mesma etymologia.

Vide Arrifana de Sousa e Penafiel.

D. Diniz lhe deu foral, em 1286.

**BUSTELLO DA LAGE** — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, antigo concelho de Ferreiros de Tendaes, 24 kilometros ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Em 1750 era da comarca de Barcellos.

A mesma etymologia.

Situada junto á serra de Monte Muro. O cura era apresentado por um canonicato de Lamego, e tinha de renda 40$000 réis.

(O *Portugal Sacro e Profano* diz que era apresentado pelo beneficiado de Ferreiros de Tendaes, e que tinha de congrua 6$000 réis e o pé d'altar.)

E' foreira á casa de Bragança.

Passa aqui o rio Bestança, que rega e moe.

Ha aqui uma grande lage (que dá o nome á freguezia) e serve de eira a todos os moradores do Bustéllo. Para saber os grandes privilegios que tinha esta freguezia, vide Ferreiros de Tendaes, a cujo concelho sempre pertenceu até que elle foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

Era um dos quatro curatos de S. Pedro de Ferreiros de Tendaes.

Além das descriptas, ha em Portugal mais 11 aldeias chamadas Bustéllo.

**BUSTO**—curral de bois ou vaccas. Na baixa latinidade se disse *bostar*, por curral, e tambem *bostarium, quasi statio boum.*

No Minho, desde o seculo VIII até ao XII, se tomou *busto* por tapada ou bouça.

Quem quizer amplas explicações sobre a palavra *busto*, veja o *Elucidario* de Viterbo.

Todos sabem que busto é tambem a estatua, só da cinta para cima.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME